

Voltar à escola 20 anos depois: um desafio pessoal e social

Dulce Maria Martins de Sá Baptista da Silva

Tese apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de Doutor em Ciências da Educação, na Área de Especialização de Educação e Formação de Adultos, realizada sob a orientação científica da Prof.^a Doutora Maria do Carmo Vieira da Silva

Outubro, 2013

Declaro que esta Tese é o resultado da minha investigação pessoal e independente. O seu conteúdo é original e todas as fontes consultadas estão devidamente mencionadas no texto, nas notas e na bibliografia.

A candidata,



Lisboa, 01 de outubro de 2013

Declaro que esta Tese se encontra em condições de ser apresentada a provas públicas.

A orientadora,



Lisboa, 01 de outubro de 2013

DEDICATÓRIA

*À minha mãe, Maria Dulce, que não me pode acompanhar
até ao final deste percurso. Para Sempre.*

*Ao meu pai, Apolino, que me apoiou e me deu a confiança necessária
para avançar para esta “aventura incerta”.*

*Ao António Pedro, à Bé e ao João Miguel. A nós.
Por tudo, com todo o meu amor incondicional.*

AGRADECIMENTOS¹

Esta investigação resultou da vontade da autora, mas também é fruto de circunstâncias e da ação de outras pessoas que, de uma forma mais ou menos direta, para ela concorreram. Assim, desejo agradecer a todos os que se cruzaram no meu caminho e contribuíram para o resultado final desta dissertação.

À minha orientadora científica, Prof^a. Doutora Maria do Carmo Vieira da Silva, pela sua Sabedoria, disponibilidade e competência. Quero agradecer-lhe a confiança em mim depositada, a forma clara e objetiva com que me orientou, o incentivo, a compreensão, a motivação e a oportunidade de partilhar inquietações. Obrigada por promover o meu crescimento como investigadora sem deixar de lado o meu desenvolvimento como ser humano. Uma boa amiga.

A todos os amigos e colegas, que estiveram sempre presentes, sem poder de deixar de referir, a Helena Joaquim pelo apoio incondicional e pela partilha das angústias várias que surgiram no decorrer do processo. A todos os que embora não estejam aqui mencionados foram também parte integrante deste ‘projeto’.

Um especial muito obrigada aos participantes nesta investigação, que generosamente abriram as suas vidas para que eu pudesse chegar a algumas considerações acerca deste tema tendo sido a fonte da minha inspiração e, sem a sua colaboração, este estudo não teria sido possível, a minha gratidão infinita.

Palavras finais de agradecimento para os que de mais perto vivenciaram o desenrolar deste trabalho. Aos meus pais, pelos ensinamentos ao longo da vida, por me mostrarem a força da união e por tudo. Ao meu irmão e aos meus sobrinhos, Isabel Alexandra e João Miguel, aos meus enteados, Joaquim Carlos e Maria João, por todos os momentos deliciosos que passámos juntos. Acreditem em vocês e todos os sonhos serão possíveis; eu estarei sempre ao vosso lado para vos apoiar.

E por último, àquele que é o meu porto de abrigo e a minha razão de vida. Ao António Pedro, meu companheiro de vida, que sempre me apoiou nesta minha demanda de querer saber mais e ir mais além. A todos um Bem-haja.

¹ Texto elaborado segundo o novo acordo ortográfico.

Voltar à escola 20 anos depois: um desafio pessoal e social

Dulce Maria Martins de Sá Baptista da Silva

RESUMO

Este trabalho de investigação, desenvolvido no domínio da Educação e Formação de Adultos, procura saber porque é que os adultos com mais de 35 anos voltam à escola depois de um interregno de escolarização superior a 20 anos.

O seu objetivo é contribuir para o aprofundamento da compreensão de uma problemática inovadora e cada vez mais atual: os adultos voltam “à escola”, mas quais são as suas motivações e expectativas depois de acabarem o ensino secundário.

Considerando que esta problemática se situa na interface entre o sistema educativo, o mundo do trabalho e a sociedade em geral, o quadro teórico de referência foi construído a partir de uma abordagem multidisciplinar, de forma a fornecer um enquadramento que pudesse abarcar a complexidade dos fenómenos em questão, na perspetiva da investigação educativa.

O estudo empírico foi desenvolvido através de entrevistas individuais (estudo 1) e coletiva (*focus group* – estudo 2), com a finalidade de identificar e caracterizar que tipo de adultos voltam à escola e que acabam os seus estudos do ensino secundário durante a durabilidade prevista do percurso escolar, a saber, o ensino recorrente de nível secundário (três anos – estudo 1) ou do curso EFA de habilitação escolar de tipo A (dois anos – estudo 2). Trata-se de uma investigação de carácter qualitativo, que para ser realizada teve como critério relevante a escolha de sujeitos com mais de 35 anos e terem concluído o ensino secundário na altura prevista.

Os dados obtidos foram objeto de uma análise crítica articulada com o enquadramento teórico, procurando evidenciar as motivações e expectativas existentes nestes alunos adultos.

A partir dos seus relatos foi possível conhecer os seus resultados escolares, até que chegassem ao ensino secundário, assim como as dificuldades enfrentadas e perceber o que a escola representa para estes sujeitos, nas duas modalidades de ensino. Foi possível ainda apontar algumas contribuições trazidas pelo ato de escolarizar-se para a melhoria da qualidade de vida a nível pessoal, profissional e social.

Como conclusão, parece verificar-se a existência de vários discursos teóricos que nem sempre são convergentes com o enquadramento teórico de suporte das Ciências da Educação, como é exemplo a transposição da pedagogia de tipo escolar para os adultos.

PALAVRAS-CHAVE: *vida adulta; andragogia; aprendizagem ao longo da vida; educação e formação de adultos; ensino recorrente secundário; cursos EFA de nível secundário; motivação; desenvolvimento pessoal e social.*

Voltar à escola 20 anos depois: um desafio pessoal e social

Dulce Maria Martins de Sá Baptista da Silva

ABSTRACT

Drawing from Adult Education, this study was designed to investigate how adult students now up to 35 years of age and older and who did not finish high school are now enrolled in an adult education program after a break of more than 20 years.

Its purpose is to shed some light on an innovative issue- adult students returning to school and was undertaken to understand their motivations and expectations after having finished higher education.

Bearing in mind that this issue is at the interface between the educational systems, the world of work and society, the research-based background was built from a multidisciplinary approach in order to provide a comprehensive framework which examined the phenomena complexity under the perspective of educational research.

Data were collected through individual interviews (study 1) and collective interviews (focus group - study 2) in order to identify and characterize individuals who return to school and finish secondary school, i.e *recorrente* education secondary level (three years – study 1) or EFA course *habilitação escolar type A* (two years – study 2).

This qualitative study is an interpretative inquiry studying adult students up to 35 years of age or older and who should have concluded secondary studies at the planned time.

Based on this study a critical analysis was undertaken in light of theoretical knowledge which highlights adult students' motivations and expectations.

Dealing with adult students' first impressions in both areas of schooling, the study highlighted the participants' school results before arriving at the secondary school. It was possible to understand through their life stories as well as through the many downsides they faced the importance of being in school. This study also documents how access to schooling has improved personal, professional and social adult students' life.

This study suggests different theoretical discourses that do not coincide with the Educational Sciences theoretical framework like the adaptation of a pedagogical schooling type to adults.

KEYWORDS: adult life; andragogy; lifelong education; adult education; secondary *ensino recorrente*; EFA courses secondary level; motivation; personal and social development.

ÍNDICE

| | |
|--|----|
| DEDICATÓRIA | 5 |
| AGRADECIMENTOS..... | 7 |
| RESUMO | 9 |
| ABSTRACT | 11 |
| ÍNDICE | 13 |
| ÍNDICE DE TABELAS | 19 |
| ÍNDICE DE GRÁFICOS | 24 |
| LISTA DE ACRÓNIMOS E SIGLAS..... | 25 |
| INTRODUÇÃO | 28 |
| JUSTIFICAÇÃO DO TEMA | 28 |
| QUESTÕES DE PARTIDA | 37 |
| OBJETIVOS DO ESTUDO | 37 |
| ESTRUTURA DO ESTUDO | 37 |
| PALAVRAS-CHAVE..... | 39 |
| I PARTE - ENQUADRAMENTO TEÓRICO..... | 40 |
| CAPÍTULO I - VIDA ADULTA | 42 |
| INTRODUÇÃO | 42 |
| I.1 O CONCEITO DE ADULTO | 43 |
| I.2 DESENVOLVIMENTO HUMANO AO LONGO DA VIDA (<i>LIFE-SPAN</i>) | 44 |
| I.3 CAUSAS DO DESENVOLVIMENTO HUMANO..... | 49 |
| I.4 A VIDA ADULTA: CONCEITOS | 52 |
| I.5 FASES DA VIDA ADULTA E CICLOS DE VIDA | 62 |
| SÍNTESE | 67 |
| CAPÍTULO II - ANDRAGOGIA | 70 |
| INTRODUÇÃO | 70 |

| | |
|--|------------|
| II.1 PEDAGOGIA E ANDRAGOGIA..... | 75 |
| II.2 OPINIÕES CRÍTICAS À ANDRAGOGIA | 77 |
| II.3 O PROFESSOR COMO FACILITADOR NO ENSINO DE ADULTOS | 81 |
| II.3.1 O professor de adultos (andragógico) | 85 |
| II.3.2 Estilos de ensino..... | 87 |
| SÍNTESE | 89 |
| CAPÍTULO III - APRENDIZAGEM AO LONGO DA VIDA..... | 90 |
| INTRODUÇÃO | 90 |
| III.1 A UNESCO E A APRENDIZAGEM AO LONGO DA VIDA..... | 94 |
| III.2 A OCDE E A EU E A APRENDIZAGEM AO LONGO DA VIDA | 96 |
| III.3 QUADRO EUROPEU DE QUALIFICAÇÕES PARA A APRENDIZAGEM AO LONGO DA VIDA..... | 97 |
| III.4 PORTUGAL E A APRENDIZAGEM AO LONGO DA VIDA..... | 99 |
| III.5 COMPARAÇÃO DE PORTUGAL E A EUROPA NA APRENDIZAGEM AO LONGO DA VIDA..... | 100 |
| SÍNTESE | 105 |
| CAPÍTULO IV - EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DE ADULTOS EM PORTUGAL, NO ENSINO NOTURNO | 108 |
| IV.1 BREVE HISTÓRIA – DO SÉCULO XIX ATÉ À LEI DE BASES DE 1986 | 108 |
| IV.2 SISTEMA EDUCATIVO PORTUGUÊS – DA LBSE AOS NOSSOS DIAS | 109 |
| IV.3 MODALIDADES DE ENSINO | 116 |
| SÍNTESE | 120 |
| CAPÍTULO V - ENSINO RECORRENTE SECUNDÁRIO | 122 |
| V.1 ENSINO SECUNDÁRIO – BREVE HISTÓRIA..... | 122 |
| V.2 ENSINO SECUNDÁRIO RECORRENTE | 124 |
| V.3 ENSINO SECUNDÁRIO RECORRENTE POR MÓDULOS | 129 |
| SÍNTESE | 132 |
| CAPÍTULO VI – CURSOS EFA-NS | 136 |
| INTRODUÇÃO | 136 |
| VI.1 CURSOS EFA DE NÍVEL SECUNDÁRIO | 136 |
| VI.2 ORGANIZAÇÃO DOS CURSOS EFA-NS DE HABILITAÇÃO ESCOLAR..... | 137 |
| VI.3 CURSOS EFA-NS DE DUPLA CERTIFICAÇÃO | 138 |
| VI.4 PLATAFORMA SIGO | 139 |
| VI.5 REFERENCIAIS..... | 140 |
| VI.6 EQUIPA TÉCNICO-PEDAGÓGICA | 141 |

| | |
|---|------------|
| VI.7 PROCESSO TÉCNICO-PEDAGÓGICO | 141 |
| VI.8 PLANIFICAÇÕES..... | 142 |
| VI.9 ATIVIDADES INTEGRADORAS | 143 |
| VI.10 ÁREA DO PRA | 144 |
| VI.11 MECANISMOS DE RECUPERAÇÃO | 145 |
| VI.12 AVALIAÇÃO E CERTIFICAÇÃO..... | 145 |
| VI.13 PROSSEGUIMENTO DE ESTUDOS | 147 |
| SÍNTESE | 148 |
| CAPÍTULO VII – MOTIVAÇÃO E DESENVOLVIMENTO PESSOAL E SOCIAL | 150 |
| INTRODUÇÃO | 150 |
| VII.1 MOTIVAÇÃO INTRÍNSECA | 151 |
| VII.2 MOTIVAÇÃO EXTRÍNSECA..... | 152 |
| VII.3 DESENVOLVIMENTO PESSOAL E SOCIAL..... | 153 |
| SÍNTESE | 155 |
| II PARTE - ESTUDO EMPÍRICO | 158 |
| CAPÍTULO VIII - METODOLOGIA | 160 |
| INTRODUÇÃO | 160 |
| VIII.1 OPÇÕES METODOLÓGICAS | 160 |
| VIII.2 ABORDAGEM QUALITATIVA | 161 |
| <i>VIII.2.1 Estudos de caso</i> | 162 |
| <i>VIII. 2.2 Focus group</i> | 163 |
| VIII.3 A ESCOLA | 163 |
| <i>VIII.3.1 Oferta formativa</i> | 165 |
| <i>VIII.3.2 Acordos de colaboração</i> | 165 |
| <i>VIII.3.3 Equipa de professores</i> | 165 |
| <i>VIII.3.4 Índice de Satisfação da escola</i> | 166 |
| VIII.4 INSTRUMENTOS DE RECOLHA DE DADOS | 169 |
| <i>VIII.4.1. Entrevistas / Estudos de caso (Estudo I)</i> | 169 |
| <i>VIII.4.2. Focus group (estudo II)</i> | 175 |
| VIII.4.2.1 Comparação entre entrevista e focus group | 178 |
| <i>VIII.4.3 Conversas informais</i> | 179 |
| VIII.5 PARTICIPANTES | 180 |
| <i>VIII.5.1 Participantes do ensino recorrente secundário (Estudo I)</i> | 181 |
| <i>VIII.5.2 Participantes do Curso EFA-NS, de habilitação escolar (Estudo II)</i> | 194 |

| | |
|---|------------|
| VIII.6 PROCEDIMENTOS DE ANÁLISE DE DADOS | 199 |
| <i>VIII.6.1 Estudo I – Etapas da Entrevista individual.....</i> | <i>199</i> |
| <i>VIII.6.2 Estudo II – Etapas da Entrevista em grupo (focus group)</i> | <i>200</i> |
| <i>VIII.6.3 O papel do investigador.....</i> | <i>204</i> |
| <i>VIII.6.4 Análise de conteúdo</i> | <i>204</i> |
| <i>VIII.6.5 Programa informático</i> | <i>206</i> |
| <i>VIII.6.6 Processo de codificação das entrevistas.....</i> | <i>207</i> |
| VIII.7 LIMITAÇÕES | 209 |
| CAPÍTULO IX - ANÁLISE DOS RESULTADOS | 212 |
| INTRODUÇÃO | 212 |
| IX.1 ESTUDO I – ENTREVISTAS INDIVIDUAIS / ESTUDOS DE CASO MÚLTIPLOS | 214 |
| <i>IX.1.1 Percurso escolar até ao 9º ano (fim do 3º ciclo)</i> | <i>214</i> |
| IX.1.1.1 Marcas positivas..... | 215 |
| IX.1.1.2 Marcas negativas | 217 |
| IX.1.1.3 Nº de Anos de retenção | 220 |
| <i>IX.1.2 Causas do abandono escolar</i> | <i>224</i> |
| IX.1.2.1 Desejo de independência | 226 |
| IX.1.2.2 Dificuldades escolares | 231 |
| IX.1.2.3 Dificuldades Económicas | 232 |
| IX.1.2.4 Vícios | 237 |
| IX.1.2.5 Irresponsabilidade..... | 239 |
| IX.1.2.6 Ofertas de cursos limitadas | 240 |
| <i>IX.1.3 Escolha da escola</i> | <i>241</i> |
| <i>IX.1.4 Motivos do retorno à escola</i> | <i>242</i> |
| IX.1.4.1 Motivos Intrínsecos | 243 |
| IX.1.4.2 Motivos Extrínsecos | 250 |
| <i>IX.1.5 Dificuldades sentidas no regresso</i> | <i>254</i> |
| IX.1.5.1 Conciliação da vida pessoal e escolar | 255 |
| IX.1.5.2 Conciliação da vida profissional e escolar | 260 |
| IX.1.5.3 Dificuldades cognitivas | 263 |
| <i>IX.1.6 Vantagens e desvantagens em relação ao sistema de ensino que frequentaram</i> | <i>265</i> |
| IX.1.6.1 Vantagens do ensino recorrente | 266 |
| IX.1.6.2 Desvantagens | 269 |
| <i>IX.1.7 Relação alunos / ensino recorrente secundário.....</i> | <i>269</i> |
| IX.1.7.1 Disciplinas do curso | 270 |
| IX.1.7.2 Relação entre pares..... | 272 |
| <i>IX.1.8 Papel do professor no sistema de ensino que frequentam.....</i> | <i>274</i> |
| IX.1.8.1 Relação professor-aluno..... | 275 |

| | |
|--|------------|
| IX.1.8.2 Práticas letivas | 279 |
| IX.1.8.3 Formação | 280 |
| IX.1.9 Expetativas no final do ensino secundário | 281 |
| IX.1.9.1 Expetativas Escolares | 282 |
| IX.1.9.2 Expetativas Pessoais..... | 285 |
| IX.1.9.3 Expetativas Profissionais | 291 |
| IX.2 ESTUDO II – <i>FOCUS GROUP</i> | 294 |
| IX.2.1 Percurso escolar até ao 9º ano (fim do 3º ciclo) | 294 |
| IX.2.2 Abandono escolar | 297 |
| IX.2.3 Escolha da escola | 300 |
| IX.2.4 Motivos do regresso à escola | 301 |
| IX.2.5 Dificuldades sentidas no regresso à escola..... | 304 |
| IX.2.6 Vantagens e desvantagens apontadas pelos participantes em relação ao sistema de ensino que frequentam..... | 306 |
| IX.2.7 Relação aluno – ensino secundário..... | 307 |
| IX.2.8 O papel do formador no sistema de ensino que frequentam..... | 308 |
| IX.2.9 Expetativas dos alunos no final do ensino secundário | 310 |
| <i>Síntese do secretário</i> | <i>312</i> |
| IX.3 SÍNTESE COMPARATIVA DOS DOIS ESTUDOS | 315 |
| CONCLUSÕES..... | 331 |
| ASPETOS MAIS RELEVANTES DO ESTUDO | 332 |
| RECOMENDAÇÕES E INVESTIGAÇÕES FUTURAS | 333 |
| SÍNTESE FINAL | 335 |
| BIBLIOGRAFIA E WEBGRAFIA..... | 339 |
| LEGISLAÇÃO | 379 |
| SITES CONSULTADOS | 386 |
| ANEXOS | 389 |
| ANEXOS EM CD-ROM | 391 |
| ANEXO I – GUIÃO PEDAGÓGICO DA ENTREVISTA | 393 |
| ANEXO II – FICHA SÍNTESE DA ENTREVISTA | 401 |
| ANEXO III – FICHA SÍNTESE..... | 415 |
| ANEXO IV – TERMO DE CONFIDENCIALIDADE | 419 |
| ANEXO V – FOTOS DA SALA DO <i>FOCUS GROUP</i> | 423 |

| | |
|---|-----|
| ANEXO VI – GUIÃO PEDAGÓGICO DO <i>FOCUS GROUP</i> | 427 |
| ANEXO VII – ENTREVISTAS INDIVIDUAIS | 437 |
| ANEXO VIII – CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS DO ESTUDO I | 767 |
| ANEXO IX – UNIDADES DE REGISTO POR CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS | |
| ESTUDO I | 777 |
| ANEXO X – ENTREVISTA <i>FOCUS GROUP</i> | 835 |
| ANEXO XI – CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS DO ESTUDO II | 859 |
| ANEXO XII – UNIDADES DE REGISTO POR CATEGORIAS E SUBCATEGORIAS NO | |
| ESTUDO II | 867 |

Índice de tabelas

| | |
|---|-----|
| Tabela 1: Comparação entre o modelo pedagógico e o modelo andragógico | 75 |
| Tabela 2: Taxa de aprendizagem ao longo da vida nos países da EU-27 e noutros países europeus, pop. 25-64 anos, por sexo (2011) (%) | 102 |
| Tabela 3: Taxa de aprendizagem ao longo da vida nos países da EU-27 e noutros países europeus, pop. 25-64 anos, por grupos etários (2011) (%) | 103 |
| Tabela 4: Taxa de aprendizagem ao longo da vida nos países da EU-27 e noutros países europeus, pop. 25-64 anos, por nível de escolaridade (2011) (%)..... | 104 |
| Tabela 5: EFA Escolar de nível secundário, de habilitação escolar, percurso formativo | 137 |
| Tabela 6: EFA Escolar de nível secundário, de dupla certificação, percurso formativo | 139 |
| Tabela 7: Síntese do enquadramento teórico | 156 |
| Tabela 8: Comparação entre focus group e entrevista individual..... | 178 |
| Tabela 9: Duração e datas das entrevistas individuais..... | 181 |
| Tabela 10: Caracterização dos participantes do estudo I..... | 182 |
| Tabela 11: Género - frequência e percentagem..... | 183 |
| Tabela 12: Intervalos de idade - frequência e percentagem | 184 |
| Tabela 13: Cursos - frequência e percentagens..... | 185 |
| Tabela 14: Caracterização dos participantes no estudo II..... | 195 |
| Tabela 15: Género - frequência e percentagem..... | 195 |
| Tabela 16: Intervalos de idade - frequência e percentagem | 196 |
| Tabela 17: Categorização do percurso escolar até ao final do 3º ciclo..... | 214 |
| Tabela 18: Categorização das causas do abandono escolar..... | 225 |

| | |
|---|-----|
| Tabela 19: Categorização da escolha da escola..... | 241 |
| Tabela 20: Categorização dos motivos para regresso à escola | 243 |
| Tabela 21: Categorização das dificuldades sentidas no regresso à escola..... | 255 |
| Tabela 22: Categorização das vantagens e desvantagens apontadas pelos participantes em relação ao sistema de ensino que frequentam..... | 266 |
| Tabela 23: Categorização da relação aluno – ensino secundário..... | 269 |
| Tabela 24: Categorização do papel do professor | 274 |
| Tabela 25: Categorização das expetativas dos alunos no final do ensino secundário | 281 |
| Tabela 26: Categorização do percurso escolar até ao final do 3º ciclo | 294 |
| Tabela 27: Categorização das causas do abandono escolar..... | 297 |
| Tabela 28: Categorização da escolha da escola..... | 300 |
| Tabela 29: Categorização dos motivos para regresso à escola | 301 |
| Tabela 30: Categorização das dificuldades sentidas no regresso / retorno à escola | 304 |
| Tabela 31: Categorização da relação aluno – ensino secundário..... | 307 |
| Tabela 32: Categorização do papel do formador | 308 |
| Tabela 33: Categorização das expetativas dos alunos no final do ensino secundário | 310 |
| Tabela 34: Comparação das características dos participantes nos dois estudos.... | 316 |
| Tabela 35: Comparação do percurso escolar até ao 9º ano..... | 318 |
| Tabela 36: Comparação das causas de retenção até ao 9º ano | 318 |
| Tabela 37: Comparação da escolha da escola | 319 |
| Tabela 38: Comparação dos motivos do regresso à escola..... | 321 |
| Tabela 39: Comparação das dificuldades no regresso à escola | 322 |

| | |
|---|-----|
| Tabela 40: Comparação das vantagens e desvantagens do tipo de ensino | 324 |
| Tabela 41: Comparação da relação aluno com o ensino secundário | 325 |
| Tabela 42: Comparação do papel do professor / formador nos dois estudos | 327 |
| Tabela 43: Comparação das expetativas dos alunos nos dois estudos | 328 |
| Tabela 44: Resumo dos dados encontrados | 329 |
| Tabela 45: Síntese final | 337 |

Índice de Figuras

| | |
|--|-----|
| Figura 1: Mapa conceitual da andragogia | 74 |
| Figura 2: Mapa conceitual da andragogia: Grupo de trabalho andragógico | 78 |
| Figura 3: Mapa “conceitual” da andragogia: Atitudes e técnicas andragógicas | 80 |
| Figura 4: Eixo andragógico - princípios de horizontalidade e da participação | 82 |
| Figura 5: Organograma do Sistema Educativo Português | 111 |
| Figura 6: ISAC 2010 | 167 |
| Figura 7: ISAC 2012 | 167 |
| Figura 8: ISAC, 2010/2012 (Análise comparativa dos indicadores intermédios) | 168 |

Índice de gráficos

| | |
|---|-----|
| Gráfico 1: Evolução da taxa de aprendizagem ao longo da vida, pop. 25-64 anos, na EU-27, EU-15 e Portugal (%) | 105 |
| Gráfico 2: Percentagens do Género dos participantes | 184 |
| Gráfico 3: Intervalos de idade (%) | 185 |
| Gráfico 4: Cursos que os participantes frequentaram..... | 186 |
| Gráfico 5: Nº de filhos dos participantes..... | 186 |
| Gráfico 6: Estado civil dos participantes..... | 187 |
| Gráfico 7: Sexo dos participantes do estudo II | 196 |
| Gráfico 8: Grupos etários (%) | 197 |
| Gráfico 9: Estado civil dos participantes (%) do estudo II | 198 |
| Gráfico 10: Nº de Anos de retenção e as suas causas | 220 |
| Gráfico 11: Retenções no 3º ciclo | 221 |

Lista de Acrónimos e Siglas

| | |
|----------|--|
| AIE | Academia Internacional de Educação |
| ALV | Aprendizagem ao Longo da Vida |
| ANEFA | Agência Nacional de Educação e Formação de Adultos |
| ANQ | Agência Nacional para a Qualificação, IP |
| ANQEP | Agência Nacional para a Qualificação e o Ensino Profissional, IP |
| CEDEFOP | Centro Europeu para o Desenvolvimento da Formação Profissional |
| CEF | Curso de Educação e Formação |
| CET | Curso de Especialização Tecnológica |
| CQEP | Centro para a Qualificação e o Ensino Profissional |
| CNE | Comissão Nacional de Educação |
| CNO | Centro de Novas Oportunidades |
| CRVCC | Centro de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências |
| DGDIC | Direção-Geral de Desenvolvimento e Inovação Curricular |
| DGEP | Direção-Geral de Educação Permanente |
| DGFV | Direção-Geral de Formação Vocacional |
| D. L. | Decreto-lei |
| EA | Educação de Adultos |
| ECD | Estatuto da Carreira Docente |
| EU | União Europeia |
| EUROSTAT | Serviço de Estatística das Comunidades Europeias |
| EFA | Educação e Formação de Adultos |
| FCT | Fundação para a Ciência e Tecnologia |
| GIASE | Gabinete de Informação e Avaliação do Sistema Educativo |
| GMEFA | Grupo de Missão para o Desenvolvimento da Educação e Formação de Adultos |
| IeD | Investigação e Desenvolvimento |
| IEU | Instituto de Estatística da UNESCO |
| INE, IP | Instituto Nacional de Estatística, IP |
| LBSE | Lei de Bases do Sistema Educativo |

| | |
|--------|---|
| ME | Ministério da Educação |
| MEC | Ministério da Educação e Ciência |
| MTS | Ministério do Trabalho e Solidariedade |
| OCDE | Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico |
| PAE | Plano de Educação de Adultos |
| PAT | Prova de Aptidão Tecnológica |
| POPH | Programa Operacional Potencial Humano |
| PNAEBA | Plano Nacional de Alfabetização e Educação de Base de Adultos |
| PRODEP | Programa para o Desenvolvimento Educativo em Portugal |
| QREN | Quadro de Referência de Estratégia Nacional |
| RAER | Relatório de Avaliação do Ensino Recorrente |
| SEUC | Sistema de Ensino por Unidades Capitalizáveis |
| TIC | Tecnologias de Informação e Comunicação |
| UFCD | Unidade de Formação de Curta Duração |
| UE | União Europeia |
| UNESCO | <i>United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization</i> Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura |

INTRODUÇÃO²

Justificação do tema

A mudança constante obriga-nos a aprender e a reaprender de forma permanente ao longo da vida. Após termos feito o mestrado em Ciências da Educação (1996), na área de especialização de formação pessoal e social, começámos a ter mais consciência do significado de viver em sociedades abertas e plurais. Todo o ser humano é um ser único. A força transpessoal, transumana, a quarta força da psicologia, como Maslow (1970) lhe chamou, ultrapassa a dimensão do pessoal, vai além da manifestação física, emocional e mental, inclui as potencialidades, as aspirações, as realizações e os valores. Estamos em constante crescimento, aqui e agora (terapia Gestáltica, criada por Fritz e Laura Perls, em 1976). Estas perspetivas auxiliam-nos a restituir sentido e valor à vida, a ajudam-nos a ter em conta o que somos e o que desejamos. Viver a vida é uma grande viagem e é no viver que nos vamos, e a vamos, descobrindo. O sucesso depende em grande parte da capacidade de autorrealização (Maslow, 1970).

O psiquiatra Stanislav Grof (1992), em a Mente Holotrópica, traça um painel em que se visualizam os três níveis de consciência humana: biográfico, perinatal e transpessoal.

Também Vigotsky (1999) atribuiu enorme importância ao papel da interação social no desenvolvimento do ser humano. Uma das suas mais importantes contribuições foi a explicação dada à forma como o processo de desenvolvimento é socialmente construído e como a aprendizagem e o desenvolvimento se inter-relacionam.

No início deste século XXI, evidencia-se nas pessoas um anseio profundo, que ultrapassa as suas necessidades de simples segurança e conforto materiais, para além da crise económica. Muitos adultos vivem num vazio existencial (Frankl, 1991), a vida não apresenta sentido – além do puramente material – o que se traduz na crescente procura de recursos de autoconhecimento e de autorrealização, reintroduzindo espiritualidade, amor e beleza em suas vidas.

Para a psicossíntese (Assagioli, 1982), uma das leis fundamentais diz que cada pessoa contém dentro de si tudo aquilo que necessita para crescer e se desenvolver. Sabemos

² Ao longo deste trabalho, a tese adota as normas gráficas da sexta edição do livro de estilo da American Psychological Association (APA, 2010).

também que a motivação e o entusiasmo no trabalho e no estudo servem para se obter qualidade de vida. Então, como tornar a educação em um instrumento para a ampliação da consciência, de modo a desenvolver valores nos educandos já adultos?

A evolução das sociedades e das tecnologias têm conduzido à necessidade de atualização contínua de conhecimentos e de competências por parte dos seus membros, com vista ao desenvolvimento do potencial humano.

Freire (1997) afirma que ninguém educa ninguém, nem ninguém aprende sozinho e que nós homens aprendemos através do mundo.

Knowles (1986) aborda comparativamente os modelos pedagógicos e os andragógicos. Por exemplo, relativamente ao papel da motivação, diz-nos que são os fatores internos (satisfação, autoestima, qualidade de vida, etc.) que motivam os adultos para a aprendizagem.

Num primeiro olhar, adulto é todo o indivíduo que alcançou o grau máximo de desenvolvimento morfológico e fisiológico potencialmente possível. Daqui deduz-se que a criança cresce e o adulto já cresceu. No entanto, ao longo da idade adulta, o Homem vai continuando a vivenciar novas experiências acumulando conhecimentos, alterando comportamentos, isto é, vai crescendo emocional, intelectual e socialmente.

Outra das nossas preocupações é as causas que levam ao abandono escolar, uma vez que, atualmente, são cada vez mais os jovens que abandonam a escola. Cabe-nos a nós, professores, e à sociedade perceber as suas razões e encontrar estratégias que motivem o seu regresso, mesmo que esse regresso seja em idade adulta.

O fenómeno do abandono escolar tem suscitado grande inquietação para a sociedade em geral, principalmente devidos às suas consequências para o indivíduo e para a sociedade.

Mas o que levará um jovem a abandonar a escola? Vários são os motivos para tal atitude. De entre muitos, salientamos: a baixa autoestima e a autoimagem que, por sua vez, levam a problemas de comportamento e a uma oposição por parte dos jovens em relação à escola, que também podem ser causados por influência negativa dos pares; o insucesso escolar, que diminui os sentimentos de pertença e valorização em relação à escola, o que influencia o envolvimento nas atividades escolares; a falta de apoio e de encorajamento em casa que leva a uma não participação e não-identificação com a escola, bem como o

não envolvimento dos pais/encarregados de educação com esta que resulta, por vezes, na obtenção de más notas e consequentemente na reprovação e abandono escolar; a pertença a famílias com um baixo estatuto socioeconómico, onde a necessidade de encontrar um emprego para poder subsistir e ajudar a família é primordial; a influência das famílias com baixo nível educativo e profissional que não demonstram interesse pela vida académica dos filhos, a sua falta de supervisão em relação às atividades dos seus educandos, um estilo parental permissivo, famílias monoparentais e famílias numerosas, o passado de irmãos que também abandonaram a escola, a influência do processo de escolarização, as rotinas e estratégias familiares; o envolvimento dos alunos com outros jovens que adotaram atitudes e comportamentos contra-normativos (por exemplo, o uso de substâncias aditivas – álcool, drogas, furtos e roubos, gravidez precoce, prostituição, entre outros); o *bullying*; os problemas sociais, as expectativas e a falta de apoios de alguns professores; o número elevado de alunos por turma; a falta de resposta às necessidades e preocupações dos alunos; as ofertas curriculares reduzidas em algumas escolas; e os alunos serem mais velhos do que a maior parte dos colegas da sua turma.

Todos estes fatores levam a consequências que se repercutirão numa fase adulta do jovem, nomeadamente, para o indivíduo, há maior probabilidade de apresentar vulnerabilidades comportamentais, académicas, sociais, bem como de pertencer a um meio social precário e desprovido de condições, baixos salários, oportunidades de emprego limitadas e menos valorizadas socialmente e baixa autoestima. Para a sociedade, os custos serão elevados com a segurança social – atribuição de subsídios, com o Serviço Nacional de Saúde e / ou com a prevenção criminal.

Para combater o abandono escolar e o insucesso escolar, é necessário que todos os intervenientes, sociedade e governo, família, escola (professores, alunos, diretores, comunidade escolar, em geral) trabalhem em parceria e com objetivos comuns.

A criação de Cursos Profissionais e Cursos Tecnológicos, do PIEF (Programa Integrado de Educação e Formação – parceria entre o Ministério da Educação e o Ministério do Trabalho e Solidariedade Social), de Cursos de Educação e Formação (CEF) vieram contribuir para uma reestruturação dos *currícula* e alargar a oferta educativa, de forma a proporcionar a todos uma formação adequada. Mas ainda há muito a fazer. Urge a necessidade de reduzir o número de alunos por turma (e não aumentá-los como está a acontecer no

ano letivo de 2013/2014), de forma a estabelecer relações interpessoais (professor-aluno e aluno-professor), de modo a que o processo de ensino-aprendizagem seja articulado e que os métodos utilizados cumpram os objetivos a que todos se propõem, tornando assim os alunos mais participativos e motivados e a estreitar laços entre o professor e o aluno. Dever-se-ia proporcionar atividades culturais, como um meio de convívio, de auto e hétero conhecimento e desenvolvimento de aptidões (por exemplo, mais visitas de estudo, troca de livros, clubes de cinema, teatro, fotografia, ciências, jardinagem, música, dança), criar um ensino gratuito para todos, promover formação adequada aos docentes, entre outros.

Voltar a estudar é acreditar na importância da aquisição contínua de novas competências e de conhecimentos capazes de fazer frente aos desafios da vida. É também acreditar no seu valor e na sua força para dar mais esse passo fundamental para o desenvolvimento pessoal, social e profissional. Significa gostar de si próprio, encontrar-se ou encontrar o outro “eu”.

A educação não ocorre no abstrato, de forma independente dos modos objetivos e concretos de vida social. A leitura do mundo e a leitura da palavra, essencial para a expansão daquela na sociedade instruída, aumenta à medida que a pessoa reconsidera os seus olhares, as suas experiências e os seus valores em função de sua interação com os novos conhecimentos (Freire: 1996).

Considera-se que a Educação de Adultos em Portugal começa a ser uma preocupação dominante do Estado português, sobretudo como resposta a exigências exteriores em função de uma mão de obra mais qualificada. No entanto, relembramos que, mesmo sob o regime autoritário, já se a tinha em conta, como patente na criação em 1972, da Direção-Geral de Educação Permanente. Daí para cá, a Formação de Adultos foi-se fazendo com estruturas e objetivos diferentes, tendo o seu relançamento sido sentido com mais intensidade a partir de 1995.

Porquê esta necessidade, nesta fase temporal?

Sobretudo porque se tornou imperioso generalizar o acesso à educação, uma vez que a população adulta apresentava níveis educativos muito baixos comparados com os restantes países da União Europeia e da OCDE; mas também porque era necessário responder às mudanças da estrutura produtiva portuguesa que, anteriormente, não exigia da generalidade dos trabalhadores competências especialmente diferenciadas, e que começa-

va a obrigar a alterações importantes no modo de conhecer e de trabalhar; e, ainda, devido à insuficiência e à ineficácia das políticas de educação de adultos, em que a situação portuguesa exigia uma intervenção inovadora e eficaz (Melo, Matos e Silva, 2001).

Na primeira década do século XXI, a oferta educativa de educação e formação de adultos em Portugal, para dar resposta aos baixos índices de escolarização dos portugueses, veio contribuir, e muito, para a escolarização daqueles que, outrora, abandonaram os estudos, como são exemplo os Cursos de Educação e Formação de Adultos (EFA de habilitação escolar e de dupla certificação), o processo de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências (RVCC), o Ensino Recorrente, as Vias de Conclusão do Nível Secundário de Educação (DL 357/2007). Os Centros de Novas Oportunidades (CNO) abriram portas para um setor de educação e formação de adultos específico e apropriado.

Foi a partir de 2005, com a Iniciativa Novas Oportunidades, que mais se intensificou o paradigma da educação ao longo da vida, atendendo à necessidade de maior articulação com as políticas de emprego e de modernização tecnológica. Esta Iniciativa teve como grande finalidade dar um forte impulso à qualificação dos portugueses, integrando duas vertentes: as ofertas dirigidas aos jovens e aquelas que são dirigidas aos adultos.

No âmbito deste trabalho são as ofertas, do ensino secundário, dirigidas aos adultos (entenda-se, ainda que seja pouco correto, “público pouco escolarizado”) que mais nos interessam.

Estas ofertas têm como princípios fundamentais permitir aos adultos recuperar, completar e progredir nos seus estudos, partindo dos conhecimentos e competências que adquiriram ao longo das suas vidas em contextos informal ou não-formal, através do RVCC - de certificação escolar ou de dupla certificação - e simultaneamente visa orientá-los para ofertas complementares de cariz profissionalizante, tal como se pode ler:

“O reconhecimento das competências adquiridas [permite], a nível coletivo, estruturar percursos de formação complementares ajustados caso-a-caso. Mas mais importante, induz o reconhecimento individual da capacidade de aprender, o que constitui o principal mote para a adoção de posturas pró-ativas face à procura de novas qualificações. A consolidação e expansão dos dispositivos de reconhecimento e validação de competências é pois um recurso essencial para o desenvolvimento do país” (Ministério da Educação e Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social, 2005).

Esta linha de pensamento permitiu a existência de uma estrutura pública especializada, atualmente denominada ANQEP, que responde a modelos de formação de adultos assentes nos EFA (Cursos de Educação e Formação de Adultos) e no desenvolvimento dos CNO (Centros Novas Oportunidades, CQEP, no final de 2013) do ensino profissional.

Os Cursos EFA constituem um tipo de oferta orientada para adultos “não qualificados ou sem qualificação adequada para efeitos de inserção no mercado de trabalho e que não tenham concluído a escolaridade básica” (ibidem, 2005) e por isso, têm diferentes configurações consoante o tipo de certificação que permitem obter, de nível básico ou de nível secundário, de tipo escolar ou de tipo escolar e profissional.

É importante não esquecer que a vida adulta é uma época em que se deve responder a mudanças, que não é estável, nem imutável.

Ao contrário da formação das crianças e dos jovens, o adulto assume um papel como parte integrante e como objeto do processo de aprendizagem. Antes de iniciar o seu processo, o adulto questiona-se por que razão essa aprendizagem será útil e necessária (necessidade de saber), tem consciência de que é responsável pelas suas decisões e pela sua vida e, por consequência, torna-se necessário que seja encarado e tratado como indivíduo capaz de se autogerir (conceito de si). É a sua experiência o elemento mais rico para a sua aprendizagem (papel da experiência), está disposto a iniciar um processo de aprendizagem, desde que compreenda a sua utilidade nos problemas reais da sua vida pessoal, social e profissional (vontade de aprender). As suas aprendizagens estão orientadas para a resolução de problemas e tarefas do quotidiano (orientação da aprendizagem) e a principal motivação para a realização das aprendizagens é de ordem interna – satisfação pessoal e profissional, autoestima e qualidade de vida (motivação).

Vários são os motivos pessoais, sociais, profissionais, e familiares que fomentam o adulto o desejo de voltar a estudar. A nível pessoal, o aluno adulto pretende alcançar a autorrealização e autossatisfação, ocupar o seu tempo de forma a sentir-se útil, reforçar a sua autonomia, descobrir-se a si próprio, bem como adquirir novos conhecimentos ou aprofundar os já adquiridos ao longo da vida. A realização profissional, uma eventual progressão na carreira, o enriquecimento do desempenho atual das suas funções são outros dos motivos que levam os adultos à escola, bem como melhorar a situação de empregabilidade. Muitas das vezes, é a pressão familiar, o facto de se ter um filho em idade escolar

que necessita de um acompanhamento sistemático ou a necessidade, por realização pessoal, de acompanhar os conhecimentos desse filho ou ser “considerado” no seio da família ou da comunidade que motivam o adulto a regressar a um estabelecimento de ensino e a concluir os seus estudos. Perante uma sociedade, em constante mutação e reestruturação, que trouxe novas exigências de formação, de forma a promover a inclusão social e a eliminar o baixo índice de escolarização, o adulto sente-se “obrigado” a incluir-se socialmente, apostando assim na sua formação e educação ao longo da vida.

Mas regressar à escola na idade adulta nem sempre é uma tarefa fácil. Muitos dos alunos que procuram completar a sua escolaridade acabam por abandonar a escola. A conjugação entre a escola, o trabalho e a família implica uma forte motivação do estudante e um investimento constante e permanente na sua formação pessoal e social. O cansaço físico e psicológico como ainda algumas práticas pedagógicas levam-nos à desmotivação. Também o medo de falhar, a baixa autoestima, as preocupações em pagar as contas e os empréstimos ou educar os filhos levam ao abandono escolar em idade adulta.

Cabe à escola e ao professor, em particular, fazer com que o adulto perceba que a atitude de voltar a estudar não deve ser motivo de vergonha, mas de orgulho, ajudar o aluno a identificar o valor e a utilidade do estudo na sua vida por meio de atitudes ligadas ao seu quotidiano, elaborar aulas dinâmicas e estimulantes (é tentador ir para casa dormir, ver televisão ou ficar com a família, depois de um dia de trabalho), ser receptivo para ouvir e conversar, mostrar que a aula é um momento de troca e de partilha de saberes entre todos e ainda ajudar o adulto a não desistir de si.

Todo e qualquer processo de educação e formação procura provocar uma mudança e, em pessoas adultas que regressam à escola e concluem os seus estudos, não é exceção.

Esta intenção de mudar pode ser claramente explícita ou estar implícita nos processos educativos e formativos. A maior parte das mudanças implica uma reorientação de valores, de atitudes individuais, ou da forma como os indivíduos se veem a si próprios e como se relacionam com os outros ou com a sociedade em geral. No fim dos estudos, o adulto adquire uma maior consciencialização de si através da sua afirmação como um ser relacional, autónomo, coerente, com elevada autoestima e sentimento de realização.

Uma grande mudança explícita é o facto de os educandos verem as suas competências e conhecimentos expandidos e reconhecidos através da atribuição de certificados e

diplomas e reconhecidos quer pela sua família quer pela própria sociedade. Outras mudanças são a aplicabilidade dos conhecimentos adquiridos em situações do cotidiano (compras, saldos, leituras críticas, analíticas e interpretativas, acompanhamento do estudos dos filhos, entre outras), o melhoramento da relação com o emprego, a capacidade de autoavaliação e o trabalho em equipa.

Para ajudar o aluno adulto neste processo de mudança, o professor ou o formador tem de compreender o aluno em todas as suas componentes humanas (biopsicossocial), promover a aprendizagem do aluno através da experiência, da sua história de vida, incutir o “aprender fazendo”, criar empatia, entusiasmo, motivação, ser autêntico, mediador, facilitador, problematizador. O professor ou o formador necessita de ter a humildade suficiente e situar-se no mesmo plano de aprendizagem (horizontalidade nos papéis em sala de aula), pois assim como os alunos aprendem connosco, nós também aprendemos, e muito, com eles, com a sua experiência de vida. Requer ainda atender às necessidades quer individuais quer do grupo, promover a satisfação e a motivação com atitudes concretas de liderança, estratégias, solidariedade e ética. Só assim poderemos, cremos, em espírito de colaboração e cooperação, ajudar os adultos a não desistirem de si.

Os adultos, enquanto estudantes, têm objetivos bem determinados, claros e concretos, relacionados com a melhoria da categoria profissional ou com a autoestima e realização pessoal. Em regra, da sua ampla experiência resulta um sentido prático da vida que lhes permite participar ativamente nas atividades de aprendizagem. A motivação destes alunos, para terem êxito, é muito significativa e manifestam um elevado nível de responsabilidade.

Mas a sólida experiência de vida, que contribui para a formação da personalidade do adulto, torna a maioria “conservadora”, com dificuldade em abdicar facilmente daquilo que sabe ou julga saber. E assim, perante a aprendizagem, o adulto assume uma atitude muito mais crítica do que a generalidade dos mais jovens: a vontade de “aprender”, de “renunciar” aos seus conhecimentos, competências e atitudes, só acontecerá se se sentir verdadeiramente envolvido na aprendizagem e se reconhecer a sua validade (Raseth, 1996).

Se, citando Ausubel (1980: 381), “a escola tem importante responsabilidade em relação aos aspetos morais, emocionais e sociais do desenvolvimento dos alunos”, ora, assumamos também nós, professores, a responsabilidade que nos cabe, contribuindo não só na construção do Saber mas também na do Ser das pessoas.

Teremos ainda de referir que os Cursos de verão que ministrámos na FCSH nos ajudou a sintetizar e a problematizar mais a temática em estudo.

Síntese

As razões que nos levaram a escolher este tema de investigação, “Voltar à escola 20 anos depois: um desafio pessoal e social”, decorreram também da nossa experiência como professora do Ensino Recorrente de Adultos e formadora dos cursos EFA numa escola do centro de Lisboa. Querer saber porque os alunos adultos (com mais de 35 anos) voltam à escola, quais as motivações pessoais que desencadearam esta ação e quais as expectativas que têm depois de terminarem o ensino secundário, foi e é a nossa motivação. Pela nossa experiência e pela nossa observação assistemática (isto é, sem utilização de meios técnicos especiais, sem planeamento ou controlo), cremos que o abandono da escola durante este longo período será uma consequência de diversos fatores presentes na vida quotidiana destes alunos, que puseram fim ao sonho de tirar o ensino secundário e, eventualmente, seguirem a universidade. Alguns destes fatores poderão estar relacionados com a distância entre a escola e a residência ou entre o trabalho e a escola; o tipo de atividade laboral; a existência de metodologias não adequadas às necessidades e características desse aluno adulto. Os objetivos principais dos alunos adultos voltarem a estudar poderão, eventualmente, ser: obter mais informação académica para melhorar a sua situação profissional, poder ajudar os filhos nos trabalhos de casa, sentirem-se valorizados por terem um diploma, poderem saber mais e poderem conviver com pessoas diferentes, e, como refere Hobsbawn (2000), a sociedade do Século XXI irá sofrer cinco grandes mutações que, direta ou indiretamente, envolvem a escola: o acesso generalizado à educação (indicador de bem-estar); o avanço na escolarização (uma maioria da população alfabetizada); emancipação das mulheres; um mercado educativo em explosão e, finalmente, a queda das taxas de fecundidade.

Questões de partida

As questões de investigação que orientam este estudo são a seguir formuladas:

Porque é que os alunos adultos (com mais de 35 anos) voltam à escola?

Quais as suas motivações?

Quais as expetativas que têm depois de terminarem o ensino secundário?

De que modo é que o conhecimento das motivações e expetativas dos adultos pode promover o ensino secundário?

A formulação das questões de investigação é, de acordo com a abordagem qualitativa, que subjaz a este estudo, um processo dinâmico. A sua definição partiu da nossa experiência, das reflexões sobre o tema, bem como das leituras realizadas.

Objetivos do estudo

Indicam-se, de seguida, os objetivos que, alicerçados nas questões previamente colocadas, nortearam o desenvolvimento da presente investigação:

A - Identificar as razões pelas quais os alunos adultos explicam o abandono da escola, voluntária ou involuntariamente, vinte anos atrás.

B - Descrever as principais motivações declaradas pelos alunos adultos que procuraram novamente a escola para voltar a estudar.

C – Interpretar essas motivações.

D - Demonstrar os processos motivacionais dos alunos adultos, na perspetiva de otimizar os níveis motivacionais intrínsecos e extrínsecos e promover estilos de vida e de bem-estar.

E – Refletir sobre a implicação do conhecimento das motivações e das expetativas dos adultos na promoção do ensino secundário noturno.

Estrutura do estudo

Este trabalho está dividido em quatro secções. Na Introdução descreve-se o contexto histórico, social e político atual que tornou pertinente o estudo sobre as motivações e

expetativas na educação de adultos, é a nossa justificação da escolha deste tema. É ainda esboçada a organização da tese.

Cabe agora referenciar, sinteticamente, os nove capítulos, organizados em duas partes, em que este trabalho se organiza. A referente ao enquadramento teórico, com sete capítulos, e a parte II ao estudo empírico, com dois capítulos.

Na primeira parte, problematiza-se o conceito de “adulto”, define-se as causas do seu desenvolvimento, apresentam-se as fases e os ciclos de vida, diferencia-se andragogia e pedagogia e apresentam-se as opiniões críticas. Ainda se refere a aprendizagem ao longo da vida, a educação e formação de adultos, nomeadamente em Portugal, o ensino recorrente secundário, os cursos EFA secundário; a motivação e desenvolvimento pessoal e social.

Na segunda parte, capítulos oito e nove, apresenta-se a estratégia metodológica adotada, o contexto e a população estudada nos dois estudos, as técnicas de investigação utilizadas e os procedimentos na análise de dados e a discussão dos resultados.

Por último, nas conclusões e recomendações, são retomadas de forma integrada e sistemática as conclusões a que se foi chegando ao longo do trabalho como balanço dos contributos teórico-metodológicos desta pesquisa para os estudos sobre o retorno à escola da população adulta, sugerem-se algumas recomendações e propõem-se desenvolvimentos futuros que a presente investigação suscitou.

Esperamos, assim, não só atingir todos os objetivos a que nos propusemos, mas também compreender a complexidade subjacente de os adultos, com mais de trinta e cinco anos, voltarem à escola e terminarem o ensino secundário em dois (nos cursos EFA de habilitação Escolar) ou três anos (no ensino recorrente secundário) e dar um contributo que vise compreender o tema em estudo: perceber as motivações que os levaram a fazer isso e que expetativas, depois de acabarem o ensino secundário, têm para a sua vida pessoal e social.

Palavras-chave

Vida adulta; andragogia; aprendizagem ao longo da vida; educação e formação de adultos; ensino recorrente secundário; cursos EFA de nível secundário; motivação; desenvolvimento pessoal e social.

I PARTE - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

A educação ao longo de toda a vida baseia-se em quatro pilares: aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a viver juntos, aprender a ser. (...) Numa altura em que os sistemas educativos formais tendem a privilegiar o acesso ao conhecimento, em detrimento doutras formas de aprendizagem, importa conceber a educação como um todo. Esta perspetiva deve, de futuro, inspirar e orientar as reformas educativas, tanto ao nível da elaboração de programas como da definição de políticas pedagógicas.

Educação: Um Tesouro a Descobrir,

Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Séc. XXI

Capítulo I - Vida Adulta

A vida adulta é de todas as fases do ciclo de vida a mais longa e “a que melhor mantém segredos na nossa sociedade e provavelmente na generalidade da história humana”.

(Levinson, 1978: IX)

Introdução

O presente capítulo aborda questões relativas ao que é um ser adulto, ao estudo do desenvolvimento humano na idade adulta e aos períodos do ciclo de vida dos adultos. O interesse surgiu pela nossa convivência diária com estudantes que frequentam o curso do ensino recorrente secundário noturno e os cursos EFA, também do ensino secundário (EFA-NS).

Nas últimas décadas, com o aumento da longevidade da população, isto é, com o aumento do número de pessoas adultas que terão uma vida mais ativa socialmente, em todos os sentidos, desde a empregabilidade, à economia e à cultura e também às aprendizagens, às pesquisas sobre o adulto e ao desenvolvimento humano na idade adulta têm estimulado o interesse de teóricos e investigadores. Uma das questões mais interessantes que colocam, referem-se a questionar os avanços do conhecimento científico que resultaram na possibilidade de oferecer à população uma melhoria da qualidade de vida e oportunidades de crescimento pessoal que permitam um envelhecimento mais saudável, positivo e feliz, poderão determinar modificações no comportamento do ser humano.

O estatuto de um ser adulto não pode só ser definido em termos etários, mas como um conceito integrado, numa perspetiva de desenvolvimento.

A fase adulta constitui-se como a mais ativa e longa da vida de cada ser humano. Que transformações acompanham o indivíduo na fase adulta? Adultos o que são? Será uma fase de vida aproblemática? Quais os estágios ou fases ou ciclos de vida de um adulto? Que transformações acompanham o indivíduo na fase adulta?

I.1 O conceito de adulto

O que é um (ser) adulto?

Existem várias definições acerca do que se pode entender por adulto, de acordo com a perspetiva em que nos coloquemos: será um estado biológico (pós-puberdade); um estado legal (mais de 18 anos, ou mais de 21 anos); um estado psicológico (o seu autoconceito é de um adulto); uma forma de comportamento (ser capaz de reagir como um adulto, qualquer que seja o contexto em que se encontre); um conjunto de papéis sociais (realizar tarefas e papéis próprios de adultos, como, por exemplo, trabalhar e criar os filhos) (Smith, 2002).

No século XXI, o adulto é considerado como um estado inacabado, sujeito a um contínuo processo de construção e desenvolvimento, o adulto “é entendido doravante como perspectiva, uma maturidade vocacional nunca atingida, mas em contínua conquista” (Boutinet, 2000: 17), deixando, a partir dos anos 90, de ser definido como o indivíduo equilibrado, estável, instalado e, conseqüentemente, rotineiro, isto é, um adulto como estado terminado e estático, como era considerado anteriormente.

Como exemplo desta corrente, Boutinet (2000) refere a obra de A. Ehrenberg, “L’individu incertain” (1995), onde o adulto de hoje é apresentado a assumir responsabilidades crescentes e “se a exclusão é limitada, o sentimento de ser excluído, o *handicap* relacional, a privação de ser estão sempre presentes”. Também “a experiência contemporânea do indivíduo é uma interrogação maciça sobre a incerteza dos lugares” (Boutinet, 2000: 16) o que leva Ehrenberg a afirmar que “estamos na idade do indivíduo inseguro” (ibidem).

Boutinet (2000) define quatro modelos que estão na base da definição do conceito de adulto; um modelo tradicional do adulto estático, estável, de maturidade adquirida; o do adulto padrão; o do adulto em perspectiva e do adulto como problema.

Existem, assim, duas lógicas que resumem as diversas perspetivas sobre o que é “ser adulto”; uma que considera o adulto um sujeito equilibrado, estável, mesmo rotineiro e instalado e outra que reconhece o adulto como um sujeito que se perspetiva em desenvolvimento numa atitude de experimentação, de progressão, de formulação de desejos e concretização de projetos (Costa e Silva, 2003) ou como adulto problema que tem de lidar com o imprevisto, o risco, a exclusão e a inexistência de quadros de referência. Estas duas lógicas,

que se opõem e conferem ao adulto uma definição paradoxal, também se podem unir “produzindo um efeito desmultiplicador numa espécie de desestabilização da vida adulta” (Boutinet, 2000: 19).

As teorias que abrangem o desenvolvimento do adulto pressupõem que há regularidades no ciclo da vida, onde se processam mudanças e que se tratam de adaptações cumulativas a eventos biológicos, psicológicos e sociais (Erbolato, 2001). Crescem também as evidências de que as relações sociais contribuem para o sentimento de bem-estar ao longo do ciclo vital (Freire, Resende e Rabelo, 2004).

Finalmente, Sousa (2007) define o adulto, na sociedade portuguesa, como “ser adulto é representado socialmente e de forma hegemónica como um estatuto a atingir com a obtenção de estabilidade na vida profissional, financeira e familiar”.

I.2 Desenvolvimento humano ao longo da vida (*life-span*)

Nos últimos anos, o conceito de “desenvolvimento” tem vindo a evoluir no sentido de conferir uma atenção cada vez maior às perspetivas mais atentas ao papel ativo do indivíduo na construção do seu próprio desenvolvimento, quer influenciando-o diretamente (por exemplo, pela realização de escolhas), quer fazendo-o de forma indireta, ao criar ou mudar os contextos onde esse desenvolvimento se processa. Uma visão desta natureza leva a encarar o ser humano como um sistema altamente complexo, onde se interligam dimensões de ordem biológica, cognitiva, emocional, relacional e social, um sistema que apesar de sujeito a uma evolução regular e progressiva não está limitado a uma meta desenvolvimental pré-determinada.

No quadro de uma perspetiva contemporânea de compreensão dos fatores implicados no desenvolvimento humano, Lerner, Easterbrooks e Mistry (2003) sinalizam a importância do contributo de uma série de autores na consolidação de um conjunto de princípios teóricos e empíricos que sustentam atualmente uma visão do desenvolvimento baseada num sistema de relações entre a pessoa e o contexto ao longo do ciclo de vida, enfatizando mais do que nunca o papel da interação dinâmica e recíproca entre variáveis muito diversas na construção desse desenvolvimento. Entre esses autores encontram-se Bronfenbrenner,

Baltes, Brandstadter, Magnusson e Lerner, todos eles sublinhando "uma ênfase comum nas relações entre a pessoa e o contexto e na necessidade de enquadrar o estudo do desenvolvimento humano nos cenários reais da existência humana" (Lerner, Easterbrooks e Mistry, 2003: 3).

Este conjunto de investigadores, atrás mencionados, têm vindo a defender uma visão do desenvolvimento humano caracterizada: (a) por modelos integrados que sintetizam perspectivas defensoras de influências biológicas e ecológicas sobre o desenvolvimento humano; (b) pelo uso de uma vasta gama de metodologias qualitativas e quantitativas, tendo em vista a obtenção de conhecimento empírico e teórico acerca de tais influências bioecológico; (c) por uma valorização crescente da importância das influências históricas, sociais e culturais nas trajetórias individuais de desenvolvimento no decurso dos respetivos ciclos de vida; (d) pela procura de pontos de convergência entre a formulação e a aplicação da ciência desenvolvimental (Bornstein e Lamb, 2005; Lerner, 2006).

Considerando que o desenvolvimento envolve sempre um processo de mudança e que esta será melhor compreendida se for situada no contexto de acontecimentos antecedentes e subsequentes, Baltes e pesquisadores delimitaram em 1980 a Psicologia Desenvolvimental do ciclo de vida do seguinte modo: "a Psicologia Desenvolvimental do ciclo de vida preocupa-se com a descrição, explicação, e modificação (otimização) dos processos desenvolvimentais no decurso da vida humana, da concepção à morte" (Baltes, Reese e Lipsitt, 1980: 66).

Assim, o desenvolvimento humano será o resultado da interação entre fatores biológicos, históricos e culturais, refletindo a arquitetura do desenvolvimento individual as relações dinâmicas que entre si estes fatores estabelecem, bem como a respetiva evolução ao longo do tempo.

Fonseca (2007) refere as dez preposições que assinalam as ideias diretrizes da Psicologia Desenvolvimental do ciclo de vida que, ao longo dos anos, foram revistas e ampliadas pelo próprio Paul Baltes, por colaboradores e por outros autores próximos em termos conceptuais e metodológicos (Baltes, 1987, 1993, 1997, 1999, 2005; Baltes e Baltes, 1990; Baltes, Lindenberger e Staudinger, 2006; Baltes, Reese e Lipsitt, 1980; Baltes e Smith, 2003,

2004; Baltes, Staudinger e Lindenberger, 1999; Dixon e Lerner, 1992; Lerner, 2002, citados por Fonseca, 2007).

Por outro lado, a teoria de curso de vida (Baltes, Staudinger, Lindenberger, 1999) considera que o desenvolvimento não se completa numa determinada fase, mas estende-se ao longo da vida.

A divulgação de estudos sobre a periodização da vida adulta, por meio de estágios e crises normativas, divididos em ciclos de vida com diferentes blocos de tempo para o estudo de fenómenos diferenciados avançaram após a primeira Guerra Mundial (Stevens-Long, 1979), identificados nas teorias de Bromley (1974), Levinson (1974), Gould (1972), Neugarten (1974), Erikson (1963), Lowenthal e Chiriboga (1975), Schlossberg (1981), entre outros, descritos por Günther e Günther (1998).

No Brasil, os trabalhos de Neri (1991, 1993, 1995) e de Neri e Wagner (1985) são dedicados ao estudo psicológico do desenvolvimento humano na idade adulta e na velhice com base na perspectiva de curso de vida, iniciado na Europa entre as décadas de 60 e 70 por Baltes e Goulet. Neri (1995: 25) entende que “as teorias do desenvolvimento têm uma base comum, e tentar, a partir disso, caracterizá-las quanto à origem é, porém, apenas uma das maneiras de conceituá-las. Elas podem ser analisadas ainda quanto à maneira como consideram a natureza da progressão das mudanças evolutivas”.

Segundo Baltes (1995), os estudos demonstram que durante a vida adulta os indivíduos “continuam a ser desafiados pelas suas próprias expectativas quanto ao futuro, por novas exigências ambientais, pelo desejo de progresso e pela contínua preocupação com o senso de controlo, a integração e a produtividade social” (Neri, 1995: 12). Para mais, para que o indivíduo mantenha o seu bem-estar físico e social e acompanhe as mudanças e exigências da sociedade, é necessário levar em consideração o ambiente em que vive, os valores sociais e individuais, bem como as circunstâncias da sua história de vida.

As mudanças no desenvolvimento humano são concebidas por Baltes (1997) que elaborou o modelo de envelhecimento bem-sucedido (SOC: a teoria da Seleção, Otimização e Compensação), de maneira positiva (aperfeiçoamento / otimização) quando o indivíduo tem a capacidade de adaptação na direção de resultados desejáveis (metas), que dependem da

aplicação de um conjunto de comportamentos, de realização de metas, de conhecimento cultural, *status* físico, comprometimento com as metas desejadas, práticas e esforço.

Assim, para Baltes (1997), a SOC tem um carácter de multicausalidade, multidimensionalidade, multidirecionalidade e multifuncionalidade, que ocorrem durante todas as etapas do curso de vida, no sentido da manutenção dos ganhos e da recuperação das perdas (resiliência).

Uma visão de ciclo de vida do desenvolvimento humano implica a consideração de outros fatores para além da idade, nomeadamente, fatores evolutivos ligados à história e a acontecimentos não-normativos. A relação dialética, necessária e desejável, entre quadros teóricos e metodologias de investigação, conduz-nos ao reconhecimento do papel que a psicologia do ciclo de vida tem desempenhado no avanço da metodologia de investigação do desenvolvimento humano em geral, e no estudo do envelhecimento em particular, chamando a atenção, nomeadamente, para a intervenção de outros fatores no desenvolvimento para além da idade. Para Vandenplas-Holper (1998: 248), este contributo tanto se tem dado ao nível de investigações de grande envergadura, que procuram "estudar longitudinalmente as mudanças intraindividuais ligadas à idade e os efeitos ligados às alterações socio-históricas que caracterizam as diferentes *coortes*", como ao nível de investigações mais modestas, "que acompanham, no curto prazo, pessoas confrontadas com acontecimentos de vida marcantes para as suas vidas" (ibidem: 248). Num e noutro caso, conclui a autora, o estudo da estabilidade e da mudança na conduta humana e ao nível das diferenças interindividuais constituem duas preocupações sempre presentes na forma como a psicologia do ciclo de vida encara o contributo da investigação para o avanço da ciência desenvolvimental.

Quanto às diferenças interindividuais, importa registar as conclusões a que Schaie (1996) chegou acerca do desenvolvimento das capacidades cognitivas, ao destacar o importante papel desempenhado por aquilo que o autor designa por antecedentes das diferenças interindividuais. Para Schaie (1996), a consideração de tais antecedentes revela-se de enorme importância não só para a análise das diferenças entre os indivíduos quanto à sua performance cognitiva, mas igualmente no que respeita a outros aspetos do seu funcionamento durante a idade adulta e a velhice. Através de uma análise efetuada a um vasto conjunto de estudos inspirados no quadro da psicologia do ciclo de vida, Vandenplas-Holper (1998) subli-

nha que o grau de escolarização é, de entre os antecedentes das diferenças individuais, uma das variáveis preditivas de envelhecimento bem sucedido mais importante.

Segundo Baltes (1987), uma abordagem de natureza interdisciplinar constitui, aliás, uma modalidade privilegiada de investigação para a psicologia desenvolvimental do ciclo de vida, considerando mesmo que o estudo da forma como as mudanças socio-históricas afetam o desenvolvimento humano das diferentes *coortes*, funciona como um contexto privilegiado de colaboração entre psicólogos, sociólogos e historiadores. Também Lehr (1999) enuncia as vantagens da abordagem interdisciplinar nos estudos sobre o envelhecimento, defendendo que o recurso a uma equipa de investigadores procedentes de vários campos disciplinares pode contribuir significativamente para reduzir os problemas técnicos e metodológicos que normalmente andam associados à pesquisa neste domínio.

Para além dos efeitos ligados à idade e à *coorte*, Baltes (1987) destaca a importância que os acontecimentos de vida e as transições daí decorrentes adquirem para a compreensão dos fatores envolvidos no desenvolvimento psicológico. A este respeito, os trabalhos de natureza correlacional (sobretudo) que a psicologia desenvolvimental do ciclo de vida tem produzido ao longo dos anos ajudaram a colocar em evidência as relações que se manifestam entre as reações face aos acontecimentos de vida marcantes e a saúde física ou bem-estar psicológico daí decorrentes (Vandenplas-Holper, 1998). Muitos destes trabalhos, levados a cabo usando estratégias quer transversais quer longitudinais, contribuíram para demonstrar que as situações de transição (vividas com maior ou menor *stress*) podem revelar-se uma oportunidade para o desenvolvimento pessoal, variando a sua repercussão sobre o bem-estar psicológico e a saúde dos indivíduos de acordo com a interferência de outras variáveis.

A problemática da “continuidade” *versus* “descontinuidade” do desenvolvimento constituiu, desde o início, uma noção chave no quadro da conceção de desenvolvimento psicológico preconizada por Baltes e outros pesquisadores (Baltes, 1987, 1993; Baltes, Reese e Lipsitt, 1980). Para eles, o desenvolvimento é essencialmente de cariz descontínuo, muito embora Vandenplas-Holper (1998) recuse esta generalização, afirmando "que nenhum facto empírico pareça sustentar uma tal afirmação" (ibidem: 255). Tal não será, porém, completamente verdade, se pensarmos nos dados a que chegaram dois estudos longitudinais realizados em épocas distintas junto de populações idosas: (a) no Estudo Longitudinal de Bona so-

bre o envelhecimento (Rudinger e Thomaes, 1990), os autores tiveram oportunidade de constatar que, ao longo da velhice, as pessoas ajustam as suas representações cognitivas da realidade ou modificam o seu comportamento social, no que poderá ser entendido como uma verdadeira alteração de estratégia adaptativa; (b) bem mais recentemente, o Estudo BASE (Baltes e Mayer, 1999) permitiu comprovar que a "4ª idade" não é uma simples continuação da "3ª idade", sucedendo uma efetiva descontinuidade em termos da capacidade adaptativa individual da 3ª para a 4ª idade, no sentido de um progressivo declínio de funções.

O que é verdade é que, ao mesmo tempo que Baltes e pesquisadores associados acentuam a vertente da descontinuidade, Brandtstadter e seus pares socorrem-se de uma série de estudos realizados à luz da teoria da ação e do controlo pessoal para defender um ponto de vista em que o *self* é encarado como um sistema dinâmico que, de uma forma ativa, se defende da descontinuidade e da desestabilização, procurando prevenir ou reduzir as discrepâncias que possam verificar-se entre o *self* atual e o *self* ideal (Brandtstadter e Greve, 1994; Brandtstadter, Rothermund e Schmitz, 1997). O facto de abordagens próximas entre si quanto à raiz de inspiração paradigmática chegarem a conclusões distintas não significa, contudo, que elas sejam contraditórias. É preferível admitir, como o faz Vandenplas-Holper (1998), que "as noções de 'continuidade' e de 'descontinuidade' aparecem assim como multi-formes; os diferentes autores dão-lhes significados muito diferentes" (ibidem: 256).

I.3 Causas do desenvolvimento humano

Partindo do princípio que o desenvolvimento supõe a ocorrência de mudanças, o que origina as mudanças? O que causa o desenvolvimento? Os investigadores interessados no estudo das causas do desenvolvimento humano frequentemente oscilaram entre posições extremas, situando o desenvolvimento ora como um produto de forças internas e inatas ("nature"), ora como um produto de forças externas e ambientais ("nurture"). Esta visão dicotómica, atualmente ultrapassada (Overton, 2006), foi sendo progressivamente substituída por perspetivas em que o desenvolvimento é visto como interativo, marcado por *continuidades* e *descontinuidades*, sujeito a múltiplas forças internas e externas que, em conjunto, criam uma variedade imensa de trajetórias desenvolvimentais (Lerner e Walls, 1999).

Os psicólogos do desenvolvimento colocam atualmente questões mais subtis, pois estão particularmente motivados em explicar o desenvolvimento humano (isto é, em especificar os antecedentes desse desenvolvimento) e não tanto ou não apenas em descrever o desenvolvimento (através de comportamentos ou de imagens representativas das mudanças que lhe estão inerentes), especificando as condições que estão na base da continuidade e da descontinuidade desse mesmo desenvolvimento - "as noções de 'continuidade' e de 'descontinuidade' aparecem assim como multiformes; os diferentes autores dão-lhes significados muito diferentes" (Vandenplas-Holper (1998: 256).

Baltes e os seus coautores definiram a Psicologia do Desenvolvimento ao longo de toda a vida interessando-se pela descrição e explicação das mudanças ontogenéticas, desde o nascimento até à morte.

Fonseca (2007) apresenta um conjunto de perspectivas teóricas que encaram o desenvolvimento psicológico como uma sucessão coerente de mudanças sistemáticas e organizadas ao nível do funcionamento e do comportamento individuais, implicando uma adaptação constante dos indivíduos face a transformações ocorridas a nível interno e externo. Inspiradas por uma compreensão contextualista do desenvolvimento, comparam-se os principais aspetos de quatro teorias que procuram explicar o modo como o desenvolvimento se faz no decurso da vida humana: abordagem ecológica, contextualismo desenvolvimental, teoria da ação e do controle, perspectiva desenvolvimental do ciclo de vida.

I.4 A vida adulta: conceitos

O que é a vida adulta?

“Falar sobre a vida adulta pode parecer aparentemente banal”

(Boutinet, 2000: 13)

Há vários termos que surgem na língua portuguesa e tentam definir a fase da *vida adulta*, como, por exemplo, *adulterz*, “*adultado*, *adultidade*, *adultescência*, *andragogia*, *maturescência*, *antropolescência*” (Boutinet, 2000; Costa e Silva, 2003), e ainda, vocábulos que evidenciam a indeterminação dos limites das categorias etárias e a ambivalência complexa e paradoxal que envolve o conceito de *vida adulta* (Boutinet, 1993).

Comparada com a infância, a puberdade ou a adolescência pode dizer-se que a vida adulta corresponde a uma época relativamente estável da vida da pessoa, sem grandes mudanças. No período da adolescência, efetuam-se as maiores transformações físicas e o indivíduo “constrói” a sua própria identidade. Nesta perspetiva, a personalidade do indivíduo, na vida adulta, geralmente não sofre alterações. É uma etapa de estabilidade, de rotinas onde o adulto não está disposto a efetuar grandes alterações, sentindo mesmo adversidade pela mudança e como diz Boutinet (2000: 11) a vida adulta é “deixada aparentemente nas suas antigas certezas como uma idade sem problemas, uma vez definida como idade de referência” para todas as outras fases de vida.

A literatura, no entanto, tem acentuado que a idade adulta não é uma etapa de estabilidade e imutabilidade. A nível cognitivo, muitos autores consideram que o pensamento formal não é o último estágio de desenvolvimento deste nível (Perry, 1970, 1981; Brookfield, 1995, 1998; Mezirow, 1978, 1991; Cavanaugh, 1991), verificando-se, apesar disso, que a cognição, na vida adulta, está mais ligada a questões pragmáticas da vida real, procurando, os adultos, aprender de forma a resolver problemas da sua vida quotidiana (Knapper e Cropley, 1985; Knowles, 1986; Smith, 1988). É necessário considerar o desenvolvimento da cognição na vida adulta, para além das operações formais, pelas operações pós-formais (Brookfield, 1998: 292).

Quanto mais avançamos no processo de desenvolvimento humano, as teorias psicológicas são menos articuladas e complexas: os adultos típicos trabalham, constituem família, relacionam-se emocionalmente, aprendem nas diferentes dimensões da vida, educam os seus filhos, têm projetos de vida individuais e coletivos. Todas estas características trazem transformações.

Ao longo da vida adulta, as mudanças não são só a nível cognitivo mas organizam-se em etapas evolutivas: o indivíduo atinge a maturidade, mas esta não é estática. As diversas correntes epistemológicas (progressista, behaviorista, humanista, crítica, construtivista) analisam esta etapa de modos muito diferenciados, não existindo uma visão unívoca e singular deste período de desenvolvimento humano (Caffarella, 1993; Gerstner, 1990; Moura, 1997). Este deve ser visto sob vários prismas – biológicos, cognitivos, emocionais, relacionais, sociais – e num processo de interação, não havendo um só caminho mas sim múltiplos caminhos possíveis de desenvolvimento, marcados por *continuidades* e *descontinuidades* (Vandenplas-Holper, 1998: 256) e sujeitos a múltiplas forças internas e externas (Lerner e Walls, 1999).

Ora, a idade adulta é um fenómeno natural dos seres humanos e faz parte da génese humana, trazendo consigo características próprias. Estas etapas de desenvolvimento do indivíduo interessam aos campos da biologia, da sociologia e da psicologia de um modo integrado e inter-relacionado, para o que é necessário continuar a produzir conhecimentos.

Existem várias teorias biológicas sobre estes fenómenos e uma vez que não há uma unificação entre elas, há várias formas de abordagem. As primeiras teorias fundamentavam-se em aspetos fisiológicos e, mais tarde, em bioquímicos. Atualmente, com a genética, consideram-se os aspetos moleculares. As principais teorias biológicas solicitadas são: a disfunção do sistema imunológico, a programação genética e de lesões celulares, o erro da síntese proteica, isto é, modificações das moléculas de ADN, o uso e desgaste, os radicais livres e controlo neuroendócrino da atividade genética e neuroquímico.

São várias as transformações biológicas que ocorrem do início ao final da vida adulta. As capacidades físicas são um exemplo disso, as quais poderão reverter-se do físico ao psicológico na adultez, e, conseqüentemente, nas relações intra e interpessoais.

Os aspetos fisiológicos e psicológicos são os que impulsionam a conduta do ser humano. Quando tentamos entender as necessidades básicas de cada ser humano, e como elas são saciadas, devemos compreender que estas fazem parte da interação complexa de mecanismos fisiológicos e processos psicológicos em cada um. Para Schaie e Willis (2003: 298), “como adultos, as nossas condutas relacionadas com as necessidades físicas básicas, tais como comer, beber e ir à casa de banho, refletem as expectativas culturais, as experiências de socialização e as condutas aprendidas, além de fatores fisiológicos”.

Assim, as características pessoais, a dinâmica do aprender e os fenómenos biológicos fundamentam e envolvem todas as dimensões do ser humano, em total integração do corpo e do espírito, e do ser com o fazer. Quando isso não ocorre, produz-se alienação e perda do sentido social e individual no viver de cada ser humano (Maturana, 2004).

No que diz respeito à sociologia, e segundo Seiffert (2001: 16-52), as teorias sociais são classificadas de acordo com as gerações, para que seja possível conhecer as suas origens intelectuais e a contribuição das teorias anteriores para novas explicações. A primeira geração, a de nível microsocial, compreende teorias elaboradas entre 1949 e 1969, sendo a sua unidade de análise o indivíduo e abordam fatores como os papéis sociais e as normas. A segunda geração, a de nível macrosocial, abrange teorias elaboradas entre 1970 e 1985, que se concentram nas transformações das condições sociais. A terceira geração agrupa teorias que criticam e sintetizam as proposições das anteriores a aliam os níveis de micro e de macrosocial de análise.

Nos anos 60, do século passado, a socióloga Neugarten, da Universidade de Chicago, pesquisou as expectativas dos adultos em relação ao seu desempenho vital e, por isso, criou a ideia de “relógio social”, que determina as possibilidades que os adultos têm na sua própria existência no mundo social. Por exemplo, os eventos sociais e individuais são marcadores de desenvolvimento: “está na hora de casar”, ou “depois da doença que quase me levou, eu passei a dar valor àquilo que é essencial”.

Vanderplas-Holper (1998), na psicologia, assinala que o desenvolvimento da vida humana, especialmente na idade adulta, é um tecido de relações complexas. A partir dos anos 70 do século XX, Paul Baltes e colaboradores são considerados os líderes, pois envolveram-se na formulação dos princípios teóricos que orientam o estudo do desenvolvimento ao longo

de toda a vida e na realização de muitas investigações científicas. Entre os investigadores destacam-se Schaie, Willis e Lenner, que trabalhavam ou trabalham em diferentes universidades dos Estados Unidos. Também se destacou como pesquisador Klaus Riegel (1925-1977), um investigador alemão emigrado nos Estados Unidos. Vandenplas-Holper (1998) assinala que as investigações de Riegel estudavam o desenvolvimento das capacidades cognitivas durante o período da existência adulta, que foram realizadas entre a década de 50 até aos anos da sua morte.

Riegel (1978) propôs diferentes explicações sobre o facto de que, ao longo de toda a vida adulta (*life-span*), houvesse maiores ou menores declínios na capacidade cognitiva e, por isso, chegou à conclusão de que se pode admitir que certas pessoas têm capacidades cognitivas superiores e uma longevidade superior. Isto estaria associado a fatores biológicos, bem como a fatores psicológicos. Esta possibilidade está intrinsecamente ligada a termos dialéticos e, por isso, poder-se-ia chegar à conclusão de que o organismo imprime a sua marca sobre o meio modificando-o e sendo por ele modificado. Ainda referindo-se ao trabalho de Riegel, Vandenplas-Holper afirma que o organismo e o meio se influenciam recíproca e dialeticamente.

Para Riegel (1978), o desenvolvimento não significa um caminho linear, que vai do menor para o maior equilíbrio, mas uma tensão constante entre as forças que o determinam. Os esforços adaptativos do indivíduo (investir em novos conhecimentos ou em novos papéis) conduzem o desenvolvimento a uma nova síntese (um novo desenvolvimento).

Neri (2002) refere que há três abordagens que têm o objetivo de descrever e explicar as mudanças de comportamento que acontecem ao longo do tempo e de caracterizar as diferenças existentes entre os indivíduos e os grupos com relação a como e por quê estes se desenvolvem. Neri aborda três paradigmas:

O primeiro paradigma, conhecido como o de mudança ordenada (Neri, 2002: 32), que tem como referência a teoria evolucionista de Darwin, considera que o desenvolvimento psicológico é presidido por processos e períodos sucessivos de crescimento, culminância e contração, assim como no desenvolvimento biológico das espécies (teorias de estágio do desenvolvimento). Admite que o “desenvolvimento caminha segundo padrões ordenados de

mudança que são universais porque têm origem ontogenética e que os determinantes sociais, sócio-históricos e culturais são aspectos secundários” (ibidem: 34).

Para Erikson (1976), cada uma das etapas, ou estádios, “relaciona-se sistematicamente com todos os outros e que todos eles dependem do desenvolvimento adequado na sequência própria de cada item” (ibidem: 93). Cada fase é caracterizada por uma crise psicossocial a qual é baseada no crescimento fisiológico, bem como nas exigências colocadas ao indivíduo pelos outros (pais e/ou sociedade): “cada um chega ao seu ponto de ascendência, enfrenta a sua crise e encontra a sua solução duradoura pelos métodos aqui descritos, ao atingir a parte final das fases mencionadas” (ibidem: 93).

Assim, para este autor, a maturidade era vista como a conquista do apogeu profissional e a tendência a passar o *cajado* para a geração seguinte e a velhice como o processo de autoaceitação, o desenvolvimento de integridade da história pessoal e a formação de um ponto de vista sobre a morte.

O segundo paradigma, conhecido como contextualista, acredita que as mudanças evolutivas da vida adulta são produzidas pela interação do indivíduo com as influências sociais. O processo de desenvolvimento está organizado por processos sociais e interpessoais e não por eventos de natureza ontogenética. O indivíduo e a sociedade criam conceitos de desenvolvimento normal e de fases de desenvolvimento a partir da conjugação de eventos biológicos e psicossociais. A sociedade cria mecanismos sociais de temporalização do curso de vida individual, o chamado relógio social, para que os indivíduos internalizem esse conceito e para que haja uma forma de regularizar o senso de normalidade, de ajustamento e de pertencimento a um grupo etário ou a uma geração. Nesta dinâmica, aparecem os eventos de transição que quebram a estabilidade do desenvolvimento e que representam condições para mudanças adaptativas. Estas transições podem ser normativas (têm uma época esperada de ocorrência de acordo com o que é reconhecido pela cultura) e idiossincráticas (ocorrem raramente ou para poucos indivíduos e possuem maior impacto emocional).

Segundo Dowd (1990), o paradigma contextualista alicerça-se essencialmente em dois princípios fundamentais: (a) reciprocidade de relações entre o organismo e o meio, com o organismo a ser considerado um agente ativo na determinação do seu desenvolvimento e o meio a ser considerado uma necessidade para a ocorrência da progressão desenvolvimen-

tal, suscetível não só de estimular mas também de inibir essa progressão; (b) plasticidade do desenvolvimento psicológico, recusando que mudanças aleatórias, completamente desorganizadas ou totalmente dispersas possam de imediato ser interpretadas como mudanças desenvolvimentais; para serem entendidas e classificadas como desenvolvimentais, tais mudanças devem apresentar um caráter organizado e sistemático num dado momento ou período de tempo.

Ora, é justamente assente nestes princípios que deveremos situar o aparecimento de um vasto e diversificado conjunto de "escolas de desenvolvimento", protagonizadas por autores como Lerner, Baltes, Schaie e outros, todos eles partilhando ideias como a plasticidade da mudança (Lerner, 1984), a multidirecionalidade do desenvolvimento ao longo da vida (Baltes, 1987) e o aumento das diferenças individuais com o avanço da idade (Schaie, 1983). Comum as todas as correntes inspiradas no paradigma contextualista está a convicção de que todas as pessoas, mais novas ou mais velhas, desenvolvem-se, e que os processos e as funções desse desenvolvimento serão tanto melhor compreendidos quanto mais se optar por orientações conceituais e empíricas baseadas nas relações que se estabelecem entre uma "pessoa em desenvolvimento" e um "contexto em mudança" (Lerner, 1996). O desenvolvimento humano passa a incorporar noções como interação pessoa-contexto, continuidade, mudança, plasticidade, reportadas sempre a todo o ciclo de vida e não apenas a segmentos dele, sendo estes os princípios básicos que, nas últimas duas décadas, têm estado na origem do aparecimento e da consolidação de uma larga família de teorias e de perspectivas, revelando a existência de uma "adequação ativa" do paradigma contextualista ao estudo científico do desenvolvimento (Lerner, 2002; Overton, 2006).

Para Dixon e Lerner (1992), o contextualismo desenvolvimental explora amplamente as possibilidades de articulação entre distintos princípios paradigmáticos. De facto, um aspeto central desta perspectiva é a convicção de que não existe uma causa única e singular para explicar o desenvolvimento individual, nem o recurso a variáveis internas (biológicas ou psicológicas), interpessoais (relações face-a-face ou em grupos de pares), ou variáveis externas (ambientais ou institucionais), é suscetível, por si só, de explicar as mudanças desenvolvimentais. Para compreender a ocorrência dessas mudanças e o desenvolvimento a elas associado, torna-se necessário articular os referidos três níveis de organização e considerar o

modo como evolui a relação entre eles: "a estrutura ou padrão de relações entre estes níveis de análise produz o comportamento do indivíduo, e mudanças na forma (configuração) de tais relações produz mudança desenvolvimental" (Dixon e Lerner, 1992: 37-38).

Articulando os níveis interno, externo e interpessoal de organização do funcionamento humano, Lerner e Busch-Rossnagel (1981) apresentaram uma conceitualização de desenvolvimento onde sobressaem as ideias de plasticidade e de natureza interativa do desenvolvimento humano (indivíduo-cultura), atribuindo aos indivíduos um papel de produtores do seu próprio desenvolvimento.

O paradigma contextualista assume-se como uma importante base teórica e metodológica para a descrição e, sobretudo, para a explicação da variabilidade interindividual e da plasticidade intraindividual ao longo da vida humana.

Por fim, o terceiro paradigma, conhecido como de orientação dialética, percebe as pessoas como organismos ativos em mudança, em contínua interação com um ambiente igualmente ativo e em mudança. O desenvolvimento e o envelhecimento são vistos como eventos relacionados e multideterminados, sofrendo da atuação de processos individuais (ontogenéticos) e históricos (culturais-evolutivos). A complexidade dos processos de desenvolvimento aumenta com o envelhecimento, tornando as diferenças interindividuais mais marcantes, e nivelando as diferenças intraindividuais. A plasticidade comportamental, definida como a possibilidade de mudar e adaptar-se ao meio, diminui, bem como a resiliência, ou seja, a capacidade de reagir e recuperar-se dos efeitos da exposição a eventos *stressantes*.

Segundo Schaie e Willis (2003), a transição para a idade adulta está marcada por uma série de acontecimentos, sendo os mais comuns o final da escolarização, o trabalhar e ser economicamente independente, viver fora da família, o ter um casamento e o praticar a paternidade ou a maternidade. Estes acontecimentos podem ocorrer de forma sequencial ou simultânea e o momento e o padrão podem variar segundo os indivíduos e a sua geração. Estes acontecimentos estão determinados pelas expectativas sociais e os cenários históricos.

Schaie e Willis (2003) explicam que Erikson introduziu o conceito de crise de identidade, para descrever o período que frequentemente decorre na adolescência, na qual a pessoa em desenvolvimento deve integrar novas habilidades, sentimentos, papéis e uma nova

aparência física. É de destacar que o desenvolvimento cognitivo tem extrema relevância para poder detetar a possibilidade de superdotação e talento, ao mesmo tempo em que se estimulam os motivos que levam os seres humanos a desenhar a sua própria vida.

Uma outra perspetiva, a abordagem ecológica do desenvolvimento humano, surgida da convicção de que o desenvolvimento e o comportamento humanos só encontram uma verdadeira significação quando devidamente contextualizados, apresenta como principal novidade nas suas conceções de indivíduo, de ambiente e, sobretudo, da interação entre ambos, o reforço da tendência para se olhar simultaneamente no sentido do indivíduo e para além do indivíduo, isto é, para o ambiente ecológico que o rodeia, feito de contextos e de relações. Assim, nesta perspetiva ecológica, o desenvolvimento ocorre na sequência de mudanças duradouras e estáveis na relação entre a pessoa e o seu meio ambiente, sendo caracterizado inicialmente por Bronfenbrenn.

A ecologia do desenvolvimento humano é o “estudo científico da acomodação progressiva e mútua, ao longo do ciclo de vida, entre um ser humano ativo e em desenvolvimento, e os contextos imediatos e em transformação em que a pessoa vive, sendo este processo afetado pelas relações que se estabelecem entre estes contextos” (Bronfenbrenner, 1989: 188).

Ao referir-se à sua teoria como "uma conceção desenvolvimental da pessoa em desenvolvimento", Bronfenbrenner (1989, 2005) sublinha o papel ativo dos indivíduos na modelagem das respetivas vidas, o que corresponde a uma visão do desenvolvimento como algo que traduz uma orientação "ativa e responsiva" do indivíduo face ao ambiente. Esta orientação vai sofrendo modificações ao longo do ciclo de vida, mas continua a expressar-se em idades mais avançadas de um modo claramente construtivo, o que contraria o que poderíamos aqui designar abreviadamente por uma perspetiva passiva e alienada da velhice.

Numa visão mais recente, Bronfenbrenner (1999, 2005; Bronfenbrenner e Morris, 2006) sugere uma nova compreensão do decurso da vida humana segundo uma conceção ecológica de desenvolvimento humano, introduzindo-lhe novos elementos e fazendo emergir uma estrutura mais complexa e mais dinâmica, que recebe a designação de "modelo bioecológico". Para Bronfenbrenner (1999, 2005; Bronfenbrenner e Morris, 2006), os vetores primordiais que formam o modelo bioecológico incorporam as características do contexto, o

fator temporal e a natureza ativa dos seres humanos: "dentro dos limites e oportunidades proporcionados pelas condições históricas, culturais, e socioeconômicas em que vivem, os seres humanos influenciam o seu próprio desenvolvimento - para melhor ou para pior - através das suas escolhas e dos seus atos" (Bronfenbrenner, 1999: 22). Com efeito, no modelo bioecológico, as características de uma "pessoa em desenvolvimento" num determinado momento da sua história resultam de uma série de efeitos cumulativos/interativos, pelo que estamos perante um modelo que realça devidamente o carácter ativo das pessoas em relação ao seu próprio desenvolvimento, simultaneamente produtos e produtores de desenvolvimento.

Para Overton (2006), a teoria da ação em geral e o conceito de controle (Brandtstadter, 1984) nela inscrito, representam uma abordagem "centrada na pessoa" suscetível de permitir o estudo de processos e operações implicados na atribuição/produção de sentido ao modo como a atividade humana se desenrola, considerando Overton que ao falar-se de ação humana está-se necessariamente a falar também de projetos, intenções, objetivos, motivos, razões, interpretações e por aí adiante, noções às quais a teoria da ação e do controle pessoal recorre frequentemente.

Nesta teoria, o desenvolvimento individual ao longo do ciclo de vida é um processo que se fundamenta e regula através da ação individual e social. Esta ação é concebida como um *construto* que é formado (mais do que determinado) através da conjugação de certos atributos, como expectativas, valores e crenças, devendo encarar-se esse desenvolvimento como algo que não pode ser dissociado de uma estrutura mais vasta. Inerente a esta conceção preside, assim, a ideia de que o desenvolvimento humano é também um produto cultural, entendendo-se aqui por cultura todas aquelas condições de vida que são transformadas através de uma ação intencional, de acordo com as necessidades, exigências e ideais da vida humana e da existência social.

A teoria da ação e do controlo pessoal sobre o desenvolvimento parte do princípio que cada pessoa se esforça por atingir determinados "fins" ou "objetivos desenvolvimentais", procurando, nessa medida, modelar o seu próprio desenvolvimento através da seleção e/ou criação de "condições ecológicas artificiais" - por exemplo, um determinado emprego, uma família, um local para viver -, ajustadas quer aos seus interesses, quer às suas capacidades e

competências (Brandtstadter, 1990). Esta possibilidade de "construção" ou "produção" do próprio desenvolvimento deve, porém, ser encarada dentro de certos limites. De facto, elementos intencionais e acidentais intervêm sempre na história de vida do indivíduo, sendo julgados pelos indivíduos como circunstâncias que podem ser alteradas, modificadas ou aceites, variando muito de pessoa para pessoa esse julgamento e a ação daí decorrente. Para entender estas diferenças individuais é que Brandtstadter propõe o conceito de controlo sobre o desenvolvimento (Brandtstadter, 1984), destacando-se aqui, nomeadamente, o sentido de controlo pessoal que se exerce sobre áreas importantes e subjetivas do desenvolvimento.

Este controlo, porém, não é total. A pessoa não está só enquanto "produtora" do seu desenvolvimento, havendo diferentes tipos de constrangimentos com que necessita de lidar (leis naturais, restrições éticas e legais, organização dos sistemas sociais, limitações no funcionamento dos organismos vivos), esperados e controláveis ou fortuitos e imprevisíveis. Na medida em que o desenvolvimento "implica uma mudança nos padrões transacionais que relacionam o organismo humano com o seu ambiente físico e social" (Brandtstadter, 1990: 160), a regulação desse desenvolvimento e das mudanças que lhe estão associadas ao longo da vida torna-se uma área importantíssima de controlo.

Falar-se de controlo pessoal sobre o desenvolvimento - que Brandtstadter descreve como "um sentido de controlo individual sobre áreas subjetivamente importantes do desenvolvimento pessoal" (Brandtstadter, 1989: 96) - implica, justamente, que na base de certas expectativas sociais relativas ao desenvolvimento humano reside a ideia de que cabe ao ser humano controlar ativamente o curso da sua vida, esforçando-se por manter um equilíbrio favorável entre ganhos e perdas através de um duplo processo de ajustamento (Brandtstadter, Krampen e Greve, 1987). Com efeito, se por um lado a pessoa procura ajustar a sua ação individual tendo em vista a concretização de objetivos previamente fixados, por outro lado, perante os insucessos, a pessoa focaliza a atenção na discordância existente entre as suas aspirações e os resultados alcançados, ajustando os objetivos pessoais às suas capacidades e competências. Este duplo processo - ajustamento da ação em função de objetivos pré-determinados e ajustamento de objetivos em função de constrangimentos -, desenrola-se frequentemente de uma forma não consciente e é suscetível de conduzir o indivíduo a

estados de perturbação emocional (perda de bem-estar, tristeza ou mesmo depressão), ficando patente a ligação aqui existente entre o controlo das crenças e dos objetivos (dimensão cognitiva), o controlo da ação (dimensão comportamental) e o controlo dos estados emocionais (dimensão afetiva) (Brandtstadter, 1984, 1989).

Noutro plano e tendo presente uma aproximação holística ao desenvolvimento individual, Bergman (2004) alerta para as limitações dos métodos estandardizados orientados para o estudo de variáveis pré-definidas, os quais fornecem uma informação limitada acerca da dinâmica pessoal do desenvolvimento: ao nível individual, o que se esconde por detrás de um coeficiente de correlação? Este autor propõe, em alternativa, o recurso a métodos de natureza exploratória e a métodos baseados em modelos, por meio dos quais seja possível proceder, por exemplo, à classificação de trajetórias desenvolvimentais dinâmicas e não-lineares, estudando "histórias de vida individuais" e fazendo uso de metodologias intensivas no estudo do envelhecimento como uma ferramenta da maior "utilidade e sentido prático" em tal domínio.

I.5 Fases da vida adulta e ciclos de vida

Cada estudioso do desenvolvimento humano tem a sua própria divisão do ciclo vital em estágios.

Ao contrário do que era aceite anteriormente, o desenvolvimento não para repentinamente após a adolescência (Papalia e Olds, 2000). Os autores também afirmam que as mudanças durante a idade adulta podem ser mais graduais e menos dramáticas do que na infância, além de não serem todas positivas, mas não deixam de ser menos reais.

O início da vida adulta é definido como o período aproximadamente entre os 20 e os 40 anos de idade, sendo que, durante estas duas décadas, os seres humanos estabelecem as bases para a grande parte do seu desenvolvimento posterior: a sua saúde, a sua felicidade e o seu sucesso (Papalia e Olds, 2000). Os mesmos autores definem ainda como principais aspetos do desenvolvimento do jovem adulto: a saúde física atinge o máximo, depois cai ligeiramente; a habilidade cognitiva assume uma maior complexidade; as decisões sobre os rela-

cionamentos íntimos são tomadas; a maioria das pessoas casa-se e tem filhos; e as escolhas profissionais são feitas.

Mosquera (1982) apresenta a vida adulta em três fases: adultez jovem, adultez média e adultez velha. Dentro destas três fases de vida adulta, outras subcategorias se apresentam, cronologicamente. O autor esclarece “que cada fase tem uma problemática específica, dividida em sub-problemáticas que atingem as pessoas nos seus momentos decisivos ante o seu próprio projeto vital e as suas relações com os outros” (Mosquera, 1982: 98).

Apesar das controvérsias a respeito de que idades estão englobadas nos diferentes períodos da vida, Mosquera (1982) refere que a adultez jovem estaria, aproximadamente, entre os 18-20 e os 35-40 anos, subdividindo-se depois numa fase inicial, denominada adultez jovem inicial, com idade aproximada entre os 20 e 25 anos; em seguida, a adultez jovem plena que compreende os 25 a 35 anos (o adulto toma consciência da chegada da sua existencialidade adulta e procura dar significância pessoal a si próprio), e, por fim, a adultez jovem final, entre os 35 aos 40 anos de idade (o indivíduo vivencia situações que lhe atribuem o verdadeiro valor da sua existência e compreende, ou pelo menos idealiza, o que constituirá a sua realização); a adultez média, pode começar entre os 35 a 40 anos e termina entre os 65 e 70 anos (as pessoas veem-se implicadas no cuidado dos seus filhos adolescentes e jovens e, conseqüentemente, dos seus pais que envelheceram; estas três gerações frequentemente estão em contacto, na nossa sociedade. Por isso, cuidar dos pais mais idosos é uma parte da experiência de vida da adultez média e pode ser um momento de grande crescimento e de possibilidade de autoatualização e, ao mesmo tempo, um período de depressões e crises) cujas subdivisões são a adultez média inicial, compreendendo a faixa etária dos 40 aos 50 anos, a fase dos 50 aos 60, nomeada de adultez média plena, e a adultez média final, aproximadamente, dos 60 aos 65-70 anos da idade cronológica e, finalmente, a adultez velha depois dos 65-70 anos até à morte, subdividida em adultez velha inicial, seguida da adultez velha plena, depois de 70 a 75 anos e, por último, adultez velha final, aproximadamente dos 75 anos até à morte.

O adulto jovem está dotado dos mais fortes impulsos, os quais se manifestam tanto pela impulsividade, como pelo emprego vivo de todas as suas forças, pela alegria de viver e pelo prazer da existência. Na adultez jovem, o ser humano procura uma valorização pessoal,

objetivando um desejo intrínseco da avaliação positiva da sua pessoa pelos conhecimentos até então adquiridos e construídos, sempre numa expectativa de alcançar uma avaliação positiva frente ao social, a respeito de si mesmo. O adulto jovem deseja recompensas rápidas e externas das suas motivações e procura experimentar e demonstrar muita competência, entre produções próprias das suas investidas socioeconómicas e desejos intrínsecos. O crescimento na procura da própria realização, não se refere apenas aos poderes económicos adquiridos na vida adulta, mas conforme Mosquera (1982: 100), o fundamental é que “a pessoa [se] dá conta da importância que ela tem como ser humano”.

Na segunda fase da vida adulta, a adultez média, o ser humano alcançou os seus objetivos particulares de família constituída, de empregabilidade e de moradia, e entre outras percepções acerca da vida.

No adulto médio, segundo Mosquera (1987: 96), existe uma tendência à extroversão, isto é, uma visualização para o mundo exterior. O adulto médio sente-se possuído por interesses objetivos, deseja ser eficaz e ter êxito. Provavelmente, para dar mais firmeza e conteúdo à segurança da sua própria pessoa.

O que motiva o adulto, nesta fase é a própria disponibilidade. Assim, pode ser que na adultez média inicial se revele um adulto que se preocupa mais com os outros indivíduos à sua volta do que propriamente com seus desejos e perspectivas, que resultem em consequências positivas ou negativas nas suas subjetividades. Mosquera (1982: 101) salienta que “muitos dramas se escondem entre os 40 e 50 anos de idade: fracassos afetivos, sexuais, medos, ansiedades e angústias”. O ser humano, com o seu potencial resiliente, abarcará distintas aprendizagens.

Na fase posterior, na adultez média plena, os sentimentos pessoais da fase anterior, ficam mais evidenciados pelas percepções clarificadas das ações sociais. Estas atitudes são dificultadas pelas características próprias das idades dos 50 aos 60 anos, pois as condições físicas não limitam as potencialidades de realização dos desejos intrínsecos de cada ser humano.

Na adultez média final, dos 60 aos 65 anos, agrava-se a preocupação com a reforma ou aposentação, assim como aumentam as probabilidades de desempenho de ocupações

socioculturais. Há um desejo intrínseco de ser recompensado por tudo de útil que se tenha produzido ou que se perceba capaz de realizar.

Neste momento da vida adulta fica evidente a necessidade de ressignificar todas as condutas sociais e procurar modos significativos de viver pessoalmente. Os motivos internos de se tornar útil aos outros, talvez pela disponibilidade de tempo, ou por motivações externas de se sentir bem, assim como a procura de uma qualidade de vida não descoberta, poderão ser alguns dos aspetos que possibilitem novas vivências.

Na terceira e última fase da vida adulta, segundo Mosquera, na adultez velha ou adultez tardia, cada ano vivido traz ímpares singularidades, um percurso existencial de grande representatividade pessoal, talvez pelo declínio biológico e pela proximidade do final da vida humana.

No período existencial dos 65 aos 70, na fase da adultez velha inicial, ainda decorrem os desejos de realizações pessoais que, muitas vezes, a própria sociedade culturalmente construída, acaba por arruinar com discriminações e gestos de intolerâncias.

Salienta-se ainda, que na adultez tardia, o declínio das capacidades físicas, especialmente as condições motoras, acaba por determinar o desinteresse nas responsabilidades sociais. O que, conseqüentemente, contribui para um envelhecimento mais acelerado, sempre que não houver um motivo extrínseco que recupere a motivação intrínseca proativa.

Com tantas circunstâncias sociais vivenciadas dos 70 aos 75 anos, etapa da vida adulta velha plena, o indivíduo sente o desejo de demonstrar do que ainda é capaz, do seu controlo pessoal, evidenciando o desejo de ser autónomo e não de depender de outras pessoas para fazer aquilo que entende, visando demonstrar a sua autonomia.

A partir desta vontade de ser autónomo, o indivíduo adulto tardio ou avançado tem uma necessidade incondicional de ser aceite como ele é. Tem desejo de partilhar as suas vivências, de ser ouvido, de ter o prazer de dedicar o seu “precioso” tempo às suas possibilidades, sem se preocupar com as manifestações de repúdio do social.

Para Schaie e Willis (2003), o terceiro momento da vida adulta, denominado por alguns de adultez tardia ou envelhecimento, pode dividir-se ainda em três subgrupos, que diferem de forma significativa: os vigorosos anciãos jovens (permanecem ativos e comportam-se

em muitos aspetos como na idade adulta média), os mais lentos anciãos (mostram uma maior incidência de debilidade física, mas muitos são capazes de viver uma vida plena, usando as ajudas ambientais e pessoais) e os muito anciãos (estão incapacitados física e mentalmente, e precisam de um sistema de ajuda intensiva, algumas vezes em instituições).

Em todas estas representações pessoais percebe-se a configuração do social alicerçando e atribuindo às realizações de cada indivíduo adulto, de inter-relações a intrarrelações que se estabelecem. Neste sentido, Mosquera (1982: 96) afirma: “cremos que entender o adulto é entender o fenómeno abrangente da sociedade que nos rodeia”.

Berger (2003) e Bee (1997) dividem o ciclo de vida em sete estágios, respetivamente: os dois primeiros anos: pré-natal e nascimento; a época do brincar, dos 2 aos 6 anos; os anos escolares, dos 6 aos 12 anos; a adolescência; o início da idade adulta ou início da vida adulta; a idade adulta intermediária ou a vida adulta intermediária e a idade adulta avançada ou vida adulta tardia. E Papalia e Olds (2000) usam oito períodos: pré-natal; primeira infância; segunda infância; terceira infância; adolescência; jovem adulto; meia-idade e terceira idade.

Baltes e colaboradores e Smith e Baltes, citados por Berger (2003) e Baltes, citado por Papalia e Olds (2000), apresentam a perspetiva do desenvolvimento do ciclo de vida em estágios. Consideram cinco diferenças características de desenvolvimento, que são: a multidirecionalidade; a multicontextualidade ou o contexto; a multiculturalidade ou a história; a multidisciplinaridade ou a causalidade múltipla e a plasticidade.

Gallahue e Ozmun (2005) dividem o ciclo vital em quatro estágios: primeira infância; infância; adolescência e idade adulta.

Para Santos e Antunes (2007), a adultez apresenta-se com novas responsabilidades, nos novos referenciais de existencialidade, nas novas conquistas, na procura de um maior entendimento, desta importante e mais abrangente etapa da vida humana.

Antunes (2007: 52) assinala que “ao ressaltar a não linearidade das divisões da vida adulta, aponta-se a muitas caracterizações, seja pela forma como a maturação e desenvolvimento psicológico acontece, como pelas responsabilidades e realidades que o social lhe propuser”.

Percebe-se assim, que as transformações biológicas, em várias etapas da vida adulta, acabam por interferir, ou mesmo por determinar, as mudanças psicológicas de cada indivíduo e vice-versa. Pois, em situações adversas revelam-se processos de amadurecimento que podem provocar a efetivação da resiliência de maneira distinta em cada ser humano, em cada circunstância, em cada etapa da vida.

Síntese

É evidente que os adultos vivem, atualmente, maiores expectativas de vida e melhores possibilidades de futuro, pois os avanços na área da medicina e a melhor qualidade de vida, faz com que eles possuam melhores condições na sua existência e mais possibilidades de desenvolvimento cognitivo através das suas próprias experiências vitais.

A vida, por outro lado, passou a ser vivida no presente, no agora, dentro de uma visão holística – levando em conta o todo da pessoa; que os acertos criativos são efetuados de acordo com as necessidades individuais atuais; a aprendizagem e o cultivo dos aspectos positivos (os ganhos) que emergem com a chegada e a convivência com a idade avançada tornam-se um problema para cada vez mais gente; ver reconhecido o valor e o sentido da vida, mediante mudanças de hábitos e atitudes, nomeadamente problematizando o desenvolvimento interior e espiritual e a aceitação da morte, torna-se um tema emergente.

Em suma, o estudo da idade adulta, considerado na ótica da psicologia do ciclo de vida, enuncia as seguintes três variáveis explicativas da mudança desenvolvimental: idade, *coorte* e acontecimentos de vida. Como a psicologia do desenvolvimento humano ao longo do ciclo de vida não dispõe, até ao momento, de uma teoria unificadora, é natural que as perspectivas teóricas que se inscrevem neste grande quadro de referência tenham desenvolvido múltiplas abordagens metodológicas. Do conjunto de temas mais frequentemente evidenciados pelos autores, numa visão desenvolvimental de ciclo de vida, poderíamos sinalizar dois tópicos que têm adquirido uma expressão mais visível entre os investigadores conotados com a psicologia desenvolvimental do ciclo de vida: (a) continuidade/ descontinuidade, (b) multilinearidade/ multidimensionalidade.

A visão geral de que os indivíduos são produtos e produtores do seu próprio desenvolvimento ajuda-nos a conceber a mudança ontogenética não apenas como um resultado mas também como um alvo intencional de ação humana, valorizando o facto de que o indivíduo desempenha um papel ativo na construção do seu próprio desenvolvimento. A possibilidade de os indivíduos poderem selecionar ou criar contextos com os quais possam juntar os seus interesses e os seus potenciais de desenvolvimento caminha a par com uma atitude positiva e confiante face à vida e ao futuro, e toma a intencionalidade como uma dimensão indispensável para explicar o desenvolvimento psicológico e compreender o modo como as pessoas constroem as diversas fases do seu desenvolvimento pessoal ao longo do ciclo de vida.

A consideração simultânea da possibilidade de se exercer o controlo intencional sobre o desenvolvimento e da importância primordial da plasticidade humana na forma como essa intencionalidade age, reflete a integração de dados provenientes da biologia (que estabelece normas que limitam os resultados desenvolvimentais possíveis) e da cultura (pode compensar lacunas em termos de especialização adaptativa).

Em cada etapa da vida adulta, ou nas suas subdivisões, revelam-se características e processos de crescimento, que envolvem momentos de transições, de crises, de passagens de um estado emocional psicológico para um outro, no que se refere ao desenvolvimento e amadurecimento pessoal, em busca da autorrealização para Lerner, Easterbrooks e Mistry (2003). Atualmente, a pessoa em desenvolvimento deixa de ser biologizada, ou psicologizada, ou sociologizada. O indivíduo é sistemizado, ou seja, o seu desenvolvimento é concetualizado e estudado tendo em conta a sua integração numa matriz de variáveis que derivam de múltiplos sistemas de organização (ibidem, 2003).

A ciência desenvolvimental (Bornstein e Lamb, 2005; Lerner, 2006) é uma área de estudo e de pesquisa que aproxima diferentes correntes de pensamento, da biologia à psicologia e desta à antropologia e à sociologia. Ao encarar o desenvolvimento como um fenómeno biopsicossocial, que envolve e incorpora níveis de organização muito diversos entre si, da biologia (Gottlieb, Wahlsten e Lickliter, 2006) e da genética (Overton, 2006) às dinâmicas histórica e sociocultural (Elder e Shanahan, 2006), o paradigma contextualista assume-se como uma importante base teórica e metodológica para a descrição e para a explicação da

variabilidade interindividual e da plasticidade intraindividual ao longo da vida humana (Fonseca, 2007).

Capítulo II - Andragogia

Não importa que eu tenha uma opinião diferente do outro. Mas que o outro encontre o certo, a partir de si próprio, se eu contribuir um pouco para tal.

(Rudolf Steiner (1988))

Introdução

De todos os seres da natureza, o homem é o único ser consciente pelos atos que pratica e o único que tem a capacidade de aumentar os seus conhecimentos por vontade própria. Por isso, é o mais desenvolvido de todos.

O homem necessita de evoluir através de uma aprendizagem contínua durante todo o seu viver. Dizer que a procura de novos conhecimentos acaba em determinado estágio da vida, é uma grande ilusão.

Esta aprendizagem inicia-se com os pais durante a infância, passa pelos professores até ao final da adolescência e início da vida adulta (dos ensinos básicos e secundário à universidade) e tem continuidade ao longo da vida.

A maturidade da fase adulta traz-nos a independência. As experiências proporcionam-nos aprendizagens, os erros trazem-nos vivências que nos vão marcando para toda a vida. Somos, então, capazes de criticar e analisar situações, fazer paralelos com as experiências já vividas, aceitar ou não as informações que nos chegam.

Mesmo diante de tantas transformações na vida do ser humano, os sistemas tradicionais de ensino continuam estruturados como se a mesma pedagogia utilizada para as crianças devesse ser aplicada aos adultos. Todas as informações, que a criança absorve, não são possíveis de serem observadas na fase adulta. O adulto desenvolve uma habilidade ou capacidade mais intelectual, quer experimentar e quer vivenciar.

Assim, a educação de adultos implica a compreensão do ser humano na idade adulta. O adulto é “um ser em desenvolvimento histórico que, diante da herança da sua infância, da

sua passagem pela adolescência e o caminho do envelhecimento, continua o processo de individualização do seu ser e da sua personalidade” (Ludojoski, 1972: 20).

O vocábulo “andragogia” foi formulado originalmente por Alexander Kapp, professor alemão, em 1833, caiu em desuso e reapareceu em 1921, no relatório de Rosenstock, apontando que a educação do adulto requer professores, métodos e filosofias diferenciados. Lindeman (1926) adotou o termo de Rosenstock e usou-o, algumas vezes, nos Estados Unidos, e descreveu assim, os cinco pontos-chave para a educação de adultos:

1 – os adultos são motivados a aprender à medida que percebem que as necessidades e os interesses que procuram estão e continuarão a ser satisfeitos. Por isso, estes são os pontos mais apropriados para se dar início à organização das atividades de aprendizagem dos adultos;

2 - a orientação da aprendizagem dos adultos está centrada na sua vida; portanto, as unidades de ensino apropriadas para organizar o seu programa de aprendizagem são as situações de vida e não as disciplinas. O aluno é quem deve determinar junto dos professores o que deve ser ensinado, para que seus anseios sejam satisfeitos;

3 - a experiência é a fonte mais rica para o adulto aprender; assim, o centro da metodologia da educação do adulto é a análise das experiências externas e do próprio cotidiano de cada aluno. Praticamente todo o conteúdo deve ser de utilidade prática e imediata; porém, devem resultar em mudanças de atitude e aperfeiçoamento de habilidades / capacidades passíveis de gerar resultados a longo prazo. O adulto aprende com aquilo que faz e com que vivencia, sendo a experiência o seu próprio manual;

4 – os adultos têm uma profunda necessidade de ser autodirigidos: por isso o papel dos professores é interagir no processo de mútua investigação com os alunos e não apenas transmitir-lhes o seu conhecimento e depois avaliá-los;

5 - as diferenças individuais entre as pessoas crescem com a idade; desta forma, a educação de adultos deve considerar as diferenças de estilo, de tempo, de lugar e de ritmo de aprendizagem.

Desde a década de 60, do séc. XX, o vocábulo andragogia tem sido bastante utilizado, em França, na antiga Jugoslávia e na Holanda para se referir à disciplina que estuda o proces-

so de instrução do adulto ou a ciência da educação do adulto (Nottingham Andragogy Group, 1983: v).

A crítica da forma escolar de ensino que emergiu nos anos 60, resultou na criação de um movimento teórico que reclamou uma especificidade para ensinar os adultos, a andragogia. Foi Malcolm Knowles a introduzir novamente este vocábulo na literatura científica americana (Estados Unidos da América), através de um artigo publicado em 1968. Rapidamente, o termo difundiu-se por todo o mundo, tornando-se, intrinsecamente ligados, o termo andragogia e o nome de Knowles, ao longo da segunda metade do século passado, enquanto teoria ou sistema de ideias, de conceitos e de aproximações com a aprendizagem do adulto.

A andragogia, a partir dos fundamentos de Knowles que, primeiramente, definiu o termo “andragogia como a arte e a ciência de ajudar os adultos a aprender, em contraste com a pedagogia como a arte e a ciência de ensinar crianças” (Knowles, 1980: 43), porém, em seguida, ele reconheceu que a andragogia encerra apenas um outro modelo de princípios da aprendizagem. Considera ainda que “muitos dos princípios da andragogia são pertinentes à educação de crianças e de jovens” (ibidem: 58).

Knowles chegou a indicar que os dois conceitos formariam um *continuum* indo da educação centrada no professor à educação centrada no aluno. O facto é que os cinco princípios (ou hipóteses ou pressupostos) da Andragogia têm sido validados pela prática e têm sido de grande valia nos projetos de eventos educacionais voltados para adultos.

A teoria andragógica está assim baseada em premissas que indicam distinções, do ponto de vista da aplicabilidade do conhecimento e do método de ensinar, entre o ensino voltado para alunos adultos e o ensino de crianças.

Apresentar-se-á, de seguida, na tabela 1, uma síntese dos princípios desta teoria de aprendizagem (andragogia), que estão alicerçados em, pelo menos, quatro suposições cruciais sobre as características dos alunos adultos (aprendizes), que são diferentes das suposições sobre as crianças em que a pedagogia tradicional é estabelecida como premissa.

Não deve ser esquecido é que várias transformações ocorrem no ser humano à medida que se vão tornando mais maduros. Knowles (1980: 43-56) descreve-as assim:

1. Autonomia: o adulto sente-se capaz de tomar suas próprias decisões (auto-administrarse) e gosta de ser percebido e tratado como tal pelos outros, isto é, o seu auto-conceito move-se de um ser, de uma personalidade dependente para um autodirecionado.

2. Experiência: a experiência de vida acumulada pelos adultos é o fundamento para o aluno de novos conceitos e novas habilidades, isto é, o seu reservatório de experiências acumula-se e transforma-se num recurso crescente para aprender.

3. Prontidão para a Aprendizagem: o adulto tem maior interesse em aprender aquilo que está relacionado com situações reais da sua vida, isto é, a sua prontidão a aprender torna-se orientada, cada vez mais, pelas tarefas de desenvolvimento dos seus papéis sociais que serão utilizados na sua vida pessoal e profissional. Esperam ainda uma imediata aplicação prática do que foi aprendido e reduzem o seu interesse para conhecimentos de aplicação futura.

4. Aplicação da Aprendizagem: as visões do futuro e do tempo do adulto levam-no a favorecer a aprendizagem daquilo que possa ter aplicação imediata e a sua orientação para a aprendizagem desloca-se de uma aprendizagem centrada nas disciplinas para uma centrada nos problemas e desafios do quotidiano (Knowles, 1980: 44-45).

5. Motivação para Aprender: os adultos são mais afetados pelas motivações internas do que pelas motivações externas. É de lembrar que as motivações externas estão ligadas seja ao desejo, seja ao de obter prémios ou compensações, seja ao desejo de evitar punições; as motivações internas estão ligadas aos valores e objetivos pessoais de cada um. Esta quinta premissa foi adicionada mais tarde, a motivação para aprender, que é interna no indivíduo amadurecido, como desejar uma promoção, sentir-se realizado por ser capaz de realizar uma ação recém aprendida, melhorar a sua qualidade de vida, etc. Esta motivação interna é muito mais intensa do que as motivações externas como notas e avaliações de provas e testes (Knowles, 1984: 12).

Apresentamos de seguida um mapa “conceitual” sobre os princípios da andragogia, proposto por Cavalcanti (2007).

Figura 1: Mapa conceitual da andragogia



Fonte: Cavalcanti (2007), in <http://andragogiaonline.blogspot.pt/2008/04/mapa-conceitual-andraggico.html>

Decorrem destes princípios, alguns conceitos importantes para o projeto de ambientes e processos educacionais voltados para os adultos; entre eles estão os seguintes:

- a) os adultos querem entender o porquê da necessidade de aprender uma certa coisa,
- b) os adultos gostam de aplicar o seu conhecimento prévio no processo de aprendizagem,

c) os adultos interessam-se mais pela aprendizagem de coisas que possam aplicar imediatamente,

d) os processos de aprendizagem voltados para os adultos devem ser centrados em problemas e não em conteúdos (sempre que possível).

II.1 Pedagogia e Andragogia

A totalidade dos princípios atrás expostos não são exclusivos dos adultos, é frequentemente recomendada também para a formação dos jovens.

Ao contrário da formação das crianças e dos jovens, onde o professor tudo decide e tudo controla no processo de aprendizagem, Malcolm Knowles sustentou uma visão completamente diferente do papel do adulto no processo de aprendizagem.

Canário (1999), Jarvis (1989) e Knowles (1980) sintetizam, da seguinte forma, as diferenças encontradas entre pedagogia e andragogia:

Tabela 1: Comparação entre o modelo pedagógico e o modelo andragógico

| | Modelo Pedagógico | Modelo Andragógico |
|--|--|--|
| | Crianças e Jovens | Adultos |
| Conhecer (Necessidade de saber) | Os alunos apenas precisam de saber que devem aprender aquilo que o professor lhes ensina. | Antes de iniciar um processo de aprendizagem, os adultos têm a necessidade de saber por que razões essa aprendizagem será útil e necessária. |
| Autonomia (Conceito de si / Autoconceito) | O professor tem do aluno a imagem de um ser dependente. É esta dependência que marca, também, a auto imagem daquele que aprende. | Os adultos têm consciência de que são responsáveis pelas suas decisões e pela sua vida. Por consequência, torna-se necessário que sejam encarados e tratados como indivíduos capazes de se auto gerir. |

| | Modelo Pedagógico | Modelo Andragógico |
|---|---|---|
| | Crianças e Jovens | Adultos |
| Experiência (Papel da experiência) | A experiência daquele que aprende é considerada de pouca utilidade. O que é importante é a experiência do professor (ou o do autor do manual, ou dos materiais pedagógicos). | Os adultos são portadores de uma experiência que os distingue das crianças e dos jovens. Em numerosas situações de formação, são os próprios adultos, com a sua experiência, que constituem o recurso mais rico para as suas aprendizagens. |
| Vontade de aprender (prontidão da aprendizagem) | A disposição para aprender aquilo que o professor ensina tem como fundamento critérios e objetivos internos à lógica escolar, ou seja, a finalidade de obter o êxito e a progressão, em termos escolares. | Os adultos estão dispostos a iniciar um processo de aprendizagem desde que compreendam a sua utilidade para melhor afrontar problemas reais da sua vida pessoal e profissional. |
| Aplicação da aprendizagem (orientação da aprendizagem) | A aprendizagem é encarada como um processo de aquisição de conhecimentos sobre um determinado tema. Isto significa que é dominante uma lógica centrada nos conteúdos (e não em problemas). | Nos adultos, as aprendizagens são orientadas para a resolução de problemas e tarefas com que se confrontam na sua vida quotidiana (o que se desaconselha uma lógica centrada nos conteúdos). |
| Motivação (motivação para aprender) | A motivação para a aprendizagem é, fundamentalmente, o resultado de estímulos externos ao sujeito como é o caso das classificações escolares, das pressões familiares e das apreciações do professor. | Os adultos são sensíveis a estímulos de natureza externa (promoção profissional, notas / classificações, por exemplo), mas o principal fator de motivação para a realização das aprendizagens são fatores de ordem interna (satisfação, autoestima, qualidade de vida, etc.). |

Esta perspetiva dicotómica da educação é atualmente bastante criticada. Primeiro, pelo seu carácter demasiado simplificador do ensino escolar. Em segundo, porque se limita a transpor para a formação de adultos as conceções educativas da Escola Nova ou da escola

ativa (Manacorda, 1992: 311). Por último, não se trata de uma teoria baseada em observações no terreno, mas trata-se de uma construção ideológica sobre a educação que tanto se aplica a adultos como a jovens.

II.2 Opiniões críticas à Andragogia

Apesar da sua popularidade, à andragogia são impostas críticas. Tennant (1997), por exemplo, argumenta que o sistema de valores da andragogia está centrado no âmbito individual e relega o grupo para um segundo plano. Hartree (1984) questiona se esta é uma teoria ou um conjunto de suposições sobre a aprendizagem e se os princípios encerram uma teoria ou orientam a prática andragógica. Em outras investigações, também, se encontram formulações oponentes e proponentes à teoria andragógica, sendo estas últimas em maior proporção, como se verifica em: Carlson (1989); Brocket e Hiemstra (1991); Holmes e Abington-Cooper (2000) e Alcalá (2005).

Larrosa e Kohan (2002: 5) acentuam a importância da experiência do aluno: “A experiência, e não a verdade, é o que dá sentido à educação. Educamos para transformar o que sabemos, não para transmitir o que é sabido”.

Márquez (1998) em palestra no Primeiro Encontro Nacional de Educação e Pensamento, na República Dominicana, cita: “A andragogia na essência é um estilo de vida, sustentado a partir de conceções de comunicação, respeito e ética, através de um alto nível de consciência e compromisso social” (citado por Hermoso, 2005: 74) complementa ainda: “As regras são diferentes, o mestre (facilitador) e os alunos (participantes) sabem que têm diferentes funções, mas não há superioridade e inferioridade, normalmente não é o mesmo o que acontece na educação com crianças” (ibidem: 74).

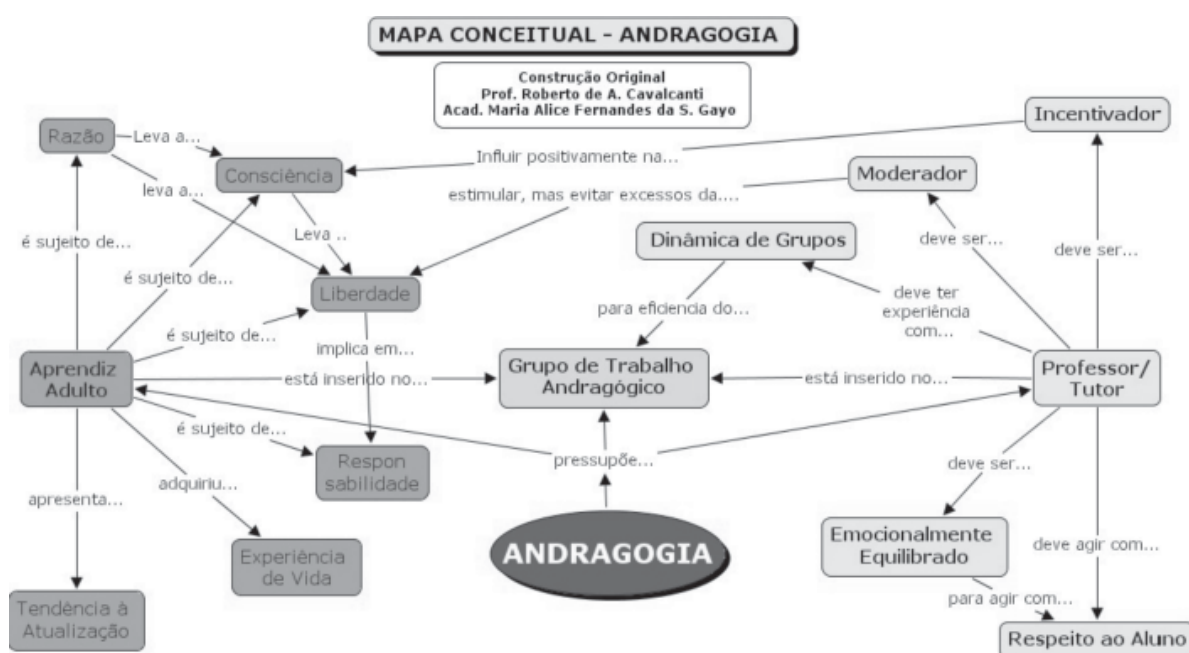
Freire (1987: 68), afirma “ninguém educa ninguém, nem ninguém aprende sozinho, nós homens (mulheres) aprendemos através do mundo”. E Freire (1996: 52) diz ainda “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua produção ou a sua construção”.

A principal crítica dos andragogistas, aos modelos anteriores, assentava na convicção que a oferta educativa dirigida aos adultos não tinha em conta as suas características pesso-

ais e, em particular, as suas experiências. Havia uma diferença radical entre a formação de adultos e a formação das crianças ou dos jovens que fora durante séculos omitida, conduzindo ao seu insucesso. A motivação dos adultos estava diretamente ligada a uma maneira nova de aprender.

Mais uma vez, Cavalcanti (2007) apresenta o seguinte mapa “conceitual” sobre o grupo de trabalho andragógico, na figura seguinte:

Figura 2: Mapa conceitual da andragogia: Grupo de trabalho andragógico



Fonte: Cavalcanti (2007) in <http://andragogiaonline.blogspot.pt/2008/04/mapa-conceitual-andragogia-atitudes-e.html>

Ao longo dos anos foram se estabelecendo um conjunto de princípios pedagógicos - ou andragógicos - de carácter geral, que passaram a ser seguidos em muitos programas de formação, dirigidos para adultos, sejam eles de alfabetização ou de formação permanente ou de formação ao longo da vida. Sarramona (1995: 36) sintetizou-os da seguinte forma:

a) Personalização do processo formativo, de modo que a aprendizagem se adapte às possibilidades, características e interesses pessoais de cada indivíduo;

b) Autoformação, como consequência lógica da característica anterior, o que permite que em inúmeros casos seja o próprio sujeito que aprende o gestor do processo, decidindo sobre as variáveis espaço-temporais do mesmo (aprende onde e quando quer). Este princípio requer materiais didáticos elaborados para o efeito. Desenvolve o sentido da responsabilidade;

c) Participação em todas as fases do processo formativo, desde a planificação prévia até à avaliação final. Só mediante a participação dos adultos / destinatários se poderá garantir a idoneidade do programa formativo, ao mesmo tempo conseguir-se-á também o seu envolvimento efetivo no programa;

d) Abertura a diversas ideias que podem confluir no programa de formação, como também a pessoas e grupos que podem aceder ao mesmo. Este princípio garante a democracia da formação;

e) Funcionalidade aplicativa dos conteúdos propostos, o que permitirá alcançar resultados imediatos úteis para os adultos envolvidos no processo de formação. A aplicabilidade é uma condição fundamental para motivar os adultos na aprendizagem proposta;

f) Análise crítica da realidade, fazendo de todo o programa de formação um processo de alargamento da sua liberdade pessoal e melhoria social e

g) Otimização dos recursos disponíveis, porque estes serão sempre escassos e as necessidades crescem continuamente.

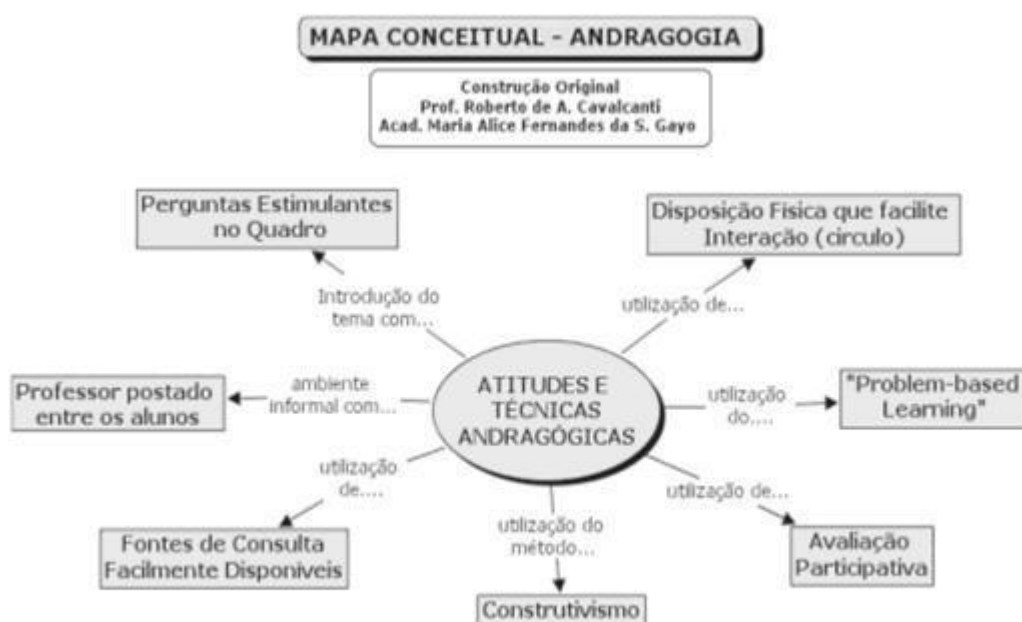
Alcalá (1997: 18) coaduna-se com o pensamento de Knowles e caracteriza que a andragogia “sendo parte da antropologia e estando imersa na educação permanente, desenvolve-se através de uma *praxis* fundamentada nos princípios da participação e horizontalidade”. O processo educativo é orientado pelo facilitador da aprendizagem (professor), com o propósito de incrementar o pensamento, a autogestão, a qualidade de vida e a criatividade do participante adulto, com vistas a lhe proporcionar uma oportunidade para que atinja a autorrealização (ibidem, 20). O pensamento andragógico parte de uma visão alargada da pessoa adulta, uma vez que permite ao indivíduo elaborar o conhecimento a partir da sua visão de mundo, considerando o ambiente social e de acordo com a experiência de vida pessoal, coletiva e institucional.

Para Márquez (1998), a metodologia que suporta o desenvolvimento deste processo educativo é a investigação-ação participativa; e a sua fundamentação assenta na possibilidade do processo da aprendizagem autodirigida.

Todos os princípios já mencionados, de acordo com Roberto Cavalcanti (1999), já estão a ser empregues na área dos recursos humanos “onde a gestão baseada em modelos andragógicos vem substituir o controlo burocrático e hierárquico, aumentando o comprometimento, a autoestima, a responsabilidade e a capacidade de grupos de funcionários resolverem seus problemas no trabalho”.

Apresentamos, agora, as atitudes e técnicas andragógicas, propostas por Cavalcanti (2007), na figura seguinte:

Figura 3: Mapa “conceitual” da andragogia: Atitudes e técnicas andragógicas



Fonte: Cavalcanti (2007) in <http://andragogiaonline.blogspot.pt/2008/04/mapa-conceitual-andragogia-atitudes-e.html>

Partindo da observação de Miller (citado por Cavalcanti, 1999) que afirma: os “adultos retêm apenas 10% do que ouvem após 72 horas, mas são capazes de lembrar 85% do que ouvem, veem e fazem após as mesmas 72 horas”, fica então claro que o “ouvir” e o “fazer” tornam-se os procedimentos fundamentais na aprendizagem de adultos.

Não basta apenas, portanto, o envolvimento do ser humano na esfera do “pensar”, através de estímulos lógicos e racionais. É necessário o envolvimento na esfera do “sentir”, proporcionando estímulos interiores e emocionais. Desta forma, o “sentir” estimula o “querer”, transformando em “vontade” e “ação”.

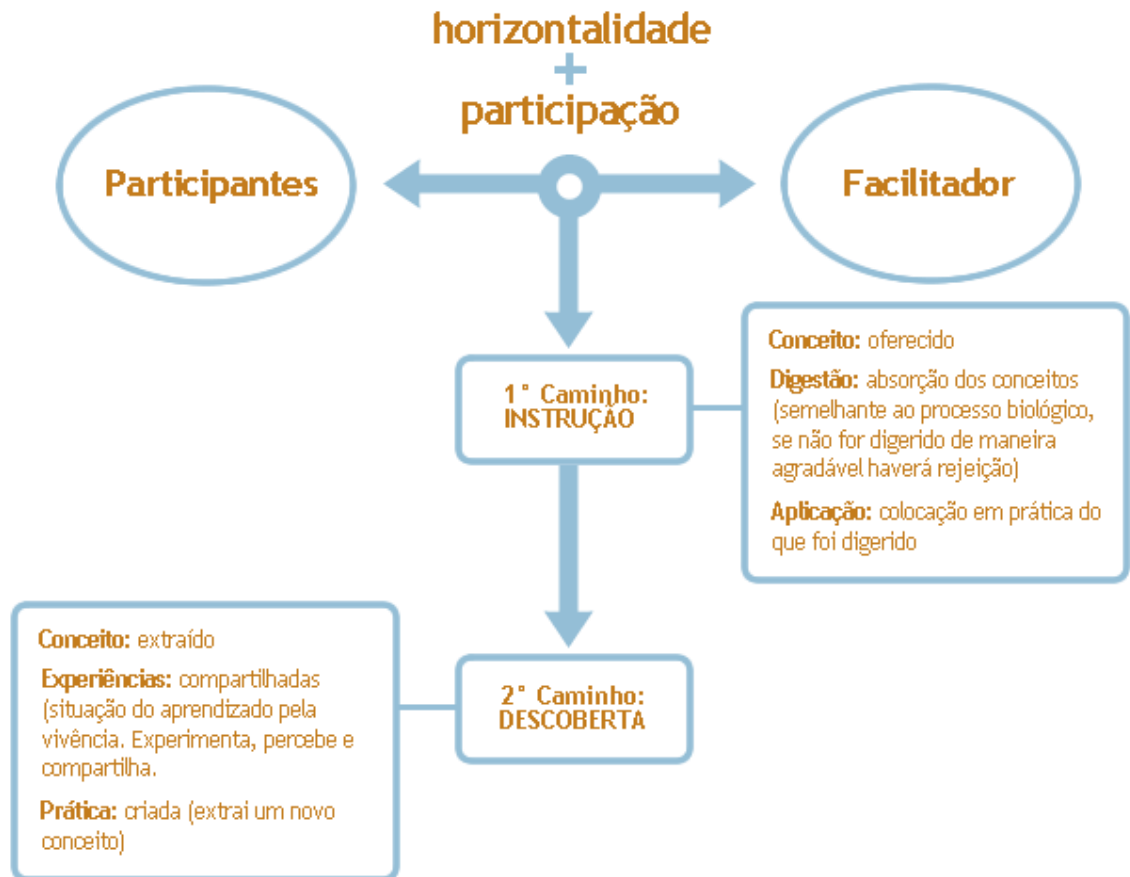
Alcalá (1999: 11-12) define “a Andragogia é a ciência e a arte que, sendo parte da Antropologia e estando imersa na Educação Permanente, se desenvolve através de uma prática fundamentada nos princípios da Participação e da Horizontalidade, cujo processo, orientado com características sinérgicas pelo Facilitador do aluno, permite incrementar o pensamento, a autogestão, a qualidade de vida e a criatividade do participante adulto, com o propósito de proporcionar uma oportunidade para que se atinja a autorrealização”.

II.3 O Professor como facilitador no ensino de adultos

Ensinar adultos exige não só conhecimento de conteúdo, como também a descoberta de novas maneiras para a sua transmissão. A Andragogia, conceito que estabelece uma postura diferente da exigida pela pedagogia tradicional, coloca o professor como "facilitador" e solicita uma horizontalidade nos papéis em sala de aula.

O eixo Andragógico constitui-se com os Participantes e o Facilitador, sendo direcionados pelos princípios da Horizontalidade e da Participação (Goecks, 2003), ver figura seguinte:

Figura 4: Eixo andragógico - princípios de horizontalidade e da participação



Fonte: Goecks (2003), in <http://www.andragogia.com.br/>

De entre as implicações que envolvem a prática educacional, considerando o modelo andragógico, destaca-se que a missão do educador de adultos é a de os ajudar a desenvolver todo o seu potencial. Este modelo utiliza uma metodologia de ensino destinada a atingir tal fim, na qual o papel do professor é de um facilitador que fornece as condições que propiciam a aprendizagem. Desta forma, este processo envolve requisitos que se adequam à condição adulta (Knowles, 1980: 17), como, por exemplo:

- 1) o clima da aprendizagem - este deve ser preparado de modo a permitir um ambiente físico, como a decoração, os equipamentos, a acústica e a iluminação, apropriados;
- 2) o diagnóstico de necessidades – na prática tradicional a decisão sobre o conteúdo cabe ao professor e, certamente, isto pode entrar em conflito com as ambições do adulto a

respeito do que ele necessita ou está motivado a aprender. Neste modelo, “é colocada grande ênfase no envolvimento do aluno no processo do autodiagnóstico das suas necessidades do que aprender” (Knowles, 1980: 17);

3) a formulação de programas por objetivos e conteúdos, que irão satisfazer as necessidades;

4) o processo de planificação, que envolve os alunos e o professor, serve de guia do processo e na pesquisa dos conteúdos;

5) a condução da experiência do ensino-aprendizagem dá-se num processo de mútua responsabilidade entre alunos e professor. O papel deste último é de fornecer adequadas técnicas e materiais à aprendizagem, e de ser mais um catalizador do que um instrutor; e

6) a avaliação da aprendizagem, como em todas as outras fases, processa-se através do mútuo entendimento, onde o professor ajuda os alunos a procurarem evidências do progresso obtido e também é discutido o que facilitou ou inibiu a aprendizagem dos alunos adultos, entre outros.

Segundo a Andragogia, o ensino deve ter em conta a experiência de vida do aluno, a situação deste (se ele trabalha ou não, por exemplo) e como o conteúdo está a ser passado (pode ser discutido pensando-se no dia a dia e nas situações quotidianas, por exemplo). Muitas das diversas experiências podem ser desenvolvidas a partir da atitude do professor, pois não há técnicas pré-formatadas para isso (Goecks: 2003). Estas experiências devem contemplar não só o ensino em si, mas também o sistema de avaliação, do qual o aluno também pode e deve ajudar na planificação.

Para isso, o professor, também denominado facilitador, deve ter em mente os seguintes princípios, assim descritos por Oliveira (1999):

- compartilhar experiências é fundamental para o adulto, tanto para reforçar as suas crenças como para influenciar as atitudes dos outros;

- a relação educacional do adulto decorre entre o professor e o aluno, também denominado aprendiz, onde ambos aprendem entre si, em clima de liberdade e pró-ação;

- o foco central é a aprendizagem, não o ensino;

- aprender significa adquirir conhecimentos, competências e atitudes;
- o processo de aprendizagem desenvolve-se na seguinte ordem: sensibilização (motivação), pesquisa (estudo), discussão (esclarecimento), experimentação (prática), conclusão (convergência) e partilha (sedimentação);
- o diálogo é a essência do relacionamento: portanto, a comunicação só se efetiva através dele;
- o professor (facilitador) e o aluno (aprendiz) partilham o conhecimento de um com a experiência do outro. É difícil distinguir quem aprende mais, se o professor ou o aluno.

Assim, o aluno andragógico é como um caminho de dois sentidos e não um de sentido único como a pedagogia:

- o professor necessita ter a humildade suficiente e situar-se no mesmo plano de aprendizagem para, através da partilha, desenvolver saberes em conjunto com o aluno;
- o aluno (aprendiz) deve ter consciência que também necessita de mudar os seus valores e as suas crenças (aprender a desaprender para reaprender) e de ter mais flexibilidade para aumentar a sua capacidade de aluno;
- o aluno (aprendiz) deve estar motivado para uma aprendizagem ao longo de toda a sua vida, tornando-se, com o passar dos anos, mais competente, seguro das suas competências e comprometido com a sociedade na qual vive e serve.

A andragogia, essencialmente, prega que se devem criar maneiras novas para que o aluno aprenda. "O que varia são as condições dele. O professor deve pensar em como trabalhar para que o aluno se sinta motivado e interessado no que está aprendendo. Para isto, o diferencial será a experiência de vida e a bagagem deste aluno", como explica Oliveira (1999).

A postura mais "democrática" do professor é o que cria o ambiente andragógico em sala de aula e exige ainda mais liderança por parte dele. "Em uma situação destas, pensando friamente, é muito mais fácil virar baderna do que em uma sala onde o professor é ditatorial. O docente precisa ter seu foco bem determinado e não deixar que a discussão livre saia do eixo", Goecks (2003).

II.3.1 O professor de adultos (andragógico)

Apresentamos agora algumas características e estilos de ensino de um professor de alunos adultos, ou seja, de um professor andragógico.

A primeira e a mais importante característica é que o professor é um adulto, igual aos alunos com quem trabalha.

Existem muitos aspetos da situação educativa que potencialmente podem produzir *stress*, aos quais se somam fatores laborais, pessoais e institucionais, que o professor leva consigo para a sua aula. A conjugação destes fatores traduzir-se-á de algum modo nas condutas da situação educativa e, portanto, repercutir-se-á na aprendizagem dos alunos, especialmente dos alunos adultos.

O autoconceito e a autoestima do professor quando são frágeis ou estão temporariamente baixos, este tenderá a tomar atitudes rígidas, inflexíveis, aumentando o *stress* dos alunos (Brundage e Mackeracher 1980: 70). Uma autoestima e um autoconceito adequados podem ter um aspeto positivo sobre as relações que o professor estabelece com os seus alunos. Neste aspeto, o fundamental é uma atitude de respeito e de valorização dos alunos por parte de quem ensina.

Pereira e Farias (1984), baseando-se em Rogers, estabelecem três características gerais que um professor necessita para desenvolver eficazmente o seu trabalho: autenticidade (o educador necessita de se mostrar como uma pessoa, como um adulto individual e não só como professor); aceitação incondicional (implica aceitar, assumir o aluno como pessoa, sem fragmentá-lo e respeitá-lo nessa integridade) e compreensão empática (refere-se à capacidade de preocupar-se por entender as reações do aluno e entre na perspetiva deste).

Knowles et al. (2001: 167) resume as características do professor andragógico: habilidades / capacidades (no poder do conhecimento e da sua preparação); empatia (faculdade de compreensão e de consideração); entusiasmo (faculdade de compromisso e de animação); clareza (faculdade de linguagem e de organização).

Estas características só resultam dentro de um contexto favorável (Infante, 2004: 159). Um professor dificilmente pode ser motivador, apesar das suas características específicas, se está num clima institucional tóxico, se o seu papel social não está valorizado, se não está bem remunerado ou se não está bem de saúde e / ou *stressado*.

É necessário, portanto, que o professor se considere como um adulto que também é influenciado pelas características fisiológicas da sua etapa vital, assim como pelos fatores de *stress* da situação de ensino-aprendizagem.

Facilita o processo educativo que o professor conte com um autoconceito e autoestima positivos. O professor deve então relacionar-se com autenticidade com os seus alunos, reconhecendo e compartilhando com eles os seus valores, objetivos, necessidades e atitudes pessoais. Terá de ser capaz de enfrentar situações mais conflituosas, de crítica ou de erro, sem recorrer a condutas de muita ansiedade, de autodefesa ou rigidez, o que aumentaria o *stress* dos educandos. O respeitar e aceitar incondicionalmente os seus educandos, valorizando as suas aprendizagens e reconhecendo-se e valorizando-se também a si próprio, como uma pessoa em processo de aprendizagem. E ainda, o compreender, empaticamente, os seus alunos.

Também é importante que seja flexível cognitivamente para se adequar às críticas, sugestões e perguntas dos alunos, assim como ter um autoconhecimento dos seus próprios estilos cognitivos, de aprendizagem e de ensino.

Se bem que estas sejam as condições que favorecem a aprendizagem, muitas vezes a realidade pessoal de quem ensina é muito diferente: dificuldades pessoais, dificuldades familiares, más condições de trabalho, baixa valorização social da profissão, etc.

Perante esta situação, surge a ameaça do “*burnout*” (Infante, 2004: 160). Este conceito é definido como um síndrome relacionado com o trabalho que surge da perceção de uma disparidade significativa entre o investimento do esforço que uma pessoa faz no trabalho e a recompensa que se obtém. Caracteriza-se por uma progressiva perda de idealismo, energia e objetivos profissionais, assim como irritabilidade, ansiedade, tristeza e baixa autoestima. Estas características atuam ainda como obstáculos aos processos de aprendizagem.

II.3.2 Estilos de ensino

Rodriguez (1990: 80, citado em Donoso et al., 1994: 21) define estilo de ensino como “a característica mais ou menos pessoal e próprio com que o professor dirige e configura os modos de educar e de ensinar, relativamente constantes e unitários, de acordo com a sua concepção dos objetivos pedagógicos e orientando-se por normas de condutas pedagógico-didáticas.”³ Este autor enfatiza que o professor se guia pela imagem que ele tem acerca como se deve comportar, a qual depende da personalidade e das experiências anteriores que teve na sala de aula (como aluno e como professor).

Brundagee e MacKeracher (1980) diferenciam três estilos de ensino gerais: o estilo diretivo, o estilo facilitador e o estilo colaborativo. Para estes autores, os três estilos não são independentes entre si, ou seja, o professor deve usar cada tipo flexivelmente, segundo as condições de cada processo educativo e a cada momento concreto dentro deste. O estilo diretivo é recomendável para o ensino (com um período curto de tempo) para desempenhos e conhecimentos mais específicos, necessários para determinadas tarefas. É aconselhável para a aprendizagem de domínio, as necessidades de ganho e de lucro e o fortalecimento da autoestima dos alunos. O estilo facilitador é especialmente adequado quando se procura que o aluno descubra e crie significados pessoais a respeito da sua aprendizagem e não se tem restrições de tempo. Favorece os sentimentos de pertença, de identificação pessoal e de autoestima, assim como a aprendizagem de domínios que requerem um compromisso pessoal. Por fim, o estilo colaborativo é apropriado quando se procura que o professor e os educandos construam conjuntamente significados, valores, habilidades / capacidades e estratégias, assim como para formar uma “comunidade de aprendizagens” (Infante, 2004: 193).

Independentemente do estilo de ensino que cada professor utiliza em cada estratégia e / ou atividade específica com a sua turma, há três funções inevitáveis (Barquera, 1988) que o professor andragógico tem de assumir: coordenar as necessidades dos alunos

³ Tradução da autora.

com a planificação e a metodologia a adotar; apoiar todos os elementos requeridos para a aprendizagem dos alunos e estimular a aprendizagem dos alunos.

Enguita (1996) defende que o grau de profissionalização dos professores pode calcular-se através de três perspetivas face à assunção de deveres e direitos pelo próprio professor. Assim, há professores que perspetivam o seu trabalho pedagógico através de um "igualitarismo formal", onde o modo de trabalho é normalizado, estandardizado, rotineiro e burocratizado, o que não pode acontecer com um professor andragógico. Existem, em seguida, os professores que adotam uma perspetiva compensatória no seu trabalho pedagógico, perspetiva essa que introduz a noção da individualização do diagnóstico, que gradua *quantitativamente* o tratamento. Finalmente, segundo Enguita, há professores que "opta(m) pela perspetiva multicultural reclamando para si a capacidade de aplicar o conhecimento abstrato ao trio concreto" (Enguita, 1996: 21). Esta perspetiva implica a capacidade de diversificar tanto o "diagnóstico" como o "tratamento" e traduz-se numa diferenciação do ensino.

Esta terceira perspetiva valoriza a perspetiva multicultural: o professor assume a produção de um conhecimento novo que resulta da articulação de um conhecimento teórico com um conhecimento de práticas concretas. Esta articulação constitui uma maneira de perceber, interpretar e abordar a diferença.

Covey (2005) afirma que aprendemos melhor quando ensinamos outra pessoa e que a melhor maneira de fazer as pessoas aprenderem é transformá-las em professores, ou seja, cada aluno torna-se um professor e cada professor, um aluno.

Esta conduta, ao ensinar ou ao partilhar o que se aprende com outras pessoas, leva-nos, de forma implícita, a assumir um compromisso de viver aquilo que se aprendeu. E isto "é a base para aprofundar o aluno, a dedicação e a motivação, tornando legítima a mudança e engajando o apoio da equipa", como também afirma Covey (2005: 36).

Síntese

A andragogia significa, portanto, facilitação (e não facilitismo) de aprendizagem para adultos. Um caminho educacional que procura compreender o adulto, em todas as componentes humanas: psicológico, biológico e social.

A teoria andragógica, proposta por Knowles, pressupõe uma visão diferenciada do ponto de vista da concepção e metodologia do processo educacional.

Procura promover o aluno através da experiência, fazendo com que a vivência estimule e transforme o conteúdo, impulsionando a assimilação.

O adulto, após absorver e digerir a informação, aplica. É o aprender através do fazer, o “aprender fazendo”.

O professor como facilitador preparado está consciente dos complexos processos sociais envolvidos na interação grupal e no processo criativo. Compreende-o primeiro em si mesmo para depois se capacitar a ajudar outras pessoas a perceberem-se e a fortalecerem-se no trabalho em grupo.

Atualmente, a andragogia transcende a metodologia e ainda está muito centrada na postura do professor – falta ainda uma postura andragógica e de humildade, por parte do professor.

“É preciso que eu lhes ensine que nada tenho a ensinar-lhes”, disse o polêmico pedagogo do início do século XIX Jacotot (citado por Rancière, 2002: 27).

A missão do professor como facilitador é estimular os alunos, os participantes a um posicionamento ativo no aluno, provocar experiências, estimular a capacidade de autoavaliação e de trabalho em equipa, evitando a passividade e o desalento.

Capítulo III - Aprendizagem ao longo da vida

Introdução

A aposta dos governos XVII e XVIII (2005-2011) na educação foi a de qualificação da população portuguesa, tinha como horizonte a construção de uma sociedade do conhecimento, uma vez que o processo de modernização do país dependeria dessa mesma qualificação. Apesar do esforço no sentido de recuperar o atraso que nos distanciava dos países mais desenvolvidos, a realidade das práticas educativas estava distante de grande parte dos países da UE e da OCDE.

A Comissão Europeia, em 2007, colaborou com os Estados-Membros no sentido de se produzir um Plano de Ação para a Educação de Adultos e estabeleceu o objetivo de, em 2010, 85% das pessoas com 22 anos de idade na UE terem completado o ensino secundário. Para isso previu para o período entre 2007/2013 o programa *Grundtvig*.

A UNESCO tem vindo a alertar para que a promoção do acesso à educação contribui para proporcionar melhores níveis de participação cívica, política e cultural, promovendo, entre outras, uma maior igualdade social na aquisição de condições de bem-estar social.

A visão da evolução das sociedades europeias, apresentada pelo Livro Branco da União Europeia “Aprender e ensinar: rumo à sociedade cognitiva”, dá especial atenção às aprendizagens, ao acesso à aquisição de competências e ao conhecimento, enquanto fatores determinantes de uma adaptação do conjunto europeu à globalização das economias, às mudanças tecnológicas e sociais. Esta visão resulta de uma determinada orientação política: a Aprendizagem ao Longo da Vida.

A evolução tecnológica dos meios e suportes de aprendizagem e a necessidade de maior convergência entre os modos de aprender e os novos modos de produzir pressupõem também uma reconfiguração das formas tradicionais de educação/formação e colocam aos sistemas de ensino e às instituições de formação novos desafios.

Ao tornarem-se a força motriz da atividade económica, os novos conhecimentos comunicacionais definem agora a capacidade de inovação de uma economia. Este processo altera o estatuto do próprio saber, tornado mercadoria em si mesmo, condicionador da produtividade, da capacidade de atrair capitais, da competitividade e do emprego (Breton et Lambert, 2003).

A sociedade do conhecimento, bem como as tendências económicas e da sociedade em geral, como a globalização, a evolução das estruturas familiares, a evolução demográfica e o impacto da tecnologia digital, oferecem vantagens e colocam vários desafios potenciais para a União Europeia e aos seus cidadãos. Estes podem beneficiar de um conjunto de novas oportunidades de comunicação e de emprego. A aquisição contínua de conhecimentos e competências é essencial para poder tirar partido dessas oportunidades e participar ativamente na sociedade.

No contexto europeu, as iniciativas tomadas no âmbito da UE respeitantes à ALV têm sido objeto de discussões e de desenvolvimentos políticos, reiterando-se como uma componente básica do modelo social europeu, evoluindo no enquadramento estabelecido pela Estratégia Europeia para o Emprego (EEE), procurando concretizar respostas para as especificidades do mercado de trabalho e refletem duas ordens de preocupações, sobretudo nos documentos iniciais dos anos 90, inspirados nos textos programáticos da OCDE sobre a matéria, que remontam a 1973: a primeira de cariz económico, a aprendizagem ao longo da vida surge, como uma prioridade do desenvolvimento económico aos olhos dos principais atores económicos, com particular relevo para o universo empresarial (European Round Table, 1995).

A segunda ordem de preocupações a que a ALV vem responder prende-se com uma visão mais englobante e humanista da educação que põe em relevo a diversidade de saberes e competências requeridas pelas sociedades contemporâneas, sejam elas as competências pessoais, necessárias à construção da autonomia e de projetos de vida dos indivíduos, ou ainda as indispensáveis competências sociais de cidadania ativa, de capacidade de cooperação, de respeito pela diferença e de participação social. É nesta ordem de preocupações que se inscreve o Relatório elaborado para a UNESCO, em 1996, pela Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI, presidida por Jacques Delors.

Este relatório é tido em conta o papel da aprendizagem informal desenvolvida pelos indivíduos ao longo da vida, dado “*o potencial educativo dos modernos meios de comunicação, da vida profissional, ou até das atividades de cultura e lazer*” e a ALV aparece como uma forma de ultrapassar a tradicional distinção entre educação inicial e educação permanente. À educação inicial, correspondente ao período que vai desde o nascimento até ao final do período de escolarização, é conferido o papel de promover a aquisição dos conhecimentos e das capacidades básicas que preparam as pessoas para a educação permanente. Esta, por sua vez, também integra componentes de educação básica inicial de segunda oportunidade, como forma de dar resposta às necessidades da população adulta.

O ano de 1996 é particularmente importante no reconhecimento da existência e relevância das aprendizagens realizadas pelos indivíduos em contextos escolares, tendo sido designado Ano Europeu da Educação e Formação ao Longo da Vida e dando continuidade a iniciativas anteriores como o *Livro Branco sobre a Educação e a Formação. Ensinar e Aprender. Rumo à Sociedade Cognitiva* (Comissão Europeia, 1995). Neste livro (CE, 1995), prenuncia a viragem na política da UE relativa à educação e à formação, de maior implicação, ao sublinhar o seu papel decisivo na economia e no emprego. Em termos do que deve ser a formação geral, o *Livro Branco* preconiza a aquisição por todos os indivíduos de uma base cultural sólida, competências técnicas e aptidões sociais e aponta para a necessidade de cada Estado-membro disponibilizar uma oferta educativa variada ao longo da vida, certificar as competências adquiridas em contextos não-formais de aprendizagem e ainda flexibilizar os seus sistemas de formação e educação, alargando-os a novos públicos e promovendo a constituição de parcerias educativas.

No *Memorando, a aprendizagem ao longo da vida* é definida como “toda e qualquer atividade de aprendizagem, com um objetivo, empreendida numa base contínua e visando melhorar conhecimentos, aptidões e competências” (Comissão Europeia, 2000: 3).

O *Memorando* constituiu um marco importante na ênfase atribuída às aprendizagens construídas fora da escola, em situações profissionais e de vida, e na necessidade da sua validação, tendo sido elaborados, na sequência da sua publicação e do processo de consulta que se seguiu, respetivamente, o relatório *The Concrete Future Objectives of Education Systems* (Comissão Europeia, 2001a) e a comunicação da Comissão “Tornar o Espaço

Europeu de Aprendizagem ao Longo da Vida uma Realidade” (Comissão Europeia, 2001b), que visam reforçar e especificar os objetivos anteriormente definidos.

No entanto, e apesar dos avanços recentes na promoção da tão desejada cooperação, “permanece insípido o relacionamento entre universidades e empresas” (Gomes, 2006: 179), o que significa que os malefícios, as insuficiências e as distorções produzidos em cada um desses campos, acabam por ter repercussões, não só neles, mas sobretudo na sociedade.

A aprendizagem ao longo da vida significa que, se uma pessoa tem o desejo de aprender, ela terá condições de fazê-lo, independentemente de onde e quando isso ocorre. Para tanto, é necessária a confluência de três fatores: que a pessoa tenha a predisposição de aprendizagem, que existam ambientes de aprendizagens (centros, escolas, empresas, etc.) adequadamente organizados e que haja pessoas que possam auxiliar o aprendiz no processo de aprender (agentes de aprendizagem), para além de que esta aprendizagem deve ir ao encontro das necessidades do mercado de trabalho se quiser fazer face ao desemprego.

Entretanto, essa visão de aprendizagem ao longo da vida não é o que tem sido discutido na literatura e praticado em instituições educacionais. Em geral, a aprendizagem ao longo da vida tem sido usada para se referir à “educação de adultos” (Valente, 2005), o que se tem traduzido na criação das universidades da terceira idade. É uma tentativa de proporcionar meios para as pessoas darem continuidade à sua educação e obterem mais certificados. O resultado final está para “certificação ao longo da vida” (*lifelong certification*), em vez de criar oportunidades para as pessoas se tornarem autónomas e estarem dotadas de competências transversais, e até específicas, necessárias de modo a responderem às necessidades do mercado.

A proposta a ser enfatizada é a de que a aprendizagem que acontece na escola e durante a vida profissional deve ser uma extensão da aprendizagem que se dá na infância ou na terceira idade.

As pessoas devem ter meios para continuar a aprender, interagindo com o mundo e recebendo ajuda dos agentes de aprendizagem.

O reconhecimento de outros modos de aprender como válidos, validáveis e certificáveis, na Europa e no mundo, integra-se em estratégias recentes de desenvolvimento da educação e formação de adultos que valorizam a aprendizagem realizada pelas pessoas ao longo da vida, que tem como protagonistas instâncias internacionais como a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura (UNESCO), a Organização para a Cooperação e o Desenvolvimento Económico (OCDE) e a União Europeia (UE).

III.1 A UNESCO e a aprendizagem ao longo da vida

As Conferências Internacionais de Educação de Adultos, promovidas pela UNESCO, - Confinteas – são o maior evento internacional nesta modalidade educacional e acontecem de doze em doze anos. A primeira edição aconteceu na Dinamarca, em 1949 e a sua sétima edição será em 2021.

Até o momento, como já referimos, foram realizadas seis Confinteas. A primeira Conferência foi realizada na Dinamarca, em Elsinore, sob o título “Educação de Adultos”, e teve como pontos de discussão: as especificidades da Educação de Adultos; proporcionar uma educação aberta e voltada para as condições de vidas reais da população; e que a educação de adultos deveria ser desenvolvida através do espírito de tolerância.

Na II Conferência, aconteceu em agosto de 1960, em Montreal no Canadá, sob o título “A Educação de Adultos em um Mundo Mutável”, houve um debate sobre a necessidade de países mais desenvolvidos ajudarem os em desenvolvimento a melhorar a sua aprendizagem. A III Confintea, reuniu-se em Tóquio, Japão, em fins de julho e início de agosto de 1972, e já demonstrou a sua importância pelo tema escolhido: “A educação de adultos no contexto da educação ao longo da vida”. Houve a constatação de que é preciso adotar um conceito mais amplo de educação. Surgiram as categorias de ensino escolar e extraescolar, que deveriam garantir a educação integral dos indivíduos, em todas as idades. É através desta educação que haverá o desenvolvimento educacional, económico e cultural dos países.

No ano de 1985, em março, em Paris, França, ocorreu a IV Confintea. O próprio tema escolhido é mais genérico: “O Desenvolvimento de Educação de Adultos: aspetos e

tendências”. O ponto mais importante deste encontro foi o cumprimento de todos terem direito a uma educação de qualidade.

A V Conferência foi realizada em Hamburgo, Alemanha, em julho de 1997, com o tema da Conferência, “Aprendizagem de adultos, uma chave para o século XXI”. Nos documentos “Declaração de Hamburgo” e “Agenda para o Futuro”, a meta é a aprendizagem para todos ao longo da vida. Na “Declaração”, percebe-se o avanço da Conferência: “A Educação de Adultos (...) torna-se mais que um direito: é a chave para o século XXI”. Esta conferência foi diferente das outras, pois obteve uma participação significativa de diferentes parceiros, inclusive da sociedade civil. De acordo com os idealizadores da Declaração de Hamburgo, a Educação de Adultos engloba todo o processo de aprendizagem, formal ou informal, cujas pessoas desenvolvem as suas habilidades e o seu conhecimento. É na V Confintea que os participantes reafirmam que apenas o desenvolvimento centrado no ser humano e a existência de uma sociedade participativa, baseada no respeito integral aos direitos humanos, levarão a um desenvolvimento justo e sustentável. A efetiva participação de homens e mulheres em cada esfera da vida é requisito fundamental para a humanidade sobreviver e enfrentar os desafios do futuro.

Em 2009, foi realizado no Brasil, no estado de Belém, Pará, de 1 a 4 de dezembro a Confintea VI que adota como tema: “Vivendo e aprendendo para um futuro viável: o poder da aprendizagem e da educação de adultos”. Irina Bokova, Diretora Geral da UNESCO, na mensagem de abertura, faz um desafio preocupante: “... à aprendizagem de jovens e adultos falta suficiente apoio político. É uma das seis metas mais negligenciadas da Educação para Todos, adotadas pela comunidade internacional em 2000”. Na VI Conferência, o objetivo era reavaliar os principais pontos da V conferência e fazer sobressair a necessidade de criação de instrumentos legais para a Educação de Adultos e reafirmar que os compromissos que não foram plenamente assumidos, desde a última Conferência.

As UNESCO *Guidelines for the Recognition, Validation and Accreditation of the Outcomes of Non-Formal and Informal Learning* (2012) identificam os seguintes princípios: i) assegurar a equidade e a inclusão no acesso às oportunidades de aprendizagem. Cada indivíduo deve ter o direito de aceder e se envolver em qualquer forma de aprendizagem que se adeque às suas necessidades, e de ver reconhecidos e valorizados os seus resultados de

aprendizagem; ii) promover a equidade entre os resultados das aprendizagens formais, não formais e informais. As competências que cada indivíduo acumulou através da aprendizagem não formal e informal devem ser tratadas em paridade com aquelas que se obtêm através da aprendizagem formal; iii) assegurar a centralidade dos indivíduos no processo RVA (Reconhecimento, Validação e Acreditação). O processo deve respeitar e refletir as necessidades individuais e a participação deve ser voluntária; iv) aumentar a flexibilidade e a abertura dos sistemas formais de educação e formação. Os sistemas de educação e formação devem considerar diferentes formas de aprendizagem, tendo em conta as necessidades e as experiências dos aprendentes; v) promover a garantia de qualidade em todo o processo RVA. É imperativo que os critérios e os procedimentos para avaliar e validar a aprendizagem não formal e informal sejam relevantes, confiáveis, justos e transparentes; vi) fortalecer as parcerias entre todos os intervenientes. É importante enfatizar a responsabilidade partilhada desde o desenho até à implementação e à validação do sistema RVA (UNESCO, 2012: 4).

São consideradas áreas-chave da intervenção à escala nacional as seguintes: i) estabelecer a RVA como componente-chave de uma estratégia nacional de aprendizagem ao longo da vida; ii) desenvolver sistemas RVA que sejam acessíveis a todos; iii) integrar a RVA nos sistemas de educação e formação; iv) criar uma estrutura coordenadora nacional envolvendo todos os intervenientes; v) desenvolver as competências dos técnicos envolvidos na RVA; vi) desenhar mecanismos de financiamento (ibidem: 4-6).

III.2 A OCDE e a EU e a aprendizagem ao longo da vida

A OCDE considerando o reconhecimento da aprendizagem não formal e informal um importante meio de concretizar a agenda *Lifelong Learning for All* e de “remodelar a aprendizagem de forma a ir ao encontro das necessidades das economias do conhecimento e das sociedades abertas do século XXI” (OCDE, 2010a), a OCDE levou a cabo um estudo sobre a implementação de dispositivos de reconhecimento e validação de aprendizagens não formais e informais em 23 países. Como resultado desse estudo, foi publicado o relatório *Recognising Non-Formal and Informal Learning: Outcomes, Policies and Practices* (OC-

DE, 2010a), que explora as vantagens do reconhecimento destas aprendizagens, dá conta das políticas e práticas existentes nesta matéria nos países participantes e fornece recomendações sobre como organizar estes sistemas. É de destacar que o incentivo dado pela OCDE à integração do reconhecimento da aprendizagem não formal e informal nas agendas políticas assenta, de facto, num discurso que denuncia claramente uma visão funcionalista, adaptativa, promotora da individualidade, da competitividade económica e da empregabilidade. É que a validação destas aprendizagens é apresentada pragmaticamente como uma fonte de capital humano, tornado mais visível e valorizado pela sociedade em geral, como uma forma “mais rápida, eficiente e barata de as pessoas completarem a educação formal, sem terem de se envolver em cursos relativamente aos quais já dominam os conteúdos” (OCDE, 2010a).

Segundo a OCDE, os dispositivos de reconhecimento e validação da aprendizagem não formal e informal revestem-se de importantes benefícios: i) de natureza económica, ao reduzirem os custos diretos da aprendizagem formal e permitindo a utilização mais produtiva do capital humano; mas também ii) de natureza educativa, pois podem sustentar a aprendizagem ao longo da vida e o desenvolvimento de carreiras; iii) de natureza social, aumentando a equidade e fortalecendo tanto o acesso a níveis superiores de educação como ao mercado de trabalho para grupos em desvantagem, jovens em dificuldades e trabalhadores mais velhos; e iv) de natureza psicológica, ao tornar os indivíduos mais conscientes das suas capacidades e validando o seu valor (OCDE, 2010b).

III.3 Quadro Europeu de Qualificações para a aprendizagem ao longo da vida

Um passo importante no sentido da consolidação desta abordagem foi dado em 2008, com a aprovação do *Quadro Europeu de Qualificações para a Aprendizagem ao longo da Vida* (European Qualifications Framework for Lifelong Learning), - a expansão dos sistemas que validam este tipo de competências e conhecimentos deve-se, em parte, ao rápido desenvolvimento, por toda a Europa, de Quadros Nacionais de Qualificações. Esta será a principal conclusão de um relatório recentemente publicado pelo CEDEFOP (2011). O relatório considera que os padrões em que assenta um qualquer sistema bem-sucedido de

validação devem estar sempre definidos como “resultados de aprendizagem”, isto é, o que as pessoas sabem, compreendem e são capazes de fazer, e não onde e como se concretizaram essas aprendizagens. Os resultados de aprendizagem são, de facto, o conceito-chave sobre o qual assentam os quadros nacionais, ou o europeu, de qualificações - quadro de referência de níveis de qualificação definidos a partir de competências/resultados de aprendizagem. É a partir desta matriz que todos os Estados-membros têm vindo a trabalhar no sentido de estabelecerem os seus próprios sistemas nacionais de qualificação, com níveis de aprendizagem medidos em termos de competências/resultados da aprendizagem e equivalentes aos de todos os outros países europeus, tornando-se as qualificações mais comparáveis e fáceis de perceber por parte de todos os intervenientes no processo (empregadores, estabelecimentos de ensino, trabalhadores e aprendentes (Comissão Europeia, 2008).

A Recomendação sobre a Validação de Aprendizagem não Formal e Informal (Comissão Europeia, 2012), em que a Comissão Europeia estabelece um conjunto de iniciativas que convida os Estados-membros a subscrever, evidencia a preocupação permanente com a situação dos sistemas europeus de validação. Reconhecendo a sua importância fulcral, a Comissão pretende acompanhar o progresso global da validação da aprendizagem informal e não formal nos Estados-membros, no âmbito das reformas estruturais globais dos sistemas de ensino e formação, através do semestre europeu e do método aberto de coordenação previsto no programa “Educação e Formação 2020”.

A evolução destas políticas reflete-se, segundo (Cavaco, 2009), na linguagem e nos conceitos utilizados que evidenciam uma “mudança de ideologias e de preocupações políticas” (Idem: 87), patente na substituição das expressões *educação permanente* por *aprendizagem ao longo da vida*, *educação de adultos* por *educação e formação de adultos* e *saberes e conhecimentos* por *competências* (Idem: 118). Lima (2010) reforça a ideia da “transição radical do conceito de educação para o conceito de aprendizagem, atribuindo a este uma conotação marcadamente individualista e pragmatista” (Lima, 2010: 30). Uma crítica partilhada pelos investigadores referidos é a da excessiva responsabilidade atribuída ao indivíduo no seu processo de formação, desafetando-se o Estado, progressivamente, do seu papel de mediador nesta matéria, “exigindo às pessoas uma postura de responsabiliza-

ção, mesmo que não estejam reunidas as condições necessárias e suficientes para que tal ocorra” (Cavaco, 2009: 125).

III.4 Portugal e a aprendizagem ao longo da vida

Portugal foi integrado, no Inventário *Europeu da Validação de Aprendizagens não Formais e Informais* entre os três países mais avançados da Europa ao nível do enquadramento legal, práticas e número de candidatos certificados. No relatório, o CEDEFOP reconhece o facto de o sistema de validação português se encontrar integrado num conjunto coerente e vasto de medidas promotoras da qualificação: “Em Portugal, o sistema nacional de validação é parte de uma estratégia de redução do *deficit* de qualificações da população adulta, nomeadamente através da iniciativa Novas Oportunidades, estabelecida em dezembro de 2005”, sendo salientado o seu carácter precoce face ao conjunto dos países europeus: “Em 2001, foi criado o Sistema Nacional de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências [RVCC]”, sendo que “o Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências representam uma parte importante das medidas criadas para atingir os objetivos definidos pela iniciativa Novas Oportunidades”. Destaca-se também a capacidade de concretização do sistema português, referindo-se que, “em abril de 2010, 324.370 adultos foram certificados através de um processo RVCC (ou seja, como resultado de um processo de validação e de formação complementar)” (CEDEFOP, 2010: 7).

Em Portugal, o Programa Aprendizagem ao Longo da Vida (PALV), será executado durante o período compreendido entre 1 de janeiro de 2007 e 31 de dezembro de 2013, substitui o anterior Programa *Socrates*, que vigorou até 2007. Inclui quatro programas sectoriais, a saber: no âmbito da educação escolar (o *Comenius* - visa melhorar a qualidade e reforçar a dimensão europeia da educação ao nível de todos os intervenientes na esfera do ensino, desde a educação pré-escolar até ao final do ensino secundário, bem como dos estabelecimentos e organizações que fornecem esses níveis de ensino), ensino superior (o *Erasmus* - tem como objetivo geral apoiar a criação de um Espaço Europeu de Ensino Superior e reforçar o contributo do ensino superior e do ensino profissional avançado para o processo de inovação a nível Europeu), formação profissional (o *Leonardo da Vinci* - procu-

ra atender às necessidades de ensino, aprendizagem e formação profissional de todos aqueles que não detenham um grau de escolaridade de nível superior) e educação de adultos (o *Grundtvig* - visa melhorar a qualidade e reforçar a dimensão europeia da educação de adultos através da realização de diferentes atividades de cooperação a nível europeu). É complementado por um programa transversal que se focaliza em quatro atividades principais - cooperação em matéria de políticas e de inovação, promoção da aprendizagem de línguas, desenvolvimento inovador das TIC e disseminação e exploração dos resultados de todas as ações apoiadas. Também agregado ao PALV passou a estar o Programa Jean Monnet, que presta apoio a instituições e atividades no domínio da integração europeia.

O objetivo geral do novo Programa é contribuir, através da aprendizagem ao longo da vida, para o desenvolvimento da Comunidade enquanto sociedade avançada baseada no conhecimento, caracterizada por um crescimento económico sustentável, com mais e melhores empregos e uma maior coesão social, assegurando ao mesmo tempo a proteção adequada do ambiente para as gerações futuras. O Programa destina-se a promover, em particular, os intercâmbios, a cooperação e a mobilidade entre os sistemas de ensino e formação na Comunidade, para que estes passem a constituir uma referência mundial de qualidade.

III.5 Comparação de Portugal e a Europa na aprendizagem ao longo da vida

No inquérito “Aprendizagem ao Longo da Vida – Inquérito à Educação e Formação de Adultos”, inserido no projeto IEFA, realizado pelo INE, em 2011, aproximadamente metade da população dos 18 aos 64 anos (48,8%) participou em alguma atividade de educação formal e/ou não formal em 2011, no que se designa por aprendizagem ao longo da vida (ALV). O acréscimo de 17,9 pontos percentuais (p.p.) observado face a 2007 (30,9%) deveu-se ao aumento da participação em educação formal (4,6 p.p.), mas sobretudo da participação em educação não formal (18,4 p.p.).

Esta evolução na participação em ALV contribuiu para uma melhoria considerável do posicionamento do país no contexto europeu: Portugal passou de uma proporção de

participantes que se situava 8,5 p.p. abaixo da média europeia a 27 países, em 2007, para uma posição de 3,6 p.p. acima da média, em 2011.

A participação em atividades de aprendizagem informal – atividades desenvolvidas numa base de autoaprendizagem – também registou uma subida assinalável: passou de 40,8% em 2007 para 68,5% em 2011.

A taxa de aprendizagem ao longo da vida em Portugal conheceu um aumento muito significativo entre 2010 e 2011, passando de 5,8% para 11,6% (só em Lisboa passou para 12,6%).


A taxa de aprendizagem ao longo da vida nos países nórdicos é bastante superior ao verificado nos demais países da UE-27: 32,3% da população dinamarquesa com idade entre os 25 e os 64 anos recebeu, em 2011, nas quatro semanas que antecederam a aplicação do inquérito de que resultam os dados, educação ou formação. Na Islândia esse valor é de 25,9%, na Suécia 25,0% e na Finlândia 23,8%. A este grupo de países soma-se a Suíça, que apresenta uma taxa de aprendizagem ao longo da vida de cerca de 30%. O registo de Portugal situa-se agora acima da média da UE, que em 2011 se fixou nos 8,9%.

As mulheres registam níveis de aprendizagem ao longo da vida superiores aos dos homens na grande maioria dos países apresentados na Tabela 2. Na Dinamarca quase 40% das mulheres com idade entre 25-64 anos participaram em atividades de educação e formação e na Suécia esse valor é também superior a 30%.

Tabela 2: Taxa de aprendizagem ao longo da vida nos países da EU-27 e noutros países europeus, pop. 25-64 anos, por sexo (2011) (%)

| Quadro 1. Taxa de aprendizagem ao longo da vida nos países da UE-27 e noutros países europeus, pop. 25-64 anos, por sexo (2011) (%) | | | |
|--|--------------|---------------|-----------------|
| | Total | Homens | Mulheres |
| Dinamarca | 32,3 | 25,6 | 39,0 |
| Suíça | 29,9 | 31,0 | 28,7 |
| Islândia | 25,9 | 22,8 | 29,0 |
| Suécia | 25,0 | 18,4 | 31,9 |
| Finlândia | 23,8 | 19,9 | 27,7 |
| Noruega | 18,2 | 17,1 | 19,2 |
| Holanda | 16,7 | 16,5 | 16,9 |
| Eslovénia | 15,9 | 13,7 | 18,2 |
| R. Unido | 15,8 | 14,0 | 17,5 |
| Luxemburgo | 13,6 | 14,2 | 13,0 |
| Áustria | 13,4 | 12,2 | 14,5 |
| Estónia | 12,0 | 9,2 | 14,5 |
| Portugal | 11,6 | 11,1 | 12,1 |
| R. Checa | 11,4 | 11,2 | 11,6 |
| Espanha | 10,8 | 10,0 | 11,6 |
| Alemanha | 7,8 | 7,9 | 7,7 |
| Chipre | 7,5 | 7,2 | 7,8 |
| Bélgica | 7,1 | 6,7 | 7,4 |
| Irlanda | 6,8 | 6,3 | 7,2 |
| Malta | 6,6 | 6,3 | 6,9 |
| Lituânia | 5,9 | 4,6 | 7,1 |
| Itália | 5,7 | 5,3 | 6,0 |
| França | 5,5 | 5,2 | 5,9 |
| Letónia | 5,0 | 3,8 | 6,1 |
| Polónia | 4,5 | 4,0 | 5,0 |
| Eslováquia | 3,9 | 3,4 | 4,4 |
| Macedónia | 3,4 | 3,4 | 3,3 |
| Turquia | 2,9 | 3,0 | 2,7 |
| Hungria | 2,7 | 2,6 | 2,9 |
| Grécia | 2,4 | 2,6 | 2,3 |
| Croácia | 2,3 | 2,3 | 2,3 |
| Roménia | 1,6 | 1,6 | 1,5 |
| Bulgária | 1,2 | 1,2 | 1,2 |
| UE-27 | 8,9 | 8,2 | 9,6 |

Fonte: EU Labour Force Survey (Eurostat).
Nota: Em 2011 houve uma quebra de série no Inquérito ao Emprego realizado em Portugal.

 **OBSERVATÓRIO
DAS DESIGUALDADES**

Fonte: <http://observatorio-das-desigualdades.cies.iscte.pt/index.jsp?page=indicators&id=29>

A Tabela 3 demonstra que existe uma relação muito próxima entre a participação em atividades de educação e formação e a variável grupo etário: esta prática tende a dimi-

nir à medida que a idade aumenta. Em Portugal a proporção dos ativos com idade entre os 25-34 anos que participou neste tipo de ações/práticas foi de 19,1%, enquanto no grupo etários dos que têm entre 55-64 esse valor diminui para 4,7%. Estes valores na Dinamarca situaram-se nos 44,4% e 24,0%, respetivamente.

Tabela 3: Taxa de aprendizagem ao longo da vida nos países da EU-27 e noutros países europeus, pop. 25-64 anos, por grupos etários (2011) (%)

| Quadro 2. Taxa de aprendizagem ao longo da vida nos países da UE-27 e noutros países europeus, pop. 25-64 anos, por grupos etários (2011) (%) | | | | |
|--|--------------|--------------|--------------|--------------|
| | 25-34 | 35-44 | 45-54 | 55-64 |
| Dinamarca | 44,4 | 32,3 | 29,6 | 24,0 |
| Suíça | 35,7 | 31,0 | 29,6 | 22,5 |
| Islândia | 34,8 | 26,8 | 21,5 | 19,2 |
| Suécia | 34,2 | 25,7 | 23,2 | 17,2 |
| Finlândia | 34,9 | 26,1 | 22,2 | 13,5 |
| Noruega | 25,6 | 19,1 | 17,1 | 10,2 |
| Holanda | 27,5 | 17,5 | 14,6 | 8,4 |
| Eslovénia | 29,1 | 16,8 | 10,7 | 6,8 |
| R. Unido | 20,1 | 17,4 | 15,0 | 9,6 |
| Luxemburgo | 22,5 | 13,9 | 10,4 | 6,0 |
| Áustria | 22,5 | 13,5 | 10,9 | 6,5 |
| Estónia | 19,8 | 13,7 | 8,6 | 4,6 |
| Portugal | 19,1 | 12,8 | 8,7 | 4,7 |
| R. Checa | 16,9 | 13,0 | 10,0 | 5,1 |
| Espanha | 17,7 | 10,7 | 8,0 | 5,0 |
| Alemanha | 17,7 | 6,8 | 5,3 | 2,9 |
| Chipre | 12,4 | 6,7 | 5,2 | 4,1 |
| Bélgica | 10,3 | 7,9 | 6,1 | 3,9 |
| Irlanda | 10,1 | 6,7 | 5,3 | 3,2 |
| Malta | 9,8 | 8,6 | 4,8 | 3,2 |
| Lituânia | 12,0 | 5,4 | 3,7 | 2,1 |
| Itália | 12,4 | 4,7 | 3,8 | 2,4 |
| França | 9,4 | 6,1 | 4,6 | 2,3 |
| Letónia | 8,8 | 5,1 | 3,2 | 2,2 |
| Polónia | 9,9 | 4,2 | 2,2 | 0,8 |
| Eslováquia | 7,0 | 3,6 | 2,7 | 1,3 |
| Macedónia | 8,4 | 2,3 | 1,1 | 0,6 |
| Turquia | 6,2 | 2,1 | 0,6 | 0,2 |
| Hungria | 6,8 | 2,3 | 1,0 | 0,5 |
| Grécia | 6,2 | 2,0 | 1,0 | 0,4 |
| Croácia | 9,9 | 1,3 | - | - |
| Roménia | 4,1 | 1,0 | 0,5 | - |
| Bulgária | 4,4 | 0,6 | - | - |
| UE-27 | 15,1 | 8,9 | 7,1 | 4,3 |

Fonte: EU Labour Force Survey (Eurostat).
 Nota: Países ordenados por ordem decrescente de acordo com a taxa de aprendizagem ao longo da vida para a pop. 25-64 anos. Em 2011 houve uma quebra de série no Inquérito ao Emprego realizado em Portugal.

Fonte: <http://observatorio-das-desigualdades.cies.iscte.pt/index.jsp?page=indicators&id=29>

A aprendizagem ao longo da vida é uma prática que tende a aumentar entre os grupos populacionais mais escolarizados. Tal sucede em todos os países apresentados na Tabela 4 (esta tendência não se aplica à Croácia, país no qual a taxa de aprendizagem ao longo de vida entre quem uma escolaridade intermédia e superior é igual). Em Portugal o valor deste indicador para quem não foi além do ensino básico (ISCED 0-2) situou-se em 8,0%; em 14,8% para quem concluiu no máximo o ensino secundário ou pós-secundário (ISCED 3-4); e 22,0% entre quem concluiu um nível superior de ensino (ISCED 5-6). A média da UE-27 foi de 3,9%, 7,6% e 16,1%, respetivamente.

Tabela 4: Taxa de aprendizagem ao longo da vida nos países da EU-27 e noutros países europeus, pop. 25-64 anos, por nível de escolaridade (2011) (%)

| Quadro 3. Taxa de aprendizagem ao longo da vida nos países da UE-27 e noutros países europeus, pop. 25-64 anos, por nível de escolaridade (2011) (%) | | | |
|--|------------|-------------|-------------|
| | ISCED 0-2 | ISCED 3-4 | ISCED 5-6 |
| Dinamarca | 23,4 | 29,6 | 41,1 |
| Suíça | 9,9 | 25,6 | 44,3 |
| Islândia | 16,1 | 24,9 | 35,6 |
| Suécia | 16,9 | 21,1 | 34,3 |
| Finlândia | 10,7 | 21,2 | 32,1 |
| Noruega | 10,4 | 14,9 | 25,6 |
| Holanda | 10,5 | 17,3 | 21,6 |
| Eslovénia | 3,3 | 14,2 | 27,8 |
| R. Unido | 7,2 | 13,4 | 23,9 |
| Luxemburgo | 4,5 | 13,8 | 19,0 |
| Áustria | 4,1 | 12,3 | 25,3 |
| Estónia | - | 8,3 | 19,8 |
| Portugal | 8,0 | 14,8 | 22,0 |
| R. Checa | 2,8 | 9,6 | 22,5 |
| Espanha | 4,6 | 11,4 | 19,3 |
| Alemanha | 3,1 | 6,9 | 12,1 |
| Chipre | 1,3 | 5,1 | 14,0 |
| Bélgica | 3,1 | 5,6 | 11,9 |
| Irlanda | 2,8 | 5,9 | 10,4 |
| Malta | 3,3 | 9,6 | 18,2 |
| Lituânia | - | 3,2 | 11,4 |
| Itália | 1,2 | 7,3 | 14,2 |
| França | 2,5 | 4,8 | 9,5 |
| Letónia | - | 3,5 | 9,7 |
| Polónia | 0,8 | 2,9 | 10,8 |
| Eslováquia | - | 2,8 | 9,8 |
| Macedónia | 0,3 | 3,7 | 8,9 |
| Turquia | 1,4 | 6,2 | 6,8 |
| Hungria | 0,5 | 2,6 | 5,1 |
| Grécia | 0,4 | 2,9 | 4,7 |
| Croácia | - | 2,9 | 2,9 |
| Roménia | 0,3 | 1,5 | 3,9 |
| Bulgária | - | 1,3 | 1,6 |
| UE-27 | 3,9 | 7,6 | 16,1 |

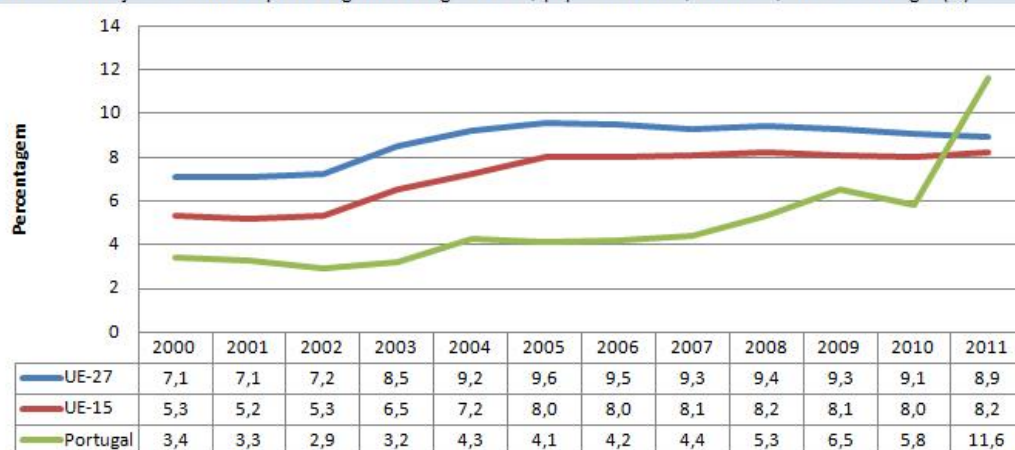
Fonte: EU Labour Force Survey (Eurostat).
Nota 1: Países ordenados por ordem decrescente de acordo com a taxa de aprendizagem ao longo da vida para a pop. 25-64 anos.
Nota 2: Em 2011 houve uma quebra de série no Inquérito ao Emprego realizado em Portugal.

Apesar do aumento registado entre 2000 e 2010, Portugal ao longo deste período apresentou resultados bastante inferiores aos da média da UE-27 e da UE-15. A taxa de

aprendizagem ao longo da vida duplica entre 2010 e 2011, situando-se assim neste último ano acima dos resultados da UE-27 e UE-15.

Gráfico 1: Evolução da taxa de aprendizagem ao longo da vida, pop. 25-64 anos, na UE-27, EU-15 e Portugal (%)

Gráfico 2. Evolução da taxa de aprendizagem ao longo da vida, pop. 25-64 anos, na UE-27, UE-15 e Portugal (%)



Fonte: EU Labour Force Survey (Eurostat).

Nota: Em 2011 houve uma quebra de série no Inquérito ao Emprego realizado em Portugal.

OBSERVATÓRIO
DAS DESIGALDADES

Síntese

Em termos políticos, a aprendizagem ao longo da vida passa a ser um direito social e, como tal, acessível a todos; assim, a igualdade de oportunidades deixa de se perspetivar unicamente em termos de acesso e de sucesso educativo na educação/formação inicial, dado que os adultos necessitam também de atualizar permanentemente os seus conhecimentos e competências. Este direito tem como contrapartida um novo dever de cada indivíduo perante a sociedade, o de aprender continuamente, com o que isso implica de esforço e de trabalho acrescido.

O conceito de ALV centra a ação voluntária de aprender nos sujeitos aprendentes e abrange toda e qualquer atividade de aprendizagem formal, não formal e informal, que se

traduza no desenvolvimento de conhecimentos e competências, realizada num *continuum* educativo, qualquer que seja o contexto social.

Por aprendizagem formal entende-se a que decorre em instituições de ensino e de formação e que conduz a diplomas e qualificações reconhecidas; por aprendizagem não-formal, a que decorre em paralelo aos sistemas de ensino e formação não conduzindo, necessariamente, a certificados formais: finalmente, por aprendizagem informal entende-se aquela que se realiza na vida quotidiana, não sendo necessariamente intencional – Comissão Europeia (2000), *Memorando sobre a Aprendizagem ao Longo da Vida.*”

As características específicas da população portuguesa, em termos de baixa escolarização e de aquisição alternativa de competências fora da instituição escolar, adaptam-se de forma exemplar a um sistema deste tipo. A capacidade de implementar em grande escala experiências prévias e inovadoras de validação de competências, ocorridas ainda antes da consagração da Aprendizagem ao longo da Vida na Europa, fizeram da iniciativa Novas Oportunidades (2005-2012), em Portugal, um caso singular na Europa. Considerado internamente uma medida prioritária e, portanto, dotado de recursos, gerido centralmente por uma agência criada para o efeito (ANQ, hoje ANQEP, IP), enquadrado em legislação seguidora fiel das orientações europeias, promotor de metodologias inovadoras e procurado maciçamente por uma população motivada para “voltar à escola”, o sistema português destaca-se no panorama europeu, tendo sido considerado pelo CEDEFOP, em 2011, um dos três melhores da Europa.

De acordo com um relatório da Direção-Geral de Educação e Cultura da Comissão Europeia (2011), intitulado “Further measures to implement the action plan on adult learning: Updating the existing inventory on validation of non-formal and informal learning: Final report”, disponibilizado na Internet, Portugal é um dos cinco países classificados na escala mais elevada (*High*) no que respeita ao nível de desenvolvimento em matéria de validação de aprendizagens não formais e informais.

A par de Portugal, ocupam esta posição a Finlândia, a França, a Holanda e a Noruega.

Capítulo IV - Educação e formação de adultos em Portugal, no ensino noturno

IV.1 Breve História – do século XIX até à Lei de Bases de 1986

A primeira referência legal ao ensino noturno de adultos, relativa ao ensino primário, está incluída na primeira reforma liberal de 15 de novembro de 1836. Durante o século XIX, o desenvolvimento da alfabetização de adultos por todo o país coube à sociedade civil e às escolas móveis pelo método de João de Deus.

Na 1ª República (1910-1926), o combate ao analfabetismo de adultos, contemplado pelo Decreto de 29 de março de 1911, no Art. 31, atribuiu às câmaras municipais o encargo de criar cursos e apoiar outras iniciativas.

Em 1930, reconhecia-se que o analfabetismo era “inimigo do desenvolvimento económico” e Portugal estava colocado no último lugar dos países europeus, com a taxa de analfabetos a rondar os 62%. É nesta altura que as escolas móveis são extintas e reinstaurados os cursos noturnos para indivíduos maiores de 14 anos, de ambos os sexos. Entre 1952 e 1956 houve uma ligeira recuperação com a campanha Nacional de Educação de Adultos.

Até 1974, não se pode falar da existência de um sistema de educação de adultos, devido às circunstâncias de ordem política e social. É de salientar, no entanto, algumas iniciativas à abertura do acesso ao ensino: alguns cursos do ensino noturno – cursos de ensino primário supletivo para adultos, cursos gerais dos ensinos liceal e técnico e exame de acesso à universidade para maiores de 25 anos. A educação extraescolar e as atividades de promoção cultural e profissional competem à Direção Geral de Educação Permanente (DGEP), criada pelo Decreto-Lei nº 408/71, de 27 de setembro.

Após a revolução de 1974, inúmeros grupos populares de base local constituíram comissões culturais e criaram iniciativas de natureza cultural e / ou educativa, o que deu um grande impulso à educação de adultos.

Com a reestruturação dos serviços da Direção Geral de Educação Permanente, em finais de 1975, começa-se a tomar medidas para um Plano de Educação de Adultos (PAE) que visava o apoio a atividades de natureza educativa promovidas pelas organizações populares:

cedência de equipamentos escolares e material audiovisual, duplicação de textos, formação de monitores e animadores locais – Portaria nº 419/76, de 13 de julho.

Na sequência de legislação publicada em 1979, realizam-se trabalhos preparatórios do Plano Nacional de Alfabetização e Educação de Base de Adultos (PNAEBA), com o principal objetivo da eliminação do analfabetismo, documento de referência obrigatória, no âmbito da educação de adultos, até à publicação da Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE), Lei nº 46/86, de 14 de outubro.

Em Portugal, o período pós 25 de Abril foi um momento por excelência onde a educação de adultos esteve na ordem do dia. Entre 1974-1976 foram desenvolvidas inúmeras iniciativas com vista a promover e valorizar as manifestações de cultura popular (Melo e Benavente, 1978). Estas atividades baseavam-se nas ideias de educação popular de Paulo Freire (1996a, 1996b), procurando criar uma política de articulação entre educação, a construção de uma consciência cívica e os processos de desenvolvimento local (Canário, 1999: 59). Foi o florescer da ligação entre educação e participação democrática através de associações populares, sindicatos e comissões de moradores que contribuiu para que em iniciativas posteriores se procurasse interligar educação de adultos com o desenvolvimento local.

IV.2 Sistema Educativo Português – da LBSE aos nossos dias

Como um Plano Nacional de Alfabetização (PNA) nunca chegou a ser posto em prática, em Portugal, o ensino de segunda oportunidade não atingiu os objetivos previstos e à entrada do novo milénio. O país, segundo os dados do Inquérito de Emprego do Instituto Nacional de Estatística (INE, 1996), e do Ministério do Trabalho e Solidariedade (MTS, 1998), tem 62,8% da população ativa com um nível de escolaridade que não ultrapassa os seis anos e cerca de 30% dessa população semiqualficada, ou não qualificada, a nível profissional.

A educação e a formação de adultos, em Portugal, nos últimos anos, têm merecido uma atenção e reflexão contínuas. Para responder ao apelo da sociedade portuguesa, no sentido de inverter uma situação caracterizada pelas baixíssimas taxas de escolarização e de taxas elevadíssimas de insucesso, da sua população jovem e adulta, várias equipas ministeriais têm permeabilizado diferentes modelos e sistemas de ensino.

O Sistema Educativo define-se, na Lei de Bases do Sistema Educativo⁴, como:

...o conjunto de meios pelo qual se concretiza o direito à educação, que se exprime pela garantia de uma permanente ação formativa orientada para favorecer o desenvolvimento global da personalidade, o progresso social e a democratização da sociedade (n.º 1, do art.º 1.º, âmbito e definição).

(...) garantindo o direito a uma justa e efetiva igualdade de oportunidades no acesso e sucesso escolares. (n.º 2, do art.º 2.º, princípios gerais).

O Sistema Educativo Português abrange a Educação Pré-Escolar (que pretende ser um complemento à ação educativa da família e destina-se a crianças com idades entre os três anos e a idade de ingresso no 1.º ciclo do ensino básico), a Educação Escolar (que compreende os Ensinos Básico, 1.º, 2.º e 3.º ciclos – é universal, obrigatório e gratuito e tem a duração de nove anos. No Ensino Secundário - os cursos têm a duração de três anos e existem em diferentes modalidades que se ajustam a diferentes perfis de aprendizagem; o Ensino Pós-Secundário e o Ensino Superior – compreende o ensino universitário e politécnico e têm acesso os alunos que possuam um curso secundário e tenham realizado as provas de acesso necessárias, ou aqueles que tenham mais de 23 anos de idade, através do Regime Especial de Acesso ao Ensino Superior para maiores de 23 anos – Decreto-Lei n.º 64/2006, de 21 de março).

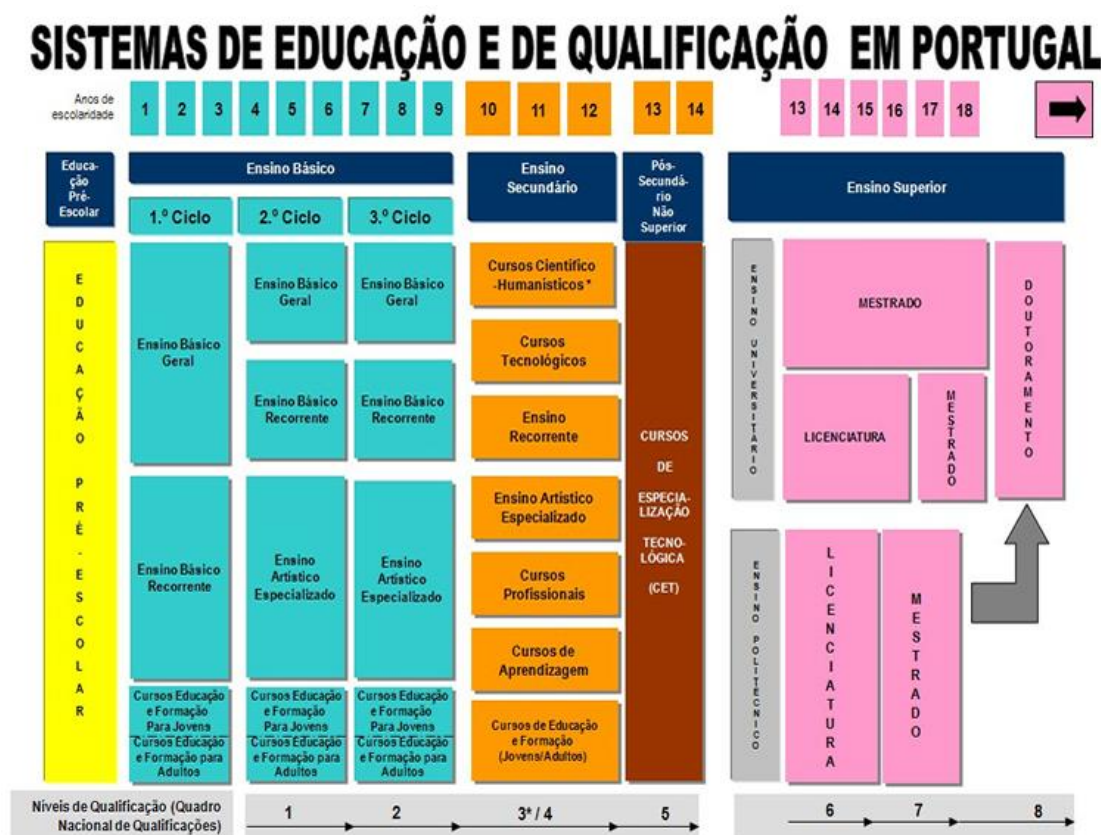
A escolaridade obrigatória foi alargada até ao 12.º ano, desde 2009, através da Lei n.º 85/2009, de 27 de agosto.

Em Portugal, há diferentes modalidades de ensino que se adequam aos diferentes interesses e projetos de vida e profissionais dos alunos, a saber: cursos Científico-Humanísticos; cursos de Aprendizagem; cursos de Educação e Formação de Jovens (CEF); cursos de Qualificação Inicial Escolar; cursos Artísticos Especializados; cursos Profissionais;

⁴ A Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE), Lei n.º 46/86, de 14 de outubro, alterada pela Lei n.º 115/97, de 19 de setembro, e Lei n.º 49/05, de 30 de agosto (LBSE) define os princípios organizativos do sistema educativo português, com destaque para a alfabetização e a educação de base de adultos, instituindo uma segunda oportunidade de educação, através do ensino recorrente, destinado a indivíduos que não frequentaram ou completaram o ensino básico e o ensino secundário em idade própria – no próximo capítulo, desenvolveremos toda esta modalidade (ensino secundário).

curso Tecnológico; curso de Educação e Formação de Adultos (EFA); curso de Ensino Recorrente e curso de Especialização Tecnológica (CET).

Figura 5: Organograma do Sistema Educativo Português



Fonte:

http://portal.iefp.pt/portal/page?_pageid=177,160114e_dad=gov_portal_iefpe_schema=GO_V_PORTAL_IEFPeid=2

A cooperação entre a Educação (ME) e o Trabalho / Emprego / Formação Profissional (MTSS), a partir de 1997, consagra e institucionaliza o desenvolvimento da educação e formação de adultos em Portugal. Esta temática, impulsionada, a partir de 1996, através do ano assinalado por iniciativas da Comissão das Comunidades Europeias, como o Livro Branco e o Ano Europeu da Educação e Formação ao Longo da Vida ou ainda a iniciativa da OCDE, patrocinando o movimento da Educação e Formação para todos e ao longo da vida, foi e tem sido bastante protagonizada na agenda política e em debates públicos, tanto a nível de go-

vernos nacionais como a nível de organismos internacionais, como já tivemos oportunidade de referir no capítulo anterior.

Em 1996, com a Resolução do Conselho de Ministros nº 15/96, de 22 de fevereiro, é criada uma Comissão Nacional para a Educação e Formação ao Longo da Vida (CNEFLA) que concluiu o seu trabalho em 26 de janeiro de 1998, apresentando a “Magna Carta” sobre Educação e Formação ao Longo da Vida.

Em 5 de março de 1997, o Conselho Nacional de Educação (CNE) aprova a Recomendação 1/97, após o projeto de parecer elaborado pelo Conselheiro relator Prof. Doutor Augusto Santos Silva. Na recomendação nº 3, diz-se que não é possível avançar no reforço da articulação entre educação e formação ao longo da vida, sem ter em conta estes quatro princípios: centralidade da escola; qualificação educativa das instituições e práticas de formação; autonomia de uma educação aberta às relações com todas as formas e fins de atividade; prioridade à formação de banda larga:

"... repensar globalmente a educação e a formação pede, ao mesmo tempo, abertura de espírito à diversidade e à inovação, e convicções determinadas sobre princípios e valores. O Conselho Nacional de Educação apela a que os múltiplos parceiros das políticas e das práticas educativas tenham sempre em conta os quatro princípios seguintes:

a. a diversificação das instâncias e modos educativos implica que a escola deixou de ser concebível como a única instituição educativa do nosso tempo. Isso não significa, contudo, que tenha deixado de ser uma instituição central, designadamente para assegurar a educação básica para todos. Não significa, também, que deixe de constituir um objeto incontornável do investimento público, em particular para garantir os princípios da máxima inclusão social e da igualdade de oportunidades;

b. o reconhecimento da multiplicação das agências e dos processos de socialização e formação das pessoas deve ser claramente assumido, de forma descomplexada e aberta. A formação ao longo da vida faz-se em diferentes ciclos, em diferentes contextos, de diferentes maneiras e para diferentes finalidades, e de todas estas diferenças se faz a sua riqueza (...);

c. o que quer dizer, especificamente, que, se o mundo da educação precisa atualmente de um renovado espírito de abertura a outros mundos e outras lógicas – do trabalho, da

iniciativa, da ciência, da técnica, do lazer, da relação, da cidade, da cultura –, não é para perder a sua natureza e autonomia próprias (...);

d. a educação que conta, aquela em que devemos apostar e investir, porque é a que garante maior retorno, a cada indivíduo e à sociedade no seu todo, é uma educação de banda larga – uma educação orientada para o desenvolvimento de valores, atitudes, capacidades e competências que favoreçam a aprendizagem, a adaptabilidade e a relação (...)”.

Em dezembro de 1997, o Governo Português, após a participação de uma delegação governamental portuguesa na Conferência de Hamburgo (julho de 1997), encomenda a um grupo de especialistas a elaboração de um Documento Estratégico para o Desenvolvimento da Educação de Adultos (Melo, Queirós, Silva, Salgado, Rothes e Ribeiro, 1998).

Com a Resolução de Conselho de Ministros nº 59/98, de 6 de maio, o Plano Nacional de Emprego constitui o primeiro suporte legal, em termos estratégicos e programáticos, para os seguintes desenvolvimentos da Educação e Formação de Adultos ao longo da vida, em Portugal – lançamento do programa “Projeto da Sociedade: S@bER +”. Com a incumbência do lançamento deste programa e da constituição de uma Agência Nacional de Educação e Formação de Adultos (ANEFA), com a dupla iniciativa e tutela dos ME e MTS, é criado, com a Resolução de Conselho de Ministros nº 92/98, de 14 de julho, o Grupo de Missão para o Desenvolvimento da Educação e Formação de Adultos (GMEFA). Este grupo, presidido por Alberto Melo, para além de desenvolver o processo de criação da ANEFA (Lima, Afonso e Estêvão, 1999), fica encarregue de: (i) da realização de atividades de articulação estratégica e técnica a todos os níveis, no domínio da educação e formação de adultos; (ii) da construção de um sistema de validação formal de saberes e competências formal e informalmente adquiridos; (iii) do lançamento de concursos nacionais para financiamento e apoio a iniciativas de educação e formação de adultos. Também Ana Benavente, em 1997, Secretária de Estado do Ministro da Educação Oliveira Martins, em entrevista à revista “Saber Mais” do GMEFA, clarificou os objetivos da ANEFA:

“Esse projeto significa passar a barreira do som! Queremos reconhecer a cada adulto o direito a ver formalmente validados os seus saberes, o que significa um grande esforço prévio para definir as competências que são necessárias para o 6º ano, o 9º ano, o ensino secundário... Aquilo que se pede à educação e formação de adultos, atualmente, é ter res-

postas adequadas à diversidade de situações e poder responder a grupos-alvo prioritários... Tudo isto é realmente um grande desafio, sobretudo se tivermos em conta que, segundo a nossa conceção de educação e formação de adultos, em todas as instituições, em todos os espaços sociais, desde as autarquias, às empresas, às associações culturais, recreativas, de carácter educativo, pode e deve haver essa oferta” (Benavente: 1999, 5-6).

Portanto, entendemos esta Agência não como um organismo que vem criar novas formas de organização, mas que vem, sobretudo, animar, incentivar, coordenar aquilo que corresponderá, cada vez mais, a uma dinâmica social.

Com a necessidade de potenciar o quadro de qualificação da população adulta pouco escolarizada e pouco qualificada, por via da valorização das competências adquiridas ao longo da vida, em contextos formais e não formais, tendo em vista aumentar a competitividade do tecido empresarial, face aos desafios colocados pelo processo de globalização da economia e pela constante celeridade da mudança e inovação tecnológicas, em 1999, é criada a ANEFA (Decreto-Lei nº 387/99, de 28 de setembro), instituto público, com autonomia científica, técnica e administrativa, artigo 1º, sujeito à tutela do ME e do MTS. A ANEFA veio consolidar a articulação entre os sistemas educativo e formativo, entre os setores público e privado, os estabelecimentos de educação e formação, os agentes educativos e os parceiros sociais territorialmente significativos e ainda a construção gradual de um sistema de reconhecimento e validação das aprendizagens informais dos adultos.

O XVII Governo Constitucional assume no seu Programa de Governo uma aposta no conhecimento, na qualificação dos portugueses, na tecnologia e na inovação, bem como na valorização do posicionamento do país no quadro internacional, quer no plano prioritário da União Europeia, quer no plano global, relançando a cooperação externa e valorizando a cultura e língua portuguesa no mundo.

Uma das vertentes desta aposta do Governo é a criação de um sistema abrangente e diversificado de aprendizagem ao longo da vida, através da Iniciativa Novas Oportunidades, de modo a abrir a todos a possibilidade de atualizar e aprofundar competências e de responder aos desafios inerentes à flexibilidade do emprego. Nesta perspetiva, salienta-se a definição de perfis profissionais em défilé no mercado de trabalho e o desenvolvimento do sistema de validação e reconhecimento de competências. O desenvolvimento do país e a sua

modernização, para o crescimento económico e para a promoção da coesão social, passa pela qualificação da população portuguesa, como é demonstrada por diversos indicadores publicados por várias organizações internacionais.

Assim, na área da educação de infância, ensinos básico e secundário, as prioridades do XVII e XVIII Governos foram:

- educação de qualidade para todos, alargando progressivamente a todas as crianças em idade adequada a educação pré-escolar e consolidando a universalidade do ensino básico de nove anos;
- mudança na conceção e organização do sistema e dos recursos educativos do ponto de vista do interesse público geral e, especificamente, dos alunos e famílias, nomeadamente no que se refere ao recrutamento e colocação dos docentes e aos tempos de funcionamento dos estabelecimentos de educação e ensino;
- enraizamento da cultura e da prática da avaliação em todas as dimensões do sistema de educação e formação, segundo critérios de resultados, eficiência e equidade: avaliação do desempenho dos alunos e do currículo nacional; dos educadores e professores; das escolas e dos serviços técnicos que as apoiam.

O Decreto-Lei nº 208/02, de 17 de outubro, alterado pelo Decreto-Lei nº 213/06, de 27 de outubro, que aprova a nova orgânica do ME, introduz algumas alterações no âmbito da política nacional relativa ao sistema educativo, nomeadamente, à educação e formação de adultos. Esta política visa a qualificação inicial de jovens que não pretendem prosseguir estudos mas inserir-se na vida ativa, como também o desenvolvimento de aquisição de aprendizagens pelos adultos. O ME cria ainda a Direção-Geral de Formação Vocacional (DGFV). Este organismo sucede à ANEFA, que é extinta, sendo a sua ação transversal, desenvolvendo mecanismos facilitadores de qualificação ao longo da vida, dos jovens e adultos, numa lógica de “*continuum*” de formação. Esta lei de 2006 cria ainda a Agência Nacional de Qualificação I. P. (ANQ, atualmente ANQEP), definindo a missão e as suas atribuições no Decreto-Lei n.º 276-C/2007, de 31 de julho.

IV.3 Modalidades de ensino

O Decreto-Lei nº 74/91, de 9 de fevereiro, estabelece o quadro geral da organização, desenvolvimento e finalidades da educação de adultos, nas suas vertentes de ensino recorrente e de educação extraescolar. Os cursos de Educação Extraescolar, cujo quadro geral de organização é regulamentado pelo Despacho nº 37/SEEBS/93, de 15 de setembro, são realizados por iniciativa ou com a colaboração do ME e destinam-se a indivíduos com baixos níveis de escolaridade e que tenham ultrapassado a idade normal de frequência do ensino regular.

São objetivos gerais da educação extraescolar – promover o desenvolvimento e a atualização de conhecimentos e de competências em substituição ou complemento da educação escolar.

As finalidades dos cursos são as seguintes:

- (i) Cursos de alfabetização – visam fundamentalmente o combate ao analfabetismo literal e funcional;
- (ii) Cursos de atualização – visam o combate ao analfabetismo regressivo e a atualização de conhecimentos escolares ou outros;
- (iii) Cursos socioeducativos – visam a formação cultural ou a formação cívica;
- (iv) Cursos socioprofissionais – visam a formação para o ingresso no mercado de trabalho.

O Sistema de Aprendizagem, criado em 1984 e regulamentado pelo Decreto-Lei nº 205/96, de 25 de outubro, constituiu um dispositivo de formação profissional em alternância, no âmbito do quadro da formação profissional inserida no mercado de emprego.

São objetivos gerais do Sistema de Aprendizagem: preparar jovens e adultos, candidatos ao 1.º emprego, de forma a facilitar a sua integração na vida ativa, através de perfis de formação contemplando uma tripla valência: reforço das competências académicas, pessoais, sociais e relacionais, aquisição de saberes no domínio científico-tecnológico e uma sólida experiência na empresa.

A criação dos Cursos de Educação e Formação de Adultos (cursos EFA), com dupla certificação escolar e profissional, foi regulamentada pelo Despacho Conjunto nº 1083/00, de 20 de novembro. É aprovado pelo Despacho Conjunto nº 650/01, de 20 de julho, alterado pelo Despacho nº 26401/06, de 29 de dezembro e pelo Despacho nº 11203/07, de 8 de junho, o modelo de certificado a atribuir na conclusão dos cursos de EFA e introduz alterações relativamente ao desenho curricular e às áreas de formação profissionalizante.

Estes cursos constituem uma oferta integrada de educação e formação, com um currículo que se desenvolve em torno de uma componente de formação de base e de uma formação profissionalizante. São vocacionados para públicos adultos pouco qualificados e têm como objetivo "contribuir, a prazo, para a redução do défice de qualificação escolar e profissional da população portuguesa, potenciando as suas condições de empregabilidade".

São objetivos gerais

(i) proporcionar uma oferta integrada de educação e formação, com dupla certificação, escolar e profissional, destinada a públicos adultos com défice de qualificação escolar e profissional;

(ii) contribuir para a construção de uma Rede local de Educação e Formação de Adultos.

As Ações S@bER +, são ações de formação de curta duração, integradas no projeto de apoio à transição para a vida ativa e promoção de empregabilidade, vê o seu regulamento aprovado e definido o seu regime de acesso aos apoios concedidos no âmbito das ofertas diversificadas de curta duração, pelo Despacho Conjunto nº 261/01, de 22 de março.

São objetivos gerais

(i) estimular os públicos adultos a adquirir, desenvolver ou reforçar as suas competências pessoais, profissionais ou escolares;

(ii) diversificar as ofertas educativas dirigidas a adultos;

(iii) criar soluções flexíveis e certificáveis que promovam a melhoria das qualificações escolares e profissionais da população adulta.

A rede nacional de Centros de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências (CRVCC), onde se promove o Sistema de RVCC, é criado pela Portaria nº 1082/01, de 5 de setembro, retificada pela Presidência do Conselho de Ministros, na Declaração de Retificação nº 20-BD/2001, de 10 de novembro, pela Portaria nº 286/2002, de 15 de março, alterada pela Portaria nº 86/2007, de 12 de janeiro, no qual é ainda aprovado o regulamento do processo de acreditação das entidades promotoras dos centros.

As áreas de competências-chave, para o ensino básico, são: linguagem e comunicação (LC), tecnologias da informação e comunicação (TIC), matemática para a vida (MA) e cidadania e empregabilidade (CP) (Alonso, Imaginário, Magalhães e outros, 2000).

O processo de reconhecimento, validação e certificação de competências do adulto, que se estrutura a partir do Referencial de Competências-Chave para a Educação e Formação de Adultos, é organizado nos Centros RVCC em torno de três eixos de intervenção – (i) Reconhecimento, (ii) Validação e (iii) Certificação, assegurando uma oferta diversificada de serviços.

São objetivos gerais do Processo de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências:

i) dar oportunidade a todos os cidadãos e, em particular aos menos escolarizados e aos ativos empregados e desempregados, de verem reconhecidas, validadas e certificadas as competências e conhecimentos que, nos mais variados contextos, foram adquirindo ao longo do seu percurso de vida;

(ii) promover e facilitar percursos de educação e formação;

(iii) promover a (re)construção de projetos pessoais e profissionais significativos.

Os Cursos de Especialização Tecnológica (CET), cursos de formação pós-secundária não superior, que conferem um Diploma de Especialização Tecnológica (DET) e um certificado de qualificação profissional de nível 4, são criados pela Portaria nº 393/02, de 12 de abril, do ME, que introduz alterações à Portaria nº 989/99, de 3 de novembro, e visam, entre ou-

tras finalidades, promover um percurso formativo que integre os objetivos de qualificação e inserção profissional e permite o prosseguimento de estudos.

Os Ministérios da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior (MCTES) e o da Economia e da Inovação (MEI) regulamentaram, criaram e autorizaram também vários CET em vários Institutos Politécnicos e Escolas Superiores.

Em 2007, o ME, através do Despacho nº 1647/07, de 1 de fevereiro, designa a DGFV como serviço competente para a instrução de pedidos de registo de CET.

São objetivos gerais dos cursos de especialização tecnológica: (i) aprofundar o nível de conhecimentos científicos e tecnológicos no domínio da formação profissional de base; (ii) desenvolver competências pessoais e profissionais adequadas ao exercício profissional qualificado e (iii) promover percursos formativos que integrem os objetivos de qualificação e inserção profissional e permitam o prosseguimento de estudos.

Com a criação dos Cursos de Educação e Formação (CEF), pelo Despacho Conjunto nº 453/04, de 27 de julho, do ME e do MSST, retificado pelo Gabinete da Ministra de Educação, Maria de Lurdes Rodrigues, Retificação nº 1673/04, de 7 de setembro e pelo Despacho conjunto nº 287/05, de 4 de abril, dá-se uma oportunidade a jovens com idade igual ou superior a 15 anos que, não tendo concluído a escolaridade de 6, 9 ou 12 anos, na idade própria, pretendem adquirir uma certificação escolar e, simultaneamente, obter uma qualificação profissional de níveis 2 e 3 para ingresso no mundo do trabalho.

São objetivos gerais dos cursos de educação e formação: assegurar o cumprimento da escolaridade obrigatória e combater a exclusão. Estes cursos permitem, também, o acesso ao mundo do trabalho com uma qualificação profissional certificada e ainda o acesso ao ensino superior.

Síntese

Atualmente, a educação de adultos continua a ser uma realidade marginal, sendo-lhe atribuída muito pouca importância nas políticas educativas que têm sido implementadas ao longo dos anos. Alberto Melo, em entrevista, considera que a situação portuguesa caracteriza-se, a nosso ver, pela falta de uma política coerente, consequentemente, pela ausência de estruturas e processos específicos para a Educação de Adultos (Abrantes, 1997: 50). Para este facto tem contribuído, segundo Lima (1996: 285), uma visão neoliberal da educação, transformando-a numa agência gerencialista racionalmente orientada para o mercado de trabalho, para a criação de ‘vantagens competitivas das nações’, para a ‘competitividade económica’ e a ‘aprendizagem individual’, não para o aperfeiçoamento social. Nesta linha orientativa, a educação de adultos, como espaço de promoção da cidadania, da participação democrática e do desenvolvimento local, é desvalorizada.

Apesar da situação marginal para que a educação de adultos foi relegada nas diversas políticas educativas, assiste-se atualmente, em Portugal, a um reflorescimento da investigação neste campo (Canário, 1999).

Lima (2006: 58), partindo de um dos pressupostos da Educação e Formação de Adultos, diz-nos que a educação de adultos é atualmente o setor mais crítico de um sistema de educação ao longo da vida de Portugal. Apesar de reconhecer que há problemas noutros níveis, a educação de adultos é o setor mais problemático, mais crítico, um setor que tem sido objeto de orientações políticas intermitentes, que tem sido marcado por alguns avanços e por fortes recuos.

Canário (2006: 33) diz-nos que a formação de adultos acompanha as transformações económicas, sociais e políticas, que marcam a transição dos “trinta anos gloriosos” e do fordismo para as políticas ditas neoliberais, que se afirmam depois dos anos 80. Transitou-se de uma perspetiva de “humanização” do desenvolvimento e de promoção social, imagem de marca do movimento de educação permanente pela UNESCO, para uma clara subordinação funcional da formação de adultos a uma racionalidade económica, em que impera a lógica e o poder das empresas multinacionais.

Capítulo V - Ensino recorrente secundário

V.1 Ensino Secundário – Breve história

Atualmente, o ensino secundário consta de um ciclo de três anos (10º, 11º e 12º anos) e constitui-se como uma escolaridade pós-obrigatória. Este ciclo de ensino visa, por um lado, o prosseguimento do 3º ciclo do Ensino Básico (escolaridade obrigatória de nove anos) e, por outro, a transição para o ensino superior ou a integração na vida ativa e no mundo do trabalho.

Apesar da história do ensino secundário remontar ao século XIII (praticado nas escolas conventuais e episcopais e em colégios religiosos e seminários), só no início do século XIX, com Passos Manuel, é que o ensino secundário oficial foi concentrado em liceus – em todas as sedes de distrito. Nos finais deste mesmo século, com a Reforma de João Franco uniformizou-se por um curso de sete anos e dividido num curso geral de quatro anos e num curso complementar de dois, dividido por letras e ciências.

No início do século XX, em 1905, houve alterações à Reforma, organizando-se o ensino técnico e estabeleceu-se a divisão do curso complementar em Letras e Ciências, o que se manteve até à Reforma de 1936, que estabeleceu um curso geral de seis anos e apenas um ano de curso complementar.

Com a publicação do Decreto nº 36507/47, de 17 de setembro de 1947, estabeleceu-se que o curso complementar teria dois anos e que visava preparar os alunos para o ingresso em escolas superiores.

Até à década de 70, não houve alterações substanciais na organização curricular, apesar ter havido publicação de legislação para questões pontuais.

O ministro Veiga Simão, no início dos anos 70 do século XX, equaciona a articulação entre a escola e o mundo do trabalho.

Após o 25 de Abril de 1974, houve uma unificação do curso geral – correspondente ao atual 3º ciclo do ensino básico – e criaram-se dois ramos de ensino nos cursos complementares: o ensino liceal e o ensino técnico e comercial.

Uma nova estrutura curricular do curso complementar, entra em vigor em 1978, Despacho Normativo nº 140-A/78, de 22 de junho, eliminando as duas vias existentes: ensino liceal e ensino técnico. Integravam três componentes, as cinco áreas de estudo das ofertas educativas: um tronco comum, de formação geral; a formação específica e a formação vocacional.

O alargamento do ensino secundário, de dois anos para três, começou com a criação do Ano Propedêutico, em 1977, e com o 12º ano de escolaridade em 1980. Mas só com o Decreto-Lei nº 286/89, de 29 de agosto, é que se consignou o ensino secundário como um ciclo de três anos de estudo (que entrou em vigor, de forma generalizada, em todas as escolas de todo o país, em 1993/1994).

Com o Despacho Normativo nº 194-A/83, de 21 de outubro, institucionalizou-se o ensino técnico-profissional, oferecido no interior do sistema formal de ensino e, a partir de 1989, a criação de escolas profissionais. Estas escolas, desde o início de 1998, têm um novo enquadramento jurídico, procurando ir ao encontro das necessidades locais ou regionais, oferecendo, assim, uma modalidade especial de educação escolar.

Numa sociedade em constante mudança, a Lei de Bases do Sistema Educativo (LBSE), Lei nº 46/86, de 14 de outubro, defende que qualquer cidadão tem direito à educação. A finalidade desta é o desenvolvimento global e harmonioso do indivíduo, necessário à formação de um cidadão integrado e integrador. Aponta também para um modelo sequencial e articulado, tendo os cursos do ensino secundário a duração de três anos e contemplando a existência de cursos predominantemente orientados para o prosseguimento de estudos – cursos gerais – e cursos orientados para a vida ativa – cursos tecnológicos. A LBSE determina também que ambas as vias deverão incluir componentes de formação de sentido técnico, tecnológico e profissionalizante e de língua e cultura portuguesas adequadas à natureza dos diversos cursos. Esta Lei define ainda genericamente os objetivos, público-alvo e modalidades de organização de formação profissional, assim como confere enquadramento legal à criação de estabelecimentos especializados destinados ao ensino e prática de cursos de natureza técnica e tecnológica ou de índole artística.

Em 2004, com o Decreto-Lei nº 74/04, de 26 de março, e no quadro de uma reforma do ensino secundário, que visa adequar as formações do nível secundário às mudanças soci-

ais e às necessidades de desenvolvimento do país, entra em vigor, no ano letivo 2004/2005, novos planos de estudo, cujos princípios são materializados nas Portarias n.os 550A, 550B, 550C, 550D, de 21 de maio e na Portaria nº 554/04, de 22 de maio. Esta nova organização curricular do ensino secundário assume especial relevância a aprendizagem das tecnologias de informação e comunicação com a introdução, no 10º ano, da disciplina de Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC), na componente de formação geral, comum a todas as formações do ensino secundário.

Finalmente, o Decreto-Lei nº 272/2007, de 26 de julho, e no âmbito dos objetivos prioritários da presente política educativa, o XVII Governo Constitucional consagra no seu Programa a avaliação do processo de aplicação dos novos currículos do ensino secundário e a disciplina de TIC é transferida do ensino secundário para os 7.º e 8.º anos do ensino básico, considerando-se ser a esse nível que deve ser adquirida a formação essencial nesta área, apostando-se na transversalidade da utilização das tecnologias de informação e comunicação no nível secundário de educação.

V.2 Ensino Secundário Recorrente

Na década de 60, do século XX, o estadista sueco Olof Palme foi um dos primeiros a referir-se à educação recorrente para que as pessoas pudessem ter a possibilidade, de uma maneira recorrente, a atualizar os seus saberes, em alternância à formação regular.

A própria terminologia indicia, “recorrente”: significa que deve ser recorrente, para quem já tem alguma experiência de trabalho.

O Ensino Recorrente preenche uma das vertentes da educação de adultos em contexto escolar. É um sistema que proporciona uma segunda oportunidade de formação com vista a uma integração numa sociedade cada vez mais exigente, para os alunos que não usufruíram da educação escolar na idade própria ou que a abandonaram precocemente, correspondendo a uma vertente da educação de adultos, e que permite conciliar a frequência de estudos com uma atividade profissional. Em Portugal, quando se equacionou a questão de escolarização de adultos, o conceito de educação recorrente foi imbuído pela LBSE, Lei nº 46/86,

de 14 de outubro, alterada pela Lei nº 115/97, de 19 de setembro, e Lei nº 49/05, de 30 de agosto.

Os cursos, que se estruturam de modo paralelo ao Ensino Regular, destinam-se a indivíduos com o 9º ano de escolaridade ou equivalente e com idade igual ou superior a 18 anos. Para ingresso nesta modalidade de estudo, em qualquer momento do ano letivo, é necessária a apresentação do certificado de conclusão do nível precedente ou então ser sujeito a uma avaliação diagnóstica globalizante que visa a validação de competências e conhecimentos adquiridos em contexto escolar e não-escolar, e que se destina a determinar se o candidato detém os requisitos necessários à frequência desta modalidade de ensino. A sua organização varia em função das especificidades de cada curso.

No âmbito da Reforma do Ensino Secundário, existem três vias de ensino a nível do ensino secundário recorrente, com os seguintes cursos:

1. Cursos Científico-humanísticos

- Curso de Ciências e Tecnologias;
- Curso de Ciências Socioeconómicas;
- Curso de Ciências Sociais e Humanas;
- Curso de Línguas e Literaturas;
- Curso de Artes Visuais.

2. Cursos Tecnológicos

- Curso de Construção Civil e Edificações;
- Curso de Eletrotecnia e Eletrónica;
- Curso de Informática;
- Curso de Design de Equipamento;
- Curso de Multimédia;
- Curso de Administração;
- Curso de Marketing;

- Curso de Ordenamento do Território e Ambiente;
- Curso de Ação Social;
- Curso de Desporto.

3. Cursos Artísticos Especializados

- Curso de Comunicação Audiovisual;
- Curso de Design de Comunicação;
- Curso de Design de Produto;
- Curso de Produção Artística.

Estes cursos destinam-se a indivíduos que pretendam obter uma formação de nível secundário (10º, 11º e 12º anos), com possibilidade de prosseguimento de estudos a nível superior e, consoante o curso (Tecnológicos ou Artísticos especializados nos domínios da Artes Visuais ou Audiovisuais), uma qualificação profissional de nível intermédio.

Este ensino caracteriza-se pela flexibilidade e adaptabilidade aos ritmos de aprendizagem, à disponibilidade, aos conhecimentos e às experiências de cada aluno, sendo este o construtor da sua formação e não apenas um recetor de informação numa atitude passiva.

Este tipo de educação de adultos tem como objetivo adaptar esta modalidade ao perfil dos formandos que a procuram, tendo em conta a sua experiência de vida e conhecimentos pessoais e profissionais. São adotadas diferentes metodologias, tendo em vista a autonomia e responsabilidade do formando, utilizando uma abordagem interdisciplinar, centrada no aluno e na resolução de problemas.

As metodologias adotadas visam apoiar a autoformação do aluno, através do esclarecimento de dúvidas suscitadas pela utilização de guias de aprendizagem, da negociação de estratégias individuais de aprendizagem e avaliação bem como da indicação de materiais de consulta complementares ou alternativos, valorizando os conteúdos e competências essenciais e estruturantes. Utiliza-se, portanto, uma pedagogia diferenciada, tendo-se em conta as diferentes unidades de aprendizagem na sala de aula e as dificuldades na progressão da aprendizagem. As condicionantes são as capacidades cognitivas do aluno adulto, os conhe-

cimentos anteriores (pré-requisitos) para a aprendizagem e ainda a (in)disponibilidade temporal para o estudo.

O ensino secundário recorrente funciona em Sistema de Unidades Capitalizáveis (SEUC), surgindo no âmbito de uma política educativa de educação permanente, foi introduzido em 1992/1993, tendo sido a sua generalização a partir de 1996/1997. Neste sistema, o programa de cada disciplina está organizado por unidades; quando o aluno completa uma unidade realiza uma prova de avaliação (prova de exame, que poderá ser um trabalho prático nas ciências experimentais e no Português e nas Línguas estrangeiras haverá sempre uma avaliação oral) adequada à unidade frequentada, e ao completar (capitalizar) uma unidade passa a frequentar a unidade seguinte. Não existe regime de faltas, sendo a assiduidade registada numa folha de presenças, dada a sua importância no processo de avaliação. Assim, um aluno que interrompa os estudos, ao retornar, será colocado na unidade imediatamente a seguir à última que capitalizou. Por sua vez, aos professores é proposto um desempenho diferente do tradicional: ao detentor e transmissor de um saber, pede-se-lhe que organiza, oriente (simultaneamente várias unidades), forneça instrumentos, sugira caminhos...

O Decreto-Lei nº 74/91, de 9 de fevereiro, estabelece o quadro geral da organização, desenvolvimento e finalidades da educação de adultos, nas suas vertentes de ensino recorrente e de educação extraescolar, sendo o processo de generalização, segundo o sistema de unidades capitalizáveis, definido pelo Despacho Normativo nº 193/91 de 5 de setembro. Este Decreto-Lei prevê a progressiva especialização e formação do corpo docente nesta modalidade de ensino.

Os cursos técnicos criados no ensino secundário recorrente por unidades capitalizáveis é regulamentado pelo Despacho nº41/SEED/94, de 14 de junho, tendo sido alargada a rede destes cursos técnicos no Despacho nº 16/SEEI/96, de 29 de abril.

O Despacho nº 44/SEEI/96, de 3 de outubro, estabelece a equivalência entre disciplinas de cursos extintos ou em extinção e disciplinas ou conjuntos de unidades das disciplinas do ensino secundário recorrente, uma vez que aumentou a afluência de alunos provenientes do ensino regular. A legislação não impede a transferência de alunos provenientes do ensino regular (reflexo de insucesso?) para esta modalidade de ensino, desde que obedeçam aos requisitos de acesso, apesar de o SEUC surgir no âmbito da formação de adultos.

Em 1998, com o resultado da avaliação externa do ensino recorrente (Pinto, Matos e Rothes, 1998, Relatório de Avaliação do Ensino Recorrente - RAER), com o objetivo de adequar esta oferta de educação de segunda oportunidade ao seu funcionamento na rede escolar, introduz alterações à organização pedagógica e administrativa do ensino recorrente por unidades capitalizáveis no 3º ciclo do ensino básico e do ensino secundário. O itinerário individual de formação obrigatório e prévio ao ato de matrícula, cujo Despacho Normativo nº 36/99, de 22 de julho, dá grande destaque, é estabelecido entre o formando e a escola, com intervenção do coordenador pedagógico, e destina-se a permitir o acompanhamento do projeto pessoal de formação de cada aluno. Sempre que haja alterações no percurso escolar, o itinerário individual do aluno deverá ser atualizado. O aluno terá de optar pelas disciplinas em que se inscreve e na modalidade de frequência – presencial ou não presencial. Este despacho desvirtua a natureza deste sistema, criando barreiras administrativas contrárias à autonomia dos seus frequentadores.

Em 1999/2000 foi lançada uma experiência pedagógica de ensino recorrente por blocos capitalizáveis, a funcionar em algumas escolas, passando o processo de ensino e aprendizagem a ser dirigido ao grupo-turma.

A Portaria nº 302/2003, de 12 de abril, alterada pela Portaria 365/2004, de 8 de abril, disciplina a matrícula e a frequência no ensino secundário recorrente.

No Documento Orientador da Revisão Curricular do Ensino Secundário Recorrente (ME, 2003: 9), pode-se ler: “A conceção de um currículo coerente com os objetivos acima enunciados assentou no pressuposto essencial da adoção de um regime único para todo o sistema, sendo que, nesta matéria haveria que decidir sobre o regime que mais garantias pudesse oferecer à consecução dos fins inerentes a esta modalidade especial de ensino. No quadro de diagnóstico efetuado constata-se a inoperatividade, incapacidade de atração e elevado défice de resultados do sistema das unidades capitalizáveis, claramente refletidos na elevada taxa de abandono e na reduzida capitalização.” De facto este sistema revelou-se incapaz de responder ao amplo universo de alunos que necessitam de um ensino e de uma aprendizagem mais apoiada e orientada, satisfazendo apenas uma minoria de alunos portadores de manifestas capacidades de autoformação.

Com a Reforma do ensino secundário de 2004, o Decreto-Lei nº 74/04, de 26 de março, ao abrigo do disposto no nº 2 do artigo 2º, nos nº 4 e 5 do artigo 5º e no nº 3 do artigo 10º, estabelece os princípios orientadores da organização e da gestão do currículo, bem como da avaliação das aprendizagens referentes ao nível secundário da educação, incluindo o ensino recorrente, os seus planos de estudo, modalidade formal de educação de adultos, funcionando predominantemente em regime noturno.

V.3 Ensino Secundário Recorrente por Módulos

O Decreto-Lei nº 74/2004, de 26 de março, alterado pelo Decreto-Lei nº 24/2006, de 6 de fevereiro, estabelecem os princípios orientadores da organização e da gestão curricular, bem como da avaliação das aprendizagens, no nível secundário de educação, como atrás já foi referido.

Os cursos científico-humanísticos, cursos tecnológicos e cursos artísticos especializados no ensino recorrente por módulos são as três vias que existem no ensino recorrente do nível secundário, que visam proporcionar uma segunda oportunidade de formação, conferindo os mesmos diplomas do ensino regular. Estes cursos podem funcionar em estabelecimentos do ensino público e em estabelecimentos do ensino particular ou cooperativo.

A partir do ano letivo 2004/2005, o ensino secundário recorrente funciona em sistema de módulos capitalizáveis e a oferta formativa neste nível de ensino é renovada e publicada a Portaria nº 550-E, de 21 de maio, alterada pela Portaria nº 781/2006 de 9 de agosto, que cria os cursos científico-humanísticos (curso de ciências e tecnologias; curso de ciências socioeconómicas; curso de ciências sociais e humanas; curso de línguas e literaturas e o curso de artes visuais), tecnológicos (curso de construção civil e edificações; curso de eletrotecnia e eletrónica; curso de informática; curso de design de equipamento; curso de multimédia; curso de administração; curso de marketing; curso de ordenamento do território e ambiente; curso de ação social e o curso de desporto) e artísticos especializados, nos domínios das artes visuais e dos audiovisuais (curso de comunicação audiovisual; curso de design de comunicação; curso de design de produto e o curso de produção artística), os respetivos planos de estudo e a Portaria define ainda o sistema organizativo, pedagógico e de avaliação do ensino recorrente por módulos capitalizáveis de nível secundário.

O plano curricular de cada curso está organizado por disciplinas, em regime modular e com um referencial temporal escolar de três anos e podem ser frequentados nas seguintes modalidades: modalidade de frequência presencial, em que a avaliação é contínua (o aluno é integrado numa turma e fica sujeito ao dever de assiduidade – Lei 30/02, de 20 de dezembro) ou na modalidade de frequência não presencial (proporciona maior autonomia em termos de aprendizagem mas fica sujeito à realização de provas de avaliação em épocas próprias).

A avaliação é por disciplina e difere consoante a modalidade de frequência escolhida: na modalidade presencial a capitalização dos módulos é trimestral, com a possibilidade dessa mesma capitalização não ser sequencial; na modalidade não presencial a capitalização dos módulos é obrigatoriamente sequencial e a realização de provas é feita por módulo ou conjunto de três. Os cursos tecnológicos são ainda obrigados a realizar uma prova de aptidão tecnológica (PAT), que consiste na defesa, perante um júri, de um produto, que pode revestir a forma de objeto ou produção escrita ou de outra natureza, e do respetivo relatório de finalização, os quais evidenciam as aprendizagens profissionais adquiridas ao longo da formação. Os cursos artísticos especializados são ainda obrigados a realizar uma prova de aptidão artística (PAA), que consiste na defesa, perante um júri, de um projeto, sob a forma de um produto que demonstra os saberes e as competências técnico-artísticas que foram adquiridas ao longo da sua formação. Este produto será acompanhado por um relatório final que deverá conter, entre outros aspetos, uma análise crítica da execução do projeto – principais dificuldades e obstáculos encontrados e formas de os superar.

A Resolução do Conselho de Ministros n.º 137/2007, de 18 de setembro, aprova o plano tecnológico, previsto com a Estratégia de Lisboa, a Estratégia Nacional de Desenvolvimento Sustentável, o Plano Tecnológico e o Quadro de Referência Estratégico Nacional 2007 - 2013, o XVII Governo Constitucional assume um compromisso: o da modernização tecnológica das escolas.

O ensino recorrente, quando surge pela mão de então Ministro, Professor Doutor Roberto Carneiro, parecia ser uma boa solução para alunos adultos já que pretendia assegurar uma escolaridade de segunda oportunidade a adultos e jovens já integrados no mercado

de trabalho, na compreensão e respeito pela diversidade das culturas e interesses dos destinatários.

Foram grandes as dificuldades sentidas na implementação desta modalidade de ensino, de acordo com o RAER, o ME e os vários intervenientes no processo, mas o modelo, apesar de exigente para os alunos do curso noturno, obrigava-os a ter autonomia para participarem na sua autoformação, não transformando os alunos em seres passivos. Quando se quer aprender algo, uma vez que não nascemos com as “capacidades de autoformação” temos de as adquirir, temos de investigar, ler e questionar quem já possui esse conhecimento.

Aos professores é proposto uma atitude / papel diferente sem nunca ter tido formação (prevista na LBSE). Assim a maioria que integraram este sistema, habituados a um ensino muito escolarizado, fizeram-no sem motivação, por razões administrativas ou escolha pessoal levando os professores a uniformizarem os métodos e processos de ensino das modalidades que lecionaram, desvirtuando a especificidade do ensino recorrente e acabando por contribuir para a perversão do sistema, melhor dizendo, trabalham à noite tal como o fazem de dia, no ensino regular. É preciso que haja profissionais de alto desempenho, dedicados à causa, pois mais do que a preparação científica, é necessário que os professores tenham muita preparação em termos pedagógicos! Se não contarmos com a motivação e o empenho profissional, não há modelo que resista! É necessário um corpo de professores estável e vocacionado para a educação de adultos e uma formação específica.

É um desafio ser professor do ensino recorrente. Para além da relação extremamente recompensadora de trabalhar com várias faixas etárias, aprende-se muito recorrendo à criatividade, a estratégias e atividades completamente diferentes daquelas que se utilizam com alunos mais novos.

Aos alunos é pedido algo diferente também. Ao ser o construtor da sua formação pressupõe hábitos de trabalho, de autonomia e uma grande motivação que valorize o aprender – elevada taxa de abandono e reduzida capitalização de unidades. É um facto que o Ensino Recorrente, no modelo de unidades capitalizáveis, assenta numa corresponsabilização que exige uma relativa maturidade, pois há nesta modalidade um pressuposto ideológico e filosófico que aponta para gente mais madura. É curioso notar, que na maioria das escolas com ensino secundário recorrente havia mais alunos inscritos à noite que de dia, e muitos

alunos são adultos “recentes” (apenas com 18 anos) pois frequentavam o ensino diurno faz pouco tempo.

De acordo com os números disponibilizados pelo RAER, as taxas de conclusão do ensino secundário recorrente são extremamente baixas, paupérrimas, para não dizer quase nulas (de 0 a 1%), dos alunos inscritos. Há um desfasamento muito grande entre o investimento, cerca de 60 milhões de contos no ensino recorrente, no ano de 1996/1997 e os resultados obtidos porque este subsector é marginal, não constitui uma preocupação fundamental do estado.

Alguns programas são bastante extensos e exigentes, suportados por guias de aprendizagem, distribuídos pelo ME, de péssima qualidade gráfica, com erros científicos, nem sempre preenchem os requisitos deste tipo de formação e raramente correspondem às metodologias utilizadas pelo professor.

Síntese

Esta reforma, implementada desde o ano letivo 2004/2005, e com alguma experiência que temos nesta modalidade de ensino, cremos que há um retrocesso na filosofia do ensino recorrente.

É de salientar que continua o grande abandono e reduzida assiduidade dos alunos às aulas, em geral, e às aulas de apoio, em particular – estas, muitas vezes, sobrepostas ao horário escolar. Poder-se-á falar de abandono pois que a maior parte dos alunos que se inscrevem nunca chega a ir às aulas? É difícil abandonar algo onde nunca se esteve. É facto conhecido, que em um grande número de casos, alguns alunos se inscrevem neste tipo de ensino para, única e exclusivamente, beneficiar do estatuto de trabalhador-estudante e obter privilégios no seu emprego. A situação não mudou no ano letivo de 2007/2008 mesmo quando o governo, ME, se responsabiliza pelo processo de elegibilidade dos candidatos - professores do ensino básico e secundário, alunos que se inscrevam no 10º ano de escolaridade nos 3 anos seguintes e aos trabalhadores em formação ao abrigo do programa Novas Oportunidades – facilitando, através dos programas e-escola, e-professor e e-oportunidades, a aquisição

de computadores portáteis e um equipamento de acesso em Banda Larga a 150€. Este projeto é financiado fundamentalmente pelos operadores móveis (Optimus, TMN e Vodafone) ao abrigo das obrigações para o desenvolvimento da Sociedade de Informação, como contrapartida pela atribuição das licenças das comunicações da terceira geração.

Uma das razões do insucesso noturno é a falta de assiduidade. Sabemos de muitos professores que não marcam faltas aos alunos o que impossibilita que sejam excluídos do sistema de ensino.

Uma das (des)vantagens (?) desta modalidade de adultos é o professor estar de novo com a turma com o mesmo nível, deixar de apoiar e orientar, consoante as necessidades de cada aluno, com vista ao sucesso dos seus alunos. Voltámos ao antigamente, às aulas dirigidas (exclusivamente pelo professor), ao ensino tradicional. Mas não será isto desadequado ao ensino recorrente? O ensino de adultos é uma extensão do ensino diurno, uma vez que o modelo é uma cópia do utilizado no ensino diurno? Ensinar todos como se fossem um só? E respeitar o ritmo de aprendizagem dos alunos como está estabelecido na LBSE? Não será um obstáculo à renovação da escola?

Os alunos gostam de trabalhar em regime de turma, gostam do espírito de classe, porque a maior parte vem da solidão do mundo do trabalho e a quem sabe bem-estar com os colegas ao fim do dia. Mas vão estar todos no mesmo módulo capitalizável, a aprender exatamente a mesma coisa, independentemente do seu ritmo de aprendizagem. Para além disso, se o aluno estiver no regime presencial, se um aluno não fizer um módulo poderá passar para o seguinte, tentando fazer mais tarde o anterior através de uma prova para o efeito. Não será incongruente para disciplinas de carácter cumulativo?

Numa sociedade competitiva, economicista / materialista, onde há uma indefinição dos valores / princípios e com a continuação de um sistema de ensino baseado numa aprendizagem livresca, descurando-se outros saberes, cremos que não será ainda suficiente para definir as competências para uma formação superior.

A comunidade tem de vir para a escola, mas a escola também tem de ir para a comunidade, aprender com ela, com a autarquia, com as empresas, com as instituições. A escola tem de perceber quem são as pessoas que não têm o 12º ano e tentar motivá-las. Tem de

existir, nas escolas, um projeto educativo do ensino recorrente para adultos e não ser só eminentemente centrado para jovens.

Qual o papel das “escolas noturnas”? Não constituem elas peças estratégicas e fundamentais da educação e da formação das pessoas, da sociedade, ao longo da vida? A escola é serviço público!

Capítulo VI – Cursos EFA-NS

Introdução

O Curso de Educação e Formação de Adultos de nível secundário (Cursos EFA-NS) é uma oferta de educação e formação para adultos que pretendam elevar as suas qualificações (quer escolares quer profissionais). Estes cursos organizam-se numa perspetiva de aprendizagem ao longo da vida, enquanto instrumento promotor da (re)inserção sócio profissional e de uma progressão na qualificação.

Este curso é indicado para formandos que têm idade igual ou superior a 18 anos (a título excecional, poderá ser aprovada a frequência num determinado Curso EFA a formandos com idade inferior a 18 anos, desde que estejam inseridos no mercado de trabalho); e / ou que pretendam completar o 12º ano de escolaridade e possuam o 9º, 10º ou 11º anos de escolaridade ou equivalente.

Os primeiros cursos EFA surgem, em Portugal, em 2000/2001, com 13 cursos piloto, para o ensino básico, “numa fase assumidamente experimental, que possibilitou testar, a diversos níveis a metodologia proposta” (Ávila, 2004: 7).

VI.1 Cursos EFA de nível secundário

De acordo com o percurso formativo definido para o candidato, os cursos de educação e formação de adultos, de nível secundário, podem conferir uma certificação escolar ou uma certificação de dupla certificação: ensino secundário (certificação escolar) e certificação profissional, conferindo o nível 4 de qualificação do Quadro Nacional de Qualificações. A título excecional, no caso de já ter concluído o ensino secundário, podem conferir uma certificação apenas profissional. Estes cursos organizam-se numa perspetiva de aprendizagem ao longo da vida, enquanto instrumento promotor da (re)inserção socioprofissional e de uma progressão na qualificação. O seu objetivo é possibilitar a aquisição de habilitações escolares equivalentes ao 12º ano.

VI.2 Organização dos cursos EFA-NS de habilitação escolar

Os cursos EFA, de nível secundário, organizam-se numa perspetiva de aprendizagem ao longo da vida, como já referimos, de tipo A, Tipo B ou Tipo C, segundo o percurso formativo, definidos a partir de um diagnóstico inicial avaliativo e desenvolvidos de forma articulada, integrando uma formação de base (distribuídas em três áreas: CLC, STC e CP) e uma formação tecnológica ou apenas uma destas; num modelo de formação modular, tendo por base as referências de formação que integram o Catálogo Nacional de Qualificações; no desenvolvimento de uma formação centrada em processos reflexivos e de aquisição de saberes e competências, em contexto formativo, através de um módulo intitulado Portefólio Reflexivo de Aprendizagens (PRA); as condições mínimas de acesso e a durabilidade do curso - ver a tabela seguinte.

Tabela 5: EFA Escolar de nível secundário, de habilitação escolar, percurso formativo

| Percursos Formativos | Condições mínimas de acesso | Duração (Total de horas) |
|-------------------------|---------------------------------------|--------------------------|
| S – Tipo A ⁵ | 9º Ano | 2 anos escolares (1150h) |
| S – Tipo B ⁶ | 10º Ano (1/3 do ensino secundário) | 1 ano escolar (625h) |
| S – Tipo C ⁷ | 11º Ano (2/3 do ensino secundário) | 5 meses (315h) |

⁵ As unidades de formação de curta duração (UFCD) da formação de base obrigatórias para o percurso S 3 - Tipo A são: Cidadania e Profissionalidade: UFCD1, UFCD4 e UFCD5; Sociedade, Tecnologia e Ciência: UFCD5, UFCD6 e UFCD7; Cultura, Língua, Comunicação: UFCD5, UFCD6 e UFCD7; mais duas UFCD opcionais que podem ser mobilizadas a partir das UFCD de língua estrangeira (caso o adulto não detenha as competências exigidas neste domínio) ou de qualquer uma das áreas de competências-chave.

⁶ As UFCD da formação de base obrigatórias para o percurso S 3 - Tipo B são: Sociedade, Tecnologia e Ciência: UFCD7; Cultura, Língua, Comunicação: UFCD7; mais duas UFCD opcionais que podem ser mobilizadas a partir das UFCD de língua estrangeira (caso o adulto não detenha as competências exigidas neste domínio) ou de qualquer uma das áreas de competências-chave.

⁷ As UFCD da formação de base obrigatórias para o percurso S 3 - Tipo C são: Sociedade, Tecnologia e Ciência: UFCD7; Cultura, Língua, Comunicação: UFCD7; mais duas UFCD opcionais que podem ser mobilizadas a partir das UFCD de língua estrangeira (caso o adulto não detenha as competências exigidas neste domínio) ou de qualquer uma das áreas de competências-chave.

As UFCD de CLC onde está presente a Língua Estrangeira, preferencialmente em língua inglesa, são as UFCD números 1, 3, 5, 6 e 7.

As condições de acesso aos Percursos Formativos EFA Tipo B e Tipo C - equivalências – são-nos dadas através da Orientação Técnica n.º 12 da ANQ, atualizada em 15.01.2010, explicita-nos as condições mínimas de acesso aos cursos EFA, associadas às diferentes ofertas/modalidades de formação, tendo em conta a existência dos 3 percursos formativos para estes cursos, definidos de acordo com as habilitações escolares dos adultos, a saber: S-tipo A (acesso com o 9ºano); S-tipo B (acesso com o 10ºano) e S-tipo C (acesso com o 11ºano).

VI.3 Cursos EFA-NS de dupla certificação

Os cursos de dupla certificação têm uma formação de base com menos horas mas têm uma formação tecnológica e uma formação prática em contexto de trabalho de 210h que dará ao formando a certificação profissional de nível 4. No caso de Cursos EFA que sejam desenvolvidos apenas em função da componente de formação tecnológica são consideradas as cargas horárias associadas a essa componente de formação, acrescidas da área de Portefólio Reflexivo de Aprendizagens e formação prática em contexto de trabalho, quando obrigatória. Salientamos que a duração mínima de um curso EFA flexível é de 100 horas, quer seja apenas de formação de base, de formação tecnológica ou de ambas as componentes. Relativamente ao PRA, uma das componentes de formação, e sempre que se trate de um adulto que frequente a formação em regime não contínuo, o cálculo da carga horária de PRA deve ser feito tendo em conta sessões de 3 horas a cada 2 semanas de formação, para horário laboral, e 3 horas, de 4 em 4 semanas, para horário pós-laboral. A duração mínima da área de PRA é de 10 horas.

Tabela 6: EFA Escolar de nível secundário, de dupla certificação, percurso formativo

| Percurso Formativo | Condições mínimas de acesso | Formação de base (n.º de horas) | Formação tecnológica (n.º de horas) | Formação prática em contexto de trabalho ⁸ (n.º de horas) | TOTAL de horas |
|---|-----------------------------|---------------------------------|-------------------------------------|--|----------------|
| S – Tipo A | 9º Ano | 550 ⁹ | 1200 | 210 | 2045 |
| S – Tipo B | 10º Ano | 200 ¹⁰ | | | 1680 |
| S – Tipo C | 11º Ano | 100 ¹¹ | | | 1575 |
| Percurso flexível a partir de processo RVCC (b) | < ou = 9º ano | 550 ¹² | | | |

VI.4 Plataforma SIGO

O Despacho n.º 14 019/2007, de 3 de julho, criou o conselho de gestão do Sistema de Informação e Gestão da Oferta Educativa e Formativa (SIGO), com a missão de gerir as condições de desenvolvimento desta plataforma.

⁸ As 210 horas de formação prática em contexto de trabalho são obrigatórias para as situações em que os adultos estejam a frequentar um curso de nível secundário de dupla certificação e não exerçam atividade correspondente à saída profissional do curso frequentado ou uma atividade profissional numa área afim.

⁹ As unidades de formação de curta duração (UFCD) da formação de base obrigatórias para o percurso S 3 - Tipo A são: Cidadania e Profissionalidade: UFCD1, UFCD4 e UFCD5; Sociedade, Tecnologia e Ciência: UFCD5, UFCD6 e UFCD7; Cultura, Língua, Comunicação: UFCD5, UFCD6 e UFCD7; mais duas UFCD opcionais que podem ser mobilizadas a partir das UFCD de língua estrangeira (caso o adulto não detenha as competências exigidas neste domínio) ou de qualquer uma das áreas de competências-chave.

¹⁰ As UFCD da formação de base obrigatórias para o percurso S 3 - Tipo B são: Sociedade, Tecnologia e Ciência: UFCD7; Cultura, Língua, Comunicação: UFCD7; mais duas UFCD opcionais que podem ser mobilizadas a partir das UFCD de língua estrangeira (caso o adulto não detenha as competências exigidas neste domínio) ou de qualquer uma das áreas de competências-chave.

¹¹ As UFCD da formação de base obrigatórias para o percurso S 3 - Tipo C são: Sociedade, Tecnologia e Ciência: UFCD7; Cultura, Língua, Comunicação: UFCD7.

¹² O número de horas dos percursos flexíveis é ajustado (em termos de duração) em resultado do processo RVCC, não podendo ser inferiores a 100 horas. Este limite pode ser ajustado tendo em conta a carga horária da componente de formação tecnológica dos referenciais constantes no Catálogo Nacional de Qualificações.

A plataforma SIGO¹³ é coordenada pelo GEPE (Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação) tutelado pelo Ministério da Educação e funciona desde fevereiro de 2009.

É uma base de informação e contactos *online* que gere a oferta formativa e educativa a nível nacional, regional e local e a rede de alunos e formadores que fazem parte da iniciativa Novas Oportunidades, projeto que tem como objetivo alargar o referencial mínimo de formação até ao 12º ano de escolaridade para jovens e adultos.

A informação estatística é outra das funções da plataforma. O acesso à área reservada [<http://sigo.gepe.min-edu.pt/areareservada/faces/Login.jsp>] é efetuado através das credenciais de acesso atribuídas pela entidade gestora da Plataforma – GEPE –, as quais permitem a criação de novos utilizadores.

VI.5 Referenciais

Os referenciais de formação de competência-chave que integram o CNQ (Catálogo Nacional de Qualificações) estão divididos, no ensino secundário, por exemplo, na formação de base em três áreas de Competências: Cultura, Língua e Comunicação (CLC), Sociedade, Tecnologia e Ciência (STC), Cidadania e Profissionalidade (CP). Cada área de competência está dividida em sete (para CLC ou STC) ou oito (para CP) Unidades de competência (UC). Por sua vez, cada UC está dividida em quatro resultados de aprendizagem (RA), cada uma delas constituída por critérios de evidência. De acordo com Duarte (2006: 3), os critérios de evidência *“são as diferentes ações/realizações através das quais o adulto inicia o domínio da competência visada, sendo também indicadores para a construção do processo formativo”*.

¹³ A sigla SIGO significa Sistema de Informação e Gestão da Oferta Educativa e Formativa e faz a gestão dos percursos de qualificação escolar e de dupla certificação de adultos, assim como das redes nacionais de ofertas de educação e formação.

VI.6 Equipa técnico-pedagógica

A equipa técnico-pedagógica é constituída pelo Mediador Pessoal e Social e pelo grupo de Formadores responsáveis por cada uma das áreas de competências-chave que integram a formação. Ter uma equipa pedagógica pré-instituída, com colegas motivados a lecionar esta modalidade de cursos é uma das condições para o sucesso destes tipos de cursos. A divulgação através de folhetos, cartazes, publicidade e textos informativos em *sites* e divulgados na *net*, em locais gratuitos, envio da informação para os diferentes CNO e para juntas de freguesia também é importante. As funções dos formadores e do mediador pessoal e social estão regulamentadas das Portarias n.º 817/2007, de 27 de julho e n.º 230/2008, de 7 de março, republicada pela Portaria n.º 283/2011, de 24 de outubro e nos regulamentos específicos de cada instituição.

VI.7 Processo técnico-pedagógico

De acordo com a Portaria n.º 799-B/2000 de 20 de setembro, art.º 18º, as entidades promotoras de cursos de educação e formação de adultos são obrigadas a organizar um “processo técnico-pedagógico” onde constem os documentos comprovativos da execução do curso nas suas diferentes fases. Este Processo está estruturado segundo as características próprias do curso e inclui várias documentações, por exemplo:

i- Organização e funcionamento

- Formulário de Constituição do Curso no SIGO
- Publicidade e informação produzida para divulgação do curso
- Construção curricular – Conteúdos programáticos de cada área de competência-chave, organização das unidades e atividades de desenvolvimento curricular
- Cronogramas e Horário dos cursos

ii - Formandos

- Diagnóstico prévio dos formandos
- Ficha de inscrição e Certificado de habilitações
- Relação dos formandos - SIGO

- Certificados de Validação de competências (Quando encaminhado de um CNO para percurso flexível)

- Contrato de formação com os formandos
- Registo de assiduidade – Ficha de presença
- Registos da avaliação formativa (formação de base/formação tecnológica)

iii - Formadores

- *Curricula* dos formadores e mediador e respetivo Certificado de Aptidão Profissional (CAP)

- Contrato com os formadores externos
- Atas das reuniões da equipa pedagógica
- Avaliação do desempenho dos formadores

iv - Materiais

- Descrição dos equipamentos, suportes audiovisuais e informáticos, documentação
- Materiais pedagógicos construídos no processo de aprendizagem, por área de competência/área profissional

v - Acompanhamento

- Registo da realização do acompanhamento

VI.8 Planificações

As planificações recomendadas para o nível secundário devem ser de dois tipos: Planificação por área de competências chave e Planificação Transversal que envolve, preferencialmente, as três áreas de Competência-Chave.

Na Planificação por Área poderão constar os seguintes elementos: Área, Núcleo Gerador, Temas; Critérios de Evidência; Atividades, Recursos; Calendarização/horas; Avaliação.

Na Planificação Transversal deverão ser indicadas quais as UFCD das várias Áreas de Competências-Chave a trabalhar, de acordo com os seguintes tópicos possíveis: Núcleo Gerador; Atividades; Estratégias/Atividades; Instrumentos de Avaliação; Calendarização.

A Grelha de Validação de Competências poderá ser organizada, de acordo com os seguintes tópicos: “UC/UFCD; Competências; Critério de Evidência; Níveis de Complexidade; Competência Validada; Competência Certificada.”¹⁴

VI.9 Atividades integradoras

Os temas de vida ou atividades integradoras, segundo Silva (2002, citado por Quintas, 2006) “não são uma área isolada para ser tratada num tempo e num espaço específico; pelo contrário, constituem-se ‘na trama sobre a qual se vão interligar todas as áreas de competência e as componentes de formação’” (p. 6, aspas no original).

As atividades integradoras dão uma dinâmica muito própria à escola. Recomenda-se no Referencial de Competências-Chave para a educação e formação de adultos de nível secundário (ibidem, 2006: 20) o seguinte:

“Torna-se, assim, desejável, tanto no reconhecimento de competências como na formação, o recurso a “atividades integradoras”, em que o adulto possa mobilizar diferentes competências na definição, análise, pesquisa e resolução de problemas, gradualmente mais complexos, propostos em cada atividade.”

Segundo Quintas (2004), para tornar a aprendizagem significativa e interessante para o formando, o currículo destes cursos deve ser baseado em temas de vida ou atividades integradoras, escolhidos pelos formandos.

A atividade integradora a tratar deve emergir ou abordar o contexto de vida dos formandos, embora represente e equacione preocupações individuais, deve constituir-se numa tentativa de recolocar essas preocupações num contexto local, deve proporcionar a oportunidade dos formandos expressarem as relações entre o tema em análise e as suas

¹⁴ Documento de Apoio aos Cursos de Educação e Formação de Adultos (EFA), nov. 2008, p. 13.

dimensões económica, política e cultural da comunidade, o tema de vida deve transportar os formandos para além da sua perspetiva individual e construir uma vida de análise e de atuação nas dimensões económica e política das suas vidas (ibidem: 5).

No âmbito da planificação dos temas de vida é solicitada a participação dos formandos para sugerirem atividades onde possam mobilizar e/ou desenvolver competências em cada módulo de formação, tanto de base como profissionalizante. A planificação é realizada com todos os formadores, o mediador e os formandos, tentando-se adequar os critérios de evidência ao tema de vida escolhido. Juntamente com a escolha do tema de vida é definida uma atividade integradora que envolva, em princípio, todos os módulos de formação e que é apresentada no final do tema.

Os módulos de formação estão interligados pelo tema de vida ou atividade integradora, isto é, o tema de vida ou a atividade integradora tem que abranger todos os módulos transversalmente.

A auto e a heteroavaliação, bem como a planificação do tema de vida ou atividade integradora, deverá contar com a participação dos formandos.

Como cada formando tem uma experiência de vida própria, desenvolveu determinadas competências ao longo da sua vida e essas competências são importantes para as suas aprendizagens durante o curso, como cada formando tem uma maneira própria de trabalhar, tem um conhecimento próprio, muitas vezes diferente dos colegas e do formador, assim, colaborando com um ou mais colegas, há uma partilha de saberes e de formas de resolução dos problemas.

VI.10 Área do PRA

Um PRA de um curso EFA é um portefólio que reflete e evidencia o processo de formação do formando, reunindo os trabalhos e as reflexões realizadas no âmbito do seu percurso formativo, enquanto conjunto planeado, organizado e selecionado de documentos e serve de base às decisões sobre a certificação final do percurso formativo de cada adulto.

Esta metodologia permite ao formando participar ativamente em todas as fases do seu Portefólio, desde o planeamento de cada etapa, à sua consecução e avaliação, não devendo ser encarado como um mero depositário de instrumentos utilizados no decorrer das sessões de cada área e componente da formação.

“A datação de cada documento para permitir a observação e análise do percurso e ponderação sobre a respetiva evolução; - Seleção pessoal e motivada do conteúdo do Portefólio, dando conta dos diferentes passos de cada documento/trabalho. Isto pode significar, por exemplo, que o formando inclua no seu Portefólio várias versões de uma mesma atividade, até ao seu estado final” (Rodrigues, 2006: 33).

O portefólio reflexivo de aprendizagem de cada formando é assim uma coleção planeada e organizada dos trabalhos, experiências e aprendizagens significativas do formando, que ilustra os seus esforços, os seus progressos e os resultados que alcançou em diferentes áreas – as suas capacidades e desenvolvimento.

VI.11 Mecanismos de recuperação

O desenvolvimento de mecanismos de recuperação tendo em vista o cumprimento dos objetivos de aprendizagem também tem de ser repensado, uma vez que os formandos têm um número fixo de horas para a sua formação, mas algumas vezes essas horas não chegam pois os formandos, à noite, faltam muito.

VI.12 Avaliação e Certificação

De acordo com o percurso formativo definido para si, estes cursos podem conferir uma dupla certificação (escolar e profissional), uma certificação apenas escolar ou apenas profissional.

Caso o formando conclua, com aproveitamento, um Curso EFA correspondente a um qualquer percurso formativo obterá um Certificado de Qualificações. Caso conclua com aproveitamento, um Curso EFA de dupla certificação, um Curso EFA de habilitação escolar (3º ciclo do ensino básico ou ensino secundário) ou quando, a título excecional, concluir

apenas a componente de formação tecnológica (por já ser detentor da habilitação escolar), terá direito à emissão de um Diploma.

No caso de o formando não concluir um Curso EFA, este verá registadas as Unidades de Competência (componente de formação de base dos cursos do ensino básico) e as Unidades de Formação de Curta Duração (UFCD) numa Caderneta Individual de Competências e obterá um Certificado de Qualificações discriminando as Unidades efetuadas.

Quanto à avaliação num curso EFA de nível secundário de habilitação escolar (por exemplo, no Percurso S – Tipos A), obtém-se a certificação com a validação de um mínimo de 44 competências (44 créditos), no conjunto das 22 Unidades de Competência (UC) associadas às UFCD que compõem a componente de formação de base. Para o adulto obter esta certificação tem de percorrer todas as UC/UFCD, validando, pelo menos, duas competências em cada UFCD.

O mesmo acontece com os percursos S – Tipo B e C. Nestes casos a certificação está igualmente dependente da validação de 2 competências em cada UC/UFCD que constitui o percurso (art.º 32º da Portaria 230/2008, de 7 de março, republicada pela Portaria n.º 283/2011, de 24 de outubro).

Para efeitos da certificação conferida pela conclusão de um curso EFA, de nível secundário, o formando deve obter uma avaliação com aproveitamento em todas as componentes do seu percurso formativo (Formação de Base e Portefólio Reflexivo de Aprendizagens). A certificação da formação de base está dependente da validação de duas competências ou resultados de aprendizagem em cada UC.

No Artigo 27.º da Portaria n.º 230/2008, de 7 de março, são definidos os seguintes “Objeto e finalidades

1 — A avaliação incide sobre as aprendizagens efetuadas e competências adquiridas, de acordo com os referenciais de formação aplicáveis.

2 — A avaliação destina-se a:

a) Informar o adulto sobre os progressos, as dificuldades e os resultados obtidos no processo formativo;

b) Certificar as competências adquiridas pelos formandos à saída dos Cursos EFA.

3 — A avaliação contribui também para a melhoria da qualidade do sistema, possibilitando a tomada de decisões para o seu aperfeiçoamento e reforço da confiança social no seu funcionamento.”

Nos Cursos EFA de nível secundário, a avaliação formativa ocorre, preferencialmente, no âmbito da área de PRA, a partir da qual se revela a consolidação das aprendizagens efetuadas pelo adulto ao longo do curso.

A informação relativa à avaliação dos formandos é registada na plataforma SIGO para a emissão do respetivo Certificado de Qualificações e Diploma.

VI.13 Prosseguimento de estudos

Os adultos que concluem o ensino básico ou secundário através de cursos EFA e que pretendam prosseguir estudos estão sujeitos aos respetivos requisitos de acesso das diferentes modalidades de formação.

A certificação escolar resultante de um Curso EFA de nível básico permite-lhe o prosseguimento de estudos através de um Curso EFA de nível secundário ou o ingresso num processo de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências com vista à obtenção de uma qualificação de nível secundário;

A certificação escolar resultante de um Curso EFA de nível secundário permite-lhe o prosseguimento de estudos através de um Curso de Especialização Tecnológica ou de um curso de nível superior, mediante as condições definidas na Deliberação n.º 1650/2008, de 13 de junho, da Comissão Nacional de Acesso ao Ensino Superior, ou nos termos do Decreto-Lei n.º 64/2006, de 21 de março (acesso ao ensino superior por maiores de 23 anos).

Síntese

Os Cursos de Educação e Formação de Adultos (Cursos EFA) são uma oferta de educação e formação para adultos que pretendam elevar as suas qualificações. Estes cursos desenvolvem-se segundo percursos de dupla certificação e, sempre que tal se revele adequado ao perfil e história de vida dos adultos, apenas de habilitação escolar.

Os Cursos EFA destinam-se a adultos que pretendam ou concluir o 1º, 2º, 3º Ciclos do Ensino Básico ou o Ensino Secundário e / ou obter uma certificação profissional.

Os adultos já detentores do 3º ciclo do ensino básico ou do nível secundário de educação que pretendam obter uma dupla certificação podem, sempre que se mostre adequado, desenvolver apenas a componente de formação tecnológica do curso EFA correspondente.

De acordo com o percurso formativo, estes cursos podem conferir uma dupla certificação (escolar e profissional), uma certificação apenas escolar ou apenas profissional.

A conclusão, com aproveitamento, de um Curso EFA correspondente a um qualquer percurso formativo confere um Certificado de Qualificações.

Caso se conclua com aproveitamento um Curso EFA de dupla certificação, um Curso EFA de habilitação escolar (3º ciclo do ensino básico ou ensino secundário) ou quando, a título excecional, se conclui apenas a componente de formação tecnológica (por já se ser detentor da habilitação escolar), tem-se direito à emissão de um Diploma.

No caso de não concluir um Curso EFA, verá registadas as Unidades de Competência (componente de formação de base dos cursos do ensino básico) e as Unidades de Formação de Curta Duração numa Caderneta Individual de Competências e obterá um Certificado de Qualificações discriminando as Unidades efetuadas.

Os adultos que concluam o ensino básico ou secundário através de Cursos EFA e que pretendam prosseguir estudos estão sujeitos aos respetivos requisitos de acesso das diferentes modalidades formativas.

Estes cursos integram ainda os formandos ao abrigo do Decreto-Lei n.º 357/2007, de 29 de outubro.

Capítulo VII – Motivação e Desenvolvimento Pessoal e Social

Introdução

O termo motivação é derivado do verbo em latim *movere*. A ideia de movimento aparece em muitas definições e relaciona-se ao facto da motivação levar uma pessoa a fazer algo, mantendo-a na ação e ajudando-a a completar tarefas (Pintrich e Schunk, 2002).

Segundo Murray (1986: 20), a motivação representaria “um fator interno que dá início, dirige e integra o comportamento de uma pessoa”. Esta noção que vincula a motivação a uma energia interna é também compartilhada por outros teóricos. Para Garrido (1990), a motivação é um processo psicológico, uma força que tem origem no interior do indivíduo e que o empurra, o impulsiona a uma ação. Na opinião de Pfromm (1987: 112), “os motivos ativam e despertam o organismo, dirigem-no para um alvo em particular e mantêm-no em ação”.

De acordo com Pintrich e Schunk (2002) uma definição de motivação deveria englobar alguns elementos: a noção de "processo", ou seja, a motivação é um processo e não um produto, dessa forma não pode ser observada diretamente, mas pode ser inferida a partir de alguns comportamentos. As metas têm a função de oferecer um ímpeto para a direção da ação do sujeito, e cujo ponto principal seria o de que os indivíduos sempre têm algo em mente, que buscam atrair ou evitar ao realizar uma ação; a necessidade de uma atividade física (esforço, persistência e outras) e/ou mental (ações de natureza cognitiva como o pensar, planificar, avaliar, etc.) e, por fim, o último elemento seria relacionado ao facto da motivação iniciar e sustentar uma ação.

Maslow (1970) observa a importância da gratificação de necessidades na motivação humana. Para este autor, o ser humano é marcado por uma dinâmica crescente de satisfação de necessidades. Estas diversas necessidades não se encontram todas ao mesmo nível, sendo possível estabelecer uma ordem hierárquica entre elas, estabelecendo-se a seguinte ordem: necessidades fisiológicas (comer, beber, descansar...); necessidades de segurança; necessidades sociais e de amor (ser aceite pelos companheiros, ter amizades...); necessidades do eu - relacionadas com a auto estima (confiança em si mesmo, autonomia, sucesso, competên-

cia, preparação, etc.) e por outra, são as que se relacionam com a própria reputação (gratidão, apreço, respeito, prestígio, etc.); e as necessidades de autorrealização (são as de dar vida às nossas potencialidades, de nos desenvolvermos ou aperfeiçoarmos continuamente, de sermos criativos, de realizarmos um projeto pessoal de vida, de realizar aquilo que de melhor há em nós).

Assim, a motivação humana é orientada pela necessidade de gratificação de necessidades. Enquanto os níveis mais baixos de necessidades não forem assegurados, a pessoa não se preocupa com os níveis seguintes da hierarquia, pois está completamente centrado e motivado para a satisfação das necessidades atuais. Esta teoria da motivação humana concebe a pessoa humana em crescimento contínuo, com vista a ser mais, ou seja, à sua autorrealização. Trata-se de uma evolução rumo à maturidade, mas que não termina no último nível da hierarquia, pois esse último nível, a autorrealização, pressupõe um movimento contínuo de crescimento e dinamismo da pessoa.

Maslow identifica o nível mais alto da hierarquia, ou seja o processo de autorrealização, com a maturidade.

VII.1 Motivação intrínseca

A motivação intrínseca define-se operacionalmente em duas formas: (1) participação voluntária numa atividade, em "aparente" ausência de recompensas ou pressões externas; e, (2) participação numa atividade, pelo interesse, satisfação e prazer que obtêm desse envolvimento (Vallerand, Deci e Ryan, 1987).

A motivação intrínseca é o fenómeno que melhor representa o potencial positivo da natureza humana, sendo considerada por Deci e Ryan (2000), Ryan e Deci (2000), entre outros, a base para o crescimento, integridade psicológica e coesão social. Configura-se como uma tendência natural para procurar a novidade, o desafio, para obter e exercitar as próprias capacidades. Refere-se ao envolvimento em determinada atividade por sua própria causa, por esta ser interessante, envolvente ou, de alguma forma, geradora de satisfação. Tal envolvimento é considerado ao mesmo tempo espontâneo, parte do interesse individual, e autotélico (Csikszentmihalyi, 1992), isto é, a atividade é um fim em si mesma.

Um aluno motivado intrinsecamente é aquele cujo envolvimento e manutenção na atividade acontece pela tarefa em si, porque é interessante e geradora de satisfação. Alunos com este tipo de motivação trabalham por considerarem isso agradável (Vallerand et al., 1992; Pintrich e Schunk, 2002).

VII.2 Motivação extrínseca

A motivação extrínseca é externa, refere-se a uma valorização que vem do meio externo e pode tornar qualquer tarefa apelativa devido à recompensa: pode ser ganhar mais dinheiro, uma palavra da família, o carinho de alguém querido.

Pérez López (1991) distingue três tipos de motivações, que denomina respetivamente motivação extrínseca, intrínseca e transcendente. Esta diferenciação apoia-se na observação de que toda a ação humana se realiza num ambiente - por exemplo, a organização - e que gera consequências em três dimensões diferentes.

Os motivos movem o ser humano pelas consequências que espera em virtude da ação executada. Na motivação extrínseca, pelas consequências que espera alcançar devido às reações do ambiente; na motivação intrínseca pelo que espera que produza nele a sua própria ação; na motivação transcendente pela que espera que a sua ação produza em outra ou outras pessoas presentes à sua volta. São três motivações que se encontram em todas as pessoas humanas, embora em proporções distintas. Se predomina a motivação extrínseca a pessoa está dependente, de certo modo, das reações dos outros e atua interesseiramente; se predomina a intrínseca, a pessoa pode decidir-se pela ação tendo em vista a sua melhoria pessoal; se predomina a transcendente a pessoa atua pensando ou abrindo-se às necessidades alheias ou à melhoria pessoal dos destinatários da sua atividade. Este esquema das intenções das motivações é muito interessante, porque não se centra só no que o ser humano sente como no que a pessoa quer. Destaca as intenções do sujeito, os fins que se propõe. Está muito relacionada, portanto, com a vontade humana.

Alguns estudos realizados (Gottfried, 1985; Pintrich e De Groot, 1990 e outros) apontam a importância da distinção de motivação intrínseca e extrínseca para a compreensão da motivação para a aprendizagem.

VII.3 Desenvolvimento pessoal e social

O conceito de “desenvolvimento” foi transferido do domínio socioeconómico para o educacional a fim de traduzir o processo imanente de transformação do ser humano em interação com a realidade. É um processo descontínuo e crítico com fases de rutura, mutação, adaptação e retração, resultante da dinâmica relacional de variados fatores intrínsecos, extrínsecos e transcendentais. Portanto, não é um processo linear nem uniforme ou igual para todos. Um dos desafios da educação é respeitar os diversos ritmos de desenvolvimento e criar condições para garantir essa diferenciação positiva em contexto de igualdade de oportunidades. Por conseguinte, trata-se de um direito que no plano educacional equaciona três vertentes fundamentais: uma autonomizar e responsabilizar a pessoa; outra visa o equilíbrio entre racionalidade, afetividade e corporeidade; outra ainda apela à relação da pessoa com os outros e com a realidade nas suas várias dimensões e múltiplas expressões.

Do ponto de vista das ciências humanas e da educação, o desenvolvimento humano, nas especificidades pessoal e social, é tanto objeto de intervenção educativa, como a educação ao longo da vida é razão e finalidade do desenvolvimento humano, isto é, educação e desenvolvimento fazem parte de um projeto cultural de formação humana e social, numa relação de copropriedade e de interdependência.

Assim, o Desenvolvimento Pessoal e Social é uma vasta área de conhecimento que integra os múltiplos saberes que visam compreender a complexidade dos processos de socialização e da construção de valores num mundo em devir, e cuja finalidade última é o desenvolvimento de programas e orientações que promovam o desenvolvimento pleno dos indivíduos.

A recente Lei de Bases do Sistema Educativo (Lei nº 49/2005, de 30 de agosto) vem, mais uma vez, atribuir à escola uma clara intencionalidade e especiais responsabilidades na promoção do desenvolvimento pessoal e social dos alunos assim como na educação para a cidadania: “Os planos curriculares do ensino básico incluirão em todos os ciclos e de forma adequada uma área de formação pessoal e social, que pode ter como componentes a educação ecológica, a educação do consumidor, a educação familiar, a educação sexual, a prevenção de acidentes, a educação para a saúde, a educação para a participação nas instituições, serviços cívicos e outros do mesmo âmbito” (artigo 50º, 2, da LBSE).

Nos artigos seguintes preconiza, como princípio base generalista, assegurar uma formação geral comum a todos os portugueses, formação que lhes permita suprir as dificuldades inerentes às mutações sociais, bem como uma integração plena na sociedade, nomeadamente, no mercado do trabalho e do emprego.

Sob o ponto de vista Ético e Moral é sempre problemático defender estes ou aqueles valores, dado que estes diferem de pessoa para pessoa, de cultura para cultura, de sociedade para sociedade. Porém, num País democrático, desenvolvido, que queremos que seja o nosso, os valores da liberdade, da democracia, da solidariedade, da tolerância, da justiça social, do respeito pelos direitos humanos, pelos direitos dos animais e pela defesa do ambiente, assentes no princípio base “faz aos outros o que queres que te façam a ti; não faças aos outros o que não queres que te façam a ti”, são certamente os mais importantes. Aliás, o que vem de encontro às ideias preconizadas por Lourenço (1990), e também defendidas por Kohlberg (1976), sobre as fases, níveis e estádios de desenvolvimento moral de todas as crianças, bem como a conceção e cumprimento de regras e a avaliação moral das transgressões, dessas mesmas regras.

Será que a escola preparou os adultos estudantes, já concluído o ensino secundário, para o direito à diferença, o respeito pelo ritmo de aprendizagem individual, os valores culturais, étnicos, políticos e religiosos se salvaguardarem, se respeitarem e se protegerem, a Pessoa, todo o Indivíduo, terá assegurado as melhores condições de realização pessoal e social? Será que os alunos levam da escola os dotes pessoais de criatividade, os sentimentos de liberdade, de solidariedade e de justiça? Será que a Escola contribuiu para um desenvolvimento harmonioso do ser humano e formou cidadãos mais conscientes dos seus deveres e dos seus direitos, isto é, mais capacitados para o exercício efetivo da cidadania e do seu bem-estar? Será que a escola desenvolveu todas as suas potencialidades e aumentou as capacidades no sentido da otimização, como contributo para o sucesso pessoal, educativo e social destes alunos? Será que os incentivou no empenhamento das tarefas? No respeito pelo outro, quer se trate de um colega, um professor ou um funcionário? Estas e outras são condições indispensáveis ao desenvolvimento pessoal e coletivo já que, todo o desenvolvimento narrativo do indivíduo decorre em contexto relacional, tendo como referência o meio cultural do indivíduo (Vitória, 1997: 267).

O educando, nesta perspectiva de identidade própria e do conhecimento do outro, na definição do Eu de cada um, constrói, necessariamente, um perfil que é facilitador de integração social e de desenvolvimento pessoal.

Síntese

Um conceito utilizado no estudo da motivação, e que também aparece no estudo da motivação para a aprendizagem escolar, é o de motivação intrínseca e extrínseca. Um aluno extrinsecamente motivado é aquele que desempenha uma atividade ou tarefa interessado em recompensas externas ou sociais, um aluno com este tipo de motivação está mais interessado na opinião do outro, as tarefas são realizadas com o objetivo principal de agradar pais e/ou professores, para ter reconhecimento externo, receber elogios ou apenas para evitar uma punição (Pfromm, 1987; Deci et al., 1991; Lens, 1994; Pintrich e Schunk, 2002).

A personalidade do professor também é importante: a sua presença física, a sua voz, o seu entusiasmo, a sua energia, a sua firmeza e a sua segurança.

O desenvolvimento pessoal e social não segue modelos nem tem limites. É aberto, atento e solidário. É experiencial, no sentido em que as experiências ocasionam momentos de vivência pessoal. Vivência única, intransferível e inadiável. Vivência de estar no mundo e participar na sua construção. Vivência de crescimento, em que a pessoa se expõe como é capaz, se dá na sua medida e se supera na relação.

O processo de aprendizagem é necessário para o desenvolvimento pessoal e social de cada pessoa, favorecendo a compreensão de que a alfabetização de jovens e adultos leva o educando à conscientização dos problemas que o cercam, ao conhecimento de mundo e da realidade social onde vive.

Desta forma, independentemente dos mais ou menos capazes, torna-se necessário ajustar a cada um o que melhor pode fazer para um contributo positivo, no sentido da construção de uma sociedade mais justa, mais democrática e mais solidária e para o melhor bem-estar de cada um.

Para finalizar esta primeira parte, apresentamos de seguida uma síntese de alguns autores teóricos de referência que serviram de base aos capítulos anteriores.

Tabela 7: Síntese do enquadramento teórico

| ENQUADRAMENTO TEÓRICO | |
|--------------------------------|--|
| Temas do enquadramento teórico | Alguns autores de referência |
| Vida adulta e ciclos de vida | Vandenplas-Holper, 1998; Baltes, 1999; Boutinet, 2000; Neri, 2002; Sousa, 2007. |
| Andragogia | Knowles, 1986; Freire, 1996; Alcalá, 1997; Canário, 1999; Cavalcanti, 2007. |
| Professor andragógico | Brundagee e MacKeracher, 1980; Barquera, 1988; Knowles, 2001; Goecks, 2003; Infante, 2004; Hermoso, 2005; Covey, 2005. |
| Aprendizagem ao longo da vida | UNESCO, 1949-2021; Governos XVII e XVIII (2005-2011); EU, 2007; Cavaco, 2009; Lima, 2010; OCDE, 2010. |
| Educação e formação de adultos | Freire, 1996; Canário, 1999, Lima, 2010. |
| Ensino recorrente secundário | Legislação vária |
| EFA-NS | Legislação vária |
| Motivação e DPS | Maslow, 1970; Pérez López, 1991; Deci e Ryan, 2000; Pintrich e Schunk, 2002. |

II PARTE - ESTUDO EMPÍRICO

Todo o conhecimento é autobiográfico (...). Qualquer trabalho de investigação tem de ser entendido à luz de uma dupla contextualização: a partir de uma realidade de ordem subjetiva, do posicionamento do sujeito-autor-investigador (...) e a partir de um contexto histórico, social, cultural onde se insere.

(Pires, 2005: 23)

Capítulo VIII - Metodologia

Introdução

Analizada a literatura sobre os temas principais deste estudo (em livros, revistas, artigos, *sites* da *internet* e legislação) de forma a alargar e aprofundar conhecimentos sobre os mesmos, optou-se por uma metodologia que melhor respondesse às questões de partida já enunciadas.

VIII.1 Opções metodológicas

A metodologia, o enquadramento teórico e a habilidade / capacidade do investigador na construção do trabalho científico compõem o triângulo que sustenta a investigação científica.

Silva e Pinto (2000: 11) referem que a estratégia da investigação científica não pode, pois, ser definida, à maneira da filosofia clássica, invocando normas lógicas tidas por imutáveis e procurando fixar para sempre condições de possibilidade e de coerência da ciência, pois mais do que repetir saberes, a investigação científica deve dar lugar à construção de saberes, em que a ligação objetiva entre causa e efeito, como refere Tuckman (2000), não pode ser meramente uma ligação «construída» pelo sujeito epistémico.

A escolha da metodologia deve ser uma decisão refletida, ponderada e adequada não apenas ao problema em estudo mas também aos objetivos e às questões levantadas pelo investigador. Como refere Abrantes (1994: 205), a escolha da metodologia a seguir está dependente dos “(...) objetivos do estudo e do tipo de estudo a que ele procura responder, da natureza do fenómeno estudado e das condições em que esse fenómeno ocorre”. Como salientam Matos e Carreira (1994), na escolha da metodologia a adotar devemos ter em consideração o que se pretende estudar e, só depois de termos uma questão ou problemática definida, podemos proceder a uma seleção metodológica que se coadune com o estudo a desenvolver.

Metodologia é entendida como um conjunto de diretrizes que orientam uma investigação científica, ou como diz Minayo (2001: 16) é “o caminho do pensamento e a prática exercida na abordagem da realidade”, diferenciando-se de método, visto aqui como operações (técnicas) de recolha e análise de dados (Lessard-Hérbert, Goyette e Boutin, 1990: 144). Se a metodologia for entendida somente como um conjunto de técnicas passa a ter um papel secundário. Nela devem ser abrangidas as concepções teóricas, as técnicas e o potencial criativo do investigador. Ela não deve ser enlevada ou negligenciada para que a pesquisa possa atingir os seus objetivos (Minayo, 2002: 22-23).

Estrela (1990: 8) entende por metodologia o conjunto de métodos e técnicas de investigação, a sua organização e a sua fundamentação. Assim, para os fins que nos propusemos atingir, escolhemos utilizar o seguinte método e técnicas: método qualitativo - entrevistas – relatos orais – estudos de caso e *focus group*.

VIII.2 Abordagem qualitativa

Na investigação interpretativa ou qualitativa, o investigador desempenha um papel muito relevante no desenrolar de todo o processo. Dele depende não apenas a recolha de dados mas também a construção de materiais que tornem essa recolha mais produtiva. O mesmo ocorre em relação à análise dos dados recolhidos: o investigador analisa os dados de forma indutiva e interpretativa, procurando por meio dos dados recolhidos delinear teorias, criar conceitos e desenvolver conceptualizações. Desta forma, neste tipo de investigação é essencial produzir descrições detalhadas, que permitam ao leitor elaborar as suas próprias interpretações, confrontando-as com as que são apresentadas pelo investigador. Por isso mesmo, a escrita deve clarear as evidências empíricas encontradas bem como as interpretações que são feitas a partir delas (Silva, 2002). Sendo este tipo de investigação um processo que não é neutro, pois está configurado pelos conhecimentos, vivências, recolha de dados e interpretações do investigador, importa clarificar o seu percurso, motivos, convicções, interpretações, fornecendo ao leitor uma possibilidade de leitura crítica da investigação produzida. Estes aspetos são particularmente relevantes no tipo de investigação que se nos afigura como o mais adequado ao problema abordado: os estudos de caso.

A revisão de literatura que elaborámos, aquando da preparação deste estudo, levou-nos a reconhecer no estudo de caso a metodologia de trabalho que mais se adequava aos princípios orientadores desta investigação e que, simultaneamente, melhor se adequava ao fenómeno que nos propúnhamos estudar, é a análise qualitativa. Não são poucos os autores nacionais e internacionais, que têm refletido acerca desta metodologia, salientando a sua pertinência nos domínios da investigação educativa. Cohen, Manion e Morrison (2000), a nível internacional, e Ponte (1994), entre outros, a nível nacional, defendem que esta metodologia, quando aplicada convenientemente, possibilita um conhecimento pormenorizado e atual do fenómeno empírico ao qual é aplicado, complementada por análises quantitativas e tratamento de dados.

VIII.2.1 Estudos de caso

De um modo geral, um “(...) estudo de caso consiste na observação detalhada de um contexto, ou indivíduo, de uma única fonte de documentos ou de um acontecimento específico” (Bogdan e Biklen, 1994: 89), isto é, uma área de trabalho delimitada a um determinado fenómeno em estudo. É nesta linha que Ponte (1994: 3) afirma que um estudo de caso “(...) é uma investigação que se assume como particularista, isto é, que se debruça deliberadamente sobre uma situação específica que se supõe ser única em muitos aspetos, procurando descobrir o que há nela de mais essencial e característico”.

Nesta perspetiva, os estudos de caso caracterizam-se pela particularidade do fenómeno que se pretende compreender, assim como pelo detalhe com que é possível compreendê-lo (Merriam, 1988; Yin, 1990; Bogdan e Biklen, 1994; Cohen, Manion e Morrison, 2000). Um estudo de caso implica uma análise contemporânea e atual de um determinado fenómeno da vida real, fenómeno que desperta, no investigador, curiosidade e interesse pelo caso em estudo. A curiosidade, a responsabilidade ou a capacidade de tomar decisões e de adaptar os procedimentos à evolução do estudo são, para Yin (1990) e Merriam (1988), as características principais de um investigador que muito deve ter em comum com um detetive. Tal como o detetive, o investigador de estudos de caso deve ser capaz de descobrir informações contraditórias, recolher todas as pistas adicionais que surgem ao longo da investi-

gação e, posteriormente, relacionar os diversos dados recolhidos iluminando alguns dos significados que se lhes pode atribuir.

Nos estudos de caso, o investigador assume um papel relevante no desenrolar dos trabalhos, “(...) não havendo nada que substitua a sua perspicácia observadora, bem como a riqueza e pertinência das suas perspetivas de análise” (Ponte, 1994: 15). Para Bell (1997), uma das vantagens deste método de investigação reside na possibilidade dada ao investigador de se concentrar em casos específicos, identificando os processos interativos em curso. Processos interativos que poderão ocorrer não apenas entre os participantes e o investigador, como também entre o participante e a comunidade social ou educativa na qual estão inseridos.

VIII. 2.2 *Focus group*

Para garantir o rigor dos dados recolhidos e das conclusões da investigação, é necessário que esta possua duas características fundamentais: a validade (interna e externa) e a fidelidade. São estas que poderão garantir ao investigador que o resultado é o mais correto. “A parte referente à avaliação da tarefa concentra-se em duas características ou qualidades de todas as técnicas de medida, ou seja, a validade e a fidelidade” (Tuckman, 2000: 561).

No caso particular deste estudo, optámos por realizar o *focus group* a fim de observar melhor se os resultados seriam os mesmos do estudo I. Assim, optámos por fazer o *focus group* (a que chamaremos estudo II) numa outra modalidade de ensino: no curso de educação de adultos de habilitação escolar, de tipo A, mas com participantes com as mesmas características em ambos os estudos.

VIII.3 A escola

O trabalho de campo (estudo I – estudos de caso e estudo II – *focus group*) foi realizado numa escola do centro de Lisboa, a que chamámos Escola XPTO. A Escola fundada nos primeiros anos do século XX, por Carta de Lei, de 24 de maio, é uma das maiores e mais prestigiadas escolas secundárias de Lisboa, e mesmo de Portugal. Por ela, passaram imensos alu-

nos, que atualmente são importantes figuras da sociedade, quer a nível nacional quer internacional.

A localização da Escola, numa zona central de Lisboa e de fácil acessibilidade, devido à existência de variados meios de transporte, faz com que os alunos sejam provenientes não apenas dos bairros residenciais mais próximos, mas de vários pontos da cidade de Lisboa e de áreas periféricas.

A Escola tem uma longa tradição no ensino de adultos. Ainda atualmente a escola mantém o ensino noturno e é considerada uma das melhores escolas secundárias do país. Nos últimos anos, tem sido alvo de obras de remodelação e expansão, tendo sido criados de raiz um refeitório, um auditório, uma sala de musculação, um novo espaço para o museu da escola e um pavilhão gimnodesportivo (sem o Programa de Modernização da Parque Escolar). Dispõe igualmente de um centro de recursos escolares, de uma biblioteca, salas de informática e de desenho, uma papelaria, um bar de alunos e professores, os laboratórios de Física, Química e Biologia, a sala da Associação de Estudantes, dois campos de futebol, mesas de pingue-pongue e de matraquilhos.

Esta Escola é procurada, particularmente no horário pós-laboral, por uma população heterogénea e com carências a nível de formação básica e profissionalizante.

Está situada numa zona de grande concentração de serviços do setor terciário e comercial. Dispõe ainda de um espaço amplo, assim como de recursos humanos e materiais que permitem concretizar este projeto, nomeadamente: possui, nos seus quadros, formadores com experiência nesta área e oferece, durante o período noturno, serviço de bar e, a nível pedagógico, o acesso a uma Sala de Estudo, e a um Centro de Recursos Multimédia (BE/CRE).

Nos últimos anos, a Escola optou por as diferentes disciplinas terem os seus espaços próprios. Esta reorganização dos espaços e a aquisição de equipamento no domínio das tecnologias de informação e comunicação permitem ampliar as possibilidades da ação educativa, diversificar estratégias e possibilitar novas situações de aprendizagem nas quais o quadro já não é o único suporte de ação do professor/formador.

VIII.3.1 Oferta formativa

A oferta formativa da Escola passa pelos cursos científico-humanísticos, nos regimes diurno e noturno; curso tecnológico de Desporto; cursos profissionais (técnico de Informática de Gestão e Técnico de Serviços Jurídicos); cursos de Educação e Formação de Adultos escolar e de dupla certificação (Técnicas de Apoio à Gestão; Instalação e Manutenção de Sistemas Informáticos; Técnico de Análise Laboratorial; Técnico de Controlo de Qualidade Alimentar; Técnico de Agência de Viagens e Transportes e Técnico de Museografia e Gestão do Património); o Curso de Português para Estrangeiros e ainda as Formações Modulares de Francês, Inglês, Alemão e Espanhol.

Esta Escola nunca teve CNO, apesar de se ter candidatado em 2009 e ter ficado bem colocada no concurso, mas este foi anulado. Em 2013 candidatou-se, novamente ao CQEP que funcionará em estreita articulação com o SPO da escola e foi de novo selecionada.

VIII.3.2 Acordos de colaboração

Relativamente às parcerias ou acordos de colaboração que esta escola protocolou e a título de exemplo, referimos as parcerias com entidades vocacionadas para intervenções especializadas (ACIDI – instituto público para a integração de imigrantes e minorias étnicas; AGIR XXI – Associação de inclusão social e promoção da empregabilidade; escolas e agrupamentos de escola públicas e privadas; Câmara Municipal de Lisboa; IEFP; juntas de freguesia; corte inglês; sindicatos vários...).

VIII.3.3 Equipa de professores

A equipa de professores desta escola é essencialmente formada por professores do quadro com larga experiência de trabalho com jovens e adultos mas, há ainda alguns que até então não se aperceberam que os conteúdos terão de ser lecionados de uma outra forma, sem ser tão diretivo, a fim de motivar o público adulto e a fazer com que eles não desistam da escola nem de si..

VIII.3.4 Índice de Satisfação da escola

Apresenta-se, de seguida, uma métrica de monitorização do grau de satisfação da comunidade escolar (ISAC)¹⁵ desta escola.

O Índice de Satisfação da escola (ISAC) como um indicador de satisfação dos agentes Alunos, Pais e Encarregados de Educação, Docentes e Não Docentes visa ser um elemento complementar que evidencie fatores de satisfação que naturalmente são subjetivos.

Tanto em 2010 como em 2012, foram selecionadas as mesmas 5 questões-chave lançadas nos questionários para cada um dos tipos de agente, apesar de algumas questões serem convergentes nos quatro tipos de agente identificados, não se pretende, comparar os resultados atômicos dos agentes entre si. Pretende-se apenas obter uma métrica para felicidade em aspetos que a equipa do observatório considerou sensíveis.

Por cada agente, o indicador reflete uma média das cinco questões selecionadas. Com igual peso, o ISAC é calculado a partir das médias dos coeficientes anteriores. Dada a precisão do cálculo, qualquer variação dos indicadores é facilmente monitorizada.

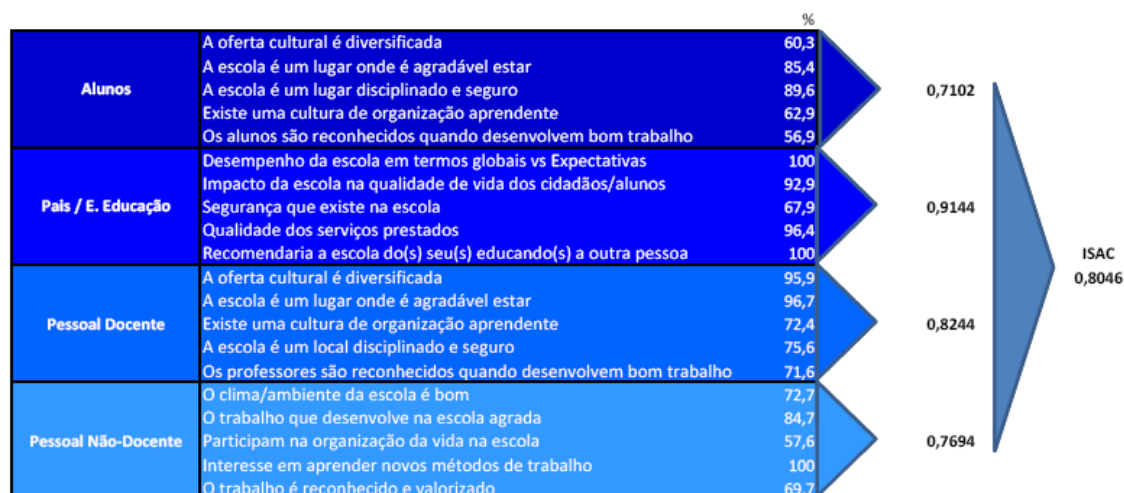
Assumidamente, não se pretendeu incluir no ISAC indicadores como: resultados escolares de frequência; percentagens de ingresso no ensino superior; percentagens de abandono escolar; número de participações disciplinares; número de conselhos disciplinares; atividades realizadas de interdisciplinaridade; número de parcerias e protocolos; projetos de escola; etc. Estes indicadores são alvo de outras análises com foco puramente operacional, é objetivo e focado nos resultados escolares. O que se pretendeu foi introduzir uma efetiva métrica para o sentimento de satisfação. Naturalmente, direta ou indiretamente, os indicadores anteriores estão correlacionados com o ISAC mas não foi intenção da equipa do Observatório somar a posição relativa no ranking nacional de escolas a esta análise. Trata-se de um índice puramente interno de e para os agentes em causa.

O ISAC 0,8046 obtido (ver Fig. 6), em 2010, permite constatar que o índice de satisfação global foi bastante bom e como tal, com o devido distanciamento que o observatório deve manter, congratulou-se pelo desempenho, posicionamento e sentimento demonstrado

¹⁵ Ver relatórios do Observatório de Qualidade, 2009 / 2010 e 2011/2013 da Escola.

pelos agentes, uma vez que existe um reconhecimento/envolvência evidente em relação à escola. O Observatório tomou a liberdade de considerar que o sentimento de pertença e orgulho em relação à escola é de elevado.

Figura 6: ISAC 2010



Relativamente a 2012, o ISAC 0,7505 (ver Fig. 7), uma vez mais, permite constatar que o índice de satisfação global foi bastante bom. Apesar de uma ligeira descida do índice global, ainda assim, é observável que determinados indicadores intermédios registaram uma subida.

Figura 7: ISAC 2012



Figura 8: ISAC, 2010/2012 (Análise comparativa dos indicadores intermédios)

| | Alunos 2010 (%) | Alunos 2012 (%) | Pais 2010 (%) | Pais 2012 (%) | Docentes 2010 (%) | Docentes 2012 (%) | Não-Docentes 2010 (%) | Não-Docentes 2012 (%) |
|------|-----------------|-----------------|---------------|---------------|-------------------|-------------------|-----------------------|-----------------------|
| | 60.3 | 57.7 | 100 | 86 | 95.9 | 97.9 | 72.7 | 83.3 |
| | 85.4 | 66.8 | 92.9 | 88.4 | 96.7 | 92.6 | 84.7 | 100 |
| | 89.6 | 62.2 | 67.9 | 62.8 | 72.4 | 80 | 57.6 | 58.3 |
| | 62.9 | 48.3 | 96.4 | 81.4 | 75.6 | 89.5 | 100 | 91.7 |
| | 56.9 | 54.4 | 100 | 90.7 | 71.6 | 75.8 | 69.7 | 33.3 |
| ISAC | 0.7102 | 0.5788 | 0.9144 | 0.8186 | 0.8244 | 0.8716 | 0.7694 | 0.7332 |

Em 2012, verificou-se que a questão “A escola é um lugar onde é agradável estar” foi a que obteve maior percentagem, contrariando a tendência de 2010 que foi “A escola é um lugar disciplinado e seguro”.

Em 2012, constata-se que Pais e EE recomendariam a escola a outros atores educativos. Trata-se da questão que obteve maior expressão em 2012. Por outro lado, a questão que obteve menor expressão (ainda assim positiva) foi relativa ao sentimento de segurança na escola.

Docentes - apenas um indicador de satisfação não registou um aumento. Nomeadamente, “A escola é um lugar onde é agradável estar”. Todavia, trata-se de um indicador extremamente positivo, tendo inclusive ultrapassado os 90%.

Não-docentes - Ao nível dos não-docentes, a questão que teve maior expressão refere-se ao agrado com que os mesmos desenvolvem o seu trabalho. Ainda assim, salienta-se que o reconhecimento e valorização do seu trabalho foi a questão que obteve menor expressão.

A análise dos indicadores intermédios supracitados permitiu uma efetiva comparação de resultados por agentes educativos. A interpretação dos mesmos é *per si* explicativa e permitiu verificar tendências de subida e/ou descida em função dos contextos em causa. Deste modo, os indicadores ISAC intermédios poderão ser utilizados como instrumento de suporte à decisão para políticas futuras.

Apesar dos índices de 2012 revelarem um elevado grau de satisfação, verificou-se uma ligeira descida dos resultados obtidos face a 2010. Mais concretamente ao nível do ISAC

Escola, Alunos, Pais / E.E, e Não-Docentes. Em contrapartida, globalmente, o ISAC Docentes registou uma subida em 2012.

Para o sucesso da autoavaliação e da sua aceitação é imperioso o envolvimento da comunidade escolar neste processo de mudança e isso é conseguido com o preenchimento dos questionários. Os questionários dão a possibilidade da escola conhecer a opinião da comunidade educativa relativamente a determinadas questões relacionadas com o modo de funcionamento e desempenho da escola, aferir o seu grau de satisfação e/ou concordância e de motivação para as atividades que desenvolvem.

Os questionários aplicados ao pessoal docente e não docente são questionários abrangentes que permitem aferir conclusões sobre o nível de desempenho da escola e evidenciar domínios que necessitam de ser melhorados.

A inquirição aos pais/encarregados de educação, alunos, pessoal docente e pessoal não docente foi feita através de uma plataforma de questionários *online*.

Os questionários foram aplicados ao universo do pessoal docente e do pessoal não docente em efetivas funções, em outubro de 2012.

VIII.4 Instrumentos de recolha de dados

Os instrumentos selecionados para a realização de uma investigação empírica estão intimamente condicionados pela finalidade do estudo e pressupostos teóricos. O investigador necessita de identificar as fontes de dados, aceder ao campo e iniciar o trabalho de recolha da informação.

Neste estudo, em concreto, definimos as entrevistas (estudo I) e o *focus group* (estudo II) para recolhermos os dados, para além dos registos pessoais das observações diretas e das conversas informais.

VIII.4.1. Entrevistas / Estudos de caso (Estudo I)

Para Bogdan e Biklen (1994: 134) “(...) uma entrevista consiste numa conversa intencional, geralmente entre duas pessoas, embora por vezes possa envolver mais pessoas (...)

dirigida por uma das pessoas, com o objetivo de obter informações sobre a outra”. É, deste modo, um instrumento de recolha de dados muito útil ao investigador e “(...) um dos processos mais diretos para encontrar informação sobre um determinado fenómeno” (Tuckman, 2000: 517). A informação recolhida por meio da entrevista é frequentemente mais densa e mais abundante, comparativamente à informação recebida por meio de outros instrumentos, tais como o questionário. Dadas as limitações próprias de um questionário, que se prendem com o número de questões que, por vezes, ficam por responder, ou a pouca profundidade das respostas (Cohen, Manion, e Morrison, 2000), recorreremos às entrevistas de modo a enriquecermos, aprofundarmos e esclarecermos a posição dos participantes em relação à temática em causa “Voltar à escola 20 anos depois: um desafio pessoal e social”.

A realização de uma entrevista é uma vez que se definiu que a técnica do relato oral seria empregue para a recolha de dados, foi necessário pesquisar as diferentes modalidades existentes para escolher qual a mais apropriada para esta investigação.

As diferentes técnicas para a recolha de relato oral têm proximidades e particularidades nas suas definições e finalidades fornecendo elementos para a pesquisa (Queiroz, 1987). As principais formas são: entrevistas, que podem ser individuais ou coletivas, a história oral, a autobiografia e a biografia. As denominações de entrevista e de história oral, embora apareçam com conotações diferentes em diversos autores, são tomadas como quadros amplos para captar informações oralmente.

A entrevista é considerada um nome genérico no processo do trabalho de campo, podendo ser aberta, estruturada, semiestruturada, assim como entrevista com grupos focais e histórias de vida. De modo geral, é o momento em que o pesquisador recolhe informações, que podem ser de natureza objetiva ou subjetiva, através da fala dos atores sociais (Minayo, 1992). O conceito de entrevista é amplo e contempla uma série de questões, permeando a fidedignidade do informante, a interação entre investigador / entrevistado, a palavra como símbolo e o código de sistemas e valores, a representatividade da fala, entre outras.

“Uma entrevista consiste numa conversa intencional, geralmente entre duas pessoas (...) dirigida por uma das pessoas, com o objetivo de obter informações sobre a outra. No caso do investigador qualitativo, a entrevista surge com um formato próprio.” (Morgan, 1988 e Burgess, 1984)

A entrevista semidiretiva coloca questões que se pretendem abertas, num ambiente descontraído e informal, estando articuladas de modo a que o entrevistado se sinta confortável para se expressar sem condicionalismos e possa utilizar o seu vocabulário original. Este tipo de entrevista é utilizado quando o investigador dispõe de informação bibliográfica que o auxilia na temática que pretende estudar: deve existir um guião, pelo qual o investigador se rege ao longo do processo. “As boas entrevistas caracterizam-se pelo facto de os sujeitos estarem à vontade e falarem livremente sobre os seus pontos de vista.” (Biggs, 1986)

Para realizarmos o tratamento dos dados recolhidos, recorreu-se à análise de conteúdo, técnica privilegiada nas ciências sociais e humanas. A sua finalidade é a descrição sistemática das componentes semânticas e formais das mensagens, procurando compreender as relações existentes entre as mensagens produzidas e o contexto sociocultural no qual estas se desenvolvem.

Esta técnica tem maior aplicabilidade quando o investigador pretende comparar e inferir sobre os dados reunidos. Ou seja, permite o estudo do conteúdo da mensagem na ótica do emissor (para perceber quais as suas intenções e motivações ao produzir determinada mensagem), na ótica do recetor (para medir o impacto no comportamento do recetor após o contacto com certo documento) e/ou na ótica da própria mensagem (enquanto possuidora de um conteúdo que nos interesse).

Enquanto técnica de investigação, a análise de conteúdo apresenta vantagens e desvantagens: das vantagens, sublinha-se o facto de ser uma técnica simples, pouco dispendiosa e não obstrutiva; é aplicável a várias disciplinas e consegue transformar grandes conjuntos de dados em unidades de análise menores, manipuláveis e mensuráveis, com possibilidade de tratamento estatístico.

Das desvantagens, refere-se que a análise de conteúdo não permite generalização - nem sempre há correspondência de resultados entre os diversos investigadores pois existe uma dupla leitura; a leitura da mensagem objetiva (utilizando todo o rigor metodológico) e do seu conteúdo latente (dimensão subjetiva).

Os estudos de casos são desenvolvidos para proporcionar um maior conhecimento e envolvimento dos participantes, com uma situação (real) observada. O objetivo é descrever, entender, avaliar e explorar essa situação, e, a partir daí, determinar os fatores causais e estabelecer ações.

A grande vantagem do estudo de caso é permitir ao investigador concentrar-se em um aspeto ou situação específica e identificar, ou tentar identificar, os diversos processos que interagem no contexto estudado.

O estudo de caso apresenta limitações, refere-se a dificuldade de generalização dos resultados obtidos.

Um método por si só não é bom ou ruim. O julgamento a respeito de um método em uma determinada pesquisa depende de dois fatores: o relacionamento entre a teoria e o método; e como o investigador lida com as potenciais deficiências do método.

A entrevista semiestruturada e a não estruturada diferem-se no grau, pois, para a finalidade de pesquisa, não há posições totalmente abertas, há o guião. A maior qualidade da entrevista não estruturada reside no facto dela enumerar de forma abrangente as questões que o pesquisador quer abordar no campo (Minayo, 2000: 121). Ela pode ser utilizada para a descrição de um caso individual, para a compreensão das especificidades culturais dos grupos e na comparação de diversos casos (ibidem, 2000: 122). O seu uso pode ser complementar. Num estudo de caso, as informações oriundas das sondagens de opinião, podem possibilitar uma melhor percepção da complexidade da realidade (ibidem, 2000: 134).

A entrevista semiestruturada tem um privilégio na pesquisa qualitativa, pois ao mesmo tempo em que valoriza a presença do investigador, oferece também liberdade aos entrevistados (Triviños, 1987: 146). Não há uma distinção necessária entre as técnicas de recolha de dados qualitativa e quantitativa, assim, o questionário estruturado pode ser usado na qualitativa, o que importa é o modo como esses dados são tratados (ibidem, 1987: 137-138).

A entrevista pode ser oral ou escrita. Na escrita, que é semelhante ao questionário, pode haver preenchimento por parte do entrevistado ou do investigador (Colognese e Melo, 1998: 145-146). São sugeridos os seguintes procedimentos iniciais para a realização de uma entrevista: apresentação, menção do interesse da pesquisa, explicação do motivo da pesquisa, justificação da escolha do entrevistado, garantia de anonimato e sigilo, e conversa inicial

ou “aquecimento”. O conteúdo e a situação da entrevista devem ser dados e centrados no objeto de pesquisa (Minayo, 2000: 130).

No caso específico deste estudo, optámos por recorrer à entrevista oral porque recolhemos neste instrumento de recolha de dados um dos modos de obtermos informações detalhadas sobre a posição dos participantes face à motivação dos alunos ao sistema de ensino que frequentaram, assim como às suas expectativas e receios de terem voltado à escola depois de um longo período de ausência.

Teve-se em conta um outro aspeto extremamente importante que é a privacidade dos entrevistados. Para assegurar a privacidade dos entrevistados / participantes / ex-alunos e garantir o total sigilo em relação aos dados fornecidos por eles, utilizou-se um sistema de codificação para as anotações de campo e gravações, nas quais o seu nome verdadeiro foi substituído por uma letra e um número (E1; E2; E3..., nas entrevistas – estudo I e F1; F2; F3... no *focus group* – estudo II). O gravador foi um recurso útil para auxiliar na reconstituição da entrevista e guardar o máximo possível de fidedignidade dos depoimentos dos alunos, sendo que para sua utilização foi solicitada por permissão oral.

Para recolher os dados socorremo-nos, da entrevista semiestruturada, como já referimos, porque esta, sendo uma técnica que permite, na opinião de Estrela (1994: 342), “a recolha de dados de opinião que permitem não só fornecer pistas para a caracterização do processo em estudo, como também conhecer sob alguns aspetos, os intervenientes do processo”. Assim, as entrevistas são um instrumento de recolha de dados ao qual recorreremos pela sua especificidade e pela diversidade de dados que podem fornecer. Nesta investigação recorreremos a entrevistas semiestruturadas porque, apesar de termos uma linha de questões comuns a todos os entrevistados, não ficámos impossibilitados de levantar novas questões que foram surgindo com o desenrolar das entrevistas. Tivemos a intenção de começar primeiro por fazer um questionário aos alunos a fim de saber as variáveis sociodemográficas (questões fechadas) e o que os alunos pensam sobre as motivações que os levaram a voltarem à escola 20 anos depois e quais as expectativas que levam depois de terem terminado o ensino secundário (questões abertas), no triénio 2004/2007, apesar dos inquéritos limitarem a variedade de questões e a variedade de respostas a obter (Tuckman, 2000).

Como recomendam Bogdan e Biklen (1994) e Tuckman (2000), para garantirmos a consistência das entrevistas, estas foram precedidas de um guião (ver anexo I), no qual traçámos *a priori* as questões a colocar aos diversos participantes do estudo. Tal como referem Bogdan e Biklen (1994: 135), “(...) quando se utiliza um guião, as entrevistas qualitativas oferecem ao entrevistador uma amplitude considerável, que lhe permite levantar uma série de tópicos e oferecem ao sujeito a oportunidade de moldar o seu conteúdo”.

Todas as entrevistas realizadas foram previamente calendarizadas entre a investigadora e os participantes no estudo, tendo sido levada em consideração a disponibilidade dos intervenientes e decorreram entre 23 de abril de 2008 e 21 de maio de 2009.

A realização das entrevistas foi um dos processos mais demorados no desenvolvimento da investigação, justificando-se pela indisponibilidade de alguns entrevistados em realizá-las nos dias estabelecidos previamente, apontando novas datas para a sua realização. Algumas das entrevistas apenas se realizaram entre três e cinco semanas depois da data inicial estabelecida, optando por não insistir, depois de três tentativas, na marcação de outra data. No entanto, apesar dos contratempos, realizámos catorze entrevistas.

Uma vez que o meio em que se realiza a entrevista também é relevante, por se tratar de um momento em que as interrupções provocam quebras de pensamento, tentou-se realizar as entrevistas num local eleito pelo entrevistado e reservado. Esta última característica permitiu que o entrevistado se exprimisse sem receio da falta de sigilo ou privacidade. Os entrevistados foram-se implicando gradualmente no diálogo antecipando, em muitas situações, a resposta a questões que pretendíamos colocar. Por esse motivo o guião foi perdendo relevância e os entrevistados deixavam fluir o pensamento aprofundando impressões, percepções, sentimentos e preocupações relativamente à sua formação, nomeadamente às suas motivações e expetativas depois de tanto tempo sem voltar à escola.

Durante as entrevistas tomaram-se algumas notas que permitiram a formulação de novas questões.

O arquivo das entrevistas efetuou-se mediante a utilização de um gravador áudio, de modo a eliminar quanto possível a inibição dos entrevistados perante o registo da sua voz. A gravação efetuou-se em todos os casos, uma vez que todos os entrevistados permitiram o

seu registo. Em algumas ocasiões a gravação é impercetível, porque foi tapado o microfone pelo entrevistado, ou desligado a seu pedido.

O tempo de duração de cada entrevista foi diversificado, dependendo do participante entrevistado e do modo como este foi (co)respondendo às questões que lhe foram sendo formuladas e, ainda, das questões que iam surgindo paralelamente às questões principais. Apesar de as questões serem comuns a todos os entrevistados, o tempo de resposta foi diversificado. A entrevista temporalmente mais extensa durou uma hora, vinte e três minutos e dois segundos (1:23:02) e a menos extensa cinquenta e um minutos e treze segundos (53:13). Todas as entrevistas foram áudio gravadas, com prévia autorização dos participantes no estudo, como já referimos. Posteriormente foram transcritas na íntegra, de modo a facilitarmos a análise de seu conteúdo. Como foi referido anteriormente, o anonimato foi garantido aos participantes através do recurso a uma letra aquando da sua transcrição.

VIII.4.2. *Focus group* (estudo II)

A técnica dos *focus groups* (grupos focais) é uma fonte de informação qualitativa, combinada habitualmente com outros métodos e incorporada numa abordagem de estudo de caso. A técnica dos *focus groups* adapta-se bem aos casos em que os tópicos em avaliação e as questões a serem abordadas dão origem a opiniões divergentes, mas em que a discussão pode conduzir a um ponto de vista mais profundo e mais ponderado.

O Grupo Focal foi estruturado inicialmente por Robert Merton e colaboradores na década de quarenta. Foi utilizado em pesquisas sociais com soldados durante a II Guerra Mundial, cujo objetivo era conhecer a eficácia do material de treino das tropas e o seu efeito em propagandas persuasivas. Em 1952, Thompson e Demerath estudaram os fatores que influenciam a produtividade nos grupos de trabalho, ao mesmo tempo que Paul Lazarsfeld e outros adaptaram o *focus group* para pesquisas de *marketing*. A partir da década de oitenta, os *focus groups* foram utilizados em estudos nas áreas da Saúde e das Ciências Sociais. Atualmente, também é utilizado em estudos nas áreas de Antropologia, Comunicação, Educação, entre outras, e na avaliação de programas de intervenção na comunidade (Berg, 1995; Carey, 1994; Charlesworth e Rodwell, 1997; Frey & Fontana, 1993; Morgan, 1997). No início

dos anos 1980 houve a preocupação em adaptar esta técnica ao uso na investigação científica (Gatti, 2005).

Este tipo de método de discussão oferece informação detalhada sobre os valores e opiniões dos participantes selecionados. À medida que os novos dados e a nova informação for emergindo da discussão de grupo, as perspetivas são menos influenciadas pela interação com o investigador do que possa ser numa entrevista individual.

O facto de se reunir um certo número de pessoas permite haver um determinado equilíbrio nas respostas dadas e torna mais fácil à equipa de avaliação definir a opinião geral sobre um programa em particular. É devido à participação de várias pessoas que o *focus group* obtém um nível de “controlo de qualidade” sobre os dados recolhidos, julgando os prós e os contras da argumentação de cada pessoa, evitando, assim, opiniões extremas.

Num curto período de tempo (de uma hora e meia a duas horas), é possível recolher uma grande quantidade de informação qualitativa.

São necessárias determinadas competências para gerir a dinâmica de grupo e obter uma discussão equilibrada, evitando a influência dominante dos líderes de opinião existentes no grupo.

Morgan (1998) aponta as vantagens e as desvantagens desta técnica:

- As pessoas não estão no seu ambiente natural, no entanto estão focadas num determinado tópico o que permite ao investigador obter perspetivas e opiniões, que muitas vezes não transparecem em entrevistas individuais;

- Poupa-se tempo e recursos, sendo possível obter muita informação (perspetivas, opiniões, atitudes e até mesmo percepções visuais) num curto espaço de tempo, apesar de ser possível obter mais informação, com o mesmo número de pessoas através de entrevistas individuais;

- Os dados podem ser difíceis de analisar de forma sucinta;

- O facto de estarmos a trabalhar com grupos de pessoas pode alienar os mais introvertidos e os mais inarticulados e podem surgir, inclusivamente, conflitos;

- Por outro lado, o facto de estarmos a trabalhar em grupo pode facilitar a intervenção desses mesmos intervenientes devido às dinâmicas de grupo criadas;

- A validade dos dados obtidos também pode ser questionada.

Devemos realçar que esta técnica tem as suas limitações e não se adequa a investigações que pretendam extrair informações numéricas ou generalizações quantitativas, projeções estatísticas de ações e comportamentos futuros, ou ainda o consenso.

O *focus group* permite aos participantes exporem aberta e detalhadamente as suas perspetivas, sendo por isso capaz de reunir respostas mais completas, consentindo um melhor e mais profundo conhecimento do grupo investigado.

É, pelos motivos acima expostos, aplicado como uma técnica “paralela”, que permite colmatar lacunas deixadas por outras técnicas utilizadas em fases anteriores da investigação. É considerada uma técnica útil para triangular com técnicas ditas “tradicionais” de recolha de dados.

Segundo Morgan (1997), o uso do *focus group* requer uma cuidadosa combinação entre os objetivos da pesquisa e os dados que pode produzir. O *focus group* pode ser utilizado em pesquisas que necessitem de um método independente, servindo como a principal fonte de dados qualitativos, assim como ocorre em pesquisas que usam a entrevista individual ou a observação participante. Pode ser incluído como uma fonte complementar de dados em estudos que dependem de outro método.

A atual melhor prática da técnica dos *focus groups* passa pela constituição de grupos homogêneos, produzindo informação que pode iluminar perspetivas diversificadas, as experiências e os pontos de vista das diferentes partes interessadas.

O *focus group* foi realizado depois das entrevistas individuais e os participantes são da mesma escola pública do centro de Lisboa, apesar de pertencerem a uma outra modalidade de ensino: curso EFA-NS (educação e formação de adultos, de nível secundário) de tipo A, isto é, formandos que entraram com o 9º ano e tiveram um percurso formativo de 2 anos e de habilitação apenas escolar.

O método utilizado foi uma pesquisa exploratória e qualitativa, sob a forma de *Focus Group* que durou das 20:15 às 21:48 do dia 21 de junho de 2011. Foi constatado a presença de oito participantes numa faixa etária de 33 a 57 anos. O objetivo foi identificar as motivações e expectativas destes participantes terem voltado à escola depois de um grande interregno e numa outra modalidade de ensino. Durante o *focus group* pudemos identificar os participantes que faziam parte do grupo que deveria ser mais investigado. As questões foram desenvolvidas e organizadas em temas das mais gerais para as mais específicas a fim de gerar sugestões e críticas que tivessem o intuito de antever falhas e atributos, como já tínhamos feito para as entrevistas individuais. As questões foram apresentadas de forma oral permitindo assim uma maior facilidade para que se criasse a discussão.

VIII.4.2.1 Comparação entre entrevista e focus group

Ao comparar o *focus group* com a entrevista individual, Aaker (1990: 166) destaca vários fatores, como mostra a tabela a seguir, adaptada do seu livro *Marketing Research*.

Tabela 8: Comparação entre *focus group* e entrevista individual

| Fator | Focus Group | Entrevista individual |
|--------------------|---|--|
| Interação no grupo | A interação está presente e estimula novas ideias. | Não há interação no grupo, já que a entrevista se dá entre o entrevistado e o entrevistador. |
| Pressão do grupo | A pressão do grupo pode desafiar e gerar o pensamento dos participantes. | Não há pressão do grupo. |
| Competição | Os participantes competem pelo tempo. Cada participante tem menos tempo para expor a sua opinião do que em uma entrevista individual. | Não há qualquer competição. O entrevistado tem todo o tempo disponível para expor as suas ideias ao entrevistador. |
| Influência | As respostas podem ser “contaminadas” pela opinião de outros participantes. | Não há influência de outras pessoas. |

| Fator | Focus Group | Entrevista individual |
|---------------------------|--|---|
| Assunto controverso | Alguns participantes podem sentir-se constrangidos na presença de várias pessoas desconhecidas. | Desde que se sinta à vontade com o entrevistador, é mais fácil falar de assuntos controversos com uma única pessoa. |
| Cansaço do entrevistador | Como o seu papel é mais passivo, é possível conduzir mais do que uma entrevista de grupo focal sobre um único assunto. | A condução de inúmeras entrevistas individuais pode ocasionar fadiga e aborrecimento. |
| Quantidade de informações | Uma quantidade relativamente grande de informações pode ser obtida num curto espaço de tempo e a custo relativamente reduzido. | Pode-se obter uma grande quantidade de informações. Porém, isso requer muito mais tempo. |
| Agenda da reunião | Pode ser difícil conciliar a agenda de tantas pessoas. | É muito mais fácil agendar entrevistas individuais. |

Como podemos verificar na tabela supra, e depois de termos realizado as entrevistas individuais, verificámos que o *focus group* poderá possibilitar a recolha de dados relevantes, num curto espaço de tempo.

VIII.4.3 Conversas informais

As conversas informais que fomos mantendo com os outros colegas dos vários cursos, ao longo dos três anos (no ensino recorrente) e ao longo dos dois anos letivos (no curso EFA-NS, de tipo A, de habilitação escolar) constituem um valioso instrumento de recolha de dados. Nestes diálogos, alguns ocasionais e não sistemáticos (estudo I) outros em reuniões da equipa pedagógica (estudo II) do qual éramos mediadora pessoal e social, os colegas professores / formadores foram fornecendo detalhes importantes para a melhor caracterização do grupo de alunos e de formandos com que trabalhávamos e para que pudessemos melhor compreender as motivações e as expectativas dos adultos que frequentaram as duas

modalidades de ensino noturno. Os resultados que íamos obtendo na análise foram sendo confrontados com as observações e conhecimento dos outros colegas.

VIII.5 Participantes

Como foi salientado anteriormente, o eixo central desta investigação é composto pelos alunos do ensino recorrente e pelos formandos do curso de habilitação escolar EFA-NS, de tipo A. Neste caso específico, a proximidade espacial dos participantes em relação à investigadora e o facto de a investigadora ter sido professora dos participantes, durante os três anos, no estudo I e coordenadora, mediadora pessoal e social e formadora no estudo II, também contribuiu para a adesão dos mesmos. Nesta investigação os participantes foram elementos indispensáveis, sem eles não seria sequer possível enveredar por este caminho. Estes são as principais fontes de dados que, depois de trabalhados pela investigadora, se constituíram como evidências da investigação (Silva, 2002).

Numa investigação de índole interpretativa/qualitativa os participantes não são apenas elementos anónimos numa amostra, nem a sua participação se circunscreveu à entrevista ou ao *focus group*. Eles têm rosto e a investigadora conhece esse rosto, só não mantém o seu nome porque é importante preservar o seu anonimato, pelo que lhes atribuímos letras (“E” para o estudo I e “F” para o estudo II), como já tínhamos referido. A garantia da confidencialidade dos dados recolhidos e da identidade dos participantes tornou possível uma entrega mais crítica e livre dos participantes no que respeita à intervenção nos estudos. Assim, os participantes poderão argumentar mais livremente acerca das temáticas com as quais foram confrontados (Tuckman, 2000). Por razões éticas mas também por razões científicas, nesta investigação, os casos foram devolvidos aos participantes para que estes pudessem pronunciar-se sobre eles antes mesmo de serem publicados.

Como refere Freire (1975), em investigação é importante não tomar o participante como apenas mais uma peça de um jogo que é necessário conhecer para se poder jogar. O que realmente se deve investigar, “ (...) não são os homens como se fossem peças anatómicas, mas o seu pensamento-linguagem referido à realidade, os níveis da sua percepção

dessa realidade, a sua visão do mundo e que se encontram envolvidos os seus ‘temas geradores’” (ibidem: 126, aspas no original)

No início destes estudos foi reservado aos participantes o direito de não participarem nesta investigação, tal como também lhes foi comunicado logo, no início, que esta se queria voluntária.

VIII.5.1 Participantes do ensino recorrente secundário (Estudo I)

A população alvo deste estudo são catorze alunos adultos, com idades compreendidas entre 35 e 65 anos, que acabaram o ensino secundário recorrente (em duas áreas de estudo e três modalidades de curso, a saber curso científico-humanista -curso de ciências sociais e humanas – e cursos tecnológicos – de informática e de contabilidade), no triénio 2004-2007, em uma escola secundária pública, do centro de Lisboa.

Tabela 9: Duração e datas das entrevistas individuais



| Participantes | Duração da entrevista | Data da entrevista |
|---------------|-----------------------|--------------------|
| E1 | 53m 33s | 29 abril 2008 |
| E2 | 50m 13s | 7 maio 2009 |
| E3 | 1h 01m 39s | 21 maio 2009 |
| E4 | 1h 3m 52s | 28 abril 2008 |
| E5 | 1h 01m 19s | 23 abril 2008 |
| E6 | 45m 52s | 5 maio 2009 |
| E7 | 57m 24s | 13 maio 2009 |
| E8 | 1h 18m 52s | 11 maio 2009 |
| E9 | 1h 14m 40s | 16 junho 2008 |
| E10 | 58m 20s | 11 maio 2009 |
| E11 | 1h 05m | 18 outubro 2008 |
| E12 | 58m 01s | 24 outubro 2008 |
| E13 | 51m 44s | 19 fevereiro 2009 |
| E14 | 1h 23m | 23 fevereiro 2009 |

Nesta investigação, temos catorze participantes (10 do sexo masculino e 4 do feminino) que têm em comum serem alunos adultos, com mais de 35 anos, que frequentaram, em regime presencial, o ensino secundário recorrente de uma escola oficial, pública, da Grande Lisboa, todos eles acabaram o ensino secundário em três anos.








Esta opção deve-se a dois elementos: (1) Sendo o insucesso académico e o abandono escolar frequente em alunos adultos, pretendíamos, ao analisar estes casos de sucesso, compreender melhor como este se constrói, isto é, quais as motivações para os alunos terem retornado à escola e (2) quais as suas expectativas após o ensino secundário.

No quadro seguinte, mostramos, sucintamente, a caracterização dos participantes do estudo I e logo de seguida desenvolveremos as suas características mais detalhadamente.

Tabela 10: Caracterização dos participantes do estudo I

| Participante | Género | | Idade em 2004 | Curso | Profissão | Estado civil ¹⁶ | | Nº de filhos | País de origem e cidade | Idade do abandono escolar |
|--|--------|---|---------------|-------------|-------------------------|----------------------------|------|--------------|-------------------------|---------------------------|
| | M | F | | | | S/D/V | C/UF | | | |
| E1 | X | | 38 | Tec. Infor. | Mecânico de automóveis | x | X? | 0 | Portugal, Funchal | 16 (9º ano) |
| E2 | X | | 37 | Tec. Infor. | Assistente num jornal | x | X? | 0 | Portugal, Lisboa | 18 (10º ano) |
| E3  | X | | 52 | Tec. Infor. | Programador informático | x | X? | 1 | Portugal, Estoril | 18 (10º ano) |
| E4 | X | | 36 | Tec. Infor. | Motorista de pesados | | X | 2 | Portugal, Lisboa | 17 (9º ano) |
| E5  | X | | 46 | Tec. Cont. | Administrativo | | X? | 0 | Portugal, Lisboa | 11 (4º ano) |

¹⁶ Estado civil: S/D/V – Solteiro / Divorciado / Viúvo; C / UF – Casado / União de Facto.

| Participante | Género | | Idade em 2004 | Curso | Profissão | Estado civil ¹⁶ | | Nº de filhos | País de origem e cidade | Idade do abandono escolar |
|---|--------|---|---------------|------------|--------------------------|----------------------------|------|--------------|--------------------------|---------------------------|
| | M | F | | | | S/D/V | C/UF | | | |
| E6 | X | | 58 | Tec. Cont. | Fiscal de obras | | X? | 2 | Portugal, Castelo Branco | 14 (5º ano) |
| E7  | X | | 42 | Tec. Cont. | Técnico de contabilidade | S | | 0 | Portugal, Lisboa | 19 (11º ano) |
| E8 | X | | 45 | Tec. Cont. | Cobrador das finanças | | X | 1 | Portugal, Lisboa | 15 (8º ano) |
| E9  | X | | 47 | CSH | Administrativo | x | X? | 3 | Angola, Luanda | 16 (4º ano) |
| E10  | X | | 44 | CSH | Formador de hotelaria | | X? | 1 | Portugal, Lisboa | |
| E11  | | X | 45 | CSH | Desempregada | | X | 2 | Portugal, Lisboa | 16 (8º ano) |
| E12  | | X | 65 | CSH | Modista | D | | 2 | Portugal, Idanha-a-Nova | |
| E13  | | X | 60 | CSH | Administrativa | D | | 1 | Portugal, Vila Real | 19 (11º ano) |
| E14  | | X | 44 | CSH | Funcionária dos CTT | x | X? | 4 | Portugal, Lisboa | 15 (7º ano) |

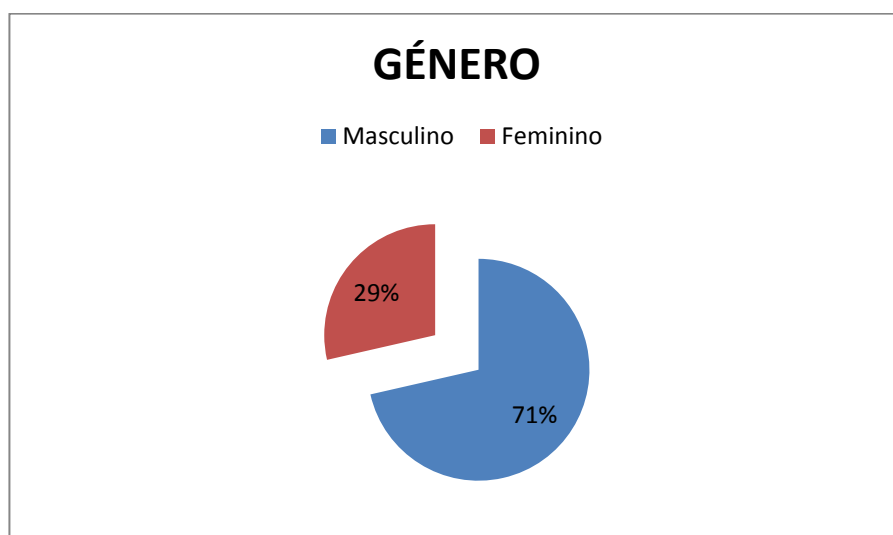
Quanto ao universo do estudo I, temos 14 participantes, sendo 10 do género masculino (71,4%) e 4 do género feminino (28,6%).

Tabela 11: Género - frequência e percentagem

| Género | Nº | Percentagem |
|-----------|----|-------------|
| Masculino | 10 | 71,4% |
| Feminino | 4 | 28,6% |
| TOTAL | 14 | 100% |

No gráfico seguinte, podemos ver melhor que quase 2/3 dos participantes são do sexo masculino.

Gráfico 2: Percentagens do Género dos participantes



Relativamente às idades dos participantes, dividimos em três grupos etários, a saber: entre 33 e 45 anos de idade (57,2%), o maior grupo, entre 46 e 55 anos de idade (21,4%) e, por último, entre 56 e 65 anos de idade (21,4%). Poderemos ver esta distribuição na tabela e gráficos seguintes.

Tabela 12: Intervalos de idade - frequência e percentagem

| Grupos etários | Nº | Percentagem |
|----------------|----|-------------|
| 33-45 | 8 | 57,2% |
| 46-55 | 3 | 21,4% |
| 56-65 | 3 | 21,4% |
| TOTAL | 14 | 100% |

Podemos ainda dizer que a média geral de idades é de 47 anos, sendo a do sexo masculino de 44, 5 anos e as do sexo feminino a média de idades é de 53,5 anos.

Gráfico 3: Intervalos de idade (%)

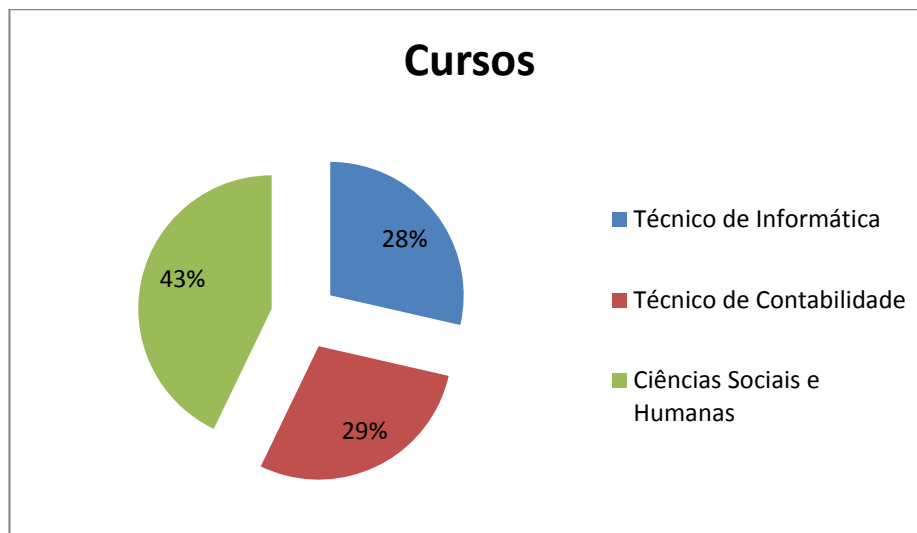


Relativamente aos cursos do ensino recorrente secundário que os participantes frequentaram, 42,8% escolheram o ensino regular, curso de ciências sociais e humanas. No entanto, da nossa amostra, o mesmo número 28,6% escolheu um curso técnico, seja o curso técnico de informática quer seja o curso técnico de contabilidade. Se juntarmos ambos os cursos técnicos observamos que a escolha por este tipo de cursos é maior do que a escolha do curso de ciências sociais e humanas. Observemos, então, a tabela e o gráfico seguintes.

Tabela 13: Cursos - frequência e percentagens

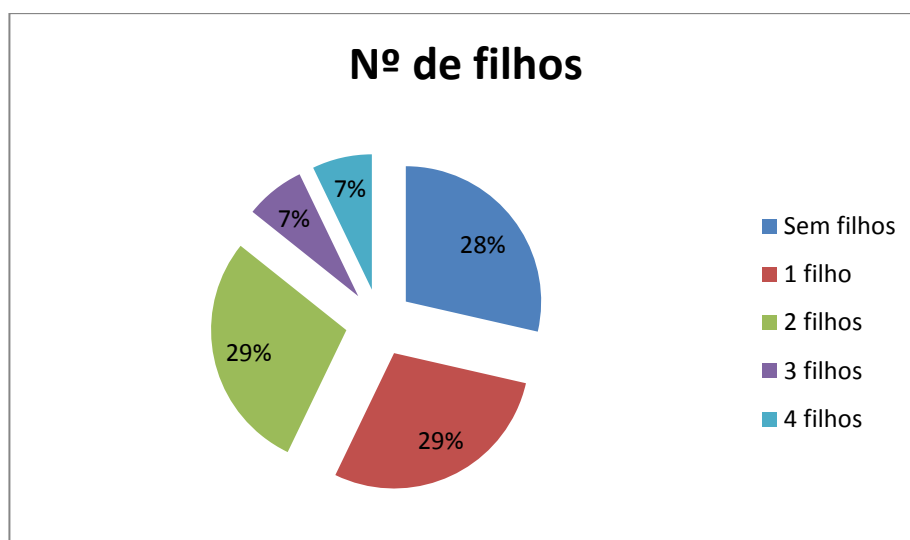
| Cursos | Nº | Percentagem |
|----------------------------|-----------|-------------|
| Técnico de Informática | 4 | 28,6% |
| Técnico de Contabilidade | 4 | 28,6% |
| Ciências Sociais e Humanas | 6 | 42,8% |
| TOTAL | 14 | 100% |

Gráfico 4: Cursos que os participantes frequentaram



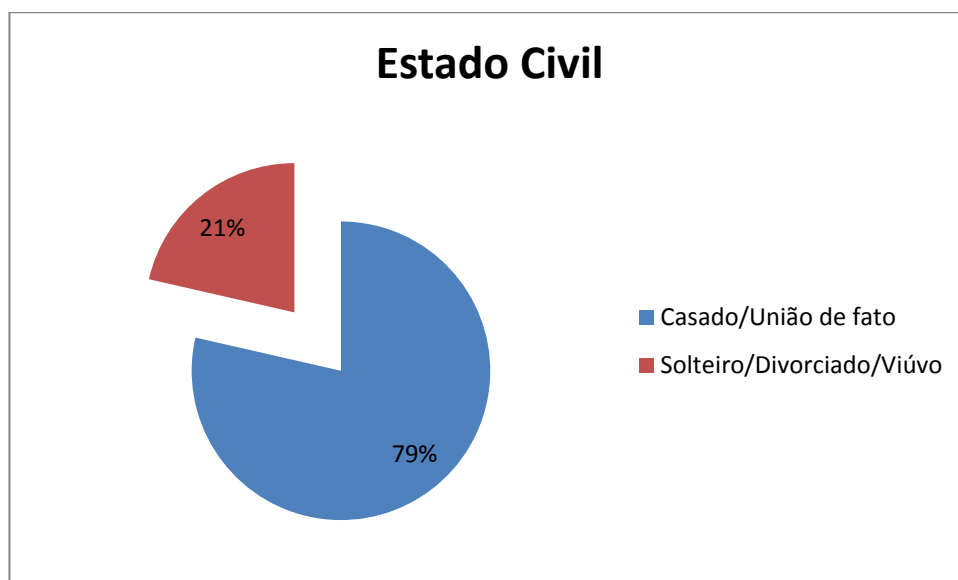
Quanto ao número de filhos dos participantes do estudo I, podemos verificar que a maioria tem filhos, só 28% não tem filhos. Verificamos que também 7% dos participantes tem 4 filhos e a mesma percentagem tem 3 filhos. É de salientar que 29% tem 1 filho e a mesma percentagem tem 2 filhos. Observemos a gráfico seguinte para visualizar melhor.

Gráfico 5: Nº de filhos dos participantes



Quanto ao estado civil, agrupámos os casados ou em união de facto num grande grupo (79%) e os solteiros, divorciados e viúvos em outro grande grupo (21%).

Gráfico 6: Estado civil dos participantes



É de salientar que dos 11 participantes casados ou em união de facto, cinco participantes, no final do curso, divorciaram-se, 46%, e três participantes viram o seu matrimónio bastante abalado estão assinalados com uma **x** na tabela 10, pp.181-182.

Descrevemos de seguida, com mais pormenor, as características de cada participante:

E1 – Homem, 38 anos, mecânico de automóveis. Quando começou a estudar, em 2004, era casado, atualmente é divorciado. Natural da Madeira, começou a trabalhar aos 16 anos, altura que saiu da escola. Filho de mãe empregada de limpeza e pai artesão, fazia obras em vime e como há pouca exportação, atualmente trabalha nas obras. Tem cinco irmãos, todos a estudar na Madeira, sendo E1 o mais velho. Veio para o continente porque tinha arranjado uma namorada cá, acabando por casar com a médica veterinária. Escolheu o curso técnico de informática porque era “o mais adequado, porque a minha experiência com computadores não era grande, não era grande coisa, sabia muito pouco” e a fim de conseguir

“adquirir os conhecimentos de informática que atualmente são necessários. O curso de informática (...) era, digamos, aquele era ouro sobre azul.”

E2 – Homem, 37 anos, solteiro, mas com uma relação que entretanto acabou e é técnico informático em um hospital de Lisboa. Natural de Lisboa, começou a trabalhar aos 18 anos, em um jornal semanário, por um mês e saiu quinze anos depois. Filho de mãe empregada doméstica (abandonando os estudos na 4ª classe, pois “apenas queria saber ler e escrever”) e pai falecido quando E2 tinha quatro anos. Tem quatro irmãos muito mais velhos, não sabendo muito bem o que fazem e a sua escolaridade “o meu irmão mais velho acho que só falta uma cadeira de matemática... o meu outro irmão é capaz de... Não sei se... Tem só para aí a preparatória, que eu acho que ele também desistiu... a minha irmã não tenho a certeza, mas talvez seja como o meu irmão do meio. Talvez a preparatória... a minha irmã está reformada... o meu irmão mais velho é diretor financeiro, contabilista..., é TOC, o irmão do meio é administrador de condomínios...”. Escolheu o curso de técnico de informática “a minha vocação é eletricidade e eletrónicas o que eu gosto (...) mas a eletrónica, está um bocadinho ultrapassado (...) então também gosto de informática... e escolhi”.

E3 – Homem, 53 anos, filho único, casado com uma professora de inglês do ensino secundário e é “programador de sistemas embora também faço alguma coisa de sistemas mas presentemente sou uma espécie de gestor de rede que dou formação informática em aplicações específicas, dou formação em tudo quanto é *Microsoft office*... Ajudo os utilizadores... Faço alguma coisa de *hardware*... Faço também comunicações... Informático, informático há 30 anos”, e gosta muito de desafios. “Temos um problema é-nos posto um problema e...atingir a resolução daquele problema, e mais há uma particularidade aí interessante que é o facto de não nos imporem regras para chegar à resolução desse problema... É um desafio, um desafio que é livre, cada um é melhor ou pior, dependendo da forma mais rápida, mais coerente, mais lógica...”. Passou por várias profissões, desde servente de pedreiro, “ajudei os meus pais a fazer a casa onde atualmente vivo”, vendedor de bebidas, tarefeiro numa instituição do Ministério da Defesa, onde passado algum tempo, foi chefe de armazém, administrativo, depois “... tirei um curso de análise e programação na “Norma”, [...] tive que fazer um estágio ainda... para mostrar que sabia alguma coisa de... E passei a programador estagiário [...] e depois adquiri a categoria de programador”. Filho de mãe com a 3ª classe, doméstica e

pai, com a 4ª classe, jardineiro mas também “era uma espécie de um faz tudo...”. Tem um filho, com 23 anos, licenciado em economia e trabalha numa companhia de seguros. Escolheu o curso de técnico de informática a fim de “adquirir uma certificação técnica, que é a mais importante, daquilo que sei fazer há 30 anos, por forma a dar continuidade à minha profissão”

E4 – Homem, 36 anos, casado com uma funcionária pública, com o 9º ano e foi “nascido e criado no intendente, com a mania que era pinta...”. É funcionário público, “motorista de pesados”, numa Câmara. Começou a trabalhar aos 13 anos como estafeta em uma revista. Filho de mãe empregada de limpezas em um hospital de Lisboa e o pai “andava com as garrafas a distribuir cerveja”. Tem um irmão mais velho que é tropa. Tem duas filhas com 7 e 3 anos, respetivamente. Escolheu o curso tecnológico de informática “para melhorar a minha vida”.

E5 – Homem, 46 anos, casado com uma administrativa, com “menos estudos que eu mas em cultura geral é mais avançada do que eu” e faz a contabilidade em uma loja de roupa. Natural de Lisboa, começou a trabalhar aos 11 anos porque “o trabalho sempre foi a minha independência”. Tem dois irmãos, um advogado e o outro “tem um cargo grande na *Herbalife*”. Não tem filhos. Escolheu o curso tecnológico de contabilidade porque trabalha na área e “como eu antes tinha a mania que sabia muito e depois cheguei à conclusão de que não sabia nada”.

E6 – Homem, 58 anos, é do sexo masculino, casado com uma funcionária da função pública (auxiliar de ação educativa em um jardim de infância). Natural dos arredores de Castelo Branco. Começou a trabalhar no Ministério da Economia, como pacote, aos 14 anos e atualmente é fiscal de Obras. Tem dois irmãos, “um está formado, e está no ministério da Economia, a mais nova, que é a rapariga, acabou agora o 12º ano pelas Novas Oportunidades”. Tem dois filhos, ela trabalha em uma cooperativa e ele é bombeiro, “a miúda está formada em psicologia e o rapaz foi mais preguiçoso, não chegou ao 10º ano, não quis estudar, mas agora parece que vai voltar, também pelas Novas Oportunidades”. Escolheu o curso tecnológico de contabilidade “porque era a área que se enquadrava mais na minha profissão”.

E7 – Homem, 42 anos, solteiro e natural de Lisboa. Tem um irmão que frequentou o segundo ano de um curso de engenharia mas depois não terminou e atualmente é técnico de comunicações aeronáuticas no aeroporto. Filho de mãe, com a 3ª classe, modista e pai, com a 4ª classe, comerciante, com negócio próprio. Apesar de ajudar desde muito cedo o pai, só começou a trabalhar com 21 anos, no aeroporto e atualmente é técnico de contabilidade. Não tem filhos. Escolheu o curso tecnológico de contabilidade porque “foi talvez mais pela área em si e com a minha génese em si. O facto de eu ter tido experiência (...) na loja do meu pai”.

E8 – Homem, 45 anos, filho único, divorciado mas em união de facto agora e natural de Lisboa. Começou a trabalhar com 18 anos, como tarefeiro, no Ministério das Finanças, onde atualmente ainda se mantém. Os pais trabalharam na “Tabaqueira”, têm a 4ª classe, estão bastante doentes e vivem com E8. Tem um filho de 15 anos que está no 8º ano. Escolheu o curso tecnológico de contabilidade porque era uma área de estudo que já conhecia: “Não sei, porque possivelmente tive também a conta a idade, não era mau aluno, há vinte anos atrás, até era uma pessoa com boas notas... Enveredei pelo mesmo”.

E9 – Homem, 47 anos e natural de Angola. Veio para Portugal, com 18 anos, por dois motivos: “Primeiro, porque [...] Angola tornou-se independente e estava, digamos que estava numa crise, numa guerra. [...] Angola deixou de ter condições para ter uma vida normal [...]”. O segundo motivo foi para fugir à tropa: “Os jovens eram recrutados à força, para o exército; quando digo “à força”, é porque nem precisavam de chegar à idade maior, havia crianças com 15 anos que pegavam numa arma”. Quando chegou a Portugal, como não tinha habilitações académicas e “há outro fator que conta bastante, que é a cor”, começou no Mercado do Rego a carregar caixas de frutas, “levantava-me às duas da manhã, das duas às seis da manhã, no mercado do Rego a carregar caixas de fruta”, depois foi trabalhar nas obras e atualmente é auxiliar de ação educativa numa escola. Os pais biológicos estão em Angola e a mãe que o criou, em Portugal. Tem quatro irmãos, “somos filhos de mães diferentes e só fomos reconhecidos pelo meu pai, por exigência do meu avô”, homem branco, que trabalhava no mato para um fazendeiro muito rico. A minha mãe foi mandada para Luanda, para casa da minha tia, “e como estava sozinha e ainda era muito jovem, há quem diga até que era uma mulher bonita, sentiu-se só, naquele meio que ela não conhecia, apenas com a minha

tia e a dada altura, um fulano encanta-se por ela, [...] ela tenta refazer a vida. Engravidando novamente e, quando engravidando, é posta fora de casa, é posta na rua e desde então eu fui criado pela minha tia e eu perdi o rasto da história da minha mãe, perdi o rasto completamente. [...] Eu lembro-me que depois da minha tia ter filhos, ou mesmo antes, desde que fossem crianças lá a casa com os pais, que eu me sentia deslocado. Porque, há um momento de carinho, há um momento de, aquelas coisas que são normais nas famílias, e que me sentia deslocado, isolado. Desde cedo comecei a sofrer com isso. [...] Com a falta da mãe, com a falta do pai, apesar de ter o carinho da tia. A minha tia, inclusivamente, passou por minha mãe, passou por uma mulher da vida porque, naquela altura, naquele tempo, estamos a falar de 1961, uma mulher que aparecesse com um filho sem pai ... depois começou a ter problemas porque cada vez que se deslocasse comigo para qualquer lado, hospitais, escola ... e então, pronto ... isso foi um bocado mal falado e tal, mas ela superou tudo isso.” E9 tem três filhos, com 24, 23 e 19 anos e estão em Inglaterra, “o mais velho diz que está a tentar entrar para Engenharia. E o mais novo gosta de informática, e também de decoração, está a fazer dois cursos.... Agora, não sei... Estão a estudar dois. O mais velho está a trabalhar”. Escolheu o curso de ciências sociais e humanas “porque sempre gostei, foi uma coisa que cresceu comigo, a partir de uma determinada altura da minha vida, muito mais. Sempre tive a necessidade de saber como é que era a vida das outras pessoas. Não sei. Porque é que eu era assim e porque é que os outros eram assado. Se calhar a partir do meu próprio tempo eu desenvolvi essa vontade”.

E10 – Homem, 44 anos, casado com uma 1ª oficial em uma escola, com o 9º ano e natural de Lisboa. Os pais, cedo emigraram para África, para Nova Lisboa, Angola, mas depois do 25 de abril regressaram a Portugal. Filho de mãe doméstica e pai trabalhava à jorna na aldeia, na agricultura, ambos tinham a 4ª classe. Tem 6 irmãos e uma irmã gémea, “os meus irmãos não estudaram, tenho apenas um irmão que estudou à noite e tirou o 9º ano. Os outros não estudaram [...] um irmão que é GNR, uma irmã que é empresária, outro irmão que é também empresário, faz distribuição de gás, no Porto, um irmão que trabalha em hotelaria que acabou agora o 9º ano em Espinho, uma irmã que também é empresária, que é cabeleireira e outra minha irmã que também estava a estudar na Universidade Aberta, mas também ainda não acabou a licenciatura”. É formador de hotelaria, na área técnica de hotelaria, me-

sas, bar. Começou a trabalhar em hotelaria com 19 anos pois era “o único sítio onde consegui arranjar emprego foi na hotelaria foi bom na altura porque tinha a hipótese de almoçar e jantar a parte da alimentação estava salvaguardada”. Tem um filho que está no 9º ano. Escolheu o curso de ciências sociais e humanas porque “eu sou um apaixonado por história, eu gosto muito de história. Sinceramente, penso que é uma das áreas que eu tenho uma vocação é para a história e então como eu estou a dar formação e em termos de trabalho estava mais estabilizado, bem..., vou fazer aquilo do que eu mais gosto, que é o curso que eu mais gostava de tirar que é história..., então desta vez fui para ciências sociais e como tinha história e geografia, gosto muito dessas áreas”.

E11 – Mulher, 45 anos, casada com um arquiteto, “tem mais treze anos que eu” e natural de Lisboa. Começou a trabalhar com 12 anos, “comecei com aqueles esquemas de trabalhar nas férias” e “tive que insistir com os meus pais para me deixarem trabalhar”. Teve trabalhos muito variados pois não tinha facilidade em se fixar em um emprego. “Trabalho para mim sempre foi uma questão mais de sobrevivência... O que eu nunca senti foi muito prazer em permanecer muito tempo a fazer a mesma coisa [...]. Eu trabalhei em hotelaria, vendas de roupas, coisas ao domicílio, trabalhos em casa, tive um restaurante, abri um restaurante durou um ano, fechei, sei lá, vendi revistas... desde que voltei a estudar deixei de trabalhar.” Tem uma irmã com menos oito anos. Filha de pais com a 4ª classe, o pai era topógrafo e a mãe trabalhava numa fábrica de camisas, encarregada numa fábrica de camisas. Tem duas filhas, com 28 e 19 anos, a primeira tirou o curso de enfermagem em Londres e ficou lá a trabalhar e a viver; a segunda acabou o 12º ano e agora está a fazer uma disciplina para terminar e para o ano se candidatar à faculdade. Escolheu o curso de ciências sociais e humanas “porque eu tinha a sensação que as coisas que eu queria aprender estavam todas muito mais viradas para as letras do que para as ciências. Eu queria aprender história, eu queria aprender português, eu queria aprender geografia, queria aprender filosofia. Era o que me fazia sentido era escolher essa área.”

E12 – Mulher, 65 anos, divorciada e natural de “Idanha-a-Nova, no interior da Beira Baixa, raia de Espanha”. Veio com 12 anos para Lisboa, para aprendiz de costura. Filha de mãe dona de casa e pai alfaiate. Tem cinco irmãs. “Quando foi o 25 de Abril, foi uma situação muito penosa para as pessoas que trabalhavam por conta própria. Eu não trabalhei sempre

por conta própria. Eu só trabalhei por conta própria depois do meu marido ter vindo do ultramar. Eu já era mãe do C. Ele veio quando o meu filho já tinha 6 anos, porque nessa altura a tropa eram 4 anos e eu casei o meu marido ainda não tinha ido para a tropa [...] e portanto tive mesmo sempre que trabalhar muito. E só depois do meu marido ter vindo e de ter havido uma situação que se proporcionasse eu poder trabalhar por conta própria é que montei um *atelier*; e de facto foi um *atelier* com muito sucesso, fiz passagens de modelos, trabalhei com muitos modelos...”. Tem dois filhos, com 36 e 43 anos: “um não está motivado para nada, ficou com o 2º ano de jornalismo porque entretanto enveredou pela toxicodependência.... O outro está mais motivado para ganhar dinheiro, tem o 3º ano de economia, não acabou”. Escolheu o curso de ciências sociais e humanas “porque amo a História. Se nós tivermos que estudar, por exemplo, África, que realmente é uma coisa que eu gosto muito de estudar, se quisermos estudar África, nós não temos muita leitura de África, porque não havia escrita...”.

E13 – Mulher, 60 anos, divorciada e natural de uma aldeia de Trás-os-Montes, Vila Real. É administrativa, em contabilidade. “Comecei o meu trabalho quando o meu filho tinha 14 anos”, pois “a vida alterou-se e eu por motivos de vida separei-me. Separei-me e fiquei só com o meu filho. Nessa altura eu comecei a saber o que era a vida. Que a vida era, dependia de uma parte económica e se essa parte económica não existisse, a gente não sobrevivia. E eu até essa altura não sabia. Não sabia porque tinha vivido ... bem, ele era formado em química e ganhava muito bem”. Filha de pais com a 4ª classe, mãe dona de casa e pai da indústria mas também trabalhava na agricultura. Tem cinco irmãos, “um é engenheiro agricultor; outro estava em direito e não acabou; outra é licenciada no ensino básico, outra era professora do ensino básico e depois tirou a licenciatura e outra tem uma profissão liberal ligada à química”. Tem um filho com 30 anos que é médico. Escolheu o curso de ciências sociais e humanas porque “do que eu gosto mesmo é de história e, dada a minha idade, eu tenho que ter um *hobby* e o meu *hobby* é história (...) tive muito boas notas a História (...) os professores de história marcaram-me no liceu. E eu descobri que, do que eu gostava mesmo”.

E14 – Mulher, 44 anos, casada com um funcionário dos Correios, tendo este tirado o curso de direito já quando estava a trabalhar. Natural de Lisboa e filha de pais funcionários dos Correios, a mãe tem o 12º ano e o pai é advogado, tirando este, também, o curso já de-

pois de estar a trabalhar. Começou a trabalhar com 15 anos e teve vários empregos: “trabalhei nas obras, foi um dos sítios onde trabalhei, foi nas obras. Acartei muito cimento e fiz muito cimento e muito tijolo e areia. Estive na “Fidelidade”, a companhia de seguros. Trabalhei para o meu tio nos cafés, que é dono da “Brasileira”. Naquelas firmas que pagam para a pessoa ir dar os cafés de manhã e à tarde. Fui empregada de bar, fui empregada de discoteca, fui empregada da “Lanalgo”. Atualmente é funcionária pública, nos “Correios”. Tem quatro filhos, com 24, 18, 16 e 14 anos (a mais velha é adotiva). Escolheu o curso de ciências sociais e humanas porque “eu gosto do curso de direito (...) eu desde miúda que gosto do trabalho de um advogado, ou juiz. O Direito foi uma área que sempre me atraiu”.

VIII.5.2 Participantes do Curso EFA-NS, de habilitação escolar (Estudo II)



Os participantes do estudo II são oito alunos adultos, com idades compreendidas entre os 33 e 57 anos, que acabaram o ensino secundário, no ano letivo 2011-2012, na mesma escola secundária pública, do centro de Lisboa, a mesma escola dos participantes do estudo I.

Nesta investigação, temos oito participantes que têm em comum serem alunos adultos, com mais de 33 anos, que frequentaram o ensino secundário de uma escola oficial da Grande Lisboa, tendo todos eles acabado o ensino secundário em dois anos, no curso EFA de nível secundário, de tipo A e de habilitação escolar.

A realização do *focus group* teve a duração de 1h33m36s.

No quadro seguinte, mostramos, sucintamente, a caracterização dos participantes do estudo II e logo de seguida desenvolveremos as suas características mais detalhadamente.

Tabela 14: Caracterização dos participantes no estudo II

| Participantes | Género | | Idade em 2011 | Profissão | Estado civil | | Nº de filhos | País de origem |
|--|--------|---|---------------|---------------------------|--------------|---|--------------|----------------|
| | M | F | | | S | C | | |
| F1 | X | | 52 | Administrativo | | X | 2 | Portugal |
| F2 | | X | 35 | Colaboradora de mesa | X | | 0 | Angola |
| F3 | X | | 33 | Vigilante | X | | 0 | Brasil |
| F4 | X | | 36 | Desempregado | X | | 0 | Portugal |
| F5  | | X | 46 | Assistente operacional | | X | 1 | Portugal |
| F6  | X | | 43 | Secretário administrativo | | X | 1 | S. Tomé |
| F7 | | X | 57 | Assistente técnica | | X | 1 | Portugal |
| F8 | X | | 37 | Rececionista num hotel | X | | 0 | Portugal |

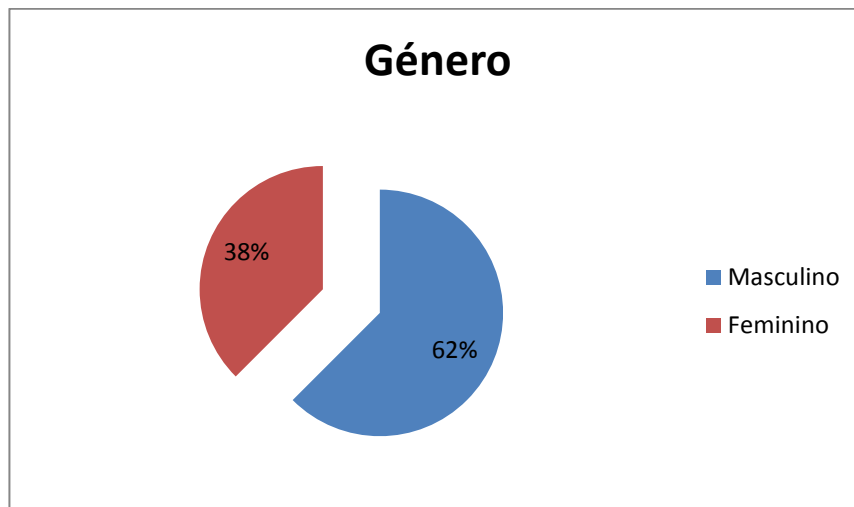
Quanto ao universo do estudo II, temos 8 participantes, sendo 5 do género masculino (63%) e 3 do género feminino (37%).

Tabela 15: Género - frequência e percentagem

| Género | Nº | % |
|-----------|----|-----|
| Masculino | 5 | 63 |
| Feminino | 3 | 37 |
| TOTAL | 8 | 100 |

No gráfico seguinte, podemos ver melhor que quase 2/3 dos participantes são do sexo masculino.

Gráfico 7: Sexo dos participantes do estudo II



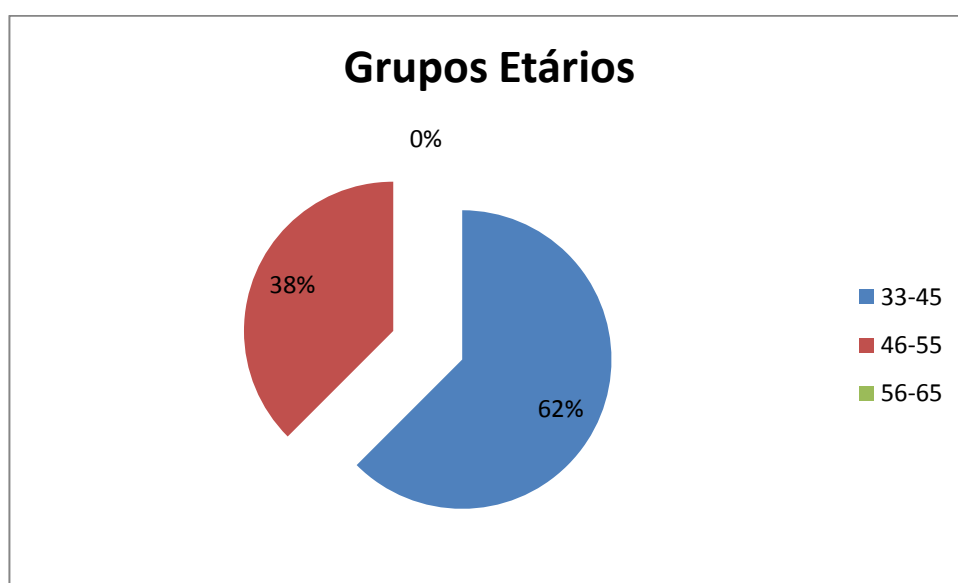
Relativamente às idades dos participantes, dividimos em três grupos etários, como já tínhamos feito para o estudo I, a saber: entre 33 e 45 anos de idade (62%), o maior grupo, entre 46 e 55 anos de idade (38%) e, por último, entre 56 e 65 anos de idade, nenhum participante. Poderemos ver esta distribuição na tabela e gráfico seguintes.

Tabela 16: Intervalos de idade - frequência e percentagem

| Grupos etários | Nº | % |
|----------------|----|-----|
| 33-45 | 5 | 62 |
| 46-55 | 3 | 38 |
| 56-65 | 0 | 0 |
| TOTAL | 8 | 100 |

A média de idades deste grupo é substancialmente mais novo, 42,3 anos. Enquanto a média do género masculino é de 40,2 anos e a média das mulheres é de 46 anos.

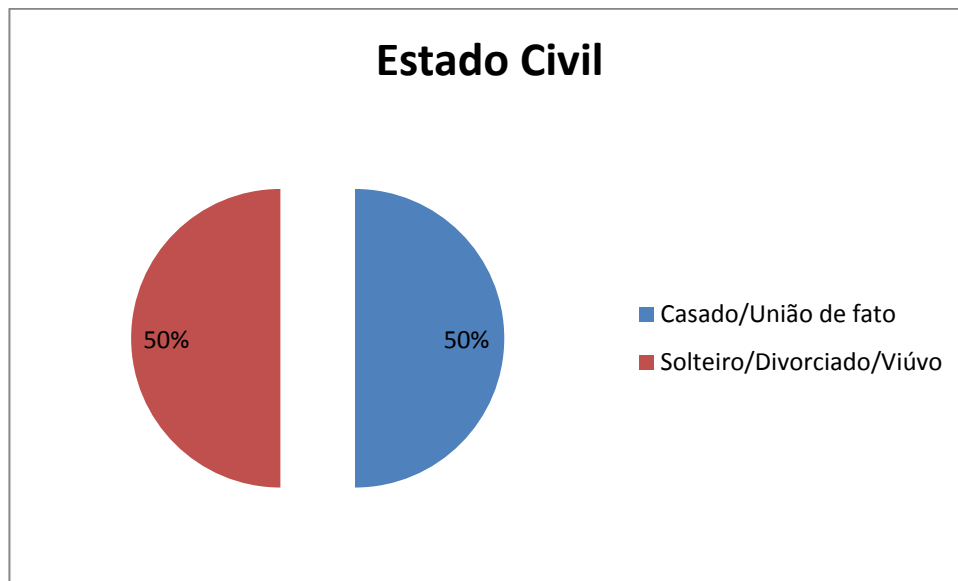
Gráfico 8: Grupos etários (%)



Quanto ao número de filhos dos participantes do estudo II, podemos verificar que metade (50%) não tem filhos. Verificamos que também 37% dos participantes tem apenas um filho e 13% tem 2 filhos. É de salientar que nenhum participante tem 3 ou 4 filhos, como aconteceu no estudo I.

Quanto ao estado civil, agrupámos os casados ou em união de facto num grande grupo (50%) e os solteiros, divorciados e viúvos em outro grande grupo (50%). Verificámos que todos os participantes casados têm filhos.

Gráfico 9: Estado civil dos participantes (%) do estudo II



Descrevemos de seguida, com mais pormenor, as características de cada participante:

F1 – Homem, 52 anos, casado, natural de Loures e tem dois filhos, com 26 e 25 anos, respetivamente. Um é licenciado em engenharia e o outro tem o 12º ano.

F2 – Mulher, 35 anos, solteira, natural de Angola e não tem filhos. Tem o curso de *barman* e é colaboradora de mesa.

F3 – Homem, 33 anos, solteiro, natural do Brasil e não tem filhos. É vigilante.

F4 – Homem, 36 anos, solteiro, natural de Lisboa e não tem filhos. “Aos quatro anos fui considerado autista”. Não está empregado apesar de já ter tido duas experiências: “No 1º trabalho era na ocupação de tempos livres a entregar correspondência dentro de um edifício, no 2º só tive um dia e meio, numa fábrica de papéis [...]. Não consigo arranjar emprego, não sei se por medo ou se é medo de ser rejeitado pelo empregador... e sei que não me aguentava por ser muito pesado... tenho de emagrecer para arranjar trabalho”.

F5 – Mulher, 46 anos, assistente operacional, divorciada mas como uma nova família. Tem um filho com 25 anos e um enteado com 17 anos. Natural de Lisboa e, com três anos de idade, emigrou com os pais para a Alemanha.

F6 – Homem, 43 anos, casado, natural de S. Tomé. Atualmente desempenha funções de secretário administrativo mas a sua primeira profissão foi, em S. Tomé, como professor do 1º ciclo. Tem um filho com 18 anos que está a frequentar o 12º ano.

F7 – Mulher, 57 anos, assistente técnica e casada. Tem um filho com 36 anos de idade que andou no 1º ano do Instituto Superior Técnico mas desistiu.

F8 – Homem, 37 anos, solteiro e natural de Lisboa. Trabalhava na receção de um hotel mas atualmente está desempregado. Não tem filhos.

Em 2013, alguns participantes (mais no estudo I) soubemos, informalmente, os que estão assinalados com ★, prosseguiram os seus estudos no ensino superior, tendo mesmo alguns já terminado o seu mestrado.

VIII.6 Procedimentos de análise de dados

VIII.6.1 Estudo I – Etapas da Entrevista individual

A execução das entrevistas obedeceu a três momentos, no desenrolar do seu processo. Em cada um desses momentos a entrevistadora atendeu a algumas tarefas imprescindíveis, como refere Patton (1990).

1º momento – Preparação da entrevista: a definição do objetivo; a escolha dos entrevistados; a construção do guião de entrevista; a preparação dos entrevistados e a decisão da data, hora e local de entrevista.

2º momento – Aplicação da entrevista: a explicitação de quem somos e o que queremos; assegurar a temática da confidencialidade; o estabelecimento da relação de confiança; a valorização do processo de escuta; o controlo da entrevista; a utilização adequada da tipologia de perguntas (Patton, 1980); o enquadramento de perguntas que refletissem valores; a apresentação de perguntas simples e a não utilização de perguntas indutoras e /ou dicotómicas.

3º momento – Contextualização da entrevista: registo de comportamentos observáveis do entrevistado e registo sobre o ambiente em que se realizou a entrevista.

VIII.6.2 Estudo II – Etapas da Entrevista em grupo (*focus group*)

Os principais passos da implementação da entrevista em grupo (*focus group*) foram os seguintes:

Passo 1. Seleção dos participantes

A composição do grupo e o número de *focus groups* dependem das particularidades e dos requisitos da investigação. É aconselhável selecionar os participantes no sentido de garantir que haja um determinado grau de homogeneidade em cada grupo e formar diversos grupos de composição diferente. Limitar o trabalho a um único grupo pode prejudicar a legitimidade do estudo. Poderá ser prejudicial se houver desequilíbrios significativos no poder ou estatuto social dentro do grupo. No entanto, é desejável a existência de uma diversidade de outras características representadas em cada *focus group*. O número ideal de participantes é de cerca de 6 a 8 por grupo, para que cada pessoa tenha oportunidade de intervir, impedindo assim a formação de subgrupos.

Assim, definimos os critérios (de homogeneidade: o grupo é constituído com a característica principal seguinte: fazerem parte do curso de educação de adultos, EFA escolar, de tipo A) e variáveis (as diferenças de idade mas com mais de 33 anos e o sexo) que nortearam a constituição do *focus group*.

Passo 2. Moderador

O papel do moderador é decisivo para o sucesso da discussão em grupo. Requer competências sólidas e aptidões na função de moderação, pondo as pessoas à vontade, projetando-se a si próprio de uma forma positiva para motivar o grupo e mantendo o interesse dos participantes até ao fim. Os moderadores têm de possuir boas capacidades de comunicação, sensibilidade relativamente às questões em discussão e uma capacidade de explorar um tópico no sentido de conseguir uma discussão mais aprofundada, e de questionar o consenso aparente quando este parece estar a ser construído com base na conformidade.

Os objetivos do moderador do *focus group* são os seguintes:

(i) Constituir o conhecimento como um valor crítico e reflexivo, com caráter dinâmico e operativo, podendo fazer emergir novas atitudes.

(ii) Promover a participação e a interação de todos os indivíduos, assegurando para não haver dispersão em relação aos objetivos previamente estabelecidos e que algum dos participantes se sobreponha ao grupo.

(iii) Proporcionar um clima favorável à exposição de ideias por todos os participantes, sem excessiva interferência ou monopólio da palavra.

(iv) Proporcionar uma sinergia entre os formandos e não o consenso.

O moderador foi a própria investigadora do estudo.

Passo 3. Definição dos tópicos da entrevista - preparação

É importante definir e limitar com cuidado os tópicos abordados, dado que todos os participantes têm de ter uma oportunidade para participar na discussão. As perguntas têm de ser cuidadosamente definidas e organizadas seguindo uma certa sequência, começando pelas mais genéricas.

O nosso objetivo ao realizar o *focus group* foi retirar das atitudes e respostas dos participantes do grupo, sentimentos, opiniões e reações sobre a identificação e a caracterização das motivações e expectativas dos formandos adultos do curso EFA-NS, Escolar (2010-2011) para, posteriormente, comparar com as dos participantes do estudo I.

Seguimos, para isso, as etapas definidas por Debus (1988): o moderador começa por estabelecer o *rapport* com o grupo com uma breve introdução, com o objetivo de tranquilizar o grupo; e explicamos os objetivos da entrevista coletiva: identificar e caracterizar as motivações e as expectativas dos formandos adultos do curso EFA Escolar (2010-2011) e as nossas metas são:

1º - Obter elementos para uma caracterização dos formandos adultos que frequentaram o curso EFA escolar.

2º - Recolher dados para a identificação das principais motivações dos formandos adultos procurarem a escola e das suas expectativas em relação à mesma.

3º - Recolher dados para um conhecimento das suas expetativas face à finalização deste ciclo de estudos.

4º - Identificar as suas expetativas futuras.

Pedimos ajuda aos formandos, pois o seu contributo é absolutamente imprescindível para o êxito do trabalho; garantimos o anonimato e confidencialidade; assegurámos aos participantes que não existem opiniões corretas, que opiniões contrárias serão bem-vindas e que não há interesse em nenhuma opinião em particular; pedimos aos participantes que falem um de cada vez e é permitido intervir na fala do outro, mas que devem ser evitadas interrupções desnecessárias e antes de falar identificar-se como Fn.º e pedimos ainda permissão para gravação em áudio.

Seguidamente, os participantes apresentaram-se tendo em conta a idade, sexo, local de nascimento, profissão e escolaridade dos pais, profissão, emprego, estado civil, cônjuge, filhos.

Passo 4. O decorrer da discussão

A discussão pode ser lançada de forma suficientemente aberta, introduzindo o assunto da sessão e colocando uma pergunta simples de interesse geral. Assim, cada participante poderá dar uma opinião inicial ou fazer observações iniciais ao assunto. À medida que a discussão vai avançando, o objetivo é clarificar, aprofundar e cobrir todos os ângulos. O objetivo do moderador é permitir que se gere dentro do grupo uma discussão que seja o mais relevante possível, assegurando-se, ao mesmo tempo, que os tópicos e as questões de interesse para a investigação são abrangidos dentro do tempo fixado. Tal envolve decidir quando se deve mudar a discussão para outro tópico, mantendo a discussão relevante e centrada, e escolher quando se deve permitir que a discussão saia um pouco do limite estabelecido para a temática em análise.

As nossas questões foram as seguintes:

(i) Percurso escolar até ao 9º ano - Qual/quais o(s) ano(s) que marcou/aram mais positiva e negativamente a sua vida? Porquê? Ficou retido algum ano? Qual? Porquê? Fale um pouco sobre a sua vida escolar anterior, na infância e na juventude.) Motivação e expectativas criadas. Avaliação pessoal do percurso feito.

(ii) Abandono escolar - Quando e por que teve de parar de estudar? Quanto tempo ficou sem frequentar a escola? Por que é que houve uma rutura na sua trajetória escolar? - Circunstâncias de carácter espacial, temporal, material, psicossocial, relativas ao seu abandono escolar. Como concilia escola e trabalho? O que faz nos fins de semana e nas horas de lazer?

(iii) Voltar à escola 20 anos depois - O que o levou a voltar à escola (que causas de natureza prática, profissional e/ou pessoal)? Que motivações teve? Que expectativas tem? O que fez e como fez para conseguir voltar a estudar? Como arranjava disposição para estudar à noite? E ao fim de semana? Lugar da escola no percurso de vida.

(iv) Balanço do ensino Secundário - a escola que escolheu; a sua aprendizagem; os seus formadores; as áreas de competência (CLC, STC, CP); as suas dificuldades; os seus colegas; avaliação pessoal do percurso feito.

(v) Expetativas face à finalização deste ciclo de estudos - Quais são os seus principais projetos de vida? Valeu a pena voltar a estudar? Voltar para a escola trouxe mudanças na sua vida pessoal, familiar e profissional? Quais? Quais são as suas expetativas para o seu futuro próximo? Em que contribuiu para o seu desenvolvimento pessoal e social e para o seu bem-estar, ter voltado a estudar 20 anos depois?

Passo 5. Análise dos resultados

Esta fase final consiste em interpretar e comparar a informação dada pelos participantes e procurar opiniões partilhadas e divergentes em cada grupo. A informação recolhida é codificada para se poder organizar os resultados em relação aos objetivos de avaliação. A interpretação dos dados tem de ter em conta e distinguir dois aspetos importantes da discussão: o que os participantes consideraram interessante e o que pensam ser importante.

O Secretário da entrevista coletiva expõe, de maneira sintética, a discussão promovida pelo *focus group*; são esclarecidas dúvidas que tenham ficado pendentes e quais os temas principais abordados.

O local propiciou a privacidade, pois estávamos dentro de uma sala de aula com a disposição em círculo; confortável, livre de interferências sonoras e de fácil acesso para os participantes.

O ambiente permitiu que através do espaço de debate, em torno de um assunto comum a todos os intervenientes, os participantes construam e reconstruam os seus posicionamentos em termos de representação e de atuação futura.

VIII.6.3 O papel do investigador

A par dos participantes nesta investigação, também a investigadora é um elemento indispensável e também participante na investigação qualitativa (Merriam, 1988) e, mais concretamente, nos estudos de caso de natureza interpretativa. No entanto, enquanto instrumento de recolha de dados encontra-se limitado pela sua própria natureza humana, que se manifesta ao nível dos erros ou das imprecisões que pode produzir ou pelos dados que pode não conseguir captar e que poderiam enriquecer ou reorientar o percurso da investigação. Patton (1990) sublinha que o investigador não tem um papel menos importante que o dos restantes participantes no estudo, uma vez que, além de ter a função de fazer o *design* da investigação tem de assegurar a sua concretização, bem como a aplicação das opções metodológicas de que dispõe para a realização da investigação.

VIII.6.4 Análise de conteúdo

A análise de conteúdo é uma técnica de tratamento de dados e é "uma das técnicas mais comuns utilizadas pelas ciências sociais e humanas" (Vala, 1986: 101).

Berelson (1952) definiu a análise de conteúdo como uma técnica de investigação que permitia a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação.

Henry e Moscovici (1968) salientaram que à análise de conteúdo não interessa o estudo da língua ou da linguagem, mas antes a determinação das condições de produção de textos, que são o seu objeto, importando caracterizar estas condições de produção, uma vez que é o seu conjunto que constitui o campo das determinações dos textos.

Mais tarde, Krippendorff (1980) definiu análise de conteúdo como uma técnica de investigação que permite fazer inferências, válidas e replicáveis, dos dados para o seu contexto.

Hongeraad (1983) isolou como traços distintivos da análise de conteúdo a necessidade de esta ser simultaneamente sistemática, objetiva e quantitativa.

Finalmente, Tourneur, em 1988, lembra que se parte de significantes ou significados manipulados para chegar a outros significados de natureza psicológica, política ou outra, contrariamente ao processo usual de descodificação da comunicação.

Atualmente, a análise de conteúdo é vista como “todo o esforço teórico para desenvolvimento de técnicas, que visa a ultrapassar o nível do senso comum e do subjetivismo na interpretação e alcançar uma vigilância crítica frente à comunicação de documentos, textos literários, biografias, entrevistas ou observação” (Minayo, 2000: 203).

A análise de conteúdo “visa um tratamento da informação contida nas entrevistas, pois, penso que a finalidade da análise de conteúdo será efetuar inferências, com base numa lógica explicitada, sobre as mensagens cujas características foram inventariadas e sistematizadas” (Vala, 1986: 104).

As etapas da análise de conteúdo são: a pré-análise (organização do material); a descrição analítica (codificação, classificação e categorização); e a interpretação referencial (aprofundar a análise para desvendar os conteúdos latentes) (Triviños, 1987: 161-162).

Como a finalidade da pesquisa é de certa forma descobrir respostas para algumas questões mediante a aplicação de métodos científicos, a entrevista semiestruturada e o *focus group* proporcionaram investigar os aspetos valorativos e afetivos dos alunos com mais de 35 anos que determinaram os significados pessoais e / ou sociais das motivações, atitudes, comportamentos e expectativas de terem voltado à escola depois de um grande período de interregno e a relevância para o seu desenvolvimento pessoal e social depois de terem

concluído o ensino secundário em duas modalidades de ensino (no ensino recorrente e no curso EFA-NS de habilitação escolar).

VIII.6.5 Programa informático

Após a gravação das entrevistas (individuais e coletiva), como o descrito no ponto 4 dedicado à exposição dos instrumentos de recolha de dados, estas foram transcritas fielmente. Nas transcrições registaram-se todas as marcas de dúvidas, pausas, muletas linguísticas, repetições, atropelos linguísticos e risos. Procedeu-se deste modo para que a recolha de dados fosse o mais exato e fiel possível respeitando os momentos em que ocorreram as entrevistas. Na fase seguinte codificaram-se todas as entrevistas.

De entre os programas apontados podemos encontrar instrumentos recentes e antigos, ou funcionais e difíceis de manuseamento. A nossa seleção recaiu sobre o programa *MAXqda*, versão 7.

As entrevistas foram desenvolvidas com base num guião semiestruturado, começando com dados de carácter de identificação pessoal, de resposta direta, e passando posteriormente para questões do tipo mais abertas, sendo dada indicação ao participante para procurar responder refletindo a própria experiência pessoal e académica.

Vários autores têm chamado a atenção para o facto de alguns investigadores depositarem expectativas muito elevadas na utilização desses programas, enquanto outros se mostram preocupados com receio de que possam mudar ou distorcer a prática da análise qualitativa.

Este, cremos, é um falso problema: pois o *software* de Análise de Conteúdo não se assemelha ao *software* de Análise Estatística, como o *SPSS*®, por exemplo, e não produz resultados por si próprio, de forma automática.

Cabe ao investigador a condução de todo o processo e a Análise de Conteúdo propriamente dita, só começa quando acaba a intervenção do *software*.

O *MAXqda* (originalmente conhecido por *winMAX*), foi desenvolvido em Berlim por Udo Kuchartz em associação com a Universidade Livre de Berlim (Free University of Berlin).

O material (textos) podem ser importados diretamente no formato RTF (*Rich Text Format*), que permite formatações de textos tais como tipos e tamanhos de fontes e características do tipo negrito ou itálico.

VIII.6.6 Processo de codificação das entrevistas

A codificação das entrevistas foi um processo difícil e trabalhoso, para que na fase de análise não surgissem dúvidas sobre a codificação de determinados segmentos. Frequentemente, foi necessário redefinir categorias com o propósito de adequá-las aos segmentos das entrevistas.

Nesta investigação, o momento do registo e da análise de dados revestiu-se de uma importância particular para toda a investigação, mais ainda quando se tratam de estudos de caso de natureza interpretativa, em que se procura conhecer, compreender e interpretar a perspectiva dos participantes face ao tema abordado.

Obtidos os dados, procedemos a uma análise de conteúdo, técnica recorrente nos domínios da investigação qualitativa e que, segundo Vala (1986: 104), possibilita a “(...) desmontagem de um discurso e da produção de um discurso através de um processo de localização – atribuição de traços de significação, resultado de uma relação dinâmica entre as condições de produção do discurso a analisar e as condições de produção da análise”.

Segundo este autor, nas investigações que envolvem o contacto direto e prolongado com os participantes, a análise de conteúdo é frequentemente utilizada pela diversidade de conexões que torna possível, assim como pela seleção, classificação e categorização realizada com vista a identificar, ordenar e dar sentido aos dados recolhidos e vividos no estudo (Vala, 1986).

Na análise de dados procurámos encontrar os conceitos ou categorias centrais do estudo, que se coadunassem com os objetivos e com as questões orientadoras da investigação, permitindo a sua clarificação. Seguindo as indicações de Bogdan e Biklen (1994), bem como de Cohen, Manion e Morrison (2000), lemos repetidas vezes os dados recolhidos, de modo a procedermos a uma análise mais cuidada dos mesmos e a obtermos uma lista de codificação e de categorização que fosse adequada aos problemas ou temas focados pelos participantes

através dos diversos instrumentos de recolha de dados. Como é habitual num estudo de caso, essas categorias foram construídas indutivamente.

Para Bogdan e Biklen (1994: 221), “(...) à medida que [se] vai lendo os dados, repetem-se ou destacam-se certas palavras, frases, padrões de comportamento, formas dos sujeitos pensarem os acontecimentos. O desenvolvimento de um sistema de codificação envolve vários passos: percorre os seus dados na procura de regularidades e padrões bem como de tópicos presentes nos dados e, em seguida, escreve palavras e frases que representam estes mesmos tópicos e padrões. Estas palavras ou frases dão categorias de codificação”.

Simultaneamente à leitura e análise dos dados recolhidos, foram surgindo numerosos tópicos (subcategorias) que, posteriormente, foram sendo agrupados em grandes categorias. Nesta investigação, as categorias que analisámos foram as seguintes: (i) o percurso escolar até ao final do 9º ano; (ii) as causas do abandono escolar; (iii) a escolha da escola; (iv) os motivos do regresso à escola, (v) as dificuldades sentidas no regresso à escola; (vi) as vantagens e desvantagens apontadas pelos participantes em relação ao sistema de ensino que frequentaram; (vii) a relação existente entre os alunos e o ensino secundário; (viii) o papel do professor no sistema de ensino que frequentaram e (ix) as expectativas dos alunos no final do ensino secundário.

Cada uma destas categorias e subcategorias foi trabalhada em cada um dos catorze estudos de caso e no *focus group*. Em cada estudo de caso foram apresentados os argumentos e posições relatados pelos participantes, recorrendo-se para isso aos dados obtidos ao longo da investigação. No entanto, e porque o investigador também é um participante na investigação e um instrumento de recolha de dados (Matos e Carreira, 1994), optámos por apresentar os resultados de cada participante procurando manter, em paralelo, um espírito crítico, reflexivo e interpretativo face às posições e perspetivas defendidas por cada um.

A ordem e organização que atribuímos em relação à apresentação e análise das categorias foi devidamente ponderada desde a primeira leitura dos resultados, procurando suscitar um encadeamento coerente e contínuo, que desse significado às categorias e permitisse a sua compreensão pelos leitores.

Tendo como suporte as dimensões usadas para a elaboração do guião de cada uma das entrevistas procedeu-se à organização de um sistema de dimensões e categorias de modo a ser possível a redução da informação e determinação de unidades de significado (Huber, 2001).

VIII.7 Limitações

A escolha de uma abordagem qualitativa para esta investigação poderá ser uma limitação uma vez que não poderemos generalizar as conclusões.

O outro elemento a tomar em consideração é o facto de só tomar como referência empírica uma única escola de ensino secundário, do centro de Lisboa. As conclusões obtidas ficam, assim, limitadas ao contexto estudado, mesmo que algumas delas se possam transpor para outros casos semelhantes.

Apesar de ser um estudo de caso múltiplo limita também a generalização das conclusões, todavia, a comparação de grupos em modalidades de ensino diferentes (ensino recorrente secundário e curso EFA-NS) não foi aleatório.

Estamos conscientes que a nossa população alvo (com mais de 35 anos e com sucesso) é também um fator limitativo deste trabalho.

Apesar destas limitações, esta pesquisa poderá indicar-nos aspetos já implementados e aspetos que precisarão de ser melhorados tendo em vista o sucesso dos alunos.

Como fizemos no final do capítulo I e antes de apresentarmos os resultados, sintetizamos agora, na tabela seguinte, alguns autores de referência para a nossa investigação, a saber: para o estudo de caso múltiplos, para o *focus group*, instrumentos de recolha de dados, papel da investigadora, análise de conteúdo e o programa informático utilizado.

| ESTUDO EMPÍRICO | |
|----------------------------------|---|
| Opção metodológica | Qualitativa |
| Estudo de caso múltiplos | Merriam, 1988; Yin, 1990; Bogdan e Biklen, 1994; Ponte, 1994; Cohen, Manion e Morrison, 2000; Silva, 2002. |
| <i>Focus group</i> | Aaker, 1990; Berg, 1995; Carey, 1994; Charlesworth e Rodwell, 1997; Frey e Fontana, 1993; Morgan, 1997; Gatti, 2005. |
| Instrumentos de recolha de dados | Entrevistas individuais (Estrela, 1994; Tuckman, 2000; Minayo, 2000); e coletiva; análise documental e de conteúdo; observação direta / registos pessoais; conversas informais. |
| Papel da investigadora | Patton, 1990. |
| Análise de conteúdo | Vala, 1986; Triviños, 1987; Minayo, 2000. |
| Programa informático | MAXqda, versão 7 |

Capítulo IX - Análise dos resultados

Duvida sempre de ti mesmo, até que os dados não deixem lugar para dúvidas

Louis Pasteur

Introdução

Neste capítulo iremos apresentar a leitura e a análise dos dados, primeiro do estudo I e, em segundo lugar, do estudo II. Serão apresentadas categoria a categoria porque estas estão interligadas com as nossas questões de partida. Por último, fizemos uma síntese geral comparativa e de análise de conteúdo dos dois estudos.

Estes estudos estão divididos em nove categorias de codificação e cada uma com várias subcategorias e estas em vários indicadores.

Assim, a **primeira** categoria de análise refere-se ao percurso escolar que os participantes fizeram até ao 9º ano, as marcas positivas (adaptação ao modelo escolar, bons resultados, professor, “ser um sonho” e o 25 de abril) e negativas (professores, desilusão, anos de escolaridade, assimilação dos conteúdos e adaptação ao modelo escolar) e o número de anos de retenção no 1º, 2º e 3º ciclos e as suas causas. A **segunda** categoria analisada remete para as causas do abandono escolar: vícios (companhias, álcool, drogas e mulheres); irresponsabilidade (aliciamento de um professor e gravidez); desejo de independência (libertação da pressão dos pais, independência económica e rebeldia); dificuldades económicas (ajudar a família); dificuldades escolares (punição, ida para a tropa; escolaridade obrigatória) e oferta de cursos limitada, isto é, a inexistência do curso pretendido. A **terceira** categoria trabalhada refere-se à escolha da escola e quais as referências para a sua escolha (conhecimento pessoal, publicidade, proximidade do trabalho e proximidade da residência). A **quarta** categoria analisada remete para os motivos que sustentaram o regresso à escola dos participantes nos estudos, sendo também referidos os incentivos que sentiram para (re)ingressar na escola, agora, na frequência do ensino recorrente (estudo I) ou nos cursos EFA-NS (estudo II). Um regresso à escola tem como suporte motivos ou razões que sustentam não apenas esse regresso mas, também, a permanência na escola: motivos extrínsecos (acompanhar um amigo,

tirar boas notas, benefícios no emprego, melhoria do salário, exemplo para os filhos, ambiente envolvente e pedido de um familiar) e motivos intrínsecos (dar sentido à vida, “passar o tempo”, gosto pelo conhecimento, autoestima, aquisição de conhecimentos e realização pessoal). A **quinta** categoria refere-se às dificuldades sentidas no regresso à escola que, se algumas vezes contribuem para que o abandono escolar se repita, outras vezes são superadas, não constituindo um obstáculo à inclusão, à apropriação de conhecimentos e ao aproveitamento académico, dificuldades apontadas pelos participantes no seu regresso à escola e em conciliar a vida pessoal (problemas com o cônjuge, ajuda psicológica ou financeira ou nos conteúdos, instabilidade, abdicação do lazer) e vida profissional (a coragem, o cansaço, a carga horária) com a vida escolar. A **sexta** categoria de análise refere-se às vantagens e desvantagens sublinhadas pelos participantes e iluminadas pelos seus testemunhos, em relação ao sistema de ensino que frequentaram. A **sétima** categoria analisada remete para o tipo de relação dos participantes com as disciplinas dos cursos na modalidade de ensino que frequentaram (falta de aulas práticas, adequação das disciplinas / áreas de competência ao curso, organização dos conteúdos, número excessivo de disciplinas / áreas de competência) e a sua relação entre pares (interajuda, empatia e lazer). A **oitava** categoria trabalhada refere-se à perspetiva que cada participante tem relativamente ao papel do professor no sistema de ensino que frequenta: formação do professor (preparação para lecionar adultos); a relação professor / aluno (respeito mútuo, entusiasmo, compreensão e empatia do professor) e práticas letivas (clareza na exposição pelo professor, atividades diferenciadas, nomeadamente os trabalhos de grupo). Finalmente, a **nona** categoria analisada remete para as expectativas escolares (ida para a faculdade ou frequentar outros cursos), pessoais (voltar para o local de origem, maior segurança pessoal, melhor comunicação com o outro, satisfação familiar e melhor qualidade de vida) e profissionais (progressão no emprego, melhor salário, mudança de emprego) dos participantes no final do ensino secundário.

Enquanto membro do sistema de ensino, o professor, as suas práticas letivas, a relação que estabelece com os alunos e a sua preparação para lecionar a alunos adultos, é um dos focos de interesse dos alunos e a ferramenta mediadora (Vygotsky, 1978) entre o sistema de ensino, o saber e o aluno.

Na análise e discussão dos dados, que expomos de seguida, apresentamos primeiro uma tabela por categoria, subcategorias e indicadores com a frequência dos registos quantitativos de cada participante e ainda o subtotal e o total, respetivamente, da frequência por subcategorias e indicadores destacados pelos participantes nos estudos I e II (entrevistas individuais e coletiva) para chegarmos às conclusões. No final deste capítulo ainda faremos uma análise comparativa dos dois estudos.

IX.1 Estudo I – entrevistas individuais / estudos de caso múltiplos

IX.1.1 Percurso escolar até ao 9º ano (fim do 3º ciclo)

A primeira categoria de análise refere-se ao percurso escolar que os participantes fizeram até ao 9º ano, as marcas positivas (adaptação ao modelo escolar, bons resultados, professor, “ser um sonho” e o 25 de abril) e negativas (professores, desilusão, anos de escolaridade, assimilação dos conteúdos e adaptação ao modelo escolar) e o número de anos de retenção no 1º, 2º e 3º ciclos e as suas causas.

Tabela 17: Categorização do percurso escolar até ao final do 3º ciclo

| Subcategorias | Indicadores | Participantes | | | | | | | | | | | | | | | Sub-total | TOTAL |
|------------------------|-----------------------------|---------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|------|------|------|------|------|------|-----------|-------|
| | | E 1 | E 2 | E 3 | E 4 | E 5 | E 6 | E 7 | E 8 | E 9 | E 10 | E 11 | E 12 | E 13 | E 14 | E 15 | | |
| Marcas positivas | Adaptação | X | | | | X | | | | | | | | | | X | 3 | 21 |
| | Bons resultados | X | | | X | X | | X | | | X | | | X | X | X | 8 | |
| | Professores | | | | X | | | | X | | X | X | X | X | X | | 6 | |
| | Ser um sonho | | | | | | | | | | | | | X | | | 1 | |
| | 25 de abril | | | | | | | | | X | | | X | X | | | 3 | |
| Marcas negativas | Professores | | | | | X | | | X | | | | | X | | | 3 | 18 |
| | Desilusão | | | | X | X | | | | X | X | X | X | | | | 6 | |
| | Anos escolaridade | X | | | | | | | | | | | | | | | 1 | |
| | Assimilação de conteúdos | X | | | | X | | | | X | | X | | | | | 4 | |
| | Adaptação ao modelo escolar | X | | | | | | X | | | | X | | X | | | 4 | |
| Nº de Anos de retenção | 1º Ciclo | | X | | | | X | | | | X | | | | | X | 4 | 20 |
| | 2º Ciclo | X | | X | X | X | | | X | X | | | | | | | 6 | |
| | 3º Ciclo | X | X | X | X | | | X | X | | X | X | | X | X | | 10 | |
| Total | | 7 | 2 | 2 | 5 | 6 | 1 | 4 | 4 | 4 | 5 | 6 | 6 | 4 | 4 | | 59 | |

IX.1.1.1 Marcas positivas

Relativamente a esta subcategoria o indicador mais referenciado foi “Bons resultados” com 38%. E1 diz-nos que obtinha bons resultados “quando passava”. Os participantes E4 refere: “fui sempre bom aluno, com a *porrada* que levava!”, E5 diz: “fiz o 7º, 8º e 9º em dois anos”. E7, E10, E12, E13 e E14 referem que eram bons alunos. E10 “era muito bom aluno, no 2º ano do 1º ciclo, eu dispensei aos exames, porque queria ser professor; E12 “eu tinha muito boas notas”; E13 “era boa aluna; E14 “fui uma aluna não de estudar muito mas sempre fui uma boa aluna”.

O indicador “Professores”, o segundo mais aludido, os participantes referem professores que os marcaram positivamente, a saber: E8 teve “um professor de fiscalidade no 10º. Que ele agora até é o diretor do BPI (?), foi diretor do Sporting também. E tive o prazer de o encontrar, porque fui fazer uma execução ao BPI, e tive o prazer de ir falar com o diretor que era ele. E ele lembrou-se logo, ao fim de 20 e tal anos... E então fiquei com o contacto dele, uma porta sempre aberta... Uma pessoa excelente. Porque era engraçado, mesmo nos momentos desagradáveis eu conseguia admirá-lo nesse aspeto, porque na nossa irreverência enquanto alunos, vá lá, há aqueles alunos que têm a mania que são mais espertos, outros têm a mania que é gozões e assim e assado... E ele mantinha aquele tom..., ele o que tinha a dizer... dizia o que tinha a dizer, nunca vi aquele homem a levantar muito a voz. E ainda agora a falar é assim. Marcou-me. Tive outro... um professor de desenho que cantava ópera... Na aula. Era uma pessoa extremamente divertida”. E10 relembra “uma professora que eu tinha de trabalhos manuais que era uma excelente pessoa que era a professora Odete disse à minha mãe: “pelo menos este filho tem que ir estudar porque ele tem muita capacidade” e então havia na altura lá uma escola que se chamava escola agrícola de (...) e então pagava na altura 900 escudos por trimestre e ela disse ‘nem que tenha de ser eu a pagar os estudos’ e então a minha mãe matriculou-me nessa escola onde fiz até ao 9º ano, mas não acabei...”. E11 refere que “eu não tenho memórias de ter maus professores. Eu acho que dava mesmo pouca importância àquilo”. Já E12 diz-nos que “quando tive de optar, no 5º ano antigo, por ciências ou por letras, os professores guerrearam-se lá, cada um queria que eu fosse ... ‘Ó E12, vem para mim, não vem?’”. Por sua vez, E13 relata “os professores eram ótimos professores. Com o sentido de professor, aquela

pessoa que impunha respeito, inteligência. Mas todos eles me marcaram pela positiva. Não fiquei com um sentido negativo em nenhum professor. São professores que eu ainda atualmente sinto respeito, consideração. Reprovaram-me, deram-me muitos ralhetes, mas...”.

A “Adaptação” ao modelo escolar, terceiro mais mencionado E1 refere-nos que a adaptação ao modelo escolar era “quando estava dentro do esquema”, já E14 diz-nos que se lembra de ter estudado em um externato, a fazer o curso por disciplinas, “era um palacetete. Era tipo externato. Fui para lá. Ainda consegui fazer algumas cadeiras, passei porque na altura era por disciplinas”. Por sua vez, E5 diz-nos que “trinta anos depois, eu fui fazer um exame com a 4ª classe. Que eram os exames que apareceram à noite [teste globalizante], para entrar no 3º ciclo, que as pessoas iam fazer o exame para ver as suas capacidades e depois entrava logo”. O E13 relata que foi para o liceu por ser ótimo: “Quando fiz a admissão deixei o colégio e fui para o ensino público, o Liceu Camilo Castelo Branco. Era um ótimo liceu”.

Já E12 refere o indicador “Ser um sonho” a escola como marca positiva até ao fim do 3º ciclo da seguinte forma: “a escola foi um sonho que me acompanhou toda a vida, desde os 4 anos. Quando eu tinha 4 anos, o meu avô, apesar de ser um homem que só tinha a instrução primária, era um homem muito atento, muito culto e era habitual na Beira lermos todas as noites. O meu avô lia para nós todas as noites ao serão, na rua, à porta (porque havia uma lâmpada elétrica, como há atualmente, sobre a nossa casa), ou à braseira no inverno, ao lume, consoante estávamos... e o meu avô todos os dias lia para nós ou história, história universal... que eu ainda tenho um volume ou dois, que a casa foi roubada... muitos livros que eu ainda tenho são do meu avô. O meu avô gostava imenso de história e possivelmente esse bichinho foi-me transmitido por ele. (...) E de facto habituei-me sempre a ouvir ler e com 4 anos já me fechava no quarto do meu avô e ia buscar um livro que ainda tenho atualmente em casa, da História Universal do Césare Cantú, que está assinado pela mãe do meu avô, que também gostava de história, já sabia ler e assinou. Já seria também uma pessoa interessada o que era anormal para a época. Porque ele assinou-o em 1891. Portanto é absolutamente uma coisa espantosa. E esse livro tinha gravuras, está escrito ainda num português meio arcaico e tinha gravuras. E eram essas gravuras das pirâmides, dos guardiões das pirâmides de que eu agora me esquece o nome, era todo aquele

mistério que advinha daquele livro que eu sabia que era de história e que eu queria ver porque é que aquilo tinha acontecido.”

Para E11 a época do “25 de abril” de 1974 “era uma coisa que me entretinha muito mais do que propriamente o estudar, portanto... eu ia lá para as associações, para os comícios...”

IX.1.1.2 Marcas negativas

Relativamente a esta subcategoria o indicador mais referenciado foi “desilusão” com 33%. Relativamente a este sentimento de inferioridade / desilusão E4 diz-nos sobre a escola, “nunca pensei em me dedicar à escola. Porque eu sei bem, se calhar se me tivesse dedicado à escola, atualmente era engenheiro, médico, ou doutor ... tinha inteligência para isso e tinha condições para isso. Mas nunca me dediquei naquilo, portanto, nem nunca fiz projetos em relação à escola, nem a escola em relação a mim...”, ainda sobre avaliação pessoal do percurso feito até ao 9º ano, E4 conta-nos que é “uma vergonha autêntica (...), porque eu não fiz o que devia ter feito, não por falta de condições ou de inteligência, de condições dos professores, falta de professores, nada. Faltas minhas, não é? Porque queria maluquice... Era um rei, era um senhor”. Por sua vez, E5, quando saiu da tropa, queria continuar a exercer enfermagem mas o seu percurso foi uma desilusão: “Acabei a 4ª classe e fui logo trabalhar (...) esqueci a escola. A escola morreu. Depois tirei o curso de enfermagem. Só que para ser enfermeiro, não é, eu fiquei só como auxiliar de enfermagem. Porque eu para ser enfermeiro tinha de ter o 5º ano antigo (...). Podia ir ao Hospital de S. José tirar o curso e ficava como enfermeiro de segunda. O que é um enfermeiro de segunda? É um enfermeiro que é enfermeiro mas não pode ir a chefia. Tem que ficar só no, no... Se eu tivesse o 5º ano já podia ir à chefia. (...) E eu fui para a escola por causa disso. Só como o fracasso foi tão grande na escola, eu parei por completo. Quer dizer, não cheguei a fazer o 2º ano (...). Que eu queria ser enfermeiro, (...). Só que eu espalhei-me ao comprido (...). Foi quando saí da tropa (...). Como não consegui tirar o curso de enfermeiro fui tirar o curso de massagista. Foi nessa altura que eu troquei (...). Não consegui mesmo. E foi aí que eu parei de estudar por completo. E depois regressei trinta anos depois (...). Ainda tentei começar a fazer o 2º ano e o 5º, só que aí é que foi o meu fracasso”. Já E9 diz-nos que todo o tempo

de escola o marcou negativamente com um sentimento de inferioridade: “O que me marcou mais negativamente não é um momento, é todo o tempo de escola (...). Todo o tempo de escola marca-me negativamente, porquê? Porque eu sempre tive grandes dificuldades de assimilação, aprendizagem, por distração, seja por que fosse o motivo, não sei qual é, ainda não percebo qual foi. Eu sempre tive muita dificuldade na assimilação das matérias. Eu, a partir de determinada altura, comecei a dizer a brincar, (...) vocês têm de me dizer três ou quatro vezes a mesma coisa até que eu consiga apanhar. E, portanto, a sensação de não ser como os outros meninos, primeiro, de não ser como os outros adolescentes, de não ser como as outras pessoas, como os outros homens, marca-me negativamente. Porque eu sempre cresci com a sensação de inferioridade”. Para E10 que foi cedo para África, “Em termos de vida foi a situação de ter de sair de Angola daquela forma [por causa da guerra], foi muito traumatizante”. E11, como era uma criança gorda, tinha o sentimento de inferioridade: “cumpria aquilo que era necessário. Eu era uma criança gorda e isso dava-me alguns problemas na escola. Os gordos são sempre alvo de humilhação, de gozo. Portanto, ao nível dos relacionamentos com as minhas amigas, não me lembro de ter assim uma amiga da escola. Pronto, era assim uma coisa meio perdida. E estava a dizer isto a propósito de ... Ah! Depois disso, eu acho que o período que eu tive na escola até ao 8º ano eram mais ... eram mais as questões à volta daquilo que passou a ser o ambiente escolar logo a seguir ao 25 de Abril, não é? E isso era uma coisa que me entretinha muito mais do que propriamente o estudar, portanto...”. Finalmente para E12, o momento mais marcante negativamente, “tive uma única situação que foi marcante, que foi quando estava a acabar o 7º ano, foi quando o meu marido entretanto se foi embora”.

Com a mesma frequência de registos temos os indicadores “Assimilação dos conteúdos” e “adaptação ao modelo escolar” como marcas negativas no percurso até ao 9º ano. E1, como passou por diferentes modelos de ensino, teve mais dificuldades na adaptação: “porque via montes de colegas meus adaptavam-se e conseguiam assimilar e eu tinha dificuldades de adaptação e não estava a conseguir dar a volta ao assunto como eles, e pronto, e reprovei”. E5 teve alguns problemas com os conteúdos tratados, na altura, na escola: “Saber o que era as serras, os comboios, não sei quê, quer dizer, não tinha aquela atração que tem atualmente. E então uma pessoa está ali a fazer o quê? Aquilo não me dizia nada e

então para estar ali não venho (...). No 1º ano do ciclo e eu tive 2 em tudo (...). Por isso foi mesmo impossível. Fiquei desmotivado e nunca mais liguei à escola. O medo de E9 voltar à escola tinha a ver com a assimilação dos conteúdos: “Voltar à escola depois de vinte anos, eu estava com um medo enorme porque tinha dificuldades de assimilação ... estava com medo, pronto! [...] Porque eu sempre tive grandes dificuldades de assimilação, aprendizagem, por distração, seja por que fosse o motivo, não sei qual é, ainda não percebo qual foi. Eu sempre tive muita dificuldade na assimilação das matérias”. E11 não teve problemas, apenas fazia o mínimo necessário, “cumpria com aquilo que era necessário”. Relativamente à “Adaptação ao modelo escolar” o participante E1 refere que “...via montes de colegas meus adaptavam-se e conseguiam assimilar e eu tinha dificuldades de adaptação e não estava a conseguir dar a volta ao assunto como eles, e pronto, e reprovei”. E6 “... Aquilo era uma vez por semana... Íamos lá à 5ª feira da parte da tarde e aquilo foi assim... nas Novas Oportunidades... foi em 2001... Nunca tive o gosto... Aquilo foi pouco”. E11 “...Em unidades capitalizáveis, exatamente. Fiz o exame do 9º ano [prova globalizante]... uma prova que tem Português, Matemática e Cultura Geral”.

Relativamente ao indicador “Professores”, para E5 os professores não ensinavam nada, “eu ia lá e achava que os professores não ensinavam nada. Ainda estava naquela fase que eu estava mais desenvolvido, pensava eu, pensava eu. Porquê? Porque o ensino de antigamente era diferente. Saber o que era as serras, os comboios, não sei quê, quer dizer, não tinha aquela atração que tem atualmente. E então uma pessoa está ali a fazer o quê? Aquilo não me dizia nada e então para estar ali não venho”. Já para E8 os professores não tinham autoridade e diz-nos “ao fim de 20 anos sem estar a estudar, deparar-me com uma professora de filosofia, que era uma gaiata, ela tinha 20 e poucos anos, e falava para as pessoas num patamar... Cresceu. Quer dizer, eu não estava habituado. Eu sabia que devia estar calado. Felizmente eu respeitei-a. (...) Felizmente, porque me passou tudo pela cabeça, naquela altura. Isto é verdade. Então mas esta fulana está a falar assim para mim, porque eu já nem sei o que é que ela falou para ali, ela disse qualquer coisa, tipo a apontar o dedo, quando não tinha nada ver comigo e eu disse: “ mas desculpe lá essa conversa é para mim? (...) E não sei quê... (...). Chumbou-me! Pronto... Fiquei marcado..., a mulher chumbou-me... Fosse as aulas, ou fizesse testes, andasse para a frente, ela veio por décimas e foi

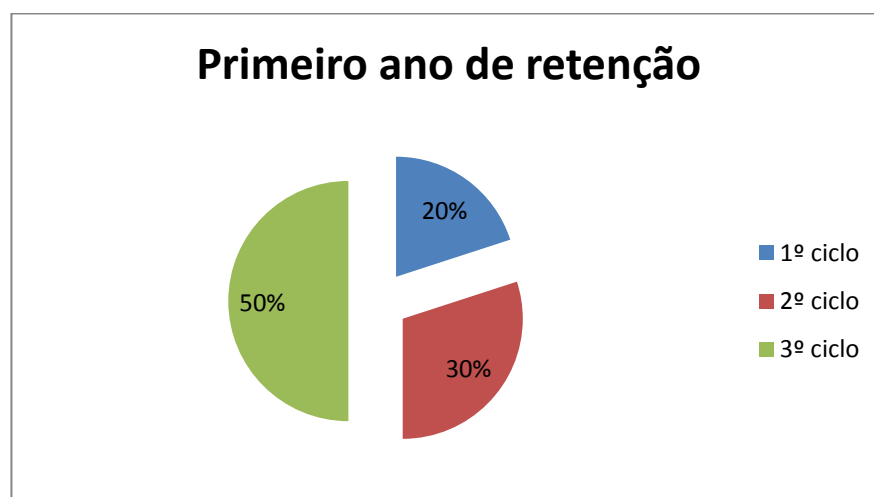
buscar pontos só porque eu disse aquilo. A minha preparação para entrar na escola dificultou-me porque veio todo o trajeto antes da fase de entrar para a escola, que as pessoas desconhecem...”.

Só E1 refere no indicador “Anos de escolaridade” que o marcaram mais negativamente “foi o 5º e o 7º ano, porque foi uma fase, porque via montes de colegas meus adaptavam-se e conseguiam assimilar e eu tinha dificuldades de adaptação e não estava a conseguir dar a volta ao assunto como eles”.

IX.1.1.3 Nº de Anos de retenção

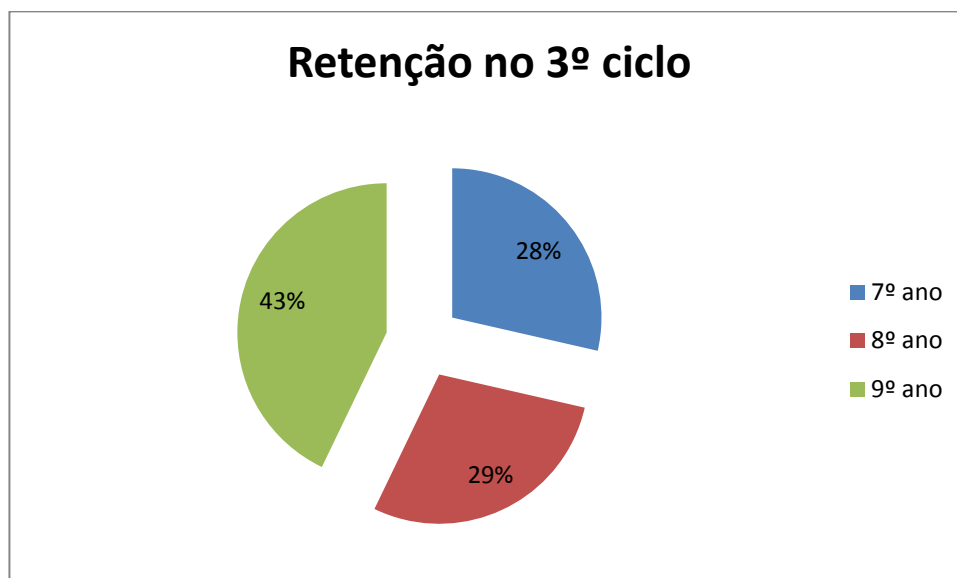
Relativamente à subcategoria número de “Anos de retenção e as suas causas”, no 1º, 2º e 3º ciclos foi o indicador “3º ciclo” que teve mais referências e onde houve mais retenções. Para ilustrar melhor, apresentamos o gráfico seguinte.

Gráfico 10: Nº de Anos de retenção e as suas causas



Relativamente ao indicador “3º ciclo”, no 7º ano de escolaridade ficaram retidos E1, E2, E4 (3 vezes) e E9. No 8º ano ficaram retidos E3, E7, E11 e E14. No 9º ano ficaram retidos E3, E4, E8, E10, E13, E14. Apresentamos o gráfico seguinte para visualizar melhor as retenções no 3º ciclo.

Gráfico 11: Retenções no 3º ciclo



Quanto às causas de retenção no 3º ciclo, os participantes revelam o seguinte: E1 "Novamente era um ensino outra vez diferente. Tive dificuldade... Por notas... nunca fui um *baldas*... no 7º ano fui para o Funchal porque não havia escolas". E2 "o português e a matemática... tinha dificuldades...". E3 "não tinha nada *pra* passar e pronto.... As notas é que escasseavam às vezes". E4 "Chumbei por faltas... logo a seguir ao 2º período... Maluquice... Mau comportamento... Suspenso muitas vezes...". E7 "por distração". E8 "Quando cheguei ao 9º ano no primeiro ano chumbei por que tive um exame de matemática...". E9 "Eu era rebelde. Dentro da sala de aula sempre fui mal comportado. Não deixava ninguém estudar. Naquela altura, naquele tempo, os professores tinham autorização, e ainda bem, de nos malhar ... Havia uma maior aproximação, é curioso também, há quarenta anos atrás havia uma maior aproximação entre os pais e os professores". E10 "... 9º ano mas não acabei pois tive de desistir porque apesar de o dinheiro ser pouco e era barato as dificuldades aumentaram porque éramos 7... era complicado. Então não acabei o 9º ano". E11 "Chumbei por faltas... Comecei a fumar e pronto... Abandonei porque fiquei grávida". E13 "Por cabulice, não queria estudar. Não queria estudar de todo... Não estudava. Queria só brincadeira, só queria brincadeira... Era mimada. Eu era uma miúda muito mimada... Era a única

filha...”. E14 “No 8º tive um desvio. Foi nessa altura que me comecei a pegar muito com os meus pais. A diferença era grande... Catorze, quinze anos. Comecei a pegar-me muito ... era na maneira de vestir, era o que queria, o que não queria... E então aí fugi de casa três vezes. Foi nessa altura que me comecei a pegar muito com os meus pais”.

No “2º ciclo” E1 e E3 ficaram retidos no 5º ano enquanto E4 (três vezes), E5 e E8 (duas vezes) no 6º ano, todos por excesso de faltas. É de referir que E9 diz-nos que “fiquei aí cinco ou seis anos”. E1 como mudou para a Telescola e “era um ensino totalmente diferente... não me consegui adaptar bem”. E3 mudou para uma instituição privada de ensino de cariz católico com “um sistema rígido”. E4 refere que “no fim do segundo período tinha duzentas e tal faltas (...). Ficava lá a fumar mata-ratos, ia lá para o miradouro (...), no 2º ano chumbei com três negas. Porque eles não me quiseram deixar passar...”. E5 “Eu chumbei. Só passei a duas disciplinas. O resto chumbei tudo (...). Porque eu só em faltas, o segundo período nunca mais lá fui. Só apareci lá no dia do exame. (...) Pronto. E os professores por muito boa vontade que tivessem (...). Por isso foi mesmo impossível. Fiquei desmotivado e nunca mais liguei à escola”. E8 “No 2º ano chumbei por faltas (...). Porque eu era jogador de bola e a minha atração era jogador de bola, tanto que eu fui federado durante onze anos para aí. (...) Passava a vida no pátio a jogar a bola (...). Não saía da escola... Sempre a jogar com outras seleções de outras escolas, eu era jogador de seleção e tinha jeito para aquilo, modéstia à parte, e então jogava só à bola, e escondia os postais, as cartas que vinham para minha mãe... Chega ao final do ano e... Chumbei! E a minha mãe ralhou... como é costume. O meu pai ralhou, posso dizer que nunca foram de me bater. Depois no 2º ano chumbei outra vez por faltas... não ia às aulas e chumbei por faltas. Até aí foi só futebóis... Depois meteu-se o 25 de Abril, em 74, e eu passei nesse ano”. E9 “Descobri o cigarro com onze anos. Ah! Descobri o cigarro! Ganda homem! A minha malandrice começa já aqui. Fiquei retido, aos 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17 anos, fiquei aí cinco ou seis anos. E foi aí que os tios, então... Meteram-me a trabalhar... comecei a namorar. A faltar às aulas. Eu queria crescer, eu queria ... eu, eu lá bem no fundo tinha uma lâmpada, eu nunca deixei a minha luz apagar. Que era estar bem na vida, crescer, era ser alguém, isso sempre tive”.

Quatro participantes ficaram retidos no “1º ciclo”: E2 na 4ª classe, “a professora disse que era melhor eu ficar (...) tive problemas a português”, E6 na 3ª classe, porque “acompanhei os meus pais que vieram para Lisboa e portanto vim com eles”, E10 na 4ª classe, “não conclui a 4ª classe por várias razões. Fiz a pré-primária lá, tive de ir para a pré-primária, que era um ano em que as pessoas... era para aprenderem a falar português. Eu vivia numa aldeia onde havia 5 ou 6 famílias de pessoas... neste caso de raça branca. O resto, eram nativos de lá. Era obrigatório que as pessoas quando entrassem para a escola entrassem aos 5 anos para terem um ano que era a chamada pré-primária para aprenderem a falar português e coisas do género. Eu fui também, embora não precisasse e fui para a pré-primária e estive lá até ao final da 4ª classe. Conclui a 4ª classe lá... Só como nós viemos, naquela fase, o meu pai foi preso pelo MPLA. Foi preso e torturado em plena aldeia foi agredido, nós fomos todos agredidos. O meu pai foi logo para os postos do MPLA para... E isso tudo, porque quando era, na altura em África, neste caso em Angola o sistema político era diferente daqui porque cada força política tinha a sua força militar, e eles matavam-se uns aos outros, durante a noite era uma coisa diabólica. Às vezes tínhamos de nos esconder debaixo da cama porque eles começavam dum lado aos tiros e os outros... aos tiros. É importante perceber isto porque foi uma infância traumatizante (...). Com 10 anos, o meu pai obrigava-nos a estarmos com armas escondidas atrás das janelas, porque eles vinham assaltar-nos. Entravam nas casas das pessoas e eles por vingança prendiam as pessoas, violavam as pessoas, mulheres, as filhas e pilhavam. Em África, o sistema político, embora houvesse 3 partidos em que era o MPLA, a UNITA e o MFLA, na zona que eu estava era uma zona que pertencia de certa forma, por que em Angola os partidos políticos tinham áreas de supremacia, e na zona em que eu estava era a zona da UNITA. Então, quem não fosse da UNITA era contra a UNITA. Então o meu pai, na altura em que aconteceu isto com a UNITA de Jonas Savimbi, então agarrou, como aquilo era a zona das jambas, meteu-nos a todos na UNITA para que tivéssemos proteção. Só que o MFLA tinha lá comités e também o MPLA. Então, de vez em quando, o MPLA e MFLA faziam investidas contra o comité da UNITA, matavam as pessoas, portanto entravam em guerrilhas e todas as pessoas... faziam isso. E numa dessas noites foram lá a casa, prenderam o meu pai, deram-lhe uma tareia, bateram na gente todos, o meu irmão e toda a gente e nós a assistir aquilo tudo... Foi assim. E entretanto eu tinha 10 anos e entretanto, levaram o meu pai... e, no dia seguinte,

penduraram-no num árvore e torturaram-no, meteram-lhe baldes com porcaria, bateram-lhe e nós fomos obrigados a assistir. Pronto! Depois levaram o meu pai lá para uma aldeia chamada De Paiva. Entretanto, como aquilo era uma zona da UNITA e como tinham feito mais de uma vez, foram libertar o meu pai, mataram uma série de pessoas lá, nesse comité, e depois foram lá às aldeias, uma aldeia próxima que havia lá, de nativos, deram uma tarefa neles todos, mataram uma série deles e então eles agarraram e meteram o meu pai, como forma de proteger (...). O meu pai nem sequer gostava de política e nunca gostou. Meteram-nos num avião. Arranjaram maneira de a gente vir para um avião, pagaram as passagens e de certa forma fugimos para Lisboa, deixámos tudo e entretanto como depois eu cheguei cá, e foi assim um pouco atribulado, eles não me aceitaram na 4ª classe. Eu não trazia papéis de nada e tive de voltar a fazer a 4ª classe cá, neste caso em Vilas Boas, no concelho de Vila Flor. Tive de repetir a 4ª classe”. O E14 ficou retido no 1º ano porque, no 3º período, os pais tiveram de mudar de emprego e de residência, “a minha mãe foi transferida. O meu pai não tinha emprego, arranjou emprego em Lisboa, no centro de Lisboa, na baixa. E vieram para Lisboa, para a zona da Ajuda. Ainda tentaram mas era mais ou menos no 3º período, ainda tentaram transferir-me, não conseguiram. No 1º ano, logo. Na altura era a 1ª classe. Portanto não me conseguiram transferir. Eu também não podia lá ficar, não tinha quem me levasse. Portanto nesse 1º ano, o 3º período não o fiz. Fui para os meus avós. E depois repeti o 1º ano todo, a 1ª classe. Correu bem. Fui uma aluna não de estudar muito mas sempre fui uma aluna, na altura, de dar atenção às aulas, à professora, aos professores e não precisava de mais”.

Salientamos ainda que do nosso universo, só E12 é que não ficou retido nenhuma vez no seu percurso escolar até ao 9º ano.

Na categoria seguinte analisamos com mais detalhe as causas de retenção dos participantes.

IX.1.2 Causas do abandono escolar

Apresentamos, agora, o ano e a idade com que os participantes abandonaram a escola. **E1** 9º com 16 anos; **E2** 10º com 18 anos; **E3** 10º ano com 18 anos; **E4** 9º ano com 16 anos; **E5** 4ª classe e 11 anos; **E6** 2º ciclo com 14 anos; **E7** 11º ano completo com 19; **E8** 2º

ano do 8º; **E9** 4ª classe com 16 anos; **E10** 8ºano com 14 anos; **E11** no 8º ano com 16 anos; **E12** não ficou retido; **E13** com 19 anos no 7º ano de escolaridade e **E14** com 15 anos.

Apresentamos de seguida a tabela:

Tabela 18: Categorização das causas do abandono escolar

| Subcategorias | Indicadores | Participantes | | | | | | | | | | | | | | | Sub-total | TOTAL |
|-----------------------------|----------------------------------|---------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|------|------|------|------|------|----|-----------|-------|
| | | E 1 | E 2 | E 3 | E 4 | E 5 | E 6 | E 7 | E 8 | E 9 | E 10 | E 11 | E 12 | E 13 | E 14 | | | |
| Vícios | Companhias | | | | | | | | X | X | | | | | | 2 | 9 | |
| | Álcool | | | X | | | | | X | X | | | | | | 3 | | |
| | Drogas | | | | X | | | | | X | | | | | | 2 | | |
| | Mulheres | | | | X | | | | | X | | | | | | 2 | | |
| Irresponsabilidade | Aliciamento de um professor | | | | | | | | | | | | | X | | 1 | 3 | |
| | Gravidez | | | | | | | | | | | X | | X | | 2 | | |
| Desejo de independência | Libertação da pressão dos pais | | | | | | | | | X | | X | X | X | X | 5 | 19 | |
| | Independência económica | X | X | X | | X | X | X | | X | | | | X | X | 9 | | |
| | Rebeldia | | X | | X | X | | | | X | | | | | X | 5 | | |
| Dificuldades Económicas | Ajudar a família | X | X | X | X | | X | | | X | X | X | X | | X | 10 | 10 | |
| Dificuldades Escolares | Problemas de saúde | | X | | | | | | | | | | | | | 1 | 11 | |
| | Distração | | | | | | | | | X | | | | | | 1 | | |
| | Problemas cognitivos | | | | | | | X | | X | | | | | | 2 | | |
| | Serviço militar | | | | | | X | | | | | | | X | | 2 | | |
| | Escolaridade obrigatória | X | | X | | X | | | | | X | X | | | | 5 | | |
| Ofertas de cursos limitadas | Inexistência do curso pretendido | X | | | | | | | | | | | | | | 1 | 1 | |
| TOTAL | | 5 | 4 | 4 | 2 | 3 | 3 | 2 | 2 | 10 | 2 | 4 | 2 | 6 | 4 | 53 | | |

IX.1.2.1 Desejo de independência

Relativamente a esta subcategoria o indicador mais referenciado foi “Independência económica” com 47%. Os participantes queriam começar a trabalhar, ter o seu próprio fundo de maneio, como é o caso de E1 “fui para a Camacha depois, fiz o 7º, 8º e 9º anos de seguida. Depois chegou aquela fase difícil de, o que é que eu faço, o que é que eu não faço... ia fazer 16 anos... Depois, nessa altura estava virado para a mecânica, mas era mais a mecânica pesada. Era mecânica de camiões, máquinas agrícolas... Lá, na Madeira, não havia cursos desse género, havia simplesmente no centro de formação profissional, era o curso de mecânica ligeira, mecânica normal, mas era, dava equivalência ao 9º ano, na mesma. Depois andei a ver, o 9º ano já tinha, fiquei ali, o que é que eu faço. Entretanto comecei a trabalhar. Eu optei por não seguir os estudos, também dali a dois, três anos no máximo, ia para a tropa, cria tirar a carta de condução, pronto, uma série de fatores. E as condições também, dos meus pais, não eram as melhores para eu vir para cá estudar. Cá havia, no Continente”. E2 também refere essa intenção: “fiz os 18 anos, isto está mau, preciso de dinheiro, a vida da minha mãe também não dá...”. E3 diz-nos que “Tinha 18, 19 anos ...Era importante fazer alguma coisa, fui trabalhar como servente de pedreiro com os pedreiros que fizeram a casa dos meus pais e atualmente a minha..., uma experiência espetacular porque... para já... o contacto com um trabalho mais duro, e ali a ajudar a fazer a casa dos meus pais ... Depois fui trabalhar mais a sério. Curiosamente ganhava mais que alguns chefes de família lá. Dei tudo o que tinha *pra* dar em termos de trabalho. Aprendi a relacionar-me com os homens das obras, entre aspas.” E5 “Acabei a 4ª classe e fui logo trabalhar... Na Escola nº 1, com a rigidez que era na altura. E depois derivado a essa rigidez achei por bem que tinha a 4ª classe já tinha tudo, que era suficiente e comecei a trabalhar. Comecei a trabalhar com onze anos... (...). Oficialmente comecei a trabalhar com catorze, porque na altura era com catorze anos (...). O meu ordenado era para, pronto, eu comprar roupa, comprar o que quisesse. Ainda me dava uma mesada de cinquenta escudos, na altura, por dia. Para mim era uma maravilha... Ia estudar para quê? Tinha ordenado, já me sentia um homem, não precisava de estudar. E então nunca mais estudei. Só que aos quinze anos comecei, fui trabalhar para onde estou atualmente”. E6 “Depois em 1961, fiz o exame *prá* escola preparatória, estive a tirar o 2º ciclo em Pedro de Santarém... Sim... foi quando me surgiu a oportunidade de trabalho no Ministério da Economia, com 14 anos (...).” E7 “Sim, o meu pai tinha uma loja e eu fui trabalhar com ele.

E foi assim até aos 22 anos, quando eu tive a experiência mais profissional, mais a sério”. E9 “Comecei a trabalhar com 16 anos... numa empresa de transportes de Angola, de Luanda. Os meus tios entenderam que eu devia fazer alguma coisa ... meu amigo não quer estudar, vai ter que trabalhar.... E fui trabalhar (...). Cheguei cá, 18 anos, não tinha habilitações, o trabalho numa altura em que a segregação era ... não é que uma pessoa não tenha habilitações, há outro fator que conta bastante, que é a cor. E então, o meu trabalho o que é que foi? Mercado do Rego, fui acartar frutas, levantava-me às duas da manhã, das duas às seis da manhã, no mercado do Rego a carregar caixas de fruta.... E aí comecei a sentir no duro. Daí que tenha dito que é bom sentir no duro porque depois comecei a perceber que devia fazer mais qualquer coisa pela minha vida. Daí fui trabalhar para as obras. Queria ser homem... Queria ser gente...”. E11 “decidi sair da escola e aí interrompi, portanto, aí entrei mesmo no mercado de trabalho. Na altura eu estava a fazer, já há algum tempo, um trabalho que a minha mãe me trazia da fábrica onde ela trabalhava. Porque a fábrica, um dos sítios para onde trabalhava era para o exército e para a aviação. Portanto, faziam as camisas para o exército e para a aviação. E então havia as palas dos bolsos das camisas ... aquilo quando é cozido fica virado do avesso e é preciso virar as palas do direito. E aquilo vinha assim em maços e eu virava essas palas do direito, aos milhares. Trabalhava em casa. (...) Eu saí de casa, portanto, fui ... casei. O pai da Vanessa quis casar. Também não tinha nada a opor. A minha única intenção era não obrigá-lo pelo facto de ter engravidado. Mas ele queria, tudo bem. Casei e fui viver para um quarto de uma senhora de idade. Vivia em frente à casa da minha mãe. Eu não quis ficar nem na minha mãe nem nos meus sogros e fui viver para um quarto com o pai da Vanessa. Fazia aí o meu trabalho. Às vezes estava em casa da minha mãe. A minha mãe apoiava-me imenso com compras, com o que podia”. E13 “Como tinha pessoas conhecidas bem colocadas em lugares chave, telefonei para uma amiga que estava nos serviços médico-sociais e disse-lhe que queria ir trabalhar. Em dois dias comecei a trabalhar”. Finalmente, E14 afirma “Começar a trabalhar, não foi nos “Correios”. Comecei com 15 anos... Então, houve assim muito atrito entre mim e eles e acabei por desistir de estudar. Fui trabalhar... eu não quero estudar mais, vou trabalhar. A reação dos meus pais não foi assim muito boa. Ainda forçaram, fecharam-me, tanto que me fecharam que acabei por chumbar por faltas. No segundo ano que chumbei por faltas foi precisamente por isso. Nessa altura, no segundo ano que chumbei por faltas já andava à procura de emprego.... Já tinha dito que não queria estu-

dar e queria ir trabalhar. E não deixaram. Como era menor (...) os meus pais não lhe davam dinheiro e então era uma independência económica para fazer o que queria (...) na altura os concertos até eram em Cascais. Era complicado. Era o bilhete de comboio, era qualquer coisa lá, era o próprio bilhete. Eles não me davam dinheiro. O último, nunca mais me esqueço foram os AC-DC. E eles não me davam dinheiro. Eu na altura andava naquela fase de me vestir toda de preto. Então sentei-me no chão de perna cruzada ali no Rato, ao pé do PS, na paragem do autocarro ... mas sentei-me à espera do autocarro ... e tracei as pernas e pus o pulôver em cima das pernas ... e como estava cansada porque não tinha dormido quase nada, acabei por adormecer. E quando acordei tinha precisamente o dinheiro do bilhete. O pessoal ia passando e ia-me dando esmola. O meu aspeto devia ser tão lindo, não é! (...) *lam-me* dando esmola. Eu sei é que fiz o dinheiro do bilhete para ir ao concerto, do comboio e ainda me sobrou. Ainda fui para o cinema (...) Foi uma das coisas ... ainda fiz isso duas ou três vezes. Sem vergonha nenhuma (...) fingia que estava a dormir porque nessa altura tinha um bocado de vergonha. A primeira não porque estava a dormir. Adormeci mesmo. Mas a segunda... Pensei no concerto, lá baixei a cabeça (...) E há alturas que, lá está, precisamos de dinheiro e temos contas para pagar e queremos ser independentes. E como eu me tornei independente, saí de casa cedo, apesar de ter voltado uns meses mas não sei porque é que voltei para casa dos meus pais ... tornei a sair, a ter a renda da casa para pagar, a luz, a água, tudo isso. E é cansativo porque eu cheguei a ter três e quatro empregos. Eu cheguei a dormir duas e três horas por noite”.

O facto de começarem a trabalhar nas férias também contribuiu para o abandono escolar. É caso de E1 “durante as férias da escola, trabalhava sempre... desde os doze anos... eles estavam a precisar dum rapaz para ajudar lá na oficina e nas férias. Antes disso trabalhava, ia com o meu avô, porque o meu avô tinha fazenda, pronto, sempre fazia qualquer coisa. E nas férias da escola, normalmente ia sempre trabalhar. E então, aí com treze anos, o meu pai trabalhava numa empresa e pedi a ele, e tal, ele lá falou com o patrão, lá me deixou ir trabalhar. Trabalhei durante dois anos, trabalhava nas obras com eles. Depois, no ano a seguir, eles estavam a precisar dum rapaz para ajudar lá na oficina e tal, porque aquilo era uma empresa de construção mas tinha um estaleiro de máquinas e camiões, em que faziam as reparações lá”. E4 “Lá arranjei aquele emprego como estafeta, a tanga ao paizinho (...). Como

o ano já estava perdido, já não tinha notas para passar... arranjei emprego...". O E4 quando viu que não tinha notas para passar: "Fui arranjar emprego e fui trabalhar (...). Depois fui para..., andei a vender flores à noite. Ainda não havia esses indianos. Andava de fatinho e gravata no Bairro Alto, naqueles restaurantes de luxo, na noite onde se arranja o metal. Depois trabalhei no *MacDonalds*, trabalhei no *Hamburgão*, *Hamburgália*, ou outras coisas relacionadas.

A "Libertação da pressão dos pais" também foi a causa de abandono para E13 "No liceu só, mas fazia. Era um liceu muito bem organizado, com fatos de ginástica, com diversas modalidades de desporto... Acabei o 5º ano e depois, por pressão dos meus pais comecei a fazer o 12º, o 7º ano. E acabei por fazer parte do 7º ano com matemática e física... Exatamente, que era a alínea f) que era a alínea de ciências e para seguir o desporto seria a alínea f), nessa altura. Só que depois desisto, desisto. E o meu pai ficou muito triste e eu, para lhe fazer a vontade arranjei um curso também ligado a ciências que era o curso de análises para o hospital de São João do Porto... Desisti no 7º ano. Fiz aquilo muito calmamente, ia fazendo umas cadeiras".

A "Rebeldia", outro indicador desta subcategoria, foi assinalado por E2 "... porque não estava para aí virado"; por E4 "a gente vê que, quanto mais estudos, menos emprego... Curtir a vida... era curtir na boa. E, porque é tudo fácil... arranjava emprego, tinha o dinheiro, tinha casa..."; por E5 "Pronto e claro, como eu antes tinha a mania que sabia muito... tinha a mania que sabia tudo..."; por E9 "E portanto, uma pessoa que está bem na rua, que não consegue ter um ambiente familiar sustentado, digamos assim, se calhar, também a cabeça para andar na escola, a vontade e garra não era nenhuma, não é? Somado a isso, um filho, dois filhos, três filhos, a necessidade de ganhar dinheiro. Depois, aqui mete-se um outro aspeto também muito importante, que não é um bom exemplo. Eu acabei por não acompanhar a mãe dos meus filhos. Continuava a querer ser um homem da rua, um homem da noite. Fui crescendo, vinte e dois, vinte e três, vinte e quatro, vinte e cinco anos. Houve uma altura da minha vida em que ganhei muito dinheiro, porque trabalhava num sítio e que ganhava muito dinheiro para aquela altura. Estamos a falar em 1986, eu ganhava 350 contos... não... ganha-

va... Minto... ganhava 70 contos, eu acho que era bom dinheiro naquela altura. Em 86 era bom dinheiro. E estourava esse dinheiro todo, na rua. E o meu pai, nessa altura, a querer fazer de mim homem e eu queria ainda viver aquela fase de jovem. Eu penso que, não serve de desculpa, mas eu penso que sim, quer dizer, aquilo que eu não conseguia ter enquanto criança, depois é preciso que se diga, é isso. Uma criança, que não foi criança, se calhar não tem a vontade de em alguma altura da sua vida de voltar a ser criança”; e por E14 “Eu era tipo a ovelha ranhosa da família. Era maria-rapaz. Ainda atualmente... houve assim muito atrito entre mim e eles e acabei por desistir (...) resolvi pôr a mochila às costas para ir passear. Com 16, quase 17. Fui à boleia e por aí fora, corri a Europa. Aí nessa altura era missangas, fios, pulseiras, descascar. Arranjar o dinheiro para me sustentar, para conseguir comer. (...) eu era muito rebelde, tive uma fase em que estar na cidade era complicado para mim. E como havia muita complicação entre mim e os meus pais, eram... eu não era muito exigente. Só que muitas vezes eu queria, eu via os meus colegas a irem ao... Bonecas nunca quis. Agora *skates*, patins, bolas (...)”, como causas do abandono escolar.

“Rebeldia contra os pais” também nos é referido por E14 “Os meus pais ainda atualmente são ... não são rígidos na educação... são... São arrogantes. São... é daquelas pessoas que ... quando nós nos referimos ao novo-rico ... em relação aos meus pais é precisamente isso. Eu acho que eles como atingiram, o meu pai atingiu o topo, o meu pai foi administrador dos correios, mandou nos correios e como subiram tanto... não eram nada. Os meus avós não ... aliás só o meu avô materno é que sabia ler mas muito mal (...) naquela altura o ter motorista, o carro à porta, o motorista vai buscar; depois a minha mãe começou a lidar com as esposas dos outros diretores... era o chá das cinco, era as compras... e tudo isso eu acho que lhes subiu um bocado. Então ainda atualmente são muito vaidosos. Eu aparecer ... eu agora não falo com os meus pais há uns meses. Zangámo-nos mesmo. Aliás eu e a família toda. (...) Ainda atualmente se eu fosse lá [a casa dos pais] e que se usa as calças rotas de ganga... a minha mãe fazia-me logo uma observação: ‘não são maneira de vires, já és uma mulher casada, és mãe de filhos, tenho vergonha, tu não vais ao café’... pronto, é desse género... eu até fazia pior para os provocar. A minha mãe ainda atualmente pensa que as meninas têm que vestir saia. Eu... está quieta! Eram calças, calções. E então aí havia muitos conflitos. E de que maneira...”

E14 ainda nos refere a “Rebeldia contra os pais” com “pedindo esmola ... Eles não me davam dinheiro. O último, nunca mais me esqueço foram os AC-DC. E eles não me davam dinheiro. Eu na altura andava naquela fase de me vestir toda de preto. Então sentei-me no chão de perna cruzada ali no Rato, ao pé do PS, na paragem do autocarro... mas sentei-me à espera do autocarro... e tracei as pernas e pus o pulôver em cima das pernas ... e como estava cansada porque não tinha dormido quase nada, acabei por adormecer. E quando acordei tinha precisamente o dinheiro do bilhete. O pessoal ia passando e ia-me dando esmola. O meu aspeto devia ser tão lindo, não é! (...) *Iam-me* dando esmola. Eu sei é que fiz o dinheiro do bilhete para ir ao concerto, do comboio e ainda me sobrou. Ainda fui para o cinema. (...) ainda fiz isso duas ou três vezes. Sem vergonha nenhuma. (...) conseguia algum dinheiro”.

IX.1.2.2 Dificuldades escolares

Nesta subcategoria temos E2 com problemas de saúde: “era disléxico”. E7 com problemas cognitivos: “no 12º ano não consegui passar... não consegui concluir o 12º ano. E portanto fiquei com 11º ano completo” e E9 com problemas de distração: “sempre fui muito distraído, despassarado, extremamente despassarado. (...) Eu sempre tive grandes dificuldades de assimilação, aprendizagem, por distração, seja por que fosse o motivo, não sei qual é, ainda não percebo qual foi. Eu sempre tive muita dificuldade na assimilação das matérias”.

E9 como tinha dificuldades no estudo, puseram-no a trabalhar como castigo: “Meteram-me a trabalhar. Por um tio, e esse já cá não está, é verdade, tratava a minha tia por mãe, por ser mais novo ... ‘Ó mana, não metas este gajo a trabalhar atrás de uma secretária... e tu vais aprender uma profissão aí numa serralharia, sapateiro, pedreiro...’”.

A “Escolaridade obrigatória” que começou por ser a 4ª classe, depois o 2º ciclo, depois o 9º ano e, atualmente o 12º ano foi referido por E1 “fui seguindo um bocado o que era obrigatório por lei tirar na escola. E depois, também, achava que menos que o 9º ano, porque o 9º ano já era..., já não era assim tão mau quanto isso. Pronto. Tinha o 9º ano, não tinha mais nada”. E3 “O 5º ano há alguns anos a esta parte dava pra entrar num Banco, numa Câmara... Era uma mais-valia para adquirir um emprego”. E5 “a rigidez que era na altura... E depois derivado a essa rigidez achei por bem que tinha a 4ª classe já tinha tudo,

que era suficiente e comecei a trabalhar” e E11 “Aliás, eu mesmo enquanto estudei, até ao momento em que fiquei grávida, eu estava a estudar mas nunca soube para quê. Quer dizer, eu tive sempre a sensação que estava a estudar porque aquilo fazia parte ... era assim, fazia parte da vida. A gente nascia, crescia, davam-nos papa, mudavam-nos a fralda. Íamos para a escola, os homens iam para a tropa, nós não íamos...”.

O indicador “Ida para a tropa” também foi assinalado por dois participantes como causa do abandono escolar: E6 “fui *prá* tropa e pronto...” e E13 “Entretanto veio a tropa...”.

E10 refere como consequências do abandono o seguinte: “na arbitragem as coisas começaram a correr mais ou menos... fui sendo promovido. Cerca de 2000, tive a felicidade em subir à 1ª divisão e então a nível de arbitragem como era muito exigente e já nessa altura era escanção numa das casas que na altura *tava* na moda... em função dos cursos que eu tirei na hotelaria e da notoriedade, entre aspas que consegui fui convidado para vir dar aulas nesta escola que é escola profissional de hotelaria e turismo de Lisboa, que eu também foi sempre um sonho desde miúdo: que gostava de ser professor e tirei o curso de formadores (...). Comecei a dar aulas nesta escola desde 96, inicialmente, em *part-time*, recibos verdes, e a partir de 2000, como subi a 1ªdivisão e precisava das noites após as 6 horas para treinar e fins de semana só para os jogos, decidi ficar na escola a trabalhar e deixei o restaurante em que trabalhava (...) entretanto eu acabei o 9º ano, o tal dinheiro que eu trouxe dei à minha mãe, outro tanto eu gastei com o 9º ano, e no ano a seguir surgiu novamente a hipótese de eu fazer mais um contrato em França e eu fui fazer mais um contrato a França de 4 meses... entretanto eu vim de França no ano a seguir e como eu queria continuar a estudar eu concorri à força aérea para aqueles cursos de havia para cabo especialistas em que havia hipótese de fazer (...) era uma forma de eu ir estudar, (...) mas como eu tenho um problema na vista esquerda... não consegui entrar”.

IX.1.2.3 Dificuldades Económicas

Relativamente a esta subcategoria o indicador mais referenciado foi “Ajudar a família” com (71,5%). E9 “Depois, não fiz nada porque entretanto já tinha o meu primeiro filho. E andava *despardado*, porque eu comecei a ganhar algum dinheiro e perdi-me. E acho que nessa altura senti o peso de não ter a tal família estruturada.” E11 “O clique começou quan-

do eu entretanto me separei ao fim de ... não chegou a três anos de casamento, que me separei do pai da Vanessa. A Vanessa foi viver com os meus pais porque eu fiquei sem casa, saí de casa ela esteve quatro anos a viver com os meus pais. Eu conheci o pai da Maria e comecei a entrar num universo, num círculo de amigos todos muito ligados ao estudo, ao conhecimento e eu comecei, a sede começou a... quer dizer, eu vivia no meio deles. Vinte e poucos anos e tinha quatro filhos, tudo pequeno. Hehehe. E não dava conta do recado. O Zé também ganhava pouco. Era preciso eu trabalhar. E depois se as questões familiares com filhos pequenos, e quatro, e não sei o quê, não são fáceis de gerir, quando se trata de filhos e enteados todos pequenos eu acho que ainda é mais difícil, porque há sempre aquela gestão... eu pelo menos sempre tentei ... que era, não privilegiar a minha em detrimento dos outros, às vezes dava conta de mim a fazer exatamente ao contrário. E eu era uma miúda também. Portanto aquilo era... consumiu-me hehehe... consumiu-me bastante e não dava para... depois, entretanto também fiquei grávida da Maria e o projeto aí passou a ser: “eu vou ficar em casa com a Maria até aos três anos, a Maria aos três anos vai para a escola e quando a Maria for para a escola eu vou estudar”. Os outros também já estavam na mãe, só vinham aos fins de semana. Tinha a Vanessa só, a Maria aos três anos ia para a escola e eu ia para a escola também. A Vanessa estava na escola, a Maria ia para a escola e eu ia para a escola (...). O Zé tem uma paixão por uma colega de trabalho, tem a Maria dois anos ... mais ou menos dois anos ... eu ainda consegui aguentar aquilo durante uns tempos até que a dada altura disse: “É pá, faz favor vai-te embora porque isto não dá assim”. E ele saiu, estivemos separados seis anos sempre numa grande confusão. Eu tive outra pessoa com quem vivi durante cinco anos e, durante esse tempo eu podia ter... atualmente penso assim... porque não comecei a estudar nessa altura? Só que essa outra pessoa era uma pessoa com dinheiro e eu, não sei se era por ele ter dinheiro, foi a altura em que eu mais necessidade tive de trabalhar. Hehehe. Eu não queria que as pessoas... Não queria viver à conta e precisava de mostrar isso. Também confesso que tinha necessidade de provar isso. Foi a altura em que tive o restaurante, trabalhei na *Body Shop*, tive o restaurante, fechei o restaurante... depois fui trabalhar... ah! Depois fui trabalhar, o primeiro emprego que eu tive durante seis anos, comecei a trabalhar com uns amigos com quem eu passava férias. Abriram uma empresa de logística de marketing e convidaram-me para trabalhar com eles. E pronto. Eu aí trabalhei como executiva de compras, um título assim E pronto, quer dizer, eu nessa altura podia ter entrado numa de dizer assim:

“eu agora não preciso de trabalhar”, porque eu realmente não precisava ... foi a primeira altura na minha vida em que eu não precisava de trabalhar... mas não fui capaz de dar esse passo. Volto, eu início o meu novo período escolar matriculando-me, ainda a viver com a outra pessoa, com o advogado, hehehe. Estava a trabalhar nessa empresa de logística de marketing ... trabalhava lá mas o trabalho era muito exigente em termos de horas. Trabalhava de dia e de noite, fins de semana, aquilo era hora e horas e horas de trabalho. E12 “Uma das coisas que quando eu pensei estudar, não pensei acabar no 7º ano... houve uma interrupção abrupta, porque foi o desmembrar do meu casamento. Houve ali um corte muito profundo que me deixou muito mal psicologicamente, obviamente. E porque a minha ideia era entrar na Ricardo Espírito Santo; porque de uma certa forma tem alguma coisa... Eu tinha e tenho uma paixão; e lá está, o meu avô mais uma vez foi um ponto de honra. Na Ricardo Espírito Santo eu gostaria muito de restaurar móveis antigos, tudo o que fosse arte. Possivelmente eu teria começado mais cedo ... se me reportar aos anos em que o meu marido se foi embora, eu tinha 45 anos, portanto eu acabei com 43 anos de estudar... o meu marido ainda esteve dois anos lá em casa, mas já estava separado. Eu terminei de estudar com 43 anos. Depois houve um período de estagnação e, quando os rapazes já estavam casados, já não queriam estudar mais, o Miguel por razões como já sabe, não acabou o curso, ficou com o 2º ano de jornalismo; e eu resolvi, entretanto, que também tinha uma loja, que tinha comprado e que também era muito engraçado mas que ... eu não sou comercial, eu não tenho nada a ver com comércio, eu não gosto de contas. Aquilo era giro por causa de eu ir comprar fatos a Itália, ir à Alemanha, ir a Paris, ir a Espanha e ir procurar coisas bonitas, e fazer montras e ter o vitrinista, isso é que eu gostava. Entretanto houve a rutura do meu casamento e foi uma coisa tão terrível como se tivesse rebentado uma cápsula (*chora*). Isso não é fácil de recuperar... Possivelmente os meus filhos não acabaram as licenciaturas... Quando há um casamento assim, que termina, deixa marcas bem profundas.

E14 “Eu acho que foi um bocado de vaidade comigo mesma. Chegar à conclusão que: sempre fui boa aluna, sempre tive boas notas, aprendo com facilidade tudo o que me põem à frente, gosto de ler, gosto de escrever... deixei uma coisa incompleta, mas porquê? Qual foi o motivo? Só que eu não sei qual o motivo de deixar incompleto. O marido quando começou a estudar também foi um bocado dor de cotovelo porque antes de irmos de férias eu disse-

lhe: olha que eu ando à procura de estudar, já encontrei um liceu e vou voltar a estudar. E disse-lhe isto em junho mais ou menos. Fomos de férias e quando viemos de férias, isto foi ... no agosto trabalhávamos sempre, ainda atualmente trabalhamos no mês de agosto ... passa o mês de agosto... entretanto, em setembro também tirámos férias, tirámos a segunda dose de férias... e disse-lhe... olha, daqui a quinze dias devem começar as aulas. E eu sei, também estou matriculado e vou começar. Eu sei que foi assim um *estalo* bem forte que levei naquela altura. (...) Foi quando eu lhe disse que ia recomeçar a estudar é que ele pensou também. E então nessa altura, é o termo, *lixou*-me mesmo a vida, porque nessa altura já tinha os *putos*, trabalhávamos de dia com dois putos... ora, os dois a estudar à noite era impossível. Portanto aí cortou-me as pernas e eu calei-me, sim senhora, queres ir estudar, então vais. (...) Ele foi estudar para o liceu, acabou o 11º e o 12º, ali onde era a antiga FIL. Havia aí um liceu, na 24 de julho mesmo por baixo da ponte. Acho que depois até fechou. Mas foi aí que ele acabou. Fez num ano (...) Fez num ano quer dizer... andou lá um ano à noite, não fez as cadeiras todas, depois candidatou-se a exame e fez por exame. Depois entrou na UAL e continuou. No 2º ano da faculdade ele mudou para o sindicato a tempo inteiro e como o sindicato era ali perto da faculdade, podia frequentar a faculdade de dia. Ao frequentar ele de dia eu podia ir à noite, porque ele à noite estava em casa. Portanto estive ali 3 anos em que me aguentei... E nesses 3 anos fiz muito. Na realidade aquilo é uma bolinha. (...) a trabalhar nos correios... só com uma diferença grande... como ele já andava a estudar... eu comprei-lhe os livros... era eu que lhe comprava os livros ... só que em vez de ser ele a estudar, era eu. Portanto, eu acabei por ler os livros dele e estive esses 3 anos assim. E o *CECOA* apareceu, porque naqueles 3 anos houve uma grande reviravolta na educação, aquelas reformas malucas que fazem, sem pés nem cabeça e então aí complicaram-me muito mais a vida. E quando eu voltei a bater às portas dos liceus, na altura uma das empregadas é que disse: isto, não tarda muito você nem a 4ª classe tem. Então mas se eu tenho estes anos todos, só me falta uma cadeira, uma disciplina, porque é que eu tenho que fazer os 3 anos? Tinha que fazer disciplinas dos 3 anos! 7º, 8º, 9º. (...) Essa do marido incentivou-me depois, ainda mais. Mas já antes dele dizer, eu já tinha decidido ir, tanto que o clique que lhe deu a ele foi eu dizer: 'eu em setembro vou voltar a estudar'. O clique dele fui eu... Que me obrigou a não ir. Portanto, já antes disso, antes dele, já eu tinha vontade de recomeçar. Os pais também não foram assim tão importantes

para que eu voltasse a estudar. Eu nunca liguei muito aquilo que eles disseram e à vontade deles, ou à opinião. Foi um incentivo sim, mas pouco.

A “Situação financeira” foi uma das grandes causas do abandono: E1 “as condições também, dos meus pais, não eram as melhores...”. E2 “Como... foi na altura... estava a estudar para técnico de eletrónica, isto como financeiramente estava mal e não estava a... era disléxico, e eu não sabia... *errr*... passei a estudar à noite e vou trabalhar. (...) E depois o 10º ano, fiz os 18 anos, isto está mau, preciso de dinheiro, a vida da minha mãe também não dá... e pronto passei para a noite. O problema é que chegava depois de trabalhar e saia tarde, comecei a ir para Alcântara, chegava ao inverno... e acabava por desistir, fazia o 1º período, às vezes fazia o segundo... Ia um ano, ia o outro e depois cheguei a uma altura...”. E3 “Depois... apesar das posses limitadas dos meus pais... Havia dificuldades em casa e eu entregava três contos e quinhentos. Era metade do meu ordenado.” E4 “ganhava trinta contos por dia (...). Eu ia comprar rosas à Ribeira, nesta altura, a vinte e cinco tostões”. E6 “Muitas vezes por causa do trabalho, outras vezes por causa da vida, e do casamento, depois fui para fora, e estive sete anos e meio fora de casa, em França... era só para trabalhar”. E9 “precisava de ganhar mais dinheiro, aquilo que eu ganhava na escola não chegava... Depois, um filho, dois filhos, três filhos, a necessidade de ganhar dinheiro”. E10 “estudei até ao 8º ano em Vila Flor, no concelho de Vila Flor, e os meus pais não tinham possibilidade de eu continuar a estudar, e já não acabei o 9º ano (...). Fui trabalhar para a apanha do morango, para as vindimas durante esse tempo todo trabalhei em França. Depois acedeu a que eu acabasse o 9º ano, era um desejo que eu tinha e na altura. Depois eu disse a minha mãe que eu custeava os estudos e como havia dificuldades na família, eram só 7 irmãos a minha mãe, então acedeu então que eu acabasse o 9º ano. (...) Tirei escanção, tirei curso de mesa de 1ª e de 2ª, de *barman*, chefe de restaurante, cursos de escanção, inclusivamente nessa arte tive a felicidade de as coisas correrem bem, fui inclusive considerado o melhor escanção português em 94 e ir disputar o mundial em Paris em 95 e tirei o também o curso de inglês e francês aplicado à hotelaria, cursos de informática...”. E11 “aí interrompi, portanto, aí entrei mesmo no mercado de trabalho. Na altura eu estava a fazer, já há algum tempo, um trabalho que a minha mãe me trazia da fábrica onde ela trabalhava. Porque a fábrica, um dos sítios para onde trabalhava era para o exército e para a aviação. Portanto, faziam as camisas para o exército e para a

aviação. E então havia as palas dos bolsos das camisas... aquilo quando é cozido fica virado do avesso e é preciso virar as palas do direito. E aquilo vinha assim em maços e eu virava essas palas do direito, aos milhares. Trabalhava em casa”. E12 “não me foram dadas condições de poder estudar (...) na Beira Baixa, na Idanha, e lá havia liceu, de facto, mas o liceu era só para as pessoas que tinham possibilidades de pagar. Era um liceu particular. O liceu para meninas..., nessa altura eu não podia ir para Castelo Branco. Fiz o exame de admissão que era logo de imediato e foi-me proporcionado pela minha professora do ensino primário, que achava que eu deveria seguir, devia estudar, tanto assim que escreveu ao Salazar uma carta, ela e eu também, a pedir para me porem a estudar, uma vez que lá não havia possibilidades para as pessoas que não tinham capacidades para pagar um liceu particular. Ele não respondeu. Por isso fui para a costura... entretanto vim para Lisboa na expectativa que os meus tios, que tinham grandes possibilidades monetárias, me pusessem a estudar. Mas não puseram. Deixei de estudar porque entretanto eles também tinham que ir para as faculdades... e as faculdades eram muito caras. Já estavam os dois a estudar e já estavam os dois em universidades particulares. Os livros eram caríssimos. Nessa altura, um livro para economia custava vinte contos. Os livros atualmente são caros mas nessa altura eram mais ainda. E ter dois filhos na universidade não era fácil”. E14 “a vida também era mais complicada, o dinheiro não chegava na altura, arranjei outro emprego (...) a vida dá muitas voltas, é complicado. E há alturas que, lá está, precisamos de dinheiro e temos contas para pagar... a ter a renda da casa para pagar, a luz, a água, tudo isso. E é cansativo porque eu cheguei a ter três e quatro empregos. Eu cheguei a dormir duas e três horas por noite”.

IX.1.2.4 Vícios

Relativamente a esta subcategoria o indicador mais referenciado foi o “álcool”. E3 “Comecei a beber vinho... cerveja... Nessa altura... para me integrar com eles, cheguei nessa altura... cheguei nessa altura... ao final de algum tempo... a ser considerado como um deles... O resto do dinheiro gastei-o todo. Não sabia o que era uma discoteca, passei a saber. Ouvia as críticas de alguns colegas meus que diziam que trabalhar nas obras não o fariam por dinheiro nenhum. No entanto eu ia à discoteca e eu pagava a bebida deles ou a entrada” e E8 também refere “Prós copos... e aí é que vem a parte negativa da Vida... é que eu estive lá...

Portanto, foi um percurso da minha vida que eu não desejo a ninguém. Nem ao meu pior inimigo, e quando nós não nos apercebemos... por que é a tal coisa”.

As más “Companhias” dos amigos é referido por E8 “Há sempre aquele grupo de amigos, não é? Em todas as zonas há grupos de amigos... E eu... nesse grupo de amigos... eles não iam para lado nenhum que eu não fosse... depois eles iam bater à minha porta e “atualmente vamos ali, vamos...” e E9 “Eu era, era um bom *vivant*, um vadio da noite... E eu quero lembrar isso aqui, é muito importante, eu vim de Angola, dum mundo onde não tinha nada. Portanto tudo o que fui encontrar em Portugal, para mim, foi um sonho, um sonho”.

Quanto ao indicador “Drogas”, dois participantes referem o seguinte como causa de abandono escolar: E4 “... éramos duzentos e oitenta alunos. Duzentos eram drogados e eu era um deles. No 9º. Os mais malucos passaram, ficaram todos na mesma turma e juntaram-se aos repetentes. Uma turma cinco estrelas... Chumbei no 9º. Maluquice. Mau comportamento. Expulso não. Suspenso muitas vezes, chumbado por faltas... Por notas, chumbei esse 2º ano, chumbado por faltas... e o 9º ano, sim... esse ano, o primeiro 9º ano, foi uma vergonha. Só tive positiva a Educação Física. Eu com 16 anos, na parte em que andava a vender flores... Eu já vivia sozinho. Já ganhava para mim, pagava os meus estudos e as minhas maluquices, portanto não precisava de ninguém. O meu pai, quando se reformou, perguntou-me... Ele queria ir lá para Santarém, a casa do meu avô; o meu avô entretanto morreu. O meu pai perguntou-me: queres vir para Santarém, ou ficas aqui? Dezasseis anos... Nascido e criado no intendente, com a mania que era pinta ... para Santarém, para uma aldeia? Ainda por cima, para chegar à escola, tinha de apanhar a camioneta às sete da manhã! Às sete da manhã deito-me eu, levanto-me às oito, tomo um banho e às oito e um quarto vou para a escola. Não, deixa estar. Então orienta-te. Nessa altura, com dezasseis, o meu irmão nessa altura já estava na tropa, nessa altura. O meu irmão saiu da tropa... ainda atualmente lá está. Mas vivia lá. Viveu sempre comigo até a mulher dele... Estiveram lá juntos e viveram lá em casa. Só que saia às oito da manhã, entrava às oito da manhã, a gente nem se via (...). *Curtir* a vida. Era a maluquice. Por exemplo, eu saí do Ateneu, deixei de fumar charros. Hum, hum. Deixei mesmo, porque... não é por querer ou não querer... Não, não é uma opção, é também

as companhias, é o que lhe disse. Duzentos e oitenta alunos, duzentos fumavam charros ou mais alguma coisa. Havia lá uma rapariga que até injetava ar nas veias. Não havia dinheiro para mais. Mas na Luísa de Gusmão não havia tanto “*chamon*” como no Ateneu. Tinha, se calhar, mil alunos. Portanto, também é o ambiente. O último charro que fumei foi na tropa, tenho a impressão que, se atualmente fumar um charro dá-me uma overdose. Mas não duvide mesmo, aquilo... eu às vezes sinto o cheiro... Hehehe. E, porque é tudo fácil. Tinha o dinheiro, tinha casa. Eu ganhava trinta contos por dia, eu naquela altura. E9 “Eu queria crescer, eu queria... estar bem na vida, crescer, era ser alguém...”.

Relativamente ao indicador “Mulheres”, também dois participantes referem o seguinte: E4 “Eu era um pinta. Era o dono e senhor. Eu andava no 7º mas, aquilo, os colegas do 9º pareciam cães atrás, e tal... pelo Intendente, então... Na altura sabia bem, agora, olho para aquilo parece que, realmente...” e E9 “eu vim de Angola, dum mundo onde não tinha nada. Portanto tudo o que fui encontrar em Portugal, para mim, foi um sonho, um sonho... Portuguesas lindas”.

IX.1.2.5 Irresponsabilidade

Relativamente a esta subcategoria o indicador mais referenciado foi “Gravidez” por dois participantes: E11 “Abandonei porque fiquei grávida. Tudo isto tinha sempre uns namoricos pelo meio. Fiquei grávida e decidi ir contra o conselho e a vontade de tudo e de todos. Eu tinha 16 anos, tinha acabado de fazer 16 anos. Decidi que não senhora, que ia assumir a gravidez, contra tudo e contra todos, estava ali armada em guerreira, hehehe... E pronto. E decidi sair da escola e aí interrompi, portanto, aí entrei mesmo no mercado de trabalho” e E13 “desisti porque engravidei... Engravidei, acabou, nunca mais pensei nisso. Depois tinha o meu filho, tinha a minha família e vivi sempre feliz... Nessa altura estava preenchida, vi crescer o meu filho, fiz um ótimo acompanhamento e foi uma realização, a maior realização da minha vida foi essa. Eu ver crescer o meu filho, acompanhá-lo, aprender... aprendi muito, tudo o que estava relacionado com crianças eu lia. Estudei muito. Estudei muito durante a gravidez para saber como é que devia tratá-lo quando ele nascesse, estudei muito para acompanhar o crescimento dele, sempre ensinada pelo meu ex-marido, uma fonte de co-

nhecimento, porque ele era uma pessoa que realmente estava muito bem preparada e tinha esse mérito. E de maneira que, pronto, acompanhei o crescimento do rapaz, numa felicidade intensa porque para mim foi muito bom”.

Quanto ao indicador “Aliciamento de um professor” só E13 mencionou esta referência dizendo que abandonou a escola e foi trabalhar. E13 “... porque eu desisti eu vou dizer porque é sigiloso. Mas eu nunca digo porque eu nunca levei a vida por um prisma negativo, mas vou dizer a verdade. Quer? Era aliciada por um professor e eu aí medi as consequências... E então decidi ir trabalhar. Não queria viver de coisas negativas, não queria expor o assunto aos meus pais... Porque eu tinha pensado trabalhar. Tinha uma experiência traumática que não teve consequências. Mas eu não queria dizer ao meu pai porque o meu pai era uma pessoa austera. A filha dele tinha de ser preservada e eu, para evitar conflitos porque metia família... tive o aliciamento de um indivíduo, eu era muito ingênua, fiquei muito assustada... e depois aconteceu-me isso no hospital e não houve nada. Só que o senhor saia de lá, procurava pela minha companhia... dizia que precisava falar comigo e eu achei que aquilo, levemente, sem pensar muito mas... preservava-me um bocado, achei que ia começar a trabalhar. Como tinha pessoas conhecidas bem colocadas em lugares chave, telefonei para uma amiga que estava nos serviços médico-sociais e disse-lhe que queria ir trabalhar. Em dois dias comecei a trabalhar... Tudo em casa dos meus pais, superprotegida. Tive um choque imenso porque fui a Lisboa e tive uma experiência muito agradável, também vou contar, porque fui para casa de família, os meus pais queriam-me proteger... Vim para Lisboa porque eu pedi a uma amiga que vivia em Lisboa e que trabalhava nos serviços médico-sociais. Estava muito bem colocada. Os meus pais ficaram desgostosos mas... Tinha 19 anos”.

IX.1.2.6 Ofertas de cursos limitadas

Relativamente a esta subcategoria só E1 a referenciou por “Inexistência do curso pretendido” no local onde vivia: E1 “mas se houvesse uma oportunidade, se houvesse alguma coisa que surgisse a nível de algum curso profissional ou isso (...) não havia escolas profissionais para continuar”.

IX.1.3 Escolha da escola

Tabela 19: Categorização da escolha da escola

| Sub-cate- gorias | Indicado- res | Participantes | | | | | | | | | | | | | | Sub- total | TOTAL |
|---------------------|-------------------------------------|---------------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|---------|---------|---------|---------|---------|---------------|-------|
| | | E 1 | E 2 | E 3 | E 4 | E 5 | E 6 | E 7 | E 8 | E 9 | E 10 | E 11 | E 12 | E 13 | E 14 | | |
| Refe- rências | Conheci- mento pessoal | X | | X | X | X | | X | | X | X | | X | X | X | 10 | 23 |
| | Publicidade | X | | | | | | | | X | | | | | | 2 | |
| | Proximida- de do tra- balho | | | | | | X | | | | X | | | | X | 3 | |
| | Proximida- de da resi- dência | X | X | | | X | | X | X | X | | X | X | | | 8 | |
| Total | | 3 | 1 | 1 | 1 | 2 | 1 | 2 | 1 | 3 | 2 | 1 | 2 | 1 | 2 | 23 | |

Relativamente a esta subcategoria o indicador mais referenciado foi “Conhecimento pessoal” seguido da “Proximidade da residência” que levaram os participantes à escolha da escola.

Por “Conhecimento pessoal”, referenciaram os participantes E3 “Porque quando me inscrevi, era o Liceu XPTO, era uma das escola como o D. Pedro V que promoviam este tipo de formação que me interessava”; E4 “escolhi esta escola por causa do F.[amigo]”; E5 “como a minha sobrinha tirou o curso no XPTO disse: então vais para o XPTO porque é muito bom. E tem lá excelentes professores”; E7 “(...) já conhecia o XPTO, não havia problema em voltar aqui. E dentro da oferta que o XPTO tinha, acabei por seguir este curso...”; E10 “Escolhi aquela escola porque a minha mulher tinha estudado lá”; E12 “Foi pela referência do nome (...) e também porque havia muitos escritores de livros que eu gosto, que tinham andado lá, que também era para mim referência”; E13 “as minhas habilitações já lá estavam” e E14 “andamos a correr os liceus todos de Lisboa também a ver quem é que tinha aulas à noite... então, fomos parar ao liceu XPTO”.

Relativamente ao indicador “Proximidade da residência”: E1 “vivo aqui perto da escola, vivo aqui a três, quatro minutos... era a escola que eu tinha aqui mais perto”. E2 “estava perto de casa”. E5 “perto de minha casa...”. E7 “proximidade com a minha casa”. E8 “por estar mais próximo a minha casa e poder ir jantar a casa...”. E9 “... não sei que luz me guiou para vir para esta escola porque não podia ter escolhido melhor”. E11 “mais próximo da minha casa”. E12 “fácil acesso a minha casa...”

Quanto ao indicador “Proximidade do trabalho”, houve três participantes que focaram para a “escolha da escola”: E6 “a escola que estava mais perto”. E10 “era muito perto e aquela escola ficava no meio do caminho e a rua de onde eu trabalho. Ficava muito perto”. E14 “Aquele liceu foi escolhido porque eu trabalhava na Avenida da República e já sabia que ia para o Cais do Sodré. O E9 estava na Defensores de Chaves. Nos outros liceus à noite, quando nós fomos visitá-los à noite, não gostámos do ambiente. Eram todos muito escuros, no meio de prédios, não gostámos. E estavam longe, o horários também não davam muito. Ele saía sempre às seis e tal... Eu tinha um horário de saída às cinco, cinco e meia, não havia problema. E então, quando fomos ali era o mais central e ainda continua a ser, para nós. Eu vinha do Cais do Sodré para ali”. O E9 “... da Defensores de Chaves para ali era rápido. Em questões de estacionamento não havia grandes problemas porque à noite havia bastante. Tinha o jardim em frente. E é um liceu muito iluminado, é grande, espaçoso. Não é um liceu muito fechado, não estávamos naqueles corredores muito fechados. E isso atraiu-nos”.

A “Publicidade” foi referido por E1 “... era um liceu com boas referências” e E9 “o nome XPTO pesa”.

IX.1.4 Motivos do retorno à escola

A quarta categoria de análise refere-se aos motivos que sustentaram o regresso / retorno à escola dos participantes no estudo, sendo também referidos os incentivos que sentiram para (re)ingressar na escola, agora, na frequência do ensino recorrente secundário. Um regresso à escola tem como suporte motivos ou razões que sustentam não apenas esse regresso mas, também, a permanência na escola.

Tabela 20: Categorização dos motivos para regresso à escola

| Subcategorias | Indicadores | Participantes | | | | | | | | | | | | | | Sub-total | TOTAL |
|---------------------|----------------------------|---------------|----|----|----|----|----|----|----|----|-----|-----|-----|-----|-----|-----------|-------|
| | | E1 | E2 | E3 | E4 | E5 | E6 | E7 | E8 | E9 | E10 | E11 | E12 | E13 | E14 | | |
| Motivos Extrínsecos | Acompanhar um amigo | | | | X | | | | | | | | | | X | 2 | 24 |
| | Tirar boas notas | | | | | X | | | | | | | | | X | 2 | |
| | Benefícios no emprego | X | | X | | X | X | X | X | | X | | | | X | 8 | |
| | Melhoria de salário | | | | X | | | | | | | | | | X | 2 | |
| | Exemplo para os filhos | | | | | | | | | | | X | | | | 1 | |
| | Ambiente envolvente | | | | | | | | | | | X | | | | 1 | |
| | Pedido de familiar | X | X | X | X | X | | | X | | | | | X | X | 8 | |
| Motivos Intrínsecos | Dar sentido à vida | | | | X | X | | | | X | X | | X | | | 5 | 38 |
| | “Passar o tempo” | | X | | | X | | | | | | | X | | | 3 | |
| | Gosto pelo conhecimento | | | | | | | | | | | | | | | 3 | |
| | Autoestima | X | X | X | | X | | | X | | | X | | | X | 7 | |
| | Aquisição de conhecimentos | X | X | | | X | X | X | | X | | X | X | X | X | 10 | |
| | Realização pessoal | X | | | | X | | X | X | X | X | X | X | X | X | 10 | |
| Total | | 5 | 4 | 3 | 4 | 8 | 2 | 4 | 4 | 4 | 3 | 5 | 4 | 4 | 9 | 62 | |

IX.1.4.1 Motivos Intrínsecos

Relativamente a esta subcategoria os indicadores mais referenciados pelos participantes, com o mesmo número de registos, como podemos verificar na tabela supra, foi “Aquisição de conhecimentos” (71%), e a “Realização pessoal”, seguida da “Autoestima” (50%) que foi referenciada por metade dos participantes.

E1 refere que “Sentia que precisava de mais e, de certo modo, acho que também sentia, não mágoa, mas falta daquele, na altura se calhar devia ter estudado até ao 12º, queria

ter estudado até ao 12º, ou se as coisas tivessem sido diferentes, teria estudado (...). Se eu não fiz na altura, agora também era capaz (...) foi uma prova (...) achei que era mesmo necessário. Foi um desafio pessoal e há desenvolvimento nas pessoas que estudam”. E5 “no 9º pensei, não me chega, vou fazer o 12º, sentia-me deslocado (...). Toda a gente da minha família são todos formados. O único que não era nada era eu (...). Sentia-me mal perante a sociedade (...) porque me sentia ultrapassado. Eu antes quero ser o pior dos melhores do que o melhor dos piores”. E7 “senti que estava a... tinha vontade... potencialidades para voltar a estudar (...) foi mais para tentar testar as minhas capacidades”. E8 “acredito que consigo sempre alcançar seja o que for”. E9 “sou uma pessoa insatisfeita”. E10 “sempre foi um sonho (...) mas era uma coisa que eu queria fazer e dava-me uma grande motivação em fazer o 10º e acabar o 12º e mais tarde ir fazer uma licenciatura, quando as coisas se proporcionassem”. E11 “depois acaba por coincidir com o meu desemprego. Portanto, a empresa começa a dispensar pessoal. Os primeiros amigos e fundadores da empresa com quem eu comecei a trabalhar entretanto tinham arranjado outro sócio; as coisas começaram a correr mal com eles e com o sócio e, conseqüentemente, comigo e com o sócio. Portanto, eles acabaram por se vir embora e deixar o sócio e eu acabei por entrar num conflito mesmo de barra de tribunal. E acabei por me vir embora e nessa altura disse: ‘Pronto! Eu agora vou mesmo pegar na escola’. Fiz contas, percebi que não valia a pena ir trabalhar se não arranjasse um trabalho com uma remuneração decente que justificasse eu estar a trabalhar. Para arranjar um trabalho, quer dizer, o que é que o mercado de trabalho tinha para me oferecer? Um emprego de balcão? Setecentos euros por mês, na melhor das hipóteses... eu fiz contas e disse: ‘Almoços em casa, não gasto dinheiro a andar na rua, nem a comer na rua, todos podem vir comer em casa, está o ordenado feito’. Era um enriquecimento pessoal (...) era mesmo um projeto pessoal (...) era qualquer coisa que eu precisava de provar. Que eu era capaz de fazer (...). Eu sentia que eu estava a fazer alguma coisa por mim (...) eu costumo pensar que tive duas coisas muito importantes no percurso da minha vida, para além do nascimento das minhas filhas, que um foi a minha separação do Zé e outra foi a escola. Foram duas coisas que eu acho que me fizeram crescer, resolver inseguranças, medos. Fizeram-me crescer imenso”. E12 “Eu voltei a estudar porque durante muitos anos não me tinha sido dada a *chance* de estudar. Eu fiquei sempre, desde criança, esfomeada por estudar (...) quando eu tive oportunidade de mitigar essa fome, eu fui. Porque se me tivesse sido dada a *chance* de eu poder estudar, eu

teria tido uma carreira acadêmica, porque eu gosto muito de saber (...). Só para me realizar(...). Os rapazes não me davam apoio e porque havia uma grande sobrecarga... eu tinha que fazer viagens... cheguei a fazer viagens a Itália, a guiar, mil e tal quilômetros sozinha... e depois tinha que comprar as coisas e tinha que voltar para cá com a carrinha, que era uma carrinha que normalmente alugava, cheia, às vezes com quatro e cinco mil contos de roupa... e cheguei muitas vezes a encostar nas bombas de gasolina para descansar um bocado e os polícias a avisarem-me para ter cuidado porque podia ser assaltada. E de inverno e de noite era muito difícil. Portanto, houve uma altura em que eu senti que tinha mesmo de parar. Vendi a loja. Continuei com a costura agora já de uma forma muito mais suave, *soft*. E então aí eu disse: 'Agora vou estudar'. Estava sozinha em casa. Agora é que eu disse: 'Vou acabar'. E resolvi ir para a universidade. E13 refere que "Aliás todas as pessoas da minha família sabiam que eu não estava preenchida, sabiam que havia um vazio na minha vida e que era essa parte, porque os meus pais insistiram, o meu ex-marido insistiu e o meu filho... eu fiz notar, possivelmente, que eu não estava completamente preenchida... as pessoas que gostavam de mim sempre me canalizaram para a parte que me iria preencher. Eu é que não queria vir (...). O meu filho estava perto de sair... pensei na situação, eu ia ficar em casa ... eu sou divorciada, vivo só ... Ele ia sair de casa quando entrasse na especialidade. De maneira que eu sabia que ele ia sair. Eu ficava em casa e ia ficar sujeita ao mundo do trabalho... em casa seria a televisão que era a cultura dos *media* (...) há outra postura de vida". Finalmente, E14 "Pus na cabeça: 'Vais voltar a estudar e não vais parar'. Eu acho que foi um bocado de vaidade comigo mesma (...) deixei uma coisa incompleta, mas porquê? Qual foi o motivo? E o CECOA apareceu, porque naqueles 3 anos houve uma grande reviravolta na educação, aquelas reformas malucas que fazem, sem pés nem cabeça e então aí complicaram-me muito mais a vida. E quando eu voltei a bater às portas dos liceus, na altura uma das empregadas é que disse: 'Isto, não tarda muito você nem a 4ª classe tem'. Então, mas se eu tenho estes anos todos, só me falta uma cadeira, uma disciplina, porque é que eu tenho que fazer os 3 anos? Tinha que fazer disciplinas dos 3 anos! 7º, 8º, 9º. (...) Eu não gosto de deixar as coisas... posso acabá-las assim de repente, mas nunca incompletas. Se eu acho que há qualquer coisa que está incompleta, enquanto não acabo, enquanto não lhe dou um fim, mesmo que o fim seja incorreto, ou que não seja bem um fim... seja um meio fim... mas não consigo deixar, não consigo dizer 'Eu não consegui acabar aquilo, eu não consegui'. O não conseguir, para mim, complica-

me (...) era o ler muito, o gostar e o ter deixado algo na vida incompleto (...) fazer aquilo que eu devia ter feito à conta dos meus pais e não fiz (...). É por mim, para eu me sentir bem e principalmente por acabar aquilo que eu já devia ter acabado. Eu deixei uma coisa incompleta. Portanto, enquanto não a acabasse ...”.

Relativamente ao indicador “Autoestima” podemos salientar referências como a “autonomia” como salienta E14 “pus mesmo na cabeça... ‘Não é para andares a brincar (...). Vais tentar acabar o 9º ano e vais continuar e é de vez’... Porque queria muito”. Mas também como referem outros participantes os motivos de voltarem à escola seria para terem “confiança em si mesmo”. Para E1 “provar a mim mesmo que realmente não estava em baixo de forma”. E2 “Depois dela morrer [a mãe] isto em 2002, 2003... ‘Ó pá... isto ou vai ou racha... acaba o 12º pelo menos (...)’”. Vou para a escola ou faço ou nunca mais entro lá e como entrei e ainda por cima como estou a fazer uma coisa que eu gosto que é informática, agora vou até ao fim (...) tenho de arrumar a casa, por a vida em ordem (...) agora que entrei, não saio. Ou vai ou racha. Já que aqui estou, não volto”. E3 “vamos lá a cerrar os dentes... e eu fui capaz. Compreendi que as coisas custam às vezes, que é preciso lutarmos connosco próprios para conseguirmos fazer as coisas... Eu tive um linfoma... Fiz oito meses de quimioterapia... e esta força que eu ganhei nesta em que me cimenteí, foi importante. ‘Foste pá escola, ainda bem, dou-te valor e tal...’. Isso... o nosso ego cresce um pouco com essas observações...”. E5 “por me sentir já mal, cheguei a chefe comecei-me a sentir mal (...). Mais novas e com mais habilitações, é outra maneira de ver as coisas, pronto, abordavam as coisas de outra maneira a que eu não conseguia dar resposta (...) como sou também um bocado orgulhoso, não gosto de perder, fui à luta”. E8 “se as pessoas investissem um pouco mais nelas (...) mostrar a mim mesmo que também tinha capacidades (...) a minha ideia era demonstrar a mim mesmo e também saber como as coisas estavam a funcionar lá dentro...”. E11 “Eu estive sempre à procura é de encontrar um momento em que eu pudesse fazer isso, sem prejudicar (...) foi de ordem pessoal”. E14 “O motivo de eu estar ali foi a dificuldade de fazer só a disciplina que me faltava. O ter de fazer imensas disciplinas e andar ali para trás e para a frente dois ou três ou quatro anos. Depois o motivo, o porquê de voltar a estudar... ah! Uma das perguntas também que me fizeram foi se era só para ter o 9º ano, se era para continuar. E eu disse que era para continuar. Se eu conseguisse ali a equivalência ao 9º ano, assim que tivesse equiva-

lência ia para o liceu, para o 10º ano (...). ‘Fazes de mim tão estúpida, mas eu não sou assim tão estúpida quanto pensas’. Tanto que, quando acabei o 10º ano, tive boas notas”.

Outro motivo para os alunos regressarem à escola foi para “Dar sentido à vida” como referem E4: “Eu voltei à escola para mudar de vida. Aquela música nova do António Variações. Ainda não mudei. Não sei se vou mudar... é preciso sempre estudos para conseguir mais algo”. E5 “é uma maneira de eu fugir do meu casulo”. E9 “porque eu estava farto de ser motorista. Estava cansado de ser um peão. Sabe que os peões, nós pegamos neles e metemos em qualquer parte que nos apetece, os peões não pensam, não falam, não choram. São apenas coisas, que nós utilizamos como coisas. E era assim que eu me sentia, como motorista. A carreira de motorista é horizontal”. E10 “o querer fazer mais qualquer coisa na minha vida”. E E12 “o que eu queria mesmo era entrar numa situação académica (...) na costura eu não teria, apesar de gostar muito. Agarrar num bocado de tecido e fazer um fato é uma coisa lindíssima ... porque uma pessoa pegar num tecido e fazer dele uma maravilha, ou um marceneiro que agarra num bocado de madeira e faz dele um móvel que depois pode ser um monumento é tão arquiteto como um arquiteto que faz um palácio, ou um escultor que faz uma escultura. A arte está lá na mesma (...). Talvez tenha a ver com a madeira, madeira com que eu tinha sido criada toda a minha vida, porque o meu avô era carpinteiro. Era o cheiro da madeira, era a madeira. As coisas não acontecem na vida das pessoas, por acaso. Quando as pessoas dizem ‘aconteceu acidentalmente’, há sempre qualquer coisa que nos leva às nossas origens. Eu cada vez defendo mais isso”.

No entanto, temos outros que voltaram à escola apenas para “Passar o tempo”, como nos dizem E2 “era uma maneira de passar o tempo”. E5 “Isolo-me um bocado na casa (...) a ver vídeos, a ver filmes (...). Tenho o meu espaço reservado que me isolo ali”. E E12 “Porque depois os filhos ficaram criados, os filhos deixaram as universidades ...”, apesar destes participantes terem referido também outros indicadores, como se vê na tabela supra.

Quanto ao indicador “Gosto pelo conhecimento” E1 refere que “quando realmente me apercebi da evolução que as coisas estavam a ter, e depois de pensar bem, achei que valeria a pena um esforço de três anos no mínimo, estudar mais esses três anos, pelo menos (...) temos que aprender. Vim para aqui mesmo na situação de querer estudar”. E2 “eu por acaso no 7º ano tive eletricidade, o bichinho acordou (...) gosto de informática”. E5 “como há

muita gente licenciada, qualquer miúdo atualmente tem o bacharelato. E no trabalho uma pessoa para competir com os outros, não é, embora eu nunca fui de competições, sempre tive o meu espaço mas, para eu querer chefiar tenho de ter capacidades para o que estou a fazer. E isso é que eu... eu sentia-me mal (...) tornava-me engraçado na maneira de ser. Pronto, era o bobo da família. Toda a gente achava graça (...) não sabia do que estavam a falar. E foi essas pequenas coisas que eu comecei a...". E6 "o saber não ocupa lugar e nunca é tarde para a gente aprender". E7 "quando estava ali no "Tagus Park" porque era uma empresa muito tecnológica e eu estive que estudar para fazer o que estava a fazer e senti que estava com um défice de formação (...) eu já tinha uma idade mais avançada e tinha colegas mais novos do que eu, com mais habilitações do que eu e, portanto, senti que estava com algum... a nível das habilitações... estava com uma *decalage*, um défice em relação aos colegas e naquela altura já tinha a noção de que o 12º seria mais tarde ou mais cedo quase obrigatória para a população". E9 "eu achava que não queria só o 9º ano (...). Embora me fizesse medo voltar à escola depois de, pode-se dizer porque todos os anos que tentei voltar, não consegui fazer nada." E11 "eu tinha uma sede imensa de saber, de conhecer (...), muitos amigos meus diziam-me: 'Mas tu não precisas de ir para a escola... tu podes ser uma autodidata (...)'. Havia coisas que eu não era capaz de acompanhar, havia coisas que eu não conhecia, havia coisas que eu não sabia (...) eu tinha um círculo de amigos muito próximos de mim, em que eu tinha consciência de que havia um fosso muito grande; a determinados níveis havia uma distância muito grande entre mim e eles (...) todos eles me incentivavam a recomeçar". E12 "Única e simplesmente só para saber (...). Essa fome, que ainda atualmente eu tenho, essa fome, isso nunca pode estar alheado seja daquilo que for. Nunca foi por uma situação de ascensão social porque eu estava realizada profissionalmente (...) só pela ânsia de saber. Andei três anos na universidade da terceira idade porque isso eu podia fazer. Porque os horários eram muito... Nós podíamos escolher as cadeiras que gostaríamos mais (...). Era uma forma de saber (...), era uma forma de procurar conhecimentos (...). Tinha a facilidade do transporte. Tinha uns horários que eram compatíveis com o meu trabalho, que eu ainda tinha a loja. Como sempre tive uma profissão onde eu era dona do meu próprio tempo, eu geria consoante aquilo que eu gostava. O conhecimento académico nunca esteve desligado de mim, portanto sempre que podia eu procurava adquiri-lo. Matriculei-me em História do século XIX, com um professor extraordinário que durante dois anos... Foram as pessoas já de uma certa idade,

que já tinha, que não gostam, por exemplo, de ler revistas cor-de-rosa na praia. Eu estou na praia mas aquelas coisas das revistas que todos os meses trazem as mesmas coisas, eu folheio e vejo as caras, não sei quem são, não me pergunte, não sei quem são... mas folheio, vejo que aquilo é sempre tudo igual... e há sempre mais ou menos um grupo de senhoras que ou porque também não gostam, ou porque vamos tomar banho juntas (eu também gosto de nadar, e nadamos), e uma senhora falou-me da universidade da terceira idade (...). Depois era muito engraçado porque além das cadeiras, tinha uma que eu gostava muito que era “Messianismo”, tem muito a ver com convicções religiosas e que tinha a sorte de também ter uma belíssima professora que nos dava lições de campo. Nós fazíamos viagens como a Rota de Cister. Foi fabuloso porque nós não estávamos só diretamente com a arte, com toda uma imanência sincrética e religiosa, porque também não havia só uma religiosidade católica, havia também o profano, porque o românico está cheio de imanências profanas, as próprias carrancas, tudo aquilo é místico, tudo aquilo tem uma transcendência messiânica muito forte, e era isso que me era incutido. Também as festas do Divino Espírito Santo, nos Açores. Nós fazíamos essas viagens de campo ... havia só um professor que fazia exames, que era o professor de história do século XIX. E esse professor não nos passava de ano se não fizéssemos o exame. Mas na altura dos exames ninguém ia. Ia só eu e um médico que andava lá a estudar. Era médico mas também gostava de história (...). Essas universidades são extraordinárias porque, para além de darem conhecimento, é um sítio onde as pessoas que estão praticamente excluídas do mercado de trabalho, e muitas vezes das próprias famílias, encontram um ponto de referência, encontram um sítio onde estar. E isso é essencial para as pessoas, é excelente (...) só há progresso se as pessoas tiverem conhecimento”. E13 “eu gosto muito de saber e atualmente os meios de trabalho são muito pobres. Cultura, conhecimentos, os assuntos são muito superficiais, é a cultura da imprensa, é a cultura dos *media* e, essencialmente por necessidade de viver ligada à cultura. É um *hobby* mesmo, é mesmo um *hobby*. Enriquece sempre, o conhecimento enriquece. Por todos os fatores: o fator trabalho, o fator de convívio em casa, o fator de lidarmos com as pessoas no dia a dia, é um enriquecimento. E também enriquece-me a mim própria (...). Fora de casa, no trabalho, onde eu passava a maior parte do tempo era esvaziado de... Há uma descontração natural que o saber dá às pessoas (...). Buscar conhecimentos... enche-nos interiormente. Já não estou à espera de melhorar no meu trabalho; estou à espera de ter um preenchimento, sentir-me bem”. E14

“sabe tão bem o aprender. Pode parecer um bocado ridículo mas não é. O ter voltado ao liceu, acho que foi das melhores coisas que me aconteceu”.

O “gosto pela leitura” também foi referenciado neste indicador pelos participantes E7 “gosto também de ler (...), gosto de poder ler obras de autores portugueses, algumas obras seguidas”. E13 “em minha casa havia muitos livros e eu estive sempre ligada a livros. Lia e ele era uma pessoa com muita cultura de maneira que eu... gostava muito de livros, li muito e convivia com uma pessoa que estava autorizada, não vivia de cultura de... não se deixava impressionar pelos *media*, bem pelo contrário. Foi um bocado o meu professor. Era uma pessoa com bastante cultura. De maneira que vivia bem porque o nível cá de casa era um nível de alguma cultura e eu sentia-me realizada. Os livros e a conversa com ele e as pessoas que ele conhecia, essa coisa toda...”. E E14 “sempre fui uma pessoa que de televisão nunca gostei muito. Mas leio muito, ainda atualmente (...). Eu sempre fui uma pessoa que lê muitos livros (...). E gosto muito de ler, toda a espécie, não digo que só gosto de ler científica... não... gosto de ler tudo, seja histórias de amor, seja ficção, investigação, seja estudos de... ciência, seja o que for que me apareça à frente, leio tudo (...). Se gosto de ler tudo ... não me importo que sejam livros de estudo, que sejam do 9º, sejam do 10º, sejam do 12º, eu leio e gosto de ler... porque não hei de acabar em vez de estar aqui a ler e não fazer uso do que estou a ler (...). Lia muito e uma colega que foi minha dos “Correios” e amiga, já há muitos anos, levou um livro de filosofia, um livrinho pequenino (...) gosto de ler, gosto de escrever... Tenho uma pancada pelos livros, ando sempre com livros. Gasto imenso dinheiro em livros”.

IX.1.4.2 Motivos Extrínsecos

Nesta subcategoria a mais referenciada, destacando-se das outras foi “Benefícios no emprego” (57%) e a “Pedido de um familiar” foram os motivos principais que os participantes referenciaram para voltarem à escola.

Relativamente ao “Benefício no emprego”, como nos referem E1 “qualquer marca atualmente que queira ter uma pessoa a trabalhar lá, na minha área, pede no mínimo o 12º ano, conhecimentos de informática... na minha área todos os dias as coisas estão a evoluir...

mecânica eletrônica. É a chamada mecatrónica... há sempre atualização das coisas ... era necessário mais escolaridade. Só que atualmente, hoje em dia, um mecânico só mecânico não faz nada. Cada vez mais toda a mecânica traz eletrónica... temos mesmo que avançar por esse lado... já há algum tempo que faço vários cursos de atualização... a empresa obriga a frequentar... o mercado é competitivo... estava em início de carreira. Profissionalmente, havia mesmo necessidade ... uma das maiores forças foi mesmo a nível profissional, porque era mesmo necessário". E3 "é uma mais valia para adquirir emprego na parte administrativa, queria tirar um curso, queria mudar e ir mais longe e pensei em tirar um curso... uma especialização, uma coisa que me desse outra... outros voos... pronto, e fui à "Norma"... soube das condições e pronto, tirei lá o curso de informática e programação... posso ser o melhor do mundo em algo mas a partir do momento em que se eu não tiver um papel a dizer o que sei fazer... não tem cabimento... pode ser uma mais valia *pró* futuro ainda, (...) saber que tenho um *curriculum* já invejável em termos de formação mas isso pode não ser o suficiente para concorrer a um estabelecimento público ou privado. Isto é, há um pré-requisito, para uma candidatura no caso da informática que é o que eu sei fazer e dizem-me assim: 'Precisa do 12º ano, precisa de uma Certificação técnica de nível 5', que é o que eu estou a tentar adquirir... ah... e não sei quê, e sou o melhor do mundo a fazer o que sei fazer mas não tenho a certificação e para ser aceite a concurso, e isso, limita". E5 "eu considero-me, entre aspas, um líder. Como líder que tento ser, tenho de ter capacidades para o ser". E6 "surgiu-me uma oportunidade da reconversão profissional". E7 "se tivesse o 12º? Em princípio teria mais *chances* de permanecer na empresa...". E8 "faltavam-me 3 disciplinas do 11º ano antigo (...) e a minha ideia é passar à carreira técnica, porque há sempre promoção". E10 "achei como relação profissional tinha capacidade para fazer mais do que o 9º ano e não me sentia muito bem estar a dar aulas a alunos que acabam com o 12º ano e eu a ter o 9º ano, e então optei: 'Não! Tenho de ir fazer o 12º ano até porque eu acho que sou capaz de o fazer e quero também poder dar a formação a pessoas em que eu tenha também essa valência a nível de ensino". E14 "também falei um pouco da experiência de vida. O que é que estava a fazer, se ia subir no emprego, queria subir na empresa... foi mais ou menos isso..., com o 9º ano dava para subir na empresa... Dava para concorrer a outros departamentos. (...) Eu acho que o incentivo maior que me levou mais a estudar... para já é eu não ter acabado... e depois é estar numa empresa grande, olhar para o lado e ver pessoas mais novas a subirem. E é a revol-

ta de eu estar a fazer o trabalho de quadro e não ser paga como quadro. E a revolta de eu saber que estou a fazer aquele trabalho e de repente algum dos senhores doutores ou dos senhores diretores meter uma cunha porque o menino acabou ou economia ou contabilidade e precisa de um tacho, e vão-me ali buscar o que eu faço há muitos anos, não sou paga como tal e metem lá um recém-licenciado. Que fará menos que eu e, provavelmente, ainda me tem a mim para depois apoiar. Isso foi também um dos motivos que me levou a tirar o curso”.

O “Pedido de um familiar” foi bastante importante para 54% dos participantes. Para E1 “Ela [a mulher] também teve uma quota-parte nisso (...). Já estava casado há quatro anos e meio...”. E2 “Foi a morte da minha mãe. Eu agarrei e disse: ‘Eu quero o curso acabado’”. E3 “Pela minha mulher, teria enveredado mais cedo pela escola”. E4 “O cerne é ela ... é a minha mulher”. E5 “foi uma brincadeira de família e por ter gente no ramo, no ensino, quiseram à força que eu fosse estudar”. E8 “uma companheira que eu tenho, portanto, ela é doutorada e ela disse-me que eu era capaz... Eu tinha de demonstrar a mim mesmo (...) ela espicaçava naquela parte em que eu muitas vezes me queria *balda* (...) ela dizia mesmo que eu era capaz. Dizia: ‘Não deixes para trás, não faltes, aguenta mais um bocado, vá lá, vá lá...’. E eu: ‘Ó pá, hoje estou cansado porque saio do trabalho...’”.

Para satisfazer o “pedido dos pais ou dos filhos” como aconteceu a E13 “todas as pessoas que conviviam diretamente comigo sabiam melhor que eu que havia uma parte que não estava preenchida. Que eu não me ia sujeitar a viver por meio do emprego, só emprego, só aquilo que se falava no emprego e eu transmitia isso às pessoas possivelmente. E nessa altura o meu filho insistiu: ‘Mãe, volta a estudar’. Só que economicamente não era (...). Quando ele acabou o curso, mesmo quando acabou, um dia fomos passear e ele disse-me assim: ‘olha mãe, porque...’ o passeio na cabeça dele já estava todo formulado, ele sabia que eu lhe fazia as vontades todas, fiz sempre tudo o que era educacional e bom para ele. ‘Ó mãe, porque não passamos pelo Ministério da Educação e vemos como é essa coisa para tu acabares e entrares finalmente na faculdade; isso vai-te encher, ajuda’. ‘Está bem, achas que é bom? Pronto, vamos’. (...) Fomos lá e ele disse. ‘Ó mãe, estamos aqui muito perto’. Ele perguntou logo quais os estabelecimentos de ensino, canalizaram-me para um liceu que eu já conhecia, com o qual eu tinha ótimas recordações”. Ou a E14 “quando acabei o 1º ano e foi o

meu filho que ... ‘Então mãe, conseguiste acabar o 1º ano?’ ... ‘Sim, acabei o 1º ano’ ‘E então agora, já estás inscrita no 2º?’ ... ‘Já, já estou no 2º ano, vou começar o 2º ano’. E foi ele que disse aos avós que a mãe já estava no 2º ano. E acho que a minha mãe... ‘Está no 2º ano, mas no 2º ano de quê?’ ... ‘Então, a minha mãe está no 2º ano da faculdade’ ... ‘Da faculdade? Então, ela ainda está no liceu!’ ... ‘Não, não, a minha mãe já está no 2º ano da faculdade’. Portanto, eles ficaram assim apanhados. A partir daí deixaram de tecer aqueles comentários um bocado depreciativos. Aí já mudaram o discurso. (...) quando acabei o 10º, como tive boas notas, peguei no telefone e foi a minha mãe que me atendeu... ‘Diz lá ao meu pai que afinal a filha não é assim tão estúpida quanto isso porque eu acabei o 10º ano e não acabei com dez nem com onzes (...)’. Não houve assim grande entusiasmo. E a partir daí também nunca mais disse nada. Tanto que, quando fui para a faculdade eles não sabiam (...) Mas não é por eles que eu estou a estudar. Não é por eles mas foi uma motivação, por ser do contra (...). Eu nunca liguei muito àquilo que eles disseram e à vontade deles, ou à opinião. Foi um incentivo sim, mas pouco”.

O facto de ir “Acompanhar um amigo” foi importante para E14 e E4: “Mas a sério, a sério, só pensei quando, por isto, por causa do F. Chegou um dia, (...), ‘é pá, fui-me matricular na escola a ver se acabo o 12º ano’. ‘Foste onde?’. ‘No XPTO’. No outro dia a seguir, vim do trabalho e passei na Luísa de Gusmã. ‘Ah, vou-me matricular’. Tinha tempo. Lá preenchi os papéis e tal. Cheguei ao pé dele: ‘Olha, matriculei-me também, vamos lá fazer isto e tal’. ‘É pá, vai lá para o XPTO, é um curso de informática, e tal, os dois juntos’. Porque se não fosse eu andar com ele e ele comigo (...). Não acabávamos o primeiro ano (...). O voltar à escola foi: um bocadinho de vontade, e pronto, 30% de vontade e 70% da ideia do F. O continuar foi 100% a companhia do F.”

O indicador “Tirar boas notas” foi referenciado por dois participantes porque também tinham sido bons alunos. E5 “comecei a ver que tinha..., que aquilo que eu estava a conseguir alcançar estava-me a dar frutos. E então meteu-me o bicho... Eu tirei o curso de massagista com dezoito valores. Na altura fiquei no Quadro de Honra. E isso deu-me alegria, deu-me incentivo. Não era para voltar à escola, não era isso. Mas era, comecei a perceber que onde eu me metia era para ganhar. E isso começou a dar-me alento... pelo sentido de vitória”. E14 “eu tinha tão boas notas, não estudava, mas porque é que eu não hei de fazer, não custa

nada. E pronto, tentei fazer o 5º ano (...) sempre fui boa aluna, sempre tive boas notas, aprendo com facilidade tudo o que me põem à frente, gosto de ler, gosto de escrever ... deixei uma coisa incompleta, mas porquê?”

A “Melhoria de salário” também foi referenciado por E4 “o 12º e o Curso Tecnológico de Informática pode melhorar a minha vida financeiramente”. E14 “eu comecei a ver, mesmo nos ordenados, nos tratamentos, havia uma grande diferenciação de tratamento...”

Para E11 ser um “Exemplo para os filhos” é importante: “eu preciso de mostrar à Maria o que é necessário fazer para ter bons resultados (...) e era também para acompanhar a Maria”.

O “Ambiente envolvente” também foi referenciados por E11 “conheci o pai da Maria e comecei a entrar num universo, num círculo de amigos todos muito ligados ao estudo, ao conhecimento e eu comecei, a sede começou a... quer dizer, eu vivia no meio deles... O ambiente começou-me a provocar... comecei a olhar para as coisas de outra maneira e a dizer: ‘É pá! Há aqui tanta coisa para descobrir, para saber, para conhecer!. Porque é que não fazes já o *Adhoc* e não vais já para a faculdade?’. E eu explicava, eu dizia: ‘mas eu não quero’... porque eu quero ir, eu preciso, porque não estudo há muitos anos, e eu achava e penso que com razão, eu precisava de voltar a adquirir ritmo do estudo, do exercício mental, do raciocínio... quer dizer, não bastava pegar nos livros e começar a ler livros; precisava de referências, precisava de orientação, precisava de uma certa disciplina. Eu também conheço-me e sei que se não tiver, se eu não me envolver num esquema que tenha um conjunto de regras organizadas, para mim fica mais difícil de cumprir...”.

IX.1.5 Dificuldades sentidas no regresso

A quinta categoria analisada remete para as dificuldades sentidas pelos participantes no regresso / retorno à escola que, se algumas vezes contribuem para que o abandono escolar se repita, outras vezes são superadas, não constituindo um obstáculo à inclusão, à apropriação de conhecimentos e ao aproveitamento académico. Remete ainda para as dificuldades apontadas em conciliar a vida profissional e a vida pessoal e nas dificuldades apontadas

em conciliar a vida familiar e a vida pessoal. São também inseridas nesta categoria as alterações que as suas vidas tiveram com o regresso à escola.

Tabela 21: Categorização das dificuldades sentidas no regresso à escola

| Subcategorias | Indicadores | Participantes | | | | | | | | | | | | | | Sub-total | TOTAL |
|--|-------------------------|---------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|----|-----|------|------|------|------|-----|-----------|-------|
| | | E 1 | E 2 | E 3 | E 4 | E 5 | E 6 | E 7 | E8 | E 9 | E 10 | E 11 | E 12 | E 13 | E14 | | |
| Dificuldades cognitivas | Muitos anos sem estudar | | | X | X | X | | | | | X | | | | X | 5 | 14 |
| | Ritmo | X | | X | X | X | | X | X | X | | X | | | X | 9 | |
| Conciliação da vida pessoal e escolar | Problemas com o cônjuge | X | X | | X | X | | | | X | | | | | X | 6 | 21 |
| | Ajuda psicológica | X | | | | | | | | | | | | | | 1 | |
| | Ajuda nos conteúdos | X | | | X | | X | | X | | | X | | | | 5 | |
| | Instabilidade | | | | | | | | | | X | X | | | | 2 | |
| | Abdicação do lazer | X | | X | | X | X | X | | | | | X | | X | 7 | |
| Conciliação da vida profissional e escolar | Coragem | | X | X | | X | X | X | X | | X | X | X | | | 9 | 21 |
| | Cansaço | X | X | X | X | | X | | X | | | | | X | | 7 | |
| | Carga horária | X | X | X | | | | | | | X | | X | | | 5 | |
| Total | | 7 | 4 | 6 | 5 | 5 | 4 | 3 | 4 | 2 | 4 | 4 | 3 | 1 | 4 | 56 | |

IX.1.5.1 Conciliação da vida pessoal e escolar

Relativamente a esta subcategoria, a que subjaz o papel da família, os indicadores mais referenciados pelos participantes, como podemos verificar na tabela supra, foi “Abdicação do lazer” (50%) e “Problemas com o cônjuge” (43%).

Este indicador “Abdicação do lazer” foi referenciado pelos seguintes participantes, da seguinte forma: E1 “tive de abdicar de muita coisa. Muitas saídas, pronto, o lazer, descanso, fins de semana, era preciso abdicar de muita coisa. Era um bocado difícil”. E3 “Se temos alguns objetivos, temos de fazer também aquilo que não gostamos”. E5 “Mas depois, nos mo-

mentos críticos, que é ao fim de semana, que eu tinha de ficar o fim de semana a fazer os trabalhos em casa, não é? E que ela queria ir para a outra casa de campo, e queria ir para a praia, e queria ir para aqui, e para acolá, e não sei quê... Em conversa dava-me força para continuar, tudo bem ... mas ao fim de semana que ela queria ir para aqui e para acolá. E eu não podia ir, não é. Ou ia e não fazia os trabalhos...". E6 "há sempre umas ervas para cortar..., umas árvores para podar...". E7 "aproveitar todos os momentos para conseguir estudar e para consegui acompanhar as matérias (...). Acaba por se roubar um bocadinho de tempo ao estar com a família e até ao descanso... não é uma decisão fácil. Porque são muitos anos com outros hábitos criados que não tem nada a ver com esta dedicação que tem de haver (...) é difícil de tomar essa decisão de voltar à escola, depois é um choque! E alguns acabam por desistir... tem a ver com a gestão do tempo que as pessoas fazem". E12 "ao Sábado e ao Domingo posso precisar de trabalhar, se o trabalho estiver atrasado, posso trabalhar. E depois o estudar é de noite". E14 "há dezanove anos, quase há vinte, que eu não durmo muito. O organismo deixou de necessitar de tantas horas de sono. Como tenho noites em que não vou à cama, custa muito estar a noite inteira, não se pode fazer barulho, estão os miúdos a dormir, portanto, não posso aspirar a casa, não posso ouvir música como quero ... portanto, no silêncio, como não consigo dormir, não me atrai a televisão, não me custa pegar nos livros. Há anos que eu passo as noites a ler. Portanto, não me custa agarrar nos livros, aliás antes pelo contrário, até consigo estudar mais do que de dia. De dia não pego nos livros".

O indicador "Problemas com o cônjuge" ou com o/a companheiro/a – antes, durante ou depois de voltar à escola -, foi mencionado por 43% dos participantes. E1 "O divórcio ocorreu quando nós estávamos aqui no ensino secundário". E2 "acabei o curso e acabou a relação". E4 "às vezes sair que é uma das coisas que ela reclama.... 'Pois, tu é que sais e tal, e eu estou aqui sempre coitadinha de mim, e tal'. Sair, dar atenção às miúdas, foi uma das coisas que sempre ela martelou, martelou, martelou. 'As miúdas não veem o pai, só as vais buscá-las à escola, e tal (...). Acho bem, fazes bem, sim senhora'. A C., ao princípio não achou muita piada. Pois, vais para lá com o F., é para o copo. E muitas vezes foi. Embora a gente viesse à escola, depois da escola é que era pior. Mas depois do primeiro ano quem exigia mais ainda era a C. 'Não, não, agora'... O 11º ano foi o que custou mais... vou deixar esta merda... 'Não, não, agora começaste tens de acabar, começaste tens de acabar'. E muitas

vezes ela agarrava, e foi essa a fase mais complicada, com a mais velha, com a mais nova doentes, e o *caraças*, e um *gajo* ter de fazer trabalhos para Português! (...). A nível familiar houve alguns problemas, sim senhor, mas colmatados com o meu bom humor e a minha prestatividade... Porque eu em casa faço tudo, não preciso de mulheres para nada (...). Pois é, vivo sozinho desde os dezasseis anos. Portanto, a minha mulher chegava a casa e tinha o jantar pronto, tinha tudo pronto... parece que não mas também ajuda porque a mulher, quando chega a casa, ‘olha, este vai-se embora’. Tinha as miúdas, fazer comer, cansada do trabalho, pronto. Ela também é boa como o *caraças*, não é? Tudo a ajudar. Ajudou bastante. E depois eu acho que o melhor disto ainda é o meu feitio e o da C. Parece que não, mas eu acho que é o casamento perfeito até ao divórcio, como todos os casamentos. Mas, se você conhecer melhor a C. há de ver, é mais ou menos como eu para a brincadeira e sempre tudo com responsabilidade mas tentar sempre levar... “. E5 “tive uma altura em que tive o meu casamento muito pendurado... Porque a esposa queria ir para ali, ou queria ir para acolá e eu não podia que tinha de estar a estudar. Isto parece que não, as outras pessoas não... por um lado apoiam, dizem que sim senhor, tudo bem. Mas nas alturas certas e nas alturas críticas as pessoas trocam, não é? E querem antes o seu bem-estar, não é? E esquecem-se que o outro está a fazer um sacrifício (...). Isto não lhe estou a fazer uma crítica (...). Mas tem que se ter muito cuidado porque a gente não se apercebe do sacrifício que é uma pessoa estar... às vezes, vale mais estar duas horas, três horas, isto é um exemplo, um trabalho a fazê-lo na escola, não prejudica ninguém e ninguém tem nada a ver com isso, do que ir para casa fazer as outras pessoas passarem por aquilo. Porque a mulher quer ir para aqui, quer ir para acolá e uma pessoa está no computador, esquece-se que é casado. Já não falando de quem tem filhos. A mulher vai começar a dizer: ‘Não tratas dos filhos, não tratas de nada’. E foi isso que, tive... um grande problema no meu casamento derivado a isso, mas foi passageiro também. Porque eu esqueci-me que era casado. E comecei a ser um bocado egoísta, comigo próprio. Com aquela coisa de querer vencer e de me sentir limitado (...) esquecia-me dela. E como ela também fechava-se um bocadinho, porque não queria quebrar, isso, não é, começou a haver um desfasamento. Começou a haver um distanciamento. E foi isso que começou aí a haver, até que tivemos uma conversa, para por as coisas no lugar (...). E pronto, e passou”. E9 “Não foi bom. Não queria fazer uma inconfidência, mas tenho que dizer que a minha mulher não aceitou muito bem o facto de eu estar a estudar. Eu já passava muitas horas fora de casa

porque era motorista e nesse período, concretamente, estava a fazer viagens pelo país inteiro. Estava sempre a levar provas e a trazer provas, e saía de casa de madrugada e entrava à noite (...). Comecei a entrar mais tarde. Isto, para uma relação que já trazia até alguns problemas, não é de modo algum saudável (...). Por acaso até fiz questão, achei, não, acho que ela precisa, que era ela vir estudar comigo. Mas não. A coisa não estava bem naquela altura, então, a coisa não lhe soou nada bem. E então, a minha situação em termos de relação agravou-se. Portanto, não tive o apoio da minha mulher, pelo contrário (...). Os filhos também não estavam comigo. Entrar em casa à noite não era nada bom. Enfim... eu tinha de estudar mesmo fora de casa. Em casa, não tinha apoio nenhum. Passei os três anos todos fora de casa”. E14 “O meu ex-marido (...). A motivação assim com mais força foi precisamente o ter começado a dar-me mal com o marido. Eu e o meu marido sempre fomos diferentes, muito diferentes, não temos nada a ver um com o outro. E quando ele passou para o sindicato a tempo inteiro ... os que estão no sindicato, que ainda lá estão, são daqueles homens (não há lá mulheres) machistas. O lugar da mulher é em casa. A mulher é para estar em casa, para fazer o jantar. O marido quando chega tem o jantar feito, roupa passada a ferro ... é desse género... E o meu marido, quando foi para lá, tanto que eu saía, ele não gostava de discotecas e ainda hoje não gosta... E eu todas as sextas-feiras ia dançar. Isto foi regra que eu não prescindi... pois se eu gosto porque hei de deixar de ir? Ele gostava de ir jogar à bola com os amigos, e eu nunca me chateei. Só que, como foi para o sindicato, com aquelas conversas que têm aqueles senhores, não é? Resolveu também impor-se um bocado comigo. Ora, eu como nunca fui uma pessoa de me vergar, nem de ser obrigada a dizer ‘não, tu não o fazes’, ainda atualmente não me podem dizer ‘não fazes’... quando dizem não, é quando eu faço logo, mas é logo de seguida... ele começou a querer-se impor. E quando se começou a impor... ‘Olha lá, a esta hora não devias estar em casa?’... Aí as coisas começaram a dar para o torto. E foi aí, as minhas idas com as amigas, que normalmente eram mulheres, ainda atualmente adoramos aquelas noites de mulheres que é mesmo de loucura, mas para o *stress* é ótimo... A gente faz muita parvoíce mas sabe bem... então aí é que começou a haver um bocado de choque entre os dois e as coisas começaram a dar para o torto. E então aí mais me motivou a continuar”.

O “Papel da Família”, a sua importância e o seu valor, na subcategoria “Conciliação da vida Pessoal e Escolar” também foi sentida no regresso à escola pelos participantes. E1 “Eu dou muito valor à família. Dou muito valor à família. Apesar de eles estarem distantes eu, todos os dias, todas as noites, estou sempre preocupado. A família é muito importante... estava com eles, sempre me distraía, abstraía das coisas e quando voltava vinha com as baterias recarregadas”. E4 “Às vezes, saía daqui à meia-noite, chegar a casa, querer dormir e à uma da manhã, “Bahhhhhhhhhhhhhhhhh!” [o bebé]. Se não fosse a família eu estava morto ou agarrado à droga”. E5 “A família é muito importante. Eu sou muito ligado à família”. E6 “Tenho uma mulher que não está aqui, mas que sempre me apoiou (...) foi por isso que consegui levar a minha missão até ao fim (...). A minha mulher incentivou-me e sempre me apoiou”. E8 “o amor de família, acho que é muito restrito (...). É tudo por conveniência... lembro-me do tempo dos meus avós em que nos reuníamos todos, os tios, as primas e os primos e isso acabou tudo... as pessoas afastam-se. Por interesses, o aspeto material é brutal. Se ali há dinheiro, está-se bem. Ali não há dinheiro, afasto-me”. E9 “Não foi bom”. E11 “houve um momento em que eu acreditei que a Maria ... que eu podia servir um pouco de exemplo... porque a Maria não é muito motivada para estudar”. E14 “a minha família é... aliás família, eu neste momento é... eu tenho família, eu tenho tias que se dão muito bem comigo, irmãs da minha mãe. Com a família da parte do meu pai nunca houve assim muito contacto. Mas a minha família atualmente é mais os filhos. Porque fora disso... não quer dizer que não haja apoio, há. Eu quando tive o acidente tive apoio. Elas foram para lá. Aliás, eu enquanto estive no hospital limpavam-me a casa toda, perfumaram tudo, levavam-me os miúdos, abasteceram-me a despensa, o frigorífico... não é esse apoio. Quando realmente estamos mal, elas existem, estão lá. Mas não são pessoas de... como somos muito distantes, não somos muito de estar na casa uns dos outros, não são pessoas de incentivar. Estão contentes e perguntam. Não dão força... Não dão assim muita força, não dão incentivo, não”.

A família, como “Ajuda psicológica”, principalmente para E1 que estava longe dela e com a separação da mulher: E1 “fui sempre muito pegado à minha família, acaba por nos dar força, acaba às vezes por irmos buscar força para aguentar muita coisa, às vezes não sabe-

mos onde. Porque, eu não sou de desabafar muito nem de conversar muito (...) E pronto, eu como sempre fui o irmão mais velho, sempre fui habituado a tomar conta deles”.

A família, também “Ajuda nos conteúdos” ou nos trabalhos de casa: E1 “Quando eram coisas que ela percebia, ajudava”. E4 “A minha mulher. Tinha algumas dúvidas e, em termos de, em casa, mais ninguém”. E6 “Tentei sempre virar-me sozinho, é a única maneira que a gente tem de aprender (...) e a minha filha ajudava-me quando era nos trabalhos de computador, quando é isto nos computadores”. E8 “a português era ela [a mulher] muitas vezes que me ajudava... Quando foi o funcionamento da língua... e em contabilidade, pois ela trabalha no Ministério da Saúde e ela tem algumas coisas de contabilidade e ajudava-me algumas vezes”. E11 “Eu acho que em relação à Maria, talvez tenha mudado um pouco, porque passou a haver ... há uma relação entre mim e ela que envolve o estudo. Até porque nós chegamos a partilhar o mesmo ano”.

E11 mencionou que voltar à escola também criou “Instabilidade” no seio familiar: “houve algumas alterações. Alteraram-se ritmos, alteraram-se ritmos de vida, mas basicamente, quer dizer, mais a esse nível do que a outro. Mais ao nível das... mais instabilidade em termos de disponibilidade; eu tão depressa estou muito disponível como estou indisponível”.

IX.1.5.2 Conciliação da vida profissional e escolar

Relativamente a esta subcategoria os indicadores mais referenciados pelos participantes foi a “Coragem” necessária para poder conciliar a vida profissional com a escolar (64%), o “Cansaço” (50%), seguido da “Carga horária” (36%).

Os participantes, relativamente à “Coragem” indicam que *querer é poder* mas que não é fácil conjugar a vida profissional e a vida escolar: E2 “Especialmente porque é assim... para quem está com o vínculo e coiso... mas ter de trabalhar e ir estudar... e especialmente para quem tem de vir de fora e vir estudar... dói...”. E3 “Tem a ver com... alguma pré-disposição para isso, aliás as coisa fazem-se com pré-disposição, nós temos de estar disponíveis para... se queremos fazer as coisas, temos de estar dispostos a fazê-las”. E5 “Por muito querer (...). Miúdos e graúdos que têm, que andam um dia inteiro a estudar, não é? E uma

pessoa que à noite só tem aquele espaçozinho, que vem de oito horas de trabalho e que faz os sacrifícios que a gente já esteve aqui a falar e tem que competir com essas pessoas e mesmo assim não nos dão as mesmas garantias”. E6 “seguir-me durante 3 anos e sabe que às vezes... uma pessoa desanima... Mas depois lá vai outro dia mais animado e depois outro e... depois o barquinho vai *pá* frente”. E7 “Digamos que houve ali um período que não terá sido tão difícil na medida em que houve um período em que eu estava desempregado, não foi, portanto,... aí era um pouco mais fácil. Agora, desde o momento em que se começa a trabalhar, tenho um horário que tenho de cumprir durante o dia, não é fácil (...). Foi uma situação em que eu tive de optar por essa possibilidade que me deu... no início foi um choque em termos de... aquele tempo em que vinha para a escola e aquele tempo em que não tinha aquela ocupação. Mas fui ganhando motivação e os professores também ajudaram”. E8 “Havia dias em que efetivamente em que me sentia: ‘Pá, vou mas é para casa e vou comer o meu jantarinho, e vou-me deitar’. Mas começava a levar na cabeça, porque era preciso sempre alguém, uma alavanca para... E era também ela, porque quando ela tirou o curso aqui no XPTO, não sei quando, e estava sempre a apertar: ‘E tu vais conseguir, não desistas, vais ver quando for o último dia vais ver a satisfação que vais ter’. E pronto, é sempre engraçado porque no final uma pessoa fica sempre satisfeita, não é? (...). O esforço depois, porque se uma pessoa *abandalha*-se um bocado, desanima um bocado, reage mal... O meu problema era sempre aquela reação em relação àquela professora, se calhar, eu nunca fui má pessoa, mas parecia que estava a voltar atrás nas minhas reações um bocado intempestivas. Porque muitas vezes não sei bem como é que reagia”. E10 “Foi muito complicado... muito, muito complicado. Foi muito... não foi fácil. (...) Eu acho que sou um caso, digo, raro porque é assim: eu toda a minha vida tive mais do que 2, 3 empregos, ou pelo menos procurei toda vida. Eu se contar o meu dia a dia é muito complicado. Eu não tenho fins de semana e nem tenho férias, praticamente. Tenho abdicado e a minha família tem sido prejudicada por causa disso. Só para dizer que eu entro no meu posto de trabalho e saio às 6h... e às seis, agora, eu tenho aulas na faculdade, no Estoril, e tenho de estar às seis nas aulas o que é um pouco complicado. Tenho de andar sempre a correr. Tenho aulas normalmente até às 11, onze e meia. Quando não tenho aulas até essa hora a faculdade exige, porque há muitos trabalhos para fazer para apresentar em várias cadeiras, acabo por ocupar esse tempo. E, muitas vezes, quando tenho aquela necessidade..., e tenho de ir treinar, tenho de faltar às aulas para ir

treinar, mas depois a seguir vou para as aulas. O que é que acontece é que eu trabalho até à sexta-feira e, muitas vezes, no meu local de trabalho, há serviços de hotelaria e acabo por ter de ir fazer os serviços porque eles facilitam muitas vezes quando eu tenho de ir para os jogos, mas normalmente tenho quase sempre jogos ao fim de semana e os jogos onde eu estou inserido são jogos da 1ª liga e 2ª liga em que é necessário ir de véspera. Então eu vou de véspera e acontece, como aconteceu ontem, em que cheguei a casa quase às 3 da manhã. Sinceramente, não consigo ter tempo, é muito complicado ter”. E11 “Foram os professores, os colegas, quer dizer, tudo aquilo, foi o contexto. Quer dizer, as coisas correram todas muito favoráveis à motivação para eu continuar. Eu gostava dos professores”. E12 “Era violento também. Porque éramos muito requeridos por outros professores. E depois de um dia inteiro de trabalho, ir para ali à noite, com tanto frio porque as condições lá à noite eram péssimas, é preciso mesmo amar o estudo para se continuar”.

Relativamente ao “Cansaço” contam que dormem muito menos E1 “Às vezes tinha de ser direta ou dormir uma hora ou duas porque o trabalho para mim é sagrado e eu, àquela hora... o meu patrão não estava lá para me controlar, nem nada, porque eu sou chefe de oficina e tenho a chave, tenho tudo, mas eu àquela hora estava lá, pronto, tinha o meu serviço para fazer, às oito estava lá. Dormia seis horas quando não havia exames. Quando havia exames...”. E2 “Houve muitas... tive em reuniões com o diretor ao meu lado e eu adormecia..., quase que adormecia aqui nas aulas. Normalmente era mais à última hora, especialmente, tipo... sexta-feira. No 1º ano, a Matemática, encostava-me à parede e fechava... Os ouvidos continuavam a ouvir, mas os olhos, eu tinha de os fechar, que eu não aguentava... Porque trabalhar e estudar, ter que aguentar, estar lá... cumprir. Tentar não adormecer nas reuniões com o diretor ao meu lado, naquela reuniões enfadonhas que a gente tínhamos de meio dia, que eu já sabia que ia chegar tarde e chegava e ia dormir sentado na sanita, cerca de 10, 15 minutos para refrescar. Senão batia com a cabeça no teclado porque não conseguia manter-me em pé”. E3 “era difícil e à noite custava mais ir *prá* escola”. E4 “Mas é difícil sair de casa às sete da noite. Sair de casa às sete da manhã para trabalhar, embora o trabalho seja cansativo, ou não, não importa... o trabalho. Voltar a casa, tomar um banho, e depois, em vez de nos sentarmos a ver o telejornal, ou qualquer coisa...”. E6 “Com muito sacrifício mas quando há ideais, por vezes, consegue-se suplantar isso”. E8 “há dias em que é *stressan-*

te e não se pode reagir, temos de aguentar ali firmes. Não é nada fácil”. E13 “eu vinha do trabalho muito cansada... isto aqui é muito importante... eu vinha do trabalho muito cansada, estoirada do trabalho e não sei quantos. Chegava a casa, fazia o meu lanchezinho... e depois já não me apetecia ir às aulas. E no inverno... com chuva e frio... Mas ia e verificava, quando vinha das aulas, às vezes onze e meia, meia-noite, eu chegava a casa mais leve, mais descontraída e mais descansada...”.

A “Carga horária” é mencionada por vários participantes de ser bastante pesada. E1 “Muitas vezes saía da escola, já chegava estourado porque eu, no mínimo, deitava-me à uma da manhã, quando não havia exames, e às sete estava de pé. Entrava às oito (...). No primeiro ano, no 10º ano, tínhamos nove disciplinas. Portanto, nove disciplinas por semana, às vezes acabava por ser um pouco, um pouco apertado”. E2 “Eu levantava-me... saía de casa às oito da manhã e regressava à meia-noite. Foram dois anos de “caixão à cova”. Foram dois anos porque estava a trabalhar. O último ano, já estava desempregado mas também decidi: ‘Não vou estar à procura de trabalho agora’... como estava em topo de escalão, estava a ganhar bem de subsídio de desemprego, e para ganhar o salário mínimo, estou mas é quieto...”. E3 “Não é que eu não tenho tempo *pra* fazer tudo. Aulas das 7 à meia-noite, não dá *pra* ir lá...”. E10 “A minha principal dificuldade era mais a gestão dos horários. Essa foi principal dificuldade. E honestamente foram 3 anos maravilhosos que eu passei que não tive grandes dificuldades...”. E12 “Vendi a loja, fiquei com os horários mais livres. Porque depois, a costura faço muito bem. A parte de costura já conjugo...”.

IX.1.5.3 Dificuldades cognitivas

Entrar num “Ritmo” muito diferente e ter “coragem” para não desistir é o que nos salientam vários participantes: E1 “O primeiro ano foi mais difícil, foi mais difícil até conseguir entrar no ritmo. Mas depois comecei-me a habituar, comecei a perceber e comecei o segundo e o terceiro anos, foi mais fácil de gerir. Mas era um pouco difícil (...). Ao fim de semana, ao sábado era por lei não fazer nada. Ao sábado ia trabalhar, trabalhava ao sábado. À noite, era mesmo para descansar, dormir, às vezes ir ao cinema, tentar distrair um pouco; dormir no domingo de manhã, e depois no domingo à tarde tinha que entrar outra vez no ritmo e tentar recuperar algumas coisas que durante a semana ficavam assim um bocado, não fica-

vam bem claras, tentar perceber para conseguir acompanhar”. E3 “na forma como o curso está estruturado”. E4 “no 1º ano eu chegava a casa e já sabia, ia logo fazer um biberão para a Inês. No segundo ano, no 11º ano, fazia outro, já sabia que ela à meia-noite e meia, uma da manhã, ia chorar, já estava quente. Às quatro da manhã outra vez e às sete da manhã estamos-nos a levantar para ir trabalhar (...). Tenho de ter cabeça para o trabalho, para as filhas, para a mulher, para as contas, para as dívidas, para o dinheiro e tal. Parece que não, o cérebro, acho eu, tem aquelas unidadezinhas todas ocupadas e já não responde tão rápido”. E5 “Eu quando ia para a escola, eu neste momento... era um trabalho que estava a ter... e como trabalho tinha de o respeitar. E então levei isso como um trabalho. Por isso é que eu estava lá todos os dias à mesma hora e todos os dias saía à hora que... Porque eu não venho, não tenho uma base escolar... Quando eu digo que não tinha capacidades é derivado a ter aquele desfazamento da primária com o 9º ano, e do 9º para o 12º. Automaticamente, a maneira de ensinar é totalmente diferente, os colegas até mesmo são diferentes, a maneira de convívio são diferentes, embora que eu lá nisto, à noite, fui privilegiado por causa que há pessoas de faixa etária mais elevada e já têm outra educação, não é? Mas mesmo assim, nota-se diferenças. E depois uma pessoa como a escola é feita de dois termos: um de trabalhos e outro estudo, não é? Eu como em estudo estava um bocado aéreo... eu não tinha bases”. E7 “No 10º e no 11º ano era aquela falta de estudo, eu também notei isso de ter... a voltar a ter aquele ritmo, aquela engrenagem... que foi ultrapassado (...). Principalmente quando estão a trabalhar e tem um horário para cumprir durante o dia, vivem a um ritmo próprio. Depois depende muito das circunstâncias de cada um o poder conciliar esse ritmo com o voltar para a escola (...). Pois mas depois vêm que é preciso dedicação e estudar e é outro ritmo e começam a sentir que não a vale a pena... Acho que temem ver com esse choque de estudo e dedicação e a maior parte das pessoas não está preparada para poder dedicar o resto que lhe sobra do dia para... penso que terá precisamente a ver com isso...”. E8 “Entrar nesse ritmo foi difícil... Depois no segundo e no terceiro... já fui e continuaria. Também tenho esse suporte atrás que me está sempre a empurrar. Se houvesse pessoas a puxar para outras coisas...”. E9 “Voltar à escola depois de vinte anos, eu estava com um medo enorme porque tinha dificuldades de assimilação... estava com medo, pronto!”. E10 “Foi muito complicado... muito, muito complicado (...). Depois também tive a felicidade de que as matérias que eram lecionadas, como eu tinha uma vontade muito grande em aprender, não foram muito difíceis”. E11 “Eu

tinha muita vontade. Portanto eu acho que essa, a vontade que eu sentia, dava-me imenso prazer chegar ao final do dia e ir para a escola (...) estou-me a lembrar de algumas colegas com miúdos pequenos, ainda com crianças pequenas, portanto, com mais dificuldade em conseguir conciliar tudo”. E14 “nós interrompemos os estudos e, quanto mais tempo estamos sem estudar, mais complicado e difícil é voltar a estudar. Por muita vontade que a gente tenha, que diga: ‘Não, deixaste incompleto? Vai estudar’, primeiro que nós entremos naquele ritmo... porque temos que ganhar coragem... É mais a coragem. E depois, quando estamos juntos é diferente (...). O ela deixar o Pedro sentado no sofá a ver televisão e ela sair, era complicado. E eu, comigo foi a mesma coisa também. Voltar a viver com uma pessoa. Porque eu tinha que ir a casa, eu ía a casa sempre. Quando saía do emprego ía a casa. E depois para sair de casa outra vez? Deixá-lo sentado no sofá... Era complicado, então no inverno! Com a chuva, o frio. No verão, ainda... agora no inverno era uma coisa!”.

Estar “Muitos anos sem estudar” também dificulta, é o que nos diz E4 “o cérebro está mais parado (...) chegava aqui e barrava, e notei que o cérebro já não dava como dava naquela altura” e E5 “tenho um vazio”.

IX.1.6 Vantagens e desvantagens em relação ao sistema de ensino que frequentaram

A sexta categoria trabalhada refere-se às vantagens e desvantagens sublinhadas pelos participantes e iluminadas pelos seus testemunhos, em relação ao sistema de ensino que frequentaram.

Tabela 22: Categorização das vantagens e desvantagens apontadas pelos participantes em relação ao sistema de ensino que frequentam

| Sub-cate- gorias | Indica- dores | Participantes | | | | | | | | | | | | | | Sub- TO- total TAL | |
|-------------------------------|--------------------------|---------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|------|------|------|------|------|-----------------------|----|
| | | E 1 | E 2 | E 3 | E 4 | E 5 | E 6 | E 7 | E 8 | E 9 | E 10 | E 11 | E 12 | E 13 | E 14 | | |
| Vanta- ta- gens | Balanço positivo | X | | | X | | X | X | X | X | | | X | | X | 8 | 24 |
| | Ganho nas ami- zades | | | | X | | | | | | | | | | X | 2 | |
| | Mais conheci- mento | | | | | X | X | X | | | | X | X | | X | 6 | |
| | Gratifi- cante | | | | | | X | | X | | | | X | | X | 4 | |
| | Valeu a pena | | X | | | | X | | | | | X | | | X | 4 | |
| Des- vanta- ta- gens | Trabalhar e estudar | X | | | | | | | | | | | | | | 1 | 3 |
| | Saúde | | X | | | | | | | | | | | | | 1 | |
| | Fim do casamen- to | | | | | | | | | | | | | | X | 1 | |
| Total | | 2 | 1 | 0 | 2 | 1 | 4 | 2 | 2 | 1 | 0 | 2 | 3 | 0 | 6 | 27 | |

IX.1.6.1 Vantagens do ensino recorrente

As vantagens apontadas pelos participantes em relação ao sistema de ensino que frequentaram foi um “Balanço positivo” (57%), o facto de terem adquirido “mais conhecimento” (43%), que foi uma “Gratificação” terem conseguindo, enfim que “Valeu a pena” é o que expressam os participantes: E1 “consegua ficar com o 12º ano. Como técnico de informática (...) balanço positivo (...) do que aprendi, das matérias que foram dadas, do que foi lecionado, tenho um balanço positivo... as coisas correram bem e consegui aprender, consegui aprender alguma coisa (...). A avaliação foi positiva, perante as condições que eu tinha, o tempo disponível, trabalho, e a quantidade às vezes de matéria, de coisas que nós tínhamos que aprender, foi, as notas, pronto, o percurso foi positivo, e consegui sempre, consegui sempre fazer as disciplinas (...) se fosse uma coisa com mais calma, mas perante as condições que tive e perante o trabalho feito, foi positivo (...). Deu muito trabalho mas

fiquei satisfeito (...). Podia fazer melhor, mas foi o possível, perante as condições, foi positivo”. E2 “Foi boa (...) custou um bocado mas consegui chegar ao fim, valeu a pena voltar a estudar (...) eu para voltar a estudar tinha de fazer algo que gostasse senão não vinha (...). Dois certificados (...) e no meu caso também foi sangue, foi sangue no sentido que... que foi fisicamente, psicologicamente...”. E4 “os objetivos propostos em 2004 foram cumpridos em 2007. Era acabar o 12º ano (...). O meu objetivo foi alcançado e, como eu lhe digo, se não fosse com ajuda e com companhia, o 10º ano ainda estava por fazer (...). Ganhei amigos, entre alunos e professores. Portanto, só pode ser positivo”. E5 “a gente tem de admitir que atualmente sem uma licenciatura, se calhar é analfabetismo”. E6 “Valeu o sacrifício, foi uma espécie de avivar de memória portanto, eu tinha deixado de estudar à 30 e tal anos (...) estudar outra vez foi um desafio muito grande (...) foi muito interessante, muito interessante, o que aprendi e com a idade que tenho achei gratificante (...) valeu a pena (...) o saber não ocupa lugar (...) vale sempre a pena estudar (...) nunca é tarde para estudar principalmente quando há objetivos a adquirir e a conquistar”. E7 “qualquer pessoa quanto mais formação conseguir ao longo da vida, mais preparada está para conseguir, para alcançar algum objetivo que possa ter no futuro (...). No geral, a avaliação que faço é positiva”. E8 “Um balanço muito positivo (...) é uma alavanca na vida de uma pessoa... em todos os fatores a melhoria de 100, 200%... Os erros do passado, não só a nível escolar como a nível pessoal, fazem parte essencial a escola”. E9 “para nós conhecermos o mundo, se calhar, o primeiro passo é irmos para a escola. É através da escola... que aprendemos (...), vou ficar grato para sempre por aquilo que eu encontrei nesta escola (...), foi uma bênção vir para aqui. Valeu tudo a pena”. E10 “excelente.” E11 “Valeu a pena voltar a estudar (...) o inter-regno foi importante e, se calhar, se não tivesse sido o interregno eu não teria tido a capacidade de aproveitar tão bem, quer aquilo que fiz no interregno, como aquilo que atualmente estou a conseguir aproveitar do que estou a estudar e a trabalhar e a trabalhar na escola (...). Acho que a maturidade que me proporcionou, aquilo que eu fiz durante o inter-regno, me permitiu perceber quanto importante seria, quão importante é a formação para o crescimento pessoal e para o desenvolvimento pessoal, a formação académica (...) que é enriquecedor porque nos abre horizontes, porque nos ajuda a pensar as coisas de outra maneira, abre-nos caminhos, põe-nos a olhar para a vida e para o mundo de uma maneira completamente diferente (...). O que eu sinto é que se eu tivesse feito isso aos 18 e aos 20

anos, eu não tinha feito com os olhos com que faço atualmente, a olhar com a maneira como olho atualmente, não é? A dar a mesma atenção (...) a aprofundar de outra maneira, querendo sempre procurar mais. Quer dizer, acho que se eu tivesse continuado tinha mesmo continuado naquela de que faz parte do pacote, do biberão, das fraldas, da escola, o curso e pronto”. E12 “foi fabuloso (...) sem estudar não pode haver progresso no país. Independentemente da profissão que a pessoa tenha. Não é por acaso que nós somos um país atrasado na Europa, a todos os níveis. É porque nós também somos, se calhar, dos países com maior número de analfabetos (...) foi tão gratificante para mim (...) um bem-haja”. E14 “Adorei o liceu XPTO, adorei o ambiente, adorei os professores, adorei a maneira de ensinar deles, adorei o ambiente da minha turma, desde o primeiro dia (...). Não tenho razão de queixa de nenhuma das funcionárias que lá estão, sejam da limpeza, sejam da secretaria, o funcionário que está à entrada, da papelaria, não tenho razão de queixa de nenhum deles. Valeu a pena voltar a estudar a 200% (...). Já o devia ter feito há mais tempo. Há muito mais tempo”.

Alguns participantes referiram ainda que o 10.º ano foi o mais duro: E1 “O primeiro ano, portanto o 10º ano, foi um pouco mais duro, mas positivo na mesma (...) mais duro porque, como já estava há algum tempo sem estudar, tive algumas dificuldades (...) comecei a entrar no ritmo, comecei a conseguir conciliar trabalho/escola, tentar gerir bem as coisas”. Enquanto para E4 foi o mais fácil. E4 “A minha adaptação foi fácil, no 10º ano, foi o ano mais fácil para mim. Porque a maior parte da matéria que demos já eu a sabia (...). O 10º ano, para mim, quase que foi um passeio, tirando as disciplinas de informática”. Para E7 a vantagem foi morar ao lado da Escola: E7 “eu tinha vantagem de morar aqui ao lado. Ainda consegui, quando chegava a casa ainda estudar alguma coisa, isto no 1º ano”. Para E8 foi o medo de entrar na escola depois de tantos anos sem lá ir: E8 “no primeiro ano, ao entrar, temia um pouco, porque era aquela fase de transição de ser 20 anos sem estar a estudar...”.

IX.1.6.2 Desvantagens

Só 21% dos participantes é que manifestaram desvantagens neste tipo de ensino: E1 “Não é fácil estudar à noite”. E2 “Só anda para a frente quem passa. Isto é, a gente podia continuar como os outros continuaram e ainda andam cá... já estava a tomar antidepressivos (...) eu engordei cerca de 30 quilos (...) como estava meio deprimido (...). Foi duro... foi duro”. E E14 “A nível pessoal o voltar a estudar também ajudou a acabar com o casamento. Porque, lá está ... o homem tem todo o direito de estar a estudar e chegar a casa à uma ou duas da manhã. A mulher não. A mulher, como tem filhos, é casada e tem filhos, o chegar à meia-noite é inadmissível. É o machismo. Um ano, dois anos, três anos é demais (...). Eles [os filhos] não ligam muito o voltar a estudar com o fim do casamento. Porque há coisas que eu tento sempre manter sempre... nunca lhes disse... Eu voltei a estudar e ao voltar a estudar há problemas com o pai. Não. (...) O casamento, a única coisa que eu lhes disse foi: ‘o pai e a mãe deixaram de gostar um do outro, aliás, não gostam o suficiente para se manterem juntos’”.

IX.1.7 Relação alunos / ensino recorrente secundário

Tabela 23: Categorização da relação aluno – ensino secundário

| Subcategorias | Indicadores | Participantes | | | | | | | | | | | | | | Sub-total | TOTAL |
|----------------------|------------------------------------|---------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|------|------|------|------|------|-----------|-------|
| | | E 1 | E 2 | E 3 | E 4 | E 5 | E 6 | E 7 | E 8 | E 9 | E 10 | E 11 | E 12 | E 13 | E 14 | | |
| Disciplinas do curso | Falta de aulas práticas | | X | X | | | | | | X | | X | | | X | 5 | 19 |
| | Adequação das disciplinas ao curso | X | X | X | X | X | X | | X | | | | | | | 7 | |
| | Organização dos conteúdos | X | | X | X | X | | X | | | | | | | | 5 | |
| | Número excessivo de disciplinas | X | | X | | | | | | | | | | | | 2 | |
| Relação entre pares | Interajuda | X | X | | | X | | | X | X | X | X | | | | 7 | 18 |
| | Empatia | | X | | | | | | | X | X | | | X | X | 5 | |
| | Lazer | X | | X | | X | | | | | | X | X | | X | 6 | |
| Total | | 5 | 4 | 5 | 2 | 4 | 1 | 1 | 2 | 3 | 2 | 3 | 1 | 1 | 3 | 37 | |

IX.1.7.1 Disciplinas do curso

Relativamente a esta subcategoria, os indicadores mais referenciados pelos participantes, como podemos verificar na tabela supra foi a “Adequação das disciplinas ao curso” (50%) e “Falta de aulas práticas” e com a mesma percentagem o indicador “Organização dos conteúdos” (42%). Só 14% referiu que havia um “Número excessivo de disciplinas”.

Os participantes, no que diz respeito às “Disciplinas do curso”, mencionaram que foram adequadas apesar das dificuldades: E2 “Foram adequadas (...). O inglês, isso havia aí... porque havia pessoas que também tinham Francês, mas é obrigatório pois quando nós fazemos pesquisa é em inglês”. As disciplinas onde sentiram mais dificuldade foram em “programação” e “matemática”: E1 “Bases de programação, a programação é muito difícil. Foi uma cadeira muito difícil porque exige muito de nós (...) foi a pior cadeira que eu tive, mais difícil, que se calhar tive de estudar mais e que vi menos rendimento”. E3 “Foi programação”. E na disciplina de “matemática”: E2 “No 10º ano, a Matemática, encostava-me à parede e fechava [os olhos] (...) e o português é o meu calcanhar de Aquiles...”; E4 “... comecei a levar com contas, um mais um é zero e vai um”; E5 “Matemática”; E6 “Matemática” e E8 “Tive dificuldade em matemática... sempre tive... e contabilidade (...). Uma disciplina que eu mais gostava, mas que senti dificuldade em adaptar-me, apesar de não gostar de matemática, porque não tenho bases não posso dizer que não posso dizer que gosto de matemática. Não há ninguém que, não tendo bases, possa dizer que gosta de matemática, porque senão é mentiroso. Se aprendeu matemática ontem não pode dizer que gosta de matemática. Ou então tem de andar anos a aprender a matemática. Uma disciplina que eu gostava mas que tive dificuldade era Filosofia. Era uma disciplina que eu gostava, mas tive dificuldade”.

Os participantes foram muito críticos relativamente à “Falta de aulas práticas”: E2 “Faltava era prática que isso é que é mau (...) nunca montámos um computador (...) íamos para trabalhar no sistema operativo *Macintosh*. Não podíamos porque o Marco trouxe o computador e estivemos só a ver... senão nem... mas o técnico de informática tem que mexer... Não é assim... olhem têm aqui as folhas e leiam e respondam. Falta é praticar (...). E mais prática porque isto faz lembrar um curso de faculdade. Fala-se, fala-se, fala-se... mas

nunca se mexe num computador...”. E3 “... um curso que se pretendia ser eminentemente técnico”. E relativamente à disciplina de inglês que tinha apenas 1h30 por semana: E9 “... ter só um bloco de hora e meia por semana de inglês, eu acho que era muito pouco, muito pouco. Porque dar uma aula à sexta-feira e voltar a dar na próxima sexta-feira, o que se repete é muito pouco” e E11 “Eu estava à espera de conseguir no 10º, 11º e 12º, estava à espera de conseguir desenvolver mais o inglês do que aquilo que consegui. O número de aulas por semana era muito menor em inglês do que em relação às outras disciplinas (...) uma vez por semana, uma hora e meia! Portanto, eu não estava à espera que fosse só isso (...). E14 “A única coisa que achei que estava mal é o Inglês, mas isso eu e os outros todos, o Inglês ser uma língua tão importante, que é, e termos Inglês só uma vez por semana e pouco tempo. Aquilo era hora e meia. É a única coisa que achei que no ensino está mal”.

Quanto à “Organização dos conteúdos” do curso também foram bastante críticos: E1 “... no primeiro ano, tendo cinco disciplinas técnicas, acabávamos por dar quase a mesma matéria, aconteceu dar quase a mesma matéria em duas cadeiras, pelo menos (...), no 2º e 3º ano acho que as coisas conseguiram equilibrar mais (...) as matérias não estarem muito bem organizadas (...) mais do que uma vez de nós darmos uma matéria numa cadeira e noutra cadeira, no mês a seguir ou no semestre, dois meses depois, vímos a dar quase a mesma coisa”. E3 “... os conteúdos supostamente... Não fazem sentido *prá* nossa vida ativa (...) e já foi dado antes”. E4 “... quando se vê um curso, “Técnicos de Informática”, a dar *Excel*, é *pá*, isso é ferramentas da ótica do utilizador (...), houve falhas principalmente da parte de informática (...), em Bases de Programação que era um bocado à parte, que era mais programar ... em Aplicações Informáticas, no 10º ano, então, tínhamos TIC também que era uma *estupidez*. Aquele curso dávamos o *Word* numas três! Depois no 11º ano voltámos a dar aquilo que já tínhamos dado no 10º ano, porque o Ministério reformulou aquilo (...) as de Informática acho que estão é muita mal estruturadas”. E7 “Ao nível da economia talvez. Eu já falei na área da matemática, porque este curso foi criado com um programa mais leve do que o programa das ciências socioeconómicas com uma carga horária em economia e matemática maior do que no curso tecnológico. E portanto penso que este curso foi basicamente criado para criar técnicos dentro da área da organização de empresas, contabilidade”. Apenas um

participante manifestou que o curso está bem estruturado: E5 “O curso está bem estruturado”.

Relativamente ao “Número excessivo de disciplinas”, 14% dos participantes acharam que havia um número excessivo de disciplinas: E1 “... eram muitas disciplinas (...), no 10º ano, tínhamos nove disciplinas (...) nove disciplinas por semana, às vezes acabava por ser um pouco, um pouco apertado” e E3 “... são 10 disciplinas (...) e a carga horária também é muita”.

Quanto à “Importância das disciplinas” ou que outras gostaria de ver no curso só E1 e E2 se manifestaram: E1 “... há uma disciplina ou outra que acho que não fazia muito sentido ali. Português foi sempre importante, Filosofia, Matemática também é importante, TIC e o resto das cadeiras técnicas acho que se adequaram bem ao curso” e E2 “O inglês, isso havia aí (...) pois quando nós fazemos pesquisa é em inglês. E eu sou um pouco barra em pesquisa e por isso quando faço pesquisa vou geralmente aos sites em inglês, porque os portugueses e os brasileiros, o brasileiro é assim uma mistura e acabo por não perceber nada. Então, assim acabo também por praticar e acabo por procurar em inglês (...) matemática é essencial, Física Química e Eletrónica fazem mais sentido, Filosofia para desenvolver um bocadinho a mente, para articular...”.

IX.1.7.2 Relação entre pares

Relativamente a esta subcategoria o indicador mais referenciado, como podemos verificar na tabela 22, foi “Interajuda” entre colegas (50%), seguido de “Lazer” (43%) e o de “Empatia” (36%).

Quanto à “Interajuda” entre colegas, os participantes aludiram o seguinte: E1 “Quando não percebia ligava aos colegas (...). Era uma turma muito unida (...). Era uma turma, apesar de todos diferentes, eram muito unidos”. E2 “...o pessoal carregava-se... uns aos outros, para ir até ao fim... carregávamos para irmos todos juntos e não ficar migalhas (...). Era uma equipa (...), estávamos mais ou menos para ‘já que estamos juntos, vamos até ao fim, que é para despachar isto’ (...) estávamos a trabalhar e tudo, digamos que dois terços a três quartos, sabíamos mais ou menos o que acarretava”. E5 “éramos cinco, e eu levei os cinco ao colo e fui o único que ficou de fora” [não entrou na faculdade]. E6 “... espírito de camaradagem

(...), cada um tinha o seu feitio, mas eram bons moços (...). Alguns tinham pouca convivência, fechavam-se um bocadinho”. E7 “... sempre que era necessário juntávamo-nos e puxávamos uns pelos outros”. E8 “Como ser bom colega, é partilhar o que se sabe e não se sabe. Porque ele, às vezes, também partilhava até o que não sabia... Portanto ai demonstra o tipo de pessoa que é. Mas era uma pessoa que dava tudo aos colegas (...). Depois havia outro que era o inverso... Que não dava nada pelos colegas”. E9 “...a nossa turma, os colegas propriamente ditos, houve logo, desde o início, a vontade de entreatajuda”. E10 “...encontrávamo-nos muitas vezes em casa de uma colega que era a E9 e outras vezes jantávamos, estudávamos em conjunto (...). Aqueles 10, 15 minutos que eu estava com eles, eu queria mesmo estar ali... e esses minutos eram muito mais úteis do que se eu estivesse duas ou três horas sem ter nada para fazer”. E11 “... foi no XPTO que eu comecei a sentir a escola a sério”.

Quanto ao “Lazer” e “saídas com colegas” E1 refere que “...com alguns que mantenho contacto (...), consegui ter mais à vontade (...) conviver mais com os colegas”. E3 “... tenho uma facilidade de relacionamento”. E5 “Com os colegas da escola não”. E7 “Os colegas foram poucos mas bons. Começaram bastantes mas depois foram desistindo e ficaram somente aqueles que depois seguiram ... no 11º, 12º o grupo foi sempre o mesmo. Por ser um grupo mais pequeno, as coisas correram bem”. E9 “Saio, com os colegas da escola e com os professores”. E11 “Costumo sair com colegas da escola, com amigos (...), encontrei uma turma onde se conseguiu construir um grupo de amigos (...), por serem todos mais velhos (...), acabaram por ficar os mais velhos”. E12 “...eu facilmente faço amizades, facilmente me adapto, uma ligação excelente. Foi excelente (...). Muito coesos, preocupados quando uns não iam telefonavam para tentar saber se as pessoas estavam com menos vontade. Foi fabuloso o tratamento, a forma como me adotaram, porque no fundo eu era a pessoa mais velha, não é? E nunca houve uma discriminação, ou porque era a velha, ou porque ... não. Foi de facto fabuloso”. E14 “O que me marcou mais foi o ambiente que eu tive”.

A “Empatia” da turma foi um indicador também referenciado por E9 “... um grupo fantástico, os colegas, acho que estávamos todos à espera uns dos outros, sei lá, destino (...) desde os colegas... a E9 fez questão de abrir as portas da casa dela e dizer que estávamos à vontade para estar em casa dela. Porque se calhar tínhamos todos dificuldades, a maior parte de nós tinha voltado a estudar ao fim de não sei quantos anos e acho, e era a velha ques-

tão, a unidade faz a força”. E10 “Foram excepcionais (...). Tive numa turma que era espetacular (...), tive e felicidade de cair num grupo muito bom (...), o grupo em que eu estava inserido que eram os colegas era espetacular e isso fazia, falávamos, havia uma grande amizade, além de sermos colegas”. E13 “... gostava do ambiente e foi... foi realmente... foi muito bom”. E14 “A turma em si (...). Foi a melhor experiência e garanto que foi a melhor turma que passou naquele liceu foi a nossa”.

IX.1.8 Papel do professor no sistema de ensino que frequentam

A oitava categoria refere-se à perspetiva que cada participante tem relativamente ao papel do professor no sistema de ensino que frequenta. Enquanto membro do sistema de ensino, a formação do professor, a relação que estabelece com os alunos e a sua preparação para lecionar alunos adultos e as suas práticas letivas, é um dos focos de interesse dos alunos e a ferramenta mediadora (Vygotsky, 1978) entre o sistema de ensino, o saber e o aluno.

Tabela 24: Categorização do papel do professor

| Subcate- gorias | Indicadores | Participantes | | | | | | | | | | | | | | Sub- total | TO- TAL |
|-----------------------------|---|---------------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|---------|---------|---------|---------|---------|---------------|------------|
| | | E 1 | E 2 | E 3 | E 4 | E 5 | E 6 | E 7 | E 8 | E 9 | E 10 | E 11 | E 12 | E 13 | E 14 | | |
| Formação | Preparação para lecionar alunos adultos | X | X | | | X | | X | X | X | | | X | X | | 8 | 8 |
| Relação professor- aluno | Respeito mútuo | | | | | | | | X | | X | | | X | | 3 | 26 |
| | Entusiasmo | | X | | X | | | | | | | | | X | X | 4 | |
| | Compreensão | X | X | X | X | X | | | | X | X | | X | X | X | 10 | |
| | Empatia | | | X | X | X | | | | X | X | X | X | X | X | 9 | |
| Práticas letivas | Clareza na exposição do professor | X | | | | | | | | | | | | X | | 2 | 10 |
| | Atividades diferenciadas / trabalhos de grupo | X | | | X | | | | | | X | X | | | | 4 | |
| | TPC | X | | | X | X | | | | | X | | | | | 4 | |
| Total | | 5 | 3 | 2 | 5 | 4 | | 1 | 2 | 3 | 5 | 2 | 3 | 6 | 3 | 44 | |

IX.1.8.1 Relação professor-aluno

Relativamente a esta subcategoria os indicadores mais referenciados pelos participantes, como podemos verificar na tabela supra, foi a “Compreensão” (71%), a “Empatia” (64%), seguida do “Entusiasmo” do professor (29%).

Quanto à “Compreensão” dos professores referem o seguinte: E1 “Só tenho de dar os parabéns aos professores por terem paciência de nos aturar (...), apesar de não sermos nenhuns rebeldes, mas não era uma turma fácil”. E8 “A Professora de português... não vamos aqui generalizar(...). Apesar de ser muito agradável, é muito complexa... porque nunca sabemos até onde vai o humor da professora... Porque no fundo, não via, na minha opinião, que houvesse aquela intenção de prejudicar A, B ou C. Havia aquela agressividade de se impor porque estava ali a dar aulas. Depois havia aquela parte mais doce que era a parte que eu gostava mais. (...). Gostava daquele professor de economia, era um rebuçado... porque ele era... é bom homem..., é muito sensível, um homem engraçado... Como professor gostava o do 10.º ano. Bom professor que explicava bem”. E10 “o facto de eu não poder ir a uma aula por ter de ir treinar, facilmente conseguia recuperar nas outras aulas... ou seja, eu tive a felicidade de cair numa escola em que o grupo de trabalho que era o que estava do outro lado, no caso, o docente, e o outro grupo que era o discente foi sempre espetacular. Tive a felicidade de ter um grupo de professores também espetaculares”. E13 “Tive a ajuda de professores, muita ajuda, colaboração (...), quando chegava ao liceu as matérias que apresentavam e a postura dos próprios professores, porque sabiam que estávamos com um dia de trabalho, e a boa vontade deles, a vontade que tinham de nós aprendermos, continuarmos ... aquilo era um incentivo, quer dizer, era alguma coisa que nos era dado gratuitamente (...). Foi muito bom porque tive muito bons professores (...). Eu tive ajuda de professores, não senti dificuldade porque os professores estiveram sempre à altura de me dar a ajuda que eu necessitava (...), eu precisaria de quem me orientasse para ir um bocadinho mais além (...), acho que o professor é uma figura indispensável na vida de uma pessoa, porque ele vai orientar-nos num determinado sentido”. E14 “A relação que se criou. Eu acho que foi o melhor dali, o ambiente que se criou entre a turma e os professores”.

Quanto à “Empatia” dos professores para com os alunos adultos mencionam: E3 “A nível social é sempre uma mais valia, tenho um ótimo (...) esses contatos e aliás a vida faz-se de contatos”. E4 “acho que foram um espetáculo para com a gente”. E5 “(...) é como se estivesse em casa, porque comecei logo a criar o meu *habitat*”. E9 “tenho a certeza que se criou uma empatia entra a turma e os professores, não foi só com um professor, foi com todos. Houve um casamento (...), encontrei um grupo de professores fantástico (...), os professores foram sempre pessoas disponíveis”. E10 “... um grupo de professores muito bom. Posso até dizer que aquilo não era grupo de professores mas sim um grupo de amigos”. E11 “... quando entrei na faculdade, foi o primeiro impacto que eu tive, foi achar que os professores eram todos muito distantes (...), eu acho que tive muita sorte com as pessoas que tenho encontrado (...), com os próprios professores se estabeleceu uma relação que foi para além da escola, da relação professor-aluno”. E12 “... exigia de nós a nível de nos fazer pensar por nós próprios, de não ser um ensino martelado (...). E isso aconteceu, com mais do que um professor. A forma de ensinar, a forma como chegavam até nós, todos os conhecimentos que nos davam, aquilo que exigiam de nós. E se a pessoa anda lá só porque está a fazer horas, porque não sei quê, porque tem que se ir embora, e porque aquilo é uma *chatice* que se tem que estar a ensinar meninos burros ou pessoas que andam ali que não sei quê ... isso nunca dá (...), as pessoas têm de ser acompanhadas por professores que se deem”. E13 “... gostava dos professores (...). Porque nesta sociedade tudo se dá em troca de alguma coisa. Os nossos professores, não. Porque estavam lá de qualquer maneira. E eles davam-nos aquele incentivo, aquela boa vontade deles. O que me marcou foi exatamente o conhecimento, os professores, os colegas também marcaram-me positivamente. Porque as pessoas, mesmo as pessoas que trabalham, dentro do liceu, à noite, têm outra postura. Os próprios funcionários da instituição, funcionários que serviam no bar, eram pessoas agradáveis. Para mim foi uma experiência muito gratificante. Os professores tiveram um papel relevante”. E14 “Ambiente entre professores e alunos. O que nós criámos. Foi criado por nós. E não foi nem a maneira de ensinar nem o estudo em si. É o comportamento dos professores. Ainda atualmente eu tenho orgulho em dizer que a professora de português, (...). O professor de história foi uma das pessoas que acho que também é um homem excepcional. Adoro-o. Foi a professora de matemática que agora não me lembro do nome dela, ela já não está lá. Foi o professor de filosofia, aquela cabeça também é um homem que... o outro professor de filosofia (...). Foi o

que nós criámos, conseguimos criar entre nós e os professores. Nós alunos, entre alunos e o aluno para o professor”.

Relativamente ao “Respeito mútuo” relatam o seguinte: E1 “Só tenho de dar os parabéns aos professores por terem paciência de nos aturar, também. Porque tenho a noção que não era, apesar de não sermos nenhuns rebeldes, mas não era uma turma fácil (...). Tenho a deixar um agradecimento aos professores e às pessoas cá da escola”. E2 “Foi boa, em relação a alguns professores (...). A professora de português, porque foi carregando-nos aos “pontapés” (...). O último ano se não fosse aos “pontapés” eu tinha-me *pirado*. Pontapés para eu seguir para a frente, para andar... Senão tinha desistido e não tinha acabado o 12º”. E3 “...há uma compreensão com o facto de estarmos a estudar à noite e estarmos a trabalhar simultaneamente... há na generalidade, uma perceção... uma colaboração, se é que assim se pode chamar, de todos eles, da melhor forma”. E4 “Porque, também a turma ajudava. Mas uma das diferenças que eu notei da noite para o dia... foi, porque parece que não, eu quando deixei de estudar de dia era um adolescente, ia para a tropa. E o que se nota é que, pronto, os professores aqui, à noite, são muito mais compreensíveis. Tive professores mais novos que eu e às vezes fazia-me confusão eles tratarem-me por você. Mas claro, tem que haver aquele distanciamento, não é? Mas das coisas que gostei mais nos professores foi a capacidade de, a compreensão, compreendem que, é *pá*, este *gajo* também vem de um dia de trabalho, não é? Não estão aqui também para aturar um *gajo*. Em termos de ensino é bom. Houve ali umas falhazinhas mas... em termos de pessoas...”. E5 “... a nível de professores, a diferença que há logo à partida vem da educação, da pessoa em si”. E9 “... foram sempre pessoas nossas amigas, nossos amigos, sabendo os professores que estudar à noite, portanto eles, melhor do que nós, tinham essa visão dessa experiência, por serem professores por eles tinham passado *carradas e carradas* de alunos e, concretamente, no ensino noturno, não é fácil, se *ca-lhar*”. E10 “Tivemos um grupo de professores muito bom. Posso até dizer que aquilo não era grupo de professores mas sim um grupo de amigos. Eles tinham a sua função, nós tínhamos a nossa, houve sempre respeito e tivemos sempre uma empatia muito grande entre nós”. E12 “... as pessoas têm de ser acompanhadas por professores que se deem. É o trabalho, lá está, mais uma vez o trabalho. Todo o trabalho tem que ser exercido com amor e com dádiva. E se a pessoa anda lá só porque está a fazer horas, porque não sei quê, porque tem que se ir em-

bora, e porque aquilo é uma chatice que se tem que estar a ensinar meninos burros ou pessoas que andam ali que não sei quê... isso nunca dá. E isso aconteceu, com mais do que um professor. Graças a Deus foram mais as experiências boas que as más. Mas por exemplo, a inglês, eu tive inglês há trinta anos atrás e muito pela rama, portanto, ainda atualmente sou uma negação a inglês. Eu passei, perante os outros, eu até sabia mais do que os outros e tive sempre mais ou menos boas notas”. E13 “Foi muito bom porque tinha muito bons professores (...), acho que o professor é uma figura indispensável na vida de uma pessoa, porque ele via-nos orientar num determinado sentido. E nós, sozinhas, não chegamos lá; penso eu que não chegamos. Sinceramente, estou a ser... portanto, eu precisaria de quem me orientasse para ir um bocadinho mais além (...). Porque quando chegava ao liceu as matérias que apresentavam e a postura dos próprios professores, porque sabiam que estávamos com um dia de trabalho, e a boa vontade deles, a vontade que tinham de nós aprendermos, continuarmos ... aquilo era um incentivo, quer dizer, era alguma coisa que nos era dado gratuitamente (...). Eu tive ajuda de professores, não senti dificuldade porque os professores estiveram sempre à altura de me dar a ajuda que eu necessitava (...). Tive a ajuda de professores, muita ajuda, colaboração ... francês, português também, mais numa primeira parte que numa segunda parte porque tive dois professores, mas também, história os meus professores foram ótimos. Eu tive bons professores.”. E14 “A relação que se criou. Eu acho que foi o melhor dali, o ambiente que se criou entre a turma e os professores”.

Quanto ao “Entusiasmo” dizem o seguinte: E2 “... eram bons de uma maneira, maus de outra. Eu relaxava-me um bocadinho, e eu preciso um bocadinho de rédea, estarem a puxar-me um bocadinho. Porque senão eu começo a desandar”. E4 “...se não fosse a ajuda dos professores nenhum de nós tinha acabado o curso”. E13 “...porque me ajudaram realmente, porque na vida há muitas ajudas que a gente às vezes nem toma atenção porque vivemos uma vida que é uma correria ... mas eu às vezes páro um bocadinho para pensar e sei, sei que todas as pessoas que entraram no meu ensino, no meu conhecimento, me ajudaram a ir em frente”. E14 “...esse também é uma enciclopédia, aquele é uma biblioteca”.

IX.1.8.2 Práticas letivas

Relativamente a este subcategoria e ao indicador “Atividades diferenciadas e trabalhos de grupo”, os participantes referem o seguinte: E1 “... eram difíceis e custava muito a fazer, muitas vezes, mas era por aí que se aprendia mais (...), ajudava a conviver mais uns com os outros”. E4 “... era uma maneira de a gente aprender alguma coisa, fazendo, e uma maneira de estar aqui à frente, parece que não (...), ganha-se um traquejo e aprende-se”. E10 “... a professora de português, que na altura era uma coisa que eu não gostava, que era muito exigente, mas que eu vim a perceber que isso foi muito bom e que foi graças aos trabalhos que ela nos obrigava a fazer que ela é que tinha razão porque na faculdade só trabalhos e coisas do género... foi muito bom”. E11 “... a professora de português punha-nos a fazer apresentações orais (...), eu estive quase para desistir. Mas depois não. Mas se eu vou ter de fazer apresentações orais eu vou desistir de estudar (...), eu, felizmente, hoje já consegui fazer um percurso que eu acho positivo, embora continue a ficar muito nervosa, hehehe, nas orais”.

Já no que diz respeito ao indicador “TPC” (trabalhos para casa), os participantes dizem que, apesar do tempo ser pouco os ajudava na compreensão e reflexão dos conteúdos. E1 “... a cadeira Bases de programação, apesar de bastante simplificada, do professor ter simplificado bastante, temos a noção disso e eu tenho a noção disso, tentar simplificar bastante, principalmente no início, até nós conseguirmos entrar (...), os TPC eram difíceis e custavam muito a fazer (...), era por aí que aprendia mais (...). Apesar do tempo ser curto também nos ajudava. Apesar de serem poucos os professores que mandavam”. E4 “...enquanto eles estão a carregar o camião, em horas paradas posso estar ali a ler. E muitos trabalhos de português foram feitos no volante dum camião (...), quando chegar a casa passava para o computador”. E5 “... era ali que tinha de apostar tudo porque na outra parte era mais fraco e não podia competir com os meus colegas (...), uma coisa é a criatividade, outra coisa é a falta de saber (...), tinha que fazer os trabalhos e esquecia-me um bocado dela [da mulher]”. E10 “... os trabalhos faço muitas vezes entre a meia noite e as 3, 4 da manhã”.

O indicador “Clareza na exposição do professor” foi aludido por E1 “... há professores, é como eu estava a dizer há pouco, há pessoas que se conseguem exprimir melhor e nós conseguimos perceber melhor o que eles dizem, como há outras que têm uma maneira pró-

pria de se exprimir e que não é tão fácil perceber” e por E13 “Eles incutiam-nos mesmo, além de nos incutir o saber... porque eles, nas suas explicações que eram claras, eles também nos incutiam aquela vontade de prosseguir (...), da maneira de ele explanar a matéria e a transmitir conhecimentos, era uma pessoa muito clara (...), ele tinha umas aulas interessantes”.

IX.1.8.3 Formação

O indicador “Preparação para lecionar alunos adultos” não foi muito criticada pelos participantes, pois confundiram um pouco com a relação professor-alunos. E1 “Cada um lecionava à sua maneira, ou tentava, às vezes, adaptar a sua forma de lecionar, aos alunos, para tentar às vezes que fosse mais fácil perceber”. E2 “... alguns ensinavam. Há outros que... o professor de matemática... sem ofensa, ele era uma boa pessoa, mas para aprender com ele... não sabia bem explicar as coisas (...). Gostei muito do professor de matemática do 10º ano, mestre de xadrez porque ele ensinava, aprendia-se tanto mais que ele esteve a dar estatística no final do segundo módulo (...), esse a... começávamos a falar de catos e acabávamos a falar de cirurgia cerebral. O homem tinha uma bagagem... Nossa Senhora! Até foi bom porque ainda esteve a aprender connosco, porque ainda por cima o Ministério da Educação deu-lhe muito bom a dar a matéria (...). Esse também era boa pessoa mas também para ensinar... não é lá grande coisa... Ele ainda esteve a aprender connosco, foi bom professor, foi dos que nós gostámos mais”. E5 “... tem pessoas que sabem ensinar, tem boa estrutura, tem um grupo estável (...), bons professores”. E7 “Todos eles demonstraram um grande empenhamento e profissionalismo na sua vontade de ensinar e eu penso que foi uma... não tenho nada a apontar aos professores (...), nem todos os professores são iguais. Cada um tem a sua forma de ensinar, haveria com alguns um pouco mais de facilidade e com outros um pouco mais de dificuldade”. E8 “Bom professor que explicava bem apesar da contabilidade ser difícil e a partir do 12º ano era mais complicado, dava cabo dos neurónios”. E9 “Quer pelas pessoas em si, quer pela capacidade de ensinar (...), estão a lidar com adultos, que à partida são responsáveis”. E12 “Uns com conhecimentos incríveis (...). Muitos corresponderam, graças a Deus, às minhas expetativas, outros nem tanto (...), daí eu sempre fazer bastante diferença entre o professor, o estatuto do professor, apesar de eu ser mais velha. O professor estava lá para me ensinar e eu para aprender. E essa situação eu tive sempre bem diferenciada, e era

o que eu esperava dos professores, era que me ensinassem”. E13 “... tive ótimos professores”.

IX.1.9 Expetativas no final do ensino secundário

Tabela 25: Categorização das expetativas dos alunos no final do ensino secundário

| Sub-cate- gorias | Indicado- res | Participantes | | | | | | | | | | | | | | Sub- total | TO TAL |
|-------------------------|--|---------------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|---------|---------|---------|---------|---------|---------------|-----------|
| | | E 1 | E 2 | E 3 | E 4 | E 5 | E 6 | E 7 | E 8 | E 9 | E 10 | E 11 | E 12 | E 13 | E 14 | | |
| Esco- lares | Ida para a faculdade | | X | | | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | 11 | 14 |
| | Outros cursos | X | X | X | | | | | | | | | | | | 3 | |
| Pes- soais | Voltar para a terra | X | | | | | X | | | | | | | | | 2 | 34 |
| | Maior segu- rança pessoal | X | X | | | X | | | | X | X | X | | X | | 7 | |
| | Realização pessoal | X | X | | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | X | 13 | |
| | Melhor co- municação com o outro | X | | | | X | | | | X | | | | X | | 4 | |
| | Satisfação familiar | | | | | | X | | X | | | | | X | | 3 | |
| | Melhor qua- lidade de vida | X | | | | X | | X | | | X | | X | | | 5 | |
| | | | | | | | | | | | | | | | | | |
| Pro- fissio- nais | Progressão no emprego | X | X | | X | X | X | | X | X | X | | | | X | 9 | 24 |
| | Melhor salá- rio | X | | | X | | X | X | | | | | | | X | 5 | |
| | Mudança de emprego | X | X | | X | X | X | X | X | X | X | | | | X | 10 | |
| Total | | 9 | 6 | 1 | 4 | 7 | 7 | 5 | 5 | 6 | 6 | 3 | 3 | 5 | 5 | 72 | |

Relativamente a esta categoria, as subcategorias mais referenciados pelos participantes, como podemos verificar na tabela supra, foram as expetativas “Pessoais” (47%), seguida das “Profissionais” (33%) e, finalmente, das “Escolares” (20%).

IX.1.9.1 Expetativas Escolares

O continuar a estudar e a “Ida para a faculdade” é o desejo da maior parte dos participantes: E2 “... estive a ver... para a Universidade Aberta que dá para fazer em... tipo em casa e depois ir lá a algumas coisas... tenho de ver isso... se o secundário é assim... a faculdade é só mais um bocadinho difícil”. E5 “Acabei o 12º e já quero ir para o ISCAL... quero fazer a licenciatura”. E7 “O meu intuito inicial era completar o 12º ano. Depois fui ganhando motivação, os resultados foram bons e comecei a ganhar vontade de não parar por aí, no 12º ano, e continuar... Para já é concluir a licenciatura”. E8 “... continuar para o superior”. E9 “Se queria fazer uma licenciatura, porque era a minha ideia, para psicologia... é não ficar por aqui... ainda quero fazer uma licenciatura”. E10 “... queria seguir história e quero um dia tirar história adoro o curso de história... Consegui cumprir todas as etapas a que me propus... fazer o exame nacional de história que era o que eu queria fazer. Fui a exame, tirei 177 pontos na segunda fase porque nunca me matriculei na cadeira, não calculei os prazos e deixei passar a primeira. À partida ia entrar porque tinha média de 17 valores no secundário mais 177 valores, tinha 17 quase 18 no exame e entretanto, quer a minha mulher, quer os meus amigos próximos começaram-me a dizer: ‘Então mas vais fazer história porquê? Então, mas tu estás em hotelaria, a tua área é toda em hotelaria, porque não vais fazer antes gestão?’ ‘Mas eu quero fazer história!’ ‘Então, mas fazes assim, agora fazes gestão hoteleira e depois se realmente queres fazer história, quando tiveres a gestão hoteleira feita depois então vais fazer história’. Mas eu não consegui entrar para gestão porque era necessário exame de matemática e economia. E eu era de letras e não tinha. Entretanto, eu falei com uma professora e como estava nesta área devia fazer naquilo que estava inserido e entretanto concorri aos maiores de 23. Fui ao Estoril concorrer aos maiores de 23. (...) Durante 20 dias agarrei-me ali àquele material todo. Comecei a estudar sozinho, cheguei a fechar fins de semanas, como tinha aqueles livros todos para estudar... fui fazer o exame maiores de 23. Mais uma vez tive sorte, as coisas correram-me bem. Tive 18 no exame mais uma série de coisas e fui, eu fiquei em primeiro com outra moça. Entretanto, na altura eu estava com muitas dificuldades porque estava a ver que também já não ia para gestão. Não havia ensino pós laboral no Estoril, só havia diurno. É a parte das ciências e quem não assiste, é muito complicado acompanhar, não é? E então, iria ser só de ensino diurno e eu disse: ‘Bem, eu já concorri, não vou entrar, mas de qualquer maneira matriculei-me’. Diziam-me: ‘Ah! Matricula-te pois se não fazes

num ano fazes em dois ou três. Ou fazes em quatro ou cinco ou seis'. Mas eu... pronto. E por objetivos. Gosto de ir por objetivos e um deles era fazer o meu curso o mais depressa possível entretanto, mais uma vez tive sorte e o Estoril nesse ano decidiu abrir um curso pós-laboral. (...) Essa parte eu trabalho aqui na escola com colegas... tenho aqui um colega de economia, e eu um dia pedi-lhe umas explicações, paguei-lhe umas explicações e eu consegui fazer a economia toda. Em termos de matemática, o Estoril tinha também algumas aulas ao sábado de manhã. E eu ao sábado de manhã, falei com o professor de matemática de métodos para ver se ele me deixava ir assistir às outras turmas e ele não se importou e então eu, aos sábados, ia assistir às aulas todas dele até ao meio dia, uma da tarde e consegui fazer as matemáticas que me faltavam... e consegui (...) depois de concluir é que vou ver como posso utilizar esta ferramenta. As empresas não estão, ou pelo menos não têm vontade de facilitar que os seus trabalhadores estudem. É muito complicado porque eu tinha aulas às seis no Estoril e eu trabalho até às seis e é muito complicado eu dizer que preciso sair mais cedo para ir às aulas ou que tenho uns exames. Acabar a gestão hoteleira... O curso de história, vai ser a seguir. Se eu conseguir a segunda etapa de eu conseguir ou ir para um hotel e conseguir essa "benesse", entre aspas, de ser integrado num grupo de trabalho que me permita depois arranjar as tais horas para depois ir fazer o curso de história... isso, não está esquecido". E11 "Estou em antropologia, acabar o 3º ano de antropologia. Estou a pensar, no próximo ano parar, ou seja, quando digo parar é não fazer uma matrícula, não me matricular; eu gostava de rever algumas coisas, principalmente nas que dizem respeito aqui ao 1º ano da faculdade, que eu fiz um bocado numa certa tensão..., foi um ano de muito trabalho, muito cheio de matérias, e portanto há coisas, há muita coisa pela qual eu passei muito superficialmente e que me apetecia aprofundar... e, portanto, eu queria falar com alguns professores de algumas cadeiras e pedir para assistir a algumas aulas, fazer leituras, aprofundar ... tentar encontrar-me melhor... porque o que me está a acontecer aqui em Antropologia é aquilo que me aconteceu, faz parte das minhas características, hehehe, que é assim: tenho uma cadeira de "psicologia e psicanálise"; depois tenho "ritual e performance" (...) neste momento a pensar em mestrado, acho que fazia "imagem e comunicação", porque acho que é muito importante o trabalho dos antropólogos. (...) O mestrado não está fora de questão, nem pouco mais ou menos. Posso eventualmente ter que adiar porque, se tudo correr bem, a Maria está na faculdade, está a entrar, se tudo correr bem, em Alcoitão, o que vai custar muito dinheiro

por mês, portanto eu se calhar não vou conseguir conciliar a Faculdade dela com a minha, não é? Aliás estava a pensar: ‘É *pá*, isto dá mesmo jeito’, porque a Maria este ano só tem biologia, este ano saio eu e entra ela, pronto, sempre são menos as minhas propinas”. E12 “... acabar a licenciatura. Mestrado não. Mestrado nunca. Se encontrar uma pós-graduação de história de arte que me satisfaça, e se realmente eu achar que isso sim, vale a pena, eu vou fazer ... o mestrado é mais um, digamos é mais um título que não me interessa... sou mais capaz de fazer outra licenciatura do que o mestrado... Que esteja indiretamente ou diretamente ligada a História”. E13 “É tirar o curso, sinceramente, apostar nele, para depois já possivelmente reformada, eu continuar... continuar não no aspeto de ir tirar, sei lá, tirar mestrados... mas continuar na área de história a aprofundar aquilo que eu... quer dizer, deram-me um caminho que eu vou percorrer depois, perante aquilo que me ensinaram irei percorrer, se eu conseguir, não é verdade? Mas continuar, continuar a aprofundar... É um *hobby* que... quer dizer, que me dá prazer e dá-me prazer estar metida em casa; às vezes posso, poderia ir passear e dá-me mais prazer estar em casa a ler os livros de história... acredite, acredite ... do que ir passear, sei lá, fazer uma viagem, ir até França, ir a passeios que eu tenho rejeitado que eu fazia facilmente e ir passear mesmo, ir a um país, ir a outro ... porque me está facultado devido às pessoas que conheço. E deixar isso para fazer um trajeto que eu gosto. Entrar na faculdade, entrar na biblioteca, hehehe, ouvir os professores, que são bons também, são muito bons professores. E14 “... é acabar o curso, a licenciatura, inscrever-me no mestrado, fazer em seguida o doutoramento, inscrever-me na ordem... o meu projeto agora neste momento é acabar a licenciatura, inscrever-me na Ordem, fazer o mestrado e o doutoramento”.

O participante E6 confessou-nos que gostaria “... era ter continuado...” mas a mulher não gostou da ideia.

Relativamente ao indicador “Outros cursos”: E1 decidiu fazer formação na própria empresa onde trabalha: E1 “... quanto mais formação você tiver, mais tempo você se manter na Rede Bosch, melhor é para si e mais valioso é para nós... faço umas formações... estou a aproveitar para descansar um bocado”. E E2 e E3 pensam fazer um CET porque é um curso mais prático: E2 “Posso não fazer a faculdade normal, mas através destes cursos de certificação tecnológica de nível 5 ... Entrar para a informática para ganhar mais um bocadinho de

experiência... eu sou mais tipo de mexer as mãos... sou mais a nível técnico... não sou engenheiro que é para estar a pensar... eu gosto de estar a mexer... se uma pessoa quer arranjar emprego, quantas mais qualificações tem, mais fácil consegue... e se for transversal em várias áreas ... maior probabilidade de conseguir arranjar um emprego. Se uma pessoa fica só a fazer uma coisa e não sabe fazer mais nada senão aquilo, se tem relutância em querer aprender...". E E3 "... adquirir uma certificação técnica. (...) Não descuro a ideia de fazer um tipo 5... considerando que o tipo 5 é eminentemente técnico e dará com certeza para aprender mais em termos técnicos... um tipo 5 seduz-me, na perspetiva de ser eminentemente técnica e de aprender alguma coisa e, aliás, eu sinto muita falta de formação mesmo naquilo que eu faço".

IX.1.9.2 Expetativas Pessoais

A expetativa pessoal de E1 e E6 é "Voltar para a terra": E1 "... vou voltar para lá para a Madeira... Quero voltar para lá porque tenho toda a minha família lá, para trabalhar também trabalho lá (...), está lá a minha família que é uma parte importante a que eu dou muito valor e neste momento sinto falta, sinto falta deles... acabando o curso tive que tomar mais uma decisão e decidi voltar para lá" e E6 "... acabando isto vou-me embora".

O indicador "Maior segurança pessoal" é mencionado da seguinte forma: E1 "... desenvolver outras capacidades... trouxe coisas boas, trouxe aprendizagem". E2 "... subir na vida". E5 "A escola, atualmente, na minha vida é mais saber... sinto-me muito mais seguro. (...) Eu agora já não tenho medo de ir seja para onde for, esteja com quem estiver". E9 "... É muito triste... nós estarmos inseridos seja em que ambiente for e, às vezes, sentirmo-nos tão pequeninos que nem sabemos dar uma opinião". E10 "... eu funciono muito por etapas". E11 "Eu acho que passei a sentir-me uma pessoa mais capaz de estar sozinha, de ser autónoma. (...) Acho que houve um enriquecimento em termos de segurança pessoal". E13 "Abre horizontes. Dá outra perspetiva porque nos sentimos mais seguros (...). Porque sabemos que... adquirimos certos conhecimentos, com toda a modéstia, mas adquirimos certos conhecimentos que nos dão uma certa segurança perante o trabalho".

O indicador “Realização pessoal e social” foi referido por quase todos os participantes: E1 “A escola é importante. Aprendemos sempre mais qualquer coisa. (...) A desenvolver outras capacidades e consoante isso, isso reflete-se muitas vezes no trabalho... trouxe outra maneira de eu me comportar digamos no dia a dia... a ter outra postura... há desenvolvimento nas pessoas que estudam”. E2 “... comprar casa... tentar namorar... tenho de pôr a minha vida em ordem... Deu para ver se eu tinha capacidade para fazer. Valeu porque eu tinha encravado... consegui fazer o que eu já há bastante tempo me tinha proposto fazer... aprender... que eu gosto...”. E4 “Se calhar até em termos de trabalho vou ficar mais infeliz. Isso não tenho dúvida nenhuma. Vou ficar ali todos os dias agarrado a um computador, se calhar... o aprender não ocupa lugar. E muitas das coisas que a gente aprendeu aqui, parece que não, eu daqui a quinze ou vinte anos vou-me lembrar. Ainda este fim de semana estive lá o Marco em casa a pedir-me um livro de matemática do 10º ano. Lá fui à procura e por acaso não o tinha. Mas eu tenho lá em casa, não sei. Parece que não, a gente lembra-se. E fui folhear os livros de Português. É pá, os livros de Português estão aqui...”. E5 “... já não estou bem com o 12º... Nunca estou bem com aquilo que tenho... Tenho sempre de subir mais um degrau... sinto-me mais realizado... vejo, vá lá, o mundo de outra maneira... já estou mais aberto para com o mundo e também para a parte realizada. (...) Agora já tenho objetivos. Já tenho, já me sinto ativo, digamos. Dantes não. Deixava-me andar. É como o mar estagnado. Sinto-me mais sociável. Não tem nada a ver... Não é o facto de darem um Ferrari a uma pessoa que a pessoa anda mais depressa ou mais devagar. Só anda mais depressa se tiver carta, não é? Se não tiver carta se calhar, se não souber conduzir, não anda, não é? Com tudo é a mesma coisa. Não se deve dar um computador a um aluno se não ensinarem como ele trabalha. Se não houver bases, não é?” E6 “... Atingisse os meus objetivos que era o 12º ano, já estava, e então olhei um pouco para a minha mulher”. E7 “... o tempo que eu dediquei a estudar é mais proveitoso do que se estivesse em casa a ver televisão ou a ler os jornais... nos últimos anos, até tinha tido menos tempo para mim próprio... Já não corria, já não jogava ténis... A escola veio roubar tempo, entre aspas, para eu poder me dedicar a outras atividades que... também gosto... acabei por criar outros hábitos”. E8 “Não só valorizar-me pessoalmente, integrar-me, porque eu estive desintegrado, essa foi a realização melhor, porque eu estava desintegrado da realidade. Voltar a estudar fez com que eu me reintegrasse, não é bem na sociedade, mas mais ou menos... Depois valorizei-me não só a nível profissional.” E9 “Eu tenho necessidade

de estar em contacto permanente com as pessoas. Eu tenho necessidade de conhecer pessoas novas. Eu tenho necessidade..., eu tenho necessidade de..., por acaso isto é curioso, eu tenho necessidade de explorar a pessoa. (...) Uma coisa engraçada que a escola me trouxe, voltar à escola, foi perceber a importância que na nossa vida é a leitura. Acredito que se tivesse, embora com muitas dificuldades para ler, uma pessoa quando lê muito ou quando lê o suficiente, a leitura ajuda-nos a abrir, faz-nos exercitar muito os músculos cerebrais, não é? E acho que isso dá-nos alguma capacidade. E portanto, a leitura acho que é uma coisa que não vou deixar. (...) Quando uma pessoa não sabe, não consegue discutir nada sobre qualquer matéria, seja ela qual for, isto é, eu diria que é aterrador porque um cidadão tem que ter um mínimo de valores para perceber”. E10 “Eu acho muito importante a escola porque dá-nos uma ferramenta para que nós possamos depois poder optar ou pelo menos procurar outros projetos e, por outro lado, dá-nos uma capacidade emocional... dá-nos uma força anímica dizer que temos a tal formação e que podemos eventualmente laborar com outras pessoas que estão no mercado de trabalho e temos essa valência que nos permite poder procurar alguma coisa melhor... Primeiro eu propus-me a fazer o 12º ano... satisfação pessoal e alguma estabilidade emocional, porque era uma coisa que eu queria fazer, acho que sim. (...) A escola significa uma importância muito grande na formação, quer como pessoa, quer até como parte integrante da sociedade. A escola para mim significa, além das ferramentas que podem proporcionar outras oportunidades de trabalho, é essencialmente a realização pessoal. Porque eu sempre achei que conseguiria fazer mais alguma coisa... Em termos de realização pessoal foi muito bom para mim continuar a estudar e acabar o curso, isso é muito bom. Dá-me uma sensação de certa forma de dever cumprido, aquilo que eu sempre quis fazer e que nunca foi possível e que agora vou tentar conseguir fazer, vou tentar aproveitar essa ferramentas e ao mesmo tempo (...). Não conseguimos perceber que ao longo da escola temos disciplinas e cadeiras que têm muito a ver com o relacionamento humano e permite-nos se calhar encarar as coisas, quando os problemas surgem, sem entrarmos em desespero, em tentar perceber o outro lado e isso, tem sido muito importante para mim nesse aspeto, além da realização profissional, claro!” E11 “... A experiência foi tão boa durante o secundário, quer daquilo que eu aprendi, quer daquilo que eu gostei de aprender... Também aprendi porque gostei de aprender e dediquei-me, deu-me gozo, deu-me prazer. (...) Em relação aos amigos, o que é um facto é que a gente vem para a escola, aprende coisas, portanto ... e

mesmo na relação com a família, quando aprendemos coisas, a verdade é que também ficamos mais capazes de partilhar mais coisas com os outros. Quer de dar, quer de receber”. E12 “Estou reformada no papel porque eu continuo a fazer o que eu gosto que é vestidos (...). Já estou a perguntar-me o que vou fazer do meu tempo, quando acabar a licenciatura... Mudanças, obviamente que houve mudanças, porque se eu estivesse a trabalhar sem estar a fazer a licenciatura, teria um horário de trabalho até às oito, ou até às sete, consoante eu me organizasse, mas numa vida rotineira... eu continuo a ser a mesma mulher que fui sempre”.

E13 “... porque me sinto feliz a ouvir os professores e a aprender com eles. (...) Mesmo no meio do trabalho, ao pé dos nossos chefes nós sabemos que se eles têm uma licenciatura e estão dentro de determinados conhecimentos, nós estamos a caminhar para eles... e até com uma certa perspetiva porque eu estou numa área de ciências, de contabilidade... eu estou na parte de letras, no que abrange a parte de letras, não é a correção de um texto, a gente tem outra preparação embora se vá aperfeiçoando. (...) Numa perspetiva mais egoísta, eu vivo muito feliz, vivo na minha casa, só, e com outros que estão longe, que eu vou visitar e convivo, mas não é no dia a dia, convivo... o meu filho tem a vida dele e vejo-o quando ele pode, tem uma vida muito ocupada; os meus irmãos vivem noutras cidades e eu só os vejo quando os vejo; eu sinto-me preenchida e feliz porque chego a casa tenho que estudar e gosto daquilo que estou a fazer. Como digo, estudar é um hobby. E porque isso me dá muito prazer. Dá um prazer... cada qual arranja o seu, e eu sinto-me muito feliz. Muito preenchida”.

E14 “Com vontade, nós fazemos tudo. (...) Uma aprendizagem. Continuo a aprender. Seja ela no liceu, seja ela na faculdade... é uma aprendizagem... Eu ler... lia muito. Mas contribuiu porque também o ler não é a mesma coisa que ter de aprender, mesmo mais específico. Direito de trabalho, não lia livros de direito de trabalho. Agora tenho direito de trabalho e estou a aprender coisas que não sabia, estou a aprender o básico, que não sabia. Eu sabia lá qual era o artigo que faz com que haja um acordo de empresa! Não sabia que há acordos e há contratos. Por muitos livros que se leiam, há coisas que não se aprendem (...), depois ter os *putos* neste momento sozinhos em casa, porque o pai já não está em casa...”.

Elevou também a autoestima de E5 “Sinto-me mais independente”; de E11 “... um crescimento interior” e de E14 “Faz-me sentir inteligente. Não me faz sentir... a tal burrinha... que o meu pai ...”.

O indicador “Melhor comunicação com o outro” foi aludido por E1 “... eu nestes três anos fiquei a saber muito mais e desenvolvi-me, eu próprio sinto que me desenvolvi um bocado mais no sentido de, mesmo no diálogo com as pessoas (...). No trabalho, muitas vezes reflete-se, porque se nós formos, tivermos menos capacidades às vezes, é mais difícil de exprimirmo-nos (...). Posso estar a fazer a mesma coisa ou estar a fazer melhor mas se eu não me conseguir exprimir tão bem e o outro estar a fazer a coisa menos bem mas conseguir exprimir-se melhor, conseguir ter melhor conversa, consegue dar a volta... Ter mais à vontade, porque eu já algum tempo que lido mais diretamente com o cliente e às vezes não é tão fácil nós conseguirmos nos exprimir. Trouxe mais à vontade a conversar”. E5 “(...) Já consigo entender quando as pessoas falam que o país está mal, que o país está bem, porque é que está mal, porque é que está bem. Eu quando vejo as notícias todos os dias na televisão consigo decifrar o que é que eles querem dizer com certas notícias que nos apresentam. Dantes era tudo normal. Dantes, eu sabia que havia filmes, que havia notícias na mesma, mas as notícias vinham a conta gotas, não é, e o que vinha já era escolhido e mais escolhido. Atualmente não. A gente sabe em tempo real tudo (...). Ter capacidade de conseguir raciocinar ao ponto de saber o que é que eles estão a transmitir para nós”. E9 “... é importante que nós tenhamos uma opinião sobre aquilo que gira à nossa volta”. E13 “Mudou, porque conheci professores, de alguns professores tornei-me amiga, essas pessoas são pessoas que têm outra cultura superior à minha e vou aprendendo com elas no convívio do dia a dia, porque sou amiga delas, porque vou tomar café com elas...”.

O indicador “Satisfação familiar” foi referenciado por E6 que deixou a mulher feliz, E8 os pais e E13 o filho: E6 “... a minha mulher disse-me que se quisesse continuasse... não havia grande vontade... Foi ela que me travou, praticamente... foi, eu nunca lhe disse isso mas pronto, foi isso... Quer dizer, ela deu-me força para tirar o 9º ano, deu-me força para vir *pró* 12º... para o que era preciso a nível profissional... Depois o resto, sabe, já não era assim tão importante, e era verdade”. E8 “Deixei os meus pais felizes...”. E13 “... o meu filho em primeiro lugar. Porque sempre apostou e sempre achou que eu tinha potencialidades para entrar (...). Uma pessoa que é de família, e eu sou, sei o desgosto que dei ao meu pai em não ter estudado e penso nisso muitas vezes. (...) Porque sei que o meu filho também é uma pessoa ligada ao saber e fica muito satisfeita por saber que a mãe também o faz ...”.

O indicador “Melhor qualidade de vida” foi aludido por E1 “Mesmo na situação em que as coisas estão, mais cedo ou mais tarde, eu não acredito que 100% das pessoas consigam, mas acredito que 50% ou 70%, pelo menos, consiga com o esforço que fez durante o tempo em que esteve a estudar, consiga melhorar o seu nível de vida ou, se calhar, as suas condições de trabalho e o trabalho que faz.” E5 “... para eu ver a vida de outra maneira”. E7 “... os meus pais são pessoas que começam a estar como alguma dependência e eu, sou eu que, neste momento, estou a assegurar que eles tenham uma qualidade de vida mínima, isso trouxe de facto algum transtorno que nós tivemos de contornar através de apoio domiciliário, uma série de situações que nos socorremos para eu poder estar fora de casa. Eu saio de manhã e volto à noite e portanto... no caso, como sou solteiro, não tenho encargos familiares...”. E10 “... com os conhecimentos que tenho adquirido tenho visto a vida de outra forma. Fez com que encarasse as relações humanas com as pessoas de outra forma, analisasse melhor as situações à minha volta. (...) Acho que a escola forma-nos como seres com uma outra visão sobre a sociedade, dá-nos outras expectativas de vida. Quer dizer que se nós não formos à escola não conseguimos compreender as pessoas que nos rodeiam, o meio ambiente que nos rodeia, não conseguimos encarar se calhar as situações que nos acontecem na vida, no dia a dia, com mais calma, com mais serenidade”. E12 “... não consigo perceber porque os meus filhos não acabaram a licenciatura e que ainda são novos... não querem voltar a estudar. Não sei, porque eu acho que eles estão motivados para outras coisas. Um não está motivado para nada... E o outro está mais motivado para ganhar dinheiro. São opções de vida. Mas, de qualquer forma, quando eu vejo um aluno a quem lhe é dada a possibilidade de estudar e que não aproveita, eu fico com tanta pena! (...) Eu continuo a ser a mesma mulher que fui sempre, não fiz diferenciações de vida, nem de posturas diferentes. A situação que eu vejo por aí, às vezes um bocado para o caricato, de andarem todas embrulhadas em capas e de os caloiros já lhes chamarem doutoras, possivelmente será porque são muito crianças e que é o “doutor” que lhes vai dar uma certa sonância, é o canudo que ambicionam. Isso para mim não me diz nada (...), é mais por uma questão de as outras pessoas me pedirem, do que por mim própria, porque acho que isso para mim não tem nada a ver”.

IX.1.9.3 Expetativas Profissionais

As expetativas profissionais para estes participantes são a “Mudança de emprego” (71%) ou a “Progressão no emprego” (64%) e só 36% referiram “Melhor salário”.

Relativamente à “Mudança de emprego”, os participantes referem o seguinte: E1 “Atualmente está muito difícil. Está muito difícil conseguir emprego porque, e *inclusive* enviei cerca de quinze a vinte currículos, para aí em agosto do ano passado... fui a umas quantas entrevistas e neste momento tenho uma proposta, uma única proposta... Está muito difícil porque muitas empresas querem pessoas licenciadas ou pessoas com conhecimentos, às vezes não é tanto serem licenciadas, mas com conhecimento. (...) Quero trocar de sítio onde trabalho, não porque esteja mal, tanto profissionalmente como colegas, não, nada disso. (...) É um projeto a médio ou a longo prazo, que é um grupo com uma série de empresas, que vai abrir mais uma oficina da rede Bosch. Querem-me lá para trabalhar, para gerir a oficina”. E2 “... eu sou mais do tipo de mexer com as mãos... sou mais a nível técnico... porque se uma pessoa quer arranjar emprego, quantas mais... A ver se consigo lá ficar, se precisarem de mais pessoal...”. E4 “... é uma ambiguidade a gente andar aqui com o 12º ano a conduzir um camião... estou à espera da resposta do Instituto de apoio Hidrográfico.” E5 “... ser técnico oficial de contas... loja que tenho que está fechada... gabinete de contabilidade, que vai ser o meu futuro (...) eu quando vim para cobrador, cá para fora, já tinha o lugar de chefe de secção... que seria talvez o ponto mais baixo, ou seja, a seguir um secretário-geral, um chefe, pronto, seria o posto abaixo. Mas como eu vim cá para fora e como trabalho à percentagem consigo ter mais ordenado que o chefe e mais ordenado se calhar que o secretário-geral, se eu quiser. Isso deu-me um mal-estar. Porquê? Porque eu não posso agora voltar lá para dentro porque eles não me podem dar o ordenado que eu tenho atualmente, a fazer o trabalho que faço. Agora a única hipótese que eu tenho é ter outra atividade, ou seja, trazer mais riqueza àquilo que lá está. E o que é que eu quero? Quero modificar a estrutura. Quero ir para a chefia, quero dedicar-me àquilo tudo que aprendi, pôr em prática e levantar a firma ainda mais do que o que ela está”. E6 “... o meu objetivo era ser fiscal de obras... o meu objetivo era de Fiscal Municipal”. E7 “... se surgir essa oportunidade de ter uma atividade por conta própria... para a área do empreendedorismo, para essa área da gestão de negócios, gestão de empresas, quer seja numa empresa por conta própria ou por conta de outrem, estarei

mais habilitado...”. E8 “Depois valorizei-me não só a nível profissional”. E9 “... projeto da *Herbalife*.” E10 “Em termos profissionais, as empresas não estão preparadas para que as pessoas voltem a estudar e aqui mesmo onde eu trabalho, em hotelaria, por vezes, temos serviços de *catering* e eles não facilitam rigorosamente nada. Quando há aqueles serviços, eu sou obrigado a ir e a faltar às aulas. Por exemplo em economia, no 1º ano, segundo semestre do 1º ano, tinha aulas à sexta feira e, por azar, tive uma série de serviços à sexta feira e eles não me dispensaram para ir as aulas e então eu tive de pagar ao explicador, durante um fim de semana que eu tive, para poder fazer economia. (...). A nível de trabalho, aqui há disciplinas que tenho aqui... facto de eu ter aprendido mais alguma coisa sobre estatística facilita-me um pouco mais o meu trabalho. E sinceramente porque sinto assim: tenho... é muito pouco mas tenho... um bocadinho de orgulho em ter feito já isto e sei lá... tenho outro espírito para encarar as coisas (...). De preferência dar aulas (...), se me surgir de ir para um hotel, fazer parte de um grupo de gestão do hotel, não hesitarei. (...). Agarrar-me a licenciatura e optar por mudar as coisas, ou seja, fazer aquilo que eu sempre quis fazer mas que não pude que era ir mais longe a nível profissional, neste caso na hotelaria (...) fazer parte de um grupo de gestão, pronto, e o que vier por acréscimo. (...). A escola significou abrir novas oportunidades com as ferramentas que eu vou ter. Significa que... acho que as pessoas deviam regressar à escola e pelo menos tentar ser mais alguma coisa do que o que são, nem que seja a nível pessoal e de realização profissional.” E14 “O que eu gosto de fazer é tudo o que está para trás. O *BackOffice*, como se diz, que é a parte da investigação: o preparar o processo, o analisar, o falar com a testemunha, o ir à prisão falar com o detido, tudo isso até chegar à barra do tribunal é essa parte que me atrai. E é essa parte que quero... Mas independentemente dessas duas coisas é inscrever-me na Ordem, ter a cédula profissional.”

O indicador “Progressão no emprego” foi aludido pelos seguintes participantes: E1 “... este grupo vai abrir uma oficina lá e querem que eu vá para lá”. E2 “... conseguir ficar lá na empresa... A ver se consigo lá ficar, se precisarem de mais pessoal, porque é uma coisa que gosto...” ou então ir para o estrangeiro “trabalhar lá fora... a ganhar mais...”. E4 “As vantagens que tirei até agora foram zero. Porque pedi a requalificação na Câmara e, infelizmente, eu já sabia, porque não sou da cor do... não há vagas...”. E5 “Neste momento é ser secretário-geral da empresa onde estou... Deu-me vontade de querer subir.” E6 “O meu objetivo era

ser fiscal de obras (...). Ser Fiscal Municipal”. E8 “Fazer um estágio para técnico da administração tributária”. E9 “... passei para Assistente Administrativo”. E10 “... quando acabar a gestão hoteleira vai-me dar valências para poder dar outras disciplinas mas que agora não dou [na formação]. O voltar a estudar prejudicou a arbitragem, por que há dias que eu tenho de ir estudar e não vou porque tenho trabalhos para fazer .Como eu termino a arbitragem para o ano por limite de idades , tenho quase 45, acabo para o ano, fui durante estes dois anos , dando importância à arbitragem, mas de certa forma mais importância à escola porque a arbitragem acaba para o ano e, se tudo correr bem, acabo a licenciatura e começa uma etapa da minha vida, ou seja, deixo a arbitragem que me ocupou durante 22 , 23 anos e estou preparado para iniciar outra fase da minha vida que é totalmente diferente...” E14 “Tentarei dentro da empresa deixar de ser contabilista, porque faço o trabalho de contabilista, não sou paga como tal, mas faço o trabalho deles e muito mais. Tentar mudar porque não sou nada, sou uma técnica administrativa. Tentar mudar para quadro ... estou com 25 anos ... talvez mais dez anos e vir embora. Claro que vou conciliar, vai ser difícil conciliar as duas coisas. Cá fora e o correio. Mas tentarei porque genica não me falta, vontade também não. Enfim, tentar subir um pouco na empresa.”

O indicador “Melhor salário”: E1 “O nível de ordenados acho que as coisas não se equiparam com o esforço que as pessoas tiveram durante aquele tempo. Como me aconteceu a mim, há muitas pessoas, há muitas empresas onde nós chegamos e eles olham para o currículo e dizem, isto é demais, nós não precisávamos de tanto, queríamos uma coisa menor, queríamos pagar um ordenado menor a uma pessoa que percebesse menos... ganho mais agora”. E4 Tem “melhor condição financeira”. E6 “Pagam ao fiscal de obras o que não pagam ao fiscal municipal”. E7 “... no tempo que corre foi ter tido oportunidade de estar a trabalhar já há algum tempo, já foi um sinal que há um reconhecimento pelo esforço que estou a fazer...”. E14 “Na vida profissional não houve mudanças... Nem ganho mais. Lá está, é as cunhas. Há uns anos atrás, quando entrei para a empresa, aí sim. Assim que nós conseguimos qualquer habilitação, entregávamos no serviço de pessoal e o ordenado aumentava, mudávamos de escalão. Mas foi há trinta anos atrás. Agora não.”

IX.2 Estudo II – *focus group*

Numa entrevista coletiva não obtivemos tantos dados como nas entrevistas individuais, primeiro porque nem todos os participantes falam sobre todos os assuntos e a duração da entrevista (para todos expressaram as suas opiniões) é sensivelmente o mesmo de uma individual.

Neste *focus group* e comparando com as entrevistas individuais, utilizámos as mesmas categorias e as mesmas subcategorias mas há indicadores que não tiveram nenhuma referência.

A primeira categoria de análise, como construímos para o estudo I, refere-se ao percurso escolar que os participantes fizeram até ao 9º ano, as marcas positivas (adaptação ao modelo escolar, bons resultados, professor, “ser um sonho” e o 25 de abril) e negativas (professores, desilusão, anos de escolaridade, assimilação dos conteúdos e adaptação ao modelo escolar) e o número de anos de retenção no 1º, 2º e 3º ciclos e as suas causas.

Salientamos que os indicadores “bons resultados”, “professor”, “ser um sonho” e o “25 de abril” da subcategoria “Marcas positivas” não tiveram nenhuma referência por parte dos participantes, assim como na subcategoria “Marcas negativas”, os indicadores “professores”, “desilusão” e “anos de escolaridade”.

IX.2.1 Percurso escolar até ao 9º ano (fim do 3º ciclo)

Tabela 26: Categorização do percurso escolar até ao final do 3º ciclo

| Subcategorias | Indicadores | Participantes | | | | | | | | Subtotal | TOTAL |
|------------------|-----------------|---------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|----------|-------|
| | | F 1 | F 2 | F 3 | F 4 | F 5 | F 6 | F 7 | F 8 | | |
| | | | | | | | | | | | |
| Marcas positivas | Adaptação | | | | | X | | | | 1 | 1 |
| | Bons resultados | | | | | | | | | 0 | |
| | Professores | | | | | | | | | 0 | |
| | Ser um sonho | | | | | | | | | 0 | |
| | 25 de abril | | | | | | | | | 0 | |

| Subcategorias | Indicadores | Participantes | | | | | | | | Subtotal | TOTAL |
|------------------|-----------------------------|---------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|----------|-------|
| | | F 1 | F 2 | F 3 | F 4 | F 5 | F 6 | F 7 | F 8 | | |
| | | | | | | | | | | | |
| Marcas negativas | Professores | | | | | | | | | 0 | |
| | Desilusão | | | | | | | | | 0 | |
| | Anos de escolaridade | | | | | | | | | 0 | |
| | Assimilação dos conteúdos | X | | | | | | | | 1 | |
| | Adaptação ao modelo escolar | X | | | X | | | | | 2 | |
| Anos de retenção | 1º Ciclo | | X | | X | | X | X | | 4 | |
| | 2º Ciclo | X | | X | X | | | | | 3 | |
| | 3º Ciclo | | X | | | | X | X | | 3 | |
| Total | | 3 | 2 | 1 | 3 | 1 | 2 | 2 | 0 | | 14 |

Marcas positivas

Relativamente a esta subcategoria o único indicador referenciado foi o da “Adaptação ao modelo escolar” por F5: “O meu percurso escolar foi na Alemanha, sou filha de emigrantes, eu saí de Portugal com 3 anos, nunca estudei em Portugal... o falar português..., o escrever português... aprendi sozinha... tive um percurso escolar na Alemanha, onde nunca chumbei... quando cheguei a Portugal fiz uma reciclagem numa escola... o 9º ano já o fiz aqui, em Portugal, nas novas oportunidades... e agora estou aqui nos EFA...”.

Para os indicadores “Bons resultados”; “Professores”; “Ser um sonho” e “25 de abril” não obtivemos nenhuma referência, como já tínhamos observado.

Relativamente à subcategoria “Marcas negativas” o indicador mais referenciado foi “Adaptação ao modelo escolar” com 25%. F1 “A partir do 25 de abril, foi uma época em que tudo era permitido, e depois pronto a pessoa ía para a escola e por qualquer motivo não havia aulas, ou era por isto ou por aquilo. No ano a seguir, ainda continuei na escola e

depois comecei a namorar, casei-me, tive filhos e deixei os estudos...”. F4 mencionou que a nível médico “... aos quatro anos fui considerado autista”.

Quanto ao indicador “Assimilação dos conteúdos” apenas F1 disse que “Estudava à noite, mas era difícil porque eram muitas disciplinas”.

Relativamente à subcategoria número de “Anos de retenção” e as suas causas, no 1º, 2º e 3º ciclos foi no indicador do “1º ciclo” que houve mais retenções (50%) enquanto no 2º e 3º ciclos 38% dos participantes ficaram retidos. Salientamos que F5 e F8 nunca ficaram retidos nos seus percursos até ao 9º ano mas houve participantes que ficaram retidos em vários ciclos: F2, F4, F6 e F7. De entre estes últimos, verificámos que F2, F6 e F7 (38%) ficaram retidos no 1º e 3º ciclos.

Quanto ao indicador “1º ciclo” expõem: F2 “Fiz o 1º até 3º ano, em Angola, depois vim para Portugal, com 8 anos. Quando cheguei a matéria era muito diferente... eu andava na escola pública em Angola e não se aprendia nada, eu vim burra não sabia ler nem nada... lá as pessoas passavam porque os pais davam dinheiro... então fui novamente para o 1º ano aqui, com 8 anos”. F4 “Andei na pré-primária em Loures, perto de casa, mas com os meus problemas... aos 4 anos não falava... acho que era autista, (...) aos 5 anos conheci o racismo...”. F6 “Entrei no 1º ano em S. Tomé tinha eu sete anos, e fiz o 1º, 2º, 3º e reprovei no 4º ano, não sei porquê era bom aluno, devia ter acontecido algum percalço e, portanto, reprovei”. F7 “Chumbei logo no 1º ano. No 2º ano, as companhias, juntei-me a meninas que eram iguais a mim”.

No “2º ciclo” os participantes retidos aludem o facto de sentirem dificuldades: F1 “...depois no 6º chumbei”. F3 “... tive alguma dificuldade da 4ª para a 5ª porque tive muitas mudanças... mudei... muitas escolas e como estava à guarda da minha tia”. F4 “Depois chumbei no 6º ano... a partir do 4º e 5º anos comecei a sentir dificuldades nas aulas... passei de ano mas com dificuldades... Com explicadores”.

Quanto ao indicador retenção no “3º ciclo” referem: F2 “... eu era a mais velha da turma (*risos*)... e depois continuei até ao 7º ano. No 7º ano chumbei por notas, no 8º chumbei dois anos porque faltava às aulas e porque tinha mudado de escola... aí com as

amizades faltávamos muito à escola, as influências, as festas... Depois quis fazer o curso de *barman* e ficaria com equivalência ao 7º, 8º e 9º anos”. F6 “Depois continuei no 8º ano e também reprovei, por causa de um braço partido. Como tinha o braço ligado não consegui fazer os exames e, portanto, também fiquei retido no 8º. E esse ano marcou-me muito, porque como era bom aluno, reprovar por causa de um acidente... nunca vou esquecer. Depois repeti o 8º ano, passei e fui para o 9º. Fui bom aluno e este ano marcou-me também muito porque fui dispensado dos exames, numa turma de 20 e tal alunos, o único que ficou dispensado, fui eu. Foi uma coisa muito linda...”. F7 “... até ao antigo 5º ano, chumbei umas 3 vezes”.

IX.2.2 Abandono escolar

Nesta categoria, sobre as causas do “Abandono Escolar”, a subcategoria mais referenciada foi, mais uma vez, o “Desejo de independência”, seguida de “Vícios”, “Dificuldades económicas” e “Irresponsabilidade”. A subcategoria “Ofertas de cursos limitadas” não foi mencionada por nenhum participante.

Tabela 27: Categorização das causas do abandono escolar

| Subcategorias | Indicadores | Participantes | | | | | | | | Subtotal | TOTAL |
|--------------------|-----------------------------|---------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|----------|-------|
| | | F 1 | F 2 | F 3 | F 4 | F 5 | F 6 | F 7 | F 8 | | |
| Vícios | Companhias | | | X | | | | X | X | 3 | 3 |
| | Álcool | | | | | | | | | 0 | |
| | Drogas | | | | | | | | | 0 | |
| | Mulheres | | | | | | | | | 0 | |
| Irresponsabilidade | Aliciamento de um professor | | | | | | | | | 0 | 1 |
| | Gravidez | | | | | | | X | | 1 | |

| Subcategorias | Indicadores | Participantes | | | | | | | | Subtotal | TOTAL |
|-----------------------------|----------------------------------|---------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|----------|-------|
| | | F 1 | F 2 | F 3 | F 4 | F 5 | F 6 | F 7 | F 8 | | |
| Desejo de independência | Libertação da pressão dos pais | | | X | | | | | | 1 | 5 |
| | Independência económica | X | X | X | | | | | X | 4 | |
| Dificuldades Económicas | Ajudar a família | | | | | X | X | | | 2 | 2 |
| Ofertas de cursos limitadas | Inexistência do curso pretendido | | | | | | | | | 0 | 0 |
| TOTAL | | 1 | 1 | 3 | 0 | 1 | 1 | 2 | 2 | 11 | |

Relativamente à subcategoria “Desejo de independência” o indicador mais referenciado foi “Independência económica” com 50%. Os participantes queriam começar a trabalhar: F1 “... tinha os meus amigos já a trabalhar... e pedi ao meu pai para começar a trabalhar e fui trabalhar...”. F2 “Criei coragem e comecei a trabalhar... a ganhar dinheirinho...”. F3 “Quando cheguei, em 2002, eu matriculei-me mas aí eu desisti da escola porque tinha um trabalho que viajava por Portugal inteiro e então não dava para ir à escola... mas agora como estou com tempo (...). Eu pensava em jogar futebol. Até joguei como profissional em certos clubes, com 19 anos, só que depois não progredi por falta de um empresário (...) que me apoiasse... que apostasse em mim. Até tive um... Mas depois ele desistiu (...). Também queria dizer que depois daquele certo percurso que tive como atleta, aquela fase acabou... tive também de começar a trabalhar e já não queria voltar ao Brasil e como já estava aqui, na Europa... fiquei. Alguns familiares regressaram mas eu fiquei, insisti e até atualmente... Comecei a trabalhar e desisti de estudar”. F8 “Desisti de estudar para começar a trabalhar”.

Para “Libertação da pressão de familiares” como também é o caso de F3 “... como estava à guarda da minha tia e era muito pressionado por ela (...). Eu sentia uma pressão... até psicológica... estudar? Então fazia o contrário... fugia...”.

Relativamente à subcategoria “Vícios” o único indicador referenciado foi o das “Companhias.”: F3 “... eu fugia (...). Por me sentir pressionado, queriam [os tios] que eu estudasse a toda a hora”. F7 “... juntei-me a meninas que eram iguais a mim e depois fui uma *cabulona*. Chumbei por faltas, ia para o cinema com elas em vez de ir às aulas”. F8 “... como os amigos”.

Na subcategoria “Irresponsabilidade” a “Gravidez” foi referenciada por F7: “Comecei a namorar aos 16 e ele tinha 18 anos e eu tinha 16, eu dava explicações mas depois, olhe... foi assim, as coisas aconteceram e disseram que eu não podia estudar mais, depois entretanto engravidei, depois casei, pronto... ficou assim...”.

A subcategoria “Dificuldades Económicas”, também foi a causa para o abandono escolar, pois os participantes tinham de “ajudar a família” e é mencionada por 25% dos participantes: F5 “Abandonei os meus estudos porque os meus pais eram imigrantes e divorciaram-se... e na Alemanha, como era a primogénita, fui dada ao meu pai e tive de vir com ele para Portugal... O meu pai entretanto refez a vida dele e não havia lugar para mim..., fui entregue a uns primos muito afastados da família, em Benfica... onde fui obrigada a trabalhar, tinha 16 anos. E pronto... já não dava para estudar...”. F6 “O abandono foi por causa das dificuldades financeiras e de viver na roça, em S. Tomé. Depois foi por causa da distância à escola pois os alunos tinham de se deslocar de táxi, não havia meios de transportes públicos. Ainda fiz o 9º ano, com algum esforço por parte de meus pais...”.

F4 menciona o facto de ter abandonado a escola por doença: “Entrei para o secundário com 17 anos e nessa altura estava já muito em baixo, chegava atrasado às aulas porque ficava a dormir e não conseguia estudar porque ficava a dormir (...), e ficava a dormir também nas aulas...”.

Atualmente, F3 e F4 confessam que deixaram a escola porque não gostavam de estudar: F3 “Faltava. Eu fugia... Eu sentia uma pressão... até psicológica... estudar? Então fazia o contrário... fugia”. F7 “Eu era uma *cabulona* dos diabos (...). Nunca gostei de estudar”.

IX.2.3 Escolha da escola

Relativamente a esta subcategoria o indicador mais referenciado foi a “Proximidade da residência” (38%) seguido do “Conhecimento pessoal” (25%) que levaram os participantes à escolha da escola.

Tabela 28: Categorização da escolha da escola

| Subcategorias | Indicadores | Participantes | | | | | | | | Subtotal | TOTAL |
|---------------|---------------------------|---------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|----------|-------|
| | | F 1 | F 2 | F 3 | F 4 | F 5 | F 6 | F 7 | F 8 | | |
| Referências | Conhecimento pessoal | | | | X | | X | | | 2 | 7 |
| | Publicidade | | X | | | | | | | 1 | |
| | Proximidade do trabalho | | | | | X | | | | 1 | |
| | Proximidade da residência | | | X | | | | X | X | 3 | |
| Total | | 0 | | | | | | | | 7 | |

As “Referências” para a escolha da escola foi fundamentalmente a “Proximidade da residência” para F3, F7 e F8 “... por morar perto daqui, nos Anjos, eu venho a pé”; “... proximidade com a minha casa (...), em poucos minutos eu estou aqui”.

O “Conhecimento pessoal” foi referenciado por F4 “... já tinha andado nesta escola (...). Eu quis estudar fora da zona de Loures, porque quis sair do local por causa de certo tipo de vândalos e de bullying...”. F6 “Eu vim para esta escola por conversar com umas amigas minhas e tive conhecimento que tinham aberto inscrições”.

A “Publicidade” foi mencionado por 12,5% dos participantes, assim como a “Proximidade do trabalho, respetivamente”: F2 “... fui à *net* e vi a escola e gostei da escola e da zona”. F5 “... mais perto do local do serviço, do local de trabalho”.

IX.2.4 Motivos do regresso à escola

A quarta categoria de análise refere-se aos motivos que sustentaram o regresso / retorno à escola dos participantes no estudo, sendo também referidos os incentivos que sentiram para (re)ingressar na escola, agora, na frequência do curso EFA-NS, de tipo A. Um regresso à escola tem como suporte motivos ou razões que sustentam não apenas esse regresso mas, também, a permanência na escola.

Tabela 29: Categorização dos motivos para regresso à escola

| Subcategorias | Indicadores | Participantes | | | | | | | | Subtotal | TOTAL |
|---------------------|----------------------------|---------------|----|----|----|----|----|----|----|----------|-------|
| | | F1 | F2 | F3 | F4 | F5 | F6 | F7 | F8 | | |
| Motivos Extrínsecos | Acompanhar um amigo | X | | | | | | X | | 2 | 8 |
| | Tirar boas notas | | | | | | | | | 0 | |
| | Benefícios no emprego | X | | | | | | | | 1 | |
| | Melhoria de salário | | | | | | | | | 0 | |
| | Exemplo para os filhos | | | | | X | | | | 1 | |
| | Ambiente envolvente | | | | | | | | | 0 | |
| | Pedido de familiar | X | X | | X | | | X | | 4 | |
| Motivos Intrínsecos | Dar sentido à vida | | | | | | X | | X | 2 | 11 |
| | “Passar o tempo” | | | | | | | | | 0 | |
| | Gosto pelo conhecimento | | | | | | | | | 0 | |
| | Autoestima | | | X | X | | | | | 2 | |
| | Aquisição de conhecimentos | | | | | X | X | X | X | 4 | |

| Subcategorias | Indicadores | Participantes | | | | | | | | Subtotal | TOTAL |
|---------------|--------------------|---------------|----|----|----|----|----|----|----|----------|-------|
| | | F1 | F2 | F3 | F4 | F5 | F6 | F7 | F8 | | |
| | Realização pessoal | X | | | | | | X | X | 3 | |
| Total | | 4 | 1 | 1 | 2 | 2 | 2 | 4 | 3 | 19 | |

Motivos Intrínsecos

Relativamente a esta subcategoria os indicadores mais referenciados pelos participantes, com o mesmo número de registos, como podemos verificar na tabela supra foi a “Aquisição de conhecimentos” (50%) que foi referenciada por metade dos participantes, e a “Realização pessoal”, seguida da “Autoestima” e “Dar sentido à vida”. É de salientar que os indicadores “Passar o tempo” e o “Gosto pelo conhecimento” não tiveram nenhuma referência”.

O indicador “Aquisição de conhecimento” foi mencionada por F5 “Aperfeiçoar o meu português: a escrever, a falar (...), como eu sempre quis saber mais um bocadinho, para saber escrever melhor e falar o português”. F6 “Eu sempre quis ter conhecimentos”. F7 “Gosto muito de ler, gosto muito de aprender”. F8 “... para ganhar bases”.

O indicador “Dar sentido à vida” foi referido por F6 “... um dos meus sonhos, se calhar é uma utopia, era ser piloto (...). Quero também ter uma carreira musical, ter conhecimentos de música. O que penso fazer... se possível... é seguir uma carreira na comunicação social. Se não for possível queria fazer algo noutra tipo de projetos que eu não sei ainda, mas que são projetos direcionados para países em vias de desenvolvimento. Talvez S. Tomé, Guiné Bissau, Cabo Verde. Projeto na área da agricultura, o segundo projeto era desenvolver uma carreira na área de música, não como artista mas como professor”. F8 “... estava completamente estagnado”.

A “Autoestima”, onde incluímos a autonomia e a confiança em si foi aludido por F3 “Curso de formação de vigilante, que me motivou ainda mais para eu estudar. Para além da formação que eu tive lá na *Prossegur*, motivou-me... ‘puxa eu acho que consigo algo mais’... Para além de eu ter ficado muito tempo sem estudar, para além de uma pessoa ter ficado 10 anos sem escrever, sem estar a praticar nada, fazer um texto, um relato... escrever errado (...). Isso me deu um empurrão, agora eu vou continuar...”. F4 “A razão por que eu quero continuar... Só que eu estou a sentir-me para trás dos meus ex-amigos, e estou a sentir-me um lixo... e por isso eu quero ser visto não como um lixo mas sim como alguém...”.

Motivos Extrínsecos

Nesta subcategoria a mais referenciada, destacando-se das outras foi o “Pedido de um familiar” (50%) e o “Acompanhar um amigo” (25%), os motivos principais dos participantes voltarem à escola. Salienta-se que os indicadores “Tirar boas notas”, Melhoria no salário” e “ambiente envolvente” não tiveram qualquer referência.

Relativamente ao indicador “Pedido de familiar” mencionaram o seguinte: F1 “... por causa da minha mulher”. F2 “Foi inveja das minhas irmãs. Elas entraram na universidade”. F4 “... o psicólogo aconselhou-me a vir para aqui...”. F7 “Foi o meu marido (...). Porque ele me incentivou a pensar (...) porque é que não querei ser mais?”.

Quanto ao indicador “Acompanhar um amigo” F1 e F7 dizem: “De repente, as minhas colegas do meu trabalho também me incentivaram, porque também elas começaram a estudar, e... ‘porque não?’”.

Só F8 mencionou o indicador “Benefícios no emprego”: “Por uma questão profissional. Porque quando fui procurar trabalho tinha as portas fechadas por ter somente o 9º ano”.

F5 mencionou que o que a motivou voltar à escola foi ser um “Exemplo para os filhos”: “Sou divorciada, e o que me motivou, portanto, eu estou com um companheiro, que tem um filho que vai fazer 17 anos, que está connosco também, vai fazer 3 anos, está a ajudar, vive connosco. Só que ele teve uma adolescência com outra família e veio com algumas complicações, desanimou dos estudos, começou a faltar às aulas e nós não tínhamos como conseguir endireitar o caminho dele... Não era nem com castigos, nem a ralhar, de maneira alguma. De maneira em que eu optei por dar o exemplo. E não só... Por outros motivos. Aperfeiçoar o meu português: a escrever, a falar. É um sonho que eu também tenho - estu-

dar. Mas, basicamente e fundamentalmente, foi dar um exemplo a ele e conseguir com isto convencê-lo que tudo é possível”

IX.2.5 Dificuldades sentidas no regresso à escola

A quinta categoria analisada remete para as dificuldades sentidas pelos participantes no regresso / retorno à escola que, se algumas vezes contribuem para que o abandono escolar se repita, outras vezes são superadas, não constituindo um obstáculo à inclusão, à apropriação de conhecimentos e ao aproveitamento académico. Remete ainda para as dificuldades apontadas em conciliar a vida profissional e a vida pessoal e nas dificuldades apontadas em conciliar a vida familiar e a vida pessoal. São também inseridas nesta categoria as alterações que as suas vidas tiveram com o regresso à escola.

Tabela 30: Categorização das dificuldades sentidas no regresso / retorno à escola

| Subcategorias | Indicadores | Participantes | | | | | | | | Sub-total | TOTAL |
|--|-------------------------------------|---------------|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----|-----------|-------|
| | | F 1 | F 2 | F 3 | F 4 | F 5 | F 6 | F 7 | F 8 | | |
| Dificuldades cognitivas | Muitos anos sem estudar | | | X | X | X | | | | 3 | 6 |
| | Ritmo | X | X | | | | | | | 2 | |
| | Falta de conhecimentos informáticos | | | | | | | | X | 1 | |
| Conciliação da vida pessoal e escolar | Problemas com o cônjuge | | | | | | | X | | 1 | 2 |
| | Ajuda psicológica | | | | | | | | | 0 | |
| | Ajuda financeira | | | | | | | | X | 1 | |
| | Ajuda nos conteúdos | | | | | | | | | 0 | |
| | Instabilidade | | | | | | | | | 0 | |
| | Abdicação do lazer | | | | | | | | | 0 | |
| Conciliação da vida profissional e escolar | Coragem | | | | | | | | | 0 | 4 |
| | Cansaço | X | | | | X | | | | 2 | |
| | Carga horária | X | | | | X | | | | 2 | |
| TOTAL | | 3 | 1 | 1 | 1 | 3 | 0 | 1 | 2 | | 12 |

Dificuldades cognitivas

“Muitos anos sem estudar” e entrar num “Ritmo” muito diferente é o que nos salientam vários participantes como dificuldades sentidas no regresso à escola. F3 “As dificuldades que eu tenho, atualmente, são para elaborar um trabalho mais exigente... como a gente fica muito tempo sem praticar a escrita, sem praticar a leitura, tem muitas pessoas que têm dificuldades nesses termos...”. F4 “Estudar. Eu quando entrei para esta escola, quase que tinha aquelas Mega manias de estudar 8 horas e acabei por não fazer nada. Eu desde o 5º ano sempre quis dar o meu potencial...”. F5 “... também os conhecimentos são muito poucos, muito vagos...é pouca base, mas eu acho que o ensino é excelente”. O ritmo e o frio e a chuva de inverno: F1 “... as dificuldades (...) são mais pelo frio, no inverno”. F2 “os primeiros momentos foram difíceis porque a chuva... estou habituada a sair do trabalho e quando chega às 6 horas já estou em casa, e não estava habituada e fez um bocadinho de confusão... comecei a faltar”.

A “Falta de conhecimentos informáticos” foi referido por F8 “Tenho poucos conhecimentos informáticos, e os trabalhos ou faço aqui na BE/CRE, ou faço no computador da minha namorada, mas nem sempre é possível, e pronto... as maiores dificuldades têm sido nos trabalhos que tenho de fazer, *PowerPoint*...”.

Conciliação da vida profissional e escolar

Relativamente a esta subcategoria, os indicadores mais referenciados pelos participantes foi o “Cansaço” (25%), e com a mesma percentagem a “Carga horária”, necessários para poder conciliar a vida profissional com a vida escolar. O indicador “Coragem” nem foi referenciado.

Relativamente ao “Cansaço” referem o seguinte: F1 “Eu à sexta-feira saio daqui cansadíssimo”. F5 “por vezes o cansaço... é natural que eu não consiga compreender melhor. Mas eu não esqueço a escola e tento estudar o máximo que posso”.

Quanto à “Carga horária”, os participantes relatam o seguinte: F3 “Eu trabalho e faço muitas noites e para eu vir para a escola, tenho de fazer bastantes trocas com os colegas de trabalho, para poder vir à escola. Isso também é uma das dificuldades que eu tenho (...), eu

trabalho à noite mas quem ganha o subsídio noturno é o colega para ele me deixar vir para a escola. A empresa facilitou isso por me ter colocado num local de emprego fixo e perto de casa e perto da escola. Isso a empresa facilitou, mas em outros termos, eu tenho de fazer trocas e trocas com os colegas. A gente recebe a escala e eu tenho de seguir aquela escala toda que já está pronta”. F5 “O tempo que tenho disponível é que é pouco...”.

Conciliação da vida pessoal e escolar

Relativamente a esta subcategoria, a que subjaz o papel da família, os indicadores mais referenciados pelos participantes, como podemos verificar na tabela supra foi “Problemas com o cônjuge” F7: “Eu entendi que como ele não tinha objetivo nenhum e entendi porque não posso fazer o mesmo...”. A “Ajuda financeira” também foi referenciada por F8 “Dificuldades é mais a nível económico”.

Os indicadores “Ajuda nos conteúdos”, “Instabilidade” e “Abdicação do lazer” não foram mencionados.

IX.2.6 Vantagens e desvantagens apontadas pelos participantes em relação ao sistema de ensino que frequentam

Nesta categoria, a vantagem que os formandos destacaram foi a de que queriam terminar o ensino secundário o mais rapidamente possível.

Quanto à desvantagem que referiram é que os conteúdos lecionados não davam para fazer o exame a nível nacional para prosseguirem os estudos.

IX.2.7 Relação aluno – ensino secundário

Tabela 31: Categorização da relação aluno – ensino secundário

| Subcatego- rias | Indicadores | Participantes | | | | | | | | Subto- tal | TO- TAL |
|-------------------------|---------------------------------------|---------------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|---------------|------------|
| | | F 1 | F 2 | F 3 | F 4 | F 5 | F 6 | F 7 | F 8 | | |
| Disciplinas do curso | Falta de aulas prá- ticas | | | | | | | | | 0 | 0 |
| | Adequação das disciplinas ao curso | | | | | | | | | 0 | |
| | Organização dos conteúdos | | | | | | | | | 0 | |
| | Número excessivo de disciplinas | | | | | | | | | 0 | |
| Relação entre pares | Interajuda | | | | | | | | | 0 | 2 |
| | Empatia | | X | | | | | | X | 2 | |
| | Lazer | | | | | | | | | 0 | |
| TOTAL | | 0 | 1 | 0 | 0 | 0 | 0 | 0 | 1 | 2 | |

Relativamente a esta categoria, subcategorias e indicadores, o único referenciado, como podemos verificar na tabela supra foi a “Empatia” entre colegas (25%): F2 “...também era aquilo dos colegas, no início tinha uma atrapalhação... com os colegas, os professores e isso. Mas depois começamos a ficar mais unidos e eu acho que comecei a gostar de cá estar”. F8 “Estou a gostar bastante”.

IX.2.8 O papel do formador no sistema de ensino que frequentam

A oitava categoria refere-se à perspetiva que cada participante tem relativamente ao papel do formador no curso EFA-NS. Enquanto membro do sistema de ensino, o professor / formador, as suas práticas letivas, a relação que estabelece com os alunos e a sua preparação para lecionar alunos adultos, é um dos focos de interesse dos alunos e a ferramenta mediadora (Vygotsky, 1978) entre o sistema de ensino, o saber e o aluno.

Tabela 32: Categorização do papel do formador

| Subcate- gorias | Indicadores | Participantes | | | | | | | | Subto- tal | TO- TAL |
|-------------------------------|---|---------------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|--------|---------------|------------|
| | | E 1 | E 2 | E 3 | E 4 | E 5 | E 6 | E 7 | E 8 | | |
| Formação | Preparação para leci- onar alunos adultos | | | | | | | | | 0 | 0 |
| Relação formador- aluno | Respeito mútuo | | | | | | | | | 0 | 7 |
| | Entusiasmo | X | X | | | | | | | 2 | |
| | Compreensão | | | | | | | | X | 1 | |
| | Empatia | X | | | | X | X | | X | 4 | |
| Práticas letivas | Clareza na exposição do professor | | X | | | | X | | | 2 | 2 |
| | Atividades diferenci- adas / trabalhos de grupo | | | | | | | | | 0 | |
| | TPC | | | | | | | | | 0 | |
| Total | | 2 | 2 | 0 | 0 | 1 | 2 | 0 | 2 | 9 | |

Relação formador-aluno

Relativamente a esta subcategoria os indicadores mais referenciados pelos participantes, como podemos verificar na tabela supra, foi a “Empatia” (50%), seguida da “Entusiasmo” do professor (25%).

Quanto à “Empatia” referem o seguinte: F1 “O professor de economia, quanto a mim é um excelente professor. É capaz de... tipo Vitorino Nemésio, torna-se monótono mas vai buscar aquilo e explica. Nota-se que ele tem conhecimento, é boa pessoa. Uma pessoa inteligente. Como eu digo, eu gosto também de, e sempre gostei, de filosofia. Pronto! Puxa-me (...). Eu tento sempre apaziguar as coisas mas há sempre aqueles pequenos conflitos. Mas eu acho que em grupos com 10-15 pessoas não tem de haver esses conflitos”. F5 “[os professores] tentam ir ao pormenor para que eu consiga perceber a matéria”. F6 “Gosto mais de uns do que outros”. F8 “... os professores têm sido todos bons”.

O “Entusiasmo” é aludido por F1 “Eu gosto de professores que façam puxar pela cabeça. A minha inteligência tem de estar à prova”. F2 “A que eu mais gosto é de geografia, porque eu sinto que estou a aprender ali, julgo que eu estou a aprender algo”.

A “Compreensão” F8 refere que “... está a ser bastante positivo”.

Quanto à subcategoria “Práticas letivas”, 25% dos participantes referenciaram o indicador “Clareza na exposição do professor”: F2 “... gosto de todas menos de economia, porque eu não percebo nada (...). Eu penso que quando o professor quer explicar alguma coisa dá um discurso longo e demora a explicar aquilo que nós queremos saber. Por vezes, nós conseguimos saber o que queremos nas palavras perdidas que ele diz. Por exemplo, agora temos um trabalho e para sabermos tivemos que lhe perguntar duas vezes”. F6 “Gosto mais de uns do que outros. Há uns professores que explicam bem e por mais cansaço que eu tenha, consigo. Enquanto outros por mais que voltas que deem não compreendo, não consigo”.

Relativamente às subcategorias “Formação” – “Preparação para lecionar alunos adultos”, assim como as “Atividades diferenciadas / trabalhos de grupo” não foram aludidas.

IX.2.9 Expetativas dos alunos no final do ensino secundário

Relativamente a esta categoria, as subcategorias mais referenciados pelos participantes, como podemos verificar na tabela supra, foram as expetativas “Escolares” (48%), seguida das “Pessoais” (38%) e finalmente das “Profissionais” (14%).

Tabela 33: Categorização das expetativas dos alunos no final do ensino secundário

| Subcategorias | Indicadores | Participantes | | | | | | | | Subtotal | TOTAL |
|---------------|--------------------------------|---------------|----|----|----|----|----|----|----|----------|-------|
| | | F1 | F2 | F3 | F4 | F5 | F6 | F7 | F8 | | |
| Escolares | Ida para a faculdade | X | X | X | X | X | X | X | X | 8 | 10 |
| | Outros cursos | | | | | | X | | X | 2 | |
| Pessoais | Voltar para a terra | | X | X | | | X | | | 3 | 8 |
| | Maior segurança pessoal | | | | | | | | | 0 | |
| | Realização pessoal | | | X | | X | | | X | 3 | |
| | Melhor comunicação com o outro | | | | | | | | | 0 | |
| | Satisfação familiar | | | | | X | | | X | 2 | |
| | Melhor qualidade de vida | | | | | | | | | 0 | |
| Profissionais | Progressão no emprego | X | | | | | | | | 1 | 3 |
| | Melhor salário | | | | | | | | | 0 | |
| | Mudança de emprego | | | X | | | | | X | 2 | |
| Total | | 2 | 2 | 4 | 1 | 3 | 3 | 1 | 5 | 21 | |

Expetativas Escolares

O continuar a estudar e a “Ida para a faculdade” é o desejo de todos os participantes: F1 “Terminar o 12º. E o meu filho também está à espera para seguirmos todos para a faculdade. Ele está a pensar na área de trabalho (...), vou seguir para a universidade”. F2 “Quando terminar o 12º ano é inscrever-me numa explicadora para estudar as disciplinas que eu tenho de fazer os exames para a faculdade e a área em que eu me informei... não sei ... ainda estou indecisa. Isso vai depender de matemática pois todos os cursos agora têm de ter matemática, então, estou a tentar esquivar-me da matemática”. F3 “Eu já penso no futuro, penso em ir mais além. Penso em fazer o curso de geologia, caso não consiga o acesso direto à universidade, vou tentar na UAL, já me fui informar”. F4 “Terminar o 12º ano eu sou tipo paranoias... quando estava num curso profissional... desde há 4 anos atrás eu quis fazer vários cursos universitários, um curso militar e vários curso universitários, mas não sei”. F5 “... penso ser professora de alemão. Espero consegui-lo, é um objetivo”. F6 “... se possível é seguir uma carreira na comunicação social”. F7 “... para me valorizar e não sei se não seguirei depois para a faculdade, depende (...). Com o 12º ano quero ver se consigo ir para a universidade. Não quero ir para a privada. Vamos lá ver se eu consigo passar. Mas não tenho muitas expetativas a nível profissional pois a minha carreira está a acabar. Não sei quantos mais anos...”. F8 “Eu queria ser biólogo, pois são coisas relacionadas coma a natureza”.

Os participantes F6 e F8 põem a hipótese de frequentarem outros cursos, para além da universidade: F6 “um dos meus sonhos, se calhar é uma utopia, era ser piloto... Quero também ter uma carreira musical, ter conhecimentos de... aprender o inglês”. F8 “Eu com 6 anos fiz autópsias a ratos... e gostei... sonhos de criança”.

Expetativas Pessoais

A expetativa pessoal de F2 e F6 é de “Voltar para a terra”: F2 “... quero ir trabalhar para Angola, viver no meu país. (...). Estando lá penso que será mais fácil arranjar emprego”. F6 “Se não for possível queria fazer algo noutra tipo de projetos que eu não sei ainda, mas que são projetos direcionados para países em vias de desenvolvimento. Talvez S. Tomé, Gui-

né Bissau, Cabo Verde. Um Projeto na área da agricultura”. Já F3 gostaria de sair de Portugal para desenvolver os seus estudos: “Eu queria ir para uma área tipo França que eles exploram muito esse tipo de estudo de geologia. França, Alemanha... esses países... e a Holanda”.

Quanto ao indicador “Realização pessoal” os participantes aludem o seguinte: F3 “ter um certo valor...”. F5 “Eu própria vou sentir-me outra pessoa. Aliás ao fim de um ano letivo eu sinto-me outra pessoa. Com mais conhecimentos adquiridos e é bom para mim. Sinto-me feliz por isso”. F8 “... queria mais conhecimento (...). Realização pessoal”.

Relativamente à “Satisfação familiar” 25% dos participantes manifestaram o seguinte: F5 “... conseguir também transmitir ao meu enteado muita força para ele me seguir que eu acho que ele vai conseguir”. F8 “É muito importante tanto para mim como as pessoas ao meu redor que apostaram em mim”.

Os indicadores “Maior segurança pessoal”, “Melhor comunicação com o outro”, “Melhor qualidade de vida” não tiveram unidades de registo.

Expetativas Profissionais

O indicador “Mudança de emprego” foi referenciada por 25% dos participantes: F3 “... procurar uma profissão melhor...” e F8 “... surjam nas novas oportunidades de trabalho... Quero realizar-me profissionalmente”.

Já F1 indicou a “Progressão no emprego”: “... subir na carreira”.

A expetativa de um “Melhor salário” na subcategoria “Profissional” não obteve qualquer registo.

Síntese do secretário

A síntese do secretário¹⁷, um dos colegas dos participantes deste estudo, foi feita de uma forma crítica no final do *focus group*. A sua atenção focalizou-se mais nas motivações

¹⁷ O secretário não foi participante do *focus group* porque tinha apenas 28 anos, por isso foi escolhido para secretariar a entrevista.

e expectativas dos participantes: “Vou começar a dividir isto por temas principais, entre os quais se incluem as motivações e as expectativas de cada um. As motivações são aqueles sonhos de criança - de parte do F8, por exemplo, queria ser biólogo marinho, do F6 não sei se é de infância se é de adolescência, seguir uma carreira musical e também ser piloto. Também da parte do F8 outra vez, tinha o sonho de ser fisioterapeuta, acho que ‘o sonho comanda a vida’, como toda a gente diz e acho que, sem estas pequenas vontades não há assim uma motivação, quer dizer, estes pequenos sonhos dão assim uma certa motivação para o que estão a fazer agora. As motivações (...) do F1, contou um episódio de passar aqui em frente à escola e sentir o cheiro característico do edifício, ou será das tílias, não sei. Se calhar com o cheiro foi buscar uma parte da infância, e pronto. Coloquei “ambição” barra “amigável” por parte dali da F7 que foi incentivada, não sei bem se pelo marido [que não tinha objetivo nenhum] ou se foi pelas amigas (...) que também regressaram à escola (...). Não no mau sentido, mas um sentido de inferioridade por parte do F8 e do F4. Por ver os amigos um bocado melhor, num nível mais acima, como por exemplo a trabalhar, a ter o seu dinheiro. Acho uma boa motivação, essa de seguir as pisadas dos amigos. Mas não no mau sentido. Por sentirem que o outro trabalha e tu não. Eu também posso sentir o mesmo, não me importo de dizer. Depois para conseguir algo mais, pela parte da F3. De tirar um curso de vigilante. Isso deu-lhe a motivação de querer tirar mais... e ‘o saber não ocupa lugar’, não é? E relativamente a F5 foi o aperfeiçoar a língua portuguesa, visto que é filha de imigrantes e imigrante desde muito nova (...). O aperfeiçoar a língua portuguesa como a escrita e a leitura. Acho isso também uma motivação interessante, visto que é a nossa língua (...).

Agora, acerca das expectativas. Todos os que fizeram parte deste grupo disseram que é para uma maior valorização pessoal. Optarem por tirar um curso EFA é também o meu exemplo... O F1 referiu o melhoramento das competências, se não me engano, ou foi mais algo que agora não me recordo. O acabar os estudos foi uma opinião geral, da maioria dos que estão aqui. E ainda o F1 e F3, se não me engano, disseram que era para procurarem um trabalho melhor. Ter uma subida de carreira (...), uma valorização profissional... O F4 era arranjar trabalho. Também é o meu. Também foi uma das expectativas para mim, vir tirar este curso. Da maioria é tirar o 12º, pois sem isso já não se vai a lado nenhum (...).

Depois, a maioria destes participantes quer é seguir para a universidade, tirar um curso superior, adquirir conhecimento para além da própria experiência de vida, seguir um curso destes só se tem de se aprender mais. Para o F6, seguir a sua carreira musical... uma boa expectativa... eu não percebo de música mas acho que sim... para o F3, seguir o percurso na geologia visto ele já ter experiência nesse ramo. E acho bom. Se se gosta do que se fez que continue. Ainda o F6, gostaria de seguir uma carreira [na área] de comunicação social. E não vou discutir isto, porque é o gosto de cada um e acho bem que se acha que é isso que gosta de fazer, deve mesmo continuar. Provavelmente, está no bom caminho. Ali a F5 parece que estava encaminhada para ser professora de alemão. Também era uma das línguas que eu gostava de aprender, pois quando entrei para o secundário, foi a segunda língua que eu escolhi mas [a turma] não chegou a abrir, e optei pelo francês. Só tem o meu apoio, como eu digo a F6 e a toda a gente que está aqui: se há uma coisa de que gostam, porque não? A gente sem experimentar não sabe, não é? Não se pode estar sempre a viver naquele sonho... Acho que deve continuar, pois tem um historial de imigração na Alemanha... é uma grande ajuda para fazer isso.

Agora (...) sobre os sentimentos do grupo: isto é normal, pois se eu tivesse falado... sentiria um certo nervosismo. Mas é normal. O F4 sente uma rejeição da sociedade, há ali uns conflitos internos. Uma espécie de rancor, como já foi aqui dito. Mas ele é que sabe. Ainda o F6 com uma certa emoção aquando falou de uma certa parte da sua adolescência. Senti uma certa participação do F6 sempre a querer entrar no debate, nas alturas certas. Um certo orgulho em certas experiências de vida. Mesmo com um certo obstáculo a pessoa não pode estar mais orgulhosa de si mesmo. Por ter vencido essas dificuldades e continuar a vencê-las atualmente. As diferenças são os percursos de vida, pois a idade não é toda igual e a vida atual é muito diferente de todos que estamos aqui, com algumas dificuldades financeiras... Isso toca a todos. Algumas dificuldades familiares ali da parte do F5, com uma certa dificuldade na criação de um dos elementos da família... mas também serviu de motivação para ela continuar a estudar e as dificuldades em conciliar o trabalho com a escola... Da parte do F4 há ali um preconceito. Um bocado de imaginação fértil (...).”

No final da exposição do secretário foi perguntado se algum dos participantes queria acrescentar mais alguma coisa e foi encerrada a entrevista pela investigadora.

IX.3 Síntese comparativa dos dois estudos

Apresentamos, de seguida, uma síntese comparativa dos estudos I, com participantes que frequentaram o ensino recorrente de nível secundário por módulos capitalizáveis no ensino noturno, e do estudo II, com participantes que frequentaram o curso EFA-NS, de tipo A, em uma escola do centro de Lisboa.

Os participantes do estudo I completaram o ensino secundário, nos três anos previstos para a conclusão do seu percurso formativo, em 2007 e foram entrevistados individualmente – estudos de caso - entre 29 de abril de 2008 e 23 de fevereiro de 2009. No estudo II, o *focus group* foi realizado em 30 de maio de 2011, com participantes que estavam a acabar o seu percurso formativo de nível secundário, de dois anos. O sucesso depende em grande parte da capacidade de autorrealização (Maslow, 1970).

Como se pode verificar na tabela seguinte, o género dos participantes (de ambos os estudos) é predominantemente masculino (71% no estudo I e 63% no estudo II), com idade compreendida entre os 33 e 45 anos (57% e 63%, respetivamente), casados (79% e 50%, respetivamente), sem filhos (29% e 50%, respetivamente), empregados (93% e 88%, respetivamente) e a sua origem é de Lisboa (57% e 63%, respetivamente). A maior parte dos participantes do estudo I frequentou o ensino recorrente por módulos capitalizáveis (ensino regular) no curso de Ciências Sociais e Humanas (42%).

No século XXI, o adulto é considerado como um estado inacabado, sujeito a um contínuo processo de construção e desenvolvimento, o adulto “é entendido doravante como perspectiva, uma maturidade vocacional nunca atingida, mas em contínua conquista” (Boutinet, 2000: 17), deixando, a partir de 1990, de ser definido como o indivíduo equilibrado, estável, instalado e, conseqüentemente, rotineiro, isto é, um adulto como estado terminado e estático, como era considerado anteriormente. É de salientar que o participante mais novo (33 anos, F3) – no início do curso – pertence ao curso EFA-NS e o participante mais velho (65 anos, E12) ao curso do ensino recorrente de nível secundário.

Tabela 34: Comparação das características dos participantes nos dois estudos

| Subcategorias | Indicadores | ESTUDO I Estudos de caso | ESTUDO II <i>Focus Group</i> |
|--------------------------|-------------------------------|-----------------------------|---------------------------------|
| Género dos participantes | Masculino | 10 - 71% | 5 - 63% |
| | Feminino | 4 - 29% | 3 - 37% |
| Idade | 33-45 | 8 - 57% | 5 - 63% |
| | 46-55 | 4 - 29% | 3 - 37% |
| | 56-65 | 2 - 14% | 0% |
| Estado civil | Solteiros | 3 - 21% | 4 - 50% |
| | Casados | 11 - 79% | 4 - 50% |
| N.º de filhos | 0 | 4 - 29% | 4 - 50% |
| | 1 | 4 - 29% | 3 - 37% |
| | 2 | 4 - 29% | 1 - 13% |
| | 3 | 1 - 7% | 0% |
| | 4 | 1 - 7% | 0% |
| Profissão | Empregados | 13 - 93% | 7 - 88% |
| | Desempregados | 1 - 7% | 1 - 12% |
| Origem | Lisboa | 8 - 57% | 5 - 63% |
| | Fora de Lisboa | 6 - 43% | 3 - 37% |
| Cursos | CSH | 6 - 42% | -- |
| | Técnico de In- formática | 4 - 29% | -- |
| | Técnico de Con- tabilidade | 4 - 29% | -- |
| | EFA-NS | -- | 8 - 100% |

Relativamente ao estado civil, salientamos alguns dados relevantes: No estudo I, em 2004, tínhamos 79% dos participantes casados ou em união de facto. No fim do seu percurso formativo, dos 79%, 46% tinham mudado o seu estado civil, a saber: E1, E2, E3, E9 e E14 divorciaram-se e E5, E6 e E10 viram o seu matrimónio bastante abalado. Os solteiros, di-

vorciados ou viúvos continuaram com o mesmo estado civil. Salientamos, mais uma vez, que o grupo II é mais novo.

Segundo Schaie e Willis (2003), a transição para a idade adulta está marcada por uma série de acontecimentos, sendo os mais comuns o final da escolarização, o trabalhar e ser economicamente independente, viver fora da família, o ter um casamento e o praticar a paternidade ou a maternidade. Estes acontecimentos podem ocorrer de forma sequencial ou simultânea e o momento e o padrão podem variar segundo os indivíduos e a sua geração. Estes acontecimentos estão determinados pelas expectativas sociais e os cenários históricos. Assim, no estudo II, como referimos, em 2009, no início do percurso formativo, o estado civil dos participantes era de 50% casados e 50% solteiros. Em 2011, aquando do *focus group*, F7 tinha-se divorciado e F3 e F8 (solteiros, na altura) viviam em união de facto e este último já tinha o seu primeiro filho.

As marcas positivas e negativas do percurso escolar até ao final do 9.º ano praticamente não tiveram relevância no estudo II, por isso optámos aqui, na síntese comparativa, por apenas aludir às retenções nos diferentes ciclos, como verificamos na tabela seguinte. Salientamos, todavia, que 64% dos participantes (do estudo I) manifestaram que tinham tido bons resultados (marca positiva). No entanto, 50% dos participantes (do estudo II) ficaram retidos 2 ou mais anos durante os três ciclos.

Comparativamente às retenções por ciclos também são diferentes em ambos os estudos. No estudo I, maioritariamente os participantes ficaram retidos um ou mais anos no 3.º ciclo (71%), a saber, E1, E2, E4 (três vezes) e E9 no 7.º ano; no 8.º ano, ficaram retidos E3, E7, E11 e E14 e no 9.º ano, E3, E4, E8, E10, E13 e E14; enquanto no estudo II os participantes ficaram retidos no 1.º ciclo (50%). Apesar do grupo II ter uma média de idades mais nova, não há justificação para tanta retenção no 1.º ciclo, pois com todas as pedagogias diferenciadas ultimamente aplicadas, a articulação curricular e nessa altura, o sistema não admitia retenções. Contudo, salientamos que houve 7% e 25% dos participantes, respetivamente, que não tiveram qualquer retenção na modalidade dos cursos que frequentaram.

Tabela 35: Comparação do percurso escolar até ao 9º ano

| Retenções | ESTUDO I Estudos de caso | ESTUDO II <i>Focus Group</i> |
|---------------|-----------------------------|---------------------------------|
| 1.º Ciclo | 4 - 29% | 4 - 50% |
| 2.º Ciclo | 6 - 43% | 3 - 37% |
| 3.º Ciclo | 10 - 71% | 3 - 37% |
| Sem Retenções | 1 - 7% | 2 - 25% |

Segundo Baltes (1995), os estudos demonstram que durante a vida adulta os indivíduos “continuam a ser desafiados pelas suas próprias expectativas quanto ao futuro, por novas exigências ambientais, pelo desejo de progresso e pela contínua preocupação com o senso de controlo, a integração e a produtividade social” (Neri, 1995: 12). Para mais, para que o indivíduo mantenha o seu bem-estar físico e social e acompanhe as mudanças e exigências da sociedade, é necessário levar em consideração o ambiente em que vive, os valores sociais e individuais, bem como as circunstâncias da sua história de vida, por isso as causas de retenção que levaram ao abandono escolar foram diversas, como podemos observar na tabela seguinte. No estudo I as causas do abandono principais foram “ajudar a família” (71%) e a “independência económica” (64%) e o “álcool” – E3, E8 e E9, enquanto no estudo II foram a “independência económica” (50%), seguida dos “vícios”, nomeadamente as “más companhias” (37%). Notamos que a “independência económica” continua a ser um elemento interessante nos jovens ao quererem emanciparem-se cada vez mais novos, apesar da crise.

Tabela 36: Comparação das causas de retenção até ao 9º ano

| Subcategorias | Indicadores | ESTUDO I Estudos de caso | ESTUDO II <i>Focus Group</i> |
|---------------|-------------|-----------------------------|---------------------------------|
| Vícios | Companhias | 2 - 14% | 3 - 37% |
| | Álcool | 3 - 21% | 0% |
| | Drogas | 2 - 14% | 0% |
| | Mulheres | 2 - 14% | 0% |

63%

| Subcategorias | Indicadores | ESTUDO I Estudos de caso | ESTUDO II <i>Focus Group</i> |
|-----------------------------|----------------------------------|-----------------------------|---------------------------------|
| Irresponsabilidade | Aliciamento de um professor | 1 - 7% | 0% |
| | Gravidez | 2 - 14% | 13% |
| Desejo de independência | Libertação da pressão dos pais | 5 - 36% | 1 - 13% |
| | Independência económica | 9 - 64% | 4 - 50% |
| | Rebeldia | 5 - 36% | 0% |
| Dificuldades Económicas | Ajudar a família | 10 - 71% | 2 - 25% |
| Ofertas de cursos limitadas | Inexistência do curso pretendido | 7 - 7% | 0% |

A escolha da Escola, no centro de Lisboa, foi referida por conhecimento pessoal (71% e 25%) e por estar próxima da residência dos participantes (57% e 37%).

Tabela 37: Comparação da escolha da escola

| | ESTUDO I Estudos de caso | ESTUDO II <i>Focus Group</i> |
|---------------------------|-----------------------------|---------------------------------|
| Conhecimento pessoal | 10 - 71% | 2 - 25% |
| Proximidade da residência | 8 - 57% | 3 - 37% |

Ao contrário do que era aceite anteriormente, o desenvolvimento não para repentinamente após a adolescência (Papalia e Olds, 2000).

Para Mosquera (1982), a adultez média pode começar entre os 35 a 40 anos e termina entre os 65 e 70 anos (as pessoas veem-se implicadas no cuidado dos seus filhos adolescentes e jovens e, consequentemente, dos seus pais que envelheceram; estas três gerações frequentemente estão em contacto, na nossa sociedade).

No adulto médio, segundo Mosquera (1987: 96), existe uma tendência à extroversão, isto é, uma visualização para o mundo exterior. O adulto médio sente-se possuído por interesses objetivos, deseja ser eficaz e ter êxito. Provavelmente, para dar mais firmeza e conteúdo à segurança da sua própria pessoa.

O que motiva o adulto, nesta fase, é a própria disponibilidade. Assim, pode ser que na adultez média inicial se revele um adulto que se preocupa mais com os outros indivíduos à sua volta do que propriamente com seus desejos e perspectivas, que resultem em consequências positivas ou negativas nas suas subjetividades. Mosquera (1982: 101) salienta que “muitos dramas se escondem entre os 40 e 50 anos de idade: fracassos afetivos, sexuais, medos, ansiedades e angústias”, mas os nossos participantes, com o seu potencial resiliente, abarcaram distintas aprendizagens.

Para Santos e Antunes (2007) a adultez apresenta-se com novas responsabilidades, nos novos referenciais de existencialidade, nas novas conquistas, na procura de um maior entendimento, sendo esta a mais abrangente etapa da vida humana.

Segundo Murray (1986: 20), a motivação representa “um fator interno que dá início, dirige e integra o comportamento de uma pessoa”. Esta noção que vincula a motivação a uma energia interna é também compartilhada por outros teóricos. Para Garrido (1990), a motivação é um processo psicológico, uma força que tem origem no interior do indivíduo e que o empurra, o impulsiona a uma ação. Na opinião de Pfromm (1987: 112), “os motivos ativam e despertam o organismo, dirigem-no para um alvo em particular e mantêm-no em ação”. Pérez López (1991) distingue três tipos de motivações, que denomina respetivamente motivação extrínseca, intrínseca e transcendente. Esta diferenciação apoia-se na observação de que toda a ação humana se realiza num ambiente - por exemplo, a organização - e que gera consequências em três dimensões diferentes.

A motivação intrínseca define-se operacionalmente em duas formas: (1) participação voluntária numa atividade, em “aparente” ausência de recompensas ou pressões externas; e, (2) participação numa atividade, pelo interesse, satisfação e prazer que obtêm desse envolvimento (Vallerand, Deci, e Ryan, 1987).

A motivação intrínseca é o fenómeno que melhor representa o potencial positivo da natureza humana, sendo considerada por Deci e Ryan (2000), Ryan e Deci (2000), entre outros, a base para o crescimento, integridade psicológica e coesão social. Assim, um aluno adulto motivado intrinsecamente é aquele cujo envolvimento e manutenção na atividade acontece pela tarefa em si, porque é interessante e geradora de satisfação. Alunos com este

tipo de motivação trabalham por considerarem isso agradável (Vallerand et al., 1992; Pintrich e Schunk, 2002), como poderemos ver na tabela seguinte.

Os motivos extrínsecos mais influentes para os participantes voltarem à escola foram diferentes em ambos os estudos. No estudo I foi terem “benefícios no emprego” (37%, talvez por serem mais velhos) e no estudo II foi a “pedido de um familiar” (50%) que estes regressaram à escola. Já os motivos intrínsecos para os participantes de ambos os estudos foram a “aquisição de conhecimentos” (71% e 50%, respetivamente) e a “realização pessoal” (71% e 37%, respetivamente), ao contrário de Knowles (1986) que aborda comparativamente os modelos pedagógicos e os andragógicos e, por exemplo, relativamente ao papel da motivação, diz-nos que são os fatores internos (satisfação, autoestima, qualidade de vida, etc.) que motivam os adultos para a aprendizagem. Os outros dados são diluídos.

Tabela 38: Comparação dos motivos do regresso à escola

| Subcategorias | Indicadores | ESTUDO I Estudos de caso | ESTUDO II <i>Focus Group</i> |
|---------------------|----------------------------|-----------------------------|---------------------------------|
| Motivos extrínsecos | Benefícios no emprego | 5 - 37% | 0% |
| | Pedido de um familiar | 2 - 14% | 4 - 50% |
| | Acompanhar um amigo | 0% | 2 - 25% |
| | Exemplo para o filho | 0% | 1 - 13% |
| Motivos intrínsecos | Aquisição de conhecimentos | 10 - 71% | 4 - 50% |
| | Realização pessoal | 10 - 71% | 3 - 37% |
| | Autoestima | 7 - 50% | 2 - 25% |
| | “Dar sentido à vida” | 5 - 36% | 2 - 25% |

As “dificuldades no regresso à escola”, sentidas pelos participantes, na “conciliação da vida pessoal e escolar” também foram diferentes em ambos os estudos. No estudo I, foi assinalado por 50% dos participantes a “abandono do lazer” (0% no estudo II) como dificuldade em “conciliar a vida pessoal com a vida escolar” e outra dificuldade, esta assinalada em ambos os estudos foi “problemas com o cônjuge” (43% e 13%, respetivamente).

Na “conciliação da vida profissional e a escolar” as dificuldades sentidas também foram diferentes nos dois estudos. Enquanto no estudo I, 64% dos participantes assinalaram a “coragem” para continuarem a estudar e não desistirem, no estudo II nem referiram este indicador. O indicador “cansaço” já foi referido pelos participantes de ambos os estudos (50% e 25%, respetivamente). Salientamos ainda que no estudo II, 37% dos participantes, mais novos, logo há menos tempo sem estudar, referem o indicador “muitos anos sem estudar”. Podemos aferir que o grupo II tem modos de estar na vida diferente da do grupo I.

As dificuldades cognitivas predominantes, sentidas pelos participantes, também foram diferentes em ambos os estudos. Enquanto o “ritmo” (64%) de voltar à escola foi uma dificuldade para os participantes do estudo I, para os participantes do estudo II, apenas o referiram 25%, por sua vez, o indicador “muitos anos sem estudar” foi referido em ambos os estudos (36% e 37%, respetivamente).

Tabela 39: Comparação das dificuldades no regresso à escola

| Subcategorias | Indicadores | ESTUDO I Estudos de caso | ESTUDO II <i>Focus Group</i> |
|---|-------------------------|-----------------------------|---------------------------------|
| Conciliação vida pessoal e escolar | Abdicação do lazer | 7- 50% | 0% |
| | Problemas com o cônjuge | 6 - 43% | 1 - 13% |
| | Ajuda financeira | 0% | 1 - 13% |
| Conciliação vida profissional e escolar | Coragem | 9 - 64% | 0% |
| | Cansaço | 7 - 50% | 2 - 25% |
| | Carga horária | 5 - 36% | 2 - 25% |
| Dificuldades cognitivas | Ritmo | 9 - 64% | 2 - 25% |
| | Muitos anos sem estudar | 5 - 36% | 3 - 37% |
| | Falta de conhecimentos | 0% | 1 - 13% |

Relativamente às vantagens e desvantagens do tipo de ensino que os participantes frequentaram, os do estudo I foram os mais críticos. No entanto, queremos clarificar alguns conceitos dos indicadores que poderão parecer sinónimos. Utilizámos o indicador “balanço positivo” no sentido de apesar das abanadelas ou oscilações do curso, pendeu para o posi-

tivo. Quanto ao indicador “gratificante” queremos referir como alguma coisa que causa/ou satisfação, isto é, contentamento interior. Finalmente, o indicador “valeu a pena” foi utilizado no sentido de compensação, que mereceu o esforço feito, que foi vantajoso.

A vantagem mais salientada foi ter sido “positivo” (57%), seguido da obtenção de “mais conhecimento” (43%). Quanto à desvantagem não houve nenhuma que se salientasse.

No estudo II a vantagem que os formandos destacaram foi a de que queriam terminar o ensino secundário o mais rapidamente possível e que os conteúdos lecionados (as UFCD são bastante diferentes do ensino regular) não davam para fazer o exame a nível nacional

Alcalá (1997: 18) coaduna-se com o pensamento de Knowles e caracteriza que a andragogia “sendo parte da antropologia e estando imersa na educação permanente, desenvolve-se através de uma *praxis* fundamentada nos princípios da participação e horizontalidade”. O processo educativo é orientado pelo facilitador da aprendizagem (professor), com o propósito de incrementar o pensamento, a autogestão, a qualidade de vida e a criatividade do participante adulto, com vistas a lhe proporcionar uma oportunidade para que atinja a autorrealização (ibidem: 20). O pensamento andragógico parte de uma visão alargada da pessoa adulta, uma vez que permite ao indivíduo elaborar o conhecimento a partir da sua visão de mundo, considerando o ambiente social e de acordo com a experiência de vida pessoal, coletiva e institucional.

Para Márquez (1998), a metodologia que suporta o desenvolvimento deste processo educativo é a investigação-ação participativa; e a sua fundamentação assenta na possibilidade do processo da aprendizagem autodirigida, que é o que acontece nos cursos EFA-NS (estudo II).

Partindo da observação de Miller (citado por Cavalcanti, 1999) que afirma: os “adultos retêm apenas 10% do que ouvem após 72 horas, mas são capazes de lembrar 85% do que ouvem, veem e fazem após as mesmas 72 horas”, fica então claro que o “ouvir” e o “fazer” tornam-se os procedimentos fundamentais na aprendizagem de adultos.

Não basta apenas, portanto, o envolvimento do ser humano na esfera do “pensar”, através de estímulos lógicos e racionais. É necessário o envolvimento na esfera do “sentir”, proporcionando estímulos interiores e emocionais. Desta forma, o “sentir” estimula o “querer”, transformando em “vontade” e “ação”.

Segundo a Andragogia, o ensino deve ter em conta a experiência de vida do aluno, a situação deste (se ele trabalha ou não, por exemplo) e como o conteúdo está a ser passado (pode ser discutido pensando-se no dia a dia e nas situações quotidianas, por exemplo). Muitas das diversas experiências podem ser desenvolvidas a partir da atitude do professor, pois não há técnicas pré-formatadas para isso (Goecks, 2003). Estas experiências devem contemplar não só o ensino em si, mas também o sistema de avaliação, do qual o aluno também pode e deve ajudar na planificação, que é o que acontece nos cursos EFA-NS.

Quanto à desvantagem que os participantes do estudo II referiram é que os conteúdos lecionados não davam para fazer o exame a nível nacional para prosseguirem os seus estudos.

Tabela 40: Comparação das vantagens e desvantagens do tipo de ensino

| Subcategorias | Indicadores | ESTUDO I Estudos de caso | ESTUDO II <i>Focus Group</i> |
|---------------|-------------------------|-----------------------------|---------------------------------|
| Vantagens | Balanço positivo | 8 - 57% | 0% |
| | Ganho nas amizades | 2 - 14% | 0% |
| | Mais conhecimento | 6 - 43% | 0% |
| | Gratificante | 4 - 29% | 0% |
| | Valeu a pena | 4 - 29% | 0% |
| Desvantagens | Trabalhar e estudar | 1 - 7% | 0% |
| | Saúde | 1 - 7% | 0% |
| | Fim do casamento | 1 - 7% | 0% |

Os participantes dos cursos tecnológicos referiram a falta de aulas práticas e a má organização dos conteúdos, pois muitas vezes, em disciplinas diferentes e técnicas, davam exatamente a mesma coisa. No estudo I, ensino recorrente, os participantes queixaram-se essencialmente de só terem uma hora e meia por semana de língua estrangeira (seja ela de

iniciação ou de continuação) o que é francamente pouco numa sociedade cada vez mais com tecnologias avançadas e num mundo global onde a língua inglesa impera. O número excessivo de disciplinas para quem estuda à noite, depois de um dia de trabalho também foi referido pelos participantes.

A relação do aluno / formando com o ensino secundário foi evidenciado no estudo II, por 25% dos participantes, que a “empatia”, no sentido de ajudar, de saber ouvir os outros, de compreender os seus problemas e emoções, entre colegas foi muito importante. Já no estudo I, a “interajuda” (50%) na relação entre pares e a “adequação das disciplinas ao curso” (50%) foram as mais demonstradas e terá sido esta a grande motivação para que estes alunos não tenham desistido e terem cumprido o seu percurso formativo.

Tabela 41: Comparação da relação aluno com o ensino secundário

| Subcategorias | Indicadores | ESTUDO I Estudos de caso | ESTUDO II Focus Group |
|----------------------|------------------------------------|-----------------------------|--------------------------|
| Disciplinas do curso | Falta de aulas práticas | 5 - 36% | 0% |
| | Adequação das disciplinas ao curso | 7 - 50% | 0% |
| | Organização dos conteúdos | 5 - 36% | 0% |
| | Número excessivo de disciplinas | 2 - 14% | 0% |
| Relação entre pares | Interajuda | 7 - 50% | 0% |
| | Empatia | 5 - 36% | 2 - 25% |
| | Lazer | 6 - 43% | 0% |

Relativamente ao papel do professor / formador os participantes focaram a “compreensão” (71% e 13% respetivamente), a “empatia” (64% e 50%) e o “entusiasmo” (29% e 25%) como as características essenciais para uma boa relação entre o professor e a turma.

Sobre as práticas letivas, 25% dos participantes do estudo II salientam a “clareza na exposição” por parte dos professores enquanto para os participantes do estudo I é mais importante são as “atividades diferenciadas” e os TPC (29%) onde reveem novamente os conteúdos.

O autoconceito e a autoestima do professor quando são frágeis ou estão temporariamente baixos, este tenderá a tomar atitudes rígidas, inflexíveis, aumentando o *stress* dos alunos (Brundage e Mackeracher 1980: 70). Uma autoestima e um autoconceito adequados podem ter um aspeto positivo sobre as relações que o professor estabelece com os seus alunos. Neste aspeto, o fundamental é uma atitude de respeito e valorização dos alunos por parte de quem ensina.

Knowles et al. (2001: 167) resume as características do professor andragógico: habilidades / capacidades (no poder do conhecimento e da sua preparação); empatia (faculdade de compreensão e de consideração); entusiasmo (faculdade de compromisso e de animação); clareza (faculdade de linguagem e de organização).

Estas características só resultam dentro de um contexto favorável (Infante, 2004: 159). Um professor dificilmente pode ser motivador, apesar das suas características específicas, se está num clima institucional tóxico, se o seu papel social não está valorizado, se não está bem remunerado ou se não está bem de saúde e / ou *stressado*.

Brundagee e MacKeracher (1980) diferenciam três estilos de ensino gerais: o estilo diretivo, o estilo facilitador e o estilo colaborativo. Para estes autores, os três estilos não são independentes entre si, ou seja, o professor deve usar cada tipo flexivelmente, segundo as condições de cada processo educativo e a cada momento concreto dentro deste. O estilo diretivo é recomendável para o ensino (com um período curto de tempo) para desempenhos e conhecimentos mais específicos, necessários para determinadas tarefas. É aconselhável para a aprendizagem de domínio, as necessidades de ganho e de lucro e o fortalecimento da autoestima dos alunos. O estilo facilitador é especialmente adequado quando se procura que o aluno descubra e crie significados pessoais a respeito da sua aprendizagem e não se tem restrições de tempo. Favorece os sentimentos de pertença, de identificação pessoal e de autoestima, assim como a aprendizagem de domínios que requerem um compromisso pessoal. Por fim, o estilo colaborativo é apropriado quando se procura que o professor e os educandos construam conjuntamente significados, valores, habilidades e estratégias, assim como para formar uma “comunidade de aprendizagens” (Infante, 2004: 193) e foi o estilo colaborativo que é o mais adotado na escola onde foram realizados os estudos.

Independentemente do estilo de ensino que cada professor utiliza em cada estratégia e ou atividade específica com a sua turma, há três funções inevitáveis (Barquera, 1988) que o professor andragógico tem de assumir: coordenar as necessidades dos alunos com a planificação e a metodologia a adotar; apoiar todos os elementos requeridos para a aprendizagem dos alunos e estimular a aprendizagem dos alunos.

Covey (2005) afirma que aprendemos melhor quando ensinamos outra pessoa e que a melhor maneira de fazer as pessoas aprenderem é transformá-las em professores, ou seja, cada aluno torna-se um professor e cada professor, um aluno.

Esta conduta, ao ensinar ou ao partilhar o que se aprende com outras pessoas, leva-nos, de forma implícita, a assumir um compromisso de viver aquilo que se aprendeu. E isto “é a base para aprofundar o aluno, a dedicação e a motivação, tornando legítima a mudança e engajando o apoio da equipa”, como também afirma Covey (2005: 36).

No estudo I, os participantes (57%) ainda focaram que os professores estavam preparados para lecionar alunos adultos.

Tabela 42: Comparação do papel do professor / formador nos dois estudos

| Subcategorias | Indicadores | ESTUDO I Estudos de caso | ESTUDO II <i>Focus Group</i> |
|-------------------------|--------------------------|-----------------------------|---------------------------------|
| Relação professor-aluno | Compreensão | 10 - 71% | 1 - 13% |
| | Respeito mútuo | 3 - 21% | 0% |
| | Empatia | 9 - 64% | 4 - 50% |
| | Entusiasmo | 4 - 29% | 2 - 25% |
| Práticas letivas | Clareza na exposição | 2 - 14% | 2 - 25% |
| | Atividades diferenciadas | 4 - 29% | 0% |
| | TPC | 4 - 29% | 0% |

Quanto às expetativas pessoais, após o *términus* do ensino secundário, foi referido a “realização pessoal” (93% e 37%, respetivamente) como o indicador predominante.

A expetativa profissional primordial indicada pelos participantes foi a “mudança de emprego” (71% e 25%, respetivamente) e não, por exemplo, “progressão na carreira”.

Salientamos que 100% dos participantes do estudo II (79% no estudo I) mostraram a intenção de prosseguirem os seus estudos na universidade.

Tabela 43: Comparação das expetativas dos alunos nos dois estudos

| Subcategorias | Indicadores | ESTUDO I Estudos de caso | ESTUDO II <i>Focus Group</i> |
|---------------------------|--------------------------|--------------------------------|---------------------------------|
| Expetativas Pessoais | Realização pessoal | 13 - 93% | 3 - 37% |
| | Maior segurança pessoal | 7 - 50% | 0% |
| | Melhor qualidade de vida | 5 - 36% | 0% |
| | Voltar para a terra | 0% | 3 - 37% |
| | Satisfação familiar | 0% | 2 - 25% |
| Expetativas Profissionais | Mudança de emprego | 10 - 71% | 2 - 25% |
| | Progressão na carreira | 9 - 64% | 1 - 13% |
| Expetativas Escolares | Ida para a faculdade | 11 - 79% (★ 9 – 64%) | 8 - 100% (★ 2 – 25%) |
| | Outros cursos | 3 - 21% | 2 - 25% |

★ Alunos que seguiram os seus estudos no ensino superior.

Para terminarmos este capítulo, apresentamos de seguida uma tabela (para melhor visualização) onde podemos observar os objetivos da pesquisa e o resumo dos dados encontrados no estudo I e no estudo II:

Tabela 44: Resumo dos dados encontrados

| Objetivos da pesquisa | Estudo I | Estudo II |
|---|---|--|
| Identificar as razões pelas quais os alunos adultos explicam o abandono, voluntária ou involuntariamente, vinte anos atrás. | <ul style="list-style-type: none"> ✓ Retenções ✓ Ajudar a família ✓ Independência económica | <ul style="list-style-type: none"> ✓ Retenções ✓ Independência económica ✓ Vícios - companhias |
| Descrever as principais motivações declaradas pelos alunos adultos que procuraram novamente a escola para voltar a estudar. | <ul style="list-style-type: none"> ✓ Realização pessoal ✓ Aquisição de conhecimentos ✓ Autoestima ✓ Benefícios no emprego | <ul style="list-style-type: none"> ✓ Pedido de um familiar ✓ Aquisição de conhecimentos ✓ Realização pessoal |
| Demonstrar os processos motivacionais dos alunos adultos, na perspectiva de otimizar os níveis motivacionais intrínsecos e extrínsecos e promover estilos de vida de bem-estar. | <ul style="list-style-type: none"> ✓ Ritmo ✓ Coragem ✓ Abdicação do lazer ✓ Cansaço ✓ Problemas com o cônjuge | <ul style="list-style-type: none"> ✓ Muitos anos sem estudar ✓ Carga horária ✓ Ritmo |
| Refletir sobre a implicação do conhecimento das motivações e expectativas dos adultos na promoção do ensino secundário. | <ul style="list-style-type: none"> ✓ Ganho nas amizades ✓ Disciplinas adequadas ✓ Organização dos conteúdos ✓ Compreensão do professor ✓ TPC ✓ Atividades diferenciadas | <ul style="list-style-type: none"> ✓ Empatia dos colegas ✓ Empatia do formador ✓ Clareza na exposição do formador |

CONCLUSÕES

A maior recompensa do nosso trabalho não é o que nos pagam por ele, mas aquilo em que ele nos transforma.

John Ruskin

A vida do adulto é marcada por “continuidades” e “descontinuidades” e sujeita a múltiplas forças internas e externas. Foi importante criar no aluno adulto a vontade de romper com rotinas e reconhecer-lhe a capacidade de cidadão gerador do seu percurso pessoal e social de uma forma mais sustentada, dando-lhe oportunidades e ferramentas que lhe permitam tal, para que tenham maiores expectativas da sua vida, melhores possibilidades de futuro e melhores condições de existência, para que o adulto não receie continuar a caminhar ao longo da vida.

Como em Portugal os níveis de escolarização e qualificação profissional são frequentemente baixos, e este facto acarreta muitas vezes a exclusão social e a desvalorização daquilo que são as aprendizagens adquiridas ao longo da vida nos contextos não formais e informais, a educação e formação de adultos pode ser considerada parte do caminho da aprendizagem ao longo da vida.

A pesquisa que nos propusemos realizar tinha como questões iniciais porque é que os alunos adultos (com mais de 35 anos) voltam à escola? Quais as suas motivações? Quais as expectativas que têm depois de terminarem o ensino secundário? De que modo é que o conhecimento das motivações e expectativas dos adultos pode promover o ensino secundário? Acreditamos que ao tentar dar voz aos participantes durante a exposição da pesquisa, estas questões tenham sido esclarecidas. Resolvemos partir da exposição dos motivos que deixaram estes participantes excluídos do direito de escolarizar-se até que chegassem à idade adulta, para entender o que os levou a procurar uma escolarização após os trinta e cinco anos. Um dos motivos apontados por eles foi, terem “benefícios no emprego” e a “pedido de um familiar” mas, ao mesmo tempo, a “aquisição de conhecimentos” e a “realização pessoal”.

Aspetos mais relevantes do estudo

Para além de problemas de ordem financeira e familiar, os participantes contam que alguns tiveram que trabalhar ainda muito jovens para auxiliar no sustento das suas famílias, como foi o caso de E6 e E12 (no estudo I). Apesar das dificuldades enfrentadas quando crianças e jovens o desejo de escolarizar-se continuava dentro de cada um deles. Havia a esperança de “um dia poder concretizar este sonho”, como nos diz E12.

A relação de amizade estabelecida, na escola, principalmente com os participantes do estudo I, é, às vezes, de tanto carinho que alguns consideram que os amigos da escola fazem parte de sua família.

Devemos ressaltar, portanto, que se estes alunos foram à escola principalmente à procura dos saberes escolares, dos quais foram privados durante muitos anos, acabaram por receber muito mais. A promoção da qualidade de vida destes participantes a partir da inserção em uma escola de educação de jovens e adultos é sem dúvida um elemento de destaque nesta investigação. Em todos os aspetos, sejam eles cognitivos, pessoais ou sociais, os participantes relataram mudanças positivas com o regresso à escola.

Esta escola foi, para estes participantes, um espaço de instituir contatos sociais, alargando as suas relações e as suas amizades, gerando, assim, uma melhor qualidade de vida e a vontade de continuarem os seus estudos no ensino superior. Salientamos ainda o facto de a escola ser próxima da residência dos participantes e não do trabalho, o que tenha levado os participantes a não abandonarem o seu percurso escolar.

O voltar à escola trouxe para estes participantes muito mais do que novas aprendizagens sobre conteúdos curriculares ou um maior aperfeiçoamento em relação ao conhecimento e métodos de pesquisa. Se para alguns voltar a estudar significa a possibilidade de encontrar novos empregos ou melhorar a sua posição no mercado de trabalho, o significado que teve para estes participantes foi proporcionar-lhes o acesso a instrumentos que lhes garantiram uma maior compreensão do mundo e uma participação mais efetiva neste.

Terem frequentado uma instituição escolar provou uma transformação na vida destas pessoas no âmbito físico, psicológico e social. No âmbito físico tornou as suas vidas mais dinâmicas e mais saudáveis. No plano social desenvolveu as suas relações interpesso-

ais fazendo com que conquistassem novos amigos e, através da participação em variados eventos, o que tornou também a escola mais dinâmica, proporcionou-lhes mais segurança e agilidade para atuar cada vez mais na sociedade em que vivem. Já em relação ao aspeto psicológico melhorou a sua autoestima. Todos estes aspetos transformaram a visão de mundo que essas pessoas tinham e fez com que despertassem nelas novas expetativas e novos desejos frente à vida.

Quando trabalhamos, nós professores, entre adultos, sob pena de se perder a vontade de prolongar as aprendizagens ao longo de toda uma vida e na formação de adultos é muito importante privilegiar a relação igualitária e a abordagem holística na procura dos saberes. Ainda hoje continuamos a relacionar-nos, a partilhar momentos de lazer, a ser “conselheiros” sempre que necessitam. Para nós significa que as aprendizagens que fizemos acabaram por provocar algumas mudanças e a abrir outros caminhos.

Em 2013, as modalidades de formação do ensino secundário para adultos são apenas o ensino recorrente (programa igual para os jovens) e cursos EFA-NS de dupla certificação (ambos com a durabilidade de três anos). Porquê a preocupação com a educação de adultos no ensino secundário? Porque, como diz Canário (1999: 96) “a educação e a formação de adultos não são pensadas, ou não devem ser pensadas, para colmatar um défice. A educação e formação de adultos é algo que não é para pessoas pouco escolarizadas, essa é, apenas, uma das suas vertentes, mas não é isso que dá pertinência à educação e formação de adultos”.

Recomendações e Investigações futuras

A experiência adquirida ao longo deste trabalho, bem como a análise e discussão dos dados recolhidos, sugerem a realização de algumas ações que deverão presidir à continuação de estudos no domínio das motivações e expetativas dos alunos adultos, pois achamos conveniente que se faça novas investigações em Portugal.

Neste sentido, como pista para investigações futuras e mediante os resultados obtidos, pensamos que seria importante replicar o mesmo estudo em outras instituições de Lisboa e compará-las com outras de outras fora de Lisboa.

O professor precisa de se adaptar e de desenvolver as competências necessárias para atuar na Educação de Adultos, conhecendo as características e a realidade de cada aluno e, a partir deste conhecimento, ter domínio do conteúdo e preparação didática que auxilie no processo de ensino aprendizagem deste indivíduos e os motive para não abandonarem o seu percurso formativo.

Ao nível das metodologias e estratégias há que encontrar as mais adequadas para que as políticas de educação e formação respondam de forma favorável aos objetivos de inserção social, profissional e até ocupacional destas faixas etárias. Estes são novos desafios para a educação e para a formação, lembrados no apelo do Conselho da União Europeia aos diferentes Estados-Membros no sentido de adotarem uma Agenda Europeia para a Educação de Adultos renovada, assente em domínios prioritários.

Os alunos terão de estar conscientes que voltar à escola irá modificar bastante o seu quotidiano, inclusive as suas relações pessoais.

Os conteúdos, nas várias modalidades do ensino secundário para adultos, deveria ter em conta a experiência do aluno e conteúdos mais virados para a vida ativa.

Com a “explosão” das novas tecnologias, as disciplinas do ensino recorrente ou de outra modalidade de ensino, poderiam ser transformadas em UFCD e poderiam também ser lecionadas em *b-learning*, levando os alunos a aprender, em qualquer sítio, em qualquer altura, através de qualquer aparelho e com o apoio de qualquer pessoa, promovendo atividades ao longo da vida.

Sendo uma segunda oportunidade para estes adultos voltarem à escola e tendo em conta a aprendizagem ao longo da vida, as unidades de formação de curta duração deveriam ter créditos e eles poderiam escolher o seu percurso para finalizarem o ensino secundário.

Síntese final

Da concretização desta investigação espera-se uma compreensão da temática proposta *Voltar à escola 20 anos depois: um desafio de desenvolvimento pessoal e social*, de modo, talvez, a sugerir algumas mudanças de atitudes e práticas dos agentes intervenientes no sistema escolar. Com efeito, para se melhorar a qualidade do ensino ajustado aos alunos adultos, precisa-se de conhecer as suas necessidades, as suas preferências, as suas motivações e as suas expetativas.

Torna-se fundamental, portanto, desenvolver uma nova postura em relação à educação - educação no seu sentido original *educare*, que significa, em tradução livre, tirar de dentro - que deve ser sustentada por quatro grandes pilares ou propostas: o aprender a conhecer, o aprender a fazer (escola tradicional – aprendizagem de conhecimentos e habilidades), o aprender a conviver e o aprender a Ser. Como diz Gandhi, a verdadeira educação consiste em pôr a descoberto ou fazer atualizar o melhor de uma pessoa.

Foi essa a nossa vontade, fornecer mais um contributo para uma área ainda pouco estudada em Portugal e diagnosticar as motivações e as expetativas que levaram estes alunos a voltarem a estudar e de conseguirem um melhor desenvolvimento pessoal e social. É, pois, um contributo para a melhor compreensão do papel das escolas, para se perceber a problemática da motivação que leva os alunos novamente à escola vinte anos depois e analisar as expetativas, desses mesmos alunos, que levam da escola, uma vez que os seres humanos estão “condenados” a aprender ao longo da vida, algo tão necessário, natural e inevitável como respirar (Canário, 1999) e contribuir para a construção de um mundo que, nas palavras de Freire (1996), seja menos feio, menos malvado, menos desumano.

Seria interessante, num futuro, aferir as mudanças socioprofissionais destes adultos, para confirmar a realização de todas as suas expetativas. No geral, os adultos mostram um grande arrependimento e uma culpabilização do abandono escolar, principalmente em casos de desmotivação ou saturação.

Todos sabemos que os desafios do novo século e do novo milénio, decorrentes quer das novas tecnologias que entram na vida quotidiana, quer do aumento da competitividade proveniente da globalização económica, tornam indispensável desenvolver as competências dos indivíduos adultos. Estes precisam tornar-se participantes ativos no desenvol-

vimento social, económico e cultural da comunidade em que estão inseridos, numa perspectiva de desenvolvimento integral do ser humano e não para colmatar o *deficit* de cidadania.

No século XXI, a educação de adultos continua a ser uma realidade marginal, sendo-lhe atribuída muito pouca importância nas políticas educativas que têm sido implementadas ao longo dos anos. Lima e Afonso, em 2006, partindo de um dos pressupostos da Educação e Formação de Adultos, dizem-nos que a educação de adultos é atualmente o setor mais crítico de um sistema de educação ao longo da vida em Portugal. E continua a sê-lo em 2013.

Ensinar adultos exige não só conhecimento de conteúdos como também a descoberta de novas maneiras para a sua transmissão. A Andragogia coloca o professor como um "facilitador" (que não é sinónimo de facilitismo) e solicita uma horizontalidade nos papéis em sala de aula.

Concordamos com Freire (1996) quando relata que é um desafio lidar com os alunos adultos com experiência de vida, um vasto conhecimento do mundo, mas não encontram trabalho numa sociedade escolarizada. Como desenvolver um trabalho educacional inteligente e eficaz com um aluno tão heterogéneo, sofrido e, às vezes, desconfiado e desencantado?

Despertar a vontade de aprender é o primeiro passo. Os alunos adultos, ao retornar à escola, vêm à procura de novas perspetivas e com intuito de melhorar o seu nível de escolaridade, na expectativa de arranjar um emprego e melhorar de vida.

Apresentamos agora a última tabela que resume os aspetos mais relevantes desta investigação, o que este estudo trouxe de novo e ainda as recomendações:

Tabela 45: Síntese final

| | |
|--|---|
| <p>Aspetos mais relevantes da investigação</p> | <p>Alunos adultos com mais de 35 anos – experiência de vida. Relação de amizade estabelecida. Mudanças positivas a nível cognitivo, pessoal e social. A escola próxima da residência. A relação igualitária e abordagem holística na procura de saberes. Após voltarem à escola, os alunos adultos querem prosseguir os estudos.</p> |
| <p>O que há de novo</p> | <p>Difícil romper as rotinas instaladas. Muita motivação para concluírem com sucesso. Problemas no matrimónio. Expetativa geral: prosseguimento de estudos. Os TPC – muitos estudos puseram em causa – reforça a aprendizagem. Apesar de os dois estudos terem quase 3 anos de diferença e de terem sido realizados em modalidades diferentes, notam-se estilos de vida e modos de estar na vida distintos. Necessidade de cada escola e de cada grupo de professores terem em atenção a diferenciação de estratégias para este público. À noite, há cada vez mais um público mais novo.</p> |
| <p>Recomendações</p> | <ul style="list-style-type: none"> ✓ Continuar os estudos sobre as motivações e as expetativas dos alunos adultos. ✓ Realizar uma survey poderia validar (ou não) os resultados apresentados nesta pesquisa. ✓ Estudar as causas de insucesso nos adultos com mais de 35 anos. ✓ Aferir as mudanças socioprofissionais destes alunos. ✓ Fomentar disciplinas em <i>b-learning</i> e com créditos (ECVET) - Resultados de Aprendizagem enquanto pré-requisitos para uma aprendizagem flexível e ao longo da vida. ✓ Repensar as metas curriculares (que identificam os conhecimentos a adquirir e as capacidades que se querem ver desenvolvidas em cada área disciplinar e ano de escolaridade) para as várias modalidades do ensino de adultos, disciplinas e anos de escolaridade que terão um carácter obrigatório a partir do próximo ano letivo e de forma progressiva até 2017-2018, ano de aplicação obrigatória para o 12.º ano (obrigatórias no 10.º ano, em 2015-2016, para as disciplinas de Biologia e Geologia, Físico-Química, Português e Matemática A) – em discussão pública – programas muito longos e pouco adequadas ao universo dos alunos do segmento curricular em apreço. |

Atualmente, e já no final de 2013, torna-se necessário repensar o papel das escolas para os alunos adultos. Não adianta fornecer ao Adulto um diploma de finalização da escolaridade, se este em nada vai ser eficaz para a sua vida. Não adianta também ensinar os conteúdos através de um grau de exigência reduzido porque o Adulto não ganhará nada com esta situação. Os adultos irão continuar a não ver qualquer evolução profissional e, além disso, continuam funcionalmente analfabetos, incapazes de estabelecer contacto com novas e diferentes formas de cultura. Esta situação apenas contribui para um ilusório aumento das taxas de sucesso escolar.

Para terminar e fazendo um balanço retrospectivo e crítico, julgamos poder concluir, com justiça, que nos entregámos com entusiasmo e empenho a todas as tarefas de investigação e outras que nos foram confiadas, que utilizámos os métodos e estratégias que nos pareceram mais adequados para a concretização dos objetivos que nos propusemos atingir e que obtivemos resultados bastante relevantes, sempre com a orientação, supervisão e acompanhamento da Orientadora. É nossa vontade continuar a fornecer um contributo para uma área tão pertinente em Portugal e diagnosticar as motivações e as expectativas que levaram os alunos a voltarem a estudar e se conseguiram um melhor bem-estar pessoal, social e / ou profissional.

BIBLIOGRAFIA e Webgrafia

- Aaker, D. (1990). Marketing research. New York: Wiley.
- Abma, T. (2006). The social relations of evaluation. In I. Shaw, J. Greene, e M. Mark, (Eds), *The Sage handbook of evaluation* (185-197). London: Sage.
- Abrantes, J. (1997). A educação de adultos, vista por Alberto Melo. *Noesis*, 43, 50-56.
- Adigo (2001). *Programa de Desenvolvimento de Líderes e Facilitadores*. São Paulo.
- Afonso, A. (1999). Escola, Mercado, comunidade e avaliação: Esboço para uma rearticulação crítica. *Educação e Sociedade*, 69, 139-164.
- Afonso, A. (2009a). Políticas avaliativas e accountability em educação. Subsídios para um debate iberoamericano. *Sísifo*. Revista de Ciências da Educação, 09, 57-70.
- Afonso, A. (2009b). Nem tudo o que conta em educação é mensurável ou comparável. Crítica à accountability baseada em testes estandardizados e rankings escolares. *Revista Lusófona de Educação*, 13, 13-29.
- Afonso, A. (2010). Um olhar sociológico em torno da accountability em educação. In M. Esteban, e A. Afonso (Orgs.). *Olhares e Interfaces* (147-170). São Paulo: Cortez Editora.
- Afonso, A. J. (2005). Percursos e debates da Sociologia da Educação, em Agência Nacional de Educação e Formação de Adultos (2000). *Cursos de educação e formação de adultos. Orientações para a ação*. Lisboa: ANEFA.
- Agência Nacional de Educação e Formação de Adultos (2000). *Educação e Formação de Adultos. Referencial de Competências-Chave*. Documento de Trabalho. Lisboa: ANEFA.
- Agência Nacional de Educação e Formação de Adultos (2000). *Reconhecimento e Validação de Competências. Manual de Apoio à Intervenção*. Lisboa: ANEFA.
- Alcoforado, J. (2008). Competências, Cidadania e Profissionalidade: limites e desafios para a construção de um modelo português de educação e formação de adultos. Dissertação de Doutoramento em Ciências da Educação, pela Universidade de Coimbra, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Coimbra.
- Alarcão, I. (s/d). Professor-investigador: Que sentido? Que formação? Disponível em www.educ.fc.ul.pt/docentes/jponte/sd/textos/alarcao01.pdf Acesso em 16 agosto 2011.
- Alcalá, A. (1997). *Propuesta de una definición unificadora de andragogia*. Caracas, Venezuela: U.N.A.
- Alcalá, A. (1999) – Es la Andragogía una Ciencia? Ponencia. Caracas. Disponível em www.monografias.com/trabajos6/anci/anci.shtml . Acesso em 23 junho 2011.
- Alevato, H. (1999). Qualidade: um mito pós-moderno. In N. Teves e M. Rangel (Orgs). *Representação Social da Escola* (79-114). Campinas: Papirus.

- Alhandre, V. (2009). *Abandono e insucesso no Sistema de Aprendizagem em Alternância num Centro de Formação Profissional*. Lisboa: FPCE-UL.
- Alkin, C. e Christie, C. (2004). An evaluation theory three. In C. Alkin (Ed.). *Evaluation Roots* (12-59). London: Sage.
- Almeida, A. (2006). Estudo comparativo dos sistemas de avaliação das aprendizagens em quatro países europeus. Lisboa: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa (tese de mestrado).
- Alonso, L. (2000). "A construção de um referencial de competência-chave para a cidadania e a empregabilidade". *Saber Mais*, nº 5, 20-27.
- Alonso, L., Imaginário L., Magalhães J., Barros G., Castro J. M., Osório A., e Sequeira F. (2001, 2002). *Referencial de Competências-Chave - Educação e Formação de Adultos*. Lisboa: ANEFA.
- Alves, M.; Grilate, F. (2000). Cursos de educação e formação de adultos. Aprender com autonomia. Documento de Trabalho. Lisboa: ANEFA.
- Alves, N. (2001). *Educação e Formação: análise comparativa dos sub-sistemas de qualificação profissional de nível III*. Lisboa: Observatório do Emprego e Formação Profissional.
- Alves, N., Centere, M. e Novo, A. (2010). O investimento em educação em Portugal. *Boletim Económico* 2010, 16 (1), 9-39. Lisboa: Banco de Portugal.
- American Evaluation Association (2004). Guiding principles for evaluators. Retirado em 30 de julho de 2012, de <http://www.eval.org/Guiding20%Principles.htm>
- American Psychological Association (2010). APA Style. Acedido a 8 de junho de 2010 em <http://www.apastyle.org/index.aspx>
- Anderson, G. (1994). Case Study. In G. Anderson (Org). *Fundamentals of educational research* (157-164). Basingstoke, U.K: The Falmer Press.
- Anderson, S. et al. (1982). Evaluation Research Society Standards for program evaluation, *New Directions for Program Evaluation*, 15, 7-19.
- Andrade, J. V. (1992). *Os Valores na Formação Pessoal e Social*. Texto Editora: Lisboa.
- ANEFA (2000). *Aprender com Autonomia*. Lisboa: ANEFA.
- ANEFA (2000). *Materiais de Balanço de Competências para os Cursos EFA*. Lisboa. ANEFA.
- ANEFA (2002). *Educação e Formação de Adultos. Fator de Desenvolvimento, Inovação e Competitividade*. Lisboa: ANEFA.
- ANEFA (2002a). *Cursos de Educação e Formação de Adultos em observação 2000/2001. Relatório Nacional*. Lisboa: ANEFA.
- ANEFA (2002b). *Referencial de Competências-Chave para a Educação e Formação de Adultos Nível Básico*. Lisboa: ANEFA.

- Aníbal, A. (2011). *Vidas escritas: para uma tipologia dos documentos pessoais como fontes de uma sociologia à escala individual – o caso dos Portefólios Reflexivos de Aprendizagens*. Lisboa: CIES.
- Annen, S., e Bretschneider, M. (2010), *European Inventory on Validation of Non-Formal and Informal Learning 2010. Country Report: Germany*, CEDEFOP. Consultado a 29 de novembro de 2012, em <http://libserver.cedefop.europa.eu/vetelib/2011/77458.pdf>.
- ANQ (2008). *Instrumentos de apoio à construção de um projeto vocacional nos Centros Novas Oportunidades*. Lisboa: Agência Nacional para a Qualificação.
- ANQ (2009a). Equipa Pedagógica dos Cursos do Ensino Artístico Especializado. Retirado a 25 julho de 2011, de <http://www.anq.gov.pt/default.aspx>
- ANQ (2010). Informação estatística. Retirado a 25 julho de 2011, de www.novasoportunidades.gov.pt/np4/estatistica
- ANQ (2011). Linhas orientadoras para o futuro da Iniciativa Novas Oportunidades. Recuperado em 28 Fevereiro, 2012, de <http://www.anq.gov.pt/default.aspx>
- ANQ (s/d). Agência Nacional para a Qualificação. Atribuições. Retirado a 25 julho de 2011, de <http://www.anq.gov.pt/default.aspx>
- Antunes, D. D. (2007). *Relatos significativos de professores e alunos na educação de jovens e adultos e sua autoimagem*. Dissertação de mestrado, apresentada na Faculdade de Educação da Pontifícia Universidade Católica do rio Grande do Sul: Porto Alegre.
- Antunes, F. (2005). Reforma do Estado e da educação: o caso das escolas profissionais em Portugal. *Revista Brasileira da Educação*, 29, 40-51.
- Antunes, F. (2007). Das políticas europeias às políticas nacionais: educação e professores em transição – dúvidas, incógnitas e princípios comuns. *In* J. C. Morgado e I. Reis (orgs.), *Formação e Desenvolvimento Profissional Docente: Perspetivas Europeias*. Braga: CIED, Universidade do Minho, 13-27.
- APA (2010). *Concise Rules of APA Style*. Washington: American Psychological Association.
- Apple, M. W. e Nóvoa, A. (orgs.) (1998). *Paulo Freire: Política e Pedagogia*. Porto: Porto Editora.
- Araújo, P. et al. (2006). Balanço de Competências em três projetos de iniciativa comunitária. *In* Figari, G.; Rodrigues, P.; Alves e Valois, P. (Orgs). *Avaliação de Competências e Aprendizagens Experienciais: saberes, modelos, e métodos*. Lisboa: Educa.
- Assagioli, R. (1982). *Psicossíntese - Manual de princípios e técnicas*. São Paulo: Editora Cultrix.
- Ausubel, D. P., Novak, J. D. e Hanesian, H. (1980). *Psicologia Educacional*. 2ªed. Rio de Janeiro: Interamericana.
- Ávila, P. (2004). *Relatório Nacional de Avaliação. Cursos de Educação e Formação de Adultos 2002/2003*, Lisboa, Direção-Geral de Formação Vocacional.
- Ávila, P. (2008). *A Literacia dos Adultos. Competências-chave na Sociedade do Conhecimento*. Lisboa: Celta.

- Azevedo, C. A. M. e Azevedo, A. G. (2000). *Metodologia Científica – Contributos Práticos Para a Elaboração de Trabalhos Académicos*. Ed. C. Azevedo.
- Azevedo, J. (2003). *O ensino profissional em Portugal: contributos para a formação de uma estratégia para o seu desenvolvimento*. Porto: ANESPO.
- Baltes, P. (1987). Theoretical propositions of life-span developmental psychology: On the dynamics between growth and decline. *Developmental Psychology*, 23(5), 611-626.
- Baltes, P. (1993). The aging mind: potential and limits. *The Gerontologist*, 33, 580-594.
- Baltes, P. (1997). On the incomplete architecture of human ontogeny: Selection, optimization, and compensation as foundation of developmental theory. *American Psychologist*, 52, 366-380.
- Baltes, P. (1999, August). How we master life: The orchestration of selection, optimization and compensation. Trabalho apresentado na 5th *European Conference on Psychological Assessment*. Patras: Greece.
- Baltes, P. (2005, June). *Psychological model of successful aging*. Trabalho apresentado no 18th World Congress of Gerontology. Rio de Janeiro: RJ.
- Baltes, P. e Baltes, M. (1990). Psychological perspectives on successful aging: The model of selective optimization with compensation. In P. Baltes e M. Baltes (Eds.), *Successful Aging: Perspectives from the Behavioral Sciences* (1-34). Cambridge, UK: Cambridge University Press.
- Baltes, P. e Smith, J. (2003). New frontiers in the future of aging: From successful aging of the young old to the dilemmas of the fourth age. *Gerontology*, 49, 123-135.
- Baltes, P. e Smith, J. (2004). Lifespan psychology: From developmental contextualism to developmental biocultural coconstructivism. *Research in Human Development*, 1(3), 123-144.
- Baltes, P., Lindenberger, U. e Staudinger, U. (2006). Life-span theory in developmental psychology. In R. Lerner (Ed.), *Handbook of Child Psychology. Vol.1: Theoretical Models of Human Development* (6th ed., 569-664). Hoboken, NJ: Wiley.
- Baltes, P., Reese, H. e Lipsitt, L. (1980). Life-span developmental psychology. *Annual Review of Psychology*, 31, 65-110.
- Baltes, P., Staudinger, U. e Lindenberger, U. (1999). Lifespan psychology: Theory and application to intellectual functioning. *Annual Review of Psychology*, 50, 471-507.
- Bardin, L. (2004). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Barros, R. (2011). *Da Educação Permanente à Aprendizagem ao longo da Vida. Genealogia dos Conceitos em Educação de Adultos: Um estudo sobre os Fundamentos Político-Pedagógicos da Prática Educacional*. Lisboa: Chiado Editora.
- Barroso, J. (1997). Perspetiva crítica sobre a utilização do conceito da qualidade do ensino: consequências para a investigação. In A. Estrela, R. Fernandes, F. Costa, I. Narciso e O. Valério (Eds.), *Contributos da investigação científica para a qualidade do ensino* (23-43). Porto: S.P.C.E.

- Barton, D., e Hamilton M. (1998), *Local Literacies. Reading and Wrinting in one Community*. Londres: Routledge.
- Beck, U., Giddens A., e Lash S. (1994, 2000). *Modernização Reflexiva. Política, Tradição e Estética no Mundo Moderno*. Oeiras: Celta Editora.
- Bee, H. (1997). *O Ciclo da Vida*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Belchior, F. H. (1990). *Educação de Adultos e Educação Permanente. A realidade portuguesa*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Bell, J. (1997). *Como realizar um projeto de investigação*. Lisboa: Gradiva.
- Benavente, A. (1991). Dos obstáculos ao sucesso ao universo simbólico das professoras. Mudança e resistência à mudança. In S. Stoer (Org.), *Educação, ciências sociais e realidade portuguesa. Uma abordagem pluridisciplinar* (171-186). Lisboa: Edições Afrontamentos.
- Benavente, A. (1994). Desigualdades sociais na escola obrigatória. In A. Benavente e al., *Renunciar à escola: o abandono escolar no ensino básico* (15-33). Lisboa: Edições fim de século.
- Benavente, A. (1999). *Escola, Professores e Processos de Mudança*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Benavente, A. (2001). Reflexões sobre a democratização e qualidade na educação básica. *Revista Iberoamericana de Educación*, 27, 99-123.
- Bentes, M. (2005). O Processo de RVCC em Portugal. Reflexão sobre a sua implementação nos centros que iniciaram a sua atividade até 2004. Lisboa: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação (tese de mestrado).
- Bento, A., Queirós, A., Valente, I. (1993). *Desenvolvimento Pessoal e Social e Democracia na Escola*. Porto: Porto Editora.
- Berelson (1952). *Content Analysis in Communication Research*. New York: Free Press
- Berger, R. S. O. (2003). *O desenvolvimento da pessoa: da infância à terceira idade*. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos.
- Bergman, L. (2004, July). A holistic approach to individual development: Some methodological considerations. Trabalho apresentado no 18th Biennial Meeting of the International Society for the Study of Behavioral Development. Ghent, Belgium.
- Bettelheim, B. (1985). *Psicanálise dos Contos de Fadas*. Lisboa: Bertrand Editora.
- Bjornavol, J. (2007). Validação de aprendizagens não-formais e informais: será possível? Práticas e respostas europeias. Intervenção apresentada na Conferência Valorizar a Aprendizagem: práticas europeias de validação de aprendizagens não-formais e informais. Lisboa.
- Blanchet, A., Ghiglione, R., Massonet, J. e Trognon, A. (1989). *Técnicas de investigación en ciencias sociales*. Madrid: Marcea.

- Blanco, R. (2008). A eficácia escolar desde el enfoque de calidad de la educación. In R. Blanco (Org.), *Eficacia escolar y factores asociados en America Latina y el Caribe* (7-16). Santiago: Salesianos Impresores.
- Bogard, G. (2002). *Para uma Educação Socializadora dos Adultos*. Estrasburgo: Conselho da Europa.
- Bogdan, R. e Bilken, S. (1994). *Investigação Qualitativa em Educação*. Porto: Porto Editora.
- Bolívar, A. (2003). A escola como organização que aprende. In R. Canário (Org.), *Formação e Situações de Trabalho* (79-100). Porto: Porto Editora.
- Bonvalot, G. (1991). Éléments d'une définition de la formation expérientielle, In B. Courtois e G. Pineau (Org.). *La formation expérientielle des adultes* (317-325). Paris: La documentation française.
- Bornstein, M. e Lamb, M. (Eds.). (2005). *Developmental science: An advanced textbook* (5th ed.). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Bourgeois, É. e Nizet, J. (2005). *Apprentissage et formation des adultes*. Paris: Presse Universitaire de France.
- Boutinet, J.-P. (1993). *Psychologie de la vie adulte*. Paris: PUF.
- Boutinet, J.-P. (2000). *A imaturidade da vida adulta*. Porto: Rés.
- Boyer, R.; Castells, M.; Gosta E.; Lindley, R.; Soete, L. e Rodrigues, M. J. (coord.) (2000). *Para Uma Europa da Inovação e do Conhecimento. Emprego, Reformas Económicas e Coesão Social*. Oeiras: Celta Editora.
- Brandtstadter, J. (1984). Personal and social control over development: Some implications of an action perspective in life-span developmental psychology. In P. Baltes e O. Brim (Eds.), *Life-span development and behaviour*: Vol. 6. New York: Academic Press.
- Brandtstadter, J. (1989). Personal self-regulation of development: Cross-sequential analyses of development-related control beliefs and emotions. *Developmental Psychology*, 25, 96-108.
- Brandtstadter, J. (1990). Commentary. *Human Development*, 33, 160-164.
- Brandtstadter, J. (2006). Action perspectives on human development. In R. Lerner (Ed.), *Handbook of Child Psychology. Vol.1: Theoretical Models of Human Development* (6th ed., pp. 516-568). Hoboken, NJ: Wiley.
- Brandtstadter, J. e Greve, W. (1994). The aging self: Stabilizing and protective processes. *Developmental Review*, 14, 52-80.
- Brandtstadter, J., Krampen, G. e Greve, W. (1987). Personal control over development: Effects on the perception and emotional evaluation of personal development in adulthood. *International Journal of Behavioral Development*, 10, 1, 99-120.
- Brandtstadter, J., Rothermund, K. e Schmitz, U. (1997). Coping resources in later life. *European Journal of Applied Psychology*, 47, 107-114.
- Brockett, R. G.; Hiemstra, R. (1991). *Self-Direction in adult learning: perspectives on theory, research, and practice*. London: Routledge.

- Bronfenbrenner, U. (1989). Ecological systems theory. In R. Vasta (Ed.), *Annals of Child Development*: Vol. 6 (187-249). London: JAI Press.
- Bronfenbrenner, U. (1999). Environments in developmental perspective: Theoretical and operational models. In S. Friedman e T. Wachs (Eds.), *Measuring environment across the life span. Emerging methods and concepts* (3-28). Washington, DC: American Psychological Association.
- Bronfenbrenner, U. (2005). *Making humans beings human: Bioecological perspectives on human development*. Thousand Oaks. CA: Sage.
- Bronfenbrenner, U. e Morris, P. (2006). The bioecological model of human development. In R. Lerner (Ed.), *Handbook of Child Psychology: Vol. 1. Theoretical models of human development* (6th ed.). Hoboken. NJ: Wiley.
- Brookfield, S. D. (1995). *Becoming a critically reflective teacher*. San Francisco: Jossey Bass.
- Brookfield, S. D. (1998). Understanding and facilitating moral learning in adults. *Journal of Moral Education*, vol. 27, 3, 283-300.
- Bukobze, G. (s/d). Indicators in Education Systems. Retirado a 25 julho de 2011, de <http://www.academy.ac.il/data/projects/34/Indicators-Background.pdf>
- Burlamaqui, M. (2008). Avaliação e qualidade na educação superior: tendências na literatura e algumas indicações para o sistema de avaliação brasileiro. *Revista de Estudos em Avaliação Educacional*, 39, 133-153.
- Cabrito, B. (1994). *Formações em Alternância: conceitos e práticas*. Lisboa: Educa.
- Caffarella, R. S. (1993). Self-directed learning. *New Directions for Adult and Continuing Education*, nº 57, 25-35.
- Caldeira, J. R. (2008). Escola Para Todos - Formação Pessoal e Social. Consultado em <http://www.malhatlantica.pt/ecae-cm/Escola%20para%20todos.htm> em 25 de setembro de 2013.
- Campos, B. P. (1991). *Educação e Desenvolvimento Pessoal e Social*. Porto: Afrontamento.
- Canário, R. (2006a). Aprender sem ser ensinado: A importância estratégica da Educação não Formal. In *A educação em Portugal (1986-2006): Alguns contributos de Investigação*. Lisboa: Sociedade Portuguesa de Ciências de Educação.
- Canário, R. (2006b). Formação e Adquiridos Experienciais: entre a Pessoa e o Indivíduo. In Figari, G.; Rodrigues, P.; Alves e Valois, P. (Orgs). *Avaliação de Competências e Aprendizagens Experienciais: saberes, modelos, e métodos*. Lisboa: Educa.
- Canário, R. (1999). *Educação de Adultos. Um campo e uma problemática*. Lisboa: Educa.
- Canário, R. (2003). A aprendizagem ao longo da vida. In Rui Canário (org.). *Formação e Situações de Trabalho*. Porto: Porto Editora, pp. 189-207.
- Canário, R. (2005). *O que é a escola?* Porto: Porto Editora.
- Canário, R. (2006). A Escola e a Abordagem Comparada. Novas realidades e novos olhares. *Sísifo. Revista de Ciências da Educação*, 02, 27-36. Consultado em 25 de setembro de 2013, em <http://sisifo.fpce.ul.pt>.

- Canário, R. (2006a). Multiplicar as oportunidades educativas. *Formar*, 54 (Jan/Mar). Lisboa: IEFP, pp. 28-34.
- Canário, R. e Cabrito B. (Org.) (2005). *Educação e Formação de Adultos. Mutações e Convergências*. Lisboa: Educa.
- Canelas, A. (Coord.), Gomes, A., Rodrigues, S. (2007). Cursos de Educação e Formação de Adultos – Nível Secundário. Orientações para a ação. Lisboa: ANQ.
- Candeias, A., Paz, A. L., Rocha, M. (2004). *Alfabetização e Escola em Portugal nos Séculos XIX e XX*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Capra, F. (1996). *A Teia da Vida – uma nova compreensão científica dos sistemas vivos*. Trad. Newton Roberval Eicheberg. São Paulo: Cultrix.
- Cardim, J. (2005). *Formação profissional: problemas e políticas*. Lisboa: Instituto Superior de Ciências Sociais e Políticas da Universidade de Lisboa.
- Carl, G. (2001). *Fundamentos da Psicologia Analítica*. Petrópolis: Vozes.
- Carlson, R. (1989). Malcolm Knowles: apostle of andragogy. *Vitae Scholasticae*, v. 1. n. 8, 217-234, Spring.
- Carneiro, R. (2004). *A Educação Primeiro*. Vila Nova de Gaia: Fundação Manuel Leão
- Carneiro, R. (Coord.), Liz, C., Machado, M., Burnay, E. (2009). *Perceções sobre a Iniciativa Novas Oportunidades*. Lisboa: ANQ.
- Carneiro, R. (Coord.), Valente, A., Carvalho, L., Carvalho, A. (2009). *Estudos de Caso de Centros Novas Oportunidades*. Lisboa: ANQ.
- Carneiro, R. (Coord.), Valente, A., Liz, C., Lopes, H., Cerol, J. Mendonça, M. et al. (2010). *Iniciativa Novas Oportunidades: Resultados da avaliação Externa (2009 – 2010)*. Lisboa: ANQ.
- Carrasco, J. G. (1997). *Educación de Adultos*. Barcelona: Editorial Ariel.
- Castells, M. (1996, 2002). *A Sociedade em Rede. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura* (Vol. I). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Castells, M. (1997, 2003b). *O Poder da Identidade. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura* (Vol. II). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Castells, M. (1998, 2003a). *O Fim do Milénio. A Era da Informação: Economia, Sociedade e Cultura* (Vol. III). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Cavaco, C. (2002). *Aprender fora da escola. Percursos de formação experiencial*. Lisboa: Educa.
- Cavaco, C. (2007). Reconhecimento, validação e Certificação de Competências: Complexidade e novas atividades profissionais. *Sísifo – Revista de Ciências da Educação*.
- Cavaco, C. (2009). *Adultos poucos escolarizados. Políticas e práticas de formação*. Lisboa: Educa.

- Cavalcanti, R. A. (1999). Andragogia: A Aprendizagem nos Adultos. *Revista de Clínica Cirúrgica da Paraíba*, nº 6, ano 4, julho. Disponível em <http://www.rau-tu.unicamp.br/nou-rau/ead/document/?view=2> Retirado a 25 agosto de 2013.
- Cavalcanti, R. A. e Gayo, M. A. (2007). Andragogia na educação universitária. Disponível em <http://www.adufpb.org.br/publica/conceitos/11/art05.pdf>. Retirado a 25 agosto de 2013.
- Cavanaugh, J. (1991). On building bridges, developing positively, and postformal thinking coming of age: confessions of a nonconformist. In J. Sinnott e J. Cavanaugh (Eds), *Bringing paradigms: positive development in adulthood and cognitive aging*. New York: Praeger.
- CCE (2010). Estratégia para um crescimento inteligente, sustentável e inclusivo. Bruxelas: Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades Europeias (COM (2010) 2020 final).
- Cedefop (2003). Lifelong Learning: Citizens' Views. Luxemburgo: CEDEFOP.
- Cedefop (2007). Initial Vocational Education and Training. Retirado a 25 agosto de 2013, de http://www.trainingvillage.gr/etv/Information_ressources/NationalVet/Thematic/criteria_reply.asp.
- Cedefop (2007). *Vocational education and training in Germany*. Luxembourg: Office for Official Publications of the European Communities.
- Cedefop (2009). European Guidelines for Validating Non-Formal and Informal Learning. Retirado a 25 agosto de 2013 de http://www.cedefop.europa.eu/EN/Files/4054_en.pdf.
- Cedefop (2010). 2010 update of the European Inventory on Validation of Non-formal and Informal Learning – Executive summary of Final Report. Retirado a 25 agosto de 2013, de <http://libserver.cedefop.europa.eu/vetelib/2011/77641.pdf>.
- Centro Interdisciplinar de Estudos Económicos (2004). *O impacto do reconhecimento e certificação de competências adquiridas ao longo da vida*. Lisboa: Direção Geral de Formação Vocacional.
- Centro Interdisciplinar de Estudos Económicos (2007). *O impacto do reconhecimento e certificação de competências adquiridas ao longo da vida: atualização e aperfeiçoamento*. Lisboa: Direção Geral de Formação Vocacional. Retirado a 25 agosto de 2013, de www.anq.gov.pt
- CESOP (2009). *Estudo de perceção da qualidade de serviço e de satisfação*. Lisboa: Agência Nacional para a Qualificação.
- Charraud, Anne-Marie (2010), European Inventory on Validation of Non-Formal and Informal Learning 2010. Country Report: France, CEDEFOP. Retirado a 25 agosto de 2013, de <http://libserver.cedefop.europa.eu/vetelib/2011/77462.pdf>.
- CNE (1999). *O Ensino Secundário em Portugal*. Lisboa: CNE.
- Cohen, L e Manion, L. (1990). La entrevista. In L. Cohen e L. Manion, L. (Orgs). *Métodos de investigación educative* (377-409). Madrid: Editorial la Muralla.

- Cohen, L e Manion, L. (1990). Triangulación. In L. Cohen, L e L. Manion (Orgs.), *Métodos de investigación educativa* (331-351). Madrid: Editorial la Muralla.
- Colognese, S. A., Melo, J. L. B. (1998). A Técnica da Entrevista na Pesquisa Social. *Cadernos de Sociologia*. Porto Alegre, v.9, nº 4, pp.143-160.
- Comissão das Comunidades Europeias (2006). *Aplicar o programa comunitário de Lisboa. Proposta de recomendação do Parlamento Europeu e do Conselho relativa à instituição do quadro europeu de qualificações para a aprendizagem ao longo da vida*. Bruxelas: Comissão das Comunidades Europeias.
- Comissão Europeia (1995). *Ensinar e Aprender: Rumo à Sociedade Cognitiva. Livro Branco sobre a Educação e a Formação*. Bruxelas: Comissão Europeia.
- Comissão Europeia (1995). Livro Branco sobre a Educação e a Formação. Ensinar e Aprender. Rumo à Sociedade Cognitiva, Serviço das Publicações Oficiais das Comunidades Europeias, Luxemburgo. Consultado a 25 de agosto de 2013, em https://infoeuropa.euocid.pt/opac/?func=service&doc_library=CIE01&doc_number=000037230&line_number=0001&func_code=WEB-FULL&service_type=MEDIA
- Comissão Europeia (2000). Memorando sobre aprendizagem ao longo da vida. Bruxelas. Disponível em www.eu.int/comm/education/III/life/memo.pdf . Retirado a 25 agosto de 2013.
- Comissão Europeia (2001). *Tornar o espaço europeu de aprendizagem ao longo de uma vida, uma realidade*. Bruxelas: Comissão Europeia.
- Comissão Europeia (2002). The Copenhagen Declaration. Retirado a 25 agosto de 2013, de http://ec.europa.eu/education/pdf/doc125_en.pdf
- Comissão Europeia (2004). Comunicado de Maastricht. Retirado a 25 agosto de 2013, de http://ec.europa.eu/education/lifelong-learningpolicy/doc/vocational/maastricht_pt.pdf
- Comissão Europeia (2008). Communiqué de Bordeaux. Retirado a 25 agosto de 2013, de http://ec.europa.eu/education/lifelong-learning-policy/doc/vocational/bordeaux_fr.pdf
- Comissão Europeia (2010), Europe 2020: Integrated Guidelines for the Economic and Employment Policies of the Member States. Consultado a 12 de agosto de 2013, em <http://ec.europa.eu/eu2020/pdf/Brochure%20Integrated%20Guidelines.pdf>.
- Comissão Europeia (2012), Proposta de Recomendação do Conselho sobre a Validação da Aprendizagem não Formal e Informal. Consultado a 12 de agosto de 2013, em http://ec.europa.eu/education/lifelong-learning-policy/doc/informal/proposal2012_pt.pdf.
- Comissão Nacional para o Ano da Educação e Formação ao Longo da Vida (1998). Carta Magna. Educação e Formação ao Longo da Vida. Lisboa. ME/MTS.

- Conceição, P., Heitor M. V., e Lundvall B. A. (2003). "Towards a learning society", em Pedro Conceição, Manuel V. Heitor, e Bengt-Ake Lundvall (orgs.), *Innovation, Competence Building and Social Cohesion in Europe*. Cheltenham: Edward Elgar.
- Correia, A. e Cabele, D. (2002). O valor do que aprendemos ao longo da nossa vida...e a importância do Sistema Português de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências. In I. Melo e Silva, J. Leitão e M. Trigo (Orgs), *Educação e Formação de Adultos* (45-53). Lisboa: ANEFA.
- Correia, A. e Dias, P. (1998). A evolução dos paradigmas educacionais à luz das teorias curriculares. *Revista Portuguesa de Educação*, 11 (1), 113-122.
- Correia, A., Cadete D., Neves A. L., e Santos Silva O. (2002). *Centros de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências: Roteiro Estruturante*. Lisboa: ANEFA.
- Correia, J. A., Lopes, A., Matos, M. (1999). *Formação de Professores. Da Racionalidade Instrumental à Ação Comunicacional*. Porto: Asa.
- Cortesão, L. (1981). *Escola, sociedade que relação?* Edições Afrontamento: Porto.
- Costa e Silva A. M. (2003). *Formação, percursos e identidades*. Coimbra: Quarteto.
- Costa, A. (2002). Um processo de desenvolvimento social de competências e certificações. In I. Melo e Silva, J. Leitão, e M. Trigo (Orgs), *Educação e Formação de Adultos* (7-11). Lisboa: ANEFA.
- Costa, A. F. (2003). Competências para a sociedade educativa: questões teóricas e resultados de investigação. In A.V., *Cruzamentos de Saberes. Aprendizagens Sustentáveis*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Couceiro, M. L. P. (2002). Um olhar sobre o reconhecimento de competências. In *A educação e formação de adultos. Fator de desenvolvimento, inovação e competitividade*. Lisboa: ANEFA.
- Coulombe, S., Tremblay J. F., e Marchand S. (2004). Literacy Scores, Human Capital and Growth Across Fourteen OECD Countries. Statistics Canada.
- Council of Europe (1970). *Permanent Education*. Estrasburgo: Council of Europe.
- Coutinho, C. (2007). Aspetos metodológicos em tecnologia educativa em Portugal (1985-2000). Retirado a 25 agosto de 2013, de <https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6497/1/Clara%20Coutinho%20AFIRSE%202006.pdf>
- Covey, S. (2005). *8º hábito – da eficácia à grandeza*. Belo Horizonte: Campus.
- Crema, R. (1988). *Introdução à Visão Holística: breve relato de viagem do velho ao novo Paradigma*. São Paulo, Summus.
- Cronbach, L. (1983). Course improvement through evaluation. In G. Madaus, M. Scriven, e D. Stufflebeam (Eds.), *Evaluation Models* (101-116). USA: Kluwer.
- Csikszentmihalyi, M. (1992). *A psicologia da felicidade*. São Paulo: Saraiva.
- Curwin, R. L. e Curwin, G. (1993). *Como fomentar os valores individuais*. Lisboa: Plátano Editora.

- Cuttance, P. (1990). *Performance indicators and the management of quality in education. Keynote address prepared for the Third National Conference on Indicators in Education*. Canberra: Education Department of South Australia.
- D'Ors (1969). *Sistema de las ciencias*. Pamplona: Eunsa.
- Damásio, A. (2000). *O sentimento de si: o corpo, a emoção e a neurobiologia da consciência*. Mem Martins: PEA
- Damme, J. et al. (2009). Fondements et principaux résultats de recherche sur l'efficacité dans l'enseignement. In X. Dumay, e V. Dupriez (Orgs.), *L'efficacité dans l'enseignement*, (19-34). Bruxelles: De Boeck.
- Danis, C. e Solar, C. (2001). *Aprendizagem e desenvolvimento dos adultos*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Day, C. (2004). *A paixão pelo ensino*. Porto: Porto Editora.
- Deci, E. L. e Ryan, R. M. (2000). The "what" and "why" of goal pursuits: Human needs and self-determination of behavior. *Psychological Inquiry*, 11(4), 227-268.
- Deci, E. L., Vallerand, R. J., Pelletier, L.G. e Ryan, R. M. (1991). Motivation and education: the self determination perspective. *Educational Psychologist*, 26, 325-346.
- Delors, J. (1996). *Educação, um Tesouro a Descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI*. Porto: Edições Asa.
- Demo, P. (1990). Qualidade da educação – tentativa de definir conceitos e critérios de avaliação. *Revista de Estudos em Avaliação Educacional*, 2, 11-25.
- Denzin, N. K. (1970). *The research act: a theoretical Introduction to Sociological Methods*. New Jersey: Prentice Hall.
- Descy, P. e Tessaring, M. (2006). *Apprendre: une valeur sûre. Évaluation et impact de l'éducation et de la formation*. Luxembourg: Centre Européen pour le Développement de la Formation Professionnelle.
- DGFV (2004a). *Cursos de Educação e Formação de Adultos. 2002/2003. Relatório Nacional*. Lisboa: DGFV.
- DGFV (2004b). Estudo nacional de avaliação da eficácia comparada do subsistema de ensino profissional. Retirado a 25 agosto de 2013, de www.anq.gov.pt.
- DGFV (2006). *Referencial de Competências-Chave para a Educação e Formação de Adultos Nível Secundário. Guia de Operacionalização*. Lisboa: DGFV.
- Dias, C. (2009). O Profissional de Reconhecimento e Validação de Competências. Que Competências?. Lisboa: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação (tese de mestrado)
- Dixon, R. e Lerner, R. (1992). A history of systems in developmental psychology. In M. Bornstein e M. Lamb (Eds.), *Developmental Psychology: An advanced textbook* (3rd ed., pp. 1-35). Hillsdale. NJ: Lawrence Erlbaum.

- Dominicé, P., Josso, M. C., Muller R., Pfister M., Ruedin-Equey F., e Turkal L. (1998). *Les Origines Biographiques de la Compétence d'Apprendre*. Genebra : Les Cahiers de la Section des Sciences de l'Education.
- Dourado, L. (2007). *A qualidade da educação: conceitos e definições*. Brasília: Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais.
- Dowd, J. (1990). Ever since Durkheim: The socialization of human development. *Human Development*, 33, 138-159.
- Drucker, P. (2000). *Desafios da Gestão para o Século XXI*. Porto: Civilização Editora.
- Duarte, I. (2002). Formação de Adultos e Cidadania. (Re)pensar as práticas de envolvimento parental na escola. Dissertação para obter o Grau de Mestre em Ciências de Educação. Lisboa: Faculdade de Ciências e Tecnologia. Universidade Nova de Lisboa.
- Dubar, C. (1996). La formation accroît-elle aujourd'hui les inégalités? In *Education Permanente*, 129, 19-28.
- Dupriez, V. (2006). Between heterogeneity and equality: representations and practices of primary level teachers. *Journal of curriculum studies*, 38 (5), 431-448.
- Durkheim, É. (2007). *Educação e sociologia*. Lisboa: Edições 70.
- EAREA (2006). *Adult education trends and issues in Europe*. Brussels: EAREA.
- Edwards, R., Ranson, S., e Strain, M. (2002). Reflexivity: towards a theory of lifelong learning. *International Journal of Lifelong Education*, 1464-519X, Volume 21, Issue 6, 525-536.
- Ehrenberg, A. (1995). *L'individu incertain*. Paris: Hachette.
- Eisner, E. (1983). Educational Connoisseurship and Criticism: their form and functions in educational evaluation. In G. Madaus, M. Scriven, e D. Stufflebeam (Eds.). *Evaluation Models* (335-347). USA: Kluwer.
- Elder, G. e Shanahan, M. (2006). The life course and human development. In R. Lerner (Ed.), *Handbook of Child Psychology. Vol.1: Theoretical Models of Human Development* (6th ed.). Hoboken. NJ: Wiley.
- Enguita, M. (1997). O discurso da qualidade e a qualidade do discurso. In P. Gentili e T. da Silva (Orgs), *Neoliberalismo, Qualidade Total e Educação. Visões Críticas* (56-77). Petrópolis: Vozes.
- Erbolato, R. M. P. L. (2001). *Contatos sociais: relação de amizade em três momentos da vida adulta*. Tese (Doutorado em Psicologia). Campinas, SP: Centro de Ciências da Vida: PUCCAMP.
- Erickson, E. (1976). *Identidade juventude e crise* (2ª ed.). Rio janeiro: Zahar Editores. (trabalho original em inglês publicado em 1968).
- Estrela, A. (1994). *Teoria e prática de Observação de classes – uma estratégia de formação de professores*. Porto: Porto Editora.

- Estrela, M. T. (1992). *Relação Pedagógica, Disciplina e Indisciplina na Aula*. Porto: Porto Editora.
- Estrela, M. T. e Estrela, A. (2006). A formação contínua de professores numa encruzilhada. *In* R. Bizarro e F. Braga (orgs.), *Formação de Professores de Línguas Estrangeiras: Reflexões, Estudos e Experiências*. Porto: Porto Editora, 73-79.
- European Center for the Development of Vocational Training (1997). Indicators in perspectives. The use of indicators in vocational education and training. Luxembourg: CEDEFOP.
- European Commission (2001). *European report on the quality of school education*. Luxembourg: European Commission.
- European Commission (2002). European report on quality indicators of lifelong learning. Retirado a 25 agosto de 2013, de <http://www.bologna.berlin2003-de/pdf/Report.pdf>.
- Federal Institute for Vocational Education and Training (2005). The Dual vocational education and training system in Germany. Retirado a 25 agosto de 2013, de http://www.bibb.de/dokumente/pdf/a23_internationales_dybowski-taiwan_april-05.pdf
- Federal Ministry of Education and Research (2005). Reform of vocational education and training in Germany. Retirado a 25 agosto de 2013, de http://www.bmbf.de/pub/reform_vocational_education.pdf.
- Fernandes, D. (2005). *Avaliação das aprendizagens: desafios às teorias, práticas e políticas*. Lisboa: Texto Editora.
- Fernandes, D. (2006). Revisitando a revisão curricular (1997-2001): Um contributo para pensar o futuro do ensino secundário. *Temas e Problemas*, 2, 129-158.
- Fernandes, D. (2007). *Percursos e desafios da avaliação contemporânea*. Lisboa: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa (documento policopiado).
- Fernandes, D. (2010). Acerca da articulação de perspetivas e da construção teórica em avaliação educacional. *In* M. Esteban e A. Afonso (Orgs.), *Olhares e interfaces* (15-44). São Paulo: Cortez Editora.
- Fernandes, D. (2001). *Transição da formação inicial para a vida ativa. Relatório nacional*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Fernández S. N. (2001). *Andragogía. su ubicación en la educación continua*. Universidad Nacional Autónoma do México.
- Fernández, F. (2005). Modelos atuais de educação de adultos. *In* R. Canário, e B. Cabrito (Org.), *Educação e formação de adultos. Mutações e convergências* (73-96). Lisboa: Educa.
- Ferreira, P. T. (2007). *Guia do Animador na Formação de Adultos*. Lisboa: Editorial Presença.
- Field, J. (2006). *Lifelong Learning and the New Educational Order*. Staffordshire: Trentham Books.

- Figari, G. (2007). A avaliação: história e perspectivas de uma dispersão epistemológica. In A. Estrela (Org.), *A investigação em educação* (227-260). Lisboa: Educa, Unidade de IeD de Ciências da Educação.
- Figel, J. (2007). *Valorizar a aprendizagem através do Quadro Europeu de Qualificações. Intervenção apresentada na Conferência Valorizar a Aprendizagem: práticas europeias de validação de aprendizagens não-formais e informais*. Lisboa.
- Finger, M. (2005). A Educação de Adultos e o futuro da sociedade. In Rui Canário e Belmiro Cabrito (orgs.), *Educação e Formação de Adultos. Mutações e Convergências*. Lisboa: Educa, pp. 15-30.
- Finger, M. e Asún, J. M. (2003). *A educação de adultos numa encruzilhada*. Porto Editora: Porto.
- Fitzpatrick, J., Sanders, J. e Worthen, B. (2004). *Program evaluation: alternative approaches and practical guidelines*. Third edition. United States of America: Pearson.
- Flores, M.; Veiga Simão, A. M.; Forte, A. e Cadório, M. (2007). Teacher Professional Development and Collaboration: Opportunities and Limitations in Two School Settings. Paper presented at *ISATT, Changing Roles of Teachers and Teaching*, Canada. Retirado a 25 agosto de 2013, de <http://www.ed.brocku.ca/issatt2007>
- Flyvbjerg, B. (2006). Five misunderstandings about case study research. *Qualitative inquiry*, 12 (2), 219-245.
- Fonseca, A. M. (1994). *Personalidade, Projetos Vocacionais e Formação Pessoal e Social*. Porto: Porto Editora. Col. Escola e Saberes.
- Fonseca, A. M. (2007). *Subsídios para uma leitura desenvolvimental do processo de envelhecimento*. Psicologia: Reflexão e Crítica, 2007, vol.20, n. 2, ISSN 0102-7972. Retirado a 25 agosto de 2013, de http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttextepid=S0102-79722007000200014&lng=pt
- Fontes, M. A. (1990). *Escola e educação de Valores*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Formosinho, J. e Machado, J. (2007). Nova profissionalidade e diferenciação docente. In M. A. Flores e I. C. Viana (orgs.), *Profissionalismo docente em transição: as identidades dos professores em tempos de mudança*. Braga: CIEd, Universidade do Minho, 71-91.
- Forte, A. e Flores, M. (2007). Desenvolvimento Profissional de Professores e Oportunidades de Aprendizagem no Local de Trabalho: Alguns Resultados de um Estudo em Curso. In *Atas do IX Congresso Internacional Galaico-português de Psicopedagogia*. A Coruña: Universidade da Coruña, 1933-1944.
- Frankl, V. (1991). *Um sentido para a vida*. Aparecida: Santuário Aparecida.
- Frazão, L. (2005). *Da escola ao mundo do trabalho: competências e inserção sócio-profissional*. Lisboa: Direção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular.
- Freebody, P. (2004). Methods and methodologies. In P. Freebody (Org.), *Qualitative research in education* (80-84). London: Sage.

- Freire, A. M. A. (Org.) (2001). *A Pedagogia da Libertação em Paulo Freire*. São Paulo: Editora UNESP.
- Freire, J. (2009). Microestudo Sociológico de um centro Novas Oportunidades. *Sociologia: Problemas e Práticas*, nº59.
- Freire, P. (1979). *Educação e Mudança*. Paz e Terra: São Paulo.
- Freire, P. (1987). *Pedagogia do Oprimido*. Paz e Terra. Rio de Janeiro.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da Autonomia*. Paz e Terra. Rio de Janeiro.
- Freire, P. (1996a). Educação e participação comunitária. *Inovação*, 9, 305-312.
- Freire, P. (1996b). *Pedagogia do Oprimido*. 23ª ed. Rio de Janeiro: Editora Paz e Terra.
- Freire, S. A.; Resende, M. C. e Rabelo, D. F. (2004). "Rede de relações sociais de participantes de centros sócio-educativos". In 5º Congresso Nacional de Psicologia da Saúde. *Atas do 5o Congresso Nacional de Psicologia da Saúde*. Instituto Superior de Psicologia Aplicada: Lisboa, 777-783.
- Friedman, T. L. (2005). *O Mundo é Plano*. Lisboa: Atual Editora.
- Funnell, P. e Müller, D. (1991). *Vocational Education and the Challenge of Europe*. London : Kogan Page Limited.
- Gabinete de Estatística e Planeamento em Educação (2008). Taxas de retenção e desistência nos ensino básico e secundário. Retirado a 25 agosto de 2013, de <http://www.gepe.min-edu.pt/np4/114.html>
- Galand, B. (2006). La motivation en situation d'apprentissage: les apports de la psychologie de l'éducation. *Revue française de pédagogie*, 155, 5-8.
- Gallalme D. L. e Ozmun J. C. (2005). *Compreendendo o desenvolvimento motor: bebês, crianças, adolescentes e adultos*. S. Paulo: Phorte Editora.
- Gandhi, M. (s/d). *Gandhi – Autobiografia*. Palas Athena Editora.
- Garrido, I (1990). Motivacion, emocion y accion educativa. In Mayor, L. e Tortosa, F. (Ed) *Ámbitos de aplicacion de la psicologia motivacional* (284-343). Bilbao: Desclee de Brower.
- Garrison, D. R. (1992). Critical thinking and self-directed learning in adult education. *Adult Education Quartely*, nº 2, 102-116.
- Gentili, P. (1997). O discurso da qualidade como nova retórica conservadora no campo educacional. In P. Gentili e T. da Silva (Orgs). *Neoliberalismo, Qualidade Total e Educação. Visões Críticas* (112-177). Petrópolis: Vozes.
- GEPE (2007). *A formação não profissional de adultos na Europa*. Lisboa: Eurydice.
- GEPE (2010a). *Perfil do aluno 2007/2008*. Lisboa: Gabinete de Estatística e Planeamento da Educação.
- GEPE (2010b). *Estatísticas de Educação 2008/2009*. Lisboa: GEPE.
- Gerstner, L. (1990). On the theme and variations of self-directed learning. In H. Long e Associates, *Advances in research and practice in self-directed learning*. Norman, Okla-

homa: Oklahoma Research Center for Continuing Professional and Higher Education, University of Oklahoma, 73-96.

- Ghiglione, R. e Matalon, B. (1995). *O Inquérito – Teoria e Prática*. Oeiras: Celta Editora.
- Giddens, A. (1991, 1994). *Modernidade e Identidade Pessoal*. Oeiras: Celta Editora.
- Goecks, R. (2003). Educação de Adultos – Uma Abordagem Andragógica. Disponível em <http://www.andragogia.com.br/> Retirado a 12 março de 2010.
- Goleman, D. (1996). *Inteligência emocional*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Gomes, M. C. (2003). "Literexclusão na vida quotidiana". *Sociologia: Problemas e Práticas*, 41.
- Gomes, M. C. (coord.) (2006). *Referencial de Competências-chave para a educação e formação de adultos – nível secundário*. Lisboa: DGFV.
- Gomes, M. e Simões, M. (2008). *A operacionalização de processos de reconhecimento, validação e certificação de competências profissionais – guia de apoio*. Lisboa: Agência Nacional para a Qualificação.
- Gomes, R. de G.; Pezzi, S. e Bárcia, R. M. (2006). Tecnologia e Andragogia: aliadas na educação a distância Tema: Gestão de Sistemas de Educação a Distância Disponível em <http://www.abed.org.br/publique/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=121esid=121eUserActiveTemplate=4abed> Retirado a 15 março de 2011.
- Gonçalves, T. (2010). Investigar em educação: fundamentos e dimensões da investigação qualitativa. In Alves, M. & Azevedo, N. (Ed.) *Investigar em Educação: Desafios da Construção de Conhecimento e da Formação de Investigadores num Campo Multi – Referenciado*. Monte de Caparica: UIED.
- Gorard, Stephen, Gareth Rees e Ralph Fevre (1999). Patterns of Participation in Lifelong Learning: do families make a difference? *British Educational Research Journal*, 1469-3518, Volume 25, Issue 4, 517-532.
- Gottfried, A. E. (1985). Academic intrinsic motivation in elementary and junior high school students. *Journal of Educational Psychology*, 77, 631-645.
- Gottlieb, G., Wahlsten, D. e Lickliter, R. (2006). The significance of biology for human development: A developmental psychobiological systems view. In R. Lerner (Ed.), *Handbook of Child Psychology: Vol. 1. Theoretical models of human development* (6th ed., 210-257). Hoboken, NJ: Wiley.
- Grácio, R. (1981). *Educação e Processo Democrático em Portugal*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Greene, J. (2006). Evaluation, democracy, and social change. In I. Shaw, J. Greene, e M. Mark (Eds), *The Sage handbook of evaluation* (118-140). London: Sage.
- Greinert, W. (2004). Sistemas de formação profissional europeus: algumas reflexões sobre o contexto teórico da sua evolução histórica. *Revista Europeia de Formação Profissional*, 32,18-26.
- Grof, S. (1987). *Além do Cérebro*. MacGraw-Hill.
- Grof, S. (2000). *Psicologia do Futuro*. Heresis.

- Grof, S. e Grof, C. (orgs.) (1995). *Emergência espiritual - Crise e transformação pessoal*. São Paulo, Editora Cultrix.
- Grof, S. (1994). *A Mente Holotrópica*. Rocco.
- Grow, G. (1991). The staged self-directed learning model. In H. Long e Associates, *Self-directed learning: consensus e conflict*. Norman, Oklahoma: Oklahoma Research Center for Continuing Professional and Higher Education, University of Oklahoma, 199-226.
- Guba, E. e Lincoln, Y. (1989). *Fourth Generation Evaluation*. Sage: London.
- Guba, E. e Lincoln, Y. (1994). Competing paradigms in qualitative research. In N. Denzin e Y. Lincoln (Eds), *Handbook of qualitative research* (248-261). London: Sage.
- Guerra, I. C. (2000). *Fundamentos Processos de Uma Sociologia de Ação - O Planejamento em Ciências Sociais*. Cascais: Principia.
- Günther, I. A. e Günther, H. (1998). Brasília pobres, Brasília ricas: Perspetivas de futuro entre adolescentes. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11, 191-207.
- Gurter, J. L., Gulf, A., Monnard, e I., Schumacher, J. (2006). Est-il possible de prédire l'évolution de la motivation pour le travail scolaire de l'enfance à l'adolescence. *Revue française de pédagogie*, 155, 21-33.
- Hanze, A. (s/d). Andragogia e a arte de ensinar aos adultos. Disponível em http://www.universia.com.br/html/materia/materia_gfig.html. Retirado a 25 março de 2012.
- Hartree, A. (1984). Malcolm Knowles Theory of Andragogy: a critique. *International Journal of Lifelong Education*, v. 3.
- Hawley, J., e Ure O. B. (2010). European Inventory on Validation of Non-Formal and Informal Learning 2010: Country Report, Noruega, CEDEFOP. Retirado a 25 agosto de 2013, em <http://libserver.cedefop.europa.eu/vetelib/2011/77474.pdf>.
- Henry e Moscovici, S. (1968). *Problèmes de l'Analyse de contenu*. Langages. setembro II.
- Hermoso, M. (2005). A contribuição da educação ambiental para a formação de pedagogos. Tese de mestrado, disponível em <http://teses.eps.ufsc.br/defesa/pdf/1578.pdf>. Retirado a 25 agosto de 2013.
- Hersh, R., et al. (1984). *El crecimiento Moral: de Piaget a Kohlberg*. Madrid: Narcea, S. A. Ediciones.
- Hobsbawn, E. e Polito, A. (2000). *On the Edge of the New Century*. New York: Ed. The New Press.
- Holden, D. e Zimmerman, M. (2009). *A Practical Guide to Program Evaluation Planning*. London: Sage.
- Holmes, G. Abington-Cooper, M. (200). Pedagogy vs. andragogy: a false dichotomy? *The Journal of Technology Studies*. v. 26, n. 2, Summer-Fall. Disponível em <http://scholar.lib.vt.edu/ejournals/JOTS/Summer-Fall2000/holmes.html>. Retirado a 25 agosto de 2013.

- Hongeraad, R. (1983). Notes de recherche I. *Contenu Mental et Analyse de Contenu*. Louvain: U.C.1.
- House, E. e Howe, K. (2003). Deliberative democratic evaluation. In T. Kellaghan e D. Stufflebeam (Eds), *International handbook of educational evaluation* (79-102). Boston: Kluwer.
- Howe, K. (2003). *Closing methodological divides*. Dordrecht: Kluwer.
- IEFP (2009). *Cursos de Aprendizagem. Regulamento Específico*. Lisboa: IIEFP.
- Imaginário, L. et al. (1998). *Um ensaio do balanço de competências em Portugal*. Lisboa: MTS/DGEFP/CIME.
- Imaginário, L. (2000) Balanço de Competências: discursos e práticas. Lisboa: Ministério do Trabalho e da Solidariedade/Direção Geral do Emprego e Formação Profissional/Comissão Interministerial para o Emprego.
- Imaginário, L. (coord.) (1998). *Adaptação/Reinserção Profissional dos Adultos Poucos Escolarizados*. Lisboa: Observatório do Emprego e Formação Profissional.
- Imaginário, L., Duarte, I. e Araújo, S. (2002). *A Aprendizagem de Adultos em Portugal: Exame Temático no Âmbito da OCDE*. Lisboa: ANEFA.
- INE (2009). Aprendizagem ao longo da vida: inquérito à educação e formação de adultos, 2007. Lisboa: INE Disponível em http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INEexpgid=ine_publicacoesePUBLICACOESpub_boui=79210266ePUBLICACOESmodo=2 Retirado a 12 fevereiro de 2012.
- INE (2011). *Censos 2011: Resultados Provisórios*. Lisboa: Instituto Nacional de Estatística.
- INE e GEPE (2009), 50 Anos de Estatísticas de Educação (ensino não-superior) (Vol. I, II e III). Lisboa. Disponível em http://www.ine.pt/xportal/xmain?xpid=INEexpgid=ine_publicacoesePUBLICACOESpub_boui=82890475ePUBLICACOESmodo=2 Retirado a 12 fevereiro de 2012.
- INE e GEPE (2009). *50 Anos de Estatísticas de Educação (ensino não-superior)* (Vol. I, II e III), Lisboa.
- ISESE (2010). Avaliação externa do impacto da expansão dos cursos profissionais no sistema nacional de qualificações. Apresentação de resultados. Retirado a 12 fevereiro de 2012, de <http://www.anq.gov.pt/default.aspx>.
- Istance, D., Schuetze, H. G., e Schuller T. (2002) (orgs.). *International Perspectives on Lifelong Learning*. Buckingham: From Recurrent Education to the Knowledge Society.
- Januário, S. L. (2006). O valor do que aprendemos ao longo da vida: da experiência ao reconhecimento e certificação de competências. Tese de mestrado em Ciências da Educação: Universidade de Lisboa, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação.
- Jarvis, Meter (1989). *Sociologia de la Educación Continua y de Adultos*. Barcelona: El Roure.
- Jarvis, P. (2007). Globalization, Lifelong Learning and the Learning Society: Sociological Perspectives: vol. 2, Londres: Routledge.

- Jarvis, P. (2001). *The Age of Learning: Education and the Knowledge Society*. Londres: Routledge.
- Jarvis, P. (2000). Globalização e mercado de aprendizagem. In Lima, L. Educação de Adultos. Fórum II. Braga: Universidade do Minho, pp. 29 – 41.
- Joint C. (2008). The program evaluation standards. Retirado a 12 fevereiro de 2012, de <http://www.wmich.edu/evalctr/jc/>
- Josso, M. (1991). L'expérience formatrice: un concept en construction. In B. Courtois, e G. Pineau (Orgs.), *La formation expérientielle des adultes* (191-199). Paris: La documentation française.
- Josso, M. (2002). *Experiências de vida e formação*. Lisboa: Educa.
- Joyce, B., Weil M. (1985). *Modelos de Enseñanza*. Madrid: Ediciones Anaya.
- Kahan, W. e Larrosa, J. (2002). Apresentação da Coleção Educação: Experiência e Sentido. In Jacques Rancière. *O Mestre Ignorante*. Belo Horizonte: Editora Autêntica.
- Kailis, Emmanuel, e Spyridon Pilos (2005). Lifelong Learning in Europe, *Statistics in Focus*, 8/2005.
- Kallen, D. (1996). Aprendizagem ao longo da vida em retrospectiva. *Revista Europeia de Formação Profissional*, 8/9, 16-22.
- Kaplan, A. (1975). *A conduta na pesquisa: Metodologia para as ciências do comportamento*. 2ª ed. S. Paulo: EPU
- Kapp, A. (1833). Platon's Erziehungslehre, als Paedagogik für die Einzelnen und als Staatspaedagogik. Minden und Leipzig: Ferdinand Essmann.
- Karlsson, O. e Conner, R. (2006). The relationship between evaluation and politics. In I. Shaw, J. Greene e M. Mark (Eds.), *The Sage handbook of evaluation* (225-242). London: Sage.
- Knapper, C. K. e Cropley, A. J. (1985). *Lifelong learning and higher education*. London: Kogan Page.
- Knowles, M. (1986). *The adult learner: a neglected species* (3ª ed.). Houston: Gulf Publishing Company.
- Knowles, M. S. (1962). *The adult education movement in the United States*. New York: Holt, Rinehart and Winston.
- Knowles, M. S. (1980). *The modern practice of adult education: from pedagogy to andragogy*. 2ª ed. New York: Association Press.
- Knowles, M. S. (1998). *Adult Learning Methods: a guide for effective instruction*. 2. ed. Malabar, Flórida: Krieger Publishing Company.
- Knowles, M. S. et al. (1984). *Andragogy in Action. Applying modern principles of adult education*. San Francisco: Jossey Bass. A collection of chapters examining different aspects of Knowles' formulation.

- Knowles, S. M. S. *Instrução de adultos e Andragogia*. Disponível em <http://www.infed.org/thinkers/et-knowl.htm> Retirado a 12 fevereiro de 2012.
- Knox, A. (1986). *Helping adults learn*. San Francisco, CA: Jossey-Bass.
- Kohlberg, L. (1976). Moral stages and moralization: The cognitive-developmental approach. Em T. Lickona (Org.), *Moral development and behavior: Theory, research and social issues* (31-53). New York: Holt, Rinehart and Winston.
- Kohlberg, L. e Turiel, E. (1971). Moral development and moral education. In G. Lesser (eds.), *Psychology and educational practice*. Glenview: Scott Foresman.
- Kosminski, E. (1986). *Pesquisa Qualitativa. A utilização da técnica de história de vida e de depoimentos em sociologia*. Ci e Cult., v.38, nº 1: 30-36.
- Kozol, Jonathan (1990), *Analfabetos U.S.A.*, Barcelona, El Roure.
- Krippendorff, K. (1980). *Content Analysis na Introduction to this Methodology*. Londres: Sage.
- Kunzel, K. (1996). Learning as a lifelong process?. *Vocational Training European Journal*, 8/9, 86-90.
- Lahire, Bernard (2008). *La raison scolaire*. Rennes: Presses Universitaires de Rennes.
- Lakatos, E. M. e Marconi, M.A. (1990). *Técnicas de Pesquisa*. 2ª ed. S. Paulo: Atlas.
- Landsheere, G., Landsheere V. (1981). *Definir os Objetivos da Educação*. Lisboa: Moraes Editores.
- Landsheere, Viviane, (1994). *Educação e Formação*. Porto: Asa Editora.
- LeCompte, M. e Preissle, J. e Tesch, R. (1993). Characteristics and origins of qualitative and ethnographic research in education. In M. LeCompte, J. Preissle, e R. Tesch (Orgs.), *Ethnography and qualitative design in educational research* (1-29). San Diego: Academic Press.
- Lee, V. (2001). Dropping out of high school: the role of school organization and structure. Retirado a 12 fevereiro de 2012, de <http://law.harvard.edu/groups/civilrights/publications/dropouts.lee.html>
- Legendre, M. (2001). Contribuição do modelo da equilibração para o estudo da aprendizagem do adulto. In C. Solar, e C. Denis (Orgs), *Aprendizagem e desenvolvimento de adultos* (155-216). Lisboa: Instituto Piaget.
- Lehr, U. (1999). *Process of aging. The need for longitudinal, interdisciplinary cross-national research*. Unpublished manuscript.
- Leitão, J. (2002). Trabalho, qualificação e novas competências. In I. Melo e Silva, J. Leitão, e M. Trigo (Orgs), *Educação e Formação de Adultos* (73-76). Lisboa: ANEFA.
- Lens, W. (1994). Motivation and learning. Em: Husen, T. e Postlethwaite, T. N. (Orgs.) *The international encyclopedia of education* (Vol. 7, 3936-3942). United States: Pergamon.

- Lerner, R. (1984). *On the nature of human plasticity*. Cambridge, MA: Cambridge University Press.
- Lerner, R. (1996). Relative plasticity, integration, temporality, and diversity in human development: A developmental contextual perspective about theory, process, and method. *Developmental Psychology*, 32(4), 781-786.
- Lerner, R. (2002). *Concepts and theories of human development* (3rd ed.). Mahwah, NJ: Erlbaum.
- Lerner, R. (2006). Editor's introduction: Developmental science, developmental systems, and contemporary theories. In R. Lerner (Ed.), *Handbook of Child Psychology: Vol. 1. Theoretical models of human development* (6th ed.). Hoboken, NJ: Wiley.
- Lerner, R., e Busch-Rossnagel, N. (1981). Individuals as producers of their development: conceptual and empirical basis. In R. Lerner e N. Busch-Rossnagel (Eds.), *Individuals as producers of their development: A life-span perspective* (1-36). New York: Academic Press.
- Lerner, R., e Walls, T. (1999). Revisiting individuals as producers of their development. From dynamic interactionism to developmental systems. In J. Brandtstadter e R. Lerner (Eds.), *Action and self-development. Theory and research through the life span* (3-36). Thousand Oaks, CA: Sage.
- Lerner, R., Easterbrooks, M., e Mistry, J. (Eds.). (2003). *Handbook of Psychology: Vol. 6. Developmental Psychology*. New York: John Wiley e Sons.
- Lesne, M. (1984). *Trabalho Pedagógico e Formação de Adultos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Lessard, M. (2005a). L'obligation de résultats en éducation : de quoi s'agit-il ? In C. Lessard, e P. Meirieu (Orgs), *L'obligation des résultats en éducation* (23-48). Bruxelles: De Boeck Université.
- Lessard, M. (2005b). Conclusion Synthèse. In C. Lessard, e P. Meirieu (Orgs), *L'obligation des résultats en éducation* (295-293). Bruxelles: De Boeck Université.
- Lessard-Herbert, Goyette, G. E Boutin, G. (1990). *Investigação Qualitativa: fundamentos e práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Levinson, D. (1974). The psychosocial development of men in early adulthood and the mid-life transition. In D. Ricks, A. Thomas, M. Roff (Eds.), *Life history research in psychopathology*. Vol. 3. Minneapolis: University of Minnesota Press.
- Levinson, D. (1978). *The seasons of a man's life*. New York: Knopf.
- Lima, L. (1988). A reorganização e a administração da educação de adultos nos trabalhos da reforma educativa. *Revista Portuguesa de Educação*, 1 (3), 69-86.
- Lima, L. (1994). Inovação e mudança em educação de adultos. In L. Lima (Org.), *Fórum I*, 58-73. Braga: Universidade do Minho.
- Lima, L. (1996). Educação de adultos e construção da cidadania democrática: para uma crítica do gerencialismo e da educação contábil. *Inovação* (9), nº 3, 283-297. Lisboa. IIE

- Lima, L. (2005). A educação de adultos em Portugal (1974-2004): entre as lógicas da educação popular e da gestão de recursos humanos. In Rui Canário e Belmiro Cabrita (orgs.), *Educação e Formação de Adultos: Mutações e Convergências*. Lisboa: Educa, 31-60.
- Lima, L. (2006). A Educação de adultos não pode estar entregue ao mercado. *Aprender ao Longo da Vida*, 6. Associação “O Direito de Aprender”. Retirado a 12 fevereiro de 2012, em http://www.direitodeaprender.com.pt/revista_06_05.htm.
- Lima, L. (2010). “Notas breves de um participante”. In *O Direito de Aprender*, 12, Lisboa: Associação O Direito de Aprender, 30-33.
- Lima, L. (2010). A Educação faz tudo? Crítica ao pedagogismo na “sociedade da aprendizagem”. *Revista Lusófona de Educação*, 15, pp. 41 – 54.
- Lima, L. (org.). (2006). *Educação não escolar de adultos: iniciativas de educação e formação em contexto associativo*. Braga: Universidade do Minho/Unidade de Educação de Adultos.
- Lima, L. C. (2002). Da vida, ao longo da aprendizagem. A vida ao longo da educação e a educação ao longo da vida. *A página da Educação*, n.º 115 (agosto/setembro), 21.
- Lincoln, Y. (2003). Constructivist knowing, participatory ethics and responsive evaluation: A model for the 21 st century. In T. Kellaghan e D. Stufflebeam (Eds.), *International handbook of educational evaluation* (60.78). Boston: Kluwer.
- Lindeman, E. C. (1926). *The Meaning of Adult Education*. New York: New Republic.
- Liz, C., Machado, M. e Burnay, E. (2009). *Perceções sobre a Iniciativa Novas Oportunidades*. Lisboa: Agência Nacional para a Qualificação.
- Lopes, H. (coord.) (1998). *Aplicação de Metodologias de Formação para Adultos Pouco Escolarizados*. Lisboa: Observatório do Emprego e Formação Profissional.
- Lopes, R. (2005). Conceções científicas e pessoais sobre a educação/formação profissional: contributos para a elaboração de um modelo teórico. Braga: Universidade do Minho (tese de doutoramento).
- Lourenço, O. M. (1990). *Psicologia do Desenvolvimento Moral: Teorias, Dados e Implicações*. Livraria Almedina: Coimbra.
- Ludojoski, R. (1972). *Andragogía o Educación del Adulto*. México: Editorial Guadalupe.
- M.E. (2002) *O Futuro da Educação em Portugal: Tendências e oportunidades*. Disponível em <http://www.giase.min-edu.pt/content02.asp?auxID=avalpros-01> Retirado a 12 fevereiro de 2012.
- Machado, E. (2013). *Avaliar é ser sujeito ou sujeitar-se, elementos para uma genealogia da avaliação*. Mangualde: Edições pedagogo.
- Madaus, G. e Stufflebeam, D. (2000). Program evaluation: a historical overview. In D. Stufflebeam, G. Madaus e T. Kellaghan (Eds.), *Evaluation models: viewpoints on educational and human services evaluation* (3-18). Dordrecht: Kluwer.

- Madeira, M. (2006). Ensino Profissional de Jovens. Um Percurso Escolar Diferente para a (Re)Construção de Projetos de Vida. *Revista Lusófona de Educação*, 7, 121-141.
- Malglaive, Gerard (1995), *Ensinar Adultos*, Porto, Porto Editora.
- Manacorda, M. A. (1992). *História da Educação: da antiguidade aos nossos dias*. 3ª ed. São Paulo: Cortez – Autores Associados.
- Marchand, H. (2005). *Psicologia do adulto e do idoso*. Coimbra: Quarteto.
- Maroy, C. (2009). Enjeux, pressuposés et implicites normatifs de la poursuite de l'efficacité dans le système d'enseignement. In X. Dumay, e V. Dupriez (Orgs.), *L'efficacité dans l'enseignement* (209-224). Bruxelles: De Boeck.
- Maroy, C. (1994), "La formation postscolaire. Extension ou infléchissement de la forme scolaire?" em Guy Vincent (org.), *L'Éducation Prisonnière de la Forme Scolaire? Scolarisation et Socialisation dans les Sociétés Industrielles*. Lyon : Presses Universitaires de Lyon.
- Marques, R. (1990). *Educação Cívica e Desenvolvimento Pessoal e Social*. Lisboa: Texto Editora.
- Márquez, A. (1998). Andragogía: propuesta política para una cultura democrática en educación superior. In: Encuentro Nacional de Educación y pensamiento. 1., Santo Domingo, República Dominicana. Palestra. Santo Domingo, República Dominicana, 1998. Disponível em http://ofd_prd.tripod.com/encuentro/ponencias/amarquez.html. Retirado a 12 fevereiro de 2012.
- Martins, A. (1991). Insucesso escolar e apoio sócio-educativo. *Cadernos de análise sócio-organizacional de educação*, 4, 5-25.
- Martins, A; Pardal, L e Dias, C. (2005). Ensino Técnico e Profissional: Natureza da Oferta e da Procura. *Interações*, 1, 77-97.
- Martins, S. (2005). Portugal, um lugar de fronteira na Europa: uma leitura de indicadores socioeducacionais. *Sociologia, Problemas e Práticas*, 49, 141-161.
- Maslow, A. (1970). *Motivation and personality* (2ª ed.). New York: Harper e Row.
- Maslow, A. (s/d). *Introdução à Psicologia do Ser*. Rio de Janeiro: Editora Eldorado.
- Maturana, H. R. (2004). *Del ser al hacer. Los orígenes de la biología del conocer*. Santiago: J. C. Sáez.
- Melo, A. (1999). Editorial, *Revista Saber Mais*, nº2, (julho-setembro).
- Melo, A. (coord) (1999). *S@ber +. Programa para o desenvolvimento e expansão da educação e formação de adultos – 1999-2006*. Lisboa: Ministério da Educação e Ministério do Trabalho e da Solidariedade.
- Melo, A. (Coord.), Matos, L. e Silva, O. (2001). *S@ber+: Programa para o Desenvolvimento e Expansão da Educação e da Formação de Adultos, 1999-2006*. Lisboa: ANEFA.
- Melo, A. Lima, L., Almeida, M. (2002). *Novas políticas de educação e formação de adultos*. Lisboa: ANEFA/ME.

- Melo, A. Queirós, A., Silva, A., Salgado, L., Rothes, L., e Ribeiro, M. (1998). *Uma Aposta Educativa na Educação para Todos. Documento de Estratégia para o Desenvolvimento da Educação de Adultos*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Melo, A., Benavente, A. (1978). *Educação popular em Portugal (1974-1976)*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Mendonça, M. e Carneiro, M. (2009). *Análise da Iniciativa Novas Oportunidades como ação de política pública educativa*. Lisboa: Agência Nacional para a Qualificação.
- Menezes, I. (1999). *Desenvolvimento psicológico na formação pessoal e social*. Porto: ASA.
- Merriam, B. (1988). Foundations of Qualitative Case Study Research. In B. Merriam, Case Study Research in Education. *A Qualitative Approach* (1-35). Jossey-Bam Publishers: San Francisco.
- Mezirow, J. (1978). Perspective transformation. *Adult education*, 21 (3), 135-147.
- Mezirow, J. (1981). A critical theory of adult learning and education. *Adult Education*, 32, 3-27.
- Mezirow, J. (1991). *Transformative dimensions of adult learning*. San Francisco, CA: Jossey-Bass.
- Mezirow, J. (1997). Transformative theory of adult learning. In *Transformative learning in action: insights from practice. New Directions for Adult and Continuing Education*, 74, 5-12.
- Minayo, M. C. S. (1992). *O desafio do conhecimento*. São Paulo: Hucitec.
- Minayo, M. C. S. (org.) (1994). *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 19ª ed. Petrópolis: Brasil
- Ministério da Educação e da Segurança Social e do Trabalho (2004). Despacho conjunto n.º 453/2004, de 27 de julho - Diário da República – II Série, Nº 175
- Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social e da Educação (2008) Portaria nº 230/2008, de 7 de março, republicada pela Portaria n.º 283/2011, de 24 de outubro - Diário da República, I Série — N.º 48
- Ministério da Educação (1986). Lei de Bases do Sistema Educativo, Lei nº 46/86, de 14 de outubro - Diário da República – I Série, Nº 237
- Ministério da Educação (1998), *Uma aposta educativa na participação de todos. Documento de Estratégia para o Desenvolvimento da Educação de Adultos*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Ministério da Educação (2002). Decreto-lei nº 208/2002, de 17 de outubro – Diário da República – I Série - A, Nº 240
- Ministério da Educação (2006). Decreto-Lei nº 213/2006, de 27 de outubro - Diário da República – I Série, Nº 208
- Ministério da Educação (2007). Desenvolvimento profissional de professores para a qualidade e para a equidade da Aprendizagem ao longo da Vida. Conferência promovida

- no âmbito da *Presidência Portuguesa do Conselho da União Europeia*. Retirado a 12 fevereiro de 2012, em <http://www.eu2007.min-edu.pt/np4/27.html>
- Ministério da Educação (2009). Ensino profissional celebra 20 anos com forte crescimento de alunos e cursos. Retirado a 12 fevereiro de 2012, de <http://www.min-edu.pt/np3/3025.html>
- Ministério da Educação (s/d). Programa Educação 2015. Retirado a 12 fevereiro de 2012, de http://www.minedu.pt/np3content/?newsId=5163efileName=estrategia_2015_diretores.pdf
- Ministério da Educação e do Trabalho e da Solidariedade (2001). Portaria n.º 1082-A / 2001, de 5 de setembro – Diário da República – I Série – B, Nº 206
- Ministério do Trabalho e da Solidariedade (2000). Plano Nacional de Emprego 2000. Portugal e a Estratégia Europeia para o Emprego. Lisboa. Departamento de Estudos, Prospetiva e Planeamento.
- Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social e da Educação (2008). Portaria n.º 370/2008, de 21 de maio – Diário da República – I Série, Nº 98
- Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social e Ministério da Educação (2008). *Novas Oportunidades, Aprender Compensa*. Lisboa: Ministério do Trabalho e da Solidariedade Social e Ministério da Educação.
- Moacir, G. (1992). Indicadores de qualidade de educação escolar. Seminário “O Controle da qualidade da educação escolar”. Recife: UNICEF.
- Morais e Kelingsky (1996). The cognitive constraints of lifelong-learning. *Vocational Training European Journal*, 8/9, 79-85.
- Morgado, J. C. (2007). Formação e Desenvolvimento Profissional Docente: desafios contemporâneos. In J. C. Morgado e I. Reis (orgs.), *Formação e Desenvolvimento Profissional Docente: Perspetivas Europeias*. Braga: CIE, Universidade do Minho, 41-57.
- Morgan, D. L. (1997). *Focus Group as Qualitative Research*. 2ª ed., vol.16. Londres: Sage university Paper.
- Morris, M. (2003). Ethical considerations in evaluation. In T. Kellaghan e D. Stufflebeam (Eds.), *International handbook of educational evaluation* (303-328). Boston: Kluwer.
- Moscovici, F. (1998). *Desenvolvimento Interpessoal – Treinamento em Grupo*. 8ª ed. Rio de Janeiro: José Olympio Editora.
- Mosquera, J. J. M. (1982). A Motivação Humana na Conceção de Abraam H. Maslow. In La Puente, M. (org). *Tendências Contemporâneas em Psicologia da Motivação*. São Paulo: Cortez, 21-39.
- Mosquera, J. J. M. (1987). *Vida Adulta : personalidade e desenvolvimento*. Porto Alegre: Sulina.
- Moura, R. M. (1997). O processo de aprendizagem autodirigida em adultos. Tese de mestrado não publicada. Universidade Católica Portuguesa: Departamento de Ciências Psicopedagógicas, Lisboa.

- Mourão, P. (s/d). Contributo para o estudo económico dos indicadores regionais. Retirado a 12 fevereiro de 2012, de http://www.apdr.pt/siteRPER/numeros/RPER12/art04_rper12.pdf
- Murillo, J. (2007). *Investigación Iberoamericana sobre eficacia escolar*. Bogotá: Convenio Andrés Bello.
- Murray, E. J. (1986). *Motivação e emoção*. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan.
- Murray, T. Scott (2003). "Training cycles and skill for new learning activities: the case for Portugal", em AA.VV., *Cruzamentos de Saberes. Aprendizagens Sustentáveis*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Murray, T. Scott e outros (2009). *A Dimensão Económica da Literacia em Portugal: uma Análise*. Lisboa: GEPE.
- Néri, A. L (Org) (1995). *Psicologia do Envelhecimento: temas seleccionados na perspetiva de curso de vida*. São Paulo: Papirus. - Coleção Vivaldade.
- Néri, A. L (Org.) (2001). *Maturidade e Velhice: Trajetórias individuais e socioculturais*. São Paulo: Papirus.
- Néri, A. L. (1991). *Envelhecer num país de jovens: significados de velhos e velhice segundo brasileiros não idosos*. Campinas: UNICAMP.
- Néri, A. L. (1993). *Qualidade de vida e idade madura*. Campinas: Papirus.
- Néri, A. L; Wagner, E. C. (1985). Opiniões de pessoas de diferentes faixas etárias sobre velhice: um estudo exploratório. *Estudos de Psicologia*, v. 2, nº 2/3, 1985, 81 – 104.
- Neves, A. (Org.) (2005). *Estudo de avaliação das políticas de aprendizagem ao longo da vida*. Lisboa: DGEEP.
- Norbeck, J. (1979). *Formas e métodos de educação de adultos*. Braga: Universidade do Minho.
- Nottingham Andragogy Group (1983). *Towards a Developmental Theory of Andragogy*. Nottingham, Malaysia: University of Nottingham Department of Adult Education.
- Nóvoa, A. (1988). A Formação tem de passar por aqui: as histórias de vida no projeto Prosalis. In Nóvoa, A. E Finger, M. (orgs). *O método (auto) biográfico e a formação*. Lisboa: Ministério da Saúde.
- Nóvoa, A. (2002). *Espaços de Educação e Tempos de Formação. Nota Introdutória*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Nóvoa, A. (2005). Les états de la politique dans l'espace européen de l'éducation. In Lawn, Martin & Nóvoa (orgs). *L'Europe Réinventée . Regards Critiques sur l'Espace Européen de l'Éducation*. Paris: L'Harmattan.
- Nuissl, E. (2006). The development of European perspectives in adult education. In R. Vieira, A. Sancho, e P. Guimarães (Eds), *Adult education: new routes in a new landscape* (75-86). Braga: Universidade do Minho.

- Observatório do Emprego e Formação Profissional (2001). *Saída prematura do sistema educativo: aspetos da situação, causas e perspectivas em termos de emprego e formação*. Lisboa: Instituto do Emprego e Formação Profissional.
- OCDE (1999). *Exame temático no âmbito da OCDE*. Paris: OCDE.
- OCDE (1999). Lifelong Learning for All. Paris. OCDE. [Meeting of the Education Committee at Ministerial Level, 16-17 January 1996.]
- OCDE (2000). *Thematic Review on Adult Learning. Background Report*. Paris: OCDE.
- OCDE (2001). Nota de Síntese sobre Portugal, in *A Aprendizagem dos Adultos em Portugal – Exame Temático*, vols. I-II (2002). Lisboa: ANEFA.
- OCDE (2002). *A Aprendizagem dos adultos em Portugal*. Lisboa: ANEFA.
- OCDE (2005). Promoting Adult Learning. Paris: OECD.
- OCDE (2005). *Education at a Glance*. Paris: OCDE.
- OCDE (2006) Education at a Glance. Disponível em <http://oecd.org/dataoecd/44/35/37376068.pdf> . Retirado a 25 maio de 2012.
- OCDE (2006). Personnaliser l'enseignement. Retirado a 25 maio de 2012, de http://www.oecd.org/document/61/0,2340,fr_2649_34859774_3616953_1_1_1_1,0_0.html
- OCDE (2006). Schooling for tomorrow. Retirado a 25 maio de 2012, de <http://www.oecd.org/dataoecd/54/59/36905442.pdf>
- OCDE (2009). *Education at a glance*. Paris: 2009.
- OCDE (2009). Programme pour l' évaluation internationale des compétences des adultes (PIAAC). Retirado a 30 de julho de 2012, de http://www.oecd.org/document/35/0,3343,en_2649_201185_40277475_1_1_1_1,0_0.html
- OCDE (2010). *Economic Survey Portugal*. Paris: OECD.
- OCDE e Statistics Canada (2000). *Literacy in the Information Age. Final Report of the International Adult Literacy Survey*. Paris: OECD.
- Olesen, H. (2006). Lifelong learning – a challenge for adult education research. In R, Vieira, A. Sancho, e P. Guimarães (Eds), *Adult education: new routes in a new landscape* (57-73). Braga: Universidade do Minho.
- Oliveira, A. B. (2007). Andragogia e educação de adultos. Disponível em <http://www.serprofessoruniversitario.pro.br/ler.php?modulo=1etexto=13> . Retirado a 25 maio de 2012.
- Oliveira, A. B. (s/d). Andragogia – A educação de adultos. Disponível em <http://www.geocities.com/sjuvella/Andragogia.html> Retirado a 25 maio de 2012.
- Oliveira, C. C.; Paulo, J.; Antunes, M. C. (orgs.) (1999). *Educação de Adultos e Intervenção Comunitária*. Braga: Instituto de Educação e Psicologia, Universidade do Minho.

- Oliveira, R. (s/d). New Trends in Widening Participation to Learning in Portugal. Retirado a 25 maio de 2012, de <http://www.ergonkek.gr/pathways/>
- Olson, D., e Nancy T. (2001). "Conceptualizing literacy as a personal skill and a social practice", In David R. Olson, e Nancy Torrance (orgs.), *The Making of Literate Societies*, Oxford: Blackwell Publishers.
- Oppenheim, A. N. (1979). *Questionnaire Design and Attitude Measurement*. 8ª ed. Londres: Heinemen Educational Books.
- Osgood, C. E. (1982). *Método e Teoria na Psicologia Experimental*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Osório, A. (2005). *Educação Permanente e Educação de Adultos*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Overton, W. (2006). Developmental psychology: Philosophy, concepts, methodology. In R. Lerner (Ed.), *Handbook of Child Psychology. Vol. 1: Theoretical models of human development* (6th ed., 107-188). Hoboken, NJ: Wiley.
- Owen, J. (2007). *Program Evaluation. Forms and Approaches*. New York: The Guildford Press.
- Pacheco, J. (2006). Currículo, investigação e mudança. In L. Lima, J. Pacheco, M. Esteves, e R. Canário, *A Educação em Portugal 1986-2006* (55-111). Lisboa: Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação.
- Pacheco, J. (2011). Discursos e Lugares das Competências em Contextos de Educação e Formação. Porto: Porto Editora.
- Pain, A. (1991). *L'Éducation Informelle. Les Effects Formateurs dans le Quotidien*. Paris: L'Harmattan.
- Papalia, D. E. e OLDS, S. W. (2000). *Desenvolvimento humano*. 7a. ed. Porto Alegre: Artes Médicas Sul.
- Papen, U. (2005). Adult Literacy as Social Practice. More Than Skills. Londres: Routledge.
- Pardal, L., Ventura, A. e Dias, C. (2003). *O Ensino Técnico em Portugal*. Aveiro: Universidade de Aveiro.
- Pas, N. (2003). Rethinking lifelong learning policies in Europe. In C. Medel, *Lifelong learning discourses in Europe* (3-16). Hamburg: UNESCO.
- Patton, M. (1990). *Qualitative studies and research methods*. London: Sage.
- Patton, M. (2003). Utilization-focused evaluation. In T. Kellaghan e D. Stufflebeam (Eds), *International handbook of educational evaluation* (223-244). Dordrecht: Kluwer.
- Paul, J. (2005). L'économie de l'éducation permet-elle de légitimer l'obligation des résultats? In C. Lessard, e P. Meirieu (2005), *L'obligation des résultats en éducation* (79-87). Bruxelle: De Boeck Université.
- Pereira, L. (2009). Professores/ Profissionais de Reconhecimento e Validação de Competências. Entre Teorias e Práticas. Lisboa: Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação (tese de mestrado).

- Pereira, O. G., Jesuíno, J.C., Fernandes, B., Barahana, G., Prata, P. (1985). *Psicologia social do desenvolvimento*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Pérez López, J. A. (1991) *Teoría de la acción humana en las organizaciones: La acción personal*. Madrid: Rialp.
- Pérez, R. (2006). *Evaluación de programas educativos*. Madrid: La Muralla.
- Perrenaud, J. (1993). *Práticas Pedagógicas, Profissão Docente e Formação*. Lisboa: Publicações D. Quixote.
- Perrenoud, P. (1994). A Escola deve seguir ou antecipar as mudanças da sociedade? In M. Thurler, e P. Perrenoud (Dir.), *A Escola e a Mudança* (11-31). Lisboa: Escolar Editora.
- Perrenoud, P. (1998). Évaluer les réformes scolaires est-ce bien raisonnable. In G. Pelletier (dir.), *L'évaluation institutionnelle de l'éducation* (11-47). Montréal: Éditions de l'AFIDES.
- Perry, W. (1970). *Forms of Intellectual and ethical development in the college years*. New York: Holt, Rinehart e Winton
- Perry, W. (1981). Cognitive and ethical growth: the making of meaning. In A. Chickering and Associates, *The modern american college: responding to new realities of diverse students and changing society*. San Francisco: Jossey-Bass.
- Pfromm, S. N. (1987). *Psicologia da aprendizagem e do ensino*. São Paulo: EPU.
- Pineau, G. (1991). Formation expérientielle et théorie tripolaire de la formation, In Courtois, B e Pineau, G (Org.). *La formation expérientielle des adultes*, 29-40. Paris: La documentation française.
- Pineau, G. (1999). *Expériences d'apprentissage et histoires de vie. Traité des sciences et techniques de la formation*. Edition Dunod
- Pinto, J., Matos, L. e Rothes, L. (1998). *Ensino Recorrente: Relatório de Avaliação*. Lisboa. Ministério da Educação.
- Pinto, S. (2010). *Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências. Um estudo sobre a avaliação de competências no contexto de um Centro Novas Oportunidades. Tese de Doutoramento em Ciências da Educação. Especialidade de Desenvolvimento Curricular*. Braga: Universidade do Minho.
- Pintrich P, R. e Schunk, D. H (2002). *Motivation in education - theory, research and applications*. New Jersey: Merrill Prentice Hall.
- Pintrich: R., e De Groot, E. V. (1990). Motivational and self-regulated learning components of classroom performance. *Journal of Educational Psychology*, 82, 33-40.
- Pires, A. L. (2002). *Educação e Formação ao Longo da Vida: Análise Crítica dos Sistemas e Dispositivos de Reconhecimento e Validação de Aprendizagens e de Competências*. Dissertação de doutoramento em Ciências da Educação, Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Ciências e Tecnologia.
- Pires, A. (2005). *Educação e Formação ao Longo da Vida: Análise Crítica dos Sistemas e Dispositivos de Reconhecimento, Validação e Certificação de Aprendizagens e de Compe-*

tências. Coimbra: Fundação Calouste Gulbenkian e Fundação para a Ciência e a Tecnologia.

- Pires, A. (2007). Reconhecimento e validação das aprendizagens experienciais. Uma problemática educativa. *Sísifo*. Revista de Ciências da Educação., 2, 5-20.
- Pires, A. L (2006). O Reconhecimento e Validação das Aprendizagens Adquiridas pela Experiência e a Investigação. In Figari, G.; Rodrigues, P; Alves e Valois, P. (Orgs). *Avaliação de Competências e Aprendizagens Experienciais: saberes, modelos, e métodos*. Lisboa: Educa.
- Pires, A. (2010). O conceito de competência ainda se encontra em construção. Aprender ao Longo da Vida, n.º 13, pp. 7 – 11.
- Pires, A. (2011). European Inventory on Validation of Nonformal and Informal Learning 2010. Country Report: Portugal. Bélgica: CEDEFOP.
- Ponte, J. (1994). O estudo de caso na investigação em educação matemática. In Quadrante, 3 (1), pp. 3 – 18.
- Popovic, K. (2008). Some conceptions in the history of adult education. Retirado a 25 maio de 2012, de <http://www.eaea.org/index.php?k=11952>
- Pourtois, J.P. e Desmet, H. (1992). *Epistemologia e instrumentación en ciencias humanas*. Barcelona: Herder.
- Powers, B. (1982). *Growing faith*. Nashville: Broadman Press.
- Praia, M. (1991). *Desenvolvimento pessoal e social*. Porto: Edições Asa.
- Queiroz, M. I. P. (1987). *Relatos Orais: do “indizível” ao “dizível”*. Ci e Cult., v39, nº 3, 272-286.
- Quintans, H. (2008). *Educação de Adultos: vida no currículo e currículo na vida*. Lisboa: Agência Nacional para a Qualificação.
- Quivy, R. e Campenhoudt, L. (2005). *Manual de investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva.
- Rancière, J. (2002). *O mestre ignorante*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Raseth, A. (1996). *O perfil e Funções do Formador*. Lisboa: IEFEP (Formar Pedagogicamente).
- Reich, W. (s/d) *Análise do caráter*. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora.
- Reimão, C. (1994). Escola e Família: Uma Relação a Desenvolver. *Brotéria*. 139, 445-459.
- Revista Colóquio / Educação e Sociedade (2000), nº 6, *Aprender ao Longo da Vida*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Revista Inovação (1996), Vol. 9, nº 3, *Educação e Formação ao Longo da Vida*. Lisboa: Ministério da Educação / Instituto de Inovação Educacional.
- Rey, B. (2002). *As Competências Transversais em Questão*. Porto Alegre: Artmed.
- Ribas, B. (2004). *Políticas de educação de adultos e o ensino/aprendizagem das línguas estrangeiras*. Universidade do Minho: Braga (dissertação de mestrado).

- Riegel, K. (1978). Psychology and the future. *American Psychologist*, 33, 631-647.
- Riley, K. A (2006). Qualidade e Igualdade: Objetivos Competidores ou Complementares? In M. Preedy, R. Glatter, R. Levanic e Colaboradores. *Gestão em Educação. Estratégia, Qualidade e Recursos* (33-42). São Paulo: Artmed.
- Riverin-Simard, D. (1984). *Etapas de Vie au Travail*. Montreal: Editions Cooperatives.
- Roazzi, A., Almeida, L. (1988). Insucesso escolar: insucesso do aluno ou insucesso do sistema escolar?. *Revista portuguesa de educação.*, 1 (2), 53-60.
- Rocha, M. (s/d). A construção de indicadores e a monitorização social: uma análise a partir do pré-diagnóstico da rede social do Porto. Retirado a 25 maio de 2012, de <http://www.aps.pt/vicongresso/pdfs/213.pdf>
- Rodrigues, Â. (2006). *Análise de Práticas e de Necessidades de Formação*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Rodrigues, Â. (2007). Da Teoria à Prática - necessidades de formação dos formadores. In *Processos de Formação na e para a Prática de Cuidados* (77-89). Loures: Lusociência.
- Rodrigues, P. (2009). Recensões. *Sísifo*, 9, 115-118.
- Roelens, N. (1991). Le métabolisme de l'expérience en réalité et en identité, In B. Courtois, e G. Pineau (Orgs.), *La formation expérientielle des adultes* (219-241). Paris: La documentation française.
- Rogers, C. (1971). *On becoming a person: a therapist's view of psychotherapy* (4ª ed.). London: Constable.
- Rogers, C. (1965). The place of the person in the new world of the behavioral sciences. In F. T. Severin (Ed.), *Humanistic viewpoints in psychology*. New York: McGraw Hill.
- Rogers, C. (1980). *Tornar-se pessoa*. Lisboa: Moraes Editora.
- Roldão, M. C. (2007). Questões de qualidade e eficácia no trabalho de Professores. *Noesis*, 71 (Out./Dez.).
- Roths, L. (2007). Educação e formação de adultos em Portugal: Circunstâncias e desafios? *Aprendizagem ao Longo da Vida no Debate Nacional sobre a Educação*. 75-83. Lisboa: Conselho Nacional de Educação.
- Roths, L. (s/d). New Trends in Professional Formation and Updating in Occupations Associated with Adult Learning. Retirado a 25 agosto de 2011, de <http://www.ergonkek.gr/pathways/>
- Rudinger, G. e Thomae, H. (1990). The Bonn longitudinal study of aging. Coping, life adjustment, and life satisfaction. In P. Baltes e M. Baltes (Eds.), *Successful Aging: Perspectives from the behavioral sciences* (265-295). New York: Cambridge University Press.
- Ryan, R. M. e Deci, E. L. (2000). The darker and brighter sides of human existence: Basic psychological needs as a unifying concept. *Psychological Inquiry*, 11(4), 319-338.

- Rychen, Dominique Simone, e Laura Hersh Salganik (orgs.) (2003). *Key Competencies for a Successful Life and a Well-Functioning Society*. Gottingen: Hogrefe e Huber Publishers.
- Sá – Chaves, I. (2005). Os “Portfolios” Reflexivos (Também) trazem gente dentro. Reflexões em torno do seu uso na humanização dos processos educativos. Porto: Porto Editora.
- Salgado, L. (1995). *Literacia e Aprendizagem da Leitura e Escrita*. Coimbra: Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra.
- Sanches, R. (2010). Tempos de Auto (cronoformação). *Poíesis Pedagógica*, 8 (1), 7-18.
- Santos Silva, A (1990). *Educação de Adultos. Educação para o desenvolvimento*. Porto: Edições Asa.
- Santos B. S. e Antunes D. D. (2007). Vida adulta, processos motivacionais e diversidade. *Educação*. Porto Alegre/RS, ano XXX, n. 1 (61), 149-164, jan./abr.
- Santos, L. e al. (2010). *Avaliar para aprender*. Porto: Porto Editora.
- Santos, T. (coord.) (2005). Desenvolvimento Pessoal e Social: do conceito à projeção concreta. Cadernos de Educação de Infância 76, Out./Dez. Consultado em http://cadernosei.no.sapo.pt/edicoes2/2005/artigo_76.pdf a 25 maio de 2012.
- Sanz Fernandez, F. (2006). As raízes históricas dos modelos atuais de educação de pessoas adultas. Cadernos *Sísifo* 2. Lisboa: Educa/UiedCE.
- Saraiva, P. M e al. (2002). Autoavaliação com base no modelo de excelência da EFQM. In J. Azevedo (Org.), *Avaliação das escolas. Consensos e divergências* (81-96). Porto: Asa.
- Sarramona, J. (1995). *Fundamentos de Educacion*. Barcelona: Grupo Editorial Ceac.
- Saumure, K. (2001). Focus Group - An Overview. Retirado a 25 maio de 2012, de www.slis.ualberta.ca/cap02/kristie/focus_group_paper.htm
- Schaie K. W. (1996). *Intellectual development in adulthood: The Seattle Longitudinal Study*. New York: Cambridge University Press.
- Schaie, K. W. (1983). *Longitudinal studies of adult psychological development*. New York: Guilford.
- Schaie, K. W. e Willis, S. (2003). *Psicología de la edad adulta y la vejez*. Madrid: Pearson Educación.
- Schraiber, L. B. (1995) Pesquisa Qualitativa em Saúde: reflexões metodológicas do relato oral e produção de narrativas em estudo sobre a profissão médica. *Revista Saúde Pública*, v. 29, nº 1, 63-74.
- Schuller, T.; Preston, J.; Hammond, C.; Brasseete-Grundy, A. e Bynner J. (2004). *The Benefits of Learning. The Impact of Learning on Health, Family Life and Social Capital*. Londres: Routledge-Falmer.
- Scriven, M. (1991). *Evaluation Thesaurus*. London: Sage.
- Scriven, M. (1994). Evaluation as a discipline. *Studies in Educational Evaluation*, 20, 147-166.

- Scriven, M. (2000). Evaluation ideologies. . In D. Stufflebeam, G. Madaus e T. Kellaghan (Eds.), *Evaluation models: viewpoints on educational and human services evaluation* (249-277). Dordrecht: Kluwer.
- Scriven, M. (2003). Evaluation theory and metatheory. In T. Kellaghan e D. Stufflebeam (Eds), *International handbook of educational evaluation* (15-30). Dordrecht: Kluwer.
- Scriven, M. (2007). Key evaluation checklist. Retirado a 25 maio de 2012, de www.wmich.edu/evalctr/checklists/Kec_feb07.pdf
- Seguro, R. (org.) (2010). Dossier COFITEA VI. *Aprender ao longo da Vida*. 12. Lisboa: Associação O Direito de Aprender, 16-45.
- Seidman, I. (1991). Why interviewing as qualitative research. In I. Seidman, *Interviewing as qualitative research* (1-8). Teachers College Press: New York.
- Seiffert, R. Q. (2001). *Gerontologia: Introdução Sociopolítica*. Florianópolis: Copyflo.
- Séverac, P. (org.) (2007). *Lire et Écrire*. Éditions Siences Humaines.
- Seyfried, E. (2007). *Indicators for quality in VET*. Luxembourg: CEDEFOP.
- Shavelson, J., Mc Donnell, L. e Oakes. J. (1991). What are educational indicators and indicator system? Retirado a 25 maio de 2012, de <http://pareonline.net/getvn.asp?v=2en=11>
- Silva, A. (2008). Mediação Formadora e Sujeito Aprendente ao Longo da Vida. Anais (Actas) do IV Colóquio Luso – Brasileiro, VIII Colóquio sobre Questões Curriculares: Currículo, Teorias, Métodos. Florianópolis: Universidade de Santa Catarina.
- Silva, A. S. (1997). Comunicação. In Seminário, 20 de novembro de 1996 - *Educar e Formar ao Longo da Vida – Atas*. Lisboa: Conselho Nacional da Educação.
- Silva, A. S. (2000). *Cultura e Desenvolvimento: Estudos sobre a Relação entre Ser e Agir*. Oeiras: Celta Editora.
- Silva, A. S. (2001). *Educação de Adultos, Educação para o Desenvolvimento*. Porto. Edições Asa, 2ª ed.
- Silva, A. S. e Pinto J. M. (orgs) (2001). *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Edições Afrontamento.
- Silva, A. S. e Pinto, J. M. (orgs). (2001). *Uma visão global sobre as Ciências Sociais* (11 ed.). Porto: Edições Afrontamento.
- Silva, D. S. (2013). “Educação de Adultos – que futuro?”, comunicação apresentada no I Colóquio Internacional de Ciências Sociais da Educação, em paralelo com o III Encontro de Sociologia da Educação, subordinados à temática de “Não –Formal e do Informal em Educação”, nos dias 25, 26 e 27 de março. Universidade do Minho: Braga.
- Silva, D. S. (2012). “Cursos EFA – presente e futuro” - comunicação apresentada no dia 16 de outubro, pelas 19h30, na âmbito da sessão solene de Entrega de Diplomas dos Cursos de Educação e Formação de Adultos. Lisboa: Biblioteca da Escola Secundária de Camões.

- Silva, D. S. (2010). "Cursos EFA-NS de habilitação Escolar – a sua organização e implementação na ESCamões", comunicação apresentada no dia 25 de novembro. Lisboa: Biblioteca da Escola Secundária de Camões.
- Silva, D. S. (2010). Educação de Adultos: um desafio voltar à Escola" (Adult Education: a challenge again for school), comunicação apresentada no XVII ISA World Congress of Sociology, subordinada ao tema A Sociologia em Movimento, que decorreu entre 11 e 17 de julho, em Gothenburg, Suécia.
- Silva, D. S. (2010). "Portefólio Reflexivo de Aprendizagens – PRA – Mediação nos Cursos EFA", comunicação apresentada no dia 11 de março, pelas 17h, na sala 36 da Escola Secundária de Camões, para mediadores dos Cursos EFA.
- Silva, D. S. (2009). "Atividades Integradoras nos Cursos EFA", comunicação apresentada no dia 30 de setembro, pelas 17h, na sala 32 da Escola Secundária de Camões, para professores dos Cursos EFA.
- Silva, D. S. (2009). "Educação de Adultos e os Cursos EFA – Planificação e Metodologias", comunicação apresentada no dia 14 de setembro, pelas 17h, na Biblioteca da Escola Secundária de Camões, para professores dos Cursos EFA.
- Silva, D. S. (2009). Moderadora no Encontro ao Fim da tarde / Cem Anos de Literatura Portuguesa, sobre António Ge-deão, com a participação de Fernando Pinto do Amaral, Manuel Freire, Cândida Rosa e duas alunas do 11º ano, promovido pelo Departamento de Românicas da Escola Secundária de Camões, no Auditório Camões.
- Silva, D. S. (2009). Apresentação de uma Comunicação com o título "Educação de Adultos e Ensino Recorrente por Módulos Capitalizáveis", no XVII Colóquio da AFIRSE/AIPELF, subordinado ao tema "A Escola e o Mundo do Trabalho", que decorreu na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Silva, D. S. (2009). Apresentação de uma Comunicação com o título Educação de Adultos e Diversidade Cultural, no X Congresso Luso-Afro-Brasileiro de Ciências Sociais, subordinado ao tema "Sociedades desiguais e Paradigmas em Confronto", que decorreu na Universidade do Minho, Braga.
- Silva, D. S. (2008). Apresentação de uma Comunicação com o título Professor tutor na Educação de Adultos do Ensino Secundário, no XVI Colóquio da AFIRSE/AIPELF, subordinado ao tema "Tutoria e Mediação em Educação: Novos Desafios à Investigação Educacional", que decorreu na Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Silva, J.; Silva, A. e Fonseca, J. (1996). *Avaliação do sistema das escolas profissionais*. Lisboa: Ministério da Educação.
- Silva, M. C. V. (1991). Contributos para uma análise de necessidades educativas de crianças pertencentes a minorias étnicas e desfavorecidas (dissertação de mestrado não publicada). Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Silva, M. C. V. (1995). A escola: como a veem os atores pertencentes a minorias étnicas. In *Atas do V Colloque National de l'AIPELF/AFIRSE*, 811-818.

- Silva, M. C. V. (1995). Escola e educação multicultural. In *Educação. Ensino* (10), 6-9.
- Silva, M. C. V. (1997). Alguns apontamentos sobre a vida escolar de crianças pertencentes a minorias étnicas. In *Atas do III Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação*, vol.I, 79-85.
- Silva, M. C. V. (2000). A segunda geração de emigrantes portugueses em França: Testemunhos de um grupo de alunos no seu retorno às origens. In *Atas do V Congresso da Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação*.
- Silva, M. C. V. (2003). "Discriminatio subtilis": Estudo de três classes multiculturais (dissertação de doutoramento não publicada). Lisboa: Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.
- Silva, V. (2008). A narrativa instrumental da qualidade na educação. *Revista de Estudos em Avaliação Educacional*, 40, 191-221.
- Silvestre, C. (2003). *Educação/Formação de Adultos como dimensão dinamizadora do sistema educativo/formativo*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Simões, A. (1994). Desenvolvimento intelectual do adulto. In L. Lima (Org.), *Fórum I* (150-161). Braga: Universidade do Minho.
- Simons, H. (2006). Ethics in evaluation. In I. Shaw, J. Greene, e M. Mark (Eds), *The Sage handbook of evaluation* (213-232). London: Sage.
- Smith, M. (2002). Adult education. The meaning of adult education. A brief guide and bibliography. *The Informal Education Homepage*. George Williams College.
- Smith, R. M. (1988). *Learning how to learn: applied theory for adults*. Milton Keynes: Open University Press.
- Solar, C. e Denis, C. (2001). Aprendizagem e desenvolvimento de adultos: uma perspetiva. In C. Solar, e C. Denis (Orgs.), *Aprendizagem e desenvolvimento de adultos* (155-216). Lisboa: Instituto Piaget.
- Sousa, F. C. (2007). O que é “ser adulto”: as práticas e representações sociais sobre o que é “ser adulto” na sociedade portuguesa. *Revista Moçambros: acolhendo a alfabetização nos países de língua portuguesa*. São Paulo. Ano 1, n. 2, 2007. Disponível em <http://www.mocambras.org>. Retirado a 25 maio de 2012.
- Souza, C. (2006). Políticas públicas: uma revisão da literatura. *Sociologias*, 16, 20-45.
- Spaulding, D. (2008). *Program Evaluation in Practice*. San Francisco: Jossey-Bass.
- Sprinthall, N. A. e Sprinthall, R. C. (1994). *Psicologia Educacional*. Lisboa: McGraw-Hill.Srhe and Open University Press.
- Stake, R. (2004). Stake and responsive evaluation. In C. Alkin (Ed). *Evaluation Roots* (203-217). London: Sage.
- Stake, R. (2005). Qualitative cases study. In N. Denzin e Y. Lincoln (Eds), *The Sage handbook of qualitative research* (443-462). Thousand Oaks: Sage Publications.

- Stake, R. (2006). Avaliação baseada em critérios y evaluación interpretative. In R. Stake (Ed.), *Evaluación comprensiva y evaluación basada en estándares* (41-102). Barcelona: Graó.
- Stake, R. e Schwandt, T. (2006). On discerning quality in evaluations. In I. Shaw, J. Greene e M. Mark (2006), *The Sage handbook of evaluation* (404-418). London: Sage.
- Statt, J. e Dias, C. (2010). Tantos caminhos! Tantas ruas! Tantas avenidas! Sigo pela estrada da vida e me descobrindo gente. *Poíesis Pedagógica*, 8 (1), 111-126.
- Steiner, R. (1988). *A Arte da Educação I e II*. São Paulo: Antroposófica.
- Steinmetz, A. (1983). The Discrepancy evaluation model. In D. Stufflebeam, G. Madaus e T. Kellaghan (Eds.), *Evaluation Models* (79-100). USA: Kluwer.
- Stenhouse, L. (1985). Case Study Methods. In T. Husen, e T. Postlethwaite (Eds), *The International Encyclopedia of Education* (645-650). Oxford: Pergamon Press.
- Stufflebeam, D. (2000a). Foundational models for 21 st century program evaluation. In D. Stufflebeam, G. Madaus e T. Kellaghan (Eds.), *Evaluation models: Viewpoints on educational and human services evaluation* (33-83). Dordrecht: Kluwer.
- Stufflebeam, D. (2000b). The methodology of metaevaluation. In D. Stufflebeam, G. Madaus e T. Kellaghan (Eds.), *Evaluation models: Viewpoints on educational and human services evaluation* (2nd edition), 457-471. Dordrecht: Kluwer.
- Stufflebeam, D. (2003). The CIPP model of evaluation. In T. Kellaghan e D. Stufflebeam (Eds.), *International handbook of educational evaluation* (31-62). Dordrecht: Kluwer.
- Stufflebeam, D. (2004). The 21st century CIPP model. In C. Alkin, e C. Christie, *Evaluation Roots* (245-266). London: Sage.
- Stufflebeam, D. e Shinkfield, A. (2007). Daniel Stufflebeam's CIPP model for evaluation. In D. Stufflebeam e A. Shinkfield (Eds.), *Evaluation theory, models e applications* (325-365). San Francisco: Jossey-Bass.
- Süssmuth, R. (2003). Meeting the challenges of lifelong learning. In C. Medel, *Lifelong learning discourses in Europe* (17-26). Hamburg: UNESCO.
- Suter, E. A. (2004). Focus Group in Ethnography of Communication: Expanding Topics of Inquiry Beyond Participant Observation. Retirado a 25 maio de 2012, de <http://www.nova.edu/ssss/QR/QR5-1/suter.html>
- Tardif, M. (2005). Les organisations du service public et l' obligation de résultats en éducation : plaidoyer pour un principe de responsabilité limitée. In C. Lessard, e P. Meirieu (Orgs.), *L'obligation des résultats en éducation* (189-205). Bruxelle: De Boeck Université.
- Teixeira, P. (2008). A evidência mitificada? Educação, Economia e Capital Humano em Portugal. In M. Cabral (Org.), *Sucesso e insucesso: escola, economia e sociedade* (197-230). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Tennant, M. (1997). Psychology and adult learning. 2. ed. London: Routledge.

- Teodoro, A. (2001). Organizações internacionais e políticas educativas nacionais: A emergência de novas formas de regulação transnacional, ou uma globalização de baixa intensidade. In Stoer, S., Cortesão, L., Correia, J. (orgs). *Transnacionalização da educação: da crise da educação à "educação" da crise*. Porto: Afrontamento.
- Teodoro, A. (2010). *Educação, Globalização e Neoliberalismo: os novos modos de regulação transnacional das políticas de educação*. Porto: Edições Universitárias Lusófonas.
- Teodoro, A. e Torres, C. A. (orgs.). *Educação Crítica e Utopia. Perspetivas para o Século XXI*. Porto: Edições Afrontamento.
- Thurler, M. (1994). Levar os professores a uma construção ativa da mudança. In M. Thurler, e P. Perrenoud (Dir.), *A Escola e a Mudança* (33-59). Lisboa: Escolar Editora.
- Tight, M. (1996). *Key Concepts in Adult Education and Training* (2ª edição). Londres: Routledge.
- Tourneur, A. (1988). *Syllabus d'Analyse de Contenu*. Mons : Faculté des Sciences Psychopédagogiques.
- Triby, E. (2005). Tranformações e desafios da validação da experiência. *Formação Profissional*, 35, 47-57.
- Trigo, M. (2002). Educação e Formação. Fator de desenvolvimento e competitividade. In I. Melo e Silva, J. Leitão, e M. Trigo (Orgs.), *Educação e Formação de Adultos* (31-39). Lisboa: ANEFA.
- Trigo, M. (2001). Um Ano de Trabalho na ANEFA. In *Recursos Humanos Magazine*, janeiro-fevereiro ano II, nº 12.
- Trigo, M. (2000). DAKAR: e depois? Um olhar sobre a educação e a formação de adultos. *Saber Mais*, nº 5, pp. 12-14.
- Triviños, A. N. S. (1992). *Introdução à pesquisa em ciências sociais: a pesquisa qualitativa em educação*. São Paulo: Atlas.
- Tuckman, B. W. (1978). *Conducting Educational Research*. Nova York: Harcourt Brace Jovanovich.
- Tuckman, B. W. (2000). *Manual de Investigação em Educação*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Tyler, R. (1986). A Rationale for program evaluation. In D. Stufflebeam, G. Madaus e T. Kellaghan (Eds.), *Evaluation Models* (67-78). USA: Kluwer.
- Umbelino, A. B. (2006). Dinâmicas de um Centro de Reconhecimento, Validação e Certificação de Competências, Estudo de caso. Mestrado em Ciências da Educação, Lisboa: Universidade de Lisboa, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação.
- Unesco (1997). *La Declaración de Hamburgo. Memórias de la Conferencia Mundial de Educacion de Adultos*. Bogotá.
- Unesco (1998). *V Conferência Internacional sobre Educação de Adultos. Hamburgo 1997. Declaração Final e Agenda para o Futuro*. Lisboa: Ministério da Educação.

- Unesco (2006). *Participation in formal technical and vocational education and training programmes worldwide*. UNESCO: Bonn.
- Unesco (2007). Documents of previous Unesco Conferences on Adult Education. Disponível em www.unesco.org/education/uie/publications/confitea. Retirado a 25 maio de 2012.
- Unesco (2009). Quality indicators. Retirado a 25 maio de 2012, de http://www.portal.unesco.org/education/en/ev.php-URL_ID=27856eURL_DO=DO_PRINT.
- Unesco (2012). *UNESCO Guidelines for the Recognition, Validation and Accreditation of the Outcomes of Non-Formal and Informal Learning*. Hamburgo.
- Unesco, *Relatório Mundial sobre a Educação/2000. O direito à educação. Uma educação para todos durante toda a vida*. Porto: Edições Asa.
- UNICEF (2000). *Defining quality in education*. New York: UNICEF.
- Vala, J. (1986). *A Análise de Conteúdo*. Metodologia das Ciências Sociais. Porto: Edições Afrontamento.
- Vala, J., Monteiro, M. B. (coords). (1993). *Psicologia Social*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Valente, A., Carvalho, L. e Carvalho, A. (2009). *Estudos de caso de Centros Novas Oportunidades*. Lisboa: Agência Nacional para a Qualificação
- Valente, J. (2005). Aprendizagem continuada ao longo da vida: o exemplo da terceira idade. Disponível em www.redadultosmaiores.com.ar/buscador/files/DESAR005.pdf Retirado a 25 maio de 2012.
- Vallerand, R. J., Deci, E. L., e Ryan, R. M. (1987). Intrinsic motivation in sport. In K. B. Pandolf (Org.), *Exercise and Sport Sciences Reviews* (vol. 15, 389-425). Nova York: MacMillan.
- Vallerand, R. J., Pelletier, L. G., Blais, M.R., Brière, N.M., Senécal, C. e Vallières, E. F. (1992). The academic motivation scale: a measure of intrinsic, extrinsic and amotivation in education. *Educational and Psychological Measurement*, 52, 1003-1017.
- Vandenplas-Holper, C. (1983). *Educação e desenvolvimento Social da Criança*. Coimbra: Livraria Almedina.
- Vandenplas-Holper, C. (1998). *Le développement psychologique a l'age adulte et pendant la vieillesse*. Maturité et sagesse. Paris: Presses Universitaires de France.
- Veiga-Simão, A. M.; Caetano, A. P. e Freire, I. (2007). Uma formação para o Desenvolvimento Profissional em Contexto Laboral. In J. C. Morgado e I. Reis (orgs.), *Formação e Desenvolvimento Profissional Docente: Perspetivas Europeias*. Braga: CIE, 41-72.
- Veiga Simão, A. M.; Flores, M. A. e Ferreira, A. (2007). Oportunidades de aprendizagem e de desenvolvimento profissional no local de trabalho: uma proposta de questionário. *Arquipélago – Ciências da Educação*, 8, 59-116.

- Veiga Simão, A. M., Flores, M. A., Morgado, J. C., Forte, A. M., e Almeida, T. F. (2009). Formação de Professores em Contextos Colaborativos. Um projeto de investigação em curso. *Sísifo. Revista de Ciências da Educação*, 8, 61-74. Disponível em [http://sisifo.fpce.ul.pt/pdfs/S8_PTG_VeigaSimãoetal\(5\).pdf](http://sisifo.fpce.ul.pt/pdfs/S8_PTG_VeigaSimãoetal(5).pdf)
- Veiga Simão, A. M., Caetano, A. P., e Freire, I. (orgs.) (2009). *Tutoria e Mediação em Educação*. Lisboa: Educa.
- Vianna, H. (1990). Medida da qualidade em educação – apresentação de um modelo. *Revista de Estudos em Avaliação Educacional*, 2, 99-102.
- Vieira, F. (2011). As Letras e o novo paradigma de ensino – aprendizagem. Da teoria à prática: reflexões e contributo. *História, Revista da FLUP, IV Série*, volume 1, pp. 41 – 59.
- Vieira, V. (2002). Portfólio: uma proposta de avaliação como reconstrução do processo de aprendizagem. *Psicologia Escolar e Educacional*, volume 6, número 2, pp. 149 – 153.
- Vignoles, A. (2008). Upskilling for the 21st century: some potential pitfalls. In M. Cabral (Org.), *Sucesso e insucesso: escola, economia e sociedade* (179-196). Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian.
- Vigotsky, L. S. (1999). *A Formação Social da Mente: O Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores*. 6a. ed. São Paulo: Martins Fontes.
- Villers, G. (1991). L'expérience en formation d'adultes, In B. Courtois, e G. Pineau (Orgs.), *La formation expérientielle des adultes* (13-20). Paris: La documentation française.
- Vitória, F. S. (1997). *Desenvolvimento do Adolescente em Contexto Escolar*. Psicopedagogia, Educação e Cultura.
- Vroom, V. (1964). *Work and Motivation*. New York: John Wiley and Sons.
- Waal, P.; Tellles, M. (2004). A Andragogia (Knowles). *DynamicLab Gazette - reflexões sobre a aprendizagem on-line*. Disponível em <http://www.dynamiclab.com/mod/forum/discuss.php?d=671> Retirado a 25 maio de 2012.
- Wagner, Daniel A. (1995), Literacy and development: rationales, myths, innovations, and future directions, *International Journal of Educational Development*, 15(4), 341-362.
- Weathersby, R. (1978). Life stages and learning interests. In *The adult learner: current issues in higher education*. Washington D.C.: American Association for Higher Education.
- Weil P. (1990). *A Arte de Viver em Paz - por uma nova consciência e educação*. Paris: UNESCO.
- Wikipédia, a enciclopédia livre. Disponível em <http://pt.wikipedia.org/wiki/Andragogia> Acesso em 27/05/2006.
- Yin, R. (2012), *Applications of Case Study Research*. Los Angeles: Sage.
- Wolcott, H. (1994). *Transforming qualitative data: Description, analysis, and interpretation*. Londres: Sage.

- Wollschläger, N. e Guggenheim, É. (2004). Uma história da formação profissional na Europa: da divergência à convergência. *Revista Europeia de Formação Profissional*, 32, 1-3.
- Wonacott, M. (2002). Dropouts and career and technical education. Myths and realities. Retirado a 25 maio de 2012, de <http://www.ericacve.org/pubs.asp>
- World Bank (s/d). *Lifelong learning in the global knowledge of economy*. Washington D.C: World Bank.
- Worthen, B. (1987). The concept of evaluation: an overview. In B. Worthen e J. Sanders (Eds.), *Educational evaluation: alternative approaches and practical guidelines* (21-61). New York: Longman.
- Zacharias, V. L. C. (2006). Dewey e a Escola Progressista Disponível em <http://www.centrorefeducacional.com.br/dewey.html> Retirado a 25 maio de 2012.
- Zeichner, K. (1993). *A formação reflexiva de professores: Ideias e práticas*. Lisboa: Educa.

Legislação

LEI DE BASES DO SISTEMA EDUCATIVO

Decreto-lei n.º 176/2012, DR 149, Série I, de 2012-08-02 - Regula o regime de matrícula e de frequência no âmbito da escolaridade obrigatória das crianças e dos jovens com idades compreendidas entre os 6 e os 18 anos e estabelece medidas que devem ser adotadas no âmbito dos percursos escolares dos alunos para prevenir o insucesso e o abandono escolares.

Lei nº 49/2005, DR 166, Série I-A, de 2005-08-30 - Segunda alteração à Lei de Bases do Sistema Educativo e primeira alteração à Lei de Bases do Financiamento do Ensino Superior.

Lei nº 115/97, DR 216, Série I-A, de 1997-09-19 - Alteração à Lei nº 46/86, de 14 de outubro (Lei de Bases do Sistema Educativo).

Lei nº 46/86, DR 237, Série I, de 1986-10-14 - Lei de Bases do Sistema Educativo.

CURSOS DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO

Despacho conjunto nº 453/2004, DR 175, Série II, de 2004-07-27 - Regulamenta a criação de Cursos de Educação e Formação com dupla certificação escolar e profissional, destinados preferencialmente a jovens com idade igual ou superior a 15 anos.

CURSOS DE ESPECIALIZAÇÃO TECNOLÓGICA - CET

Despacho nº 1 647/2007, DR 23, Série II, de 2007-02-01 - Designa a Direção-Geral de Formação Vocacional como serviço competente para a instrução de pedidos de registo de Cursos de Especialização Tecnológica.

Decreto-Lei nº 88/2006, DR 99, Série I-A, de 2006-05-23 - Regula os Cursos de Especialização Tecnológica e aplica-se a todas as instituições de formação que os ministrem.

Portaria nº 393/2002, DR 86, Série I-B, de 2002-04-12 - Regulamenta os concursos especiais de acesso e ingresso no ensino superior para os titulares de um Diploma de Especialização Tecnológica e os termos de integração curricular dos candidatos.

CURSOS DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO DE ADULTOS - EFA

Despacho normativo nº 28/2007, DR 149, Série II, de 2007-08-03 - Determina o modo de cálculo da classificação final nas disciplinas em que os alunos do ensino básico recorrente, os formandos dos Cursos EFA e os adultos certificados pelo Sistema RVCC realizam exames nacionais para prosseguirem estudos de nível secundário em cursos científico-humanísticos, na modalidade de ensino regular.

Portaria nº 817/2007, DR 144, Série I, de 2007-07-27 - Define o regime jurídico dos cursos de educação e formação de adultos (EFA) de nível básico e secundário e de níveis 1 e 2 de formação profissional.

Despacho nº 11 203/2007, DR 110, Série II, de 2007-06-08 - Define as orientações aplicáveis aos Centros Novas Oportunidades e às entidades formadoras dos cursos EFA, nomeadamente no que respeita às competências dos membros das equipas técnico-pedagógicas dos Centros Novas Oportunidades e às habilitações para a docência dos formadores que integram as equipas técnico-pedagógicas dos Centros Novas Oportunidades (nível básico e secundário) e dos formadores que asseguram a formação de base nos cursos EFA.

Despacho nº 26 401/2006, DR 249, Série II, de 2006-12-29 - Introduce alterações no funcionamento dos cursos EFA.

Despacho nº 15 187/2006, DR 135, Série II, de 2006-07-14 - Regula o funcionamento dos Centros RVCC (Centros Novas Oportunidades) nos estabelecimentos de ensino. Revoga o Despacho nº 15 795/2003, de 14 de agosto. É igualmente aplicado aos Cursos EFA relativamente às habilitações dos elementos da equipa pedagógica.

Despacho conjunto nº 650/2001, DR 167, Série II, de 2001-07-20 - Aprova o modelo de certificado a atribuir na conclusão dos Cursos de Educação e Formação de Adultos - anexo 4 - de acordo com o determinado no nº 17 do despacho conjunto nº 1083/2000. Simultaneamente, introduz algumas alterações relativamente ao desenho curricular e às áreas de formação profissionalizante

ENSINO RECORRENTE

1º Ciclo do Ensino Básico

[Portaria nº 432/1989, DR 134, Série I, de 1989-06-14](#), Ministério da Educação

Regulamenta os objetivos, plano curricular e formas de avaliação dos níveis de educação

de base para adultos ao nível do 1º ciclo. Revoga a Portaria nº 95/87, de 10 de fevereiro.

2º Ciclo do Ensino Básico

[Despacho nº 26/SERE/1989, DR 127, Série II, de 1989-06-03](#), Secretaria de Estado da Reforma Educativa

Regulamenta as condições de admissão e a realização das provas de avaliação final dos alunos autopropostos do 2º ciclo do ensino básico recorrente.

[Despacho nº 49/SEAM/1988, DR 292, Série II, de 1988-12-20](#)

Secretário de Estado Adjunto do Ministro

Estabelece as normas que regem a avaliação contínua e a avaliação final dos cursos do 2º ciclo do ensino básico recorrente.

[Despacho normativo nº 58/1988, DR 168, Série I, de 1988-07-22](#), Ministério da Educação

Estabelece o plano curricular dos cursos noturnos do 2º ciclo do ensino básico. Revoga as disposições referentes aos cursos noturnos do ensino preparatório constantes do Despacho Normativo nº 73/86, de 25 de agosto.

[Portaria nº 243/1988, DR 91, Série I, de 1988-04-19](#), Ministério da Educação

Passa para a responsabilidade da Direção-Geral de Apoio e Extensão Educativa todos os cursos de ensino preparatório noturno.

3º Ciclo do Ensino Básico por Unidades Capitalizáveis

[Despacho normativo nº 28/2007, DR 149, Série II, de 2007-08-03](#), Secretaria de Estado da Educação

Determina o modo de cálculo da classificação final nas disciplinas em que os alunos do ensino básico recorrente, os formandos dos Cursos EFA e os adultos certificados pelo Sistema RVCC realizam exames nacionais para prosseguirem estudos de nível secundário em cursos científico-humanísticos, na modalidade de ensino regular.

[Retificação nº 1 654/2005, DR 190, Série II, de 2005-10-03](#), Ministério da Educação

Retifica as tabelas 1 - Inglês e C - Matemática do anexo ao Despacho nº 20 241/2005, de 22 de setembro.

[Despacho nº 20 241/2005, DR 183, Série II, de 2005-09-22](#), Ministério da Educação

Define o quadro de concessão de equivalências entre os planos curriculares do Decreto-Lei nº 6/2001, de 18 de janeiro, com a redação dada pelo Decreto-Lei nº 209/2002, de 17 de outubro, e o plano curricular do 3º ciclo do ensino básico recorrente por unidades capitalizáveis.

[Despacho normativo nº 36/1999, DR 169, Série I-B, de 1999-07-22](#)

Ministério da Educação

Introduz alterações à organização pedagógica e administrativa do ensino recorrente por unidades capitalizáveis no 3º ciclo do ensino básico e no ensino secundário.

[Despacho nº 59/SEEI/1996, DR 268, Série II, de 1996-11-19](#), Secretaria de Estado da Educação e Inovação

Define o regime de equivalências das disciplinas de Inglês e Educação Visual do 3º ciclo do ensino básico e da área de Ciências Sociais e Formação Cívica do 3º ciclo do ensino básico recorrente, aprovado pelo Despacho Normativo nº 189/1993, de 7 de agosto, e os programas em vigor para o 3º ciclo do ensino básico recorrente a partir do ano letivo de 1996-97.

[Retificação ao Despacho nº 41/SEED/1995, DR 82, Série II, de 1996-04-06](#)

Secretaria de Estado da Educação e Inovação

Retifica o anexo ao despacho nº 41/SEED/1995.

[Despacho nº 41/SEED/1995, DR 249, Série II, de 1995-10-27](#) Secretaria de Estado da Educação e do Desporto

Define o regime de concessão de equivalências às disciplinas e áreas disciplinares do 3º ciclo do ensino básico por unidades capitalizáveis.

[Despacho normativo nº 189/1993, DR 184, Série I-B, de 1993-08-07](#), Ministério da Educação

Aprova os planos curriculares do 3º ciclo do ensino recorrente por unidades capitalizáveis.

3º Ciclo do Ensino Básico por Blocos Capitalizáveis

[Despacho normativo nº 28/2007, DR 149, Série II, de 2007-08-03](#), Secretaria de Estado da Educação

Determina o modo de cálculo da classificação final nas disciplinas em que os alunos do ensino básico recorrente, os formandos dos Cursos EFA e os adultos certificados pelo Sistema RVCC realizam exames nacionais para prosseguirem estudos de nível secundário em cursos científico-humanísticos, na modalidade de ensino regular.

[Despacho nº 16 903/2003, DR 202, Série II, de 2003-09-02](#)

Ministério da Educação

Define o regime de avaliação e transição entre blocos no 3º ciclo do ensino básico recorrente dos alunos, em regime presencial, da experiência pedagógica aprovada pelo Despacho nº 20 421/1999, de 27 de outubro.

[Despacho nº 21 711/2000, DR 249, Série II, de 2000-10-27](#), Ministério da Educação

Altera a redação do anexo I do Despacho nº 20 421/1999, de 27 de outubro.

[Despacho nº 20 421/1999, DR 251, Série II, de 1999-10-27](#), Ministério da Educação

Lança a experiência pedagógica para o desenvolvimento de cursos de 3º ciclo do ensino básico recorrente com novos planos curriculares.

Ensino Secundário

[Despacho normativo nº 36/2007, DR 193, Série II, de 2007-10-08](#), Ministério da Educação

Regulamenta o processo de reorientação do percurso formativo dos alunos, através dos regimes de permeabilidade e equivalência entre disciplinas.

[Portaria nº 673/2007, DR 107, Série I, de 2007-06-04](#), Ministério da Educação

Altera o tipo de prova a efetuar no exame final nacional da disciplina de Aplicações Informáticas B, constante do anexo II à Portaria nº 259/2006, de 14 de março, e do quadro VII do anexo III ao despacho normativo nº 14/2007, de 8 de março.

[Despacho normativo nº 15/2006, DR 218, Série II, de 2006-11-13](#), Ministério da Educação

Determina os exames nacionais a realizar no ensino secundário no ano letivo de 2006-2007.

[Portaria nº 781/2006, DR 153, Série I, de 2006-08-09](#), Secretaria de Estado da Educação

Altera a Portaria nº 550-E/2004, de 21 de maio, de acordo com as alterações introduzidas pelo Decreto-Lei nº 24/2006, de 6 de fevereiro.

[Despacho nº 15 932/2006, DR 145, Série II, de 2006-07-28](#), Secretaria de Estado da Educação

Regulamenta a atribuição de equivalências para ingresso nos Cursos do Ensino Secundário

Ensino Recorrente por Módulos Capitalizáveis.

[Decreto-Lei nº 24/2006, DR 26, Série I-A, de 2006-02-06](#), Ministério da Educação
Altera o Decreto-Lei n.º 74/2004, de 26 de março, que estabelece os princípios orientadores da organização e da gestão curricular, bem como da avaliação das aprendizagens, no nível secundário de educação. Revoga o nº 5 do artigo 11º do Decreto-Lei nº 74/2004.

[Lei nº 49/2005, DR 166, Série I-A, de 2005-08-30](#), Assembleia da República
Segunda alteração à Lei de Bases do Sistema Educativo.

[Despacho nº 13 203/2004, DR 157, Série II, de 2004-07-06](#), Ministério da Educação
Define a matriz curricular dos cursos artísticos especializados de Ensino Recorrente, ao abrigo do disposto no nº 6 do artigo 6º do Decreto-Lei nº 74/2004, de 26 de março (Escolas do Ensino Artístico Especializado António Arroio e Soares dos Reis).

[Declaração de Retificação nº 44/2004, DR 122, Série I-A, de 2004-05-25](#), Presidência do Conselho de Ministros
Retifica o Decreto-Lei nº 74/2004, de 26 de março.

[Portaria nº 550-E/2004, DR 119, Série I-B, de 2004-05-21](#), Ministério da Educação
Cria diversos cursos do ensino recorrente de nível secundário e aprova os respetivos planos de estudos. Aprova o regime de organização administrativa e pedagógica e de avaliação aplicável aos cursos científico-humanísticos, aos cursos tecnológicos e aos cursos artísticos especializados, nos domínios das artes visuais e dos áudio-visuais, de ensino recorrente de nível secundário.

[Decreto-Lei nº 74/2004, DR 73, Série I-A, de 2004-03-26](#), Ministério da Educação
Estabelece os princípios orientadores da organização e da gestão do currículo, bem como da avaliação das aprendizagens referentes ao nível secundário de educação.

[Portaria nº 302/2003, DR 87, Série I-B, de 2003-04-12](#), Ministérios da Educação e da Ciência e do Ensino Superior
Estabelece as normas gerais para o ensino recorrente por unidades capitalizáveis e acesso ao ensino superior.

[Portaria nº 394/2002, DR 86, Série I-B, de 2002-04-12](#), Ministério da Educação
Estabelece que os alunos que pretendam matricular-se nos cursos do ensino secundário recorrente por unidades capitalizáveis, tendo já disciplinas/formações concluídas em qualquer outro curso do ensino secundário, deverão apresentar certificado das suas habilitações académicas.

[Despacho normativo nº 36/1999, DR 169, Série I-B, de 1999-07-22](#)
Ministério da Educação

Introduz alterações à organização pedagógica e administrativa do ensino recorrente por unidades capitalizáveis no 3º ciclo do ensino básico e no ensino secundário.

[Lei nº 115/1997, DR 217, Série I-A, de 1997-09-19](#)
Assembleia da República

Alteração à Lei nº 46/1986, de 14 de outubro (Lei de Bases do Sistema Educativo).

[Despacho nº 41/SEED/1994, DR 135, Série II, de 1994-06-14](#), Secretaria de Estado da Educação e do Desporto

Alargamento da rede inicial e criação de cursos técnicos - ponto 5 determina que a titularidade do ensino secundário recorrente é equivalente ao 12º ano.

[Despacho nº 273/ME/1992, DR 260, Série II, de 1992-11-10](#), Ministério da Educação
Estabelece a criação, em regime experimental, de cursos do ensino secundário recorrente e dos respetivos planos curriculares.

[Despacho normativo nº 193/1991, DR 204, Série I-B, de 1991-09-05](#), Ministério da Educação

Estabelece disposições sobre os cursos do ensino recorrente ao nível do 3º ciclo do ensino básico e ensino secundário no sistema de ensino por unidades capitalizáveis.

[Decreto-Lei nº 74/1991, DR 34, Série I-A, de 1991-02-09](#)

Ministério da Educação

Estabelece o quadro geral da organização e desenvolvimento da educação de adultos nas suas vertentes de ensino recorrente e de educação extraescolar.

[Lei nº 46/1986, DR 237, Série I, de 1986-10-14](#). Assembleia da República

Lei de Bases do Sistema Educativo. O Artigo 20.º estabelece o público-alvo do ensino recorrente.

Novas Oportunidades

- Despacho n.º 3447/2010, de 24 de Fev de 2010 - Regulamenta a atribuição de certificação aos formandos que frequentaram, sem terem concluído, os cursos de educação e formação de adultos

- Despacho n.º 23038/2009, de 20 de Out de 2009 - Revê o enquadramento das ofertas de educação e formação para os jovens integrados em centros educativos (revoga o despacho conjunto n.º 998/2003, publicado no Diário da República, 2.ª série, n.º 249, de 27 de outubro de 2003)

- Despacho n.º 21028/2009, de 18 de Set de 2009 - Reconhecimento das ações de formação contínua em educação e formação de adultos, realizadas por coordenadores e formadores dos Centros Novas Oportunidades, no âmbito do Estatuto da Carreira Docente

- Despacho n.º 20650/2009, de 14 de Set de 2009 - Cria grupo de trabalho com o objetivo de apresentar um diagnóstico das necessidades de formação de dupla certificação

- Portaria n.º 782/2009, de 23 de Jul de 2009 - Regula o Quadro Nacional de Qualificações e define os descritores para a caracterização dos níveis de qualificação nacionais

- Portaria n.º 781/2009, de 23 de Jul de 2009 - Estabelece a estrutura e organização do Catálogo Nacional de Qualificações

- Despacho n.º 15889/2009, de 13 de Jul de 2009 - Aprova o regulamento das Comissões Técnicas dos Centros Novas Oportunidades

- Despacho n.º 15642/2008 de 5 de Jun de 2008 - Modelos de diplomas e certificação de conclusão do nível secundário de educação, ao abrigo do Decreto-Lei n.º 357/2007, de 29 de outubro

- Despacho n.º 14753/2008 de 28 de Mai de 2008 - Descongelamento - Centro Novas Oportunidades

- Despacho n.º 14310/2008 de 23 de Mai de 2008 - Define as orientações para o funcionamento dos centros novas oportunidades nos estabelecimentos públicos de ensino

- Portaria n.º 370/2008, de 21 de Mai de 2008 - Regula a criação e o funcionamento dos Centros Novas Oportunidades

- Despacho n.º 6950/2008 de 10 de Mar de 2008 - Autoriza a criação de centros novas oportunidades em entidades e concelhos identificados, em acréscimo à rede de centros já existente

- Portaria n.º 230/2008, de 7 de Mar de 2008, republicada pela Portaria n.º 283/2011, de 24 de outubro - Define o regime jurídico dos cursos de educação e formação de adultos (cursos EFA) e das formações modulares previstos no Decreto-Lei n.º 396/2007, de 31 de dezembro, e revoga a Portaria n.º 817/2007, de 27 de julho

- Despacho n.º 6260/2008, de 5 de Mar de 2008 - É aprovado o regulamento de exames a nível de escola para a conclusão e certificação do nível secundário de educação ao abrigo do Decreto-Lei n.º 357/2007, de 29 de outubro

- Despacho normativo n.º 1/2008, de 8 de Jan de 2008 - Regulamenta a concessão de equivalências entre disciplinas e áreas de formação integradas em planos de estudo de cursos de nível secundário de educação e disciplinas e áreas e formação do ensino secundário recorrente por módulos capitalizáveis

- Despacho n.º 29 176/2007, de 3 de Jan de 2008 - Regula o acesso de pessoas com deficiência ou incapacidade ao processo de reconhecimento, validação e certificação de competências (RVCC) e as ofertas de educação e formação de adultos

- Despacho n.º 26 007/2007, de 14 de Nov. de 2007 - Prorrogação do prazo para a conclusão do respetivo plano de estudo dos alunos do sistema das unidades capitalizáveis

- Decreto-lei n.º 357/2007, de 29 de Out de 2007 - Regulamenta o processo de conclusão e certificação, por parte de adultos com percursos formativos incompletos, do nível secundário de educação relativo a planos de estudo já extintos

- Portaria n.º 817/2007, de 27 de Jul de 2007 - Novo regime jurídico dos Cursos de Educação e Formação de Adultos

- Despacho n.º 11 203/2007, de 8 de Jun. de 2007 - Definição das orientações aplicáveis aos Centros Novas Oportunidades e às entidades formadoras dos Cursos de Educação e Formação de Adultos

- Despacho n.º 7794/2007, de 27 de Abr. de 2007 - Aplicação das orientações sobre a rede nacional do Centro Novas Oportunidades do Sistema Nacional RVCC às escolas e aos agrupamentos de escolas

- Portaria n.º 86/2007, de 12 de Jan de 2007 - Alargamento do processo de RVCC ao nível secundário

- Despacho n.º 26 401/2006, de 29 de Dez de 2006 - Cursos de Educação e Formação de Adultos

QUADRO NACIONAL DE QUALIFICAÇÕES

Declaração de Retificação nº 20/2011, DR 133, Série I, de 2011-07-13, Presidência do Conselho de Ministros

Retifica a Portaria nº 199/2011, de 19 de maio, dos Ministérios do Trabalho e da Solidariedade Social e da Educação, que aprova os modelos de diplomas e de certificados que con-

ferem uma qualificação de nível não superior no âmbito do Sistema Nacional de Qualificações, publicada no Diário da República, 1.ª série, n.º 97, de 19 de maio de 2011.

Portaria nº 199/2011, DR 97, Série I, de 2011-05-19, Ministérios do Trabalho e da Solidariedade Social e da Educação

Aprova os modelos de diplomas e de certificados que conferem uma qualificação de nível não superior no âmbito do Sistema Nacional de Qualificações.

Despacho nº 978/2011, DR 8, Série II, de 2011-01-12, Ministérios do Trabalho e da Solidariedade Social e da Educação

Caracterização dos níveis de qualificação do Quadro Nacional de Qualificação (QNQ).

Portaria nº 782/2009, DR 141, Série I, de 2009-07-23

Regula o Quadro Nacional de Qualificações e define os descritores para a caracterização dos níveis de qualificação nacionais.

Sites consultados

- **Ministério da Educação:** www.min-edu.pt

- **Direção Regional de Educação de Lisboa:** www.drel.min-edu.pt

(Informações sobre educação na Região de Lisboa).

- **Direção-Geral de Inovação e Desenvolvimento Curricular (DGIDC):** www.dgdc.min-edu.pt

(Orientações acerca da educação pré-escolar, ensino básico, ensino secundário e suas modalidades especiais: educação especial, ensino recorrente...).

- **Direção-Geral de Formação Vocacional (DGFV):** www.dgfv.min-edu.pt (Informações sobre percursos de qualificação escolar e profissional para jovens e adultos: Cursos de Educação e Formação, Cursos Profissionais, Cursos do Ensino Artístico Especializado, Cursos de Especialização Tecnológica, Sistema RVCC e Cursos de Educação e Formação de Adultos).

- **Instituto de Emprego e Formação Profissional (IEFP):** www.iefp.pt

(conhecer a formação oferecida pelo IEPF - onde se incluem os cursos do sistema de aprendizagem, cursos de educação e formação, entre outros -, as ofertas de emprego, como conseguir um estágio profissional, como elaborar um currículo, obter uma qualificação profissional ou trabalhar na Europa).

- **Site oficial do Acesso ao Ensino Superior:** www.acessoensinosuperior.pt

(consultar todas as informações necessárias caso pretenda candidatar-se ao ensino superior: índice de cursos do ensino superior, provas de ingresso, exames de acesso ao ensino superior, regulamento das condições especiais de acesso e ingresso no ensino superior para maiores de 23 anos, legislação, etc.).

- **Direção-Geral do Ensino Superior:** www.dges.mctes.pt

(Informações acerca do Ensino Superior: rede de estabelecimentos de ensino superior, cursos do ensino superior e de especialização tecnológica, legislação).

- **Programa Eu Exploro!:** eu-exploro.netpercursos.net

(Dirigido às escolas da Região Centro, cujo objetivo é proporcionar aos alunos do 3º ciclo e secundário a oportunidade de conhecerem mais de perto, em visita às escolas, cursos qualificantes e que se centram em aprendizagens práticas: Cursos Profissionais, Cursos de Educação e Formação, Cursos Tecnológicos, Cursos de Especialização Tecnológica, Cursos das Escolas de Ensino Especial, entre outros).

- **Clube IEP:** clubeiep.netpercursos.net

(Sítio da Internet dirigido a alunos, cujo lema é “Ser IEP” - Informado sobre o Ensino e as Profissões e que se assume como mais um instrumento de informação escolar e profissional de apoio às escolas, alunos e respetivas famílias da Região Centro. Dirige-se às escolas e alunos do ensino básico (2º ciclo e 3º ciclo) e do ensino secundário. Aqui os alunos podem ficar a conhecer a diversidade de ofertas do sistema educativo português de uma forma divertida).

Educação no Mundo:

- **CEDEFOP:** www.cedefop.eu.int (Página na Internet do CEDEFOP - Centro Europeu para o Desenvolvimento da Formação Profissional).
- **Fundação Europeia para a Formação:** www.etf.eu.int
(Conhecer os projetos desta fundação europeia cujo objetivo é desenvolver a qualidade da educação e sistemas de formação e contribuir para a sua implementação prática).
- **OCDE (Educação):** www.oecd.org/topic/0,2686,en_2649_37455_1_1_1_37455,00.html
(Secção dedicada à Educação no Sítio da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Económico. Consultar as estatísticas, publicações e documentos).
- **Portal da União Europeia (Educação, Formação, Juventude):** euro-pa.eu.int/pol/educ/index_pt.htm (Consultar a secção referente à Educação, Formação e Juventude do Portal da União Europeia).

Estatísticas de Educação:

- **Eurostat :** europa.eu.int/comm/eurostat
(Estatísticas Europeias. Aqui pode-se encontrar estatísticas sobre educação e formação na Europa).
- **Eurydice:** www.eurydice.org
(Visitar na Internet a Rede de Informação sobre Educação na Europa (Eurydice). Este organismo tem como objetivo recolher, processar e divulgar informação comparável acerca dos diferentes sistemas educativos e políticas educativas europeias).
- **Gabinete de Informação e Avaliação do Sistema Educativo:** www.giase.min-edu.pt
(estatísticas do Sistema Educativo Português).
- **INE:** www.ine.pt
(Sítio do Instituto Nacional de Estatística, onde se pode consultar dados relativos à educação e formação da população portuguesa).
- **PISA:** www.pisa.oecd.org
(Consulte na Internet o sítio do Estudo Internacional de Pisa).
- **Projeto ALEA:** alea-estp.ine.pt
(Sítio do projeto que visa promover a literacia estatística. São disponibilizados recursos de apoio para o ensino e aprendizagem da Estatística. Um complemento para a consulta dos sites anteriores).

Estudar e trabalhar no estrangeiro:

- **Portal do Cidadão (estudar no estrangeiro):**
www.portaldocidadao.pt/PORTAL/pt/cidadao/areas+interesse/educacao+e+formacao/estudar+fora+de+portugal (Informações úteis para quem quer estudar no estrangeiro).

- **Programas Sócrates e Leonardo da Vinci:** www.socleo.pt
(Sítio da Agência Nacional para os Programas Sócrates e Leonardo da Vinci).

Notícias de Educação:

- **Síte da Educação:** www.educacao.te.pt
(Portal dirigido a professores, pais e alunos. Em cada área encontra informações úteis e recursos).
- **Educare:** www.educare.pt
(Notícias, artigos e agenda de eventos educativos).
- **Ensino Magazine Online:** www.rvj.pt/ensino
(Notícias e Artigos sobre Educação).
- **Jornal a Página da Educação:** www.apagina.pt
(Artigos sobre Educação).

Outros Links Úteis:

- **Gabinete de Avaliação Educacional:** www.gave.pt
(Aqui pode ter acesso às provas modelo dos exames nacionais do ensino básico e secundário, consultar as provas de aferição e o Estudo Internacional de Pisa).
- **PNRQ:**
http://portal.iefp.pt/portal/page?_pageid=177,1e_dad=gov_portal_iefpe_schema=GOV_PORTAL_IEFP
(Sítio do Ponto Nacional de Referência para as Qualificações, onde pode ter acesso a informação sobre os Sistemas de Educação, de Formação e de Certificação Profissional de Portugal).
- **Wikipédia:** pt.wikipedia.org
(Enciclopédia livre da Internet, cujos conteúdos são escritos e atualizados pelos próprios visitantes).

ANEXOS

ANEXOS em *CD-ROM*

ANEXO I – Guião pedagógico da entrevista

GUIÃO PEDAGÓGICO DA ENTREVISTA (Estrela, 1990: 346-348)

I - Tema:

Identificação e caracterização das motivações e expetativas dos alunos adultos do ensino secundário recorrente que terminaram o curso em três anos (2004-2007).

II – Objetivos gerais:

1º - Obter elementos para uma caracterização dos alunos adultos.

2º - Recolher dados para a identificação das principais motivações dos alunos adultos procurarem a escola e das suas expetativas em relação à mesma.

3º - Recolher dados para um conhecimento das suas expectativas face à finalização deste ciclo de estudos.

4º - Analisar o tipo de motivações (intrínsecas e extrínsecas).

5º - Identificar as suas expetativas futuras.

III – Objetivos específicos e estratégias:

| Designação dos blocos (= categorias) | Objetivos específicos | Tópicos / Questões (= subcategorias + indicadores) | Observações |
|---|--|---|---|
| A Legitimação da entrevista e motivação | Legitimar a entrevista e motivar o entrevistado. | <p>1 – Informar, nas suas linhas gerais, do trabalho de investigação - a identificação e caracterização das motivações e expectativas dos alunos adultos do ensino secundário recorrente que terminaram o curso em três anos (2004-2007).</p> <p>2 – Pedir ajuda ao aluno, pois o seu contributo é absolutamente imprescindível para o êxito do trabalho.</p> <p>3 – Colocar o aluno na situação de membro da equipa de investigação, embora com um estatuto especial: gradualmente, irá tendo conhecimento da investigação e na parte final do trabalho, ser-lhe-á fornecido o “feedback”.</p> | <p>Tempo médio: 5 a 10 min.</p> <p>Responder, de modo preciso, breve e esclarecedor, a todas as perguntas do entrevistado, sem desvio dos objetivos específicos do bloco.</p> |

| | | | |
|--|--|---|---|
| | | 4 – Assegurar o caráter confidencial das informações prestadas. | |
| B Caracterização dos alunos | Recolher elementos para: - identificar os sujeitos adultos do ensino secundário e - caracterizá-los. | <ul style="list-style-type: none"> - Identificação: idade, sexo, local de nascimento, profissão e escolaridade dos pais, profissão, emprego, estado civil, cônjuge, filhos. - Fale um pouco do seu trabalho. - Como concilia escola e trabalho? - Qual a importância do trabalho na sua vida? - Como percebe e/ou vivencia a dificuldade para conseguir um emprego hoje? - E sobre o desemprego, o que tem a dizer? - Como vê a importância da escola para a realização desse seu projeto? - O que faz nos fins de semana e nas horas de lazer? | Se oportuno e adequado, introduziremos questões que permitam um maior esclarecimento das respostas dadas. |
| C Percurso escolar até ao 9º ano | Recolher elementos sobre o percurso escolar dos sujeitos até ao 9º ano ou equivalente. | <ul style="list-style-type: none"> - Fale um pouco sobre a sua vida escolar anterior, na infância e na juventude. - Qual/quais o(s) ano(s) que marcou/aram mais positiva e negativamente a sua vida? Porquê? - Ficou retido algum ano? Qual? Porquê? - Circunstâncias de caráter espacial, temporal, material, psicossocial, relativas ao seu abandono escolar. - Quais eram os seus projetos pessoais em termos escolares e profissionais até ao 9º ano? - Fale das escolhas feitas no que respeita à escola, área de estudo, curso. | Se oportuno e adequado, introduziremos questões que permitam um maior esclarecimento das respostas dadas. |

| | | | |
|--|--|---|---|
| | | <ul style="list-style-type: none"> - Os projetos pessoais foram influenciados pela escola ou mais por fatores do mundo exterior? - Motivação e expectativas criadas. - Avaliação pessoal do percurso feito. - Lugar da escola no percurso de vida. - Opinião sobre professores e/ colegas. | |
| D Abandono escolar | Recolher elementos sobre o abandono escolar / interrupção dos estudos. | <ul style="list-style-type: none"> - Quando e por que teve de parar de estudar? 2 – Quanto tempo ficou sem frequentar a escola? Justifique. - Por que é que houve uma rutura na sua trajetória escolar? | Se oportuno e adequado, introduziremos questões que permitam um maior esclarecimento das respostas dadas. |
| E Ambiente Familiar e Social | Recolher elementos sobre o ambiente familiar e social. | <ul style="list-style-type: none"> 1 – Atualmente, estuda em casa? Em espaço próprio? 2 - Fale sobre a sua vida escolar nesta escola. 3 – Tem alguém que o ajude se tiver alguma dificuldade quando estuda? Em caso afirmativo, quem? - Que faz quando não estuda? 5 – Costuma sair com os colegas da escola? Porquê? - Qual o papel da família em sua vida? - Como é o seu convívio com a sua família, atendendo ao retornar à situação de aluno? - O que é ser jovem para si? - Outras esferas de sociabilidade: a religião, os amigos, o lazer... | Se oportuno e adequado, introduziremos questões que permitam um maior esclarecimento das respostas dadas. |

| | | | |
|--|--|--|---|
| F Motivação | Recolher elementos sobre as motivações de voltarem à escola 20 anos depois. | <p>- O que o levou a voltar à escola? (que causas de natureza prática, profissional e/ou pessoal)</p> <p>- Qual/quais o(s) ano(s) que marcou/aram mais positiva e negativamente a sua passagem pelo ensino secundário? Porquê?</p> <p>- Que motivações teve?</p> <p>- Considera o estudo essencial para melhorar de vida? Porquê?</p> <p>- Que expectativas tem?</p> <p>- O que fez e como fez para conseguir voltar a estudar?</p> <p>- Como arranjava disposição para estudar à noite?</p> <p>- E ao fim de semana? Lugar da escola no percurso de vida.</p> | Se oportuno e adequado, introduziremos questões que permitam um maior esclarecimento das respostas dadas. |
| G Relação Aluno-Escola no ensino secundário recorrente | Recolher elementos sobre os conteúdos, professores, discriminação. | <p>– Faça um balanço sobre:</p> <p>a escola que escolheu;</p> <p>a sua aprendizagem;</p> <p>a área de estudo escolhida;</p> <p>os seus professores;</p> <p>as disciplinas do curso;</p> <p>as suas dificuldades;</p> <p>os seus colegas;</p> <p>avaliação pessoal do percurso feito;</p> <p>tudo o que julgar importante.</p> | Se oportuno e adequado, introduziremos questões que permitam um maior esclarecimento das respostas dadas. |
| H Expetativas | Recolher elementos sobre as expetativas face à finalização deste ciclo de estudos. | <p>– Quais os seus principais projetos de vida? Justifique.</p> <p>- Valeu a pena voltar a estudar?</p> <p>- Voltar para a escola trouxe mudanças na sua vida pessoal, familiar e profissional? Quais?</p> <p>- O que significa <i>escola</i> na sua vida?</p> <p>- Quais são as suas expetativas para o seu</p> | Se oportuno e adequado, introduziremos questões que permitam um maior esclarecimento das respostas dadas. |

| | | | |
|---|---|---|--|
| | | <p>futuro próximo?</p> <p>- Em que contribuiu para o seu desenvolvimento pessoal e social e para o seu bem-estar, ter voltado a estudar 20 anos depois?</p> | |
| <p>I</p> <p>Informações complementares (<i>inserir nas restantes (categorias)</i>)</p> | <p>Recolher elementos de carácter complementar.</p> | <p>1 - Há alguma coisa que queira acrescentar?</p> | <p>Se oportuno e adequado, introduziremos questões que permitam um maior esclarecimento das respostas dadas.</p> |

NOTA: Algumas questões / perguntas / tópicos podem parecer repetitivos, mas o objetivo é exatamente recolher informação fidedigna.

ANEXO II – Ficha síntese da entrevista

FICHA SÍNTESE DA ENTREVISTA (Estrela, 1990: 361-366)

Código: _____

Local da entrevista: _____

Início: _____ h _____ min **Fim:** _____ h _____ min **Duração:** _____

Data: _____ / _____ / 20____

A – Condições em que se desenrolou a entrevista:

B – Comportamentos não verbais do(a) entrevistado(a):

C – Observações de ordem geral:

D – A entrevista

D.B - Identificação e caracterização dos sujeitos

Sexo:

() Masculino 2. () Feminino

b) Idade:

1. () Até 20 anos 2. () de 21 a 34 anos 3. () de 35 a 44 anos
4. () de 45 a 54 anos 5. () de 55 a 64 anos 6. () mais de 65 anos

c) Localidade de nascimento:

1. Cidade / local onde nasceu - _____

Com que idade veio para Lisboa (quando for o caso)? - _____ anos

Motivos de mudança para Lisboa _____

d) Pais:

Profissão da mãe _____ 3. Profissão do pai _____

Escolaridade da mãe _____ 4. Escolaridade do pai _____

e) Estado civil

Solteiro _____ 2. Casado _____ 3. Viúvo _____ 4. Outro _____

f) Cônjuge / companheiro(a)

1. Escolaridade do cônjuge _____

2. Profissão do cônjuge _____

3. Idade do cônjuge _____ anos.

g) Filhos

Tem filhos? Sim () Não ()

Quantos: _____

Idades: _____, _____, _____, _____

Estudam? Sim() Não ()

Em que ano(s) _____, _____, _____, _____

Trabalhar? Sim () Não ()

Onde?

Há quanto tempo? _____, _____, _____

Profissão

Trabalha? Sim() Não ()

Local: _____

Função: _____

Desde quando: _____

Desde que idade: _____

Conciliação escola-trabalho:

Trabalhador-estudante? _____

Importância do trabalho na vida:

Opinião sobre emprego e desemprego:

Lazer

| <i>Atividades</i> | <i>Fins de semana</i> | <i>Horas de lazer</i> |
|--------------------------|-----------------------|-----------------------|
| Ver TV | | |
| Praticar desporto | | |
| Ler jornal | | |
| Realizar outras leituras | | |
| Ir ao cinema | | |
| Jogar computador | | |
| Ouvir música | | |
| Passear com a família | | |
| Apoiar o(s) filho(s) | | |
| Outra, qual? | | |

D.C – História do percurso escolar - Até ao 9º ano

Vida escolar anterior, na infância e na juventude – antecedentes escolares

Matrículas na escola:

1º ciclo:

Local: _____ Cidade: _____

Idade: _____

Retenção: Sim _____ Não _____

Abandono (circunstâncias de caráter espacial, temporal, material, psicossocial):

2º ciclo:

Local: _____ Cidade: _____

Idade: _____

Retenção: Sim _____ Não _____

Abandono (circunstâncias de caráter espacial, temporal, material, psicossocial):

3º ciclo:

Local: _____ Cidade: _____

Idade: _____

Retenção: Sim _____ Não _____

Abandono (circunstâncias de caráter espacial, temporal, material, psicossocial):

Ano(s) que marcou/aram mais positiva e negativamente a vida e justificação:

Projetos pessoais em termos escolares e profissionais até ao 9º ano:

Justificação se os projetos pessoais foram influenciados pela escola ou mais por fatores do mundo exterior (motivação e expectativas criadas):

Avaliação pessoal do percurso feito:

Lugar da escola no percurso de vida:

Opinião sobre professores e/ colegas:

D.D - Abandono escolar

1. Quando e por que teve de parar de estudar:

Tempo que ficou sem frequentar a escola e justificação:

Justificação da rutura na trajetória escolar:

Ano(s) que parou de estudar: _____

Idade que parou de estudar: _____

Tempo que ficou sem frequentar a escola: _____

Razões por que ficou sem frequentar a escola:

D.E – Ambiente familiar e social

1. Ambiente de estudo (casa, espaço próprio...):

Ajuda de alguém se tiver alguma dificuldade enquanto estuda:

A vida escolar na escola secundária:

Momentos de lazer (quando não estuda e não está a trabalhar):

- × Ver TV,
- × Praticar desporto,
- × Ler jornal,
- × Realizar outras leituras,
- × Ir ao cinema,
- × Jogar computador,
- × Ouvir música,
- × Passear com a família,
- × Apoiar o(s) filho(s)
- × Outro, qual? _____

Saídas com os colegas da escola e sua justificação:

Papel da família na vida (escolar e/ou quotidiana?) :

Convívio com a família (atendendo ao retornar à situação de aluno):

Ser jovem:

Outras esferas de sociabilidade (religião, amigos, lazer...):

D.F - Motivação

Razões de voltar à escola secundária (causas de natureza prática, profissional e/ou pessoal)

Por que voltou a estudar (motivações):

- × Sonho (alcançar os seus objetivos para ter uma vida melhor),
- × Busca do conhecimento,
- × Certificação de conclusão,
- × Exigência do trabalho,
- × Ajudar os filhos,
- × Recuperar anos perdidos,
- × Melhorar condição de vida,
- × Oportunidade de momento,
- × Incentivo dos colegas
- × Mudar de profissão
- × Outras, qual? _____

De natureza prática:

- × Facilidade de ingresso
- × Facilidade de acesso
- × Disponibilidade
- × Flexibilidade de horários

De natureza profissional:

- × Realização profissional
- × Aperfeiçoamento / qualificação profissional
- × Melhoria salarial
- × Ascensão profissional
- × Exigência do ME
- × Necessidade de titulação
- × Credibilidade da instituição

De natureza pessoal:

- × Realização / sonho
- × Desenvolvimento pessoal
- × Formação
- × Aprofundar a teoria
- × Novos conhecimentos
- × Novas experiências para posterior aplicação
- × Desafio / curiosidade
- × vivenciar a experiência

O que fez / o que o motivou para que voltasse a estudar?

- × Vaga na escola perto de casa, ...
- × Perto do trabalho,
- × Horários compatíveis,
- × Oportunidade profissional,
- × Apoio da família,
- × Qualidade da escola (bons profs. e sentir-se acolhido)

Justificação do(s) ano(s) que marcou/aram mais positiva e negativamente o ensino secundário:

Razões de estudar para melhorar de vida:

Expetativas, enquanto tirava o ensino secundário:

O que fez e como fez para conseguir voltar a estudar:

Disposição para estudar à noite:

Lugar da escola no percurso de vida:

Justificações para continuar a estudar depois do ensino secundário:

- × Sonho (alcançar os seus objetivos para ter uma vida melhor),
- × Busca do conhecimento,
- × Certificação de conclusão,
- × Exigência do trabalho,
- × Ajudar os filhos,
- × Recuperar anos perdidos,
- × Melhorar condição de vida,
- × Oportunidade de momento,
- × Incentivo dos colegas
- × Mudar de profissão
- × Outras, qual? _____

De natureza prática:

- × Facilidade de ingresso
- × Facilidade de acesso
- × Disponibilidade

× Flexibilidade de horários

De natureza profissional:

- × Realização profissional
- × Aperfeiçoamento / qualificação profissional
- × Melhoria salarial
- × Ascensão profissional
- × Exigência do ME
- × Necessidade de titulação
- × Credibilidade da instituição

De natureza pessoal:

- × Realização / sonho
- × Desenvolvimento pessoal
- × Formação
- × Aprofundar a teoria
- × Novos conhecimentos
- × Novas experiências para posterior aplicação
- × Desafio / curiosidade
- × Vivenciar a experiência

O que fez / o que o motivou para que continuasse a estudar depois do ensino secundário:

- × Vaga na escola perto de casa, ...
- × Perto do trabalho,
- × Horários compatíveis,
- × Oportunidade profissional,
- × Apoio da família,
- × Qualidade da escola (bons profs. e sentir-se acolhido),
- × Para ter um trabalho melhor,
- × Por pretender um pouco mais.

D.G – Relação Aluno-Escola

Balanço sobre o ensino secundário:

Ensino Secundário:

Matricula pela 1ª vez, no ensino secundário? _____

Local: _____ Cidade: _____

Idade: _____ Retenção: Sim _____ Não _____

Abandono (circunstâncias de carácter espacial, temporal, material, psicossocial):

Justificação da escola que escolheu em 2004:

A área de estudo escolhida:

A aprendizagem:

Os professores:

As disciplinas do curso:

As dificuldades:

Os colegas:

Momento(s) importante(s) / marcante(s) durante o curso:

Avaliação pessoal do percurso feito:

D.H – Expetativas

Principais projetos de vida.

Justificação se valeu a pena voltar a estudar:

Mudanças na vida pessoal, familiar e profissional depois de voltar para a escola:

Experiências positivas / negativas marcantes depois que voltou a estudar:

Significado da *escola* na vida:

Expetativas para o futuro próximo e sua justificação:

Continuação dos estudos: Sim _____ Não _____

Onde? _____ Curso? _____

Com que finalidade? _____

Contribuições para o desenvolvimento pessoal e social e para o bem-estar, ter voltado a estudar:

Contribuições para o desenvolvimento pessoal e social e para o bem-estar, ter voltado a estudar 20 anos depois:

Qualidade de vida (percepção de bem-estar quanto às expectativas de satisfação, das necessidades e do estado de motivação):

Sensação de bem-estar do indivíduo

Objetivos – emprego/salário (Spilker)

- objetos possuídos
- qualidade habitacional

Subjetivos – segurança

- privacidade
- reconhecimento
- afeto
- procura de emprego melhor
- valorização da imagem pessoal
- prazer

Valorização do indivíduo
Humanização da pessoa na sociedade

Pensando na Vida...(qual /ias as expectativas):

D.I – Informações complementares

Quer acrescentar mais alguma coisa?

SÍNTESE FINAL E INFERÊNCIAS:

ANEXO III – Ficha síntese

FICHA SÍNTESE DA ENTREVISTA (Estrela, 1990: 361-366)

Código: _____

Local da entrevista: _____

Início: _____ h _____ min **Fim:** _____ h _____ min **Duração:** _____

Data: _____ / _____ / 20____

A – Condições em que se desenrolou a entrevista:

B – Comportamentos não verbais do(a) entrevistado(a):

C – Observações de ordem geral:

D - SÍNTESE FINAL E INFERÊNCIAS:

ANEXO IV – Termo de confidencialidade

TERMO DE CONFIDENCIALIDADE

Caro Participante:

Atualmente, devido ao contínuo e acelerado processo, implementado pelo Ministério de Educação para a Educação Permanente, urge a necessidade de investigar porque é que os alunos adultos, com mais de 35 anos, voltam à escola, quais as motivações pessoais que desencadearam essa ação e quais as expectativas que têm depois de terem terminado o ensino secundário. Neste contexto, este questionário tem por objetivo um levantamento de dados sobre as motivações e as expectativas dos alunos adultos do ensino secundário recorrente que terminaram o curso em três anos, numa escola do centro de Lisboa.

A sua contribuição será fundamental para o avanço das pesquisas realizadas nesta área.

Garanto a todos os participantes da pesquisa “Voltar à escola 20 anos depois: um desafio de desenvolvimento pessoal e social” a completa confidencialidade das informações recebidas, comprometendo-me a utilizá-las somente para fins estatísticos de consolidação do Estudo. Fica desta forma, vedada a divulgação total ou parcial, em caráter individualizado, das respostas provenientes dos questionários.

Desde já agradeço a sua colaboração!

Dulce Sá Silva

ANEXO V – Fotos da sala do *focus group*



ANEXO VI – Guião pedagógico do *focus group*

GUIÃO PEDAGÓGICO DO *FOCUS GROUP*

I - Tema:

Identificação e caracterização das motivações e expectativas dos formandos adultos do curso EFA Escolar – novas oportunidades (2010-2011).

II – Objetivos gerais:

1º - Obter elementos para uma caracterização dos formandos adultos.

2º - Recolher dados para a identificação das principais motivações dos formandos adultos procurarem a escola e das suas expectativas em relação à mesma.

3º - Recolher dados para um conhecimento das suas expectativas face à finalização deste ciclo de estudos.

4º - Analisar o tipo de motivações (intrínsecas e extrínsecas).

5º - Identificar as suas expectativas futuras.

III – Objetivos específicos e estratégias:

| Designação dos blocos (= categorias) | Objetivos específicos | Tópicos / Questões (= subcategorias + indicadores) | Observações |
|---|--|--|---|
| A Legitimação da entrevista e motivação | Legitimar a entrevista e motivar o entrevistado. | 1 – Informar, nas suas linhas gerais, do trabalho de investigação - a identificação e caracterização das motivações e expectativas dos formandos adultos do ensino secundário recorrente que terminaram o curso em três anos (2004-2007). 2 – Pedir ajuda ao formando, pois o seu contributo é absolutamente imprescindível | Tempo médio: 5 a 10 min. Responder, de |

| Designação dos blocos (= categorias) | Objetivos específicos | Tópicos / Questões (= subcategorias + indicadores) | Observações |
|--|--|---|---|
| | | <p>para o êxito do trabalho.</p> <p>3 – Colocar o formando na situação de membro da equipa de investigação, embora com um estatuto especial: gradualmente, irá tendo conhecimento da investigação e na parte final do trabalho, ser-lhe-á fornecido o “feedback”.</p> <p>4 – Assegurar o carácter confidencial das informações prestadas.</p> | <p>modo preciso, breve e esclarecedor, a todas as perguntas do entrevistado, sem desvio dos objetivos específicos do bloco.</p> |
| B Caracterização dos formandos | <p>Recolher elementos para:</p> <ul style="list-style-type: none"> - identificar os sujeitos adultos do ensino secundário e - caracterizá-los. | <ul style="list-style-type: none"> - Identificação: idade, sexo, local de nascimento, profissão e escolaridade dos pais, profissão, emprego, estado civil, cônjuge, filhos. - Fale um pouco do seu trabalho. - Como concilia escola e trabalho? - Qual a importância do trabalho na sua vida? - Como vê a importância da escola para a realização desse seu projeto? | <p>Se oportuno e adequado, introduziremos questões que permitam um maior esclarecimento das respostas dadas.</p> |

| Designação dos blocos (= categorias) | Objetivos específicos | Tópicos / Questões (= subcategorias + indicadores) | Observações |
|--|--|---|---|
| | | - O que faz nos fins de semana e nas horas de lazer? | |
| C Percurso escolar até ao 9º ano | Recolher elementos sobre o percurso escolar dos sujeitos até ao 9º ano ou equivalente. | <p>- Fale um pouco sobre a sua vida escolar anterior, na infância e na juventude.</p> <p>- Qual/quais o(s) ano(s) que marcou/aram mais positiva e negativamente a sua vida? Porquê?</p> <p>- Ficou retido algum ano? Qual? Porquê?</p> <p>- Circunstâncias de carácter espacial, temporal, material, psicossocial, relativas ao seu abandono escolar.</p> <p>- Quais eram os seus projetos pessoais em termos escolares e profissionais até ao 9º ano?</p> <p>- Fale das escolhas feitas no que respeita à escola, área de estudo, curso.</p> | Se oportuno e adequado, introduziremos questões que permitam um maior esclarecimento das respostas dadas. |

| Designação dos blocos (= categorias) | Objetivos específicos | Tópicos / Questões (= subcategorias + indicadores) | Observações |
|--|--|---|---|
| | | <ul style="list-style-type: none"> - Os projetos pessoais foram influenciados pela escola ou mais por fatores do mundo exterior? - Motivação e expectativas criadas. - Avaliação pessoal do percurso feito. - Lugar da escola no percurso de vida. - Opinião sobre professores e/ colegas. | |
| D Abandono escolar | Recolher elementos sobre o abandono escolar / interrupção dos estudos. | <ul style="list-style-type: none"> - Quando e por que teve de parar de estudar? 2 – Quanto tempo ficou sem frequentar a escola? Justifique. - Por que é que houve uma rutura na sua trajetória escolar? | Se oportuno e adequado, introduziremos questões que permitam um maior esclarecimento das respostas dadas. |
| E Ambiente Fami- | Recolher elementos sobre | 1 – Atualmente, estuda em casa? Em espaço próprio? | Se oportuno e adequado, in- |

| Designação dos blocos (= categorias) | Objetivos específicos | Tópicos / Questões (= subcategorias + indicadores) | Observações |
|--|---|---|--|
| liar e Social | o ambiente familiar e social. | <p>2 - Fale sobre a sua vida escolar nesta escola.</p> <p>3 – Tem alguém que o ajude se tiver alguma dificuldade quando estuda? Em caso afirmativo, quem?</p> <p>- Que faz quando não estuda?</p> <p>5 – Costuma sair com os colegas da escola? Porquê?</p> <p>- Qual o papel da família em sua vida?</p> <p>- Como é o seu convívio com a sua família, atendendo ao retornar à situação de formando?</p> <p>- O que é ser jovem para si?</p> <p>- Outras esferas de sociabilidade: a religião, os amigos, o lazer...</p> | <p>Introduziremos questões que permitam um maior esclarecimento das respostas dadas.</p> |
| F Motivação | Recolher elementos sobre as motivações de voltarem à escola 20 anos | <p>- O que o levou a voltar à escola? (que causas de natureza prática, profissional e/ou pessoal)</p> <p>- Qual/quais o(s) ano(s) que marcou/aram</p> | <p>Se oportuno e adequado, introduziremos questões que permitam um</p> |

| Designação dos blocos (= categorias) | Objetivos específicos | Tópicos / Questões (= subcategorias + indicadores) | Observações |
|---|--|--|---|
| | depois. | <p>mais positiva e negativamente a sua passagem pelo ensino secundário? Porquê?</p> <p>- Que motivações teve?</p> <p>- Considera o estudo essencial para melhorar de vida? Porquê?</p> <p>- Que expetativas tem?</p> <p>- O que fez e como fez para conseguir voltar a estudar?</p> <p>- Como arranjava disposição para estudar à noite?</p> <p>- E ao fim de semana? Lugar da escola no percurso de vida.</p> | <p>maior esclarecimento das respostas dadas.</p> |
| G Relação Formando-Escola no ensino secundário recorrente | Recolher elementos sobre os conteúdos, professores, discriminação. | <p>– Faça um balanço sobre:</p> <p>a escola que escolheu;</p> <p>a sua aprendizagem;</p> <p>a área de estudo escolhida;</p> <p>os seus professores;</p> | <p>Se oportuno e adequado, introduziremos questões que permitam um maior esclarecimento</p> |

| Designação dos blocos (= categorias) | Objetivos específicos | Tópicos / Questões (= subcategorias + indicadores) | Observações |
|--|--|---|---|
| | | <p>as disciplinas do curso;</p> <p>as suas dificuldades;</p> <p>os seus colegas;</p> <p>avaliação pessoal do percurso feito;</p> <p>tudo o que julgar importante.</p> | das respostas dadas. |
| H Expetativas | Reco- lher elementos sobre as expe- tativas face à finalização deste ciclo de estudos. | <p>– Quais ao seus principais projetos de vida? Justifique.</p> <p>- Valeu a pena voltar a estudar?</p> <p>- Voltar para a escola trouxe mudanças na sua vida pessoal, familiar e profissional? Quais?</p> <p>- Quais são as suas expetativas para o seu futuro próximo?</p> <p>- Em que contribuiu para o seu desenvolvimento pessoal e social e para o seu bem-estar, ter voltado a estudar 20 anos depois?</p> | Se oportuno e adequado, introduziremos questões que permitam um maior esclarecimento das respostas dadas. |

| Designação dos blocos (= categorias) | Objetivos específicos | Tópicos / Questões (= subcategorias + indicadores) | Observações |
|---|--|--|---|
| | | | |
| I Informações complementares <i>(inserir nas restantes categorias)</i> | Recolher elementos de carácter complementar. | 1 - Há alguma coisa que queira acrescentar? | Se oportuno e adequado, introduziremos questões que permitam um maior esclarecimento das respostas dadas. |

NOTA: Algumas questões / perguntas / tópicos podem parecer repetitivos, mas o objetivo é exatamente recolher informação fidedigna.

ANEXO VII – Entrevistas individuais

(E1, E2, E3, E4, E5, E6, E7, E8, E9, E10, E11, E12, E13 e E14)

Entrevista – C (53m:33s)

D: Ok C. Então vamos começar a nossa entrevista. Já sabe que o objetivo é para fazer um estudo sobre os alunos que terminaram o Ensino Secundário Recorrente, em três anos, depois de terem um longo interregno em que não estudaram. Então, vai começar por dizer o seu nome, a sua idade.

E1: Chamo-me C., tenho 38 anos.

D: Nasceu onde?

E1: Nasci na freguesia de São Pedro, no Funchal. Sou madeirense.

D: Ok. Veio lá das outras ilhas. Hehehe. E a sua profissão?

E1: Sou mecânico de automóvel.

D: Sempre fez isso?

E1: Sim. Faço muita coisa mas desde que saí escola, comecei a trabalhar e dediquei-me mesmo aos automóveis.

D: Desde que idade começou a trabalhar?

E1: Desde os 16.

D: Sempre no mesmo sítio?

E1: Não, agora já passei por vários sítios.

D: Mas sempre ligado à mecânica?

E1: Sempre ligado à mecânica de automóvel.

D: Ok. Os seus pais, o que é que eles faziam ou fazem?

E1: A minha mãe era doméstica. Neste momento é empregada de limpeza. Mas era doméstica até eu e os meus irmãos sermos crescidos.

D: Tem muitos irmãos?

E1: Tenho cinco.

D: É lá! Uma mão cheia.

E1: Hehehe. Tenho, tenho cinco. Tenho dois irmãos e três irmãs. E o meu pai trabalha numa profissão que havia muito lá na Madeira, que hoje em dia está em extinção porque não há exportação, que obras de vime. Era fazer os cestos de vime, cadeiras, pronto, uma série de coisas. Entretanto aquilo começou a ir abaixo e ele foi trabalhar para as obras. Neste momento trabalha nas obras. Trabalhou com máquinas escavadoras, neste momento trabalha nas obras.

D: Você é dos mais velhos, dos mais novos?

E1: Sou o mais velho.

D: E o resto da malta está na Madeira?

E1: Estão todos lá.

D: Você veio para cá para quê? Para estudar?

E1: Não. Vim para cá porque arranjei uma namorada cá, depois casei cá, e depois pronto.

D: Ficou por cá.

E1: Fiquei por cá.

D: Ok. O seu estado civil, vive com alguém, está casado?

E1: Não, sou divorciado. Neste momento sou divorciado.

D: Sozinho. Não vive com ninguém. Namorada?

E1: Não.

D: Não.

E1: Não.

D: Mas quando começou a estudar em 2004 era casado.

E1: Era casado.

D: Qual era a escolaridade dela?

E1: Ela é médica veterinária.

D: Hum, hum.

E1: Era médica veterinária, já tinha acabado o curso há dois anos e meio, pelo menos.

D: Hum, hum.

E1: Era médica veterinária e hoje em dia acho que continua.

D: Foi ela que o influenciou para vir estudar?

E1: Foi uma série de situações. Ela também teve uma quota-parte nisso mas foi uma série de situações. Porque nós, principalmente na minha área todos os dias as coisas estão a evoluir. Todos os dias saem coisas novas, saem montes de coisas que não é fácil combater. E depois qualquer marca hoje em dia que queira ter uma pessoa a trabalhar lá, na minha área, pede no mínimo o 12º ano, conhecimentos de informática, pronto.

D: Você em que área está a trabalhar?

E1: É mecânica mas é, portanto, faz mecânica eletrónica. É a chamada mecatrónica.

D: Que palavrão. Hehehe.

E1: Hehehe. E portanto, como pedem em qualquer sítio onde vá trabalhar, qualquer marca, qualquer concessionário, que hoje em dia é onde é mais fácil, onde é mais fácil isto é, onde é mais fácil evoluir, porque normalmente há formação, há sempre atualização das coisas. Para qualquer coisa dessas era necessário mais escolaridade, mais, mais saber além do conhecimento que é necessário.

D: Ok. Então trabalha numa marca de automóveis.

E1: Sim. Não. Trabalho em multimarcas. Escolho sempre o mais difícil.

D: Hehehe.

E1: Faço multimarcas mas já trabalhei numa marca só.

D: Qual foi?

E1: Trabalhei, era uma que são três: Fiat, Lancia e Alfa Romeu.

D: Hum, hum.

E1: Trabalhei dois anos e meio nessa marca só. Pronto, foi importante, num certo ponto foi importante para perceber a evolução das coisas ao ritmo que estava a evoluir. Depois passei para as multimarcas, novamente, e pronto.

D: E está a gostar. E sempre trabalhou aí, na parte de mecânica eletrónica? Mecatrónica,

hehehe.

E1: Não. A minha base mesmo é mecânica, é mesmo mecânica. Só que hoje em dia, hoje em dia um mecânico só mecânico não faz nada. E então temos mesmo que avançar. Cada vez mais toda a mecânica traz eletrônica.

D: Pois.

E1: E então temos mesmo que avançar por esse lado. Pronto, e durante, já há algum tempo que faço vários cursos de atualização. Como estou numa rede agora, que é a Rede Bosch Car Service, aparece aí muito em publicidade, nós temos formação anual, temos uma série de cursos anuais.

D: Que a empresa obriga a frequentar.

E1: Exatamente. Que a empresa obriga-nos a frequentar.

D: E diga-me uma coisa, Celso. Como conciliava escola e trabalho?

E1: Era um bocado difícil mas, pronto. Eu quando decidi vir estudar era assim: no mínimo três anos para entrar e fazer. É assim, tive de abdicar de muita coisa. Muitas saídas, pronto, o lazer, descanso, fins de semana, era preciso abdicar de muita coisa. Mas eu sabia que durante aquele tempo, e as coisas começaram a correr bem. Porque eu estive oito anos sem estudar e aterrei aqui, estava assim um bocado... O primeiro ano foi mais difícil, foi mais difícil até conseguir entrar no ritmo. Mas depois comecei-me a habituar, comecei a perceber e comecei o segundo e o terceiro anos, foi mais fácil de gerir. Mas era um pouco difícil.

D: E diga-me uma coisa, Celso. Qual é a importância na vida?

E1: A importância do trabalho na vida? Não sei.

D: Hehehe.

E1: Eu dou importância ao trabalho porque eu sempre fui habituado a estar ocupado e, quando estou sem fazer nada muito tempo, acho, pronto, perde um bocado o ... gosto muito do descanso, gosto de descansar mas, o trabalho é uma ocupação, é uma coisa. Eu trabalho porque gosto. Felizmente tenho a sorte de fazer o que gosto. Na minha vida o trabalho faz sentido. Faz sentido porque, apesar de tudo, todos os dias estou a aprender. E há sempre um incentivo, há sempre coisas novas a descobrir, há sempre...

D: É sempre um desafio.

E1: É sempre um desafio, exatamente.

D: Então como percebe, como vivencia, a dificuldade para conseguir emprego, hoje?

E1: Hoje em dia está muito difícil. Está muito difícil conseguir emprego porque, e inclusive enviei cerca de quinze de vinte currículos, para aí em agosto do ano passado, fui a umas quantas entrevistas e neste momento tenho uma proposta, uma única proposta. Portanto, está muito difícil porque muitas empresas querem pessoas licenciadas ou pessoas com conhecimentos, às vezes não é tanto serem licenciadas, com conhecimento. E depois também o nível de ordenados acho que as coisas não equiparam com o esforço que as pessoas tiveram durante aquele tempo. E depois, como me aconteceu a mim, há muitas pessoas, há muitas empresas onde nós chegamos e eles olham para o currículo e dizem, isto é demais, nós não precisávamos de tanto, queríamos uma coisa menor, queríamos pagar um ordenado menor a uma pessoa que percebesse menos. E hoje em dia eu acho que está muito difícil conseguir emprego. É assim, dá para arranjar emprego.

D: Dá para arranjar trabalho.

E1: Dá para arranjar trabalho.

D: Emprego é que é mais difícil.

E1: As coisas não são fáceis, seja para patrões, seja para quem quer empregar não está fácil.

D: E sobre o desemprego, o que é que tem a dizer?

E1: Sobre o desemprego. Sobre o desemprego eu acho que há muita gente também á sombra da bananeira. Há muita gente aí, porque todos os dias nós vemos anúncios de empregos, pronto, há muitas empresas de trabalho temporário a explorar aí pessoas, que eu conheço algumas, para fazerem trabalhos que pagam muito mal, quando as empresas lucram muito, e se há um nível de desemprego como se sabe que há no país, acho que devia haver uma forma mais fácil de conseguir integrar essas pessoas.

D: Então perante o que acaba de me dizer, como é que vê a importância da escola na realização dos projetos pessoais?

E1: A escola é importante. Aprendemos sempre mais qualquer coisa. Pronto, eu nestes três anos fiquei a saber muito mais e desenvolvi-me, eu próprio sinto que me desenvolvi um bocado mais no sentido de, mesmo no diálogo com as pessoas a escola é importante, Ajuda-nos a conseguir

D: A desenvolver outras capacidades.

E1: Exato. A desenvolver outras capacidades e consoante isso, isso reflete-se muitas vezes no trabalho.

D: Hum, hum.

E1: No trabalho, muitas vezes reflete-se, porque se nós formos, tivermos menos capacidades às vezes é mais difícil de exprimirmo-nos ou, por exemplo, ou estarmos eu, estar eu ou estar um colega meu a fazermos a mesma coisa e os dois, por exemplo, posso estar a fazer a mesma coisa ou estar a fazer melhor mas eu não me conseguir exprimir tão bem e ele estar a fazer a coisa menos bem mas conseguir exprimir-se melhor, conseguir ter melhor conversa, consegue dar a volta.

D: Claro. Ser mais persuasivo a convencer. Ok. Celso, o que é que faz nos fins de semana e nas horas de lazer?

E1: Descanso, vou ao cinema.

D: O descanso é dormir?

E1: Sim. Durmo, às vezes fico simplesmente repousado num sofá a ver televisão uma tarde toda se for preciso, pronto, é mesmo descansar. Vou ao cinema, de verão gosto de ir à praia, gosto de passear. Depois, gosto de desportos, desportos motorizados também gosto. Assim uma série de coisas. Gosto de passear a pé e tal...

D: Ok. Vamos falar então sobre o percurso escolar até ao 9º ano, Vamos começar pelo 1º ciclo. Onde é que fez o 1º ciclo?

E1: Fiz lá na Madeira.

D: Entrou para a escola com que idade?

E1: Seis anos.

D: Com seis. E fez os quatro anos seguidos?

E1: Fiz os quatro anos de seguida.

D: Houve abandono?

E1: Não. Da primeira à quarta classe fiz de seguida. Era uma escola primária à maneira antiga, ainda.

D: Hum, hum.

E1: Depois passei para a Telescola.

D: Isso já no 2º ciclo, 5º e 6º ano.

E1: 5º e 6º ano passei para a Telescola.

D: Não havia escola?

E1: Não havia escola secundária.

D: Escola preparatória, não é?

E1: Exato. Havia a Telescola, Adotava-se muito esse regime lá na Madeira.

D: Passei para a Telescola, depois reprovei no primeiro 5º ano. Quando fiz o 5º ano a primeira vez, reprovei. Era um ensino totalmente diferente.

D: À distância.

E1: E não me consegui adaptar bem, reprovei. E depois fiz o 5º e 6º ano de ...

D: De seguida.

E1: Depois passei para o 7º. Depois, portanto, eu fiz o 5º e 6º ano e da 1ª à 4ª classe era muito perto de casa. Depois, no 7º ano fui para o Funchal porque não havia escolas secundárias onde eu morava.

D: Que era...

E1: Escola Secundária das Mercês.

D: Que fica onde?

E1: Fica no Funchal, fica mesmo no centro do Funchal.

D: Você vivia onde?

E1: Eu vivia na Camacha, mais propriamente no Rochão. Depois, então fui para essa escola. Novamente era um ensino outra vez diferente. Tive dificuldade em me adaptar e reprovei.

D: No 7º.

E1: No 7º ano. Entretanto nessa fase, enquanto estive a fazer o 7º ano, estava uma escola secundária em construção, depois também lá na Camacha. Como reprovei, essa escola abriu, fui matricular-me lá e voltei para a Camacha. Como já tinha feito o 7º ano, pronto, já tinha

percebido mais ou menos como funcionava, depois fiz o 7º, 8º e 9º.

D: Reprovou por notas ou por faltas?

E1: Não, não, não. Por notas, por notas. Por faltas nunca fui um baldas.

D: Reprovei, fui para a Camacha depois, fiz o 7º, 8º e 9º anos de seguida. Depois chegou aquela fase difícil de, o que é que eu faço, o que é que eu não faço.

D: Isso já tinha...

E1: Já tinha, ia fazer 16 anos.

D: Hum, hum.

E1: Portanto, ia fazer 16 anos. Depois, nessa altura estava virado para a mecânica, mas era mais a mecânica pesada.

D: O que é isso da mecânica pesada?

E1: Era mecânica de camiões, máquinas agrícolas.

D: Sim. Pronto, máquinas grandes.

E1: Sim, exatamente. Lá na Madeira não havia cursos desse género, havia simplesmente no centro de formação profissional, era o curso de mecânica ligeira, mecânica normal, mas era, dava equivalência ao 9º ano, na mesma. Depois andei a ver, o 9º ano já tinha, fiquei ali, o que é que eu faço. Entretanto comecei a trabalhar.

D: Hum, Hum.

E1: Eu optei por não seguir os estudos, também dali a dois, três anos no máximo, ia para a tropa, cria tirar a carta de condução, pronto, uma série de fatores. E as condições também, dos meus pais, não eram as melhores para eu vir para cá estudar. Cá havia, no Continente.

D: Hum, hum.

E1: Então comecei a trabalhar, nessa altura.

D: Ok. E diga-me, nesse percurso até ao 9º ano, qual o ano, ou quais os anos, que marcaram mais positiva e mais negativamente a sua vida e porquê. Portanto, desde a 1ª classe até ao 9.

E1: Os anos que me marcaram mais negativamente foi o 5º e o 7º ano, porque foi uma fase, porque via montes de colegas meus adaptavam-se e conseguiam assimilar e eu tinha dificuldades de adaptação e não estava a conseguir dar a volta ao assunto como eles, e pronto, e

reprovei. Positivamente, todos os anos, pronto, tiveram, quando passava e quando estava dentro do esquema, pronto, gostei.

D: E diga-me uma coisa, quais eram os seus projetos pessoais, em termos escolares e em termos profissionais, até ao 9º ano? Ou seja, porque é que tirou o 9º ano, ao fim e ao cabo? Uma vez que teve de ir para o Funchal, ...

E1: Com o evoluir do, com o passar dos tempos, antigamente era obrigatória a 4ª classe, depois passou a ser o 5º ano, depois o 6º, e eu fui seguindo um bocado o que era obrigatório por lei tirar na escola. E depois, também, achava que menos que o 9º ano, porque o 9º ano já era, isto há doze anos atrás, já não era assim tão mau quanto isso. Pronto. Tinha o 9º ano, não tinha mais nada, mais curso, mas se houvesse uma oportunidade, se houvesse alguma coisa que surgisse a nível de algum curso profissional ou isso, o 9º ano já era ...

D: Uma boa escolha.

E1: Uma boa escolha.

D: Ok. E diga-me uma coisa, fale-me um pouco de porque é que escolheu, quer dizer, já me respondeu um bocado a isso, porque é que tirou o 7º, 8º e 9º. Mas os seus projetos pessoais, ok, depois do 9º ano você foi trabalhar porque não havia escolas profissionais para continuar, não é?

E1: Exatamente.

D: O que eu quero saber é, o projeto de vir trabalhar para a mecânica pesada, como você disse, e uma vez que não havia cursos profissionais de mecânica, de que maneira foi influenciado para ir trabalhar na mecânica?

E1: Porque eu, durante as férias da escola, trabalhava sempre. E portanto ...

D: Desde que idade?

E1: Pronto, para empresas, para aí desde os doze anos. Doze, treze.

D: Nas férias.

E1: Nas férias. Antes disso trabalhava, ia com o meu avô, porque o meu avô tinha fazenda, pronto, sempre fazia qualquer coisa. E nas férias da escola, normalmente ia sempre trabalhar. E então, aí com treze anos, o meu pai trabalhava numa empresa e pedi a ele, e tal, ele lá falou com o patrão, lá me deixou ir trabalhar. Trabalhei durante dois anos, trabalhava nas

obras com eles. Depois, no ano a seguir, eles estavam a precisar dum rapaz para ajudar lá na oficina e tal, porque aquilo era uma empresa de construção mas tinha um estaleiro de máquinas e camiões, em que faziam as reparações lá.

D: Daí ter ido para a mecânica pesada.

E1: Exatamente. E depois fui para lá nesse ano, durante as férias. No ano a seguir, também nas férias, voltei outra vez para lá. E depois, no ano a seguir, voltei.

D: Ok. E, agora diga-me uma coisa. Qual era, hoje, a opinião que tem sobre professores e sobre os colegas, até ao 9º ano? Uma vez que teve três tipos de ensino diferentes.

E1: Exatamente. Sobre os professores, nunca tive assim uma opinião, nunca tive assim experiências más, digamos assim, com professores, nem com colegas. Nunca tive assim uma experiência muito má. A minha opinião sobre o ensino, sobre os professores e os colegas, pronto, é assim, há professores, é como eu estava a dizer há pouco, há pessoas que se conseguem exprimir melhor e nós conseguimos perceber melhor o que eles dizem, como há outras que têm uma maneira própria de se exprimir e que não é tão fácil perceber. Mas nunca tive assim nenhum caso flagrante de um professor, ou de um colega, que eu não me entendesse 100%.

D: Vamos falar agora um pouco do abandono escolar. Parou de estudar no 9º ano. Quanto tempo ficou sem frequentar a escola?

E1: Oito anos.

D: E porquê?

E1: Porque comecei a trabalhar. E entretanto, durante esses oito anos, não sei, não estava virado, acho que não tinha despertado ainda para a evolução que as coisas estavam a ter. Quando realmente me apercebi da evolução que as coisas estavam a ter, e depois de pensar bem, achei que valeria a pena um esforço de três anos no mínimo, estudar mais esses três anos, pelo menos.

D: Ok Celso. Mas se houvesse um curso profissional na Madeira de mecânica, você tinha continuado a estudar.

E1: Tinha, tinha.

D: Só que não havia.

E1: Não havia, exatamente.

D: Portanto você teve de continuar na Madeira. Depois fez a tropa na Madeira?

E1: Sim, depois fiz a tropa lá. Continuei lá, ainda estive lá depois disso. Depois só vim para cá mesmo quando ...

D: Quando casou.

E1: Exatamente. Quando dei o salto na minha vida é que vim para cá. Porque depois, e estava lá na Madeira, estive nas máquinas ainda durante dois anos e meio. Depois passei para a mecânica ligeira. Passei para a mecânica ligeira e, entretanto, fui evoluindo. Aquilo era uma oficina pequena, era uma oficina de uma pessoa que tinha um stand de automóveis também. Era eu e outro rapaz. Entretanto o rapaz foi-se embora e eu fiquei à guarda da oficina. Depois também dava assistência a um carro de competição que eu tinha. Pronto, já tinha bastante responsabilidade, na altura. Depois, quando vim para cá, pronto.

D: Teve de começar tudo do zero.

E1: Foi. Tive de começar tudo do zero.

D: Hehehe. Ok. Diga-me uma coisa. Quando esteve aqui na escola, estudava em casa?

E1: Hum, hum.

D: E tinha um espaço para estudar, ou estudava na sala, ou....?

E1: Normalmente no quarto ou na sala às vezes.

D: Agora fale-me sobre a sua vida escolar nesta escola. Diga uma coisa. Quando tinha dificuldades tinha alguém em casa que o ajudasse?

E1: Sim, logo no início, algumas coisas.

D: Como é que se chamava a sua...

E1: Dália.

D: Natália?

E1: Dália, Dália.

D: Dália, Dália. Ajudava-o.

E1: Sim. Quando eram coisas que ela percebia, ajudava. Quando não percebia ligava aos

colegas.

D: Hehehe. Ok. E o que é que fazia quando não estava a estudar?

E1: Normalmente estava a dormir.

D: Hehehe. E costumava sair com os colegas da escola? Ou costuma sair com os colegas da escola?

E1: Sim, às vezes. Pronto, com alguns que mantenho contacto, às vezes saio, vou ter com eles.

D: Ok. E qual é o papel da família na sua vida?

E1: O papel da família na minha vida...

D: O papel da família, portanto, pais, irmãos, mulher... agora é ex-mulher, mas era mulher naquele período.

E1: Pronto, a família é sempre importante. Eu dou muito valor à família. Dou muito valor à família. Pronto, a família é importante porque acho que, como fui sempre muito pegado à minha família, acaba por nos dar força, acaba às vezes por irmos buscar força para aguentar muita coisa, às vezes não sabemos onde. Porque, eu não sou de desabafar muito nem de conversar muito, mas...

D: Agora tem que ser, hehehe.

E1: Sim, agora tem que ser, hehehe. Mas a minha família, eu sei que está ali, se precisar ou se, tenho os meus irmãos, converso com eles e são sempre importantes para mim. Apesar de eles estarem distantes eu, todos os dias, todas as noites, estou sempre preocupado. Estou sempre, como é que eles estão, como é que eles não estão, as coisas estão a correr bem?

D: Como são mais novos...

E1: Exato. E pronto, eu como sempre fui irmão mais velho, sempre fui habituado a tomar conta deles, hehehe, ...

D: Claro.

E1: Às vezes até me chateio com eles, porque eles quase que me assumem como pai e às vezes não como irmão.

D: Exatamente. Está longe, ainda por cima.

E1: Mas a família é muito importante. A família é muito importante.

D: Não tem filhos?

E1: Não.

D: Ok. E diga-me uma coisa. E como é que foi o convívio com a sua família quando voltou a estudar? Porque já era diferente, não é? Já é um homem, já tem outras responsabilidades....

E1: Exatamente. O convívio, no meu caso específico eu com a minha família estou basicamente duas vezes por ano. Estou em junho e estou em dezembro.

D: Natal e férias grandes.

E1: Natal e férias grandes. Somente quando acontece algum azar pelo meio... mas o meu convívio acaba por, ..., aliás, até era bom quando eu estava com a minha família, que estava a estudar, porque quando, normalmente ia, marcava férias assim que acabava o período de aulas. E percebi que precisava mesmo de descansar. E estava com eles, sempre me distraía, abstraía das coisas e quando voltava vinha com as baterias recarregadas.

D: Ok. Ó Celso, o que é ser jovem, para si, hoje?

E1: É assim, ser jovem, para mim, é, eu vejo as pessoas às vezes não..., jovem para mim não quer dizer ter quinze, dezasseis ou vinte anos. Jovem, para mim, acho que tem muito a ver com a forma de ser da pessoa, a forma de pensar e, muitas vezes, com a maneira de agir.

D: Hum, hum.

E1: Porque há pessoas com quarenta anos e cinquenta que agem, pronto, têm uma forma de vida, às vezes nem é tanto a forma de vida, agem ou têm pensamentos que nós, por exemplo, que eu comigo que tenho trinta, ou vinte. Às vezes notamos, e há jovens também com quinze e dezasseis anos já com uma maturidade bastante avançada para a idade, e conseguem ter atitudes também de um jovem, mas intercalares, não é, porque, hoje em dia, eu vejo jovens, mesmo jovens, doze e treze anos... na minha altura, quando eu tinha aquela idade, as coisas não eram assim dessa forma e eu também vivia noutro ambiente.

D: O que é que isso quer dizer? Ou, o que é que quer dizer com isso?

E1: É assim, eu vejo, mas hoje em dia já vejo coisas diferentes. Na minha altura, quando tinha doze, treze anos, eu e os meus amigos, os meus colegas de escola, o convívio e a ma-

neira de conviver, as brincadeiras, as coisas que se faziam, era diferente do que se faz hoje. Porque os tempos também evoluem, a sociedade evolui, e tenho noção que é diferente. Já os meus irmãos, mesmo os mais novos, com oito anos de diferença, já tiveram uma infância diferente, a juventude deles foi diferente da minha. O tempo, o tempo, como é que eu digo? O tempo corre, as gerações mudam e as infâncias são diferentes. Porque, por exemplo, nessa altura, se calhar íamos, ia ao cinema se calhar uma vez por ano, ou duas; hoje em dia é mais fácil um jovem, há mais acesso, há mais comunicação, há mais informação; quando nessa altura eu tenho perfeita noção de que não havia.

D: Era mais brincar na rua, à bola...

E1: Era à bola, eram aqueles jogos mais tradicionais, mais antigos, era diferente.

D: Mais em convívio.

E1: Exatamente, mais em convívio. Hoje em dia é diferente.

D: As pessoas trancam-se em casa a ver televisão, ou a jogar playstation, ou...

E1: É isso.

D: Ok. Vamos passar para outro tema. E vamos falar sobre as motivações que o levaram a voltar à escola oito anos depois. Então diga-me Celso, o que é que o levou a voltar à escola?

E1: O que me levou a voltar à escola foi, portanto...

D: Já estava casado há quanto tempo? Fez a tropa, casou...

E1: Pois. Já estava casado há quatro anos e meio.

D: Há quatro anos e meio?

E1: Mais ou menos.

D: E que é que o levou a voltar à escola?

E1: O que me levou a voltar à escola, é assim: profissionalmente...

D: Portanto, estamos a falar agora de 2004, não é?

E1: Sim. Profissionalmente, havia mesmo necessidade. Porque eu estava a, digamos que no fundo, em início de carreira, apesar de já ter uns aninhos, estava em início de carreira. E, hoje em dia, cada vez mais, o mercado é competitivo. E, cada vez mais, nós temos que saber. Portanto, e só o resto, só os cursos de formação que tinha não chegava, também não

chegava. E eu tenho por hábito normalmente procurar mais. Sentia que precisava de mais e, de certo modo, acho que também sentia, não mágoa, mas falta daquele, na altura se calhar devia ter estudado até ao 12º., queria ter estudado até ao 12º, ou se as coisas tivessem sido diferentes, teria estudado. Acho que, pronto, se eu não fiz na altura, agora também era capaz. E para mim também foi uma prova, foi uma prova de ...

D: Não teve nada a ver de a Dália ter um curso superior?

E1: Não, não, não. Não. Nesse aspeto nunca, pronto, não tenho nem complexo nem, e falo perfeitamente; a minha vida no dia a dia incute-me isso, desde falar com pessoas com cursos superiores, com doutores, pronto, é mesmo assim.

D: Tive de fazer esta pergunta.

E1: Sim, sim, sim. Mas não tem nada a ver com isso. Simplesmente, achei que era mesmo necessário porque uma das maiores forças foi mesmo a nível profissional, porque era mesmo necessário.

D: E a nível pessoal?

E1: A nível pessoal ...

D: Foi um desafio pessoal.

E1: Foi um desafio pessoal, exatamente. Ao fim e ao cabo acho que foi um bocado, também, provar a mim mesmo que realmente não estava em baixo de forma.

D: E não estava, tanto que acabou nos três anos previstos, não é? E diga-me uma coisa Celso. Qual ou quais que marcaram mais positiva ou negativamente a sua passagem pelo ensino secundário? E porquê, claro.

E1: Aqui?

D: Aqui.

E1: Os três anos foram positivos. O primeiro ano, portanto o 10º ano, foi um pouco mais duro, mas positivo na mesma. Foi um pouco mais duro porque, como já estava há algum tempo sem estudar, tive algumas dificuldades. Mas também comecei a entrar no ritmo, comecei a conseguir conciliar trabalho, escola, tentar gerir bem as coisas. Foi o ano mais difícil mas também foi positivo. Os outros dois foram mais fáceis. Foram dois anos onde eu consegui conviver mais com os colegas. Também já os conhecia do outro ano anterior. Consegui

conviver mais e consegui ter mais à vontade, consegui gerir as coisas de melhor forma.

D: E diga-me uma coisa. Acha que o estudo é essencial para melhorar de vida?

E1: Acho que sim. Acho que, de certa forma, ...

D: O estudo no ensino secundário.

E1: Hoje em dia, apesar de todos os

D: Eu estou-lhe a perguntar isso porque você mandou uma série de currículos e na volta, hehehe, foi o que você disse...

E1: Exatamente. Não, eu acho que sim, acho que é importante. Mesmo na situação em que as coisas estão, mais cedo ou mais tarde, eu não acredito que 100% das pessoas consigam, mas acredito que 50% ou 70% , pelo menos, consiga com o esforço que fez durante o tempo em que esteve a estudar, consiga melhorar o seu nível de vida ou, se calhar, as suas condições de trabalho e o trabalho que faz.

D: E diga-me uma coisa. O que é que fez e como fez para conseguir voltar a estudar?

E1: O que é que eu fiz, como fiz....

D: Como é que veio aqui parar?

E1: É assim: eu venho aqui parar porque vivo aqui perto da escola, vivo aqui a três, quatro minutos. Vivo atrás da Judiciária, e era a escola que eu tinha aqui mais perto, também. Tinha aqui mais perto, vi que era um liceu com boas referências. Apesar de não ter estudado cá, andei a investigar e sabia que era um liceu com boas referências. E depois, quando vim cá me informar para voltar a estudar, não sabia exatamente... queria voltar a estudar mas não sabia exatamente o que é que iria encontrar. Tive de me informar.

D: Não conhecia ninguém?

E1: Nada. Foi no ano de transição, como sabe houve cursos tecnológicos. Na altura falei, deram-me um panfleto, li, estive a ler. Depois, dentro do que lá estava, dentro do que eu queria, o curso de informática era o mais adequado, porque a minha experiência com computadores não era grande, não era grande coisa, sabia muito pouco, mesmo. E então, aquele era, digamos, aquele era ouro sobre azul.

D: Hehehe.

E1: Portanto, era o curso de informática, porque conseguia adquirir os conhecimentos de

informática que hoje em dia necessários, conseguia ficar com o 12º ano.

D: Como técnico de informática.

E1: Exatamente. Iria ser difícil mas achei que aquilo era o melhor para mim e inscrevi-me.

D: Ok. E como é que arranjava disposição para trabalhar à noite?

E1: Tínhamos que arranjar.

D: Hehehe. Como é que era? Como é que arranjava essa disposição?

E1: Muitas vezes saía da escola, já chegava estourado porque eu, no mínimo, deitava-me à uma da manhã, quando não havia exames, e às sete estava de pé. Entrava às oito.

D: É duro.

E1: Por isso, ao Domingo, a parte da manhã, que ninguém me chateasse que eu estava mesmo a dormir. Portanto, dormia. Quando tinha exames era mais complicado. Às vezes tinha de ser direta ou dormir uma hora ou duas porque o trabalho para mim é sagrado e eu, àquela hora...o meu patrão não estava lá para me controlar, nem nada, porque eu sou chefe de oficina e tenho a chave, tenho tudo, mas eu àquela hora estava lá, pronto, tinha o meu serviço para fazer, às oito estava lá. Dormia seis horas quando não havia exames. Quando havia exames...

D: E ao fim de semana?

E1: Ao fim de semana, ao Sábado era por lei não fazer nada. Ao Sábado ia trabalhar, trabalhava ao Sábado. À noite era mesmo para descansar, dormir, às vezes ir ao cinema, tentar distrair um pouco; dormir no Domingo de manhã, e depois no Domingo à tarde tinha que entrar outra vez no ritmo e tentar recuperar algumas coisas que durante a semana ficavam assim um bocado, não ficavam bem claras, tentar perceber para conseguir acompanhar.

D: Ok. Vamos mudar novamente de tema e vamos falar da relação do Celso com a escola no Ensino Secundário Recorrente. E vamos falar, fazer um balanço do ensino secundário. Porque é que escolheu esta escola, já me disse que foi por ser perto de casa.

E1: Exatamente.

D: Foi esse o único motivo. E qual é o balanço da sua aprendizagem aqui?

E1: Um balanço positivo. Não consegui, tenho plena noção que não consegui absorver ou ter uma aprendizagem a 100%, se calhar todos os temas ou de tudo o que dei, porque se calhar

o tempo não permitia isso. Não dava para tudo. Mas, do que aprendi, das matérias que foram dadas, do que foi lecionado, tenho um balanço positivo. Tenho um balanço positivo. Acho que as coisas correram bem e consegui aprender, consegui aprender alguma coisa.

D: Sobre a área de estudos escolhida, já me disse que escolheu informática, também já me justificou. Fale-me dos seus professores.

E1: Os professores. Não tenho, como até ao 9º ano, também não tive nenhum desentendimento, não tive nenhum desentendimento com os professores. Cada um lecionava à sua maneira, ou tentava, às vezes, adaptar a sua forma de lecionar, aos alunos, para tentar às vezes que fosse mais fácil perceber. Porque também acho, tenho plena noção que não é fácil estudar à noite. Pronto. Dos professores, em si, não tenho assim queixas, não tenho queixas.

D: Nem daqueles que mandavam muitos trabalhos de casa?

E1: Não. É assim: eram difíceis e custava muito a fazer, muitas vezes, mas era por aí que aprendia mais.

D: E também os ajudava a conviver mais uns com os outros, ao fim e ao cabo, não é? Apesar de muitas das vezes não terem tempo para isso.

E1: Exatamente, exatamente. Apesar do tempo ser curto também nos ajudava. Os trabalhos em casa também nos ajudava. Apesar de serem poucos os professores que mandavam.

D: Hehehe.

E1: Hehehe.

D: Olhe, e as disciplinas do curso? O que é que me tem a dizer sobre isso? O que é que acha? Acha que estavam adequadas?

E1: Sim, estavam um pouco. Mas acho que o horário, portanto, eram muitas disciplinas se calhar... Posso dar um exemplo? No primeiro ano, no 10º ano, tínhamos nove disciplinas. Portanto, nove disciplinas por semana, às vezes acabava por ser um pouco, um pouco apertado. Um pouco apertado e isso incidia-nos muitas vezes a ter que...

D: E acha que as disciplinas foram adequadas ao curso que tinha escolhido?

E1: Sim. Para um curso de informática. O Português foi sempre importante, o Português está sempre todos os dias. Depois, se calhar há uma disciplina ou outra que acho que não fazia muito sentido ali.

D: Está a falar de quê?

E1: Filosofia.

D: É a sua opinião, não é?

E1: Sim, sim, sim. Filosofia, a..., agora tive uma branca.

D: Matemática?

E1: Matemática também é importante.

D: TIC?

E1: TIC, portanto isso, TIC e o resto das cadeiras técnicas acho que se adequaram bem ao curso. Apesar das matérias não estarem muito bem organizadas porque ...

D: O que é que isso quer dizer? As matérias não estavam muito bem organizadas?

E1: O curso como foi feito aconteceu mais do que uma vez de nós darmos uma matéria numa cadeira e noutra cadeira, no mês a seguir ou no semestre, dois meses depois, virmos a dar quase a mesma coisa.

D: Hum, hum.

E1: Portanto, houve ali no início um pouco de mistura. Depois no 2º e 3º ano acho que as coisas conseguiram equilibrar mais. Mas no primeiro ano, tendo cinco disciplinas técnicas, acabávamos por dar quase a mesma matéria, aconteceu dar quase a mesma matéria em duas cadeiras, pelo menos.

D: Ok. E onde é que sentiu mais dificuldades?

E1: Numa cadeira técnica. Bases de programação.

D: Hum, hum. Porquê?

E1: Porque a programação é muito difícil. Acho que foi a minha cadeira mais difícil durante os três anos. Para já porque nunca, os meus conhecimentos de informática eram muito difíceis. E eu sinto que entrei.. a cadeira Bases de programação, apesar de bastante simplificada, do professor ter simplificado bastante, temos a noção disso e eu tenho a noção disso, tentar simplificar bastante, principalmente no início, até nós conseguirmos entrar. Foi uma cadeira muito difícil porque exige muito de nós. A cadeira de programação é mesmo fazer programas de computadores. Exige ...

D: Algum conhecimento também, não é?

E1: Exato. E já alguns conhecimentos técnicos. Para mim, foi a pior cadeira que eu tive, mais difícil, que se calhar tive de estudar mais e que vi menos rendimento.

D: Ok. E sobre os colegas?

E1: Sobre os colegas. Não tenho assim grandes, não tenho queixas por assim dizer. Os meus colegas, cada um à sua maneira, cada um tinha a sua maneira de ser, a sua criatividade, a brincadeira, pronto, acho que eram ...

D: Era uma turma muito unida.

E1: Era uma turma, apesar de todos diferentes, eram muito unidos quando tocava, para nos defendermos éramos muito unidos. Mas eram pessoas, são todas diferentes mas cada um à sua maneira e pronto, sempre me dei bem com todos.

D: E agora, a sua avaliação pessoal do percurso feito, incluindo a PAT, a Prova de Aptidão Tecnológica.

E1: A minha avaliação durante os três anos?

D: Sim.

E1: Gostei. Durante os três anos, é assim: a avaliação foi positiva, porque eu, agora passado, passado, ter acabado o curso e olhando para trás e às vezes fico a pensar, fico a matutar nisso, perante as condições que eu tinha, o tempo disponível, trabalho, e a quantidade às vezes de matéria, de coisas que nós tínhamos que aprender, foi, as notas, pronto, o percurso foi positivo, e consegui sempre, consegui sempre fazer as disciplinas. É lógico que tenho a noção que se calhar conseguia mais se eu tivesse mais tempo, se fosse uma coisa com mais calma, mas perante as condições que tive e perante o trabalho feito, foi positivo. Inclusive o projeto também foi, foi...

D: Ficou satisfeito.

E1: Sim, fiquei. Deu muito trabalho mas fiquei satisfeito.

D: Podia fazer melhor, mas foi o possível.

E1: Exato. Podia ter feito melhor mas, perante as condições, foi positivo.

D: Ok. Vamos já para o último tema. Quais as expectativas face à finalização deste ciclo de estudos. Quais são os seus principais projetos de vida, agora?

E1: Para o futuro. O meu projeto, os principais projetos, portanto, como disse há bocado estive a enviar uns currículos. Quero trocar de sítio onde trabalho, não porque esteja mal, tanto profissionalmente como colegas, não, nada disso. Estou a pensar trocar, tive de tomar mais uma decisão difícil, como sempre. Porque eu acabei os três anos. Durante os três anos mentalizei-me: estou a estudar, são três anos para estudar e depois logo se vê. Quando começou a chegar o fim eu tinha que decidir que rumo dar à minha vida. Portanto, não viver um dia de cada vez. E decidi, portanto tive que pôr o coração um pouco de lado, tive que pensar bem e decidi que, pronto, quero voltar, vou voltar para lá para a Madeira. Quero voltar para lá porque tenho toda a minha família lá, para trabalhar também trabalho lá.

D: Não tem cá ninguém que o prenda.

E1: Exatamente, exatamente. Não tenho nada que me prenda, apesar de ter muitos amigos aqui...

D: Claro.

E1: ... ter tido muitos conhecimentos, está lá a minha família que é uma parte importante a que eu dou muito valor e neste momento, pronto, estou ...

D: E se calhar precisam de si, não é?

E1: Sim, também. Também precisam. Não que eu vá ajudar mas pronto, sinto falta, sinto falta deles. E então, acabando o curso tive que tomar mais uma decisão e decidi voltar para lá. Neste momento, como lhe disse, enviei uma série de currículos...

D: Ah! Esses currículos todos mandou para lá!

E1: Foi para lá.

D: Ah! Não tinha dito.

E1: Fui a uma série de entrevistas e pronto, tive uma única proposta.

D: Também é diferente lá! Se calhar lá...

E1: Pois. É um projeto a médio-longo prazo, que é um grupo com uma série de empresas, que vai abrir mais uma oficina da rede Bosch.

D: Hum, hum. Que é onde você trabalha aqui.

E1: Exatamente. Que é, portanto, são várias oficinas, cada pessoa tem a sua oficina mas está incluída na rede Bosch.

D: Tipo franchising.

E1: Exato. E então, este grupo vai abrir uma oficina lá e querem que eu vá para lá. Portanto faltava para aí um ano e meio, isto se calhar só no início do ano que vem. Porque estão a construir outra oficina para passar as instalações da Peugeot para lá, e este vai ser aberto nas instalações da Peugeot . Portanto aquilo, o projeto está em andamento. Falaram comigo, fui a uma entrevista com eles, portanto as coisas proporcionaram-se, porque também é um projeto bom. É o único, realmente é o único que me apresentaram mas o projeto é bom. Querem-me para lá para trabalhar, para gerir a oficina. O projeto em si é bom. Requer algum tempo, requer alguma paciência, pronto. Mas as coisas estão, pelo menos para já, estão no bom caminho.

D: Ora bem, e valeu a pena voltar a estudar?

E1: Sim, valeu, valeu a pena.

D: Pelo menos já vai nesse projeto, não é? Senão, se calhar não iria.

E1: Valeu a pena. Apesar dos projetos, apesar de tudo, valeu a pena. Eu gostei de voltar a estudar.

D: E diga-me uma coisa. Voltar para a escola trouxe mudanças na sua vida pessoal ou familiar e profissional?

E1: Sim, trouxe, trouxe algumas mudanças. A nível pessoal trouxe, se calhar, pronto, a nível pessoal sinto mais, consegui ter, se calhar á conta dos trabalhos da professora de Português, ...

D: Que não está aqui, hehehe.

E1: Exatamente ... ter mais à vontade, porque eu já algum tempo que lido mais diretamente com o cliente e às vezes não é tão fácil nós conseguirmos nos exprimir. Trouxe mais à vontade a conversar, trouxe outra maneira de eu me comportar digamos no dia a dia, não é que eu me comporte mal mas, a ter outra postura.

A nível profissional também trouxe diferenças e a nível...

D: Está a ganhar mais do que antes?

E1: Sim, eu ganho mais...

D: desde que acabou o curso?

E1: Sim, mas não que o estudo tivesse contribuído para isso. Não, não. É mesmo a nível profissional.

D: Hum, hum.

E1: mas tenho noção que o estudo irá pesar mais numa proposta de emprego que me façam.

D: Claro. E a nível familiar?

E1: A nível familiar também, pronto, foi bom. Porque também a minha irmã, tinha uma irmã minha que também tinha feito o 10º ano, tinha feito os estudos há pouco tempo, e também ajudou-me um bocado. A nível familiar também correu bem. Não é que isso alterasse muito a minha relação com a minha família, por causa disso, mas há certas, às vezes pequenas diferenças que nós nem nos apercebemos.

D: Claro. E diga-me uma coisa. O que é que significa depois disto tudo, escola na sua vida?

E1: Escola na minha vida, hehehe.

D: Hehehe.

E1: A escola é importante. A escola na minha vida foi um ciclo de aprendizagem. Ainda hoje continua a ser porque eu não tenho, não é voltar à escola, mas nos cursos de formação que faço é como voltar à escola, porque nós temos um professor, temos matéria para dar, temos que aprender. A escola foi importante e trouxe coisas boas. Coisas más não me lembro de muitas. Mas é assim: trouxe coisas boas, trouxe aprendizagem. Pronto, eu vejo que a escola faz bem porque conheço algumas pessoas que se calhar nunca frequentaram a escola, frequentaram a escola para aí a 1ª e a 2ª classe, e notamos que há desenvolvimento nas pessoas que estudam.

D: E nunca pensou tirar um curso superior?

E1: Já pensei. Mas, na minha área tem de ser um curso muito bem escolhido, tem de ser tudo muito bem pensado. Eu neste momento fiz os três anos, estou a aproveitar para descansar um bocado; fazer uma série de cursos que têm ficado para trás quando andava a estudar, porque não dava conta de tudo, e preciso para o projeto também, porque isso foi logo uma das situações que eu tive lá com o chefe, mesmo, do grupo. Porque eu já queria ter ido para lá antes. Só que ele, tivemos mesmo uma conversa, disse-me: quanto mais formação você tiver, mais tempo você se mantiver na Rede Bosch, melhor é para si e mais valioso é para nós. Portanto...

D: Isso diz tudo, não é?

E1: Eu gosto de pessoas assim, nestas situações gosto de pessoas...

D: Pão-pão, queijo-queijo.

E1: Pode doer muito na altura mas ali sabemos logo com o que contar.

D: então e agora os seus projetos para o futuro mais próximo?

E1: Num futuro mais próximo, estou a ir de férias, hehehe.

D: Vai lá?

E1: Vou, vou.

D: À Madeira?

E1: Neste momento faço umas formações, aproveito os fins de semana, quando posso, fins de semana maiores, para sair, ir ter com os amigos meus, ir aqui e ali, tento passear, tento aproveitar um bocado a vida, e pronto.

D: Ó Celso, deixe fazer-lhe uma pergunta que se calhar é chata você responder-me. O divórcio ocorreu quando nós estávamos aqui no ensino secundário?

E1: Sim, sim, sim.

D: A escola contribuiu para isso?

E1: Não.

D: Não?

E1: Não, de maneira nenhuma. Não. As coisas também já não, as situações, as coisas já não andavam bem, já mesmo antes de a escola começar.

D: Antes de ter vindo para aqui.

E1: Exatamente.

D: Veio para aqui também como um escape?

E1: Não, não, não, não foi nessa situação. Vim para aqui mesmo na situação de querer estudar. Tenho a perfeita noção, que não era vindo para a escola que as coisas...

D: Se resolveriam.

E1: Não. Hehehe. Custa muito mas, quando tem de ser, olhe, é assim. Resolvemos as coisas, não é por aí.

D: Portanto a escola calhou nessa altura...

E1: Calhou nessa altura mas não contribuiu, de forma alguma, para a situação do divórcio ou para qualquer outra situação que tivesse ...

D: Ok. Celso, há mais alguma coisa que queira acrescentar, aqui do seu percurso escolar?

E1: Não. Não estou a lembrar agora. Hehehe.

D: Hehehe.

E1: Não me estou a lembrar agora de nada. Acho que já disse tudo. Ah! Só tenho de dar os parabéns aos professores por terem paciência de nos aturar, também.

D: Hehehe.

E1: Porque tenho a noção que não era, apesar de não sermos nenhuns rebeldes, mas não era uma turma fácil.

D: Pois, hehehe. É verdade.

E1: Tenho plena noção disso e pronto. Tenho a deixar um agradecimento aos professores e às pessoas cá da escola.

D: Obrigada.

D: Ok Cf. Então vamos começar a nossa entrevista, já sabe que há o termo de confidencialidade, o seu nome não vai aparecer em lado nenhum e eu estou a fazer uma pesquisa para o meu doutoramento para saber o que é que motivou os alunos a voltarem à escola depois dos interregnos. Por isso, é evidente que toda a ajuda, o seu contributo vai ser bastante importante para o êxito deste trabalho, como é evidente. Então vamos começar: queria que me dissesse a sua idade... não sabe?

E2: Vou fazer 37...

D: Ok, ótimo.

E2:...daqui a uns 15 dias

D: Ah então eu volto mais cedo (risos). O seu local de nascimento...

E2: Lisboa, nasci na MAC

D: Ora... na MAC?

E2: Maternidade Alfredo da Costa.

D: Boa! E o que é que faz agora?

E2: Neste momento sou técnico informático no hospital de Cascais... no Centro Hospitalar de Cascais.

D: Ok.

E2: São dois hospitais.

D: Diga-me uma coisa... e os seus pais?

E2: Já morreram

D: Sim... mas o que é que faziam?

E2: A minha mãe... o meu pai morreu quando eu tinha 4 anos, portanto... não me lembro...

D: De... nada!

E2:... tava acho que na força aérea ou o que é que é, acho que era motorista. A minha mãe foi empregada doméstica, de limpezas.

D: Hum, Hum...E a escolaridade deles?

E2: O meu pai, eu sei que ainda depois voltou à escola, que eu apanhei uns livros dele tipo... como eu. Ainda fez para aí até ao equivalente ao preparatório... atual... que eu não sei...

D: Sim... 6º ano...pois

E2: .. isto em 70...era diferente...pelo menos acho que ele até aí fez. A minha mãe acho... tipo ... abandonou a escola a fazer a 4ª classe...queria escrever e ler...

D: E diga-me uma coisa tem irmãos?

E2: Sim. Somos 4.

D: Quatro? E diga-me uma coisa, e eles... o que é que eles fazem?

E2: Ora bem,... a minha irmã está reformada. O meu irmão mais velho é diretor financeiro, contabilista, é TOC, e o meu irmão do meio é administrador de condomínios.

D: Ok. E a escolaridade deles?

E2: O meu irmão mais velho acho que só falta uma cadeira de matemática para ter o doutoramento. Como teve um acidente quando ia fazer... err.. pois... com o trabalho... vai ficando, vai ficando... o meu outro irmão é capaz de... não sei se... tem só para aí preparatória, que eu acho que ele também desistiu. A minha irmã não tenho a certeza, mas talvez seja como o meu irmão do meio. Talvez a preparatória...errr....sim, a preparatória.

D: Ok, e os seus sobrinhos? Tem sobrinhos?

E2: Tenho quatro.

D: E então?

E2: E bisnetos...

D: Já tem sobrinhos bisnetos? Sobrinhos netos... Então, conte-me...

E2: Errr... ora bem, o meu sobrinho...

D: Eu estou a dizer isto, pois você filhos não tem...

E2: Não, graças a Deus, não.

D: Ok, pronto. E também não é casado, pelo menos não era na altura, agora...

E2: Tive uma relação, mas já acabou...

D: Pronto, então já não tem.

E2: Pronto foi tudo na mesma altura, a morte da minha mãe , começou tudo a remoer

D: Pronto...

E2: O meu sobrinho... não sei se tem para aí o 9º ano, ele está nos Estados Unidos a viver. As minhas sobrinhas... uma... acho... acabou a faculdade. A outra também acabou. Uma das que acabou andou ali no Piaget. A outra teve na Católica, em Direito, mas acabou depois por abandonar...

D: Pronto...

E2: ”Emprenhou”.

D: Acabou-se!

E2: Ok , olhe, e diga-me uma coisa...e trabalha desde que idade?

E2: Desde os 18, 19.

D: O que é que andou a fazer? Conte-me lá...

E2: Fui trabalhar um mês e saí quinze anos depois.

D: Olhe! Então?! Conte-me lá...

E2: Como... foi na altura... estava a estudar para técnica eletrónica, isto como financeira-mente tava mal e não tava a... era disléxico, e eu não sabia... errr... passei a estudar à noite e vou trabalhar. Foi em 91 ou 92. Fui para o expresso trabalhar um mês, saí de lá em 2006.

D: Pois, que eu soube dessa história porque andávamos aqui quando...

E2: ...ou seja, fui despedido para aí dois meses depois de acabar o curso. Acabou o “coi-so”....

D: Pois, e olhe...diga-me uma coisa...como é que conseguiu conciliar a escola e o trabalho?

E2: Eu levantava-me... saía de casa às oito da manhã e regressava à meia-noite. Foi dois anos de “caixão à cova”.

D: Dois?

E2: Foi dois anos porque estava a trabalhar. O último ano, já estava desempregado mas também decidi: “Não vou estar à procura de trabalho agora... como...”

D: Claro....

E2: “...estava em topo de escalão, estava a ganhar bem de subsídio de desemprego, e para ganhar o salário mínimo , estou mas é quieto...”

D: Claro...

E2: ”Andei dois anos de “caixão à cova”..., agora...”

D: E o que é que isso quer dizer? Como é conseguir conciliar essa história?

E2: Mal e porcamente...

D: E mais a mais, com aqueles trabalhos que tinha de fazer, não é?

E2: Houve muitas... tive em reuniões com o diretor ao meu lado e eu adormecia...

D: Pois, isso também acontecia aqui..., quase que adormecia aqui nas aulas... Comigo não, porque eu falava alto.

E2: Normalmente era mais à última hora, especialmente, tipo... sexta-feira. No 10º ano, a Matemática, encostava-me à parede e fechava... Os ouvidos continuavam a ouvir, mas os olhos, eu tinha de os fechar, que eu não aguentava...

D: Pois, foi bastante...

E2: Foi... ou seja, não aconselho! Pronto! Ainda por cima, é pior que o nosso curso é: só anda para a frente quem passa. Isto é, a gente podia continuar como os outros continuaram e ainda andam cá... mas... a gente pra levar aquilo a sério tem que ir fazendo tudo, ainda é pior porque... os de dia.. por exemplo, está lá um, agora que estamos na limpeza, que fez o mesmo tipo de curso, mas de dia, e digamos que aquilo era “à borgia”...

D: ...pois...

E2: ...porque podiam avançar à vontade , e isso...

D: Não! Aqui vocês tinham que acabar o módulo.

E2: Os de dia não tinham esse tipo de problema. Era ao fim do ano e podiam chumbar. Não a *ronhar* quase meio ano e nos tínhamos de andar sempre encima

E2: E especialmente depois do exame de português não quero ir a exames

Serviu-lhe de lição..., não foi?

E2: Isto é assim eu andei vou estudar chegava mais ou menos a dezembro acabava por desistir. Entretanto, à minha mãe foi diagnosticado o cancro e eu... caiu-me tudo... quis sempre voltar a escola. Depois dela morrer isto em 2002, 2003..opa isto ou vai ou racha acaba o 12º pelo menos...

D: Mas eu lembro-me quando você cá chegou no 10º ano... dizia-me assim: eu sou muito mau a português r e eu vou desistir. Eu não consigo fazer...isto assim a meio do ano...eu não vou conseguir fazer as disciplinas todas... isto é muita coisa... e eu Cf... não... veja lá... não foi?

E2: Depois do exame comecei a ver ...se chumbo tenho de ir a exame e ir a no presencial e comecei a ler o livro depois como é que a matéria....eu no ano passado fui fazer certificação tecnológica de nível 4.e tipo: um dia antes recebi a carta: e o que é que é? que informática ? cheguei lá já estava a tomar antidepressivos e era sempre metade da qual era matéria que eu não tinha dado. Nunca pude estudar. O que eu tinha dado já nem me lembrava e coiso. E é do tipo estar assim... perguntar à Lúcia que ela é *porreirinha* que ela devora o livro chega lá despeja tudo, agora para mim...

D: Pois... Diga-me uma coisa... O E2 como é que acha...

E2: E eu...

D: Diga

E2: Eu fazia o meu trabalho completo, era só nos exames eu saias a hora do almoço , como eu estava assistente do diretor saia meia hora mais cedo e reduzia na hora de almoço e entrava mais cedo ainda custou mais porque tinha de estar no trabalho a cumprir a obrigação que me estavam a pagar e depois tinha de vir para aqui também estar atento

D: Pois foi duro não é ?

E2: Eu nesse eu engordei cerca de 30 quilos porque ...

D: Olhe... eu gostava de saber a sua opinião sobre a dificuldade de conseguir emprego hoje. Qual é a sua opinião?

E2: Eu consegui este ..andava a responder...é complicado...

D: Mas é complicado porque?

E2: Porque é assim ... Eles querem um doutor... ou é assim querem alguém com 20 anos mas que saiba trabalhar como um de 40 anos seja doutor e engenheiro e mais alguma coisa e outra e queria trabalhar pelo salário mínimo e ainda agradeça ao patrão por causa disso...

D: Pois... está complicado...

E2: Está complicado...

D: E sobre o desemprego ..o que tem a dizer?

E2: Como assim?

D: Como se vê muita gente apesar de ter emprego

E2: Isto está a ficar complicado e está-se a aproveitar disso... Agora é uma desculpa ...isto agora esta a crisevamos aproveitar para despedir pessoal. Lá na minha empresa o departamento de informática foi todo despedido durante a semana. Porque a SIC juntou-se ao grupo e eles tinham uma empresa que fazia por acesso remoto assistência isto uma quinta-feira: técnicos de informática vocês estão todos despedidos , esta aqui a carta de despedimento se quiserem assinam se não quiserem vão a tribunal

D: Pois

E2: O departamento foi todo extinto. O dos engenheiros só ficou metade porque eram programas informáticos com suportes e eles tinham d ficar lá mas eu não podia fazer esse tipo de assistência, mas um quarto do departamento d informática foi despedido

D: É muito... E2 nessa altura que já percebi que foi complicado trabalhar e estudar... aos fins de semana como é?

E2: O meu fim de semana tinha 55 horas. Isto a segunda: 30 eram a dormir, 10 por dia e 25 era para fazer todo o resto, ir as compras , cozinhar , estudar

D: Vive sozinho?

E2: Vivo que é ...ele é como fosse o meu pai adotivo mas eu tenho a minha vida

D: Ele é seu irmão ..

E2: Não , não é como fosse o meu pai adotivo,

D: Uma amigo portanto

E2: ele conhece-me desde os seis anos. Eu vivo lá porque também é só porque é só enquanto eu acabo o curso por que é assim eu não vou para paço de arcos dormir e venho para lisboa.com calma, estava a bater o terreno e tudo. Foi bom por um lado porque não me meti na despesa e mau por outro pois já era para por a vida toda em ordem

D: e não foi possível

telemóvel

D: Vamos falar agora sobre o percurso escolar, conte-me lá... andou na infância, na juventude, fez pré-escola... conte-me lá...

E2: eu fiz a primaria, andei aqui...

D: não fez pré escola

E2: fiz na 44 e depois andei na Marquesa de Alorna e depois estivei

D: tudo seguido?

E2: Chumbei na 4ª classe a professora disse que era melhor eu ficar portanto por isso , depois chumbei no 7º ano

D: Na marquesa da Alorna?

E2: Não estava na Filipa de Lencastre...o português

D: As línguas não são consigo...

E2: Na primária tive problemas a português. Um amigo copiava por mim a matemática e eu copiava por ele a português. Depois fui para a Fonseca de Benevides, para tirar o curso de técnico de eletrónica e também foi puxado, que era uma coisa que eu em relação a este curso acho que foi...não há problema...não era para ser técnico de eletrónica faltava-me a matemática.

D: Já vamos à parte .. E fez tudo seguido

E2: Mas no 10º ano chumbei novamente.

D: Isso estava a onde?

E2: Na Fonseca de Benevides. Mas isso... chumbaram todos. Toda a agente, que entreva no 10º ano , chumbava. É porque havia lá...era eletrónica no 9º ano tinha 5 e entrar para o 10º tinha 5.O problema é que a nota era 20.Aí chumbando eletrónica chumbava o ano

D: Acabando o 9º ano pensou continuara estudar?

E2: Sim. E mais uma coisa do ministério da saúde, da educação é que foi tipo, quinze dias antes de vir fazer a matrícula para vir para aqui, foi tipo escolhe para onde queres ir. Quando eu já estava na Fonseca de Benevides estive lá com um psicólogo para fazer uns testes psicotécnicos para ver a área que eu gostava. Mas não tive nada disso antes e devia haver eu por acaso no 7º ano tive eletricidade , o bichinho acordou. E eu comecei a ver que a escolha era eletrónica mas só que depois só havia alia Fonseca de Benevides e o marquês de Pombal que penso que é nos Olivais. Foi das escolas que eu escolhi. Entrei para a Fonseca de Benevides, que é área que eu escolhi...eu não vim cair aqui de para-quedas ..eu escolhi informática.

D: E depois lá?

E2: Depois lá andei aquilo fiz o ..da segunda vez fiz o 10º ano. Aí fiz um bocadinho a navegar, porque eu tinha de puxar mais as outras ia fazer uma melhoria de nota... é só a estudar e só a passar. Português e Francês. Também chumbei a Filosofia. E depois o 10º ano, fiz os 18 anos, isto está mau, preciso de dinheiro, a vida da minha mãe também não dá...e pronto passei para a noite. O problema é que chegava depois de trabalhar e saia tarde, comecei a ir para Alcântara, chegava ao inverno... e acabava por desistir, fazia o 1º período, às vezes fazia o segundo... Ia um ano , ia o outro e depois cheguei a uma altura, para aí 20 e poucos, “Opa agora não. Acabo pôr desistir, como andava noutras funções que ainda saia mais tarde, por altura que a minha mãe fazia-me esticar no banco eu “ Eh pá tenho de ir para a escola a ver se acabo isto”. Depois de ela morrer

D: A sua mãe morreu em que ano?

E2: Em 2002.Decidi : tenho de arrumar a casa , por a vida em ordem. Vou para a escola ou faço ou nunca mais entro lá .e como entrei e ainda por cima como estou afazer uma coisa que eu gosto que é informática , agora vou até ao fim.

D: Claro. E diga-me uma coisa: como é que chegou aqui? Esteve os 10º e 11º anos sem estudar... porque não estava para aí virado, não é?

E2: Por causa do trabalho e depois tinha de ir para Alcântara. Chegava lá e estava meio a dormir nas aulas, por isso eu também quando decidi escolhi esta escola porque estava perto de casa. Era curso e estou perto.

D: E quanto tempo ficou sem frequentar a escola?

E2: Ora bem2002.... foi entre 98 e 2003, vim cá á escola mas disseram-me que eu não me podia inscrever, então vim em 2004.E afinal podia ter-me inscrito mas não fazia este curso porque ainda não existia .e depois, se calhar, era capaz de ficar pelo caminho... porque o pessoal carregava-se... uns aos outros, para ir até ao fim...

D: Já falamos sobre os outros...ainda não chegámos cá à escola, não é? portanto chegou aqui à escola , esteve quantos anos sem estudar?

E2: Cinco ou seis anos , desde 91 e 95 mais ou menos, inscrevia-me , vinha desistia e coisa...

D: E porque é que se inscrevia se era para desistir? o que pensava na altura?

E2: Era para acabar porque já tinha feito uma aposta com uma pessoa, eu acabava o 12º.

D: Mas desistia, perdia a aposta...

E2: Com o trabalho. Uma pessoa estava cansada e depois saia tarde, ter de vir para a escola, estudar e depois como fazia disciplinas..

D: Então quem o motivou para vir para a escola?

E2: Foi a morte da minha mãe. Eu agarrei e disse: eu quero o curso acabado.

D: Não houve influencia exterior para...

E2: Não, o que eu vejo mais na televisão é documentários nem é telenovela, nem +e desporto. Gosto de ver só que saber estar a marrado não é comigo

D: Então ler então, não é?

E2: Por acaso quando fui trabalhar pela primeira vez para Paço de Arcos no comboio, até comprei livros e emprestaram-me... os Harry Potters... li aquilo tudo numa semana.

D: Depois quando começou a estudar, tinha um espaço próprio para estudar ?

E2: Tinha o meu quarto.

D: E não tinha ninguém que o ajudasse se tivesse alguma dificuldade?

E2: Desculpe a linguagem mas foi com na tropa “*desemerda-te*”.

D: Então o que é que o fez a voltar à escola?

E2: Era acabar o curso , gosto de informática e já namorava lá na empresa para...depois uma coisa era começar a trabalhar lá onde estava e depois era começar a namorar até entrar para a informática.

D: O que é que o marcou mais positivamente, ou qual o ano que o marcou mais positivamente, e o que o mais marcou negativamente , na sua passagem pelo secundário?

E2: Positivamente foi o ambiente, os chutos da *stora*. Também foi em parte o ambiente

porque nós, mais ou menos, carregávamos para irmos todos juntos e não ficar migalhas.

D: E diga-me uma coisa? o que é que fez para voltar a estudar? já percebi que foi o facto de a sua mãe...

E2: Foi ter entrado e ir para a frente , para a frente...agora que entrei não saio. Ou vai ou racha. Já que aqui estou não volto. Assim se eu não tivesse nada que fazer nem estar a trabalhar , era uma maneira de passar o tempo. Mas estar a trabalhar e ter de vir para cá...eu já sabia que custava mas...o curso que ia tirar que era de nível 4 esse ainda era pior que era 6 horas por dia durante um ano, se chumbasse era expulso, e ainda tinha ainda mais dois meses de estagio. Depois é como um estágio e o curso... tudo junto... que... eles dão a certificação, ou não.

D: Eh lá!

E2: E eu quando comecei a ver ...fogo! ...voltei à escola.

D: Então vamos começar a falar o seu percurso aqui no ensino secundário recorrente. Vamos fazer um balanço sobre a sua vida aqui nos 3 anos na escola. Que é que acha da sua aprendizagem aqui na escola?

E2: Foi boa em relação a alguns professores.

D: Explique-me lá

E2: É que alguns ensinavam. Há outros que...

D: Pode dizer mal à vontade....até de português....

E2: Por exemplo que era o professor de matemática... sem ofensa, ele era uma boa pessoa, mas para aprender com ele...

D: Já nem lembro quem era...

E2: O que era do Conselho Diretivo.

D: Esta a falar do João Jaime.

E2: E ainda por cima pelos livros ainda aprendia menos. Eu houve uma altura com ele : ou aprendo ou vou ler o livro. Comecei a ler o livro...Pior. Acho que o livro também

D: E mais coisa diga-me lá

E2: Digamos que ele não sabia bem explicar as coisas. O que me safou foi matemática de eletrónica do 10º ano, que ainda dei aqui no 12º. por exemplo gostei muito do professor de matemática do 10º ano, mestre de xadrez porque ele ensinava , aprendia-se tanto mais que ele esteve a dar estatística no final do segundo modulo, olhe nós vamos dar no terceiro modulo esta matéria. Quando chegávamos ao terceiro módulo... sabia aquilo, nem abria os livros, já tinha tudo feito em computador porque ele mandava fazer... Na altura até tinha no PDF, e no PDF dava para trabalhar tudo. O professor que é o Licas, que não me lembro do nome dele...

D: É o Filipe

E2: Ele deu-nos no 10º ano

D: Sim é o de informática.

E2: É acessível.

D: Ah não é o Pedro...

E2: Sim o Filipe é o Morangos com Açúcar...

D: Exatamente.

E2: Lollipop. Esse também era boa pessoa mas também para ensinar... não é lá grande coisa...

D: Mas diga-me porque é que diz que não aprendia com esse professor?

E2: No caso do João Jaime, era boa pessoa só que metia as mãos pelos pés.

D: E então e com os outros?

E2: Como eu disse , esse o Pedro até foi bom porque ainda esteve a aprender connosco, porque ainda por cima o ministério da educação deu-lhe muito bom a dar a matéria, encima da hora e muito mais, mal e porcamente. Ele ainda esteve a aprender connosco, foi bom professor, foi dos que nós gostamos mais. Gostava do de Filosofia, do 11º porque ..

D: Quem era?

E2: Era um que era gordinho, tinha assim uma grande barba...porque esse a... começávamos a falar de gatos e acabávamos a falar de cirurgia cerebral. O homem tinha uma bagagem... Nossa Senhora!

D: Ah... já não tinha barba... O Esteves...

E2: A *stora* porque foi carregando-nos aos “pontapés”...

D: Ah não diga isso. Mas porque é que diz isso?

E2: O último ano se não fosse aos “pontapés” eu tinha-me pirado.

D: Então foi uns “pontapés” bons?

E2: Pontapés para eu seguir para a frente, para andar...

D: Senão tinha desistido e não tinha acabado o 12º

E2: Depois o curso estava a acabar

D: Olhe e diga-me uma coisa porquê? você disse-me que tinha o bichinho..

E2: A minha vocação é eletricidade e eletrónicas o que eu gosto. Quando optei por entrar... eletrónica, mas esta um bocadinho ultrapassado. Então também gosto de informática, vou... e então fiz a busca e havia uma escola aqui e uma ali em Santos. Esta estava aqui mais perto...

D: Sobre os professores tem mais alguma coisa a dizer?

E2: Não. Aquilo eram bons de uma maneira, maus de outra. Eu relaxava-me um bocadinho, e eu preciso um bocadinho de rédea, estarem a puxar-me um bocadinho. Porque senão eu começo a desandar, foi o que estava a acontecer no último ano...

D: E já que percebe um bocadinho de informática...diga-me ...sobre as disciplinas do curso?

E2: As disciplinas...

D: Acha que foram adequadas?

E2: Foram adequadas. Faltava era prática que isso é que é mau. Como eu disse que estive em eletrónica e só os primeiros 15 dias...

D: Mas vocês não mexeram nos computadores?

E2: Mexia mas nunca montámos um computador. Era como por exemplo nós íamos para trabalhar no sistema operativo Macintosh. Não podíamos porque o Marco trouxe o computador e estivemos só a ver... senão nem... mas o técnico de informática tem que mexer... Não é assim... olhem têm aqui as folhas e leiam e respondam. Falta é praticar. Em programação tínhamos que praticar também ali num computador... esse dava... mas houve uma falha. Física Química e Eletrónica fazem mais sentido mas, tudo bem. O português saber escrever bem os relatórios. A Filosofia para desenvolver um bocadinho a mente para articular. A matemática é essencial, porque na faculdade ainda é pior. O inglês, isso havia aí...porque havia pessoas que também tinham Francês, mas é obrigatório pois quando nós fazemos pesquisa é em inglês. E eu sou um pouco barra em pesquisa e por isso quando faço pesquisa vou geralmente aos sites em inglês, porque os portugueses e os brasileiros, o brasileiro é assim uma mistura e acabo por não perceber nada. Então assim acabo também por praticar e acabo por procurar em inglês. Os do curso: estavam mais ou menos adequadas, os valores são um bocadinho por alto. Talvez, se pudesse especializar um bocadinho mais.

D: E mais prática, não é?

E2: E mais prática porque isto faz lembrar um curso de faculdade. Fala-se, fala-se, fala-se...mas nunca se mexe num computador...

D: Já falou duas vezes na faculdade. Porque é que não foi para faculdade?

E2: Este curso de nível 4 que eu ia fazer... equivalia ao bacharelato. E preferia, porque para a faculdade... para entrar há os exames, o exame de português, e já me bastou um exame.... talvez... estive a ver... para a Universidade Aberta que dá para fazer em... tipo em casa e depois ir lá a algumas coisas... tenho de ver isso...

D: Dos colegas de informática, ninguém foi para faculdade, pois não?

E2: O Pedro...

D: O Cardoso? Foi para a Angola.

E2: Está em Angola. Ainda mais um ano até 2010. Ele ainda se inscreveu, ainda estávamos a acabar o curso e, ele inscreveu-se ali em Setúbal, porque a gente assim que acabou o curso

já não podia entrar pelos maiores de 23.Tinha de fazer os exames. Porque eu ate estava a namorar isso, que eu ate virei-me aí mas chumbei num bloco .Para ver se conseguia...mas não está descartada.

D: Acho que deve continuar, não é?

E2: Posso não fazer a faculdade normal, mas através destes cursos de certificação de nível 4 , porque este como é para gestão de redes, quando eu estive lá, o professor que estava a gerir o curso, parte do pessoal estava a trabalhar lá fora... e estavam a ganhar mais do que ele...

D: Então aí esta uma expectativa que tem de explorar...

E2: São sete cães a um osso...

D: Se você não for lá... também....

E2: Sim , já fui ali ao centro de emprego a ver se dava para me inscrever. Vamos lá a ver , eles disseram que depois mandavam uma carta. Uma eu safei-me bem porque no ano passado fiz os psicotécnicos e tive uma das melhor da geral...

D: Isso é um bom sinal....

E2: Porque não tenho de escrever...

D: (Risos)E olhe o ambiente dos colegas aqui?

E2: Como eu disse o ambiente era...

D: Era uma equipa ..

E2: Era. Havia sempre , volta e meia , aquelas quezílias como é normal. Mas estávamos mais ou menos para ”já que estamos juntos , vamos até ao fim , que é para despachar isto”.

D: Era bem giro... nunca mais apanhei um assim...

E2: Porque estávamos a trabalhar e tudo, digamos que dois terços a três quartos, sabíamos mais ou menos o que acarretava...

D: E diga-me a sua opinião sobre o facto de se ter juntado o seu curso com o de informática , nos cursos profissionais?

E2: Não tive problemas , porque quando eu dava eletrónica...

D: Estou a falar de colegas, são muito diferentes?

E2: Cinco elementos aproveitavam-se... Um acho que era mesmo uma maçã podre e que conseguia infetar outros dois, que quando estavam ao pé dele , ficavam piores. Mas houve outras vezes que quando estavam ao pé de nós eram *porreirinhos*.

D: E nunca deviam ter feito a ligação?

E2: É assim: quando eu tive aulas no curso de eletrónica, nós tínhamos aulas com o de química, porque aquela escola Fonseca de Benevides só dava dois cursos: técnico de eletrónica e técnico de química. Porque é especializada, e agora o técnico de informática. Então quando era o francês, o inglês e isso, juntavam-nos. Claro que era bom porque eram trinta marmanjos e podiam ver mulheres de vez em quando. E quando eu estive lá era uma mulher para as turmas todas.

D: Puxa! E qual a sua avaliação pessoal deste percurso de 3 anos?

E2: Foi boa porque, custou um bocado mas consegui chegar ao fim. Ao nível de saúde, psicologicamente, relações...vida. Quando acabei o curso...

D: Pois mas isso é quando acabou. Eu estou a falar durante o curso...

E2: Enfim. Isto tudo , porque trabalhar e estudar, ter que aguentar, estar lá... cumprir. Tentar não adormecer nas reuniões com o diretor ao meu lado, naquela reuniões enfadonhas que a gente tínhamos de meio dia, que eu já sabia que ia chegar tarde e chegava e ia dormir sentado na sanita , cerca de 10, 15 minutos para refrescar. Senão batia coma cabeça no teclado porque não consegui manter-me em pé.

D: E diga-me agora quais foram os seus principais projetos de vida depois de acabar o ensino secundário nesta escola...

E2: Sinceramente não foi nenhum, porque entretanto como eu tive...

D: Era seguir para o superior?

E2: Também porque eu comecei a ver, se o secundário é assim...a faculdade é só mais um bocadinho difícil. Talvez se não conseguisse entrar para o ano...mas um, dois anos para pre-

parara as coisas para tentar entrar porque eu já sabia, os exames de admissão ... o de português...era para riscar

D: Pois o exame de português é o seu calcanhar de Aquiles...

E2: É por causa disso que maior parte de vocês não se safam no exame de português para a admissão à faculdade...

D: Mas eu posso dar um exemplo, o Fernando...o de administração...

E2: Que era o mais velho...

D: Esse era o Manel Barata, que era o mais velho. Esse fez o exame, ele escrevia muito mal, com dislexia, no primeiro ano não entrou...mas não é só português que ele faz ...ela faz português ...acho que são duas ou três. Ele foi para ISCAL, no primeiro ano não conseguiu mas depois no segundo apesar de ele ter 4 ou 5 a português, mas depois nas outras compen-sou e já lá está.

E2: Isso é assim: tentar também... não sei... mas sei mais ou menos o que me espera. Ah! Vou e vou entrar... tive aquela nota e não vou entrar...

D: Se não conseguir no primeiro, vai no segundo ano.

E2: O meu objetivo era: acabar o curso, comprar casa, lá ok no trabalho, tentar namorar entrar para a informática para ganhar mais um bocadinho de experiência...

D: Lá onde?

E2: Na empresa onde eu estava, no Expresso. E depois ver para a frente... sim senhor. É assim... eu sou mais tipo de mexer as mãos... sou mais a nível técnico... não sou engenheiro que é para estar a pensar... eu gosto de estar a mexer...

D: Por a mão na massa...

E2: Na massa. Por que o meu 1º computador, estava mesmo à espera que a garantia acabasse para o poder abrir...

D: Pois.

E2: Eu gosto disso. Porque também o meu pai era... tipo... fazia eletricidade, construção...

D: Herdou esse bichinho...

E2: Esse bichinho, até porque quando tinha acho que cerca de dois anos, apanhei uma chave d e fendas e desmontei um rádio todo.

D: Ah bom!

E2: Quando os meus pais chegaram tinha tudo espalhado, tudo desmontado... portanto... também tenho um primo que está em eletrónica, está na marinha...

D: Então é de família...

E2: É. O pai dele também foi técnico de eletrónica. Só que ele estavam na Figueira e eu estava em Lisboa...

D: Então acabou aqui o 12º e a expectativa era organizar a sua vida.

E2: Foi acabar o curso... foi um bocadinho à queima-roupa... Eu já estava meio tremido mas já estava a ver que...

D: E quando acabou? você estava decidido ... não tinha emprego?

E2: Comecei... como estava meio deprimido... ou seja... foi tudo... "Caguei-me" para tudo...

D: Entretanto o seu irmão pegou em si...

E2: Não! Estava a falar com ele... eu é que peguei em mim mesmo. O ano passado, por altura do Natal...ate foi por falar com uma pessoa que eu pensava que era minha amiga mas ainda me estava a rebaixar mais do que eu já estava, eu e comecei... *Porra!*... tenho de por a minha vida em ordem... ou meto a vida em ordem ou dou um tiro...

D: Você também não põe isso por menos...

E2: Era da maneira que eu estava. E decidi ir lentamente. Procurar emprego... primeiro procurar emprego.... hoje em dia, emprego não é para a vida...estou a trabalhar um, dois, três anos. Se arranjar uma coisa que ganhe mais alguma coisa...Adeus!

D: Claro.

E2: A fidelidade devo só a mim. E tentei mais ou menos por a vida em ordem... calma-

mente ... por assim dizer.

D: E quais os seus projetos agora? Emprego já tem. E na área de que gosta.

E2: Sim pelo menos até junho. Porque estou a recibos verdes. Se aquilo der depois ...feito contrato...também só aceito se for para informática, que se lixe...pedem experiencia que eu não tenho. Eu tinha respondido a uma que vou aldrabar o meu currículo.... o Mauro ainda sabe menos do que eu e de certa maneira é chamado para as entrevistas, que raio... o que é que se passa aqui? E vou ganhar experiencia... e vou á procura...

D: Claro.

E2: Se não conseguir ao menos já ganhei experiencia. Digo que ainda trabalhei o ano passado e faço lá uma aldrabice e toca a andar. Começar a comprar casa. Já estou mais ou menos a fazer os orçamentos de tudo o que custa...

D: Se estiver com recibos verdes não pode comprar casa, não é?

E2: Mas isto... só o Mauro é que está a recibos verdes. Porque eu para estar a recibos verdes estava a pagar um balúrdio de impostos...

D: Então?

E2: Só de segurança social tinha de pagar 200 e tal euros...pronto...mas também pagar IRS de certeza por que tenho sempre de pagar e eu faço a declaração ..porque até dois mil e tal euros dá para um bom ato único... e vamos embora. Se der, dá... se não der...

D: 2000 não...dez mil...

E2: Não dez mil... isso é para o IVA...

D: Ah o IVA... ok.

E2: Fui eu que comecei a dar aulas lá ao Mauro... como estive nessa área , sabia o que eles faziam lá...

D: Claro.

E2: E a mim não fazem...como eu respondia um coiso... pá a gente paga 600 euros líquidos... não é mau... seja o que dão o 13º, 14º dividido por 12 meses... e eu assim que ouvi

aquilo... pronto... recibos verdes... já sabia mais ou menos o que é que a casa gastava... pois... não aceitei... agora vou... como estava no projeto de como estava desempregado... dei um ano e meio de desemprego... que como em três anos uma pessoa não paga taxa social única... são quase 14% que a empresa poupa ... e eu... venho para aqui... estou a trabalhar a recibos verdes... nesta proposta que tive... fui quatro talvez seis meses, um ano porque aquilo posso ser despedido a qualquer momento... raios parta... então prefiro estar desempregado... já fiz... o subsídio de desemprego é para durar ao fim de um ano e meio de fundo de desemprego é para durar 3 anos... deixei-me estar... depois para conseguir emprego é difícil... com a idade que eu tenho começa a ser pior, portanto tenho de ter um torrãozinho de açúcar para o cavalo, mas é o que eu quero.

D: Claro.

E2: E agora neste momento estou a viver a vida... é assim... vai indo. Depois, mais ou menos de x em x tempo , quando me der na telha ... vamos ver...

D: Está bem.

E2: O que vamos fazer... pôr em ordem...

D: Você, pelo que percebi, pela nossa conversa, dois , três anos para e diz assim "tenho de por a minha vida em ordem" e toma uma serie de decisões...

E2: Eu onde trabalho, cada cinco anos, começava a ficar farto de fazer a mesma coisa...

D: Pois... passado algum tempo você diz assim:" Não, ... tenho de mudar".

E2: E quando a minha mãe morreu, mudámos para Lisboa, deixei de ir para lá. Depois comecei. Estava mais ou menos assentado... é aqui que é para trabalhar, já andava para compra casa... toca de fazer contas... Ver aqui... como é que é... e dá para comprar. Quero comprar para lá perto porque assim vou a pé, de bicicleta, faço exercício... estou a precisar... era volta á escola... digamos... estava um espinho encravado na garganta... de acabar...

D: Está feito.

E2: Esse já está feito... agora ver casa e ver em termos de futuro... emprego é sempre em curto prazo porque nunca é a longo prazo...

D: Isso é verdade.

E2: Porque como eu disse lá despediram aquele departamento todo. Noutros andavam para despedir... ou seja, a pessoa tem de pensar estar 3 anos...

D: E diga-me uma coisa, valeu a pena voltar a estudar?

E2: Valeu.

D: Porquê?

E2: Deu para ver se eu tinha capacidade para fazer... deu. Valeu porque eu tinha encravado... consegui fazer o que eu já há bastante tempo me tinha proposto fazer.

D: E voltar à escola trouxe mudanças na sua vida pessoal, familiar? profissional?

E2: Profissional foi tentar conciliar as duas coisas...tentar não quebrar no emprego. O meu relacionamento como pessoa é deteriorado... mas isso é culpa minha tanto como dela.

D: Mas isso já aconteceu depois de...

E2: Acabou mais ou menos... eu acabei o curso e acabou a relação. Já estávamos juntos há bastante tempo... mas serviu para...

D: Para ver a vida...

E2: Pronto, ela não estava interessada...

D: Então já me disse que não sabe se vai continuar a estudar. Então o que significa escola na sua vida?

E2: Também aprender ... que eu gosto. E neste caso, conseguir fazer... por exemplo... subir na vida... porque se uma pessoa quer arranjar emprego, quantas mais qualificações tem, mais fácil consegue... e se for transversal em várias áreas... maior probabilidade de conseguir arranjar um emprego. Se uma pessoa fica só a fazer uma coisa e não sabe fazer mais nada senão aquilo, se tem relutância em querer aprender...

D: Quais são as suas expectativas para o futuro próximo?

E2: Tentar conseguir ficar lá na empresa...

D: Lá no hospital?

E2: No hospital... ou seja, estou em subcontratação. Eles, entretanto... é privado. Ou seja o hospital agora é uma parceria pública privada. Pertence à Caixa, que é a Caixa que está a construir o hospital... e eles têm uma equipa própria.... eu estou a trabalhar para uma outra empresa, que vende... do público. A ver se consigo lá ficar, se precisarem de mais pessoal, porque é uma coisa que gosto...

D: Mais...

E2: E depois se aquilo não der... vamos embora. Procurar trabalho... e agora como tenho mais experiencia neste lado e vou alterar mais o currículo, vou à procura... ou seja... como estiva na área administrativa... procuro a informática...

D: E ter o 12º ano, contribuiu para o seu desenvolvimento pessoal e profissional para o seu bem-estar? E ter voltado a estudar?

E2: Contribuii. Porque é assim... eu para voltar a estudar tinha de fazer algo que gostasse senão não vinha e como sou Touro... se decido marrar... não vai mesmo... é algo que eu gosto, como sempre gostei ... como gosto de companhias... serviu para ver que...

D: E ficou com dois certificados... ficou com o 12º ano e com...

E2: Estou á espera do diploma...

D: Mas olhe que estão prontos.

E2: Certificado, eu já tenho... agora o diploma. Na altura, o Ministério ainda está a fazê-los. Podíamos ter feito uma data de desenhos e ter mandado. Porque não sei.... eu neste momento também quero esse crachá...porque no meu caso também foi sangue

D: Então?

E2: Não foi físico... mas foi sangue no sentido que... que foi fisicamente, psicologicamente... e tudo... foi muito.... O certificado já o tenho para responder a anúncios. Mas o Diploma... já que não tive o de nível 3... tenho o de informática...

D: Quer acrescentar alguma coisa?

E2: O que eu digo... para quem anda a estudar... convêm despachar enquanto estão de dia...

D: À noite, é muito complicado?

E2: Especialmente porque é assim... para quem está com o vínculo e coiso... mas ter de trabalhar e ir estudar... e especialmente para quem tem de vir de fora e vir estudar... dói...

D: Obrigada.

Entrevista – E3 (1h:01m:39s)

D: O seu nome não vai aparecer em lado nenhum já lhe disse as linhas gerais do trabalho que estou a fazer.

E3: Assumo tudo o que disser em qualquer parte do mundo...

D: Obrigada. Vou chamar-lhe E. mas o seu nome não vai aparecer em qualquer documento. Já lhe disse quais eram as linhas gerais da investigação... e o que me interessa é saber quais as motivações expectativas dos alunos que acabaram o ensino secundário recorrente... Vou pedir-lhe que me diga a sua idade...

E3: Tenho 53 anos.

D: O seu local de nascimento...

E3: O local é Estoril, Cascais.

D: Profissão?

E3: Sou informático há 30 anos, sensivelmente.

D: Os seus pais? O que é que fazem?

E3: Os meus pais eram... oriundos... o meu pai do norte, a minha mãe aqui de Loures. Estiveram sempre ligados... a minha mãe aos afazeres domésticos e na ajuda ao meu pai, nos afazeres agrícolas. O meu pai era um jardineiro que também cultivava produtos, vendia produtos... o meu pai era uma espécie de um faz tudo... desde que...

D: E herdou esse bichinho do seu pai...

E3: Desde que conseguisse mais valias com isso...

D: Ok..., entretanto sei que tem um filho...

E3: Sim, tenho um filho com 23 anos, neste momento...

D: E ele estuda?

E3: Acabou a licenciatura...

D: Em quê?

E3: Em economia...

D: E ele está a trabalhar já? Vive consigo?

E3: Está a fazer um estágio... esteve preliminarmente numa receção de uma messe de oficiais... na qual também dou assistência informática... e depois recebeu um convite..., fez testes, etc. e foi considerado para a AXA Seguros, onde está presentemente a frequentar um estágio e usufruir de algum dinheiro...

D: Ótimo.

E3: E tem como objetivo em fazer o mestrado depois de acabar o estágio...

D: Ora, aí está uma boa ideia... Parabéns por ter um filho assim... Entretanto qual era a escolaridade dos seus pais?

E3: O meu pai tinha a 4ª classe e a minha mãe tinha a 3ª classe.

D: Ok, entretanto a sua mulher...

E3: A minha mulher é professora do ensino secundário, desenvolve a atividade de professora...

D: E tem mestrado, doutoramento...?

E3: É titular numa escola segundo a nova metodologia... e... mais nada...

D: Ok. Tudo bem. Entretanto fale-me um pouco do seu trabalho, disse-me que era informático há quase 30 anos... então...

E3: Vamos lá a ver... o meu mundo do trabalho começou portanto acabei a tropa, ahhhh não tenho problema em fazer seja o que fosse, ainda hoje, comecei a minha atividade profissional como (a seguir á tropa), como...aliás antes da tropa eu fiz de servente de pedreiro ajudei os meus pais a fazer a casa onde hoje vivo estava no ano... portanto, iria fazer a tropa seguidamente... e não era fácil arranjar um emprego que fosse continuado, uma vez que tinha a tropa pra fazer, depois da tropa... iniciei a minha atividade profissional como tarefeiro, isto é distribuía produtos, antes disso, fui vendedor de bebidas, vinhos, produtos de bebidas nuns preços interessantes que me deu alguma bagagem de

D: Lá na zona do Estoril?

E3: Não... não. Em Algés... descobri a zona da Amadora etc... uma experiencia interessante...

D: Claro

E3: pra um miúdo que tinha acabado de sair da tropa

D: Isso, está a falar, tinha 20 anos para aí...

E3: 22... 23...

D: humm, humm, Ok.

E3: Depois adquiri um emprego na manutenção do TAR, onde ainda estou, como tarefeiro,

distribuía produtos alimentares: batatas, cebolas, quartos de carne de 98 quilos...

D: Hei lá...

E3: pronto. Depois passei para uma área num armazém de frescos onde fazia já... passado algum tempo, de chefe de armazém, recebia e expedia mercadoria. Mais tarde houve concurso para administrativo e nessa altura averigui... fiz o concurso, fiquei em 4º, 5º lugar... e enveredei pela vida administrativa. Entretanto, no decorrer desse tempo já namorava a minha mulher, ainda nessa altura portanto... tirei um curso de análise e programação na NORMA, passado algum tempo, o centro de informática, que era o centro de informática do exército passou para a manutenção militar e nessa altura eu sugeri ao chefe da informática a inclusão nesse serviço. Sim Sr.^a. mostrei os meus créditos, tive que fazer um estágio ainda... pra mostrar que sabia alguma coisa de...

D: De informática sim.

E3: E fui considerado, passei a programador estagiário fiz um estágio de um ano já em pleno desenvolvimento com um orientador de estágio, e passado esse tempo adquiri a categoria de programador. E pronto, segui por ai fora e hoje sou uma espécie de analista, analista de aplicações, aliás a categoria que eu tenho é a categoria de programador de sistemas embora também faço alguma coisa de sistemas mas presentemente sou uma espécie de gestor de rede que dou formação informática em aplicações específicas, dou formação em tudo quanto é Microsoft office... ajudo os utilizadores... Faço alguma coisa de hardware... faço também comunicações...

D: Ai tanta coisa... Ok. Já vi mais ou menos o seu trabalho. E diga-me uma coisa E, como é que consegue conciliar a escola e o trabalho?

E3: Não é fácil.

D: Pois não.

D: Como é que consegue?

E3: Tem a ver com...alguma pré disposição para isso, aliás as coisa fazem-se com pré disposição, nós temos de estar disponíveis para... se queremos fazer as coisas, temos de estar dispostos a fazê-las.

D: Então qual é a importância do trabalho na sua vida?

E3: Eu gosto de trabalhar.

D: Naquilo que faz.

E3: Naquilo que faço., é só lutar por trabalhar, ter um objetivo, e aliás a vida do programador e do informático tem muito a ver com desafios...

D: À procura duma solução

E3: Temos um problema é-nos posto um problema e...atingir a resolução daquele problema, e mais há uma particularidade aí interessante que é o facto de não nos imporem regras para chegar á resolução desse problema.

D: É um desafio.

E3: Mas é um desafio que é livre, cada um é melhor ou pior, dependendo da forma mais rápida, mais coerente, mais lógica...

D: Para a resolução do problema.

E3: Essa mesma resolução...

D: Interessante. Olhe E, como é que percebe ou... ouve... sem falar muito, sobre a dificuldade para obter emprego, hoje ? Que é que me tem a dizer sobre isso?

E3: O que é que eu acho da dificuldade que há para conseguir emprego... Penso que...

D: Há emprego ou não há emprego?

E3: Eu penso que há emprego, há emprego.

D: Ou há trabalho.

E3: Há emprego vamos ver... se há emprego, implica automaticamente que há trabalho, mas considerando que emprego é também o trabalho

D: Ok.

E3: Penso que há trabalho. Há trabalho. Simplesmente instalou-se na mente das pessoas que... vamos supor... eu se sou administrativo... não posso fazer trabalho de operário e quem procura trabalho ou emprego, tem que se disponibilizar para aquilo que lhe for dado para fazer, isso... penso que não acontece muito nas pessoas também porque há subsídios... há subsídios de desemprego etc., e as pessoas acomodam-se e vão recebendo alguma mais valia por essa situação e simultaneamente vão fazendo outras coisas onde também podem adquirir algum valor e no complemento das duas coisas conseguem...

D: Uma vida mais ou menos não é? Então e sobre o desemprego o que é que tem a dizer?

Nos dias de hoje?

E3: Isso está relacionado...

D: Pois

E3: O facto de as pessoas não aceitarem emprego, obriga a que haja desemprego

D: Pois.

E3: Portanto... penso que aqui uma coisa implica a outra.

D: Ok

E3: O facto das pessoas não se disponibilizarem, o facto de terem um suporte leva a que... pronto haja desemprego, pois as pessoas não aceitam o emprego...

D: Olhe, diga-me uma coisa; o que é que faz nos fins de semana e nas suas horas de lazer?

E3: Faço muitas coisas

D: Então?

E3: Vou á pesca... tenho lá um lote de terreno junto à minha casa, cultivo cebolas, batatas... faço bricolage... sou capaz de pintar o meu quarto como fiz já várias vezes ou a sala... a minha casa está em permanente construção e remodelação... faço um reboco...

D: E ler? Ver televisão? Sair com amigos?

E3: Ler... leio muito pouco.

D: OK

E3: É uma das falhas... que não leio. Gosto de escrever...

D: Ai é?

E3: Gosto de ler, vamos lá a ver é assim desde que me conheço assumo pra mim uma particularidade que não é positiva que é o facto de faço só aquilo que gosto, e na vida vi ao longo de alguns anos que também se tem de fazer aquilo que não se gosta. E isso é mau.

D: Vai deixando para aquele...

E3: Se temos alguns objetivos, temos de fazer também aquilo que não gostamos.

D: Ok. Vamos falar agora um pouco sobre o seu percurso escolar até ao 9º ano. 1º Ciclo fez até...

E3: Vamos lá ver eu fiz a escola primária em S. Pedro do Estoril.

D: Sim.

E3: Depois... apesar das posses limitadas dos meus pais... eles puseram-me nos Salesianos, do Estoril.

D: E foi aí que fez a primária?

E3: Fiz o ciclo preparatório

D: Sim, mas já ta no 2ª ciclo mas na primaria fez tudo seguido?

E3: Sim tudo seguido.

D: Não chumbou ano nenhum? Não houve problemas...?

E3: Não

D: 2º ciclo foi prós salesianos

E3: O ciclo preparatório fui para os Salesianos.

D: Sim.

E3: Os salesianos, como se sabe...

D: De um professor... passa a ter muitos...

E3: Pronto, é uma mudança, ainda hoje continua a ser uma mudança que não é às vezes fácil.

D: Claro

E3: Um sistema rígido

D: É filho único E3?

E3: Sou filho único... e aí o primeiro ano tudo bem, com algumas dificuldades no segundo ano, nessa altura os Salesianos não tinham a facilidade de fazer exames, havia exames logo no primeiro ciclo e eu tinha de ser submetido a exame no Liceu Nacional de S. João do Estoril que. Na altura, era o que estava mais perto... e eu não tinha, na altura, exame..., fizeram-me umas provas de recuperação... ‘Vocês,...já não me lembro se foi a ciências, não... sei o que foi...

D: Sim

E3: E depois de fazer essas aulas de recuperação, acabei por ter uns 14 uns 15 e uns 17 apesar de ser pressionado.

D: Ou seja não ficou repetido

E, Fui a exame fiquei bem e descansei da oral com 12...

D: Está a ver... Depois fez ...

E3: Depois vim pró liceu Nacional de S. João do Estoril

D: Fazer o 5º ano ou o 9º ano ...

E3: Exatamente.

D: E então?

E3: Nessa altura levei o meu percurso normal... cheguei ao 4º ano... na altura havia as secções...

D: Letras e ciências, isso

E3: Sim e chumbei nesse ano... chumbei quer dizer..., fiz uma secção , salvo erro... fiz letras. Fiz letras.

D: E chumbou na parte das ciências

E3: E chumbei a uma disciplina ou duas, chumbei, não tinha nada pra passar e pronto, no ano seguinte fiz a 2ª secção e depois fiz mais o 6º ano, depois... o 7º ano... já não o completei... deixei disciplinas por fazer...

D: Ok. Mas antes de chegar ao ensino secundário, ou seja ao 6º ano é que fez o 9º ano, tudo certinho, em dois anos o 9º ano depois a secção de letras e a secção de ciências e diga-me o seguinte: Depois de terminar o 9º ano, ou o 5º ano antigo o que é que pensou? Vou continuar a estudar? Mais a mais tinha chumbado na secção de ciências... o que é que eu vou fazer...?

E3: Não a ideia era o 7º ano nessa altura já era importante fazer o 7º ano.

D: Ok.

E3: O 5º ano há alguns anos a esta parte dava pra entrar num Banco, numa Câmara...

D: Com o 5º ano...

E, O 5º ano, mas eu acabei o 5º ano e já não estava muito na fase de ...

D: E o que é que o marcou mais negativamente e mais positivamente até ao 5º ano?

E3: Em termos de...

D: Em termos de qualquer coisa a nível da escola.

E3: A nível da escola algumas situações no 4º ano, estar em risco de chumbar o ano por exemplo,

D: Porquê? Faltas? Ou notas?

E3: Faltas? Fui sempre bem comportado, as notas é que escasseavam às vezes... enfim... Vamos ver quando não gostava de uma disciplina... estava ali um dia ou dois...

D: Não corriam muito bem...

E3: Bom. No 4º ano... lembro-me perfeitamente... eu estava em risco de chumbar porque na altura não se podia chumbar a português e matemática, ou havia ali 3 disciplinas em risco... essas e mais outras... E aliás... e um esforço..., e aliás as minhas notas são sempre melhores no último período.

D: Lá ter de ser... não é?

E3: Pronto e... passei o ano e chego a casa e digo aos meus pais que tinha passado...

D: E foi lá ver e viu... que tinha passado... Ok Entretanto com tudo certinho, chega ao 5º ano e ainda não me disse porque é que queria continuar a estudar, uma vez que chumbou.

E3: Não, o objetivo era acabar porque isso era um sintoma... uma mais valia para adquirir um emprego.

D: Mas entretanto estava-me a dizer que no 5º ano... foi para letras ou para ciências?

E3: Ciências.

D: Foi pra ciências Apesar de ter chumbado em ciências no 5º ano...

E3: Sim

D: Continuou com as ciências.

E3: Continuei em ciências, eu tive francês e inglês até ao 5º ano... e depois não tive mais...

D: Pois... e depois tinha 3 ou 4 disciplinas... não é só no 6º...?

E3: No 6º ano tinha 6 disciplinas nessa altura

D: Tinha e Iniciação à Política e ..

E3: Tinha era inglês e francês

D: Já não me lembro.

E3: Não me lembro... a português, introdução à política, matemática, ciências, física ou química...

D: BOM não interessa. Ok. Entretanto, faz as disciplinas todas no 6º?

E3: Faço as disciplinas todas no 6º.

D: E depois no 7º? O que é que aconteceu?

E3: No 7º faço ...proponho-me a exame... faço português e introdução à política e filosofia...
Exame

D: Sim...

E3: Faço um 13 a português.

D: As notas não são importantes. Mas fez tudo?

E. Fiz tudo, propus-me a exame... aliás, fui a exame e não fiz tudo... deixei... ciências, física ou química, matemática e ciências da natureza.

D: Ah a parte das ciências ficou tudo. E depois? O que é que aconteceu?

E3: E depois... e depois entretanto... os meus pais começaram a construir a casa onde eu vivo hoje, algumas dificuldades... e a minha opção...

D: Que idade tinha nessa altura?

E3: 17. Tinha 17 anos / 18.

D: Sim.

E3: Portanto estava antes da tropa e nessa altura a minha opção foi ajudar os meus pais a construir a casa e ir estudar a noite.

D: Portanto não interrompeu os estudos, foi estudar a noite.

E3: Sim, mas estar a trabalhar de dia, com 17/18 anos, ter recostada e...era duro, era difícil e á noite custava mais ir prá escola. Mas eu não desisti. Não desisti. Fiz uma disciplina e dei-xei duas.

D: Das três que lhe faltavam...

D: Nesse ano. Entretanto veio a tropa, entretanto veio a tropa,

D: Com 18 anos.

E, 18 anos não. Mais tarde. Entretanto, no ano seguinte, ... depois fiz mais uma... Falta-me matemática do 2º ano do curso complementar do liceu.

D: Exatamente. Portanto... foi fazendo devagarinho. E diga-me uma coisa, e depois... antes de ir para a tropa... a sua ideia era acabar o 7º ano, para quê? Qual era o seu objetivo?

Para quê? Acabar o 7º ano?

E3: Queria acabar o 7º ano porque o 7º ano era uma mais valia para adquirir emprego,

D: O que é que tinha na mente? O que é que queria fazer com o 7º ano? Ir á tropa porque era obrigatório... e depois...

E3: Um escritório ... não tinha assim nada de especial em mente.

D: Sabia que o 7º ano é que era...

E3: É um garante... é uma mais valia para conseguir emprego.

D: Ok. Entretanto vai para a tropa...

E3: Entretanto... vou pá tropa... faço 16 meses de tropa e, entretanto, concorro à força aérea... pra tentar algo que me desse...

D_: Segurança pró futuro

E3: E fui à força aérea... aos adidos ali onde é que é... No Lumiar, fiz testes psicotécnicos, fiz lá umas provas e fui admitido para abastecimento....fui aliás, selecionado para técnico de abastecimento... especificação essa que não estava a concurso e pronto, vim-me embora... E depois veio a tropa.

D: E depois?

E3: Depois fiz a tropa...

D: 18 meses.

E3: 16 meses... fiz a tropa aqui no Lumiar, depois fui prá manutenção militar... entretanto, lá... inscrevo-me... e sou ..e sou chamado para a vigilância, o que eu recusei, recusei porque eu tinha lá estado a fazer a tropa e fazia também vigilância como militar e sabia que entrar prá vigilância depois como civil ...

D: Já sabia o que é que lhe esperava.

E3: ia para outro lado... depois arranjei cá fora o tal emprego... de vendedor...

D: hum... hum, sim.

E3: Durante uns 5 ou 6 meses... também foi uma experiência... e depois chamaram-me pra manutenção militar... pró armazém de cargas e descargas, mas antes disso e andando pra trás...

D: Sim...

E3: É assim: antes de ir prá tropa e depois de acabar a casa dos meus pais, eu estava no preliminar da tropa

D: Que idade é que tinha E

E3: Tinha 18, 19 anos ...

D: Sim

E3: Era importante fazer alguma coisa, fui trabalhar como servente de pedreiro com os pedreiros que fizeram a casa dos meus pais e hoje a minha..., uma experiencia espetacular porque... para já... o contacto com um trabalho mais duro, e ali a ajudar a fazer a casa dos meus pais

D: Estava em casa, não é? Estava em casa, depois quando queria ia embora...

E3: Depois fui trabalhar mais a sério. Curiosamente ganhava mais que alguns chefes de família lá. Dei tudo o que tinha pra dar em termos de trabalho. Aprendi a relacionar-me com os homens das obras, entre aspas.

D: Claro.

E3: Comecei a beber vinho... cerveja... Nessa altura... para me integrar com eles, cheguei nessa altura... cheguei nessa altura... ao final de algum tempo... a ser considerado como um deles...O menino que vinha da escola, foi interessantíssimo, consegui uma integração plena, a ponto deles dizerem : O 'grilo' é um dos nossos.

D: Bem.

E3: Isto é entretanto, percebi o que é ser um homem das obras percebi a dureza do dia a dia de um homem das obras, cheguei a casa um dia com o meu ombro em sangue, cheguei muitas vezes a casa e dizia: amanhã não vou trabalhar,

D: Mas no dia seguinte estava lá.

E3: Mas no dia seguinte estava lá. Tive contacto com um miúdo de 14 anos que levava um balde da massa às costas como quem não leva nada... e a mim doía-me... tinha que ter um saco de cimento... para que não me doesse tanto a minha ferida que tinha deste lado. Tive uma luta interior muito grande comigo próprio..., do género de me *introspecionar* e me interrogar a mim próprio...; Mas que raio de espécie de homem sou eu? Um miúdo de 14 anos faz este trabalho a brincar e eu... não sou capaz?

D: Mexeu bastante consigo isso.

E3: E eu não sou capaz? Então vamos lá a cerrar os dentes... e eu fui capaz.

D: Foi mais um objetivo que conseguiu.

E3: Compreendi que as coisas custam às vezes, que é preciso lutarmos connosco próprios para conseguirmos fazer as coisas... E isso é uma experiência incomparável...

D: Exatamente, acredito. Vamos passar, uma vez que isto emocionou um bocado o E, mas acho que é bastante importante e vai ser muito rico para o meu trabalho.

E3: Mais, eu posso dizer-lhe ainda mais que mais tarde... Depois poderemos falar nisso mais adiante com certeza. Eu tive um linfoma,... Fiz oito meses de quimioterapia...e est5a força que eu ganhei nesta em que me cimentei, foi importante. Mas isso depois... poderemos voltar a falar nisso com certeza.

D: Ok. Está bom. Então e diga-me uma coisa, houve um primeiro abandono escolar, digamos assim... quando não conseguiu fazer o 7º ano e começou a construção da casa dos seus pais

E3: Sim

D: Mais ou menos...?

E3: Não foi abandono... mas enfim... distribui-me ali entre o trabalho e a escola noturna.

D: Ok E era difícil a conciliação entre o trabalho e a escola.

E3: Digamos que não era fácil, como agora também não é.

D: (risos...) Ok. Mas nessa altura, o E, decidiu antes de ir prá tropa trabalhar como pedreiro, como servente, não é?

E3: Curiosamente...

D: Aqui não pensou na escola

E3: Eu andava na escola á noite.

D: Ah... estava na escola. Ok. Pronto.

E3: Uma nota importante aí... eu ganhava na altura sete contos e duzentos por mês. Nessa altura, e entregava em casa três contos e quinhentos aos meus pais, sem que fosse exigido nada da parte deles.

D: Humm... Humm...

E3: Havia dificuldades em casa e eu entregava três contos e quinhentos.

D: Era muito dinheiro nessa altura.

E3: Era metade do meu ordenado.

D: Pois.

E3: Quase. O resto do dinheiro gastei-o todo. Não sabia o que era uma discoteca, passei a saber. Ouvia as críticas de alguns colegas meus que diziam que trabalhar nas obras não o fariam por dinheiro nenhum. No entanto eu ia á discoteca e eu pagava a bebida deles ou a

entrada.

D: hum... hum. Bebidas... mulheres... o que é próprio da altura não é?

E3: Portanto, eu fazia questão e sempre fui uma pessoa muito orgulhosa em mim próprio e naquilo que sou capaz de fazer.

D: Digamos, trabalhava no duro e ...não se queixava.

E3: Sou uma pessoa ainda hoje uma pessoa bastante sociável. Mantenho algumas relações e faço relação com quem quer que seja desde que haja condições para isso.

D: Claro. Ok. Entretanto foi prá tropa, deixou o emprego das obras

E3: Fui prá tropa.

D: Foi prá tropa. Uma vida totalmente diferente.

E3: A tropa... quando se diz que a tropa ensina alguma coisa a alguém ..

D: É mentira.

E. Não, poderá não ser, mas na minha vivência anterior, a tropa não me ensinou porque eu já tinha contacto com algumas situações que me davam estofo e experiência de vida de forma a poder ultrapassar qualquer problemas que me surgissem na tropa por aí ...

D: Então e depois? Quando é que voltou novamente á escola? Entretanto começou a namorar com a sua mulher, e... teve o seu filho...

E3: Não. O filho foi mais tarde de eu ter iniciado o namoro a sério com a minha mulher a sério depois da tropa quando ela veio pra Lisboa fazer o curso dela eu já a conhecia de Lagos, que eu tenho um amigo meu que é primo dela e desde os 14 anos que ia pra Lagos com ele e conheci-a, saímos e tal, quando ela veio pra Lisboa fazer a licenciatura, começámos a contactar e nessa altura talvez eu teria acabado a tropa.

D: hum... hum... portanto, já teria vinte e ...

E3: 22, 23 anos, aliás eu casei com 27, por aí.

D: Ok. Entretanto... trabalho... vivia com os seus pais...

E3: Vim da tropa... Saí da tropa e aceitei aquele emprego de vendedor e depois fui prá manutenção militar no armazém. E nessa altura comecei a namorar com ela.

D: Escola nada.

E3: Escola nada.

D: Mesmo sabendo que ela ia fazer a licenciatura... ainda não foi por aí...

E3: escola nada.

D: Ok

E3: Tinha o meu emprego, estava seguro, passei a efetivo, tinha um contrato de 6 meses, ao

fim de 6 meses fiquei efetivo, estava no armazém.

D: Ok

E3: A vida dura... eu já tinha uma experiência das obras e tal..., não tive problemas nem de adaptação nem de convivência, nem de relacionamento, sempre fui uma pessoa... : Ou faço ou não faço. É pra trabalhar, é pra trabalhar e ainda hoje partilho dessa ideia... Quando for para não trabalhar...Estamos aqui bem... deixamo-nos estar.

D: Ok.

E3: E apaixono-me facilmente pelas situações.

D: Ok.

Quer seja trabalho ou não.

D: Isso é bom. Isso é bom.

E3: Não sei se isso é bom... às vezes, pode ser prejudicial...

D: às vezes. Pronto.

E3: Mas é assim, isso é uma característica que não se muda...

D: é assim. Depois.

E3: Portanto, estamos ali no armazém, entretanto há um concurso prá parte administrativa, concorro e tal, sou considerado e vou prá parte administrativa

D: E depois vai prá parte informática...

E3: Ainda antes disso, na parte administrativa, queria tirar um curso, queria mudar e ir mais longe e penso em tirar um curso... uma especialização, uma coisa que me desse outra...outros voos... pronto e fui à NORMA... soube das condições e pronto, tirei lá o Curso de Informática e programação...

D: Que idade é que tinha?

E3: 23 / 24 anos.

D: Ok.

E3: Passado um ano ou dois, o Centro de Informática passa prá manutenção militar e, entretanto, tive que ser operado ao apêndice, uma apendicite fui àquele que é hoje o Chefe de Centro... que é um general, e fui considerado... e enveredei pela informática. O meu chefe queria que eu não saísse... etc...

D: Ok. Então... e agora vamos voltar outra vez um bocadinho..., quando é que volta novamente à escola?

E3: Volto á escola

D: Então diga-me lá porquê? Depois desse percurso de vida...que não me contou tudo...Não

quero saber tudo, quero mais o percurso escolar. Mas diga-me o que é que foi? Qual foi o clique? A sua mulher... você já está há tantos anos com ela... não é? Portanto não foi.

E3: Pela minha mulher, teria enveredado mais cedo pela escola.

D: Exatamente. Então qual foi?

E3: Fui diversas vezes assediado, inclusive pra ler. Pra ir prá escola..., é... tem total abertura..., é uma mulher espetacular..., não só nesse sentido... mas na minha doença também, que ainda não falámos.

D: Sim Sr.

E3: E eu não ...prá parte social... etc. Absorveu-me mais que propriamente a escola..., seduzia-me mais...

D: Ok. Então, o que é que aconteceu há 2 anos...?

E3: O que é que me levou a vir á escola. O que me levou a vir à escola foi...

D: Você no emprego já estava estabilizado não é?

E3: Sim, Duas coisas.

D: Diga.

E3: Duas coisas que e assim: primeiro gerou-se um ambiente no país com os surgir das novas oportunidades, ou se certificarem daquilo que tinham aprendido ao longo da vida

D: Sim...

E3: Isso despertou em mim algum interesse, por outro lado entendi que quem não apanhar o comboio fica pra trás.

D: O que é que isso quer dizer?

E3: Quer dizer posso ser o melhor do mundo em algo mas a partir do momento em que se eu não tiver um papel a dizer o que sei fazer... não tem cabimento...

D: E é importante para si no seu trabalho, o papel?

E3: Talvez não, mas como o estabelecimento onde eu estou está em vias de extinção... isso pode ser uma mais valia pró futuro ainda.

D: Ok Isso há 2 anos já tinha pensado isso?

E3: Há dois anos foi quando eu pensei nisso. Pensei, este estabelecimento está para acabar já há alguns anos... o momento da decisão, política ou não ..tardou a vir ao de cima o que está agora na voga e este ano há de ser e durante este ano há de nascer outro estabelecimento e outra funcionalidade, com outro numero de pessoas eventualmente sem informática própria

D: Então vem prá rua? É isso?

E3: Poderá. Poderá acontecer Isso... prá rua não sei ..

D: Pré-reforma com certeza...

E3: Será um quadro de mobilidade ou poderei transitar para outro organismo publico fazendo na mesma informática, mas pronto, o quadro não é muito mau neste momento, mas o que me seduziu foi a expectativa de não saber o que iria acontecer ao estabelecimento, saber que tenho um curriculum já invejável em termos de formação mas isso pode não ser suficiente para concorrer a um estabelecimento publico ou privado. Isto é, há um pré-requisito, para uma candidatura no caso á informática que é o que eu sei fazer e dizem-me assim: Precisa do 12º ano, precisa de uma Certificação técnica de nível 5, que é o que eu estou a tentar adquirir... ahh e não sei quê, e sou o melhor do mundo a fazer o que sei fazer mas não tenho ..

D: A certificação.

E3: para ser aceite a concurso, e isso, limita.

D: Ok. É por isso que há dois anos, deu corda nos sapatos (desculpe a expressão).

E3: Sim Motivou-me para eu ver onde é que eu poderia adquirir uma certificação técnica.

D: Então fale-me da certificação técnica.

E3: E andei a ver na NET, andei a ver escolas que poderiam ter essa certificação

D: Técnica.

E3: Técnica.

D: Tem a ver com as <novas Oportunidades.

E3: Tem a ver que os CEF, os CEF estão integrados nas novas oportunidades,

Termino também no RVCC no qual ainda estou inscrito.

D: Há 2 anos?

E3: Há 2 anos

D: Então ainda não está? O que é que se está a passar consigo?

E3: Não é que eu não tenho tempo pra fazer tudo. Aulas das 7 á meia-noite, não dá pra ir lá, mas suponho que ali é facilimo, aliás saiu um decreto Lei recentemente onde é que cada formação profissional é atribuída, cada formação profissional de determinado crédito ao fim de Xis créditos a equivalência está quase iminente e eu tenho muita formação profissional e tenho documentos

D: Então porque é que não ficou ...

E3: Porque isso não é o mais importante pra mim. Eu tirei equivalência ao 12º ano. Aliás este curso dá também equivalência ao 12º ano. A certificação técnica, aquilo que eu sei fazer, porque o 12º ano a certificação, todo o mundo vai adquirir agora, e a certificação técnica já não é pra todos. E eu tenho alguma facilidade neste campo porque é o que eu faço.

D: Por isso é que se está a referir primeiro ao 12º e depois a certificação técnica, é isso?

E3: Não, não. Eu aqui estou a fazer as duas coisas simultaneamente, porque o término que eu estou a fazer agora no Camões, dá-me não só a equivalência ao 12º mas também a certificação técnica que é a mais importante.

D: Então porque é que foi pros RVCC? Por uma questão de rapidez?

E3: Sim, sim. Porque se corresse mal aqui e na certificação técnica e a equivalência ao 12º ano, eu teria sempre uma porta do outro lado para...

D: Então inscreveu-se nas duas coisas há 2 anos

E3: Inscrevi-me nas duas coisas.

D: Ok.

E3: E disse lá que não teria muito tempo para o fazer do outro lado, enquanto isto aqui deste lado corresse bem.

D: Ok. Então vamos lá a ver se eu o percebi, O que o levou a voltar á escola foi o emprego, o local que ia fechar, a manutenção militar iria fechar não é?

E3: Supostamente iria fechar.

D: Pronto, mas foi esse o clique que o fez ...

E3: Que as certificações eram um futuro...

D: Ser quase formado... apesar de a sua mulher ser licenciada... Isso não influenciou...

E3: Mas eu não acabei ... muito trabalho

D: (risos..) Mas eu quero saber é o que é que lhe deu o clique para vir...

E3: Foi isso... Exatamente isso...

D: OK.

E3: O adquirir uma certificação técnica daquilo que seu fazer há 30 anos que me permitisse amanhã vir a concorrer e ser aceite a concurso ...

D: Exato: De forma a dar continuidade á minha profissão. Àquilo que eu sei fazer.

D: Ok. Então podemos dizer... (não sei se sim, ou se não, você vai-me dizer) que o Estudo pode ser essencial para melhorar a vida? Profissional neste caso?

E3: Vamos a ver, o estudo é sempre essencial pra melhorar a vida.

D: Então?

E3: é mais importante ainda que esse estudo esteja certificado. Nos dias de hoje.

D: Porque é que diz nos dias de hoje?

E3: Porque fiou-se uma onda de Certificações. Porque esse é o mote.

D: Pois.

E3: E quem é certificado, tem cabimento, pode não saber fazer nada mas tem que ser certificado.

D: Ok.

E3: Isso é a premissa mais importante, digamos.

D: Diga-me uma coisa. Este ano acaba o seu curso...

E3: Não, ainda não.

D: Ainda falta o estágio, não é? Pronto, no final, que expectativa é que tem?

E3: A minha expectativa, presentemente, em relação a isso... é o seguinteE3:

Para já o Curso compõe-se de uma PAP e um estágio no caso vou tentar e vou conseguir, portanto já há indicações disso vou seguir um estágio, onde eu, no futuro poderei hipoteticamente ser aceite como, sim, sim, sim, aliás, o local onde eu vou conseguir fazer o estágio, é um local para o qual eu já fiz psicotécnicos, já me candidatei, portanto a fazer parte dos quadros desse local e depois, por razões que nada têm a ver com a profissão, não... não fui considerado, isto é, disseram-me, muito obrigado pelo seu interesse e num futuro próximo voltaremos a contactá-lo.

D: Ok. Então e diga-me uma coisa, A sua experiência profissional não lhe dá... equivalência, digamos assim, a esta parte do estágio?

E3: Poderá dar. Aliás, o professor coordenador do Curso... Aliás, eu tinha já pensado propor ao ministério da educação apresentar aquilo que faço, o meu curriculum profissional e algo... eventualmente da minha empresa a dizer que eu tenho aquela categoria cujo conteúdo funcional é este, aquele e o outro... Para ser aceite no estágio. Mas isso... está ainda na ordem do dia... Mas fazer o estágio não oferece problema nenhum. Aliás eu poderia fazer o estágio no meu emprego, e não faria mais que aquilo que eu faço

D: Então porque é que não vai conciliar o emprego com o estágio?

E3: Simplesmente fiz uma exposição ao diretor do estabelecimento.

D: Ok.

E3: Sugerindo que ele me dispensasse uma parte de dia sendo que esse tempo seria deduzido que o estatuto do trabalhador estudante me concede.

D: hum... hum são duas horas por dia... 3 ...

E3: Não são 4 dias por ano para cada disciplina, uma vez que são 10, são 40 dias e 40 dias vezes ... 320 horas... o estagio tem 210 horas, portanto, Eu propus ao meu diretor que me dispensasse uma parte do dia, comprometi-me igualmente a assegurar o serviço que tenho no meu cargo fiz-lhe ver que se eu fizer uso de todos os meus dias, o estabelecimento ainda fica

a perder, isto é, pra um lado menos tempo, estou suportado legalmente e foi com algum esforço que consegui que ele assinasse o documento.

D: Já tem o papel.

E3: Estou autorizado legalmente para fazer uso... parte do dia... quando o estágio tiver lugar para fazer... é isto.

D: Ok.

E3: O que me interessa naquela perspectiva de vir a ser considerado para ficar lá.

D: Ficar lá. Ok.

E3: Porque já estive pra ir pra lá e por outros fatores, isso não aconteceu.

D: Ok. Oh E então diga-me lá. Com essa vida atribulada. Qual é o papel da família nisso tudo?

E3: A família ...

D: Quando é que estuda? (risos.)

E3: Quando é que estudo...estudo muito pouco.

D: Pois, na verdade, é que não há tempo... não é?

E3: Muito pouco. Nas disciplinas técnicas tirando... ousou dizer... uma disciplina que tem uma professora especial e particular, na qual não... não... está no âmbito da minha programação, é um tipo de programação diferente por objetos não é aquele que eu conheço há 30 anos... dá-me algum trabalho mais... nas outras todo o conteúdo do curso me é familiar

D: Pois, Já lhe é familiar no 1º e 2º ano complementar e tal, é mais

E3: A nível profissional, estou a falar só nas técnicas.

D: Sim.

E3: Ousou até dizer que alguns professores dão a matéria e perguntam: Oh E é assim não é?

D: (risos...)

E3: E eu confirmo que é

D: Pois. Ok... então diga-me uma coisa, vamos falar agora um pouco do seu curso. Porque é que escolheu a Escola Secundária de Camões? Uma vez que vive no Estoril... Uma vez que... A manutenção Militar não é na feira da ladra?

E3: Não isso é as Oficinas Gerais.

D: Ok. Mas está tão longe... Porquê o Camões?

E3: Porque quando me inscrevi, era o Liceu Camões, era uma das escolas com o D. Pedro V que promoviam este tipo de formação que me interessava.

D: Está bem.

E3: Vim cá... falei com uma professora Dr.^a. Emília qualquer coisa...

D: Tomás.

E3: Como?

D: Tomás.

E3: E ela incentivou-me... ah venha cá... blá... blá... blá... e pois era efetivamente isso que eu queria.

D: Escolheu este curso, portanto porque tem a ver com o seu trabalho, portanto era pra ser mais rápido.

E3: E adquirir uma certificação técnica...

D: Isso é que é importante, não é? Portanto já me explicou a área de importância de porque é que escolheu isto, agora fale-me da sua aprendizagem; o que é que já aprendeu com este curso? Aprendeu alguma coisa E? Devido á sua experiência e uma vez que escolheu a área que tem a ver com a sua experiência de vida e profissional.

E3: Vamos ver.

D: Eu quero saber só a sua opinião.

E3: Pronto ok. É isso que eu vou dizer. Se se considerar que aprender é apenas adquirir conhecimentos daquilo que nunca se soube....

D: Essa foi bonita

E3: ahhhh... mesmo assim aprendi algumas coisas ... (risos...) nas outras não serão mais que recordar aquilo que eu já me esqueci.

D: Foi bonito. Foi bonito.

E3: Mas é mesmo assim.

D: Ok. Ok. Olhe... E, e é interessante, pois é para... e é mesmo assim... e lá no fundo... as matérias que estou a dar... já li Os Maias há 35 anos, já li Luís Frei de Sousa que também há imenso tempo ...já li..., já li... O padre António Vieira...

D: O sermão de Santo António aos peixes.

E, sim e digo-lhe é espetacular, com 52 anos quase, ler o Sermão de Santo António aos Peixes com 52 anos não tem nada a ver com o fazer ou que ...

D: Ah pois. Isso é verdade.

E3: Mas isto é...

D: A oratória... compreende-se de outra maneira, não é? E numa outra perspetiva, diga-me E3: Sobre os professores aqui da casa, tem alguma coisa a dizer? Alguém que o marcou mais... há pouco estava a falar de um de programação...

E3: Sim, é um professor que dá aulas de técnicas... que é uma referência...

D: É evidente. É evidente... eu estou aqui como investigadora, não como professora agora

E3: na verdade...há uma compreensão com o facto de estar-mos a estudar á noite e estar-mos a trabalhar simultaneamente... há na generalidade, uma perceção... uma colaboração, se é que assim se pode chamar, de todos eles da melhor forma.

D: Olhe e sobre os colegas? Dos colegas disse há bocado...

E3: Pois, tenho uma facilidade de relacionamento que vai dando .

D: Olhe

E3: tenho sempre vontade de superar quaisquer conflitos que existam...

D: Ok

E3: Aliás, no meu dia a dia profissional sou obrigado sempre a gerir conflitos, a

D: Sobre que dificuldades tinha sentido até agora?

E3: As dificuldades têm a ver com o facto da cabeça já não ser a mesma... já não se memoriza da mesma maneira...a rapidez de execução também não é a mesma.

D: Ok.

E3: Venha lá quem vier...

D: Mas isso não o desmotiva para abandonar?

E3: Não. Não. Vamos ver... Eu preciso de tempo pra fazer as coisas.

D: Então diga-me como é que explica o abandono que existe, porque a sua turma tinha muito mais gente. Como explica o abandono dessa gente toda? Do Curso.

E3: Do meu Curso.

D: hum... hum..., na sua perspetiva.

E3: Pois...não estarei em condições de o fazer, não sei o que é que vai na cabeça de toda a gente... Mas... talvez poderei dizer... vamos lá a ver isto é a minha opinião na forma como o curso está estruturado ás componentes que tem e ao seu conteúdo.

D: O que é que isso quer dizer?

E3: Pra já, quando o curso tem como pré requisito o 11º ano incompleto, ou o 10º completo deveria pressupor-se que os alunos que se candidataram a esse curso saberão minimamente escrever, fazer uma redação, fazer uma conta, fazer uma relatório... organizar as ideias, saber um bocadinho de inglês, porque tem inglês, ahhh pressupões tudo isso, e o curso não tá considerado a esses pressupostos, isto é; vamos dar matéria, conteúdos, na área do português, do inglês, da matemática, física ou química... aliás, pra um curso que se pretendia ser eminentemente técnico... dizem...

Pois mas a física ou química dá estaleca (passo a expressão...) obriga a usar a cabeça, a discernir... está bem. Hoje um aluno chega aqui com 10º ano completo ou o 11º incompleto, necessariamente terá que ter essa estaleca, terá que ter esse discernimento. Por isso não me parece que seja... aliás, eu disse isso ao coordenador Regional.

D: Hum... hum. O Diretor Regional...

E3: Por acaso, sou representante dos alunos da noite tenho assento no Conselho geral transitório e tive oportunidade, numa reunião que ouve em dar a minha opinião e toda gente me ouviu, inclusive ao Sr. Diretor Regional da Educação.

D: Ok. Oh E3 diga-me uma coisa.

E3: E isso pode justificar o abandono das pessoas... tendo em conta que são 10 disciplinas...

D: É muito.

E3: É muito. Que a carga horária também é muita.

E3: Também e depois os conteúdos supostamente...

D: Não fazem sentido prá vossa vida ativa

E3: E já foi dado antes.

D: Pois.

E3: Mas esse é um problema que veio de trás.

D: Claro. Diga-me uma coisa Oh E, depois de ter a Certificação, depois de ter o 12º ano, quais são os seus principais, projetos de vida?

E3: Vamos lá ver... Eu pela experiência que tenho, sei que cada coisa faz-se a seu tempo e cheguei cá por isto.

D: Sim mas está no fim, portanto, vai acabar...

E3: Vamos ver...

D: Quais são os seus projetos? Vá... diga lá..., quais são os seus projetos?

E3: Não, não descuro...

D: Não vão sair daqui.

E3: Não descuro a ideia de fazer um tipo 4.

D: hum... hum.

E3: E depois isto é tipo 3, tendo que fazer tipo 4, considerando que o tipo 4 é eminentemente técnico e dará com certeza para aprender mais em termos técnicos.

D: Também na área da informática.

E3: Também na área da informática.

D: E a faculdade não? Ou Universidade?

E3: Esse tipo 4 é já...

D: Eu sei

E3: Tem que ter já uma equivalência a um bacharelato, não muito mais, mas, também, tenho 52 anos

D: Então... e depois? Isso não quer dizer nada.

E3: Mas essa coisa de se tirar mais uma licenciatura quando se tem 80 anos isso é só pra quando já não se tem nada pra fazer e pra não se estar em casa a aturar os passarinhos, não é?

D: Não é o seu caso que você tem sempre muitas coisas pra fazer.

E3: É verdade, pra quem não tem que fazer e vivem num andar e para não tarem para lá a olhar para as 4 paredes... vão prá faculdade. ...vai e transmite a sua experiência e é uma forma de ocupação...

D: Pois. Não é bem isso que você quer.

E3: Não. Não.

D: Também ainda está no ativo ainda ala tem muitos anos.

E3: Mas um tipo 4 sedu7z-me, na perspectiva de ser eminentemente técnica e de aprender alguma coisa e aliás eu sinto muita falta de formação mesmo naquilo que eu faço.

D: Mas a empresa não dá formação?

E3: Não. Há muitos anos. É assim: eu sou uma espécie de autodidata em muitas áreas eu sou especialista em análise e programação e eu presentemente faço REDES, faço Hardware, faço, cablagem, aquilo não tem a ver com a minha especialização mas vi como é que se fazia, e fiz e faço bem aliás...é uma premissa na vida de qualquer pessoa, aquilo que se fizer, nem que seja varrer a rua...

D: Que faça bem

E que fizer bem ...

D: É verdade

E3: Tem colocação e tem emprego. Desde que se faça bem seja aquilo que for...

D: É verdade é verdade. E diga-me uma coisa, ...ainda está... está na calha não é?

E3: Posso dizer.

D: Diga.

E3: Eu sou contra os Heróis mortos.

D: Ora... eu, às vezes, também...Essa é bonita...

Em que é que vai contribuir ou contribuiu para o seu desenvolvimento pessoal e social e

para o seu bem-estar... ter voltado a estudar? Conhecer novas gentes... novas pessoas, que é que isso contribuiu

E3:

E3: Vou dizer aqui duas coisas relativamente a isso que é ótimo alguém dizer, todos os dias ou que de vez em quando que... E3: Eh pá! Foste pá escola, ainda bem, dou-te valor tal...!! Isso... o nosso ego cresce um pouco com essas observações...

D: Claro.

E3: A nível social é sempre uma mais valia, tenho um ótimo relacionamento com todos os professores, até consigo não é?

D: (*risos*) hehehe é verdade, não sou professora mas pronto...

E3: Isso é importante, esses contactos e aliás a vida faz-se de contactos, quando se é preciso alguma coisa, se se tiver um contacto, mais facilmente resolve-se seja em que área for.

D: É verdade.

E3: E portanto é uma mais valia sempre. Acresceu-me isso, o facto de adquirir outros relacionamentos e dos quais alguns ficarão.

D: Ai tenho a certeza.

E3: Isso é bom.

D: Ó E, eu acabei a entrevista, não sei se quer acrescentar mais alguma coisa, acho que foi uma entrevista excelente, aprendi imenso, vai servir muito pró meu trabalho, não sei se quer acrescentar mais alguma coisa?

E3: Não. O âmbito em que a entrevista está feita, tem a ver com o percurso escolar, não é?

D: É.

E3: Daí outras experiências que me interessaria abordar, talvez se a entrevista fosse a caracterização do meu perfil...

D: Não... não ... (*risos*)

E3: Por exemplo eu tenho aqui paralelamente há ... isso diz um pouco de mim, paralelamente aquela experiência de estar a trabalhar com os homens da sobras e lá das experiências deles, de perceber porque é que um homem está a pregar um prego e manda uma boca a uma miúda que passa.

Entrevista – V (1h:3m:52s)

D: Então, V., esta entrevista vai ser para um estudo sobre “porquê voltar à escola”. Já sabe que a sua contribuição é muito importante e vai ser imprescindível para o êxito deste trabalho.

Não lhe vou fazer perguntas assim ... difíceis, não vou de todo.

Queria que me dissesse a sua idade, local de nascimento.

E4: Trinta e seis, Maternidade da Estefânia.

D: De Lisboa, portanto.

E4: Exatamente.

D: Ok. E o que é que faz?

E4: Sou funcionário público.

D: E de mais concretamente?

E4: Motorista de pesados, na Câmara de Loures.

D: Ok. Os seus pais? O que é que faziam?

E4: O meu pai, quando eu nasci, não sei se foi por causa de ter nascido, deixou de trabalhar, porque eu era uma criança um bocado problemática, hehehe.

D: Sim.

E4: Não, a sério. A minha mãe trabalhava no hospital de S. José. O meu reformou-se há quinze anos da Central e Cervejas. Mas a minha mãe reformou-se, mais porque já eram dois filhos e ... decidiram que ela ficava em casa. Depois eu era muito doentinho, era asmático, essas coisinhas todas. Era uma criança, ainda hoje sou muito delicado, preciso de muitos cuidados, não é ... mas, naquela altura, mais.

D: E ... o emprego deles .. então ... a sua mãe trabalhava no hospital e o seu pai ...

E4: Na Central de Cervejas. Andava com as garrafas a distribuir cerveja.

D: Ok. O seu estado civil?

E4: Casado.

D: Ok. A sua mulher

E4: Um espetáculo.

D: A sua mulher, o que é que ela faz?

E4: Faz de tudo um pouco. Mas é empregada sete horas, se formos ver ... em categoria profissional.

D: E a escolaridade dela? O que é que ela tem?

E4: Completo, acho que é o 9º, mas ela foi até ao 11º; deixou três ou quatro do 11º e uma ou duas do 10º.

D: O 9º, mas tem algumas disciplinas do 10º e outras do 1º.

As suas filhas, as suas filhotas, tem duas

E4: 2ª classe e na infantil.

D: Que idade é que elas têm?

E4: Sete e três.

D: Então diga-me uma coisa. Fale-me um pouco do seu trabalho. Qual é a sua função? Trabalha lá desde que idade? Sempre trabalhou lá na Câmara de Loures?

E4: Não. O trabalho na Câmara de Loures, felizmente não mata. Também não há trabalho que mate.

D: Sim. Mas trabalha lá desde quando?

E4: Trabalho lá há quatro anos e posso dizer-lhe que, quando fui para lá, tive um mês em que pensei em vir-me embora.

D: Porquê?

E4: Porque não se fazia puto. Eu estava habituado, eu, desde que saí da tropa, tirei a carta de pesados, tirei a carta de ligeiros e pesados e fui trabalhar para a Danone, e com um camião sempre, até ir para a Câmara de Loures, sempre a ripar de um lado para o outro, pim, pim, pim, até à hora do jantar.

Houve lá uma semana, a primeira semana então foi demais. Ao fim de quinze dias a minha mulher já dizia “é pá tu, tu não te vais aguentar”.

D: Era tudo muito calmo, muito devagar, devagarinho.

E4: Muito parado. Ainda hoje. Agora adaptei-me ao ritmo e já não quero outra coisa, hehehe.

D: Pois.

E4: Não, mas é verdade.

D: E antes, o que é que fez?

E4: Quer tudo de trabalho?

D: Começou a trabalhar com que idade?

E4: Treze anos.

D: A quê?

E4: Chumbei por faltas no 7º ano e, para o meu pai não saber que tinha chumbado por faltas, arranjei emprego, fui estafeta na revista Auto Mundo. Já não existe. Tenho lá desde ... eu chumbei por faltas logo a seguir ao 2º período, portanto, mais ou menos por esta altura. A minha mãe lá foi, a minha mãe, um espetáculo!

D: Encobriu.

E4: Abafava tudo. Deixou de ir à escola para não ouvir dizer mal do filhinho. Ainda hoje ... você há de conhecer a minha mãe. Uma joia. Disse, é pá, o que é que eu vou fazer? O meu pai saía para o trabalho, seis horas. Lá arranjei aquele emprego como estafeta, a tanga ao paizinho ... Isto é confidencial, não é? O meu pai também ... já não me apanha a correr para me bater, mas pronto. Hehehehhe.

D: Hehehe.

E4: Foi. Como o ano já estava perdido, já não tinha notas para passar ... arranjei emprego.

D: Sozinho, você é que arranjou ... E4: Sim. Ainda hoje, o meu pai diz “o Vasco quando viu que não tinha notas para passar ...”

D: Foi arranjar emprego.

E4: Foi arranjar emprego e foi trabalhar. Mal ele sabia ...

D: Pois, já tinha chumbado.

E4: Mas fui, como pacote na Auto Mundo. Depois aí, pronto, fiz lá as férias. Estive mais um ano na escola, ou outro ... não ... eu estive na escola de dia até ir para a tropa.

D: Mais para a frente já iremos falar da escola.

E4: Pronto. Depois fui para, andei a vender flores à noite. Ainda não havia esses indianos. Andava de fatinho e gravata no Bairro Alto, naqueles restaurantes de luxo, na noite onde se arranja o metal. Depois trabalhei no *MacDonalds*, trabalhei no *Hamburgão*, *Hamburgália*, ou outras coisas relacionadas. E depois, entretanto, sempre a estudar, mas acabou na altura em que tinha de ir para a tropa, que remédio.

D: E depois da tropa foi ali para a Câmara de Loures. Não? Então?

E4: Então, estou na Câmara há quatro anos. Saí da tropa e voltei para a hotelaria, para uma pastelaria. Pus-me a tirar a carta. Depois voltei para uma hamburgaria. E depois acabei de tirar a carta de pesados, “é pá não quero nada disso, vou arranjar emprego como motorista de pesados”. Arranjei para a Danone, estive lá dois anos. Entretanto eles acabaram com a frota, passaram-nos para outra firma de distribuição. Fiquei lá mais ... o quê ... quatro ou cinco anos ... para aí. Saí de lá, então, hummmmm, a matemática não está nada má ... mas saí de lá para aí em 98, chateado com eles e eles comigo, só faltou andar à pera e tal, aquelas coisas.

D: Hehehe

E4: Também sou um bocado comunista, um bocado é favor, e tal. Depois fui para a TNT, também sempre a conduzir. Depois, como na TNT andava sem contracto, sem recibos, sem segurança social, andava a ver se arranjava alguma coisa no Estado. Encaixei ali onde estou.

D: Então diga-me uma coisa: como é que conseguiu conciliar a escola e o trabalho?

E4: Fundamentalmente, a escola e o trabalho, tem uma pessoa que é a minha mulher. O cerne é ela. Porque ela é que ... desde os três anos que andei aqui, a Carla teve uma gravidez, tinha a Sara, a mais velha, com quatro anos, quando vim para aqui, pronto ... três anos, quatro anos. Teve uma gravidez de risco durante esse tempo e depois, ainda teve que, o primeiro ano principalmente, não quer dizer que eu não ...

D: Sim, mas também andava em adaptação da escola, adaptação, sua.

E4: A minha? A minha adaptação foi fácil, no 10º ano, foi o ano mais fácil para mim. Porque a maior parte da matéria que demos já eu a sabia.

D: Pois. Também iremos falar sobre isso, mais à frente.

E4: Por isso, o 10º ano para mim foi ... em termos de escola ...

D: A Carla, entretanto, com a gravidez de risco.

E4: Não, porque a miúda sentou-se ... mas isso já foi na parte das férias, que ela nasceu em julho. E estive quase três semanas internada até ter a miúda, e tal. Foi um bocado complicado. Mas aí eu já não estava na escola. Já podia dar outro tipo de apoio. Mas até aí já foi complicado. Ela também esteve dois meses de baixa, mais ou menos. Parece que não, a gente, ela chegava a casa do trabalho e eu saía. Aliás até ao 12º ano foi assim. Deixava as coisas orientadinhas e saía. Naquela altura era complicado. Depois quando ela esteve de baixa, pronto, estava em casa, sim senhora. E depois, no 11º ano, com a miúda, que, parece que não, é mais um filho e tal, e nunca saem iguais, não é.

D: Pois.

E4: Às vezes saía daqui à meia-noite, chegar a casa, querer dormir e à uma da manhã, “Bahhhhhhhhhhhhhhhhh!”.

D: Trabalhos para fazer.

E4: Trabalhos para fazer era o menos.

D: Ah.

E4: Porque arranjava, não, porque eu, parte na Câmara de Loures.

D: Era nessa altura que os fazia, pois.

E4: A maior parte dos trabalhos foram feitos num camião da Câmara de Loures, à mão e depois passados.

D: Hehehe, Bem ... Ó Vasco, como é que percebe ou como é que vivencia a dificuldade de conseguir emprego, hoje? Você andou aí a saltar por uma série de coiso, mas acha que é difícil arranjar emprego hoje?

E4: Emprego é, trabalho não.

D: É? Acha que as pessoas têm facilidade em arranjar trabalho? Têm, facilidade.

E4: Facilidade não é estalar os dedos. Procurar, sim senhor. Mas hoje em dia nós estamos como os franceses há quarenta anos. Há trabalhos que não queremos fazer. E foram os portugueses para França e agora vêm os brasileiros e os ucranianos fazer o que a gente não quer fazer. Se a gente quiser trabalhar, a gente arranja trabalho.

D: É mal pago.

E4:Hã?

D: É mal pago.

E4: Mas é pago. Trabalhamos, temos ordenado, não somos subsidio- dependentes.

D: Ok. Era o que eu queria ouvir. Olhe, e sobre o desemprego o que me tem a dizer?

E4: Então, na sequência disto.

D: Exatamente, e então? Mas não acha que há muita gente desempregada?

E4: Você, isto dá para quanto tempo?

D: Dá para cinco horas.

E4: Dá?

D: Mas a escola fecha à meia-noite. Hehehe.

E4: Não faz mal. Eu na Câmara de Loures estou numa parte de motorista. Mandam-me para vários sítios mas, normalmente, estou na parte da habitação. A habitação ali engloba, normalmente, mudar as pessoas das barracas para as casas. E o que se vê lá, e não é preciso ir à Câmara de Loures, vê-se aqui pessoazinhas, eu chamo pessoazinhas porque só têm merda na cabeça, mas pronto ... que têm cinco, seis filhos, ganham ali quinhentos a seiscentos euros de rendimento mínimo mais os subsídios, e vão para casas boas, casas boas, não são grandes casas mas são casas boas, pagar dois euros por mês, e não pagam a renda. E partem as casas todas e a Câmara ainda vai arranjar de borla. E tenho colegas meus que moram lá, que moravam nas barracas também, e a Câmara deu-lhes uma casa, como tinham direito, mas como fazem os seus descontos pagam sessenta e sessenta contos de renda por mês.

D: Não é justo. Ok Vasco. Olhe, então diga-me uma coisa. Como é que vê a importância da escola para a realização de arranjar um emprego, por exemplo.

E4: Eu voltei à escola para mudar de vida. Aquela música nova do António Variações.

D: Sim.

E4: Ainda não mudei. Não sei se vou mudar.

D: Ok. Então mais à frente vamos falar sobre isso.

E4: Mas, o Tá a ver? Você é que faz isto muito longo, eu respondia-lhe a tudo duma vez.

D: Exatamente.

E4: O ... claro, infelizmente é preciso sempre estudos para conseguir mais algo. Mas infelizmente também a gente vê que, quanto mais estudos, menos emprego. Portanto aí, se calhar é uma ambiguidade a gente andar aqui com o 12º ano a conduzir um camião. A mim não me chateia nada que eu até gosto. Não gosto é do ordenado, mas pronto. Isso já é problema meu. Mas também vemos pessoas com a 4ª classe a desempenhar cargos que, se calhar, nem competência, não é escolaridade, mas competência pessoal para o fazer. Portanto ... há aí ... Os estudos, sim senhor, aconselho sempre. Por isso é que eu voltei, mas pronto.

D: Ok. E o que é que faz nos fins de semana e nas horas de lazer?

E4: O menos possível, como no trabalho. Hehehe.

D: Hehehe. Isso quer dizer o quê?

E4: Não. Fins de semana, infelizmente é arrumar a casa, orientar as coisas para o resto da semana correr bem e, se houver algum tempo, lá vamos dar uma volta. Ontem, felizmente, fui à praia.

D: Ok. Portanto, está numa de família ...

E4: Sempre. Tem que ser.

D: Ok. Agora vamos passar de tema. Já fizemos a caracterização, vamos passar para o percurso escolar até ao 9º ano. Até ao 9º ano. E, por isso, vamos falar um pouco sobre a sua vida escolar anterior, na infância. Vamos começar pelo 1º ciclo.

E4: Primeiro, até à 4ª classe.

D: Até à 4ª classe.

E4: Um espetáculo!

D: Matriculou-se com que idade? Foi a primeira vez para a escola com ...

E4: Cinco anos.

D: Cinco anos?

E4: Como nasço em dezembro fazia os seis anos antes de janeiro. Entrei com cinco. Entrei em outubro com cinco.

D: E estudou cá em Lisboa, portanto....

E4: Fui para a escola nº 27 no ... ainda é a Rua dos Anjos ... mas é ali ao pé do Largo de Intendente. Estou lá dois anos, depois saí de lá e fui para a escola nº 1, professor Lamy, esse grande bacano ... apanhei tanta *porradinha*...

D: Foi? Portava-se mal?

E4: Era naquele tempo que a gente, por respirar mais fundo ainda levava. Isto em 76, 78, para aí, ainda se levava muita *porradinha*.

D: E houve retenção? Reprovou nesses quatro anos?

E4: Não. Fui sempre bom aluno, com a porrada que levava! Hehehehe.

D: Portanto, não houve retenção nem houve abandono.

E4: Não, nunca.

D: Ok. Passamos para o 2º ciclo.

E4: O primeiro ano tenho a impressão se não fui o melhor, fui dos melhores.

D: Em que escola é que andou?

E4: Na Nuno Gonçalves.

D: Também cá em Lisboa. E que idade é que tinha?

E4: Nove, dez anos. Para o primeiro ano. Depois fui para o segundo ano, estraguei-me um bocadinho. Chumbei. Acho que no fim do segundo período tinha duzentas e tal faltas. No segundo período acho que eles não me viram.

D: Ok.

E4: Depois fui apanhado. A minha mãe decidiu lá ir, e tal ...

D: E que é que fazia nesse tempo, quando não ia às aulas, no 2º ano?

E4: Ficava lá a fumar mata-ratos, lembra-se? Os ...

D: Definitivos.

E4: Mata-ratos, o Kentucky ... Ia lá para o miradouro da Penha de França, pó, não é o da Polícia, é o do Monte Agudo, da Luísa de Gusmão.

D: Sim.

E4: O miradouro por trás, e tal, armado em parvo! Hoje digo armado em parvo, mas naquela altura era o melhor.

D: Só chumbou um ano no 2º ano do 2º ciclo?

E4: Só. Isso chumbei com três negas. Porque eles não me quiseram deixar passar, que o 3º período fui lá. Infelizmente eu tenho um defeito.

D: Então?

E4: Como sei que basta-me estar aqui a olhar para o professor e entra cá tudo. Quem é esse defeito? Que agora já é, quando andei à noite, já não dava. E aquilo entrava tudo, não precisava de estudar, nem nada. Eu ia lá fazer o quê? Não é? Que eles chumbaram-me mesmo. Disseram á minha mãe, “não, ele fica...”; no 2º período apareci lá. Fiquei duas semanas.

D: Mas reprovou no 2º ano?

E4: Sim.

D: Depois, no 2º ano, no 2º ano do 2º ano é que passou.

E4: Sim. Com grandes notas

D: 3º ciclo?

E4: Fui para a ... hehehe ... isto está bom ... isto não tem para cinco horas mas chega ... hehehe. Fui para a Gil Vicente. Chumbei por faltas.

D: No 7º ano.

E4: Aí já se chumbava por faltas. No Preparatório, dantes não se chumbava. Agora não sei como é que está. Era três vezes as aulas por semana e tal. Foi aí que arranjei aquele emprego.

D: No 7º ano.

E4: Foi, foi aí. Foi aí que eu arranjei emprego na Auto Mundo. Grandes maluquices e tal. Quando fui expulso .. fui expulso, não ... chumbei por faltas e depois, quando fui fazer a matrícula eles já não me aceitaram e transferiram-me para o Ateneu.

D: Portanto foi, no 2º ano do 7º ano foi para o Ateneu.

E4: Exatamente.

D: E depois?

E4: Chumbei por faltas.

D: No 2º, no 7º. E depois?

E4: E depois fiz lá o 7º ainda. Entretanto o Ateneu fechou. Não sei se você conhece o Ateneu.

D: Não.

E4: Era numa sucursal da Veiga Beirão. Daquela rua no Largo do Carmo, que agora tem outro nome.

D: Sei. Fechou e agora acho que é a David Mourão Ferreira.

E4: A David Mourão Ferreira, exatamente. Aquela era na Rua das Portas de Santo Antão, que era uma sucursal dele ... não é sucursal ... nós chamávamos secção, qualquer coisa. Era uma escola que, ainda hoje eu digo e as pessoas não acreditam, éramos duzentos e oitenta alunos. Duzentos eram drogados e eu era um deles.

D: Então e depois?

E4: Daí, Luísa de Gusmão. Estive dois anos no Ateneu, foi o 7º, do 7º passei para o 8º. Estive três anos no 7º, no Ateneu, No Ateneu, pois. Luísa passei no 8º. Uma boa turma, por acaso, uma turma espetacular. E fomos para o 9º. Os mais malucos passaram, ficaram todos na mesma turma e juntaram-se aos repetentes.

D: Uma turma cinco estrelas.

E4: Eu se fosse professor daqueles gajos partia-os à porrada.

D: Hehehe.

E4: Chumbei no 9º.

D: Quantas vezes?

E4: Uma. Uma só. Depois passei para o 10º.

D: Ok. Então e até ao 9º ano, ficou com o 9º ano com que idade?

E4: Agora temos que fazer contas ... hehehe.

D: Então vá lá.

E4: Nove e cinco, catorze. Nove anos de escolaridade ... entrei com cinco ... catorze. Agora pomos, 2º ano, 7º, 7º, 9º. Dezoito.

D: Ok.

E4: Com dezoito, dezanove.

D: Por aí. Quais foram as circunstâncias para ficar retido tantas vezes?

E4: Maluquice. Mau comportamento.

D: O que é isso, maluquice?

E4: Maluquice? Portanto, tudo o que eu fiz. Você se quiser vai ali ver o meu registo.

D: Mas foi expulso, foi ...?

E4: Expulso não. Suspenso muitas vezes, chumbado por faltas.

D: E por notas?

E4: Por notas, chumbei esse 2º ano, chumbado por faltas ... e o 9º ano sim .. esse ano, o primeiro 9º ano, foi uma vergonha. Só tive positiva a Educação Física.

D: Hehehe. E diga-me uma coisa. O que é isso de maluquices?

E4: Maluquices é ... repare que eu tenho trinta e seis anos ...

D: Até ao 9º, até ao 9º ano. Bem, estamos a falar há dezoito anos atrás, exatamente.

E4: Vou falar de outra maneira que não pensava há dezoito anos atrás.

D: Hum, hum.

E4: Porque naquela altura para mim era tudo normal.

D: Claro!

E4: E, se calhar, voltando um bocadinho atrás, eu com dezasseis anos, na parte em que andava a vender flores ...

D: Hum, hum.

E4: Eu já vivia sozinho.

D: Com dezasseis anos?

E4: Já ganhava para mim, pagava os meus estudos e as minhas maluquices, portanto não precisava de ninguém.

D: Já não vivia com os seus pais ...

E4: Não. *Puze-os* fora de casa.

D: Hehehe.

E4: A sério. Não ... eu digo que *puze-os* fora de casa. O meu pai, quando se reformou, perguntou-me ... ele queria ir lá para Santarém, a casa do meu avô; o meu avô entretanto morreu. O meu pai perguntou-me: queres vir para Santarém, ou ficas aqui? Dezasseis anos ...

D: Claro, com Lisboa aqui aos pés...

E4: Nascido e criado no intendente, com a mania que era pinta ... para Santarém, para uma aldeia? Ainda por cima, para chegar à escola, tinha de apanhar a camioneta às sete da manhã! Às sete da manhã deito-me eu, levanto-me às oito, tomo um banho e às oito e um quarto vou para a escola. Não, deixa estar. Então orienta-te.

D: Há pouco disse-me que tinha um irmão.

E4: Tenho.

D: Mais novo ou mais velho?

E4: Mais velho.

D: Ficou consigo...

E4: Nessa altura, com dezasseis, o meu irmão nessa altura já estava na tropa, nessa altura. O meu irmão saiu da tropa ... ainda hoje lá está. Mas vivia lá. Viveu sempre comigo até a mulher dele Estiveram lá juntos e viveram lá em casa. Só que saia às oito da manhã, entrava às oito da manhã, a gente nem se via. “Uma chatice...”

D: E diga-me uma coisa. Quais eram os seus projetos, há dezasseis anos atrás, portanto no 9º ano, quais eram os seus projetos pessoais?

E4: Curtir a vida.

D: Em termos escolares e profissionais, até ao 9º ano, quais eram os seus projetos? O que é isso de curtir a vida? Há dezasseis anos atrás.

E4: Era a maluquice. Por exemplo, eu saí do Ateneu, deixei de fumar charros. Hum, hum. Deixei mesmo, porque ... não é por querer ou não querer ...

D: é uma opção!

E4: Não, não é uma opção, é também as companhias, é o que lhe disse. Duzentos e oitenta alunos, duzentos fumavam charros ou mais alguma coisa. Havia lá uma rapariga que até injetava ar nas veias. Não havia dinheiro para mais. Mas na Luísa de Gusmão não havia tanto “chamon” como no Ateneu. Tinha, se calhar, mil alunos. Portanto, também é o ambiente. O último charro que fumei foi na tropa, tenho a impressão que, se hoje fumar um charro dá-me uma overdose. Mas não duvide mesmo, aquilo ... eu às vezes sinto o cheiro Hehehe. Agora, objetivos na vida, com aquela idade, era curtir na boa. E, porque é tudo fácil.

D: Pois, arranjava emprego, tinha o dinheiro, tinha casa.

E4: Eu ganhava trinta contos por dia, eu naquela altura.

D: Era muito, era pouco? Não faço ideia.

E4: Cento e cinquenta euros. Você ganha cento e cinquenta euros por dia?

D: Ó Vasco!

E4: Estamos a falar de há dezoito anos atrás. Eu ia comprar rosas à Ribeira, nesta altura, a vinte e cinco tostões o botão de rosa. E vendia cada uma a trezentos “mérreis”.

D: Ganhava bem, portanto.

E4: Muito bem. Só que saía do Bairro Alto, descia, ah! Vamos ao bingo! Tinha um sócio, também um colega meu, o Filipe. O Filipe foi morar lá para essa rua, nessa altura. Íamos para o bingo do Benfica. Chegávamos lá, íamos para a tasca, ah! O pessoal da nossa idade tudo teso.

D: Claro, eram uns senhores.

E4: E nisso é verdade. A gente ... precisas de dinheiro? ... é pá, como é que eu te pago? ... caga nisso. Então, o dinheiro não falta!

D: Claro.

E4: empatávamos ali o dinheiro ... é que nunca ganhei tanto dinheiro na vida! Nem eu, nem o outro, Hehehe. Aquilo era ao pontapé. E o meu frigorífico tirei duas prateleiras só para pôr lá as rosas ... fazer uns arranjos, e tal ...

D: Então estava-me a dizer que a escola, nessa altura, não influenciou nada os projetos da altura.

E4: Não, porque, vamos lá ver, eu nunca pensei que a escola me levasse a algum lado, porque nunca pensei em me dedicar à escola. Porque eu sei bem, se calhar se me tivesse dedicado à escola, hoje era engenheiro, médico, ou doutor ... tinha inteligência para isso e tinha condições para isso. Mas nunca me dediquei naquilo, portanto, nem nunca fiz projetos em relação à escola, nem a escola em relação a mim ... e agora estou a tirar o 12º ano porque, porque, porque

D: Ok. E diga-me uma coisa, Vasco: qual é hoje, a sua avaliação pessoal do percurso feito até ao 9º ano? Pelo que me acabou a contar em linhas gerais.

E4: Se eu fosse o meu filho levava tanta chapada no focinho, hehehe.

D: Hehehe. Então?

E4: Uma vergonha autêntica.

D: O que é que isso quer dizer?

D: Porque eu não fiz o que devia ter feito, não por falta de condições ou de inteligência, de condições dos professores, falta de professores, nada. Faltas minhas, não é? Porque queria maluquice ...

D: Era um rei, era um senhor.

E4: Era um estúpido.

D: Mas na altura, na altura

E4: Era um pinta. Era o dono e senhor. Então, no Ateneu, que era só 7º, 8º e 9º ... eu andava no 7º mas, aquilo, os colegas do 9º pareciam cães atrás, e tal... pelo Intendente, então ... Na altura sabia bem, agora, olho para aquilo parece que, realmente...

D: Vasco, qual é a sua opinião sobre os professores e sobre os colegas até ao 9º ano? Nessa altura, que era um “senhor” ...

E4: Um estúpido, sim.

D: Pronto.

E4: Opiniões sobre os professores...

D: Até ao 9º ano, nessa fase.

E4: É difícil porque ...

D: Professores e colegas, colegas seu claro.

E4: Sobre os professores, é pá, se calhar eram uns santos, para aturarem, e falo mais pelo que eu fiz, Eram uns santos, coitados, porque se eu fosse o professor, era à cadeirada nos cornos.

D: Hehehe. Ok.

E4: Mas era. E gosto de professores que tive, lembro-me. Tive um professor de matemática que, o gajo estava no exército, e ele obrigava-nos a encher nas aulas. Ia dar as aulas fardado, no Ateneu, hum... Não, mas sempre naquela brincadeira, mas o gajo quando aparecia, bzbzbz ...

D: E como é que você reagia?

E4: Uma professor que eu tive há pouco tempo... Só que não usava farda!

D: Hehehe. Mas não os mandava encher ...

E4: Não por falta de vontade, hehehe.

D: Hehehe.

E4: Mas conseguia-se ... o gajo metia, para além do respeito, mas conseguia ensinar, e com aquela brincadeira de encher e com aquele vozeirão, aprendia-se.

D: Ok.

E4: Mas bons professores e bons colegas. Ainda tenho grandes amigos desse tempo.

D: Desse tempo? Ainda cultivava essas amizades.

E4: Muitos, muitos, muitos. Infelizmente alguns já morreram com overdoses, e tal. Mas por exemplo, o Filipe, já o conheço há uns dezoito anos, para aí.

D: Nessa altura, portanto...

E4: Mas não da escola.

D: Hum, hum.

E4: O Filipe morava na Picheleira e depois mudou lá para o bairro e, a partir daí, só andávamos juntos na escola.

D: Ok. Vamos mudar de tema. Vamos falar de abandono escolar. Diga-me uma coisa. Quando e porquê teve de parar de estudar?

E4: Fui para a tropa.

D: Foi essa a razão. E diga-me, e quanto tempo ficou sem frequentar a escola? Foi para a tropa.

E4: De 92 a 2004.

D: De 92 a 2004. E porquê esteve esse tempo todo sem frequentar a escola?

E4: Pergunta difícil. Porque, quando saí da escola, quando saí, quando fui para a tropa fui, adeus! Saí da tropa, escola, trabalhar e tal. Já tinha um namoro bastante sério com a Carla, porque eu ando com a Carla desde a escola.

D: Ah!

E4: Já vai, desde 1990, portanto, bastante sério. Aliás, nota-se. Já vai em dezoito anos, meu Deus, está na maioridade.

D: Hehehe.

E4: E, como estávamos a pensar, construir família e tal, vou trabalhar e tal. Mas sempre com uma maluquice. Não sei se ainda hoje, com trinta e seis anos, cá anda, não é? Nunca mais tenho juízo.

D: Hehehe.

E4: Voltar a estudar. Pensei algumas vezes. Antes de vir mesmo, pensei, “é pá, um dia destes tenho de lá ir, a ver se faço as disciplinas do 10º”. Eu deixei três disciplinas vazias: Filosofia, Psicologia e Antropologia. Vazias. Comigo. A minha sorte é que escolhi História, se não também tinha ido. Tenho que lá ir, e tal. Mas a sério, a sério, a sério, só pensei quando, por isto, por causa do Filipe. Chegou um dia, não sei se sabe mas o Filipe é o meu melhor amigo, não é, e pronto, “é pá, fui-me matricular na escola a ver de acabo o 12º ano”. “Foste onde?”. “No Camões”.

No outro dia a seguir, vim do trabalho e passei na Luísa de Gusmão, ah, vou-me matricular, tinha tempo. Lá preenchi os papéis e tal. Cheguei ao pé dele, “olha, matriculei-me também, vamos lá fazer isto e tal”. “É pá, vai lá para o Camões, é um curso de informática, e tal, os

dois juntos. Houve lá aquela confusão, que foi eu vir para aqui em 2000. Mas foi o melhor, senão, porque senão, para mim e para ele.

D: É verdade.

E4: Porque se não fosse eu andar com ele e ele comigo

D: Perdiam-se

E4: Não acabávamos o primeiro ano.

D: Acredito.

E4: Não. É de certeza. Não acredite, é de certeza.

D: Hehehe. Mas não me disse o que é que houve para voltar a estudar. Ou melhor, ficou este tempo todo sem frequentar a escola, certo?

E4: O que levou a voltar a estudar foi ...

D: Porque que é que teve de parar de estudar , foi para a tropa.

E4: Sim.

D: E porque é que houve uma rutura nessa trajetória? Porque é que não houve uma progressão nos estudos?

E4: Eu também nunca pensei fazer dos estudos alguma coisa para melhorar a minha vida, nessa altura. E agora, se calhar penso, e você sabe muito bem que o 12º e o Curso Tecnológico de Informática pode melhorar a minha vida financeiramente. Porque se calhar até em termos de trabalho vou ficar mais feliz. Isso não tenho dúvida nenhuma. Vou ficar ali todos os dias agarrado a um computador, se calhar ...

D: Não faz muito o seu género, não é? Ok. Vamos falar um pouco sobre o ambiente familiar e social que o circunda. Estuda em casa? Tem espaço próprio?

E4: Se estudasse em casa, estudava.

D: Mas tem um escritório ou estudava na sala, ou na cozinha, ...

E4: Tenho uma salinha com o computador, com a secretária.

D: Tem um espaço próprio para estudar. E tinha alguém que o ajudasse se tivesse alguma dificuldade, enquanto estava a estudar?

E4: A minha mulher. Tinha algumas dúvidas e, em termos de, em casa, mais ninguém. Não.

D: Ok.

E4: Somos nós quatro, também, só.

D: Pois. Hehehe. Olhe Vasco, e o que é que fazia quando não estudava?

E4: Quando não estudava? Mas, está a falar na parte dos tempos livres, não é?

D: Sim. Família, família. E aspetos sociais, os amigos. O que faz? Televisão? Ler o jornal?

E4: Televisão dá-me sono.

D: O que é que faz?

E4: Pouco. É ajudar a mulher na casa. Parece que não ...

D: Não está o dia todo nisso.

E4: Não sei. A sua casa se calhar é pequena. A minha tem seis assoalhadas.

D: Ah, bom, então é capaz. A minha tem cinco, mas pronto.

E4: Nha,nha,nha,nha,nha...

E4: E às vezes sair que é uma das coisas que ela reclama.... “pois, tu é que saís e tal, e eu estou aqui sempre coitadinha de mim, e tal”. Sair, dar atenção às miúdas, foi uma das coisas que sempre ela martelou, martelou, martelou. As miúdas não veem o pai, só as vais buscá-las à escola, e tal.

D: E diga-me uma coisa, costuma sair com os colegas da escola?

E4: Com estes?

D: Com estes e com outros, colegas de escola.

E4: Com os antigos mantenho uma grande relação de amizade com cinco ... somos ... com quatro. Um é a minha mulher, outro é o Rafa, a Carriço e o Jorge. Fomos os que andamos desde o ... a Carla, não, a minha mulher, a Carla só a apanhei no 9º ano. Mas o ... e a outra Carla, também, que é a Carriço, também foi no 9º ano. Mas o Jorge e o Rafa, desde que fui para a Luísa de Gusmão. E tudo o que a gente fazia, trabalhos de grupo e tudo, éramos sempre os cinco. Ainda hoje, eu estou casado com a Carla, o Rafa está casado com a Carriço, o Jorge, pronto, teve de arranjar outra porque não havia.

D: Ok.

E4: Mas ainda hoje há aquela relação de .. do ... antes de estudar à noite. Com o pessoal daqui da noite, infelizmente, vi, você sabe bem o que eu estou a dizer, não é. Tenho um grande amigo que é o Filipe, mas já tinha...

D: O Eduardo.

E4: Exatamente, o Eduardo. Arranjei outro grande amigo que é o Celso, que é do mais puro que existe. O Zé, o Marco Paulo. É pá, e os outros são ... não posso dizer que são amigos, são conhecidos. Mas sempre a estimá-los, tirando um.

D: Então e qual é o papel da família na sua vida?

E4: Se não fosse a família eu estava morto ou agarrado à droga.

D: Está-me a falar de quem? Dos seus pais, da sua mulher, das suas filhas?

E4: Estou a falar dos meus pais e da minha mulher principalmente. As minhas filhas têm,

coiso.

D: Não, mas podia ser uma causa para deixar.

E4: Por exemplo, se não fosse a minha mulher principalmente, a minha mulher e a minha ex-namorada, namorei dois anos antes de namorar com a Carla, eu se calhar não estava aqui a falar consigo, de certeza.

D: Hum, hum.

E4: Estúpido como sou em termos de maluquice estava agarrado.

D: E diga-me uma coisa, Vasco. Como é que é o seu convívio, como é que foi o seu convívio com a sua família, atendendo que retornou à situação de aluno? Depois deste tempo todo. Ou seja, entre 2004 a 2007 voltou à situação de aluno, como foi o convívio com a família?

E4: Vamos lá ver. Quer falar dos meus pais? Acharam muito bem. O menino vai estudar outra vez. A minha mãe ainda hoje me chama Pilinhas, não sei porquê.

D: Hehehe.

E4: Acho bem, fazes bem, sim senhora. A Carla, ao princípio não achou muita piada. Pois, vais para lá com o Filipe, é para o copo. E muitas vezes foi. Embora a gente viesse à escola, depois da escola é que era pior. Mas depois do primeiro ano quem exigia mais ainda era a Carla. Não, não, agora... o 11º ano foi o que custou mais ... vou deixar esta merda ... não, não, agora começaste tens de acabar, começaste tens de acabar. E muitas vezes ela agarrava, e foi essa a fase mais complicada, com a mais velha, com a mais nova doentes, e o caraças, e um gajo ter de fazer trabalhos para Português!

D: Hehehe.

E4: Hehehe, e tal, e ela, vai fazer os trabalhos, vai fazer os trabalhos, que eu cá me oriento.

D: Foi ela que lhe deu a maior força.

E4: Foi, e a companhia do, do, do outro lado.

D: Ok. Porque senão, você, não sei, você deve ter feito tudo de seguida, não é, até coiso .. Mas é difícil sair de casa às sete da noite. Sair de casa às sete da manhã para trabalhar, embora o trabalho seja cansativo, ou não, não importa o trabalho. Voltar a casa, tomar um banho, e depois, em vez de nos sentarmos a ver o telejornal, ou qualquer coisa, não, tenho de ir aturar aqueles gajos. E depois de aturar, também ter de aprender alguma coisa, não é só vir aqui, e tal, coiso ...

D: E depois voltar novamente para casa, a família à espera muitas das vezes, as miúdas a chorar.

E4: Não, as miúdas a dormir sossegas, só se estivessem doentes. A hora normal de deitar delas é às nove.

D: Claro.

E4: Mas, por exemplo, no 1º ano eu chegava a casa e já sabia, ia logo fazer um biberon para a Inês. No segundo ano, no 11º ano, fazia outro, já sabia que ela à meia-noite e meia, uma da manhã, ia chorar, já estava quente. Às quatro da manhã outra vez e às sete da manhã estamos a levantar para ir trabalhar.

D: É duro, é duro.

E4: Hoje não me arrependo.

D: Está bem. Olhe Vasco, e o que é ser jovem para si, hoje?

E4: Isso não há definição possível porque há pessoas com metade da minha idade que não sabem ser jovens.

D: Mas com a experiência, com o percurso de vida que teve, o que é ser jovem, para si?

E4: Eu não sou bom exemplo para ninguém, hehehe.

D: Mas eu estou a perguntar, com os olhos de hoje, com o percurso que fez.

E4: Ser jovem, ser jovem, para mim, a juventude está aqui, não está no corpo nem na idade porque, há pessoas que têm dezoito, vinte anos, que são mais velhas que nós, não conseguem estar aqui a falar, na boa e tal ... portanto está aqui. E você, você sabe muito bem eu ando aqui a ter atitudes de puto, não é? Se fosse o meu filho levava uma estalada, mas pronto, hehehe. Pronto, e aí é que está a jovialidade, nesse aspeto. Depois também temos de ser responsáveis, quando é preciso.

D: Claro. Vamos mudar de tema

E4: Aleluia.

D: ... novamente e é sobre motivação. E eu vou-lhe perguntar novamente, o que é que o levou a voltar à escola?

E4: Um bocadinho de vontade, um bocadinho de incentivo da ideia do Eduardo e depois o resto foi a companhia. O voltar à escola foi: um bocadinho de vontade, e pronto, 30% de vontade e 70% da ideia do Eduardo. O continuar foi: 100% a companhia do Eduardo.

D: Hehehe. E diga-me uma coisa, a nível prático em que é que se refletiu voltar à escola?

E4: O quê, agora?

D: Não. A nível de motivação, ter voltado em 2004.

E4: É pá, aprendi qualquer coisinha.

D: Foi? Pouquinho, mas aprendeu qualquer coisinha. E a nível profissional? Que vantagens

é que tirou, ou pensava tirar, o que é que o motivou a nível profissional para voltar a estudar?

E4: Também tinha ali uns 10% para ter o 12º, e tal. As vantagens que tirei até agora foram zero. Porque pedi a requalificação na Câmara e, infelizmente, eu já sabia, porque não sou da cor do ... não há vagas.

D: Pois, está à espera da vaga.

E4: Não, eu sou sangue azul e lá é outra cor.

D: Hehehe.

E4: Lembro-me que estivemos aí a falar do Instituto de apoio Hidrográfico?, estou à espera da resposta, mas de certeza que não é porque eles querem uma pessoa com mais experiência. E não fiquei na Maternidade Alfredo da Costa, não foi por causa da barriga, porque tinha, não é, hehehe ..

D: Hehehe.

E4: Porque, porque não quis, porque o que eles queriam era a recibo verde e eu mandei-os à merda.

D: Claro.

E4: O Estado a propor recibos verdes, então!

D: Pois. Olhe Vasco, e qual, ou quais os anos que marcaram mais positiva e negativamente a sua passagem pelo ensino secundário? E porquê.

E4: O secundário que está a falar agora é...

D: É o 10º, 11º, 12º.

E4: É que dantes vinha desde o 9º.

D: Não, agora vamos passar para...

E4: Todos foram positivos.

D: Mas o que é que o marcou, qual foi o ano que o marcou mais positivamente ou negativamente?

E4: Negativamente, o 11º, que foi o segundo não é, foi o mais difícil.

D: Mais difícil ao nível de conteúdos, ao nível de aprendizagem, estava cansado ... porquê?

E4: Por exemplo, o 10º ano, para mim, quase que foi um passeio, tirando as disciplinas de informática. Matemática e tudo o que demos já tinha dado. Português, quase tudo. Filosofia nunca tinha tirado positiva a filosofia, aqui, foi a primeira vez, mas já tinha dado tudo. Físico-Química já tinha dado tudo. Portanto, isso, ainda havia aqui restos ...

D: Já tinha estado inscrito no 10º ano e no 11º? Não?

E4: No 10°.

D: Só no 10°. E tinha chumbado quantas vezes, no 10°?

E4: No 10°, então, deixei três disciplinas. Depois, no ano a seguir fui fazer as três e anulei as três porque não estava para aturar aquilo.

D: Isso antes de ir à tropa.

E4: Antes de ir à tropa, pois.

D: Ok. Depois quando desligar eu conto-lhe como anulei a última disciplina, mas isso agora ...

D: Está bem, hehehe. Diga-me uma coisa, então qual foi o ano que o marcou mais negativamente?

E4: Negativamente, não que tenha sido mau, mau, mau, mas o que custou mais, mesmo, foi o 11°. Por tudo. Situações de casa, da escola também. Depois tive um problema na Junta, eleições e tudo, andava metido naquilo e tal, aquilo foi uma complicação.

D: Ok. E considera o estudo essencial para melhorar a vida? Ou para melhorar de vida?

E4: De vida e a vida, sim. Porque melhorar a vida em termos de aprendizagem, sempre. De vida, talvez.

D: O que é que isso quer dizer?

E4: O exemplo que eu lhe dei. Na Câmara não me deram a requalificação, no Instituto de certeza que não vou entrar e aqui não sei se dará... talvez, não é?

D: E diga-me uma coisa Vasco, o que é que fez e como fez para conseguir voltar a estudar?

E4: Isso já está nas outras perguntas.

D: Quero que me repita novamente. Hehehe.

E4: Já parece um marinheiro a contar a história trinta vezes. Pronto, foi a amizade com o Filipe, a ideia que ele me deu, porque foi aquele clique que o Filipe deu, tá bem, vamos voltar, o voltar a estudar foi esse clique; e a continuação foi ter o meu amigo ao pé.

D: E como arranjava disposição, apesar desses problemas que me acabou de contar, para estudar ainda?

E4: Quem é que disse que eu estudava?

D: Tinha que vir à escola.

E4: Uma coisa é vir à escola, outra é estudar.

D: Ok.

E4: Eu estudei, estudei mais do que eu queria.

D: Pois. Não acredito.

E4: É verdade.

D: Foi? Hum...

E4: Só que não estudei o que você queria, hehehe.

D: É verdade, hehehe.

E4: Estudei muito no trabalho. Felizmente aquele trabalho que eu tenho, enquanto eles estão a carregar o caminhão, em horas paradas posso estar ali a ler. E muitos trabalhos de português foram feitos no volante dum caminhão.

D: No volante dum caminhão? À espera?

E4: À espera. Tau, tau, tau, estudei, quando chegar a casa passa para o computador.

D: O que a gente sabe depois, não é? E ao fim de semana? Qual era o lugar da escola no percurso de vida?

E4: De preferência nulo. Não sei como havia trabalhos da professora Dulce Sá Silva...

D: Hehehe. Parecia que era só essa professora que marcava trabalhos.

E4: Mas por acaso, esses trabalhos, a gente fala muito. Mas esses trabalhos ...

D: Marcaram, marcaram ...

E4: Não, mas era uma maneira de a gente aprender alguma coisa, fazendo, e uma maneira de estar aqui à frente, parece que não... Você lembra-se do primeiro trabalho que eu apresentei?

D: Era sobre publicidade, não?

E4: Não, no 10º ano era “funcionamento da língua”, qualquer coisa.

D: Não, “Funcionamento da Língua” não foi.

E4: Foi, foi.

D: Foi, declamação, declamação do poema.

E4: Esse não apresentei porque fui para as eleições.

D: Pois.

E4: Foi o outro, que era de o funcionamento da língua, gramática.

D: Escolherem uma frase e fazerem a análise?

E4: Isso foi depois. Você está pior que eu, está velha, porra!

D: Oh! Hehehe.

E4: E eu escolhi a pontuação. Foi, foi o primeiro, esse lembro-me. E eu estava ali, nesta sala estava ali sentado à frente ... estava assim sentado à frente, mas isso é normal ... estava assim com o pé ... e estavam lá quatro ou cinco gatos ... No 12º ano às vezes chegava aqui à frente, o que é que vocês querem ... estava já com um traquejo que a gente, eu já tinha dado

aulas quando andei de dia, dava aulas.

D: Pois, observava...

E4: Mas nada assim, nem nada como assim profundo. Parece que não, a gente dizia, ena aquela mulher

D: Hehehehehe.

E4: Mas ao fim e ao cabo ganha-se um traquejo e aprende-se. Hoje em dia eu estou arrependido de não ter ido aos exames nacionais. Então, saiu logo aquela coisa que, já não me lembro o nome, que demos no 12º, não é o Frei Luís de Sousa, é o

D: Felizmente há luar

E4: Ahhhh. Quando olhei para o exame ... estúpido!!!... Há males que vêm por bem.

D: Ainda está a tempo. Vamos mudar novamente de tema e vamos falar do Ensino Secundário Recorrente, na Escola Secundária de Camões. Já me disse que escolheu esta escola por causa do Filipe. Uma vez que estava matriculado lá em baixo na Luísa de Gusmão. E diga-me, a sua aprendizagem e as dificuldades que teve ao voltar a estudar.

E4: Notei que o cérebro está mais parado, já não é aquele tipo, coisa, que a gente fazia assim [Vasco estala os dedos]. Principalmente a matemática eu notei isso logo no primeiro ano. No primeiro período foi o teorema de Pitágoras e eu era barra naquilo. E eu fazia aquelas contas de cabeça, não sei se conhece o Teorema de Pitágoras.

D: Pois.

E4: Aquilo do cateto ao quadrado é igual à hipotenusa, e tal, e eu fazia aquelas contas de cabeça e chegava aqui e barrava, e notei que o cérebro já não dava como dava naquela altura.

D: Portanto sentiu algumas dificuldades na aprendizagem.... não tem hábitos de leitura, não tem hábitos, se calhar, de ler...

E4: É ler a Bola.

D: Sim, mas lê.

E4: Passei a ler, passei a ler. E há outra coisa e isso acho que é importante, é: naquela altura a minha cabeça era para a escola e coisas insignificantes, que agora eu acho que são insignificantes, era a brincadeira, os copos e tal. E agora não. Tenho de ter cabeça para o trabalho, para as filhas, para a mulher, para as contas, para as dívidas, para o dinheiro e tal. Parece que não, o cérebro, acho eu, tem aquelas unidadezinhas todas ocupadas e já não responde tão rápido. Hum?

D: É verdade. E ... fale-me da área de estudos escolhida. Foi informática. Porquê essa área?

E4: Fui enganado.

D: Hehehe, conte-me...

E4: Eu já disse aí que fui-me inscrever à Luísa de Gusmão, escolhi um curso ... o que é que eu escolhi lá? É pá, hehehe, já não me lembro, mas era, tinha História, Geografia. Eu escolhi um que tinha História, que eu gosto bastante e Geografia. É pá, mas não era curso tecnológico. E depois, o Eduardo, claro, enterrou-me. “É pá, aquilo é Informática, são quatro disciplinas de Informática, a gente faz aquilo com um pé às costas.” Eu gosto de computadores, TIC e isso... a gente. Quando cheguei aqui, comecei a levar com contas, um mais um é zero e vai um. Sabia essa?

D: Hehehe, não.

E4: Pois não. Aprendi aqui. Assim, que é?

D: Hehehe, estão a falar de quê?

E4: Quando eu vi aquilo, é pá, fui tão bem enganado, hehehe.

D: E as disciplinas do curso? O que é que me tem a dizer sobre as disciplinas do curso?

E4: As de Informática?

D: Tudo.

E4: Ah, o curso em geral! Então, tirando as básicas, Português, Matemática, e tal...

D: Que são comuns a todos, não é?

E4: ... as de Informática acho que estão é muita mal estruturadas.

D: É?

E4: Estavam ... não sei como é, eles depois mudaram os cursos ... mas muita mal, porque a gente em Bases de Programação que era um bocado à parte, que era mais programar ... em Aplicações Informáticas, no 10º ano, então, tínhamos TIC também que era uma estupidez. Aquele curso dávamos o Word numas três!

D: O mesmo programa nas três disciplinas.

E4: Sim, aprendi a trabalhar no Word. Depois houve um problema, até a Raquel esteve de baixa*, e no primeiro período não veio, começaram a dar a matéria dela para a gente não ficar, e coiso, e depois quando ela veio ela tinha que dar, é pá, uma desorganização. Mas a culpa não foi da escola por aquilo os programas ... Depois no 11º ano voltámos a dar aquilo que já tínhamos dado no 10º ano, porque o Ministério reformulou aquilo.

D: Pois, levou uma reformulação.

E4: E depois, quando se vê um curso, “Técnicos de Informática”, a dar Excel, é pá, isso é

ferramentas da ótica do utilizador, não é, não é ...

D: Claro. Sim. Olhe, faça-me um balanço dos professores. Já fez sobre as disciplinas ... sobre os professores.

E4: Um balanço? Hummmmm....

D: Vamos lá.

E4: Os da noite?

D: Os seus professores.

E4: Estes de agora do noturno é melhor que os de dia.

D: O que é que isso quer dizer?

E4: Quer dizer, porque ...

D: Escusa de estar a dar graxa.

E4: Não. Eu a si, já acabei o curso com média de 15.2, entrava em qualquer universidade, portanto ...

D: Exatamente. Falta só o exame nacional.

E4: Para quê? Espero cinco anos e vou

D: Os professores?

E4: Eu não quero dizer mal nem bem, mas eu acho que foram um espetáculo para com a gente.

D: O que é que isso quer dizer?

E4: Porque, também a turma ajudava. Mas uma das diferenças que eu notei da noite para o dia .. foi, porque parece que não, eu quando deixei de estudar de dia era um adolescente, ia para a tropa. E agora não, sou um adulto, embora não pareça, hehehe. E o que se nota é que, pronto, os professores aqui à noite são muito mais compreensíveis. Você tem mais cinquenta anos que eu, só. Tive professores mais novos que eu. Eu às vezes fazia-me confusão o Pedro Sobral, o Filipe e tal tratarem-me por você. É pá, trata-me por tu, pá.

D: Hum, hum.

E4: Mas claro, tem que haver aquele distanciamento, não é? Mas das coisas que gostei mais nos professores foi a capacidade de, a compreensão, compreendem que, é pá, este gajo também vem de um dia de trabalho, não é? Não estão aqui também para aturar um gajo. Em termos de ensino é bom. Houve ali umas falhazinhas mas ... em termos de pessoas ...

D: Hum, hum. Quando fala em falha em termos de ensino, está-me a falar a nível de conteúdos ou a nível de transmissão?

E4: Dos conteúdos, então, não vamos falar disso. Porque houve falhas principalmente da

parte de informática. Porque os programas de Português, Matemática, Filosofia ...

D: São iguais aos de dia.

E4: Os professores, mesmo, não sabiam às vezes o que haviam de dar. O Licas, o Pedro Sobral, ele é que fez no 10º ano as sebatas todas, nem tinha livros para dar as aulas!

D: Pois, não estava estruturado o curso, ao fim e ao cabo. Ok. Falámos das disciplinas, do curso, dos professores, das dificuldades ... os colegas?

E4: Hehehe. Isso, a esta distância, é pá, há uma ovelha ranhosa, mas, se calhar

D: Diga, diga.

E4: Aquele.

D: Então?

E4: Mas eu já lhe disse, se não fosse a ajuda dos professores nenhum de nós tinha acabado o curso. Han!

D: Ok.

E4: Pronto.

D: Ficamos assim. Diga-me Vasco, qual é a sua avaliação pessoal deste curso feito, de 2004 a 2007?

E4: Positiva.

D: O que é que isso quer dizer? Positiva porquê?

E4: Em tudo. Porque os objetivos propostos em 2004 foram cumpridos em 2007. Era acabar o 12º ano. Nem era ter o curso ou o diploma.

D: Houve muitos colegas que ficaram pelo caminho, como sabe.

E4: Mas, a minha, o meu objetivo foi alcançado e, como eu lhe digo, se não fosse com ajuda e com companhia, o 10º ano ainda estava por fazer.

D: Hum, Hum.

E4: Ganhei amigos, entre alunos e professores. Portanto, só pode ser positivo.

D: Ok. Vamos agora para terminar, o último tema que são expectativas. E eu quero saber quais são os seus principais projetos de vida, neste momento.

E4: [silêncio]

D: Não?

E4: O meu projeto de vida não é assim ... o que eu queria mesmo através destes cursos ou do 12º ano era melhorar a condição financeira. Não era ser motorista de pesados, porque se me derem cinco mil euros para conduzir um camião, eu não me importo nada. Eu gosto do que faço. Mas também não quero o Euro milhões para andar por aí a cagar notas por aqui e

por ali. O meu problema com o dinheiro sempre foi falta de dinheiro. Hehehe.

D: Hehehe.

E4: Se continuar teso não há problema. Projeto de vida, mesmo, só se for a nível familiar. Dar uma boa educação às minhas filhas, que consigam seguir nos estudos e fazer o que elas quiserem e que sejam felizes.

D: Ok. Diga-me uma coisa. Valeu a pena voltar a estudar?

E4: Valeu...

D: Valeu?

E4: Valeu, 100%.

D: E diga-me uma coisa, voltar para a escola trouxe mudanças na sua vida pessoal? Ou na sua vida familiar?

E4: Claro que trouxe.

D: Na sua vida profissional parece que ainda não. Quais?

E4: Horários.

D: O que é isso de horários? Não sei do que está a falar.

E4: Eu trabalho das oito às quatro. Eu normalmente, às um quarto para as cinco, estou em casa com as minhas duas filhas. .. já as fui recolher à escola.

D: Mas não tinha esse horário, antes?

E4: Tinha. Tinha.

D: Então ...

E4: Eu só vim estudar porque entrei para a Câmara em 2004, em maio, e esse horário permitia-me vir estudar.

D: Não tinha percebido isso.

E4: Porque o trabalho que eu tinha antes, entrava às sete da manhã e saía às sete da noite, mais ou menos. Portanto não dava para eu vir estudar, claro, depois venho estourado. Não, e dava, só que tenho a minha filha, entretanto a outra apareceu, e felizmente. Isso foi uma das principais razões também o horário. Senão como é que se consegue?

D: Claro.

E4: Mas em termos de horário foi a grande mudança. Depois em termos de, também...

D: Ao nível familiar e ao nível pessoal.

E4: A nível familiar houve alguns problemas, sim senhor, mas colmatados com o meu bom humor e a minha prestabilidade

D: A maneira de ser, a maneira de estar...

E4: Não, não. Prestabilidade. Porque eu em casa faço tudo, não preciso de mulheres para nada.

D: Hum, hum.

E4: Pois é, vivo sozinho desde os dezasseis anos. Portanto, a minha mulher chegava a casa e tinha o jantar pronto, tinha tudo pronto ... parece que não mas também ajuda porque a mulher, quando chega a casa, “olha, este vai-se embora”. Tinha as miúdas, fazer comer, cansada do trabalho, pronto. Ela também é boa como o caraças, não é? Tudo a ajudar. Ajudou bastante. E depois eu acho que o melhor disto ainda é o meu feitio e o da Carla. Parece que não, mas eu acho que é o casamento perfeito até ao divórcio, como todos os casamentos. Mas, se você conhecer melhor a Carla há-se ver, é mais ou menos como eu para a brincadeira e sempre tudo com responsabilidade mas tentar sempre levar ... senão as curvas já estão por aqui.

D: Claro. Diga-me uma coisa. E o que é que significa “escola” na sua vida?

E4: Agora?

D: Depois deste percurso todo.

E4: Não. O que é que significa “escola”? Agora significa vir recordar. Ver pessoas e coiso. Eu hoje fico contente quando entro e “é pá, estás cá, há tanto tempo que não vens” ... e pá, estes gajos lembram-se de mim.

D: É giro, não é? É giro.

E4: No outro dia quando vim cá mostrar o diploma, “está tapo morto, vocês saíram daqui”.

D: Dá logo outra, a autoestima fica ...

E4: Não sei se é para o bem ou para o mal, mas pronto, lembram-se de nós.

D: Ó Vasco, diga-me uma coisa. Em que contribui para o seu desenvolvimento pessoal, para o seu desenvolvimento social, para o seu bem-estar, ter voltado a estudar depois de estes anos todos?

E4: Para o bem-estar? Eu já estava bem antes de vir para cá, hehehe.

D: Pois, portanto não contribuiu.

E4: Contribui sempre porque o aprender não ocupa lugar. E muitas das coisas que a gente aprendeu aqui, parece que não, eu daqui a quinze ou vinte anos vou-me lembrar. Ainda este fim de semana estive lá o Marco em casa a pedir-me por um livro de matemática do 10º ano. Lá fui à procura e por acaso não o tinha. Mas eu tenho lá em casa, não sei. Parece que não a gente lembra-se. E fui folhear os livros de Português. É pá, os livros de Português estão aqui. Não sei porquê, estão à parte.

D: Vão ser os primeiros a irem para o lixo.

E4: Não vão. Tenho lá os de Filosofia, História do 7º ano, do 8º e do 9º. Está lá tudo.

D: E diga-me uma coisa Vasco. Há alguma coisa que queira acrescentar mais?

E4: É pá, isto está muita longo.

D: É? Não quer dizer mais nada?

E4: Não.

D: Vamos acabar.

E4: Aleluia.

* A “Raquel”, professora de TIC não esteve de baixa no 1º período, mas sim com uma licença sem vencimento de três meses.

Entrevista – F (1h:01m:19s)

D: Ok. Então é assim, Fernando. Já lhe li os termos de confidencialidade, e vamos então saber um pouco da sua vida escolar. Ok? É capaz de dizer-me a sua idade, o local de nascimento.

E5: 46 anos, nasci na Maternidade Alfredo da Costa.

D: Lisboa, portanto.

E5: Em Lisboa. Sempre vivi praticamente em Lisboa. Nasci em 1961.

D: Hum, hum.

E5: E faço em outubro 46. Comecei a estudar aos sete anos, por causa do outubro comecei mais tarde. Fiz a 4ª classe.

D: Cá em Lisboa?

E5: Cá em Lisboa, tudo. Na Escola nº 1, com a rigidez que era na altura. E depois derivado a essa rigidez achei por bem que tinha a 4ª classe já tinha tudo, que era suficiente e comecei a trabalhar. Comecei a trabalhar com onze anos.

D: Onze anos!!!

E5: Sim. Comecei a trabalhar com onze anos. Oficialmente comecei a trabalhar com catorze, porque na altura era com catorze anos. Mas já trabalhava. Saí da escola com onze anos e comecei logo a trabalhar. Como venho de uma classe média, o meu pai nunca quis o meu ordenado. O meu ordenado era para, pronto, eu comprar roupa, comprar o que quisesse. Ainda me dava uma mesada de cinquenta escudos, na altura, por dia. Para mim era uma maravilha.

D: Tinha dois ordenados.

E5: Ia estudar para quê? Tinha ordenado, já me sentia um homem, não precisava de estudar. E então nunca mais estudei. Só que aos quinze anos comecei, fui trabalhar para onde estou hoje, fui para a Associação dos Empregados do Comércio e aí, já lá vão trinta e um anos, trinta e dois anos, que estou lá, e aí na altura sentia-me bem. Depois veio a tropa, tudo se passou. Ainda me tentei inscrever no Externato Camões, já não existe, mas esse externato, ia lá, pagava que era particular, mas achava que não estava lá a fazer nada, pronto. Era muito miúdo e queria era, tinha dinheiro, tinha tudo cá fora, trabalhava e achava que não estava ali

a fazer nada, pronto, que os professores não me ensinavam nada. E então acabei por me vir embora. Fiz o 2º antigo incompleto mas é como se não tivesse, para mim era a 4ª classe.

Isto passou-se, os anos passaram. Há cinco anos para cá, ou seja, já depois dos quarenta, não é, por me sentir já mal, porque e é verdade, porque eu derivado a todos estes anos começou a entrar muita gente já com o 12º e alguns já semiformados não é, eu como chefe de secção na altura em que era já ... eu tive um percurso muito longo mas cheguei a chefe antes de vir cá para fora. E quando cheguei a chefe comecei-me a sentir mal.

D: Entravam pessoas mais novas e com mais habilitações.

E5: Mais novas e com mais habilitações e outra maneira de ver as coisas, pronto, abordavam as coisas de outra maneira que eu não conseguia dar resposta. E então comecei-me a sentir mal. E então, como sou também um bocado orgulhoso, não gosto de perder, fui à luta. E depois, por brincadeira de família e por ter gente no ramo, no ensino, quiseram à força que eu fosse estudar quando apareceu estas Novas Oportunidades da escola, para a noite. E então eu fui fazer um teste à Rainha D. Leonor. Fui lá, fiz o teste e correu-me bem e passei. E então fui para lá fazer as capitalizáveis. Como eram capitalizáveis foi sempre a somar. No primeiro ano andei um bocado aflito. No segundo ano fiz setenta e dois exames.

D: Unidades.

E5: Sim, setenta e duas unidades. Ou seja, acabei o 9º ano e dois anos, devia ser em três, fiz em dois e acabei por ser o melhor aluno na altura.

D: Teve mérito por isso.

E5: Pronto e claro, como eu antes tinha a mania que sabia muito e depois cheguei à conclusão de que não sabia nada, agora foi o contrário e comecei a gostar daquilo que estava a fazer. E comecei a ver que tinha, que aquilo que eu estava a conseguir alcançar estava-me a dar frutos. E então meteu-me o bicho. E então no 9º pensei, não me chega, vou fazer o 12º. E quis continuar lá mas como as capitalizáveis acabaram e passaram para blocos e, como a Rainha D. Leonor não tinha essa área que eu queria que era Contabilidade, então fui para a Escola Secundária de Camões. E aí as coisas mudaram um bocadinho.

D: Ok. E então diga-me uma coisa Fernando. Qual é a importância do trabalho na sua vida? Uma vez que deixou de estudar para ir trabalhar.

E5: o trabalho sempre foi a minha independência. Para mim trabalho é independência. Porque eu não me estou a ver sem trabalhar.

D: Estou a dizer isto porque não tinha dificuldades financeiras, não é?

E5: Não, não.

D: Porque é que começou a trabalhar?

E5: Comecei a trabalhar porque queria-me sentir independente, queria sentir-me realizado. Agora costuma dizer-se que os miúdos com trinta anos e trinta e tal são miúdos. Dantes nós com oito, onze anos éramos adultos; agora é o contrário.

D: Hum, hum.

E5: E como nós queríamos quando chegávamos a essa idade, eu lembro-me que com doze anos já queria ser um homem, já andava com homens. Eu andei sempre com gente mais velha do que eu. Isso deu origem a eu querer sempre grande.

D: E então como vê a importância da escola hoje, nessa realização desse seu projeto de ser homem?

E5: Agora é essencial. Agora não me estou a ver sem escola. Porquê? Por uma razão muito simples. Porque nós hoje em dia há muita oferta mas há muita procura. Mas também, no fundo, na procura e na oferta a gente sente-se um bocado perdidos se não souber apanhar, como eu costumo dizer, o comboio. A gente se não apanha o comboio nunca mais o agarra. E agora como há muita gente licenciada, qualquer miúdo hoje em dia tem o bacharelato. E no trabalho uma pessoa para competir com os outros não é, embora eu nunca fui de competições, sempre tive o meu espaço mas, para eu querer chefiar tenho de ter capacidades para o que estou a fazer. E isso é que eu me sentia mal. E comecei a ver que afinal a escola não é assim tão má quanto isso e que há coisas boas na escola.

D: Então e diga-me uma coisa Fernando. No seu percurso anterior, antes do ensino secundário, portanto antes de chegar ao Camões, qual foi o ano que marcou, que marcaram mais positiva e negativamente a sua vida? E porquê?

E5: O ano foi a seguir, o ano positivo foi a ... negativo não tenho porque eu fui subindo de escalão. Comecei como operário e hoje, pronto, sou o braço direito de quase aquilo. É diferente. Mas comecei pelo zero. E como comecei pelo zero dou valor a essa gente toda. Mas o que marcou mais foi logo a seguir à tropa, quando saí da tropa.

D: Saiu da tropa com que idade?

E5: Saí da tropa com vinte e três anos.

D: Hum, hum.

E5: Vinte e dois, vinte e três. Entrei com dezoito, como tive quatro anos de tropa, vinte e dois. E quando saí casei logo. Pronto. Por isso também leva à parte mais séria da coisa, o indivíduo tem sempre aquele sentido de responsabilidade. E foi aí, o que marcou mais foi que eu já nessa altura começava-me a sentir mal e então fui tirar um curso de massagista.

D: A sentir-se mal porque a sua mulher tem estudos?

E5: Não, a minha mulher até tem menos estudos que eu, embora pronto, em cultura geral é mais avançada do que eu. Mas estudos até tenho mais do que ela. Mas em cultura geral ela está muito desenvolvida. Agora não é questão disso. Sentia-me mal porque, por exemplo, estávamos numa festa, toda a gente falava e eu não sabia o que se estava a ouvir. Sentia-me mal. Íamos, sei lá, a uma reunião de qualquer coisa da firma, falavam de coisas e eu não sabia do que é que estavam a falar. Quer dizer, havia ali coisas que eu sentia-me mal, sentia-me deslocado. E como eu venho de uma família já estável, era uma família média-alta, não é, toda a gente da minha família são todos formados. O único que não era, era eu.

D: Os seus pais também são formados?

E5: Não. Os meus pais não são. Só que o meu irmão é.

D: É o quê?

E5: O meu irmão é advogado.

D: Hum, hum.

E5: A minha sobrinha é professora de português, a outra sobrinha está no Ministério de quê? ... bem, está no Estado, vá lá. Na Assembleia da República. E os outros, o resto da família é tudo mais ou menos do mesmo género. Pronto. Uns são engenheiros, outros aquilo.

D: Hum, hum.

E5: O único que não era nada era eu. Mas como tenho um espírito aberto, não é, tornava-me engraçado na maneira de ser. Pronto, era o bobo da família. Toda a gente achava graça. Só quando estavam a falar a sério, não é, ...

D: Hum, hum.

E5: Eu é que me sentia mal. Eles respeitavam-me. Agora eu é que não podia respeitar a eles porque não sabia o que estavam a falar. E foi essas pequenas coisas que eu comecei a....

D: Mas estava-me a falar de quando saiu da tropa. Um ano que o marcou.

E5: Sim. O que me marcou mais foi quando tirei o curso de massagista. Eu tirei o curso de massagista com dezoito valores. Na altura fiquei no Quadro de Honra. E isso deu-me alegria, deu-me incentivo. Não era para voltar à escola, não era isso. Mas era, comecei a perceber que onde eu me metia era para ganhar. E isso começou a dar-me alento eu querer sempre qualquer coisa. A escola veio por acréscimo por causa disso.

D: Ok. Então e quando pensou voltar à escola para as unidades capitalizáveis, tirou o 9º ano e qual era o seu projeto nessa altura? Era acabar o 9º ano com que finalidade?

E5: A finalidade era subir. Como já na altura era chefe de secção, não é, quis sempre mais

qualquer coisa. E então na altura o 9º ano, quando tirei, era para estar ao nível deles, para chefiar com consciência. Depois quando fui para a área de contabilidade, não é, na altura já ia com esse fim, não é, comecei-me a entusiasmar com o 9º ano na escola e meti-me no 12º. E então fui para o 12º para seguir contabilidade. E foi aí que me obrigou a mudar de escola. Porque aquela não tinha.

D: Ok. Então os projetos, digamos os projetos pessoais foram influenciados pela escola ou mais por fatores do mundo exterior?

E5: Hum.....

D: Pelo trabalho, pela família?

E5: Já foi a escola pelo sentido de vitória, digamos. Como tive a sorte de fazer em dois anos, não é, com notas razoáveis, depois disso ser considerado o melhor aluno incentivou-me. Então se eu fui o melhor aluno, também tenho capacidade para fazer mais alguma coisa. E então há sempre um bichinho. Foi como agora. Acabei o 12º e já quero ir para o ISCAL. Quero continuar porque já não estou bem com o 12º. Todo o problema é esse. Nunca estou bem com aquilo que tenho.

D: Hum, hum.

E5: Tenho sempre de subir mais um degrau.

D: Ó Fernando, mas explique-me lá melhor quando teve de parar de estudar. Teve? Não teve, foi uma opção, não é?

E5: Eu tive de parar de estudar foi, voltando atrás, quando eu fui para o Externato Camões. Porque eu aí pagava na altura, não me recordo, mas à volta de vinte contos de mensalidade.

D: Mas fez o 1º ciclo tudo seguido?

E5: Sim. Até à 4ª classe fiz tudo.

D: E depois foi para a escola preparatória.

E5: Não. Acabei a 4ª classe e fui logo trabalhar.

D: Ah! Não chegou a ir para a preparatória.

E5: Não. Não. Parei a escola.

D: Ok.

E5: Depois quando casei, mais ou menos, quando ... ah! Porque há uma coisa que eu não contei.

D: Pois falta-me aí o 2º ciclo.

E5: O 2º ciclo é uma história que tem toda a razão de ser.

D: Então conte.

E5: Mas eu essa parte passou. Porque eu estava na área da saúde.

D: Tirou o curso de enfermagem.

E5: Tirei o curso de enfermagem. Só que para ser enfermeiro, não é, eu fiquei só como auxiliar de enfermagem. Porque eu para ser enfermeiro tinha de ter o 5º ano antigo.

D: Ou seja, hoje o 9º.

E5: Hoje o 9º. E havia quem tivesse o 2º completo antigo, que era o 5º ano atual.

D: Não. É o 6º.

E5: O 6º, sim. Podia ir ao Hospital de S. José tirar o curso e ficava como enfermeiro de segunda. O que é um enfermeiro de segunda? É um enfermeiro que é enfermeiro mas não pode ir a chefia. Tem que ficar só no, no... Se eu tivesse o 5º ano já podia ir a chefia.

D: Ok.

E5: E eu fui para a escola por causa disso. Que eu queria ser enfermeiro, ir tirar o curso. Só que eu espalhei-me ao comprido.

D: Isso quando tinha vinte e dois anos mais ou menos.

E5: Vinte e dois anos. Foi quando saí da tropa.

D: Hum, hum.

E5: Como não consegui tirar o curso de enfermeiro fui tirar o curso de massagista. Foi nessa altura que eu troquei.

D: Saiu da escola novamente.

E5: Aí é que fui para a escola, para o Externato Camões. Só que eu ia lá e achava que os professores não ensinavam nada, pronto. Ainda estava naquela fase que eu estava mais desenvolvido, pensava eu, pensava eu. Porquê? Porque o ensino de antigamente era diferente. Saber o que era as serras, os comboios, não sei quê, quer dizer, não tinha aquela atração que tem hoje. E então uma pessoa está ali a fazer o quê? Aquilo não me dizia nada e então para estar ali não venho.

D: Desistiu.

E5: Não consegui mesmo. E foi aí que eu parei de estudar por completo. E depois regressei trinta anos depois.

D: Ok. E muito bem, muito bem. Então quanto tempo ficou sem frequentar a escola?

E5: Então, vinte e dois, quarenta e dois, uns trinta e tal.

D: Ok.

E5: Trinta e cinco aproximadamente.

D: Está bom. Houve então a rutura na sua trajetória escolar. Houve duas ruturas, digamos

assim. Uma logo a seguir ao 1º ciclo. Você decidiu ir trabalhar. E depois...

E5: Ainda tentei começar a fazer o 2º ano e o 5º, só que aí é que foi o meu fracasso.

D: Ok. E depois, dez anos depois quando veio da tropa, no curso de enfermagem tentou fazer o 2º ciclo. E depois mais dez ou vinte anos depois fez o 3º ciclo e o secundário

E5: Não, não. Porque é assim. Nessa parte aí não existe nada, aí é que está, isso é que é o vazio.

D: Sim.

E5: Porque é assim: eu venho da 4ª classe, não é, comecei a trabalhar, esqueci a escola.

D: Ok.

E5: A escola morreu. Depois como venho da tropa e senti-me mal, não é, já me estava a sentir mal, tinha dois caminhos a percorrer: ou ia para a enfermagem que era aquilo que eu queria, que era aquilo que eu exercia, não é; ou tinha que arranjar uma coisa paralela. Uma coisa parecida com a enfermagem. O que é que eu optei? Fui para a escola tentar o 5º ano para ir para enfermeiro. Porque o 2º ano já não me satisfazia para enfermeiro de segunda. E então queria ser enfermeiro a sério. E então quis ir para a escola. Só como o fracasso foi tão grande na escola, eu parei por completo. Quer dizer, não cheguei a fazer o 2º ano. Porque aquilo era 1º e 2º ano.

D: Mas porque chumbou, ficou retido?

E5: Eu chumbei. Só passei a duas disciplinas. O resto chumbei tudo.

D: Ok.

E5: Porquê? Porque eu só em faltas, o segundo período nunca mais lá fui. Só apareci lá no dia do exame.

D: Ok.

E5: Pronto. E os professores por muito boa vontade que tivessem...

D: Claro.

E5: Mesmo assim para passar era preciso 3, na altura, e eu tive 2 em tudo.

D: Pois, na escala de 1 a 5.

E5: Na escala de 1 a 5 tive 2.

D: Hum.

E5: Por isso foi mesmo impossível. Fiquei desmotivado e nunca mais liguei à escola.

D: pronto. Abandonou completamente.

E5: Quando foi agora esta, trinta anos depois, quando a minha sobrinha me falou na escola, eu fui fazer um exame com a 4ª classe. Que eram os exames que apareceram à noite, que as

peessoas iam fazer o exame para ver as suas capacidades e depois entrava logo.

D: era um teste diagnóstico.

E5: Sim. E depois entrava logo para aí. Pronto. Eu como passei no teste ...

D: Digamos que não fez o 5º nem o 6º.

E5: Não.

D: Ok.

E5: Fui logo para o 7º.

D: Sim senhora.

E5: E fiz o 7º, 8º e 9º em dois anos. Ou seja, no 7º andei a nadar, porque aquilo como eram capitalizáveis eu jogava com ... o 8º e o 9º fiz num ano.

D: Ok. Vamos agora falar, antes de entrar no ensino secundário, do ambiente familiar e social. Atualmente estuda em casa?

E5: Sim.

D: Em espaço próprio?

E5: Sim.

D: E então agora gostava que me falasse da vida escolar no Camões, no ensino secundário.

E5: Bem, a vida no Camões é um bocado diferente. Porque é assim: eu venho da Rainha D. Leonor onde arranjei muitas amizades. Isso transporta para o Camões já outra maneira de ver as coisas.

D: Mas não conhecia lá ninguém?

E5: Não. O Camões é completamente... ou seja, até é mais interessante. Eu não queria ir para o Camões, que é o mais importante. Eu queria continuar ali.

D: No D. Leonor mas não havia...

E5: Porque era ali que eu me sentia bem, era ali que eu conhecia todos os cantos à casa, que era bem tratado por toda a gente, ainda hoje, não é? E era ali que eu queria continuar o projeto. Só que, como não havia essa área de contabilidade, ou seja, o campo que eu queria seguir não dava porque não havia Economia, não havia Contabilidade não havia nada que eu pudesse seguir esse caminho. Eu comecei a pensar que então tinha de escolher uma escola. E como a minha sobrinha tirou o curso no Camões disse: então vais para o Camões porque é muito bom. E tem lá excelentes professores. E eu fiquei assim um bocado reticente. Mas como ficava perto de minha casa...

D: Escolheu o Camões.

E5: Escolhi o Camões.

D: Ok.

E5: E aí é que vem a história do Camões. Depois a partir do Camões, como eu já vinha com outra preparação de amizades, não é, comecei a criar as amizades ali.

D: E agora diga-me uma coisa. Tem alguém que o ajude se tiver alguma dificuldade quando estuda?

E5: Não.

D: Não tem ninguém.

E5: Nunca tive.

D: E o que é que faz quando não estuda?

E5: Trabalho.

D: E quando não trabalha? Nos seus momentos de lazer o que é que faz?

E5: Os meus momentos de lazer são muito preenchidos, não tenho assim ... porque eu, pronto, como tenho uma casa, como é que eu hei de explicar? Uma casa que tem tudo, não é?

D: Sim.

E5: Isolo-me um bocado na casa.

D: Hum, hum.

E5: A ver vídeos, a ver filmes. Pronto. Tenho o meu espaço reservado que me isolo ali. Quando não é isso ando em viagens.

D: Boa. E costuma sair com os colegas da escola?

E5: Com os colegas da escola não. Embora tenha muitas amizades, mas colegas da escola nunca aconteceu. O que aconteceu foi no Camões. Nós fizemos um pequeno grupo e ficámos bastante amigos todos nós. E eles acabaram por frequentar a minha casa. Eu frequentar a casa deles, não aconteceu.

D: Ok. E qual o papel da família na sua vida?

E5: A família é muito importante.

D: Hum, hum.

E5: Eu sou muito ligado à família.

D: Pais, irmãos, cunhados, primos?

E5: Pais não tenho. Irmãos tenho dois, mas é como se não tivesse, não é, pronto, mas isso ... Agora, a minha família tenho amigos muito próximos, tenho a minha mulher e tenho o meu cunhado, tenho a sogra e é pouco.

D: Ok. E diga-me uma coisa. Uma vez que há bocado focou este assunto. Como é que é,

neste momento, o seu convívio com a sua família? Uma vez que eles todos têm um curso superior e você digamos que era o patinho feio, hehehe.

E5: É assim: estamos a falar antes ...

D: Hum, hum. Exato. E agora?

E5: agora não me sinto assim porque eles já não existem, entre aspas. Porquê? Tem tudo uma razão de ser. Porque é assim. A minha família, minha família mesmo, os meus pais faleceram os dois. Fiquei só. O meu irmão como tem, trabalha, tem um cargo grande *Herbalife* anda sempre fora. Ou está no Brasil, ou está em Espanha, ou está não sei aonde, nunca cá está. A gente vê-se de dois em dois anos, de três em três anos.

D: Hehehe.

E5: As minhas sobrinhas é que vejo. Quando tenho qualquer coisa, todos os dias trocamos emails e quando estamos, pronto, isso falamos. Mas só em festas, quando fazem anos, quando há casamentos, batizados ou coisa assim é que a gente se encontra. Em casa, pronto, sinto-me entre aspas sozinho porque fecho-me no meu casulo.

D: E o que é ser jovem para si, hoje?

E5: É muito complicado, é muito complicado, eu gosto muito da juventude do meu tempo. Esta juventude, não me identifico muito. Porque eu também tive os meus momentos, como se a gente for a começar a conversa do início, também tinha a mania que sabia tudo, não era? Também fui rebelde como certas pessoas agora são. Só que as pessoas agora são rebeldes mas não têm consciência daquilo que são. São pela parte negativa. Eu costumo dizer: a liberdade é muito bonita quando a liberdade é para nosso bem. Agora se a gente utiliza a liberdade para prejudicar outros, deixa de ser liberdade. Há qualquer coisa que não ... E a juventude de hoje é isso. Tratam-se mal uns aos outros, não são amigos de ninguém, não sei. Falam de uma maneira, uma linguagem que não sei. Embora que eu sou, considero-me uma pessoa moderna, não é? Mas há coisas que, na maneira como a gente se trata uns aos outros, tratar por você, ... eu não estou a dizer que não sou mais amigo ou menos amigo da pessoa. Mas há certos tratos que as pessoas têm de ter noção do que é. E o tu para aqui... não quer dizer que ... os meus afilhados tratam-me por tu e eu não levo a mal. Não é esse “tu” que eu falo. Eu falo é o “tu” de desprezo, que eu ...

D: Ok.

E5: Qualquer dia aí ... por isso não me identifico muito. E também não me identifico muito, que isso é a parte mais grave, que é os filhos com vinte e três, vinte e quatro, trinta anos e às vezes mais, entrarem em casa sentadinhos e os pais que os aturem. Isso é o que eu acho.

Pelo menos ajudem os pais, já não peço muito. Mas nem isso. Ajudam é a prejudicar os pais. Tenho amigos assim.

D: Está a falar a nível financeiro?

E5: Tudo, tudo, tudo. Os pais chegam agora á altura da reforma e eles são uns senhores, com bons ordenados e não sei quê e acabam por não ter porque os filhos nem querem trabalhar, nem querem ir para a escola, não querem fazer nada, não é? E o pai se obriga é porque é mau, é isto, é aquilo, não sei quê, tem todos os defeitos. Se não obriga dá-lhe um computador para poder brincar em jogos, eles ficam todos satisfeitos e não fazem mais nada.

D: É verdade.

E5: E quando vão trabalhar estão lá três meses.

D: É verdade, é verdade. Vamos falar agora um pouco da motivação. E vamos se calhar repetir-nos. O que é que é que levou o Fernando a voltar à escola? Que causas de natureza prática, profissional e pessoal, o fizeram voltar á escola?

E5: Primeiro: pessoal, porque me sentia ultrapassado. Sentia-me mal perante a sociedade. Profissional porque nunca quis ser um mero empregado. Gosto de ser mais qualquer coisa. E então, eu considero-me .. não, as pessoas é que me dizem, mas eu considero-me, entre aspas, um líder. Como líder que tento ser, tenho de ter capacidades para o ser. Porque senão sou um falso líder e isso, para mim, não fico bem. Por isso obrigo a incentivar a escola. Porque quero ser sempre mais. Quero estar sempre no comboio da frente. Não quero ser o melhor. As pessoas às vezes interpretam ...

D: Hehehe.

E5: Não. Mas é que as pessoas às vezes interpretam as coisas mal. As pessoas às vezes quando pensam que uma pessoa está no grupo da frente quer ser o protagonista. Não é o meu caso. Eu, e temos o exemplo do Luís de Camões, éramos cinco, e eu levei os cinco ao colo e fui o único que ficou de fora. Por isso não é esse o caso. O caso é que eu gosto de estar sempre nesse grupo. Mesmo que seja, eu antes quero ser o pior dos melhores do que o melhor dos piores.

D: Ok. Então e agora vamos falar novamente do Camões. No Camões, no Ensino Secundário, o que é que o marcou mais positivamente e o que é que o marcou mais negativamente, na sua passagem pelo Ensino Secundário e porquê? Nos três anos que estive no Camões.

E5: Eu negativamente não posso dizer nada porque eu até tive, até fui rico com isso. Derivado também à minha humildade, não sei. É difícil falar, concretamente falar de uma escola que mudou muita coisa. Mas o essencial, eu vou falar pela positiva, porque a negativa não

sei. Negativa só, só poderia falar que a escola tem condições para estar melhor do que está. Mas isso tínhamos de ter uma grande conversa. Porque a escola tem capacidades, tem pessoas humanas lá dentro, tem pessoas que sabem ensinar, tem boa estrutura, tem um grupo estável, porque eu estive no Conselho Pedagógico e vi tudo isso, só que depois nas pequenas coisas e nas coisas mais humildes não conseguem dar vazão. E depois entram, sei lá, no ridículo. É um palavrão muito grande, mas entram em coisas que a escola podia dar, tem condições para isso e não dá porque, não sei, pronto. Eu na parte negativa tenho muito pouco a dizer.

D: Isso a nível de escola. E a nível de colegas, a nível de professores, a nível de...

E5: Colegas.

D: ... conteúdos, que o marcou mais positivamente ou negativamente?

E5: Bem. Positivamente, a respeito de professores, lá está, vem também da pessoa em si. Como já venho da Rainha D. Leonor com bastantes amizades com os professores e com os alunos, claro, mas e porque não foram só professores, tenho amigos colegas. Mas a nível de professores, a diferença que há logo à partida vem da educação, da pessoa em si, não é? Que eu sou uma pessoa que sou transparente, sou uma pessoa humana, sou uma pessoa que tento mostrar às outras pessoas e não arranjar... e isso obriga que as pessoas também sejam sinceras comigo. Por isso, como já venho da Rainha D. Leonor com bastantes amizades comecei a criar logo. Por isso é que a escola, em si, é como se estivesse em casa. Não achei diferença de escola para escola porque comecei logo a criar o meu habitat.

D: Amizades.

E5: Habitat. E então, não é por acaso que eu tinha, tinha e tenho, os números de telefone dos professores todos. Quando havia qualquer coisa, ou o professor não podia, ou qualquer motivo, ligava-me: ó Fernando, avisa a turma que eu não posso ir, ou algum motivo, e eu é que avisava as pessoas todas.

D: Também era o delegado de turma, não era?

E5: Era. E tudo isso obrigava a ganhar uma certa amizade. Não foi por acaso que para o ...

D: O Pedagógico.

E5: Aí também ganhei certas amizades. Comecei a ser conhecido em toda a escola e isso deu-me um traquejo para obrigar a eu também ter sentido de responsabilidade. E pronto, e depois as amizades criam-se.

D: Ok. E diga-me uma coisa. Considera o estudo essencial para melhorar de vida?

E5: Sim, sem dúvida, sem dúvida.

D: E que expectativas tem hoje, para o futuro?

E5: Bem, as expectativas são muito grandes. E lá está: primeiro quis fazer o 9º ano; depois não fiquei contente e quis fazer o 12º; agora já estou a tentar entrar no ISCAL, quero fazer a licenciatura; mas já estou a pensar, se tudo correr bem, ser técnico oficial de contas; e depois, a partir daí, não sei o que será. Quer dizer, eu já não me estou a ver sem estudar.

D: Hum, hum.

E5: Não quer dizer que consiga. Mas já não me estou a ver sem estudar. E também obriga, é uma maneira de eu fugir do meu casulo.

D: Ok. Isso é importante. E diga-me uma coisa. Como é que arranjava disposição para estudar à noite?

E5: Por muito querer.

D: Hehehe.

E5: Só. E sentido de responsabilidade. Não é por acaso que eu, em trinta e um anos, ou trinta e dois de casa, só devo ter faltado duas vezes ao trabalho. E uma delas ligaram-me para casa porque pensavam que me tinha acontecido alguma coisa, porque não estavam a ver eu chegar um dia atrasado. E também não é por acaso que no Camões, como na Rainha D. Leonor, não tive faltas.

D: Hum, hum. Isso é verdade.

E5: E chegava sempre mais cedo.

D: Também é verdade, hehehe.

E5: Por isso, é uma maneira de uma pessoa, pronto, já estamos tão enraizados. Eu quando ia para a escola, agora, estamos a falar de responsabilidade...

D: Claro. Estamos a falar desta última fase.

E5: Eu quando ia para a escola, eu neste momento era um trabalho que estava a ter. e como trabalho tinha de o respeitar.

D: Ok.

E5: E então levei isso como um trabalho. Por isso é que eu estava lá todos os dias à mesma hora e todos os dias saía à hora que...

D: E aos fins de semana? Qual é o lugar da escola?

E5: É muito pouco. Como tenho duas casas, sustentar duas casas é complicado. E quando vou para a casa de campo esqueço-me de que tenho escola, não é? Pronto. Só quando havia certos professores que me obrigavam a trabalhar.

D: Como a professora de Português, não é?

E5: Hehehe.

D: Era uma chatice... hehehe.

E5: Mas é muito complicado. A Sr.^a. Doutora tem que ver que derivado a esses pequenos trabalhos que parecem normais, temos que ver, estamos a falar de gente casada, com filhos. E eu tive uma altura em que tive o meu casamento muito pendurado, como se costuma dizer, derivado a isso.

D: Derivado à escola ou aos trabalhos que tinha de fazer?

E5: Derivado à escola. Porquê? Porque a esposa queria ir para ali, ou queria ir para acolá e eu não podia que tinha de estar a estudar. Isto parece que não, as outras pessoas não ... por um lado apoiam, dizem que sim senhor, tudo bem. Mas nas alturas certas e nas alturas críticas as pessoas trocam, não é? E querem antes o seu bem-estar, não é? E esquecem-se que o outro está a fazer um sacrifício.

D: Hum, hum.

E5: Isto não lhe estou a fazer uma crítica.

D: Claro, claro. Mas é importante...

E5: Mas tem que ter muito cuidado porque a gente não se apercebe o sacrifício que é uma pessoa estar... às vezes vale mais estar duas horas, três horas, isto é um exemplo, um trabalho a fazê-lo na escola, não prejudica ninguém e ninguém tem nada a ver com isso, do que ir para casa fazer as outras pessoas passarem por aquilo. Porque a mulher quer ir para aqui, quer ir para acolá e uma pessoa está no computador, esquece-se que é casado.

D: Hum, hum.

E5: Já não falando de quem tem filhos. A mulher vai começar a dizer: não tratas dos filhos, não tratas de nada. E foi isso que, tive um grande problema no meu casamento derivado a isso, mas foi passageiro também.

D: Claro. Mas fale-me um bocado sobre isso. É importante.

E5: Porquê? Porque eu esqueci-me que era casado. E comecei a ser um bocado egoísta, comigo próprio. Com aquela coisa de querer vencer e de me sentir limitado ...

D: Apresentar as coisas

E5: ... e querer, porque sabia que era ali que tinha de apostar tudo porque na outra parte era mais fraco e não podia competir com os meus colegas.

D: O que é isso de sentir-se limitado?

E5: Porque eu não venho, não tenho uma base escolar.

D: Ok.

E5: Eu tenho um vazio.

D: Ok.

E5: E aquilo que eu aprendi na primária digamos, não é, não tem nada a ver com o secundário, não é. É uma coisa totalmente distinta. E tudo aquilo que eu fui apanhar, foi tudo novo.

D: Hum, hum.

E5: Foi tudo novidade para mim. O que me valeu a mim foi a experiência que eu tive durante estes anos todos, com a experiência da vida, não é, que me obrigou a ter certos conhecimentos. Porque eu não tinha estudos, não tinha cultura geral, mais ou menos.

D: E esse esforço que o Fernando fez não motivou a sua mulher a ir estudar mais?

E5: Não, Não.

D: Pelo contrário, foi?

E5: Não, não, não. Nem uma coisa nem outra. Porque ela, ela como cultura geral tem bastante, isso tem. Pronto. É uma pessoa que a nível de português não dá erros, fala bem, sabe um pouco de tudo, está sempre na Internet. Pronto. É uma pessoa bem, bastante informada. Agora, a nível de estudos, nunca precisou porque o emprego dela, também é uma pessoa de longa duração e não pensa, pronto. Hoje em dia a única coisa que a gente podia fazer era ser empresários, porque também tenho uma loja fechada, nunca quis. Aí foi um fracasso mesmo, mas pronto, mas está lá. Tenho a loja. E então ela nunca precisou de ter mais do que tem. Porque para o trabalho dela ...

D: Chega.

E5: ... ela está no máximo, no topo, não é?

D: O que é que ela faz, já agora?

E5: Ela é contabilista.

D: Hum, hum.

E5: Mas estive muitos anos, era o braço direito da chefia Giovanni Galli.

D: Sim, sim, de roupa.

E5: Ela é que era o braço direito do patrão, ela é que fazia toda a contabilidade. Só que ela depois, quando teve o esgotamento, quando as coisas estiveram assim um bocado tremidas, ela então saiu de lá e veio para aqui. Aqui está mais sossegada.

D: Para aqui?

E5: Para aqui para a empresa onde ela está agora. Pronto. É mais sossegada, é uma firma pequena, só tem quatro ou cinco empregados.

D: Hum, hum.

E5: É diferente.

D: Ok.

E5: E pronto, ela está mais à vontade e é aquilo que ela gosta.

D: Mas estava a falar da crise que houve no seu casamento devido à escola.

E5: Sim. Aí é que a crise é o seguinte. Porque não quer dizer que seja com toda a gente.

D: Claro, hehehe.

E5: Cada caso é um caso. Eu estou a falar no meu caso pessoal que acho que direta ou indiretamente vai acontecer a toda a gente. Que é o seguinte: nós temos que vencer, não é. Quando eu digo que não tinha capacidades é derivado a ter aquele desfasamento da primária com o 9º ano, e do 9º para o 12º. Automaticamente a maneira de ensinar é totalmente diferente, os colegas até mesmo são diferentes, a maneira de convívio são diferentes, embora que eu lá nisso à noite fui privilegiado por causa que já pessoas de faixa etária mais elevada e já têm outra educação, não é. Mas mesmo assim nota-se diferenças. E depois uma pessoa como a escola é feita de dois termos: um de trabalhos e outro estudo, não é. Eu como em estudo estava um bocado aéreo...

D: Tinha de investir mais...

E5: Tive que investir no trabalho que era aquilo que eu sabia fazer, que é a minha prática destes anos todos. Sempre foi em luta constante. Como eu subi do zero até ao topo é aí que ganhei certas práticas de sempre lutar por um objetivo. Por isso é que os meus trabalhos sempre tinham algo de novo.

D: E mudaram bastante, do 10º para o 12º, mesmo a nível de Informática melhoraram.

E5: Mas ó Sr.^a Doutora, mas isso porque é que melhorou? Porque uma coisa é a criatividade, outra coisa é a falta de saber.

D: Hum, hum.

E5: Porque eu não tinha bases. Como não tinha bases, não é, era tudo, a criatividade que eu tinha era tudo do quotidiano, não é. Por isso, depois juntei uma coisa à outra e comecei a melhorar. Eu se calhar se for agora fazer um trabalho para a faculdade já vou com uma preparação totalmente diferente.

D: Claro.

E5: Porquê? Por duas razões: primeiro, já não faço tão aereamente.

D: Claro.

E5: E segundo, já tentar documentar.

D: Claro, sim. Mas está-me a fugir. Eu quero saber como é que a sua mulher reagia. Porque

por um lado dava-lhe força para continuar, não é? Mas depois por outro

E5: Em conversa dava-me força para continuar, tudo bem. Mas depois, nos momentos críticos, que é ao fim de semana, que eu tinha de ficar o fim de semana a fazer os trabalhos em casa, não é, e que ela queria ir para a outra casa de campo, e queria ir para a praia, e queria ir para aqui, e para acolá, e não sei quê ...

D: Desanuviar um bocado!

E5: Porque tinha uma semana também puxada, não é.

D: Claro.

E5: E era ao fim de semana que ela queria ir para aqui e para acolá. E eu não podia ir, não é. Ou ia e não fazia os trabalhos ...

D: Hehehe, pois.

E5: ... que era mau! Ou então tinha que fazer os trabalhos e esquecia-me um bocado dela. E eu, com o sentido de querer sempre subir mais esquecia-me dela.

D: Hum, hum.

E5: E pronto. E como ela também fechava-se um bocadinho, porque não queria quebrar, isso, não é, começou a haver um desfasamento.

D: Hum, hum.

E5: Começou a haver um distanciamento. E foi isso que começou aí a haver, até que tivemos uma conversa.

D: Uma conversa para por as coisas no lugar.

E5: E aí comecei a sentir-me diferente e já comecei a conciliar as duas coisas. E pronto, e passou.

D: Ok. Ainda bem. Diga-me uma coisa, Fernando. Sobre o curso que escolheu, que foi de contabilidade, um curso técnico, não é? Um curso profissional ou tecnológico?

E5: Tecnológico.

D: Tecnológico. Fale-me um pouco das disciplinas do curso.

E5: Ah. Eu, eu às vezes fico um bocado perplexo com tudo o que é o nosso ensino em geral. E isto é uma delas. Porque eu mete-me confusão como é que um curso, bem estruturado, com bastantes capacidades, e a gente tem a prova disso, que não foi por acaso que a gente no final mostrámos resultados, mete-me confusão como é que num ano, o curso aparece e desaparece.

D: Pois, foram só os três anos do curso e acabou.

E5: E acabou. Fizeram-nos o diploma quase por favor, mas apareceu, e as outras que vieram

a seguir já não têm nada disso. Têm as Novas Oportunidades, que não se chega a saber o que é que aquilo, para que é que aquilo serve. O curso está bem estruturado, tinha bons professores e podemos falar nisso, que eu estou à vontade para falar, acho eu que são bons professores, porque senão também não diria, morreu, pronto. E essas pequenas coisas. E eu estou a pagar, se calhar, não é o meu caso. Eu por acaso não estou a pagar isso porque até fui beneficiado nesse sentido: ter bons professores e ter feito um curso como deve ser. Mas se calhar outros que vêm agora a seguir, quando forem para a faculdade vão ter grandes problemas porque não foram preparados assim. Porque as Novas Oportunidades são muito bonitas, não é, mas é para as pessoas que querem ficar onde estão. E a gente tem de admitir que hoje em dia uma licenciatura, se calhar é analfabetismo. Vamos chegar a um ponto que vai ser assim. E isso temos de ter muito cuidado nesse sentido.

D: Ok Fernando. E agora diga-me, vamos passar para a última parte da entrevista que é sobre as expectativas. Quais são os seus principais projetos de vida daqui para o futuro?

E5: Bom, o meu projeto de vida, neste momento tenho dois, que é: ser técnico oficial de contas, que é para concluir a loja que tenho que está fechada.

D: Hehehe.

E5: Quero ver se faço lá um ...

D: Gabinete de contabilidade.

E5: ... gabinete de contabilidade, que vai ser o meu futuro. Mas agora, concretamente, o que eu quero neste momento é ser secretário-geral da empresa onde estou.

D: Hum, hum.

E5: Ou seja, quero chegar ao topo de tudo.

D: Ok. E diga-me uma coisa. Valeu a pena voltar a estudar?

E5: À sim, valeu muito em todos os sentidos. Primeiro, porque sinto-me mais realizado e vejo, vá lá, o mundo de outra maneira, não é? Mas, e por outra, acho que o estudo em si acrescenta sempre mais qualquer coisa.

D: Ok Fernando. E diga-me uma coisa, só para terminar. Voltar para a escola trouxe mudanças na sua vida pessoal, na sua vida familiar e na sua vida pessoal?

E5: Na profissional sim.

D: Subiu mais?

E5: Não subi mas deu-me vontade de querer subir.

D: Hum, hum.

E5: Por enquanto ainda não subi. Porque eu já estou no topo do topo, não é. Ou seja, resu-

mindinho para não chatear muito é assim: eu quando vim para cobrador, cá para fora, já tinha o lugar de chefe de secção que seria talvez o ponto mais baixo, ou seja, a seguir um secretário-geral, um chefe, pronto, seria o posto abaixo. Mas como eu vim cá para fora e como trabalho à percentagem consigo ter mais ordenado que o chefe e mais ordenado se calhar que o secretário-geral, se eu quiser. Isso deu-me um mal-estar. Porquê? Porque eu não posso agora voltar lá para dentro porque eles não me podem dar o ordenado que eu tenho hoje em dia, a fazer o trabalho que faço. Agora a única hipótese que eu tenho é ter outra atividade, ou seja, trazer mais riqueza àquilo que lá está. E o que é que eu quero? Quero modificar a estrutura. Quero ir para a chefia, quero dedicar-me aquilo tudo que aprendi pôr em prática e levantar a firma ainda mais do que o que está. Pronto.

D: Ok. E diga-me uma coisa Fernando, o que é que significa, hoje, escola na sua vida?

E5: A escola hoje em dia na minha vida é mais saber. Significa talvez um pouco de independência. Sinto-me mais independente. Ficava mais dependente de mim próprio e das distâncias. Agora não, já estou mais aberto para com o mundo e também para a parte realizada.

D: Ok.

E5: Agora já tenho objetivos. Já tenho, já me sinto ativo, digamos. Dantes não. Deixava-me andar. É como o mar estagnado.

D: Hehehe. Ok. Então diga-me uma coisa, Fernando. Em que é que contribui para o seu desenvolvimento pessoal e social e apara o seu bem-estar ter voltado na estudar vinte, vinte e tal anos depois? Em que é que contribuiu?

E5: Para mim contribuiu no sentido, contribuiu muitas coisas. A primeira, contribuiu para eu ver a vida de outra maneira.

D: Como assim?

E5: Vamos lá ver. Eu agora já consigo entender quando as pessoas falam que o país está mal, que o país está bem, porque é que está mal, porque é que está bem. Eu quando vejo as notícias todos os dias na televisão consigo decifrar o que é que eles querem dizer com certas notícias que nos apresentam. Dantes era tudo normal. Dantes eu sabia que havia filmes, que havia notícias na mesma, mas as notícias vinham a conta gotas, não é, e o que vinha já era escolhido e mais escolhido. Hoje não. A gente sabe em tempo real tudo.

D: É verdade.

E5: E isso leva-nos a gente também ter capacidade de conseguir raciocinar ao ponto de saber o que é que eles estão a transmitir para nós.

D: E o que contribuiu a escola, ter voltado à escola depois desse *décalage* todo vinte anos ou

vinte e tal anos depois, para o seu bem-estar?

E5: À sim, sinto-me muito mais seguro. Sinto-me mais sociável. Não tem nada a ver. Eu agora já não tenho medo de ir seja para onde for, esteja com quem estiver. Eu agora tanto falo com uma humilde pessoa como com um Presidente da República.

D: Ok.

E5: Não sou esquisito.

D: Hehehe. Ok.

E5: Não tenho problema nenhum.

D: Fernando, quer acrescentar mais alguma coisa?

E5: Não...

D: Sobre o seu percurso escolar, sobre as suas motivações, expectativas.

E5: A única coisa que eu queria acrescentar, talvez, é a maneira como a escola, em sim, poderia dar mais. Porque não é o facto de dar ... Eu vou-lhe dizer uma frase que não é minha. Não é o facto de darem um Ferrari a uma pessoa que a pessoa anda mais depressa ou mais devagar. Só anda mais depressa se tiver carta, não é? Se não tiver carta se calhar, se não souber conduzir, não anda, não é? Com tudo é a mesma coisa. Não se deve dar um computador a um aluno se não ensinarem como ele trabalha. Se não houver bases, não é? Agora, há coisas que eu também não entendo no ensino. Eu não posso entender como é que os alunos, não é uma crítica mas um facto ...

D: Claro.

E5: Eu não posso admitir como é que uma pessoa anda três anos a ter uma média, não é, e depois com um simples exame, não é ...

D: Está-me a falar do exame a nível nacional? De acesso à faculdade.

E5: Um simples exame ...

D: Em hora e meia.

E5: Se os de dia fazem média e acabam por chegar aos seus objetivos, os de noite, como são excluídos da sociedade, porque são como se não fossem, como se não tivessem lá a estudar e estão, não é? São não presenciais, vão fazer exames não presenciais. A nível de exame competir com toda a gente, no fundo, não é? Miúdos e graúdos que têm, que andam um dia inteiro a estudar, não é? E uma pessoa que à noite só tem aquele espaçozinho, que vem de oito horas de trabalho e que faz os sacrifícios que a gente já esteve aqui a falar e tem que competir com essas pessoas e mesmo assim não nos dão as mesmas garantias. Mesmo que, e eu falo por mim.

D: Claro.

E5: se eu tivesse que estudar, que tenho, indiretamente não é assim mas quase ...

D: Claro.

E5: ... porque a matéria é a mesma, não é?

D: É.

E5: Por isso não é por aí também. Mas se eu tenho que estudar em menos horas e com mais cansaço, tudo, por isso também era justo que eles me dessem também as mesmas regalias.

D: Ou seja, que o exame entrasse na média como ..

E5: Ou então fizessem como faziam antigamente. Porque as pessoas que mudaram as leis agora, foram as mesmas pessoas que todos os anos tinham direito a mais meio valor, não é? Que até isso acabaram.

D: É verdade.

E5: Se isso se mantivesse, eu agora este ano não tinha gasto quatrocentos, seiscentos euros, para estar a fazer o meu curso zero, porque eu tenho média para entrar à primeira.

D: É verdade.

E5: E assim estou aqui a marcar passo.

D: É verdade.

E5: Paguei seiscentos euros, mais cem de exame, já são setecentos e ...

D: E um ano que ...

E5: ... e nem sei se vou entrar.

D: Claro.

E5: Não é?

D: É verdade.

E5: E estão lá pessoas que têm menos habilitações que eu.

D: É verdade.

E5: Isto é que é a minha revolta. Mais nada. Isto é um dos fatores que eu acho negativos. E o outro que eu acho negativo, também, é, o outro que eu acho também que é negativo é as pessoas não sei Aí não sei dizer bem ... queria dizer ... agora passou-me.

D: Queria acrescentar duas coisas. Era essa, portanto, essa injustiça ...

E5: Ah! Já me lembrei. E outra coisa que eu não consigo entender, como é que eu andei a fazer o 10º, o 11º e o 12º em Matemática, com máquina calculadora, não é? Tive de comprar uma máquina toda sofisticada ...

D: XPTO.

E5: ... para fazer o 12º ano. E agora, na faculdade não a posso levar, porque não é permitido. No ISCAL não é permitido máquinas calculadoras.

D: É tudo de cabeça.

E5: Estou a aprender tudo de novo. Conclusão: aquilo que na máquina é só carregar no botão, agora estou na faculdade a aprender como é que se faz isso.

D: Pois, não sabia de todo.

E5: Isso é que é a parte negativa, não é

D: Do ensino ...

E5: O papelinho que nos dão lá é que máquinas calculadoras não são permitidas na escola. Agora digam-me como é que uma pessoa que não tem bases, ...

D: Que se adaptou á máquina

E5: que se adaptou à máquina ... porque o professor ...

D: fazia parte do programa!

E5: ... os próprios livros dos manuais diz como é que a máquina funciona.

D: Pois.

E5: Os próprios livros só falam da máquina, não dizem mais nada. Não diz mais nada. As pessoas baseiam-se naquilo. A gente faz o 12º ano baseado naquilo. E depois vai para a faculdade ...

D: E não é assim.

E5: ... e eles falam de chinês, não é, porque dizem como é que a máquina fala. Porque as máquinas, até nisso, coiso. Porque as máquinas são chinesas, não são portuguesas, não é. Porque a gente até quando comprava a máquina vem chinês, inglês mas em português não existe.

D: Pois.

E5: O mais parecido é espanhol. Por isso, até nisso, mas pronto, é o que temos.

D: Ok. Fernando, muito obrigada.

Entrevista – M (35E6:52s)

D: Ok M, então vamos fazer esta entrevista, isto é para o meu doutoramento e o que eu quero saber é porque é que os alunos voltam á escola depois de tantos anos de terem interrompido. E por isso vamos conversar, devagarinho desde... Quase o seu início escolar... está bem?

E6: Está bem.

D: Que idade é que tem o M?

E6: Tenho 57

D: Ah é um jovem... ...

E6: Dia 8 faço os 58

D: Ah é depois de amanhã, ou depois de não sei quantos, está bem. E.... nasceu onde?

E6: Numa aldeia nos arredores de Castelo Branco que se chama Escálos de Baixo

D: Ah Escálos?

E6: Sim

D: Escálos de Baixo, Castelo Branco, Ok. E com que profissão?

M, Como profissão, comecei a trabalhar no Ministério da Economia, entrei com 14 anos, comecei a trabalhar como paquete, concebi-me até á tropa, até entra prá tropa, Na tropa, portanto, conheci a minha mulher depois casámos, pedi a demissão do coiso. Em 1985.... Em 1981 regressei de França a Portugal, estive lá desde 1974 até 1980, e quando regressei entrei na Câmara Municipal de Lisboa....

D: E está lá até hoje

E6: E estou lá até hoje

D: Ok

M, Comecei por baixo depois subimos...

D: E agora é fiscal de obras.

E6: Sou fiscal de Obras.

D: Diga-me uma coisa e os seus pais o que é que eles fazem?

M Os meus pais ... O meu pai começou a vida dele como canteiro

D: Também na Câmara?

E6: Não, nos Escálos de baixo... pois com 32 anos prá ai, veio com a família para Lisboa coma família e veio uns anos prá Câmara e depois passou pró Instituto dos produtos Flores-tados.

D: Está bem.

E6: Portanto, fez o resto da vida dele na função pública.

D: Ok.

E6: A minha mãe também entrou prá função pública, foi contínua de escolas.

D: Pronto, sim, está bem. E a escolaridade deles?

E6: Era a 4ª classe

D:.... tanto de um como de outro.

D: E tem irmãos?

E6: Tenho.

D: Muitos?

E6: Dois.

D: E então?

E6: Um está formado, no ministério da Economia não sei como é, que +e o do meio, e o mais novo que é a rapariga, acabou agora o 12º ano também pelas Novas Oportunidades.

D: Ora muito bem, a gente já vai falar mais das Novas Oportunidades... E a sua mulher?

E6: A minha mulher portanto é auxiliar de ação educativa... começou a trabalhar em França com uma empresa que fazia tendas de campismo era costureira, quando viemos para Lisboa conseguiu emprego na Confraria de S. Vicente de Alcântara

D: E a Confraria de S. Vicente de Alcântara

E6: E portanto atualmente esta a trabalhar no jardim de infância como auxiliar de ação educativa.

D: Ok. E está gostar.... Ela. E a escolaridade dela?

E6: Tem a 4ª classe.

D: Ok. Sei que tem filhos, pelo menos um... eu conheço

E6: Tenho dois.

D: Eu só conheço um.

M, Tenho a filha que é a mais velha e tenho o rapaz que não conhece.

D: E então? Eles andam a estudar, trabalham?

E6: A miúda está formada em psicologia, o rapaz foi mais preguiçoso, não chegou ao 10 °

ano, não quis estudar, mas agora parece que vai voltar, também pelas Novas Oportunidades.

D: Vai ver se tira o 12º não é?

E6: É.

D: E a sua filha? Trabalha?

E6: Trabalha, está numa Cooperativa de Solidariedade Social... quer que diga o nome?

D: Não interessa. Não interessa.

E6: O meu filho está nos Sapadores Bombeiros

D: Ok. Portanto, trabalham ambos e continuam... e diga-me uma coisa ó M, como é que conseguia conciliar a escola e o trabalho?

E6: Com muito sacrifício mas quando há ideais, por vezes, consegue-se suplantar isso.

D: Acredito, acredito.

E6: seguiu-me durante 3 anos e sabe que às vezes ...

D: uma pessoa desanima...

E6: depois lá vai outro dia mais animado e depois outro e... depois o barquinho vai pá frente.

D: Tem de ir devagarinho... mas pronto. Olhe e diga-me uma coisa M, como é vivência a dificuldade de arranjar um emprego, de conseguir hoje emprego, isto não está fácil....

E6: A minha opinião é assim, acho que os nossos governantes não souberam prever o futuro. Porque se analisarmos estes últimos... vá lá... 15 anos, estas novas tecnologias, isto por exemplo o computador nos postos de trabalho, não há ninguém que tenha coragem de dizer que essa foi uma das causas e depois há outras, que é a concorrência também, que é feroz, e acho que isso contribuiu muito para situação que a gente ta atualmente.

D: E sobre o desemprego

E6: Sobre o desemprego, isto... ... Uma arrasta a outra e claro, se isto não melhora não vejo com bons olhos o futuro prós rapazes novos, e ou eles deitam a mãos á vida...

D: Mas em quê?

E6: Não... talvez.... Uma das coisas em que eu acho que deixámos comparar é a agricultura, deixámos comparar pela União Europeia. Isto é um dos fatores que a gente está a pagar e que é uma das coisas que talvez oferece alguma saída

D: Pois é a agricultura, pois as fábricas estão todas a fechar não é?

E6: E talvez tenham que abrir mão, porque senão de outra maneira, não...

D: Diga-me uma coisa, qual foi a importância da escola prós dias de hoje para si...

E6: Valeu o sacrifício, quanto mais não seja...em aspetos profissionais ainda não consegui essa mudança, mas foi uma espécie de avivar de memória portanto, eu tinha deixado de es-

tudar á 30 e tal anos, estudar outra vez foi um desafio muito grande.

D: Então vamos falar da primária, você fez do 1º ao 4º ano já cá em Lisboa ou foi lá?

E6: Comecei nos Escálos de Baixo, e depois quando foi na 3ª classe, acompanhei os meus pais que vieram para Lisboa e portanto vim com eles, acabei por fazer a 4ª classe cá em Lisboa e portanto vim com eles, portanto com 13 anos

D: Mas aí nunca chumbou ou abandonou?

E6: Chumbei 1 ano na 3ª classe.

D: Naquela transição...

E6: Depois em 1961 fiz o exame prá escola preparatória, estive a tirar o 1º ciclo em Pedro de Santarém,

D: Sim, que era o 2ª ciclo

E6: Sim... foi quando me surgiu a oportunidade de trabalho no Ministério da Economia, com 14 anos...

D: E, portanto,... Lá foi...

E6: Depois andei ali um ano que não estudei mais e comecei a estudar á noite na Veiga Beirão onde tirei o curso de comercial onde andei até que fui prá tropa e pronto, depois casei e larguei os estudos... andei aquele tempo todo sem estudar ate que surgiu-me uma oportunidade da reconversão profissional, precisava da reconversão profissional, e então na altura pediam o 9º ano, eu não sabia o que tinha porque nunca tinha pedido a equivalência e então dirigi-me ó Ministério da Educação e pedi equivalência aos estudos que tinha, e foi-me considerado o 9º ano para reconhecer profissionais, entretanto lançaram, as novas oportunidades com o 9º ano e enquanto eu aguardava o desenrolar do processo de reconversão profissional, pensei “não perco nada em ir terminar o 9º ano”. E fui,... Aquilo era uma vez por semana.

D: Onde, onde é que andou?

E6: Andei no CEFRAE

D: CEPARA

E6: Ali no Prior Velho

D: Ok.

E6: Numa escola profissional

D: Ok.

M Íamos lá á 5ª feira da parte da tarde e aquilo foi assim, tivemos que fazer um portfólio com as história da vida,

D: Aquilo que tinha feito até á altura.

E6: Até á altura., foi bom, o meu dossier até andou de mão em mão, foi reconhecido

D: Ah mas nunca me mostrou?

E6: Entretanto recebi informação lá da reconversão profissional, e mandam uma circular a dizer que algumas escolas em Lisboa estavam a abrir cursos de ensino recorrente

D: Porque é que não continuou nas Novas Oportunidades?

E6: Porque não era, era o 2ª ano, agora é que só este ano é que deram

D: Portanto acabou o 9º ano nas Novas Oportunidades e veio logo.

E6: Não, não foi logo.

D: Ai Não?

E6: Não

D: Então vá... eu quero saber quando foi.

E6: Esse foi em 2001 e que eu acabei o 9º ano

D: E depois veio prá aqui em 2004. Então? O que é que andou a fazer?

E6: Eu pensava que chegavam só que depois avisaram-me que o diploma, o decreto de lei que tinha saído, toda a gente pensava que era só para quem viesse entrar prá Câmara, os que lá estavam, não precisava do 12º ano, disso, mas foi quando ela divagou e disse, que tinha que ser.

D: E como é que veio aqui pró Camões?

E6: Porque erra a escola que estava mais perto.

D: Perto de quê de casa ou trabalho?

E6: Trabalho e mais participado em termos de transportes.

D: Ok. E agora diga-me uma coisa, até ás novas oportunidades..., até ao 9º ano..., os projetos pessoais foram influenciados ou não pela escola? Porque você foi tirar o 9º ano por causa da reconversão profissional não é? Era esse o seu objetivo era essa a sua motivação.

E6: Sim., mas foi por causa do decreto de Lei do 12º... pronto.

D: E lá teve de vira fazer o 12º. Olhe, diga-me uma coisa, como é que avalia pessoalmente o seu percurso feito até ao 9º ano?

E6: Foi um percurso.... Houve muitas paragens, nós nunca nos chegámos a chegar a apreciar.... Nunca tive o gosto...

D: Quanto tempo teve nas novas oportunidades?

E6: Aquilo foi pouco, foi dois meses.

D: Dois meses, ah então...

E6:.... sim foi dois meses.

D: E diga-me uma coisa, estava-me a dizer que parou várias vezes durante o seu percurso escolar, e porquê?

E6: Muitas vezes por causa do trabalho, outras vezes por causa da vida, e do casamento, depois fui para fora, e estive sete anos e meio fora de casa, em França.

D: E nunca penso estudar lá?

E6: Não, não tínhamos isso era só para trabalhar.

D: Sim mas os seus filhos nasceram e, estudaram lá?

E6: Não, por causa disso é que viemos embora porque estavam a entrar prá escola primária

D: E não quis que ela fizesse lá a escola.

M, Pois e o miúdo é pequenito, quase uma diferença de 6 anos.

D: Então pronto. Nasceu um e veio o outro. E diga-me uma coisa ainda estuda? Oh M. Sim...

D: Seja sincero

E6: Sim, tento andar informado de tudo, vejo esses jornais aí gratuitos

D: Claro

E6: E gosto muito de ver o noticiário, o telejornal.

D: Ok. Está bem.

E6: E quando posso também gosto de ler um bocadinho.

D: Ok. Diga-me uma coisa... quando você veio para aqui... Para o Camões... você tinha um espaço próprio para estudar ou estudava na sala ou no quarto?

E6: Sim por acaso sim, na minha casa felizmente tenho espaço.

D: Pois

E6: Mas quando precisava de fazer algum trabalho sentava-me na mesa da sala, tinha espaço e fazia lá...

D: E podia espalhar por ai os papéis, não é? Então fale-me da sua vida escolar nesta escola.

E6: A minha vida escolar aqui na escola foi muito interessante, muito interessante, a Sr.^a sabe que eu sei estudar quando tenho apoio escolar, estou a ser aberto com a professora, mas no geral, com o que aprendi e com a idade que tenho achei gratificante.

D: E diga-me uma coisa, em casa tinha alguém que o ajudava quando tinha alguma dificuldade quando estudava?

E6: Nunca procurei. Tentei sempre virar-me sozinho, +e a única maneira que a gente tem de aprender.

D: Mas a sua filha podia ajudá-lo...

E6: Sim, a minha filha ajudava-me quando era nos trabalhos de computador, quando é isto nos computadores.

D: Sim, tem de ir tirar um curso de computadores.

E6: Não eu não tenho grandes dificuldades nas coisas do trabalho, mas aquelas coisas mais complicadas é que é.

D: Sim, nas coisas mais complicada é que é pior não é? E diga-me uma coisa, como é que era a sua vida no tempo que estava aqui a estudar. Levantava-se ia trabalhar... saia do trabalho e vinha, mas chegava cedo cá á escola que eu lembro-me.

E6: Sim, ia a casa e vinha, consegui convencer a minha chefe a deixar-me sair meia hora mais cedo que era para ir a casa jantar para depois vir. E então pronto.

D: Mas estava aqui até á meia-noite.

E6: Meia-noite e no outro dia era a mesma coisa.

D: Era a mesma coisa, quando é que estudava?

E6: Era ás vezes no trabalho.

D: Ah bom.

E6: Sim, foi só arranjar maneira de organizar o trabalho e vinha.

D: Vinha um bocadinho... e o que é que fazia quando não estudava aos fins de semana?

E6: Tenho sempre que fazer, porque onde moro a minha casa tem um quintal em volta.

D: Ah pois... tinha sempre que fazer.

E6: sim, pois há sempre umas ervas para cortar..., umas árvores para podar...,

D: Ah pois, então sempre se virou prá agricultura

E6: Tenho sempre que fazer ali.

D: Ok. Diga-me uma coisa M, tem tempo para sair com os colegas da escola ou no tempo em que estava aqui, saíam? Não saíam?

E6: Eu nunca fui pessoa de muitas saídas, sempre fui uma pessoa pacata, habituei-me àquela vida de trabalho casa, casa trabalho.

D: E diga-me qual foi o papel da família?

E6: À uma,... Tenho uma mulher que não está aqui, mas que sempre me apoiou e que ainda hoje qualquer coisa...

D: E diga-me uma coisa M, como é que eles reagiram, a sua mulher e os seus filhos quando pensou voltar a estudar.

E6: A minha mulher incentivou-me e sempre me apoiou, foi por isso que consegui levar a

minha missão até ao fim. Sabe que com a idade que comecei os filhos já estavam crescidos.

D: Pois, pois. Por isso é que eu estou a dizer, como é que eles reagiram.

E6: A minha filha já estava casada na casa dela e o rapaz não estava sempre em casa e ela ficava sozinha até eu chegar a casa.

D: Pois.

M, Mas com ela estava sempre tudo bem..., às vezes mesmo... em ato de treino, dizia-me, não te preocupes comigo que eu estou bem,

D: E mesmo o seu filho, que depois deixou de estudar

E6: O meu filho...

D: Por isso é que eu estou a perguntar.

M, Eu disse-lhe, então? Ouve lá, como é? Não viste o sacrifício que eu fiz? E consegui. Tu como mais novo tens que conseguir. De vez em quando tenho que lhe dar uns eurozitos,

D: Para ver se ele vai para frente, que isto os jovens hoje, não é?

Ok., Diga-me agora o seguinte, já me disse que o levou a voltar á escola foi a progressão na carreira.

E6: Essa foi a razão principal.

D: E outras?

M, E outras é que o saber não ocupa lugar e nunca é tarde para agente aprender.

D: Diga-me uma coisa o que é que o marcou mais a nível positivo e a nível negativo na sua passagem aqui por esta escola? Não tem razão de queixa? Correu tudo bem? Não acredito.

M. Correu tudo bem.

D: Não acredito.

E6: Houve só aquela professora de português...

D: Que foi uma experiência.

E6: Foi uma experiência que valeu a pena.

D: Vê, vê? Aquela professora de português era horrível, não é M?

Foi uma experiência que acho que fê-lo abrir muito os horizontes.

E6: Por acaso, acho que sim... e saiu...

D: Foi o único exame que fez? Foi o de Português?

E6: Sim, mas fiz, porque eu descuidei um bocadinho o plano como agente costuma dizer e foi por aí que entrou a obra

D: Pimba!

E6: Mas foi sempre uma aprendizagem.

D: Sim e motivou-o pelo menos para estudar um pouco mais de português. Olhe e positivamente? O que é que marcou mais?

E6: Principalmente o grupo final, toda a rapaziada do 12º ano, foi de um espírito de camaradagem que marcou-me também. É difícil prever-se...

D: Sim, é difícil, eu vejo isso pelas turmas por ex. do ano passado e deste ano que para já são mais novos, são mesmo miúdos e equipe como tive este ano onde você andou não existe não é?

Olhe, considera o estudo importante para melhorar a vida?

E6: Acho que sim, mais não seja por motivos culturais, o saber não ocupa lugar.

D: Ok. Olhe.

E6: E mesmo em termos mais importantes.

D: Sim, pelo menos nos a, b, c, dizem. Olhe M, agora que tem o 12º que expectativas tem? Ou melhor... Quando saiu daqui em 2007 quais eram as suas expectativas?

E6: As minhas expectativas professora, por ser pelo cifrão, era ter continuado, e a olhei em redor, e pronto a minha mulher disse-me que se quisesse continuasse mas vi também que não é...

D: Que não havia grande vontade.

E6: Que não havia grande vontade

D: E ela agora já voltou a estudar?

E6: Não.

D: Ahhh, então não conseguiu picá-la para ela voltar a estudar?

M, Sabe que ela tem a vida de casa e vai trabalhar todos os dias com miúdos dos 3 aos 5 anos...

D: Mas ó M, você também trabalhava

E6: Mas é diferente. Não tem nada a ver

D: Então diga-me uma coisa, queria, pensou ainda voltar a estudar, foi M?

E6: Eu por mim até pontuava, mas depois vi que se atingisse os meus objetivos que era o 12º ano, já estava, e então olhei um pouco á minha mulher.

D: Foi. Foi ela que o travou, praticamente...

E6: Sim, foi, eu nunca lhe disse isso mas pronto, foi isso.

D: Quer dizer ela deu-lhe força para você tirar o 9º ano, deu-lhe força para vir pró 12º o que era preciso a nível profissional.

E6: Depois o resto, sabe, já não era assim tão importante, e era verdade.

D: Pois. E diga-me uma coisa, a nível profissional o que é que o espera?

Se lhe for reconhecida a reconversão profissional.

E6: O meu ideal a nível profissional, conforme as coisas estão agora, já não digo nada...

D: Então?

E6: Porque isto agora com o que nós temos com esse sistema de avaliação... esse agente, dificilmente consegue subir mais.

D: Mas você já no topo da sua carreira?

E6: Estou, porque já deveria de estar...

D: Pois com o 12º já estaria

E6: Pois que o meu objetivo era fiscal de obras.

D: Sim

E6: Que aquilo também há ali uma coisa, que isto quando houve o 25 de Abril, criaram-se estas duas categorias

D: Quais são as duas categorias?

E6: Um é fiscal de Obras e outro é fiscal municipal de Obras.

D: E qual é a diferença?

E6: A diferença é que uma +e horizontal e a outra +e vertical.

D: Humm Portanto uma fica sempre na mesma, e a outra pode subir.

E6: Com isso o meu objetivo era de Fiscal Municipal.

D: Já estou a perceber.

E6: Eu há 10 anos que estou a exercer na Câmara Municipal.

D: Quer dizer sem as funções de fiscal municipal, não é reconhecido.

E6: Não sou reconhecido mesmo.

D: Nem a nível financeiro.

E6: Nem ao nível financeiro e aí é que começa a minha revolta.

D: E com razão.

E6: Pois. Mas não sou só eu, ali na divisão em que eu estou somos... éramos 3, agora somos 6.

D: Dobrou.

E6: Dobrou. Pagam ao fiscal de obras o que não pagam ao fiscal municipal.

D: E a nível financeiro a diferença se calhar é bastante.

E6: Pois porque já tinha alguns anos de serviço e já estava muito acima.

D: Pois porque já tinha muitos anos de serviço, não é?

E6: Sim, já tinha muitos anos de serviço. Agora em termos comerciais não se justifica porque o fiscal de obras se estivesse numa área de Câmara Municipal pelo menos ali na divisão onde eu estou...

D: Conhece bem, claro.

E6: E vejo que não há razões para isso.

D: Pois mas esse buraco na Lei não o deixa avançar.

E6: Não posso avançar.

D: OK. Voltando aqui á escola aqui ao ensino secundário recorrente. Já me disse que a escola que escolheu que foi por uma questão de localização...agora fale-me porque é que escolheu a área de Administração?

E6: Porque era a área que se enquadrava mais na minha profissão... Os outros era informática e há só de social acho eu, era os 3 que havia.

D: Sim

E6: E portanto a administração é que me calhava melhor.

D: Olhe e fale-me dos seus professores.

E6: Só tive 4 e foi ótimo com todos sem exceção.

D: Ok. E agora, fale-me das disciplinas do curso. O que é que gostou mais e o que é que gostou menos?

E6: Das disciplinas do curso... o que me custou mais, aliás foi sempre o meu ponto fraco é a matemática. Mas nas disciplinas de letras, sempre gostei... A Sr.^a sabe...

D: É verdade, é verdade.

E6: Tudo quanto fosse letras sempre gostei.

D: Tudo o que era virado para as matemáticas é que não

D: Ora bem. E diga-me uma coisa, e que é que sentiu mais dificuldades?

E6: Nas matemáticas. Aí é que ...já correu um bocadinho...

D: Olhe e sobre os seus colegas? Vocês primeiro juntaram-se em algumas disciplinas com os de informática com aqueles doidões não é?

E6: Pois é. Pois é.

D: Fale-me dos seus colegas.

E6: Os meus colegas portanto... no 10º ano, éramos vinte e tal... 26, pois...

D: No início.

E6: No início, depois ficámos onze...

D: Terminaram 5

E6: Depois no 11º aumentámos... já não me lembro... depois o 11º...

D: Juntaram-se os de informática... em algumas disciplinas

E6: em algumas disciplinas e depois chegámos 5 ao fim como a professora sabe. Fora depois aquela rapaziada que se juntou...

D: Dava outro animo... vocês estavam todos de férias e eles eram mais brincalhões... aquele Vasco e aquele Eduardo...

E6: Pois eram jovens, mas valeu a pena.

D: Mas vocês os da vossa turma os 5 que acabaram, tínhamos o Fernando, o M, o Paulo o Raul e o Luís...

E6: Esse já chegou depois.

D: Pois foi. E sobre esses...

E6: É... sobre esses cada um tinha o seu feitio, mas eram bons moços também.

D: Está bem... uns mais que outros...

M, Alguns tinham pouca convivência, fechavam-se um bocadinho mas no fundo Também eram bons moços, eles...

D: Ok

E6: E amigos de ajudar quando era preciso.

D: Eram uns mais que outros...

E6: Eram. Isso é normal...

D: É normal, é verdade sim Sr.^a. E agora, diga-me uma coisa, voltar prá escola trouxe mudanças na sua vida pessoal... familiar e profissional?

E6: Não porque como disse atrás sou uma pessoa pacata, e acho que isso foi uma etapa da minha vida que passou.

D: O que é que acha que influenciou a escola no seu desenvolvimento pessoal, social, para o seu bem-estar, ter voltado a estudar 20 anos ou 30 anos depois.

E6: Acho que vale sempre a pena estudar, é aquilo que eu já disse e continuo a repetir, nunca é tarde para estudar principalmente quando há objetivos a adquirir e a conquistar.

D: E o seu objetivo era a conversão de que ainda está á espera.

E6: Sim e não estou arrependido de passar estes 3 anos aqui na escola.

D: E se calhar... vai voltar a estudar outra vez...

E6: Já não, já não. Em acabando isto vou-me embora.

D: Ai não vai nada, olhe... e quer acrescentar mais alguma coisa, quer dizer-me mais alguma coisa... sobre os cursos, claro!

E6: Não, só quero agradecer, e se alguma coisa que corresse menos-mal da minha parte...

D: Ora ...Vamos desligar isto ...

Entrevista – P (57m: 24s)

D: Então vamos lá começar Paulo. Já o informei sobre as linhas gerais do meu trabalho de investigação. Quero saber as motivações daqueles alunos que começaram em 2004, só 4 terminaram em 2007. Também só me interessa aqueles que fizeram em 3 anos todos os módulos. Aqueles que deixaram módulos para trás também não me interessa pronto..., queria saber porque voltaram a saber. E só para me dizer a sua idade

E7: A minha idade de 42 anos

D: O seu local de nascimento

E7: Lisboa

D: E a sua profissão

E7: Portanto sou técnico de contabilidade

D: Ok. Sempre trabalhou aí ...trabalha desde que idade?

E7: Não trabalho desde agora que terminei o curso é que trabalho

D: Como técnico

D: E antes tinha trabalhado...

E7: Nesta área não

D: O que é que fez?

E7: Portanto eu estive ligado a um desde que ...

D: Desde que começou

E7: O primeiro que eu tive foi o aeroporto

D: Com que idade

E7: Tinha 21 anos

D: E depois?

E7: Depois disso estive ligado...fiz um curso para ter acesso uma profissão, um curso profissional com acesso a uma profissão de técnico de comunicações aeronáuticas, mas depois não fomos admitidos

D: Também ligado aos aviões

E7: Também Ligado a essa área. Depois iniciei uma atividade como empresário em nome individual portanto ligado a área de venda direta que durou cerca de seis , sete anos. Depois em 2000, fui trabalhar para o Targus Parque em Oeiras para uma empresa de acesso a internet .uma empresa tecnológica, pertence a um familiar meu e deu-se a oportunidade

D: Tem uma vasta experiencia em varias áreas

E7: Também foi uma experiencia importante. Estive a trabalhar cerca de 3 anos, mais ou menos. E portanto foi digamos assim, foi por essa altura que comecei a ganhara vontade de voltar a estudar. Depois em 2004 estive também a trabalhar numa empresa

D: Foi quando entrou aqui para o 10 ano

E7: Foi quando entrei aqui para o 10 ano estive a trabalhar como técnico comercial da Oni. Foi também durante cerca de um ano. Foi seis meses mais 3 meses perto de uma ano. E depois disso foi esta experiencia atual...

D: Ok .e diga-me uma coisa Paulo. O seu estado civil...

E7: Solteiro

D: Tem companheira ou qualquer coisa

E7: Não tenho

D: E diga-me uma coisa, os seus pais. Qual a escolaridade de seus pais?

P.O meu pai tem a antiga 4ª classe,

D: E o que ele fazia?

E7: Foi comerciante toda a vida. Teve negócio próprio, em lisboa. Esteve inicialmente no

Estoril e depois em Lisboa

D: E a sua mãe

E7: A minha mãe tem a antiga terceira classe. Nunca estudaram muito...e minha mãe foi antiga modista. Trabalhava na área da moda, sempre trabalhou nessa área

D: Ok. Eu estou a perguntar isto para saber se isso influenciou o facto de voltar a estudar e diga-me uma coisa ...sei que tem um irmão e o seu irmão o que é que faz?

E7: O meu irmão é técnico de comunicações aeronáuticas aqui no aeroporto

D: Então já há aí uma ligação

E7: O meu irmão tem essa profissão e a minha cunhada também é professora do 3º ciclo senão me engano de germânicas

D: De inglês e alemão... ok. E a escolaridade de seu irmão?

E7: O meu irmão tem frequência universitária. Frequentou o segundo ano de um curso de engenharia mas depois não terminou

D: E agora quer falar-me um pouco do seu trabalho? Do que faz agora?

P.: Somos uma empresa ligada à área da contabilidade, consultoria, trabalhamos nessa área

D: Que tem a ver com a sua área de estudo

E7: Com a minha área de estudo. Nós prestamos apoio às empresas a esse nível quer a nível de consultoria, quer na área de contabilidade

D: Ok. E diga-me uma coisa sei que continua a estudar e como é que consegue conciliar a escola e o trabalho? naquela altura portanto em que estava a estudar...

E7: Digamos que houve ali um período que não terá sido tão difícil na medida em que houve um período em que eu estava desempregado, não foi portanto ...aí era um pouco mais fácil. agora desde o momento em que se começa a trabalhar, tenho um horário que tenho de cumprir durante o dia não é fácil ..

D: Como é que consegue conciliar isso?

E7: Portanto, tento aproveitar todos os momentos para conseguir estudar e para conseguir acompanhar as matérias. Acaba por se roubar um bocadinho de tempo ao estar com a família e até ao descanso as vezes tento profissionalmente organizar o melhor possível

D: E diga-me uma coisa, qual é a importância do trabalho nos dias de hoje?

E7: A importância é uma importância considerável, porque penso que qualquer pessoa que não tenha uma atividade acaba por estar um pouco excluída da sociedade e não tem um propósito, não tem um objetivo para conseguir alcançar

D: Ok já percebi a ideia

E7: Fora o aspeto financeiro

D: Mas como sabe isto não está fácil nos dias de hoje. Qual é a sua perspetiva, como vivencia hoje a dificuldade para conseguir um emprego?

E7: Eu penso que é uma situação que se tem vindo a gravar nos últimos tempos porque não é fácil uma pessoa que tenha estado ocupada com uma profissão e depois tenha havido um corte nessa sua atividade, causa sempre um trauma, que muitas pessoas não têm facilidade em superar, esse trauma que acontece. Novamente para além da questão financeira, mesmo a nível pessoal penso que haverá ali um ...em termos psicológicos...

D: E sobre o desemprego que tem a dizer... nos dias de hoje cada vez é mais.

E7: O desemprego é uma situação que se agrava e que ...eu penso que o desemprego tem a ver com a situação que muitas empresas chegam. Há muitas empresas que chegam a uma situação em que os decisores, as pessoas que tomam...acham que já não vale a pena e o que vai originar que as pessoas que trabalham nessa empresa deixam de ter a sua profissão, deixam de ter a sua atividade e que portanto causa problemas a nível social

D: E o Paulo está agora no superior e como vê a importância da escola na realização do seu projeto que tem em mente? o que é que no fundo você quer fazer?

E7: Da escola....?

D: Sim qual a importância da escola nesse projeto que quer fazer que ainda não me disse....

E7: Pronto é assim: dá-me a sensação que qualquer pessoa quanto mais formação conseguir

ao longo da vida mais preparada esta para conseguir para alcançar algum objetivo que possa ter no futuro. Portugal, o nosso país esteve muito durante muito anos... melhorou durante as ultimas décadas, mas teve durante muito anos uma grande percentagem de analfabetismo. Ou seja, havia um a falha de formação da população em geral que impedia o país de avançar um pouco mais. Portanto, eu penso que nesse aspeto...

D: Está-me a falar das novas oportunidades ou da escola em si?

E7: A nível geral. Penso que quando estou a falar em escola estou a falar na globalidade .penso que a formação profissional, formação seja como profissão em si ou como formação mais genérica é fundamental para que as pessoas tenham oportunidades de desenvolver e que qualquer projeto tenham na vida possam concretiza-lo

D: Ok e diga-me uma coisa. O que é que faz nos fins de semana, e nos tempos de lazer 8 para além de estudar)?

E7: Para alem de estudar eu gosto também de ler...

D: Mas lê o que? Romances, jornais?

E7: Agora ultimamente é mais livros escolares , mas gosto de poder ler obras de autores portugueses, algumas obras seguidas. Gosto também da internet, fazer pesquisa na internet, agora ligado mais à área em que eu tenho e portanto.... a situação de os meus pais neste ultimo ano e meio me tem impedido de aproveitar mais os fins de semana...

D: Claro mais assistência...

E7: Mais assistência...mas quando não havia esta situação ...ir ao cinema...e já pratiquei muito desporto... agora, ultimamente, não muito.

D: O que é que fazia?

E7: Joguei no ténis, de vez em quando fazia as minhas corridas

D: Agora não?

E7: Agora não

D: Ok vamos então começara falar sobre seu percursos escolar. E vamos começar ate ao 9

ano. Fez infantil,

E7: Fiz e onde é que eu estive? Estive numa escola...

D: Fez creche , pré-primária?

E7: Estive numa escola, numa creche. Fiz a primaria aqui na escola nº 1 que é ali em baixo na rua de s lazaro, quem vai em direção ao Martim Moniz há ali uma escola.

D: Ok. Fez a escola aí...

E7: E foi a primeira escola. Depois fiz o segundo ano ali no externato Dona Joana que é aqui na Batista Ribeiro. Depois ate à 4ª classe também foi aí

D: Portanto porque é que mudou de escola?

E7: Foi uma decisão dos meus pais na altura

D: Mas não chumbou ano nenhum, ate ao quarto ano ?

E7: Não. Até ao 12º ano só chumbei uma vez

D: Ok .Esteve aí ate ao quarto ano sem interrupções. Depois para o 5º ano...

E7: Chamado o preparatório na altura, na Escola Preparatória Nuno Gonçalves. Depois ...

D: Fez lá o 5º e o 6º ano...seguido?

E7: Seguido. E depois vim para ao Camões.

D: Ah sim? Fez aqui? Não sabia...

E7: Fiz aqui também o 7º e 8º ano .Chumbei no 8º ano.

D: Porquê?

E7: Porque isso era uma situação que penso que tem a ver com a distração que ..

D: Mas chumbou por faltas? Para ir jogar à bola? Por falta de capacidades? Não vinha à escola?

E7: Não. Tive não me lembro se foram 3 se foram 4 negativas com 2.E foi esse o motivo..

D: Mas não foi por faltas pois não? Bom porque é a aquela idade critica em que uma pessoa vai-se distrair...

E7: Foi por avaliação, não teve nada a ver com esse motivo. Depois repeti o 8º ano

D: Aqui no Camões?

E7: Sempre aqui no Camões. Já repeti aqui com notas muito melhores e depois fiz o 8º, 9º, 10º e 11º.

D: Ok. Até ao nono ano foi tudo quase seguido tirando aquela distração e tal...

E7: Pois.

D: E depois fez o 9º ano e disse assim . para que área é que eu vou?

E7: Na altura, tínhamos de escolher após o 9º ano. E eu escolhi uma área, na altura, fui influenciado por pessoas familiares.

D: Por quem?

E7: Por pessoas ligadas , primas dos meus pais, com muita ligação à família , que pertencem á área da saúde e que ..prontohouve ali uma certa influencia...

D: Para ir para as ciências?

E7: Para ir para as ciências. E então escolhi a aérea de ciências e foi essa área que eu fiz o 10º e 11º ano.

D: Para seguir o quê?

E7: A perspetiva na altura seria eventualmente medicina ou uma dessas ...ligada a essa área

D: E depois o que aconteceu?

E7: Depois no 11º ano ...fiz o 11º ano e depois no 12º ano não consegui passar.

D: Então o que aconteceu?

E7: Aqui no Camões não consegui passar e fazer o 12º ano naquela altura

D: Quer dizer ainda se aguentou no 12º ?

E7: Sim

D: Também por notas?

E7: Também por notas...

D: Ou namoricos?

E7: Naquela altura a matemática também foi um entrave...a matemática ate essa altura correu razoavelmente, sem grandes problemas , mas depois quando cheguei a esse ano não consegui. Ainda tentei outra vez num externato. Ali no externato Marques de Pombal, Morais Soares. Mas...

D: Mas não foi lá... matemática não era consigo...

E7: Pronto naquela altura não foi digamos assim, não consegui concluir o 12º ano. E portanto fiquei com 11º ano completo até agora...

D: OK. E diga-me uma coisa. Quais eram as suas motivações e as suas expectativas até ao 9º ano? Era ir para ciências, seguir um curso influenciado pelos primos...

E7: Pois foi sempre uma influencia.

D: Depois chega aqui e chumba a matemática. O que é que lhe passa pela cabeça? Nessa altura já havia as médias do 10º e 11º ano não é?

E7: Naquela altura eu abandonei a escola durante um ano. E foi naquela altura de tentativa..

D: Ah abandonou a escola por uma ano

E7: Sim o meu pai tinha uma loja e eu fui trabalhar com . E foi assim até aos 22 anos, quando eu tive a experiencia mais profissional mais a serio

D: Aquilo do aeroporto?

E7: Sim fui para Faro para o aeroporto

D: Ah foi para Faro não estive aqui!

E7: Fui para Faro

D: E depois desistiu completamente de estudar?

E7: Desisti completamente até tentar agora

D: E depois o que aconteceu? quando é que lhe deu o clique? Para voltar?

E7: Foi quando estava ali no Tagus Parque porque era uma empresa muito tecnológica e eu estive que estudar para fazer o que estava a fazer e senti que estava com um défice d formação.

D: Não era porque eles precisassem que o Paulo tivesse o 12º ?

E7: Não era por aí. Eu é que senti que estava a... tinha vontade... potencialidades para voltar a estudar.

D: Mas o que é que o fez voltar para a escola? Foi a suas capacidades pessoais, foi de ordem profissional, porque se tivesse o 12º ano podia passar muito mais à frente

E7: Isso foi também na perspetiva de completar o 12º ano.

D: Porque conseguiria subir mais na empresa se tivesse o 12º?

E7: Em principio teria mais chances de permanecer na empresa

D: Ah Ok.

E7: Também porque eu já tinha uma idade mais avançada e tinha colegas mais novos do que eu

D: E com mais habilitações

E7: Com mais habilitações do que eu e portanto senti que estava com algum, a nível das habilitações estava com uma décalage, um défice em relação aos colegas e naquela altura já tinha a noção de que o 12º seria mais tarde ou mais cedo quase obrigatória para a população

D: Já é? ainda não é ..só para o ano

E7: Portanto o 12º ano seria o mínimo. E foi ai então que..

D: Explique-me porque não foi tirar as cadeiras que faltavam para acabar o 12º e voltou ao 10º ano?

E7: Isso foi talvez mais pela área em si e com a minha génese em si. O facto de eu ter tido , também em função com a experiencia que tinha coma loja do meu pai, do comercio...ligado a essa área , este curso tecnológico...por um lado a proximidade daqui...isso por um lado

D: Sim porque você também estava no Targus Parque e também havia liceus á noite

E7: Eu sai do Targus Parque me 2003

D: Ah .ok ...pronto

E7: Já se tinha passado um ano e eu tinha saído do Targus Parque

D: Mas foi durante o Targus parque que lhe deu o clique?

E7: Sim porque eu inscrevi-me na Escola rainha Dona Leonor em 2003

D: Ah então conte-me...

E7: Eu inscrevi-me no rainha Dona Leonor para tentar fazer pelas unidades capitalizáveis mas não gostei sinceramente. Achei que seria talvez mais favorável num curso tecnológico, na altura já se falava nesse cursos,

D: Os módulos só começaram em 2004

E7: Pois foi nessa altura que se falava que iriam começar esses cursos...

D: Nasceram e morreram também...acabaram quando vocês acabaram

E7: Pronto eu na altura achei que era mais....foi também na altura que eu comecei na ONI foi quando eu depois então...

D: Mas na Oni estava ligado à informática ou comercial?

E7: Na a área comercial. E portanto das escolas ... com proximidade e já conhecia o Camões s, não havia problema em voltar aqui. E dentro da oferta que o Camões tinha , acabei por seguir este curso de administração

D: Mas também havia o curso tecnológico de informática ...

E7: Não eu senti que a área da informática coma idade que eu tinha , muito dificilmente eu iria conseguir emprego nessa área da informática.

D: Porquê é que diz isso?

E7: Porque as empresas de base tecnológica , normalmente vão buscar miúdos mais novos que têm anos e anos já de experiência

D: Mas também tinha trabalhado na parte da informática

E7: Mas durante pouco tempo e senti que não iria conseguir avançar muito mais do que outros colegas..

D: E foi por essa razão que não escolheu o de informática

E7: Sim foi por essa razão que não escolhi o de informática

D: E diga-me o seguinte , nessa altura estava a trabalhar na Oni o que é que fez e como fez para voltar a estudar à noite?

E7: Foi uma situação em que eu tive de optar por essa possibilidade que me deu...no início foi um choque em termos de ...aquele tempo em que vinha para a escola e aquele tempo em que não tinha aquela ocupação. Mas fui ganhando motivação e os professores também ajudaram

D: E diga-me uma coisa apesar de deixar de trabalhar para se dedicar ao estudo, como é que arranjou disposição para estudar à noite?

E7: Muitas vezes.....bem por um lado eu tinha vantagem de morar aqui ao lado .Ainda consegui, quando chegava a casa ainda estudar alguma coisa, isto no 1º ano. Depois já o 2º ano eu fiquei desempregado, já tinha o dia por minha conta e conseguia mais...já tinha outro tempo para poder ocupar

D: Vamos então agora falar como aluno aqui na escola secundária Camões do ensino secundário recorrentes. Já me disse porque escolheu esta escola, e agora como é que me pode falar sobre a sua aprendizagem aqui no ensino recorrente? Comparando com o ensino secundário que você andou durante o dia...

E7: Bem o ensino noturno é encarado com a mesma seriedade ..

D: Mas repare você andou no ensino secundário de dia, andou no secundário por unidades capitalizáveis e andou no secundário por módulos capitalizáveis. Fale-me dessas 3 experien-

cias

E7: Poderei talvez comparar o ensino diurno com os restantes: o ensino diurno , quando se tem aquela idade é u bocadinho diferente , nos encaramos muitas vezes o estudo com uma certa , pronto não encaramos coma mesma dedicação do que quando temos outra idade

D: Somos obrigados...

E7: Aqui foi uma decisão , não houve influencias externas. Eu é que tomei a decisão , eu é que vim. E nessa perspetiva essa talvez seja a maior diferença.

D: Apesar de todas as contingências: frio, chuva...

E7: Tudo isso...

D: E já me falou da área de estudo. Fale-me dos professores.

E7: Dos professores só tenho a dizer bem. Todos eles demonstraram um grande empenhamento e profissionalismo na sua vontade de ensinar e eu penso que foi uma...não tenho nada a apontar aos professores

D: E diga-me , com toda a experiencia que tem tido, acha que as disciplina s foram a s adequadas ? Pensa que poderia ter tido outras ou não?

E7: Eu penso que para aquele curso , curso tecnológico de administração as disciplinas estão de acordo com o programa do curso. Poderia haver provavelmente uma maior carga horário o programa ligeiramente modificado

D: Quer especificar

E7: Ao nível da economia talvez. Eu já falei na área da matemática, porque este curso foi criado com um programa mais leve do que o programa das ciências socioeconómicas com uma carga horária em economia e matemática maior do que no curso tecnológico. E portanto penso que este curso foi basicamente criado para criar técnicos dentro da área da organização de empresas , contabilidade ...dentro dessa área. Terá sido criado com esse propósito. Daí as disciplinas chamadas da formação geral não terem um peso tão grande. Mas eu não senti que o programa fosse muito diferente do que no outro tipo de ensino.

D: OK. E agora fale-me se sentiu alguma dificuldade durante o seu percurso do 12º ano.

E7: Penso que as dificuldades principais que eu senti , talvez no 12º anohavia sempre aquela situação, no meu caso eu tinha o 11º ano e tinha uma preparação que os outros não tinha tido e o 12º ano era aquela barreira que eu nunca tinha atingido, e portanto talvez assim a maior dificuldade que tenha sentido ...mas acabei por conseguir.

D: E com uma boa media

E7: No 10º e no 11º ano era aquela falta de estudo, eu também notei isso de ter... a voltar a ter aquele ritmo , aquela engrenagem ...que foi ultrapassado

D: E fale dos colegas....

E7: Os colegas foram poucos mas bons. Começaram bastantes mas depois foram desistindo e ficaram somente aqueles que depois seguiram ...no 11º , 12º o grupo foi sempre o mesmo. Por ser um grupo mais pequeno as coisas correram bem e sempre que era necessário juntávamo-nos e puxávamos uns pelos outros e foi

D: E achou bem os outros juntarem-se a vos em algumas disciplinas? Na sua perspetiva claro..

E7: Bom é assim: a ideia inicial era boa. O intuito com que foi essa ideia criada teria a sua razão de ser. Depois passado a experiencia em si, não sei se terá sido benéfica ou não, porque as áreas são muito diferentes, o grupo era muito diferente

D: Os interesses eram também muito diferentes

E7: Portanto passado a experiencia. Não sei seria uma experiencia a voltar a repetir

D: E fale-me sobre a sua avaliação pessoal sobre o percurso feito : do 10, 11 12º.Foi positivo , não foi porque onde é que sentiu mais dificuldade

E7: A minha avaliação?

D: Tudo o que achar importante

E7: Não tenho nada a apontar. Tenho também a dizer que nem todos os professores são iguais. Cada tem a sua forma de ensinar, haveria com alguns um pouco mais de facilidade e com outros um pouco mais de dificuldade mas eu penso que no geral a avaliação que faço é positiva. Houve algumas alterações , algumas modificações a nível do grupo de docentes

durante o curso houve algumas alterações , mas penso que isso não terá causado problemas, penso eu, ao grupo de alunos, ate porque no fim todos acabaram por alcançar o objetivo

D: Porque é que achou melhor voltar ao 10 ano e não fez os maiores de 23 ?para ir diretamente para a faculdade?

E7: O meu intuito inicial era completar o 12º ano. Depois fui ganhando motivação , os resultados foram bons e comecei a ganhar vontade de não para por ai, no 12º ano , e continuar ..ate porque que já tinha tido duas experiencias

D: Conte-me...

E7: Tinha tido duas experiencias ... uma em 91 ou 92... já não me recordo... em que tentei o acesso pelos maiores de 23 anos.

D: Era o *ad-hoc*, na altura...

E7: E tinha uma amiga que também tinha tentado e eu tentei fazer o exame *ad hoc* para o curso de relações internacionais e por influência...

D: Claro iam todos. E o que aconteceu?

E7: E passei no exame *ad hoc*.

D: Entrou e depois..

E7: E não entrei acabei por não me inscrever...por que foi nessa altura que eu tive a oportunidade de fazer este curso aqui no aeroporto em Lisboa e não consegui conciliar essa situação, porque se eu quisesse exercer as funções (...) por uma questão de política da empresa não fomos admitidos...

D: Essa foi a primeira experiência.

E7: Depois tive outra .essa foi aqui há pouco tempo. Também me inscrevi para os maiores de 23 anos, num curso que havia na católica que era a aplicação da línguas estrangeiras aos negócios. Davam um curso que havia especializado nessa área. Eu como sempre tive facilidade nas línguas de me expressar em inglês, também tive alemão aqui no Camões, também acabei por tentar ir .Por acaso também consegui passar...

D: E então ?

E7: Mas também foi em 2000, na altura que comecei a trabalhar no Targus Parque, e acabei por desistir, não levar avante

D: Sim. Também para ir de Oeiras para a católica...

E7: Era um pouco complicado, mas pronto este aqui foi mais para tentar testar as minhas capacidades

D: E deram bom resultado. Então e depois terminou aqui o curso f, fez os exames e tentou o ISCAL

E7: O ISCAL exatamente.

D: Entrou e como foi chamado para trabalhar para o Dr. Álvaro. Foi tudo na mesma altura?

E7: Foi tudo nessa altura, portanto foi no início desse ano fui contactado pelo Dr. Álvaro. Ele estava lá à procura de uma pessoa para colaborar com ele no escritório dele. E foi a partir daí que comecei a ir lá. Foi criada uma empresa também ligada a esta área da contabilidade e da consultadoria e lá permaneço desde essa altura

D: E agora a partir daqui, quais são os projetos para o futuro?

E7: Para já é concluir a licenciatura.

D: Que é já para o ano

E7: Que se calhar já não vou conseguir em 3 anos

D: Porque? Se não conseguir em 3 vai conseguir em 4.

E7: Porque de facto aquela situação que começou desde o início

D: A matemática?

E7: Os problemas familiares. E a partir daí vamos ver como a situação evolui

D: Quais são os seus projetos ?Quais são as suas expectativas?

E7: As minhas expectativas...também tenho de olhar um pouco à minha idade

D: Tudo ...a gente sabe

E7: Se eu concluir em 4 ou 5 anos já tenho uma idade já a caminhar para os 50 anos

D: Também não exagere ainda não está acima dos 45.A reforma é só aos 70

E7: Foi a pensar assim, a nível profissional vamos ver como as coisas evoluem. Também com a situação de crise que existe, também estar a criar certos objetivos não sei será...apesar de também dizer que as crises são alturas de oportunidades como dizem

D: Dizem aqueles economistas

E7: Não sei se será se não , mas agora eu terei esta situação de concluir a licenciatura

D: E depois .porque é que quis tirar esta licenciatura?

E7: Porque é uma formação na área da gestão que terá mais a ver com toda a minha experiência profissional eventualmente se surgir essa oportunidade de ter uma atividade por conta própria , não decidi ainda bem em que área , o curso no ultimo ano tem umas cadeiras de opção que nos podemos escolher que poderá levar

D: Quais são as opções?

E7: Estou mais virado para a área do empreendedorismo, para essa área da gestão de negócios , gestão de empresas , quer seja numa empresa por conta própria ou por conta de outrem estarei mais habilitado

D: E mais?

E7: Pronto , penso que isso será o meu objetivo principal

D: Ok. E valeu a pena voltar a estudar?

E7: Eu acho que sim. Não estou nada arrependido, deforma alguma estou arrependido , porque penso que é muito mais proveitoso o tempo que eu dediquei estes 3 anos, mais um ano e meio...o tempo que eu dediquei a estudar é mais proveitoso do que se estivesse em casa a ver televisão ou a ler os jornais

D: Ou a trabalhar ou a ser autodidata em qualquer coisa?

E7: Não estou de nenhuma forma a arrependido

D: E voltar para a escola trouxe alterações na sua vida pessoal, na sua vida familiar e na sua vida profissional?

E7: Sim

D: Quais?

E7: Trouxe porque como eu referi , os meus pais são pessoas que começam a estar como alguma dependência e eu sou eu que neste momento estou a assegurar que eles tenham uma qualidade devida mínima isso trouxe de facto algum transtorno que nos tivemos de contornar através de apoio domiciliário , uma serie de situações que nos socorremos para eu poder estar fora de casa. Eu saio de manhã e volto á noite e portanto...no caso como sou solteiro , não tenho encargos familiares

D: Claro

E7: Não tenho digamos assim ...poderia ser considerado um entrave

D: E que mudanças a nível pessoal a nível profissional , voltar a escola novamente?

E7: A nível profissional....no tempo que corre foi ter tido oportunidade de estar a trabalhar já há algum tempo, já foi um sinal que há um reconhecimento pelo esforço que estou a fazer

D: Claro

E7: Depois a nível pessoal....eu ate reconheço que nos últimos anos ate tido menos tempo para mim próprio

D: Já não correr , já não vai jogar ténis...

E7: Sim eu reconheço isso, é natural...

D: E diga-me de outra maneira: em que é que contribuiu para o seu desenvolvimento pessoal , social, e seu bem estar ter voltado a estudar , quase vinte anos depois...

E7: Os benefícios que possam vir a decorrer pelo facto de é estar a estudar à noite podem ter uma contrapartida...como hei de explicar?...O beneficio pode ter um prejuízo , chame-mos-lhe assim, que é ter menos tempo para a pessoa, e deixar de ter alguma , em termos do

seu tal bem estar , poderá sentir-se um pouco com menos tempo para si próprio e algumas atividades ..

D: Diga por exemplo. O Paulo esteve uma altura desempregado e agora para o seu bem estar o que faz, e em que é que a escola contribuiu para isso?

E7: A escola continua a ocupar uma parte do tempo. A escola veio roubar tempo, entre aspas , para eu poder dedicar a outras atividades que...também gosto

D: Mas se calhar criou outras

E7: Também acabei por criar outros hábitos

D: Ora aí está...

E7: ...outros hábitos que..

D: Se calhar também são bons. Muito bons. Não tenho mais nenhuma pergunta a fazer. Quer acrescentar alguma coisa importante que queira dizer?

E7: Eu penso que não é uma decisão fácil

D: Voltar á escola?

E7: Passados tantos anos. Porque são muitos anos com outros hábitos criados que não tem nada a ver com esta dedicação que tem de haver

D: E então diga-me uma coisa: se é difícil tomar essa decisão” voltar à escola”, depois é um choque! E alguns acabam por desistir. E então o que é que se passa?

E7: Eu acho que tem a ver precisamente com essa questão, tem a ver com a gestão do tempo que as pessoas fazem. Principalmente quando estão a trabalhar e tem um horário para cumprir durante o dia, vivem a um ritmo próprio. Depois depende muito das circunstâncias de cada um o poder conciliar esse ritmo com o voltar para a escola.

D: Pois porque eles tomaram decisão .Vêm inscrever-se

E7: Pois mas depois vêm que é preciso dedicação e estudar e é outro ritmo e começam a sentir que não a vale a pena

D: Não vale apenas o esforço. Ou será que dizem : “ eu não estou para isto”. Não sei... pergunto-lhe...

E7: Eu não sei exatamente qual será a percentagem

D: Quase 80 %.

E7: É muito grande. Acho que tem a ver com esse choque de estudo e dedicação e maior parte das pessoas não está preparada para poder dedicar o resto que lhe sobra do dia para....penso que terá precisamente a ver com isso

D: Mas vale a pena

E7: Eu penso que sim... no meu caso pessoal, penso que sim

D: Dulce – E8: R.

Entrevista – R (1h:18m:52s)

D: Já o informei das linhas gerais do meu trabalho de investigação que estou a fazer para o meu doutoramento. O título é “Voltar à escola vinte anos depois, um desafio de desenvolvimento pessoal e social”. E a ideia é perceber porque é que os alunos voltaram para a noite... voltaram a estudar. Não me interessa aqueles alunos que saíram de dia para noite, interessa-me já a partir dos 30 e tal perto dos 40. Porque é que esses voltaram estudar, não é aqueles para continuação de estudos... Quero que me diga a sua idade...

E8: Eu tenho 45 anos.

D: O seu local de nascimento?

E8: Em Lisboa.

D: O que é que faz?

E8: Trabalho na Direção Geral de Contribuições e Impostos.

D: Ok sempre trabalhou aí?

E8: Há 24 anos.

D: Eh lá! Já está quase na idade da reforma...

E8: Quase... ainda falta um bocadinho.

D: Diga-me a escolaridade dos seus pais?

E8: A 4ª classe.

D: Ambos?

E8: Ambos.

D: Isto é para saber se eles influenciaram o facto de você voltar a estudar... percebe?

E8: Eles não tiveram qualquer influência...

D: Ok, a gente já vai ver... O que é que eles faziam?

E8: Agora são reformados e trabalharam na Tabaqueira, aliás, eu trabalhei um ano com eles. Tinha os meus 18 anos...

D: Tem irmãos?

E8: Não,

D: Filho único?

E8: Solo...

D: Entretanto, ... sei que também tem uma filhota...

E8: Filho. Um filho. Já com 15 anos...

D: Já com 15 anos? E está a trabalhar ou está a estudar?

E8: Não e já chumbou este ano...

D: Ah o maroto. Então...?

E8: Penso eu que será do afastamento dos pais. É aquilo que eu deduzo. Porque não tem o acompanhamento devido e as companhias que ele tem também não são as mais agradáveis, mas como eu não posso estar próximo dele, raramente estou com ele, ele é que me aparece mais vezes. Aparece-me em Lisboa porque ele mora em Queluz e vem sempre ter com o pai: "Ó pai isto..." Eu incentivo-o a não cometer os erros que ele cometeu no passado, só que os miúdos pensam que sabem tudo, e não sabem nada...

D: Ele está em que ano?

E8: Está no 2º ciclo. Não, não! Está no 8º.

D: Lá em Queluz?

E8: Em Queluz. Só que aquilo é uma escola que pelo que a gente sabe, até nas notícias...

D: Está numa zona problemática?

E8: Está. Está na Escola Padre....qualquer coisa Neto, uma coisa assim. Eu nunca lá fui, como tive um afastamento por parte dele por muitos anos, que é uma parte da história da minha vida, da qual poderei falar, portanto... sei onde é que ele estuda, não tive acesso nem aos professores dele... porque, segundo a mãe, como é boa mãe, que vai às reuniões todas e pronto, o comportamento dele...

D: Ele daqui a pouco é maior e faz o que quer da vida, não é?

E8: Pois. Só que eu estou sempre a alertá-lo... não é? Enquanto ele estiver sob a alçada da mãe... A mãe é responsável. Eu dou-lhe as minhas opiniões, se ele quiser aceitar... E os erros que ele tiver de cometer, o mal é só dele, não é mais de ninguém...

D: E a sua ex-mulher fazia o quê?

E8: A minha ex-mulher, eu não sei bem as habilitações dela, não sei se tem o 9º ano. Estava a trabalhar, quando eu a conheci, eu era um tipo casado... já não me lembro...

D: Não faz mal, também não é grave...

E8: Estive casado cinco anos. Mas já me divorciei...há 12, 13 anos...

D: Também já não é importante porque já faz muito tempo... Não é mais de 2004..., pois o que me interessa é o “ mais de 2004”. Então conte-me um pouco do seu trabalho...

E8: O meu trabalho é muito complexo...

D: Então?

E8: É porque trabalho no serviço de finanças que exige muito... É muito complexo, e a nível de informatização, portanto, também é um trabalho informático e cada vez há mais programas na casa porque a nível do meu trabalho é sobre as isenções fiscais, e diariamente é uma coisa doida: é penhorar, penhorar, penhorar... até onde não puder mais. Mas pronto, durante estes anos todos já fiz de tudo um pouco a nível de serviço de finanças, que é atendimento ao público diariamente... Já fiz penhoras, já andei a bater à porta das pessoas, de tudo um bocadinho..., sujeito a um disparo...

D: Ah, acredito... E começou a trabalhar lá, desde que idade?

E8: 18 anos.

D: Quando estava a estudar como é que conseguia conciliar a escola e o trabalho? Havia problemas?

E8: Aqui custou-me um pouco...

D: Porquê?

E8: Custou-me um pouco porque...não foi quando vim para aqui, porque é assim: e tinha em 1900 e qualquer coisa, 85 ou 84, faltava-me 3 disciplinas do 11º ano antigo, que era o curso industrial, que eu estava na Veiga Beirão. Faltava-me 3 disciplinas, quando eu entrei para as Finanças. E o primeiro incentivo que o meu chefe me deu...

D: Portanto há 24 anos, faltavam-lhe...

E8: Três disciplinas do 11º ano. E o meu chefe, que eu fui trabalhar para a Rua Damasceno Monteiro que era o antigo 16º bairro que já não existe. Pronto agora só 14 bairros, agora não há bairros fiscais, só serviços de finanças...

D: Também não sabia...

E8: Agora é só serviço de finanças Lisboa 1, 2, 3 e por aí fora. Fui para o 16º, e o meu chefe a primeira indicação que me deu, como na altura se entrava com o 9º ano, e eu entrei como tarefeiro, ele disse-me logo que para eu ter uma certa evolução lá dentro seria bom que eu estudasse. Que é aquilo que eu tento dizer ao meu filho. E sei que quando entrei faltavam-me 3 disciplinas para concluir o 11º que era o curso que existia na altura

D: Que era o 7º ano, não é?

E8: Que era o 7º ano exato. E entretanto a partir dessa data que eu entrei para os impostos nunca mais estudei. Não sei se esse ano ainda estudei à noite...

D: Ok a gente já lá vai. Então diga-me uma coisa: como sabe hoje em dia é muito difícil arranjar emprego, não é?

E8: Sim.

D: Como é que sente essa dificuldade em arranjar um emprego?

E8: Isso há tanta coisa para se dizer acerca disso...

D: Qual é a sua opinião?

E8: O que vem à mente para já, talvez seja o país que a gente tem e o governo que a gente tem. Isso é o ponto assente. E a nível de escolaridade, e as pessoas formadas, pelo menos o que se diz nos noticiários, maior parte dos licenciados não tem emprego. Ora a pessoas que estudam para alcançar um patamar, se não têm acesso um emprego, a pessoa não quer ir trabalhar que é diferente

D: Não quer trabalho, quer emprego.

E8: Exatamente. O emprego é uma coisa. O emprego é aquilo que eu tenho felizmente. Mas se me dissessem, depois de eu andar aqui 3 anos, digo eu,...

D: Claro, é a sua perspetiva...

E8: É a minha perspetiva. Se eu andasse aqui a andara trabalhar, a sair as tantas horas e vir para aqui até as tantas... pá... não me apetece mesmo... Eu ate era um cumpridor de horários, não sei se lembra. Portanto eu possivelmente não queria um trabalho. Se tivesse que trabalhar no duro, chamado no duro. Não quer dizer que eu não trabalhe no duro.

D: Claro...

E8: Mas pronto se tivesse que trabalhar numa obra, sei lá, andar a acartar, se calhar chegava ao fim do dia e não tinha a estaleca para continuar a estudar.

D: Então qual a foi a importância da escola para a realização de um projeto qualquer? Porque é que as pessoas estudam? Não estou a perguntar sobre o seu caso, estou a falar numa maneira geral ainda....

E8: Para atingir um objetivo de vida, para alcançar...

D: Para arranjar emprego...mas senão há...

E8: É muito complicado. Apesar dessas novas oportunidades. Eu sei porquê estou do outro lado. Porque se por acaso eu não estivesse do outro lado, talvez a minha imaginação isso parte de um bocado de cada pessoa

D: Claro. Eu quero saber da sua...

E8: Porque eu penso que uma pessoa com um bocado de imaginação, consegue, entre aspas, porque eu não estou do outro lado, mas por outro lado, e eu sou uma pessoa otimista por natureza, a minha vida proporcionou-se para eu ser otimista

D: Ainda bem...

E8: Sou por natureza e acredito que consigo sempre alcançar seja o que for..., sem atropelar ninguém, por que isso é a coisa que eu mais detesto. Até a nível profissional, se houver alguém que fala sobre A, B, C ou D...é a pior coisa que podem fazer ao pede mim. E em todos os parâmetros da vida sei que vou atingir o patamar. Por maior ou menor dificuldade, sem ultrapassar ninguém, não é? E eu acho que as pessoas que estão nessa situações se esforçassem mais....se as pessoas investissem um pouco mais nelas...porque não basta só tirar o curso.

D: Claro...

E8: Se eu me agarrar a uma cadeira de advogado, se eu não me esforçar por ser um bom advogado, ou arranjar clientela, mesmo que comece por baixo e demonstrar que sou bom naquilo que faço, porque há aqueles projetos de novas empresas... ainda há pouco tempo, tenho um amigo meu que ele trabalhava numa empresa de maquinas industriais e correram com ele. E ele apesar de não parecer ser assim tão expedito, ele mexeu-se e, foi àquela do emprego e ele agora trabalha por conta dele. Pronto, se calhar começa por baixo, e foi financiado. Eu até tenho outra pessoa amiga que, portanto eu felizmente conheço muita gente, algumas não tenho interesse em conhecer

D: Pronto...

E8: Infelizmente conheço muita gente. Eu digo infelizmente porque há muita gente que eu não tenho interesse em conhecer

D: Há de tudo... pois...

E8: Pois mas cada vez há mais egoísmo. E depois existe o amor ao próximo, gostar do próximo...já não existe nada disso. Até o amor de família, acho que é muito restrito já. As pessoas da família, eu lembro-me...

D: É tudo por conveniência...acha?

E8: Acho, acho... Com convicção, porque custa-me muito, pois lembro-me do tempo dos meus avós em que nos reuníamos todos, os tios as primas e os primos e isso acabou tudo...

D: Alguém cultivou isso?

E8: Estamos a falar...eu estou em falar em 100%, estou a falar por mim, as pessoas afastam-se. Por interesses, o aspeto material é brutal. Se ali há dinheiro, está-se bem. Ali não há dinheiro, afasto-me.

D: É triste... realmente!

E8: Para mim é.

D: E como encara o desemprego, hoje em dia, de uma maneira geral?

E8: Está cada vez pior

D: Isso está mau. Deixamos de ser efetivos para ser contratados a termo certo, não é?

E8: Todos nós. E aqueles que estavam contratados. E tenho conhecimento de pessoas que estavam no Ministério dos Negócios Estrangeiros, tenho lá pessoas conhecidas, que têm trabalho que é muito específico em termos de programação de informática, a nível dos consulados, a nível mundial, e é um grupo restrito, são poucas pessoas que trabalham naquilo, viajam pelo mundo todo, e desde janeiro que não recebem ordenado

D: Desde janeiro?

E8: Que não recebem ordenado. Portanto, estão tipos a recibo verde, e chegaram ao final deste ano nem renovaram o contrato, não sabem se vão passa-los a contrato que é a termo certo, não sabem o que vão fazer com eles. Uma coisa que não recebem ordenado desde janeiro.

D: Desgraçados que têm coisas para pagar, não é?

E8: Bem um deles, que era aquele que eu conheço não paga a renda de casa há 4 meses, agora tiveram dinheiro de umas viagens que ele fez e ele foi lá pagar as dívidas da casa. Pronto e como é que ele come?

D: Pois, muito complicado...

E8: E a gente estamos a falar já de uma pessoa que ainda tem uns empregozecos. E aquelas s que foram despedidas...

D: Pois nós vemos todos os dias na televisão: fechou uma empresa...

E8: E infelizmente eu faço parte do leque, que faço com que fechem as empresas, o que é ainda mais grave.

D: Pois mas isso é porque há falcatruas, há dívidas ao fisco, porque não pagaram...

E8: É a minha obrigação. Eu estou ali muitas vezes, quando me deparo com as pessoas, digo para comigo “este está-me a enganar”. Eu sei também aquelas pessoas que têm dificuldade.

D: Você sente isso, não é?

E8: Eu sinto isso. Porque eu sou uma pessoa muito sensível nesse aspeto. E quando eu vejo as pessoas daquele lado eu imagino como se fosse o meu pai ou a minha mãe, por exemplo. O meu pai e a minha mãe têm 70 e tal anos cada um. O meu pai tem as doenças todas e mais algumas. Infelizmente para ele, coitado. A minha mãe, pronto, também já esta naquela fase que digo uma coisa: agora passados cinco minutos ela já não se lembra e está á a perguntar-me o mesmo. Passado alguns minutos já perguntou a mesma coisa 4 ou 5 vezes.

D: Vivem consigo?

E8: Vivem.

D: É mau mas é bom para eles nesta altura....

E8: Mas eu quando eu me deparo com pessoas idosas, que eu estimo muito, parece que vejo os meus pais. Dirigem-se ao serviço de finanças por receberem um papelinho com letras mais pequeninas do que isto, as pessoas não sabem o que está ali escrito. Não sabem o que esta ali a dizer. Se não entregam a declaração dos reformados...claro que sou eu a fazer. Porque se fosse a minha mãe, ela sabe lá o que é uma declaração do IRS...Conforme os meus pais... há milhares de pessoas. Agora vão aplicar coimas a essas pessoas para pagar cinquenta euros que se calhar têm uma reforma de duzentos? Que é o caso da minha mãe que tem uma reforma de 250, 300 euros? E a minha mãe trabalhou 40 anos na tabaqueira! E tem uma

reforma de 350 euros

D: É uma vergonha...

E8: Por isso é que eu costumo dizerE8: isto está feito é para os habilidosos. Aqueles que se piram e dão o golpe do baú e...

D: E offshore e não sei quê...

E8: Mas está tudo louco. Essa gente é toda boa. A história é toda igual.

D: Exatamente. Ok, vamos voltar ao nosso percurso escolar... e vamos falar do percurso escolar até ao 9º ano.

E8: O meu?

D: Sim. Fez creche, pré-primária? Conte-me lá....

E8: Fiz. Porque a minha trabalhava como acabei de dizer na Tabaqueira e desde pequenino ia para a Tabaqueira. Havia lá o Externato João XXI que acho que ainda existe, e andei naquele externato... Ainda fiz lá a primária e o 1º ano. Depois a 2ª, 3ª e 4ª classe, não quero estará mentir pois são muitos anos, fiz ali na escola 1, que é em frente à casa dos meus pais. É ali em baixo no Campo Santana. Depois...

D: Sem chumbar?

E8: Superaluno. Era o que diziam...que era muito esperto e não sei o quê...Depois fui para a preparatória.

D: Não houve interrupção...?

E8: Não houve interrupção. Houve interrupção no 2º ano do ciclo.

D: Então foi para a preparatória, para onde?

E8: Para o Nuno Gonçalves. O 1º ano tudo bem, 2º ano chumbei por faltas

D: Porquê?

E8: Porque eu era jogador de bola e a minha atração era jogador de bola, tanto que eu fui federado durante onze anos para aí...

D: Isto... você... tinha 13 anos...

E8: Para aí sim.

D: Chumbou por faltas para ir jogar à bola...?

E8: Não passava a vida no pátio a jogar a bola

D: Mas não saía da escola...

E8: Não saía da escola... Sempre a jogar com outras seleções de outras escolas, eu era jogador de seleção e tinha jeito para aquilo, modéstia aparte e então jogava só à bola, e escondia os postais, as cartas que vinham para minha mãe

D: Chega ao final do ano e...

E8: Chumbei! E a minha mãe ralhou... como é costume. O meu pai ralhou, posso dizer que nunca foram de me bater. Depois no 2º ano chumbei outra vez por faltas...

D: Então o que andou a fazer nesse 2º ano?

E8: Fui jogar a bola também. Pronto, não ia às aulas e chumbei por faltas. Até aí foi só futebol...Depois meteu-se o 25 de Abril, em 74, e eu passei nesse ano.

D: Na Nuno Gonçalves?

E8: Na Nuno Gonçalves. Passei do segundo ano e fui para o liceu. Aí chorei...

D: Porquê?

E8: Porque fui para a Veiga Beirão e entrei lá num convento e aquilo era tudo muito velho...

D: Nem dava para jogar à bola, por isso é que chorou?

E8: Saí de uma coisa bonita que era a Nuno Gonçalves, um grande ginásio e cheguei ali e fiquei deprimido e chorei...não queria ir para ali. Mas lá me mantive, fiz o 7º, 8º e 9º tudo seguido. Quando cheguei ao 9º ano no primeiro ano chumbei por que tive um exame de matemática...

D: Mas porquê? Não estudava, não gostava de matemática?

E8: Nunca gostei de matemática.

D: Mas não ia às aulas?

E8: Ia, mas não é o meu forte, e chumbando a matemática não se passava na altura. Uma coisa qualquer assim. Depois no ano a seguir no 9º ano, passei... Depois...

D: Tudo na Veiga Beirão?

E8: Tudo na Veiga Beirão. Depois fui estudar á noite

D: A seguir ao 9º?

E8: No 10º ainda andei de dia.

D: Então acabou o 9º ano. Quais eram os seu projetos após acabar o 9º ano? Era continuara a estudar? Era ir jogar á bola? Era trabalhar? Era fazer o quê? Quais eram os seus projetos?

E8: Para ser honesto não estou a ver quais eram os projetos. Eu gostava muito de jogar à bola. E achava que tinha futuro naquilo, mas...

D: Então podia ter ido para o Benfica ou para o Sporting...

E8: Para o Sporting. Eu joguei no Sporting. E fui ao Benfica mas não fiquei no Benfica porque não gosto de vermelhos. Tive lá mas não fiquei lá porque não gostava... Ainda estive no Sporting durante dois anos e eles queriam me emprestar. Eu disse: querem me emprestar? Não. A mim ninguém me empresta. Entretanto eu sai e fui jogar para outro clube e mesmo assim ainda joguei ate á terceira divisão nacional e pronto... depois não deu para mais. São os erros que a gente comete na vida, mas há outros piores.

D: Por acaso...

E8: Mas ao nível de projetos de vida, não tenho ideia...

D: E lembra-se de alguma coisa que o tivesse marcado na veiga beirão, positivamente ou negativamente?

E8: Professores que eu conheci.

D: Então...fale-me...positivamente ou negativamente?

E8: Positivamente e negativamente.

D: Então fale-me...

E8: Não...é curioso que um dos professores de fiscalidade

D: Tinha fiscalidade no 9º?

E8: Não no 10º.Tive fiscalidade no 10º.Que ele agora até é o diretor da BPI (?), foi diretor do Sporting também. E tive o prazer de o encontrar, porque fui fazer uma execução ao BPI, uma execução de créditos e tive o prazer de ir falar com o diretor que era ele. E ele lembrou-se logo, ao fim de 20 e tal anos,...

D: Que giro...

E8: E então fiquei com o contacto dele, uma porta sempre aberta... Uma pessoa excelente. Porque era engraçado, mesmo nos momento desagradáveis eu conseguia admirá-lo nesse aspeto, porque na nossa irreverência enquanto alunos, vá lá, há aqueles alunos que têm a mania que são mais espertos, outros têm a mania que são gozões e assim e assado... e ele mantinha aquele tom, ele o que tinha a dizer dizia o que tinha a dizer, nunca vi aquele homem a levantar muito a voz. E ainda agora a falara é assim.

D: Marcou-o?

E8: Marcou-me.

D: Não pela fiscalidade...

E8: Não pela fiscalidade, o homem nem sabia que eu ia trabalhar para os impostos.

D: Claro. Não eu estou a dizer pela disciplina...

E8: Não pela disciplina. Até para dizer muito sinceramente, vou optar pelo curso, este que acabei

D: Já lá vamos....

E8: Esse marcou-o positivamente...Tinha um professor de desenho que cantava ópera...

D: Na aula...?

E8: Na aula. Era uma pessoa extremamente divertida. Mas também houve outras que me marcaram pela negativa. Não há muito tempo...houve, agora já no 10º ano à noite, antes de eu vir para o Camões, fui para a Luísa de Gusmão. E ao fim de 20 anos sem estar a estudar, deparar-me com uma professora de filosofia, que era uma gaiata, ela tinha 20 e poucos anos, e falava para as pessoas num patamar....cresceu. Quer dizer, eu não estava habituado. Eu sabia quem devia estar calado. Felizmente eu respeitei-a.

D: Que quer dizer com isso?

E8: Felizmente, porque me passou tudo pela cabeça, naquela altura. Isto é verdade. Então mas esta fulana está a falar assim para mim, porque eu já nem sei o que é que ela falou para ali, ela disse qualquer coisa, tipo a apontar o dedo, quando não tinha nada ver comigo e eu disse: “ mas desculpe lá essa conversa é para mim?””e não sei quê....”.....Chumbou-me! Pronto... fiquei marcado..., a mulher chumbou-me... Fosse as aulas, ou fizesse testes, andasse para a frente, ela veio por decimas e foi buscar pontos só porque eu disse aquilo. A minha preparação para entrar na escola dificultou-me porque veio todo o trajeto antes da fase de entrar para a escola, que as pessoas desconhecem...

D: Claro...

E8: E aquilo para mim foi um...

D: Um escape ou foi um choque?

E8: Um escape em que aspeto?

D: Ao vir para escola?

E8: Não foi escape nenhum. Porque eu sei que tinha capacidades...

D: Mas a coisa não vai por aí... Diga-me uma coisa...Foi para o 10º ano, ainda gaiato e depois?

E8: Depois 10º ano. 11º

D: Tudo seguido?

E8: Sem interrupções...

D: Depois do 1º ano... ficou com 3 disciplinas e desistiu porquê?

E8: Não, ainda fui para a noite...

D: Foi para a noite, porquê? Por causa da idade? Começou a trabalhar?

E8: Comecei a trabalhar.

D: OK. E começou a trabalhar onde?

E8: Estava na Tabaqueira na altura. Trabalhava durante o dia e à noite ia estudar. E depois...

D: E depois...o que é que me aconteceu? Foi para a Veiga, ficou com 3 disciplinas e não conseguiu fazer? O que é que aconteceu? Ou desistiu? Casou? Foi para a tropa?...

E8: Na tropa estive quatro dias...

D: Então o que aconteceu?

E8: Não em quiseram lá, mas à noite...houve um ano em que eu chumbei. Porque esqueci-me de pagar as propinas. Depois...

D: Matriculou-se no ano seguinte...

E8: Matriculei-me... depois. Juntei-me lá com uma professora...

D: Deixou de estudar ou não?

E8: Em vez de ir as aulas saía com ela...

D: Pronto. Deixou de estudar...

E8: Ia..., lá..., estava de corpo presente. Depois é uma coisa difícil de explicar... Comecei a trabalhar nos impostos e disseram-me para ir para a escola outra vez mas eu não nunca mais voltei. Entretanto casei...

D: E desistiu da escola porquê?

E8: A vida dá assim tantas voltas...não sei ao certo o porquê. Não era por desgostar de andar na escola... não fui por isso...

D: Você é esperto, tem capacidades... não foi por isso...

E8: Sim, não é o caso... é difícil de explicar... Eu já casei muito tarde também. Depois a vida é assim...como hei de explicar

D: Vamos ver se eu entendo...

E8: A minha zona...não é muito longe... é ali em baixo... Há sempre aquele grupo de amigos, não é?

D: Claro. Em todas as zonas há grupos de amigos...

E8: E eu... nesse grupo de amigos... eles não iam para lado nenhum que eu não fosse...

D: Era o líder do grupo...

E8: Mais ou menos. Principalmente, para as coisas... nunca fui de andar em pancadas... nem nada disso. Está fora de questão. Mas depois eles iam bater à minha porta e “hoje vamos ali, vamos...”

D: Para a ramboia....prós copos...é próprio da idade...

E8: Prós copos... e aí é que vem a parte negativa da Vida...

D: Ok, mas aprende-se a sair de lá...

E8: Não, mas é que eu estive lá.

D: Pois. Mas quando consegue sair de lá aprende-se muito...

E8: Pois... mas agora eu ainda consigo olhar para ali, e apesar de aquilo estar cinzento, eu ainda vejo azul. E eu na altura só via tudo cinzento. Portanto foi um percurso da minha vida que eu não desejo a ninguém. Nem ao meu pior inimigo, e quando nós não nos apercebemos...por que é a tal coisa...

D: Também a influencia dos amigos

E8: Isto é um pouco complexo... Mesmo a minha mãe tinha a mania de dizerE8: fechou aquela loja, mas não diz mais nada. Culparam, pois isto ainda foi enquanto eu estava casado...” foi a mulher”. “Coitado do meu filho ficou assim por causa da mulher”. Não tema nada a ver a mulher. O nome da senhora não fala aqui em casa porque ela não tem a nada a ver. Porque se eu bebia, não era ela que me dava a beber. E eu cheguei a dizer isso minha mãe mais do

que uma vez. As pessoas começam a ganhar um ritmo de vida: sai do trabalho, o ritmo normal. Sou capaz de acompanhá-los... só que não bebo. Agora a questão era assim: saia mais um colega, mais uma imperial, mais uns tremoços, mais uns pipis,... Depois ia para casa..., jantava. Bebia à refeição. Ia tomar café e bebia meio *whisky*. Depois o pior vinha sempre a seguir. Eram dois ou três, eles e elas “ vamos ali, porque há uma festa ali “. E eu ia a todas as festas. Aquilo torna-se um ciclo vicioso. Uma pessoa vai ali e bebe. Até que uma pessoa chega a uma altura que diz assim: espera aí, há aqui alguma coisa que não funciona. É quando eu bato no fundo. O médico chegou a dizer à minha mãe que eu tinha dois dias de vida. Portanto... estava num estado...

D: Lastimoso...

E8: Mais do que mal. Que a gente não vê nada. Foi muito sozinho...

D: Fez o quê, uma desintoxicação?

E8: Por minha autorrecriação... Porque é assim: eu estar em casa, fechava-me ao fim de semana, não ia à rua, não ia para lado nenhum.

D: E continuava a trabalhar?

E8: Sempre a trabalhar. Não sei onde é que eu ia buscar energia. Até uma certa altura, porque quando há a quebra...

D: Que idade é que tinha?

E8: A quebra total dá-se...

D: Ou quantos anos estiveram nisso?

E8: Ainda foram muitos.

D: O que é muitos?

E8: À vontade...aquela noção que a pessoa tem...eu posso dizer que foi um ano dois anos, sem ter a noção da realidade, porque quando a pessoa bebe e está consciente, vai trabalhar e funciona....mas uma coisa é quando já está lá dentro, já não há controle, não consegue dizer assim: eu bebi agora isto e já não vou beber mais. Porque aquilo a gente não pode apontar o dedo a ninguém. E eu não tinha aquela noção, bebia...está-se bem. E depois o próprio orga-

nismo...

D: Começa a rejeitar...

E8: Não consigo comer, bebia água, saía... água. Até que um dia, eu disse à minha mãezinha. Arranja-me aí a mala, ela até ficou a olhar para mim, e eu vou para o hospital.

D: Foi um clique?

E8: Exatamente...foi um clique...Eu disse assim: mas ando aqui a chorar porquê? Não sou tão parvo pelos cantos porquê? Eu chorava...mas o que ando a fazer? A gente costuma dizerE8: só se lembra de Deus quando esta aflito. Mas ele disse: o pá faz isto e de certeza foi isso que e ele fez. E eu pronto...ainda me lembro... fui com a minha mãe ao Júlio de Matos, estive lá m mês e uma semana... E a noção de que eu tenho foi quando sai daquela porta olhei e vi tudo azul. Foi uma sensação que eu não... pronto... parecia que vivi novamente. Tal e qual. Lembrei-me do meu filho... Porque eu afastei-me dele durante 5 anos, par anão me acusarem seja do que for. Seria bom. E estive 5 anos afastado dele. Esteve comigo até aos 4 , 5 anos. Depois dos 5 anos já aos 10.E agora esta até aos quinze, faz cinco anos que ele está comigo. A única coisa que eu temia naquele momento, era como as pessoas do trabalho, como é que eu iria enfrenta-las e como eu iria enfrentar o meu filho. Somente essas duas situações. A nível de medicação, não tomei nada. Sai de lá, podia vir medicado: nada, zero. Aliás falei ao médico e disse assim: “olhe..., eu posso ter alguma ansiedade”, e pedi a ele uns comprimidos que não criassem dependência. Ele deu-me uns comprimidos. Conforme tomei aquilo vi as pessoas, a minha reação foi positiva. A das pessoas também foi positiva. Não tomei mais comprimidos nenhuns. Quando vi o meu filho, estava extremamente nervoso. Fui muito bem aceite por ele. Nem mais comprimidos, nem mais álcool

D: Passou esse patamar?

E8: Sim... pois eu estive lá em baixo...

D: Voltou a renascer?

E8: Voltei a renascer... depois disse para comigo, porque aqui também entra a parte, o tal voltar a estudar, mostrar a mim mesmo que também tinha capacidades, não só sofrimento..., porque sai a trabalhar e a estudar, mas voltar a enfrentar a escola, colegas....porte é assim eu fui para a Luísa de Gusmão tinha mais colegas do que aqui. Tive o prazer de conhecer o

Pedro, que está em Angola agora. Conhecer outra realidade. Até que eu cheguei á Luísa de Gusmão e perguntei: em que é que me vou matricular?

D: Porque a sua ideia era acabar o 11º...

E8: Exato. O que eu percorri. Ainda fui ao ministério e tudo e ainda deram as equivalências. Depois na Luísa de Gusmão ainda me matriculei nas unidades capitalizáveis. Cheguei lá deparei-me com inglês. E o que eu vou fazer? Já não era bem aquilo e consegui mudar para módulos. Disseram-me que me ia atrasar mais, tinha de começar tudo de novo. Tinha de voltar a fazer o 10º outra vez, pois não havia equivalências na altura.

D: Só em 2004 é que começaram os módulos.

E8: Exato...

D: Porque você só veio para aqui no 11º, não veio para aqui no 10º. Veio para aqui com o 9º.

E8: Mas... a minha ideia era demonstrar a mim mesmo e também saber como as coisas estavam a funcionar lá dentro. Porque dentro do meu ministério as coisas são muito complexas... Porque não só a nível de carreira

D: Isso é função pública. É igual para todos...

E8: Não o ministério das finanças é diferente. É mais complexo, porque eles abrem concurso, não abrem concurso. Primeiro que abram concurso, e a pessoa só tem habilitações a nível de progressão, se não faz carreira técnica, é muito complexo para andar ali. E a minha ideia é passar à carreira técnica, porque há sempre promoção. Não quero ser diretor das finanças, mas quanto mais a pessoa vai para cima, mais vai salvaguardar o futuro, não é que eu tema, já me indignava, mas há lá mais velhos do que eu. Mandem-nos primeiro a eles. Pronto, não me mandem a mim. Mas como quanto mais andar parar a frente, a nível monetário....

D: Claro... e, entretanto, começou a estudar na Luísa de Gusmão. Como é que veio parar aqui a esta escola?

E8: Vim parar porque...

D: Porque não continuou na Luísa de Gusmão? Porque é que escolheu esta escola?

E8: Não só por estar mais próximo a minha casa e poder ir jantar a casa, como mesmo à noi-

te, apesar de não gostar da escola da Luísa de Gusmão, à noite era complicado, às vezes o Pedro não me dava boleia até ao metro, àquelas horas da noite, na Praça do Chile, a última hora de lá era tardíssimo.

D: Também cá...

E8: Sei como isto está cada vez está pior...

D: Então conheceu o Pedro na Luísa de Gusmão?

E8: Era da minha turma, mas era muitas vezes ele que me dava boleia de carro até ao metro. E depois saía no Intendente, subia a Calçada do Desterro, e chegava a casa a meia-noite. Aqui é um pulinho. Tenho também ali dois sócios que é o Vasco e o Filipe que vão comigo para baixo e vamos á conversa. Mas também foi por isso por estar mais perto. E ainda tinha uma coisa que eu dizia que um dia ainda viria estudar para o Camões.

D: E antes de começarmos aqui no secundário, o que fazia nos tempos livres? Antes de começara a estudar?

E8: Ó pá..., era um bocadinho mais complicado...

D: Ia jogar à bola, via televisão...o que é que fazia?

E8: Era um bocadinho disso tudo...

D: O quê?

E8: Jogar à bola... não... porque eu tenho um problema no joelho e não voltei a jogar... Por acaso é uma coisa que eu gosto muito mas não posso, se me dão aqui uma pancada no joelho...Não gosto de ir ver jogar à bola, com o Pedro. Chegamos a baldarmo-nos a uma aula...só tínhamos uma aula nesse dia, ia ver o Sporting -Porto, ele também é do Sporting, e ele arranjou os bilhetes da GALP e fomos os dois ao campo do Sporting ver o jogo. Mas gosto de ver futebol, ver televisão também, tive aí uma altura que tive de ler muitos códigos

D: Muitos códigos?

E8: IRS, IRC e IMI, MT....por ai fora. Tudo que é códigos fiscais, porque ia a concurso...

D: Porque há formação lá?

E8: Há, nos Campos Mártires da Pátria.

D: E você fazia formação?

E8: Ia fazer...Ainda há pouco tempo fiz uma.

D: Vamos voltar aqui à escola...ensino secundário. O que é o que o fez voltar à escola. Primeiro já percebi que foi para mostrar a si próprio que conseguia fazer alguma coisa depois desse tratamento. Foi Influenciado por alguém...os seus pais? O seu filho?

E8: Não. Fui eu... E também uma companheira que eu tenho, portanto, ela é doutorada e ela disse-me que eu era capaz.

D: Então aí houve também uma motivação. Quero saber as motivações...

E8: Porque é curioso porque ela também teve a português. E a português era ela muitas vezes que me ajudava. Sem dúvida. Mas ela dizia mesmo que eu era capaz. E que eu tinha de demonstrar a mim mesmo. E ela espicaçava naquela parte em que eu muitas vezes me queria baldar

D: Conte lá

E8: Dizia: “ Não deixes para trás, não faltes, aguenta mais um bocado, vá lá, vá lá....”.E eu: “o pá hoje estou cansado porque sai do trabalho”. Há dias em que uma pessoa está no serviço, d finanças e depende dos contribuintes que atende.

D: Trabalhar com o público não deve ser nada fácil...

E8: E depende do setor em que se está. Ora uma pessoa trabalhando na vida executiva, cada pessoa que lá vai tem dívida. Ou porque tem casa penhorada, ou porque tem o carro penhorado, as contas bancárias. Ou penhoraram a pensão...os velhotes. E a pessoa, depende do dia que está ali... se é um dia só está-se bem. Mas quando “ mas porque é que me penhoraram isto?” e não saem dali. E querem falar com o chefe. E há dias em que é stressante e não se pode reagir, temos de aguentar ali firmes. Não é nada fácil. E tive dias em que saía de lá... E havia uma temporada que andava numa brigada

D: O que é isso uma brigada?

E8: Andávamos de porta em porta...

D: É como aquela coisa do PRAC...

E8: Não..., não é nada disso. O *Prac* é para empresas particulares. Identificamo-nos e entramos pela casa das pessoas e penhoramos tudo. Eu já entrei em estabelecimentos e penhorar aquilo tudo.

D: Eu nem sabia que isso existia. Mas isso é o quê? Inspeção?

E8: Sim.

D: Há já ouvi falar em casos de irem lá a casa e ver as contas do IRS, É isso?

E8: Sim é mais ou menos isso. Eu quando eu fui...não isso é quando eles vão ver os rendimentos. Nós já vamos com outro intuito, já não vamos ver nada. Havia dias em que efetivamente em que me sentia.” Pá vou mas é para casa e vou comer o meu jantarinho, e vou-me deitar”. Mas começava a levar na cabeça, porque era preciso sempre alguém, uma alavanca para...

D: Pois é isso que eu quero saber.

E8: E era também ela, porque quando ela...tirou o curso aqui no Camões, não sei quando, e estava sempre a apertar “ E tu vais conseguir, não desistas, vais ver quando foi o último dia vais ver a satisfação que vais ter”. E pronto é sempre engraçado porque no final uma pessoa fica sempre satisfeita, não é?

D: Evidente!

E8: O esforço depois, porque se uma pessoa abandalha-se um bocado, desanima um bocado reage mal...O eu problema era sempre aquela reação em relação àquela professora, se calhar... eu nunca fui má pessoa, mas parecia que estava a voltar atrás as minhas reações um bocado intempestivas. Porque muitas vezes não sei bem como é que reagia. Eu por exemplo, chegava a acontecer mesmo a nível do serviço, fosse mulher fosse homem que eles comessem a “bssschhhh, bssschhhh, bssschhhh”, eu chegava lá e cuidado..! Mas aquele não era eu...

D: Claro... era jovem...

E8: Apesar de eu não gostar de mexericos, os mexericos vinham mais depressa do que eu a

arranjar mexericos. Eu lembro-me depois de fazer o tratamento, eu estava aqui nas Finanças, no Campo Mártires de Pátria, e eu trabalhava aí e eu lembro-me que foi um dia de aniversário e pediram todos para eu falar, o chefe e os colegas, faziam sempre uma festa. E eu lembro-me que a única coisa que disse à aquela gentinha toda, foi pedir desculpa a todos. Se calhar não mereciam. E eu disse assim: “bem no fundo eu vou pedir desculpa a esta gente toda por alguma coisa em que tenha sido incorreto, mal-educado”. Foi isso que eu disse. Pronto as mulheres como é costume começam logo a chorar. Porque eu tenho a noção que havia aquelas pessoas que gostavam de mim e no fundo libertei-me um bocado, porque algumas pessoas, eles diziam-me assim: “Ó pá, Artur, nem imaginas a felicidade de dizer bem”. “Ó pá, não me digas que também tenho feito mal”. Porque, por exemplo, com os meus pais, mesmo nos momentos piores, nunca fui agressivo nem mal-educado, enquanto fui casado nunca fui agressivo...Mas cá fora, soubessem alguma coisa que não jogasse bem cá para o meu lado

D: Ia aos pacotes...

E8: Passo-me da cabeça... Se visse alguma coisa que fosse adverso, nem que fosse ao meu lado, já reagia de outra maneira.

D: Pois mas isso só lhe ficava bem, não é?

E8: Pois. E eu dizia assim: “por amor de Deus, mas eu não sou assim. O que é que eu te vou fazer?”. E eu ali dentro da escola tive aquela sensação que estava a voltar ao meu lado negativo. Mas eu não posso....e ficou por ali, encerrei a conversa coma senhora. Continuei a ir às aulas dela apesar de saber que ela não me passava.

D: E não passou...

E8: E não passou! Mesmo depois..., falando a bem, tive de lhe contar o meu percurso de vida, nem quais seriam as minhas reações, que estava um bocado atrofiado e podia reagir coma pequena... até fui falar com ela e foi um mal-entendido... e ela dá-me uma pontuação, por duas décimas, não me deu a pontuação num teste, por duas décimas não me deu a nota. E assim ali à minha frente “pronto vamos já fazer aqui uma oral. Vou já aqui fazer-lhe umas perguntas”. O que é que ela me ia dizer? Faço duas ou três perguntas e ficas já aqui a abanar. Fica tudo na mesma. Eu disse assim:” Eu não converso com esta mulher!”. Eu também acredito nos professores. E eu tive essa noção, se quiserem ajudar...ajudam. Mas também se

não....

D: É verdade...

E8: “ Olhe este está armado em esperto, então vou fazer-lhe uma pergunta ou duas ou três e quatro. Eu sei que ele não me vai responder!”. É tão simples quanto isto. Agora se eu consigo chegar até aqui e você estica para ali, eu não consigo chegar lá. Eu a ir preparado só para receber o teste e ter nota, e ela diz-me isto, pronto...

D: Porque é que escolheu esta área de estudo?

E8: Contabilidade? Não sei...

D: Então?

E8: Não sei, porque possivelmente tive também a conta a idade, não era mau aluno, há vinte anos atrás, até era uma pessoa com boas notas...enveredei pelo mesmo.

D: Mas havia outros cursos, porquê contabilidade?

E8: Não sei... sinceramente...

D: Agora eu percebo. Já tinha umas coisas feitas e era para acabar.

E8: Pois... também. A nível da contabilidade é assim: a contabilidade é interessante para quem se pode dedicar a ela

D: Pois eu nunca gostei de contabilidade nesse aspeto...

E8: Pois... era muito fácil e aliás, por exemplo, um ex. colega meu... por muito bom aluno que era em contabilidade, que era a área dele...

D: Está a falar do Luís...

E8: Exato. Ele, a nível do português, ele decorava tudo na língua. Se lhe cortasse o fio á metade, ele já não....há pessoas que conseguem decorar isto tudo e voltar a dizer isto tudo, e se o interrompem...ele na contabilidade faz diariamente, também lhe interessa a nível do fisco. Mas eu não ando a ver escritas as pessoas... sei um pouco de contabilidade, mas para por em prática eu não sei fazer nada...

D: Pois tem de ter o TOC...

E8: Pois..., tem de ter o TOC. Técnico Oficial de Contas. Por exemplo, o Paulo trabalha com o Dr... Ele é o melhor aluno, na minha opinião, porque era mais sólido, no global era melhor aluno, não estamos aqui a fazer comparações. Eu na contabilidade..., podia ser um bom contabilista. Mas tinha de me dedicar àquilo.

D: Acha? Tinha de tirar qualquer coisa...

E8: Era mais isso...

D: Ora, agora, vamos falar aqui dos professores da escola...

E8: Quer que comece a falar do pior ou do melhor...? É indiferente...? Pronto... eram todos péssimos...

D: Ah! Força! Diga! Para a gente melhorar...pode falar mal da professora de português... Aqui agora sou a investigadora.

E8: A Professora de português... não vamos aqui generalizar... porque também não é por aí... Deixe cá ver... na minha opinião... dos professores que eu tive, gostei ou não gostei... é um bocado difícil. Porque é uma pessoa um bocado complexa. Apesar de ser muito agradável, é muito complexa... porque nunca sabemos até onde vai o humor da professora D... Porque no fundo, não via, na minha opinião que houvesse aquela intenção de prejudicar A, B ou C. Havia aquela agressividade de se impor porque estava ali a dar aulas. Depois havia aquela Dulce mais doce que era a parte que eu gostava mais. Porque eu consegui ver as duas partes da Dulce. Uma parte mais doce e uma parte mais agressiva,... Pois eu não sabia nunca o que é que ia sair dali...Dos outros que eu gostasse...gostava daquele de economia

D: Do Zé Manel...

E8: Do Zé Manei... não era de economia. Era do Projeto

D: Sim, da PAT.

E8: Gostava do de economia, do brasileiro, do Wilson, era um rebuçado...porque ele era...é bom homem..., é muito sensível, um homem engraçado... Como professor gostava do Álvaro Queirós. Bom professor que explicava bem apesar da contabilidade ser difícil e a partir do

12º ano era mais complicado, dava cabo dos neurónios. A outra também estava bem tratada, era boa rapariga.

D: Está a falar de quem?

E8: A pequenina, parecia um porta-chaves. Era de técnicas administrativas.

D: A Paula. Esteve cá um ano.

E8: Não era má pessoa também. Há aqueles que estão naquele patamar... eu costumo dizerE8: há aqueles que estão naquele lado (é a mesma coisa quando eu estou no fisco, que eles estão daquele lado e eu estou neste lado), não tem nada a ver com nada. Também é mesma coisa quando estamos a falar com um professor. Há aqueles professores que são mais... não é? enquanto... há aqueles que, pronto! Porque são professores... mas pronto...Mas isso tem a ver com a personalidade de cada um, e a maneira de manter a distância.

D: E sobre os colegas? Que tem a dizer sobre aquele grupo de colegas? Vocês ainda se encontram? Saíam?

E8: Gosto...nem por isso...

D: Ou dava-se mais com os de informática?

E8: Não o que eu me dava mais era o Pedro. Dos outros gostava imenso do Fernando, gostava e gosto, pois ele mora ao pé de mim. Era talvez o melhor colega, de todos, incluindo eu. Como ser bom colega, é partilhar o que se sabe e não sabe. Porque ele, às vezes, também partilhava até o que não sabia... Portanto aí demonstra o tipo de pessoa que é. Mas era uma pessoa que dava tudo pelos colegas. Depois havia outro que era o inverso... Que não dava nada pelos colegas.

D: E sobre as disciplinas de curso? Foram adequadas?

E8: Eu penso que sim...

D: E onde é que sentou mais dificuldades?

E8: Ah! Esqueci-me de falar sobre um professor que percebia mais de eletricidade do que de matemática... o João Jaime. Ele percebia muito mais de eletricidade do que de matemática. Bom homem. Tive dificuldade em matemática...sempre tive....porque assim...

D: Teve alguém que o ajudasse? Como é que se desenvencilhava disso?

E8: Esforçava-me...

D: Não tinha ninguém que o ajudasse?

E8: Mais em português. Quando foi a nível da língua.....Em contabilidade, pois ela trabalha no Ministério da Saúde e ela tem algumas coisas de contabilidade e ajudava-me algumas vezes. Eu dava uma ajuda a ela. Uma disciplina que eu mais gostava, mas que senti dificuldade em adaptar-me, apesar de não gostar de matemática, porque não tenho bases não posso dizer que não posso dizer que gosto de matemática. Não há ninguém que não tendo bases pode dizer que gosta de matemática, porque senão é mentiroso. Se aprendeu matemática ontem não pode dizer que gosta de matemática. Ou então tem de andar anos a aprender a matemática. Português... sempre gostei. Posso não ser nada a português, mas sempre gostei. Uma disciplina que eu gostava mas que tive dificuldade era Filosofia. Era uma disciplina que eu gostava mas tive dificuldade.

D: E qual é avaliação que faz desse percurso feito, ao terminar o secundário? Valeu a pena?

E8: Valeu a pena, nem que seja por a ter conhecido...

D: Mas quando acabou secundário quase os projetos de vida?

E8: Quando eu fiz o 12º, o meu objetivo não correu muito bem, pois eu estive no estágio para técnico da administração tributária. Primeiro fiz o concurso...

D: E já era preciso o 12º?

E8: Sim, fiz o concurso, que era a nível nacional... concorreram... não sei quantos... mil e eu entrei. Depois ao entrar ficamos 600 ou 700. E aí é que é a altura de estudar códigos, códigos, códigos.....Apesar da minha experiência de trabalho, digamos em campo, nunca fui. E é mais um erro que eu cometi, que é o ler os códigos. E eu fazia tudo...eu sabia tudo de trás para a frente. Mas quando se chega ao teste, e tem de se fundamentar, e infelizmente não me correu bem. Porque eu, em ralação ao estágio, pensei que se passasse no estágio dava um passo em frente, para voltar a estudar. Fiz um interregno para me dedicar ao estágio.

D: Para continuar para o superior?

E8: Exatamente. E aí é que eu estou um bocado indeciso para que lado me vai virar...

D: Se vai para o estagio ou se vai para o superior?

E8: Sim

D: Quer a minha opinião? Superior! Pois há outros concursos além desse...

E8: Pois..., a minha dúvida a nível do superior o que é que eu vou optar.

D: Pois não gosta de contabilidade pois não?

E8: É muitas contas.....

D: Mas há mais. Historia, sociologia....não me falou de Filosofia?

E8: É uma coisa que tenho de ponderar.

D: Valeu a pena voltar a estudar?

E8: Sempre...

D: Porquê?

E8: Em todos os aspetos... Não só valorizar-me pessoalmente, integrar-me, porque eu estive desintegrado, essa foi a realização melhor, porque eu estava desintegrado da realidade. Voltar a estudar fez com que eu me reintegrasse, não é bem na sociedade, mas mais ou menos...Depois valorizei-me não só a nível profissional.

D: Houve mudanças?

E8: Houve. Deixei os meus pais felizes... Conheci muitas pessoas agradáveis. Mais agradáveis do que desagradáveis... Um balanço muito positivo.

D: Então o que significa escola na sua vida?

E8: Eu acho que é uma alavanca na vida de uma pessoa...

D: E agora para terminarmos. Em que é que contribuiu para o seu bem-estar social, pessoal e para o seu bem-estar, voltara estudar vinte anos depois?

E8: Foi em todos os fatores a melhoria de 100, 200%...

D: Pelo menos foi para si uma prova que conseguia...

E8: Eu, em relação a isso, mais no primeiro ano, ao entrar, temia um pouco, porque era aquela fase de transição de ser 20 anos sem estar a estudar. Entrar nesse ritmo foi difícil... Depois no segundo e no terceiro... já fui e continuaria. Também tenho esse suporte atrás que me está sempre a empurrar. Se houvesse pessoas a puxar para outras coisas...

D: Mas houve aqui pessoas que tiveram essas pessoas a puxarem para outras coisas e conseguiram...houve até problemas a nível familiar...

E8: Pois... essa é a parte mais grave...É a mensagem que eu tento transmitir ao meu filho: porque os erros do passado, não só a nível escolar como a nível pessoal dele, faz parte essencial a escola. Digo isto por mim porque eu podia estar aos 40 anos, num patamar diferente. Eu tenho um padrinho meu que aos 40 anos formou-se em direito e agora é juiz

D: Quer acrescentar alguma coisa?

E8: Foi graxa...Não! Foi um prazer conhecê-la.

Entrevista – C 1 (1:14m:40s)

D: Ok C, vamos começar, então, esta entrevista, “Voltar à Escola Vinte Anos Depois, Um Desafio de Desenvolvimento Pessoal e Social”.

Já vimos o termo de confidencialidade: isto que vamos ouvir, ler, escrever e falar, nesta entrevista, vai somente para fins estatísticos, para consolidação do estudo, e os dados não vão ser utilizados para outros fins.

D: Quero que o C me diga a sua idade, o local de nascimento, os pais, estado civil

E9: Tenho 47 anos, nasci em Angola; o que era mais?

D: Os seus pais estão em Angola?

E9: O pai e a mãe biológica estão em Angola e a mãe que me criou, em Portugal.

D: Veio para Portugal com que idade, então?

E9: Vim para Portugal com 18 anos.

D: 18, ok. E porque veio para Portugal?

E9: Vim para Portugal por dois motivos, qual deles o mais importante. Primeiro, porque tinha, tinha, portanto ... Angola tornou-se independente e estava, digamos que estava numa crise, numa guerra. Mesmo depois da independência continuou a guerra; depois já foi o problema entre as duas facções que dominavam o território, que eram o MPLA o partido do governo e a FNLA. E portanto, Angola deixou de ter condições para ter uma vida normal, o que se considera normal, não é? Os jovens eram recrutados à força, para o exército; quando digo “à força”, é porque nem precisavam de chegar à idade maior.

D: A idade maior era 18.

E9: Era 18 anos, mas já havia crianças com 15 anos que pegavam numa arma, eram crianças...

D: Claro.

E9: Havia miúdos de 15 anos, e até menos, que integravam grupos paramilitares, eram chamados na altura os meninos *caramcuba* ... *caramcuba* quer dizer pequenino ... E foi desta situação que eu também prescrevi ... mesmo, mesmo com 18 anos, não estava disposto a integrar o exército, porque não queria.

D: E estudava, até lá?

E9: Eu, portanto, a partir de uma determinada ... trabalhei... Eu começo por fazer parte de uma família de certa forma desestruturada, porque o meu pai, sendo filho, e isto para explicar porque não estudei, porque é que o meu processo, o meu percurso escolar foi irregular, o meu pai vivia a 200 km do sítio onde eu estava, porquê? Porque o meu avô, quando foi daqui para lá, meteu-se no interior de Angola, foi trabalhar para um fazendeiro, um homem muito rico, e lá juntou-se com uma negra. O meu pai, por sua vez, meteu-se ... havia aquela facilidade do homem ... não sei se é preciso explicar...

D: Sim, fique à vontade, Hehehehhe, para eu entender melhor o seu percurso, sei lá.

E9: Havia, uma certa, digamos que as pessoas, que, que... havia uma separação entre o branco, e os filhos dos brancos e os pretos. E então, um indivíduo mestiço, como era o meu pai, digamos que, em qualquer altura, quando quisesse e quando lhe apetecesse ia escolher uma mulher...

D: hum, hum...

[discurso sem sentido:]

E9: quase que não era preciso, quase não, era preciso ter um, se calhar, era o ato sexual que

D: hum...

E9: Por exemplo, havia um arraial, uma festa qualquer, desde que houvesse uma festa ou qualquer sítio onde as pessoas estivessem reunidas, era motivo para um indivíduo, se quisesse, se encantasse por ter uma mulher, ou apenas pelo ato sexual. De tal forma que, nós somos quatro irmãos, somos filhos de mães diferentes, e só fomos (por acaso é curioso, que isto foi uma coisa que só descobri há poucos dias), só fomos reconhecidos pelo meu pai por exigência do meu avô. É curioso. O meu avô, homem branco ... e então, porque o meu pai nem sequer sabia da nossa existência. Teve o ato sexual com alguém, a mulher aparece grávida e naquele tempo até, com extrema facilidade ele podia dizer, isto não é meu, tu deves andar com mais de mil; isto acontece agora, quanto mais naquela altura. E tinha poderes para isso. Portanto, o meu avô, quando se apercebeu,, exigiu que o meu pai, o meu pai, coiso ...

D: O perfilhasse.

E9: O meu caso, por acaso até foi uma situação, eu diria, em relação aos meus irmãos, até especial.... O meu avô sabia que o meu pai andava com aquela mulher ou, pelo menos viu-o algumas vezes com ela e portanto viu que a gravidez ... quando ela passou grávida... fosse dele. Então, a minha mãe foi recolhida, foi mandada para Luanda. Eu nasço numa materni-

dade de Luanda, mas o meu pai manteve-se no mato, a trabalhar com o meu avô. A minha mãe teve-me, em Luanda, estava em casa de umas tias minhas e como estava sozinha e ainda era muito jovem, quem diga até uma mulher bonita, sentiu-se só, naquele meio que ela não conhecia, apenas com a minha tia; portanto, aquilo era um mundo, era ... como hei de dizer, era um mundo de ...

D: Era a cidade, não é!

E9: Era a cidade, não sei quê. Acho que a dada altura um fulano se encanta por ela,

D: E ela tenta refazer a vida...

E9: E ela tenta refazer a vida. Engravidada novamente e, quando engravidada, é posta fora de casa, é posta na rua.

D: Pela sua tia.

E9: Pela minha tia, pela minha família, pelo meu pai ... é curioso que eu essa história ainda não consegui

D: O seu pai não estava a 300 km?

E9: Estava, mas tinha o comando da família, tinha o comando das coisas, não é.

D: Hã, Hã.

E9: E então, desde então eu fui criado pela minha tia.

D: Hum, Hum...

E9: Portanto, eu perdi o rasto da história da minha mãe, perdi o rasto completamente.

D: Nunca mais soube nada dela.

E9: Não. Soube da minha mãe uma semanas antes de vir para Portugal. Eu lembro-me que enquanto, portanto, as várias fases que tive enquanto fui crescendo, lembro-me que tive várias reações, reagi a vários momentos, hum ... não sei se alguma vez já deu com alguma criança a chorar sem saber porquê, e sem saber explicar porque é que está a chorar, inclusivamente. Porque eu lembro-me que depois da minha tia ter filhos, ou mesmo antes, desde que fossem crianças lá a casa com os pais, que eu me sentia deslocado. Porque, há um momento de carinho, há um momento de, aquelas coisas que são normais nas famílias, e que me sentia deslocado, isolado. Desde cedo comecei a sofrer com isso.

D: Com a falta da mãe, com a falta do pai, apesar de ter o carinho da tia, não é?

E9: Exatamente. A minha tia, inclusivamente, passou por minha mãe, passou por uma mulher da vida porque, naquela altura, naquele tempo, estamos a falar de 1961, uma mulher que aparecesse com um filho sem pai

D: Estava a falar da sua mãe e da mulher que às vezes aparecia com ...

E9: Sim. Portanto, a minha mãe não podia estar... depois começou a ter problemas porque cada vez que se deslocasse comigo para qualquer lado, hospitais, escola ... e então, pronto ... isso foi um bocado mal falado e tal, mas ela superou tudo isso.

D: E isso também foi uma das influências para vir para Portugal.

E9: Não. A razão de vir para Portugal foi que a minha família estava toda a vir para cá por causa dos problemas da guerra; o meu pai foi o primeiro a vir para cá porque sofreu um problema de, contraiu uma doença crónica, uma insuficiência renal. Em Angola não tinha condições, não tinha meios para se poder tratar. O médico que o viu ainda , português, disse-lhe: você se não for para Portugal, ou outro país qualquer onde se possa tratar...

D: Portanto, por questões de saúde veio ...

E9: Por questões de saúde veio para cá. E é curioso que é numa altura em que nós, o meu pai estava a tentar reunir os filhos. Teve que vir para cá, pronto e, a seguir, a família por uns motivos, outros por outros, começaram a vir.

D: Começara a vir e veio também ...

E9: E eu vim no dia 18 de agosto de 1979 estava a aterrar Sábado de manhã no aeroporto de Lisboa, e no mesmo Sábado estava a sair a minha lista para ir para a guerra.

D: É lá! Hehehe .. foi mesmo ali na mouche !!!! Caramba! ... Olhe, filhos?

E9: Filhos tenho três.

D: Estão a estudar? Que idade têm? Estão a trabalhar? ...

E9: Têm 24, 23 e 19.

D: Estão a estudar ou não?

E9: Estão a estudar dois. O mais velho está a trabalhar.

D: Ok. Que é o de que tem um netinho...

E9: Não. O netinho é o do meio.

D: Há! Hehehehe ... está bem ... e estão a estudar o quê?

E9: O mais velho ... esta coisa de ter os filhos longe é um bocado complicado.

D: Onde é que ele está?

E9: Estão em Inglaterra.

D: Todos.

E9: Sim. Cada vez que falo com eles, um está a fazer uma coisa, depois outro está a fazer outra, depois quer uma coisa ... O mais velho diz que está a tentar entrar para Engenharia. E o mais novo gosta de informática, e também de decoração, está a fazer dois cursos.... agora não sei.

D: Vamos ver...

E9: No mês de julho vou lá ...

D: Vai ver como é que é ... saber como é que foi.. Ok. E o seu emprego?

E9: O meu emprego. Quer a história dos meus empregos ou do meu emprego atual?

D: OK. Pode ser o que quiser, sim.

E9: Então, olhe

D: Começou a trabalhar com que idade?

E9: Comecei a trabalhar com 16 anos.

D: Então, ainda lá... a fazer o quê?

E9: A fazer ... numa empresa de transportes de Angola, de Luanda. Como tinha deixado de estudar, ou melhor, o meu aproveitamento escolar não era o melhor

D: Hehehe ... depois há ainda que falar sobre isso mais pormenorizadamente.

E9: ... os meus tios entenderam que eu devia fazer alguma coisa ... meu amigo não quer estudar, vai ter que trabalhar.... e fui trabalhar. Uma cunha que se arranjou não sei onde. Mas foi bom, podia ter ido trabalhar para uma coisa pesada. Quando o filho abandona a escola tem que sentir que não estudar vai encontrar a cultura pesada. Então arranjar-se uma cunha para meter o menino no melhor sítio, onde está a fazer uma coisa que é mexer, para ter a máquina às costas ...

D: Era pesado

E9: Pesado

D: Pesado fisicamente.

E9: Acho que sim. E senti cá. Foi lá mas senti cá. Cheguei cá, 18 anos, não tinha habilitações, o trabalho numa altura em que a segregação era ... não é que uma pessoa não tenha habilitações, há outro fator que conta bastante, que é a cor. E então, o meu trabalho o que é que foi? Mercado do Rego, fui acartar frutas, levantava-me às duas da manhã, das duas às seis da manhã, no mercado do Rego a carregar caixas de fruta.... E aí comecei a sentir no duro. Daí que tenha dito que é bom sentir no duro porque depois comecei a perceber que devia fazer mais qualquer coisa pela minha vida. Daí fui trabalhar para as obras. Conhece a Quinta do Andeiro?

D: Sim.

E9: Muito bem... Depois daí fui trabalhar para as obras do metro. Depois fui trabalhar para, comecei a trabalhar em prestação de serviços, portanto ia trabalhar para um sítio, depois para outro. Até que surgiu a oportunidade de ir trabalhar para o Ministério da Educação. Entre-

tanto, fiz o ciclo preparatório, na Marquesa de Alorna, Sete Rios.

D: Praça de Espanha, sim.

E9: E portanto, com esse pequeno apport deu para entrar para Auxiliar de Ação Administrativa, contínuo, não é? E estive no liceu, na Escola Secundária D. Dinis, já na altura, durante três anos. Nessa altura também fiquei a estudar à noite. Estive nos Olivais, Escola Preparatória do Olivais. Preparatória? Não. Secundária, já. Depois, não fiz nada porque entretanto já tinha o meu primeiro filho. E andava *despardalado*, porque eu comecei a ganhar algum dinheiro e perdi-me. E acho que nessa altura senti o peso de não ter a tal família estruturada. Porque o meu pai como nunca tinha tido nunca os filhos ao pé de si, o homem, sem uma companheira, com quatro filhos já, pode-se dizer, criados, começou a ter um problema grave, que foi de chocar connosco porque não tinha, digamos que a flexibilidade que as mães têm para lidar com os filhos. Começamos a chocar. O que eu quero dizer com isso? Que nós sentíamos-nos melhor fora de casa que em casa.

D: Hum, hum.

E9: Porque todos os motivos para estar fora de casa eram fantásticos.

D: E daí ter ido fazer o 2º ciclo.

E9: Fui fazer o 2º ciclo e tal ...

D: 2º ciclo de quê?

E9: Andei assim naquela, quero há noite e a professora sabe como é que é ... à noite, mesmo numa escola, quando temos um problema de vida é complicado, porque eu não consegui. Já era adulto, já era pai, um pai inconsequente, com problemas ... eu não queria dar aos meus filhos aquilo que o meu pai me deu, mas não tinha forças.

Então, quando surgiu a oportunidade de sair da escola, surgiu a oportunidade de concorrer para motorista, para motorista do INM MAIS?? Mas não tinha perdido de vista a intenção de voltar a estudar. Voltar a estudar foi sempre um projeto, que eu queria estudar a concretização. E quando fui para motorista, foi a primeira asneira que fiz, porque nunca consegui conciliar horários, porque os motoristas e quando motoristas de determinados departamentos, não têm horário.

D: Pois, não têm horário. Então, e depois como é que conseguiu conciliar a escola com o trabalho?

E9: Já muito tarde. Já foi à coisa de quatro anos, quatro anos.

D: Foi quando veio aqui para esta escola.

E9: Sim, quando vim para esta escola. Surgiu a oportunidade do RCCV.

D: Hum... hum.

E9: Uma história de vida engraçada.

D: É sim senhora.

E9: O RCCV é, portanto, a experiência de vida, e não sei quê, são o somatório de uma série de coisas da nossa vida. Pronto, aproveitei essa sorte. Há! E isso, e é bom que se diga, fazer aqui a homenagem à minha amiga, sim, é verdade, porque ela foi, tem um papel determinante porque eu entretanto fui passando por vários serviços, no Ministério da Educação, até que fui parar ao BAD.

Sendo o BAD, com especificidade muito própria .. A professora teria de ver para sentir um bocadinho [C murmura ... não se entende].

Fiz o RCCV, fiquei com o nono, mas não chegava, não era isso que eu queria.

D: E depois veio para aqui.

E9: E depois vim parar ao Camões.

D: E diga-me uma coisa, ó C. Como é que vivencia, ou como é que percebe a dificuldade para conseguir emprego, hoje. Com esse historial todo.

E9: Como é que eu vivencio a dificuldade para conseguir emprego hoje. Eu acho que, para qualquer área em que nós hoje queiramos trabalhar, para aquelas que são o nosso projeto de vida, seja para aquelas que acabam depressa porque não conseguimos aquilo que almejamos, a pessoa tem de estar a mais preparada possível. Tem de ir de encontro à diversidade que o próprio mercado de trabalho tem. Quanto mais versátil for um profissional, uma pessoa que queira ir para o mercado de trabalho, mais possibilidade tem a pessoa de conseguir

D: Qualquer coisa mais. Então qual é a importância do trabalho na sua vida.

E9: A importância do trabalho na minha vida. Vamos lá ver se eu entendi bem a pergunta. Isso que acordo com o meu historial?

D: Sim, sim. Ou com as suas expectativas.

E9: Há! Com as minhas expectativas. Bem, eu ... [pausa] ... bem ... o que hei de dizer aqui ... não sei ... eu penso que em relação ao meu caso concreto, sou uma pessoa insatisfeita, portanto, ... não sei se vai de encontro àquilo que me perguntou.

D: Sim.

E9: Acho que aquilo que faço neste momento e aquilo que sempre fiz nunca foi aquilo que quis fazer. Continuo à procura de mais, de melhor.

D: E sabe o quê? Ou não?

E9: Se eu u sei o quê. É curioso. A essa pergunta vou responder concretamente o seguinte:

eu sempre andei à procura, toda a minha vida, desde que me conheço com vontade de trabalhar, Hehehehhe.

D: Hehehehhe, sim.

E9: Sempre andei à procura de qualquer coisa, aquilo que nós dizemos em brincadeira, que fosse a minha cara. E nunca encontrei nada, nunca encontrei nada. Se calhar, se calhar até passaram-me algumas coisas mas que eu não soube da existência delas. Conduzir, foi uma coisa que me deu imenso gozo. Deu-me imenso gozo, porquê? Porque a condução deu-me uma certa sensação de liberdade. Ia para todo o lado, a determinada altura comecei a ir a todo o lado sozinho. E portanto, as minhas viagens de serviço que foi a conhecer Portugal de lés a lés. Nesse aspeto foi muito bom. Hoje posso dar-me ao luxo de dizer que conheço Portugal como muito poucos portugueses.

D: Acredito.

E9: E daí então, aproveitar para dizer que tenho imenso amor por esta terra. E depois percebi que aquilo que gostava de fazer na vida profissionalmente não podia ser nada que me confinasse entre quatro paredes. E depois de concluir este 12º ano, que ainda não está concluído, pedi, ainda no 11º, classificação de serviço e passei para Assistente Administrativo. Quando passei para Assistente Administrativo, não tinha percebido o alcance do problema em que me tinha metido.

D: Então?

E9: Porque, obviamente, tive de deixar o carro.

D: Para dentro de quatro paredes, hehehe, e trabalhar das nove às cinco, hehehe, não é?

E9: Eu não consigo, ainda hoje, consigo já com um certo autocontrolo, estar uma hora sentado à secretária; está a ser tremendamente difícil para mim, isto..

D: É um passarinho, estava habituado ao ar livre, foi para a gaiola.

E9: Percebi que aquilo que eu quero fazer p0rofissionalmente não pode ser num espaço de quatro paredes. Eu preciso de comunicar.

D: Hum, hum.

E9: Eu tenho necessidade de estar em contacto permanente com as pessoas. Eu tenho necessidade de conhecer pessoas novas. Eu tenho necessidade, eu tenho necessidade de, por acaso isto é curioso, eu tenho necessidade de explorar a pessoa.

D: Daí o seu projeto da Herbalife.

E9: Foi a Herbalife, mas podia ter sido outra coisa qualquer mas, ...

D: Mas foi isso.

E9: Eu tinha feito, já me tinha metido em dois projetos de multinível, portanto também dava para este tipo de atividade.

D: OK. Vamos falar um pouco então da escola, propriamente dita. Fale um pouco sobre a sua vida escolar. Não sei se teve na infância, na infantil, se não teve.

E9: Sim, tive.

D: Conte-me lá .. 1º ciclo...

E9: A pré-escola foi um nível que me deu muito gozo, embora com ... É assim, logo que entrei para a escola, para a pré, ou para a escola primária, não tive pré, deve ter sido quando entrei para a 1ª classe....

D: Deve ter sido com seis anos.

E9: Sim, com seis anos. Tenho aqui gravado ainda o espaço da minha escola, e tudo, o magistério primário em [não percebo o nome do bairro], um bairro chique.

D: Hehehe

E9: Embora fosse uma escola pública era num bairro chique. Era um bairro onde embora houvesse, portanto, bairros sociais, embora houvesse setores sociais era também um bairro onde havia pessoas de classes

D: Mais altas.

E9: E então, tive um período, na primária, muito engraçado, ou não, porque a minha malandrice começa já aqui.

D: Começou novo, Hehehehehe.

E9: Eu comecei muito cedo a descarrilar. Porque, lá está, agora aqui volto aquela história de me sentir muitas vezes sozinho, muitas vezes isolado, muitas vezes chorar porque precisava de qualquer coisa que não sabia o que era. E desde muito cedo comecei a utilizar o espaço exterior de casa, como o melhor para mim. E, portanto, tudo o que servisse para me distrair fora de casa, eu estava lá.

Depois tinha, tornei-me numa criança, e isso eu lembro-me perfeitamente, já fazia parte do meu código genético, sei lá, mas fui uma criança extremamente introvertida. E, se calhar, com todos os problemas, fui ficando pior.

Depois, nasci com um problema de saúde. Tinha má circulação de sangue. Então, eu fazia feridas pelo corpo todo. Desde muito cedo andava com ligaduras, andava com creme. Portanto, além de eu já ser introvertido, ainda andava envergonhado por ter um problema de saúde. Os meninos gozavam todos comigo, e tal ... E pronto.

E eu era rebelde. Dentro da sala de aula sempre fui mal comportado. Não deixava ninguém

estudar. Naquela altura, naquele tempo, os professores tinham autorização, e ainda bem, de nos malhar.

Havia uma maior aproximação, é curioso também, há quarenta anos atrás havia uma maior aproximação entre os pais e os professores.

D: E a escola.

E9: E claro, quando eu, portanto, devido a este, a estas coisas todas, eu havia dias em que não ia à escola.

D: Não ia à escola. Mas a escola primária, o 1º ciclo era quatro anos.

E9: Era.

D: E ficou retido algum ano?

E9: Não.

D: Fez os quatro anos.

E9: Porquê? Porque depois não havia informação da escola para casa. Os meus tios arranjaram maneira de nos ter controlados. O cartão de ponto.

D: E então, tinha a entrada e a saída.

E9: O cartão de ponto. Não sei se dá para perceber que, enfim, já tinha problemas e esses foram-se multiplicando. Embora, depois, alguns causados por mim, a verdade é que, eu entendo que nunca houve a preocupação de saber porquê o meu desvio.

D: Han... han.

E9: Tudo bem, não me faltava nada em bens materiais.

D: Mas havia a parte afetiva, não é?

E9: Mas a parte afetiva para mim era muito importante. Todos os Domingos, literalmente, estreava uma roupa. A minha tia tinha um orgulho imenso de me ter bonito.

D: Mas faltava a parte afetiva. Portanto, isso foi no 1º ciclo.

E9: Dos seis aos doze. Mas dado o controlo a que fui sujeito, consegui fazer. Fui fazendo a escola...

D: Mas depois mudou de escola, para o 2º ciclo, 5º e 6º.

E9: Depois mudei para ...

D: Lá ainda ...

E9: Depois mudei para o ciclo preparatório. Aí, comecei a fumar.

D: Hum, hum ... com dez anos.

E9: Descobri o cigarro com onze anos. Há! Descobri o cigarro! Ganda homem!

D: hehehe. E aí ficou retido, porque ...

E9: Fiquei.

D: Ficou quantas vezes retido, no 5º ano e no 6º ano?

E9: Han ... fiquei retido, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, fiquei aí cinco ou seis anos.

D: E foi aí que os seus tios, então...

E9: Meteram-me a trabalhar. Por um tio, e esse já cá não está, é verdade, tratava a minha tia por mãe, por ser mais novo ... Ó mana, não metas este gajo a trabalhar atrás de uma secretária ... e tu vais aprender uma profissão aí numa serralharia, sapateiro, pedreiro, ...

D: Qualquer coisa ao ar livre, Hehehehhe, que tivesse espaço.

E9: Certo. Mas a minha tia entendia que não,.

D: portanto, digamos que não houve propriamente abandono escolar. Houve abandono escolar com 16 anos, ou 15 anos, ou o que foi, para ir trabalhar. Até lá, continuava a ficar retido e por aí fora. E porquê? Começo a fumar ... que mais coisas? Ficava retido, era mal comportado?

E9: Comecei a fumar e, entretanto, fui posto a trabalhar; comecei a namorar.

D: A faltar às aulas.

E9: A faltar às aulas.

D: Lembra-se o que pensava da vida nessa altura? O que é que queria fazer? Curtir a vida, pelo que eu percebi, hehehe.

E9: Eu queria crescer, eu queria ... eu, eu lá bem no fundo tinha uma lâmpada, eu nunca deixei a minha luz apagar. E tinha lá dentro escondido, um bocadinho onde tinha reservado as minhas ambições. Que era estar bem na vida, crescer, era ser alguém, isso sempre tive. Nunca deixei apagar, nunca deixei que ninguém me roubasse ...

E9: Ó C, entretanto, mais tarde, não sei quantos anos mais tarde, vai fazer um 2º ciclo, já cá em Lisboa, como disse á pouco. E porque é que voltou a estudar? Foi para concorrer, para ser funcionário público?

E9: Não. Eu voltei a estudar porque percebi ...

D: Que idade é que tinha, mais ou menos?

E9: Tinha 18 anos. Não.

D: Foi quando voltou, logo?

E9: Sim, sim. Mal vim, fui para o mercado do rego, e tudo o mais, percebi que precisava de ...

D: De mais alguma coisa...

E9: De mais alguma coisa. Precisava de fazer alguma coisa por mim. Precisava de estudar.

D: E foi para a Marquesa ...

E9: A Marquesa de Alorna. Fui fazer o ...

D: 5º e o 6º.

E9: O ciclo preparatório.

D: E acabou logo tudo?

E9: Acabei tudo. Correu bem. Fiz bem. Embora sempre com aquela coisa, sempre fui muito distraído, despassarado, extremamente despassarado.

D: Então e depois não continuou para o liceu, porquê? Quer dizer, continuar continuou, não foi?

E9: Continuar, continuei. Só que, depois meteu-se a tropa, entretanto fui para a tropa...

D: E foi à tropa?

E9: Fiz tropa na RIQ, Regimento de Infantaria de Queluz, até setembro de 1982. Com 22 anos fui-me apresentar à recruta. Também uma experiência muito boa, porque, porque, não se dá para perceber mas, uma pessoa que esteve quase a pegar numa arma, forçado, obrigado ..

D: Para ir para a guerra...

E9: Provavelmente não voltaria de lá. Depois fazer aqui isto, esta brincadeira que foi ter estado um ano e seis meses no serviço militar em Portugal, foi um passeio. Foi uma experiência rica porque conheci ...

D: Muita gente ...

E9: Muita gente... fiz alguns amigos, infelizmente alguns já não consigo contactar há algum tempo, mas fiz bons amigos.

D: E depois, quando voltou a estudar novamente?

E9: Quando voltei a estudar? Voltei a estudar Para fazer o 9º ano.

D: Inscreveu-se mas não fez...

E9: Ainda tentei voltar...

D: Depois da tropa...

E9: Depois da tropa, tentei a voltar a estudar à noite, só podia estudar à noite, claro. No Marquês de Pombal, na Ajuda.

D: Inscreveu-se.

E9: Inscrevi-me, duas vezes. É que eu queria, eu queria. Nessa altura queria fazer eletrónica. Porquê? Porque quando andei a trabalhar nas obras, um amigo da família que era técnico de eletrónica, coincidiu na altura em que aparece a televisão a cores, em 80 e qualquer coisa, 82, 83, foi nessa altura que aparece a televisão a cores em Portugal. Ele influenciou o meu pai a mandar-me fazer o curso. E eu fui. Fiz a preto e branco, o curso, e depois ia começar a fazer também a televisão a cores e máquinas de lavar, não sei quê...

D: E então, o que acontece?

E9: Ainda arranjei algumas coisas. Tirei o curso, sem dúvida tirei e fui trabalhar com ele mas depois, o senhor foi não sei para onde, tinha sido transferido ou mudou-se para um sítio muito distante. O Mário Costa, nunca mais me esqueço, que foi muito importante para o meu crescimento porque este senhor, em determinada altura da minha vida fez de meu pai. Porquê?

D: Porque andava o dia todo com ele.

E9: Começa por aí, já que ele percebeu que ali estava um miúdo se calhar um bocadinho perdido, falou com o meu pai, fez com que eu fosse tirar o curso, e tal, e ia trabalhar com ele nos fins de semana, fazer biscates. Dava-me muitos conselhos, conversava comigo, era uma pessoa extremamente calma, muito carinhoso, muito afetivo, gostava de mim bastante. Eu também resolvi estudar e contribuir

D: E depois, como foi para os RVCC. Depois foi tirar o 9º ano nos RVCC.

E9: Sim. O RVCC aparece porque ...

D: Por causa da sua diretora, não é ...

E9: Por causa da minha diretora.

D: No Ministério da Educação, Já estava lá...

E9: Pois. Pronto, eu tenho conhecimento que há essa possibilidade.

D: E num ano fez o ...

E9: RVCC

D: Fez o 9º ano.

E9: Fiz o 9º ano. Mas ...

D: E porque não fez o 12º lá, também?

E9: Lá, onde?

D: No RVCC.

E9: Porque eu percebi que no RVCC ...

D: Diga...

E9: E aqui vou meter uma faquinha ...

D: Não, força.

E9: Eu penso que o RVCC é pobre. Teve eventualmente a sua importância para pessoas que, se calhar, não tenham nos seus horizontes prosseguir com os estudos, e ficar só apenas pelo reconhecimento, pelo título. Como base, ou como solidificação da base que uma pessoa já tem, para continuar a estudar acho que não chega. E apresentaram-nos esse projeto, dito bom e com futuro. Visto desta forma, eu não concordo porque o que é o RVCC? Apenas o reconhecimento da nossa experiência de vida, não é? Porque depois falta aquilo que é a vida de uma escola propriamente dita. É aprender aquilo que uma escola tem para ensinar a uma pessoa. Que é o lidar com várias matérias que fazem parte e que são necessárias para o crescimento de uma pessoa que depois vai para o mercado de trabalho.

D: C, depois de ter o 9º ano na mão, qual foi a avaliação do percurso feito até aí? Porque

quis continuar?

E9: Eu quis continuar porque eu achava que não queria só o 9º ano. E depois de chegar à conclusão que o RVCC não me ... isto porque depois do RVCC já se falava no 12º ano também para os RVCC. É curioso que nessa altura foi quando conheci a Helena lá.

D: Lá nos RVCC.

E9: Lá no RVCC. Depois conversámos e depois até fizemos um curso de informática, juntos. E tanto eu como ela tínhamos como objetivo fazer mais qualquer coisa e entendemos que o RVCC não era o suficiente. Embora me fizesse medo voltar à escola depois de, pode-se dizer porque todos os que tentei voltar não consegui fazer nada, portanto é como se não tivesse andado. Voltar à escola depois de vinte anos, eu estava com um medo enorme porque tinha dificuldades de assimilação ... estava com medo, pronto! Por acaso a Helena foi de uma ajuda extrema porque disse: é pá, não, não, vamos, força.

D: E vieram os dois.

E9: Viemos os dois. Porque, embora com este medo eu entendia que era aqui que eu devia vir. Se queria fazer uma licenciatura, porque era a minha ideia, para psicologia, então ... e pronto ... Camões com ele.

D: Ok. E diga-me uma coisa: até ao 9º ano houve algumas interrupções no seu percurso escolar.

E9: Sim.

D: Veio para Portugal com 18 anos, fez o 5º e o 6º ano, e depois quanto tempo é que esteve do 6º até fazer o 9º?

E9: Do 6º até fazer o 9º, estamos a falar de ... hum .. hum ... hum ... quarenta ... estou com quarenta e sete ... quarenta e quatro ... quarenta e três ... vá lá vinte e quatro anos. Porque eu entretanto deixe-me dizer-lhe que, como havia as unidades capitalizáveis fui fazer umas unidades. Ainda como contínuo fiz umas unidades numa escola nos Olivais e depois fiz umas tantas na Escola Secundária Marquesa da Alorna, não, no Marquês de Pombal e, o somatório destas deu incompleto. Depois ainda fui para a Machado de Castro.

D: Esteve em todas, hehehe.

E9: Sim corri tudo. Machado de Castro em Campo de Ourique. Mais um vez não coiso. Isto

tudo deu à volta de vinte anos.

D: À volta de vinte anos.

E9: Vinte anos.

D: Diga-me uma coisa. Quando olha para traz porque é que houve a rutura na trajetória escolar, porquê? Mexe consigo ...

E9: A rutura na trajetória escolar.

D: Não foi tudo seguidinho, não é?

E9: Pronto, isto podia ter sido lógico, melhor.

D: Mas porque é que houve essa rutura na trajetória escolar? Porquê? Para ganhar dinheiro?

E9: Sim.

D: Queria ser homem...

E9: Sim.

D: Queria ser gente...

E9: Sim. Deixe-me aqui situar para conseguir responder a isso.

D: Ou seja, você fez os quatro anos ...

E9: Fiz os quatro anos ...

D: E depois já não fez o 5º e o 6º.

E9: Ok.

D: Não é?

E9: Sim.

D: Já não fez. Só fez o 5º e o 6º ano, com 18 anos.

E9: Sim.

D: Dez anos depois.

E9: Sim.

D: depois estive vinte anos para fazer o 9º.

E9: E nestes vinte anos aconteceram três filhos.

D: Hehehe. Ok. O que eu pergunto é porquê? Porque é que estive dez anos para fazer o 2º ciclo e porque é que estive vinte anos para fazer o 9º. Porquê essa rutura?

E9: Pois. A rutura

D: O que é que aconteceu na sua vida?

E9: Primeiro porque quando fui para contínuo, a minha ideia era voltar a estudar à noite, mas a noite fez-me mal. Eu não consegui, não consegui crescer o suficiente para pensar que podia fazer, acabar o preparatório e começar a fazer o secundário, e fazê-los de seguida. Aliás tive um bom exemplo e não o segui, de uma colega minha que entrou nas mesmas circunstâncias do que e fê-lo. E aí enfiei logo uma carapuça, porque é curioso, porque ao fim de quatro anos, há três anos de estarmos a trabalhar na Escola Secundária D. Diniz, como contínuos, ela passou para a Direção Geral de jogos e eu continuei ali, porque deixei de estudar, interrompi, não concluí o 9º ano. Naquela altura bastava o 9º ano para concorrer. E nasce o meu primeiro filho e depois multiplicam-se uma série de coisas. Porque precisava de ganhar mais dinheiro, aquilo que eu ganhava na escola não chegava. Eu era, era um bom *vivant*, um vadio da noite. E o meu pai até veio; muitos problemas para me travar, para me orientar porque armei-me em homem, claro que choquei com o meu pai, fui posto fora de casa, enfim. Nasce o segundo filho. Portanto eu era aquilo que se pode dizer o estereótipo de juventude estragada.

D: Hehehehhe.

E9: Até porque, e eu quero lembrar isso aqui, é muito importante, eu vim de Angola, dum mundo onde não tinha nada. Portanto tudo o que fui encontrar em Portugal, para mim, foi um sonho, um sonho.

D: Era novidade. Europa. Hehehe.

E9: Portuguesas lindas.

D: Hehehe.

E9: Até isso para mim era novidade e então, como disse no princípio da entrevista, para mim o meu mundo era fora de casa.

D: Ok.

E9: E portanto, uma pessoa que está bem na rua, que não consegue ter um ambiente familiar

sustentado, digamos assim, se calhar, também a cabeça para andar na escola, a vontade e garra não era nenhuma, não é? Somado a isso, um filho, dois filhos, três filhos, a necessidade de ganhar dinheiro. Depois, aqui mete-se um outro aspeto também muito importante, que não é um bom exemplo. Eu acabei por não acompanhar a mãe dos meus filhos. Continuava a querer ser um homem da rua, um homem da noite. Fui crescendo, vinte e dois, vinte e três, vinte e quatro, vinte e cinco anos. Houve uma altura da minha vida em que ganhei muito dinheiro, porque trabalhava num sítio e que ganhava muito dinheiro para aquela altura. Estamos a falar em 1986, eu ganhava 350 contos... não ... ganhava ... minto ... ganhava 70 contos, eu acho que era bom dinheiro naquela altura. Em 86 era bom dinheiro. E estourava esse dinheiro todo, na rua. E o meu pai, nessa altura, a querer fazer de mim homem e eu queria ainda viver aquela fase de jovem. Eu penso que, não serve de desculpa, mas eu penso que sim, quer dizer, aquilo que eu não conseguia ter enquanto criança, depois é preciso que se diga, é isso. Uma criança, que não foi criança, se calhar não tem a vontade de em alguma altura da sua vida de voltar a ser criança.

D: É essa a justificação que arranja. Vamos falar agora, C, do ambiente aqui desta escola do ensino secundário. Estudava em casa, não tinha espaço próprio, para estudar, estava fora com os amigos. Fale-me da sua vida escolar, aqui.

E9: Bem, eu quando comecei a estudar no Camões ...

D: Tinha alguém que o ajudava se tivesse alguma dificuldade?

E9: Tinha.

D: Agora estamos a falar do ensino secundário.

E9: Tinha. Logo desde o início que vim para cá, quando comecei a estudar: primeiro, não sei que luz me guiou para vir para esta escola porque não podia ter escolhido melhor. Porquê? Porque desde os colegas...

D: Já vinha com a Lena, que também já conhecia.

E9: Sim. Mas depois da Lena vamos parar a um grupo fantástico, os colegas, acho que estávamos todos à espera uns dos outros, sei lá, destino; aos professores, acho que foi muito bom, não acho, tenho a certeza que foi muito bom ter encontrado os professores que tivemos durante estes três anos de escola, do Camões. E isto porque acho que se criou uma empatia entra a turma e os professores. E não foi só com um professor, foi com todos. Houve um

casamento diria que quase perfeito.

Depois, a nossa turma, os colegas propriamente dito, houve logo, desde o início a vontade de entreajuda. E aqui tenho que realçar a Anita, porque a Anita fez questão de abrir as portas da casa dela e dizer que estávamos à vontade para estar em casa dela. Porque se calhar tínhamos todos dificuldades, a maior parte de nós tinha voltado a estudar ao fim de não sei quantos anos e acho, e era a velha questão, a unidade faz a força.

D: Portanto estudava sempre fora de casa. Então e qual o papel da família na sua vida, durante essa altura?

E9: Não foi bom. Não queria fazer uma inconfidência, mas tenho que dizer que a minha mulher não aceitou muito bem o facto de eu estar a estudar. Eu já passava muitas horas fora de casa porque era motorista e nesse período, concretamente, estava a fazer viagens pelo país inteiro. Estava sempre a levar provas e a trazer provas, e saía de casa de madrugada e entrava à noite.

D: E começou a entrar mais tarde ainda, porque vinha para aqui à noite.

E9: Comecei a entrar mais tarde. Isto, para uma relação que já trazia até alguns problemas, não é de modo algum saudável.

D: Portanto, a sua mulher não lhe deu força para estudar.

E9: Por acaso até fiz questão, achei, não, acho que ela precisa, que era ela vir estudar comigo. Mas não. A coisa não estava bem naquela altura, então, a coisa não lhe soou nada bem. E então, a minha situação em termos de relação agravou-se. Portanto não tive o apoio da minha mulher, pelo contrário.

D: Os filhos também não estavam consigo.

E9: Os filhos também não estavam comigo. Entrar em casa à noite não era nada bom. Enfim... eu tinha de estudar mesmo fora de casa. Em casa ...

D: Não tinha apoio nenhum.

E9: Não, passei os três anos todos fora de casa.

D: Hehehe. E diga-me uma coisa. Ainda hoje costuma sair com os colegas da escola?

E9: Saio, com os colegas da escola e com os professores.

D: Tá bom, hehehe. E diga-me uma coisa, o que é que sentiu ao voltar a ser aluno? Aqui no

ensino secundário.

E9: Senti-me a voltar, não vinte, mas trinta anos, acredite.

D: O que é que isso quer dizer?

E9: Quer dizer que ali estava novamente sentado a uma secretária. Quer dizer que tinha um professor num patamar superior e a olhar de cima para baixo. Quer dizer que ia voltar a ter chamadas de atenção, o menino volte-se para a frente. Hehehehhe. Quer dizer que ia voltar a conviver num espaço que embora tivesse sido onde eu tinha tido um percurso irregular, gostei. Acho que é um espaço agradável, em convivência com tanta gente, não sei o quê. E quer dizer, por último, que ia finalmente concretizar os meus objetivos.

D: Então diga-me uma coisa. Porque é que voltou à escola? Ao ensino secundário? Porquê? Quais foram as causas? Causas de ordem profissional, pessoal, que causas é que foram, que o impulsionaram, agora, a tirar o secundário?

E9: Primeiro, porque eu estava farto de ser motorista. Estava cansado de ser um peão. Sabe que os peões, nós pegamos neles e metemos em qualquer parte que nos apetece.

D: Exatamente, hehehe.

E9: E os peões não pensam, não falam, não choram, ...

D: São amorfos.

E9: São apenas coisas, que nós utilizamos como coisas. E era assim que eu me sentia, como motorista. A carreira de motorista é horizontal.

D: E você sabia que, com o 11º ano, podia dar o salto.

E9: Queria dar o salto, tinha sonhos e queria concretizá-los. E fiz por isso.

D: C diga-me uma coisa. Destes anos todos que passou pela escola, não só aqui no secundário, mas em todos até ao 12º, qual foi ou quais foram os anos que o marcaram mais, positiva e negativamente? Porquê?

E9: Deixe-me pensar um bocado.

D: Claro, claro.

E9: Mas só no Camões?

D: Não. Tudo. Qual foi o ano que o marcou mais positivamente?

E9: Hum ... deixe-me andar quarenta e um anos atrás. Positivamente, positivamente, eu acho que positivamente, não sei se vou dizer um disparate, mas eu acho que este, para mim, é o mais importante.

D: Obrigada.

E9: É um dos mais importantes. Positivos foram vários, não é. Mas vou referir, o entrar na escola aos seis anos, não pela mesma razão, mas tenho de sair de casa.

D: Ok. Isso está presente ao longo de toda entrevista. E o que o marcou mais negativamente?

E9: O que me marcou mais negativamente não é um momento, é todo o tempo de escola.

D: Todo o tempo de escola?

E9: Todo o tempo de escola marca-me negativamente, porquê? Porque eu sempre tive grandes dificuldades de assimilação, aprendizagem, por distração, seja por que fosse o motivo, não sei qual é, ainda não percebo qual foi. Eu sempre tive muita dificuldade na assimilação das matérias. Eu, a partir de determinada altura comecei a dizer a brincar, mas sendo sério para mim, eu acho que disse até algumas vezes aqui no Camões, e tive sempre resposta dos professores: não C, não pense assim, você não tem de pensar assim. E eu dizia, brincalhão, vocês têm de me dizer três ou quatro vezes a mesma coisa até que eu consiga apanhar. E, portanto, a sensação de não ser como os outros meninos, primeiro, de não ser como os outros adolescentes, de não ser como as outras pessoas, como os outros homens, marca-me negativamente. Porque eu sempre cresci com a sensação de inferioridade.

D: Ok. E considera o estudo essencial para melhorar de vida?

E9: De certeza absoluta.

D: Porquê?

E9: Porque, porque esta globalização ensinou-me a chegar aqui a este ponto e a dizer-lhe isso. Porque estamos num sítio, onde nascemos, crescemos e vivemos e nunca temos mais nenhum espaço além daquele em que vivemos, se calhar é obrigatório sabermos o que existe à volta de nós. Portanto, para nós conhecermos o mundo, se calhar, o primeiro passo é irmos para a escola. É através da escola ...

D: Que aprendemos.

E9: Ok. Ó C diga-me uma coisa. Porque é que escolheu esta escola? Porquê esta escola?

E9: Porquê esta escola? Esta escola, esta escola ... eu já tinha ouvido falar nesta escola. Porque o meu irmão, o meu irmão do meio, antes de mim, um rapaz, acho que tinha andado aqui, andou aqui, Zeca, o meu irmão, andou cá um ano. Um craniozinho, também não tem vontade de estudar, por acaso.

D: Hehehe. Então foi através dele que veio para aqui.

E9: Dele e de outros colegas que tinham vindo e, depois, o Camões, o nome Camões pesa.

D: E porque escolheu a área de estudos sociais?

E9: Eu escolhi a área de estudos sociais porque sempre gostei, foi uma coisa que cresceu comigo, a partir de uma determinada altura da minha vida, muito mais. Sempre tive a necessidade de saber como é que era a vida das outras pessoas. Não sei. Porque é que eu era assim e porque é que os outros eram assado. Se calhar a partir do meu próprio tempo eu devolvi essa vontade.

D: Queria perceber porquê. Ok. E sobre os professores desta escola, as disciplinas, as dificuldades, os colegas, o que tem a dizer? Tudo o que julgar importante. Ao fim e ao cabo, fazer uma avaliação pessoal do percurso aqui. Os três anos.

E9: Olhe, os três anos foram, os três anos ... até fico a pensar nas palavras, como dizer, até bonitas para dizer ... para já vou ficar grato para sempre por aquilo que eu encontrei nesta escola; como disse no início, foi uma bênção vir para aqui, porque encontrei um grupo de professores fantástico.

D: Obrigada a parte que me toca. Hehehe.

E9: Fantástico, fantástico. Quer pelas pessoas em si, quer pela capacidade de ensinar. Não sei se nós fomos, e concretamente no meu caso não sei se fui bem ensinado.

D: Hehehe.

E9: Mas, mas fiz por isso, dentro das minhas, lá estou eu ...

D: hum, hum.

E9: portanto, dizer depois que os professores foram sempre pessoas disponíveis, foram sempre pessoas nossas amigas, nossos amigos, sabendo os professores que estudar à noite, portanto eles melhor do que nós tinham essa visão dessa experiência, por serem professores por eles tinham passado carradas e carradas de alunos, e concretamente, no ensino noturno, não

é fácil, se calhar. Por um lado porque estão a lidar com adultos, que à partida são responsáveis; por outro, se calhar porque são pessoas de diversas áreas, com as mais diversas dificuldades, com horários desfasados, dificuldades imensas e não sei quê ... e portanto, têm a percepção que as pessoas precisam ser, não direi ser levadas ao colo, mas ...

D: Mas quase, mas quase, hehehe.

E9: Mas quase.

D: Olhe, e as disciplinas do curso? Acham que estão bem enquadradas? Acha que deviam ser outras? Qual é a sua opinião?

E9: As disciplinas do curso.

D: Ficou satisfeito?

E9: Sim, no global fiquei satisfeito, sim. Mas, tenho um reparo a fazer. Por exemplo, no caso do inglês, curiosamente é a disciplina que eu deixei ficar um módulo para trás, para quem já não dá inglês desde os vinte anos, voltar a dar inglês e ter, portanto, nós tínhamos quatro horas por dia, não é?

D: Quatro a cinco.

E9: Quatro a cinco horas por dia, isso somado cinco dias por semana, quatro vezes cinco, vinte, vinte horas ... vinte horas? ..

D: Eram mais, eram à volta de quatro horas e meia.

E9: Portanto, ter só um bloco de hora e meia por semana de inglês, eu acho que era muito pouco, muito pouco. Porque dar uma aula á sexta-feira e voltar a dar na próxima sexta-feira, o que se repete é muito pouco. E, para mim, pior ainda.

D: Hehehe. C estamos quase a acabar, e diga-me uma coisa. Quais os seus principais projetos de vida agora com o ensino secundário?

E9: Os meus principais projetos de vida com o ensino secundário, é não ficar por aqui. Olhe, uma coisa engraçada que a escola me trouxe, voltar à escola, foi perceber a importância que na nossa vida é a leitura. Acredito que se tivesse, embora com muitas dificuldades para ler, uma pessoa quando lê muito ou quando lê o suficiente, a leitura ajuda-nos a abrir, faz-nos exercitar muito os músculos cerebrais, não é? E acho que isso dá-nos alguma capacidade. E portanto, a leitura acho que é uma coisa que não vou deixar. Isto por um lado.

Por outro, projetos no futuro. Eu gostava, eu quero. Do querer ao fazer, ao realizar...

D: Mas querer é poder.

E9: Mas querer é poder, não é?. Eu ainda quero fazer uma licenciatura.

D: Ok. Olhe, e valeu a pena voltar a estudar?

E9: Valeu tudo a pena.

D: Agora diga-me uma coisa, C. Voltar para a escola trouxe mudanças na sua vida pessoal, familiar, profissional?

E9: Trouxe.

D: Quais?

E9: Trouxe, trouxe. Olhe, Professora Dulce, é muito triste, e eu espero que isto sirva para, para ... isto é daquelas coisas que uma pessoa fala alto e bom som para quem quiser ouvir ... é muito triste nós estarmos inseridos em seja que ambiente for e às vezes sentirmo-nos tão pequeninos que nem sabemos dar uma opinião. E eu acho que é importante que nós tenhamos uma opinião sobre aquilo que gira à nossa volta. Quando uma pessoa não sabe, não consegue discutir nada sobre qualquer matéria, seja ela qual for, isto é, eu diria que é aterrador porque um cidadão tem que ter um mínimo de valores para perceber.

D: Muito bem. Muito obrigada.

Entrevista – G (58m: 20s)

D: Ok G... então já o informei sobre as linhas gerais do meu trabalho de investigação. Quero saber as expectativas dos alunos que terminaram o ensino recorrente que terminaram o curso em 3 anos entre, 2004-2007. Isto é extremamente confidencial o seu nome não vai aparecer em lado nenhum. Quero que me diga a sua idade...

E10: Tenho 44 anos

D: E o local de nascimento

E10: Freguesia de Santa Justa em Lisboa

E10: E a profissão...

E10: Sou formador de hotelaria, na área técnica de hotelaria, mesas, bar

D: Ok... os seus pais qual a escolaridade de seus pais?

E10: Os meus pais tem a 4 classe

D: Tanto um como outro?

E10: Tanto um como Aliás, o meu pai já faleceu, mas tinha a 4ª classe.

D: E a profissão deles...

E10: A minha mãe era doméstica e o meu pai era jornaleiro, trabalhava à jorna na aldeia, na agricultura

D: E irmãos?

E10: Irmãos tenho mais 6 irmãos

D: Ena pá tantos!

E10: Somos 7 e tenho uma irmã gémea

D: E eles estudaram?

E10: Os meus irmãos não estudaram, tenho apenas um irmão que estudou à noite e tirou o 9º ano. Os outros não estudaram.

D: E o que eles fazem deles?

E10: Tenho um irmão que é GNR, uma irmã que é empresária, tenho outro irmão que é também empresário, distribuição de gás, no Porto. Tenho um irmão que trabalha em hotelaria que acabou agora o 9º ano em Espinho, uma irmã que também é empresária, que é cabeleireira, e outra minha irmã que também estava a estudar na Universidade Aberta, mas também ainda não acabou a licenciatura. Está no 2º ano

D: Ok... está tudo a andar na família. A sua mulher o que é que faz?

E10: A minha mulher é funcionária numa escola, é 1ª oficial.

D: E a escolaridade dela?

E10: Ela tem o 9º ano

D: Só tem um filho, que eu sei...Está no 10º ano no Camões.

E10: Está no Liceu Camões, exato...

D: Que idade ele tem?

E10: Tem 15 anos

D: Ok já não está a estudar, não está a trabalhar...

E10: Não, não.

D: Então fale-me um pouco do seu trabalho

E10: O meu trabalho...Eu comecei a trabalhar em hotelaria desde os meus 20 anos... 19, 20 anos inicialmente, embora tenha nascido em Lisboa os meus pais foram para África. Depois do 25 de Abril e vieram para Portugal

D: Estiveram onde?

E10: Estivemos em Nova Lisboa, perto de Angola. Entretanto, os meus pais vieram, mas como éramos alguns irmãos, o meu pai teve necessidade de imigrar para França e entretanto eu fui um dos que mais estudei, talvez porque era o que tinha mais possibilidades de estudar, como era o mais velho ajudava nas despesas...

D: Você é o mais novo...

E10: Sou o 2º mais novo...o 2º mais velho, perdão! O que aconteceu, eu depois estudei até ao 8º ano em Vila Flor, no concelho de Vila Flor, e os meus pais não tinham possibilidade de eu continuar a estudar, e já não acabei o 9º ano. Acontece que depois, na altura surgiu a hipótese de imigrar para França durante 3 meses, e eu aproveitei essa hipótese. A minha mãe autorizou e quando regresssei, no ano seguinte, pedi à minha mãe eu se me deixava ir acabar o 9º ano. Então... eu queria fazer o 9º ano.

D: Teve quanto tempo em França?

E10: Tive um ano e seis meses, à volta disso. Entretanto a minha mãe veio...

D: Foi trabalhar.

E10: Fui trabalhar para a apanha do morango, para as vindimas durante esse tempo todo trabalhei em França. Depois acedeu a que eu acabasse o 9º ano, era um desejo que eu tinha e na altura. Depois eu disse a minha mãe que eu custeava os estudos e como havia dificuldades na família, eram só 7 irmãos a minha mãe, então acedeu então que eu acabasse o 9º ano. Depois vim para o serviço militar, vim para Lisboa trabalhar para o serviço de hotelaria e acabei por ir para o serviço militar. Depois com a hotelaria é sempre uma área muito complicada, em que se trabalhava de noite e praticamente de dia eram uns horários um pouco exigentes, embora quisesse sempre continuar em estudar pois sempre foi uma vontade que eu tinha em valorizar a nível profissional quer até a nível de conhecimentos e ter outras hipóteses na vida...nunca foi possível na hotelaria... lá optei sempre por estudar fazendo cursos técnicos de hotelaria em escola de hotelaria. Fui sempre evoluindo

D: Que cursos é que seguiu?

E10: Tirei escanção, tirei curso de mesa de 1ª e de 2ª, de barman, chefe de restaurante, cursos de escanção, inclusivamente nessa área tive a felicidade de as coisas correrem bem, fui inclusive considerado o melhor escanção português em 94 e ir disputar o mundial em Paris

em 95 e tirei o também o curso de inglês e francês aplicado à hotelaria, cursos de informática

D: Eh lá

E10: Entretanto como sou uma pessoa que pratica desporto mas em função das dificuldades, como eu trabalhava em hotelaria e não havia hipótese de treinar, então um dia como não podia jogar a bola um dia decidi ir para a arbitragem. Vi um anúncio num jornal e disse: vou tirar o curso. Sempre ligado ao futebol

D: Em acumulação

E10: Sempre em acumulação

D: Com que idade?

E10: Nessa altura tinha 20, 21 anos mais ou menos. O que é q acontece? O que acontece que depois também na arbitragem as coisas começaram a correr mais ou menos fui sendo promovido. Cerca de 2000, tive a felicidade em subir à 1ª divisão e então a nível de arbitragem como era muito exigente e já nessa altura era escanção numa das casas que na altura tava na moda que era o ti....? E em função dos cursos que eu tirei na hotelaria e da notoriedade, entre aspas que consegui fui convidado para vir dar aulas nesta escola que é escola profissional de hotelaria e turismo de Lisboa, que eu também foi sempre um sonho desde miúdo: que gostava de ser professor. Eu as vezes obrigava os meus irmãos mais novos a estarem sentados e eu dizer quanto é que tava...

D: Era o mestre?

E10: Era o mestre. Então fui e tirei o curso de formadores...

D: O CAP?

E10: O CAP, exatamente. Comecei a dar aulas nesta escola desde 96, inicialmente em *part-time*, recibos verdes, e a partir de 2000, como subi a 1ª divisão e precisava das noites após as 6 horas para treinar e fins de semana só para os jogos, decidi ficar na escola a trabalhar e deixei o restaurante em que trabalhava e pronto...e entretanto como sempre foi um sonho e pessoalmente achei como relação profissional tinha capacidade para fazer mais do que o 9º ano e não me sentia muito bem-estar a dar aulas a alunos que acabam com o 12º ano e eu a

ter o 9 ano, e então optei: “Não! Tenho de ir fazer o 12º ano até porque eu acho que sou capaz de o fazer e quero também poder dar a formação a pessoas em que eu tenha também essa valência a nível de ensino”.

D: Ok. A gente depois já vamos trabalhar sobre o seu percurso, mas acabamos de conversar mais detalhadamente sobre o seu percurso. E diga-me uma coisa, estamos ainda na parte inicial, diga-me como é que consegui conciliar o trabalho e a escola?

E10: Foi muito complicado...muito muito complicado. Porque quem saiu a perder foi a família e quem saiu a perder, foi essencialmente o meu filho, porque se já antes eu não estava em casa por que ia para escola, ainda muito menos ficava, não é? Foi muito...não foi fácil, mas era uma coisa que eu queria fazer e dava-me uma grande motivação em fazer o 10º e acabar o 12º e mais tarde ir fazer uma licenciatura, quando as coisas se proporcionassem. Não foi fácil, foi muito, muito difícil...

D: Ok. Depois já vamos trabalhar um bocadinho esse assunto. Diga-me uma coisa: uma vez que começou a trabalhar tão cedo, relativamente a França e tal...qual é a importância do trabalho na sua vida?

E10: A importância do trabalho na minha vida... foi muito não só essa parte... porque se calhar foi importante criar alguma possibilidade de fazer outras coisas entre elas estudar, foi a visão de que eu tive realmente para vida real, ou seja, deu-me essa visão que a vida não era fácil e que eu precisava de ter outras ferramentas para poder optar por outras condições de trabalho

D: E diga-me uma coisa...como é que percebe ou vivencia a dificuldade para conseguir o emprego hoje?

E10: Atualmente eu hoje estou empregado há uma série de anos. Atualmente acho que não é fácil, é muito difícil hoje conseguir-se um emprego... um emprego em que as pessoas possam realmente trabalhar e pelo menos conseguir uma estabilidade, criar uma expectativa para o futuro. E u neste momento, graças a Deus, como estou a trabalhar, mas do que me tem chegado e o que tem acontecido, é que os empregos além de ser difícil as pessoas entram no mundo de trabalho, as condições são muito piores do que eram há 20 e tal anos atrás. Ver que eu em comparação há 20 anos atrás, eu ganhava muito mais do que do que ganho e as condições eram muito melhores do que são hoje, embora não houvesse os meios informá-

ticos... essas coisas... mas era muito mais acessível do que hoje viver.

D: E o desemprego? O que tem a dizer?

E10: É uma grande calamidade, pois afeta muitas famílias e afeta pessoas que acabam por abdicar de muitas coisas, porque realmente não têm condições de ter uma vida melhor e cria uma grande frustração nas pessoas de quererem trabalhar e não conseguirem arranjar emprego. Eu não consigo imaginar porque eu não fui a viver esse momento isso mas pelas pessoas que eu conheço que estão no desemprego, é um drama muito grande.

D: E diga-me G, como vê importância da escola para a realização dos projetos futuros?

E10: Eu acho muito importante a escola porque dá-nos uma ferramenta para que nos possamos depois poder optar ou pelo menos procurar outros projetos e por outro lado dá – nos uma capacidade emocional... dá-nos uma força anímica dizer que temos a tal formação e que podemos eventualmente laborar com outras pessoas que estão no mercado de trabalho e temos essa valência que nos permite poder procurar alguma coisa melhor... se é que as coisas são assim.

D: É verdade e olhe G, diga-me uma coisa. Que é que faz nos tempos de lazer, já sabemos que tem os jogos mas tirando isso...

E10: Eu acho que sou um caso, digo, raro porque é assim: eu toda a minha vida tive mais do que 2, 3 empregos, ou pelo menos procurei toda vida. Eu se contar o meu dia a dia é muito complicado. Eu não tenho fins de semana e nem tenho férias praticamente. Tenho abdicado e a minha família tem sido prejudicada por causa disso. Só para dizer eu entro no meu posto de trabalho atualmente e saio às 6...e às seis eu tenho aulas na faculdade no Estoril e tenho de estar às seis nas aulas o que é um pouco complicado. Tenho de andar sempre a correr. Tenho aulas normalmente até às 11, onze e meia. Quando não tenho aulas até essa hora a faculdade exige, porque há muitos trabalhos para fazer para apresentar em várias cadeiras, acabo por ocupar esse tempo. E muitas vezes quando tenho aquela necessidade, e por celebração tenho de ir treinar, tenho de faltar às aulas para ir treinar, mas depois a seguir vou para as aulas. O que é que acontece é que eu trabalho até a sexta-feira muitas vezes no meu local de trabalho há serviços de hotelaria e. ...acabo por ter de ir fazer os serviços porque eles facilitam muitas vezes quando eu tenho de ir para os jogos, mas normalmente tenho quase sempre jogos ao fim de semana e os jogos onde eu estou inserido são jogos da 1ª liga

e 2ªliga em que é necessário ir de véspera. Então eu vou de véspera e acontece como aconteceu como ontem, em que cheguei a casa quase 3 da manhã. Sinceramente não consigo ter tempos, é muito complicado ter.

D: Ok vamos então agora falar do seu percurso escolar até ao 9º ano antes de entrar no Camões. Fale um pouco da sua vida escolar, da sua infância, da sua juventude, primeiro teve na creche, entrou logo para o 1º ano...

E10: Não eu na altura nasci em Lisboa e os meus pais foram para África em 1966 e foram para Angola, neste caso para África, e eu fui estudar e na altura lá. Eu tinha de fazer a pré-primária

D: Lá?

E10: Lá fiz até à 4ª classe. Não conclui a 4ª classe por várias razões. Fiz a pré-primária lá, tive de ir para a pré-primária, que era um ano em que as pessoas era para aprenderem a falar português. Eu vivia numa aldeia onde havia 5 ou 6 famílias de pessoas neste caso de raça branca. O resto eram nativos de lá. Era obrigatório que as pessoas quando entrassem para a escola entrassem aos 5 anos para terem um ano que era a chamada pré-primária para aprenderem a falar português e coisas do género. Eu fui também, embora não precisasse e fui para a pré-primária e estive lá ate ao final da 4ª classe. Conclui a 4ª classe lá... só como nós viemos, naquela fase o meu pai foi preso pela MPLA. Foi preso e torturado em plena aldeia foi agredido, nós fomos todos agredidos. O meu pai foi logo para os postos do MPLA para... e isso tudo, porque quando era, na altura em África, neste caso em Angola o sistema político era diferente daqui porque cada força política tinha a sua força militar, e eles matavam-se uns aos outros, durante a noite era uma coisa diabólica. Às vezes tínhamos de nos esconder debaixo da cama porque eles começavam dum lado aos tiros e os outros aos tiros. É importante perceber isto porque foi uma infância traumatizante.

D: Claro!

E10: Com 10 anos o meu pai obrigava-nos a estarmos com armas escondidas atrás das janelas, porque eles vinham assaltar-nos. Entravam nas casas das pessoas e eles por vingança prendiam as pessoas, violavam as pessoas, mulheres as filhas e pilhavam. Em África o sistema político, embora houvesse 3 partidos em que era o MPLA, a UNITA e O MFLA, na zona que eu estava era uma zona que pertencia de certa forma, por que em Angola os parti-

dos políticos tinham áreas de supremacia, e na zona em que eu estava era a zona da UNITA. ENTÃO quem não fosse da UNITA era contra a UNITA. Então o meu pai, na altura em que aconteceu isto com a UNITA de Jonas Savimbi, então agarrou, como aquilo era a zona das jambas, meteu-nos a todos na UNITA para que tivéssemos proteção. Só que o MFLA tinha lá comités e também o MPLA. Então de vez em quando o MPLA e MFLA, faziam investidas contra o comité da UNITA, matavam as pessoas, portanto entravam em guerrilhas e todas as pessoas...faziam isso. E numa dessas noites foram lá a casa, prenderam o meu pai, deram-lhe uma tarefa, bateram na gente todos, o meu irmão e toda a gente e nós a assistir aquilo tudo..... Foi assim. E entretanto eu tinha 10 anos e entretanto, levaram o meu pai...e no dia seguinte penduraram-no num árvore e torturaram-no, meteram-lhe baldes com porcaria, bateram-lhe e nós fomos obrigados a assistir. Pronto! Depois levaram o meu pai lá para uma aldeia chamada. De Paiva, entretanto como aquilo era uma zona da UNITA e como tinham feito mais de uma vez, foram libertar o meu pai, mataram uma série de pessoas lá nesse comité e depois foram lá às aldeias, uma aldeia próxima que havia lá, de nativos, deram uma tarefa neles todos, mataram uma série deles e então eles agarraram e meteram o meu pai, como forma de proteger.

D: Claro, claro.

E10: Meu pai nem sequer gostara de política e nunca gostou. Meteram-nos num avião. Arranjaram maneira de a gente vir para um avião, pagaram as passagens e de certa forma fugimos para Lisboa, deixámos tudo e entretanto como depois eu cheguei cá, e foi assim um pouco atribulado, eles não me aceitaram na 4º classe. Eu não trazia papéis de nada e tive de voltar a fazer a 4ª classe cá, neste caso em Vilas Boas, no concelho de Vila Flor. Tive de repetir a 4ª classe. Entretanto quando repeti a 4ª classe e fui estudar para o 1º ano do liceu

D: 1º ano do ciclo

E10: Exatamente

D: 1º ciclo ou ficou retido nesse.

E10: Porque o meu pai não trouxe papéis e portanto...é assim os meus pais nunca foram de certa forma... poderiam ter exigido que tínhamos direito, mas como o meu pai não tinha papéis e estavam traumatizados...

D: Pois as coisas foram atribuladas...

E10: Aceitou matricular-me, protestou mas claro, não havia muitas coisas e tive de repetir a 4ª classe. Depois estive a estudar até ao 2º ano, do 1º ciclo.

D: Em que escola

E10: Na escola de vila flor escola preparatória de vila flor e entretanto surgiu por uns conhecimentos de uma professora que eu era muito bom aluno

D: E é verdade eu confirmo

E10: Na altura havia os exames do 2º ano do 1º ciclo e eu dispensei aos exames tinha notas excelentes e então eles fizeram porque os meus irmãos ninguém mais estudou fomos todos trabalhar para a lavoura embora eu fosse também quando vinha da escola essas coisas todas

D: E a escola fica onde?

E10: Fica ao pede Mirandela,

D: E os seus pais são de lá

E10: Os meus pais são naturais de lá...

D: Você nasceu aqui

E10: Eu nasci aqui porque o meu pai veio para o serviço militar e como tinha a profissão de cozinheiro ficou aqui durante uns anos ate a gente ir para angola. Entretanto uma professora que eu tinha de trabalhos manuais que era uma excelente pessoa que era a professora Odete disse à minha mãe: “pelo menos este filho tem que ir estudar porque ele tem muita capacidade “e então havia na altura lá uma escola que se chamava escola agrícola de carvalhais em Mirandela e então pagava na altura 900 escudos por trimestre e ela disse” nem que tenha de ser eu a pagar os estudos “ e então a minha mãe matriculou nessa escola onde fiz ate ao 9º ano mas não acabei pois tive de desistir porque apesar de o dinheiro ser pouco e era barato as dificuldades aumentaram porque éramos 7 era complicado. Então não acabei o 9º ano. Foi nesse ano em que eu depois disse a minha mãe “não eu tenho que ir fazer o 9 ano, eu quero acabar de estudar” e.

D: E foi para França na altura

E10: Fui para França e surgiu depois aquela altura em que havia os contratos que era de dois, três meses ir apanhar morangos, ir apanhar não sei...essas coisas todas. E nos tínhamos uma prima que vivia em França que disse que havia hipóteses de eu ir e então eu fui e deixei de estudar já não acabei o 9 ano e então depois foi no ano a seguir é que eu vim e depois com algum dinheiro o que eu trouxe dei a minha mãe a maior parte e o resto

D: E porque acabar o 9 ano? Diga-me lá...

E10: Na altura tinha 17... e eu tive de desistir, eu fui para França com 16 anos exatamente. Eu queria acabar porque era uma coisa que eu queria fazer. Eu queria como hei de dizer? Eu não queria parar ali, queria ir mais além porque eu achava que podia fazer mais...enfim eu em vila flor era capaz de fazer mais, pronto era uma coisa que eu queria fazer qualquer coisa da minha vida que me permitisse aspirar a outras coisas porque sinceramente aquilo, aquele não era o tipo de vida que eu ambicionava para mim

D: Então diga-me uma coisa...ate ao 9 até essa história, o que mais o marcou mais positivamente e mais negativamente? Até ao 9 ano não é?

E10: Em termos de escola em termos de...

D: As duas coisas

E10: Em termos de vida foi a situação de ter de sair de Angola daquela forma, foi muito traumatizante

D: Sim

E10: Para mim e toda a minha família não é?

D: Claro

E10: Em termos positivos foi o ter depois de vir de França ter acabado o 9 ano, era uma das coisas que eu gostava de fazer em termos de pronto de coisas positivas

D: Os seu projeto s...queria acabar o 9 ano ok, mas quase eram os seus projetos pessoais e profissionais... querer acabar o 9 ano?

E10: Eu queria acabar o 9 ano porque queria ser professor

D: Ah

E10: Eu queria dar aulas, eu queria ser professor. E na altura com o 9 ao ir p...

D: Para o magistério primário

E10: Era uma das hipóteses. ir para Bragança para o magistério primário. Era uma das coisas que eu queria fazer...queria dar aulas. Queria ser professor...que era umas das coisa que eu gostava de fazer. Não havia mais nenhuma profissão, quer dizer era assim eu quero ser professor, quero ir dar aulas, portanto que achava que era uma profissão boa

D: Então e mais?

E10: Então o que acontece...entretanto eu acabei o 9 ano, o tal dinheiro que eu trouxe dei a minha mãe outro tanto eu gastei com o 9 ano, e no ano a seguir surgiu novamente a hipótese de eu fazer mais um contrato França e eu fui fazer mais um contrato a França de 4 meses

D: Com o 9 ano acabado

E10: Com o 9 ano terminado. Entretanto, quando vim de França eu ia fazer 18, 19 anos entretanto eu fui obrigado avir para depois...ah entretanto eu vim de França no ano a seguir e como eu queria continuar a estudar eu concorri a força aérea para aqueles cursos de havia para cabo especialistas em que havia hipótese de fazer, mas como eu tenho um problema na vista esquerda e não consegui entrar. Tenho uma dificuldade na vista esquerda

E10: D: E porque é que concorreu para a força aérea?

E10: Porque era uma forma de eu ir estudar. Fazer aquilo que eu queria que era acabar o curso e realmente seguir essa área

D: E estar integrado na carreira

E10: E estar integrado numa carreira mas ao mesmo tempo...como hei de dizer... ter onde...porque havia dificuldades...ter onde dormir, ter onde ir estudar...

D: Claro

E10: E ganhar algum dinheiro para pagar os estudos. Realmente era esse o objetivo

D: Ok

E10: Só que pois não consegui entrar. Entretanto como já na altura havia muita dificuldade em arranjar emprego porque eu fui a muitas hipóteses de emprego desde concorrer para os CTT, concorrer para uma serie deles...não consegui o único sitio...entretanto como eu vim sozinho para Lisboa e não tinha onde dormir nada disso o pouco dinheiro que eu trouxe de França

D: Então veio logo para Lisboa quando veio de França...

E10: A segunda vez...a primeira acabar o 9 ano

D: Arranjar emprego lá.

E10: Eu não consegui e então eu vim para Lisboa

D: Sem ninguém? Assim?

E10: Assim, assim. Não tinha ninguém...tinha algum dinheiro da segunda vez que vim de França, continuei a dar dinheiro à minha mãe para ajuda dos meus irmãos.

D: Claro...

E10: Só que pensasse que ia arranjar emprego facilmente. Mas o único sitio onde consegui arranjar em prego foi na hotelaria foi bom na altura porque tinha a hipótese de almoçar e jantar a parte da alimentação estava salvaguardada

D: Claro

E10: Arranjei um quarto, tive várias experiencias menos boas mas fui vivendo em quartos e depois fui trabalhar em hotelaria porque já na altura sempre que eu quis procurar emprego em qualquer sitio pediam sempre experiencia de qualquer coisa e pronto. Compreende? Eu vivi na aldeia durante aqueles anos, não forma muitos mas foram alguns e tinha estado a estudar e não tinha experiencia de nada

D: Claro

E10: E não tinha hipótese nenhuma e a única hipótese foi no restaurante e isto foi caricato porque já tinha ido a tantos sitios a procura de emprego e toda a gente pedia experiência de

mesa e empregado de balcão, até que eu fui a um e disse “então o senhor tem experiência?” “tenho trabalhei lá encima num restaurante em Mirandela “e por acaso nem fui sincero porque o restaurante já tinha fechado e eles queriam informações “mas olhe que ele já fechou “. Ligavam para lá e ele tava fechado mas enfim fiquei lá a trabalhar, mas eles passados 15 dias viram logo que eu não percebia nada de hotelaria, nem um café sabia tirar mas eu tive um amigo, um moço que se revelou ser muito meu amigo e depois de o restaurante fechar ele levava-me abaixo dar-me explicações. Claro que eles passados 15 dias despediram-me, disseram-me que eu não tinha experiência e tal e pronto despediram-me.

D: Mas pronto entretanto em quinze dias já sabia tirar um café

E10: Nesses 15 dias esse meu amigo foi uma pessoa espetacular: aprendi a tirar cafés, cervejas e coisas do género pronto a partir daí, sempre que ia a qualquer lado, esse meu amigo era um dos responsáveis lá dos encarregados...

D: Então mas onde trabalhou?

E10: Olhe trabalhei num restaurante que era o *Sandokan* mas já fechou mas olhe se tal pessoa que era o meu chefe era o senhor Adriano se quiserem informações pronto ele...foi assim foi combinado e foi o que aconteceu. Onde eu fui fazer outros sítios já tinha experiência já dizia onde é que tinha trabalhado e comecei a trabalhar numa pastelaria como empregado de balcão mas passados uns meses fui obrigado, entre aspas, a ir para o serviço militar obrigatório, onde estive 15 meses. Já aí tentei seguir carreira militar para continuar a estudar. Concorri ao curso de sargentos, também consegui entrar mas depois eles verificaram que eu tinha uma dificuldade no olho esquerdo, tenho 3 decimas de visão e então já não me deixaram entrar. pronto acabei o serviço militar obrigatório e voltei a inserir-me na hotelaria porque já não tinha hipóteses. Ainda tentei. Ainda fiz um esforço para estudar na escola Patrício Prazeres, ainda me matriculei. Tive lá acerca de um mês, mas depois o meu patrão disse-me” ou eu ficava a trabalhar na pastelaria e trocava os horários ou então ia...tinha-me d... de despedir...e então eu deixei de estudar

D: Ok então vamos lá ver. Abandonou a escola e o 9 ano , porque motivo?

E10: Motivo financeiro. Pronto

D: Porque o que o G queria era continuar a escola e fazer alguma coisa. E depois quanto

tempo ficou sem frequentar a escola

E10: Ora portanto isto foi em 198 1ª primeira vez que eu acabei. Fui para o serviço militar em 85. Pronto fiquei... Foi nessa altura que eu me inscrevi na patrício prazeres mas só estive lá um mês não consegui portanto...não mudaram as horas nem sequer facilitaram. Portanto depois regressei a escola com agora no Camões em 2004.Depois quando vim para aqui e as coisas a te as coisa começaram ficar um bocadinho mais ...e houve a hipótese de eu ir estudar a noite , aproveitei logo e fui matricular-me no Camões.

D: Ok. Relativamente ao ambiente familiar e social. Estuda em casa...

E10: Estudo por vezes aqui nos intervalos do trabalho, quando vou para os jogos e estudo

D: É nos intervalos não é

E10: É muito complicado...

D: E os trabalhos como é que faz?

E10: O trabalhos faço muitas vezes entre-a meia noite e as 3 , 4 da manhã

D: Então não dorme....

E10: Tenho uma vida muito complicada

D: Olhe e diga-me uma coisa. Não tinha ninguém que o ajudasse se tivesse qualquer dificuldade enquanto estuda em qualquer coisa

G. Não, não

D: Ok então vamos falar um pouco sobre a motivação. O que levou a voltar a escola. Que causa de natureza pratica, profissional, pessoal

E10: As causas de certa forma é o querer fazer mais qualquer coisa na minha vida

D: E entretanto depois arranjar horários e etc...

E10: Porque aqui na escola onde eu estou a trabalhar agora eu tenho

D: Entrou para aqui em...

E10: Em 2001...eu saia as seis da tarde todos dias e tinha de ir treinar e finquei com aquela parte da noite livre. Alguns dias : segundas , quartas e sextas . fiquei com aquela parte das seis à meia noite livre e foi uma das hipóteses , com estes bocadinhos vou então aproveitar para fazer aquilo que eu quero que é continuara estudar e fazer algo por mim, não é?

D: Ok então antes de voltar ao ensino secundário, o que é que o marcou mais positivamente e negativamente na sua vida?

E10: ..Na minha vida

D: Geral

E10: Umas das coisas que me marcou muito foi o nascimento do meu filho....que mais me marcou. Outras das coisas que me marcou mais pela negativa antes de voltar uma delas foi o não entrar para o tal cursos de sargentos do exercito que era para continuar a estudar, o também não entrar para a força aérea para continuara estudar fazer alguma coisa e foram basicamente aquelas coisas do dia a dia , não houve assim nada muito negativa...o falecimento do meu pai nesse espaço de tempo mas nada assim..

D: Ok então diga-me o que fez e como fez para voltara estudar .já percebemos que tinha a segunda , quarta e sexta aqui na escola mais liberta...mas a escola é todos os dias

E10: Pois eu sei...

D: Como é queo tempo?

E10: Tive uma coisa muito boa. Tive numa turma que era espetacular-Tive a felicidade de ter um grupo de professores também

D: Também pode dizer mal também ...mesmo da professora de português

E10: Não , não tenho ...pelo contrario. Acho que a professora de português, que na altura era uma coisa que eu não gostava , que era muito exigente , mas que eu vim a perceber que isso foi muito bom e que foi graças aos trabalhos que elas nos obrigava a fazer que ela é que tinha razão porque na faculdade só trabalhos e coisas do género...foi muito bom...pelo contrario. Temos um grupo de professores muito bom. Posso ate dizer que aquilo não era grupo de professores mas sim um grupo de amigos. Eles tinham a sua função , nos tínhamos a nossa, houve sempre respeito e tivemos sempre uma empatia muito grande entre nos e o facto de eu

não poder ir a uma aula por ter de ir treinar, facilmente conseguia recuperar nas outras aulas...ou seja ... eu tive a felicidade de cair numa escola em que o grupo de trabalho que era o que estava do outro lado no caso o docente e o outro grupo que era o discente foi sempre espetacular. Depois também tive a felicidade de que as matérias que eram lecionadas, como eu tinha uma vontade muito grande em aprender, não foram muito difíceis. Se calhar não tive notas muito mais altas porque o tempo

D: Mas a média

E10: Eu tive uma média de 17 e tal ..de História tive 18 , 19 ...uma média muito boa. Porque também o tempo muitas vezes não me permitia: continuava a ter os jogos , os treinos e não é só isso...

D: E o trabalho...

E10: E as preocupações familiares e os problemas que vão surgindo até no dia a dia, no trabalho , mas acho que em termos disso, foi muito bom ...tive a felicidade de cair num grupo muito bom...

D: É verdade já não se encontra...

E10: Um grupo que inicialmente éramos muitos mas que depois foi-se reduzindo a 6 ou 7. Foram excecionais. E encontrávamo-nos muitas vezes em casa de uma colega que era a Anita e outras vezes jantávamos , estudávamos em conjunto...

D: Como arranjava tempo para isso?

E10: Não sei ..sei é que o conseguia muitas vezes ...conseguia sempre 10, 15 minutos ...porque aqueles 10, 15 minutos que eu estava com eles , eu queria mesmo estar ali ..e esses minutos eram muito mais úteis do que se eu estivesse duas ou três horas sem ter nada para fazer.

D: Porque é que escolheu aquela escola?

E10: Escolhi aquela escola porque a minha mulher tinha estudado lá. E tinha-me dito muito bem da escola e sinceramente eu gostei muito da escola... A escola quem a vê do exterior...

D: A sua mulher tem 12?

E10: Tem o 9 ano...

D: Ah! Pois antigamente...

E10: Ela falou-me muito da escola e depois tinha outra vantagem: eu moro na Praça da Alegria, era muito perto e aquela escola ficava no meio do caminho e a rua de onde eu trabalho. Ficava muito perto. Por morar perto, por ter muito boas indicações daquela escola, que se vieram a confirmar..que é realmente uma escola muito boa, e também sinceramente eu acho que aquela escola vista de fora dá uma ideia de uma escola com uma sobriedade que é realmente...

D: E diga, porque é que escolheu a área de estudo?

E10: ah eu esqueci-me de referir...

D: Diga...

E10: Eu já tinha estado naquelas escola em unidades capitalizáveis uns dois anos antes...

D: Ah conte...

E10: Pois eu esqueci-me de dizer disso. Eu como estava em hotelaria inicialmente queria ir para gestão hoteleira, inscrevi-me nas unidades capitalizáveis na área de ciências onde fiz ate algumas unidades, uma s14 ou 15 no 1º ano. Só que mais uma vez por dificuldades no trabalho e como faço desporto na altura tive uma lesão muito grave, deixei de ir as aulas e então fui obrigado a desistir.

D: E a diferença?

E10: Não tem nada a ver. Quando eu regresssei, após dois anos tive a oportunidade de voltar, as coisas já estavam mais estabilizadas outra vez quer a nível de trabalho e isso, tive de ir para os novos cursos que era ao de ciências sócias

D: Mas porque ciências sociais. Havia também o da parte das ciências

E10: Sim eu queria seguir gestão mas eu sou um apaixonado por historia, eu gosto muito de historia. Sinceramente penso que é uma das áreas que eu tenho uma vocação para historia e então como eu estou a dar formação e em termos de trabalho estava mais estabilizado, bem vou fazer aquilo que eu mais gosto, que é o curso que eu mais gostava de tirar que é história.

Então desta vez fui para ciências sociais então como tinha história e geografia, gosto muito dessas áreas. Já não fui para a parte das ciências

D: Já me falou dos professores, sobre as disciplinas de curso, já me disse que gosta de história e geografia...

E10: Gosto muito de historia e geografia ..gosteinão é por você estar aqui ... mas também gostei muito de português... gostei muito dos” Maias”. Primeiro apanhei uma grande seca mas depois de ler gostei muito .Fiquei a gostar de Saramago, porque eu não gostava. Camões já gostava, Fernando Pessoa já tinha lido algumas coisas sobre ele...sinceramente... Não tenho nenhuma disciplina que possa dizer que não tenha gostado...

D: E diga-me uma coisa G, com a sua experiencia acha que o curso esta bem estruturado a nível de disciplinas ou devia ter outras?

E10:Há uma disciplina que eu gosto muito que é sociologia. Gostava de ter tido sociologia porque é uma disciplina que eu gostava , mas eu penso que as disciplinas estão muito bem e o curso esta muito bom

D: Não mudaria nada?

E10: Não ..

D: E quais foram as suas principais dificuldades no ensino recorrente no Camões?

E10: A minha principal dificuldade era mais a gestão dos horários. Essa foi principal dificuldade. E honestamente foram 3 anos maravilhosos que eu passei que não tive grandes dificuldades, tirando os horáriosnão tive grandes dificuldades. Mais uma disciplina que era o inglês...não tive uma nota mais alta se tivesse tido mais tempo mas sinceramente não encontrei dificuldades que eu possa enunciar...porque o grupo em que eu estava inserido que eram os colegas era espetacular e isso fazia, falávamos, havia uma grande amizade além de sermos colegas. Os funcionários, não tenho nada a dizer, pelo contrário, foram sempre excelentes, mantivemos sempre um relacionamento muito bom

D: Então a avaliação do percurso feito ali no Camões

E10: Foi excelente. Alias o meu filho quando ele...eu tive essa preocupação para dizer a ele que fosse para o Camões

D: Ok. Diga-me outra coisa. Há muitos colegas que, como sabe, que fizeram os maiores de 23 . Porque é que o G não fez?

E10: Eu fiz o maior de 23 também. Aquela área tem ciências sociais...

D: Então, conte-me lá, como foi...

E10: Eu queria seguir história e quero um dia tirar história adoro o curso de história. E enquanto eu acabei o cursos de ciências sociais, o 12º,.....

D: Não eu estou a falar antes... no 11º, porque não podiam completar o 12º... houve muita gente que não completou o 12 º e já anda na faculdade por que é que não chegou a concorrer?

E10: Eu não cheguei a concorrer. Houve na minha turma pessoas que entraram. Eu não fui fazer o maior de 23 porque o meu objetivo era fazer o 12º ano

D: Porque?

E10: Porque eu funciono muito por etapas. Primeiro eu propus-me a fazer o 12º ano

D: Não quis continuar?

E10: Porque acho que se eu não tivesse o 12º ano ia-me faltar um ano muito importante para a faculdade. Acho que não ia...é uma questão pessoal. Não ia fazer um percurso que eu idealizei sempre. Fazer tudo seguido e chegar e poder dizer assim: acabei licenciatura mas consegui cumprir todas as etapas a que me propus.

D: Sem novas oportunidades

E10: Sem novas oportunidades...sei lá...por mérito. Acho que o evoluir sem acabar o 12 ano acho que estava a viciar um poucos coisas e passar etapas que eu não tinha necessidade de ultrapassar

D: Mas houve colegas seus que ganharam o ano, porque entraram e continuaram a fazer o 12º ano .Você sabe disso não é?

E10: Eu sei eu não era de acordo com isso

D: Porque é que não era de acordo?

E10: Porque eu acho que eles se passassem sem fazer o 12 ano estavam a deturpar um pouco o percurso normal das coisas. Eu acho que então para isso não iam fazer o 10 e 11°. Concorriam logo aos maiores de 23. pronto é a opinião deles e eu respeito e ainda bem que eles conseguiram, fico contente por eles , mas eu não me via a chegar ao 11° e não fazer o 12°.Era o meu objetivo

D: Ok, acabou o 12°e depois?

E10: Fui fazer o exame nacional de historia que era o que eu queria fazer

D: A sua ideia era historia...

E10: Era historia. Fui a exame, tirei 177 ponto ou o que é que foi e foi a segunda fase porque nunca me matriculei na cadeira, não calculei os prazos e deixei passar e entretanto fui fazer historia. À partida ia entrar porque tinha media de 17 valores no secundário mais 177 valores, a media tinha 17 quase 18 no exame e entretanto , quer a minha mulher , quer os meus amigos próximos escusaram-me a dizer: “ então mas vais fazer historia porque? Então mas tu estas em hotelaria, a tua área é tudo hotelaria, porque não vais fazer antes gestão?”. Mas eu quero fazer história! “Então mas fazes assim, agora fazes gestão hotelaria e depois se realmente queres fazer história, quando tiveres a gestão hoteleira feita depois então vais fazer história. Estas mais, porque há algumas cadeiras e «que fazem equivalência...mas se agora estas nesta área porque é que não há de (?) agora aproveitar e fazer gestão?”. Então eu não consegui entrar para gestão porque era necessário exame de matemática e economia. E eu era de letras e não tinha. Entretanto eu falei com uma professora e como estava nesta área devia fazer naquilo que estava inserido e entretanto concorri aos maiores de 23.Fui ao Estoril concorrer aos maiores de 23.

D: Já com o 12° feito ...

E10: Ainda não tinha o 12 feito. Isso foi em maio quando me inscrevi. Ainda não tinha acabado o 12 .a única coisa que eu fiz é que me diziam que :quem se matricula no exame não pode ir fazer o maiores de 23.Mas pronto não sei se era assim

D: Também não é importante

E10: Fui ao Estoril saber como é que era, por acaso fui aos *site* da... eles deram-me uma lista de livros e bibliografias de livros para estudar e entretanto durante um mês, durante 20

dias agarrei-me ali aquele material todo. Comecei a estudar sozinho, cheguei a fechar fins de semanas, como tinha aqueles livros todos para estudar...fui fazer o exame maiores de 23.mais uma vez tive sorte as coisas correram-me bem. Tive 18 no exame mais uma serie de coisas e fui, eu fiquei em primeiro com outra moça. Entretanto na altura eu estava com muitas dificuldades porque estava a ver que também já não ia para gestão

D: Porquê?

E10: Não havia ensino pós laboral no Estoril, só havia diurno

D: Durante o dia estava você a trabalhar

E10: Estava a trabalhar e não podia ir e gestão... tem de haver muito exigentes... métodos compu(?), economias , a gestão... são cadeiras...

D: É tudo das ciências...

E10: É a parte das ciências e quem não assiste, é muito complicado acompanhar, não é? e então iria ser só de ensino diurno e eu disse :bem eu já concorri não vou entrar ma de qualquer maneira matriculei-me. Diziam-me: ah! Matricula-te pois se não fazes num ano fazes em dois ou três. Ou fazes em quatro ou cinco ou seis, mas eu ...pronto. E por objetivos .Gosto de ir por objetivos e um deles era fazer o meu curso o mais depressa possível entretanto, mais uma vez tive sorte e o Estoril nesse ano decidiu abrir , curso pós-laboral.

D: Nesse ano?

E10: Nesse ano. Foi o ano em que entrei

D: Você tem o rabinho virado para a Lua. Como costume dizer

E10: Então fui para o pós laboral ,para o curso de gestão. Claro que em temos de faculdade é mais exigente

D: E falta-lhe a parte das ciências também...

E10: Exatamente o que eu não tinha. Essa parte eu trabalho aqui na escola com colegas...tenho aqui um colega de economia, e eu um dia pedi-lhe umas explicações, paguei-lhe umas explicações e eu consegui fazer a economia toda. Em termos de matemática , o Estoril tinha também algumas aulas ao sábado de manhã. E eu ao sábado de manhã, falei com o

professor de matemática de métodosse ele me deixava ir assistir as outras turmas e ele não se importou e então eu aos sábados ia assistir as aulas dele ate ao meio dia , uma da tarde e consegui fazer as matemáticas que me faltavam ..e consegui.

D: Esta a correr bem. Está quase a acabar?

E10: Falta-me um ano, foi muito rápido

D: Ok e agora diga-me uma coisa. Valeu a pena voltar a estudar ?

E10: Para mim valeu, embora agora só depois de concluir é que vou ver como posso utilizar esta ferramenta. Mas para já para satisfação pessoal e alguma estabilidade emocional, porque era uma coisa que eu queria fazer, acho que sim. Valeu a Pena continuar a estudar ou voltar novamente a estudar

D: E diga-me uma coisa. Isso de voltar para a escola trouxe mudanças na sua vida pessoal? na sua vida familiar , profissional talvez não....?

E10: Em termos profissionais a s empresas não estão preparadas para que as pessoas voltem a estudar e aqui mesmo onde eu trabalho, em hotelaria , por vezes temos serviços de catering e eles não facilitam rigorosamente nada. Quando há aqueles serviços, eu sou obrigado ir e a faltar as aulas. Por exemplo em economia , no 1º ano, segundo semestre do 1º ano, tinha aulas à sexta feira e por azar tive uma serie de serviços à sexta feira e eles não me dispensaram para ir as aulas e então eu tive de pagar ao explicador, durante um fim de semana que eu tive, para poder fazer economia. Pronto não consegui fazer muito mais. Consegui fazer 10

D: Pronto está feito

E10: As empresas não estão, ou pelo menos não têm vontade de facilitar que os seus trabalhadores vão estudar. É muito complicado porque eu tinha aulas as seis no Estoril e eu trabalho ate as seis e é muito complicado eu dizer que preciso sair mais cedo para iras aulas ou que tenho uns exames. E mais uma dificuldade que eu tenho encontrado , é um pouco isso ...

D: E a nível familiar? pessoal?

E10: A nível familiar, pessoal...com os conhecimentos que tenho adquirido tenho visto a vida de outra forma até porque fui ganhando alguns conhecimentos....

D: O que isso “de outra forma”?

E10: De outra forma por que ate houve cadeiras que fizeram que eu visse as coisas de outra forma. Encarasse as relações humanas com as pessoas de outra forma, analisasse melhor as situações à minha volta. A nível de trabalho aqui há disciplinas que tenho aqui facto de eu ter aprendido mais alguma coisa sobre estatística facilita-me um pouco mais o meu trabalho. E sinceramente porque sinto assim : tenho...é muito pouco mas tenho...um bocadinho de orgulho em ter feito já isto e sei lá...tenho outro espírito para encarar as coisas.

D: E também foi influenciar o seu filho a seguir para a sua área de estudo...

E10: Foi assim: eu não influenciei ele a ir para a minha área de estudo. Ele é que quis escolher. O meu filho é muito independente. Aliás ele é excelente aluno. Eu em relação a ele eu sempre disse : ele estuda na área que ele quer , ele é que escolhe. Ele hoje tem 15 anos e ele é que escolheu a área para que queria irmão preciso de dizer para estudar, apenas influenciei na escolha da escola. Fui com ele ate à escola mostrei-lhe que a escola era espetacular , inclusive apresentei um professor ou dois que na altura estava lá ...por certa forma influenciei a escolha por aquela escola .marcou-me imenso pela positiva. Em termos de curso isso foi opção dele

D: Diga-me uma coisa , qual a sua expectativa para o futuro?

E10: Acabar a gestão hoteleira. De preferência dar aulas. Mas quando acabar a gestão hoteleira vai-me dar valências para poder dar outras disciplinas mas que agora não dou. Mas com isto n mercado de trabalho esta muito complicado , obviamente se me surgir de ir para um hotel , fazer parte de um grupo de gestão do hotel, não hesitarei .Continuando sempre que possível dar aulas , mas em part-time, se surgir a hipótese de ir para um hotel seria....

D: Então e o curso de história?

E10: O curso de historia, vai ser a seguir. Se eu conseguir a segunda etapa de eu conseguir ou ir para um hotel e conseguir essa benesse , entre aspas , de ser integrado num grupo de trabalho que me permita depois arranjar as tais horas para depois ir fazer o curso de historia ..isso não está esquecido.

D: E a arbitragem?

E10: O voltar a estudar prejudicou a arbitragem, por que há dias que eu tenho de ir estudar e não vou porque tenho trabalhos para fazer .Como eu termino a arbitragem para o ano por limite de idades , tenho quase 45, acabo para o ano, fui durante estes dois anos , dando importância à arbitragem, mas de certa forma mais importância à escola porque a arbitragem acaba para o ano e se tudo correr bem acabo a licenciatura e começa uma etapa da minha vida, ou seja, deixo a arbitragem que me ocupou durante 22 , 23 anos e estou preparado para iniciar outra fase da minha vida que é totalmente diferente. Agarrar-me a licenciatura e optar por mudar as coisas, ou seja, fazer aquilo que eu sempre quis fazer mas que não pude que era: ir mais longe a nível profissional neste caso na hotelaria

D: Ir mais longe... ir para um hotel...

E10: E fazer parte de um grupo de gestão pronto o que vier por acréscimo.

D: Então perante isto que acabou de dizer o que significa escola na sua vida?

E10: A escola na minha vida sempre foi uma coisa que eu sempre quis fazer. A escola significa uma importância muito grande na formação, quer com pessoa , quer ate como parte integrante da sociedade. A escola significou, abrir novas oportunidades com as ferramentas que eu vou ter. Significa que :acho que as pessoas deviam regressar á escola e pelo menos tentar ser mais alguma coisa do que o que são, nem que seja a nível pessoal, de realização profissional. A escola para mim significa, alem das ferramentas que podem proporcionar outras oportunidades de trabalho, é essencialmente a realização pessoal. Porque eu sempre achei que conseguiria fazer mais alguma coisa...

D: É isso que ia perguntar. Em que é que contribuiu para o seu desenvolvimento pessoal e social, para o seu bem estar ,voltar a estudar, vinte anos depois praticamente...

E10: Em termos de realização pessoal foi muito bom para mim continuara a estudara e acabar o curso , isso é muito bom. Dá-me uma sensação de certa forma de dever cumprido , aquilo que eu sempre quis fazer e que nunca foi possível e que agora vou tentar conseguir fazer, vou tentar aproveitar essa ferramentas e ao mesmo tempo , acho que a escola formos como seres com uma outra visão sobre a sociedade, dá-nos outras expectativas de vida.

D:O que quer isso dizer?

E10:Quer dizer que se nós não formos à escola não conseguimos compreender as pessoas

que nos rodeiam, o meio ambiente que nos rodeia, não conseguimos encarar se calhar as situações que nos acontecem na vida, no dia a dia, com mais calma , com mais serenidade. Não conseguimos perceber que ao longo da escola termos disciplinas e cadeiras que tem muito a ver com o relacionamento humano e permite-nos se calhar encarar as coisas, quando os problemas surgem , sem entrarmos em desespero, em tentar perceber o outro lado e isso, tem sido muito importante para mim nesse aspeto, além da realização profissional, claro!

D: Não sei se quer acrescentar mais alguma coisa, sobre o seu percurso escolar, sobre a sua vida...

E10: Quando tiver cem anos, depois falo sobre o percurso escolar...

1h5mn

D: Então, como já viu, isto é para o meu curso de doutoramento, estou a fazer entrevistas e o meu tema é “Voltar à Escola Vinte Anos Depois, Um Desafio de Desenvolvimento Pessoal e Social”. Os dados são confidenciais, nada vai ser publicado, nem parcialmente nem literalmente, nada vai ser publicado e, portanto, vamos começar com a entrevista. Queria que me dissesse a sua idade, não quero o nome, apesar de a E11, há muitas por aí, hehehe.... a idade, o local de nascimento.

E11: Eu tenho 45 anos, nasci dia 1 de março de 1964, sou Peixes, hehehe ...

D: hehehe

E11: Nasci em Lisboa, em casa, em São Vicente, Alfama; sobre a minha identificação acho que é isso.

D: Chega, é isso. Trabalha, não trabalha?

E11: Não. Neste momento, praticamente desde que voltei a estudar deixei de trabalhar.

D: Ok. E diga-me uma coisa, a profissão dos seus pais?

E11: O meu pai era topógrafo e a minha mãe trabalhava numa fábrica de camisas, era encarregada numa fábrica de camisas.

D: Cá em Lisboa?

E11: Cá em Lisboa.

D: Ok. E a escolaridade ...

E11: Deles? 4ª classe, ambos.

D: Pois, naquela altura era o que era. Filhos?

E11: Filhos ... tenho duas filhas.

D: Idades ...

E11: Uma com 28 anos, faz hoje 28 anos.

D: Há! Parabéns!

E11: Obrigada. A Vanessa faz hoje 28 anos, é enfermeira, tirou o curso de enfermagem em Londres, terminou o curso, ficou lá a trabalhar e a viver. Portanto, vive e trabalha lá.

D: Ok.

E11: Depois há a Maria, com ... faz 19 em dezembro e está a estudar; acabou o 12º ano e

agora está a fazer uma disciplina para terminar e para o ano se candidatar à faculdade; quer .. até agora, neste momento, a intenção dela é tentar entrar em Fisioterapia.

D: Ok. Entretanto disse-me que não trabalhava agora, mas já trabalhou ...

E11: Sim, já trabalhei. Eu comecei a trabalhar muito cedo.

D: Com que idade?

E11: Com doze anos, comecei com aqueles esquemas de trabalhar nas férias. Como a minha mãe trabalhava numa fábrica de camisas que, naquela altura, eu acho que devia de ser, pelo menos em Lisboa, era a maior fábrica que existia ...

D: Hum, hum...

E11: Era a Regojo ... e eles tinham ... os patrões eram espanhóis e, para além da fábrica, tinham várias lojas de pronto-a-vestir espalhadas por Lisboa e, portanto, quando chegava a altura do Natal ou das férias ... eu nessa altura já queria ter o meu dinheiro. Eu tinha doze anos mas foram uns doze anos precoces, eram uns 12 anos precoces. E, portanto, eu queria sair e queria ter dinheiro ...

D: Tinha irmãos?

E11: Tinha uma irmã. Sim, tenho uma irmã com menos oito anos. A minha irmã nasceu tinha eu oito anos. Eu quis muito ter uma irmã e ela só nasceu porque queria muito não ser filha única.

D: Quando começou a trabalhar com 12 anos já existia ...

E11: Já, já existia a minha irmã. Eu tomava conta da minha irmã também e, portanto, no Natal comecei a trabalhar no registo das férias do Natal e das férias grandes.

D: Era meio obrigada?

E11: Não, não, antes pelo contrário; tive que insistir com os meus pais para me deixarem trabalhar. E a minha mãe, como era a loja do patrão e tal, achou que as pessoas que trabalhavam na loja também eram pessoas conhecidas dela, portanto, eu comecei a trabalhar nesse registo. E pronto, depois, a partir daí fui sempre arranjando ... a maior parte do tempo em que eu trabalhei, os meus trabalhos foram sempre muito variados. Nunca tive muita facilidade em me fixar num emprego. Na maior parte dos casos eram trabalhos pontuais e eu fazia o que aparecia.

D: OK.

E11: Eu procurava

D: Então, qual é a importância do trabalho na sua vida?

E11: hehehe. O trabalho para mim sempre foi uma questão mais de sobrevivência ...

D: Hum, hum.

E11: E também era qualquer coisa que de alguma forma me provocava uma certa energia, uma certa adrenalina, quer dizer, eu também tinha prazer. O que eu nunca senti foi muito prazer em permanecer muito tempo a fazer a mesma coisa. Pronto, eu sempre tive dificuldade em ficar muito tempo ...

D: No mesmo sítio ...

E11: No mesmo sítio a fazer a mesma coisa. Mas enquanto fazia, aquilo para mim, fosse o que fosse...

D: Estava de alma e coração ...

E11: Eu trabalhei em hotelaria, vendas de roupas, coisas ao domicílio, trabalhos em casa, tive um restaurante, abri o restaurante durou um ano, fechei, sei lá, hehehe.

D: hehehe... tem aí uma panóplia de empregos ...

E11: Vendi revistas, sei lá, hehehe

D: Puxa! E diga-me uma coisa. O que é que faz aos fins de semana e nas horas de lazer?

E11: Vou ao cinema ... hoje em dia?

D: Não, nas alturas em que trabalhava, antes de começar a estudar.

E11: Nas alturas em que trabalhava, quando estava, antes de começar a estudar e depois fazia o fim de semana ... eram muito pouco. Porque como trabalhava a semana toda, depois chegava ao fim de semana e eu precisava de fazer coisas em casa e, portanto, ou ficava em casa ... a ideia que eu tenho é que a maior parte do tempo era passado nas compras, algumas limpezas em casa, visitar os pais, visitar os sogros, os miúdos, fazer coisas com os miúdos e depois, pronto ... sempre tive uma vida social, uma vida intensa; não havia muito tempo para ser intensa mas, de uma forma geral, também havia sempre ou jantares lá em casa com amigos, ou ia jantar ...

D: Ok. Está bom. Vamos então agora falar do percurso escolar até ao 9º ano, ou até ao antigo 5º.

E11: 8º.

D: Vamos ver, ok. Vamos começar com o 1º ciclo, ok?

E11: Ok.

D: 1º ciclo. Não fez infantil ou cresce ...

E11: Tive 1 ano ... eu tive sempre, fui criada com uma ama ...

D: Hum, hum...

E11: portanto não tive crescer, tive uma ama ... mas houve uma altura em que a minha mãe e

a ama se chatearam e a minha mãe pegou em mim e pôs-me numa creche. Eu tinha para aí cinco anos, talvez. Foi assim uma pré-primária. Mas eu depois fiquei doente e acabaram por perceber que a minha doença era desgosto e, portanto, tiraram-me. Tive febres horríveis até que houve um médico que disse: “ela tem que sair da escola e ir outra vez para a ama porque a febre dela chama-se saudades”. Hehehehhe. E fiquei curada. Tiraram-me da escola.

D: Por isso é que você é muito afetiva, hehehe.

E11: Quer para um lado como para o outro. A professora da pré-primária, como eu não queria mesmo ficar lá, dei-lhe uma dentada na mão.

D: É lá!

E11: Sei que ao fim de para aí vinte anos encontrei-a e ela ainda me mostrou a marca. Hehehe.

D: Hehehe.

E11: Portanto, depois fui para a escola primária. Fiz a escola primária onde vivia, em Queluz. Porque embora tivesse nascido em Lisboa, com um ano os meus pais foram viver para Queluz. Porque eles estavam a viver em casa da minha avó paterna e aquilo começou a ser complicado e eles alugaram uma casa em Queluz. Fiz numa escola particular. Até à 4ª classe estive sempre nessa escola.

D: Não houve retenção, não houve chumbos, da 1ª à 4ª classe?

E11: Da 1ª à 4ª classe foi tudo seguido.

D: Ok. Depois, 2º ciclo?

E11: Depois daí fui para a ... o 5º e o 6º ano fiz na Secundária de Massamá ... na Secundária! No ciclo em Massamá! E depois, quando terminei o ciclo em Massamá

D: Também não houve retenção, não houve abandono, não houve nada disso

E11: Não.

D: Ok.

E11: Foi o princípio da agitação. Eu estava na 4ª classe quando se deu o 25 de Abril e, portanto, quando entrei no 1º ano do ciclo estava tudo muito agitado. Eu acho que cheguei aos doze anos tão precoce ... hehehe

D: Hehehehhe.

E11: Foi o 25 de Abril e aquela agitação toda. Comecei a fumar e pronto. Mas tudo dentro da normalidade. E depois fui para o Cacém, fui para a Secundária do Cacém. Não queria ir para Queluz. O Liceu de Queluz tinha a farda.

D: Para a Gama Barros ...

E11: Havia a Gama Barros e ao lado a Ferreira

D: a de Castro ?

E11: Não era Ferreira de Castro .. era qualquer coisa ... Ferreira, pronto ..

D: Sim, sim ...

E11: Porque era a escola comercial e industrial. Depois do 25 de Abril isso acabou.

D: Acabou, pois.

E11: E eu fui para a Ferreira ... qualquer coisa ... no Cacém. Aí chumbei no 8º ano; portanto, fiz o 7º ... fiz o 8º ...

D: Não fez ...

E11: Não fiz.

D: Chumbou por notas ou chumbou por faltas?

E11: Chumbei por faltas. Eu estava a dar faltas a Biologia ... e eu fazia a viagem de Queluz para o Cacém de comboio e houve um senhor que se atirou para debaixo do comboio ... o comboio atrasou ... eu tinha um conflito aberto com o meu professor de Biologia e ele, pronto, não foi sensível à história de eu estar a chegar atrasada à aula ... porque eu cheguei à aula, ainda ... mas ele não foi sensível ao facto do outro senhor se ter atirado para debaixo do comboio e disse ... pronto ... eu mal entrei a porta ele disse-me: “já chumbou”. Eu levava uma justificação da CP mas ele disse que não era obrigado a aceitar a justificação da CP e não aceitou. A minha mãe ainda foi lá falar com ele mas nada feito. E eu aí saí da ... depois, no ano seguinte ... isto foi mais ou menos em março, já estávamos quase no fim do ano letivo, março ou abril. E depois, no ano letivo seguinte fui para o Liceu de Queluz. Também acabei por não terminar o 8º ano no Liceu de Queluz.

D: Segunda retenção no 8º, portanto ...

E11: Aí saí.

D: Abandonou.

E11: Abandonei porque fiquei grávida. Tudo isto tinha sempre uns namoricos pelo meio. Fiquei grávida e decidi ir contra o conselho e a vontade de tudo e de todos. Eu tinha 16 anos, tinha acabado de fazer 16 anos. Decidi que não senhora, que ia assumir a gravidez, contra tudo e contra todos, estava ali armada em guerreira, hehehe.

D: Hehehe, exatamente.

E11: E pronto. E decidi sair da escola e aí interrompi, portanto, aí entrei mesmo no mercado de trabalho. Na altura eu estava a fazer, já há algum tempo, um trabalho que a minha mãe me trazia da fábrica onde ela trabalhava. Porque a fábrica, um dos sítios para onde trabalha-

va era para o exército e para a aviação. Portanto, faziam as camisas para o exército e para a aviação. E então havia as palas dos bolsos das camisas ... aquilo quando é cozido fica virado do avesso e é preciso virar as palas do direito. E aquilo vinha assim em maços e eu virava essas palas do direito, aos milhares. Trabalhava em casa.

D: Em casa dos pais ...

E11: Dos meus. Eu saí de casa, portanto, fui ... casei. O pai da Vanessa quis casar. Também não tinha nada a opor. A minha única intenção era não obrigá-lo pelo facto de ter engravidado. Mas ele queria, tudo bem. Casei e fui viver para um quarto de uma senhora de idade. Vivia em frente à casa da minha mãe. Eu não quis ficar nem na minha mãe nem nos meus sogros e fui viver para um quarto com o pai da Vanessa. Fazia aí o meu trabalho. Às vezes estava em casada minha mãe. A minha mãe apoiava-me imenso com compras, com ...

D: o que podia ...

E11: Sim, com o que podia. E pronto.

D: Diga-me uma coisa, A. Nessa altura, com 16 anos, qual era o seu projeto de vida?

E11: Eu nunca fui muito organizada nos meus projetos de vida. Mas em relação a projetos de vida, eu por exemplo

D: Nessa altura ...

E11: ... nessa altura, os meus projetos de vida foram sempre coisas muito organizadas. Eu fiquei grávida e assumi a gravidez. O meu projeto de vida passou a ser ...

D: A gravidez.

E11: A gravidez e a criança. Aliás, eu mesmo enquanto estudei, até ao momento em que fiquei grávida, eu estava a estudar mas nunca soube para quê. Quer dizer, eu tive sempre a sensação que estava a estudar porque aquilo fazia parte ... era assim, fazia parte da vida. A gente nascia, crescia, davam-nos papa, mudavam-nos a fralda

D: E por aí fora, não é? Hehehe.

E11: Hehehe. Íamos para a escola, os homens iam para a tropa, nós não íamos, hehehe

D: Hehehe.

E11: Portanto, o estudar para mim até essa altura nunca fez parte de um projeto de vida. Eu estou a estudar porque eu quero ser ...

D: Não havia expectativas ...

E11: Não. Por outro lado, eu queria sempre ser muita coisa. Porque eu tinha muitos entusiasmos. Eu queria ser hospedeira. Quer dizer, era muito fácil eu entusiasmar-me. Mas lembro-me que uma das coisas que quis muito foi ser hospedeira. Eu costumo dizer que a minha

vida ... eu digo isto a brincar mas eu acho que isto tem um fundo de verdade ... há sempre coisas que nós lemos numa determinada idade, leituras em que nos fixamos, ou filmes que vimos e que eles acabavam sempre por ter alguma influência em nós, não é ... eu era fixada nas histórias da E11, hehehe e a Pipi das meias altas, Hehehehhe.

D: Hehehe.

E11: Eu costumo dizer que era um bocado, aquela .. Eu queria ser a A mamã, a A dona-de-casa, a A de avião, a A ... mas eu também queria ser a Pipi das meias altas, aquela que parte a loiça toda, hehehe. Portanto, em termos de profissão era muito fácil eu dizer, “ai, eu gostava tanto de fazer isto”, sentir-me com vontade, mas ao mesmo tempo isso era um conflito interior muito grande porque era qualquer coisa que me impedia de ter uma direção única, era qualquer coisa que me levava permanentemente à dispersão, não é? eu sentia-me perdida, estava sempre à procura de ...

D: de algo mais ...

E11: ... de qualquer coisa.

D: Então até essa altura, qual era o lugar da escola nesse percurso de vida? Apesar de querer ser hospedeira, apesar de

E11: Até ter deixado de estudar?

D: Sim.

E11: Pois, quer dizer, o que eu gostava ... confesso que eu não gostava muito de estudar, não é ... portanto, se eu pudesse o que eu gostava é de chegar a hospedeira sem ter de passar por aquela escola toda, hehehe ...

D: Exatamente, hehehe. Mas não gostava porquê? Eram os professores, era o ambiente, era a escola, eram as matérias, era o quê?

E11: Eu acho que até à altura em que eu andei na escola, não é

D: Não faltou, não é?

E11: Pois, pronto. Durante a escola primária o percurso foi normal. Eu não era uma aluna excelente mas também não era uma aluna

D: Cumpria ...

E11: Cumpria aquilo que era necessário. Eu era uma criança gorda e isso dava-me alguns problemas na escola. Os gordos são sempre alvo de humilhação, de gozo. Portanto, ao nível dos relacionamentos com as minhas amigas, não me lembro de ter assim uma amiga da escola. Pronto, era assim uma coisa meio perdida. E estava a dizer isto a propósito de ... Ah! Depois disso, eu acho que o período que eu tive na escola até ao 8º ano eram mais ... eram

mais as questões à volta daquilo que passou a ser o ambiente escolar logo a seguir ao 25 de Abril, não é? E isso era uma coisa que me entretinha muito mais do que propriamente o estudar, portanto ...

D: Hum... Hum ... A ... mas falou-me aí dos professores, por exemplo, do professor de Biologia, que o professor fez com que ficasse retida no 8º ano e pronto. Mas depois voltou para o 8º ano e abandonou. Porquê?

E11: Porque fiquei grávida.

D: Sim. Mas foi essa a causa? Não foi: os conteúdos, os professores ... não foi?

E11: Não. Não. A única história que tenho, assim mais chata, de conflito com professores foi esse de Biologia. Porque de resto eu não tenho memórias de ter maus professores. Eu acho que dava mesmo pouca importância àquilo. Quer dizer, eu ia lá para as associações, para os comícios, hehehe.

D: Um ativista, hehehe. E depois, quando é que voltou a estudar?

E11: Depois voltei a estudar ... a partir de determinada altura eu sempre tive vontade

D: O que é essa dada altura? O que é que fez o clique?

E11: O clique começou quando eu entretanto me separei ao fim de ... não chegou a três anos de casamento, que me separei do pai da Vanessa. A Vanessa foi viver com os meus pais que eu fiquei sem casa, saí de casa ela esteve quatro anos a viver com os meus pais. Eu conheci o pai da Maria e comecei a entrar num universo, num círculo de amigos todos muito ligados ao estudo, ao conhecimento e eu comecei, a sede começou a ... quer dizer, eu vivia no meio deles

D: Foi o ambiente.

E11: O ambiente começou-me a provocar ... também já tinha acalmado aquela sede da maternidade, não é

D: Portanto, estaria agora com vinte anos ...

E11: Sim, mais ou menos vinte anos. É mais ao menos aos vinte anos, embora só muitos anos depois é que eu tivesse conseguido ...

D: Claro.

E11: Mas foi aí mais ou menos com vinte anos.

D: Foi o ambiente, não é.

E11: Aí eu comecei com vontade, quer dizer, comecei a olhar para as coisas de outra maneira e a dizer: “é pá! Há aqui tanta coisa para descobrir, para saber, para conhecer!”.

D: Mas não voltou à escola.

E11: Nessa altura não. Nessa altura não porque eu tinha a Vanessa. Quer dizer, tinha a preocupação de arranjar uma casa para poder voltar a ter uma vida mais estável e ela regressar. Ela estava nos meus pais temporariamente até eu conseguir organizar novamente a minha vida. Só consegui quatro anos depois. Foi quando ela entrou na escola primária, embora eu estivesse sempre com ela aos fins de semana. Arranjei uma casa com o Zé, com o pai da Maria. O Zé tinha três filhos pequenos e, portanto, a minha vida aí complicou-se noutra sentido. Os miúdos também vieram viver connosco e, portanto, eu de repente tinha ...

D: Quatro.

E11: Vinte e poucos anos e tinha quatro filhos, tudo pequeno. Hehehe. E não dava conta do recado. O Zé também ganhava pouco. Era preciso eu trabalhar. E depois se as questões familiares com filhos pequenos, e quatro, e não sei quê, não são fáceis de gerir, quando se trata de filhos e enteados todos pequenos eu acho que ainda é mais difícil, porque há sempre aquela gestão ... eu pelo menos sempre tentei ... que era, não privilegiar a minha em detrimento dos outros, às vezes dava conta de mim a fazer exatamente ao contrário. E eu era uma miúda também. Portanto aquilo era ... consumiu-me hehehe ... consumiu-me bastante e não dava para ... depois, entretanto também fiquei grávida da Maria e o projeto aí passou a ser: “eu vou ficar em casa com a Maria até aos três anos, a Maria aos três anos vai para a escola e quando a Maria for para a escola eu vou estudar”. Os outros também já estavam na mãe, só vinham aos fins de semana. Tinha a Vanessa só, a Maria aos três anos ia para a escola e eu ia para a escola também. A Vanessa estava na escola, a Maria ia para a escola e eu ia para a escola.

D: Esse era o projeto.

E11: Nessa altura já tinha um projeto, mais-valia ter ficado quieta, Hehehehhe, porque o projeto foi todo

D: Então?

E11: Eu e o Zé separamo-nos. O Zé tem uma paixão por uma colega de trabalho, tem a Maria dois anos ... mais ou menos dois anos ... eu ainda consegui aguentar aquilo durante uns tempos até que a dada altura disse: “É pá, faz favor vai-te embora porque isto não dá assim”. E ele saiu, estivemos separados seis anos sempre numa grande confusão. Eu tive outra pessoa com quem vivi durante cinco anos e, durante esse tempo eu podia ter ... hoje penso assim ... porque não comecei a estudar nessa altura? Só que essa outra pessoa era uma pessoa com dinheiro e eu, não sei se era por ele ter dinheiro, foi a altura em que eu mais necessidade tive de trabalhar. Hehehe. Eu não queria que as pessoas

D: Não queria viver á conta.

E11: Não queria viver á conta e precisava de mostrar isso. Também confesso que tinha necessidade de provar isso. Foi a altura em que tive o restaurante, trabalhei na *Body Shop*, tive o restaurante, fechei o restaurante ... depois fui trabalhar ... ah! Depois fui trabalhar, o primeiro emprego que eu tive durante seis anos, comecei a trabalhar com uns amigos com quem eu passava férias. Abriram uma empresa de logística de marketing e convidaram-me para trabalhar com eles. E pronto. Eu aí trabalhei como executiva de compras, um título assim ...

D: Todo pomposo, hehehe, era, não era?

E11: Todo pomposo.

D: Pomposo era.

E11: E pronto, quer dizer, eu nessa altura podia ter entrado numa de dizer assim: “eu agora não preciso de trabalhar”, porque eu realmente não precisava ... foi a primeira altura na minha vida em que eu não precisava de trabalhar ... mas não fui capaz de dar esse passo. Volto, eu inicio o meu novo período escolar matriculando-me, ainda a viver com a outra pessoa, com o advogado, hehehe.

E11: Não é preciso dizer o nome, hehehe.

D: Não é publicidade, hehehe. A viver com ele, vou-me matricular na IFILP que é o Instituto de Formação de Língua Portuguesa ... é ali assim na ... eles davam formação para os exames ADOC. Porque eu comecei por pensar, “vou tentar o ADOC”. E então inscrevi-me no IFILP ... estava a trabalhar ...

D: Que idade é que tinha?

E11: Tinha ... ora ... eu tenho 45 ... portanto ... 35 ... tinha para aí 30 anos.

D: Ok.

E11: Tinha trinta, trinta e poucos.

D: São importantes esses marcos para mim.

E11: Tinha trinta e poucos anos.

D: Ok.

E11: Estava a trabalhar nessa empresa de logística de marketing ... trabalhava lá mas o trabalho era muito exigente em termos de horas. Trabalhava de dia e de noite, fins de semana, aquilo era hora e horas e horas de trabalho.

D: Mas mesmo assim, decidiu ...

E11: Mas mesmo assim ... disse assim: “vou tentar” ... “vou tentar”. Estava só, estava com

as duas miúdas em casa, embora eu também tivesse ... para mim era como se eu tivesse ... as filhas eram minhas, era território meu, hehehe ... tinha que ser eu a ... mas tentei. Acabei por não fazer o ano completo, acabei por ... fui faltando ... o trabalho começou-me a obrigar a faltar, tinha mesmo que faltar à escola ... fui abandonando, abandonando, até que deixei. Pronto.

D: Novamente um segundo abandono ...

E11: Um segundo abandono.

D: Agora por causa trabalho.

E11: Trabalho. Entretanto no ano seguinte, ou dois anos depois ... quer dizer, eu estava decidida mesmo a voltar à escola e portanto fui fazendo tentativas até conseguir encontrar maneira de. Matriculei-me na Escola Secundária ali assim junto ao Bairro Alto, à noite. Matriculei-me no 8º ano. Estava a trabalhar no Prior Velho. Ah! Já estava com o Zé novamente, com o pai da Maria.

D: E que idade é que tinha?

E11: Tinha 35. Portanto eu quando me matriculei no IFILP devia ter aí 33 ... 34. E depois quando voltei tinha para aí 35 ... 36 anos mais ou menos.

D: Ok.

E11: Matriculei-me.

D: No 8º ano.

E11: No 8º ano.

D: Na Secundária.

E11: Na Secundária. Estava ainda a trabalhar na mesma empresa no Prior Velho.

D: Trabalhava a tempo inteiro, tinha as duas filhas miúdas e estava casada novamente.

E11: Já tinha era o pai da Maria em casa. Para mim já era diferente.

D: Ok.

E11: Deixá-las com o Zé era diferente.

D: E o Zé? A escolaridade dele e a profissão?

E11: O Zé é arquiteto.

D: Ok.

E11: Tem mais treze anos que eu. Portanto, e aí fiz o 8º ano todo. Consegui concluir o 8º ano e tive a sorte de ter uma professora de português que a dada altura me disse: “mas o que é que a E11 anda aqui a fazer? Agora vai acabar o 8, vai fazer o 9º ... sabe que há uns exames que se fazem no 9º ano, que se fazem no final do 8º ... é tipo um ADOC do 9º ano que

permitem passar para o 10º. E acho que a E11 pode fazer isso em vez de ir fazer o 9º ano”. Portanto, eu terminei o 8º, fiz ...

D: Isso já em unidades capitalizáveis...

E11: Em unidades capitalizáveis, exatamente. Fiz o exame do 9º ano e...

D: Que é uma prova que tem Português, Matemática e Cultura Geral.

E11: Exato. Fiz o exame do 9º ano. Fiquei com o 9º ano.

D: E matriculou-se no 10º.

E11: E matriculei-me no 10º, no Camões.

D: Mas entretanto entre isso e o 10º ano no Camões, foi tudo seguido?

E11: Foi tudo seguido.

D: Ok.

E11: Eu a partir do momento em que me matriculei à noite no Ensino Secundário, no 8º ano fiz tudo

D: Fez tudo de seguida.

E11: Fiz tudo de seguida.

D: Portanto, recapitulando: 8º ano, quando começou a estudar; fez aquele interregno todo, não é?

E11: Hum, Hum.

D: Até aos trinta e não sei quantos anos, como acabou de dizer; 8º ano; não chegou a fazer o 9º porque fez a prova de equivalência.

E11: E depois passei do 8º para o 10º.

D: E porque é que foi para o Camões? Porque que é que não ficou ali?

E11: Porque vivia na Tomás Ribeiro.

D: Ah!

E11: E era a escola que me dava ... por acaso hesitei um bocado porque eu tinha pavor em atravessar aquele jardim à noite ... eu imaginava-me ... foi uma coisa que depois deixei ... disse a mim mesma .. “que estupidez! Isto não mete medo a ninguém”. Porque é que eu tinha medo de atravessar, hehehe.

D: hehehe

E11: Hesitei. Andei à procura de outros liceus que tivessem escola á noite, ensino á noite para não ir para ali, que era o que me dava mais próximo da minha casa. Porque eu entretanto mudei-me para a Tomás Ribeiro. Vivia em palma, ali ao lado da Universidade Católica, mas era uma casa pequenina e eu estava farta de viver naquela casa tão pequena. Estava

cheia de boas e de más recordações e eu queria limpar aquilo tudo. E então arranjei uma casa na Tomás Ribeiro e foi quando nos mudámos. Isto depois acaba por coincidir com o meu desemprego. Portanto a empresa começa a dispensar pessoal. Os primeiros amigos e fundadores da empresa com quem eu comecei a trabalhar entretanto tinham arranjado outro sócio; as coisas começaram a correr mal com eles e com o sócio e, consequentemente, comigo e com o sócio. Portanto, eles acabaram por se vir embora e deixar o sócio e eu acabei por entrar num conflito mesmo barra de tribunal. E acabei por me vir embora e nessa altura disse: “Pronto! Eu agora vou mesmo pegar na escola”. Fiz contas, percebi que não valia a pena ir trabalhar se não arranjasse um trabalho com uma remuneração decente, que justificasse eu estar a trabalhar. Para arranjar um trabalho, quer dizer, o que é que o mercado de trabalho tinha para me oferecer? Um emprego de balcão? Setecentos euros por mês na melhor das hipóteses ... eu fiz contas e disse: “almoços em casa, não gasto dinheiro a andar na rua, nem a comer na rua, todos podem vir comer em casa, está o ordenado feito”, hehehe.

D: A, vamos passar para outro tema que vai ser o ambiente familiar e social. Estuda em casa?

E11: Estudo em casa.

D: Desde o secundário?

E11: Hum, hum.

D: Estuda em casa, tem espaço próprio para estudar?

E11: Tenho espaço próprio para estudar.

D: Ainda hoje ... o que faz quando não estuda? Agora?

E11: Leio, vejo televisão, tenho muitas atividades domésticas, que dispenso, hehehe ...

D: hehehe.

E11: E a casa é grande. Vou ao cinema.

D: E costuma sair com colegas da escola?

E11: Costumo sair com colegas da escola, com amigos.

D: E qual o papel da família na sua vida agora?

E11: Eu acho que ... quer dizer ... desde que eu entrei na faculdade a família passou a ter um papel ... há períodos do ano letivo em que a família tem um papel mais secundário do que tinha, hehehe.

D: Hehehe.

E11: Pelo menos em determinados períodos do ano letivo.

D: Mas o que eu gostava de saber ou de perceber é assim: como é que o seu convívio com a

sua família funciona, atendendo ... uma vez que retornou ao estatuto de aluno, como é que isso funciona no papel da família? Mudou?

E11: Eu acho que em relação á Maria, talvez tenha mudado um pouco, porque passou a haver ... há uma relação entre mim e ela que envolve o estudo. Até porque nós chegamos a partilhar o mesmo ano.

D: Em que ano é que foi?

E11: No 10º e 11º.

D: Ela depois ficou no 11º. E você continuou. E como é que foi esse tipo de relação? Você também era aluna ...

A; Eu também era aluna, na mesma escoa. Ela de dia, eu á noite. Chegamos a ter alguns professores em comum, tínhamos algumas matérias em comum. E eu achei ... houve um momento em que eu acreditei que a Maria ... que eu podia servir um pouco de exemplo ... porque a Maria não é muito motivada para estudar.

D: E isso foi uma motivação para si? O facto de a acompanhar nos estudos?

E11: Eu acho que sim. Eu acho que isso pode ter sido ... quer dizer ... também ter tido um efeito em mim que foi: “eu preciso de mostrar à Maria o que é necessário fazer para ter bons resultados”.

D: Isso não aconteceu só no 10; se calhar aconteceu quando você decidiu começar a estudar.

E11: Acho que não, acho que não. Eu acho que não pensei nisso. Acho que foi mesmo quando comecei a estudar, e quando nos começamos a dar conta da proximidade entre aquilo que uma e outra estavam a fazer, que eu aí comecei a pensar e a ter consciência do quanto isso podia ... e se calhar não teve um efeito imediato.

D: A, o que a levou a voltar á escola? Eu pergunto isto porque como você teve aquela relação com um advogado, você viu um outro mundo, um outro conhecimento e tal, você não foi estudar. Não é? Teve mais a necessidade de ir trabalhar. Então o que é que a fez voltar à escola?

E11: Quer dizer, é que essa vontade nunca foi embora, não é? Eu estive sempre à procura é de encontrar um momento em que eu pudesse fazer isso, sem prejudicar ...

D: Mas quer dizer, não foi de ordem profissional ...

E11: Não foi de ordem profissional; foi de ordem pessoal.

D: De ordem pessoal.

E11: De ordem pessoal. Era uma sede imensa de saber, de conhecer. E havia muitos amigos

meus que me diziei11: “Mas tu não precisas de ir para a escola... tu podes ser uma autodidacta. Mas porque é que vais para o 10º e para o 11º? Porque é que não fazes já o ADOC e não vais já para a faculdade?”. E eu explicava, eu diziei11: “mas eu não quero ... porque eu quero ir, eu preciso, porque não estudo há muitos anos, e eu achava e penso que com razão, eu precisava de voltar a adquirir ritmo de estudo, de exercício mental, de raciocínio ... quer dizer, não bastava pegar nos livros e começar a ler livros; precisava de referências, precisava de orientação, precisava de uma certa disciplina. Eu também conheço-me e sei que se não tiver, se eu não me envolver num esquema que tenha um conjunto de regras organizadas, para mim fica mais difícil de cumprir. E portanto, eu queria aprender as coisas do 10º ano, História, Português.

D: E não pensou ir para as Novas Oportunidades?

E: Nessa altura já havia Novas Oportunidades?

D: tinham entrado no ano anterior.

E11: Há sim?

D: Houve colegas seus que fizeram as Novas Oportunidades. É o caso do Carlos, da Helena; fizeram as Novas Oportunidades até ao 9º ano.

E11: Ah! Nem sabia que eles tinham feito isso.

D: Tudo bem. E diga-me uma coisaE11: depois quando foi para o ensino secundário qual era as expectativas que tinha? Porquê?

E11: As expectativas

D: Tirar o 12º...

E11: Tirar o 12º. Era o primeiro objetivo.

D: Ok. Mas isso era para acompanhar a Maria? Que expectativas é que tinha nessa altura? Para quê?

E11: Quando eu decidi ir para o secundário tinha pouco a ver com a Maria. É mesmo um projeto, era mesmo um projeto pessoal. Era um enriquecimento pessoal. Era uma coisa que eu ... era uma aposta que eu tinha, era qualquer coisa que eu precisava de provar.

D: A quem?

E11: A mim. Acima de tudo, a mim. Que eu era capaz de fazer. Eu sempre senti muitas, quer dizer, eu tinha consciência que havia muita coisa ... eu tinha um círculo de amigos muito próximos de mim, em que eu tinha consciência de que havia um fosso muito grande; a determinados níveis havia uma distância muito grande entre mim e eles. Havia coisas que eu não era capaz de acompanhar, havia coisas que eu não conhecia, havia coisas que eu não

sabia. Todos eles também me diziam: “Mas porque é que não vais estudar?”; uns diziam: “Mas porque é que tu vais para a escola? Vais estudar mas vais já para a faculdade”; outros, pronto, as pessoas é mesmo assim.

D: Hehehe. Pois .. quando elas começam

E11: Hehehe. Mas todos eles me incentivavam a recomeçar.

D: E diga-me uma coisa, E11: o que é que fez, como fez para conseguir voltar a estudar? Como é que arranjava disposição para estudar à noite?

E11: Eu tinha muita vontade. Portanto eu acho que essa, a vontade que eu sentia, dava-me imenso prazer chegar ao final do dia e ir para a escola.

D: Mas também estava em casa o dia todo, não era?

E11: Estava em casa o dia todo. Quando chegava o momento de ir para a escola ...

D: Apesar de às vezes chegar atrasada ... hehehe

E11: Hehehe ... era o meu momento, pronto. Eu sentia que eu estava a fazer alguma coisa por mim. Também acho que tive muito tempo a fazer sempre coisas para a comunidade, não é? E a escola começou a representar para mim como ... eu também fui descobrindo ... quer dizer, eu decidi fazer aquilo, ir para a escola ... fui para a escola. E depois conforme fui percorrendo esse caminho, fui descobrindo.

D: Então diga-me: qual é o papel da escola no percurso da sua vida?

E11: Ah!!! Eu acho que foi muito importante. Acho que a escola ... eu costumo pensar que tive duas coisas muito importantes no percurso da minha vida, para além do nascimento das minhas filhas, que um foi a minha separação do Zé e outra foi a escola. Foram duas coisas que eu acho que me fizeram crescer, resolver inseguranças, medos. Fizeram-me crescer imenso.

D: Pode explicar isso melhor? Principalmente o papel da escola. Hehehe. Mas se quiser falar da outra também pode falar, hehehe.

E11: Hehehe. Eu lembro-me, por exemplo, quando cheguei ao 10º ano, ao Camões, que foi o ano em que eu comecei a sentir a escola à séria. Até aí tinha sido o 8º, aquilo era ...

D: Mas eu lembro-me que você não foi logo no início, não foi logo no 1º dia de aulas. Eu lembro-me disso, você não foi à primeira aula comigo, hehehe.

E11: Eu lembro-me que não fui. Exatamente. Eu não fui logo no princípio. Porque o meu processo da escola estava na tal escola junto ao ...

D: Na David Mourão Ferreira ...

E11: David Mourão Ferreira! Hehehe.

D: Fechou.

E11: Exato. Estava na David Mourão Ferreira, foi onde eu fiz o 8º ano. A escola encerrou e eles enviaram todos os processos para o Passos Manuel. E o Passos Manuel, por sua vez, tinha colocado todos os processos nas caves. E portanto, eu quando consegui começar ... fiquei á espera que o Passos Manuel desenterrasse o meu processo das caves, para eu conseguir levar para o Camões, em mão ... eu já só queria era ver o processo na mão. Andei nisto para aí dois meses, para me conseguir inscrever no Camões, para começar. Até que consegui. Foi para aí em novembro. E foi no Camões que eu comecei a sentir a escola a sério. A dizer assim: “sim senhora, eu estou aqui para ficar e para fazer isto e ... “.

D: E o que é que a levou a tomar essa decisão?

E11: Era aquilo que eu sentia.

D: Foi os professores, os colegas, quer dizer, tudo aquilo, foi o contexto. Quer dizer, as coisas correram todas muito favoráveis á motivação para eu continuar. Eu gostava dos professores.

D: Pode dizer mal.

E11: Não. Hehehe. Eu gostava dos professores. Quer dizer, lembro-me ... acho que foi logo no primeiro dia de aulas, em que eu cheguei ao Camões e apanhei a professora de português. Eu entrei na aula e a professora de português olhou para mim e disse-me: “aviso-a já que se não faz o módulo comigo vai a exame”.

D: Hehehe.

E11: Eu fiquei a olhar para ela .. não percebi .. o que é isso de “se não faz o módulo comigo ...” ; ok, eu estou aqui para ficar, já me estão a bater! Mas desta vez, mesmo que me batam, eu não saio daqui, hehehe.

D: A professora de português era tramada, bolas!

E11: Depois punha-nos a fazer apresentações orais. Hehehe.

D: Hehehe.

E11: Isto a propósito ... um conjunto de coisas ... Hehehehhe ... que eu felizmente hoje já consegui fazer um percurso que eu acho positivo, embora continue a ficar muito nervosa, hehehe, nas orais.

D: Hehehe. É melhor na escrita que na oral. Depois de começar é capaz! Hehehe.

E11: Mas é que eu estive quase para desistir. Mas depois não. Mas se eu vou ter de fazer apresentações orais eu vou desistir de estudar. Eu tinha tanta vontade!

D: Pois, pois, hehehe.

E11: Hehehe ... Mas continuo a tremer, dos pés à cabeça, as mão a tremer.

D: Até começar...

E11: Não, continuo ... quer dizer, continuo a ter a mesma sensação, não ... lá estou muito melhor, consigo resolver muito melhor.

D: E diga-me uma coisa E11: o que é que escolheu no curso, estamos a falar do secundário, porque é que escolheu a área de estudo de ciências sociais e humanas?

E11: Porque eu tinha a sensação que as coisas que eu queria aprender estavam todas muito mais viradas para as letras do que para as ciências. Eu queria aprender história, eu queria aprender português, eu queria aprender geografia, queria aprender filosofia. Era o que me fazia sentido era escolher essa área.

D: Olhe, e diga-me uma coisa E11: o que é que me tem a dizer, do que estudou na secundária, o que é que me tem a dizer sobre professores, disciplinas do curso, se havia alguma coisa a mudar, as suas dificuldades, os seus colegas. É um bocado a avaliação, não é? Porque é que não faz a avaliação pessoal desse percurso, na secundária?

E11: Eu confesso que quando olho para o meu percurso, desde o Camões até agora, até este momento, eu acho que tive muita sorte com as pessoas que tenho encontrado. Eu cheguei ao Camões, encontrei uma turma onde se conseguiu construir um grupo de relações que funcionava e que funcionou quer para sair, para brincar, beber copos, como para estudar.

D: Porque é que acha que isso aconteceu?

E11: Pois ... por serem todos mais velhos.

D: Não tinham vinte anos, tirando o João ... mas era o único, os outros eram todos mais velhos.

E11: Os outros também foram desistindo. Os mais novos, se nós olharmos para a turma, os mais novos foram todos desistindo. E os mais novos, ou porque eram ainda muito novos, estavam ali nos vinte, ou então aqueles que estavam ali nos trintas ... por exemplo, estou-me a lembrar de algumas colegas com miúdos pequenos, ainda com crianças pequenas, portanto com mais dificuldade em conseguir conciliar tudo.

D: A vida familiar e o estudo à noite.

E11: Portanto, e aqueles que acabaram por ficar foram os mais velhos, tirando o João. E eu acho que isso, quer dizer, isso também acabou por ser uma vantagem, não é? E depois os encontros, quer dizer, eu acho que as pessoas não se encontram por acaso, não é? Há coisas que acabam por atrair e depois há encontros felizes e encontros infelizes, hehehe.

D: Pois é, Hehehehhe.

E11: E eu acho que tenho tido encontros felizes. E depois os professores ... todos os professores que nós encontramos no ensino à noite, na escola, no Camões à noite ... quer dizer, correu sempre tudo ... também com os próprios professores se estabeleceu uma relação que foi para além da escola, da relação professor-aluno. Aliás foi uma coisa que eu quando entrei na faculdade, foi o primeiro impacto que eu tive, foi achar que os professores eram todos muito distantes, hehehe, e fiquei muito triste.

D: Não. A, quando você chegou ao Camões, no 10º ano, se calhar achou a mesma coisa.

E11: Nessa altura não pensei nada de especial. Quando cheguei aqui já trazia um passado. Eu quando cheguei ao Camões ia ...

D: Sem nada ...

E11: Ia virgem, ia sem nada mesmo. Quando cheguei aqui, não. Trazia referências, expectativas e foi tudo diferente. E portanto eu não tenho, quer dizer, a única coisa, a única dificuldade que eu me lembro de ter durante o percurso do secundário, é a minha dificuldade desde que estudo, que tem a ver com o inglês. Eu estava à espera de conseguir no 10º, 11º e 12º, estava à espera de conseguir desenvolver mais o inglês do que aquilo que consegui. O número de aulas por semana era muito menor em inglês do que em relação às outras disciplinas.

D: É uma vez.

E11: É uma vez por semana, uma hora e meia! Portanto, eu não estava à espera que fosse só isso, principalmente nesta altura em que depois uma pessoa chega à faculdade e ...

D: É tudo em inglês.

E11: É tudo em inglês, não é? Há a consciência da importância do inglês ...

D: Ok, A, diga-me uma coisa E11: você disse-me que quando foi para o secundário o seu objetivo era acabar o 12º, para acompanhar a Maria e por razões pessoais. Mas entretanto está no superior.

E11: Estou no superior.

D: Então? Está em que curso?

E11: Estou em antropologia, acabo este ano. Eu acho que as coisas correram tão bem, a experiência foi tão boa durante o secundário, quer daquilo que eu aprendi, quer daquilo que eu gostei de aprender, não é? Também aprendi porque gostei de aprender e dediquei-me, deu-me gozo, deu-me prazer, autoestima.

D: E diga-me uma coisa E11: voltar para a escola trouxe mudanças na sua vida pessoal, ou na familiar, profissional?

E11: Familiar, houve algumas alterações. Alteraram-se ritmos, alteraram-se ritmos de vida,

mas basicamente, quer dizer, mais a esse nível do que a outro. Mais ao nível das ... mais instabilidade em termos de disponibilidade; eu tão depressa estou muito disponível como estou indisponível. Eu acho que passei a sentir-me uma pessoa mais capaz de estar sozinha, de ser autónoma. Portanto, a nível pessoal eu acho que houve um enriquecimento bem termos de segurança pessoal, de crescimento interior também. E em relação aos amigos, o que é um facto é que a gente vem para a escola, aprende coisas, portanto ... e mesmo na relação com a família, quando aprendemos coisas, a verdade é que também ficamos mais capazes de partilhar mais coisas com os outros. Quer de dar, quer de receber.

D: Valeu a pena voltar a estudar.

E11: Por isso é que eu cá estou, não é, Hehehehhe.

D: E agora, quais são os seus principais projetos de vida?

E11: Oh! Hehehe, estamos outra vez na dificuldade, hehehe.

D: Pois, mas agora é com mais escola.

E11: Eu com os meus projetos imediatos, é assim: para já, o meu primeiro projeto é acabar este semestre; depois é acabar o 3º ano de antropologia; estou a pensar, no próximo ano parar, ou seja, quando digo parar é não fazer uma matrícula, não me matricular; eu gostava de rever algumas coisas, principalmente nas que dizem respeito aqui ao 1º ano da faculdade, que eu fiz um bocado numa certa tensão ... não sei se posso dizer isto, ou não, mas eu fiz o 1º ano da faculdade ao mesmo tempo que fiz o 12º ano e, portanto, foi um ano de muito trabalho, muito cheio de matérias, e portanto há coisas, há muita coisa pela qual eu passei muito superficialmente e que me apetecia aprofundar ... e, portanto, eu queria falar com alguns professores de algumas cadeiras e pedir para assistir a algumas aulas, fazer leituras, aprofundar ... tentar encontrar-me melhor ... porque o que me está a acontecer aqui em Antropologia é aquilo que me aconteceu, faz parte das minhas características, hehehe, que é assim: tenho uma cadeira de “psicologia e psicanálise”; depois tenho “ritual e performance”. Ainda não consegui, dentro da antropologia, eu ainda não consegui ... depois tem África, fico doida com África ... já comecei a conseguir perceber que estou mais para África do que para o Oriente. Agora estou com “Antropologia visual” e por acaso acho que o mestrado, neste momento a pensar em mestrado, acho que fazia “imagem e comunicação”, porque acho que é muito importante o trabalho dos antropólogos ... mas não sei.

O mestrado não está fora de questão, nem pouco mais ou menos. Posso eventualmente ter que adiar porque, se tudo correr bem, a Maria está na faculdade, está a entrar, se tudo correr bem, em Alcoitão, o que vai custar muito dinheiro por mês, portanto eu se calhar não vou

conseguir conciliar a Faculdade dela com a minha, não é? Aliás estava a pensar: “é pá, isto dá mesmo jeito”, porque a Maria este ano só tem biologia, este ano saio eu e entra ela, pronto, sempre são menos as minhas propinas.

D: Claro ...

E11: Não sei. Vamos ver como é que ... então, para o ano, acho que vou ficar em

D: Em sabática ... hehehe.

E11: Em sabática, hehehe

D: A, a última questão para fecharmos todo o seu percurso escolar é assim: em que é que contribuiu, para o seu desenvolvimento pessoal, para o seu desenvolvimento social e o seu bem-estar, ter voltado a estudar, vinte anos depois?

E11: Pergunta difícil ... portanto, em que é que contribuiu, para o meu desenvolvimento pessoal ...

D: E social, para o seu bem-estar, ter voltado a estudar depois desse interregno tão grande.

E11: Eu acho que o interregno foi importante e, se calhar, se não tivesse sido o interregno eu não teria tido a capacidade de aproveitar tão bem, quer aquilo que fiz no interregno, como aquilo que hoje estou a conseguir aproveitar do que estou a estudar e a trabalhar e a trabalhar na escola, não é?

D: Claro.

E11: Acho que a maturidade que me proporcionou aquilo que eu fiz durante o interregno, me permitiu perceber quanto importante seria, quão importante é a formação para o crescimento pessoal e para o desenvolvimento pessoal, a formação académica, não é?, que é enriquecedor porque nos abre horizontes, porque nos ajuda a pensar as coisas de outra maneira, abre-nos caminhos, põe-nos a olhar para a vida e para o mundo de uma maneira completamente diferente, não é? e no fundo, eu acho que voltar a estudar, pelo menos no meu caso, não é? O que eu sinto é que se eu tivesse feito isso aos 18 e aos 20 anos, eu não tinha feito com os olhos com que faço hoje, a olhar com a maneira como olho hoje, não é? A dar a mesma atenção ...

D: E a aprofundar ...

E11: E a aprofundar de outra maneira, querendo sempre procurar mais. Quer dizer, acho que se eu tivesse continuado tinha mesmo continuado naquela de que faz parte do pacote, do biberão, das fraldas, da escola, o curso e pronto. Que aliás é aquilo que eu tenho sempre tentado transmitir às minhas filhas, “É pá, vocês não compreem o pacote, se faz favor”, Hehehehe. Elas acham que eu sou louca, hehehe.

D: É assim, é a E11, hehehe.

E11: Acho que se vocês começam a estudar, a namorar, a casar, a ter filhos ... é pá, não; quer dizer, estudem mas depois quando acabarem de estudar vão viajar, passear ...

D: Usufruir.

E11: Usufruir. A primeira não fez nada disto. Comprou mesmo o pacote. Eu acho que os filhos depois também fazem questão de fazer ao contrário daquilo que os pais dizem.

D: É.

E11: É. Seja para um lado, seja para o outro.

D: Bom. A, não sei se quer acrescentar mais alguma coisa ao seu percurso.

E11: Não. Foi bom ter falado disto. Por acaso foi engraçado porque eu nunca tinha ...

D: Agradeço-lhe a sua entrevista e depois eu vou-lhe dando contas do que se passa.

E11: Está bem.

58mn

D: Ok Is. Já estivemos a ver o termo de confidencialidade, já lhe dei as linhas gerais do trabalho de investigação que estou a fazer para o meu doutoramento e, como sabe, precisamos de trabalho de campo e, por isso, estou a pedir ajuda aos alunos para contribuírem com a sua experiência e essa experiência é absolutamente imprescindível para o trabalho, como deve calcular, para depois poder tirar algumas conclusões.

Começava por lhe perguntar a sua idade, o local de nascimento, profissão.

E12: Eu sou a Is, nasci em Idanha-a-Nova, no interior da Beira Baixa, raia de Espanha, Lusitana com muito orgulho de ser daquela zona. Sou beirã assumida. O que é que me levou a estudar?

D: Não. Eu quero saber primeiro a sua profissão.

E12: Sou modista, dado que não pude estudar fui para a costura. Sou divorciada, tenho dois filhos e tenho 65 anos.

D: Não parece nada. Diga-me a profissão e a escolaridade dos seus pais.

E12: A minha mãe era dona-de-casa, obviamente, como era habitual nessa altura. O meu pai, enquanto foi novo e jovem e até casar ele aprendeu a profissão de alfaiate. Os pais dele eram pessoas rurais, portanto trabalhavam no campo. Apesar de terem casa na vila havia uma discriminação entre as pessoas que trabalhavam no campo e as pessoas de cima, da vila, que eram as pessoas que tinham profissões no terciário, ou os artesãos e os trabalhadores rurais. Os meus avós da parte do meu pai eram pessoas rurais que puseram as filhas também no campo. Mas o pai, como era homem (os homens eram sempre postos numa situação de superioridade perante as mulheres) foi-lhe dada a possibilidade de ser alfaiate. Casou portanto como alfaiate; só que quando casou e começou a ter família, ser alfaiate não lhe dava a possibilidade de ter uma casa e foi para uma profissão duríssima, que era pedreiro a partir pedra no campo. Imagine o salto, a diferenciação que para um homem habituado a estar em casa ... o rigor do verão e do inverno.

D: Disse-me que era divorciada. O seu marido, qual era a profissão?

E12: O meu marido era diretor de uma situação de vendas, marketing. Fui casada durante 30 anos.

D: E a escolaridade dele?

E12: A escolaridade dele ... ele tinha o liceu.

D: Ok. Filhos?

E12: Tenho dois.

D: Com que idades?

E12: Trinta e seis e quarenta e três anos.

D: E a escolaridade deles?

E12: O Carlos tem o 3º ano de economia, não acabou. O Miguel ficou com o 2º ano de jornalismo porque entretanto enveredou pela toxicodependência.

D: Neste momento está reformada, já não trabalha?

E12: Estou reformada no papel porque eu continuo a fazer o que eu gosto que é vestidos.

D: E trabalha desde que idade?

E12: Dado que não me foram dadas condições de poder estudar ... portanto, eu fui criada na Beira Baixa, na Idanha, e lá havia liceu, de facto, mas o liceu era só para as pessoas que tinham possibilidades de pagar. Era um liceu particular. O liceu para meninas, porque nessa altura os meninos e as meninas ...

D: Disso já iremos falar a respeito da escolaridade.

E12: Mas nessa altura eu não podia ir para Castelo Branco. Fui colocada na Idanha ainda numa escola de labores.

D: Mas começou a trabalhar

E12: Com 11 anos.

D: Como modista?

E12: Comecei como aprendiz. Vim depois com 12 anos para Lisboa.

D: Como o seu pai era alfaiate ...

E12: Não houve absolutamente ligação nenhuma. Entretanto vim para Lisboa com 12 anos e meteram-me na costura. Eu vim expectante que a minha tia, como tinham muitas possibilidades de vida, que me pusesse a estudar. Eu sempre na ânsia de poder ir estudar. Mas não. Fui para a costura. Passei por todas as fases que se passar para se saber uma profissão.

D: E começou aos 11 anos?

E12: Aos 11 anos.

D: Diga-me uma coisa, Is: uma vez que começou tão cedo qual é a importância do trabalho na sua vida?

E12: Toda.

D: O que é que isso quer dizer?

E12: Uma vida só se constrói com trabalho, seja de que maneira for. O trabalho é a nossa realização, seja que trabalho for. A pessoa tem que escolher o trabalho que gosta porque um trabalho sem amor, nunca se lhe pode dar o todo.

D: Então, nesse sentido como é que conciliava a escola e o trabalho?

E12: A escola foi um sonho que me acompanhou toda a vida, desde os 4 anos. quando eu tinha 4 anos o meu avô, apesar de ser um homem que só tinha a instrução primária, era um homem muito atento, muito culto e era habitual na Beira lermos todas as noites. O meu avô lia para nós todas as noites ao serão, na rua, á porta (porque havia uma lâmpada elétrica, como há hoje, sobre a nossa casa), ou à braseira no inverno, ao lume, consoante estávamos ... e o meu avô todos os dias lia para nós ou história, história universal ... que eu ainda tenho um volume ou dois, que a casa foi roubada ... muitos livros que eu ainda tenho do meu avô. O meu avô gostava imenso de história e possivelmente esse bichinho foi-me transmitido por ele.

D: Sem dúvida, hehehe.

E12: E de facto habituei-me sempre a ouvir ler e com 4 anos já me fechava no quarto do meu avô e ia buscar um livro que ainda tenho hoje em casa, da História Universal do Césare Cantú, que está assinado pela mãe do meu avô, que também gostava de história, já sabia ler e assinou. Já seria também uma pessoa interessada o que era anormal para a época. Porque ele assinou-o em 1891. Portanto é absolutamente uma coisa espantosa. E esse livro tinha gravuras, está escrito ainda num português meio arcaico e tinha gravuras. E eram essas gravuras das pirâmides, dos guardiões das pirâmides de que eu agora me esquece o nome, era todo aquele mistério que advinha daquele livro que eu sabia que era de história e que eu queria ver porque é que aquilo tinha acontecido.

D: Lindo! Olhe, Is, e sobre o desemprego o que me tem a dizer?

E12: Desemprego é uma coisa que eu só passei ... não tem assim um grande impacto na minha vida ... mas passei por ela e sei o que isso é.

D: Mas sempre trabalhou por conta própria, não é?

E12: Sim, mas quando foi o 25 de Abril, foi uma situação muito penosa para as pessoas que trabalhavam por conta própria. Eu não trabalhei sempre por conta própria. Eu só trabalhei por conta própria depois do meu marido ter vindo do ultramar. Eu já era mãe do Carlos. Ele veio quando o meu filho Carlos já tinha 6 anos, porque nessa altura a tropa eram 4 anos e eu casei o meu marido ainda não tinha ido para a tropa. Ele foi para a tropa, esteve lá 4 anos e quando veio o Carlos tinha 6 e portanto tive mesmo sempre que trabalhar muito. E só depois

do meu marido ter vindo e de ter havido uma situação que se proporcionasse eu poder trabalhar por conta própria é que montei um atelier; e de facto foi um atelier com muito sucesso, fiz passagens de modelos, trabalhei com muitos modelos. A Ana Maria Lucas está aí para atestar isso, passou para mim desde os 17 anos. E muitas outras. Foi uma vida muito bonita que eu tive a nível de moda. Trabalhei sempre para pessoas muito bem, de sociedade. Cheguei a ter no atelier treze funcionárias, era já uma dinâmica bastante grande que me preenchia na totalidade. Estas cinco horas que eu normalmente durmo também têm a ver com isso pois eu tinha de trabalhar muito. Depois os miúdos começaram a crescer, muitas necessidades para pô-los em bons colégios, carrinhas à porta, essas coisas que nós queremos todas dar aos filhos e que as mães e os pais têm que sustentar, não é!

D: O que fazia, antes de começar a estudar, aos fins de semana e nas horas de lazer?

E12: O meu marido gostava muito de desporto, por isso a situação de eu gostar de andar. Então aos fins de semana nós íamos sempre, sempre fazer desporto. Íamos para o Estado Universitário ou para Monsanto fazer aqueles percursos, corrida e não sei quê, durante duas horas. Ele levava os miúdos para Belém para jogar à bola. Aquelas coisas normais que as classes médias fazem normalmente.

D: Vamos então agora falar do percurso escolar até ao 5º ano. Vamos começar pelo 1º ciclo. Porque não teve creche, jardim de infância, nessa altura não existia ...

E12: A minha creche foi a rua.

D: 1º ciclo, ou seja da 1ª à 4ª classe.

E12: Da 1ª à 4ª classe foi na Idanha .. 4ª classe e exame de admissão aos liceus.

D: Foi para a escola com que idade?

E12: 7 anos, e com 10 anos já estava com tudo pronto.

D: Na Idanha até à 4ª classe.

E12: Nessa altura o exame de admissão tinha que se fazer em Castelo Branco.

D: Na 4ª classe ou até à 3ª?

E12: Na 4ª classe. Fiz o exame de admissão que era logo de imediato e foi-me proporcionado pela minha professora do ensino primário, que achava que eu deveria seguir, devia estudar, tanto assim que escreveu ao Salazar uma carta, ela e eu também, a pedir para me porem a estudar, uma vez que lá não havia possibilidades para as pessoas que não tinham capacidades para pagar um liceu particular.

D: E então, e depois?

E12: Ele não respondeu. Por isso fui para a costura.

D: Há pouco falou-me de uma tia que a trouxe para Lisboa.

E12: Sim, aos 11 anos.

D: Portanto acabou aos 10 e vinha para Lisboa para continuar a estudar.

E12: Como não podia estudar lá, não me foi dada essa chance ...

D: O Salazar não respondeu ...

E12: Eu fui para uma escola de lavores, como já tinha dito.

D: Lá, lá.

E12: E entretanto vim para Lisboa na expectativa que os meus tios, que tinham grandes possibilidades monetárias, me pusessem a estudar. Mas não puseram.

D: Ok. Veio viver com 11 anos para Lisboa para casa dos tios.

E12: Com situações muito, que ainda hoje tenho referências, e que possivelmente me deram forças para trabalhar mais, porque eu era uma menina de uma família média, com muito colo, muito mimo ...

D: Filha única?

E12: Não, cinco irmãs. Tudo meninas. Mas as tias não tinham filhos, o avô e a avó era como se fossem pai e mãe.

D: As irmãs ficaram todas em Idanha? A Is é das mais novas ou mais velhas?

E12: Sou a mais velha. A minha irmã mais nova saiu muito cedo da Idanha com a minha mãe e o meu pai porque eles entretanto vieram ... o meu pai pertencia à Junta Autónoma de Estradas e portanto veio fazer as barragens. Tinha feito a barragem Marechal Carmona na Idanha e depois veio fazer as barragens de Ponte-de-Sor, aquela parte toda de irrigação que foi feita ali para aquelas barragens do Alentejo, especialmente. Portanto, eu com a minha irmã Goreti que é a mais nova, que saiu de lá com 2 anos, somos as que temos uma ligação agora mais aproximada, mas nessa altura...

D: Claro. Qual é a diferença de idades?

E12: Nove anos.

D: A Is sendo a mais velha veio com os tios para Lisboa ...

E12: Vim para casa dos meus tios para estudar, mas fui para a costura.

D: Foi para a costura. Quanto tempo esteve entretanto na costura?

E12: Estive sempre na costura. Portanto nunca interrompi coisa nenhuma porque fiquei única e simplesmente com a instrução primária e o exame de admissão. Depois casei, tive filhos e, quando os meus filhos começaram no liceu, entretanto deu-se o 25 de Abril. Uma revolução no ensino, como toda a gente sabe. As crianças ficaram muito expostas porque tudo o

que era retido pela censura brotou de rompante cá para fora, que não sei se foi tão nocivo ou mais do que terem escondido tudo. Porque de repente as crianças viram-se confrontadas com tudo o que até então lhes tinha sido vedado. Qual é que era a preocupação dos pais nessa altura? Protegerem os filhos, porque o ensino estava caótico, greves, estava tudo em descalabro. Então, a minha preocupação foi meter os meus filhos no liceu, em colégios particulares. Sobretudo o Carlos, que foi para o liceu particular Luís de Camões. Esse liceu tinha uma situação muito curiosa que o diretor tinha sido professor de português do meu marido, no ensino, quando ele estudou.

D: Em Lisboa?

E12: Em Lisboa.

D: Era realmente um senhor espetacular, um professor de português que me deixou referências. Tinha sido aluno de Aquilino Ribeiro. Ainda hoje o meu mestre é Aquilino. Ficou dele, que me conseguiu transmitir o amor por Aquilino.

D: Mas olhe, vai haver uma sessão no Camões, isto é um parêntesis, é no dia 29, às seis, sobre Aquilino Ribeiro.

E12: Entretanto nessa altura, quando o meu filho mais velho ficou nesse liceu particular, que me dava o garante, sabia que ia ter esse professor, ia ter bons professores, que estava mais ou menos salvaguardado de todas aquelas coisas que se tiveram na rua, de repente. E enquanto comecei a estudar lá de noite, também, para fazer então o liceu.

D: Isso tinha que idade, mais ou menos?

E12: Devia ter trinta, trinta e dois, trinta e três anos.

D: Voltou a estudar ...

E12: Comecei a fazer o liceu.

D: Para tentar tirar o 5º ano, certo?

E12: Eu estive lá até ao 7º ano.

D: Mas entrou para fazer o 5º ano.

E12: Sim, sim.

D: de noite.

E12: De noite.

D: E porque é que voltou a querer estudar? Foi para ajudar os filhos?

E12: Não. Eu voltei a estudar porque durante muitos anos não me tinha sido dada chance de estudar. Eu fiquei sempre, desde criança, esfomeada por estudar. Portanto, quando eu tive oportunidade de mitigar essa fome, eu fui. Fui estudar, por isso.

D: Então, andava o seu filho de dia e a Is á noite.

E12: Exato.

D: E entretanto fez até ...

E12: Fiz até ao 7º ano antigo que é agora o 11º.

D: Até ao 7º ano tudo seguido?

E12: Tudo seguido. Tive uma única situação que foi marcante, que foi quando estava a acabar o 7º ano, foi quando o meu marido entretanto se foi embora.

D: É importante. E por isso é que deixou de estudar?

E12: Não, não deixei de estudar por isso. Deixei de estudar porque entretanto eles também tinham que ir para as faculdades e as faculdades eram muito caras. Já estavam os dois a estudar e já estavam os dois em universidades particulares. Os livros eram caríssimos. Nessa altura, um livro para economia custava vinte contos. Os livros hoje são caros mas nessa altura eram mais ainda. E ter dois filhos na universidade não era fácil.

D: Claro, sozinha.

E12: Sozinha.

D: E não chegou a fazer o 7º ano, ou chegou?

E12: Não. Fiquei com duas disciplinas por fazer.

D: Já me disse porque abandonou, foi por circunstâncias financeiras. E quando voltou a estudar quais eram os seus projetos? Porque é que voltou a estudar?

E12: No liceus?

D: Sim, nessa altura.

E12: Essa fome, que ainda hoje eu tenho, essa fome, isso nunca pode estar alheado seja daquilo que for. Nunca foi por uma situação de ascensão social porque eu estava realizada profissionalmente. Gosto do meu trabalho, gosto do que faço. Única e simplesmente só para saber. Só para me realizar. Porque se me tivesse sido dada a chance de eu poder estudar, eu teria tido uma carreira académica, porque eu gosto muito de saber. E então, obviamente que a minha vida não seria esta. Mas como não foi ...

D: Is, entretanto quando acabou o 5º ano teve que escolher, ciências ou letras. O que escolheu nessa altura?

E12: Escolhi letras.

D: Porquê?

E12: O Aquilino. Eu tinha muito boas notas; e foi muito curioso porque eu quando tive de optar, no 5º ano antigo, por ciências ou por letras, os professores guerrearam-se lá, cada um

queria que eu fosse ... “Ó Is, vem para mim, não vem?”. Mas letras, português, história ...

D: Tinha o bichinho de história também, por causa do avô ...

E12: Letras, letras, letras.

D: Nessa altura, quando voltou a estudar, era só pela ânsia de saber, não era para tirar ... mas há pouco disse que, se calhar, se tivesse oportunidade tinha seguido uma carreira académica.

E12: Uma das coisas que quando eu pensei estudar, não pensei acabar no 7º ano ... houve uma interrupção abrupta, porque foi o desmembrar do meu casamento. Houve ali um corte muito profundo que me deixou muito mal psicologicamente, obviamente. E porque a minha ideia era entrar na Ricardo Espírito Santo; porque de uma certa forma tem alguma coisa ... Eu tinha e tenho uma paixão; e lá está, o meu avô mais uma vez foi um ponto de honra. Na Ricardo Espírito Santo eu gostaria muito de restaurar móveis antigos, tudo o que fosse arte.

D: Queria deixar os tecidos e ir para os móveis. Era?

E12: Possivelmente.

D: O que lhe passou pela cabeça para ir para a Ricardo Espírito Santo?

E12: Se bem que costura é arte ...

D: Claro.

E12: Costura é arte mas, agora que já sei mais, são profissões mecânicas. É sempre arte, mas arte artesanal. Os artistas, os pintores e todos eles, não são mais hoje do que eram artesãos, antigamente. Hoje são artistas mas eram artesãos, essencialmente; até atingirem um grau de academia eles eram artesãos. Mas a costura nunca pode ser considerada, ainda não é considerada uma arte. É um ofício.

D: Exatamente.

E12: E o que eu queria mesmo era entrar numa situação académica, que na costura eu não teria, apesar de gostar muito. Agarrar num bocado de tecido e fazer um fato é uma coisa lindíssima ... porque uma pessoa pegar num tecido e faz dele uma maravilha, ou um marceneiro que agarra num bocado de madeira e faz dele um móvel que depois pode ser um monumento é tão arquiteto como um arquiteto que faz um palácio, ou um escultor que faz uma escultura. A arte está lá na mesma.

D: Então porque é que pensou ir para a Ricardo Espírito Santo?

E12: Talvez tenha a ver com a madeira, madeira com que eu tinha si criada toda a minha vida, porque o meu avô era carpinteiro. Era o cheiro da madeira, era a madeira. As coisas

não acontecem na vida das pessoas, por acaso. Quando as pessoas dizem, “aconteceu acidentalmente”, há sempre qualquer coisa que nos leva às nossas origens. Eu cada vez defendo mais isso.

D: É verdade. Entretanto, como houve aquelas circunstâncias, ficou tudo em standby. Abandonou a escola.

E12: Abandonei a escola.

D: E depois?

E12: Depois é muito engraçado. Porque depois os filhos ficaram criados, os filhos deixaram as universidades ...

D: Quando abandonou já tinha trinta e poucos anos ...

E12: Já tinha ... já devia ter os meus ... aquilo foram sete anos de estudo ... quarenta anos ...

D: Ok, por aí.

E12: Possivelmente eu teria começado mais cedo ... se me reportar aos anos em que o meu marido se foi embora, eu tinha 45 anos, portanto eu acabei com 43 anos de estudar ... o meu marido ainda esteve dois anos lá em casa, mas já estava separado. Eu terminei de estudar com 43 anos. Depois houve um período de estagnação e, quando os rapazes já estavam casados, já não queriam estudar mais, o Miguel por razões como já sabe, não acabou o curso, ficou com o 2º ano de jornalismo; e eu resolvi, entretanto, que também tinha uma loja, que tinha comprado e que também era muito engraçado mas que ... eu não sou comercial, eu não tenho nada a ver com comércio, eu não gosto de contas. Aquilo era giro por causa de eu ir comprar fatos a Itália, ir à Alemanha, ir a Paris, ir a Espanha e ir procurar coisas bonitas, e fazer montras e ter o vitrinista, isso é que eu gostava.

D: A parte criativa, não é?

E12: A parte depois de vender fatos e de fazer as contas e de fechar a caixa, isso não tem nada a ver comigo, isso eu dispenso. Pronto, entretanto resolvi também, porque os rapazes não me davam apoio e porque havia uma grande sobrecarga ... eu tinha que fazer viagens ... cheguei a fazer viagens a Itália, a guiar, mil e tal quilómetros sozinha ... e depois tinha que comprar as coisas e tinha que voltar para cá com a carrinha, que era uma carrinha que normalmente alugava, cheia, às vezes com quatro e cinco mil contos de roupa ... e cheguei muitas vezes a encostar nas bombas de gasolina para descansar um bocadinho e os polícias me avisarem para ter cuidado porque podia ser assaltada. E de inverno e de noite era muito difícil. Portanto houve uma altura em que eu senti que tinha mesmo de parar. Vendi a loja.

Continuei com a costura agora já de uma forma muito mais suave, soft. E então aí eu disse: “agora vou estudar”.

D: Entretanto já estava sozinha em casa ...

E12: Estava sozinha em casa.

D: Os filhos já tinham saído ...

E12: Exato, sozinha em casa. Agora é que eu disse: “vou acabar”. E resolvi ir para a universidade. E quando quis ir para a universidade reparei que eu não tinha ...

D: Que idade tinha, mais ou menos?

E12: Foi há sete anos ... tinha 59 anos.

D: Foi para a universidade antes de ir para o Camões?

E12: Não fui.

D: Mas não andou na universidade da terceira idade?

E12: Isso foi outra coisa.

D: Então não me contou isso.

E12: Pois não. Andei três anos na universidade da terceira idade porque isso eu podia fazer. Porque os horários eram muito

D: então em que altura?

E12: Isso foi para aí com 54, 55 anos.

D: Ok.

E12: Mas isso era uma mais valia muito interessante porque nós podíamos escolher as cadeiras que gostaríamos mais.

D: Mas tão nova, o que lhe deu para ir para uma universidade da terceira idade?

E12: Porque era uma forma de saber, era uma forma de procurar conhecimentos.

D: E se calhar estala ali perto ...

E12: Não, não estava. A única possibilidade que tinha era que tinha o metro no Areeiro, descia no Chiado porque a universidade era na Rua das Flores. Portanto tinha a facilidade do transporte.

D: Quer falar dessa experiência?

E12: Sim, foi uma experiência muito engraçada ... tinha uns horários que eram compatíveis com o meu trabalho, que eu ainda tinha a loja. Como sempre tive uma profissão onde eu era dona do meu próprio tempo, eu geria consoante aquilo que eu gostava. O conhecimento académico nunca esteve desligado de mim, portanto sempre que podia eu procurava adquiri-lo. Matriculei-me em História do século XIX, com um professor extraordinário que durante

dois anos ...

D: Diga-me só antes de continuar: qual foi o clique para dizer, vou para aquela universidade? Como é que isso aconteceu?

E12: Certas coisas acontecem ou na praia, ou na missa...

D: como é que foi?

D: Foram as pessoas já de uma certa idade, que já tinha, que não gostam, por exemplo, de ler revistas cor-de-rosa na praia. Eu estou na praia mas aquelas coisas das revistas que todos os meses trazem as mesmas coisas, eu folheio e vejo as caras, não sei quem são, não me pergunte, não sei quem são ... mas folheio, vejo que aquilo é sempre tudo igual ... e há sempre mais ou menos um grupo de senhoras que ou porque também não gostam, ou porque vamos tomar banho juntas (eu também gosto de nadar, e nadamos), e uma senhora falou-me da universidade da terceira idade.

D: Essa da rua das Flores ...

E12: Exatamente.

D: Ok.

E12: Depois era muito engraçado porque além das cadeiras, tinha uma que eu gostava muito que era Messianismo, tem muito a ver convicções religiosas e que tinha a sorte de também ter uma belíssima professora que nos dava lições de campo. Nós fazíamos viagens como a Rota de Cister. Foi fabuloso porque nós não estávamos só diretamente com a arte, com toda uma imanência sincrética e religiosa, porque também não havia só uma religiosidade católica, havia também o profano, porque o românico está cheio de imanências profanas, as próprias carrancas, tudo aquilo é místico, tudo aquilo tem uma transcendência messiânica muito forte, e era isso que me era incutido. Também as festas do Divino Espírito Santo nos Açores. Nós fazíamos essas viagens de campo ...

D: E esses rituais ...

E12: Tem piada que agora que me está a falar disso, estou-me a lembrar que, quando fui ao Japão, fascinou-me ... eu estive em Kyoto 3 dias que é a cidade ...

D: A cidade imperial .. conheço, também já fui ao Japão.

E12: E achei extraordinário como bandos de crianças, de 3, 4, 5, 6 anos, diferentes apenas pelas cores dos bibes ou dos chapéus, que estavam a ter aulas diretamente nas cidades imperiais. Eles iam beber à fonte. Não eram aulas teóricas. Eram teóricas mas no local.

D: Também vi.

E12: A piada é que eles vinham ter connosco para assinarmos os caderninhos deles para ver

....

D: A grafia diferente.

E12: A grafia diferente. E nesse aspeto, esse conhecimento que esses meninos no Japão vão ter, logo desde crianças, essa professora de Messianismo dava-nos através da universidade da terceira idade.

D: Ok, Is. Então e esteve 3 anos, disse-me ...

E12: Estive 3 anos até que me decidi ir para uma universidade.

D: E o que é que lhe deu?

E12: Porque deu-me. Porque foi assim, eu ando aqui, havia só um professore que fazia exames, que era o professor de história do século XIX. E esse professor não nos passava de ano se não fizéssemos exame. Mas na altura dos exames ninguém ia. Ia só eu e um médico que andava lá a estudar. Era médico mas também gostava de história. Porque havia lá muitas pessoas formadas, e há muitas pessoas licenciadas e formadas e doutoradas, que andam por História; outras andam lá para aperfeiçoar o inglês, ou francês, ou por música. Essas universidades são extraordinárias porque, para além de darem conhecimento, é um sítio onde as pessoas que estão praticamente excluídas do mercado de trabalho, e muitas vezes das próprias famílias, encontram um ponto de referência, encontram um sítio onde estar. E isso é essencial para as pessoas, é excelente.

Nessa altura, eu como não gosto de fazer as coisas pela metade, gosto sempre das coisas ... eu sou pela lei. Para mim as coisas têm que ter lei, organização e o que é legal. E ali eu podia andar lá toda a vida que nunca mais tinha nada. Ninguém podia atestar que eu tinha isto, que eu sabia isto.

D: Era o conhecimento *per si*.

E12: Pois. Então, mas se eu ando aqui, porque não vou para uma universidade de verdade? Então eu vou fazer uma licenciatura de história, que é o que eu gosto. E entretanto resolvi e comecei à procura de ir entrar numa universidade. Aí deparei-me com uma situação *sui generis*. Eu que pensava que podia fazer as disciplinas que me faltavam do 7º ano antigo, vi-me confrontada com uma diferenciação total na questão do ensino e eu tive que ir para o 10º ano, que era no meu tempo ...

D: No seu tempo era o 6º ano.

E12: Era o 6º ano. Porque faltavam-me disciplinas, portanto eu que já tinha deixado no 5º ano a matemática, eu tive que ir fazer matemática aplicada às ciências sociais e humanas, técnicas de informação, que eu não sabia o que era um computador ...

D: Não lhe deram equivalências, Is? Nenhumas?

E12: Não.

D: Mas não deram ou não pediu?

E12: Pedi, pedi, fui ao liceu ... qual é que era o liceu ... porque o liceu Camões que eu frequentei era um liceu particular ... o liceu Camões onde eu andei a fazer o 7º ano era um liceu particular.

D: Um é particular, o outro é público.

E12: Eu pertencia a um liceu ali para a Graça.

D: Não interessa, que eu não vou utilizar nomes.

E12: E então, quando fui lá pedir o certificado de habilitações para tentar a universidade, não me deram as equivalências.

D: Só lhe deram até ao 9º ano, até ao antigo 5º?

E12: Davam-me ao 6º, mas não era completo. Davam-me o 7º também, só que não era completo. Em relação às equivalências, eu tinha que ir fazer as que me faltavam, porque eram várias. O ensino tinha todo sofrido alteração e não poderia ser de outra forma. Portanto fui fazer o 10º, o 11º

D: Antes de entrarmos no ensino secundário, que é também uma coisa que me interessa, atualmente estuda em casa? Tem espaço próprio?

E12: Eu tenho um espaço próprio para estudar, para fazer a minha continuidade de estudo da universidade.

D: Mas estuda em casa, e estuda sozinha? Ou tem alguém que a ajude?

E12: Não, não. Eu estudo sempre sozinha. E uso a biblioteca, também. Normalmente faço sempre duas, três horas de biblioteca.

D: Aqui no ISCTE, porque estamos a fazer a entrevista no ISCTE. E o que é que faz quando não estuda?

E12: Trabalho, costura.

D: Ou estudo ou trabalho. Não há momentos de lazer?

E12: Quer dizer, no último ano não tenho tido hipótese, que eu gosto muito de andar, eu fazia sete quilómetros todos os dias. Andar é um momento de lazer, um momento em que recupero, tempero forças. E também a minha parte emocional fica muito liberta, porque eu consigo estar muito atenta à natureza, aos pássaros, às flores, os cheiros.

D: Qual o papel da família na sua vida?

E12: O papel da família ... isso é uma situação que, de momento, eu posso falar mas vou

falar muito pouco. A família para mim representa tudo, até porque venho de uma família numerosa, as irmãs, o avô e a avó como figuras patriarcais, onde toda a gente, enquanto eles estavam vivos, se reunia, Natais, Páscoa, todos os fins de ano, tudo regressava, estivesse onde estivesse, à Beira, à casa-mãe. Depois que os meus avós faleceram, eu que eu casei e que tinha uma casa grande, também, todas essas situações que tinham sido feitas na Beira passaram a ser na minha casa. E portanto, era sempre muita gente ...

D: Uma casa cheia ...

E12: Muita alegria, muitas crianças. Entretanto houve a rutura do meu casamento e foi uma coisa tão terrível como se tivesse rebentado uma cápsula. (chora ...).

D: Esteja à vontade, Is.

E12: Isso não é fácil de recuperar.

D: Claro, compreendo perfeitamente.

E12: Possivelmente os meus filhos não acabaram as licenciaturas ...

D: Por causa disso.

E12: Quando há um casamento assim, que termina, deixa marcas bem profundas.

D: É evidente. E acha que a escola, digamos que podemos dizer que a escola e o seu trabalho foram o seu refúgio?

E12: O trabalho foi o meu refúgio. A escola foi o meu carinho. Enquanto o trabalho era uma necessidade absoluta de sobrevivência e também uma realização como profissional, o estudo era o sonho, era onde eu ia buscar o abraço que já não tinha.

D: A parte afetiva, não é? Muito bem. Vamos passar para a Escola Secundária de Camões. Porque é que escolheu aquela escola?

E12: Primeiro, por tinha “Liceu Luís Camões”, tinha a ver com o liceu onde tinha estudado, que também sido no Luís de Camões.

D: Foi pela referência do nome.

E12: Referência do nome.

D: Que giro!

E12: Acesso, também fácil acesso a minha casa. E também porque havia muitos escritores de livros que eu gosto, que tinham andado lá, que também era para mim referência. E graças a Deus que escolhi, porque foi fabuloso.

D: Agora fale-me da aprendizagem, dos currículos, se mudaria alguma coisa nas disciplinas do curso que tirou? Tirou o curso de ciências sociais e humanas. Se mudaria algumas disciplinas, as suas dificuldades, os colegas, os professores. Fale-me da sua vida no ensino se-

cundário recorrente.

E12: Eu sou uma pessoa fácil e difícil. Tenho estas duas vertentes.

D: Então, o que é que isso quer dizer?

E12: Eu sou fácil por que eu facilmente faço amizades, facilmente me adapto, mas sou difícil de contentar. Portanto, eu sou muito exigente, não só comigo como com os outros. E por vezes tive algumas ruturas com alguns professores porque não correspondiam aquilo que eu estava à espera.

D: Com as suas expectativas.

E12: Exato. O ensino, para mim, eu nunca deixei de ligar a minha situação de condição de estudante, e daí eu sempre fazer bastante diferença entre o professor, o estatuto do professor, apesar de eu ser mais velha. O professor estava lá para me ensinar e eu para aprender. E essa situação eu tive sempre bem diferenciada, e era o que eu esperava dos professores, era que me ensinassem. Muitos corresponderam, graças a Deus, às minhas expectativas, outros nem tanto. E posso por exemplo dizer que, no inglês, eu tive uma professora que era muito boa mas que deu-nos apenas três meses, porque depois foi substituída por outra, e isso eu acho que é péssimo. Porque os alunos, já não estou a falar do liceu, os adultos como as crianças, as pessoas têm de ser acompanhadas por professores que se deem. É o trabalho, lá está mais uma vez o trabalho. Todo o trabalho tem que ser exercido com amor e com dádiva. E se a pessoa anda lá só porque está a fazer horas, porque não sei que, porque tem que se ir embora, e porque aquilo é uma chatice que se tem que estar a ensinar meninos burros ou pessoas que andam ali que não sei quê ... isso nunca dá. E isso aconteceu, com mais do que um professor. Graças a deus foram mais as experiências boas que as más. Mas por exemplo, a inglês, eu tive inglês há trinta anos atrás e muito pela rama, portanto ainda hoje sou uma negação a inglês. Eu passei, perante os outros, eu até sabia mais do que os outros e tive sempre mais ou menos boas notas. Eu sei que passava mas que aquilo não correspondia à verdade.

D: Então acha que isso é uma experiência negativa no Camões?

E12: Sim, sim, naquele período. Claro que eu não sei a evolução ...

D: Diga-me uma experiência positiva.

E12: Uma professora de português que eu tive, hehehe.

D: Hehehe.

E12: Chamada Dulce, hehehe.

D: Hehehe.

E12: Aprender consigo foi fabuloso. A forma de ensinar, a forma como chegava até nós, todos os conhecimentos que nos dava, aquilo que exigia de nós.

D: Até estou a engolir em seco.

E12: Aquilo que exigia de nós a nível de nos fazer pensar por nós próprios, de não ser um ensino martelado.

D: Aquelas exposições orais que vos obrigava a fazer, com datas marcadas, hehehe.

E12: Era violento também. Porque éramos muito requeridos por outros professores, também. E depois de um dia inteiro de trabalho ir para ali à noite, com tanto frio porque as condições lá à noite eram péssimas, é preciso mesmo amar o estudo para se continuar.

D: Tem razão.

E12: E de facto, graças a Deus, tive a professora, tive a professora de geografia que era excelente, aquela menina, aquela senhora ... digo menina porque ela era tão querida, é tão *naïf* e sabe-nos transmitir a mesma coisa. Ela hoje é fã da Idanha, ela vai para a Idanha mais do que eu.

D: A sério?

E12: Consegui-lhe transmitir os cheiros da Idanha. Agora alugou lá um *bungalow*, na barragem e várias vezes a tenho encontrado lá no supermercado.

D: Que giro...

E12: E outros professores, claro. Uns com conhecimentos incríveis, realmente não fui assim tão boa aluna, como a filosofia, o máximo que tive a filosofia foi dezasseis. Mas tive dezoitos e dezanoves a português e a história, tive. A história, sobretudo, eu tinha.

D: E os seus colegas?

E12: Foi excelente, foi uma ligação excelente ...

D: Principalmente no 1º ano, não é ...

E12: Muito coesos, preocupados quando uns não iam telefonavam para tentar aliviar se as pessoas estavam com menos vontade. Foi fabuloso o tratamento, a forma como me adotaram, porque no fundo eu era a pessoa mais velha, não é? E nunca houve uma discriminação, ou porque era a velha, ou porque ... não. Foi de facto fabuloso.

D: Is, diga-me uma coisa: considera o estudo essencial para mudar de vida?

E12: Eu acho que sem estudar não pode haver progresso no país. Independentemente da profissão que a pessoa tenha. Não é por acaso que nós somos um país atrasado na Europa, a todos os níveis. É porque nós também somos, se calhar, dos países com maior número de analfabetos.

D: É verdade.

E12: Portanto, eu acho que só há progresso se as pessoas tiverem conhecimento.

D: Ok. Is, diga-me uma coisa: o que fez e como fez para conseguir voltar a estudar, começando na faculdade da 3ª idade, depois no liceu, agora novamente faculdade ... o que é que fez e como fez para voltar a estudar? Deixou de trabalhar?

E12: Vendi a loja, fiquei com os horários mais livres. Porque depois, a costura faço muito bem. A parte de costura já conjugo ...

D: Um bocadinho mais cedo ou um bocadinho mais tarde ...

E12: As funcionárias trabalham ... só tenho já uma. Já só tenho uma funcionária, que já trabalha para mim há quarenta anos, portanto estar lá eu, ou não, é igual. As provas continuo a fazer-las na minha casa. O atelier está em Odivelas, próximo da casa dela ...

D: E vai conciliando...

E12: Às sextas-feiras tenho também um bocadinho de liberdade daqui da faculdade, posso atender clientes da parte da manhã porque só da parte da tarde é que começam as aulas. E depois ao Sábado e ao Domingo posso precisar de trabalhar, se o trabalho estiver atrasado, posso trabalhar. E depois, estudar é de noite.

D: E ao fim de semana, nesses bocadinhos, vou fazer-lhe novamente a pergunta: o que é que faz sem ser trabalho e estudo?

E12: Vou para Sesimbra.

D: Ora aí está! Pode ver o mar, captar energia ...

E12: Buscar energia ao sol, porque eu sem sol não sou ninguém.

D: Já me tinha dito isso, que tinha vindo da Alemanha muito deprimida porque não havia sol. Apesar de ter ido a um casamento, não é?

E12: Sim, fui estar com a família toda. Mas não havia sol e, mesmo que haja sol é um sol pesado que faz dores de cabeça. Eu gosto muito do nosso país. Eu preciso de espaços. Eu sou da Beira e na minha casa eu tenho uma visibilidade de 180°, da minha casa até à linha do horizonte. Eu estou na minha varanda, que é uma varanda grande, onde ponho cadeiras e um chapéu de sol, e estou ali ou a ler, ou só a ver, ouvir música, mas mais a ver, porque eu nunca me canso de ver. Assim como não me canso de ver a lareira, as chamas, não me canso de ver, hehehe.

D: Ok, Is. E agora, quais são os seus principais projetos?

E12: Agora, acabar a licenciatura, sou finalista.

D: Sim, e depois?

E12: Já estou a perguntar-me o que vou fazer do meu tempo, quando acabar a licenciatura.

D: Mas diga-me o que me disse á pouco. Se calhar mestrado ...

E12: Mestrado não. Mestrado nunca. Se encontrar uma pós-graduação de história de arte que me satisfaça, e se realmente eu acho que isso sim, vale a pena, eu vou fazer.

D: Mestrado não, porque?

E12: Acho que o mestrado é mais um, digamos é mais um título que não me interessa. Então decidi tomar conhecimentos de outra coisa. Eu tive agora há pouco a possibilidade de fazer antropologia como optativa e acho que elas se entrosam muito bem, antropologia e história. Se bem que a antropologia que eu estou a dar é muito teórica e eu gosto mais de trabalho de campo. Mas não sei ... por exemplo, etnografia, se não for teórico, sou mais capaz de fazer outra licenciatura do que o mestrado, só, ou coisa do género.

D: Licenciatura que esteja ligada ...

E12: Que esteja indiretamente ou diretamente ligada a História. Porque eu penso que em História, Etnografia, Antropologia, Filologia, isso está sempre presente em História. Se nós tivermos que estudar, por exemplo, África, que realmente é uma coisas que eu gosto muito de estudar, se quisermos estudar África, nós não temos muita leitura de África, porque não havia escrita. O que podemos adquirir de conhecimento sobre África, é tudo através da Antropologia, da Etnografia e da Filologia dos homens que sabem realmente de línguas e que as sabem ver através de sinais. Porque o que é que existe mais? As fontes orais ...

D: Uma pós-graduação, outra licenciatura ... Diga-me uma coisa, valeu a pena voltar a estudar?

E12: Muito.

D: Porquê?

E12: Acho que é a mesma coisa que perguntar a uma pessoa que está com fome, se quer comer.

D: Ok. E diga-me uma coisa, Is: voltar a estudar, voltar para a escola trouxe mudanças na sua vida pessoal, familiar, profissional, social?

E12: é tudo uma questão de organização. Mudanças, obviamente que houve mudanças, porque se eu estivesse a trabalhar sem estar a fazer a licenciatura, teria um horário de trabalho até às oito, ou até às sete, consoante eu me organizasse, mas numa vida rotineira. Portanto trabalho, à noite vou para casa, vejo a televisão, faço as coisas normais que as pessoas fazem; possivelmente ia passear mais, teria mais fins de semana, podia ir mais à Beira.

D: Mas que mudanças?

E12: É só uma questão de organização pessoal. Eu todos os dias me organizo. Eu durmo muito pouco, durmo cinco horas, portanto quando eu acordo às seis da manhã, até às seis e meia faço as minhas orações e imediatamente começo a saber como é que vou fazer.

D: Então o que significa escola, na sua vida?

E12: Escola Sei lá! Não sei ... infância, saber, necessidade, obstrução, sonho, tentativa, até se chegar lá.

D: Quer justificar alguma coisa dessas palavras que lhe vieram á cabeça? Escola, saber, conhecimento, obstrução ao saber. Porque é que a escola é uma obstrução ao saber?

E12: Não é a escola. A obstrução que me fizeram á escola.

D: Ah! Ok. É só para ficar claro.

E12: Não é obstrução ao saber. A minha obstrução ao acesso ao saber.

D: E tem aí uma grande mágoa.

E12: Sim. E não consigo perceber nem os meus filhos que acabaram a licenciatura e que ainda são novos.

D: E não querem voltar a estudar?

E12: Não sei, porque eu acho que eles estão motivados para outras coisas. Um não está motivado para nada ...

D: Claro.

E12: E o outro está mais motivado para ganhar dinheiro. São opções de vida. Mas, de qualquer forma, quando eu vejo um aluno que lhe é dada a possibilidade de estudar e que não aproveita, eu fico com tanta pena!

D: Para terminar, diga-me só: em que contribuiu para o seu desenvolvimento pessoal e social, para o seu bem-estar, ter voltado a estudar depois destes anos todos?

E12: Para mim própria, só, apenas. Porque eu continuo a ser a mesma mulher que fui sempre, não fiz diferenciações de vida, nem de posturas diferentes. A situação que eu vejo por aí, às vezes um bocado para o caricato, de andarem todas embrulhadas em capas e de os caloiros já lhes chamarem doutoras, possivelmente será porque são muito crianças e que é o “doutor” que lhes vai dar uma certa sonância, é o canudo que ambicionam. Isso para mim não me diz nada.

D: Não lhe diz nada ... é realmente o saber, o conhecimento ...

E12: Não, segundo me parece, a minha costureira acho que vai fazer, ou já comprou porque eu não iria fazer isso, o fato para a minha bênção das fitas, porque ela diz: “menina, eu quero ter uma fotografia sua”. E isso é uma prenda que eu lhe vou dar. Possivelmente no dia da

bênção das fitas, eu terei também essa coisa vestida para a fotografia das posteridade, hehehe.

D: Hehehe.

E12: Mas é mais por uma questão de as outras pessoas me pedirem, do que por mim própria, porque acho que isso para mim não tem nada a ver. Também outra coisa muito curiosa foi que nós aqui nos ISCTE temos um cartão de um banco, da Caixa Geral de Depósitos, em que todos os anos é renovado. E eu um dia destes pedi dois cheques e como já estou finalista, mandaram-me os cheques com “Doutora”, hehehe.

D: Hehehe. Ainda não tem o canudo mas já é doutora.

E12: Cinco cheques que eu rasguei.

D: A sério?

E12: Rasguei, eu não sou doutora! Rasguei os cheques. Isso prova bem que realmente isso não é o título. Aliás eu não me chamo doutora, chamo-me Is. E então, se bem que não escape, os próprios professores, a Prof. Dr.^a Ana Faria diz: então doutores, vamos começar? Eu acho, aquilo para os miúdos é uma forma de eles ficarem quietos.

D: A nossa entrevista chegou ao fim. Não sei se quer acrescentar mais alguma coisa.

E12: Um bem-haja. Não sei se para si foi tão gratificante como para mim.

D: Foi, foi.

E12: Para mim, um bem-haja.

D: E eu agradeço também, Is.

51m44s

D: Ok, I2, então vamos começar com a nossa entrevista, já sabe quais são os termos de confidencialidade e sabe que isto é para a minha tese de doutoramento, que estou a fazer entrevistas a pessoas que estiveram uma série de anos sem estudar e depois, por alguma coisa, voltaram a estudar. E eu quero saber porquê. Porque é que voltaram a estudar passado tanto tempo. Não seguiram o percurso escolar por inteiro, digamos assim, todo seguido. E é isso que eu quero saber, por que voltaram à escola 20 anos depois e o que é que isso depois contribuiu para o desenvolvimento pessoal e social da pessoa. Eu vou-lhe fazer algumas questões e queria que começasse por dizer a sua idade, o local de nascimento, se sempre viveu em Lisboa ou não.

E13: 60 anos.

D: Muito bem! Hehehe. Agora é que foi uma surpresa!

E13: Vivi fora de Lisboa até aos 23 anos, altura em que vim para Lisboa.

D: Vivia aonde?

E13: No Porto. Estava a estudar, depois interrompi.

D: Depois já vamos falar desde a 1ª classe e por aí fora; mas de uma maneira geral?

E13: Estava a estudar e interrompi e comecei a trabalhar em Lisboa.

D: Ok. E agora trabalha onde?

E13: Trabalho na Santa Casa da Misericórdia de Lisboa, sou da área administrativa, trabalho em contabilidade.

D: Ok.

E13: E gosto do meu trabalho, hehehe.

D: Está bom. Olhe, e os seus pais? Uma coisa que é importante para mim, já sei que os seus pais já faleceram, não é? Mas gostava de saber a profissão dos seus pais e se tinham alguma escolaridade.

E13: Tinham a 4ª classe, a 4ª classe o meu pai, a 4ª classe a minha mãe.

D: Sim, e o que é que faziam?

E13: O meu era da indústria e também tinha toda a parte agrícola; a minha mãe era dona-de-

casa.

D: Ok. E sei que foi casada, agora está divorciada, não é? E o seu marido, o que é que fazia?

E13: O meu marido era formado em química, exercia uma profissão liberal ligada à química.

D: Ok. Sei que também tem um filho. Que idade tem o seu filho agora?

E13: O meu filho tem 30 anos e a profissão dele é médico.

D: Ok. Quer-me falar um pouco do seu trabalho? Acha que vale a pena?

E13: Vale a pena porque ...

D: Trabalha desde que idade?

E13: Trabalho desde os 23 anos.

D: Foi quando veio para Lisboa.

E13: Interrompi o estudo e comecei a trabalhar.

D: E sempre na Santa Casa?

E13: Não.

D: Então?

E13: Trabalhei na Segurança Social, serviços médico sociais, Cascais ... os serviços eram dispersos, não estavam aglomerados; trabalhei nos serviços médico-sociais; depois nasceu o meu filho, deixei de trabalhar, vim para casa para estar com o meu filho; e depois, porque me divorciei, tive necessidade económica e comecei o meu trabalho quando o meu filho tinha 14 anos.

D: Ok. E diga-me uma coisa, hoje sei que trabalha e estuda, inclusivamente está no ensino superior. Os meus parabéns. E diga-me o seguinte: como é que consegue conciliar o estudo, mais a mais no superior, e o trabalho?

E13: Porque eu gosto muito de saber e atualmente os meios de trabalho são muito pobres. Cultura, conhecimentos, os assuntos são muito superficiais, é a cultura da imprensa, é a cultura dos média e, essencialmente por necessidade de viver ligada á cultura. É um hobby mesmo, é mesmo um hobby.

D: Então qual é a importância da escola, do conhecimento, como a I2 acabou por dizer, para a realização do seu trabalho? Serve para alguma coisa?

E13: Enriquece sempre, o conhecimento enriquece. Por todos os fatores: o fator trabalho, o fator de convívio em casa, o fator de lidarmos com as pessoas no dia a dia, é um enriquecimento. E também enriquece-me a mim própria ...

D: Ok. E I2, o que costuma fazer aos fins de semana e nas horas de lazer?

E13: Atualmente estudo, hehehe.

D: Hehehe. E para além do estudo?

E13: E para além do estudo faço as atividades que considero imprescindíveis, portanto de higiene pessoal, higiene da casa, conviver com pessoas amigas. Só que é sempre reduzido porque tenho que estudar.

D: Claro.

E13: Conviver com a família, que gosto da minha família e procuro dar-lhe uma certa atenção.

D: E apoio, também, que eu sei.

E13: O meu filho e os meus irmãos têm uma ótima relação. O outro tempo tem que ser do-seado porque tenho muitos irmãos.

D: Quantos?

E13: Tenho cinco irmãos.

D: E eles têm ensino superior?

E13: Só dois irmãos é que não têm ensino superior. O resto tem.

E13: O que é que eles têm?

E13: Um é engenheiro agricultor; outro estava em direito e não acabou; outra é licenciada no ensino básico, era professora do ensino básico e depois tirou a licenciatura; eu não tenho licenciatura.

D: Mas vai ter, vai ter.

E13: Tenho uma outra irmã que também acaba por começar a estudar, também é casada, mas ... porque era muito gosto dos meus pais e eles ...

D: serem todos licenciados, não é?

E13: Que estivéssemos no caminho, que estudássemos, na altura dizia-se assim, mas eles subentendiam um certo conhecimento, um certo enriquecimento ao nível do saber, não é?

D: Ok. Podemos então agora falar do seu percurso escolar só até ao 5º ano. Porque depois vamos focar um bocadinho mais no Camões, no secundário. Ok? Até ao 5º ano. 1º ciclo, da 1ª à 4ª classe. Esteve na creche antes de ir para a escola?

E13: Não. Estive numa escola oficial até à 3ª classe e depois fui para um colégio privado.

D: Ok.

E13: Depois fiz a admissão ao liceu.

D: Então, mas vamos devagarinho. No 1º ciclo, portanto até à 3ª classe, não houve retenção, não chumbou?

E13: Não. Era boa aluna.

D: Entrou aos 6 anos?

E13: Entrei aos 6 anos, naquela altura com menos não se entrava.

D: Entrava-se ... há! Ok. Estou sempre a aprender, hehehe. Não sabia de todo que era aos 7. E diga-me o seguinte: disse que estudou no Porto?

E13: Não. Numa aldeia de Trás-os-Montes.

D: Ok. E depois então fez o exame de admissão ao liceu lá também em Trás-os-Montes?

E13: Sim. Trás-os-Montes, Vila Real. Fiz o exame de admissão ao liceu e entrei no liceu.

D: Sim.

E13: Aí comecei a ser *cabulona*.

D: Então, conte-me lá isso ...

E13: E reprovei uns três anos até fazer ...

D: Em que anos é que reprovou?

E13: Reprovei no 1º ano, reprovei no 3º e no 5º fiz dois anos num.

D: Ok. E reprovou porquê? Por faltas

E13: Por cabulice.

D: Por notas, portanto.

E13: Por cabulice, não queria estudar.

D: Ok. Não queria estudar de todo.

E13: Não queria estudar de todo.

D: E diga-me uma coisa: nessa altura, se se lembrar, o que é que a marcou negativamente na escola?

E13: Só positivamente. Os professores eram ótimos professores.

D: Nessa altura, não é?

E13: Nessa altura. O liceu era ótimo, o liceu Camilo Castelo Branco. Quando fiz a admissão deixei o colégio e fui para o ensino público, o Liceu Camilo Castelo Branco. Era um ótimo liceu.

D: Em Trás-os-Montes.

E13: Em Vila Real de Trás-os-Montes. Era um ótimo liceu, com muito bons professores. Com o sentido de professor, aquela pessoa que impunha respeito, inteligência. Mas todos eles me marcaram pela positiva. Não fiquei com um sentido negativo em nenhum professor. São professores que eu ainda hoje sinto respeito, consideração. Reprovaram-me, deram-me muitos ralhetes, mas ...

D: Reprovou porquê?

E13: Porque era *cabulona*.

D: Mas o que é que isso quer dizer?

E13: Reprovar é não passar de ano.

D: Eu sei. Mas a I2 disse que era *cabulona*. O que é que isso quer dizer?

E13: Não estudava. Queria só brincadeira, só queria brincadeira.

D: Era brincadeira.

E13: Era mimada. Eu era uma miúda muito mimada. Os meus pais ...

D: Sim. Mas era a mais nova dos irmãos?

E13: Não. Era a única filha ...

D: Aí está a justificação, está a ver?

E13: Não. Os meus pais mimavam mais os filhos.

D: É?

E13: É.

D: E de que maneira era assim *cabulona*?

E13: Era *cabulona* porque era irresponsável, eu era muito inconsequente, muito voluntariosa. Via a vida sei lá, a vida para mim era uma brincadeira.

D: Pronto.

E13: Eu era um bocado irresponsável, inconsequente.

D: Ok. E diga-me uma coisa: entretanto depois abandonou a escola?

E13: Depois, porque os meus pais pressionaram-me e eu prometi que tirava um curso. Fui para o Porto.

D: Mas isso já tinha o 5º ano?

E13: Já tinha o 5º ano.

D: Então antes de irmos, de passarmos no 5º ano, tinha que idade no 5º ano?

E13: No 5º ano fiz 17 anos ou 16.

D: E o que pensava fazer nessa altura? O 5º ano, não é?

E13: Nada, não pensava nada. Pensava que o dinheiro caia do céu, hehehe. Em minha casa tínhamos uma vida normal mas uma vida boa, sem problemas de dinheiro. E não sentia, nunca me fizeram sentir que a vida, um dia tinha que a assumir na plenitude e as consequências que daí advinham. Não sei, não pensava em nada.

D: Mas é assim: nós quando somos miúdos gostávamos de ser ou hospedeiras, ou médicas ou qualquer coisa assim. O que é que pensava nessa altura? O que é que gostava de ser? Quando fosse grande, não é? Hehehe.

E13: Quando fosse grande, se havia alguma coisa que eu gostasse era do desporto. Mas nunca pensei muito em termos de usufruir daí dinheiro ou coisa do género, que eu pensava que o dinheiro aparecia.

D: Era o prazer do desporto.

E13: Era o desporto, nessa altura era o desporto, gostava de desporto.

D: E fazia desporto nessa altura?

E13: No liceu só, mas fazia. Era um liceu muito bem organizado, com fatos de ginástica, com diversas modalidades de desporto.

D: Ok. Entretanto acabou o 5º ano e disse-me ...

E13: Acabei o 5º ano e depois, por pressão dos meus pais comecei a fazer o 12º, o 7º ano. E acabei por fazer parte do 7º ano com matemática e física.

D: Na área de ciências. Porque foi para a área de ciências?

E13: Porque eu era muito boa aluna a matemática e porque eu gostava muito de matemática.

D: Que era o antigo 5º ano, onde havia a secção de letras e a secção de ciências.

E13: Exatamente, que era a alínea f) que era a alínea de ciências e para seguir o desporto seria a alínea f), nessa altura. Só que depois desisto, desisto. E o meu pai ficou muito triste e eu, para lhe fazer a vontade arranjei um curso também ligado a ciências que era o curso de análises para o hospital de São João do Porto.

D: Sem nunca ter interrompido, foi tudo de seguida?

E13: Desisti no 7º ano. Fiz aquilo muito calmamente, ia fazendo umas cadeiras.

D: Devagarinho.

E13: Fui fazendo. Por volta dos 19 anos fiz a admissão. Com facilidade entrei no curso de técnica de análises. Porque entretanto os meus colegas, eu tinha um grupo de pessoas amigas e em Trás-os-Montes formava-se muita amizade, que entraram, eles entraram para medicina, só dois é que foram para o curso de técnica de análises. Fui.

D: Mas com o 7º ano completo ou não?

E13: Não, Não.

D: Não estava.

E13: Estava incompleto. Por isso é que eu não fui para medicina.

D: Ok.

E13: Porque na altura não tinha o 7º ano completo. Ingressei num curso de técnica de análises. Era um curso paralelo, porque os que tinham feito o 7º ano entraram diretamente para medicina.

D: Para medicina.

E13: Pronto. Tinha lá o grupo de amigos e fui para o curso de técnica de análises e comecei o curso.

D: No Porto?

E13: No Porto, no Hospital de São João. O ensino também era bom, o curso era interessante ...

D: Sim ...

E13: Só que agora, porque eu desisti eu vou dizer porque é sigiloso. Mas eu nunca digo porque eu nunca levei a vida por um prisma negativo, mas vou dizer a verdade. Quer?

D: Quero, quero, quero.

E13: Era aliciada por um professor e eu aí medi as consequências.

D: Ok.

E13: E então decidi ir trabalhar. Não queria viver de coisas negativas, não queria expor o assunto aos meus pais.

D: Ok.

E13: Porque eu tinha pensado trabalhar. Tinha uma experiência traumática que não teve consequências. Mas eu não queria dizer ao meu pai porque o meu pai era uma pessoa austera. A filha dele tinha de ser preservada e eu, para evitar conflitos porque metia família ... tive o aliciamento de um indivíduo, eu era muito ingénua, fiquei muito assustada ... e depois aconteceu-me isso no hospital e não houve nada. Só que o senhor saía de lá, procurava pela minha companhia ... dizia que precisava falar comigo e eu achei que aquilo, levianamente, sem pensar muito mas ...

D: E sem maldade com certeza na altura.

E13: preservava-me um bocado, achei que ia começar a trabalhar. Como tinha pessoas conhecidas bem colocadas em lugares chave, telefonei para uma amiga que estava nos serviços médico-sociais e disse-lhe que queria ir trabalhar. Em dois dias comecei a trabalhar.

D: Desistiu do curso, em dois dias começou a trabalhar. Ainda vivia em casa dos seus pais?

E13: Tudo em casa dos meus pais, superprotegida. Tive um choque imenso porque fui a Lisboa e tive uma experiência muito agradável, também vou contar, porque fui para casa de família, os meus pais queriam-me proteger.

D: Mas começou a trabalhar no Porto ou foi em Lisboa?

E13: Em Lisboa.

D: Há! Veio para Lisboa!

E13: Vim para Lisboa porque eu pedi a uma amiga que vivia em Lisboa e que trabalhava nos serviços médico-sociais. Estava muito bem colocada. Os meus pais ficaram desgostosos mas

D: Que idade é que tinha, mais ou menos?

E13: Tinha 19 anos.

D: Menor, que a maioridade era aos 21, não era?

E13: Não, não, não. Tinha 23, espere lá.

D: Pois.

E13: Pois, eu comecei o curso e o curso estava na fase final. Portanto, eu saí com 22, próximo de 23 anos e vim trabalhar para Lisboa nessa altura. Estava mesmo na parte final do curso. Os professores aconselharam-me a que não deixasse. E eu pensei continuar em Lisboa, pensava que me davam transferência para o Hospital de Santa Maria.

D: Hum, hum.

E13: Cheguei cá comecei a trabalhar.

D: Veio para casa de família.

E13: Vim para casa de família. Comecei a trabalhar e achei o mundo do trabalho uma coisa horrível.

D: Então, conte-me lá?

E13: O mundo do trabalho achei que, sei lá! ... Estava desenquadrada, não sabia o que era o mundo do trabalho. Achei que as pessoas não tinham nada a ver com o meu mundo.

D: Sim, porque também estava diferente ... veio para uma cidade nova ...

E13: para um mundo do trabalho que eu não conhecia, uma vida completamente diferente. Fiquei muito chocada. Mas eu sou determinada, não quis voltar para trás, embora tivesse aconselhamento dos meus pais, não quis desistir. Tenho pena. O Hospital de Santa Maria não deu transferência para o meu curso. Depois conheci o meu ex-marido, depois comecei a trabalhar, comecei a viver com o meu ex-marido e neste momento sou divorciada. Comecei a viver com ele e ele também achava que o meu futuro não era trabalhar como empregada de escritório. E ele insistiu imenso para eu continuasse a estudar. Mas eu ...

D: Não estava para aí virada ...

E13: Não estava para aí virada. De maneira que ele chegou a pagar o Crisfal durante um ano, para me vincular para eu acabar o 12º ano e entrar na faculdade.

D: Que idade é que tinha?

E13: Tinha, sei lá, 26 anos.

D: Quando voltou a querer estudar, não foi bem-querer, foi quase imposta, não é? Foi o seu marido que a impulsionou a voltar a estudar aos 26 anos. mas, quer dizer, não houve assim um grande interregno.

E13: 23 ... 26 vivi com ele sempre e ele sempre a insistir. Só que eu não ligava nada. Ele inscreveu-me no Crisfal.

D: E foi?

E13: Fui a umas aulas. Não me disseram nem positivo nem negativo porque eu desisti rapidamente. Ele vinculou-me por ser pago e essa coisa, mas eu não liguei. Desisti e pronto. Depois continuei e em minha casa havia muitos livros e eu estive sempre ligada a livros. Lia e ele era uma pessoa com muita cultura de maneira que eu ...

D: Era uma autodidata.

E13: Não sei, não me vou caracterizar. Mas gostava muito de livros, li muito e convivia com uma pessoa que estava autorizada, não vivia de cultura de ... não se deixava impressionar pelos média, bem pelo contrário. Foi um bocado o meu professor. Era uma pessoa com bastante cultura. De maneira que vivia bem porque o nível cá em casa era um nível de alguma cultura e eu sentia-me realizada. Os livros e a conversa com ele e as pessoas que ele conhecia, essa coisa toda ... o trabalho era um lugar, a minha vida era outra ... depois, posteriormente ainda passei pelo liceu Camões.

D: E tinha que idade?

E13: Com 26 anos. E todo o tempo que lá estive, tive muito boas notas.

D: Então mas o que é que lá foi fazer?

E13: Fui lá fazer uma parte, porque entretanto o ensino vai tendo alterações e vai ... vão entrando ... como hei de dizer?

D: Reformas educativas.

E13: Entrei e estive lá e fiz, já para uma outra área e tive lá muito boas notas.

D: Então e para que área é que foi na altura?

E13: Era mesmo nessa altura vocacionada para entrar para o INEF ...

D: Novamente educação física.

E13: ISEF, era isso.

D: ISEF. Ligada à educação física.

E13: Só que entretanto engravidei. Engravidei e desisti, pronto. Com boas notas, um ótimo percurso ...

D: Foi lá fazer o 6º ano? Ou o 7º?

E13: Fiz o 6º, entrei no 7º com muito boas notas.

D: E desistiu.

E13: E desisti porque engravidei.

D: Ok.

E13: Engravidei, acabou, nunca mais pensei nisso. Depois tinha o meu filho, tinha a minha família e vivi sempre feliz.

D: Graças a Deus.

E13: Graças a Deus. Nessa altura estava preenchida, vi crescer o meu filho, fiz um ótimo acompanhamento e foi uma realização, a maior realização da minha vida foi essa. Eu ver crescer o meu filho, acompanhá-lo, aprender ... aprendi muito, tudo o que estava relacionado com crianças eu lia. Estudei muito. Estudei muito durante a gravidez para saber como é que devia tratá-lo quando ele nascesse, estudei muito para acompanhar o crescimento dele, sempre ensinada pelo meu ex-marido, uma fonte de conhecimento, porque ele era uma pessoa que realmente estava muito bem preparada e tinha esse mérito. E de maneira que, pronto, acompanhei o crescimento do rapaz, numa felicidade intensa porque para mim foi muito bom.

D: Ótimo.

E13: Mantive-me, o tempo passou, entretanto a vida alterou-se e eu por motivos de vida separei-me. Separei-me e fiquei só com o meu filho. Nessa altura eu comecei a saber o que era a vida. Que a vida era, dependia de uma parte económica e se essa parte económica não existisse, a gente não sobrevivia. E eu até essa altura não sabia. Não sabia porque tinha vivido ...

D: Eram os pais, era o marido ...

E13: Eu era inconsequente, fui inconsequente. Sem dúvida nenhuma que fui.

D: Se calhar não, tinha é um apoio financeiro sempre por trás.

E13: Fui inconsequente porque as pessoas são levadas a refletir e eu não quis refletir. As pessoas apoiaram-me mas eu também nunca quis pensar; não vou passar as culpas para ninguém porque os factos estavam lá. Eu tive pessoas que gostaram muito de mim, trataram-me muito bem, tanto os meus pais como o meu ex-marido me tratavam bem. Mas a verdade é que eu teria que pensar, porque a vida existe ... Aí foi uma luta. Eu tinha um filho, um divórcio litigioso porque o meu marido não queria a separação, tinha um filho e tinha que o sustentar e eu não podia depender das outras pessoas. Portanto tinha uma herança, mas eu sabia fazer contas e sabia que a herança não me ia dar para viver a vida inteira. Porque a

herança não era grande, era uma herança pequena.

D: Claro, claro.

E13: Aí pensei na vida a sério e comecei a viver a sério.

D: O que é que isso quer dizer: “comecei a viver a sério”?

E13: A viver a vida e a saber que uma casa tem que se sustentar, tem que se pagar a água, tem que se pagar a luz, tem que se pagar telefone, tem que se sustentar o filho e eu como gostava muito do meu filho tive essa perceção, pronto. Tinha que educar o filho e eu não sabia como é que o ia educar porque eu estava desempregada, porque me desempreguei. Tinha algum dinheiro da herança e tinha uma família muito compreensiva para me ajudar.

D: Mas estava longe, não é?

E13: Mas eu não queria viver de ajudas. Nunca quis viver de ajudas. Queria viver a minha vida. De maneira que tive que me tornar autónoma e esse processo foi um bocado difícil. Que eu hoje também vejo como um grande ensinamento, e foi muito bom para mim. Foi aí que eu comecei.

D: E isso que idade é que tinha?

E13: Eu nessa altura tinha 42, 43 anos.

D: Ok.

E13: À volta disso.

D: Ok, pronto. É só para ficar com uma noção do tempo.

E13: Tinha o meu filho pequenino. Portanto, eu posso saber a idade. O meu filho tinha 10 anos, tive o meu filho com 28 para 29, portanto tinha 38, 39; com mais todo o tempo do divórcio litigioso, porque o meu ex-marido não queria a separação e foi um processo difícil; mas quando eu depois assumi o meu filho, tinha que dar uma resposta. E procurei dá-la da melhor maneira, com a ajuda da família, com muito amor da parte da minha família mas com autonomia. Eu aí puxei a autonomia para mim.

D: Sozinha.

E13: Sozinha. Eu aí só quis a parte do amor, a parte ...

D: A parte afetiva ...

E13: Da parte da minha mãe tive um irmão que me, sem dúvida, enquanto eu precisei eu aceitei o mínimo, o mínimo.

D: Ajudou, está-me a falar a nível financeiro.

E13: Materialmente. Aliás tive dois irmãos que estiveram sempre presentes. Um mais que outro mas eu quis limitar aquela ajuda.

D: Ok.

E13: Queria autonomia e comecei eu à procura. Comecei a viver, comecei a saber que havia uma casa, tinha que a sustentar, tinha um filho, tinha que lhe dar saúde. O meu ex-marido ficou muito zangado, nunca quis ajudar e eu achei que os filhos não tinham que mendigar pensões nem ir a tribunais por alimentos.

D: Teve que arranjar um emprego.

E13: Tive que arranjar um emprego. E eu fui para a Misericórdia.

D: Onde está até hoje.

E13: Onde estou até hoje.

D: Ok.

E13: Tive uma pessoa, simpática que eu abri-me, eu sou uma pessoa que diz as coisas abertamente de maneira que devido à minha situação essa pessoa ...

D: Arranjou-lhe um lugar.

E13: Arranjou-me um lugar que mantive.

D: Ok.

E13: Dei um curso ao meu filho e aí eu só pensei no curso do meu filho.

D: Ok.

E13: Mas o meu filho sabia que, aliás todas as pessoas que conviviam diretamente comigo sabiam melhor que eu que havia uma parte que não estava preenchida. Que eu não me ia sujeitar a viver por meio do emprego, só emprego, só aquilo que se falava no emprego e eu transmitia isso às pessoas possivelmente. E nessa altura o meu filho insistiu: “mãe volta a estudar”. Só que economicamente não era ...

D: Não era viável.

E13: Não era de maneira nenhuma.

D: E um curso de medicina, os livros são caríssimos.

E13: São caros, são caros. Não. E de maneira que o meu filho, mesmo a tirar o curso, teve que, quando entrou na faculdade arranjou uma maneira prática mas rentável de trabalhar e tirar o curso.

D: Teve a trabalhar?

E13: O Rui quando entrou para a faculdade tinha duas horas de trabalho. Foi o combinado. Pensei e estruturei o tempo dele e nessas duas horas ele deu explicações. Como ele conseguia fazer isso com facilidade, ganhava bem e foi uma ajuda para nós os dois.

D: Dava para as fotocópias, hehehe.

E13: Não. Dava para o curso porque ele ganhava melhor que eu.

D: Ah bom, hehehe.

E13: Eram duas horas mas eram os dias todos da semana. E essas duas horas só, de maneira a não prejudicar o curso. De maneira que acabou o curso. Quando ele acabou o curso, mesmo quando acabou, um dia fomos passear e ele disse-me assim: “olha mãe, porque “... e o passeio na cabeça dele já estava todo formulado, ele sabia que eu lhe fazia as vontades todas, fiz sempre tudo o que era educacional e bom para ele. “Ó mãe, porque não passarmos pelo Ministério da Educação e vermos como é essa coisa para tu acabares e entrares finalmente na faculdade; isso vai-te encher, ajuda”; está bem, achas que é bom? Pronto, vamos.

D: Ainda vivia com ele, não é?

E13: Ainda vivia com o meu filho. De maneira que fomos lá e ele disse. “ó mãe, estamos aqui muito perto”. Ele perguntou logo quais os estabelecimentos de ensino, canalizam-me para um liceu que eu já conhecia, com o qual eu tinha ótimas recordações ...

D: Que era o Camões ...

E13: Que era o liceu Camões, do qual eu gostava muito e eu disse: “sim senhora, vamos lá”. Nesse mesmo dia nós fomos e tratamos porque estávamos dentro da época, ele já sabia o que estava a fazer ... e nesse mesmo dia inscrevi-me para ...

D: Logo assim ...

E13: Logo, porque as minhas habilitações já lá estavam.

D: Já lá tinha o registo.

E13: Tinha o registo, de maneira que logo nesse dia tratei da minha inscrição.

D: Ok. Agora vamos então falar um pouco da vida no Camões.... Nessa altura estudava em casa, estudava com colegas, trabalhava, o seu filho ajudava-a ...

E13: Eu fui sempre muito autónoma. Estudava sozinha. A entrada no Camões foi bom, gostava dos professores, gostava do ambiente e foi ... foi realmente ... foi muito bom. Foi muito bom porque tinha muito bons professores. Foi muito bom porque eu gostava do ambiente. Foi muito bom porque eu saía de um trabalho onde não cresço de maneira nenhuma a nível cultural, de maneira nenhuma.

D: É mais mecânico.

E13: É mecânico e a conversa das pessoas, eu vou mesmo dizer que eu acho que é o mal do nosso país, é mesmo canalizada para banalidades. Não havia conteúdos nenhuns. Tinha um ambiente bom em casa. O meu filho é uma pessoa que tem uma certa cultura geral, conviviam-se bem, mais colegas, era um bom ambiente. Fora de casa, no trabalho, onde eu passava a

maior parte do tempo era esvaziado de ...

D: E diga-me uma coisa, I2: quando começou, quando voltou ou retornou à escola, isto já tinha ... isto foi à relativamente pouco tempo.

E13: Pois ... foi à volta de cinco anos. eu tive um interregno por saúde.

D: Ok. Então já vamos falar. Há cinco anos atrás vivia com o seu filho ... e diga-me uma coisa: até que ponto ... já percebi que o seu filho a apoiava imenso, foi o primeiro que ... voltasse a estudar.

E13: Aliás todas as pessoas da minha família sabiam que eu não estava preenchida, sabiam que havia um vazio na minha vida e que era essa parte, porque os meus pais insistiram, o meu ex-marido insistiu e o meu filho ...

D: Agora o seu filho é que a fez estudar ...

E13: De maneira que eu fiz notar, possivelmente, que eu não estava completamente preenchida ... as pessoas que gostavam de mim sempre me canalizaram para a parte que me iria preencher. Eu é que não queria vir.

D: Ok. Diga-me uma coisa: o que é que a motivou, apesar de haver esses fatores externos, os seus pais, o seu ex-marido, o seu filho, que queriam que continuasse, o que é que a levou a voltar a estudar? Repare: o seu ex-marido, como me disse, inscreveu-a inclusivamente no Crisfal, mas a I2 disse “não, ainda não é esta a altura”. O que é que a motivou a voltar a estudar?

E13: O que me motivou depois foi que o meu filho estava perto de sair ... pensei na situação, eu ia ficar em casa ... eu sou divorciada, vivo só ...

D: Só, agora ... na altura não.

E13: Na altura não. Eu ainda vivia com o meu filho mas já estava projetado que o meu filho sairia de casa.

D: mais ano menos ano.

E13: Não. Ele sabia mesmo a altura quando ia sair de casa. Ele ia sair de casa quando entrasse na especialidade. De maneira que eu sabia que ele ia sair. Eu ficava em casa e ia ficar sujeita ao mundo do trabalho ...

D: E chegar a uma casa vazia.

E13: E chegar a uma casa ... portanto, eu no trabalho seria a cultura dos médicos e em casa seria a televisão que era a cultura dos média. Portanto ia ficar completamente entregue ao meu trabalho, que me sinto muito bem nele e gosto muito de o fazer ...

D: Claro.

E13: Mas a cultura que me advinha daí era: o que eu lesse, se eu quisesse, sem ajuda de pessoas que conhecem ... porque dou muito valor a pessoas que conhecem, não é por acaso que as pessoas tiram os seus cursos; portanto acho que o professor é uma figura indispensável na vida de uma pessoa, porque ele vai-nos orientar num determinado sentido. E nós sozinhas não chegamos lá; penso eu que não chegamos; há pessoas que pensam que sim, eu penso que não. Sinceramente, estou a ser ... portanto, eu precisaria de quem me orientasse para ir um bocadinho mais além. E depois verifiquei que o facto, é assim: eu vinha do trabalho muito cansada ... isto aqui é muito importante ... eu vinha do trabalho muito cansada, estoirada do trabalho e não sei quantos. Chegava a casa, fazia o meu lanchezinho .. e depois já não me apetecia ir às aulas. Mas ia e verificava, quando vinha das aulas, às vezes onze e meia, meia-noite, eu chegava a casa mais leve, mais descontraída e mais descansada ...

D: Mais jovem ...

E13: E mais jovem. Porque eu ia lá buscar conhecimentos. Eu tive ótimos professores no liceu Camões. Estou a dizer isto porque eu tive muitos bons professores e eles transmitiam-me conhecimentos que eu não tinha durante o dia. E mesmo os colegas, alguns com pouca cultura mas à procura dela, mas tinha outra postura de vida. Dentro do liceu, dentro dos estabelecimentos de ensino há outra postura de vida. Há uma descontração natural que o saber dá às pessoas.

D: E o que a marcou na passagem pelo ensino secundário, positiva ou negativamente?

E13: O que me marcou foi exatamente o conhecimento, os professores, os colegas também marcaram-me positivamente. Porque as pessoas, mesmo as pessoas que trabalham, dentro do liceu têm outra postura. Os próprios funcionários da instituição, funcionários que serviam no bar, eram pessoas agradáveis. Para mim foi uma experiência muito gratificante. Os professores tiveram um papel relevante.

D: Ok. E diga-me uma coisa: depois, como está óbvio pela nossa conversa, o estudo é essencial para melhorar a nossa vida, enquanto mais não seja pessoal.

E13: Enche-nos interiormente que é o mais importante para mim. Já não estou à espera de melhorar no meu trabalho; estou à espera de ter um preenchimento, sentir-me bem.

D: E como é que conseguia arranjar disposição, depois daquelas banalidades todas no emprego, para voltar a estudar à noite? Não deve ser fácil, hehehe.

E13: Porque quando chegava ao liceu as matérias que apresentavam e a postura dos próprios professores, porque sabiam que estávamos com um dia de trabalho, e a boa vontade deles, a vontade que tinham de nós aprendermos, continuarmos ... aquilo era um incentivo, quer

dizer, era alguma coisa que nos era dado gratuitamente. Porque nesta sociedade tudo se dá em troca de alguma coisa. Os nossos professores, não. Porque estavam lá de qualquer maneira. E eles davam-nos aquele incentivo, aquela boa vontade deles. Eles incutiam-nos mesmo, além de nos incutir o saber ... porque eles, nas suas explicações que eram claras, eles também nos incutiam aquela vontade de prosseguir. E isso uma pessoa não podia recusar, hehehe.

D: Mas entretanto já me disse que escolheu o Camões porque já lá tinha estado. Mas o curso?

E13: O curso era de ciências e era muito interessante. Eu tive, eu fui marcada quando era muito jovem, no 3º ano do liceu, 3º e 4º, no 5º acho que foi sempre um professor, por um professor que eu gostava muito dele, sem saber, mas eu gostava muito dele e ele tinha umas aulas interessantes e eu conseguia saber aquilo que o professor gostava. E eu tive muito boas notas a História. Não porque eu estudasse a história toda, mas porque eu sabia aquilo, a matéria que ele ia perguntar. Como eu era a *cabulona*, só estudava ...

D: O que era preciso ...

E13: E tinha boa nota. E a verdade é que estava lá qualquer coisa que era interessante. Eu lembro-me das Guerras Púnicas e a maneira, e os exércitos .. AH, mas nunca liguei muito, História nem pensar; estava fora de questão. Quando pensei em entrar no liceu e como eu sempre tive aqui em casa com o meu filho, e o meu filho achava que ... a primeira sugestão que ele me deu foi História; “História nem penses, não gosto de história”; “Mãe, História é ótimo, nem imaginas”. Porque ele ...

D: Ele é um homem de ciências!

E13: Ele é um homem de ciências mas lia todos os dias história; gostava imenso de História; ele era uma pessoa que fazia leituras diárias de diversas áreas do conhecimento e uma das áreas que o preenchia muito era História. Ele achava que história é que era imprescindível; ele sempre tinha um amor pela história mas eu nunca lia muitos livros que ele tinha aqui de História; que ele comprava, ele ia comprar livros de História; todos os dias ele ia a sua meia hora para história. E eu: está fora de questão; sociologia ... psicologia nem pensar, não gosto; mas não gosto mesmo; por motivos pessoais, até pode ser falta de conhecimentos, meus ...

D: Não puxa, não puxa.

E13: E então, sociologia. Então pensou-se que eu canalizaria os meus estudos na área de sociologia. Pronto, sociologia é uma boa área. Achava interessante e continuo a achar. Só

que depois, os professores de história marcaram-me no liceu. E eu descobri que, o que eu gostava mesmo, embora pudesse entrar em sociologia ...

D: Está a falar do professor Ferronha e do Arlindo, não é?

E13: Estou a falar do Arlindo e do Dr. Ferronha.

D: Claro.

E13: O Arlindo o mais marcante. Pronto, gostei muito do professor Ferronha, da maneira de ele explicar a matéria e a transmitir conhecimentos, era uma pessoa muito clara. Mas quem me marcou a nível de história, foi a própria história que eu canalizei para o professor Arlindo, mas a própria história é que me marcou. E nessa altura eu pensei: pronto, sei lá; eu até posso ter mais vantagens a nível profissional a nível de sociologia, mas do que eu gosto mesmo é de história e, dada a minha idade, eu tenho que ter um hobby e o meu hobby é história. E embora tivesse média para entrar em sociologia, a minha primeira opção foi história.

D: E diga-me uma coisa, I2: com a sua experiência de vida e de ter acompanhado o seu filho e dos livros que lê e por aí fora, acha que as disciplinas do curso secundário de letras, é ao fim e ao cabo para onde foi, estão adequadas?

E13: Na fase em que eu frequentei estavam.

D: Agora nesta última, não é?

E13: Sim, eu sou das unidades capitalizáveis e acho que sim, acho que foram importantes, que me deram conhecimentos que eu necessitava. Ainda hoje penso, pois sou uma crítica do curso, mas com uma certa modéstia vou dizer que foram importantes. O português, a maneira como ele foi dado, todas as matérias que dei, mesmo a Área Interdisciplinar, que alterou, eu tinha Introdução à Política feita, acho que nesse aspeto está mais adequada atualmente. Nesse aspeto tenho de concordar que é mais adequado. Filosofia também acho que é imprescindível no ensino secundário; acho que o ensino sem filosofia está incompleto.

D: Muito bem. E diga-me uma coisa: que dificuldades é que sentiu no ensino secundário? Uma vez que teve uma vida de trabalho, teve com a sua experiência de vida, trabalhava durante o dia, que dificuldades é que sentiu mais para tirar o ensino secundário?

E13: Eu tive ajuda de professores, não senti dificuldade porque os professores estiveram sempre à altura de me dar a ajuda que eu necessitava.

D: Hum, hum.

E13: Explicações fora, acho que eu estou a dizer do coração, o liceu Camões, que não volta a ser minha professora, mas digo-lhe sinceramente: acho que o liceu Camões na altura, isto há dois anos para trás, tinha bons professores. Professores de quem eu gosto muito e por

quem tenho o máximo respeito, do coração.

D: Muito bem. Diga uma coisa, agora assim para fecharmos um pouco: qual é a avaliação que faz deste percurso feito até ao final do ensino secundário? Diga tudo o que julgar importante. Desde o exame, tudo.

E13: A positiva?

D: A positiva, negativa, tudo o que achar.

E13: Positiva, sem dúvida nenhuma. Eu vi assim tudo muito cor-de-rosa porque tive ótimos professores, gostei do ambiente ... eu não vou por nenhuma parte negativa porque eu não senti nenhuma negativa. Tive a ajuda de professores, muita ajuda, colaboração ... francês, português também, mais numa primeira parte que numa segunda parte porque tive dois professores, mas também, história os meus professores foram ótimos. Eu tive bons professores.

D: Ok. Então e diga-me o seguinte: quando pensou voltar para a escola já ia com a ideia de entrar para a universidade?

E13: Não. Eu sou muito terra a terra, hehehe.

D: Então conte-me lá, como é que foi isso?

E13: O meu filho em primeiro lugar.

D: Claro.

E13: Porque sempre apostou e sempre achou que eu tinha potencialidades para entrar.

D: Mas quando voltou a estudar, a sua ideia era terminar o secundário?

E13: A minha ideia não era ... era ver aquilo que eu fazia, enquanto me sentisse feliz. A felicidade para mim sempre foi uma coisa

D: Porque é assim, I2: há aqui uma coisa que eu não estou a perceber bem. Porque se a sua ideia inicial ao voltar a estudar, aos quarenta e tal anos, fosse só terminar o secundário, tinha ido para a área de ciências e terminado aquelas duas disciplinas, ou três ou meia dúzia que lhe faltavam. Não é? Mas não, foi para uma área de letras.

E13: Sem pensar muito, sem pensar muito eu já pensada em ir para sociologia, na última fase.

D: Ok.

E13: Sem pensar muito, se houvesse hipóteses, sem fazer castelos no ar, se tivesse preparada ... porque eu acho que nós temos que ser ... temos que ser ... como é que eu hei de dizer? Nós temos que ser justos e não

D: E realistas.

E13: E realistas ... temos que ser justos e realistas, desde que se possa, com uma certa ver-

dade e entrar. Não queria a qualquer preço entrar na faculdade. Porque senão, queria ir por outros canais, os maiores de 23, não era esse o trajeto que eu queria fazer ... era saber. E como é porque me sinto feliz a ouvir os professores e a aprender com eles. Sinceramente, dá assim um ar um bocado antiquado, mas eu também já sou antiquada.

D: É agora!

E13: Mas a verdade é essa. Os professores como fonte de orientação para nós enveredarmos por um caminho. É a maneira como eu acho.

D: E neste momento qual é o seu projeto de vida, a nível escolar?

E13: É tirar o curso, sinceramente, apostar nele, para depois já possivelmente reformada, eu continuar ... continuar não no aspeto de ir tirar, sei lá, tirar mestrados ... mas continuar na área de história a aprofundar aquilo que eu ... quer dizer, deram-me um caminho que eu vou percorrer depois, perante aquilo que me ensinaram irei percorrer, se eu conseguir, não é verdade? Mas continuar, continuar a aprofundar ...

D: Valeu a pena voltar a estudar?

E13: Valeu muito a pena.

D: Porquê?

E13: Porque eu ... quer dizer .. um hobby, foi um hobby muito bom, que é um hobby que ... quer dizer, que me dá prazer e dá-me prazer estar metida em casa; às vezes posso, poderia ir passear e dá-me mais prazer estar em casa a ler os livros de história ... acredite, acredite ... do que ir passear, sei lá, fazer uma viagem, ir até França, ir a passeios que eu tenho rejeitado que eu fazia facilmente e ir passear mesmo, ir a um país, ir a outro ... porque me está facultado devido às pessoas que conheço. E deixar isso para fazer um trajeto que eu gosto. Entrar na faculdade, entrar na biblioteca, hehehe, ouvir os professores, que são bons também, são muito bons professores.

D: E diga-me uma coisa: de que maneira, I2, voltar a estudar trouxe mudanças na sua vida pessoal ou na sua vida familiar e até na sua vida profissional?

E13: Abre horizontes. Dá outra perspetiva porque nos sentimos mais seguros. Porque sabemos que ... adquirimos certos conhecimentos, com toda a modéstia mas adquirimos certos conhecimentos que nos dão uma certa segurança perante o trabalho. Mesmo no meio do trabalho, ao pé dos nossos chefes nós sabemos que se eles têm uma licenciatura e estão dentro de determinados conhecimentos, nós estamos a caminhar para eles ... e até com uma certa perspetiva porque eu estou numa área de ciências, de contabilidade ... eu estou na parte de letras, no que abrange a parte de letras, não é a correção de um texto, a gente tem outra pre-

paração embora se vá aperfeiçoando.

D: E a nível de vida social, mudou alguma coisa?

E13: Mudou, porque conheci professores, de alguns professores tornei-me amiga, essas pessoas são pessoas que têm outra cultura superior à minha e vou aprendendo com elas no convívio do dia a dia, porque sou amiga delas, porque vou tomar café com elas, vou conversar com elas e porque estou neste momento a fazer a entrevista com uma das professoras que

D: Obrigada.

E13: No dia a dia estou muita atenta ao que ela diz, porque ela continua a ensinar-me.

D: Enfim, damos todos uns aos outros. Também aprendo imenso consigo I2. Mas diga-me uma coisa para terminarmos: em que é que contribuiu para o seu desenvolvimento pessoal e social e para o seu bem-estar, também, ter voltado a estudar vinte, trinta anos depois? Porque eu faço esta pergunta pelo seguinte: porque você quando casou, você tinha uma família e tinha o seu marido, depois mais tarde o seu filho, disse-me que se sentia realizada, feliz, não trabalhava, vivia para eles; depois, pelas circunstâncias da vida ficou sem o marido, teve que sustentar e dar um curso ao seu filho; e passado este tempo todo voltou a estudar apesar de me ter dito que até ao 9º ano, mais ou menos até ao 5º ano era uma cábula, para usar a expressão que utilizou, hehehe, e agora repare na transformação que houve na sua vida! É isso que quero que me diga.

E13: Há um componente porque é assim: uma pessoa que é de família, e eu sou, sei o desgosto que dei ao meu pai em não ter estudado e penso nisso muitas vezes; depois, porque sei que o meu filho também é uma pessoa ligada ao saber e fica muito satisfeita por saber que a mãe também o faz ... procura, pelo menos está a iniciar; isso são fatores afetivos mas que

D: Contam e contam bastante.

E13: Depois numa perspetiva mais egoísta, eu vivo muito feliz, vivo na minha casa, só, e com outros que estão longe, que eu vou visitar e convivo, mas não é no dia a dia, convivo ... o meu filho tem a vida dele e vejo-o quando ele pode, tem uma vida muito ocupada; os meus irmãos vivem noutras cidades e eu só os vejo quando vejo; eu sinto-me preenchida e feliz porque chego a casa tenho que estudar e gosto daquilo que estou a fazer. Como digo, estudar é um hobby. E porque isso me dá muito prazer. Dá um prazer ... cada qual arranja o seu, e eu sinto-me muito feliz.

D: Preenchida.

E13: Muito preenchida.

D: I2, a nossa entrevista acabou. Portanto, quer acrescentar mais alguma coisa sobre o seu percurso?

E13: Não. A única coisa que lhe posso dizer é que foi bom tê-la conhecido.

D: Oh I2, hehehe, muito obrigada.

E13: Colegas suas tê-las conhecido, porque me ajudaram realmente, porque na vida há muitas ajudas que a gente às vezes nem toma atenção porque vivemos uma vida é uma correria ... mas eu às vezes paro um bocadinho para pensar e sei, sei que todas as pessoas que entraram no meu ensino, no meu conhecimento, me ajudaram a ir em frente. E a Dr.^a Dulce foi uma das pessoas que me dizia: claro que vai conseguir, claro que vai conseguir.

D: E conseguiu. Muito obrigada.

E13: Muito obrigada.

D:Muito obrigada.

1h23mn

D: Ok, L, então é assim: já sabe, já estivemos a ler o termo de confidencialidade desta entrevista, já sabe para que serve esta entrevista, para o meu trabalho de investigação e queria que começasse por se identificar. É a L, gostaria que me dissesse a sua idade, queria que me dissesse onde é que trabalha, há quantos anos trabalha. Sei que ainda é casada, a escolaridade do seu marido, a escolaridade e o que ele faz; os seus pais, escolaridade, o que é que eles faziam ou fazem. Pronto.

E14: Por aí.

D: Por aí.

E14: Sou a E14 ... tenho 44 anos acabadinhos de fazer.

D: Parabéns, hehehe, Parabéns

E14: Hehehe. Trabalho nos correios há 24 anos ... 24 ou 25 ... portanto, ou faço 24 ou 25 agora.

D: Começou a trabalhar, então ...

E14: Começar a trabalhar, não foi nos correios. Comecei com 15 anos.

D: Está bem, já vamos falar do trabalho.

E14: 15 ou 16 anos. Na altura ... os meus pais são muito diferentes. Eu era tipo a ovelha ranhosa da família. Era maria-rapaz. Ainda hoje.

D: Pois continua a ser, hehehe.

E14: Então houve assim muito atrito entre mim e eles e acabei por desistir de estudar. Fui trabalhar. Depois arrependi-me. Voltei a estudar à noite mas a vida também era mais complicada, o dinheiro não chegava na altura, arranjei outro emprego e por aí fora.

D: Ok. Diga-me uma coisa: a escolaridade dos seus pais e a profissão?

E14: O meu pai ainda é advogado, também era funcionário, aliás ambos eram funcionários dos correios. Depois a minha mãe saiu para a Companhia Nacional de Navegação, mas continua a pertencer aos correios, tem licença ilimitada. Ela tem o equivalente hoje ao 12º ano; fez o liceu e depois tem aqueles cursos que eram na altura ...

D: Ok.

E14: Que eram bem puxados.

D: Exatamente.

E14: E o meu pai era, era não, é advogado, mas também já tirou o curso em adulto, já a trabalhar. Também já era funcionário dos correios quando tirou o curso. Continua a exercer acho que até dezembro, depois reforma-se definitivamente.

D: Ok, depois reforma-se. E o seu marido?

E14: O meu ex-marido.

D: O seu ex-marido. Na altura do secundário ainda era marido, hehehe.

E14: Hehehe, era. Na altura quando estive no liceu ele estava ... não, ele interrompeu ... porque ele foi para a faculdade também. Também Direito, só que depois teve um acidente, teve um acidente grave e parou. E retomou ... acho que retomou ... e acabou o ano passado, estava no estágio.

D: E tem que idade?

E14: Ele fez 51.

D: Ok. Também estudou já depois de adulto.

E14: Sim.

D: Tirou a licenciatura ...

E14: Começou a estudar há oito anos.

D: E começou a estudar onde? Em que nível de ensino?

E14: Acabar o 12º. Aliás teve de fazer uma cadeira, uma ou duas do 11º ano, que lhe deram equivalência e o 12º todo completo.

D: Pronto. E depois por aí fora.

E14: E depois por aí fora.

D: Diga-me uma coisa. Fale-me um pouco do seu trabalho. Trabalha desde que idade? Como é que andou aí no trabalho?

E14: Trabalho desde os 15 anos, a sério a sério desde os 16.

(Barulhos ... cão a ladrar)

D: Portanto começou a trabalhar com 15, 16 e depois andou por aí por vários sítios...

E14: Depois resolvi pôr a mochila às costas para ir passear.

D: Com que idade?

E14: Com 16, quase 17. Fui à boleia e por aí fora, corri a Europa toda. Aí nessa altura era missangas, fios, pulseiras, descascar batatas nos restaurantes. Arranjar o dinheiro para me sustentar, para conseguir comer. Depois quando regressei, isto depois de um ano e tal, quando regressei, aí é que estive na Fidelidade, a companhia de seguros. Trabalhei para o meu tio nos cafés, que é dono da Brasileira. Naquelas firmas que pagam para a pessoa ir dar os cafés

de manhã e à tarde. Fui empregada de bar, fui empregada de discoteca, fui empregada da Lanalgo.

D: Bolas, hehehe. Empregos com pouca duração e depois foi para os CTT ...

E14: E depois parei nos correios.

D: Aí parou nos correios com que idade?

E14: Com vinte e muitos.

D: Mais ou menos. Já era casada, já tinha filhos?

E14: Não, filhos não. Ainda não tinha filhos.

D: Que idade têm os seus filhos e que escolaridade?

E14: Portanto ... a minha Rita Filipa é adotiva. Essa tem 24. Anda talvez há 3 anos para acabar o 12º ano, no liceu Camões, à noite, mas desistiu.

D: Está a trabalhar, não é?

E14: Sim ... agora está desempregada. Tenho o Bruno que está agora numa escola profissional. Como o Bruno é um puto muito sensível ...

D: Que idade tem?

E14: Tem 18 acabados também de fazer. Devido ao acidente do pai foi-se muito abaixo. Agora parece que está a ir no bom caminho, vamos lá ver...

D: Está a tirar um curso de quê?

E14: Gestão e Contabilidade. Só que ainda está no 1º que equivale ao 10º ano.

D: Sim, pois, um curso profissional.

E14: São 3 anos. E tenho a Daniela Filipa, que é a mais nova. Tem 14 também acabados de fazer. Está no 7º ano. Claro está, também apanhou o acidente do pai. Pronto, foram um bocado abandonados sempre pelo pai como pela mãe também, e foram-se abaixo. E está no 7º ano. Mas essa é uma boa aluna e acho que essa vai longe.

D: Ainda bem, ainda bem. Ó L, mas diga-me uma coisa. Estávamos a falar do trabalho e esteve-me a dizer os seus variadíssimos trabalhos. Qual a importância do trabalho na sua vida?

E14: A importância ... a importância não é muita. Se pudesse não trabalhava. Mas vendo bem é ... porque tenho contas a pagar, tenho filhos a sustentar, não é? E faz falta o dinheiro. Mas se pudesse, sou honesta, não trabalhava.

D: Portanto o trabalho na sua vida é por necessidade, digamos assim.

E14: Neste momento é.

D: Muito bem. E como é que vivencia, ou como é que percebe a dificuldade para conseguir

um emprego hoje?

E14: Como percebo? Eu acho que não percebo. Acho que não percebo porque por um lado ouço dizer que o emprego baixou; por outro lado liga-se a televisão e ouve-se constantemente que há empresas a fechar, há imensas coisas a fechar, imensas pessoas a ficarem desempregadas. Portanto não consigo, hoje em dia não consigo perceber a dificuldade de arranjar emprego. E por dois motivos: porque muitas vezes eu também passo por aí pela rua, não é, e vejo. Passo duas, três, quatro e vejo, durante um mês, dois meses, três meses ... e muitas vezes vejo: “precisa-se de emprego ... ou de empregada” ... ou para balcão ... ou seja para o que for ... e às vezes eu passo um mês, dois meses, e aquele letreiro lá está e eu faz-me confusão como é que há tanto desemprego e continuam a pedir uma empregada ao fim de dois meses ... e isso refiro-me no balcão como nas obras. Eu também trabalhei nas obras, foi um dos sítios onde trabalhei, foi nas obras. Acartei muito cimento e fiz muito cimento e muito tijolo e areia. Porque precisava de ganhar

D: Pois, tinha de arranjar qualquer coisa.

E14: Nunca tive vergonha e hoje não tenho vergonha de dizer. E também faz-me confusão neste momento ... precisa-se de servente de pedreiro ... e aquilo não há, não aparece ninguém. Tenho outra situação, que acaso até é recente. Tem um casal lá na terra já com uma certa idade ...

D: Lá na terra onde?

E14: Em Torres-Vedras. Eu nasci em Lisboa mas considero porque fui para lá com um mês ... pronto ... nasceu só e fui-me embora. E eles já são velhotes. Um dos filhos é de Lisboa ... pronto ... tanto o filho como a mulher são um bocado afastados ... o outro está em Espanha. Há seis meses que se anda à procura de alguém ... e eles estão válidos, mexem-se, fazem tudo ... e há seis meses que se anda à procura, inclusive eu que ele pediu-me ajuda de alguém que lá passe o dia, como se fosse um trabalho qualquer das nove às cinco, a receber o ordenado mínimo, só para fazer companhia aos velhotes, aos idosos, meter-lhes o comer à mesa, fazer companhia, conversar, levá-los até ao café, à aldeia e não encontro. Seis meses nisto e não há ninguém. Tomam banho sozinhos é por que tem aquela idade, aquilo é muito isolado, é mesmo no meio do pinhal, e é só esse o tipo. E ele também treme um bocado porque tem Parkinson. Ela cansa-se muito e já não tem muita paciência, pronto, para fazer as coisas. E eu não consigo. Eu interrogo-me, se eu não tivesse emprego eu já estava numa destas coisas, eu já tinha respondido a tudo o que encontrasse. “precisa-se empregado” eu estava lá, eu estava lá, não interessa! Nem que fosse para lavar o chão. Eu também lavei

tanto chão. Faz-me confusão. É muito complicado para mim, hoje em dia, entender o porquê da dificuldade de encontrar emprego. Há dificuldade, tudo bem. Mas também acho que há um bocado de desleixo da malta nova. Eu acho também que aí são os pais e nós adultos que incutimos isso. Eles acham que isso é indigno, que trabalhar nas obras é vergonhoso.

D: Agora diga-me lá, qual é o seu projeto, qual o seu projeto pessoal? O que quer fazer?

E14: Se pudesse não fazia nada, hehehe.

D: Mas nada, nada, também se aborrecia.

E14: Neste momento o meu projeto de vida, neste preciso momento é acabar o curso, a licenciatura, inscrever-me no mestrado, fazer em seguida o doutoramento, inscrever-me na ordem. Não quero exercer a advocacia no tribunal, essas coisas. Não é que não tenha paleio, que não consiga, mas não me atrai, essa parte não me atrai. O que eu gosto de fazer é tudo o que está para trás. O *BackOffice* como se diz que é a parte de investigação: o preparar o processo, o analisar, o falar com a testemunha, o ir à prisão falar com o detido, tudo isso até chegar à barra do tribunal é essa parte que me atrai. E é essa parte que quero. Já tenho muitos anos de Correios, portanto não vou deixar assim ...

D: Claro.

E14: Tentarei dentro da empresa deixar de ser contabilista, porque faço o trabalho de contabilista, não sou paga como tal, mas faço o trabalho deles e muito mais. Tentar mudar porque não sou nada, sou uma técnica administrativa. Tentar mudar para quadro ... estou com 25 anos ... talvez mais dez anos e vir embora. Claro que vou conciliar, vai ser difícil conciliar as duas coisas. Cá fora e o correio. Mas tentarei porque genica não me falta, vontade também não.

D: Claro que não. Querer é poder.

E14: Com vontade nós fazemos tudo.

D: Ó L, vamos então começar a falar do percurso escolar. O percurso até ao 9º ano. Fale-me um pouco sobre a sua vida escolar anterior, não é ... fez creche, jardim de infância, 1º ciclo, vamos voltar atrás. Então ... até ao 1º ciclo, conte-me lá.

E14: Até ao 1º ciclo. Fui para a creche com quatro meses. Creche dos correios (os meus pais eram dos correios). Estive aí. Os meus avós eram válidos na altura portanto eu tinha temporadas grandes fora da creche porque adorava a aldeia, adorava o Pinhal em torres Vedras. Portanto, todas as oportunidades que eu tinha, portanto já a falar, com três, quatro anos, e mesmo depois de entrar para a primária, portanto as férias, os fins de semana compridos, eu pedia logo para me ir embora. Gosto da cidade não para estar assim sempre, sempre, sempre,

não. Gosto de fugir, de ter um escape, do pinhal, da natureza. Pronto, e então fiz a primária. Comecei a primária na Reboleira que era onde os meus pais na altura viviam.

D: Amadora.

E14: Amadora. Depois a minha mãe foi transferida. O meu pai não tinha emprego, arranjou emprego em Lisboa, no centro de Lisboa, na baixa. E vieram para Lisboa, para a zona da Ajuda. Ainda tentaram mas era mais ou menos no 3º período, ainda tentaram transferir-me, não conseguiram. No 1º ano, logo. Na altura era a 1ª classe. Portanto não me conseguiram transferir. Eu também não podia lá ficar, não tinha quem me levasse. Portanto nesse 1º ano, o 3º período não o fiz.

D: Portanto abandonou por necessidade dos seus pais.

E14: Depois fui para Alcântara.

D: No 3º período o que é que fez?

E14: Não fiz nada. Fui para os meus avós. E depois repeti o 1º ano todo, a 1ª classe. Correu bem. Fui uma aluna não de estudar muito mas sempre fui uma aluna, na altura, de dar atenção às aulas, à professora, aos professores e não precisava de mais. Sempre fui boa aluna até estragar-me no 8º ano.

D: Ok. Portanto fez até ao 1º ciclo todo direito, exceto o 1º ano.

E14: Nunca chumbei.

D: E entrou para a escola com que idade?

E14: Com seis.

D: Com seis. Depois aos sete ...

E14: Faço anos em julho e a escola começa em setembro.

D: 1º ciclo todo direitinho em Alcântara.

E14: Sim. Foi na Francisco Arruda 1ª `4ª classe. Depois tínhamos o 1º e o 2º ano.

D: Foi na Francisco Arruda.

E14: Sim. Foram bem, também fiz certinho, direitinho. E depois o 3º, o 4º e o 5º ano ... ainda fiz o 5º ano ... não fiz o 5º ano completo. Também foi na Francisco Arruda que é ali na zona do Alcântara-mar. correu bem até ao 8º. No 8º tive um desvio. Foi nessa altura que me comecei a pegar muito com os meus pais. A diferença era grande.

D: Isso aí tinha quinze anos.

E14: Mais ou menos. Catorze, quinze anos. Comecei a pegar-me muito ... era na maneira de vestir, era o que queria, o que não queria ...

D: É filha única?

E14: Sou. E então aí fugi de casa três vezes.

D: Isso com?

E14: Com essa idade.

D: Catorze, quinze anos.

E14: E então disse ao meu pai que se ele me fosse buscar eu voltava sempre a fugir. Ele deixou de me ir buscar. A última já não me foi buscar e pronto. E depois acabei por voltar para casa. Pouco, mas voltei. Portanto, fiz o ... neste caso o 4º ano.

D: Mas foi no 4º ano que teve esses problemas.

E14: Foi no 4º ano que tive esses problemas.

D: Mas não chumbou.

E14: Não, não. Fiz o 4º, acabei à mesma.

Depois passei para o 5º ano e aí no 5º ano é que comecei a chumbar por faltas. Chumbei por faltas o 1º ano, chumbei o 2º e ao 3º acabei por desistir. Fui trabalhar realmente, fui mesmo trabalhar, com horário fixo.

D: Saiu da escola e foi fazer o quê?

E14: O meu primeiro trabalho foi servir às mesas. Foi num restaurante, já não existe. Esse foi o primeiro. Depois o segundo também foi a mesma coisa. Mudei para outro restaurante mas já não servia às mesas, estava ao balcão.

D: Ok. Mas diga-me uma coisa, L. Até ao 5º ano, que havia ainda a secção de letras e a secção de ciências, não fez nenhuma das secções. Chumbou por faltas no 1º ano; no 2º ano ...

E14: Não. Nós tínhamos que escolher a área era só no ...

D: No 10º ano.

E14: No 10º ano.

D: Mas até ao 5º havia a área de letras e a área de ciências, não?

E14: Não. Na altura não.

D: Ok. No 1º ano chumbou por faltas; no 2º ano chumbou por faltas, e no 3º ano abandonou.

E14: Abandonei. Sim. Mas sempre por faltas e com boas notas.

D: Diga-me uma coisa, L. Até ao 9º ano o que é que a marcou mais na escola, positiva ou negativamente? Ou melhor, porque é que abandonou? Porque é que chumbou por faltas? Quais eram os seus interesses para sair da escola? Nessa altura, não é?

E14: Nessa altura eu era muito rebelde. E tive uma fase em que estar na cidade era complicado para mim. E como havia muita complicação entre mim e os meus pais, eram discussões bastante grandes, eu disse: “bom, já que não posso fazer aquilo que eu quero, então nesse

caso vou trabalhar”. Porque houve uma fase em que ... eu não era muito exigente, nunca fui. Não era de exigir. Bonecas nunca quis. Agora skates, patins, bolas, isso, bicicleta ... mas nunca fui de exigir, eu quero. Não. Só que muitas vezes eu queria, eu via os meus colegas a irem ao cinema a um Sábado, todos juntos a uma matiné das três, eu pedia e os meus pais não me deixavam. E então começou aí um bocado ...

D: A fricção.

E14: As primeiras vezes ouve esse problema ... depois eu dizia-lhes que não havia problema em dizer onde é que era o encontro, onde é que era o cinema, pedia inclusive para me levarem, e eles não. Então aí é que começaram as complicações grandes. E pronto, com 15 anos somos adolescentes e temos a mania que sabemos tudo e fazemos tudo e pronto. E claro que fazemos asneira. E fiz. Ainda hoje digo aos meus filhos: “vocês tirem um curso à minha conta, à conta dos pais, aproveitem os pais e depois, se quiserem andar na borgia andem, façam o que quiserem; mas primeiro tirem um curso. Aproveitem o nosso dinheiro, o nosso sacrifício, tirem um curso”. Mas não. E eu digo-lhes: “Eu passei por isso. Agora está-me a custar imenso acabar o curso, já o podia ter tido, mesmo que não o usasse não interessa, já cá estava. Alguém o tinha pago por mim e agora tenho que fazer tudo. Portanto vocês aproveitem”. Portanto essas foi logo que aquele intervalo antes de deixar de estudar foi curto. Eu não me recordo quanto tempo foi mas foi curto. Talvez dois, três anos. Porque um ano andei eu por fora. Um ano, até mais que um ano. Portanto, talvez ... sim, quatro anos que não estudei. Depois quando regressei fui para a Lanalgo.

D: Aí devia ter 19, 20 anos.

E14: Sim. Aí foi quando eu comecei qual a diferença entre quem nem sequer o 5º ano tinha e quem tinha. Portanto eu comecei a ver, mesmo nos ordenados, nos tratamentos, havia uma grande diferenciação de tratamento. Aí é que eu pensei ... eu tinha tão boas notas, não estudava, mas porque é que eu não hei de fazer, não custa nada. E pronto, tentei fazer o 5º ano.

D: Mas antes L, você disse-me que gostava de patins, skates e tal. E eu queria saber porque é que chumbou por faltas.

E14: Por isso mesmo. Como não podia fazer aquilo que eu queria, eu não podia ir ao cinema, eu não podia ir brincar para a rua, onde eu tinha mais liberdade e me sentia bem era na terra. Era na aldeia.

D: Mas os seus pais eram assim tão ...

E14: Os meus pais ainda hoje são ... não são rígidos na educação ... são é muito vaidosos.

D: O que é que isso quer dizer?

E14: São arrogantes. São ... é daquelas pessoas que ... quando nós nos referimos ao novo-rico ... em relação aos meus pais é precisamente isso. Eu acho que eles como atingiram, o meu pai atingiu o topo, o meu pai foi administrador dos correios, mandou nos correios e como subiram tanto ... não eram nada. Os meus avós não ... aliás só o meu avô materno é que sabia ler mas muito mal.

D: Subiram a pulso ...

E14: E subiu-lhes muito. E naquela altura o ter motorista, o carro á porta, o motorista vai buscar; depois a minha mãe começou a lidar com as esposas dos outros diretores ... era o chá das cinco, era as compras ... e tudo isso eu acho que lhes subiu um bocado. Então ainda hoje são muito vaidosos. Eu aparecer ... eu agora não falo com os meus pais há uns meses. Zangámo-nos mesmo. Aliás eu e a família toda.

D: Claro.

E14: Ainda hoje se eu fosse lá e que se usa as calças rotas de ganga, a minha mãe fazia-me logo uma observação: não são maneira de vires, já és uma mulher casada, és mãe de filhos, tenho vergonha, tu não vais ao café ... pronto, é desse género.

D: Ok.

E14: Nunca liguei muito a isso.

D: Se calhar até fazia pior para os provocar.

E14: Até fazia pior. A minha mãe ainda hoje pensa que as meninas têm que vestir saia. Eu está quieta! Eram calças, calções. E então aí havia muitos conflitos. E de que maneira.

D: E então que é que disse ... foi a L que disse: ok, eu não quero estudar mais, vou trabalhar. Foi assim?

E14: Foi.

D: E a reação dos seus pais, na altura?

E14: Não foi assim muito boa. Ainda forçaram, fecharam-me, tanto que me fecharam que acabei por chumbar por faltas. No segundo ano que chumbei por faltas foi precisamente por isso. Nessa altura, no segundo ano que chumbei por faltas já andava à procura de emprego.

D: Mas não disse nada aos pais.

E14: Não. Já tinha dito que não queria estudar e queria ir trabalhar. E não deixaram. Como era menor ...

D: E queria trabalhar porquê? Para ter dinheiro para ir ao cinema com os amigos?

E14: E aos concertos.

D: os meus pais não lhe davam dinheiro e então era uma independência económica para fa-

zer o que queria?

E14: Nem mais. Porque na altura os concertos até eram em Cascais.

D: No pavilhão.

E14: Era complicado. Era o bilhete de comboio, era qualquer coisa lá, era o próprio bilhete. Eles não me davam dinheiro. O último, nunca mais me esqueço foi os AC-DC. E eles não me davam dinheiro. Eu na altura andava naquela fase de me vestir toda de preto. Então sentei-me no chão de perna cruzada ali no Rato, ao pé do PS, na paragem do autocarro ... mas sentei-me à espera do autocarro ... e tracei as pernas e pus o pulôver em cima das pernas ... e como estava cansada porque não tinha dormido quase nada, acabei por adormecer. E quando acordei tinha precisamente o dinheiro do bilhete. O pessoal ia passando e ia-me dando esmola. O meu aspeto devia ser tão lindo, não é!

D: Hehehe.

E14: Iam-me dando esmola. Eu sei é que fiz o dinheiro do bilhete para ir ao concerto, do comboio e ainda me sobrou. Ainda fui para o cinema.

D: Estava a dar, dormir na rua!

E14: Foi uma das coisas ... ainda fiz isso duas ou três vezes. Sem vergonha nenhuma.

D: Hehehe. E conseguia algum dinheiro.

E14: Ali naquela zona? Ui! Mas fingia que estava a dormir porque nessa altura tinha um bocado de vergonha. A primeira não porque estava a dormir.

D: Claro.

E14: Adormeci mesmo. Mas a segunda ... pensei no concerto, lá baixei a cabeça.

D: Ok. E diga-me lá quando é que acabou o 9º ano? Quando foi para a Lanalgo ...

E14: Não tinha o 9º ano.

D: Não. Mas pensou voltar á escola, isso com 20 anos.

E14: E voltei.

D: E voltou, então. Voltou para onde?

E14: Como os meus pais eram funcionários dos correios, os correios tinham na altura uma escola que era na Mouzinho da Silveira, em Lisboa. Era um palacete. Era tipo externato. Fui para lá. Ainda consegui fazer algumas cadeiras, passei porque na altura era por disciplinas. Não me lembro bem do formato que era na altura, mas era totalmente diferente de hoje. Fiz algumas disciplinas e não fiz todas. Entretanto fui saltando de emprego. Depois desisti.

D: Esteve lá um ano a fazer algumas disciplinas.

E14: Sim. Mas acho que nem cheguei a um ano. Consegui fazer as mais difíceis, que eram

físico-química, matemática, sempre com boas notas, o português ficou para trás.

D: Hehehe.

E14: E acabei por, não fiz, não fiz. Deixei faltava uma disciplina. Depois o 9º ano fiz há cinco anos. fiz no ano anterior a entrar para o liceu Camões.

D: Fez nas novas oportunidades.

E14: Foi no CECOA. Isso também apareceu sem eu saber, não tinha conhecimento disso. Na altura realmente pus na cabeça ...

D: Há cinco anos tinha 38, 39 anos.

E14: Há cinco, seis anos. nessa altura pus mesmo na cabeça ... Não. Vais tentar acabar o 9º ano e vais continuar e é de vez, não é para andares a brincar.

D: O que é que lhe deu, qual foi a motivação que teve para chegar aí?

E14: Porque queria muito. Eu sempre fui uma pessoa que lê muitos livros. Mas leio muito, ainda hoje. Hoje tenho menos tempo por causa da faculdade mas sempre fui uma pessoa que televisão nunca gostei muito. Nunca me atraiu muito a televisão, mas desde miúda, não é de agora, desde miúda. E gosto muito de ler, toda a espécie, não digo que só gosto de ler científica ... não ... gosto de ler tudo, seja histórias de amor, seja ficção, investigação, seja estudos de ... ciência, seja o que for que me apareça à frente, leio tudo.

D: Deixe-me só interrompê-la, L. Quer dizer que os seus tempos livres, aos fins de semana, nas férias, até recomendar a estudar, era ler e o que é que fazia mais?

E14: Ler, ouvir música (também gosto muito), estar com os amigos, teatro, cinema, concertos.

D: Ok, pronto. Entretanto estava-me a contar como é que voltou a estudar.

E14: porque lia muito. Lia muito e uma colega que foi minha dos correios e amiga já há muitos anos levou um livro de filosofia, um livrinho pequenino. Filosofia ... estava a ver se me lembrava do autor e não me lembro. Mas pronto, era filosofia. Nós encontrávamo-nos sempre no café de manhã, picávamos o ponto e íamos para o café. Ela chegou, eu já lá estava e deixou tudo ali e foi picar o ponto. E tinha o livro de filosofia. Peguei no livro de filosofia e dei uma vista de olhos. Quer raios, sou tão estúpida, gosto de ler tudo, isto é filosofia, é matéria .. e realmente era, porque quando ela chegou eu perguntei-lhe. Era um livro do filho, que estava na 10º ano e estava a dar aquela matéria. E ela ia-lhe fazer um apanhado para ele fazer um trabalho. Mas que estupidez, porque é que eu não hei de fazer. Se gosto de ler tudo ... não me importo que sejam livros de estudo, que sejam do 9º, sejam do 10º, sejam do 12º, eu leio e gosto de ler ... porque não hei de acabar em vez de estar aqui a ler e não fazer

uso do que estou a ler. Pus na cabeça: vais voltar a estudar e não vais parar. Vais voltar a estudar mas sem objetivo.

D: para ajudar os filhos ...

E14: Não, porque isso também os ajudava ... com facilidade, vamos lá, a matéria ... os estudos de hoje não têm nada a ver com o meu tempo. Como tive aquele espaço, apesar de ler, nós temos a mania que lemos tudo Mas os livros de estudo são diferentes, não tem nada a ver.

D: Exato.

E14: E claro que eu ajudava-os. Ainda hoje os ajudo. Só que ainda hoje tenho que lhes pedir os manuais para ver, para estudar e depois então ensinar-lhes. Ainda hoje lhes faço isso. Portanto não era por aí. Nunca tive, nem senti dificuldades em ajudar.

D: Foi estudar porque .. o seu ex-marido já tinha começado a estudar ... qual foi o clique? Percebe?

E14: Eu acho que foi um bocado de vaidade comigo mesma. Chegar à conclusão que: sempre fui boa aluna, sempre tive boas notas, aprendo com facilidade tudo o que me põem à frente, gosto de ler, gosto de escrever ... deixei uma coisa incompleta, mas porquê? Qual foi o motivo? Só que eu não sei qual o motivo de deixar incompleto. O marido quando começou a estudar também foi um bocado dor de cotovelo porque antes de irmos de férias eu disse-lhe: olha que eu ando á procura de estudar, já encontrei um liceu e vou voltar a estudar. E disse-lhe isto em junho mais ou menos. Fomos de férias e quando viemos de férias, isto foi ... no agosto trabalhávamos sempre, ainda hoje trabalhamos no mês de agosto ... passa o mês de agosto ... entretanto, em setembro também tirámos férias, tirámos a segunda dose de férias ... e disse-lhe ... olha, daqui a quinze dias devem começar as aulas. E eu sei, também estou matriculado e vou começar. Eu sei que foi assim um estalo bem forte que levei naquela altura.

D: Porque ele não tinha dito que ia recomeçar.

E14: Não. Foi quando eu lhe disse que ia recomeçar a estudar é que ele pensou também. E então nessa altura, é o termo, lixou-me mesmo a vida, porque nessa altura já tinha os putos, trabalhávamos de dia com dois putos ... ora, os dois a estudar á noite era impossível. Portanto aí cortou-me as pernas e eu calei-me, sim senhora, queres ir estudar, então vais.

D: E ele foi estudar para onde?

E14: Ele foi estudar para o liceu, acabou o 11º e o 12º, ali onde era a antiga FIL. Havia aí

um liceu, na 24 de julho mesmo por baixo da ponte. Acho que depois até fechou. Mas foi aí que ele acabou. Fez num ano ...

D: O 11º e o 12º ...

E14: Fez num ano quer dizer ... andou lá um ano à noite, não fez as cadeiras todas, depois candidatou-se a exame e fez por exame. Depois entrou na UAL e continuou. No 2º ano da faculdade ele mudou para o sindicato a tempo inteiro e como o sindicato era ali perto da faculdade, podia frequentar a faculdade de dia. Ao frequentar ele de dia eu podia ir à noite, porque ele à noite estava em casa. Portanto estive ali 3 anos em que me aguentei ...

D: A querer estudar e a não poder.

E14: E nesses 3 anos fiz muito. Na realidade aquilo é uma bolinha.

D: E nesses 3 anos o que fez?

E14: A mesma coisa ... a trabalhar nos correios ... só com uma diferença grande ... como ele já andava a estudar ... eu comprei-lhe os livros ... era eu que lhe comprava os livros ... só que em vez de ser ele a estudar, era eu. Portanto eu acabei por ler os livros dele e estive esses 3 anos assim. E o CECOIA apareceu, porque naqueles 3 anos houve uma grande reviravolta na educação, aquelas reformas malucas que fazem, sem pés nem cabeça e então aí complicaram-me muito mais a vida. E quando eu voltei a bater às portas dos liceus, na altura uma das empregadas é que disse: isto, não tarda muito você nem a 4ª classe tem. Então mas se eu tenho estes anos todos, só me falta uma cadeira, uma disciplina, porque é que eu tenho que fazer os 3 anos? tinha que fazer disciplinas dos 3 anos! 7º, 8º, 9º.

D: pois, porque entretanto mudou.

E14: Tinha mudado tudo. Introdução à economia, que eu tinha feito, acabou, já não havia.

D: E tinha de fazer outras para compensar ...

E14: Mas eram imensas disciplinas. Bati a várias portas dos liceus ...

D: De Lisboa ...

E14: De Lisboa. E um deles, não me lembro agora o nome mas é ali para os Anjos, ali para a Paiva Couceiro, há ali um liceu muito grande na Paiva Couceiro ... e eu fui lá porque era dos poucos ... não sei se ainda continua ... a ter aulas à noite. Eu fui lá e então uma das funcionárias da escola, fechou a porta do gabinete e disse-me umas coisas muito baixinho ...

D: Na secretaria?

E14: Na secretaria.... À porta da secretaria. Disse-me aquilo de tal maneira que eu pensei que ela estava a dizer-me alguma coisa ilegal. E escreveu-me o nome do CECOIA e deu-me o número do telefone. Eu fiquei assim a olhar para ela ... vai lá, isso é novo, é do ministé-

rio, dão-te equivalência, andas lá dois, três meses ... muito baixo, com medo ... e eu, que raio! Chamou-me a atenção ... mas claro que havia a oportunidade de acabar aquilo em dois ou três meses em vez de três anos ... eu liguei ... uma das pessoas que me atendeu disse que era complicado, porque havia entrevistas, ia demorar muito tempo ... lá eu comecei outra vez a fazer contas à vida, porque a idade também pesa, vai passando ...

D: Claro.

E14: Então não há hipótese? ... “Não, isto é muito complicado, é muita gente; as entrevistas ... nós somos poucos .

D: Era um centro novo

E14: Sim.

D: Era um centro que estava

E14: No início.

D: Ok.

E14: Então eu lá fiz um choradinho. Não sei se fui simpática se não, mas ela lá disse que ... “então faça uma coisa, diga-me o seu nome, o número de telefone e se eu não ligar ligue-me você dentro de três dias”. O que é certo é que ela ligou-me no dia a seguir. Tinha arranjado uma vaga para a entrevista. Portanto isto foi no início de uma semana e eu tive logo a entrevista na terça-feira a seguir. Fui à entrevista na terça e na segunda-feira a seguir entrei logo.

D: Então conte-me lá devagarinho ...

E14: Foi aí que eu conheci o Carlos.

D: Conte-me lá como é que isso foi: a entrevista, o que é que lhe disseram ... porque isto é importante por causa das “Novas oportunidades”.

E14: Na altura era a equivalência ao 9º ano. Agora já estão a dar equivalência ao 12º ... naquela altura não. Por isso é que nós fomos para o liceu. Como já podíamos entrar para o 10º. Elas disseram: “mais dois anos e á uma coisa destas para dar equivalência ao 12º”. Só que depois foi o que eu disse ao Carlos: “olha lá, daqui a 2 anos iniciam, é no início é complicações ...”.

D: Como vocês apanharam o início do 9º ano.

E14: Sim. “... mais vale nós irmos para o liceu, estamos 2 anos a fazer ... nem temos a certeza de que daqui a 2 anos vão dar equivalência ao 12º, estamos parados. Não ... já que começamos vamos”. Então andamos a correr os liceus todos de Lisboa também a ver quem é que tinha aulas à noite ... então fomos parar ao liceu Camões ...

D: Ainda não acabou de falar da entrevista ...

E14: A entrevista foi com uma doutora que é a Marina (?) que ainda lá está, uma moça novinha, simpática, muito meiguinha, que me perguntou o motivo de eu estar ali ...

D: O que é que respondeu?

E14: Expliquei-lhe, aliás disse-lhe tudo, inclusive contei a cena do liceu, de ela me dizer aquilo muito baixinho como se fosse ilegal. Ela riu-se mas não fez comentários. Pronto ... e a entrevista foi isso: o motivo que me tinha levado ali, o porquê de voltar a estudar ...

D: lembra-se o que respondeu?

E14: Não, por acaso não.

D: Qual foi o motivo para voltar a estudar.

E14: O motivo de eu estar ali foi a dificuldade de fazer só a disciplina que me faltava. O ter de fazer imensas disciplinas e andar ali para trás e para a frente dois ou três ou quatro anos. Depois o motivo, o porquê de voltar a estudar ... ah! Uma das perguntas também que me fizeram foi se era só para ter o 9º ano, se era para continuar. E eu disse que era para continuar. Se eu conseguisse ali a equivalência ao 9º ano, assim que tivesse equivalência ia para o liceu, para o 10º ano.

D: Ok.

E14: Sei que nessa altura, quando eu respondi isso, foi nessa altura que ela escreveu qualquer coisa, não sei o quê. Porque até aí não tinha escrito. Depois a partir daí foi quando ela começou a escrever bastante. E depois na altura no fim, ela disse-me que um dos motivos por que me tinha aceite era precisamente esse, era eu ter dito que logo que tivesse o certificado na mão que me inscrevia no liceu. E pronto, foi isso. Porquê eu voltar a estudar ...

D: E respondeu o quê? Lembra-se?

E14: Acho que também devo ter dito que era o ler muito, o gostar e o ter deixado algo na vida incompleto. Eu não gosto de deixar as coisas ... posso acabá-las assim de repente, mas nunca incompletas. Se eu acho que há qualquer coisa que está incompleta, enquanto não acabo, enquanto não lhe dou um fim, mesmo que o fim seja incorreto, ou que não seja bem um fim ... seja um meio fim ... mas não consigo deixar, não consigo dizer “eu não consegui acabar aquilo, eu não consegui”. O não conseguir, para mim, complica-me. Acho que também lhe disse isso. E também falámos ... a entrevista não foi muito longa, não foi muito grande ... também falei um pouco da experiência de vida. O que é que estava a fazer, se ia subir no emprego, queria subir na empresa ... foi mais ou menos isso.

D: Porque dava para subir ... com o 9º ano dava para subir na empresa

E14: Dava para concorrer

D: ... a outras modalidades dentro da empresa ...

E14: ... a outros departamentos.

D: Ok. E o que é que fez para ter o 9º ano?

E14: Andei lá.

D: Teve aulas?

E14: Sim, sim. Uma vez, já não me recordo se era uma vez, se duas por semana. Eu acho que era uma vez só.

D: Sim.

E14: Íamos lá, 3 horas ... acho que era das 7 às 9. E tínhamos tudo. Hoje em dia eu acho que é assim um bocado mais a brincar. Mas na altura, acho que não sei se eles tinham que apresentar resultados, mas era puxado. Tínhamos matemática, inglês ... e não era assim matemática de deitar fora. Porque um dos exercícios que fizemos lá, e tínhamos que fazer mesmo, porque senão não tínhamos a nota, não é ... e aquilo era tipo créditos e no fim tivemos de apresentar um dossier com todo o nosso trabalho, tudo certinho ... e uma das coisas, nós fizemos lá um exercício, era uma fatura de eletricidade em que nós tínhamos que dividir e saber quanto custava cada parcela, cada gasto que nós tínhamos em casa. Nós tivemos que desmembrar a fatura. Aquilo estão lá os resultados finais e nós tivemos que desmembrar aquilo tudo até ao início. Aquilo foi complicado. Portanto era assim desse género. Tivemos vários. Aliás exercícios de matemática, alguns exercícios que nós, quando voltámos ao liceu, apanhámos também lá tivemos. Em português tivemos que escrever, apresentar várias redações. Claro que tudo baseado na nossa experiência de vida. O mais importante era o português e a matemática. As outras eram um bocado assim mais ... não era balda ... mas eram mais condescendentes. Mas foi uma experiência, o CECOIA foi uma experiência ótima.

D: E esteve lá quanto tempo?

E14: Acho que não chegou a seis meses. Porque demorou mais tempo ... porque nós tínhamos uma disciplina lá que era informática e eu e o Carlos tivemos dificuldade (eu e o Carlos e não só). Tivemos dificuldade na informática, pronto. E eles na altura, foi lá a formadora, ela disse-nos se nós estávamos interessados, porque a Cruz Vermelha dava cursos que eram pagos. Quer dizer, nós íamos para lá aprender e ainda nos pagávamos. Se nós queríamos. E então claro que aceitámos. Eu e o Carlos lá aceitámos. Era na Ajuda e estivemos lá. A nossa equivalência demorou mais tempo porque nós tivemos um interregno ... era todos os dia à noite, por isso é que demorámos mais. Aquilo se corresse bem, se fôssemos certinhos, se fizéssemos as coisas certinhas, aquilo três meses, quatro meses estávamos despachados. E

nós não. Nós estivemos 6 meses por causa disso.

D: Ok.

E14: Tirámos esses cursos extra, que ainda recebemos e que deu muito jeito.

D: Ora bem. Portanto acabou o 9º ano lá no CECO. Depois acabou o 9º ano e que motivações é que teve para continuar a estudar?

E14: As mesmas. Eram precisamente as mesmas. Era fazer aquilo que eu devia ter feito à conta dos meus pais e não fiz. Mas isto também um bocado porque o meu pai é uma pessoa, eu acho que não devia ter nascido rapariga. Acho que o meu pai tem ali um problemazinho em eu ter nascido rapariga. Ele queria um rapaz. E depois segui precisamente as passadas da vida dele, ou seja, o Direito. Porque eu estou a tirar o curso muito mais tarde do que ele. Porque ele acabou o curso para aí com trinta anos. e o problema dele também foi (lá está, é a vaidade) que os filhos dos amigos ou estavam na faculdade, ou são todos doutores, são todos engenheiros e tiraram um curso e têm um bom emprego ... portanto, todas aquelas conversas ... havia almoços e jantares em que eu ouvia sempre aquilo: “pois, o filho do fulano tirou um curso, é engenheiro, tem um bom emprego, tem um bom ordenado ...”. E eu levava sempre com aquilo. Eu não tinha vergonha, ainda hoje não tenho vergonha. Mas também foi um bocado aquela coisa de: “fazes de mim tão estúpida, mas eu não sou assim tão estúpida quanto pensas”. Tanto que, quando acabei o 10º ano tive boas notas, inclusive a matemática ... aliás que eu e o Gabínio andávamos sempre ... se eu tinha 17 ele tinha de ter 18, quando eu tinha 18 ele tinha que ter 19 ... andávamos ali sempre ...

D: Mas isso foi mais uma motivação para ...

E14: Foi ... eu e ele andávamos ... aquela parte do 10º ano foi uma coisa ...

D: Hehehe.

E14: E eu quando acabei o 10º, como tive boas notas, peguei no telefone e foi a minha mãe que me atendeu ... “diz lá ao meu pai que afinal a filha não é assim tão estúpida quanto isso porque eu acabei o 10º ano e não acabei com dez nem com onzes”. Já não sei o que a minha mãe disse, disse qualquer coisa do lado de lá, interrompeu-me a conversa e acabei por nem lhe dizer. E ela depois riu-se, “depois eu digo-lhe”. E pronto, depois desligou o telefone, não houve assim grande entusiasmo. E a partir daí também nunca mais disse nada. Tanto que, quando fui para a faculdade eles não sabiam. Eu já estava na faculdade há um ano mas, como me mantinha também no liceu, eles não sabiam que eu estava na faculdade. Pensavam que eu ainda estava no liceu. E quando acabei o 1º ano e foi o meu filho que ... “então mãe, conseguiste acabar o 1º ano?” ... “sim, acabei o 1º ano” “e então agora, já estás inscrita

no 2º?” ... “já, já estou no 2º ano, vou começar o 2º ano”. E foi ele que disse aos avós que a mãe já estava no 2º ano. E acho que a minha mãe ... “está no 2º ano, mas no 2º ano de quê?”.... “então, a minha mãe está no 2º ano da faculdade” ... “da faculdade? Então ela ainda está no liceu!” ... “não, não, a minha mãe já está no 2º ano da faculdade”. Portanto eles ficaram assim apanhados. A partir daí deixaram de tecer aqueles comentários um bocado depreciativos. Aí já mudaram o discurso. Mas não é por eles que eu estou a estudar. Não é por eles. É por mim, para eu me sentir bem e principalmente por acabar aquilo que eu já devia ter acabado. Eu deixei uma coisa incompleta. Portanto, enquanto não a acabasse ... e acho que é ótimo e sabe tão bem o aprender. Pode parecer um bocado ridículo mas não é. o ter voltado ao liceu acho que foi das melhores coisas que me aconteceu.

D: Porque é que houve essa rutura tão grande na sua trajetória escolar?

E14: Isto a vida dá muitas voltas, é complicado. E há alturas que, lá está, precisamos de dinheiro e temos contas para pagar e queremos ser independentes. E como eu me tornei independente, saí de casa cedo, apesar de ter voltado uns meses mas não sei porque é que voltei para casa dos meus pais ... tornei a sair, a ter a renda da casa para pagar, a luz, a água, tudo isso. E é cansativo porque eu cheguei a ter três e quatro empregos. Eu cheguei a dormir duas e três horas por noite. Não dava porque uma pessoa também não é de ferro.

D: É a vida, é a vida.

E14: E claro que, parecendo que não, nós interrompemos os estudos e, quanto mais tempo estamos sem estudar, mais complicado e difícil é voltar a estudar. Por muita vontade que a gente tenha, que diga, “Não, deixaste incompleto vai estudar”, primeiro que nós entremos naquele ritmo ... porque temos que ganhar coragem ...

D: E o emprego, não é?

E14: É mais a coragem. E depois, quando estamos juntos é diferente. Quando há outro, porque eu gosto da minha Rita. Enquanto ela esteve sozinha não havia namorados nem ... pronto, podia haver namorados mas não fixo ... ela agora vive com ele. Ela não ficava no sofá a ver televisão. Ela não tinha tendência para ficar no sofá a ver televisão. Ela ia para o liceu. Assim que se juntou com o Pedro, o ela deixar o Pedro sentado no sofá a ver televisão e ela sair era complicado. E eu, comigo foi a mesma coisa também. Voltar a viver com uma pessoa. Porque eu tinha que ir a casa, eu ia a casa sempre. Quando saía do emprego ia a casa. E depois para sair de casa outra vez? Deixá-lo sentado no sofá ...

D: Onde é que arranjava motivação para sair de casa e ir para a escola?

E14: Era complicado, então no inverno! Com a chuva, o frio. No verão ainda ... agora no

inverno era uma coisa!

D: Onde é que ia buscar motivação para sair de casa novamente, para ir para a escola?

E14: A motivação assim com mais força foi precisamente o ter começado a dar-me mal com o marido.

D: E ele andava a estudar, já no superior, não é?

E14: Eu e o meu marido sempre fomos diferentes, muito diferentes, não temos nada a ver um com o outro. E quando ele passou para o sindicato a tempo inteiro ... os que estão no sindicato, que ainda lá estão, são daqueles homens (não há lá mulheres) machistas. O lugar da mulher é em casa.

D: Sindicato dos correios?

E14: Sim. A mulher é para estar em casa, para fazer o jantar. O marido quando chega tem o jantar feito, roupa passada a ferro ... é desse género.

D: Tem tudo a ver consigo. Hehehe.

E14: Tudo ... E o meu marido, quando foi para lá, tanto que eu saía, ele não gostava de discotecas e ainda hoje não gosta ... e eu todas as sextas-feiras ia dançar. Isto foi regra que eu não prescindi ... pois se eu gosto porque hei de deixar de ir? Ele gostava de ir jogar à bola com os amigos, e eu nunca me chatee. Só que, como foi para o sindicato, com aquelas conversas que têm aqueles senhores, não é, resolveu também impor-se um bocado comigo. Ora, eu como nunca fui uma pessoa de me vergar, nem de ser obrigada a dizer “não, tu não o fazes”, ainda hoje não me podem dizer “não fazes” ... quando dizem não é quando eu faço, logo, mas é logo de seguida ... ele começou a querer-se impor. E quando se começou a impor ... “olha lá, a esta hora não devias estar em casa?” ... aí as coisas começaram a dar para o torto. E foi aí, as minhas idas com as amigas, que normalmente eram mulheres, ainda hoje adoramos aquelas noites de mulheres que é mesmo de loucura, mas para o stress é ótimo ...

D: Para aliviar o stress...

E14: A gente faz muita parvoíce mas sabe bem ... então aí é começou a haver um bocado de choque entre os dois e as coisas começaram a dar para o torto. E então aí mais me motivou a continuar.

D: Mas sai também com colegas de escola?

E14: Sim. Pois no liceu sim.

D: E qual o papel da família na sua vida, desde que começou a estudar?

E14: Nenhuma.

D: O que é que isso quer dizer?

E14: Porque a minha família é ... aliás família, eu neste momento é ... eu tenho família, eu tenho tias que se dão muito bem comigo, irmãs da minha mãe. Com a família da parte do meu pai nunca houve assim muito contacto. Mas a minha família hoje em dia é mais os filhos. Porque fora disso ... não quer dizer que não haja apoio, há. Eu quando tive o acidente tive apoio. Elas foram para lá. Aliás, eu enquanto estive no hospital limpavam-me a casa toda, perfumaram tudo, levavam-me os miúdos, abasteceram-me a despensa, o frigorífico ... não é esse apoio. Quando realmente estamos mal elas existem, estão lá. Mas não são pessoas de ... como somos muito distantes, não somos muito de estar na casa uns dos outros, não são pessoas de incentivar. Estão contentes e perguntam. Ainda agora o meu tio teve um AVC, está paralisado, eu tenho ido ao hospital, agora já está em casa ... ontem passei por lá e perguntaram-me: “então, está a correr bem?”. Têm interesse, mas não é aquele: “tens que continuar”.

D: Não dão força ...

E14: Não dão assim muita força, não dão incentivo, não.

D: Mas estuda em casa, tem um espaço próprio para estudar?

E14: Tenho, tenho. O meu escritóriozinho.

D: E o que é faz agora quando não estuda?

E14: Leio. Tenho uma pancada pelos livros, ando sempre com livros. Aliás na mala da mota está um livro. Uma pancada pelos livros! Gasto imenso dinheiro em livros.

D: Diga-me uma coisa, L. O que é ser jovem, para si, nos dias de hoje?

E14: Ser jovem hoje em dia é um bocado parvo ... a juventude hoje em dia é mal-educada, é preguiçosa e consegue ser estúpida, para mim. Um jovem não se levanta no autocarro para dar lugar a um idoso. Aliás nem era preciso ser idoso. No meu tempo nem era idoso. Era eu ser uma miúda de 10 anos e uma pessoa de 30 ou 40 e eu imediatamente me levantava. É o receber, também tenho essa mania, é um bocado estúpido mas tenho essa mania. É o receber visitas em casa e é a minha cama e o meu quarto que lhes dou. Hoje tenho tendência a dar a minha cama e o meu quarto. E o ser jovem hoje, acho que a sociedade ... no meu tempo não havia brinquedos, era os paus, era as pedras, era os papagaios de cana e de papel, éramos nós que os fazíamos, era as físgas, que éramos nós que as fazíamos, as câmaras de ar ... inclusive se há um furo na bicicleta hoje pega-se na bicicleta e leva-se à loja ... no meu tempo não senhor, éramos nós que fazíamos. Ainda hoje eu reparo as bicicletas dos meus filhos. E como não tínhamos brinquedos, nem havia dinheiro e não tínhamos nada, aliás nem sequer luz ... cá em Lisboa sim, tínhamos luz, tínhamos eletricidade ... mas na casa dos meus avós não

havia, era o candeeiro a petróleo. Fui criada com a comida a lenha e o candeeiro a petróleo. E não sei se era disso, havia ... na nossa cabeça havia uma imaginação para inventar brinquedos! Aqueles carrinhos de linha, que a minha avó tinha, que gastava, nós fazíamos ... era comboios, era carros ... até fios, colares nós fazíamos ... fazíamos montes de coisas, tínhamos uma imaginação!. Hoje em dia, eu incentivo os meus filhos a ler e eles não leem. E eu acho estranho, quando veem os pais fazerem muito, crescem a ver os pais a fazerem aquilo têm tendência a fazer. Os meus não têm, nenhum deles, os três. A mais pequena ainda lê. É a televisão, é a *playstation*, é os jogos eletrónicos, é os computadores, mas não puxam pela cabeça.

D: É geral ...

E14: A juventude não é bem utilizada.

D: Ok. L, há aqui uma coisa que tenho de lhe perguntar novamente. O que é que a levou a voltar à escola? Eu pergunto isto novamente porquê? Até agora você falou-me dos seus pais, foi uma motivação, por ser do contra, não é?

E14: Sim.

D: O seu marido, porque você quando disse que queria ir estudar ele foi primeiro.

E14: Sim.

D: Foi isso? Foram essas duas coisas que ficaram a moer e que deram o clique para voltar à escola?

E14: Não, não. Essa do marido incentivou-me depois, ainda mais. Mas já antes dele dizer, eu já tinha decidido ir, tanto que o clique que lhe deu a ele foi eu dizer: “eu em setembro vou voltar a estudar”. O clique dele fui eu.

D: Que a obrigou a não ir.

E14: Que me obrigou a não ir. Portanto, já antes disso, antes dele, já eu tinha vontade de recomeçar. Os pais também não foram assim tão importantes para que eu voltasse a estudar. Eu nunca liguei muito aquilo que eles disseram e à vontade deles, ou à opinião. Foi um incentivo sim, mas pouco. Eu acho que o incentivo maior que me levou mais a estudar ... para já é eu não ter acabado ... e depois é estar numa empresa grande, olhar para o lado e ver pessoas mais novas a subirem. E é a revolta de eu estar a fazer trabalho de quadro e não ser paga como quadro. E a revolta de eu saber que estou a fazer aquele trabalho e de repente algum dos senhores doutores ou dos senhores diretores meter uma cunha porque o menino acabou ou economia ou contabilidade e precisa de um tacho, e vão-me ali buscar o que eu faço há muitos anos, não sou paga como tal e metem lá um recém-licenciado. Que fará me-

nos que eu e provavelmente ainda me tem a mim para depois apoiar. Isso foi também um dos motivos que me levou a tirar o curso.

D: Ora aí está. Diga-me uma coisa, L. Na passagem pelo ensino secundário quais foram os anos que a marcaram mais positiva e/ou negativamente, no ensino secundário?

E14: No liceu Camões?

D: No Camões.

E14: O que me marcou mais?

D: Sim.

E14: O que me marcou mais foi o ambiente que eu tive.

D: Ambiente, qual ambiente?

E14: Ambiente entre professores e alunos. O que nós criámos. Foi criado por nós.

D: Claro.

E14: O que mais me marcou não é o ambiente da escola, não. O nosso ambiente ...

D: A turma ...

E14: A turma em si. Não foi só a turma. Foi o que nós criámos, conseguimos criar entre nós e os professores. Nós alunos, entre alunos e o aluno para o professor. E isso foi o que me marcou mais.

D: Positivamente ou negativamente?

E14: Positivamente. Ainda hoje eu continuo a dizer, às vezes perguntam, onde é que estudeste, “no liceu Camões”. Foi a melhor experiência e garanto que foi a melhor turma que passou naquele liceu foi a nossa. Ainda hoje eu tenho orgulho em dizer que a professora de português, não sei que é ☺ O professor de história foi uma das pessoas que acho que também é um homem excepcional. Adoro o Ferronha. Foi a professora de matemática que agora não me lembro do nome dela, ela já não está lá. Foi o professor de filosofia, o Rui Fernando, aquela cabeça também é um homem que ... o outro professor de filosofia, agora não me lembro o nome, aquele baixinho, redondinho.

D: O Esteves.

E14: Esteves. Que esse também é uma enciclopédia, aquilo é uma biblioteca. E não foi nem a maneira de ensinar nem o estudo em si. É o comportamento dos professores.

D: A relação.

E14: A relação que se criou. Eu acho que foi o melhor dali, o ambiente que se criou entre a turma e os professores.

D: Considera o estudo essencial para melhorar a vida? E porque?

E14: No meu caso sim. Se não tivesse emprego não sei se o estudo me iria melhorar alguma coisa. Porque há muito licenciado na rua. E mesmo dentro da empresa, mesmo voltando à empresa onde eu estou, há muito carteiro que anda na rua com a mala que tem um curso superior. Não consegue porque não tem cunhas.

D: Não considera o estudo como uma melhoria de vida.

E14: Quer dizer, deveria ser mas não é. Hoje em dia não é. Numa entrevista dão preferência a um tipo que tenha uma licenciatura e ao que tenha o 5º ano ou o 9º ano fica para trás, como é lógico. Mas isso também não é de agora. Sempre foi. Portanto sim, o estudo é capaz de melhorar a vida mas, hoje em dia está difícil.

D: L, como arranjava disposição para estudar á noite? Como arranjava e como arranja? O dia todo, com miúdos pequenos, como é que arranja essa disposição?

E14: Eu gosto de ler e gosto de escrever. E há dezanove anos, quase há vinte, que eu não durmo muito. O organismo deixou de necessitar de tantas horas de sono. Como tenho noites em que não vou à cama, custa muito estar a noite inteira, não se pode fazer barulho, estão os miúdos a dormir, portanto não posso aspirar a casa, não posso ouvir música como quero ... portanto, no silêncio, como não consigo dormir, não me atrai a televisão, não me custa pegar nos livros. Há anos que eu passo as noites a ler. Portanto não me custa agarrar nos livros, aliás antes pelo contrário, até consigo estudar mais do que de dia. De dia não pego nos livros.

D: Ok. Vamos falar do ensino secundário recorrente. Porque é que escolheu aquela escola?

E14: O Liceu Camões. Para já foi escolhido por mim e pelo Carlos. Mas mais por mim porque o Carlos anda um bocado a reboque de mim.

D: Ele disse o mesmo, hehehe.

E14: Aquele liceu foi escolhido porque eu trabalhava na Avenida da República e já sabia que ia para o Cais do Sodré. O Carlos estava na Defensores de Chaves. Os noutros liceus à noite, quando nós fomos visitá-los à noite não gostámos do ambiente. Eram todos muito escuros, no meio de prédios, não gostámos. E estavam longe, o horários também não davam muito. Ele saía sempre às seis e tal. Eu tinha um horário de saída às cinco, cinco e meia, não havia problema. E então, quando fomos ali era o mais central e ainda continua a ser, para nós. Eu vinha do Cais do Sodré para ali. O Carlos da Defensores de Chaves para ali era rápido. Em questões de estacionamento não havia grandes problemas porque á noite havia bastante. Tinha o jardim em frente. E é um liceu muito iluminado, é grande, espaçoso. Não é um liceu muito fechado, não estávamos naqueles corredores muito fechados. E isso atraiu-

nos.

D: Portanto foi o local, foi o ambiente ... ok. Diga-me uma coisa. Porque escolheu a área de ciências sociais e humanas? Uma vez que sempre teve boas notas a matemática, a físico-química, por aí fora ... porquê?

E14: Porque eu gosto. Eu gosto do curso de direito.

D: Ou está a ser novamente influenciada pelo pai e ex-marido?

E14: Não, não.

D: Ok.

E14: O ex-marido é que foi influenciado devido ao sogro ir para Direito. Mas eu não. Eu desde miúda que gosto do trabalho de um advogado, ou juiz. O Direito foi uma área que sempre me atraiu. Ainda pensei porque há uma coisa que também gosto: é Engenharia Civil.

D: Isso é da área das ciências.

E14: Totalmente diferente. Mas ponderei entre uma e outra e optei mais pelo Direito. Lá está, na altura também tinha o escritório do meu pai já montado. Agora já lhe disse que pode vendê-lo. Mas na altura tinha o escritório e pensei: “não há problema, se correr bem depois, na altura também podes fazer outro curso”. Não quer dizer que eu não chegue aos cinquenta e diga: “agora vamos para Engenharia Civil”.

D: Mas naquela época, para ir para ali, porque tinhas duas opções distintas, porque é que escolheu essa?

E14: Inclinei-me mais para Direito.

D: Para Letras. Ok. Agora faça-me um balanço do ensino secundário. Aprendizagem professores, disciplinas do curso, se foram adequadas ou não, dificuldades, colegas, enfim, uma avaliação pessoal do percurso feito.

E14: No liceu Camões não tenho nada a apontar. Adorei o liceu Camões, adorei o ambiente, adorei os professores, adorei a maneira de ensinar deles, adorei o ambiente da minha turma, desde o primeiro dia. Não tenho razão de queixa de nenhuma das funcionárias que lá estão, sejam da limpeza, sejam da secretaria, o funcionário que está à entrada, da papelaria, não tenho razão de queixa de nenhum deles. A única coisa que achei que estava mal é o Inglês, mas isso eu e os outros todos, o Inglês ser uma língua tão importante, que é, e termos Inglês só uma vez por semana e pouco tempo. Aquilo era hora e meia. É a única coisa que achei que no ensino está mal.

D: Estamos quase no fim. Diga-me L, quais são os seus principais projetos de vida.

E14: Os meus principais projetos de vida foram os três putos que lá tenho.

D: Esses não tem a ver com a escola, hehehe.

E14: Em relação à escola, o meu projeto agora neste momento é acabar a licenciatura, inscrever-me na Ordem, fazer o mestrado e o doutoramento. Mas independentemente dessas duas coisas é inscrever-me na Ordem, ter a cédula profissional.

D: Para mostrar a alguém?

E14: Não, não, isso não, não vou mostrar a ninguém.

D: Então é por realização pessoal?

E14: Muito mesmo. Mas tentar subir um pouco na empresa, não muito, mas subir um pouco.

D: Acha que valeu a pena voltar a estudar?

E14: Então não valeu? A 200%.

D: E isso o que quer dizer?

E14: Já o devia ter feito há mais tempo. Há muito mais tempo.

D: Voltar para a escola trouxe mudanças na sua vida pessoal, na sua vida familiar e profissional? Quais?

E14: Na vida profissional não houve mudanças.

D: Nem ganha mais?

E14: Não. Lá está, é as cunhas. Há uns anos atrás, quando entrei para a empresa, aí sim. Assim que nós conseguíamos qualquer habilitação, entregávamos no serviço de pessoal e o ordenado aumentava, mudávamos de escalão. Mas foi há trinta anos atrás. Agora não. Eu peço duas horas de estudo; no 1º ano não pedi porque não quis que ninguém soubesse.

D: No 1º ano da faculdade.

E14: No liceu nunca pedi, aliás a empresa nunca soube que eu estava a estudar. No 1º ano da faculdade também não quis, não pedi nada. O ano passado, no 2º ano é que pedi as horas de estudo e foi um grande espanto. Pedi, tive que entregar o horário escolar, as férias, o calendário, o papel da faculdade em como estou lá, bom, tive que entregar todos os comprovativos e mais algum. Agora também pedi, este ano também pedi, também entreguei o comprovativo em que transitei de ano, com aproveitamento. No entanto já entrei na minha ficha pessoal e o que antigamente era feito automaticamente por elas, agora não é. Continua a lá estar que tenho o básico, nem sequer lá está que tenho o secundário. Portanto nem sequer foi alterado.

D: Mas isso tem que alterar.

E14: Tenho que ser eu a alterar. Mas lá está, não vou alterar agora. Talvez altere quando tiver a licenciatura.

D: E que mais mudanças a nível pessoal, a nível familiar?

E14: A nível pessoal o voltar a estudar também ajudou a acabar com o casamento.

D: Porquê?

E14: Porque, lá está ... o homem tem todo o direito de estar a estudar e chegar a casa à uma ou duas da manhã. A mulher não. A mulher, como tem filhos, é casada e tem filhos, o chegar à meia-noite é inadmissível.

D: É o machismo.

E14: Um ano, dois anos, três anos é demais.

D: Como é que os seus filhos reagiram a isso, uma vez que a mãe voltar a estudar acabou com o casamento dos pais?

E14: Eles não ligam muito o voltar a estudar com o fim do casamento. Porque há coisas que eu tento sempre manter sempre ... nunca lhes disse .. eu voltei a estudar e ao voltar a estudar há problemas com o pai. Não. Ainda hoje, apesar de ele não ser assim uma flor muito bem cheirosa, em comportamento ... mas ainda hoje eu continuo a dizer aos miúdos, “o pai é o melhor pai do mundo”. E em relação a ele não me ouvem queixas nem nunca hão de ouvir. E o casamento, a única coisa que eu lhes disse foi: “o pai e a mãe deixaram de gostar um do outro, aliás, não gostam o suficiente para se manterem juntos.”

D: Ok. Já me disse que as suas expectativas são: a licenciatura, mestrado, doutoramento, por aí fora. Então o que é que significa Escola na sua vida? Depois desse percurso um bocado atribulado?

E14: Aprendizagem. Uma aprendizagem. Continuo a aprender. Seja ela liceu, seja ela faculdade é uma aprendizagem.

D: Em que contribuiu para o seu desenvolvimento pessoal e social e para o seu bem-estar, ter voltado a estudar vinte anos depois?

E14: Contribuiu um pouco. Lá está, eu ler, lia muito. Mas contribuiu porque também o ler não é a mesma coisa que ter de aprender mesmo específico. Direito de trabalho, não lia livros de Direito de trabalho.

D: Claro.

E14: Agora tenho Direito de trabalho e estou a aprender coisas que não sabia, estou a aprender o básico, que não sabia. Eu sabia lá qual era o artigo que faz com que haja um acordo de empresa! Não sabia que há acordos e há contractos. Por muitos livros que se leiam, há coisas que não se aprendem.

D: é evidente.

E14: E quem fala de direito de trabalho fala dos outros. Eu tenho sociologia, tenho filosofia, também não aprendia. Por muitos livros de filosofia que eu leia, também não aprendo. Mas é sempre uma aprendizagem e é ótimo. São sempre coisas interessantes.

D: E para o seu bem-estar?

E14: É ótimo. Faz-me sentir inteligente. Não me faz sentir ...

D: ... a tal burrinha ... que o seu pai ...

E14: Completamente. Apesar de eu nunca me ter sentido isso. Porque eu tinha boas notas. Pronto, está-me a custar.

D: E a trabalhar ...

E14: E há trabalhos que são leves ... mas eu hoje em dia tenho uma trabalho que puxa bastante.

D: Claro.

E14: Contas da empresa, faturas, custa. E depois ter os putos neste momento sozinhos em casa, porque o pai já não está em casa ...

D: Ainda é mais complicado ... também já estão mais velhinhos.

E14: Sim, sim ... mas também custa.

D: Claro. Tem mais alguma coisa que queira acrescentar sobre o seu percurso escolar? Para ajudar a minha investigação?

E14: Não, acho que falei tudo.

D: É?

E14: Acho que sim.

D: Então obrigada L.

ANEXO VIII – Categorias e Subcategorias do Estudo I

Sistema de Códigos [1710]

CATEGORIAS

SUBCATEGORIAS

Percurso Escolar até 9º ano

Marcas Positivas

Era um sonho [5]

25 abril [4]

Professores [9]

Adaptação [6]

Bons resultados [17]

Marcas Negativas

Sentimento de inferioridade [2]

Professores [4]

Desilusão [5]

Anos de escolaridade [1]

Assimilação dos conteúdos [6]

Adaptação ao modelo escolar [10]

1º ciclo

Ano da Retenção [4]

Causa da Retenção [9]

Observações [12]

2º Ciclo

Ano da Retenção [6]

Causa da Retenção [18]

Observações [5]

3º Ciclo

Ano da Retenção [18]

Causa da Retenção [40]

RVC [5]

Causas do Abandono Escolar

Irresponsabilidade [8]

Aliciada por um Prof [6]

Gravidez [4]

Situações familiares [29]

Ida para tropa [2]

Rebeldia [26]

Pressão dos Pais [2]

Contra os Pais [12]

Esmola [6]

Vícios

Grupo de "amigos" [10]

Bebida [4]

Justificação [9]

Droga [6]

Mulheres [2]

Dificuldades escolares [10]

castigo [3]

Falta de cursos [2]

Escolaridade obrigatória [7]

Férias a trabalhar [6]

Querer começar a trabalhar [27]

Independência económica [9]

Situações Financeiras [36]

Horário [2]

Consequências do Abandono [7]

Motivos para Regresso à Escola

Extrínsecos [0]

Ambiente envolvente [4]

Mostrar aos filhos [2]

Acompanhar um Amigo [4]

Tirar Boas Notas [7]

Benefícios no Emprego [32]

Melhor Salário [2]

Pedido de Familiar [17]

Satisfazer pais [6]

Observações [3]

Intrínsecos [0]

Mudar de vida [12]

"Passar o tempo" [5]

Gosto pela Leitura [15]

Autoestima [0]

Autonomia [4]

Confiança em si mesmo [22]

Realização Pessoal [54]

Aumentar Conhecimentos [43]

Escolha da Escola

Referências

Publicidade [11]

Perto do trabalho [5]

Perto de casa [10]

Relação Aluno - Ensino Secundário

Escolha do Curso [1]

Ciências Sociais e Humanas [13]

Tecnológico [0]

Administração / Contabilidade [4]

Experiência [2]

Informática [4]

Adquirir conhecimentos [2]

Experiência [8]

Disciplinas do Curso [2]

Falta de mais Prática [10]

Mais dificuldade [15]

Organização dos conteúdos [13]

Importância [10]

Número [5]

Colegas [1]

Empatia da turma [10]

Ajuda [13]

Lazer / saídas [10]

Papel do Professor

Formação

Preparação para lecionar Alunos Adultos [21]

Relação Professor-Aluno

Respeito Mútuo [3]

Entusiasmo [4]

Compreensão [24]

Empatia [26]

Práticas Letivas

Atividades [1]

TPC [10]

Trabalhos de Grupo [8]

Clareza na exposição [4]

Relação entre pares

Lazer / saídas [17]

Ajuda [5]

Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola

Dificuldades cognitivas [7]

Conciliação da vida Pessoal e Escolar

Papel da Família [0]

Instabilidade [4]

Problemas com o Cônjuge [28]

Ajuda Psicológica [3]

Importância / Valor [25]
Ajuda financeira [0]
Confidente [0]
Ajuda de Familiares nos Conteúdos [8]
Entrar no Ritmo [21]
coragem [6]
Abdicação do Lazer / descanso [16]

Conciliação da Vida Profissional e Escolar

Só com muita motivação [21]
Cansativo [13]
Carga Horária [10]
Observações [0]
Sistema de Ensino que Frequentaram [0]
Desvantagens [2]
 Balanço [5]
Vantagens [2]
 Balanço [48]
 12º ano [1]
 11º ano [7]
 10º ano [8]

Expetativas a Médio Prazo

Escolares [45]
Pessoais [64]
Profissionais [35]

Expetativas a Longo Prazo

Mudanças [0]
 Escolares [8]
 Pessoais [25]
 Profissionais [13]

Identificação

Sexo [0]

Masculino [10]

Feminino [4]

Idade [14]

Local de Nascimento [22]

Observações [2]

Profissão [0]

Importância do Trabalho [51]

Profissão Atual [21]

1º Trabalho [27]

Início de trabalho [9]

Pais [0]

Observações [17]

Profissão Mãe [12]

Profissão Pai [24]

Escolaridade Mãe [11]

Escolaridade Pai [12]

Irmãos [0]

Observações [3]

Número [12]

Idade [2]

Escolaridade [10]

Profissão [6]

Cônjuge [0]

Observações [1]

Profissão [15]

Escolaridade [14]

Idade [2]

Filhos [0]

Número [10]

Observações [3]

Escolaridade [28]

Idades [15]

ANEXO IX – Unidades de registo por categorias e subcategorias Estudo I

| Doc | Categorias\Subcategorias | Início | Unidades de registo |
|-----|---|--------|---|
| E1 | Causas do Abandono Escolar\Escolaridade obrigatória | 138 | fui seguindo um bocado o que era obrigatório por lei tirar na |
| E1 | Causas do Abandono Escolar\Escolaridade obrigatória | 138 | achava que menos que o 9º ano, porque o 9º ano já era, isto há |
| E1 | Causas do Abandono Escolar\Falta de cursos | 138 | se houvesse alguma coisa que surgisse a nível de algum curso |
| E1 | Causas do Abandono Escolar\Falta de cursos | 141 | não havia escolas profissionais para continuar |
| E1 | Causas do Abandono Escolar\Férias a trabalhar | 144 | durante as férias da escola, trabalhava sempre |
| E1 | Causas do Abandono Escolar\Férias a trabalhar | 146 | desde os doze anos |
| E1 | Causas do Abandono Escolar\Férias a trabalhar | 148 | nas férias da escola, normalmente ia sempre trabalhar |
| E1 | Causas do Abandono Escolar\Férias a trabalhar | 148 | eles estavam a precisar dum rapaz para ajudar lá na oficina e |
| E1 | Causas do Abandono Escolar\Férias a trabalhar | 150 | E depois fui para lá nesse ano, durante as férias. No ano a |
| E1 | Causas do Abandono Escolar\Querer começar a trabalhar | 126 | ia fazer 16 anos. Depois, nessa altura estava virado para a |
| E1 | Causas do Abandono Escolar\Querer começar a trabalhar | 66 | estive oito anos sem estudar |
| E1 | Causas do Abandono Escolar\Querer começar a trabalhar | 122 | chegou aquela fase difícil de, o que é que eu faço, o que é que |
| E1 | Causas do Abandono Escolar\Querer começar a trabalhar | 130 | na Madeira não havia cursos desse género |
| E1 | Causas do Abandono Escolar\Querer começar a trabalhar | 130 | havia simplesmente no centro de formação profissional, era o |
| E1 | Causas do Abandono Escolar\Querer começar a trabalhar | 132 | optei por não seguir os estudos, também dali a dois, três anos |
| E1 | Causas do Abandono Escolar\Querer começar a trabalhar | 134 | comecei a trabalhar, |
| E1 | Causas do Abandono Escolar\Querer começar a trabalhar | 156 | comecei a trabalhar |
| E1 | Causas do Abandono Escolar\Querer começar a trabalhar | 156 | não estava virado, acho que não tinha despertado ainda para a |
| E1 | Causas do Abandono Escolar\Situações Financeiras | 132 | as condições também, dos meus pais, não eram as melhores |
| E1 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida Pe lar\Abdicação do Lazer / descanso | 66 | tive de abdicar de muita coisa. Muitas saídas, pronto, o lazer, |
| E1 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida Pe lar\Abdicação do Lazer / descanso | 66 | Era um bocado difícil |
| E1 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida Pe lar\Ajuda de Familiares nos Conteúdos | 178 | Quando eram coisas que ela percebia, ajudava. |
| E1 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida Pe lar\Entrar no Ritmo | 66 | O primeiro ano foi mais difícil, foi mais difícil até conseguir |
| E1 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida Pe lar\Entrar no Ritmo | 66 | depois comecei-me a habituar, comecei a perceber e comecei o |
| E1 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida Pe lar\Entrar no Ritmo | 66 | era um pouco difícil. |
| E1 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida Pe lar\Entrar no Ritmo | 258 | no Domingo à tarde tinha que entrar outra vez no ritmo e tentar |
| E1 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida Pe lar\Papel da Família\Ajuda Psicológica | 186 | fui sempre muito pegado à minha família, acaba por nos dar |

| | | | |
|----|--|-----|---|
| E1 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida P lar\Papel da Família\Ajuda Psicológica | 186 | acaba às vezes por irmos buscar força para aguentar muita coisa |
| E1 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida P lar\Papel da Família\Ajuda Psicológica | 190 | eu como sempre fui irmão mais velho, sempre fui habituado a |
| E1 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida P lar\Papel da Família\Importância / Valor | 186 | a família é sempre importante |
| E1 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida P lar\Papel da Família\Importância / Valor | 186 | Eu dou muito valor à família |
| E1 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida P lar\Papel da Família\Importância / Valor | 186 | Dou muito valor à família. |
| E1 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida P lar\Papel da Família\Importância / Valor | 188 | a minha família, eu sei que está ali, se precisar |
| E1 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida P lar\Papel da Família\Importância / Valor | 188 | Apesar de eles estarem distantes eu, todos os dias, todas as |
| E1 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida P lar\Papel da Família\Importância / Valor | 194 | a família é muito importante. |
| E1 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida P lar\Papel da Família\Importância / Valor | 194 | A família é muito importante |
| E1 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida P lar\Papel da Família\Importância / Valor | 200 | estava com eles, sempre me distraía, abstraía das coisas e |
| E1 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida P lar\Papel da Família\Problemas com o Cônjuge | 356 | O divórcio ocorreu quando nós estávamos aqui no ensino |
| E1 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da Vida P Escolar\Cansativo | 256 | Às vezes tinha de ser direta ou dormir uma hora ou duas |
| E1 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da Vida P Escolar\Carga Horária | 272 | No primeiro ano, no 10º ano, tínhamos nove disciplinas. |
| E1 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da Vida P Escolar\Carga Horária | 254 | deitava-me à uma da manhã, quando não havia exames, e às sete |
| E1 | Escolha da Escola\Perto de casa | 244 | vivo aqui perto da escola, vivo aqui a três, quatro minutos |
| E1 | Escolha da Escola\Perto de casa | 244 | era a escola que eu tinha aqui mais perto |
| E1 | Escolha da Escola\Referências | 244 | era um liceu com boas referências |
| E1 | Escolha da Escola\Referências | 244 | um liceu com boas referências. |
| E1 | Expectativas a Longo Prazo\Mudanças\Escolares | 343 | trouxe coisas boas, trouxe aprendizagem |
| E1 | Expectativas a Longo Prazo\Mudanças\Escolares | 343 | há desenvolvimento nas pessoas que estudam |
| E1 | Expectativas a Longo Prazo\Mudanças\Escolares | 82 | escola é importante |
| E1 | Expectativas a Longo Prazo\Mudanças\Pessoais | 82 | A escola é importante. Aprendemos sempre mais qualquer coisa. |
| E1 | Expectativas a Longo Prazo\Mudanças\Pessoais | 82 | eu nestes três anos fiquei a saber muito mais e desenvolvi-me, |
| E1 | Expectativas a Longo Prazo\Mudanças\Pessoais | 83 | desenvolver outras capacidades |
| E1 | Expectativas a Longo Prazo\Mudanças\Pessoais | 306 | vou voltar para lá para a Madeira. |
| E1 | Expectativas a Longo Prazo\Mudanças\Pessoais | 306 | Quero voltar para lá porque tenho toda a minha família lá, para |

| | | | |
|----|---|-----|---|
| E1 | Expectativas a Longo Prazo\Mudanças\Pessoais | 310 | está lá a minha família que é uma parte importante a que eu dou |
| E1 | Expectativas a Longo Prazo\Mudanças\Pessoais | 330 | ter mais à vontade, porque eu já algum tempo que lido mais |
| E1 | Expectativas a Longo Prazo\Mudanças\Pessoais | 330 | Trouxe mais à vontade a conversar, |
| E1 | Expectativas a Longo Prazo\Mudanças\Pessoais | 330 | trouxe outra maneira de eu me comportar digamos no dia a dia |
| E1 | Expectativas a Longo Prazo\Mudanças\Pessoais | 330 | a ter outra postura. |
| E1 | Expectativas a Longo Prazo\Mudanças\Pessoais | 240 | Mesmo na situação em que as coisas estão, mais cedo ou mais |
| E1 | Expectativas a Longo Prazo\Mudanças\Pessoais | 312 | sinto falta, sinto falta deles |
| E1 | Expectativas a Longo Prazo\Mudanças\Pessoais | 312 | acabando o curso tive que tomar mais uma decisão e decidi |
| E1 | Expectativas a Longo Prazo\Mudanças\Profissionais | 86 | No trabalho, muitas vezes reflete-se, porque se nós formos, |
| E1 | Expectativas a Longo Prazo\Mudanças\Profissionais | 86 | posso estar a fazer a mesma coisa ou estar a fazer melhor mas |
| E1 | Expectativas a Longo Prazo\Mudanças\Profissionais | 306 | Quero trocar de sítio onde trabalho, não porque esteja mal, |
| E1 | Expectativas a Longo Prazo\Mudanças\Profissionais | 316 | tive uma única proposta. |
| E1 | Expectativas a Longo Prazo\Mudanças\Profissionais | 318 | É um projeto a médio-longo prazo, que é um grupo com uma |
| E1 | Expectativas a Longo Prazo\Mudanças\Profissionais | 322 | Querem-me para lá para trabalhar, para gerir a oficina. O |
| E1 | Expectativas a Longo Prazo\Mudanças\Profissionais | 333 | ganho mais |
| E1 | Expectativas a Longo Prazo\Mudanças\Profissionais | 84 | A desenvolver outras capacidades e consoante isso, isso |
| E1 | Expectativas a Longo Prazo\Mudanças\Profissionais | 312 | enviei uma série de currículos... |
| E1 | Expectativas a Longo Prazo\Mudanças\Profissionais | 322 | este grupo vai abrir uma oficina lá e querem que eu vá para lá. |
| E1 | Expectativas a Médio Prazo\Escolares | 344 | tirar um curso superior |
| E1 | Expectativas a Médio Prazo\Pessoais | 32 | Neste momento sou divorciado |
| E1 | Expectativas a Médio Prazo\Pessoais | 37 | quando começou a estudar em 2004 era casado |
| E1 | Expectativas a Médio Prazo\Profissionais | 74 | Hoje em dia está muito difícil. Está muito difícil conseguir |
| E1 | Expectativas a Médio Prazo\Profissionais | 74 | fui a umas quantas entrevistas e neste momento tenho uma |
| E1 | Expectativas a Médio Prazo\Profissionais | 74 | está muito difícil porque muitas empresas querem pessoas |
| E1 | Expectativas a Médio Prazo\Profissionais | 74 | o nível de ordenados acho que as coisas não equiparam com o |
| E1 | Expectativas a Médio Prazo\Profissionais | 74 | como me aconteceu a mim, há muitas pessoas, há muitas empresas |
| E1 | Expectativas a Médio Prazo\Profissionais | 74 | hoje em dia eu acho que está muito difícil conseguir emprego. |
| E1 | Expectativas a Médio Prazo\Profissionais | 345 | quanto mais formação você tiver, mais tempo você se mantiver na |
| E1 | Identificação\Cônjuge\Escolaridade | 42 | médica veterinária |
| E1 | Identificação\Cônjuge\Escolaridade | 42 | já tinha acabado o curso há dois anos e meio |
| E1 | Identificação\Cônjuge\Profissão | 40 | médica veterinária |
| E1 | Identificação\Cônjuge\Profissão | 42 | médica veterinária |
| E1 | Identificação\Cônjuge\Profissão | 44 | médica veterinária |

| | | | |
|----|--|-----|---|
| E1 | Identificação\Idade | 4 | 38 |
| E1 | Identificação\Irmãos\Idade | 24 | Sou o mais velho |
| E1 | Identificação\Irmãos\Número | 20 | cinco |
| E1 | Identificação\Irmãos\Número | 22 | dois irmãos e três irmãs |
| E1 | Identificação\Local de Nascimento | 6 | São Pedro, no Funchal. Sou madeirense |
| E1 | Identificação\Pais\profissão Mãe | 18 | doméstica |
| E1 | Identificação\Pais\profissão Mãe | 18 | empregada de limpeza |
| E1 | Identificação\Pais\Profissão Pai | 22 | obras de vime |
| E1 | Identificação\Pais\Profissão Pai | 22 | aquilo começou a ir abaixo e ele foi trabalhar para as obras. |
| E1 | Identificação\Pais\Profissão Pai | 22 | Trabalhou com máquinas escavadoras |
| E1 | Identificação\Pais\Profissão Pai | 22 | neste momento trabalha nas obras. |
| E1 | Identificação\Profissão\1º Trabalho | 10 | comecei a trabalhar e dediquei-me mesmo aos automóveis. |
| E1 | Identificação\Profissão\Importância do Trabalho | 70 | Eu trabalho porque gosto. |
| E1 | Identificação\Profissão\Importância do Trabalho | 70 | Felizmente tenho a sorte de fazer o que gosto |
| E1 | Identificação\Profissão\Importância do Trabalho | 70 | Na minha vida o trabalho faz sentido. |
| E1 | Identificação\Profissão\Importância do Trabalho | 70 | todos os dias estou a aprender |
| E1 | Identificação\Profissão\Importância do Trabalho | 70 | há sempre um incentivo |
| E1 | Identificação\Profissão\Importância do Trabalho | 70 | há sempre coisas novas a descobrir |
| E1 | Identificação\Profissão\Importância do Trabalho | 256 | o trabalho para mim é sagrado |
| E1 | Identificação\Profissão\Importância do Trabalho | 70 | o trabalho é uma ocupação |
| E1 | Identificação\Profissão\Importância do Trabalho | 72 | É sempre um desafio, |
| E1 | Identificação\Profissão\Início de trabalho | 12 | 16 |
| E1 | Identificação\Profissão\Profissão Atual | 8 | mecânico de automóvel |
| E1 | Identificação\Profissão\Profissão Atual | 16 | Sempre ligado à mecânica de automóvel |
| E1 | Identificação\Sexo\Masculino | 4 | C |
| E1 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Benefícios no Empre | 46 | na minha área todos os dias as coisas estão a evoluir |
| E1 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Benefícios no Empre | 46 | qualquer marca hoje em dia que queira ter uma pessoa a |
| E1 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Benefícios no Empre | 48 | mecânica eletrónica. É a chamada mecatrónica. |
| E1 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Benefícios no Empre | 60 | Só que hoje em dia, hoje em dia um mecânico só mecânico não faz |
| E1 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Benefícios no Empre | 60 | Cada vez mais toda a mecânica traz eletrónica. |
| E1 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Benefícios no Empre | 50 | era necessário mais escolaridade |
| E1 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Benefícios no Empre | 50 | há sempre atualização das coisas |
| E1 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Benefícios no Empre | 62 | temos mesmo que avançar por esse lado. |

| | | | |
|----|--|-----|--|
| E1 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Benefícios no Empre | 62 | já há algum tempo que faço vários cursos de atualização |
| E1 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Benefícios no Empre | 63 | a empresa obriga a frequentar |
| E1 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Benefícios no Empre | 222 | Profissionalmente, havia mesmo necessidade |
| E1 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Benefícios no Empre | 222 | estava em início de carreira |
| E1 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Benefícios no Empre | 222 | o mercado é competitivo |
| E1 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Benefícios no Empre | 226 | uma das maiores forças foi mesmo a nível profissional, porque |
| E1 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Observações | 62 | nós temos formação anual |
| E1 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Observações | 62 | temos uma série de cursos anuais |
| E1 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Observações | 64 | Que a empresa obriga-nos a frequentar |
| E1 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Pedido de Familiar | 46 | Ela também teve uma quota-parte nisso |
| E1 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Pedido de Familiar | 216 | Já estava casado há quatro anos e meio |
| E1 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Aumentar Conhecim | 156 | Quando realmente me apercebi da evolução que as coisas estavam |
| E1 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Aumentar Conhecim | 343 | ciclo de aprendizagem |
| E1 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Aumentar Conhecim | 343 | temos que aprender. |
| E1 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Aumentar Conhecim | 365 | Vim para aqui mesmo na situação de querer estudar. |
| E1 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Autoestima\Confian | 230 | provar a mim mesmo que realmente não estava em baixo de forma. |
| E1 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Realização Pessoal | 222 | Sentia que precisava de mais e, de certo modo, acho que também |
| E1 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Realização Pessoal | 222 | se eu não fiz na altura, agora também era capaz. |
| E1 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Realização Pessoal | 222 | foi uma prova |
| E1 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Realização Pessoal | 226 | achei que era mesmo necessário |
| E1 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Realização Pessoal | 229 | Foi um desafio pessoal. |
| E1 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Realização Pessoal | 343 | há desenvolvimento nas pessoas que estudam. |
| E1 | Papel do Professor\Práticas Letivas\Atividades | 290 | a cadeira Bases de programação, apesar de bastante |
| E1 | Papel do Professor\Práticas Letivas\Atividades\TPC | 266 | eram difíceis e custava muito a fazer, muitas vezes, |
| E1 | Papel do Professor\Práticas Letivas\Atividades\TPC | 266 | era por aí que aprendia mais |
| E1 | Papel do Professor\Práticas Letivas\Atividades\TPC | 268 | Apesar do tempo ser curto também nos ajudava. |
| E1 | Papel do Professor\Práticas Letivas\Atividades\TPC | 268 | Apesar de serem poucos os professores que mandavam. |
| E1 | Papel do Professor\Práticas Letivas\Atividades\Trabalhos de Gr | 266 | eram difíceis e custava muito a fazer, muitas vezes, mas era |
| E1 | Papel do Professor\Práticas Letivas\Atividades\Trabalhos de Gr | 267 | ajudava a conviver mais uns com os outros |
| E1 | Papel do Professor\Práticas Letivas\Clareza na exposição | 152 | há professores, é como eu estava a dizer há pouco, há pessoas |
| E1 | Papel do Professor\Práticas Letivas\Relação Aluno / Colegas\Ajud | 178 | Quando não percebia ligava aos colegas. |
| E1 | Papel do Professor\Práticas Letivas\Relação Aluno / Colegas\Laz | 182 | Sim, às vezes. Pronto, com alguns que mantenho contacto |
| E1 | Papel do Professor\Práticas Letivas\Relação Aluno / Colegas\Laz | 234 | já os conhecia do outro ano anterior |

| | | | |
|----|---|-----|---|
| E1 | Papel do Professor\Preparação para lecionar Alunos Adultos | 264 | Cada um lecionava à sua maneira, ou tentava, às vezes, adaptar |
| E1 | Papel do Professor\Relação Professor-Aluno\Compreensão | 373 | Só tenho de dar os parabéns aos professores por terem paciência |
| E1 | Papel do Professor\Relação Professor-Aluno\Compreensão | 375 | apesar de não sermos nenhuns rebeldes, mas não era uma turma |
| E1 | Papel do Professor\Relação Professor-Aluno\Compreensão | 377 | agradecimento aos professores |
| E1 | Percurso Escolar até 9º ano\2º Ciclo\Ano da Retenção | 107 | reprovei no primeiro 5º ano |
| E1 | Percurso Escolar até 9º ano\2º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da | 107 | Era um ensino totalmente diferente. |
| E1 | Percurso Escolar até 9º ano\2º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da | 107 | Quando fiz o 5º ano a primeira vez, reprovei |
| E1 | Percurso Escolar até 9º ano\2º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da | 109 | não me consegui adaptar bem |
| E1 | Percurso Escolar até 9º ano\2º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da | 100 | passei para a Telescola. |
| E1 | Percurso Escolar até 9º ano\2º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da | 102 | 5º e 6º ano passei para a Telescola |
| E1 | Percurso Escolar até 9º ano\3º Ciclo\Ano da Retenção | 118 | No 7º. |
| E1 | Percurso Escolar até 9º ano\3º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da | 117 | Novamente era um ensino outra vez diferente. Tive dificuldade |
| E1 | Percurso Escolar até 9º ano\3º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da | 121 | Por notas |
| E1 | Percurso Escolar até 9º ano\3º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da | 121 | por notas. Por faltas nunca fui um baldas |
| E1 | Percurso Escolar até 9º ano\3º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da | 111 | no 7º ano fui para o Funchal porque não havia escolas |
| E1 | Percurso Escolar até 9º ano\3º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da | 119 | No 7º ano. Entretanto nessa fase, enquanto estive a fazer o 7º |
| E1 | Percurso Escolar até 9º ano\3º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da | 122 | fui para a Camacha depois, fiz o 7º, 8º e 9º anos de seguida |
| E1 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Negativas\Adaptação ao mo | 136 | via montes de colegas meus adaptavam-se |
| E1 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Negativas\Adaptação ao mo | 136 | eu tinha dificuldades de adaptação |
| E1 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Negativas\Anos de escolarid | 136 | 5º e o 7º ano |
| E1 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Negativas\Assimilação dos co | 136 | conseguiram assimilar |
| E1 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Negativas\Assimilação dos co | 136 | não estava a conseguir dar a volta ao assunto como eles |
| E1 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Positivas\Adaptação | 136 | quando estava dentro do esquema |
| E1 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Positivas\Bons resultados | 136 | quando passava |
| E1 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Colegas\Ajuda | 295 | turma muito unida |
| E1 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Colegas\Ajuda | 296 | Era uma turma, apesar de todos diferentes, eram muito unidos |
| E1 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Colegas\Lazer / saídas | 234 | consegui conviver mais com os colegas |
| E1 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Colegas\Lazer / saídas | 234 | Consegui conviver mais |
| E1 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Colegas\Lazer / saídas | 234 | consegui ter mais à vontade |
| E1 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Colegas\Lazer / saídas | 234 | consegui gerir as coisas de melhor forma. |
| E1 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Disciplinas do Curso\Importân | 274 | Português foi sempre importante, |
| E1 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Disciplinas do Curso\Importân | 274 | há uma disciplina ou outra que acho que não fazia muito |
| E1 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Disciplinas do Curso\Importân | 276 | Filosofia |

| | | | |
|----|---|-----|---|
| E1 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Disciplinas do Curso\Importância | 280 | Matemática também é importante |
| E1 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Disciplinas do Curso\Importância | 282 | TIC e o resto das cadeiras técnicas acho que se adequaram bem |
| E1 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Disciplinas do Curso\Mais difícil | 288 | Bases de programação |
| E1 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Disciplinas do Curso\Mais difícil | 290 | a programação é muito difícil |
| E1 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Disciplinas do Curso\Mais difícil | 290 | Foi uma cadeira muito difícil porque exige muito de nós. |
| E1 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Disciplinas do Curso\Mais difícil | 290 | é mesmo fazer programas de computadores |
| E1 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Disciplinas do Curso\Mais difícil | 292 | foi a pior cadeira que eu tive, mais difícil, que se calhar |
| E1 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Disciplinas do Curso\Número | 272 | eram muitas disciplinas |
| E1 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Disciplinas do Curso\Número | 272 | no 10º ano, tínhamos nove disciplinas. |
| E1 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Disciplinas do Curso\Número | 272 | nove disciplinas por semana, às vezes acabava por ser um pouco, |
| E1 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Disciplinas do Curso\Organização | 282 | matérias não estarem muito bem organizadas |
| E1 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Disciplinas do Curso\Organização | 284 | mais do que uma vez de nós darmos uma matéria numa cadeira e |
| E1 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Disciplinas do Curso\Organização | 286 | houve ali no início um pouco de mistura |
| E1 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Disciplinas do Curso\Organização | 286 | no 2º e 3º ano acho que as coisas conseguiram equilibrar mais |
| E1 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Disciplinas do Curso\Organização | 286 | no primeiro ano, tendo cinco disciplinas técnicas, acabávamos |
| E1 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Escolha do Curso | 248 | conseguia adquirir os conhecimentos de informática que hoje em |
| E1 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Escolha do Curso\Tecnológico | 246 | o curso de informática era o mais adequado |
| E1 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Escolha do Curso\Tecnológico\Informática\Adquirir conhecimentos | 246 | aquele era ouro sobre azul. |
| E1 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Escolha do Curso\Tecnológico\Informática\Adquirir conhecimentos | 248 | curso de informática, porque conseguia adquirir os |
| E1 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Escolha do Curso\Tecnológico\Informática\Experiência | 246 | a minha experiência com computadores não era grande, não era |
| E1 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Desvantagens | 264 | não é fácil estudar à noite |
| E1 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens | 248 | conseguia ficar com o 12º ano. : Como técnico de informática. |
| E1 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens\10º ano | 234 | O primeiro ano, portanto o 10º ano, foi um pouco mais duro, mas |
| E1 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens\10º ano | 234 | mais duro porque, como já estava há algum tempo sem estudar, |
| E1 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens\10º ano | 234 | comecei a entrar no ritmo |
| E1 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens\10º ano | 234 | comecei a conseguir conciliar trabalho, escola, tentar gerir |
| E1 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens\11º ano | 234 | Os outros dois foram mais fáceis |
| E1 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens\Balanço | 262 | do que aprendi, das matérias que foram dadas, do que foi |
| E1 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens\Balanço | 262 | as coisas correram bem e consegui aprender, |

| | | | |
|-----|--|-----|--|
| E1 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens\Balanço | 262 | consegui aprender alguma coisa. |
| E1 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens\Balanço | 300 | a avaliação foi positiva |
| E1 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens\Balanço | 300 | perante as condições que eu tinha, o tempo disponível, |
| E1 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens\Balanço | 300 | se fosse uma coisa com mais calma, mas perante as condições que |
| E1 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens\Balanço | 302 | Deu muito trabalho mas fiquei satisfeito |
| E1 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens\Balanço | 303 | Podia fazer melhor, mas foi o possível. |
| E1 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens\Balanço | 304 | perante as condições, foi positivo. |
| E10 | Causas do Abandono Escolar\Situações Financeiras | 38 | estudei até ao 8º ano em Vila Flor, no concelho de Vila Flor, |
| E10 | Causas do Abandono Escolar\Situações Financeiras | 38 | imigrar para França |
| E10 | Causas do Abandono Escolar\Situações Financeiras | 40 | Tive um ano e seis meses |
| E10 | Causas do Abandono Escolar\Situações Financeiras | 42 | Depois acedeu a que eu acabasse o 9 ano, era um desejo que eu |
| E10 | Causas do Abandono Escolar\Situações Financeiras | 46 | sou uma pessoa que pratica desporto mas em função das |
| E10 | Causas do Abandono Escolar\Situações Financeiras | 48 | Sempre em acumulação |
| E10 | Causas do Abandono Escolar\Situações Financeiras | 116 | porque havia dificuldades...ter onde dormir, ter onde ir |
| E10 | Causas do Abandono Escolar\Situações Financeiras | 134 | ou eu ficava a trabalhar na pastelaria e trocava os horários ou |
| E10 | Causas do Abandono Escolar\Situações Financeiras\Horário | 42 | hotelaria é sempre uma área muito complicada, em que se |
| E10 | Causas do Abandono Escolar\Situações Financeiras\Horário | 44 | Tirei escanção, tirei curso de mesa de 1ª e de 2ª, de barman, |
| E10 | Consequências do Abandono | 50 | na arbitragem as coisas começaram a correr mais ou menos fui |
| E10 | Consequências do Abandono | 50 | em função dos cursos que eu tirei na hotelaria e da |
| E10 | Consequências do Abandono | 52 | tirei o curso de formadores |
| E10 | Consequências do Abandono | 54 | Comecei a dar aulas nesta escola desde 96, inicialmente em part-time |
| E10 | Consequências do Abandono | 110 | entretanto eu acabei o 9 ano, o tal dinheiro que eu trouxe dei |
| E10 | Consequências do Abandono | 112 | entretanto eu vim de França no ano a seguir e como eu queria |
| E10 | Consequências do Abandono | 113 | força aérea? : Porque era uma forma de eu ir estudar. Fazer |
| E10 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida P lar\Entrar no Ritmo\coragem | 56 | Foi muito complicado...muito muito complicado |
| E10 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida P lar\Entrar no Ritmo\coragem | 164 | Depois também tive a felicidade de que a s matérias que eram |
| E10 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida P lar\Papel da Família\Instabilidade | 56 | quem saiu a perder foi a família e quem saiu a perder, foi |
| E10 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da Vida P Escolar\Carga Horária | 196 | A minha principal dificuldade era mais a gestão dos |
| E10 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da Vida P Escolar\Só com muita motivação | 56 | não foi fácil |
| E10 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da Vida P Escolar\Só com muita motivação | 56 | não foi fácil, foi muito, muito difícil... |

| | | | |
|-----|--|-----|---|
| E10 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da Vida P Escolar\Só com muita motivação | 66 | Eu acho que sou um caso, digo, raro porque é assim: eu toda a |
| E10 | Escolha da Escola\Perto do trabalho | 178 | era muito perto e aquela escola ficava no meio do caminho e a |
| E10 | Escolha da Escola\Referências | 174 | Escolhi aquela escola porque a minha mulher tinha estudado lá. |
| E10 | Expectativas a Médio Prazo\Escolares | 64 | Eu acho muito importante a escola porque dá-nos uma ferramenta |
| E10 | Expectativas a Médio Prazo\Escolares | 202 | queria seguir historia e quero um dia tirar historia adoro o |
| E10 | Expectativas a Médio Prazo\Escolares | 216 | fazer o exame nacional de historia que era o que eu queria |
| E10 | Expectativas a Médio Prazo\Escolares | 218 | Era historia. Fui a exame, tirei 177 ponto ou o que é que foi e |
| E10 | Expectativas a Médio Prazo\Escolares | 222 | durante 20 dias agarrei-me ali aquele material todo. Comecei a |
| E10 | Expectativas a Médio Prazo\Escolares | 224 | Não havia ensino pós laboral no Estoril, só havia diurno |
| E10 | Expectativas a Médio Prazo\Escolares | 228 | É a parte das ciências e quem não assiste, é muito complicado |
| E10 | Expectativas a Médio Prazo\Escolares | 234 | Essa parte eu trabalho aqui na escola com colegas...tenho aqui |
| E10 | Expectativas a Médio Prazo\Escolares | 238 | depois de concluir é que vou ver como posso utilizar esta |
| E10 | Expectativas a Médio Prazo\Escolares | 240 | Em termos profissionais a s empresas não estão preparadas para |
| E10 | Expectativas a Médio Prazo\Escolares | 242 | As empresas não estão, ou pelo menos não têm vontade de |
| E10 | Expectativas a Médio Prazo\Escolares | 250 | Acabar a gestão hoteleira |
| E10 | Expectativas a Médio Prazo\Pessoais | 206 | eu funciono muito por etapas. |
| E10 | Expectativas a Médio Prazo\Pessoais | 206 | Primeiro eu propus-me a fazer o 12º ano |
| E10 | Expectativas a Médio Prazo\Pessoais | 208 | acabei licenciatura mas consegui cumprir todas as etapas a que |
| E10 | Expectativas a Médio Prazo\Pessoais | 238 | satisfação pessoal e alguma estabilidade emocional, porque era |
| E10 | Expectativas a Médio Prazo\Pessoais | 246 | Encarasse as relações humanas com as pessoas de outra forma, |
| E10 | Expectativas a Médio Prazo\Pessoais | 252 | O curso de historia, vai ser a seguir. Se eu conseguir a |
| E10 | Expectativas a Médio Prazo\Pessoais | 254 | O voltar a estudar prejudicou a arbitragem, por que há dias que |
| E10 | Expectativas a Médio Prazo\Pessoais | 258 | A escola significa uma importância muito grande na formação, |
| E10 | Expectativas a Médio Prazo\Pessoais | 258 | A escola para mim significa, alem das ferramentas que podem |
| E10 | Expectativas a Médio Prazo\Pessoais | 260 | Em termos de realização pessoal foi muito bom para mim |
| E10 | Expectativas a Médio Prazo\Pessoais | 262 | Quer dizer que se nós não formos à escola não conseguimos |
| E10 | Expectativas a Médio Prazo\Profissionais | 246 | A nível de trabalho aqui há disciplinas que tenho aqui facto |
| E10 | Expectativas a Médio Prazo\Profissionais | 250 | De preferência dar aulas |
| E10 | Expectativas a Médio Prazo\Profissionais | 250 | Mas quando acabar a gestão hoteleira vai-me dar valências para |
| E10 | Expectativas a Médio Prazo\Profissionais | 250 | se me surgir de ir para um hotel , fazer parte de um grupo de |
| E10 | Expectativas a Médio Prazo\Profissionais | 256 | fazer parte de um grupo de gestão pronto o que vier por |
| E10 | Expectativas a Médio Prazo\Profissionais | 258 | A escola significou, abrir novas oportunidades com as |

| | | | |
|-----|--|-----|---|
| E10 | Identificação\Cônjuge\Escolaridade | 26 | 9º ano |
| E10 | Identificação\Cônjuge\Profissão | 24 | funcionária numa escola, é 1ª oficial. |
| E10 | Identificação\Filhos\Número | 27 | um filho |
| E10 | Identificação\Filhos\Número\Escolaridade | 22 | um irmão que é GNR |
| E10 | Identificação\Filhos\Número\Escolaridade | 22 | uma irmã que é empresária |
| E10 | Identificação\Filhos\Número\Escolaridade | 22 | outro irmão que é também empresário, distribuição de gás, no |
| E10 | Identificação\Filhos\Número\Escolaridade | 22 | um irmão que trabalha em hotelaria que acabou agora o 9º ano |
| E10 | Identificação\Filhos\Número\Escolaridade | 22 | uma irmã que também é empresária, que é cabeleireira |
| E10 | Identificação\Filhos\Número\Escolaridade | 22 | outra minha irmã que também estava a estudar na Universidade |
| E10 | Identificação\Filhos\Número\Escolaridade | 27 | 10º ano |
| E10 | Identificação\Filhos\Número\Idades | 30 | 15 |
| E10 | Identificação\Idade | 4 | 44 |
| E10 | Identificação\Irmãos\Escolaridade | 20 | Os meus irmãos não estudaram, tenho apenas um irmão que estudou |
| E10 | Identificação\Irmãos\Número | 16 | 6 irmãos |
| E10 | Identificação\Irmãos\Número | 18 | Somos 7 e tenho uma irmã gémea |
| E10 | Identificação\Local de Nascimento | 6 | Freguesia de Santa Justa em Lisboa |
| E10 | Identificação\Local de Nascimento | 34 | nascido em Lisboa os meus pais foram para África. Depois do 25 |
| E10 | Identificação\Local de Nascimento | 36 | em Nova Lisboa, perto de Angola |
| E10 | Identificação\Pais\Escolaridade Mãe | 10 | 4 classe |
| E10 | Identificação\Pais\Escolaridade Pai | 10 | 4 classe |
| E10 | Identificação\Pais\profissão Mãe | 14 | doméstica |
| E10 | Identificação\Pais\Profissão Pai | 14 | jornaleiro |
| E10 | Identificação\Pais\Profissão Pai | 14 | trabalhava à jorna na aldeia, na agricultura |
| E10 | Identificação\Profissão\1º Trabalho | 34 | comecei a trabalhar em hotelaria desde os meus 20 anos... 19, |
| E10 | Identificação\Profissão\1º Trabalho | 128 | o único sítio onde consegui arranjar em prego foi na hotelaria |
| E10 | Identificação\Profissão\Importância do Trabalho | 58 | foi importante criar alguma possibilidade de fazer outras |
| E10 | Identificação\Profissão\Importância do Trabalho | 60 | Atualmente acho que não é fácil, é muito difícil hoje |
| E10 | Identificação\Profissão\Importância do Trabalho | 61 | desemprego? O que tem a dizer? : É uma grande calamidade, pois |
| E10 | Identificação\Profissão\Profissão Atual | 8 | formador de hotelaria, na área técnica de hotelaria, mesas, bar |
| E10 | Identificação\Sexo\Masculino | 4 | G |
| E10 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Benefícios no Empre | 54 | achei como relação profissional tinha capacidade para fazer |
| E10 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Mudar de vida | 150 | o querer fazer mais qualquer coisa na minha vida |
| E10 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Realização Pessoal | 54 | sempre foi um sonho |

| | | | |
|-----|--|-----|---|
| E10 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Realização Pessoal | 56 | mas era uma coisa que eu queria fazer e dava-me uma grande |
| E10 | Papel do Professor\Práticas Letivas\Atividades\TPC | 144 | trabalhos faço muitas vezes entre-a meia noite e as 3 , 4 da |
| E10 | Papel do Professor\Práticas Letivas\Atividades\Trabalhos de Grupo | 164 | a professora de português, que na altura era uma coisa que eu |
| E10 | Papel do Professor\Relação Professor-Aluno\Compreensão | 162 | Tive a felicidade de ter um grupo de professores também |
| E10 | Papel do Professor\Relação Professor-Aluno\Compreensão | 164 | tivemos sempre uma empatia muito grande entre nos e o facto de |
| E10 | Papel do Professor\Relação Professor-Aluno\Empatia | 164 | um grupo de professores muito bom. Posso ate dizer que aquilo |
| E10 | Papel do Professor\Relação Professor-Aluno\Respeito Mútuo | 164 | Eles tinham a sua função , nos tínhamos a nossa, houve sempre |
| E10 | Percurso Escolar até 9º ano\1º ciclo\Ano da Retenção | 70 | 4ª classe |
| E10 | Percurso Escolar até 9º ano\1º ciclo\Ano da Retenção\Causa da Retenção | 70 | o meu pai foi preso pela MPLA. Foi preso e torturado em plena |
| E10 | Percurso Escolar até 9º ano\1º ciclo\Ano da Retenção\Causa da Retenção | 72 | Com 10 anos o meu pai obrigava-nos a estarmos com armas |
| E10 | Percurso Escolar até 9º ano\1º ciclo\Ano da Retenção\Causa da Retenção | 74 | Meu pai nem sequer gostara de política e nunca |
| E10 | Percurso Escolar até 9º ano\3º Ciclo\Ano da Retenção | 90 | não acabei o 9º ano |
| E10 | Percurso Escolar até 9º ano\3º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da Retenção | 90 | tive de desistir porque apesar de o dinheiro ser pouco e era |
| E10 | Percurso Escolar até 9º ano\3º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da Retenção | 92 | tínhamos uma prima que vivia em França que disse que havia |
| E10 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Negativas\Desilusão | 98 | a situação de ter de sair de Angola daquela forma, foi muito |
| E10 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Positivas\Bons resultados | 82 | era muito bom aluno |
| E10 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Positivas\Bons resultados | 84 | 2º ano do 1º ciclo e eu dispensei aos exames tinha notas |
| E10 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Positivas\Bons resultados | 104 | queria acabar o 9 ano porque queria ser professor |
| E10 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Positivas\Bons resultados | 106 | Eu queria dar aulas, eu queria ser professor. |
| E10 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Positivas\Professores | 90 | Entretanto uma professora que eu tinha de trabalhos manuais que |
| E10 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Colegas\Ajuda | 170 | encontrávamo-nos muitas vezes em casa de uma colega que era a |
| E10 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Colegas\Ajuda | 172 | aqueles 10, 15 minutos que eu estava com eles , eu queria |
| E10 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Colegas\Empatia da turma | 162 | Tive numa turma que era espetacular |
| E10 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Colegas\Empatia da turma | 168 | tive e felicidade de cair num grupo muito bom... |
| E10 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Colegas\Empatia da turma | 170 | Foram excecionais. |
| E10 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Colegas\Empatia da turma | 196 | o grupo em que eu estava inserido que eram os colegas era |
| E10 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Escolha do Curso\Ciências Sociais | 187 | ciências sociais |
| E10 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Escolha do Curso\Ciências Sociais | 188 | eu sou um apaixonado por historia, eu gosto muito de historia. |
| E11 | Causas do Abandono Escolar\Escolaridade obrigatória | 101 | Aliás, eu mesmo enquanto estudei, até ao momento em que fiquei |
| E11 | Causas do Abandono Escolar\Escolaridade obrigatória | 103 | íamos para a escola, os homens iam para a tropa, nós não íamos |
| E11 | Causas do Abandono Escolar\Gravidez | 89 | Abandonei porque fiquei grávida |
| E11 | Causas do Abandono Escolar\Gravidez | 89 | Fiquei grávida e decidi ir contra o conselho e a vontade de |

| | | | |
|-----|--|-----|---|
| E11 | Causas do Abandono Escolar\Querer começar a trabalhar\Independência económica | 27 | Eu tinha doze anos mas foram uns doze anos precoces, eram uns |
| E11 | Causas do Abandono Escolar\Situações familiares | 129 | O clique começou quando eu entretanto me separei ao fim de ... |
| E11 | Causas do Abandono Escolar\Situações familiares | 139 | Arranjei uma casa com o Zé, com o pai da Maria. O Zé tinha três |
| E11 | Causas do Abandono Escolar\Situações familiares | 141 | Vinte e poucos anos e tinha quatro filhos, tudo pequeno. |
| E11 | Causas do Abandono Escolar\Situações familiares | 145 | Eu e o Zé separamo-nos. O Zé tem uma paixão por uma colega de |
| E11 | Causas do Abandono Escolar\Situações familiares | 147 | Não queria viver á conta e precisava de mostrar isso. Também |
| E11 | Causas do Abandono Escolar\Situações familiares | 151 | eu nessa altura podia ter entrado numa de dizer assim: “eu |
| E11 | Causas do Abandono Escolar\Situações familiares | 161 | Estava a trabalhar nessa empresa de logística de marketing ... |
| E11 | Causas do Abandono Escolar\Situações familiares | 163 | disse assim: “vou tentar” ... “vou tentar”. Estava só, estava com |
| E11 | Causas do Abandono Escolar\Situações Financeiras | 91 | entrei mesmo no mercado de trabalho |
| E11 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida Profissional\Ajuda de Familiares nos Conteúdos | 223 | há uma relação entre mim e ela que envolve o estudo. Até porque |
| E11 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida Profissional\Entrar no Ritmo | 255 | Eu tinha muita vontade. |
| E11 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida Profissional\Entrar no Ritmo | 255 | a vontade que eu sentia, dava-me imenso prazer chegar ao final |
| E11 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida Profissional\Entrar no Ritmo | 294 | estou-me a lembrar de algumas colegas com miúdos pequenos, |
| E11 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida Profissional\Papel da Família\Importância / Valor | 227 | houve um momento em que eu acreditei que a Maria ... que eu podia |
| E11 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida Profissional\Papel da Família\Instabilidade | 312 | houve algumas alterações. Alteraram-se ritmos, alteraram-se |
| E11 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida Profissional\Papel da Família\Instabilidade | 312 | mais instabilidade em termos de disponibilidade |
| E11 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida Profissional\Papel da Família\Instabilidade | 312 | eu tão depressa estou muito disponível como estou indisponível. |
| E11 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da Vida Profissional\Só com muita motivação | 272 | Foi os professores, os colegas, quer dizer, tudo aquilo, foi o |
| E11 | Escolha da Escola\Perto de casa | 205 | mais próximo da minha casa |
| E11 | Expectativas a Médio Prazo\Escolares | 310 | Estou em antropologia, |
| E11 | Expectativas a Médio Prazo\Escolares | 310 | a experiência foi tão boa durante o secundário, quer daquilo |
| E11 | Expectativas a Médio Prazo\Escolares | 318 | acabar o 3º ano de antropologia; |
| E11 | Expectativas a Médio Prazo\Escolares | 318 | estou a pensar, no próximo ano parar, ou seja, quando digo |
| E11 | Expectativas a Médio Prazo\Escolares | 318 | neste momento a pensar em mestrado, acho que fazia “imagem e |
| E11 | Expectativas a Médio Prazo\Escolares | 319 | O mestrado não está fora de questão, nem pouco mais ou menos. |
| E11 | Expectativas a Médio Prazo\Pessoais | 310 | Também aprendi porque gostei de aprender e dediquei-me, |
| E11 | Expectativas a Médio Prazo\Pessoais | 310 | deu-me gozo |

| | | | |
|-----|---|-----|---|
| E11 | Expectativas a Médio Prazo\Pessoais | 310 | deu-me prazer |
| E11 | Expectativas a Médio Prazo\Pessoais | 310 | autoestima. |
| E11 | Expectativas a Médio Prazo\Pessoais | 312 | Eu acho que passei a sentir-me uma pessoa mais capaz de estar |
| E11 | Expectativas a Médio Prazo\Pessoais | 312 | a nível pessoal eu acho que houve um enriquecimento bem termos |
| E11 | Expectativas a Médio Prazo\Pessoais | 312 | em relação aos amigos, o que é um facto é que a gente vem para |
| E11 | Identificação\Cônjuge\Idade | 183 | Tem mais treze anos que eu |
| E11 | Identificação\Cônjuge\Profissão | 181 | arquiteto |
| E11 | Identificação\Filhos\Número | 15 | duas filhas. |
| E11 | Identificação\Filhos\Número\Escolaridade | 19 | enfermeira |
| E11 | Identificação\Filhos\Número\Escolaridade | 19 | tirou o curso de enfermagem em Londres, terminou o curso, ficou |
| E11 | Identificação\Filhos\Número\Escolaridade | 21 | acabou o 12º ano e agora está a fazer uma disciplina para |
| E11 | Identificação\Filhos\Número\Idades | 17 | 28 anos |
| E11 | Identificação\Filhos\Número\Idades | 21 | 19 |
| E11 | Identificação\Idade | 3 | 45 |
| E11 | Identificação\Irmãos\Idade | 29 | uma irmã com menos oito anos |
| E11 | Identificação\Irmãos\Número | 29 | uma irmã. |
| E11 | Identificação\Local de Nascimento | 5 | Lisboa, em casa, em São Vicente, Alfama |
| E11 | Identificação\Pais\Escolaridade Mãe | 13 | 4ª classe |
| E11 | Identificação\Pais\Escolaridade Pai | 13 | 4ª classe |
| E11 | Identificação\Pais\profissão Mãe | 9 | trabalhava numa fábrica de camisas, era encarregada numa |
| E11 | Identificação\Pais\Profissão Pai | 9 | topógrafo |
| E11 | Identificação\Profissão\1º Trabalho | 25 | doze anos |
| E11 | Identificação\Profissão\1º Trabalho | 25 | comecei com aqueles esquemas de trabalhar nas férias |
| E11 | Identificação\Profissão\Importância do Trabalho | 37 | trabalho para mim sempre foi uma questão mais de sobrevivência |
| E11 | Identificação\Profissão\Importância do Trabalho | 33 | tive que insistir com os meus pais para me deixarem trabalhar. |
| E11 | Identificação\Profissão\Importância do Trabalho | 33 | os meus trabalhos foram sempre muito variados |
| E11 | Identificação\Profissão\Importância do Trabalho | 33 | Nunca tive muita facilidade em me fixar num emprego. |
| E11 | Identificação\Profissão\Importância do Trabalho | 33 | Na maior parte dos casos eram trabalhos pontuais e eu fazia o |
| E11 | Identificação\Profissão\Importância do Trabalho | 39 | também era qualquer coisa que de alguma forma me provocava uma |
| E11 | Identificação\Profissão\Importância do Trabalho | 41 | No mesmo sítio a fazer a mesma coisa |
| E11 | Identificação\Profissão\Importância do Trabalho | 43 | Eu trabalhei em hotelaria, vendas de roupas, coisas ao |
| E11 | Identificação\Profissão\Importância do Trabalho | 45 | Vendi revistas |
| E11 | Identificação\Profissão\Profissão Atual | 7 | desde que voltei a estudar deixei de trabalhar. |

| | | | |
|-----|---|-----|---|
| E11 | Identificação\Sexo\Feminino | 3 | A |
| E11 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Ambiente envolvent | 129 | conheci o pai da Maria e comecei a entrar num universo, num |
| E11 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Ambiente envolvent | 131 | O ambiente começou-me a provocar ... |
| E11 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Ambiente envolvent | 137 | comecei a olhar para as coisas de outra maneira e a dizer: “é |
| E11 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Ambiente envolvent | 237 | Porque é que não fazes já o ADOC e não vais já para a |
| E11 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Mostrar aos filhos | 229 | “eu preciso de mostrar à Maria o que é necessário fazer para |
| E11 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Mostrar aos filhos | 248 | era para acompanhar a Maria |
| E11 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Aumentar Conhecim | 237 | uma sede imensa de saber, de conhecer. |
| E11 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Aumentar Conhecim | 237 | muitos amigos meus que me dizia: “Mas tu não precisas de ir |
| E11 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Aumentar Conhecim | 251 | eu tinha um círculo de amigos muito próximos de mim, em que eu |
| E11 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Aumentar Conhecim | 251 | Havia coisas que eu não era capaz de acompanhar, havia coisas |
| E11 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Aumentar Conhecim | 253 | todos eles me incentivavam a recomeçar. |
| E11 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Autoestima\Confian | 235 | foi de ordem pessoal. |
| E11 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Autoestima\Confian | 233 | Eu estive sempre à procura é de encontrar um momento em que eu |
| E11 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Realização Pessoal | 205 | depois acaba por coincidir com o meu desemprego. Portanto a |
| E11 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Realização Pessoal | 249 | era mesmo um projeto pessoal. |
| E11 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Realização Pessoal | 249 | Era um enriquecimento pessoal. |
| E11 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Realização Pessoal | 249 | era qualquer coisa que eu precisava de provar. |
| E11 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Realização Pessoal | 251 | Que eu era capaz de fazer |
| E11 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Realização Pessoal | 259 | Eu sentia que eu estava a fazer alguma coisa por mim. |
| E11 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Realização Pessoal | 261 | eu costumo pensar que tive duas coisas muito importantes no |
| E11 | Papel do Professor\Práticas Letivas\Atividades\Trabalhos de Gr | 278 | punha-nos a fazer apresentações orais |
| E11 | Papel do Professor\Práticas Letivas\Atividades\Trabalhos de Gr | 280 | eu felizmente hoje já consegui fazer um percurso que eu acho |
| E11 | Papel do Professor\Práticas Letivas\Atividades\Trabalhos de Gr | 282 | eu estive quase para desistir. Mas depois não. Mas se eu vou |
| E11 | Papel do Professor\Práticas Letivas\Relação Aluno / Colegas\Laz | 290 | encontrei uma turma onde se conseguiu construir um grupo de |
| E11 | Papel do Professor\Práticas Letivas\Relação Aluno / Colegas\Laz | 292 | por serem todos mais velhos. |
| E11 | Papel do Professor\Práticas Letivas\Relação Aluno / Colegas\Laz | 294 | Os mais novos, se nós olharmos para a turma, os mais novos |
| E11 | Papel do Professor\Práticas Letivas\Relação Aluno / Colegas\Laz | 296 | acabaram por ficar os mais velhos, tirando o João. |
| E11 | Papel do Professor\Relação Professor-Aluno\Empatia | 290 | eu acho que tive muita sorte com as pessoas que tenho |
| E11 | Papel do Professor\Relação Professor-Aluno\Empatia | 298 | com os próprios professores se estabeleceu uma relação que foi |
| E11 | Papel do Professor\Relação Professor-Aluno\Empatia | 298 | quando entrei na faculdade, foi o primeiro impacto que eu tive, |
| E11 | Percurso Escolar até 9º ano\3º Ciclo\Ano da Retenção | 81 | chumbei no 8º ano |
| E11 | Percurso Escolar até 9º ano\3º Ciclo\Ano da Retenção | 85 | acabei por não terminar o 8º ano |

| | | | |
|-----|---|-----|---|
| E11 | Percurso Escolar até 9º ano\3º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da | 85 | Chumbei por faltas. |
| E11 | Percurso Escolar até 9º ano\3º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da | 73 | Comecei a fumar e pronto |
| E11 | Percurso Escolar até 9º ano\3º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da | 89 | Abandonei porque fiquei grávida |
| E11 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Negativas\Adaptação ao mo | 185 | Fiz o exame do 9º ano e... : Que é uma prova que tem Português, |
| E11 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Negativas\Assimilação dos co | 121 | Cumpria aquilo que era necessário |
| E11 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Negativas\Desilusão | 121 | Eu era uma criança gorda e isso dava-me alguns problemas na |
| E11 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Positivas\25 abril | 125 | eu ia lá para as associações |
| E11 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Positivas\25 abril | 125 | para os comícios, |
| E11 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Positivas\25 abril | 121 | eram mais as questões à volta daquilo que passou a ser o |
| E11 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Positivas\25 abril | 126 | Um ativista |
| E11 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Positivas\Professores | 125 | eu não tenho memórias de ter maus professores |
| E11 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Positivas\Professores | 125 | Eu acho que dava mesmo pouca importância àquilo |
| E11 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Colegas\Ajuda | 269 | foi no Camões que eu comecei a sentir a escola a sério |
| E11 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Colegas\Lazer / saídas | 217 | Costumo sair com colegas da escola, com amigos. |
| E11 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Disciplinas do Curso\Falta de | 302 | Eu estava à espera de conseguir no 10º, 11º e 12º, estava à |
| E11 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Disciplinas do Curso\Falta de | 304 | uma vez por semana, uma hora e meia! Portanto, eu não estava à |
| E11 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Escolha do Curso\Ciências So | 287 | ciências sociais |
| E11 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Escolha do Curso\Ciências So | 288 | as coisas que eu queria aprender estavam todas muito mais |
| E11 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens\Balanço | 327 | o interregno foi importante e, se calhar, se não tivesse sido o |
| E11 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens\Balanço | 329 | Acho que a maturidade que me proporcionou aquilo que eu fiz |
| E11 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens\Balanço | 329 | que é enriquecedor porque nos abre horizontes, |
| E11 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens\Balanço | 329 | porque nos ajuda a pensar as coisas de outra maneira, abre-nos |
| E11 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens\Balanço | 329 | eu acho que voltar a estudar, pelo menos no meu caso, não é? O |
| E11 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens\Balanço | 331 | a aprofundar de outra maneira, querendo sempre procurar mais. |
| E11 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens\Balanço | 331 | Quer dizer, acho que se eu tivesse continuado tinha mesmo |
| E12 | Causas do Abandono Escolar\Situações familiares | 119 | houve uma interrupção abrupta, porque foi o desmembrar do meu |
| E12 | Causas do Abandono Escolar\Situações familiares | 119 | Houve ali um corte muito profundo que me deixou muito mal |
| E12 | Causas do Abandono Escolar\Situações familiares | 137 | se me reportar aos anos em que o meu marido se foi embora, eu |
| E12 | Causas do Abandono Escolar\Situações familiares | 137 | Depois houve um período de estagnação e, quando os rapazes já |
| E12 | Causas do Abandono Escolar\Situações familiares | 208 | a rutura do meu casamento e foi uma coisa tão terrível como se |
| E12 | Causas do Abandono Escolar\Situações familiares | 210 | não é fácil de recuperar. |
| E12 | Causas do Abandono Escolar\Situações familiares | 212 | Possivelmente os meus filhos não acabaram as licenciaturas ... |
| E12 | Causas do Abandono Escolar\Situações familiares | 214 | Quando há um casamento assim, que termina, deixa marcas bem |

| | | | |
|-----|---|-----|---|
| E12 | Causas do Abandono Escolar\Situações Financeiras | 22 | não me foram dadas condições de poder estudar |
| E12 | Causas do Abandono Escolar\Situações Financeiras | 22 | na Beira Baixa, na Idanha, e lá havia liceu, de facto, mas o |
| E12 | Causas do Abandono Escolar\Situações Financeiras | 24 | nessa altura eu não podia ir para Castelo Branco. Fui colocada |
| E12 | Causas do Abandono Escolar\Situações Financeiras | 30 | vim expectante que a minha tia, como tinham muitas |
| E12 | Causas do Abandono Escolar\Situações Financeiras | 30 | na ânsia de poder ir estudar. |
| E12 | Causas do Abandono Escolar\Situações Financeiras | 56 | Na 4ª classe. Fiz o exame de admissão que era logo de imediato |
| E12 | Causas do Abandono Escolar\Situações Financeiras | 58 | Ele não respondeu. Por isso fui para a costura. |
| E12 | Causas do Abandono Escolar\Situações Financeiras | 66 | entretanto vim para Lisboa na expectativa que os meus tios, que |
| E12 | Causas do Abandono Escolar\Situações Financeiras | 103 | Deixei de estudar porque entretanto eles também tinham que ir |
| E12 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida P lar\Abdicação do Lazer / descanso | 260 | ao Sábado e ao Domingo posso precisar de trabalhar, se o |
| E12 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida P lar\Abdicação do Lazer / descanso | 264 | Buscar energia ao sol, porque eu sem sol não sou ninguém. |
| E12 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da Vida P Escolar\Carga Horária | 256 | fiquei com os horários mais livres. |
| E12 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da Vida P Escolar\Carga Horária | 256 | a costura faço muito bem. A parte de costura já conjugo ... |
| E12 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da Vida P Escolar\Só com muita motivação | 240 | Era violento |
| E12 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da Vida P Escolar\Só com muita motivação | 240 | é preciso mesmo amar o estudo para se continuar. |
| E12 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da Vida P Escolar\Só com muita motivação | 240 | depois de um dia inteiro de trabalho ir para ali à noite, com |
| E12 | Escolha da Escola\Perto de casa | 222 | fácil acesso a minha casa. |
| E12 | Escolha da Escola\Referências | 222 | E também porque havia muitos escritores de livros que eu gosto, |
| E12 | Expectativas a Médio Prazo\Escolares | 268 | acabar a licenciatura |
| E12 | Expectativas a Médio Prazo\Escolares | 270 | Já estou a perguntar-me o que vou fazer do meu tempo, quando |
| E12 | Expectativas a Médio Prazo\Escolares | 272 | Mestrado não. Mestrado nunca. Se encontrar uma pós-graduação de |
| E12 | Expectativas a Médio Prazo\Escolares | 274 | o mestrado é mais um, digamos é mais um título que não me |
| E12 | Expectativas a Médio Prazo\Escolares | 274 | sou mais capaz de fazer outra licenciatura do que o mestrado, |
| E12 | Expectativas a Médio Prazo\Pessoais | 20 | Estou reformada no papel porque eu continuo a fazer o que eu |
| E12 | Expectativas a Médio Prazo\Pessoais | 282 | Mudanças, obviamente que houve mudanças, porque se eu estivesse |
| E12 | Expectativas a Médio Prazo\Pessoais | 292 | não consigo perceber nem os meus filhos que acabaram a |
| E12 | Expectativas a Médio Prazo\Pessoais | 298 | eu continuo a ser a mesma mulher que fui sempre, |
| E12 | Identificação\Cônjuge\Escolaridade | 12 | tinha o liceu. |
| E12 | Identificação\Cônjuge\Observações | 10 | Fui casada durante 30 anos. |
| E12 | Identificação\Cônjuge\Profissão | 10 | diretor de uma situação de vendas, marketing |

| | | | |
|-----|--|-----|---|
| E12 | Identificação\Filhos\Número | 14 | dois |
| E12 | Identificação\Filhos\Número\Escolaridade | 18 | Carlos tem o 3º ano de economia, não acabou. |
| E12 | Identificação\Filhos\Número\Escolaridade | 18 | Miguel ficou com o 2º ano de jornalismo porque entretanto |
| E12 | Identificação\Filhos\Número\Idades | 16 | Trinta e seis |
| E12 | Identificação\Filhos\Número\Idades | 16 | quarenta e três anos. |
| E12 | Identificação\Filhos\Número\Observações | 294 | Um não está motivado para nada ... |
| E12 | Identificação\Filhos\Número\Observações | 296 | outro está mais motivado para ganhar dinheiro |
| E12 | Identificação\Idade | 6 | 65 |
| E12 | Identificação\Irmãos\Escolaridade | 72 | A minha irmã mais nova saiu muito cedo da Idanha com a minha |
| E12 | Identificação\Irmãos\Número | 70 | cinco irmãs. |
| E12 | Identificação\Local de Nascimento | 4 | Idanha-a-Nova, no interior da Beira Baixa, raia de Espanha, |
| E12 | Identificação\Pais\Observações | 8 | Apesar de terem casa na vila havia uma discriminação entre as |
| E12 | Identificação\Pais\profissão Mãe | 8 | dona-de-casa |
| E12 | Identificação\Pais\Profissão Pai | 8 | alfaiate |
| E12 | Identificação\Profissão\1º Trabalho | 28 | Comecei como aprendiz. |
| E12 | Identificação\Profissão\Importância do Trabalho | 28 | com 12 anos para Lisboa. |
| E12 | Identificação\Profissão\Importância do Trabalho | 30 | vim para Lisboa com 12 anos e meteram-me na costura |
| E12 | Identificação\Profissão\Importância do Trabalho | 36 | Uma vida só se constrói com trabalho, seja de que maneira for. |
| E12 | Identificação\Profissão\Importância do Trabalho | 36 | O trabalho é a nossa realização, seja que trabalho for. |
| E12 | Identificação\Profissão\Importância do Trabalho | 36 | A pessoa tem que escolher o trabalho que gosta porque um |
| E12 | Identificação\Profissão\Importância do Trabalho | 44 | quando foi o 25 de Abril, foi uma situação muito penosa para as |
| E12 | Identificação\Profissão\Importância do Trabalho | 125 | Costura é arte mas, agora que já sei mais, são profissões |
| E12 | Identificação\Profissão\Início de trabalho | 26 | 11 anos |
| E12 | Identificação\Profissão\Profissão Atual | 6 | modista |
| E12 | Identificação\Sexo\Feminino | 2 | Is |
| E12 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\“Passar o tempo” | 133 | Porque depois os filhos ficaram criados, os filhos deixaram as |
| E12 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Aumentar Conhecim | 111 | Essa fome, que ainda hoje eu tenho, essa fome, isso nunca pode |
| E12 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Aumentar Conhecim | 111 | Única e simplesmente só para saber |
| E12 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Aumentar Conhecim | 118 | só pela ânsia de saber |
| E12 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Aumentar Conhecim | 148 | universidade da terceira idade |
| E12 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Aumentar Conhecim | 151 | Andei três anos na universidade da terceira idade porque isso |
| E12 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Aumentar Conhecim | 155 | nós podíamos escolher as cadeiras que gostaríamos mais. |
| E12 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Aumentar Conhecim | 157 | era uma forma de saber |

| | | | |
|-----|--|-----|---|
| E12 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Aumentar Conhecim | 157 | era uma forma de procurar conhecimentos. |
| E12 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Aumentar Conhecim | 159 | tinha a facilidade do transporte. |
| E12 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Aumentar Conhecim | 161 | tinha uns horários que eram compatíveis com o meu trabalho, que |
| E12 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Aumentar Conhecim | 165 | Foram as pessoas já de uma certa idade, que já tinha, que não |
| E12 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Aumentar Conhecim | 169 | Depois era muito engraçado porque além das cadeiras, tinha uma |
| E12 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Aumentar Conhecim | 181 | havia só um professore que fazia exames, que era o professor de |
| E12 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Aumentar Conhecim | 254 | só há progresso se as pessoas tiverem conhecimento. |
| E12 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Mudar de vida | 127 | o que eu queria mesmo era entrar numa situação académica |
| E12 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Mudar de vida | 127 | na costura eu não teria, apesar de gostar muito. |
| E12 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Mudar de vida | 127 | Agarrar num bocado de tecido e fazer um fato é uma coisa |
| E12 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Mudar de vida | 128 | pensou ir para a Ricardo Espírito Santo? : Talvez tenha a ver |
| E12 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Realização Pessoal | 95 | Eu voltei a estudar porque durante muitos anos não me tinha |
| E12 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Realização Pessoal | 95 | Eu fiquei sempre, desde criança, esfoameada por estudar. |
| E12 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Realização Pessoal | 95 | quando eu tive oportunidade de mitigar essa fome, eu fui. |
| E12 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Realização Pessoal | 111 | Só para me realizar. |
| E12 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Realização Pessoal | 111 | Porque se me tivesse sido dada a chance de eu poder estudar, eu |
| E12 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Realização Pessoal | 139 | os rapazes não me davam apoio e porque havia uma grande |
| E12 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Realização Pessoal | 141 | Estava sozinha em casa. |
| E12 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Realização Pessoal | 143 | sozinha em casa. Agora é que eu disse: “vou acabar”. E resolvi |
| E12 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Realização Pessoal | 216 | O trabalho foi o meu refúgio. A escola foi o meu carinho. |
| E12 | Papel do Professor\Práticas Letivas\Relação Aluno / Colegas\Laze | 226 | eu facilmente faço amizades, |
| E12 | Papel do Professor\Práticas Letivas\Relação Aluno / Colegas\Laze | 226 | facilmente me adapto, |
| E12 | Papel do Professor\Práticas Letivas\Relação Aluno / Colegas\Laze | 248 | uma ligação excelente |
| E12 | Papel do Professor\Práticas Letivas\Relação Aluno / Colegas\Laze | 248 | Foi excelente |
| E12 | Papel do Professor\Práticas Letivas\Relação Aluno / Colegas\Laze | 250 | Muito coesos |
| E12 | Papel do Professor\Práticas Letivas\Relação Aluno / Colegas\Laze | 250 | preocupados quando uns não iam telefonavam para tentar aliviar |
| E12 | Papel do Professor\Práticas Letivas\Relação Aluno / Colegas\Laze | 250 | Foi fabuloso o tratamento, a forma como me adotaram, porque no |
| E12 | Papel do Professor\Práticas Letivas\Relação Aluno / Colegas\Laze | 250 | nunca houve uma discriminação, ou porque era a velha |
| E12 | Papel do Professor\Práticas Letivas\Relação Aluno / Colegas\Laze | 250 | Foi de facto fabuloso. |
| E12 | Papel do Professor\Preparação para lecionar Alunos Adultos | 228 | daí eu sempre fazer bastante diferença entre o professor, o |
| E12 | Papel do Professor\Preparação para lecionar Alunos Adultos | 228 | Muitos corresponderam, graças a Deus, às minhas expectativas, |
| E12 | Papel do Professor\Preparação para lecionar Alunos Adultos | 246 | Uns com conhecimentos incríveis |
| E12 | Papel do Professor\Relação Professor-Aluno\Compreensão | 228 | Todo o trabalho tem que ser exercido com amor e com dádiva |

| | | | |
|-----|---|-----|---|
| E12 | Papel do Professor\Relação Professor-Aluno\Empatia | 228 | as pessoas têm de ser acompanhadas por professores que se deem |
| E12 | Papel do Professor\Relação Professor-Aluno\Empatia | 228 | E se a pessoa anda lá só porque está a fazer horas, porque não |
| E12 | Papel do Professor\Relação Professor-Aluno\Empatia | 228 | E isso aconteceu, com mais do que um professor. |
| E12 | Papel do Professor\Relação Professor-Aluno\Empatia | 236 | A forma de ensinar, a forma como chegava até nós, todos os |
| E12 | Papel do Professor\Relação Professor-Aluno\Empatia | 238 | exigia de nós a nível de nos fazer pensar por nós próprios, de |
| E12 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Negativas\Desilusão | 101 | quando estava a acabar o 7º ano, foi quando o meu marido |
| E12 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Positivas\Bons resultados | 115 | Eu tinha muito boas notas |
| E12 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Positivas\Era um sonho | 38 | A escola foi um sonho que me acompanhou toda a vida, |
| E12 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Positivas\Era um sonho | 38 | desde os 4 anos. quando eu tinha 4 anos o meu avô, apesar de |
| E12 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Positivas\Era um sonho | 38 | O meu avô lia para nós todas as noites ao serão, na rua, á |
| E12 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Positivas\Era um sonho | 40 | E de facto habituei-me sempre a ouvir ler e com 4 anos já me |
| E12 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Positivas\Era um sonho | 78 | fiquei única e simplesmente com a instrução primária e o exame |
| E12 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Positivas\Professores | 115 | foi muito curioso porque eu quando tive de optar, no 5º ano |
| E12 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Colegas\Lazer / saídas | 204 | eu gosto muito de andar, eu fazia sete quilómetros todos os |
| E12 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Escolha do Curso\Ciências Soc | 186 | ciências sociais e humanas, |
| E12 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens\11º ano | 228 | inglês, eu tive uma professora que era muito boa mas que |
| E12 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens\Balanço | 222 | foi fabuloso. |
| E12 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens\Balanço | 252 | sem estudar não pode haver progresso no país. Independentemente |
| E12 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens\Balanço | 308 | foi tão gratificante como para mim. |
| E12 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens\Balanço | 310 | um bem-haja. |
| E13 | Causas do Abandono Escolar\Aliciada por um Prof | 139 | Era aliciada por um professor e eu aí medi as consequências. |
| E13 | Causas do Abandono Escolar\Aliciada por um Prof | 141 | então decidi ir trabalhar. Não queria viver de coisas |
| E13 | Causas do Abandono Escolar\Aliciada por um Prof | 143 | Tinha uma experiência traumática que não teve consequências |
| E13 | Causas do Abandono Escolar\Aliciada por um Prof | 143 | Mas eu não queria dizer ao meu pai porque o meu pai era uma |
| E13 | Causas do Abandono Escolar\Aliciada por um Prof | 145 | preservava-me um bocado, achei que ia começar a trabalhar |
| E13 | Causas do Abandono Escolar\Aliciada por um Prof | 147 | Tudo em casa dos meus pais, superprotegida. |
| E13 | Causas do Abandono Escolar\Gravidez | 191 | desisti porque engravidei. |
| E13 | Causas do Abandono Escolar\Gravidez | 193 | Engravidei, acabou, nunca mais pensei nisso |
| E13 | Causas do Abandono Escolar\Irresponsabilidade | 99 | Era cabulona porque era irresponsável, |
| E13 | Causas do Abandono Escolar\Irresponsabilidade | 99 | era muito inconsequente, muito voluntariosa. Via a vida sei |
| E13 | Causas do Abandono Escolar\Irresponsabilidade | 101 | era um bocado irresponsável, inconsequente. |
| E13 | Causas do Abandono Escolar\Irresponsabilidade | 109 | Pensava que o dinheiro caía do céu |
| E13 | Causas do Abandono Escolar\Irresponsabilidade | 109 | Em minha casa tínhamos uma vida normal mas uma vida boa, sem |

| | | | |
|-----|---|-----|---|
| E13 | Causas do Abandono Escolar\Irresponsabilidade | 111 | eu pensava que o dinheiro aparecia. |
| E13 | Causas do Abandono Escolar\Irresponsabilidade | 165 | um mundo do trabalho que eu não conhecia, uma vida |
| E13 | Causas do Abandono Escolar\Irresponsabilidade | 199 | Eu era inconsequente, fui inconsequente. |
| E13 | Causas do Abandono Escolar\Querer começar a trabalhar | 9 | Estava a estudar e interrompi e comecei a trabalhar em Lisboa. |
| E13 | Causas do Abandono Escolar\Querer começar a trabalhar | 145 | Como tinha pessoas conhecidas bem colocadas em lugares chave, |
| E13 | Causas do Abandono Escolar\Rebeldia\Pressão dos Pais | 117 | por pressão dos meus pais comecei a fazer o 12º, o 7º ano. E |
| E13 | Causas do Abandono Escolar\Rebeldia\Pressão dos Pais | 119 | era muito boa aluna a matemática |
| E13 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da Vida P Escolar\Cansativo | 271 | eu vinha do trabalho muito cansada ... isto aqui é muito |
| E13 | Escolha da Escola\Referências | 249 | as minhas habilitações já lá estavam. |
| E13 | Expectativas a Médio Prazo\Escolares | 307 | meu filho em primeiro lugar. : Claro. : Porque sempre apostou e |
| E13 | Expectativas a Médio Prazo\Escolares | 321 | É tirar o curso, sinceramente, apostar nele, para depois já |
| E13 | Expectativas a Médio Prazo\Escolares | 325 | é um hobby que ... quer dizer, que me dá prazer e dá-me prazer |
| E13 | Expectativas a Médio Prazo\Pessoais | 317 | porque me sinto feliz a ouvir os professores e a aprender com |
| E13 | Expectativas a Médio Prazo\Pessoais | 329 | Mudou, porque conheci professores, de alguns professores |
| E13 | Expectativas a Médio Prazo\Pessoais | 333 | uma pessoa que é de família, e eu sou, sei o desgosto que dei |
| E13 | Expectativas a Médio Prazo\Pessoais | 333 | porque sei que o meu filho também é uma pessoa ligada ao saber |
| E13 | Expectativas a Médio Prazo\Pessoais | 335 | numa perspetiva mais egoísta, eu vivo muito feliz, vivo na |
| E13 | Expectativas a Médio Prazo\Pessoais | 337 | Muito preenchida. |
| E13 | Expectativas a Médio Prazo\Profissionais | 327 | Abre horizontes. Dá outra perspetiva porque nos sentimos mais |
| E13 | Identificação\Cônjuge\Escolaridade | 19 | formado em química |
| E13 | Identificação\Cônjuge\Escolaridade | 51 | Tenho uma outra irmã que também acaba por começar a estudar, |
| E13 | Identificação\Cônjuge\Profissão | 19 | profissão liberal ligada à química |
| E13 | Identificação\Cônjuge\Profissão | 197 | a vida alterou-se e eu por motivos de vida separei-me. |
| E13 | Identificação\Filhos\Número | 20 | um filho |
| E13 | Identificação\Filhos\Número\Escolaridade | 21 | médico. |
| E13 | Identificação\Filhos\Número\Idades | 21 | 30 |
| E13 | Identificação\Idade | 3 | 60 |
| E13 | Identificação\Irmãos\Escolaridade | 47 | dois irmãos é que não têm ensino superior |
| E13 | Identificação\Irmãos\Escolaridade | 49 | Um é engenheiro agricultor; outro estava em direito e não |
| E13 | Identificação\Irmãos\Número | 45 | cinco |
| E13 | Identificação\Local de Nascimento | 63 | Numa aldeia de Trás-os-Montes |
| E13 | Identificação\Local de Nascimento | 65 | Trás-os-Montes, Vila Real. |

| | | | |
|-----|---|-----|---|
| E13 | Identificação\Pais\Escolaridade Mãe | 15 | 4ª classe |
| E13 | Identificação\Pais\Escolaridade Pai | 15 | 4ª classe |
| E13 | Identificação\Pais\profissão Mãe | 17 | dona-de-casa |
| E13 | Identificação\Pais\Profissão Pai | 17 | era da indústria e também tinha toda a parte agrícola |
| E13 | Identificação\Profissão\1º Trabalho | 25 | Trabalho desde os 23 anos. |
| E13 | Identificação\Profissão\1º Trabalho | 31 | Trabalhei na Segurança Social, serviços médico sociais, |
| E13 | Identificação\Profissão\Profissão Atual | 11 | Santa Casa da Misericórdia de Lisboa |
| E13 | Identificação\Profissão\Profissão Atual | 11 | administrativa, |
| E13 | Identificação\Profissão\Profissão Atual | 11 | trabalho em contabilidade. |
| E13 | Identificação\Profissão\Profissão Atual | 31 | e comecei o meu trabalho quando o meu filho tinha 14 anos. |
| E13 | Identificação\Sexo\Feminino | 2 | I2 |
| E13 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Pedido de Familiar | 233 | todas as pessoas que conviviam diretamente comigo sabiam |
| E13 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Pedido de Familiar | 243 | Quando ele acabou o curso, mesmo quando acabou, um dia fomos |
| E13 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Pedido de Familiar | 245 | fomos lá e ele disse. “ó mãe, estamos aqui muito perto”. Ele |
| E13 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Aumentar Conhecim | 33 | eu gosto muito de saber e atualmente os meios de trabalho são |
| E13 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Aumentar Conhecim | 35 | Enriquece sempre, o conhecimento enriquece. Por todos os |
| E13 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Aumentar Conhecim | 255 | Fora de casa, no trabalho, onde eu passava a maior parte do |
| E13 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Aumentar Conhecim | 273 | buscar conhecimentos. |
| E13 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Aumentar Conhecim | 273 | Há uma descontração natural que o saber dá às pessoas. |
| E13 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Aumentar Conhecim | 277 | Enche-nos interiormente |
| E13 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Aumentar Conhecim | 277 | Já não estou à espera de melhorar no meu trabalho; estou à |
| E13 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Gosto pela Leitura | 173 | em minha casa havia muitos livros e eu estive sempre ligada a |
| E13 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Gosto pela Leitura | 175 | gostava muito de livros, li muito e convivia com uma pessoa que |
| E13 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Realização Pessoal | 259 | Aliás todas as pessoas da minha família sabiam que eu não |
| E13 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Realização Pessoal | 261 | eu fiz notar, possivelmente, que eu não estava completamente |
| E13 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Realização Pessoal | 263 | o meu filho estava perto de sair ... pensei na situação, eu ia |
| E13 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Realização Pessoal | 267 | Ele ia sair de casa quando entrasse na especialidade. De |
| E13 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Realização Pessoal | 269 | em casa seria a televisão que era a cultura dos média. |
| E13 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Realização Pessoal | 273 | há outra postura de vida |
| E13 | Papel do Professor\Práticas Letivas\Clareza na exposição | 279 | Eles incutiam-nos mesmo, além de nos incutir o saber ... porque |
| E13 | Papel do Professor\Práticas Letivas\Clareza na exposição | 281 | ele tinha umas aulas interessantes |
| E13 | Papel do Professor\Práticas Letivas\Clareza na exposição | 291 | da maneira de ele explanar a matéria e a transmitir |
| E13 | Papel do Professor\Preparação para lecionar Alunos Adultos | 303 | tive ótimos professores |

| | | | |
|-----|--|-----|---|
| E13 | Papel do Professor\Relação Professor-Aluno\Compreensão | 253 | Foi muito bom porque tinha muito bons professores |
| E13 | Papel do Professor\Relação Professor-Aluno\Compreensão | 271 | acho que o professor é uma figura indispensável na vida de uma |
| E13 | Papel do Professor\Relação Professor-Aluno\Compreensão | 271 | eu precisaria de quem me orientasse para ir um bocadinho mais |
| E13 | Papel do Professor\Relação Professor-Aluno\Compreensão | 279 | quando chegava ao liceu as matérias que apresentavam e a |
| E13 | Papel do Professor\Relação Professor-Aluno\Compreensão | 297 | Eu tive ajuda de professores, não senti dificuldade porque os |
| E13 | Papel do Professor\Relação Professor-Aluno\Compreensão | 303 | Tive a ajuda de professores, muita ajuda, colaboração |
| E13 | Papel do Professor\Relação Professor-Aluno\Empatia | 253 | gostava dos professores, |
| E13 | Papel do Professor\Relação Professor-Aluno\Empatia | 275 | O que me marcou foi exatamente o conhecimento, os professores, |
| E13 | Papel do Professor\Relação Professor-Aluno\Empatia | 279 | Porque nesta sociedade tudo se dá em troca de alguma coisa. Os |
| E13 | Papel do Professor\Relação Professor-Aluno\Entusiasmo | 341 | porque me ajudaram realmente, porque na vida há muitas ajudas |
| E13 | Papel do Professor\Relação Professor-Aluno\Respeito Mútuo | 299 | Professores de quem eu gosto muito e por quem tenho o máximo |
| E13 | Percurso Escolar até 9º ano\3º Ciclo\Ano da Retenção | 71 | Reprovei no 1º ano |
| E13 | Percurso Escolar até 9º ano\3º Ciclo\Ano da Retenção | 71 | reprovei no 3º |
| E13 | Percurso Escolar até 9º ano\3º Ciclo\Ano da Retenção | 71 | no 5º |
| E13 | Percurso Escolar até 9º ano\3º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da | 73 | Por cabulice |
| E13 | Percurso Escolar até 9º ano\3º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da | 75 | Por cabulice, não queria estudar. |
| E13 | Percurso Escolar até 9º ano\3º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da | 77 | Não queria estudar de todo. |
| E13 | Percurso Escolar até 9º ano\3º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da | 85 | Porque era cabulona. |
| E13 | Percurso Escolar até 9º ano\3º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da | 89 | Não estudava. Queria só brincadeira, só queria brincadeira. |
| E13 | Percurso Escolar até 9º ano\3º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da | 91 | Era mimada. Eu era uma miúda muito mimada. |
| E13 | Percurso Escolar até 9º ano\3º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da | 93 | Era a única filha |
| E13 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Negativas\Adaptação ao mo | 81 | Quando fiz a admissão deixei o colégio e fui para o ensino |
| E13 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Positivas\Bons resultados | 59 | Era boa aluna |
| E13 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Positivas\Professores | 79 | Os professores eram ótimos professores. |
| E13 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Positivas\Professores | 83 | muito bons professores. Com o sentido de professor, aquela |
| E13 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Colegas\Empatia da turma | 253 | gostava do ambiente e foi ... foi realmente ... foi muito bom |
| E13 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Escolha do Curso\Ciências So | 281 | boas notas a História |
| E14 | Causas do Abandono Escolar\Querer começar a trabalhar | 13 | Fui trabalhar. |
| E14 | Causas do Abandono Escolar\Querer começar a trabalhar | 13 | Depois arrependi-me. |
| E14 | Causas do Abandono Escolar\Querer começar a trabalhar | 105 | Fui trabalhar realmente, fui mesmo trabalhar, com horário fixo. |
| E14 | Causas do Abandono Escolar\Querer começar a trabalhar | 136 | ok, eu não quero estudar mais, vou trabalhar |
| E14 | Causas do Abandono Escolar\Querer começar a trabalhar | 141 | Já tinha dito que não queria estudar e queria ir trabalhar. E |

| | | | |
|-----|---|-----|---|
| E14 | Causas do Abandono Escolar\Querer começar a trabalhar\Independência económica | 144 | os meus pais não lhe davam dinheiro e então era uma |
| E14 | Causas do Abandono Escolar\Querer começar a trabalhar\Independência económica | 143 | concertos |
| E14 | Causas do Abandono Escolar\Querer começar a trabalhar\Independência económica | 142 | para ir ao cinema com os amigos |
| E14 | Causas do Abandono Escolar\Querer começar a trabalhar\Independência económica | 142 | Para ter dinheiro |
| E14 | Causas do Abandono Escolar\Querer começar a trabalhar\Independência económica | 145 | na altura os concertos até eram em Cascais. |
| E14 | Causas do Abandono Escolar\Querer começar a trabalhar\Independência económica | 147 | Era o bilhete de comboio, era qualquer coisa lá, era o próprio |
| E14 | Causas do Abandono Escolar\Querer começar a trabalhar\Independência económica | 147 | eles não de davam dinheiro |
| E14 | Causas do Abandono Escolar\Querer começar a trabalhar\Independência económica | 247 | como eu me tornei independente, saí de casa cedo, apesar de ter |
| E14 | Causas do Abandono Escolar\Rebeldia | 11 | Eu era tipo a ovelha ranhosa da família. |
| E14 | Causas do Abandono Escolar\Rebeldia | 11 | Era maria-rapaz. Ainda hoje. |
| E14 | Causas do Abandono Escolar\Rebeldia | 13 | houve assim muito atrito entre mim e eles e acabei por desistir |
| E14 | Causas do Abandono Escolar\Rebeldia | 38 | resolvi pôr a mochila às costas para ir passear. |
| E14 | Causas do Abandono Escolar\Rebeldia | 40 | Com 16, quase 17. Fui à boleia e por aí fora, corri a Europa |
| E14 | Causas do Abandono Escolar\Rebeldia | 40 | Aí nessa altura era missangas, fios, pulseiras, descascar |
| E14 | Causas do Abandono Escolar\Rebeldia | 40 | Arranjar o dinheiro para me sustentar, para conseguir comer. |
| E14 | Causas do Abandono Escolar\Rebeldia | 117 | eu era muito rebelde |
| E14 | Causas do Abandono Escolar\Rebeldia | 117 | tive uma fase em que estar na cidade era complicado para mim. |
| E14 | Causas do Abandono Escolar\Rebeldia | 117 | E como havia muita complicação entre mim e os meus pais, eram |
| E14 | Causas do Abandono Escolar\Rebeldia | 117 | eu não era muito exigente |
| E14 | Causas do Abandono Escolar\Rebeldia | 117 | Só que muitas vezes eu queria, eu via os meus colegas a irem ao |
| E14 | Causas do Abandono Escolar\Rebeldia | 117 | Bonecas nunca quis. Agora skates, patins, bolas, isso, |
| E14 | Causas do Abandono Escolar\Rebeldia | 117 | mas nunca fui de exigir, eu quero |
| E14 | Causas do Abandono Escolar\Rebeldia | 119 | depois eu dizia-lhes que não havia problema em dizer onde é que |
| E14 | Causas do Abandono Escolar\Rebeldia | 119 | com 15 anos somos adolescentes e temos a mania que sabemos |
| E14 | Causas do Abandono Escolar\Rebeldia | 123 | Como não podia fazer aquilo que eu queria, eu não podia ir ao |
| E14 | Causas do Abandono Escolar\Rebeldia\Contra os Pais | 125 | Os meus pais ainda hoje são ... não são rígidos na educação ... são |
| E14 | Causas do Abandono Escolar\Rebeldia\Contra os Pais | 127 | São arrogantes |
| E14 | Causas do Abandono Escolar\Rebeldia\Contra os Pais | 127 | São ... é daquelas pessoas que ... quando nós nos referimos ao |
| E14 | Causas do Abandono Escolar\Rebeldia\Contra os Pais | 127 | o meu pai atingiu o topo, o meu pai foi administrador dos |

| | | | |
|-----|--|-----|---|
| E14 | Causas do Abandono Escolar\Rebeldia\Contra os Pais | 129 | naquela altura o ter motorista, o carro á porta, o motorista |
| E14 | Causas do Abandono Escolar\Rebeldia\Contra os Pais | 129 | a minha mãe começou a lidar com as esposas dos outros |
| E14 | Causas do Abandono Escolar\Rebeldia\Contra os Pais | 129 | eu agora não falo com os meus pais há uns meses. Zangámo-nos |
| E14 | Causas do Abandono Escolar\Rebeldia\Contra os Pais | 131 | Ainda hoje se eu fosse lá e que se usa as calças rotas de |
| E14 | Causas do Abandono Escolar\Rebeldia\Contra os Pais | 133 | Nunca liguei muito a isso. |
| E14 | Causas do Abandono Escolar\Rebeldia\Contra os Pais | 134 | até fazia pior para os provocar. |
| E14 | Causas do Abandono Escolar\Rebeldia\Contra os Pais | 135 | A minha mãe ainda hoje pensa que as meninas têm que vestir |
| E14 | Causas do Abandono Escolar\Rebeldia\Contra os Pais | 135 | Eu está quieta! Eram calças, calções. E então aí havia muitos |
| E14 | Causas do Abandono Escolar\Rebeldia\Contra os Pais\Esmola | 147 | Eu na altura andava naquela fase de me vestir toda de preto. |
| E14 | Causas do Abandono Escolar\Rebeldia\Contra os Pais\Esmola | 149 | Eu sei é que fiz o dinheiro do bilhete para ir ao concerto, do |
| E14 | Causas do Abandono Escolar\Rebeldia\Contra os Pais\Esmola | 151 | ainda fiz isso duas ou três vezes. |
| E14 | Causas do Abandono Escolar\Rebeldia\Contra os Pais\Esmola | 151 | Sem vergonha nenhuma. |
| E14 | Causas do Abandono Escolar\Rebeldia\Contra os Pais\Esmola | 152 | conseguia algum dinheiro |
| E14 | Causas do Abandono Escolar\Rebeldia\Contra os Pais\Esmola | 153 | fingia que estava a dormir |
| E14 | Causas do Abandono Escolar\Situações familiares | 181 | O marido quando começou a estudar também foi um bocado dor de |
| E14 | Causas do Abandono Escolar\Situações familiares | 183 | Foi quando eu lhe disse que ia recomeçar a estudar é que ele |
| E14 | Causas do Abandono Escolar\Situações familiares | 185 | Ele foi estudar para o liceu, acabou o 11º e o 12º |
| E14 | Causas do Abandono Escolar\Situações familiares | 187 | Fez num ano quer dizer ... andou lá um ano à noite, não fez as |
| E14 | Causas do Abandono Escolar\Situações familiares | 191 | como ele já andava a estudar ... eu comprei-lhe os livros ... era |
| E14 | Causas do Abandono Escolar\Situações familiares | 191 | eu acabei por ler os livros dele e estive esses 3 anos assim. |
| E14 | Causas do Abandono Escolar\Situações familiares | 285 | Essa do marido incentivou-me depois, ainda mais. Mas já antes |
| E14 | Causas do Abandono Escolar\Situações familiares | 287 | Que me obrigou a não ir |
| E14 | Causas do Abandono Escolar\Situações familiares | 287 | antes dele, já eu tinha vontade de recomeçar |
| E14 | Causas do Abandono Escolar\Situações Financeiras | 13 | o dinheiro não chegava na altura |
| E14 | Causas do Abandono Escolar\Situações Financeiras | 247 | precisamos de dinheiro e temos contas para pagar e queremos ser |
| E14 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida Pa- lar\Abdicação do Lazer / descanso | 311 | há dezanove anos, quase há vinte, que eu não durmo muito. O |
| E14 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida Pa- lar\Entrar no Ritmo | 249 | nós interrompemos os estudos e, quanto mais tempo estamos sem |
| E14 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida Pa- lar\Entrar no Ritmo | 251 | É mais a coragem |
| E14 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida Pa- lar\Entrar no Ritmo\coragem | 251 | quando estamos juntos é diferente. |
| E14 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida Pa- lar\Entrar no Ritmo\coragem | 251 | o ela deixar o Pedro sentado no sofá a ver televisão e ela sair |

| | | | |
|-----|--|-----|--|
| E14 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida P lar\Entrar no Ritmo\coragem | 251 | E eu, comigo foi a mesma coisa também. Voltar a viver com uma |
| E14 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida P lar\Entrar no Ritmo\coragem | 253 | então no inverno! Com a chuva, o frio. No verão ainda ... agora |
| E14 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida P lar\Papel da Família\Importância / Valor | 267 | Nenhuma. |
| E14 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida P lar\Papel da Família\Importância / Valor | 269 | a minha família é ... aliás família, eu neste momento é ... eu |
| E14 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida P lar\Papel da Família\Importância / Valor | 270 | Não dão força ... |
| E14 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida P lar\Papel da Família\Importância / Valor | 271 | Não dão assim muita força, não dão incentivo, não. |
| E14 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida P lar\Papel da Família\Problemas com o Cônjuge | 21 | O meu ex-marido. |
| E14 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida P lar\Papel da Família\Problemas com o Cônjuge | 254 | Onde é que ia buscar motivação para sair de casa novamente, |
| E14 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida P lar\Papel da Família\Problemas com o Cônjuge | 257 | E quando ele passou para o sindicato a tempo inteiro ... os que |
| E14 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida P lar\Papel da Família\Problemas com o Cônjuge | 259 | A mulher é para estar em casa, para fazer o jantar. O marido |
| E14 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida P lar\Papel da Família\Problemas com o Cônjuge | 261 | E o meu marido, quando foi para lá, tanto que eu saía, ele não |
| E14 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida P lar\Papel da Família\Problemas com o Cônjuge | 263 | A gente faz muita parvoíce mas sabe bem ... então aí é começou a |
| E14 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida P lar\Papel da Família\Problemas com o Cônjuge | 263 | aí mais me motivou a continuar. |
| E14 | Escolha da Escola\Perto do trabalho | 315 | Os noutros liceus à noite, quando nós fomos visitá-los à noite |
| E14 | Escolha da Escola\Perto do trabalho | 315 | Em questões de estacionamento não havia grandes problemas |
| E14 | Escolha da Escola\Referências | 213 | andamos a correr os liceus todos de Lisboa também a ver quem é |
| E14 | Expectativas a Longo Prazo\Mudanças\Profissionais | 335 | tentar subir um pouco na empresa |
| E14 | Expectativas a Médio Prazo\Escolares | 70 | é acabar o curso, a licenciatura, inscrever-me no mestrado, |
| E14 | Expectativas a Médio Prazo\Escolares | 331 | o meu projeto agora neste momento é acabar a licenciatura, |
| E14 | Expectativas a Médio Prazo\Pessoais | 70 | O que eu gosto de fazer é tudo o que está para trás. O |
| E14 | Expectativas a Médio Prazo\Pessoais | 357 | Uma aprendizagem. Continuo a aprender. Seja ela liceu, seja ela |
| E14 | Expectativas a Médio Prazo\Pessoais | 359 | eu ler, lia muito. Mas contribuiu porque também o ler não é a |
| E14 | Expectativas a Médio Prazo\Pessoais | 361 | Agora tenho Direito de trabalho e estou a aprender coisas que |
| E14 | Expectativas a Médio Prazo\Pessoais | 365 | Faz-me sentir inteligente |
| E14 | Expectativas a Médio Prazo\Pessoais | 365 | Não me faz sentir ... : ... a tal burrinha ... que o seu pai ... : |
| E14 | Expectativas a Médio Prazo\Pessoais | 371 | depois ter os putos neste momento sozinhos em casa, porque o |
| E14 | Expectativas a Médio Prazo\Profissionais | 72 | Tentarei dentro da empresa deixar de ser contabilista, porque |

| | | | |
|-----|---|-----|---|
| E14 | Expectativas a Médio Prazo\Profissionais | 74 | Com vontade nós fazemos tudo. |
| E14 | Expectativas a Médio Prazo\Profissionais | 331 | Mas independentemente dessas duas coisas é inscrever-me na |
| E14 | Expectativas a Médio Prazo\Profissionais | 341 | Na vida profissional não houve mudanças. : Nem ganha mais? : |
| E14 | Identificação\Cônjuge\Escolaridade | 23 | ele foi para a faculdade |
| E14 | Identificação\Cônjuge\Escolaridade | 23 | só que depois teve um acidente, teve um acidente grave e parou |
| E14 | Identificação\Cônjuge\Escolaridade | 26 | Também estudou já depois de adulto. |
| E14 | Identificação\Cônjuge\Escolaridade | 28 | Tirou a licenciatura ... |
| E14 | Identificação\Cônjuge\Idade | 25 | 51. |
| E14 | Identificação\Filhos\Número | 56 | foram um bocado abandonados sempre pelo pai como pela mãe |
| E14 | Identificação\Filhos\Número\Escolaridade | 48 | Anda talvez há 3 anos para acabar o 12º ano, no liceu Camões, à |
| E14 | Identificação\Filhos\Número\Escolaridade | 50 | Bruno que está agora numa escola profissional. Como o Bruno é |
| E14 | Identificação\Filhos\Número\Escolaridade | 54 | Gestão e Contabilidade. Só que ainda está no 1º que equivale ao |
| E14 | Identificação\Filhos\Número\Escolaridade | 56 | Está no 7º ano |
| E14 | Identificação\Filhos\Número\Idades | 48 | Rita Filipa é adotiva. Essa tem 24. |
| E14 | Identificação\Filhos\Número\Idades | 52 | 18 |
| E14 | Identificação\Filhos\Número\Idades | 56 | Daniela Filipa, que é a mais nova. Tem 14 |
| E14 | Identificação\Idade | 5 | 44 |
| E14 | Identificação\Local de Nascimento | 66 | nasci em Lisboa |
| E14 | Identificação\Pais\Escolaridade Mãe | 15 | 12º ano |
| E14 | Identificação\Pais\Escolaridade Pai | 19 | advogado |
| E14 | Identificação\Pais\Escolaridade Pai | 19 | já tirou o curso em adulto, já a trabalhar. |
| E14 | Identificação\Pais\Escolaridade Pai | 19 | Também já era funcionário dos correios quando tirou o curso |
| E14 | Identificação\Pais\profissão Mãe | 15 | ambos eram funcionários dos correios |
| E14 | Identificação\Pais\Profissão Pai | 15 | advogado, |
| E14 | Identificação\Pais\Profissão Pai | 15 | ambos eram funcionários dos correios |
| E14 | Identificação\Profissão\1º Trabalho | 9 | Comecei com 15 anos |
| E14 | Identificação\Profissão\1º Trabalho | 40 | Depois quando regresssei, isto depois de um ano e tal, quando |
| E14 | Identificação\Profissão\Importância do Trabalho | 58 | a importância não é muita. Se pudesse não trabalhava. Mas |
| E14 | Identificação\Profissão\Importância do Trabalho | 59 | o trabalho na sua vida é por necessidade |
| E14 | Identificação\Profissão\Importância do Trabalho | 62 | Eu também trabalhei nas obras, foi um dos sítios onde |
| E14 | Identificação\Profissão\Importância do Trabalho | 66 | eu já tinha respondido a tudo o que encontrasse. “precisa-se |
| E14 | Identificação\Profissão\Importância do Trabalho | 309 | Numa entrevista dão preferência a um tipo que tenha uma |
| E14 | Identificação\Profissão\Importância do Trabalho | 307 | mesmo dentro da empresa, mesmo voltando à empresa onde eu |

| | | | |
|-----|--|-----|---|
| E14 | Identificação\Profissão\Profissão Atual | 7 | Trabalho nos correios há 24 anos ... 24 ou 25 |
| E14 | Identificação\Sexo\Feminino | 3 | L |
| E14 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Acompanhar um Am | 213 | "... mais vale nós irmos para o liceu, estamos 2 anos a fazer ... |
| E14 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Benefícios no Empre | 225 | também falei um pouco da experiência de vida. O que é que |
| E14 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Benefícios no Empre | 226 | com o 9º ano dava para subir na empresa |
| E14 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Benefícios no Empre | 227 | Dava para concorrer |
| E14 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Benefícios no Empre | 229 | a outros departamentos. |
| E14 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Benefícios no Empre | 287 | Eu acho que o incentivo maior que me levou mais a estudar ... |
| E14 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Benefícios no Empre | 287 | E a revolta de eu saber que estou a fazer aquele trabalho e de |
| E14 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Melhor Salário | 121 | eu comecei a ver, mesmo nos ordenados, nos tratamentos, havia |
| E14 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Pedido de Familiar | 241 | os filhos dos amigos ou estavam na faculdade, ou são todos |
| E14 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Pedido de Familiar | 282 | O seu marido, porque você quando disse que queria ir estudar |
| E14 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Pedido de Familiar\ | 245 | quando acabei o 10º, como tive boas notas, peguei no telefone e |
| E14 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Pedido de Familiar\ | 245 | não houve assim grande entusiasmo. E a partir daí também nunca |
| E14 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Pedido de Familiar\ | 245 | quando acabei o 1º ano e foi o meu filho que ... "então mãe, |
| E14 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Pedido de Familiar\ | 245 | Mas não é por eles que eu estou a estudar. Não é por eles. |
| E14 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Pedido de Familiar\ | 280 | pais, foi uma motivação, por ser do contra, |
| E14 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Pedido de Familiar\ | 287 | Eu nunca liguei muito aquilo que eles disseram e à vontade |
| E14 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Tirar Boas Notas | 121 | eu tinha tão boas notas, não estudava, mas porque é que eu não |
| E14 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Tirar Boas Notas | 181 | sempre fui boa aluna |
| E14 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Tirar Boas Notas | 181 | aprendo com facilidade tudo o que me põem à frente |
| E14 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Aumentar Conhecim | 245 | sabe tão bem o aprender. |
| E14 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Aumentar Conhecim | 245 | Pode parecer um bocado ridículo mas não é. o ter voltado ao |
| E14 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Autoestima\Autonor | 169 | pus mesmo na cabeça ... |
| E14 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Autoestima\Autonor | 169 | Vais tentar acabar o 9º ano e vais continuar e é de vez |
| E14 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Autoestima\Autonor | 169 | não é para andares a brincar. |
| E14 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Autoestima\Autonor | 171 | Porque queria muito |
| E14 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Autoestima\Confianç | 221 | O motivo de eu estar ali foi a dificuldade de fazer só a |
| E14 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Autoestima\Confianç | 241 | "fazes de mim tão estúpida, mas eu não sou assim tão estúpida |
| E14 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Gosto pela Leitura | 171 | Eu sempre fui uma pessoa que lê muitos livros |
| E14 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Gosto pela Leitura | 171 | Mas leio muito, ainda hoje |
| E14 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Gosto pela Leitura | 171 | sempre fui uma pessoa que televisão nunca gostei muito. |
| E14 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Gosto pela Leitura | 171 | E gosto muito de ler, toda a espécie, não digo que só gosto de |

| | | | |
|-----|---|-----|--|
| E14 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Gosto pela Leitura | 171 | leio tudo. |
| E14 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Gosto pela Leitura | 175 | Lia muito e uma colega que foi minha dos correios e amiga já há |
| E14 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Gosto pela Leitura | 175 | Se gosto de ler tudo ... não me importo que sejam livros de |
| E14 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Gosto pela Leitura | 175 | porque não hei de acabar em vez de estar aqui a ler e não fazer |
| E14 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Gosto pela Leitura | 181 | gosto de ler, gosto de escrever ... |
| E14 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Gosto pela Leitura | 275 | Tenho uma pancada pelos livros, ando sempre com livros. |
| E14 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Gosto pela Leitura | 275 | Gasto imenso dinheiro em livros. |
| E14 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Realização Pessoal | 175 | Pus na cabeça: vais voltar a estudar e não vais parar. |
| E14 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Realização Pessoal | 181 | Eu acho que foi um bocado de vaidade comigo mesma |
| E14 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Realização Pessoal | 181 | deixei uma coisa incompleta, mas porquê? Qual foi o motivo? |
| E14 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Realização Pessoal | 191 | E o CECOIA apareceu, porque naqueles 3 anos houve uma grande |
| E14 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Realização Pessoal | 197 | não me lembro agora o nome mas é ali para os Anjos, ali para a |
| E14 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Realização Pessoal | 199 | havia a oportunidade de acabar aquilo em dois ou três meses em |
| E14 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Realização Pessoal | 211 | Na altura era a equivalência ao 9º ano. Agora já estão a dar |
| E14 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Realização Pessoal | 225 | era o ler muito, o gostar e o ter deixado algo na vida |
| E14 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Realização Pessoal | 225 | Eu não gosto de deixar as coisas ... posso acabá-las assim de |
| E14 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Realização Pessoal | 241 | fazer aquilo que eu devia ter feito à conta dos meus pais e não |
| E14 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Realização Pessoal | 241 | Eu e o Gabínio andávamos sempre ... se eu tinha 17 ele tinha de ter 18 |
| E14 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Realização Pessoal | 245 | É por mim, para eu me sentir bem e principalmente por acabar |
| E14 | Papel do Professor\Relação Professor-Aluno\Compreensão | 305 | A relação que se criou. Eu acho que foi o melhor dali, o |
| E14 | Papel do Professor\Relação Professor-Aluno\Empatia | 295 | Ambiente entre professores e alunos. O que nós criámos. Foi |
| E14 | Papel do Professor\Relação Professor-Aluno\Empatia | 299 | Foi o que nós criámos, conseguimos criar entre nós e os |
| E14 | Papel do Professor\Relação Professor-Aluno\Empatia | 301 | Ainda hoje eu tenho orgulho em dizer que a professora de |
| E14 | Papel do Professor\Relação Professor-Aluno\Empatia | 303 | E não foi nem a maneira de ensinar nem o estudo em si. É o |
| E14 | Papel do Professor\Relação Professor-Aluno\Entusiasmo | 303 | esse também é uma enciclopédia, aquilo é uma biblioteca. |
| E14 | Percurso Escolar até 9º ano\1º ciclo\Ano da Retenção | 78 | 1º ano |
| E14 | Percurso Escolar até 9º ano\1º ciclo\Ano da Retenção\Causa da f | 78 | a minha mãe foi transferida. O meu pai não tinha emprego, |
| E14 | Percurso Escolar até 9º ano\3º Ciclo\Ano da Retenção | 92 | No 8º tive um desvio |
| E14 | Percurso Escolar até 9º ano\3º Ciclo\Ano da Retenção | 105 | 5º ano é que comecei a chumbar por faltas |
| E14 | Percurso Escolar até 9º ano\3º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da f | 92 | Foi nessa altura que me comecei a pegar muito com os meus pais. |
| E14 | Percurso Escolar até 9º ano\3º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da f | 94 | Catorze, quinze anos. Comecei a pegar-me muito ... era na maneira |
| E14 | Percurso Escolar até 9º ano\3º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da f | 96 | ai fugi de casa três vezes. |
| E14 | Percurso Escolar até 9º ano\3º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da f | 100 | então disse ao meu pai que se ele me fosse buscar eu voltava |

| | | | |
|-----|--|-----|---|
| E14 | Percurso Escolar até 9º ano\3º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da | 95 | filha única |
| E14 | Percurso Escolar até 9º ano\3º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da | 105 | 1º ano, chumbei o 2º e ao 3º acabei por desistir. |
| E14 | Percurso Escolar até 9º ano\3º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da | 114 | 1º ano chumbou por faltas; no 2º ano chumbou por faltas, e no |
| E14 | Percurso Escolar até 9º ano\3º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da | 139 | Ainda forçaram, fecharam-me, tanto que me fecharam que acabei |
| E14 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Positivas\Adaptação | 165 | 9º ano fiz há cinco anos |
| E14 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Positivas\Adaptação | 166 | nas novas oportunidades |
| E14 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Positivas\Adaptação | 167 | no CECO |
| E14 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Positivas\Adaptação | 235 | o CECO foi uma experiência ótima. |
| E14 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Positivas\Bons resultados | 82 | Fui uma aluna não de estudar muito mas sempre fui uma aluna, na |
| E14 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Colegas\Empatia da turma | 299 | A turma em si. |
| E14 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Colegas\Empatia da turma | 301 | Foi a melhor experiencia e garanto que foi a melhor turma que |
| E14 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Colegas\Lazer / saídas | 264 | sai também com colegas de escola? : Sim. Pois no liceu sim. |
| E14 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Colegas\Lazer / saídas | 293 | O que me marcou mais foi o ambiente que eu tive. |
| E14 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Disciplinas do Curso\Falta de | 327 | A única coisa que achei que estava mal é o Inglês, mas isso eu |
| E14 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Escolha do Curso\Ciências So | 316 | ciências sociais e humanas |
| E14 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Escolha do Curso\Ciências So | 317 | Eu gosto do curso de direito. |
| E14 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Escolha do Curso\Ciências So | 321 | Eu desde miúda que gosto do trabalho de um advogado, ou juiz. |
| E14 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Desvantagens\Balanço | 349 | A nível pessoal o voltar a estudar também ajudou a acabar com o |
| E14 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Desvantagens\Balanço | 351 | o homem tem todo o direito de estar a estudar e chegar a casa |
| E14 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Desvantagens\Balanço | 352 | É o machismo: Um ano, dois anos, três anos é demais. |
| E14 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Desvantagens\Balanço | 354 | Como é que os seus filhos reagiram a isso, uma vez que a mãe |
| E14 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens\Balanço | 327 | Adorei o liceu Camões, adorei o ambiente, adorei os |
| E14 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens\Balanço | 327 | Não tenho razão de queixa de nenhuma das funcionárias que lá |
| E14 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens\Balanço | 336 | Então não valeu? |
| E2 | Causas do Abandono Escolar\Dificuldades escolares | 52 | era disléxico |
| E2 | Causas do Abandono Escolar\Querer começar a trabalhar | 137 | trabalho |
| E2 | Causas do Abandono Escolar\Rebeldia | 128 | não estava para aí virado... |
| E2 | Causas do Abandono Escolar\Situações Financeiras | 125 | preciso de dinheiro, a vida da minha mãe também não dá |
| E2 | Causas do Abandono Escolar\Situações Financeiras | 52 | isto como financeiramente tava mal |
| E2 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida Pessoal e Escolar\Papel da Família\Problemas com o Cônjuge | 299 | acabei o curso e acabou a relação. |
| E2 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da Vida Profissional e Escolar\Cansativo | 231 | trabalhar e estudar, ter que aguentar, estar lá... cumprir. |

| | | | |
|----|--|-----|--|
| E2 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da Vida Profissional e Escolar\Cansativo | 66 | tive em reuniões com o diretor ao meu lado e eu adormecia... |
| E2 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da Vida Profissional e Escolar\Cansativo | 67 | quase que adormecia aqui nas aulas |
| E2 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da Vida Profissional e Escolar\Cansativo | 68 | os olhos, eu tinha de os fechar, que eu não aguentava... |
| E2 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da Vida Profissional e Escolar\Cansativo | 153 | eu já sabia que custava |
| E2 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da Vida Profissional e Escolar\Carga Horária | 56 | saía de casa às oito da manhã e regressava à meia-noite. |
| E2 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da Vida Profissional e Escolar\Carga Horária | 56 | Foi dois anos de “caixão à cova”. |
| E2 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da Vida Profissional e Escolar\Carga Horária | 62 | ”Andei dois anos de “caixão à cova” |
| E2 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da Vida Profissional e Escolar\Carga Horária | 64 | Mal e porcamente... |
| E2 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da Vida Profissional e Escolar\Só com muita motivação | 321 | para quem está com o vínculo e coiso... mas ter de trabalhar e |
| E2 | Escolha da Escola\Perto de casa | 129 | estava perto de casa |
| E2 | Escolha da Escola\Perto de casa | 191 | Esta estava aqui mais perto... |
| E2 | Expectativas a Longo Prazo\Mudanças\Escolares | 209 | Posso não fazer a faculdade normal, mas através destes cursos |
| E2 | Expectativas a Longo Prazo\Mudanças\Escolares | 235 | se o secundário é assim...a faculdade é só mais um bocadinho |
| E2 | Expectativas a Longo Prazo\Mudanças\Escolares | 311 | eu para voltar a estudar tinha de fazer algo que gostasse senão |
| E2 | Expectativas a Longo Prazo\Mudanças\Escolares | 203 | estive a ver... para a Universidade Aberta que dá para fazer |
| E2 | Expectativas a Longo Prazo\Mudanças\Pessoais | 261 | tenho de por a minha vida em ordem...ou meto a vida em ordem ou |
| E2 | Expectativas a Longo Prazo\Mudanças\Pessoais | 269 | Começar a comprar casa. |
| E2 | Expectativas a Longo Prazo\Mudanças\Pessoais | 259 | como estava meio deprimido. |
| E2 | Expectativas a Longo Prazo\Mudanças\Pessoais | 289 | agora ver casa |
| E2 | Expectativas a Longo Prazo\Mudanças\Profissionais | 209 | trabalhar lá fora |
| E2 | Expectativas a Médio Prazo\Escolares | 203 | curso de nível 4 |
| E2 | Expectativas a Médio Prazo\Escolares | 243 | entrar para a informática para ganhar mais um bocadinho de |
| E2 | Expectativas a Médio Prazo\Pessoais | 295 | Deu para ver se eu tinha capacidade para fazer |
| E2 | Expectativas a Médio Prazo\Pessoais | 295 | Valeu porque eu tinha encravado... consegui fazer o que eu já há |

| | | | |
|----|---|-----|---|
| E2 | Expectativas a Médio Prazo\Pessoais | 243 | comprar casa |
| E2 | Expectativas a Médio Prazo\Pessoais | 243 | tentar namorar |
| E2 | Expectativas a Médio Prazo\Profissionais | 245 | u sou mais tipo de mexer as mãos... sou mais a nível técnico... |
| E2 | Expectativas a Médio Prazo\Profissionais | 303 | porque se uma pessoa quer arranjar emprego , quantas mais |
| E2 | Expectativas a Médio Prazo\Profissionais | 307 | A ver se consigo lá ficar, se precisarem de mais pessoal, |
| E2 | Identificação\Idade | 3 | 37 |
| E2 | Identificação\Irmãos\Escolaridade | 29 | irmão mais velho acho que só falta uma cadeira de matemática |
| E2 | Identificação\Irmãos\Escolaridade | 29 | minha irmã não tenho a certeza, mas talvez seja como o meu |
| E2 | Identificação\Irmãos\Escolaridade | 29 | meu outro irmão é capaz de... não sei se... tem só para aí |
| E2 | Identificação\Irmãos\Número | 25 | 4 |
| E2 | Identificação\Irmãos\Profissão | 27 | irmã está reformada |
| E2 | Identificação\Irmãos\Profissão | 27 | irmão mais velho é diretor financeiro, contabilista, é TOC |
| E2 | Identificação\Irmãos\Profissão | 27 | irmão do meio é administrador de condomínios. |
| E2 | Identificação\Local de Nascimento | 7 | Lisboa, nasci na MAC |
| E2 | Identificação\Local de Nascimento | 9 | Maternidade Alfredo da Costa |
| E2 | Identificação\Pais\Escolaridade Mãe | 23 | abandonou a escola a fazer a 4ª classe |
| E2 | Identificação\Pais\Escolaridade Mãe | 23 | queria escrever e ler... |
| E2 | Identificação\Pais\Escolaridade Pai | 21 | equivalente ao preparatório |
| E2 | Identificação\Pais\Escolaridade Pai | 22 | 6º ano |
| E2 | Identificação\Pais\profissão Mãe | 19 | empregada doméstica, de limpezas |
| E2 | Identificação\Pais\Profissão Pai | 19 | força aérea |
| E2 | Identificação\Pais\Profissão Pai | 19 | motorista |
| E2 | Identificação\Pais\Profissão Pai | 17 | meu pai morreu quando eu tinha 4 anos, |
| E2 | Identificação\Profissão\1º Trabalho | 52 | expresso |
| E2 | Identificação\Profissão\1º Trabalho | 50 | Fui trabalhar um mês e saí quinze anos depois |
| E2 | Identificação\Profissão\Importância do Trabalho | 89 | eles querem um doutor. Ou é assim querem alguém com 20 anos mas |
| E2 | Identificação\Profissão\Importância do Trabalho | 263 | hoje em dia, emprego não é para a vida...estou a trabalhar um , |
| E2 | Identificação\Profissão\Início de trabalho | 48 | 18, 19 |
| E2 | Identificação\Profissão\Profissão Atual | 11 | técnico informático no hospital |
| E2 | Identificação\Sexo\Masculino | 3 | CF |
| E2 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Pedido de Familiar | 139 | Foi a morte da minha mãe. Eu agarrei e disse: eu quero o curso |
| E2 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\''Passar o tempo'' | 153 | era uma maneira de passar o tempo. |
| E2 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Aumentar Conhecim | 123 | eu por acaso no 7º ano tive eletricidade , o bichinho |

| | | | |
|----|--|-----|---|
| E2 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Aumentar Conhecim | 149 | gosto de informática |
| E2 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Autoestima\Confiança | 127 | tenho de arrumar a casa , por a vida em ordem |
| E2 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Autoestima\Confiança | 127 | Vou para a escola ou faço ou nunca mais entro lá .e como entrei |
| E2 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Autoestima\Confiança | 153 | agora que entrei não saio. Ou vai ou racha. Já que aqui estou |
| E2 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Autoestima\Confiança | 77 | Depois dela morrer isto em 2002, 2003..opa isto ou vai ou racha |
| E2 | Papel do Professor\Preparação para lecionar Alunos Adultos | 159 | alguns ensinavam. Há outros que... |
| E2 | Papel do Professor\Preparação para lecionar Alunos Adultos | 161 | o professor de matemática. Sem ofensa, ele era uma boa pessoa |
| E2 | Papel do Professor\Preparação para lecionar Alunos Adultos | 167 | não sabia bem explicar as coisas. |
| E2 | Papel do Professor\Preparação para lecionar Alunos Adultos | 167 | gostei muito do professor de matemática do 10º ano, mestre de |
| E2 | Papel do Professor\Preparação para lecionar Alunos Adultos | 167 | ele mandava fazer... |
| E2 | Papel do Professor\Preparação para lecionar Alunos Adultos | 175 | Esse também era boa pessoa mas também para ensinar...não é lá |
| E2 | Papel do Professor\Preparação para lecionar Alunos Adultos | 177 | era boa pessoa só que metia as mãos pelos pés. |
| E2 | Papel do Professor\Preparação para lecionar Alunos Adultos | 179 | até foi bom porque ainda estive a aprender connosco, porque |
| E2 | Papel do Professor\Preparação para lecionar Alunos Adultos | 181 | esse a “começávamos a falar de catos e acabávamos a falar de |
| E2 | Papel do Professor\Relação Professor-Aluno\Compreensão | 157 | boa em relação a alguns professores. |
| E2 | Papel do Professor\Relação Professor-Aluno\Compreensão | 183 | foi carregando-nos aos “pontapés”... |
| E2 | Papel do Professor\Relação Professor-Aluno\Compreensão | 185 | se não fosse aos “pontapés” eu tinha-me pirado. |
| E2 | Papel do Professor\Relação Professor-Aluno\Compreensão | 187 | Pontapés para eu seguir para a frente, para andar... |
| E2 | Papel do Professor\Relação Professor-Aluno\Compreensão | 188 | Senão tinha desistido e não tinha acabado o 12º |
| E2 | Papel do Professor\Relação Professor-Aluno\Entusiasmo | 193 | eram bons de uma maneira, maus de outra. Eu relaxava-me um |
| E2 | Percurso Escolar até 9º ano\1º ciclo\Ano da Retenção | 113 | 4ª classe |
| E2 | Percurso Escolar até 9º ano\1º ciclo\Ano da Retenção\ Causa da Retenção | 113 | a professora disse que era melhor eu ficar |
| E2 | Percurso Escolar até 9º ano\1º ciclo\Ano da Retenção\ Causa da Retenção | 117 | tive problemas a português |
| E2 | Percurso Escolar até 9º ano\3º Ciclo\Ano da Retenção | 113 | 7º ano |
| E2 | Percurso Escolar até 9º ano\3º Ciclo\Ano da Retenção\ Causa da Retenção | 115 | o português |
| E2 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Colegas | 151 | carregávamos para irmos todos juntos e não ficar migalhas. |
| E2 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Colegas\Ajuda | 131 | o pessoal carregava-se... uns aos outros, para ir até ao fim... |
| E2 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Colegas\Ajuda | 218 | Era uma equipa |
| E2 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Colegas\Ajuda | 219 | estávamos mais ou menos para “já que estamos juntos , vamos até |
| E2 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Colegas\Ajuda | 221 | estávamos a trabalhar e tudo, digamos que dois terços a três |

| | | | |
|----|---|-----|---|
| E2 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Disciplinas do Curso | 197 | Foram adequadas |
| E2 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Disciplinas do Curso | 199 | O inglês , isso havia aí...porque havia pessoas que também |
| E2 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Disciplinas do Curso\Falta de | 197 | Faltava era prática que isso é que é mau |
| E2 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Disciplinas do Curso\Falta de | 199 | nunca montámos um computador |
| E2 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Disciplinas do Curso\Falta de | 199 | íamos para trabalhar no sistema operativo Macintosh. Não |
| E2 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Disciplinas do Curso\Falta de | 199 | Falta é praticar. |
| E2 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Disciplinas do Curso\Falta de | 201 | E mais prática porque isto faz lembrar um curso de faculdade. |
| E2 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Disciplinas do Curso\Importân | 199 | português saber escrever bem os relatórios. |
| E2 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Disciplinas do Curso\Importân | 199 | Filosofia para desenvolver um bocadinho a mente para articular |
| E2 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Disciplinas do Curso\Importân | 199 | matemática é essencial |
| E2 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Disciplinas do Curso\Importân | 199 | O inglês , isso havia aí...porque havia pessoas que também |
| E2 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Disciplinas do Curso\Importân | 199 | Física Química e Eletrónica fazem mais sentido |
| E2 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Disciplinas do Curso\Mais difi | 68 | No 10º ano, a Matemática, encostava-me à parede e fechava. |
| E2 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Disciplinas do Curso\Mais difi | 236 | português é o seu calcanhar de Aquiles... |
| E2 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Escolha do Curso\Tecnológico | 123 | eu escolhi informática |
| E2 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Escolha do Cur- so\Tecnológico\Informática\Experiência | 191 | A minha vocação é eletricidade e eletrónicas o que eu gosto. |
| E2 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Desvantagens\Balanço | 84 | foi duro |
| E2 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens\Balanço | 229 | Foi boa |
| E2 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens\Balanço | 229 | custou um bocado mas consegui chegar ao fim |
| E2 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens\Balanço | 292 | valeu a pena voltar a estudar |
| E2 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens\Balanço | 312 | dois certificados |
| E3 | Causas do Abandono Escolar\Escolaridade obrigatória | 126 | O 5º ano há alguns anos a esta parte dava pra entrar num Banco, |
| E3 | Causas do Abandono Escolar\Escolaridade obrigatória | 140 | uma mais valia para adquirir um emprego |
| E3 | Causas do Abandono Escolar\Ida para tropa | 170 | Entretanto veio a tropa |
| E3 | Causas do Abandono Escolar\Querer começar a trabalhar | 197 | fui trabalhar como servente de pedreiro com os pedreiros que |
| E3 | Causas do Abandono Escolar\Querer começar a trabalhar | 199 | Curiosamente ganhava mais que alguns chefes de família lá |
| E3 | Causas do Abandono Escolar\Situações Financeiras | 92 | posses limitadas dos meus pais. |
| E3 | Causas do Abandono Escolar\Situações Financeiras | 162 | os meus pais começaram a construir a casa onde eu vivo hoje, |
| E3 | Causas do Abandono Escolar\Situações Financeiras | 223 | Uma nota importante aí... eu ganhava na altura sete contos e |
| E3 | Causas do Abandono Escolar\Situações Financeiras | 225 | Havia dificuldades em casa e eu entregava três contos e |
| E3 | Causas do Abandono Escolar\Situações Financeiras | 227 | Era metade do meu ordenado. |
| E3 | Causas do Abandono Escolar\Vícios\Bebida | 201 | Comecei a beber vinho... cerveja... |

| | | | |
|----|---|-----|--|
| E3 | Causas do Abandono Escolar\Vícios\Bebida | 229 | o dinheiro gastei-o todo. |
| E3 | Causas do Abandono Escolar\Vícios\Bebida\Justificação | 201 | para me integrar com eles, cheguei nessa altura... cheguei |
| E3 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola | 409 | As dificuldades têm a ver com o facto da cabeça já não ser a |
| E3 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola | 409 | já não se memoriza da mesma maneira... |
| E3 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola | 409 | a rapidez de execução também não é a mesma. |
| E3 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida Pa- lar\Abdicação do Lazer / descanso | 88 | Se temos alguns objetivos, temos de fazer também aquilo que |
| E3 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida Pa- lar\Entrar no Ritmo | 417 | na forma como o curso está estruturado |
| E3 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da Vida Pa- Escolar\Cansativo | 168 | era difícil e á noite custava mais ir prá escola |
| E3 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da Vida Pa- Escolar\Carga Horária | 310 | Aulas das 7 á meia-noite |
| E3 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da Vida Pa- Escolar\Só com muita motivação | 49 | alguma pré disposição para isso |
| E3 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da Vida Pa- Escolar\Só com muita motivação | 49 | nós temos de estar disponíveis para... se queremos fazer as |
| E3 | Escolha da Escola\Referências | 376 | promoviam este tipo de formação que me interessava. |
| E3 | Expectativas a Médio Prazo\Escolares | 439 | Não descuro a ideia de fazer um tipo 4. |
| E3 | Expectativas a Médio Prazo\Escolares | 441 | considerando que o tipo 4 é eminentemente técnico e dará |
| E3 | Identificação\Cônjuge\Profissão | 28 | professora do ensino secundário |
| E3 | Identificação\Filhos\Número | 15 | um |
| E3 | Identificação\Filhos\Número\Escolaridade | 18 | Acabou a licenciatura |
| E3 | Identificação\Filhos\Número\Escolaridade | 20 | Em economia |
| E3 | Identificação\Filhos\Número\Escolaridade | 22 | Está a fazer um estágio... esteve preliminarmente numa receção |
| E3 | Identificação\Filhos\Número\Escolaridade | 24 | tem como objetivo em fazer o mestrado depois de acabar o |
| E3 | Identificação\Filhos\Número\Idades | 16 | 23 |
| E3 | Identificação\Idade | 6 | 53 |
| E3 | Identificação\Local de Nascimento | 8 | Estoril, |
| E3 | Identificação\Pais\Escolaridade Mãe | 26 | 3ª classe |
| E3 | Identificação\Pais\Escolaridade Pai | 26 | 4ª classe |
| E3 | Identificação\Pais\profissão Mãe | 12 | minha mãe aos afazeres domésticos |
| E3 | Identificação\Pais\Profissão Pai | 12 | afazeres agrícolas |
| E3 | Identificação\Pais\Profissão Pai | 12 | era um jardineiro que também cultivava produtos, vendia |
| E3 | Identificação\Pais\Profissão Pai | 12 | era uma espécie de um faz tudo |
| E3 | Identificação\Profissão\1º Trabalho | 32 | fiz de servente de pedreiro ajudei os meus pais a fazer a casa |

| | | | |
|----|--|-----|---|
| E3 | Identificação\Profissão\1º Trabalho | 32 | depois da tropa... iniciei a minha atividade profissional como |
| E3 | Identificação\Profissão\1º Trabalho | 40 | Depois adquiri um emprego na manutenção do TAR, onde ainda |
| E3 | Identificação\Profissão\1º Trabalho | 42 | Depois passei para uma área num armazém de frescos onde fazia |
| E3 | Identificação\Profissão\1º Trabalho | 44 | passei a programador estagiário fiz um estágio de um ano já em |
| E3 | Identificação\Profissão\Importância do Trabalho | 53 | é só lutar por trabalhar, ter um objetivo, e aliás a vida do |
| E3 | Identificação\Profissão\Importância do Trabalho | 55 | Temos um problema é-nos posto um problema e...atingir a |
| E3 | Identificação\Profissão\Importância do Trabalho | 56 | É um desafio. |
| E3 | Identificação\Profissão\Importância do Trabalho | 57 | um desafio que é livre, cada um é melhor ou pior, dependendo |
| E3 | Identificação\Profissão\Importância do Trabalho | 67 | eu se sou administrativo... não posso fazer trabalho de |
| E3 | Identificação\Profissão\Importância do Trabalho | 67 | as pessoas acomodam-se e vão recebendo alguma mais valia por |
| E3 | Identificação\Profissão\Profissão Atual | 10 | informático há 30 anos |
| E3 | Identificação\Profissão\Profissão Atual | 44 | hoje sou uma espécie de analista, analista de aplicações, aliás |
| E3 | Identificação\Sexo\Masculino | 4 | E |
| E3 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Benefícios no Empre | 175 | uma mais valia para adquirir emprego |
| E3 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Benefícios no Empre | 265 | na parte administrativa, queria tirar um curso, queria mudar e |
| E3 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Benefícios no Empre | 287 | posso ser o melhor do mundo em algo mas a partir do momento em |
| E3 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Benefícios no Empre | 289 | pode ser uma mais valia pró futuro ainda. |
| E3 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Benefícios no Empre | 295 | saber que tenho um curriculum já invejável em termos de |
| E3 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Pedido de Familiar | 273 | Pela minha mulher, teria enveredado mais cedo pela escola. |
| E3 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Autoestima\Confiança | 209 | Compreendi que as coisas custam às vezes, que é preciso |
| E3 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Autoestima\Confiança | 207 | vamos lá a cerrar os dentes... e eu fui capaz. |
| E3 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Autoestima\Confiança | 211 | Eu tive um linfoma,... Fiz oito meses de quimioterapia...e |
| E3 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Autoestima\Confiança | 469 | Foste pá escola, ainda bem, dou-te valor tal...!! Isso... o |
| E3 | Papel do Professor\Relação Professor-Aluno\Compreensão | 401 | .há uma compreensão com o facto de estar-mos a estudar á noite |
| E3 | Papel do Professor\Relação Professor-Aluno\Empatia | 471 | A nível social é sempre uma mais valia, tenho um ótimo |
| E3 | Papel do Professor\Relação Professor-Aluno\Empatia | 473 | esses contactos e aliás a vida faz-se de contactos, quando se é |
| E3 | Percurso Escolar até 9º ano\3º Ciclo\Ano da Retenção | 118 | 4º ano |
| E3 | Percurso Escolar até 9º ano\3º Ciclo\Ano da Retenção | 143 | 5º ano |
| E3 | Percurso Escolar até 9º ano\3º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da | 122 | não tinha nada pra passar e pronto |
| E3 | Percurso Escolar até 9º ano\3º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da | 134 | as notas é que escasseavam às vezes |
| E3 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Colegas\Lazer / saídas | 403 | tenho uma facilidade de relacionamento |
| E3 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Disciplinas do Curso\Falta de | 419 | um curso que se pretendia ser eminentemente técnico. |
| E3 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Disciplinas do Curso\Mais difi | 366 | programação |

| | | | |
|----|--|-----|---|
| E3 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Disciplinas do Curso\Número | 426 | a carga horária também é muita. |
| E3 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Disciplinas do Curso\Número | 424 | são 10 disciplinas... |
| E3 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Disciplinas do Curso\Organiza- údos | 427 | os conteúdos supostamente... : Não fazem sentido prá vossa vida |
| E3 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Escolha do Curso\Tecnológico | 269 | Informática |
| E3 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Escolha do Cur- so\Tecnológico\Informática\Experiência | 312 | A certificação técnica, aquilo que eu sei fazer, porque o 12º |
| E3 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Escolha do Cur- so\Tecnológico\Informática\Experiência | 314 | a certificação técnica que é a mais importante. |
| E3 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Escolha do Cur- so\Tecnológico\Informática\Experiência | 324 | as certificações eram um futuro |
| E3 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Escolha do Cur- so\Tecnológico\Informática\Experiência | 330 | adquirir uma certificação técnica daquilo que seu fazer há 30 |
| E3 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Escolha do Cur- so\Tecnológico\Informática\Experiência | 331 | De forma a dar continuidade á minha profissão. Àquilo que eu |
| E3 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Escolha do Cur- so\Tecnológico\Informática\Experiência | 383 | porque tem a ver com o seu trabalho |
| E4 | Causas do Abandono Escolar\Férias a trabalhar | 57 | como pacote na Auto Mundo. Depois aí, pronto, fiz lá as férias |
| E4 | Causas do Abandono Escolar\Rebeldia | 103 | a gente vê que, quanto mais estudos, menos emprego. |
| E4 | Causas do Abandono Escolar\Rebeldia | 191 | naquela atura para mim era tudo normal. |
| E4 | Causas do Abandono Escolar\Rebeldia | 211 | Curtir a vida. |
| E4 | Causas do Abandono Escolar\Rebeldia | 216 | era curtir na boa. E, porque é tudo fácil. |
| E4 | Causas do Abandono Escolar\Situações Financeiras | 218 | ganhava trinta contos por dia |
| E4 | Causas do Abandono Escolar\Situações Financeiras | 222 | Eu ia comprar rosas à Ribeira, nesta altura, a vinte e cinco |
| E4 | Causas do Abandono Escolar\Situações Financeiras | 224 | saia do Bairro Alto, descia, ah! Vamos ao bingo! Tinha um |
| E4 | Causas do Abandono Escolar\Situações Financeiras | 226 | é pá, como é que eu te pago? ... caga nisso. Então, o dinheiro |
| E4 | Causas do Abandono Escolar\Situações Financeiras | 228 | o meu frigorífico tirei duas prateleiras só para pôr lá as |
| E4 | Causas do Abandono Escolar\Vícios\Droga | 163 | éramos duzentos e oitenta alunos. Duzentos eram drogados e eu |
| E4 | Causas do Abandono Escolar\Vícios\Droga | 215 | O último charro que fumei foi na tropa, tenho a impressão que, |
| E4 | Causas do Abandono Escolar\Vícios\Droga | 260 | Infelizmente alguns já morreram com overdoses |
| E4 | Causas do Abandono Escolar\Vícios\Droga | 324 | Estúpido como sou em termos de maluquice estava agarrado. |
| E4 | Causas do Abandono Escolar\Vícios\Mulheres | 240 | Era um pinta. Era o dono e senhor. Então, no Ateneu, que era só |
| E4 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida Pa- lar\Ajuda de Familiares nos Conteúdos | 295 | A minha mulher. Tinha algumas dúvidas |
| E4 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida Pa- lar\Entrar no Ritmo | 337 | no 1º ano eu chegava a casa e já sabia, ia logo fazer um |
| E4 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida Pa- lar\Papel da Família\Importância / Valor | 73 | Às vezes saía daqui à meia-noite, chegar a casa, querer dormir |

| | | | |
|----|--|-----|--|
| E4 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida Pa- lar\Papel da Família\Importância / Valor | 318 | Se não fosse a família eu estava morto ou agarrado à droga. |
| E4 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida Pa- lar\Papel da Família\Problemas com o Cônjuge | 308 | às vezes sair que é uma das coisas que ela reclama.... “pois, tu |
| E4 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida Pa- lar\Papel da Família\Problemas com o Cônjuge | 328 | A Carla, ao princípio não achou muita piada. Pois, vais para lá |
| E4 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida Pa- lar\Papel da Família\Problemas com o Cônjuge | 520 | A nível familiar houve alguns problemas, sim senhor, mas |
| E4 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da Vida P- Escolar\Cansativo | 333 | é difícil sair de casa às sete da noite. |
| E4 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da Vida P- Escolar\Cansativo | 333 | Voltar a casa, tomar um banho, e depois, em vez de nos |
| E4 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Dificuldades cognitiva | 430 | o cérebro está mais parado, |
| E4 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Dificuldades cognitiva | 432 | chegava aqui e barrava, e notei que o cérebro já não dava como |
| E4 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Dificuldades cognitiva | 436 | Tenho de ter cabeça para o trabalho, para as filhas, para a |
| E4 | Escolha da Escola\Referências | 429 | escolheu esta escola por causa do Filipe |
| E4 | Expectativas a Médio Prazo\Pessoais | 500 | Dar uma boa educação às minhas filhas, que consigam seguir nos |
| E4 | Expectativas a Médio Prazo\Profissionais | 355 | pedi a requalificação na Câmara e, infelizmente, eu já sabia, |
| E4 | Expectativas a Médio Prazo\Profissionais | 498 | melhorar a condição financeira |
| E4 | Identificação\Cônjuge\Escolaridade | 26 | Completo, acho que é o 9º |
| E4 | Identificação\Cônjuge\Profissão | 24 | empregada sete horas |
| E4 | Identificação\Filhos\Número | 28 | duas |
| E4 | Identificação\Filhos\Número\Escolaridade | 29 | 2ª classe e na infantil. |
| E4 | Identificação\Filhos\Número\Idades | 31 | Sete e três. |
| E4 | Identificação\Idade | 6 | Trinta e seis |
| E4 | Identificação\Local de Nascimento | 6 | Maternidade da Estefânia |
| E4 | Identificação\Local de Nascimento | 7 | Lisboa |
| E4 | Identificação\Local de Nascimento | 203 | Nascido e criado no intendente, com a mania que era pinta ... |
| E4 | Identificação\Pais\Profissão Mãe | 16 | hospital de S. José |
| E4 | Identificação\Pais\Profissão Pai | 16 | reformou-se há quinze anos da Central e Cervejas. |
| E4 | Identificação\Pais\Profissão Pai | 18 | Andava com as garrafas a distribuir cerveja. |
| E4 | Identificação\Profissão\1º Trabalho | 48 | fui estafeta na revista Auto Mundo. |
| E4 | Identificação\Profissão\Importância do Trabalho | 83 | hoje em dia nós estamos como os franceses há quarenta anos. Há |
| E4 | Identificação\Profissão\Importância do Trabalho | 87 | Trabalhamos, temos ordenado, não somos subsidio- dependentes. |
| E4 | Identificação\Profissão\Início de trabalho | 46 | Treze anos. |
| E4 | Identificação\Profissão\Profissão Atual | 10 | funcionário público |

| | | | |
|----|---|-----|---|
| E4 | Identificação\Profissão\Profissão Atual | 12 | Motorista de pesados, na Câmara de Loures. |
| E4 | Identificação\Sexo\Masculino | 6 | V |
| E4 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Acompanhar um Am | 276 | Chegou um dia, não sei se sabe mas o Filipe é o meu melhor |
| E4 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Acompanhar um Am | 279 | Porque se não fosse eu andar com ele e ele comigo : |
| E4 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Acompanhar um Am | 349 | Um bocadinho de vontade, um bocadinho de incentivo da ideia do |
| E4 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Melhor Salário | 289 | o 12º e o Curso Tecnológico de Informática pode melhorar a |
| E4 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Pedido de Familiar | 65 | tem uma pessoa que é a minha mulher. |
| E4 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Pedido de Familiar | 65 | O cerne é ela |
| E4 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Mudar de vida | 97 | Eu voltei à escola para mudar de vida. Aquela música nova do |
| E4 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Mudar de vida | 99 | Ainda não mudei. Não sei se vou mudar. |
| E4 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Mudar de vida | 103 | é preciso sempre estudos para conseguir mais algo |
| E4 | Papel do Professor\Práticas Letivas\Atividades\TPC | 402 | enquanto eles estão a carregar o camião, em horas paradas |
| E4 | Papel do Professor\Práticas Letivas\Atividades\TPC | 404 | quando chegar a casa passa para o computador. |
| E4 | Papel do Professor\Práticas Letivas\Atividades\Trabalhos de Gru | 410 | era uma maneira de a gente aprender alguma coisa, fazendo, e |
| E4 | Papel do Professor\Práticas Letivas\Atividades\Trabalhos de Gru | 426 | ganha-se um traquejo e aprende-se |
| E4 | Papel do Professor\Relação Professor-Aluno\Compreensão | 462 | Estes de agora do noturno é melhor que os de dia. |
| E4 | Papel do Professor\Relação Professor-Aluno\Compreensão | 472 | os professores aqui à noite são muito mais compreensíveis. |
| E4 | Papel do Professor\Relação Professor-Aluno\Compreensão | 474 | das coisas que gostei mais nos professores foi a capacidade de, |
| E4 | Papel do Professor\Relação Professor-Aluno\Empatia | 470 | acho que foram um espetáculo para com a gente. |
| E4 | Papel do Professor\Relação Professor-Aluno\Entusiasmo | 484 | se não fosse a ajuda dos professores nenhum de nós tinha |
| E4 | Percurso Escolar até 9º ano\2º Ciclo\Ano da Retenção | 131 | segundo ano, estraguei-me um bocadinho. Chumbei. |
| E4 | Percurso Escolar até 9º ano\2º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da | 131 | no fim do segundo período tinha duzentas e tal faltas. No |
| E4 | Percurso Escolar até 9º ano\2º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da | 135 | Ficava lá a fumar mata-ratos |
| E4 | Percurso Escolar até 9º ano\2º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da | 137 | la lá para o miradouro da Penha de França |
| E4 | Percurso Escolar até 9º ano\2º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da | 139 | armado em parvo! Hoje digo armado em parvo, mas naquela altura |
| E4 | Percurso Escolar até 9º ano\3º Ciclo\Ano da Retenção | 48 | 7º ano |
| E4 | Percurso Escolar até 9º ano\3º Ciclo\Ano da Retenção | 154 | 2º ano do 7º ano foi para o Ateneu. |
| E4 | Percurso Escolar até 9º ano\3º Ciclo\Ano da Retenção | 165 | Estive três aos no 7º, |
| E4 | Percurso Escolar até 9º ano\3º Ciclo\Ano da Retenção | 169 | Chumbei no 9º. |
| E4 | Percurso Escolar até 9º ano\3º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da | 48 | Chumbei por faltas |
| E4 | Percurso Escolar até 9º ano\3º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da | 48 | chumbei por faltas logo a seguir ao 2º período |
| E4 | Percurso Escolar até 9º ano\3º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da | 157 | Chumbei por faltas. |
| E4 | Percurso Escolar até 9º ano\3º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da | 179 | Maluquice |

| | | | |
|----|---|-----|---|
| E4 | Percurso Escolar até 9º ano\3º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da | 179 | Mau comportamento. |
| E4 | Percurso Escolar até 9º ano\3º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da | 183 | Suspenso muitas vezes, |
| E4 | Percurso Escolar até 9º ano\3º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da | 183 | chumbado por faltas. |
| E4 | Percurso Escolar até 9º ano\3º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da | 193 | andava a vender flores ... |
| E4 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Negativas\Desilusão | 232 | Se eu fosse o meu filho levava tanta chapada no focinho |
| E4 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Positivas\Bons resultados | 113 | Um espetáculo! |
| E4 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Positivas\Bons resultados | 123 | Fui sempre bom aluno, com a porrada que levava! |
| E4 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Disciplinas do Curso\Mais difi | 440 | comecei a levar com contas, um mais um é zero e vai um. |
| E4 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Disciplinas do Curso\Organiza | 450 | as de Informática acho que estão é muita mal estruturadas. |
| E4 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Disciplinas do Curso\Organiza | 452 | em Bases de Programação que era um bocado à parte, que era mais |
| E4 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Disciplinas do Curso\Organiza | 454 | Depois no 11º ano voltámos a dar aquilo que já tínhamos dado no |
| E4 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Disciplinas do Curso\Organiza | 456 | quando se vê um curso, “Técnicos de Informática”, a dar Excel, |
| E4 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Disciplinas do Curso\Organiza | 476 | houve falhas principalmente da parte de informática. |
| E4 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Escolha do Curso\Tecnológico | 289 | Curso Tecnológico de Informática |
| E4 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens\10º ano | 67 | A minha adaptação foi fácil, no 10º ano, foi o ano mais fácil |
| E4 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens\10º ano | 373 | o 10º ano, para mim, quase que foi um passeio, tirando as |
| E4 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens\11º ano | 71 | no 11º ano, com a miúda, que, parece que não, é mais um filho e |
| E4 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens\11º ano | 371 | o 11º, que foi o segundo não é, foi o mais difícil. |
| E4 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens\11º ano | 382 | o que custou mais, mesmo, foi o 11º |
| E4 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens\11º ano | 382 | Situações de casa, da escola também. Depois tive um problema na |
| E4 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens\Balanço | 494 | Ganhei amigos, entre alunos e professores. Portanto, só pode |
| E5 | Causas do Abandono Escolar\Escolaridade obrigatória | 10 | rigidez que era na altura. E depois derivado a essa rigidez |
| E5 | Causas do Abandono Escolar\Querer começar a trabalhar | 14 | Tinha ordenado, já me sentia um homem, não precisava de |
| E5 | Causas do Abandono Escolar\Querer começar a trabalhar | 14 | tinha dinheiro, tinha tudo cá fora, trabalhava e achava que não |
| E5 | Causas do Abandono Escolar\Querer começar a trabalhar | 65 | Acabei a 4ª classe e fui logo trabalhar |
| E5 | Causas do Abandono Escolar\Rebeldia | 21 | como eu antes tinha a mania que sabia muito e depois cheguei à |
| E5 | Causas do Abandono Escolar\Rebeldia | 165 | tinha a mania que sabia tudo |
| E5 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida Pe | 265 | Em conversa dava-me força para continuar, tudo bem |
| E5 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida Pe | 265 | Mas depois, nos momentos críticos, que é ao fim de semana, que |

| | | | |
|----|--|-----|---|
| E5 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida P lar\Abdicação do Lazer / descanso | 269 | ao fim de semana que ela queria ir para aqui e para acolá. E |
| E5 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida P lar\Entrar no Ritmo | 203 | quando ia para a escola, eu neste momento era um trabalho que |
| E5 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida P lar\Entrar no Ritmo | 205 | leveei isso como um trabalho. Por isso é que eu estava lá todos |
| E5 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida P lar\Papel da Família\Importância / Valor | 153 | A família é muito importante. |
| E5 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida P lar\Papel da Família\Importância / Valor | 155 | Eu sou muito ligado à família. |
| E5 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida P lar\Papel da Família\Problemas com o Cônjuge | 211 | tive uma altura em que tive o meu casamento muito pendurado |
| E5 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida P lar\Papel da Família\Problemas com o Cônjuge | 213 | Porque a esposa queria ir para ali, ou queria ir para acolá e |
| E5 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida P lar\Papel da Família\Problemas com o Cônjuge | 213 | por um lado apoiam, dizem que sim senhor, tudo bem. Mas nas |
| E5 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida P lar\Papel da Família\Problemas com o Cônjuge | 217 | a gente não se apercebe o sacrifício que é uma pessoa estar... às |
| E5 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida P lar\Papel da Família\Problemas com o Cônjuge | 221 | comecei a ser um bocado egoísta, comigo próprio. Com aquela |
| E5 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida P lar\Papel da Família\Problemas com o Cônjuge | 271 | esquecia-me dela. |
| E5 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida P lar\Papel da Família\Problemas com o Cônjuge | 273 | ela também fechava-se um bocadinho, porque não queria quebrar, |
| E5 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida P lar\Papel da Família\Problemas com o Cônjuge | 275 | Começou a haver um distanciamento. |
| E5 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida P lar\Papel da Família\Problemas com o Cônjuge | 275 | foi isso que começou aí a haver, até que tivemos uma conversa. |
| E5 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da Vida P Escolar\Só com muita motivação | 195 | Por muito querer. |
| E5 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da Vida P Escolar\Só com muita motivação | 325 | sacrifícios |
| E5 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Dificuldades cognitiva | 225 | não tenho uma base escolar |
| E5 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Dificuldades cognitiva | 227 | tenho um vazio. |
| E5 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Dificuldades cognitiva | 253 | Quando eu digo que não tinha capacidades é derivado a ter |
| E5 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Dificuldades cognitiva | 259 | eu não tinha bases. |
| E5 | Escolha da Escola\Perto de casa | 133 | perto de minha casa... |
| E5 | Escolha da Escola\Referências | 133 | a minha sobrinha tirou o curso no Camões disse: então vais para |
| E5 | Expectativas a Longo Prazo\Mudanças\Escolares | 191 | quero fazer a licenciatura |
| E5 | Expectativas a Longo Prazo\Mudanças\Pessoais | 311 | sinto-me muito mais seguro. |
| E5 | Expectativas a Longo Prazo\Mudanças\Pessoais | 319 | Não é o facto de darem um Ferrari a uma pessoa que a pessoa |

| | | | |
|----|---|-----|---|
| E5 | Expectativas a Longo Prazo\Mudanças\Pessoais | 325 | os de noite, como são excluídos da sociedade, |
| E5 | Expectativas a Longo Prazo\Mudanças\Profissionais | 191 | ser técnico oficial de contas |
| E5 | Expectativas a Médio Prazo\Escolares | 57 | Acabei o 12º e já quero ir para o ISCAL. |
| E5 | Expectativas a Médio Prazo\Escolares | 57 | já não estou bem com o 12º |
| E5 | Expectativas a Médio Prazo\Escolares | 57 | Nunca estou bem com aquilo que tenho |
| E5 | Expectativas a Médio Prazo\Escolares | 285 | ser técnico oficial de contas, |
| E5 | Expectativas a Médio Prazo\Pessoais | 293 | sinto-me mais realizado |
| E5 | Expectativas a Médio Prazo\Pessoais | 293 | veja, vá lá, o mundo de outra maneira |
| E5 | Expectativas a Médio Prazo\Pessoais | 301 | A escola hoje em dia na minha vida é mais saber |
| E5 | Expectativas a Médio Prazo\Pessoais | 301 | Sinto-me mais independente. |
| E5 | Expectativas a Médio Prazo\Pessoais | 303 | Agora já tenho objetivos. Já tenho, já me sinto ativo, |
| E5 | Expectativas a Médio Prazo\Pessoais | 305 | para eu ver a vida de outra maneira. |
| E5 | Expectativas a Médio Prazo\Pessoais | 307 | já consigo entender quando as pessoas falam que o país está |
| E5 | Expectativas a Médio Prazo\Pessoais | 309 | isso leva-nos a gente também ter capacidade de conseguir |
| E5 | Expectativas a Médio Prazo\Pessoais | 311 | Sinto-me mais sociável. Não tem nada a ver |
| E5 | Expectativas a Médio Prazo\Pessoais | 311 | Eu agora já não tenho medo de ir seja para onde for, esteja com |
| E5 | Expectativas a Médio Prazo\Profissionais | 285 | loja que tenho que está fechada. |
| E5 | Expectativas a Médio Prazo\Profissionais | 289 | gabinete de contabilidade, que vai ser o meu futuro |
| E5 | Expectativas a Médio Prazo\Profissionais | 289 | neste momento é ser secretário-geral da empresa onde estou. |
| E5 | Expectativas a Médio Prazo\Profissionais | 297 | deu-me vontade de querer subir. |
| E5 | Expectativas a Médio Prazo\Profissionais | 299 | eu quando vim para cobrador, cá para fora, já tinha o lugar de |
| E5 | Identificação\Cônjuge\Escolaridade | 39 | menos estudos que eu |
| E5 | Identificação\Cônjuge\Escolaridade | 39 | em cultura geral é mais avançada do que eu |
| E5 | Identificação\Cônjuge\Profissão | 241 | o braço direito da chefia Giovanni Galli. |
| E5 | Identificação\Cônjuge\Profissão | 243 | ela é que fazia toda a contabilidade |
| E5 | Identificação\Idade | 4 | 46 anos |
| E5 | Identificação\Irmãos\Número | 157 | dois |
| E5 | Identificação\Irmãos\Profissão | 43 | advogado. |
| E5 | Identificação\Irmãos\Profissão | 161 | Tem um cargo grande Herbalife |
| E5 | Identificação\Local de Nascimento | 4 | Maternidade Alfredo da Costa. |
| E5 | Identificação\Local de Nascimento | 5 | Lisboa |
| E5 | Identificação\Profissão\Importância do Trabalho | 23 | trabalho é independência. |
| E5 | Identificação\Profissão\Importância do Trabalho | 27 | queria-me sentir independente, |

| | | | |
|----|--|-----|--|
| E5 | Identificação\Profissão\Importância do Trabalho | 27 | queria sentir-me realizado |
| E5 | Identificação\Profissão\Importância do Trabalho | 31 | há muita oferta mas há muita procura |
| E5 | Identificação\Profissão\Início de trabalho | 10 | onze anos |
| E5 | Identificação\Sexo\Masculino | 4 | F |
| E5 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Benefícios no Empre | 173 | eu considero-me, entre aspas, um líder |
| E5 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Benefícios no Empre | 173 | Como líder que tento ser, tenho de ter capacidades para o ser. |
| E5 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Pedido de Familiar | 17 | brincadeira de família e por ter gente no ramo, no ensino, |
| E5 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Tirar Boas Notas | 21 | aquilo que eu estava a conseguir alcançar estava-me a dar |
| E5 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Tirar Boas Notas | 21 | então meteu-me o bicho |
| E5 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Tirar Boas Notas | 51 | tirei o curso de massagista com dezoito valores. Na altura |
| E5 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Tirar Boas Notas | 57 | pelo sentido de vitória |
| E5 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Passar o tempo | 147 | Isolo-me um bocado na casa |
| E5 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Passar o tempo | 149 | ver vídeos, a ver filmes |
| E5 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Passar o tempo | 149 | Tenho o meu espaço reservado que me isolo ali |
| E5 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Aumentar Conhecim | 31 | como há muita gente licenciada, qualquer miúdo hoje em dia tem |
| E5 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Aumentar Conhecim | 39 | eu sentia-me mal |
| E5 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Aumentar Conhecim | 47 | tornava-me engraçado na maneira de ser. Pronto, era o bobo da |
| E5 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Aumentar Conhecim | 49 | não sabia o que estavam a falar. E foi essas pequenas coisas |
| E5 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Autoestima\Confian | 15 | por me sentir já mal, |
| E5 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Autoestima\Confian | 15 | cheguei a chefe comecei-me a sentir mal. |
| E5 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Autoestima\Confian | 17 | Mais novas e com mais habilitações e outra maneira de ver as |
| E5 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Autoestima\Confian | 17 | comecei-me a sentir mal |
| E5 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Autoestima\Confian | 17 | como sou também um bocado orgulhoso, não gosto de perder, fui |
| E5 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Mudar de vida | 193 | é uma maneira de eu fugir do meu casulo. |
| E5 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Realização Pessoal | 21 | no 9º pensei, não me chega, vou fazer o 12º. |
| E5 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Realização Pessoal | 39 | sentia-me deslocado |
| E5 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Realização Pessoal | 39 | toda a gente da minha família são todos formados |
| E5 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Realização Pessoal | 39 | O único que não era, era eu. |
| E5 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Realização Pessoal | 47 | O único que não era nada era eu |
| E5 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Realização Pessoal | 173 | porque me sentia ultrapassado. |
| E5 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Realização Pessoal | 173 | Sentia-me mal perante a sociedade |
| E5 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Realização Pessoal | 175 | eu antes quero ser o pior dos melhores do que o melhor dos |
| E5 | Papel do Professor\Práticas Letivas\Atividades\TPC | 223 | era ali que tinha de apostar tudo porque na outra parte era |

| | | | |
|----|--|-----|--|
| E5 | Papel do Professor\Práticas Letivas\Atividades\TPC | 257 | uma coisa é a criatividade, outra coisa é a falta de saber. |
| E5 | Papel do Professor\Práticas Letivas\Atividades\TPC | 271 | tinha que fazer os trabalhos e esquecia-me um bocado dela. |
| E5 | Papel do Professor\Preparação para lecionar Alunos Adultos | 177 | tem pessoas que sabem ensinar, tem boa estrutura, tem um grupo |
| E5 | Papel do Professor\Preparação para lecionar Alunos Adultos | 283 | bons professores, |
| E5 | Papel do Professor\Relação Professor-Aluno\Compreensão | 181 | a diferença que há logo à partida vem da educação |
| E5 | Papel do Professor\Relação Professor-Aluno\Empatia | 181 | é como se estivesse em casa. |
| E5 | Papel do Professor\Relação Professor-Aluno\Empatia | 181 | porque comecei logo a criar o meu habitat. |
| E5 | Percurso Escolar até 9º ano\2º Ciclo\Ano da Retenção | 101 | 2º ano |
| E5 | Percurso Escolar até 9º ano\2º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da | 103 | Só passei a duas disciplinas. O resto chumbei tudo. |
| E5 | Percurso Escolar até 9º ano\2º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da | 105 | Porque eu só em faltas, o segundo período nunca mais lá fui. |
| E5 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Negativas\Assimilação dos co | 109 | tive 2 em tudo |
| E5 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Negativas\Assimilação dos co | 113 | Fiquei desmotivado e nunca mais liguei à escola |
| E5 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Negativas\Desilusão | 87 | Aquilo não me dizia nada |
| E5 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Negativas\Professores | 87 | eu ia lá e achava que os professores não ensinavam nada |
| E5 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Negativas\Professores | 87 | o ensino de antigamente era diferente |
| E5 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Positivas\Adaptação | 116 | teste diagnóstico |
| E5 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Positivas\Bons resultados | 19 | acabei o 9º ano e dois anos, devia ser em três, fiz em dois e |
| E5 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Positivas\Bons resultados | 17 | fui fazer um teste à Rainha D. Leonor. Fui lá, fiz o teste e |
| E5 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Positivas\Bons resultados | 53 | A finalidade era subir. |
| E5 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Positivas\Bons resultados | 53 | era para estar ao nível deles, para chefiar com consciência |
| E5 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Positivas\Bons resultados | 57 | Como tive a sorte de fazer em dois anos, não é, com notas |
| E5 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Positivas\Bons resultados | 123 | fiz o 7º, 8º e 9º em dois anos. Ou seja, no 7º andei a nadar, |
| E5 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Colegas\Ajuda | 175 | éramos cinco, e eu levei os cinco ao colo e fui o único que |
| E5 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Colegas\Lazer / saídas | 151 | Com os colegas da escola não |
| E5 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Disciplinas do Curso\Mais difi | 349 | Matemática |
| E5 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Disciplinas do Curso\Organiza | 283 | O curso está bem estruturado |
| E5 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Escolha do Curso\Tecnológico | 21 | Contabilidade |
| E5 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Desvantagens | 283 | as Novas Oportunidades são muito bonitas, não é, mas é para as |
| E5 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens\Balanço | 283 | a gente tem de admitir que hoje em dia uma licenciatura, se |
| E6 | Causas do Abandono Escolar\Ida para tropa | 81 | fui prá tropa e pronto |
| E6 | Causas do Abandono Escolar\Querer começar a trabalhar | 117 | Muitas vezes por causa do trabalho |
| E6 | Causas do Abandono Escolar\Situações Financeiras | 117 | depois fui para fora, e estive sete anos e meio fora de casa, |

| | | | |
|----|--|-----|---|
| E6 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida Particular\Abdicação do Lazer / descanso | 154 | há sempre umas ervas para cortar..., umas árvores para |
| E6 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida Particular\Ajuda de Familiares nos Conteúdos | 138 | Tentei sempre virar-me sozinho |
| E6 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida Particular\Ajuda de Familiares nos Conteúdos | 138 | e a única maneira que a gente tem de aprender. |
| E6 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida Particular\Ajuda de Familiares nos Conteúdos | 140 | a minha filha ajudava-me quando era nos trabalhos de computador |
| E6 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida Particular\Papel da Família\Importância / Valor | 160 | Tenho uma mulher que não está aqui, mas que sempre me apoiou |
| E6 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida Particular\Papel da Família\Importância / Valor | 162 | A minha mulher incentivou-me e sempre me apoiou, |
| E6 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida Particular\Papel da Família\Importância / Valor | 162 | foi por isso que consegui levar a minha missão até ao fim |
| E6 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da Vida Particular\Escolar\Cansativo | 57 | Com muito sacrifício mas quando há ideais, por vezes, |
| E6 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da Vida Particular\Escolar\Só com muita motivação | 59 | durante 3 anos e sabe que às vezes ... : uma pessoa desanima... |
| E6 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da Vida Particular\Escolar\Só com muita motivação | 61 | depois lá vai outro dia mais animado e depois outro e... |
| E6 | Escolha da Escola\Perto do trabalho | 105 | a escola que estava mais perto. |
| E6 | Escolha da Escola\Perto do trabalho | 107 | Trabalho e mais participado em termos de transportes |
| E6 | Expectativas a Médio Prazo\Escolares | 197 | era ter continuado |
| E6 | Expectativas a Médio Prazo\Escolares | 208 | Foi ela que o travou, praticamente... : Sim, foi, eu nunca lhe |
| E6 | Expectativas a Médio Prazo\Pessoais | 197 | a minha mulher disse-me que se quisesse continuasse |
| E6 | Expectativas a Médio Prazo\Pessoais | 199 | não havia grande vontade |
| E6 | Expectativas a Médio Prazo\Pessoais | 238 | Pagam ao fiscal de obras o que não pagam ao fiscal municipal. |
| E6 | Expectativas a Médio Prazo\Profissionais | 220 | o meu objetivo era fiscal de obras. |
| E6 | Expectativas a Médio Prazo\Profissionais | 228 | o meu objetivo era de Fiscal Municipal. |
| E6 | Identificação\Cônjuge\Escolaridade | 43 | 4ª classe. |
| E6 | Identificação\Cônjuge\Profissão | 39 | auxiliar de ação educativa |
| E6 | Identificação\Cônjuge\Profissão | 39 | começou a trabalhar em França com uma empresa que fazia tendas |
| E6 | Identificação\Cônjuge\Profissão | 41 | esta a trabalhar no jardim de infância |
| E6 | Identificação\Filhos\Número | 45 | dois |
| E6 | Identificação\Filhos\Número\Escolaridade | 49 | A miúda está formada em psicologia |
| E6 | Identificação\Filhos\Número\Escolaridade | 49 | o rapaz foi mais preguiçoso, não chegou ao 10 º ano, não quis |
| E6 | Identificação\Filhos\Número\Escolaridade | 52 | filha? Trabalha? : Trabalha, está numa Cooperativa de |
| E6 | Identificação\Filhos\Número\Escolaridade | 55 | O meu filho está nos Sapadores Bombeiros |

| | | | |
|----|--|-----|---|
| E6 | Identificação\Idade | 8 | 58 |
| E6 | Identificação\Irmãos\Escolaridade | 37 | Um está formado, no ministério da Economia |
| E6 | Identificação\Irmãos\Escolaridade | 37 | mais novo que é a rapariga, acabou agora o 12º ano também |
| E6 | Identificação\Irmãos\Número | 35 | Dois. |
| E6 | Identificação\Local de Nascimento | 10 | arredores de Castelo Branco que se chama Escálos de Baixo |
| E6 | Identificação\Pais\Escolaridade Mãe | 28 | função pública, foi contínua de escolas. |
| E6 | Identificação\Pais\Escolaridade Mãe | 30 | 4ª classe |
| E6 | Identificação\Pais\Escolaridade Pai | 30 | 4ª classe |
| E6 | Identificação\Pais\Profissão Pai | 22 | canteiro |
| E6 | Identificação\Pais\Profissão Pai | 24 | com 32 anos prá ai, veio com a família para Lisboa coma família |
| E6 | Identificação\Profissão\1º Trabalho | 14 | comecei a trabalhar no Ministério da Economia |
| E6 | Identificação\Profissão\1º Trabalho | 14 | como paquete |
| E6 | Identificação\Profissão\Início de trabalho | 14 | entrei com 14 anos |
| E6 | Identificação\Profissão\Profissão Atual | 14 | Câmara Municipal de Lisboa |
| E6 | Identificação\Profissão\Profissão Atual | 18 | Comecei por baixo depois subimos... |
| E6 | Identificação\Profissão\Profissão Atual | 20 | Sou fiscal de Obras |
| E6 | Identificação\Sexo\Masculino | 4 | M |
| E6 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Benefícios no Empre | 81 | surgiu-me uma oportunidade da reconversão profissional, |
| E6 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Aumentar Conhecim | 175 | o saber não ocupa lugar e nunca é tarde para agente aprender. |
| E6 | Papel do Professor\Práticas Letivas\Relação Aluno / Colegas\Ajuda | 190 | espírito de camaradagem... |
| E6 | Papel do Professor\Práticas Letivas\Relação Aluno / Colegas\Ajuda | 275 | cada um tinha o seu feitio, mas eram bons moços |
| E6 | Papel do Professor\Práticas Letivas\Relação Aluno / Colegas\Ajuda | 277 | Alguns tinham pouca convivência, fechavam-se um bocadinho |
| E6 | Percurso Escolar até 9º ano\1º ciclo\Ano da Retenção | 75 | 3ª classe |
| E6 | Percurso Escolar até 9º ano\1º ciclo\Ano da Retenção\Causa da R | 73 | Comecei nos Escálos de Baixo |
| E6 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Negativas\Adaptação ao mo | 81 | Aquilo era uma vez por semana. |
| E6 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Negativas\Adaptação ao mo | 89 | Íamos lá á 5ª feira da parte da tarde e aquilo foi assim, |
| E6 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Negativas\Adaptação ao mo | 94 | Novas Oportunidades |
| E6 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Negativas\Adaptação ao mo | 101 | foi em 2001 |
| E6 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Negativas\Adaptação ao mo | 111 | Nunca tive o gosto... |
| E6 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Negativas\Adaptação ao mo | 112 | Quanto tempo teve nas novas oportunidades? : Aquilo foi pouco, |
| E6 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Disciplinas do Curso\Mais difi | 254 | matemática |
| E6 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Escolha do Curso\Tecnológico / Contabilidade | 247 | Administração |

| | | | |
|----|--|-----|--|
| E6 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens\Balanço | 71 | Valeu o sacrifício, |
| E6 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens\Balanço | 71 | foi uma espécie de avivar de memória portanto, eu tinha deixado |
| E6 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens\Balanço | 71 | estudar outra vez foi um desafio muito grande. |
| E6 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens\Balanço | 136 | foi muito interessante, muito interessante |
| E6 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens\Balanço | 136 | o que aprendi e com a idade que tenho achei gratificante. |
| E6 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens\Balanço | 181 | valeu a pena |
| E6 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens\Balanço | 193 | o saber não ocupa lugar |
| E6 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens\Balanço | 286 | vale sempre a pena estudar |
| E6 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens\Balanço | 286 | nunca é tarde para estudar principalmente quando há objetivos |
| E7 | Causas do Abandono Escolar\Dificuldades escolares | 107 | fiz o 10º e 11º ano. |
| E7 | Causas do Abandono Escolar\Dificuldades escolares | 111 | no 12º ano não consegui passar |
| E7 | Causas do Abandono Escolar\Dificuldades escolares | 121 | não consegui concluir o 12º ano. E portanto fiquei com 11º ano |
| E7 | Causas do Abandono Escolar\Querer começar a trabalhar | 127 | o meu pai tinha uma loja e eu fui trabalhar |
| E7 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida Profissional\Abdicação do Lazer / descanso | 51 | Acaba por se roubar um bocadinho de tempo ao estar com a |
| E7 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida Profissional\Abdicação do Lazer / descanso | 51 | aproveitar todos os momentos para conseguir estudar e para |
| E7 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida Profissional\Abdicação do Lazer / descanso | 272 | não é uma decisão fácil |
| E7 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida Profissional\Abdicação do Lazer / descanso | 274 | Porque são muitos anos com outros hábitos criados que não tem |
| E7 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida Profissional\Abdicação do Lazer / descanso | 275 | é difícil tomar essa decisão" voltar à escola", depois é um |
| E7 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida Profissional\Abdicação do Lazer / descanso | 276 | tem a ver com a gestão do tempo que as pessoas fazem. |
| E7 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida Profissional\Entrar no Ritmo | 193 | a voltar a ter aquele ritmo |
| E7 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida Profissional\Entrar no Ritmo | 193 | aquela engrenagem ... |
| E7 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida Profissional\Entrar no Ritmo | 276 | Principalmente quando estão a trabalhar e tem um horário para |
| E7 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida Profissional\Entrar no Ritmo | 278 | é preciso dedicação e estudar e é outro ritmo e começam a |
| E7 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida Profissional\Entrar no Ritmo | 282 | Acho que tem a ver com esse choque de estudo e dedicação e maior |
| E7 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da Vida Profissional\Escolar\Só com muita motivação | 49 | houve ali um período que não terá sido tão difícil na medida |
| E7 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da Vida Profissional\Escolar\Só com muita motivação | 49 | desde o momento em que se começa a trabalhar , tenho um horário |

| | | | |
|----|--|-----|---|
| E7 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da Vida P Escolar\Só com muita motivação | 173 | no inicio foi um choque em termos de ...aquele tempo em que |
| E7 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da Vida P Escolar\Só com muita motivação | 173 | fui ganhando motivação e os professores também ajudaram |
| E7 | Escolha da Escola\Perto de casa | 163 | proximidade |
| E7 | Escolha da Escola\Referências | 163 | já conhecia o Camões s, não havia problema em voltar aqui |
| E7 | Expectativas a Longo Prazo\Mudanças\Pessoais | 266 | A escola veio roubar tempo, entre aspas , para eu poder dedicar |
| E7 | Expectativas a Longo Prazo\Mudanças\Pessoais | 261 | Já não correr , já não vai jogar ténis... |
| E7 | Expectativas a Longo Prazo\Mudanças\Pessoais | 254 | os meus pais são pessoas que começam a estar como alguma |
| E7 | Expectativas a Longo Prazo\Mudanças\Pessoais | 256 | .poderia ser considerado um entrave |
| E7 | Expectativas a Longo Prazo\Mudanças\Pessoais | 268 | acabei por criar outros hábitos |
| E7 | Expectativas a Médio Prazo\Escolares | 205 | O meu intuito inicial era completar o 12º ano. Depois fui |
| E7 | Expectativas a Médio Prazo\Escolares | 226 | Para já é concluir a licenciatura. |
| E7 | Expectativas a Médio Prazo\Pessoais | 248 | .o tempo que eu dediquei a estudar é mais proveitoso do que se |
| E7 | Expectativas a Médio Prazo\Pessoais | 260 | nos últimos anos ate tido menos tempo para mim próprio |
| E7 | Expectativas a Médio Prazo\Pessoais | 264 | sentir-se um pouco com menos tempo para si próprio e algumas |
| E7 | Expectativas a Médio Prazo\Profissionais | 242 | se surgir essa oportunidade de ter uma atividade por conta |
| E7 | Expectativas a Médio Prazo\Profissionais | 244 | para a área do empreendedorismo, para essa área da gestão de |
| E7 | Expectativas a Médio Prazo\Profissionais | 258 | no tempo que corre foi ter tido oportunidade de estar a |
| E7 | Identificação\Idade | 4 | 42 |
| E7 | Identificação\Irmãos\Escolaridade | 43 | Frequentou a o segundo ano de um curso de engenharia mas depois |
| E7 | Identificação\Irmãos\Número | 38 | um |
| E7 | Identificação\Irmãos\Profissão | 39 | técnico de comunicações aeronáuticas aqui no aeroporto |
| E7 | Identificação\Local de Nascimento | 6 | Lisboa |
| E7 | Identificação\Pais\Escolaridade Mãe | 37 | terceira classe. |
| E7 | Identificação\Pais\Escolaridade Pai | 33 | 4ª classe, |
| E7 | Identificação\Pais\profissão Mãe | 37 | modista |
| E7 | Identificação\Pais\Profissão Pai | 35 | comerciante |
| E7 | Identificação\Pais\Profissão Pai | 35 | Teve negócio próprio, em lisboa |
| E7 | Identificação\Profissão\1º Trabalho | 17 | O primeiro que eu tive foi o aeroporto |
| E7 | Identificação\Profissão\Importância do Trabalho | 53 | qualquer pessoa que não tenha uma atividade acaba por estar um |
| E7 | Identificação\Profissão\Importância do Trabalho | 55 | Fora o aspeto financeiro |
| E7 | Identificação\Profissão\Início de trabalho | 19 | 21 anos |
| E7 | Identificação\Profissão\Profissão Atual | 8 | técnico de contabilidade |

| | | | |
|----|---|-----|--|
| E7 | Identificação\Sexo\Masculino | 4 | P |
| E7 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Benefícios no Empre | 140 | se tivesse o 12º? : Em principio teria mais chances de |
| E7 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Aumentar Conhecim | 135 | quando estava ali no Targus Parque porque era uma empresa muito |
| E7 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Aumentar Conhecim | 143 | eu já tinha uma idade mais avançada e tinha colegas mais novos |
| E7 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Gosto pela Leitura | 67 | gosto também de ler. |
| E7 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Gosto pela Leitura | 69 | gosto de poder ler obras de autores portugueses, algumas obras |
| E7 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Realização Pessoal | 137 | senti que estava a, tinha vontade. Potencialidades para |
| E7 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Realização Pessoal | 220 | foi mais para tentar testar as minhas capacidades |
| E7 | Papel do Professor\Práticas Letivas\Relação Aluno / Colegas\Ajuda | 195 | sempre que era necessário juntávamo-nos e puxávamos uns pelos outros |
| E7 | Papel do Professor\Práticas Letivas\Relação Aluno / Colegas\Lazer | 195 | Os colegas foram poucos mas bons. Começaram bastantes mas |
| E7 | Papel do Professor\Preparação para lecionar Alunos Adultos | 185 | Todos eles demonstraram um grande empenhamento e |
| E7 | Papel do Professor\Preparação para lecionar Alunos Adultos | 203 | nem todos os professores são iguais. Cada tem a sua forma de |
| E7 | Percurso Escolar até 9º ano\3º Ciclo\Ano da Retenção | 91 | Chumbei no 8º ano |
| E7 | Percurso Escolar até 9º ano\3º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da | 93 | distração |
| E7 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Positivas\Bons resultados | 122 | Era ir para ciências, seguir um curso influenciado pelos |
| E7 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Disciplinas do Curso\Organiza | 189 | Ao nível da economia talvez. Eu já falei na área da matemática, |
| E7 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Escolha do Curso\Tecnológico | 163 | curso de administração |
| E7 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Escolha do Curso\Tecnológico | 149 | foi talvez mais pela área em si e com a minha génese em si. O |
| E7 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens | 179 | encaramos muitas vezes o estudo com uma certa , pronto não |
| E7 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens\10º ano | 175 | eu tinha vantagem de morar aqui ao lado .Ainda consegui, |
| E7 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens\11º ano | 175 | Depois já o 2º ano eu fiquei desempregado , já tinha o dia por |
| E7 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens\12º ano | 191 | as dificuldades principais que eu senti , talvez no 12º ano |
| E7 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens\Balanço | 63 | qualquer pessoa quanto mais formação conseguir ao longo da vida |
| E7 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens\Balanço | 63 | Portugal, o nosso país esteve muito durante muito |
| E7 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens\Balanço | 65 | formação mais genérica é fundamental para que as pessoas tenham |
| E7 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens\Balanço | 203 | no geral a avaliação que faço é positiva |
| E8 | Causas do Abandono Escolar\Vícios\Bebida | 216 | Prós copos... |
| E8 | Causas do Abandono Escolar\Vícios\Bebida | 216 | ai é que vem a parte negativa da Vida... |
| E8 | Causas do Abandono Escolar\Vícios\Bebida\Justificação | 220 | foi um percurso da minha vida que eu não desejo a ninguém. Nem |
| E8 | Causas do Abandono Escolar\Vícios\Bebida\Justificação | 221 | a influencia dos amigos |
| E8 | Causas do Abandono Escolar\Vícios\Bebida\Justificação | 222 | saia mais um colega, mais uma imperial, mais uns tremoços, |

| | | | |
|----|--|-----|---|
| E8 | Causas do Abandono Escolar\Vícios\Bebida\Justificação | 224 | Mais do que mal. Que a gente não vê nada. |
| E8 | Causas do Abandono Escolar\Vícios\Bebida\Justificação | 225 | uma desintoxicação? : Por minha autorrecriação... Porque é |
| E8 | Causas do Abandono Escolar\Vícios\Bebida\Justificação | 234 | dois anos, sem ter a noção da realidade, porque quando a pessoa |
| E8 | Causas do Abandono Escolar\Vícios\Bebida\Justificação | 238 | A gente costuma dizer: só se lembra de Deus quando esta aflito. |
| E8 | Causas do Abandono Escolar\Vícios\Bebida\Justificação | 242 | Voltei a renascer... depois disse para comigo, porque aqui também |
| E8 | Causas do Abandono Escolar\Vícios\Grupo de "amigos" | 210 | Há sempre aquele grupo de amigos |
| E8 | Causas do Abandono Escolar\Vícios\Grupo de "amigos" | 212 | eles não iam para lado nenhum que eu não fosse... |
| E8 | Causas do Abandono Escolar\Vícios\Grupo de "amigos" | 214 | eles iam bater à minha porta e “ hoje vamos ali, vamos...” |
| E8 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida P lar\Ajuda de Familiares nos Conteúdos | 274 | a português era ela muitas vezes que me ajudava. |
| E8 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida P lar\Ajuda de Familiares nos Conteúdos | 340 | Em contabilidade, pois ela trabalha no Ministério da Saúde e |
| E8 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida P lar\Entrar no Ritmo | 368 | Entrar nesse ritmo foi difícil... |
| E8 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida P lar\Entrar no Ritmo | 368 | Também tenho esse suporte atrás que me está sempre a empurrar. |
| E8 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida P lar\Papel da Família\Importância / Valor | 84 | o amor de família, acho que é muito restrito já |
| E8 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida P lar\Papel da Família\Importância / Valor | 85 | É tudo por conveniência... |
| E8 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida P lar\Papel da Família\Importância / Valor | 86 | lembro-me do tempo dos meus avós em que nos reuníamos todos, os |
| E8 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida P lar\Papel da Família\Importância / Valor | 88 | as pessoas afastam-se. Por interesses, o aspeto material é |
| E8 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da Vida P Escolar\Cansativo | 278 | é stressante |
| E8 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da Vida P Escolar\Cansativo | 278 | Não é nada fácil. |
| E8 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da Vida P Escolar\Só com muita motivação | 286 | Havia dias em que efetivamente em que me sentia:” Pá vou mas |
| E8 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da Vida P Escolar\Só com muita motivação | 288 | estava sempre a apertar “ E tu vais conseguir, não desistas, |
| E8 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da Vida P Escolar\Só com muita motivação | 290 | se uma pessoa abandalha-se um bocado, desanima um bocado reage |
| E8 | Escolha da Escola\Perto de casa | 254 | por estar mais próximo a minha casa e poder ir jantar a casa |
| E8 | Expectativas a Médio Prazo\Escolares | 347 | continuar para o superior |
| E8 | Expectativas a Médio Prazo\Pessoais | 344 | estágio para técnico da administração tributária |
| E8 | Expectativas a Médio Prazo\Pessoais | 360 | Não só valorizar-me pessoalmente, integrar-me, porque eu estive |
| E8 | Expectativas a Médio Prazo\Pessoais | 362 | Deixei os meus pais felizes... |
| E8 | Expectativas a Médio Prazo\Profissionais | 360 | Depois valorizei-me não só a nível profissional. |

| | | | |
|----|---|-----|--|
| E8 | Identificação\Filhos\Número | 26 | Um |
| E8 | Identificação\Filhos\Número\Escolaridade | 32 | 8º |
| E8 | Identificação\Filhos\Número\Idades | 26 | 15 anos |
| E8 | Identificação\Idade | 4 | 45 |
| E8 | Identificação\Local de Nascimento | 6 | Lisboa |
| E8 | Identificação\Pais\Escolaridade Mãe | 14 | 4ª classe |
| E8 | Identificação\Pais\Escolaridade Pai | 14 | 4ª classe |
| E8 | Identificação\Pais\profissão Mãe | 20 | Tabaqueira |
| E8 | Identificação\Pais\Profissão Pai | 20 | Tabaqueira |
| E8 | Identificação\Profissão\1º Trabalho | 56 | entrei como tarefeiro |
| E8 | Identificação\Profissão\Início de trabalho | 48 | 18 anos. |
| E8 | Identificação\Profissão\Profissão Atual | 8 | Direção Geral de Contribuições e Impostos. |
| E8 | Identificação\Sexo\Masculino | 4 | R |
| E8 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Benefícios no Empre | 52 | faltava-me 3 disciplinas do 11º ano antigo |
| E8 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Benefícios no Empre | 250 | a minha ideia é passar à carreira técnica, porque há sempre |
| E8 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Pedido de Familiar | 272 | uma companheira que eu tenho, portanto, ela é doutorada e ela |
| E8 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Pedido de Familiar | 274 | ela dizia mesmo que eu era capaz. |
| E8 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Pedido de Familiar | 274 | que eu tinha de demonstrar a mim mesmo |
| E8 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Pedido de Familiar | 274 | ela espicaçava naquela parte em que eu muitas vezes me queria |
| E8 | Motivos para Regresso à Escola\Extrínsecos\Pedido de Familiar | 276 | Dizia: “ Não deixes para trás, não faltes, aguenta mais um |
| E8 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Autoestima\Confiança | 78 | se as pessoas investissem um pouco mais nelas |
| E8 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Autoestima\Confiança | 242 | mostrar a mim mesmo que também tinha capacidades |
| E8 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Autoestima\Confiança | 248 | a minha ideia era demonstrar a mim mesmo e também saber como |
| E8 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Autoestima\Confiança | 271 | foi para mostrar a si próprio que conseguia fazer alguma coisa |
| E8 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Realização Pessoal | 78 | acredito que consigo sempre alcançar seja o que for |
| E8 | Papel do Professor\Preparação para lecionar Alunos Adultos | 324 | Bom professor que explicava bem apesar da contabilidade ser |
| E8 | Papel do Professor\Relação Professor-Aluno\Respeito Mútuo | 320 | no fundo, não via, na minha opinião que houvesse aquela |
| E8 | Percurso Escolar até 9º ano\2º Ciclo\Ano da Retenção | 122 | 2º ano |
| E8 | Percurso Escolar até 9º ano\2º Ciclo\Ano da Retenção | 134 | 2º ano chumbei outra vez |
| E8 | Percurso Escolar até 9º ano\2º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da f | 124 | chumbei por faltas |
| E8 | Percurso Escolar até 9º ano\2º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da f | 126 | Porque eu era jogador de bola e a minha atração era jogador de |
| E8 | Percurso Escolar até 9º ano\2º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da f | 130 | passava a vida no pátio a jogar a bola |
| E8 | Percurso Escolar até 9º ano\2º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da f | 136 | Fui jogar a bola também |

| | | | |
|----|--|-----|---|
| E8 | Percurso Escolar até 9º ano\2º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da | 136 | não ia às aulas e chumbei por faltas. |
| E8 | Percurso Escolar até 9º ano\3º Ciclo\Ano da Retenção | 142 | 9º ano |
| E8 | Percurso Escolar até 9º ano\3º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da | 142 | tive um exame de matemática... |
| E8 | Percurso Escolar até 9º ano\3º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da | 144 | Nunca gostei de matemática. |
| E8 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Negativas\Professores | 176 | era uma gaiata, ela tinha 20 e poucos anos, e falava para as |
| E8 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Negativas\Professores | 178 | Felizmente, porque me passou tudo pela cabeça, naquela altura. |
| E8 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Positivas\Professores | 164 | ele agora até é o diretor da BPI (?), foi diretor do Sporting |
| E8 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Positivas\Professores | 166 | fiquei com o contacto dele, uma porta sempre aberta... Uma |
| E8 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Positivas\Professores | 174 | Tinha um professor de desenho que cantava ópera... |
| E8 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Colegas\Ajuda | 332 | Como ser bom colega, é partilhar o que se sabe e não sabe. |
| E8 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Colegas\Ajuda | 332 | Depois havia outro que era o inverso... Que não dava nada pelos |
| E8 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Disciplinas do Curso\Mais difi | 324 | contabilidade |
| E8 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Disciplinas do Curso\Mais difi | 336 | Tive dificuldade em matemática...sempre tive.... |
| E8 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Disciplinas do Curso\Mais difi | 340 | Uma disciplina que eu mais gostava, mas que senti dificuldade |
| E8 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Disciplinas do Curso\Mais difi | 340 | Uma disciplina que eu gostava mas que tive dificuldade era |
| E8 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Escolha do Curso\Tecnológico / Contabilidade | 302 | Contabilidade |
| E8 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Escolha do Curso\Tecnológico / Contabilidade\Experiência | 304 | Não sei, porque possivelmente tive também a conta a idade, não |
| E8 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens\10º ano | 368 | no primeiro ano, ao entrar, temia um pouco, porque era aquela |
| E8 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens\Balanço | 362 | Um balanço muito positivo. |
| E8 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens\Balanço | 364 | é uma alavanca na vida de uma pessoa... |
| E8 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens\Balanço | 366 | em todos os fatores a melhoria de 100, 200%... |
| E9 | Causas do Abandono Escolar\Dificuldades escolares | 77 | Quando o filho abandona a escola tem que sentir que não estudar |
| E9 | Causas do Abandono Escolar\Dificuldades escolares | 196 | sempre fui muito distraído, despassarado, extremamente |
| E9 | Causas do Abandono Escolar\Dificuldades escolares | 327 | tive grandes dificuldades de assimilação, aprendizagem, por |
| E9 | Causas do Abandono Escolar\Dificuldades escolares | 327 | Eu sempre tive muita dificuldade na assimilação das matérias. |
| E9 | Causas do Abandono Escolar\Dificuldades escolares | 327 | a sensação de não ser como os outros meninos, primeiro, de não |
| E9 | Causas do Abandono Escolar\Dificuldades escolares | 327 | a partir de determinada altura comecei a dizer a brincar, mas |
| E9 | Causas do Abandono Escolar\Dificuldades escolares\castigo | 174 | Meteram-me a trabalhar |
| E9 | Causas do Abandono Escolar\Dificuldades escolares\castigo | 174 | Ó mana, não metas este gajo a trabalhar atrás de uma secretária |
| E9 | Causas do Abandono Escolar\Dificuldades escolares\castigo | 176 | Mas a minha tia entendia que não |
| E9 | Causas do Abandono Escolar\Querer começar a trabalhar | 255 | Queria ser homem... |
| E9 | Causas do Abandono Escolar\Querer começar a trabalhar | 253 | ganhar dinheiro |

| | | | |
|----|---|-----|--|
| E9 | Causas do Abandono Escolar\Querer começar a trabalhar | 257 | Queria ser gente... |
| E9 | Causas do Abandono Escolar\Rebeldia | 282 | a vontade e garra não era nenhuma, |
| E9 | Causas do Abandono Escolar\Rebeldia | 282 | acabei por não acompanhar a mãe dos meus filhos. Continuava a |
| E9 | Causas do Abandono Escolar\Situações familiares | 85 | sentíamo-nos melhor fora de casa que em casa. |
| E9 | Causas do Abandono Escolar\Situações familiares | 87 | todos os motivos para estar fora de casa eram fantásticos. |
| E9 | Causas do Abandono Escolar\Situações familiares | 91 | à noite, mesmo numa escola, quando temos um problema de vida é |
| E9 | Causas do Abandono Escolar\Situações familiares | 282 | não consegue ter um ambiente familiar sustentado |
| E9 | Causas do Abandono Escolar\Situações Financeiras | 274 | precisava de ganhar mais dinheiro, aquilo que eu ganhava na |
| E9 | Causas do Abandono Escolar\Situações Financeiras | 282 | um filho, dois filhos, três filhos, a necessidade de ganhar |
| E9 | Causas do Abandono Escolar\Vícios\ Droga | 182 | Eu queria crescer |
| E9 | Causas do Abandono Escolar\Vícios\ Droga | 182 | estar bem na vida, crescer, era ser alguém, |
| E9 | Causas do Abandono Escolar\Vícios\Grupo de "amigos" | 274 | a noite fez-me mal. |
| E9 | Causas do Abandono Escolar\Vícios\Grupo de "amigos" | 274 | Eu não consegui, não consegui crescer o suficiente para pensar |
| E9 | Causas do Abandono Escolar\Vícios\Grupo de "amigos" | 274 | Eu era, era um bom <i>vivant</i> , |
| E9 | Causas do Abandono Escolar\Vícios\Grupo de "amigos" | 274 | um vadio da noite. |
| E9 | Causas do Abandono Escolar\Vícios\Grupo de "amigos" | 274 | eu era aquilo que se pode dizer o estereótipo de juventude |
| E9 | Causas do Abandono Escolar\Vícios\Grupo de "amigos" | 276 | eu quero lembrar isso aqui, é muito importante, eu vim de |
| E9 | Causas do Abandono Escolar\Vícios\Grupo de "amigos" | 280 | o meu mundo era fora de casa. |
| E9 | Causas do Abandono Escolar\Vícios\Mulheres | 278 | Portuguesas lindas. |
| E9 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida Pe lar\Entrar no Ritmo | 238 | estava com um medo enorme porque tinha dificuldades de |
| E9 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida Pe lar\Papel da Família\Importância / Valor | 293 | Não foi bom. |
| E9 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida Pe lar\Papel da Família\Problemas com o Cônjuge | 293 | Não queria fazer uma inconfidência, mas tenho que dizer que a |
| E9 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida Pe lar\Papel da Família\Problemas com o Cônjuge | 293 | Eu já passava muitas horas fora de casa porque era motorista e |
| E9 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida Pe lar\Papel da Família\Problemas com o Cônjuge | 293 | saía de casa de madrugada e entrava à noite. |
| E9 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida Pe lar\Papel da Família\Problemas com o Cônjuge | 295 | para uma relação que já trazia até alguns problemas, não é de |
| E9 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida Pe lar\Papel da Família\Problemas com o Cônjuge | 297 | a minha situação em termos de relação agravou-se. Portanto não |
| E9 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida Pe lar\Papel da Família\Problemas com o Cônjuge | 299 | Entrar em casa à noite não era nada bom |
| E9 | Dificuldades Sentidas no Regresso à Escola\Conciliação da vida Pe lar\Papel da Família\Problemas com o Cônjuge | 301 | passei os três anos todos fora de casa. |
| E9 | Escolha da Escola\Perto de casa | 288 | não sei que luz me guiou para vir para esta escola porque não |

| | | | |
|----|---|-----|---|
| E9 | Escolha da Escola\Referências | 336 | o nome Camões pesa. |
| E9 | Expectativas a Médio Prazo\Escolares | 240 | Se queria fazer uma licenciatura, porque era a minha ideia, |
| E9 | Expectativas a Médio Prazo\Escolares | 358 | é não ficar por aqui |
| E9 | Expectativas a Médio Prazo\Escolares | 361 | ainda quero fazer uma licenciatura. |
| E9 | Expectativas a Médio Prazo\Pessoais | 126 | Eu tenho necessidade de estar em contacto permanente com as |
| E9 | Expectativas a Médio Prazo\Pessoais | 358 | uma coisa engraçada que a escola me trouxe, voltar à escola, |
| E9 | Expectativas a Médio Prazo\Pessoais | 367 | é muito triste nós estarmos inseridos em seja que ambiente for |
| E9 | Expectativas a Médio Prazo\Profissionais | 118 | passei para Assistente Administrativo. |
| E9 | Identificação\Filhos\Número | 53 | três. |
| E9 | Identificação\Filhos\Número\Escolaridade | 57 | Estão a estudar dois. O mais velho está a trabalhar. |
| E9 | Identificação\Filhos\Número\Idades | 55 | 24 |
| E9 | Identificação\Filhos\Número\Idades | 55 | 23 |
| E9 | Identificação\Filhos\Número\Idades | 55 | 19 |
| E9 | Identificação\Filhos\Número\Observações | 63 | Estão em Inglaterra. : Todos. : Sim. Cada vez que falo com |
| E9 | Identificação\Idade | 6 | 47 |
| E9 | Identificação\Irmãos\Número | 25 | quatro irmãos |
| E9 | Identificação\Irmãos\Observações | 25 | somos filhos de mães diferentes |
| E9 | Identificação\Irmãos\Observações | 25 | só fomos reconhecidos pelo meu pai por exigência do meu avô |
| E9 | Identificação\Irmãos\Observações | 25 | o meu pai nem sequer sabia da nossa existência |
| E9 | Identificação\Local de Nascimento | 6 | nasci em Angola |
| E9 | Identificação\Local de Nascimento | 10 | Vim para Portugal com 18 anos. |
| E9 | Identificação\Local de Nascimento\Observações | 12 | Vim para Portugal por dois motivos, qual deles o mais |
| E9 | Identificação\Local de Nascimento\Observações | 14 | havia crianças com 15 anos que pegavam numa arma, |
| E9 | Identificação\Pais\Observações | 18 | o meu pai, sendo filho, e isto para explicar porque não |
| E9 | Identificação\Pais\Observações | 20 | Havia, uma certa, digamos que as pessoas, que, que... havia uma |
| E9 | Identificação\Pais\Observações | 25 | Por exemplo, havia um arraial, uma festa qualquer, desde que |
| E9 | Identificação\Pais\Observações | 8 | pai e a mãe biológica estão em Angola e a mãe que me criou, em |
| E9 | Identificação\Pais\Observações | 25 | O meu avô, homem branco |
| E9 | Identificação\Pais\Observações | 27 | O meu avô sabia que o meu pai andava com aquela mulher ou, pelo |
| E9 | Identificação\Pais\Observações | 29 | a dada altura um fulano se encanta por ela, |
| E9 | Identificação\Pais\Observações | 31 | ela tenta refazer a vida. Engravidou novamente e, quando |
| E9 | Identificação\Pais\Observações | 37 | desde então eu fui criado pela minha tia. |
| E9 | Identificação\Pais\Observações | 39 | eu perdi o rasto da história da minha mãe, perdi o rasto |

| | | | |
|----|---|-----|---|
| E9 | Identificação\Pais\Observações | 41 | Soube da minha mãe uma semanas antes de vir para Portugal. |
| E9 | Identificação\Pais\Observações | 41 | eu lembro-me que depois da minha tia ter filhos, ou mesmo |
| E9 | Identificação\Pais\Observações | 42 | Com a falta da mãe, com a falta do pai, apesar de ter o |
| E9 | Identificação\Pais\Observações | 43 | A minha tia, inclusivamente, passou por minha mãe, passou por |
| E9 | Identificação\Pais\Observações | 45 | depois começou a ter problemas porque cada vez que se |
| E9 | Identificação\Pais\Observações | 49 | é curioso que é numa altura em que nós, o meu pai estava a |
| E9 | Identificação\Profissão\1º Trabalho | 75 | numa empresa de transportes de Angola, de Luanda |
| E9 | Identificação\Profissão\1º Trabalho | 81 | Cheguei cá, 18 anos, não tinha habilitações, o trabalho numa |
| E9 | Identificação\Profissão\1º Trabalho | 81 | Mercado do Rego, fui acartar frutas, levantava-me às duas da |
| E9 | Identificação\Profissão\1º Trabalho | 81 | Dáí fui trabalhar para as obras. |
| E9 | Identificação\Profissão\1º Trabalho | 85 | Auxiliar de Ação Administrativa, contínuo, |
| E9 | Identificação\Profissão\Importância do Trabalho | 106 | Quanto mais versátil for um profissional, uma pessoa que queira |
| E9 | Identificação\Profissão\Início de trabalho | 73 | 16 anos. |
| E9 | Identificação\Profissão\Profissão Atual | 83 | surgiu a oportunidade de ir trabalhar para o Ministério da |
| E9 | Identificação\Sexo\Masculino | 6 | C |
| E9 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Aumentar Conhecim | 236 | eu achava que não queria só o 9º ano |
| E9 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Aumentar Conhecim | 238 | Embora me fizesse medo voltar à escola depois de, pode-se dizer |
| E9 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Mudar de vida | 309 | porque eu estava farto de ser motorista. Estava cansado de ser |
| E9 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Mudar de vida | 311 | os peões não pensam, não falam, não choram, ... |
| E9 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Mudar de vida | 313 | São apenas coisas, que nós utilizamos como coisas. E era assim |
| E9 | Motivos para Regresso à Escola\Intrínsecos\Realização Pessoal | 110 | sou uma pessoa insatisfeita |
| E9 | Papel do Professor\Práticas Letivas\Relação Aluno / Colegas\Lazer | 303 | Saio, com os colegas da escola e com os professores. |
| E9 | Papel do Professor\Preparação para lecionar Alunos Adultos | 342 | Quer pelas pessoas em si, quer pela capacidade de ensinar |
| E9 | Papel do Professor\Preparação para lecionar Alunos Adultos | 346 | estão a lidar com adultos, que à partida são responsáveis |
| E9 | Papel do Professor\Relação Professor-Aluno\Compreensão | 346 | foram sempre pessoas nossas amigas, nossos amigos, sabendo os |
| E9 | Papel do Professor\Relação Professor-Aluno\Empatia | 290 | aos professores, acho que foi muito bom, não acho, tenho a |
| E9 | Papel do Professor\Relação Professor-Aluno\Empatia | 290 | acho que se criou uma empatia entra a turma e os professores |
| E9 | Papel do Professor\Relação Professor-Aluno\Empatia | 290 | não foi só com um professor, foi com todos. Houve um casamento |
| E9 | Papel do Professor\Relação Professor-Aluno\Empatia | 340 | encontrei um grupo de professores fantástico. |
| E9 | Papel do Professor\Relação Professor-Aluno\Empatia | 346 | os professores foram sempre pessoas disponíveis |
| E9 | Percurso Escolar até 9º ano\1º ciclo\Ano da Retenção\Causa da F | 178 | comecei a namorar. |
| E9 | Percurso Escolar até 9º ano\1º ciclo\Ano da Retenção\Causa da F | 180 | A faltar às aulas. |

| | | | |
|----|--|-----|--|
| E9 | Percurso Escolar até 9º ano\1º ciclo\Ano da Retenção\Causa da F ção\Observações | 140 | a minha malandrice começa já aqui. |
| E9 | Percurso Escolar até 9º ano\1º ciclo\Ano da Retenção\Causa da F ção\Observações | 142 | de me sentir muitas vezes sozinho, muitas vezes isolado, muitas |
| E9 | Percurso Escolar até 9º ano\1º ciclo\Ano da Retenção\Causa da F ção\Observações | 142 | tudo o que servisse para me distrair fora de casa, eu estava |
| E9 | Percurso Escolar até 9º ano\1º ciclo\Ano da Retenção\Causa da F ção\Observações | 143 | uma criança extremamente introvertida. |
| E9 | Percurso Escolar até 9º ano\1º ciclo\Ano da Retenção\Causa da F ção\Observações | 144 | nasci com um problema de saúde. Tinha má circulação de sangue. |
| E9 | Percurso Escolar até 9º ano\1º ciclo\Ano da Retenção\Causa da F ção\Observações | 145 | E eu era rebelde. |
| E9 | Percurso Escolar até 9º ano\1º ciclo\Ano da Retenção\Causa da F ção\Observações | 145 | Dentro da sala de aula sempre fui mal comportado. |
| E9 | Percurso Escolar até 9º ano\1º ciclo\Ano da Retenção\Causa da F ção\Observações | 145 | Não deixava ninguém estudar. |
| E9 | Percurso Escolar até 9º ano\1º ciclo\Ano da Retenção\Causa da F ção\Observações | 145 | Naquela altura, naquele tempo, os professores tinham |
| E9 | Percurso Escolar até 9º ano\1º ciclo\Ano da Retenção\Causa da F ção\Observações | 146 | Havia uma maior aproximação, é curioso também, há quarenta anos |
| E9 | Percurso Escolar até 9º ano\1º ciclo\Ano da Retenção\Causa da F ção\Observações | 148 | havia dias em que não ia à escola. |
| E9 | Percurso Escolar até 9º ano\1º ciclo\Ano da Retenção\Causa da F ção\Observações | 156 | já tinha problemas e esses foram-se multiplicando. Embora, |
| E9 | Percurso Escolar até 9º ano\2º Ciclo\Ano da Retenção | 172 | 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, fiquei aí cinco ou seis anos. |
| E9 | Percurso Escolar até 9º ano\2º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da F | 168 | Descobri o cigarro com onze anos. Há! Descobri o cigarro! |
| E9 | Percurso Escolar até 9º ano\2º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da F | 168 | Ganda homem! |
| E9 | Percurso Escolar até 9º ano\2º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da F ção\Observações | 85 | Nessa altura também fiquei a estudar à noite. |
| E9 | Percurso Escolar até 9º ano\2º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da F ção\Observações | 85 | não fiz nada porque entretanto já tinha o meu primeiro filho. |
| E9 | Percurso Escolar até 9º ano\2º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da F ção\Observações | 85 | andava <i>despardado</i> , porque eu comecei a ganhar algum dinheiro |
| E9 | Percurso Escolar até 9º ano\2º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da F ção\Observações | 85 | acho que nessa altura senti o peso de não ter a tal família |
| E9 | Percurso Escolar até 9º ano\2º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da F ção\Observações | 166 | comecei a fumar. |
| E9 | Percurso Escolar até 9º ano\3º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da F | 234 | RVCC é pobre. |
| E9 | Percurso Escolar até 9º ano\3º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da F | 234 | Teve eventualmente a sua importância para pessoas que, se |
| E9 | Percurso Escolar até 9º ano\3º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da F | 234 | Que é o lidar com várias matérias que fazem parte e que são |
| E9 | Percurso Escolar até 9º ano\3º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da F | 234 | Como base, ou como solidificação da base que uma pessoa já tem, |
| E9 | Percurso Escolar até 9º ano\3º Ciclo\Ano da Retenção\Causa da F | 234 | Apenas o reconhecimento da nossa experiência de vida |

| | | | |
|----|---|-----|---|
| E9 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Negativas\Assimilação dos co | 75 | o meu aproveitamento escolar não era o melhor |
| E9 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Negativas\sentimento de inf | 327 | Todo o tempo de escola |
| E9 | Percurso Escolar até 9º ano\Marcas Negativas\sentimento de inf | 327 | eu sempre cresci com a sensação de inferioridade. |
| E9 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Colegas\Ajuda | 291 | a nossa turma, os colegas propriamente dito, houve logo, desde |
| E9 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Colegas\Empatia da turma | 288 | desde os colegas... |
| E9 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Colegas\Empatia da turma | 290 | um grupo fantástico, os colegas, acho que estávamos todos à |
| E9 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Colegas\Empatia da turma | 291 | a Anita fez questão de abrir as portas da casa dela e dizer que |
| E9 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Disciplinas do Curso\Falta de | 356 | ter só um bloco de hora e meia por semana de inglês, eu acho |
| E9 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Escolha do Curso\Ciências So | 338 | estudos sociais |
| E9 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Escolha do Curso\Ciências So | 338 | Sempre tive a necessidade de saber como é que era a vida das |
| E9 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Escolha do Curso\Ciências So | 338 | Porque é que eu era assim e porque é que os outros eram assado |
| E9 | Relação Aluno - Ensino Secundário\Escolha do Curso\Ciências So | 339 | Queria perceber porquê |
| E9 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens\Balanço | 331 | para nós conhecermos o mundo, se calhar, o primeiro passo é |
| E9 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens\Balanço | 340 | vou ficar grato para sempre por aquilo que eu encontrei nesta |
| E9 | Sistema de Ensino que Frequentaram\Vantagens\Balanço | 340 | foi uma bênção vir para aqui |

ANEXO X – Entrevista *Focus Group*

FOCUS GROUP - ENTREVISTA – 30/05/2011

Duração: 1:33:36

D: Bom, vamos começar então por gravar o nosso *focus group*. Isto vai ter um aparelho aqui e outro gravador aqui... convém que falem alto para se ouvir, está bem? Deixem-me dizer que este nosso *focus group* que eu vou fazer, vamos fazer agora todos... e o objetivo é caracterizar as vossas motivações e as vossas expectativas... depois do vosso curso EFA escolar. As nossas metas são aquelas que já vos tinha dito: a primeira é oferecer elementos para a caracterização dos recursos humanos, a segunda é obter dados para identificação das principais motivações que vos trouxeram à escola, a terceira, quais as vossas expectativas quando terminarem os estudos, ou seja, ao terminarem o ano o que é que vão fazer e identificar perspetivas futuras. Quero dizer que a vossa ajuda vai ser bastante importante e é imprescindível para o *términus* do meu trabalho. Quero dizer também e garantir que o anonimato é mantido e nunca vou dizer os vossos nomes, e se acontecer, durante esta entrevista, os vossos nomes serão apagados e substituídos por F1, F2... Portanto, isto tem a ver com a ética académica onde o anonimato e a confidencialidade são garantidos. Quero dizer que também não existem opiniões corretas, as opiniões diferentes, contrárias, são muito bem-vindas e vão estimular o debate e que não há interesse nenhum em particular, isto é, nenhuma opinião é mais importante do que a outra e que todas elas são muito bem-vindas. Vou pedir-vos que falassem um pouco alto, um de cada vez, é permitido intervir na fala do outro mas com calma para depois eu poder entender. Como é evidente, são desnecessárias intervenções não convenientes e que ao falarem peço que se identificassem como F1 ou F3 e por aí... Pedi também permissão para gravar em áudio, para poder escrever esta entrevista. Vamos começar então, pela apresentação do F1, de uma maneira resumida: idade, local de nascimento, profissão, filhos...

F1: Sou o F1, tenho 52 anos nasci em Loures, sou casado, tenho dois filhos. O que tem 26 é formado em engenharia e o que tem 25 tem o 12º. Vim para a escola para uma valorização pessoal, melhoramento da minha escolaridade...

F2: Sou o F2, tenho 35 anos, nasci em de angola, sou estudante, sou solteira...

D: Trabalhas? (*risos*)

F2: Estou nervosa... (*risos*). Sou colaboradora de mesa (*risos*) ...

D: Tens filhos?

F2: Não.

D: O F3?

F3: Sou o F3, tenho 33 anos, nasci no Brasil, sou vigilante agora mas já tive outras profissões, sou solteiro, não tenho filhos, entrei na escola para ter este curso e ter um certo valor, acabar os meus estudos e procurar uma profissão melhor...

F4: Sou o F4, nasci em S. Sebastião da Pedreira, aos quatro anos fui considerado autista..., acho eu...

D: Que idade é que tens?

F4: Tenho 36 anos, acabados de fazer...

D: E Trabalhas? Alguma vez trabalhaste?

F4: Trabalhei...mas não foram trabalhos a sério...

D: O que é que fazias?

F4: No 1º trabalho era na ocupação de tempos livres a entregar correspondência dentro de um edifício, no 2º só tive um dia e meio, numa fábrica de papéis...

D: Agora estás desempregado?

F4: Não consigo arranjar emprego, não sei se por medo ou se é medo de ser rejeitado por empregador... e sei que não me aguentava por ser muito pesado... tenho de emagrecer para arranjar trabalho... A minha razão porque entrei no EFA, pois já tinha andado nesta escola no ensino recorrente, e o psicólogo aconselhou-me a vir para aqui...

D: Tens filhos?

F4: Não.

D: Ok, e o F5?

F5: Eu sou o F5, tenho 46, sou assistente operacional, na Direção Geral dos Impostos, tenho uma filha com 21 anos que está a trabalhar, tenho outras atividades e tenho como objetivo tirar o 12º ano e quero ser professora de alemão.

D: Muito bem, excelente. Obrigada. E o F6?

F6: Sou o F6, tenho 43 anos de idade, sou casado, nasci em S. Tomé, atualmente desempenho funções de secretário administrativo. A minha primeira profissão foi em S. Tomé como professor eventual do 1º ciclo. O que posso dizer mais?

D: Tens filhos?

F6: Tenho um filho com 18 anos e está a frequentar o 12º ano, nesta escola.

D: Ok. F7?

F7: Sou o F7, tenho 57 anos tenho um filho com 36, andou no 1º ano do Instituto Superior Técnico mas desistiu e ando no curso EFA para me valorizar e não sei se não seguirei depois para a faculdade, depende... Nasci em Lisboa, sou assistente técnica...

D: Ok, e o F8?

F8: Sou o F8, tenho 33 anos, nasci em Lisboa, trabalhava na receção de um hotel. Atualmente estou desempregado, sou solteiro...

D: Tens filhos?

F8: Não tenho filhos. Quero terminar o 12º ano, queria mais conhecimento com isso e com a experiencia que me surjam nas novas oportunidades de trabalho, no mercado de trabalho.

D: Sim senhora, agora que já conhecemos um pouco mais os nossos colegas, vamos passar concretamente aos factos – quero dizer que estas conversas são gravadas - e o tema é o vosso percurso escolar até ao 9º ano. Quais os anos que vos marcaram mais, positiva ou negativamente, até ao 9º ano, porque ficaram retidos, se chumbaram algum ano, enfim, falar um pouco da vossa vida até entrarem aqui para o ensino secundário. Quais as vossas motivações, o que gostariam de ser quando fossem grandes, saber o que queremos fazer, enfim, saber um pouco do vosso percurso escolar. Quem quer começar?

F3: Comecei a estudar com 3 anos de idade... numa espécie de jardim 1 que é aqui a creche... lá no Brasil há o jardim 1, jardim 2 e jardim 3. Depois passamos para uma fase de alfabetização... isso vai passando por anos... até aos 5, 6 anos chegamos à alfabetização, depois começa o ciclo que é a 1ª série, a 2ª série, a 3ª série, 4ª e 5ª... eu tive alguma dificuldade da 4ª para a 5ª porque tive muitas mudanças... mudei muitas escolas e como estava à guarda da minha tia e era muito pressionado por ela... e eu fugia... tive muitos atrasos com isso... Depois consegui desenvolver-me normalmente até chegar ao 8º ano... depois já tinha passado por várias situações e vim para Portugal...

D: Que idade tinhas nessa altura?

F3: Tinha 19.

D: E já tinhas chumbado nessa altura

F3: Chumbei

D: E porquê?

F3: Por me sentir pressionado, queriam que eu estudasse a toda a hora e aí eu pegava e fugia...

D: E faltavas às aulas?

F3: Faltava. Eu fugia.... Eu sentia uma pressão... até psicológica... estudar? Então fazia o contrário... fugia...

D: E os outros?

F7: Eu era uma cabulona dos diabos, eu como ...com os meus pais tinham uma profissão completamente diferente, a minha mãe tinha um estabelecimento, era comerciante, então não havia tempo para mim e meteram-me logo em colégios... quando o meu irmão nasceu, tinha eu 10 anos, então a minha mãe tirou-me do colégio, pois éramos dois, e meteu-me numa escola oficial. Chumbei logo no 1º ano. No 2º ano, as companhias, juntei-me a meninas que eram iguais a mim e depois fui uma cabulona. Chumbei por faltas, ia para o cinema com elas em vez de ir as aulas e até ao antigo 5º ano chumbei umas 3 vezes...

F3: Quando cheguei em 2002, eu matriculei-me mas aí eu desisti da escola porque tinha um trabalho que viajava por Portugal inteiro e então não dava para ir à escola... mas agora como estou com tempo...

F6: Entrei no 1º ano em s tome tinha eu sete, e fiz o 1º, 2º, 3º e reprovei no 4º ano, não sei porquê era bom aluno, devia ter acontecido algum percalço e portanto reprovei. Depois continuei no 8º ano e também reprovei, por causa de um braço partido. Como tinha o braço ligado não consegui fazer os exames e, portanto, também fiquei retido no 8º. E esse ano marcou-me muito, porque como era bom aluno, reprovar por causa de um acidente... nunca vou esquecer. Depois repeti o 8º ano, passei e fui para o 9º. Fui bom aluno e este ano marcou-me também muito porque fui dispensado dos exames, numa turma de 20 e tal alunos, o único que ficou dispensado, fui eu. Foi uma coisa muito linda...

F1: Andei na escola até à 4ª classe, era um sistema muito crítico... inclusive a minha professora tinha sido professora do meu pai... havia sempre uma comparação... depois nunca falei... fui para o 5º ano mas depois no 6º chumbei, pronto, tinha os meus amigos já a trabalhar... e pedi ao meu pai para começar a trabalhar e fui trabalhar...

D: E quando fizeste o 7º, 8º e 9º?

F1: Quando comecei a trabalhar, a empresa onde estava obrigou-me a estudar. Trabalhava de dia e de noite estudava no Passos Manuel...

F2: Fiz o 1º até 3º ano, em Angola, depois vim para Portugal, com 8 anos. Quando cheguei a matéria era muito diferente... eu andava na escola pública em Angola e não se aprendia nada, eu vim burra não sabia ler nem nada... lá as pessoas passavam porque os pais davam dinheiro... então fui novamente para o 1º ano aqui, com 8 anos... eu era a mais velha da turma (*risos*)... e depois continuei até ao 7º ano. No 7º ano chumbei por notas, no 8º chumbei dois anos porque faltava às aulas e porque tinha mudado de escola... aí com as amigas faltávamos muito à escola, as influências, as festas... Depois quis fazer o curso de *barman* e ficaria com equivalência ao 7º, 8º e 9º anos. Criei coragem e comecei a trabalhar... a ganhar dinheirinho...

F5: O meu percurso escolar foi Alemanha, sou filha de emigrantes, eu saí de Portugal com 3 anos, nunca estudei em Portugal... o falar português..., o escrever português aprendi sozinha... tive um percurso escolar na Alemanha, onde nunca chumbei... quando cheguei a Por-

tugal fiz uma reciclagem numa escola... o 9º ano já o fiz aqui, em Portugal, nas novas oportunidades... e agora estou aqui nos EFA...

F4: Andei na pré-primária em Loures, perto de casa, mas com os meus problemas... aos 4 anos não falava... acho que era autista, ... ais 5 anos conheci o racismo...

D: Ok, F4 mas fizeste a escola primária toda seguida ou chumbaste algum ano?

F4: Eu entrei para a escola primária com 7 anos... nunca chumbei na primária... Depois chumbei no 6º ano... a partir do 4º e 5º anos comecei a sentir dificuldades nas aulas... passei de ano mas com dificuldades.... Com explicadores e isso...

D: E depois o 7º, 8º e 9º?

F4: Sim, com explicadores...

(... explicação de F4 a F2 sobre o racismo...)

F8: Entrei para a escola quase com 6 anos, por que naquela altura entrava-se para a escola no dia 1 de outubro e eu fazia anos dias depois, por isso entrei para a 1ª classe com 5. Fiz até à quarta classe normalmente. Depois fui para a preparatória, fui para a Fernão Lopes e também fiquei bem. No quinto e no sexto. Depois no secundário fui para a Dona Maria, fiz lá o 7º 8 e 9º também correu bem...

D: Tudo seguido! Ok vimos o vosso percurso escolar vamos então saber o porque o abandono escolar, ou seja, fizeram até ao 9º ano com ou sem alguns percalços, porque abandonaram?

F6: O abandono foi por causa das dificuldades financeiras e de viver na roça, em S. Tomé. Depois foi por causa da distância à escola pois os alunos tinham de depender de se deslocarem de táxi, não havia meios de transportes públicos. Ainda fiz o 9º ano, com algum esforço por parte de meus pais ...

D: A parte financeira...

F6: Mas lá como os alunos que tinham o 9º ano podiam ter preparação para dar aulas no 1º ciclo (1ª, 2ª até à 4ª classe)

D: Mas ainda teve conhecimentos para dar aulas ao 1º ciclo. Ok.

F7: Comecei a namorar aos 16 e ele tinha 18 anos e eu tinha 16, eu dava explicações mas depois, olhe... foi assim, as coisas aconteceram e disseram que eu não podia estudar mais, depois entretanto engravidei, depois casei, pronto... ficou assim...

F8: Eu desisti dos estudos porque o meu problema era a deslocação.

F3: Eu pensava em jogar futebol. Até joguei como profissional em certos clubes, com 19 anos, só que depois não progredi por falta de um empresário mais... que me apoiasse... que apostasse em mim. Até tive um... mas depois ele desistiu...

F8: Desisti de estudar para começara a trabalhar, como os amigos.

D: Mais alguém quer dizer alguma coisa?

F1: Eu, pelo contrário, fiquei com 15 a trabalhar. Estudava à noite, mas era difícil porque eram muitas disciplinas. A partir do 25 de abril, foi uma época em que tudo era permitido, e depois pronto a pessoa ia para a escola e por qualquer motivo não havia aulas, ou era por isto ou por aquilo. No ano a seguir, ainda continuei na escola e depois comecei a namorar, casei-me, tive filhos e deixei os estudos...

F2: Depois de terminar o curso de *barman* comecei a estagiar no hotel Vila Galé ... e apanhei o verão... comecei a estagiar... e em setembro... estava com um grande ritmo de trabalho... e estava a ganhar bem...

D: O dinheiro...

F5: Abandonei os seus estudos porque os meus pais eram imigrantes e divorciaram-se... e na Alemanha, como era a primogénita, fui dada ao meu pai e tive de vir com ele para Portugal... O meu pai entretanto refez a vida dele e não havia lugar para mim..., fui entregue a uns primos muito afastados da família, em Benfica... onde fui obrigada a trabalhar, tinha 16 anos. E pronto... já não dava para estudar...

D: ...começou a trabalhar por necessidade...

F5: Exatamente.

F3: Também queria dizer que depois daquele certo percurso que tive como atleta, aquela fase acabou... tive também de começar a trabalhar e já não queria voltar ao Brasil e como já estava aqui, na Europa... fiquei. Alguns familiares regressaram mas eu fiquei, insisti e até hoje... Comecei a trabalhar e desisti de estudar.

D: Ok, F4 queres dizer alguma coisa?

F4: Entrei para o secundário com 17 anos e nessa altura estava já muito em baixo, chegava atrasado as aulas porque ficava a dormir e não conseguia estudar porque ficava a dormir...

D: ...e nas aulas...

F4: Sim e ficava a dormir também nas aulas...

D: Ok, vamos então agora saber quais as razões porque voltaram à escola....Por razões profissionais, pessoais...? Que motivações vocês tiveram para voltar à escola. Como arranjam disposição para estudar à noite. E ao fim de semana, como é que é? Que alterações teve a escola no vosso percurso de vida?

F6: Posso começar?

D: Sim, podes começar.

F6: Depois de entrar a minha vida profissional ainda em S. Tomé, ainda voltei à escola. Ainda tentei completar o 12º.mas na altura só havia 10º e 11º e no ano seguinte fazia-se o 12º. Quando comecei... achei normal....Exame...(**123**) estudei até vir para Lisboa. Depois tive uma formação nos computadores com perspectivas de deixar a escola e voltar a dar aulas

123

D: E o que é que o levou a voltar a estudar?

F6: Eu sempre quis ter conhecimentos... um dos meus sonhos, se calhar é uma utopia, era ser piloto. **123**

D: Nunca é tarde...

F6: Quero também ter uma carreira musical, ter conhecimentos de música, ...

D: Ok, ... mais....motivações para voltarem a estudar...

F8: Eu quero terminar o 12º ano. Inscrevi-me agora nas Novas Oportunidades para ganhar bases e depois tentar a universidade...

D: E o que é que o levou a voltar a estudar? A inscrever-se na escola?

F8: Por uma questão profissional. Porque quando fui procurar trabalho tinha as portas fechadas por ter somente o 9º ano. E achei que tinha de fazer alguma coisa por mim, estava completamente estagnado e pensei, como tive conhecimento das novas oportunidades, achei que era bom para terminar o 12º ano...

D: E o F7?

F7: Foi assim uma coisa que me deu, não sei explicar. Nunca gostei de estudar, a sério. Gosto muito de ler, gosto muito de aprender,....

D: Mas explique, qual o motivo para voltar aqui ao Camões...

F7: Foi o meu marido...

D: Então?

F7: Porque ele me incentivou a pensar “ porque é que não quererei ser mais”. Porque eu quando era pequena queria ser médica. De repente, as minhas colegas do meu trabalho também me incentivaram, porque também elas começaram a estudar, e...”porque não?”

D: Foram todas estudar ao mesmo tempo... muito bem... mais...

F4: A razão que me levou a vir... foi porque... para já, quando eu desisti da outra escola, eu queria continuar mas fui obrigado a desistir porque a minha mãe, quando eu fui ao psiquiatra, ele disse para eu ser internado no hospital de dia. Quando ele disse isso eu achei que ele estava a gozar... A razão por que eu quero continuar... Só que eu estou a sentir-me para trás dos meus ex-amigos, e estou a sentir-me um lixo... e por isso eu quero ser visto não como um lixo mas sim como alguém...

D: Mais alguém quer dizer alguma coisa? F3?

F3: A minha motivação foi através de um curso de formação que eu tive, na empresa em que eu estou atualmente...

D: ... curso de formação de...?

F3: Curso de formação de vigilante, que me motivou ainda mais para eu estudar. Para além da formação que eu tive lá na *Prossegur*, motivou-me porque... “ puxa eu acho que consigo algo mais”... Para além de eu ter ficado muito tempo sem estudar, para além de uma pessoa ter ficado 10 anos sem escrever, sem estar a praticar nada, fazer um texto, um relato... escrever errado...

D: Escrever o quê?

F3: No curso que eu tive na *Prossegur*, foi mais ou menos isso...

D: Ok.

F3: Isso me deu um empurrão, agora eu vou continuar...

D: Certo. E o F5?

F5: Sou divorciada, e o que me motivou, portanto, eu estou com um companheiro, que tem um filho que vai fazer 17 anos, que esta connosco também, vai fazer 3 anos, está a ajudar, vive connosco. Só que e teve uma adolescência com outra família e que veio com algumas complicações, desanimou dos estudos, começou a faltar as aulas e nós não tínhamos como conseguir endireitar o caminho dele... Não era nem com castigos, nem a ralhar, de maneira alguma. De maneira em que eu optei por dar o exemplo. E não só... Por outros motivos. Aperfeiçoar o meu português: a escrever, a falar. É um sonho que eu também tenho - estudar. Mas basicamente e fundamentalmente, foi dar um exemplo a ele e conseguir com isto convencê-lo que tudo é possível.

D: E está a ser?

F5: Está a ser possível!

D: Ok. E o F2?

F2: Não, foi tanto voltar a estudar. Foi inveja das minhas irmãs. Elas entraram na universidade. Duas delas entraram este ano, e eu ainda estava lá no trabalho, no início do ano... e como já estava farta daquele trabalho e decidi inscrever-me. Inscrevi-me primeiro no *Cite-*

forma, onde me pagavam também... mas houve lá um problema e vim parar aqui e... pronto, sem dinheiro...

D- F1?

F1- O F1 veio inscrever-se por causa da minha mulher. Ela inscreveu-se, foi o Dr. W. que fez a inscrição dela,

D- Foi por causa da inscrição da tua mulher?

F1- Sim, sim...

D- Não sei se querem dizer mais alguma coisa...vamos mudar o tema, e o tema é fazerem um balanço deste 1º ano no curso EFA, numa iniciativa das novas oportunidades e gostava de saber porque é que escolheram esta escola e depois relativamente à vossa aprendizagem, aos vossos formadores, as dificuldades que encontraram, os colegas, enfim, uma avaliação por defeito. Quem quer começar? F2?

F2- Como eu disse anteriormente eu vim para a esta escola porque houve um percalço na escola onde eu me inscrevi e deram-me uma lista de escolas para escolher que eles faziam a matrícula por mim e isso e eu tinha a razão e para eles se desculparem eles apresentaram essa solução. Eles tinham uma lista de escola que eu não gostava, Portela e vi a escola Luís de Camões, Picoas, que era acessível também e fui na net e vi a escola e gostei da escola e da zona. Vim cá um dia destes passear com as minhas amigas, visualizei a escola e depois quando chegou a altura vim fazer as matrículas. Em relação a este ano...estudar de noite...os primeiros momentos foram difíceis porque a chuva ...estou habituada a sair do trabalho e quando chega às 6 horas já estou em casa, e não estava habituada e fez um bocadinho de confusão...comecei a faltar (*riso*). E também era aquilo dos colegas, no início tinha uma atrapalhão...com os colegas, os professores e isso. Mas depois começamos a ficar mais unidos e eu acho que comecei a gostar de cá estar. As disciplinas, elas têm...gosto de todas menos a economia, porque eu não percebo nada...

D- Ok.

F2- É que eu não percebo nada. A que eu mais gosto é de geografia, porque eu sinto que estou a aprender ali, julgo que eu estou a aprender algo...

D- Ok. Olha, e relativamente às dificuldades? Não disseste porquê...

F2- Eu penso que quando o professor quer explicar alguma coisa dá um discurso longo e demora a explicar aquilo que nós queremos saber. Por vezes, nós conseguimos saber o que queremos nas palavras perdidas que ele diz. Por exemplo agora temos um trabalho e para sabermos tivemos que lhe perguntar duas vezes.

D – Ok... F6!

F6 – Gosto de mais de uns do que outros. Há uns professores que explicam bem e por mais cansaço que eu tenha consigo. Enquanto outros por mais que voltas que deem não compreendo, percebe? Por mais cansaço que eu tenha, não consigo.

D – Ok e o F1?

F1 – O F1 adora todas as aulas. Eu gosto de professores que façam puxar pela cabeça. A minha inteligência tem de estar à prova. O professor de economia, quanto a mim é um excelente professor. É capaz de... tipo Vitorino Nemésio, torna-se monótono mas vai buscar aquilo e explica. Nota-se que ele tem conhecimento, é boa pessoa. Uma pessoa inteligente. Como eu digo, eu gosto também de, e sempre gostei, de filosofia. Pronto! Puxa-me. Eu á sexta-feira saio daqui cansadíssimo. São duas disciplinas que enfim...

D- E dificuldades?

F1 – São mais pelo frio, no inverno...há outra coisa...eu relaciono-me bem com todas as pessoas, mais novos mais velhos ...só que há aqueles que...há muitos tipos de personalidades de carácter e por vezes chocam-se. Eu tento sempre apaziguar as coisas mas há sempre aqueles pequenos conflitos. Mas eu acho que em grupos com 10 15 pessoas não tem de haver esses conflitos.

D – Ok, diz F2...

F2 – Conflitos há no trabalho, nas amizades e é natural porque ninguém é igual, são todos diferentes e eu estou habituada.se não houver conflitos, quer dizer que não estamos a ser verdadeiros uns com os outros, connosco, porque não estamos a ...

D – Diz lá... F7...

F7 - Concordo com o que ela diz porque são todas diferentes ... as pessoas... não têm a mesma maneira de ver as diferentes situações...

D- F6!

F6 – Concordo...

D- Ok, estamos aqui a fugir um pouco ao tema, **F3**?

F3 - As dificuldades que eu tenho atualmente é para elaborar um trabalho mais exigente ...como a gente fica muito tempo sem praticar escrita, sem praticar a leitura, tem muitas pessoas que têm dificuldades nesses termos... as dificuldades que eu tenho são mais nas composições e alguns erros no português. Mas o resto das matérias, eu gosto de todas...

D- E como vieste parar a esta escola?

F3- Eu vim para esta escola porque eu frequentei uma escola no bairro alto, no príncipe real que me deu o certificado do 9º ano. Depois tive de fazer uma reciclagem na UAL que me deu imediatamente o acesso para vir para esta escola. E por morar perto daqui, nos Anjos, eu venho a pé.

D – Ok.

F3 – Conheci a escola, gostei e matriculei-me.

D- E os outros? **F6**?

F6- Eu vim para esta escola por conversar com umas amigas minhas e tive conhecimento que tinha aberto inscrições para aprender o inglês.

D- Nas formações modulares...?

F6 – Sim... A partir daí tive conhecimento da existência do curso EFA escolar e fiz a minha inscrição.

D – Ok...**F5**?

F5 – Eu fiz o RVCC do 9º ano no serviço, que foi também dado a vários colegas de lá e como eu sempre quis saber mais um bocadinho, para saber escrever melhor e falar o português, compreender melhor o português foi-me indicada esta escola. A outra escola apresentou

várias opções mas esta aqui, como estava mais perto do local do serviço, do local de trabalho, portanto... Eu quando vim, gostei da escola, fiquei encantada, ...

D - Ok... Dificuldades sentidas, quais?

F5 – Dificuldades sentidas... basicamente... São imensas. Eu estou aqui para a prender... eu tenho imensas dificuldades ...tento perguntar...às vezes sou esclarecida, outra vezes não sou...também os conhecimentos são muito poucos, muito vagos...é pouca base, mas eu acho que o ensino é excelente. Eu não tenho aqui qualquer razão de queixa de nenhum professor, pelo contrário eles tentam ir ao pormenor para que eu consiga perceber a matéria...por vezes o cansaço... é natural que eu não consiga compreender melhor. Mas eu não esqueço a escola e tento estudar o máximo que posso. O tempo que tenho disponível é que é pouco...

D- Muito bem. F4?

F4 – Eu entrei para esta escola já há uns 4 anos. Comecei a estudar por módulos e conheci esta escola porque a minha mãe disse que conhecia uma escola aqui. Como tinha o meu psiquiatra aqui perto...

D – E dificuldades?

F4 - Estudar. Eu quando entrei para esta escola, quase que tinha aquelas megamanias de estudar 8 horas e cabei por não fazer nada. Eu desde o 5º ano sempre quis dar o meu potencial...

D- Mas não está mau. F8 ...

F8 – Eu vim para esta escola devido à proximidade com a minha casa. Em poucos minutos eu estou aqui.... Estou a gostar bastante... os professores têm sido todos bons, cada um à sua maneira e está a ser bastante positivo...

D- E dificuldades sentidas?

F8 – Dificuldades é mais a nível económico. Tenho poucos conhecimentos informáticos, e os trabalhos ou faço aqui na BECRE, ou faço no computador da minha namorada, mas nem sempre é possível, e pronto... as maiores dificuldades têm sido nos trabalhos que tenho de fazer, PowerPoint e...

D- Ok ... F4?

F4 – Eu quis estudar fora da zona de Loures, porque quis sair do local por causa de certo tipo de vândalos e de bullying...

D – diz... O F2 ...e o F5 também querem dizer alguma coisa.

F2- Queria falar sobre algo que o F4 disse: ele disse que sofreu mais ressentimentos dos colegas da mesma raça, e já disseste isso em várias conversas, mas ele guarda mais rancor pelos de raça branca, apesar de ter mais ressentimentos pelos da sua raça pelo que lhe fizeram no presente. Pelos arianos, por causa do que nos fizeram no passado.

D- Ok e F3...

F3 – Também tenho uma dificuldade comigo. Eu trabalho e faço muitas noites e para eu vir para a escola, tenho de fazer bastantes trocas com os colegas de trabalho, para poder vir à escola. Isso também é uma das dificuldades que eu tenho.

D- Mas se trabalhas à noite também ganhas mais dinheiro...

F3 – Não, eu trabalho à noite mas quem ganha o subsídio noturno é o colega para ele me deixar vir para a escola. A empresa facilitou isso por me ter colocado num local de emprego fixo e perto de casa e perto da escola. Isso a empresa facilitou, mas em outros termos, eu tenho de fazer trocas e trocas com os colegas. A gente recebe a escala e eu tenho de seguir aquela escala toda que já está pronta.

D- Ok, mais alguma coisa? Vamos então mudar de tema e que é: que expectativas fazem para a finalização deste tipo de estudos. Em princípio vamos terminar no próximo ano ficam com o diploma do 12º, e com o 12º quais os projetos de vida? Voltar para a escola será que vai trazer mudanças na vossa vida pessoal, familiar ou profissional? Quais são as vossas expectativas para um futuro próximo e em que refletiu para o vosso bem estar pessoal o ter voltado a estudar... é o F2?

F2 – O F2 passa.

F3- Então é o F3! Muito bem: a minha expectativa é...são boas....Eu já penso no futuro, penso em ir mais além. Penso em fazer o curso de geologia, caso não consiga o acesso direto à universidade, vou tentar na UAL, já me fui informar...

D - Geologia... porquê a geologia?

F3 - No princípio de 2000 até 2004, mais ou menos, ...2003, eu saí da empresa em 2003... eu trabalhei dois anos com geologia. Fazendo estudos geológicos, sondagens, sismologia viajei Portugal inteiro de ponta a ponta, fazendo estudos geológicos em diversos lugares. Montanhas, serras, mato...fiz vários traçados, peguei o final da construção da A2.peguei o final do traçado da A13, fui eu e outro colega que fizemos o traçado todo, sondagens mesmo pesadas, 5 a 40 metros para fazer a captação de SPT.

D- O que é o SPT?

F3 – O SPT é ...agora estou esquecido do nome.... Mas é... um tipo de ensaio que a gente faz para captar só isso aqui de terra... pouquinho. Para saber o que é que tem, a gente fazia um furo de um metro a um metro e meio o para saber o que é que tinha e para chegara um certo limite de valores...

D- Então decidiste tirar geologia, e depois?

F3 – Trabalhar nesta área ...não aqui em Portugal.

D- Queres voltar para a tua terra...

F3 – Nem para o Brasil. Eu queria ir para uma área tipo França que eles exploram muito esse tipo de estudo de geologia. França, Alemanha...esses países... e a Holanda.

D- E o que isso vai contribuir pessoalmente?

F3 – É o que eu espero, não é?

D- Mas o que é que vai trazer?

F3 – Mais conhecimento. O bruto do trabalho... o brutal, já sei tudo. Agora só quero conhecimento...

D – Teórico?

F3 – Teórico, exato.

D – Ok, então agora vamos ouvir o F2...

F2 – Quando terminar o 12º ano é me inscrever numa explicadora para estudar as disciplinas que eu tenho de fazer os exames para a faculdade e a área em que eu me informei... não sei ... ainda estou indecisa. Isso vai depender de matemática pois todos os cursos agora têm de ter matemática, então, estou a tentar me esquivar da matemática. E se, no futuro, quando me acabar de formar, eu penso e quero ir trabalhar para Angola, viver no meu país o que as minhas manas estão a fazer. Estando lá penso que será mais fácil, eu arranjar emprego e isso.

D – Ok ... mais ... F4?

F4 – O que penso fazer...se possível é seguir uma carreira na comunicação social. Se não for possível queria fazer algo noutra tipo de projetos que eu não sei ainda, mas que são projetos direcionados para países em vias de desenvolvimento. Talvez S. Tomé, Guiné Bissau, cabo verde. Projeto na área da agricultura, o segundo projeto era desenvolver uma carreira na área de música, não como artistas mas como professor...

D- Ok ... expetativas...? F4?

F4 – Terminar o 12 º ano eu sou tipo paranoias... quando estava num curso profissional... desde há 4 anos atrás eu quis fazer vários cursos universitários, um curso militar e vários curso universitários, mas não sei...

D – F5 expetativas...?

F5 – São muitas, a nível familiar, profissional e social. Eu própria vou sentir-me outra pessoa. Aliás ao fim de um ano letivo eu sinto-me outra pessoa. Com mais conhecimentos adquiridos e é bom para mim. Sinto-me feliz por isso. E projetos para o futuro é basicamente isto: penso ser professora de alemão? Espero consegui-lo: é um objetivo. E conseguir também transmitir ao meu enteado muita força para ele me seguir que eu acho que ele vai conseguir.

D – Ok... F1?

F1 – Terminar o 12º. E o meu filho também está à espera para seguirmos todos para a faculdade. Ele está a pensar na área de trabalho.

D – Que quer isso dizer?

F1 - Inspeção de trabalho gosta muito dessas coisas ASAE.. Eu não gosto muito disso. Para mim, vai ser um ano muito bom pois vai subir na carreira. Depois vai ser como me sentir fisicamente e vou seguir para a universidade...

D- Ok e o F8?

F8 – As expetativas... quer que venham muitos passos a seguir... Realização pessoal. É muito importante tanto para mim como as pessoas ao meu redor que apostaram em mim. Quero realizar-me profissionalmente.

D- E isso quer dizer o quê?

F8 – Eu queria ser biólogo, pois são coisas relacionadas com a natureza. Eu com 6 anos fiz autópsias a ratos... e gostei...

D – Bem... F7?

F7 – Quanto ao F7... As minhas expetativas não são lá muitas... Com o 12º ano quer ver se consigo ir para a universidade. Não quero ir para a privada. Vamos lá ver se eu consigo passar. Mas não tenho muitas expetativas a nível profissional pois a minha carreira está a acabar. Não sei quantos mais anos...

D – É mais só por realização pessoal...e a parte social?

F7 - A parte social... não sabe se é importante...

D - Bom para finalizarmos, vou pedir aqui ao meu secretário que nos faça uma síntese desta discussão tão proveitosa.

S – Não sei o que lhe conte... Vou começar a dividir isto por temas principais, entre os quais se incluem as motivações e as perspetivas de cada um. Bem... O que eu achei e tirei deste debate, as motivações são aqueles sonhos de criança de parte do F8, por exemplo, queria ser biólogo marinho, do F6 não sei se é de infância se é de adolescência, seguir uma carreira musical também e ser piloto. Também da parte do F8 outra vez, tinha o sonho de ser fisioterapeuta, acho que é...o sonho comanda a vida, como toda a gente diz e acho que, sem estas

pequenas vontades não há assim uma motivação, quer dizer, estes pequenos sonhos dão assim uma certa motivação para o que estão a fazer agora. As motivações, por exemplo aqui do F1, contou um episódio de passar aqui em frente à escola e sentir o cheiro característico do edifício, ou será das tílias, não sei. Se calhar com o cheiro foi buscar um aparte da infância, e pronto. Pus ambição barra amigável por parte dali da F7 que foi apoiada, não sei bem se pelo marido se foi pelas amigas...

D- Não foi apoiada, foi incentivada... com o marido e com as amigas também.

F7- Eu entendi que como ele não tinha objetivo nenhum e entendi porque não posso fazer o mesmo...

S - E senti uma motivação por parte das amigas. Também regressaram à escola e pronto ...isto indo pelos amigos... já visto. Agora tirei aqui uma outra motivação em relação a outros. Não no mau sentido, no sentido de inferioridade por parte do F8 e do F4. Por ver de novos os amigos mais um bocado melhor, num nível mais acima, como exemplo de trabalhar, ter o seu dinheiro. Acho uma motivação essa também de seguir as pisadas dos amigos. Mas não no mau sentido. Por sentires que o outro trabalha e tu não. Eu também posso sentir o mesmo, não me importo de dizer. Depois para conseguir algo mais, pela parte da F3. De tirar um curso de vigilante. Através disso deu-lhe a motivação de querer tirar mais... e o saber não ocupa lugar, não é? E dali da parte do F5 foi o aperfeiçoar a língua portuguesa, visto que é imigrante desde muito nova...

D- Filha de imigrantes e também imigrante...

S- E pronto... O aperfeiçoar a língua portuguesa como a escrita e a leitura. Acho isso também uma motivação interessante, visto que é a nossa língua e não o inglês que é o universal ...a língua nº 1. Agora acerca das expetativas. Todos os que estiveram aqui disseram que é para a valorização pessoal. Optarem por tirar um curso EFA é também o meu exemplo... Aqui o F1 referiu o melhoramento das competências, se não me engano, ou foi mais algo que agora não me recordo. O acabar os estudos como uma opinião quase geral, da maioria dos que estão aqui. E o F1 e F3, se não me engano, disseram que era para procurarem um trabalho melhor. Ter uma subida de carreira.

D – Valorização profissional...

S- F1 que era para um trabalho melhor e o F3 uma subida de carreira. O F4 acho que foi arranjar trabalho. Também é o meu. Também foi uma das expetativas para vir tirar este curso. Da maioria é tira o 12º, pois sem isso já não se vai a lado nenhum...

D- Agora há a obrigatoriedade de ter o 12º ano...

S- Acho que é uma opinião mesmo geral. Tirar o 12º. Depois, metade destes que estão aqui é seguir a universidade, tirar um curso superior, adquirir conhecimento para além da própria experiência de vida, seguir um curso destes só se tem a aprender mais. Ainda dentro desses cursos, aceder à universidade ... dali da parte do F6, é seguir a sua carreira musical... uma boa expetativa... eu não percebo de música mas acho que sim... dali do F3, seguir o percurso na geologia visto ele já ter experiência nesse ramo. E acho bom. Se se gosta do que se fez que continue através do EFA. Ali outra vez do F6, seguir uma carreira de comunicação social. E não vou discutir isto, porque é o gosto de cada um e acho bem que se acha que é isso que gosta de fazer deve mesmo continuar. Provavelmente, está no bom caminho. Ali do F5 parece que estava encaminhada para ser professora de alemão. Também era uma das línguas que eu gostava de aprender, pois quando entrei para o secundário, a segunda língua que eu escolhi mas não chegou a abrir, e optei pelo francês. Só tem o meu apoio, como eu digo ao F6 e a toda a gente que está aqui: se há uma coisa de que gostam, porque não? A gente sem experimentar não se sabe, não é? Não se pode estar sempre a viver naquele sonho... Acho que deve continuar, pois tem um historial de imigração na Alemanha... é uma grande ajuda para fazer isso.

D- Bem...

S- Agora esta parte aqui, sobre os sentimentos do grupo: isto é normal, pois se eu tivesse falado... sentiria um certo nervosismo. Mas é normal. Ali do F4 tenho um exemplo, de rejeição na sociedade, há ali uns conflitos internos. Um género de rancor como já foi aqui dito. Mas ele é que sabe. Depois foi destacado aqui pelo F que e tem uma simplicidade enquanto as sua história de vida, as suas expetativas. Acho que há uma simplicidade e é compreensível. Ali da F6 há uma certa emoção aquando falou de uma certa parte de adolescente. Senti uma certa participação do F6 sempre a querer entrar no debate, nas alturas certas. Da parte do F4 há ali um preconceito. Um bocado de imaginação fértil e tal...

D- Imaginação não é o que falta ao F4...

S- Um certo orgulho em certas experiências de vida. Mesmo com um certo obstáculo a pessoa não pode estar mais orgulhosa de si mesmo. Por ter vencido essas dificuldades e continuar a vencê-las hoje em dia. As diferenças são os percursos de vida pois a idade não é toda igual e a vida atual é muito diferente de todos que estamos aqui, com algumas dificuldades financeiras... Isso toca a todos. Algumas dificuldades familiares ali da parte do F5. Uma certa dificuldade na criação de um dos elementos da família...

D- Sim mas também serviu de motivação para ela continuar a estudar, não é?

S- Dificuldades em conciliar o trabalho com a escola...

D – Obrigada a todos e quero dizer que o secretário foi um excelente observador. Alguém quer dizer alguma coisa? Ok e mais uma vez obrigada.

ANEXO XI – Categorias e subcategorias do Estudo II

CATEGORIAS

SUBCATEGORIAS

Percurso escolar até ao 9º ano

Nº de anos de retenção

1º ciclo [5]

2º ciclo [4]

3º ciclo [3]

Marcas negativas

Adaptação ao modelo escolar [2]

Assimilação de conteúdos [1]

Anos de escolaridade [0]

Sentimento de inferioridade/Desilusão [0]

Professores [0]

Marcas positivas

Professores [0]

Bons resultados [0]

Adaptação [2]

Causas do abandono escolar

Doença [2]

Vícios

Companhias [6]

Bebida [0]

Droga [0]

Mulheres [0]

Irresponsabilidade

Não gostava de estudar [3]

Gravidez [2]

Desejo de independência

Independência económica [6]

Libertação da pressão dos pais [1]

Dificuldades económicas

Ajudar a família [4]

Oferta de cursos limitada

Inexistência do curso pretendido [0]

Escolha da Escola

Referências

Conhecimento pessoal [3]

Publicidade [1]

Proximidade do trabalho [1]

Proximidade da residência [3]

Relação com o sistema de ensino

Desvantagens [0]

Vantagens [0]

Motivos de regresso à escola

Motivos intrínsecos

Realização pessoal [6]

Autoestima (autonomia e confiança em si mesmo) [3]

Gosto/ aquisição pelo conhecimento [5]

"Passar o tempo" [0]

Dar sentido à vida [3]

Motivos extrínsecos

Ambiente envolvente [0]

Exemplo para os filhos [2]

Acompanhar um amigo [1]

Tirar boas notas [0]

Benefícios no emprego [1]

Melhor salário [0]

Pedido de familiar [5]

Dificuldades sentidas no regresso à escola

Dificuldades cognitivas

Informáticas [3]

Ritmo [2]

Muitos anos sem estudar [3]

Conciliação da vida profissional e escolar

Coragem [0]

Cansaço [2]

Carga horária [3]

Conciliação da vida pessoal e escolar

Problemas com o cônjuge [1]

Ajuda psicológica [0]

Ajuda financeira [1]

Ajuda nos conteúdos [0]

Instabilidade [0]

Abdicação do lazer [0]

Relação formando-EFA Secundário

Áreas de competência

Organização dos conteúdos [0]

Adequação das áreas de competência [0]

Número [0]

Falta de prática [0]

Relação entre pares

Empatia [2]

Lazer [0]

Interajuda [0]

Papel do formador

Práticas letivas [0]

Clareza na exposição [4]

Atividades diferenciadas / Tr. Grupo [0]

TPC [0]

Relação professor-aluno [0]

Respeito mútuo [0]

Entusiasmo [2]

Compreensão [1]
Empatia [5]
Formação [0]
Preparação para lecionar formandos adultos [0]

Expetativas dos formandos no final do secundário

Escolares [0]

Ida para a Faculdade [13]

Outros cursos [5]

Pessoais [0]

Sair (do país / ir para a terra) [4]

Maior segurança pessoal [0]

Realização pessoal [6]

Melhor comunicação com o Outro [0]

Satisfação familiar [2]

Melhor qualidade de vida [0]

Profissionais [0]

Progressão no emprego [1]

Melhor salário [0]

Mudança de emprego [3]

Identificação

Local de nascimento [7]

Idade [8]

Profissão [9]

Género [0]

Feminino [0]

Masculino [0]

Estado Civil [0]

Casado / União de facto [3]

Solteiro / Divorciado / Viúvo [4]

Filhos [0]

Número [7]

Idades [6]

Profissão [5]

ANEXO XII – Unidades de registo por categorias e subcategorias no Estudo II

| Participantes | Categorias \ Subcategorias | Início | Unidades de registo |
|---------------|---|--------|---|
| F1 | Causas do abandono escolar\Desejo de independência\Independência económica | 5 | tinha os meus amigos já a trabalhar... e pedi ao meu pai para |
| F1 | Dificuldades sentidas no regresso à escola\Conciliação da vida profissional e escolar\Cansaço | 15 | Eu à sexta-feira saio daqui cansadíssimo. |
| F1 | Dificuldades sentidas no regresso à escola\Dificuldades cognitivas\Ritmo | 17 | São mais pelo frio, no inverno |
| F1 | Expetativas dos formandos no final do secundário\Escolares\Ida para a Faculdade | 19 | o meu filho também está à espera para seguirmos todos para a |
| F1 | Expetativas dos formandos no final do secundário\Escolares\Ida para a Faculdade | 21 | vou seguir para a universidade... |
| F1 | Expetativas dos formandos no final do secundário\Profissionais\Progressão no emprego | 21 | subir na carreira |
| F1 | Identificação\Estado Civil\Casado / União de facto | 4 | sou casado |
| F1 | Identificação\Filhos\Idades | 4 | 26 |
| F1 | Identificação\Filhos\Idades | 4 | 25 |
| F1 | Identificação\Filhos\Número | 4 | tenho dois filhos |
| F1 | Identificação\Filhos\Profissão | 4 | formado em engenharia |
| F1 | Identificação\Filhos\Profissão | 4 | 12º. |
| F1 | Identificação\Idade | 4 | tenho 52 anos |
| F1 | Identificação\Local de nascimento | 4 | nasci em Loures |
| F1 | Motivos de regresso à escola\Motivos extrínsecos\Pedido de familiar | 10 | por causa da minha mulher |
| F1 | Motivos de regresso à escola\Motivos intrínsecos\Realização pessoal | 4 | Vim para a escola para uma valorização pessoal |
| F1 | Papel do formador\Relação professor-aluno\Empatia | 15 | torna-se monótono mas vai buscar aquilo e explica |
| F1 | Papel do formador\Relação professor-aluno\Empatia | 17 | Eu tento sempre apaziguar as coisas mas há sempre aqueles |
| F1 | Papel do formador\Relação professor-aluno\Entusiasmo | 15 | Eu gosto de professores que façam puxar pela cabeça. A minha |

| Participantes | Categorias \ Subcategorias | Início | Unidades de registo |
|---------------|--|--------|---|
| F1 | Percurso escolar até ao 9º ano\Marcas negativas\Adaptação ao modelo escolar | 8 | A partir do 25 de abril, foi uma época em que tudo era |
| F1 | Percurso escolar até ao 9º ano\Marcas negativas\Assimilação de conteúdos | 8 | Estudava à noite, mas era difícil porque eram muitas |
| F1 | Percurso escolar até ao 9º ano\Nº de anos de retenção\2º ciclo | 5 | no 6º chumbei |
| F2 | Causas do abandono escolar\Desejo de independência\Independência económica | 9 | Criei coragem e comecei a trabalhar... a ganhar dinheirinho... |
| F2 | Causas do abandono escolar\Desejo de independência\Independência económica | 10 | Depois de terminar o curso de barman comecei a estagiar no |
| F2 | Dificuldades sentidas no regresso à escola\Dificuldades cognitivas\Ritmo | 16 | os primeiros momentos foram difíceis porque a chuva ...estou |
| F2 | Escolha da Escola\Referências\Publicidade | 16 | fui na net e vi a escola e gostei da escola e da zona. |
| F2 | Expetativas dos formandos no final do secundário\Escolares\Ida para a Faculdade | 27 | Quando terminar o 12º ano é me inscrever numa explicadora para |
| F2 | Expetativas dos formandos no final do secundário\Pessoais\Sair (do país / ir para a terra) | 27 | quero ir trabalhar para Angola, viver no meu país |
| F2 | Expetativas dos formandos no final do secundário\Pessoais\Sair (do país / ir para a terra) | 27 | Estando lá penso que será mais fácil, eu arranjar emprego |
| F2 | Identificação\Estado Civil\Solteiro / Divorciado / Viúvo | 4 | sou solteira... |
| F2 | Identificação\Idade | 4 | tenho 35 anos |
| F2 | Identificação\Local de nascimento | 4 | nasci em de angola |
| F2 | Identificação\Profissão | 6 | Sou colaboradora de mesa |
| F2 | Motivos de regresso à escola\Motivos extrínsecos\Pedido de familiar | 14 | Foi inveja das minhas irmãs. Elas entraram na universidade. |
| F2 | Papel do formador\Práticas letivas\Clareza na exposição | 16 | gosto de todas menos a economia, porque eu não percebo nada... |
| F2 | Papel do formador\Práticas letivas\Clareza na exposição | 20 | Eu penso que quando o professor quer explicar alguma coisa dá |
| F2 | Papel do formador\Relação professor-aluno\Entusiasmo | 18 | A que eu mais gosto é de geografia, porque eu sinto que estou a |

| Participantes | Categorias \ Subcategorias | Início | Unidades de registo |
|---------------|---|--------|---|
| F2 | Percurso escolar até ao 9º ano\Nº de anos de retenção\1º ciclo | 9 | Fiz o 1º até 3º ano, em Angola, depois vim para Portugal, com 8 |
| F2 | Percurso escolar até ao 9º ano\Nº de anos de retenção\3º ciclo | 9 | eu era a mais velha da turma (risos)... e depois continuei até ao |
| F2 | Relação formando-EFA Secundário\Relação entre pares\Empatia | 16 | depois começamos a ficar mais unidos |
| F3 | Causas do abandono escolar\Desejo de independência\Independência económica | 16 | Quando cheguei em 2002, eu matriculei-me mas aí eu desisti da |
| F3 | Causas do abandono escolar\Desejo de independência\Independência económica | 18 | Comecei a trabalhar e desisti de estudar. |
| F3 | Causas do abandono escolar\Desejo de independência\Libertação da pressão dos pais | 7 | como estava à guarda da minha tia e era muito pressionado por |
| F3 | Causas do abandono escolar\Irresponsabilidade\Não gostava de estudar | 14 | E faltavas às aulas? 3: Faltava. Eu fugia.... Eu sentia uma |
| F3 | Causas do abandono escolar\Vícios\Companhias | 7 | e eu fugia... |
| F3 | Causas do abandono escolar\Vícios\Companhias | 13 | Por me sentir pressionado, queriam que eu estudasse a toda a |
| F3 | Dificuldades sentidas no regresso à escola\Conciliação da vida profissional e escolar\Carga horária | 35 | Eu trabalho e faço muitas noites e para eu vir para a escola, |
| F3 | Dificuldades sentidas no regresso à escola\Conciliação da vida profissional e escolar\Carga horária | 37 | eu trabalho à noite mas quem ganha o subsídio noturno é o |
| F3 | Dificuldades sentidas no regresso à escola\Dificuldades cognitivas\Muitos anos sem estudar | 29 | As dificuldades que eu tenho atualmente é para elaborar um |
| F3 | Escolha da Escola\Referências\Proximidade da residência | 31 | por morar perto daqui, nos Anjos, eu venho a pé. |
| F3 | Expetativas dos formandos no final do secundário\Escolares\Ida para a Faculdade | 39 | Eu já penso no futuro, penso em ir mais além. Penso em fazer o |
| F3 | Expetativas dos formandos no final do secundário\Escolares\Ida para a Faculdade | 51 | Mais conhecimento. |
| F3 | Expetativas dos formandos no final do secundário\Pessoais\Realização pessoal | 5 | ter um certo valor |
| F3 | Expetativas dos formandos no final do secundário\Pessoais\Sair (do país / ir para a terra) | 47 | Eu queria ir para uma área tipo França que eles exploram muito |

| Participantes | Categorias \ Subcategorias | Início | Unidades de registo |
|---------------|---|--------|--|
| F3 | Expetativas dos formandos no final do secundário\Profissionais\Mudança de emprego | 5 | procurar uma profissão melhor... |
| F3 | Identificação\Estado Civil\Solteiro / Divorciado / Viúvo | 5 | sou solteiro |
| F3 | Identificação\Filhos\Número | 5 | não tenho filhos |
| F3 | Identificação\Idade | 5 | tenho 33 anos |
| F3 | Identificação\Local de nascimento | 5 | nasci no Brasil, |
| F3 | Identificação\Profissão | 5 | sou vigilante |
| F3 | Motivos de regresso à escola\Motivos intrínsecos\Autoestima (autonomia e confiança em si mesmo) | 22 | Curso de formação de vigilante, que me motivou ainda mais para |
| F3 | Motivos de regresso à escola\Motivos intrínsecos\Autoestima (autonomia e confiança em si mesmo) | 26 | Isso me deu um empurrão, agora eu vou continuar... |
| F3 | Percurso escolar até ao 9º ano\Nº de anos de retenção\2º ciclo | 7 | tive alguma dificuldade da 4ª para a 5ª porque tive muitas |
| F4 | Causas do abandono escolar\Doença | 22 | Entrei para o secundário com 17 anos e nessa altura estava já |
| F4 | Causas do abandono escolar\Doença | 26 | quando eu desisti da outra escola, eu queria continuar mas fui |
| F4 | Dificuldades sentidas no regresso à escola\Dificuldades cognitivas\Muitos anos sem estudar | 30 | Estudar. Eu quando entrei para esta escola, quase que tinha |
| F4 | Escolha da Escola\Referências\Conhecimento pessoal | 12 | já tinha andado nesta escola no ensino recorrente |
| F4 | Escolha da Escola\Referências\Conhecimento pessoal | 32 | Eu quis estudar fora da zona de Loures, porque quis sair do |
| F4 | Expetativas dos formandos no final do secundário\Escolares\Ida para a Faculdade | 35 | Terminar o 12º ano eu sou tipo paranoias... quando estava num |
| F4 | Identificação\Idade | 6 | Tenho 36 anos, acabados de fazer... |
| F4 | Identificação\Local de nascimento | 4 | nasci em S. Sebastião da Pedreira |
| F4 | Identificação\Profissão | 10 | o 1º trabalho era na ocupação de tempos livres a entregar |
| F4 | Motivos de regresso à escola\Motivos extrínsecos | 12 | o psicólogo aconselhou-me a vir |

| Participantes | Categorias \ Subcategorias | Início | Unidades de registo |
|---------------|---|--------|---|
| | cos\Pedido de familiar | | para aqui... |
| F4 | Motivos de regresso à escola\Motivos intrínsecos\Autoestima (autonomia e confiança em si mesmo) | 26 | A razão por que eu quero continuar... Só que eu estou a sentir-me |
| F4 | Percurso escolar até ao 9º ano\Marcas negativas\Adaptação ao modelo escolar | 4 | aos quatro anos fui considerado autista |
| F4 | Percurso escolar até ao 9º ano\Nº de anos de retenção\1º ciclo | 15 | aos 4 anos não falava |
| F4 | Percurso escolar até ao 9º ano\Nº de anos de retenção\2º ciclo | 17 | chumbei no 6º ano |
| F4 | Percurso escolar até ao 9º ano\Nº de anos de retenção\2º ciclo | 17 | a partir do 4º e 5º anos comecei a sentir dificuldades nas |
| F5 | Causas do abandono escolar\Dificuldades económicas\Ajudar a família | 7 | Abandonei os meus estudos porque os meus pais eram imigrantes e |
| F5 | Dificuldades sentidas no regresso à escola\Conciliação da vida profissional e escolar\Cansaço | 16 | por vezes o cansaço |
| F5 | Dificuldades sentidas no regresso à escola\Conciliação da vida profissional e escolar\Carga horária | 16 | O tempo que tenho disponível é que é pouco... |
| F5 | Dificuldades sentidas no regresso à escola\Dificuldades cognitivas\Muitos anos sem estudar | 16 | também os conhecimentos são muito poucos, muito vagos...é pouca |
| F5 | Escolha da Escola\Referências\Proximidade do trabalho | 14 | mais perto do local do serviço, do local de trabalho |
| F5 | Expetativas dos formandos no final do secundário\Escolares\Ida para a Faculdade | 5 | quero ser professora de alemão. |
| F5 | Expetativas dos formandos no final do secundário\Escolares\Ida para a Faculdade | 18 | penso ser professora de alemão? Espero consegui-lo: é um |
| F5 | Expetativas dos formandos no final do secundário\Pessoais\Realização pessoal | 18 | Eu própria vou sentir-me outra pessoa |
| F5 | Expetativas dos formandos no final do secundário\Pessoais\Realização pessoal | 18 | eu sinto-me outra pessoa. Com mais conhecimentos adquiridos e é |
| F5 | Expetativas dos formandos no final do secundário\Pessoais\Realização pessoal | 18 | Sinto-me feliz por isso. |
| F5 | Expetativas dos formandos no final do secundário\Pessoais\Satisfação familiar | 18 | conseguir também transmitir ao meu enteado muita força para ele |

| Participantes | Categorias \ Subcategorias | Início | Unidades de registo |
|---------------|---|--------|--|
| F5 | Identificação\Estado Civil\Casado / União de facto | 10 | estou com um companheiro |
| F5 | Identificação\Estado Civil\Solteiro / Divorciado / Viúvo | 10 | Sou divorciada, |
| F5 | Identificação\Filhos\Idades | 5 | com 21 anos |
| F5 | Identificação\Filhos\Idades | 10 | que vai fazer 17 anos |
| F5 | Identificação\Filhos\Número | 5 | tenho uma filha |
| F5 | Identificação\Filhos\Número | 10 | que tem um filho |
| F5 | Identificação\Filhos\Profissão | 5 | está a trabalhar |
| F5 | Identificação\Idade | 5 | tenho 46 |
| F5 | Identificação\Profissão | 5 | sou assistente operacional, na Direção Geral dos Impostos |
| F5 | Motivos de regresso à escola\Motivos extrínsecos\Exemplo para os filhos | 10 | Só que e teve uma adolescência com outra família e que veio com |
| F5 | Motivos de regresso à escola\Motivos extrínsecos\Exemplo para os filhos | 10 | foi dar um exemplo a ele e conseguir com isto convencê-lo que |
| F5 | Motivos de regresso à escola\Motivos intrínsecos\Gosto/ aquisição pelo conhecimento | 10 | Aperfeiçoar o meu português: a escrever, a falar. |
| F5 | Motivos de regresso à escola\Motivos intrínsecos\Gosto/ aquisição pelo conhecimento | 14 | como eu sempre quis saber mais um bocadinho, para saber |
| F5 | Papel do formador\Relação professor-aluno\Empatia | 16 | eles tentam ir ao pormenor para que eu consiga perceber a |
| F5 | Percurso escolar até ao 9º ano\Marcas positivas\Adaptação | 6 | O meu percurso escolar foi Alemanha, sou filha de emigrantes, |
| F5 | Percurso escolar até ao 9º ano\Marcas positivas\Adaptação | 6 | quando cheguei a Portugal fiz uma reciclagem numa escola... o 9º |
| F6 | Causas do abandono escolar\Dificuldades económicas\Ajudar a família | 10 | O abandono foi por causa das dificuldades financeiras e de |
| F6 | Causas do abandono escolar\Dificuldades económicas\Ajudar a família | 10 | Depois foi por causa da distância à escola pois os alunos |
| F6 | Causas do abandono escolar\Dificuldades económicas\Ajudar a família | 10 | Ainda fiz o 9º ano, com algum esforço por parte de meus pais ... |
| F6 | Escolha da Escola\Referências\Conhecimento pessoal | 28 | Eu vim para esta escola por conver- |

| Participantes | Categorias \ Subcategorias | Início | Unidades de registo |
|---------------|--|--------|---|
| | al | | sar com umas amigas minhas |
| F6 | Expetativas dos formandos no final do secundário\Escolares\Ida para a Faculdade | 21 | se possível é seguir uma carreira na comunicação social. |
| F6 | Expetativas dos formandos no final do secundário\Escolares\Outros cursos | 19 | um dos meus sonhos, se calhar é uma utopia, era ser piloto. |
| F6 | Expetativas dos formandos no final do secundário\Escolares\Outros cursos | 21 | Quero também ter uma carreira musical, ter conhecimentos de |
| F6 | Expetativas dos formandos no final do secundário\Escolares\Outros cursos | 28 | aprender o inglês. |
| F6 | Expetativas dos formandos no final do secundário\Pessoais\Sair (do país / ir para a terra) | 21 | Se não for possível queria fazer algo noutro tipo de projetos |
| F6 | Identificação\Estado Civil\Casado / União de facto | 5 | sou casado |
| F6 | Identificação\Filhos\Idades | 7 | com 18 anos |
| F6 | Identificação\Filhos\Número | 7 | Tenho um filho |
| F6 | Identificação\Filhos\Profissão | 7 | está a frequentar o 12º ano, nesta escola. |
| F6 | Identificação\Idade | 5 | tenho 43 anos de idade |
| F6 | Identificação\Local de nascimento | 5 | nasci em S. Tomé |
| F6 | Identificação\Profissão | 5 | atualmente desempenho funções de secretário administrativo |
| F6 | Identificação\Profissão | 5 | A minha primeira profissão foi em S. Tomé como professor |
| F6 | Identificação\Profissão | 12 | lá como os alunos que tinham o 9º ano podiam ter preparação |
| F6 | Motivos de regresso à escola\Motivos intrínsecos\Dar sentido à vida | 19 | um dos meus sonhos, se calhar é uma utopia, era ser piloto. |
| F6 | Motivos de regresso à escola\Motivos intrínsecos\Dar sentido à vida | 21 | Quero também ter uma carreira musical, ter conhecimentos de |
| F6 | Motivos de regresso à escola\Motivos intrínsecos\Gosto/ aquisição pelo conhecimento | 19 | Eu sempre quis ter conhecimentos |
| F6 | Papel do formador\Práticas letivas\Clareza na exposição | 24 | Há uns professores que explicam bem e por mais cansaço que eu |

| Participantes | Categorias \ Subcategorias | Início | Unidades de registo |
|---------------|--|--------|---|
| F6 | Papel do formador\Práticas letivas\Clareza na exposição | 24 | Enquanto outros por mais que voltas que deem não compreendo, |
| F6 | Papel do formador\Relação professor-aluno\Empatia | 24 | Gosto mais de uns do que outros. |
| F6 | Percurso escolar até ao 9º ano\Nº de anos de retenção\1º ciclo | 8 | Entrei no 1º ano em S. Tomé tinha eu sete, e fiz o 1º, 2º, 3º e |
| F6 | Percurso escolar até ao 9º ano\Nº de anos de retenção\3º ciclo | 8 | 8º ano e também reprovei, por causa de um braço partido. Como |
| F7 | Causas do abandono escolar\Irresponsabilidade\Gravidez | 8 | Comecei a namorar aos 16 e ele tinha 18 anos e eu tinha 16 |
| F7 | Causas do abandono escolar\Irresponsabilidade\Gravidez | 8 | depois entretanto engravidei |
| F7 | Causas do abandono escolar\Irresponsabilidade\Não gostava de estudar | 7 | Eu era uma cabulona dos diabos |
| F7 | Causas do abandono escolar\Irresponsabilidade\Não gostava de estudar | 10 | Nunca gostei de estudar |
| F7 | Causas do abandono escolar\Vícios\Companhias | 7 | as companhias, juntei-me a meninas que eram iguais a mim e |
| F7 | Causas do abandono escolar\Vícios\Companhias | 7 | Chumbei por faltas |
| F7 | Causas do abandono escolar\Vícios\Companhias | 7 | ia para o cinema com elas em vez de ir as aulas |
| F7 | Dificuldades sentidas no regresso à escola\Conciliação da vida pessoal e escolar\Problemas com o cónjuge | 24 | como ele não tinha objetivo nenhum e entendi porque não posso |
| F7 | Expetativas dos formandos no final do secundário\Escolares\Ida para a Faculdade | 5 | seguirei depois para a faculdade |
| F7 | Expetativas dos formandos no final do secundário\Escolares\Ida para a Faculdade | 18 | ver se consigo ir para a universidade. Não quero ir para a |
| F7 | Identificação\Filhos\Idades | 5 | com 36 |
| F7 | Identificação\Filhos\Número | 5 | tenho um filho |
| F7 | Identificação\Filhos\Profissão | 5 | andou no 1º ano do Instituto Superior Técnico mas desistiu |
| F7 | Identificação\Idade | 5 | tenho 57 anos |

| Participantes | Categorias \ Subcategorias | Início | Unidades de registo |
|---------------|---|--------|---|
| F7 | Identificação\Local de nascimento | 5 | Nasci em Lisboa |
| F7 | Identificação\Profissão | 5 | sou assistente técnica |
| F7 | Motivos de regresso à escola\Motivos extrínsecos\Acompanhar um amigo | 14 | De repente, as minhas colegas do meu trabalho também me |
| F7 | Motivos de regresso à escola\Motivos extrínsecos\Pedido de familiar | 12 | Foi o meu marido... |
| F7 | Motivos de regresso à escola\Motivos extrínsecos\Pedido de familiar | 14 | Porque ele me incentivou a pensar “ porque é que não quererei |
| F7 | Motivos de regresso à escola\Motivos intrínsecos\Gosto/ aquisição pelo conhecimento | 10 | Gosto muito de ler, gosto muito de aprender,.... |
| F7 | Motivos de regresso à escola\Motivos intrínsecos\Realização pessoal | 5 | para me valorizar |
| F7 | Motivos de regresso à escola\Motivos intrínsecos\Realização pessoal | 14 | Porque eu quando era pequena queria ser médica. |
| F7 | Percurso escolar até ao 9º ano\Nº de anos de retenção\1º ciclo | 7 | Chumbei logo no 1º ano. |
| F7 | Percurso escolar até ao 9º ano\Nº de anos de retenção\1º ciclo | 7 | No 2º ano |
| F7 | Percurso escolar até ao 9º ano\Nº de anos de retenção\3º ciclo | 7 | até ao antigo 5º ano chumbei umas 3 vezes |
| F8 | Causas do abandono escolar\Desejo de independência\Independência económica | 11 | Desisti de estudar para começar a trabalhar |
| F8 | Causas do abandono escolar\Vícios\Companhias | 11 | como os amigos |
| F8 | Dificuldades sentidas no regresso à escola\Conciliação da vida pessoal e escolar\Ajuda financeira | 20 | Dificuldades é mais a nível económico |
| F8 | Dificuldades sentidas no regresso à escola\Dificuldades cognitivas\Informáticas | 20 | Tenho poucos conhecimentos informáticos |
| F8 | Dificuldades sentidas no regresso à escola\Dificuldades cognitivas\Informáticas | 20 | os trabalhos ou faço aqui na BECRE, ou faço no computador da |
| F8 | Dificuldades sentidas no regresso à escola\Dificuldades cognitivas\Informáticas | 20 | as maiores dificuldades têm sido nos trabalhos que tenho de |
| F8 | Escolha da Escola\Referências\Proximidade da residência | 18 | proximidade com a minha casa |

| Participantes | Categorias \ Subcategorias | Início | Unidades de registo |
|---------------|---|--------|--|
| F8 | Escolha da Escola\Referências\Proximidade da residência | 18 | Em poucos minutos eu estou aqui |
| F8 | Expetativas dos formandos no final do secundário\Escolares\Ida para a Faculdade | 14 | tentar a universidade |
| F8 | Expetativas dos formandos no final do secundário\Escolares\Ida para a Faculdade | 24 | Eu queria ser biólogo, pois são coisas relacionadas coma a |
| F8 | Expetativas dos formandos no final do secundário\Escolares\Outros cursos | 24 | Eu com 6 anos fiz autópsias a ratos... e gostei... |
| F8 | Expetativas dos formandos no final do secundário\Escolares\Outros cursos | 26 | sonhos de criança |
| F8 | Expetativas dos formandos no final do secundário\Pessoais\Realização pessoal | 6 | queria mais conhecimento |
| F8 | Expetativas dos formandos no final do secundário\Pessoais\Realização pessoal | 22 | Realização pessoal. |
| F8 | Expetativas dos formandos no final do secundário\Pessoais\Satisfação familiar | 22 | É muito importante tanto para mim como as pessoas ao meu redor |
| F8 | Expetativas dos formandos no final do secundário\Profissionais\Mudança de emprego | 6 | surjam nas novas oportunidades de trabalho |
| F8 | Expetativas dos formandos no final do secundário\Profissionais\Mudança de emprego | 22 | Quero realizar-me profissionalmente. |
| F8 | Identificação\Estado Civil\Solteiro / Divorciado / Viúvo | 4 | sou solteiro |
| F8 | Identificação\Filhos\Número | 6 | Não tenho filhos |
| F8 | Identificação\Idade | 4 | 37 |
| F8 | Identificação\Local de nascimento | 4 | nasci em Lisboa |
| F8 | Identificação\Profissão | 4 | trabalhava na receção de um hotel. Atualmente estou |
| F8 | Motivos de regresso à escola\Motivos extrínsecos\Benefícios no emprego | 16 | Por uma questão profissional. Porque quando fui procurar |
| F8 | Motivos de regresso à escola\Motivos intrínsecos\Dar sentido à vida | 16 | estava completamente estagnado |
| F8 | Motivos de regresso à escola\Motivos intrínsecos\Gosto/ aquisição pelo conhecimento | 14 | para ganhar bases |

| Participantes | Categorias \ Subcategorias | Início | Unidades de registo |
|---------------|---|--------|---|
| F8 | Motivos de regresso à escola\Motivos intrínsecos\Realização pessoal | 14 | Eu quero terminar o 12º ano |
| F8 | Motivos de regresso à escola\Motivos intrínsecos\Realização pessoal | 16 | achei que tinha de fazer alguma coisa por mim |
| F8 | Motivos de regresso à escola\Motivos intrínsecos\Realização pessoal | 16 | achei que era bom para terminar o 12º ano |
| F8 | Papel do formador\Relação professor-aluno\Compreensão | 18 | está a ser bastante positivo |
| F8 | Papel do formador\Relação professor-aluno\Empatia | 18 | os professores têm sido todos bons |
| F8 | Relação formando-EFA Secundário\Relação entre pares\Empatia | 18 | Estou a gostar bastante |

